A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2142—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, I.º

LISBOA—Terça-feira, 1 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, I.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

Os aviadores portuguezes

Uma visita ao campo de Northolt—O que deverá ser a nossa aviação militar, segundo os nossos aviadores

Londres, 18 de julho.—Nós não conheciamos o sr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres, mas sabiamos já que elle era delicado e, durante os poucos dias que estivemos na capital ingleza, foram tantas as provas de gentileza e amabilidade que recebemos, tão delicado o seu fino trato, tantas vezes mostrou desejos de nos

Antonio Maya

ser agradavel, que nós não podemos deixar de lhe render aqui o testemunho publico da nossa mais sincera e completa gratidão. E foi por certo devido a essas extraordinarias qualidades de intelligencia e gentileza que o sr. Teixeira Gomes alcançou a invejavel situação que tem em Londres. Podemos dizer sem receio de desmentido que a Inglaterra tem pelo nosso paiz a mais alta estima e consideração e que o nosso representante é aqui tratado com extrema cortezia.

Quando chegámos a Londres já os nossos ministros ali estavam havia perto de dois dias e ao termos conhecimento da maneira como tinham sido recebidos, das deferencias dispensadas por todos os membros do governo, dos desejos do proprio rei, que em audiencia particular quiz de viva voz significar aos delegados de Portugal a grande e leal amizade de Inglaterra pela nação alliada, francamente o confessamos, a nossa alegria não teve limites e dois grandes abraços foram a sua exteriorisação immediata. Pelos telegrammas já o leitor conhece o que foi esta missão dos nossos ministros tão cheia sempre das mais evidentes demonstrações de uma optima situação internacional; fallemos pois, agora, da visita que os ministros fizeram ao campo militar de aviação de Northol onde tres officiaes portuguezes, já pilotos aviadores internacionaes pela escola de Ruffy an Baumann estão terminando os seus estudos de aviação militar.

The Carlton, onde os nossos ministros foram hospedes do governo inglez é um dos trez melhores hoteis de Londres, e foi ali que o sr. Teixeira Gomes offereceu hoje um almoço em que os portuguezes dispersos por esta immensa cidade puderam significar aos ministros a sua grande e natural satisfação.

Terminado o almoço, seguiram os ministros e alguns dos presentes para escola de aviação, a que já nos referimos, acompanhados pelos officiaes portuguezes. D'estes officiaes só conheciamos Monteiro Torres, Antonio Maria e Alberto Portella com quem conversamos, deixando-nos, como já tinhamos d'aquelle, uma impressão muito boa. Compunha-se a caravana de trez automoveis que em bom andamento demoraram mais de uma hora a atravessar Londres e um pedaço dos arredores até chegarem ao campo de aviação sobre o qual pairava n'aquelle momento um aeroplano em cujas azas brilhava a rozeta tricolor dos alliados.

Estes dias de descanço consagra-os o inglez inteiramente ao campo, e durante o percurso tivemos occasião de os vêr, homens, mulheres, creanças e cães, estendidos sobre a relva, tranquillos, felizes e despreoccupados. Pela estrada fóra cruzam com os nossos automoveis ranchos alegres de raparigas gentis pedalando em bicycletas. Por um acaso, o dia de hoje estava esplendido e um sol radioso enchia de tons vivos e alegres as pradarias verdejantes e os frondosos arvoredos dos arredores de Londres.

Nós, d'estes campos, dos que ficam para estes lados é claro, só detestamos o aspecto interior das casas, muito sujas e todas, absolutamente todas eguaes. Parecem de cartão e feitas de encommenda ás dezenas. As proprias heras que revestem as paredes parece terem a mesma situação em todas as casas. Para os lados do rio tivemos occasião de vêr d'outra vez esplendidas e lindas construcções. N'uma abertura da sebe verdejante por onde se entra para o campo de aviação está uma sentinella, que se perfila á passagem dos carros. Ao alto, na extremidade de um posto, tremula a bandeira do Royal Flying Corps e ao lado em outro poste um *Zeppelin* indica a direcção do vento. O campo é um quadrado grande em dois lados do qual se alinham as tendas dos soldados, as barracas dos officiaes, os hangares, os depositos e as officinas. D'aquella sébe para dentro está-se em guerra e a vida é feita precisamente como em campanha. As tendas dos soldados são de lona impermeavel pintada a largas pincelladas verdes e amarelladas que as fazem confundir com o terreno. Escavações feitas em volta desviam a agua das chuvas. As barracas dos officiaes são de madeira com um revestimento interno de cartão, o telhado é de alcatrão e de pedrinhas miudas. Todas teem calefação e recebem luz por amplas vidraças collocadas de um e outro lado. Cada barraca tem cinco e seis quartos, havendo uma barraca para refeitorio a que está ligada uma sala de fumo. Tudo muito simples e muito asseiado. O Maia e o Portella teem um quarto commum onde estivemos e onde uma bandeira nossa occupa toda a parede entre as duas janellas. No outro lado do campo ficam as officinas de reparação e os hangares para construcção e guarda dos apparelhos. Por todo o campo estão espalhados soldados envergando o uniforme de côr verde-azeitona inglez, e uns sete aeroplanos como aves gigantescas aguardam de azas abertas o momento da largada.

Sobre as nossas cabeças passa, zumbindo, o aeroplano que tinhamos visto ao entrar e, mais abaixo, já no extremo, ouve-se o ronflar do motor d'um apparelho para o qual sobem dois militares. A helice gira com uma velocidade espantosa, o maximo, a fim de verificar o funcionamento da machina. Abranda o barulho, dois mechanicos voltam o apparelho e tiram os calços das rodas que lhe impedem o movimento. O aeroplano começa então a caminhar sobre o terreno vagarosamente como uma ave que andasse procurando o sitio propicio para voar.

Alferes Portella

Informam-nos de que vae collocar-se contra o vento, pois assim se deve subir sempre. De facto lá está agora o motor ouve-se mais forte, todo o apparelho vibra e sobre o campo corre mais veloz. O deslocamento do ar quasi nos leva os chapeus, vae correndo o aeroplano e sem esforço, com suavidade, desloca-se da terra e sobe, sobe conquistando o espaço. Já vôa lá ao longe e até nós chega quasi imperceptivel o ruido do motor. Faz uma curva e já muito alto volta de novo sobre as nossas cabeças. Vae fazer o *looping*, diz alguem. N'este momento todos nós olhamos o pequeno apparelho. De facto, sobre si proprio volta-se uma, duas vezes. De novo na posição primitiva continúa a marcha, faz uma curva, volta, vem descendo, está já perto.

Não se ouve agora o barulho do motor, desligou e em vôo planado vem descendo até tocar a terra, serenamente, como um grande pombo branco que poisasse com a maxima tranquillidade e confiança. Admiravel! Sublime. Todos estamos enthusiasmados. Erguem-se mais apparelhos e em breve são quatro que voltejam sobre as nossas cabeças. E' a hora da lição e cada militar está fazendo o seu estudo. Passam por nós a caminho d'um hangar os dois aviadores que fizeram o *looping*; trazem sob as fardas samarrados de pelle de borrego, grandes luvas de cabedal, oculos de mica e na cabeça bonets de cabedal forrados de pelles. Lá em cima a 500 ou 600 metros faz um frio terrivel.

Passamos então a vêr os *hangars*; os mesmos tres officiaes mostrando profundos conhecimentos e um esplendido aproveitamento servem de cicerones. Os ministros teem um interesse grande em tudo vêrem e tudo saberem; a qualidade dos motores, o seu funcionamento, a manobra e direcção dos apparelhos e os principios caracteristicos que os differençam. Os rapazes vão explicando tudo em detalhes. Em um dos *hangars* grupos de operarios revestem de tela os esqueletos de madeira. A tela depois de bem estioada leva varias camadas de verniz até ficar como a pelle d'um tambor, ajustam-se depois as azas ao corpo central, põem-se-lhe os governos, esticam-se os fios e em breve um novo apparelho enfileira ao lado dos outros prompto a voar.

Vae tombando a tarde e ainda no ar volteiam aeroplanos. São horas de regresso e nos automoveis seguimos para Londres. Pela estrada ranchos alegres regressam tambem do seu dia de descanço, mas já não queremos olhar as *girls* nem o arvoredo, nem as casas; toda a nossa attenção está presa agora da conversa dos tres officiaes que nos falam da nossa aviação, dos seus projectos e dos seus desejos.

—O que nós reputamos absolutamente indispensavel, diz um d'elles, é estabelecer desde já em Portugal uma fabrica constructora de aeroplanos. A nós consta-nos que se pensa na compra immediata e de uma só vez de 200 apparelhos para o nosso exercito. Fale-lhe com toda a franqueza dizendo-lhe que somos por completo contrarios a tal proceder, do qual só nos adviriam desvantagens e dispendios successivos. Como viu a construcção de um apparelho é de uma simplicidade extrema e os operarios portuguezes em meia duzia de dias ficam aptos a executar estes trabalhos com a mesma perfeição e rapidez dos estrangeiros.

«Dir-nos-hão que o pessoal a recrutar aqui, na Inglaterra ou na França, ha-de custar muito dinheiro; de accordo, um director de fabrica, um desenhador, dois mechanicos e um experimentador de apparelhos não ganham pouco, mas como resultado final o paiz lucra.

«O dinheiro que esses homens ganham, mais ou menos lá fica e tendo Portugal as vantagens de ter ahi uma fabrica sua e cuja producção é exclusivamente destinada ás suas necessidades.

«Depois acresce a circumstancia de que para a construcção dos apparelhos de que necessitamos, tem forçosamente de se montar uma fabrica, em qualquer parte, visto que todas as que existem em qualquer dos paizes alliados trabalham constantemente para esses paizes, a fim de lhes satisfazerem as exigencias da guerra.

«Ninguem póde fazer uma ideia approximada da quantidade de apparelhos que os alliados possuem. São muitos milhares. Aqui em Londres em toda a volta da cidade ha escolas e parques de aviação, toda a costa e todos os grandes centros estão cheios de fabricas e depositos de aeroplanos.

Oscar Monteiro Torres

—Mas não poderiamos adquirir aqui alguns apparelhos para que os senhores ao irem para Portugal começassem logo a voar e a ensinar?

—E' evidente que teem de se comprar uns apparelhos para isso, mas não os taes duzentos. Eu penso que 60 aeroplanos chegam para os trez grupos de officiaes que estão cá no estrangeiro a estudar aviação.

«Se adquirissemos os duzentos arriscar-nos-hiamos a que nos acontecesse o mesmo que está acontecendo á Belgica, que em aviação não tem nada que preste, pois é tudo authentico e verdadeiro refugo das fabricas.

«Aqui em Inglaterra a construcção e acabamento são esmeradissimos e as escolas de aviação inglezas são verdadeiros modelos que devemos seguir.

«Aqui, nas escolas, toda a gente sóbe em aeroplano, seja qual fôr a sua situação, pois ninguem aqui póde ser empregado sem ter o seu «brevet» de piloto. E' claro que ha operarios a que isto se não refere. O director da escola não é, como talvez pudesse vir a acontecer em Portugal, um engenheiro qualquer que não percebe nada d'isto, é um piloto e um excellente piloto. No dia seguinte á entrada de qualquer alumno elle apparece sempre e leva o alumno comsigo lá para cima, a fim de lhe mostrar que sabe e por esse facto tem a auctoridade sufficiente para mandar. Quando qualquer constructor dá um apparelho como prompto, esse constructor é o primeiro a pilotal-o e assim é que deve ser.

«Depois se quisermos compensar o preço dos aeroplanos comprando-os com a verba que teriamos de dispender se os fizessemos em Portugal verificaremos que lucrariamos 30 % com a vantagem de serem feitos por artistas e operarios nossos e ficar o dinheiro quasi todo em Portugal.

«Depois o estabelecimento das fabricas em Portugal é absolutamente indispensavel, pois todos os dias se partem apparelhos e muitas vezes os desarranjos correspondem quasi á necessidade de construir um apparelho novo.

«Como vê, não poderiamos estar todos os dias a mandar apparelhos ao estrangeiro a concertar.

«Se o fizessemos, dispenderiamos tres ou quatro vezes o dinheiro da reparação e poderia dar-se o caso de chegarmos a não ter apparelhos.»

Assim nos fallaram os nossos amaveis aviadores, rapazes valentes que nós tivemos occasião de vêr no espaço pilotando apparelhos com uma serenidade e um arrojo que nos encheu de alegria.

D'este passeio admiravel só nos ficou uma tristeza: a de não termos podido subir em aeroplano.

Mas desde já devemos confessar que sômos muito teimosos e esta ideia de andar lá por cima não nos sahiu da cabeça e como o leitor verá o nosso desejo realisou-se dias depois n'uma explendida madrugada, fresca, cheia de sol admiravel em que a extrema gentileza de um official inglez nos proporcionou occasião de occuparmos a mais elevada posição da nossa vida.

E devo confessar desde já que a aviação nos prendeu por completo e o futuro mostrará quanto é verdadeira esta nossa affirmação.

EDMUNDO PORTO.

A'manhã:

A frente de batalha ingleza

(entrevista com o sr. capitão Ferreira Simas, chefe da missão militar portugueza em Inglaterra).

Na quinta feira:

Entrevista com o sr. Albert Thomas, ministro das munições em França.

Para a guerra

Pelas declarações de sir Maurice de Bunsen, illustre sub-secretario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros de Inglaterra, sabem os nossos leitores que se definiu, d'uma maneira satisfatoria tanto para Portugal como para a sua alliada, a situação do nosso paiz como belligerante na guerra europeia. Estas declarações condizem com as do sr. Affonso Costa em Paris, no banquete offerecido aos ministros portuguezes por varios membros do parlamento da França. Portugal vae dar a sua cooperação aos alliados na linha occidental da grande batalha. E' um facto que já não tem contestação possivel.

Ao fim de dois annos de guerra chegamos emfim á solução que a logica indicava a uma visão politica que não precisava ser de extrema agudeza para ser exacta. Entramos na guerra, e entramos na guerra em todos os campos onde podemos ter uma acção, e utilisando todos os recursos de que podemos dispôr.

Evidentemente estas declarações não bastam. Tendo regressado os ministros portuguezes que foram a Londres e a Paris, a fim de se estabelecer qual a fórma como a cooperação poderia ser effectivada, o governo da Republica não demoraria certamente a communicação official ao parlamento do accordo realisado para essa cooperação se realisar.

Será uma communicação feita n'uma sessão publica? Sel-o-ha n'uma sessão secreta? Não o sabemos. O que sabemos é que o parlamento portuguez ha-de tomar conhecimento de tudo o que se passou, para se assentarem as bases d'essa cooperação, e o caracter que ella inteiramente revestirá.

Verificadas todas estas sancções, conhecedor o parlamento da situação creada no nosso paiz pelas necessidades e deveres da guerra, pode considerar-se terminada a primeira parte de esta larga questão, que durou dois annos. E' a parte preliminar, aquella que, em relação á nossa attitude internacional, se passou mais ou menos sempre dentro da esphera diplomatica. A que vae começar é a parte militar, é a da acção da guerra, é a da lucta, é a do esforço para uma victoria commum.

Affigura-se-nos que é esta, finalmente, a altura em que não haverá reparos a fazer quanto á publicação do *Livro branco* que elucide o nosso paiz e o mundo inteiro sobre a attitude tomada por Portugal, pela sua alliada, e por quaesquer outros paizes em relação á intervenção portugueza no conflicto que a Allemanha desencadeou. Temos a certeza de que esse documento official não attestará senão a lealdade de Portugal e das nações alliadas e em lucta contra os imperios centraes. Para nós, será a maneira de justificar muitas intenções que teem sido malsinadas e de desfazer equivocos que pullularam n'estes dois annos difficeis e agitados, equivocos que ainda procuram persistir contra a propria evidencia dos factos. Para o mundo inteiro, elle porá em relevo a nobreza d'um pequeno povo que desde o primeiro dia da guerra sempre protestou ser fiel aos seus compromissos internacionaes, patenteando de uma maneira iniludivel a sua sympathia fervorosa pela causa da liberdade europeia e da victoria da civilisação da raça a que pertence.

Chegamos á situação que a logica indicava e que os sentimentos nacionaes almejavam. Encaramol-a com serenidade e firmeza. Não nos illudimos sobre a gravidade do momento nem lhe receamos os perigos. Portugal sabe o que faz e para onde vae. E' o caminho da honra que vae seguir, é tambem o caminho que assegurará ás gerações futuras do nosso paiz maior desafogo e uma nova gloria. Quando um dia se ler a historia do nosso paiz, os vindouros hão de reconhecer que houve no principio d'este seculo, em Portugal, uma geração que muito amava a sua patria.

Em face da situação absolutamente definida em que nos vamos encontrar, a união de todos os portuguezes não pode deixar de ser um facto. Marcha-se para a guerra sob a bandeira da Patria, e quem d'outro modo a considerar não é um portuguez.

Migalhas

Processos de guerra

A Allemanha sahirá d'esta guerra, não só vencida, mas deshonrada. N'um desenho de Raemakers, Forain hollandez, um valido procura limpar o grande monto do kaiser. Por debaixo esta legenda:—«O sangue talvez saia, a lama é que não». O povo mais sentimental do mundo que não podia ver um pôr de sol sem que lhe acudisse aos labios os «lieds» em que paira a melancolia de Werther, manifestou durante estes dois annos de carnificina, uma crueldade que o rebaixa ao nivel dos selvagens mais classificados.

O tratamento dos prisioneiros e das populações dos territorios invadidos, o saque e a pilhagem methodica a que se entregam as tropas em campanha, as contribuições de guerra que não passam de rapinagens reles, o bombardeio de cidades abertas, o torpedeamento de paquetes desarmados, o assassinato de «miss» Cavell e agora o fuzilamento do capitão Friatt, ficarão como manchas indeleveis na fronte d'esse povo, que moveu esta loucura para nos impor, a nós, latinos, degenerados, o esplendor da sua cultura não só scientifica como tambem moral.

Esses labregos invernisados não resistiram á alta temperatura dos combates. O brilho exterior derreteu-se, as maneiras de encommenda perderam-nas na primeira encruzilhada. Ficou o grosseirão patudo e arrogante, sem a menor sensibilidade e a menor delicadeza, incapaz de um gesto elegante, que, na hora em que perde a superioridade do numero e da força, só sabe erguer os braços para pedir misericordia e abrir a bocca para supplicar o pão que lhe falta. A lenda de que esta guerra era o trabalho de uma casta desfez-se sem difficuldade. A maneira de proceder dos allemães demonstrou que todos se aferiam pela mesma bitola de selvageria.

Não é, pois, simplesmente o militarismo allemão que é preciso vencer. E' toda a Allemanha que deve ser esmagada sob o odio e sob o desprezo.

ANDRÉ BRUN.

DIVISÃO NAVAL

OS EXERCICIOS DE HONTEM

A disciplina e o trabalho a bordo dos navios de guerra

Os exercicios navaes realisados hontem foram a demonstração brilhantissima das notaveis aptidões que distinguem os nossos marinheiros—officiaes, sargentos e praças. Nenhum paiz do mundo os possue com mais intelligencia, com maior capacidade de trabalho, com faculdades de mais rapida assimilação.

Em meia duzia de navios gastos, que estão muito longe de corresponder hoje aos aperfeiçoamentos da sciencia naval, a nossa marinha realisa prodigios. O almirante chefe da missão naval ingleza teve um dia esta phrase, enthusiasmado com os exercicios que viu realisar a bordo: *Não sei como se pode fazer tanto com tão pouco!* A opinião é auctorisada e synthetisa perfeitamente todo o esforço realisado nos ultimos tempos pela nossa marinha de guerra. E' que o marinheiro portuguez ama, acima de tudo, o seu navio. N'elle symbolisa o amor da Patria, o desejo de a vêr em cada dia mais prospera e mais respeitada. O fervoroso espirito da profissão, tradicional nos marinheiros, impelle-os á pratica de todos os sacrificios, estimula-os ao aperfeiçoamento de todas as suas naturaes aptidões. E quem passa meia duzia de horas dentro de um navio verifica, ainda nos mais insignificantes detalhes, que a vida de bordo é tambem uma escola de rigorosa disciplina. A todos os trabalhos preside uma ordem surprehendente, que methodisa todas as vontades e colloca na sua funcção propria cada membro d'aquelle organismo prodigioso.

* * *

Os exercicios de hontem consistiram principalmente em fazer-se o aproveitamento, por parte de todos os navios, dos fogos de artilharia dos dois bordos. A esquadra navegava em linha, á frente o navio chefe, os outros navios collocados pela ordem de antiguidade dos seus commandantes. O inimigo era figurado por um bando de barcos de pesca que se divisavam ao longe, navegando na direcção sudoeste pelas alturas do cabo Raso. Em frente de Cascaes a esquadra obliquou á direita e rompeu fogo, depois dos reconhecimentos effectuados pelos *destroyers* e caça-minas. O supposto inimigo accentuou a marcha para o sul. No navio chefe, a peça de 10, collocada á proa, fez signal de novo ataque. Os navios dão uma volta, ficam novamente em linha os cruzadores e ouve-se o tiroteio cerrado das peças de estibordo. *Destroyers* e caça-minas continuam os seus reconhecimentos, até que as grandes unidades, seguindo a perpendicular marcada pela trajectoria do inimigo, cortam-lhe a retirada. Estava terminado o simulacro de combate.

Não houve uma hesitação, não houve uma ordem mal comprehendida ou mal executada. O clarim tocára a postos de combate e quatro minutos depois tudo estava prompto para o navio entrar em fogo. A pericia dos commandantes foi posta em relevo n'um momento em que o *Guadiana* e um caça-minas navegaram a alguns metros de distancia, dando a impressão de que manejavam obedecendo á mesma voz de commando. De repente, viu-se o *Guadiana* seguir a estibordo n'uma evolução rapida, deixando o caça-minas escoar-se pela sua pôpa. Minutos depois, o *destroyer* occupava o seu logar, distanto uns duzentos metros, e o caça-minas ia operar um reconhecimento de que tinha sido incumbido por signaes do navio chefe.

Tudo isso se passou n'uma tarde de sol ardente, em que a luz tinha estranhas scintillações de viva claridade. Quando abandonámos o navio, uma mancha de sangue marcava o poente no azul esmaecido do céu, para as bandas da serra de Cintra, que uma vaga neblina não deixára nunca de cobrir.

* * *

Sobre a fidalguia do tratamento que nos acolheu a bordo todas as palavras serão pallidas e inexpressivas. Os senhores officiaes do *Vasco da Gama* quizeram confundir os representantes da imprensa com as demonstrações da mais requintada e penhorante amabilidade, não havendo attenção ou deferencia que não nos fosse prestada, com uma simplicidade e uma franqueza que a todos nos tornaram devedores d'um grande reconhecimento.

PROBLEMAS CANDENTES

E A ESCOLA PRIMARIA?

E' preciso substituir capazmente os professores mobilisados

Ao inaugurar-se o anno lectivo, convem que não haja interrupção nos trabalhos escolares

Como vae reflectir-se na população das escolas primarias do paiz a marcha provavel de tropas portuguezas para os campos de batalha da Europa?

Como se repercute já no funccionamento das mesmas escolas a actual mobilisação do exercito?

Como pensa o ministerio da instrucção publica remediar os effeitos da chamada de professores primarios ás fileiras, de modo que as aulas se não encerrem, o ensino se não interrompa e as creanças em edade escolar não fiquem, durante mezes, privadas de mestres idoneos?

Estas perguntas formulal-as-hão, decerto, quantos dedicam algum interesse ao problema do analphabetismo, ainda agora tão longe de ser por nós capazmente atacado e muito menos resolvido. O ministerio da instrucção publica deve estar organizando, n'este momento, a estatistica dos professores, por forma a verificar-se sem difficuldade quaes os attingidos pela mobilisação do exercito. O estudo das providencias que lhe cumpre tomar, para não se ver a braços, na abertura do proximo anno lectivo, com as queixas e reclamações dos povos sem professores, ha de merecer-lhe particulares cuidados e o primeiro de todos consiste, com effeito, em averiguar o numero de escolas sujeitas a um forçado encerramento, se os respectivos regentes, affastando-se por virtude das obrigações militares, não forem opportuna e convenientemente substituidos.

Nem só de pão vive o homem—dizem as Escripturas. Se é d'uma singular gravidade o problema das subsistencias, o do ensino primario, cuja parcial desorganisação surge como uma ameaça, possue tambem n'esta hora uma extraordinaria importancia, porque nunca a missão da escola, com o seu caracter educativo e disciplinador, se tornou tão indispensavel como hoje.

Se a ausencia de paes e irmãos naturalmente perturba a vida de muitos lares em villas e aldeias, essa perturbação domestica viria a aggravar-se muito com a ausencia dos professores desde que por falta de escola milhares de creanças houvessem de permanecer em casa ou de correr os inevitaveis riscos da rua, n'uma ociosidade tão perigosa como a ignorancia a que os condemnaria a nossa falta de previsão e a nossa incuria pelo dia de ámanhã.

* * *

Se não somos dos ultimos a entrar na guerra, porque já nos batemos em Africa para onde teem seguido milhares de homens, sel-o-hemos entre os que cooperam na Europa contra os allemães e para semelhante cooperação nos vimos preparando activamente. Completam-se dois annos depois que o velho mundo se encontra em armas e se ferem as mais formidaveis e inconcebiveis batalhas, como as não contemplaram nunca os seculos nem as registou jámais a Historia. Tempo de sobra houve para attentar na lição dos factos e aproveital-a com vantagem.

A crise da escola primaria produziu-se em França com a guerra, preoccupando as estações officiaes que procuram provel-a de remedio, e a imprensa, que a expoz em toda a sua luminosa clareza. O heroismo do mestre-escola eguala o de todas as classes que, sem distincção, nas fileiras do exercito luctam por uma causa sagrada e glorificam o nome da França. O primeiro glorioso soldado morto pelos allemães em 1914—recorda-o Jean d'Orsay—foi um professor primario: o cabo André Peugeot. O ministerio da instrucção publica organisou estatisticas do professorado em armas, concluindo-se d'ellas que metade do effectivo dos professores estava mobilisado e que mais de tres mil e quinhentos, em maio ultimo, haviam cahido no campo da honra ou sido mutilados, ficando em condições de não poderem voltar ás linhas de fogo. Mais de seis mil foram feridos e teem regressado progressivamente aos seus corpos na frente da batalha. As provas do seu valor, accrescenta Jean d'Orsay, abundam: oitocentos foram citados em ordem do dia, cada d'um milhar ostenta a cruz de guerra.

uns cincoenta receberam a Legião de Honra e outros tantos a medalha militar. Alguns centenas que entraram nas fileiras como sargentos, cabos e simples soldados ganharam os galões de official. Outros, renovando as proezas da epocha revolucionaria, conquistaram o posto de capitão com menos de vinte e dois annos.

Mas nem todos esses heroes poderam ser substituidos idoneamente nas suas escolas, peorando a situação d'estas á medida que a guerra se prolonga. Uma phrase resume a situação: *Il n'y a pas assez de maitres; il n'y a pas les maitres qu'il faudrait.* Para impedir a desorganisação, propõe-se uma unica medida julgada prudente: *La démobilisation des instituteurs du service auxiliaire.* Providencias identicas se tomam em França quanto a outros serviços e parece que o illustre ministro que é o sr. Painlevé considera como uma necessidade de ordem nacional que as escolas regressem, o mais cedo possivel, uma parte dos seus mestres.

Em França considera-se, e muito bem, que a educação das creanças merece os mesmos desvelos que a boa administração da justiça, a cobrança dos impostos e a conservação das estradas. Funccionarios houve que para o regular funccionamento d'esses serviços voltaram a elles, dadas certas circumstancias especiaes. D'ahi o reclamar-se que se proceda de egual maneira com os professores que se encontrem em determinados serviços auxiliares do exercito e outros que não encontram, por motivos varios, nas linhas de fogo. A questão ventila-se presentemente com calor, com intelligencia, com verdadeiro sentimento patriotico, pugnando pela escola e pelas necessidades instantes da população em edade escolar os que ponderam a vasta serie de complicações presentes e futuras que procederia do abandono d'esto assumpto ou da pouca solicitude havida no seu estudo e na sua solução.

Como succeda que as situações, se não são precisamente parallelas, se approximam, e como prevenir é sempre preferivel a remediar, eis porque formulamos as perguntas iniciaes das nossas ligeiras considerações. Oxalá ellas encontrem echo onde podem ser attendidas, se é que o ministerio da instrucção publica se não antecipou, providenciando sobre o caso que nos serviu de thema e que se nos afigura do um alcance excepcional.

Avelino de Almeida

"A mão do antepassado"

E' um "film," de grande interesse que hontem se estreiou no Salão Central

De quando em quando apparecem nos cinematographos «films» com um reclamo grande e que na verdade o merecem, porque, além de o enredo ser dos que agradam, são representados por artistas de valor.

Está n'esse caso o «film» «A mão do antepassado», que hontem se exhibiu no Salão Central, sendo uma das suas partes espectaculo.

«A mão do antepassado» divide-se em quatro partes, que se desenrolam n'um constante drama que, de começo ao fim, tem o espectador cheio de interesse.

Bem desempenhado, com uma emissão-scénica explendida, é um «film» que vae, sem duvida nenhuma, causar sensação.

Com este «film» exhibiu-se tambem um «film» comico, assim como as «Actualidades, de Gaumont, com assumptos da guerra.

Hoje é no Salão Central dia dedicado á nossa sociedade elegante.

O caso do prof. Kulberg

As declarações que veiu fazer-nos

Procurou-nos o sr. Boo Kulberg, professor de gymnastica sueca, que nos fez as seguintes declarações textuaes:

«Quando cheguei a Lisboa fui illudido por alguem ácerca das qualidades dos portuguezes, informações essas que influiram sobre o seu espirito para escrever a carta—que realmente escrevera—para Stockholmo.

«Hoje, porém, conhecendo melhor os portuguezes, entre os quaes conta muitos amigos, vê que eram menos verdadeiras as informações que lhe foram dadas, por isso, com a lealdade propria do seu caracter a rectifica.

«A errar toda a gente está sujeita e por uma vez se errar não é isso motivo para que se sempre atacado.»

Taes as declarações do sr. Kulberg. Como os leitores sabem, o nosso presado amigo, brilhante collaborador e cultor da lingua de sport, o sr. dr. Cesar de Mello, a cujas qualidades de intelligencia e caracter folgamos de prestar homenagem, havia-se occupado do caso do prof. Kulberg pondo em relevo, dias antes, as affirmações feitas pela sua critica nos seguintes termos:

«Um extrangeiro que vive e trabalha em Portugal insultou portuguezes em correspondencias jornalisticas enviadas a jornaes do seu paiz. Esse extrangeiro ainda não se retratou publicamente nem enviou aos jornaes do seu terra uma adaptação ou um desmentido ás suas primeiras palavras.»

A retratação do sr. Boo Kulberg pode considerar-se feita, para o publico portuguez, pela declaração que ello, pessoalmente, nos veiu trazer nos nossos escriptorios e que deixamos reproduzida.

Está agora em Coimbra o nosso presado amigo sr. dr. Cesar de Mello, mas não duvidamos crer que o illustre sportsman, que veniu a caso nas columnas da «Capital» por ...... de noite ...

«Para o publico portuguez, dissemos, porque a retratação do sr. Boo Kulberg, feita, como ella esperava com toda a lealdade, não poderá limitar-se a Portugal. Foi num jornal da Suecia que o sr. Kulberg nos deprimiu, os offendeu sem nos conhecer, nos calumniou por conta de qualquer portuguez degenerado que lhe soprou aos ouvidos inconveniencias e mentiras. O sr. Kulberg, para que a sua sinceridade não seja posta em duvida, para que admittamos os seus bons propositos a nosso respeito, é moralmente obrigado a retratar-se na imprensa do seu paiz. Emquanto o não fizer, ha o direito de hesitar sobre a rectidão das suas intenções. E' o imprescindivel que o faça desde que queira que o acreditemos.

Onde a offensa foi commettida ahi deve ser dada a satisfação. Teremos muito prazer em reproduzir as declarações do sr. Kulberg no jornal de Stokolmo, desde que sejam identicas ás que inserimos hoje.

A'cerca dos meritos do sr. Kulberg, já publicámos uma declaração dos nossos amigos srs. Dario Canaes e Frederico Paredes e recebemos outra identica do sr. professor Martins Pereira. Como temos tambem recebido outras em contrario, resolvemos deixar de inseril-as, sejam de que theor forem. Na secção sportiva de *A Capital*, entregue a quem possue indiscutivel competencia, se tratará d'esse aspecto da personalidade do professor sueco, quando o nosso querido collega incumbido d'essa secção assim o entender.

Pelo Salão Foz

Apezar d'este calor os espectaculos do Salão Foz continuam sendo frequentados por grande numero de publico isto somente porque os espectaculos são bons e a casa é fresca porque é bem ventilada. Hoje continua a sua apresentação o duetto Santo Ferry, Nelly-Nell, a bailarina descalça e a bailarina hespanhola Carmen Sevilha.

Mas amanhã já o publico tem um novo e magnifico numero, a cançonetista Sotella Margarita que vem precedida de grande fama pelo bem que diz e pela sua linda e bem timbrada voz de soprano ligeiro. Para depois de amanhã já se anuncia uma nova estrêa, a da bailarina Carmen Vicente, que além de ser uma das boas bailarinas do visinho reino, tem um guarda-roupa admiravel.

A tudo isto junte-se concerto pelo sextetto e bons *films* no écran.

Creança assassinada

A judiciaria está empenhada em esclarecer o caso da morte de Gloria das Neves, de 7 mezes, filha de Beatriz Justina Neves, morada na rua do Passadiço, 10, que se suspeita ter sido victima de maus tratos da ama Anna Olivia Moreira da Silva, da rua da Esperança do Cardal, 52, loja.

A' policia consta do que é já a quarta creança que morre na companhia da referida ama.

A'manhã deve ser ouvido sobre o caso o sr. dr. Salazar de Sousa, que tratou a creança.

Associação Industrial Portuense

A visita dos seus representantes a Lisboa

Encontram-se em Lisboa, como noticiámos, os representantes da Associação Industrial Portuense, que vieram pagar a visita que ha pouco tempo lhe haviam feito os seus collegas da Associação Industrial Portugueza.

Pouco depois das 9,30 já á porta do Hotel Central se achavam reunidos quasi todos os directores da Associação Industrial Portugueza, aguardando que descessem os seus collegas do Porto, ali hospedados. Tres automoveis os esperavam, installando-se no primeiro os srs. João José Diniz, Francisco Claro y Salgado, Luiz Firmino e Lourenço Abreu; no segundo os srs. Xavier Esteves, presidente da Associação Industrial Portuense, Aboim Inglez, presidente da Associação Industrial Portugueza, e Henrique Dias Teixeira, director da Associação do Porto; no terceiro os srs. Diniz Joaquim Alves, José Esteves Freita, do Porto, e Polycarpo Salgado e Mario de Sousa.

Os vehiculos seguiram para a Companhia Previdente, no Conde Barão, sendo os visitantes recebidos pelo engenheiro da fabrica sr. Henrique Chaves. Os membros das duas associações percorreram todas as secções fabris do edificio, montadas com as mais modernas e poderosas machinas, postas ao serviço de varios ramos da industria, como serração, pregaria, arame farpado, bisnagas, tubagem de chumbo, ferragem miuda, colheres, ganchos, etc.

São 340 os operarios que ali trabalham e todo está montado de forma a obter-se a maxima producção com o minimo esforço.

Da Previdente seguiu-se para a séde da Nova Companhia Nacional de Moagens, á rua 24 de Julho. Ahi se assistiu á plena laboração da fabrica, com os mais modernos machinismos n'um funccionamento perfeito, desde a separação da pedra e do trigo até ao mais fino peneiramento. Da dependencia das moagens, que tem por chefe o sr. Jean Bachet, passou-se á secção de fabrico de massas e bolachas, excellentemente montada.

No fim da visita, foi aos visitantes offerecido pela direcção da Companhia um bello almoço, trocando-se ao Champagne enthusiasticos brindes entre os representantes da industria do norte e os d'esta cidade.

Presidiu o sr. Mario de Sousa, um dos directores da fabrica, tendo á direita o sr. Xavier Esteves e á esquerda o sr. Aboim Inglez.

O sr. Aboim Inglez brindou pela Associação Industrial Portuense; o sr. Xavier Esteves saudou a Associação Industrial Portugueza, e o sr. Aboim Inglez, em nome da industria do norte; o sr. João José Diniz á familia de João Pedro de Sousa, tão dignamente representada em toda a parte; o sr. Mario de Sousa, o qual agradeceu, brindando pela industria do norte e do sul, seguindo-se e completando-se a serie de brindes o sr. João José Diniz, que exaltou as capacidades de trabalho do sr. Mario de Sousa.

Na fabrica Iniguez a recepção foi affectuosissima, por parte do sr. Antonio Eduardo Iniguez. Feita a visita ás varias dependencias da fabrica, que é modelar e cujos productos honram a industria nacional, foi offerecido aos visitantes um delicado copo de agua, trocando-se affectuosos brindes.

A visita á fabrica Ramiro Leão foi muito interessante, sendo louvados pelos visitantes todas as excellentes installações.

Vae seguir-se a reunião conjuncta das direcções das duas associações industriaes.

E a carta do sr. Vázquez de Mella?

O *Heraldo de Madrid* publicou sabbado uma entrevista com o sr. Vázquez de Mella, em que o fogoso tribuno hespanhol declarou o seguinte, a proposito das duas celebres affirmações ácerca de Portugal:

«... De un modo espontaneo, telegrafié *A Capital* restableciendo la verdad de los hechos, y mi telegrama fué reproducido por varios diarios españoles. No creio que se volviese a hablar más de ello.»

Ora o que o sr. Vázquez de Mella telegraphou á *Capital* foi mais alguma coisa. Eis o telegramma que nos enviou em data do 10 de julho e que publicámos a 11:

«Rogo-lhe que espere una carta minha, explicando palavras do meu discurso mutilado e alterado pelos extractos. «Foi a britannica» é phrase de Oliveira Martins e não minha. Repeti-a para condemnar a influencia ingleza em Portugal e no meio das das costas hespanholas. Defini nação no sentido de unidade geographica, com os caracteres da civilisação iberica, que abrange uma vida superior na variedade dos Estados peninsulares. D'essa maneira affirmei a independencia do povo portuguez, que admiro e amo. Chegou a dizer que se por um plebiscito nacional Portugal quizesse encorporar-se á Hespanha, como as suas provincias actuaes, eu, governante, rejeitaria essa união, admittindo-a só como federação, e em pé de egualdade. Rogo-lhe que torne publico este telegramma, para que, antes da minha carta, sirva de explicação á *Lucerna* e outros periodicos, que não conhecendo na integra o texto do meu discurso, me teem atacado.—*Vázquez de Mella.*»

Ha a promessa formal d'uma carta de explicações que ainda não chegou e que o telegramma não suppria, como o proprio signatario era o primeiro a reconhecer.

Porque não veiu a carta do sr. Vazquez de Mella?

Evidentemente, porque não sabia como descalçar a bota,—desculpe-nos o verboso e brilhante orador a phrase... O sr. Vazquez de Mella negou-nos caracteristicos de nação e até de Estado. O seu telegramma não desmente semelhantes affirmações e como não teve coragem de as engulir na carta,—a carta não veiu... Ora ahi está!

O dinheiro em Hespanha

O valor da libra em Hespanha é de 25 pesetas, o de 50 francos 41 pesetas, e o de 10 escudos (moeda portugueza) 40 pesetas.

A espantosa depreciação da moeda franceza levou o governo de Paris a tomar energicas medidas restrictivas, relativamente á importação de mercadorias de Hespanha.

Terras de Portugal

Do sr. Raul Paiva, alumno do curso de engenheiro-agronomo, recebemos a carta que em seguida publicamos.

O nosso collega Adelino Mendes encontra-se presentemente no Alemtejo onde foi visitar as minas de Losal e Aljustrel. No seu regresso, o nosso collega explicará as suas affirmações.

Não quizemos, porém, por dever de lealdade, deixar de publicar desde já a carta do sr. Raul Paiva, que é do seguinte theor:

Sr. director de «A Capital»

Muito grato ficaria a v. pela publicação das linhas que se seguem:

Na chronica «Terras de Portugal», com o sub-titulo «Montes Claros» «A Capital» de 31 de julho (n.º 2141) o sr. Adelino Mendes umas affirmações que convem esclarecer.

Para isso são sufficientes—creio-o—duas declarações que se seguem:

a) Em julho do anno passado, visitei com os alumnos do 3.º anno do curso de engenheiro-agronomo, acompanhado pelo professor dr. Silva Rosa a albufeira de colmatagem, da aldeia de Rebochos, pertencente ao sr. Oliveira Soares. Devido a umas duvidas que surgiram sobre a extensão d'essa albufeira, o seu proprietario levou-os a percorrerel-a na sua maior parte. Estavamos em julho—quero frisal-o—e era approximadamente meio dia.

Deduz-se d'ahi—é claro—que professores e os alumnos do Instituto Superior de Agronomia não temem os calores do Alemtejo; deduz-se ainda que, pelo contrario, podem tambem arrostar com elles...

b) No 3.º do mesmo curso engenheiro agronomo), ha uma cadeira, em cujo programma entra a «Hydraulica agricola». Quem quizer, poderá ver qual a importancia que, n'esta parte, se atribue, para Portugal, ás albufeiras, quer sejam de rega, quer de colmatagem.

Para verifical-o, deixo desde já á disposição do sr. Adelino Mendes o exemplar que possuo, das «folhas» que foram publicadas, no actual anno lectivo.

Caberiam agora alguns commentarios; todavia dispenso-me d'elles, visto que o meu unico intuito é rectificar algumas phrases que poderiam levar a conclusões muito differentes da verdade.

Para terminar, direi mais que, se as excursões não teem o desenvolvimento desejavel, deve-se, em muito, ao facto da verba, destinada a tal fim, não augmentar, quando não diminue, emquanto a frequencia, no Instituto, cresce todos os annos —sem o que ainda, me regosijo.

Sem mais, creia-me, com muita consideração,

Raul Paiva

Do 4.º anno do curso de engenheiro agronomo.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

O collossal esforço da Italia

Como o apreciam o coronel Repington no «Times» e Paul Adam no «Journal»

ROMA, 31.—O ministerio nacional italiano demonstrou com as suas primeiras medidas querer dar a conhecer ao extrangeiro tudo quanto tem feito até aqui, na guerra da Italia, as suas difficuldades e o que elle representa no grande conflicto entre os dois grupos belligerantes.

Por outra parte a força dos acontecimentos juntamente com as frequentes visitas das francezes, inglezes e russos á linha italiana tem contribuido para render em parte, justiça que merece o grande esforço da Italia.

O coronel Repington, o brilhante critico militar do «Times» de regresso de uma visita á linha italiana, tece nas columnas do grande periodico da «City» um elogio ao rei, ao exercito e ao povo italiano. Confessa que os proprios alliados nem sempre teem tido cabal conhecimento da valiosa cooperação que a Italia tem prestado á Entente, mas apressa-se em dizer que todos quantos vão á linha italiana prestam justiça ao collossal esforço da Italia.

«Esta, diz o critico do «Times», com o seu exercito que ainda não se havia batido em uma grande guerra moderna depois da unidade, apresenta hoje uma só e firme linha, o que demonstra que as povoações meridionaes são tão enthusiastas pela guerra como as do norte egualando-se em demonstrações de valor os regimentos de Napoles e da Sicilia ao antigo exercito sardo».

E' magnifico o elogio que faz do rei da Italia, cuja vida simples na linha de combate põe ao lado da do não menos admiravel rei Alberto da Belgica.

«Quando tive a honra, diz o citado chronista, de ser recebido pelo rei de Italia, encontrei-o n'uma casita em que apenas cabiam quatro pessoas. O rei trabalhava em uma dependencia, a unica que tinha mobiliario, o qual consistia em uma baixa e estreita cama de campo, uma pequena meza e duas cadeiras durissimas.

Como unica decoração tinha o involucro de uma granada austriaca.

O critico militar londrino continua exaltando os serviços, a alimentação do soldado e recorda que a atmosphera de geral satisfação e bem-estar apreciada em Italia se deve n'ti Tuir não só á popularidade da guerra mas tambem á prosperidade da agricultura italiana e á abundancia das colheitas.

Em conclusão, continua o coronel Repington, a impressão que produz a Italia contemporanea é a de um povo joven convicto de um futuro, e que mediu as consequencias de seus actos, e nada teme. Tenho fé em que a energia e resolução do povo, e a sua constancia que tanto o fizeram progredir, receberão a seu devido tempo o merecido premio».

Um outro que n'estes ultimos dias rendeu homenagem ao valor das tropas italianas depois de ter estado na linha de combate é Paul Adam, no «Journal».

Nós, os francezes, escreve elle, não temos devidamente comprehendido a difficuldade insuperavel que existe em vencer, em um paiz onde os excessivos baluartes do inimigo estão a 2.000 metros e mais de altura.

Baluartes fortificados providos de baterias, de observatorios, de trincheiras opportunamente melhoradas com summa arte durante dez annos, tudo isto na fronteira que os tratados do seculo XIX indicaram como a mais conveniente para se estar precavido contra os invasores, baluartes que dominam a superficie dos rios, a riqueza dos campos e das cidades. Por outro lado a offensiva austriaca teve o merito de manifestar, de facto, a situação e o grandissimo beneficio que a Italia prestou á causa da «Quadruplai».

N'esse tempo os agentes autro-allemães nos paizes neutraes, principalmente na Suissa, regosijavam-se, dando como certa a «Expedição de castigo», o passeio militar a Vicenza, Veneza e a Milão. Se a Russia se não movesse a Italia ter-se-ia visto na obrigação de conquistar a uma paz isolada. E' o principio do fim. Este é o quadro austro-allemão de hontem. O de hoje esta-lh'o offerecendo a esplendida e victoriosa offensiva russa, e a offensiva das tropas do general Cadorna que fizeram retroceder o inimigo para alem da fronteira violada.

Hoje a «Neue Freie Presse» com voz repassada de tristeza volta-se para a Allemanha afim de lhe dizer: «A Allemanha deve proceder vigorosamente para livrar a Austria da humilhação que a ameaça de todos os lados».

Ora isto é muito differente da «Expedição de castigo». E' exactamente o contrario que succede.

Porém a Allemanha, este anno, está sujeita pelas tropas anglo-francezas na linha occidental, e por outro lado as tropas de Hindenburgo e de Makensen são impotentes contra os soberbos exercitos do tzar.

O quadro variou muito. Os jornaes italianos referem que tem desapparecido dos cafés onde se costumavam encontrar os austro-allemães, em Zurich e nos principaes centros da Suissa, os fanfarrões de hontem; estão... em campanha!

Assim as suas proprias jactancias não fazem mais do que salientar melhor a situação, que sem contestação, não é certamente muito favoravel para os imperios centraes. E aquella Italia que ao cabo de certo numero de mezes deveria estar cançada, estenuada—depois de um anno olha com altivez para o futuro, feliz por a «Strafe-Expedition» tenha tido uma solução contraria á que esperava quem a emprehendeu.—(Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 1.—Ao norte do Somme os allemães abstiveram-se de renovar as suas tentativas. Ao norte do Avre, depois de violento bombardeamento, os allemães tentaram na região de Lihons duas manobras, que foram frustradas. Na margem direita do Meuse a lucta de artilharia tornou-se durante a noite extremamente violenta na região de Thiaumont, bosque de Fumin e Laufée. A oeste de Pont-a-Mousson no sector de Flirey os allemães fizeram explodir tres minas, occupando os francezes a orla sul das tres excavações. Nas restantes linhas a noite decorreu relativamente calma. O ajudante Lenoir abateu um avião allemão ao norte de Verdun, sendo o quinto abatido por este aviador. A oeste de Etain foi abatido um outro avião allemão.—(Havas).

As tropas bulgaras

PARIS, 1.—O governo bulgaro preveniu o governo allemão de que nenhuma unidade bulgara deixará d'ora avante a Bulgaria. Reina o descontentamento entre as tropas bulgaras da Macedonia porque não recebem o soldo ha mais de seis mezes e são mal alimentadas.—(Americana).

A entrada e sahida da Allemanha

PARIS, 1.—A partir de hoje ninguem póde entrar ou sahir da Allemanha, salvo no caso de reconhecida necessidade.—(Americana).

Mais dirigiveis allemães sobre Inglaterra

LONDRES, 1.—Official: Alguns dirigiveis atacaram a Inglaterra á meia noite, nas alturas dos condados de leste e sudeste, sendo tambem lançadas algumas bombas no estuario do Tamisa. O ataque continua.—(Havas).

As tropas bulgaras

PARIS, 1.—Consta que a Bulgaria chamou as suas tropas que se encontravam na frente russa.—(Americana).

A Universidade Livre estuda a forma de soccorrer as familias dos associados que forem mobilisados

O conselho administrativo da Universidade Livre resolveu abrir um inquerito entre os seus associados, que se em numero de cerca de dois mil, acerca da sua situação militar se é ou não mobilisavel, qual a sua profissão; que vencimentos teem; quantos filhos e qual a edade d'elles; quaes as pessoas a cujo sustento provê. Este inquerito tem por fim obter a medida do possivel saber a situação precaria em que porventura fiquem alguns dos associados que sejam chamados á defeza da Patria, procurando a instituição, o que está ligado, substituir-se nos encargos que o mobilisado tenha presentemente.

O conselho administrativo da Universidade Livre tem recebido muitas respostas ao seu inquerito. Muitas attestam que os associados não estão em condições de auxiliar o auxilio da collectividade e até, pelo contrario, dispostos a contribuir para soccorro das familias d'aquelles que vierem a ser encorporados. Mas, tambem, a par d'essa manifestação de solidariedade, que depõe bem a favor do espirito que anima os socios da Universidade Livre ha conhecimento de situações que se tornam urgentes remediar, quando as pessoas que n'ellas se encontrem sejam chamadas ao serviço do exercito.

Por isso que o inquerito esteja mais adiantado, a Universidade Livre reunirá para resolver definitivamente as medidas a tomar a este respeito.

Regimento de infantaria de reserva n.º 2

São avisados os 2.ºs sargentos reservistas d'esto regimento que possuam o curso de habilitação para 1.ºs sargentos e que o tenham concluido, e bem assim os 1.ºs cabos que possuam o 1.º dos seus regimentos de regulamento de 1896 ou o curso de habilitação para 2.ºs sargentos, a apresentarem-se com as suas cadernetas no mesmo regimento (ao Castello de S. Jorge) para n'ellas ser averbada a sua promoção ao posto immediato.

Serviços de cirurgia na frente occidental

Na séde da Associação dos Medicos Portuguezes realisa depois d'amanhã, ás 21 horas e meia, o distincto clinico sr. dr. Reynaldo dos Santos uma conferencia sobre «A organisação dos serviços de cirurgia na frente occidental».

O sr. Lauro Muller no Canadá

RIO DE JANEIRO, 1.—Noticias de New-York affirmam que o dr. Lauro Muller, ministro das relações exteriores do Brasil, acceitou o convite do duque de Connaught, devendo partir para o Canadá ainda no mez de agosto.—(Americana).

Os productos portuguezes no Brasil

RIO DE JANEIRO, 1.—Simões Coelho, agente commercial da Republica Portugueza na America do Sul, realisa brevemente uma conferencia de propaganda dos productos portuguezes seguindo-se-lhe uma outra sobre as praias e thermas de Portugal e as bellezas naturaes do paiz.—(Americana).

O elogio de portuguezes por um bispo brazileiro

BELLO HORIZONTE (MINAS GERAES), 1.—O novo bispo de Pouso Alegre, monsenhor Octavio Chagas, fez um caloroso elogio da honestidade e do comportamento dos trabalhadores portuguezes, empregados nas obras da diocese.—(Americana).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

A' ultima

Inda hoje, o livro do passado abrindo
Lembro-ass ...... meus ...... d'ellas:
Lembro-as e vejo-as como as vi partindo
Estas cantando, soluçando aquellas.

Umas, de meigo olhar, piedoso e lindo,
Sob as rosas de neve das capellas;
Outras, de labios de coral, sorrindo,
Desnudo o seio, lubricas e bellas...

Todas formosas como tu chegaram:
Partiram... e, ao partir, dentro de meu seio,
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, oh! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve o olhar como esse olhar tão cheio
De luz tão viva, que abrazasse tanto!

OLAVO BILAC.

CASINO DE RIBAMAR

E' amanhã que a gentil actriz Nita Faizon se despede do publico frequentador do Casino S. José Ribamar. A empreza em face do successo obtido pela gentil cantora, sem contestação a melhor no seu genero que nos tem visitado, resolveu fazer-lhe uma festa em sua honra e inaugurar as sessões da moda.

CASAMENTOS

Realisa-se brevemente o casamento da sr.ª D. Christina Garrido da Costa, filha da sr.ª D. Etelvina da Costa e do sr. Manuel Joaquim da Costa, com o sr. Antonio Alves Leite, aspirante de marinha.

—Realisou-se em Castendo o casamento da sr.ª D. Maria Augusta d'Albuquerque e Castro, filha do sr. Miguel Maria d'Albuquerque e Castro, thesoureiro de finanças d'aquelle concelho, com o sr. Annibal de Sousa Guimarães, filho da sr.ª D. Maria Carlota de Sousa Guimarães e sobrinho da sr.ª D. Marianna Emilia de Sousa Sobral.

—Realisou-se na Torredeita, o casamento da sr.ª D. Judith Leitão Cardoso, filha do sr. José Pereira Cardoso, inspector da companhia dos phosphoros, com o sr. João Machado, thesoureiro da camara municipal do concelho de Vizeu.

—Realisa-se brevemente o casamento da sr.ª D. Angelica Mathilde de Mello, filha da sr.ª D. Henriqueta Paz Mello e do sr. Carlos Alfredo de Mello, com o sr. Benjamim de Mello e Castro, 3.º official do ministerio do trabalho, filho da sr.ª D. Candida Franco de Mello e Castro e do fallecido chefe da contabilidade do ministerio do fomento, sr. Cesar Augusto de Mello e Castro.

—Realisa-se no sabbado o enlace da sr.ª D. Elisa da Camara Leme, filha da sr.ª D. Adelaide da Camara Leme e da Camara Leme e do sr. D. José da Camara Leme, com o sr. D. Rodrigo de Serpa Pimentel, filho da sr.ª D. Maria Anna de Sousa Coutinho de Serpa e do sr. D. Fernando de Serpa Pimentel.

NASCIMENTOS

Deu á luz uma creança do sexo feminino, a sr.ª D. Laura Leitão Lebre, filha do sr. dr. Augustinho Antonio de Mattos Leitão, e esposa do sr. alferes Silverio Lebre.

—Em Faro deu á luz com muita felicidade uma robusta creança do sexo masculino a esposa do sr. José de Sousa Uva Junior.

—Deu á luz um interessante menino a esposa do sr. Sousa Martins, advogado em Olhão.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as:

D. Joaquina Jorge Pereira de Miranda, D. Laura Malheiro Guimarães, D. Maria Luiza da Silva Saturnino, D. Margarida Julia Carvalho de Araujo, D. Laura Novaes, D. Laura de Vasconcellos, D. Matilde Rebello Valente, D. Amelia Gualberto Soares de Lima, D. Laura Elisa de Sousa Vasconcellos, D. Rosa E. Pereira da Almeida e Menezes, D. Maria Rosa Amaro Tavares de Navarro Pereira Rebello, D. Amelia Azevedo da Cunha e D. Lebre, D. Maria dos Santos Sousa Lobão de Macedo Chaves de Oliveira.

E os srs.:

Chaves de Oliveira, conde do Cartaxo, Narciso Francisco de Sousa, Carlos de Almeida Braga e João Augusto Monteiro Cancella.

PARTIDAS E CHEGADAS

Encontra-se em Braga, de visita a sua familia, o sr. dr. João Valerio das Neves Pereira.

—Com sua esposa, partiu para Espinho o sr. engenheiro Bandeira Neves.

—Tem estado em Estremoz o sr. Vasco Martins Morgado, consul de Portugal em Ayamonte.

—Partiu para o seu solar de Casas Novas, Chaves, o sr. dr. José Osorio Saraiva.

—Partiu para o Norte, com seus filhos, o sr. Annibal Coelho Montalvão.

—Chegou a Lisboa e parte brevemente para Entre-os-Rios, o sr. Rebello Neves.

—Vindo de Gibraltar, encontra-se em Faro, com sua esposa, o sr. Ascenso Aguiar.

—Está em Lisboa o sr. dr. José Antonio dos Santos, notario em Monchique.

—Partiu para a sua casa de Paderne o sr. Antonio Maria Judice Biker.

—Partiu para o Porto o sr. João Dias Alves Pimenta.

—Partiram hoje para a Praia de Maçãs, com seus gentis filhos, o sr. José Santos Mattos.

—Também para aquella praia partiram o nosso collega dr. José Pontes e sua familia.

—Está em Cascaes o sr. Guilherme Spratley.

—Com sua esposa partiu para Torres Vedras o sr. Fernando Bacellar.

—Partem brevemente para as Pedras Salgadas o sr. dr. Vieira Guimarães e sua esposa.

—Está em Vizeu o sr. José Relvas.

—Partem depois d'amanhã para a Figueira da Foz o sr. Manuel Freire da Cruz e sua esposa.

—De regresso das Pedras Salgadas, encontra-se já na sua residencia, Quinta de ...., em Chão de Couce, Ancião, o sr. D. Alberto Rego.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Valeriano Manuel Rodrigues, cujo funeral se realisa amanhã, ás 18 horas, da travessa do Sequeiro, 19, r/c.

Uma missão argentina no Brasil

RIO DE JANEIRO, 1.—Chegou a esta cidade uma commissão composta de medicos e estudantes de medicina da Republica Argentina, que vem estudar a organisação completa dos institutos sanitarios do Brazil. Preside a esta commissão o director geral da hygiene de Buenos Ayres.—(Americana).

Dr. Affonso Costa

Foi hoje muito cumprimentado em sua casa o sr. dr. Affonso Costa, recebendo pela sua chegada e pelo exito das «démarches» que realisou as felicitações de um grande numero dos seus amigos e admiradores. Entre as pessoas que o foram cumprimentar contam-se os srs. ministro da Inglaterra, presidente do ministerio, commandante da divisão naval e general Correia Barreto. O sr. dr. Affonso Costa sahiu de tarde e dirigiu-se ao paço de Belem, onde teve uma demorada conferencia com o sr. presidente da Republica. Hontem, á sua chegada á estação do Rocio, foi cumprimentado pelo sr. Philemon de Almeida, em nome do sr. commandante da divisão naval.

Districto de recrutamento 16

Previnem-se os srs. Mario Augusto Pereira Braga, Augusto Cesar da Silva Ferreira, José Pompeu, Antonio Augusto Gonçalves d'Oliveira Junior, João Pulido d'Almeida, Francisco Judice Formosinho e Luiz Fernandes Henriques Cordeiro para se apresentarem immediatamente no districto de recrutamento 16, a fim de receberem guia para se apresentarem nas unidades para onde foram promovidos a alferes medicos milicianos.

Egualmente se previne o soldado das tropas territoriaes José Rebello da Silva para se apresentar no mesmo districto para receber guia para se apresentar no G. de caminhos de ferro, a fim de frequentar a escola preparatoria de officiaes milicianos.

THEATROS

Na proxima segunda feira estreiam-se no Apollo, na revista «1916», as actrizes Flora Dyson, Georgina Gonçalves, Angelica Victor e o actor Salvador Braga.

—Ferreira Coelho, Luiz d'Aquino e Alberto Barbosa estão trabalhando n'uma revista destinada á epocha de inverno no theatro Avenida.

—Vae entrar em ensaios no theatro Eden a revista «Novo mundo», de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes.

—A companhia do theatro do Gymnasio deu o seu ultimo espectaculo no Porto, seguindo para as praias do norte do paiz.

—Recebemos e muito agradecemos os cumprimentos do distincto maestro Assis Pacheco, do theatro Avenida, que regressou do Brazil.

Sport

A acção do Sport Lisboa e Benfica

Intensifica-se a acção do Sport Lisboa e Benfica. O importante club, vae demonstrando que a sua actividade e influencia, das quaes resultou ser a associação sportiva com o maior numero de associados e com a maior sympathia do grande publico, não se limita apenas á propaganda e execução do jogo de «foot-ball» mas á pratica e propaganda de varios outros exercicios athleticos.

No proximo domingo, volta o Benfica a exemplificar esta actividade. Vae inaugurar os «torneios do sport athletico» entre as suas quatro «teams», no seu campo de Sete Rios.

E o Benfica tem entre esses «sportsman» varios «especialistas» como Cabeça Ramos em saltos á vara, Pogolho em corridas pedestres, etc.

O torneio de esgrima na Trafaria

Está absolutamente determinado que um das primeiras provas organisadas pelo Club Balnear da Trafaria, seja, já no mez d'agosto, um campeonato de esgrima de espada, aberto a todos os atiradores, segundo o regulamento que tem servido para a realisação da «Taça Amadora».

O Club da Trafaria projecta tornar a festa n'um brilhante certamen sportivo, com a cooperação dos melhores jogadores de espada do paiz. São, esses pelo menos, os propositos dos directores do Club, no numero dos quaes figura, com destaque, pela sua actividade, o conhecido amigo do «sport», Henrique de Souza.

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio tenciona partir para o Gerez no proximo dia 10.

—A commissão encarregada de rever as concessões de ostreiras feitas pelo antigo regimen, composta dos srs. capitão do mar e guerra sr. José Francisco da Silva, juiz da relação de Lisboa, dr. Obolo de Castro, proprietario José O'Neill Pedrosa, auditor dr. Nobrega e do 1.º tenente Marque, já deu o seu parecer ácerca da caducidade de todas esses concessões.

—O deputado sr. Carvalho Araujo esteve hoje com o sr. ministro do trabalho, a quem expoz a crise em que se encontram os povos do concelho de Paços de Ferreira, onde lavra a fome e pedindo que com urgencia se mande alguns vagões de milho para esse concelho.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fez hoje as seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	[illegible]	[illegible]
Londres, 90 dy.	36 5/16	[illegible]
Paris, cheque	[illegible]	[illegible]
Madrid, cheque	[illegible]	[illegible]
Hollanda, cheque	[illegible]	[illegible]
Suissa, cheque	[illegible]	[illegible]
New York	[illegible]	[illegible]
Rio de Janeiro	12 3/16	[illegible]
Libras	[illegible]	[illegible]
Soberano ouro	[illegible]	[illegible]

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Homens de "sport,, na guerra

Aviadores heroicos

GABRIEL FOUCAULT

«Tenente piloto na esquadrilha 3. Está ao serviço da aviação desde o principio da guerra. Deu provas como observador e como piloto de qualidades de sangue-frio, de bravura e de dedicação. Morreu, gloriosamente, em 16 de maio de 1916, durante uma missão aerea.»

JEAN PAUL THUILLIER

«Tenente observador na esquadrilha M. F. 35. Observador de primeira ordem. Tem mais de 200 horas de «vôos» sobre as linhas inimigas. Ha 15 mezes que não cessa de prestar provas das mais brilhantes qualidades de intelligencia, de audacia e de sangue-frio. Prodigalisou-se em todas as acções em que a sua esquadrilha tomou parte, particularmente, durante o periodo de 2 de março a 20 de abril, sustentando continuamente violentos combates contra numerosos aviões inimigos, voltando com o seu aeroplano crivado de projecteis. Nunca deixou de cumprir até final e com bravura, todas as missões, ainda as mais audaciosas que lhe foram confiadas.»

JULLIEN COURCELLES

«Ajudante na esquadrilha 65. Não hesitou em atacar, sósinho, um grupo de quatro aviões que pareciam ameaçar os apparelhos francezes de regulação de tiro. Abateu um dos adversarios. Sustentou um segundo combate, durante o qual foi o seu aeroplano attingido por muitas balas. Descendo por causa de uma «panne» seca, foi encontrado ferido.»

MAURICE ROUEN

«Sargento ajudante na esquadrilha M. F. 1. Excellente piloto, cheio de audacia, deu sempre provas de resistencia e de tenacidade, executando diariamente reconhecimentos e regulações de tiro nas mais desfavoraveis condições atmosphericas.

Em 20 de março de 1916, ainda que pilotando um aeroplano de marcha lenta, não hesitou em atacar um avião inimigo mais leve e sustentou o combate, sobre as linhas inimigas, a uma altitude de 600 metros.

Em 22 de março partiu, apesar da tempestade, para effectuar regulações de tiro, urgentes e depois de haver executado uma, viu-se obrigado a descer, em pleno campo, porque a chuva e a neve tornavam a observação e a volta impossiveis.

Tem, actualmente, 250 horas de «vôo», sobre o campo inimigo.»

Ler ámanhã na «Capital»

novas noticias sobre «Homens de Sport na Guerra»; sobre projectos de novas festas na Amadora; sobre a campanha franceza feita em volta da questão da Preparação Militar Obrigatoria.

Por motivo de força maior e aguardando a devida opportunidade não publicamos hoje a

Entrevista com Mario de Noronha

que se refere aos ultimos campeonatos de espada.

Notas do dia

As festas da Amadora continuam...

Amanhã, a Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 35 organisa no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora um espectaculo com a interpretação d'uma peça theatral antiga, linda, da escola romantica, que será precedida d'uma sessão solemne para distribuição de premios. Os recompensados são os pequenos athletas de 16 e 17 annos, que, no ultimo domingo, nas provas finaes de educação physica, demonstraram muito merecimento e um treino que os impõe como futuros «especialistas» do athletismo.

E com a festa de ámanhã terminam os trabalhos da epoca de 1915-1916 da Sociedade 35, que honra o bello nucleo de rapazes que a constituem e o seu infatigavel instructor tenente Batalha.

Os Recreios Desportivos deram a estas provas o seu concurso e seguem trabalhando.

Já ámanhã, ás 20 horas da noite, reunem os principaes influentes dos dois «gymkhanas» de athletismo e de patinagem para esboçar os programmas e dividir trabalho por varias commissões.

No domingo proximo, os Recreios recebem a visita dos tennistas do Sporting Club de Portugal, que disputarão uma serie de «matches» amistosos com os tennistas da Amadora, seguindo-se a esse improvisado torneio um almoço de confraternisação, ao qual assistem além dos tennistas, as direcções das duas importantes aggremiações athleticas.

Algumas anecdotas

Uma razão convincente ácerca de caçadores

Ante-hontem, á entrada do Salão animatographico que funcciona no pavimento do Palacio Foz, encontraram-se dois velhos amigos, um d'elles jornalista sportivo, outro um excellente «yachtmen».

—«Olha lá, não faltes ao jantar do dia 1 de setembro. Faço mais um anno e não dispenso a tua companhia. Hei-de dar-te o prato de especialidade da terra e que tu tanto aprecias...»

—«Não pode ser, homem...»

—«Porque?»

—«E' que não te chega o dinheiro para comprar os coelhos...»

—«Não comprehendo...»

—«N'esse dia é a abertura da caça e os caçadores compram-nos muito caros e a todos, para «descançar» a espingarda...»

Os grandes records

A proeza sportiva d'um campeão portuguez de bilhar

Recebemos hoje uma interessante noticia fornecida pelo sr. Rodrigues Paulo e que agradecemos.

Refere-se a um amador portuguez, bilharista, que obteve uma «media» extraordinaria n'um «match», media superior á obtida pelo professor Cure ultimamente em Paris.

Essa informação é a seguinte:

«... a fineza de fazer conhecer, por intermedio da muito lida e bem dirigida secção da «Capital», a todos os nossos compatriotas, a magnifica proeza do nosso campeão sr. Cardoso, que n'um desafio realisado no Salão Vignaux com o tambem amador sr. Angelo Santos, ás 1000 carambolas, fez a «partida» em 1 hora e 39 minutos, apenas em 19 «tacadas», o que dá a media extraordinaria de 53,6, tendo o parceiro feito apenas 250.

Queira v. notar que Cardoso era a primeira vez que jogava n'aquelles bilhares, pois o seu salão habitual é o «Salão Portugal...»

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Campeonato de «water-polo»

No ultimo domingo realisou se mais um desafio de «water-polo», contado para a primeira «volta» do campeonato promovido pelo Club Naval de Lisboa.

A victoria coube ao «team» do Sport Lisboa e Bemfica por 10 «goals» a 1 sobre o «team» do Gymnasio Club Portuguez.

Atheneu Commercial de Lisboa

Reabre hoje a Escola Pratica Desportiva do Atheneu Commercial de Lisboa, que esteve paralisada por algum tempo, devido a varias circumstancias.

Todos os associados que desejarem inscreverem-se poderão fazel-o na secretaria das 21 ás 23 horas.

A praia da Trafaria

Teem chegado ultimamente muitas familias a esta praia, uma das mais concorridas dos arredores da capital.

O Club Balnear deve abrir as suas salas em breves dias, com uma brilhante festa á qual se seguirão todas as provas, certamens, espectaculos e bailes, do magnifico programma delineado.

O horario de carreiras ficou o seguinte: «Manhã»: Partida do Terreiro do Paço ás 7 horas da manhã; da Trafaria, ás 8 horas e 20 m.; do Terreiro do Paço, ás 9 horas e 20 m.; da Trafaria, ás 10 horas. «Tarde», Partida do Terreiro do Paço, ás 5 horas e meia da tarde; partida da Trafaria, ás 6 horas da tarde; Carreiras de banhos: Partida do Terreiro do Paço, ás 7 horas da manhã; da Trafaria, ás 8 e 20 e 10 horas. Aos domingos e dias feriados ha carreiras extraordinaria além das usuaes.

Theatros

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

Agenda da semana

A'MANHÃ—*EDEN*—Reprise da *Maré de Rosas*.

SEXTA FEIRA—*APOLLO*—*«1916»*—Novo episodio da fita do «Penetra».

As aventuras de D. Jorzina

Poucas fitas cinematographicas, se quizerem falar verdade, se poderão gabar de ter obtido um exito comparavel ao das «Aventuras de D. Jorzina», que todos os dias á noite se exhibem duas vezes no «cinéma» Penetra, funccionando no theatro Apollo, durante as representações da incontestavelmente immortal revista «1916».

Os dois primeiros episodios, «O estratagêma dos pózes de gomma» e «A mão de nabos envenenada com creosote» teem causado a admiração das mais altas intellectualidades portuguezas. A lucta que o sagaz detective Clarête tem sustentado em defeza da gentil D. Jorzina é dos mais impressionantes espectaculos a que nos é dado assistir no momento historico em que vivemos. Sabemos de fonte limpa que trez romancistas da escola de Conan Doyle e Decourcelle estão transformando o film no mais sensacional dos romances de aventuras. No entanto, tudo quanto se viu até agora nada é comparado com o que se poderá ver na sexta feira, em que o Penetra revelará o terceiro episodio intitulado «O mysterio do autoclismo côr de rosa». Ahi se desvenderá a applicação scientifica de certos ophideos amestrados ao mais complicado dos problemas da investigação criminal moderna.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Central, Chiado Terrase, Cinema Condes e Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Chantecler, Imperio e Poly.

Colyseu dos Recreios

Por medidas de caracter militar, á ultima hora decretadas pelo governo italiano, não puderam obter auctorisação para sahir de Italia dois dos artistas da companhia de opereta Carcciolo-Scognamiglio-Caramba. Devido a este facto o emprezario da Companhia telegraphou ao emprezario do Colyseu pedindo para adiar a estreia da Companhia até se remover essa difficuldade.

Soldado afogado ao banhar-se

CAXIAS, 1.—Hoje, pelas 7 horas, quando andava a tomar banho na praia do Lagoal, juntamente com outras praças, o soldado da companhia de telegraphistas de praça, n.º 1273, Cesar da Silva Garcia, em virtude de ter sido accommettido de congestão, afogou-se. Fazia serviço na estação telegraphica do governo do campo entrincheirado, era natural de Lisboa e contava 21 annos, sendo muito estimado pelos seus superiores.

Foram-lhe prestados pelos banheiros soccorros, mas o seu cadaver só mais tarde foi encontrado pelo 2.º sargento Martins e soldados 646, 725, 730 e 616 da companhia de torpedeiros, que prestaram relevantes serviços. O cadaver do desventurado foi transportado para o hospital militar de Belem, a fim de ser autopsiado, realisando-se amanhã o funeral, em que se encorporará todo o pessoal em serviço nas estações telegraphicas do campo entrincheirado. Era solteiro, deixando, porém, um filho de menor edade em companhia de uma mulher moradora em Alcantara com quem vivia. Foram-lhe encontrados nos bolsos algum dinheiro e outros objectos. Da triste occorrencia foi dado conhecimento ao inspector do serviço telegraphico militar, que muito sentiu a morte do infeliz soldado, que ha pouco tempo aqui fazia serviço.

TOURADAS

Setubal—Annuncia-se para domingo a inauguração das corridas nocturnas na praça Carlos Relvas, estando a illuminação já montada e devendo produzir effeito surprehendente. A empreza conseguiu para domingo, depois da corrida (1 hora da noite), um comboio de regresso para Lisboa e estações intermediarias.

Abrantes—No domingo, por occasião do mercado mensal, realisa-se aqui uma vaccada, com rezes do lavrador Durão, da Gollegã, tomando parte applaudidos amadores de Lisboa e Abrantes. Toureia a cavallo o amador lisbonense sr. Ricardo Teixeira. Antonio Preto vem aqui fazer o intervallo comico «As Cartolinhas».

Les Bellini

Estrearam-se hontem, no elegante theatro da explanada do Casino de S. José de Ribamar, em Algés, os notaveis duetistas comicos, Les Bellini, causando os seus primorosos trabalhos, um successo extraordinario, especialmente no theatro em miniatura.

Hoje, os laureados artistas farão novos trabalhos.

addidos ao exercito inglez. Dois estavam na Africa do Sul, só podendo juntar-se ao exercito em campanha mais tarde, um foi transferido para a armada e outro, doente, foi retirado do serviço activo. Os restantes onze, a que se juntou um collega seu retirado do serviço, acompanharam as forças expedicionarias britannicas.

A creação dos novos exercitos, o grande numero de catholicos irlandezes e outros que foram para as fileiras e, acima de tudo, as novas condições da terrivel guerra tornaram inevitavel absolutamente o augmento do serviço de sacerdotes catholicos romanos.

Em tempo de paz um padre podia bastar para attender ás necessidades religiosas de tropas concentradas em estações militares ou em aquartelamentos; em tempo de guerra, esse homens estavam dispersos, quer na metropole, quer nos campos de batalha, por largas areas.

Por esse motivo, foram contractados capellães militares catholicos romanos, que receberam o posto de capitães. Contractavam-se ou por tres annos, ou para emquanto durasse a guerra, fôsse qual fôsse o periodo em que ella terminasse.

Não podiam, porém, os que assim se contractavam deixar o serviço antes de doze mezes terem decorrido depois da sua sahida de Inglaterra.

A principio foi nomeado um por cada divisão, mas vendo-se que um só não bastava foi esse numero elevado a tres.

O cardeal Bourne, arcebispo de Westminster, delegado da Santa Sé, foi reconhecido pelo almirantado e pelo ministerio da guerra como a unica auctoridade superior ecclesiastica dos capellães militares e navaes catholico romanos e como tal com elle se entendem.

A unica excepção dá-se no caso das divisões formadas na Irlanda, porque, ahi, é o cardeal Logue, arcebispo de Armagh e primaz de toda a Irlanda, quem nomeia os capellães. Podemos accrescentar que os dois cardeaes se entenderam desde o principio da guerra e que nomeou oito capellães irlandezes para os regimentos puramente irlandezes.

Como todos os outros sacerdotes de que já fizemos menção os catholicos romanos teem-se comportado co a maior valentia, occupando um logar honroso. Antes de findar o segundo anno de guerra, dos que estava addidos ás forças imperiaes quatro haviam recebido a cruz militar de guerra, tendo um d'elles tambem o officialato da Legião de Honra, cinco a cruz militar e uns trinta haviam sido mencionados em ordem do dia, dois por tres vezes e dois por duas. Um capellão australiano tinha recebido a cruz militar e dois canadianos a mesma condecoração.

Entre as perdas mencionam-se a do padre John Gwynn, jesuita irlandez que fazia serviço nos Guardas Irlandezes que perdeu a vida em Loos, e o padre Guilherme Finn, que morreu heroicamente em Gallipoli.

Cinco capellães imperiaes e muitos australianos foram feridos, outros, um grande numero, adoeceram gravemente, principalmente dos que serviam no Mediterraneo na primeira parte da guerra. Um morreu em resultado de doença e o padre Mullan, que acompanhou a força expedicionaria india á Mesopotamia, depois de ter sido ferido e proposto para ser condecorado foi aprisionado em Kut.

As egrejas livres teem egualmente dado o seu contingente para a Grande Guerra, podendo computar-se em mais de 1.000 o numero de capellães que servem quer nos campos de batalha, quer na metropole, nos aquartelamentos e nos campos de concentração.

D'esse sacerdotes entre 600 a 700 pertencem á egreja methodista wesleyana. Mais uns 300 foram nomeados para o serviço especial de feridos e doentes.

Entre os diversos ramos das

Consulado General de España en Portugal

Para conocimiento de todos los subditos españoles sujetos á responsabilidad militar, se hace saber que S. M. el Rey *D. Alfonso XIII* (q. D. g.) se ha dignado por su Real Decreto de fecha 24 de Julio proximo pasado conceder indulto de las penas ó correctivos impuestos ó que puedan corresponderles:

—1.º—A los mozos declarados profugos por no haberse presentado personalmente al acto de la classificación sin hallarse comprendidos en alguno de los casos del articulo 100 de la ley, y los que debiendo presentar-se ante las Comisiones Mixtas para revisión, dejaron de hacerlo.

2.º—Los declarados prófugos de clasificación y concentración que no se hubiesen acogido á los beneficios de los anteriores Reales Decretos de Indulto.

3.º—A los desertores y á quanto se hallen sometidos á procedimiento como tales, incluso los comprendidos en el articulo 202 de la Ley.

4.º—A los inductores, auxiliares y encubridores del delito de deserción y á los complices de la fuga de mozos declarados *prófugos. Los desertores y profugos* acogidos á esta gracia se destinarán á Cuerpo ó seran incorporados a los que fueron destinados o deberan servir en activo todo el tiempo que estuvieron los demas individuos de su reemplazo *abonandose a los desertores* el servido con anterioridad á la deserción.

Los mozos non alistados que se acojan á este indulto, quedan eximidos de las penalidades del articulo 31 de la Ley de 21 de agosto de 1896 y 41 de lá vigente, siendo incluidos em el primer alistamiento com identicos derechos y obligaciones de los mozos inscriptos en el mismo.

Los desertores, profugos y mozos no alistados, acogidos a este indulto y que *non llegaron a ingresar en cuerpo*, podrán disfrutar los beneficios de la reducción del tiempo del servicio em filas, pudiendo los residentes en esta capital, satisfacer las cuotas mediante la presentación de lettras de cambio ó resguardos del Banco de España, á favor de los Jefes de la zona de reclutamiento, teniendo al mismo tiempo el derecho á elegir el Cuerpo en que desean servir los 5 ó 10 meses que les correspondan.

Los individuos en las condiciones de los comprendidos anterior, pero de *reemplazos anteriores a 1912*, al acogerse a esta gracia podran solicitar la redención á metalico por 1,500 pesetas.

Se exceptuan de los beneficios de este indulto, los que hayan cometido la deserción perteneciendo á los Cuerpos de guarniciones de Africa ó del Exercito en operaciones, ya abandonando las filas ó dejando de incorporarse á ellas despues de disfrutar la licencia temporal ó ilimitada.

Estableciendose el plazo de seis meses para los residentes en el extranjero, pueden todos cuantos se consideren comprendidos en el indulto, presentar sus solicitudes en este Consulado General, todos los dias laborables de las 12 á las 15

Lisboa, 1 de agosto de 1919.

El Consul General

Frederico Janer

Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade Anonyma—Estatutos de 30 de Novembro de 1894—Séde social: Estação do Rocio—Lisboa.

Editos de 30 dias

A contar da publicação do presente annuncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do fallecido chefe do serviço do trafego, reformado, Miguel Queriol que tambem usou o nome de Miguel Ferreira de Gouveia Pimentel Franco Queriol, á pensão por elle legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de maio de 1887, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Felicidade Amelia de Freitas Queriol que tambem usa o nome de Amelia de Freitas Queriol.

Findo este prazo será tomada deliberação, na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos effeitos.

Lisboa, 26 de julho de 1916.

O secretario geral da Companhia
José Candido Freire

egrejas chamadas não conformistas, e o ministerio da guerra fez-se um accordo para que todos elles tivessem representação no exercito, sendo nomeado um capellão para cada uma das tres brigadas que formam uma divisão, sendo elle o encarregado de todos os homens pertencentes ás egrejas livres.

A obra d'esses capellães, quer na fronte, quer em Inglaterra, tem sido tambem digna de todo o elogio.

Os methodistas calvinistas escocezes eram representados por um capellão seu na divisão escoceza, o qual foi reconhecido pelo ministerio da guerra.

Finalmente, falta-nos mencionar os judeus. Teem elles demonstrado o maior patriotismo. Teem sido animados pelo principal rabino e por outros dirigentes seus e milhares de judeus se teem incorporado nos exercitos.

O numero de capellães judeus, excluindo os que não estavam agindo sob as ordens militares, era de 25. O rev. S. Lipson era o encarregado da repartição da capellania judaica para todo o Reino Unido. O paiz estava dividido em areas, para as quaes foram nomeados capellães auxiliares.

D'elles se póde dizer o mesmo que de todos os outros sacerdotes: todos teem feito magnifica obra de patriotismo.

FIM DO XI VOLUME

INDICE DO XI VOLUME

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 2143—7.° Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.°

LISBOA—Quarta-feira, 2 de Agosto de 1916

Telephone n.° 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.° — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A frente da batalha ingleza

De Lens a Arras

Impressões do capitão de artilharia portugueza sr. Frederico Simas

Londres, 19 de julho.—Quando fomos com os ministros a Northolt ver a escola militar de aviação, no nosso automovel tomou logar, além do addido naval, do um outro cavalheiro e do sr. Santos Tavares, o capitão de artilharia sr. Frederico Simas que foi ministro da instrucção e que presentemente em Londres preside á commissão portugueza do *ravitaillement*.

Como durante o percurso o sr. Simas tivesse falado da sua visita á frente de batalha ingleza, logo formámos tenção de o ouvirmos para transmittirmos aos nossos leitores as suas curiosas e interessantes impressões.

Quantos me lêem conhecem por certo o sr. Frederico Simas, esplendido professor da Escola de Guerra, optimo conversador, sempre bem disposto e alegre. E' um homem baixo, dos seus quarenta e cinco annos, saudavel e agradabilissimo. Não direi aqui que elle tem uma calva muito grande, porque não sei se com isso elle se zangará.

Quando lhe falamos da entrevista, mostrou-nos um papel impresso em inglez, onde estavam estabelecidos todos os compromissos tomados para com o governo inglez por quantos visitam as linhas de batalha.

Lá figura o não dizer nada a jornalistas sem conhecimento da censura militar e foi n'estas condições que o sr. Simas muito amavelmente se resolveu a dar-nos a entrevista.

Bem nos importa a nós a censura militar! Tanto empenho como ella temos em não falar de mais.

Mas vamos á entrevista.

Ficou combinado que nos avistariamos no "Windsor Hotel" ahi a dois dias pelas 9 horas da manhã. Lá fomos no dia combinado, um pouco mais tarde é facto, porque tendo nós ido voar a Northolt, o nosso automovel não veiu com a velocidade que desejavamos.

Almoçámos, e depois na companhia do capitão Lucas, que tambem faz parte da commissão do *ravitaillement*, fomos lá para cima, para um gabinete onde podiamos falar mais á vontade.

Então o capitão Simas abriu na nossa frente um mappa muito curioso, dizendo:

—Aqui tem onde eu andei com um general russo muito pequenino e um official inglez muito grande que o governo pôz á nossa disposição para nos acompanhar. Este é o sector de Lens a Arras, onde então estava parte do segundo e o terceiro exercito. Para cima até á costa ficam inglezes e belgas, para baixo até ligar nos francezes o quarto exercito inglez a respeito do qual nos guardaram sempre o maior sigilo e que pelas ultimas noticias, como sabe, acaba de conseguir sobre os allemães uma colossal e admiravel victoria.

Olhámos para o mappa. Realmente é muito interessante. Tudo ali está indicado, absolutamente tudo, e o que mais prende a nossa attenção é uma rêde miuda, de tracinhos vermelhos como se ao microscopio estivessemos vendo uma teia de vasos sanguineos capilares.

—São as trincheiras allemãs,—diz-nos o sr. Simas.—As photographias tiradas pelos aviadores e depois ampliadas permittem estabelecer com a maxima precisão todos os trabalhos do inimigo.

«Como vê, ha alguns traços aqui que não teem continuação; calcula-se que sejam canaes ou sulcos abertos na terra para escoamento das aguas. Aqui está Souchez, de tão triste memoria, pelo sangrento combate ali travado. Estivemos lá e em Arras, onde nos surprehendeu o facto de não estar tudo destruido apezar dos violentos bombardeamentos que tem soffrido. A linha azul é a trincheira ingleza e em alguns pontos, como vê, está apenas a umas dozenas de metros do inimigo.

«Quem vier a estes campos de batalha, na disposição de assistir a combates espectaculosos, e a luctas emocionantes de agrupamentos aguerridos, fica desapontado porque não vê nada. Subindo a uma elevação de onde se possa dominar um horizonte um pouco mais vasto vê-se apenas o campo silencioso e tranquillo.

«Ouve-se ao longe o troar da artilheria inimiga, mas ninguem sabe de onde vem o som nem onde ella está. A meio da conversa com os officiaes que nos acompanham, somos sacudidos por detonações violentas e proximas.

«E' a artilheria alliada que responde aos allemães, mas tambem o não vêmos. Aqui tudo está escondido; soldados material de guerra, animaes, tudo, mas muito bem occulto.

«E comprehende-se; bateria descoberta é bateria anniquilada; ao mais pequeno movimento corresponde uma fuzilaria terrivel sobre esse ponto. Quem erguer um capacete acima das trincheiras retira-o crivado de balas.

«A animar um pouco esta monotonia do campo vêem-se apenas uns pequenos rôlos de fumo que descrevem curvas de um para o outro lado. São as granadas de mão e as dos morteiros e obuzes de trincheira com que allemães e inglezes constantemente se brindam de trincheira para trincheira. Mas não se vê ninguem.

«Um official que está perto de nós diz-nos: Além é a trincheira inimiga. De facto, lá se descobre, n'uma linha sinuosa, o arame farpado das defezas, mas não se vê ninguem. Um outro official diz-nos: Não se admire de não vêr ninguem, eu estou aqui ha trez mezes e ainda não vi um unico allemão. Nem elles nos vêem a nós.

«Realmente percorri com a vista todo o campo em volta e não vi viv'alma. Só lá ao fundo, e não muito distante das nossas linhas, umas mulheres faziam tranquillamente os trabalhos de campo.

—Os trabalhos de campo? Pois ha quem se occupe d'isso ali, a umas centenas de metros apenas trincheiras?

«—E com toda a tranquillidade; ha até muitos militares que nas horas de repouso, para se distrahirem, as vão ajudar. Faz-se todo o trabalho agricola, e no meio de todo o horror da guerra aquelles campos apresentam-se vezes um aspecto admiravel de abundancia, de trabalho e de bem estar.

«Lá para os lados de Arras vi um bosque muito verdejante e aprazivel, mas já a linha de choupos que marginava o canal não era mais do que uma longa fila de hastes seccas que a artilharia tinha esfarrapado.

«Em muitos pontos ha grandes extensões de terreno revolvido e inculto; são os logares onde a artilharia foi mais persistente ou onde as minas, explodindo, abriram covas enormissimas, recordando crateras de vulcões extinctos.

«Quanto a população civil, não ha nada, tudo fugiu levando comsigo apenas o preciso. Os logarejos e as aldeias estão completamente abandonados e quasi todos não são mais do que um informe montão de ruinas. Custa a passar, porque os largos e as ruas desapparecem revolvidos pela metralha, ou porque os predios ao ruirem os obstruiram por completo.

«Em Arras está quasi tudo de pé; só a velha egreja cahiu, atravancando a rua. Tudo deserto. Só encontramos lá uma velhota em cuja casa se lê este annuncio: *Trata-se da roupa dos soldados—Commodidade e asseio.*

«Perguntamos á velha porque está alli só, no meio da guerra e n'uma povoação abandonada. Nasceu em Arras, nunca de lá sahiu e não sahirá agora, conhecendo muito bem o grande perigo em que está. Já tem tido lá em casa alguns soldados mortos, na propria rua tem havido combates, mas ella não deixará nunca, por coisa alguma, a sua terra e a sua casa. E lá vae vivendo no meio da povoação morta, cujo silencio apenas o troar da artilharia vae quebrando de tempo a tempo.

«A primeira linha é muito monotona. Tudo escondido, tudo attento. Os homens de sentinella espreitam por uns buracos muito pequenos ou pelos periscopios, mas com precaução, porque quando são vistos o inimigo rompe para lá immediatamente um fogo nutrido e intermittente. Os outros soldados arremessam bombas ou estão deitados. As trincheiras hoje estão feitas com as maximas condições de hygiene.

«Na segunda linha já ha mais movimento, pois, apezar de se estar dentro da acção do fogo inimigo, o perigo não é tão grande.

«Cá para traz e já a uma distancia grande, onde o silencio é completo e o perigo quasi nullo, ficam os campos de repouso. Ahi passam uma semana de relativa tranquilidade as tropas vindas da primeira linha. O movimento das tropas é feito em rotações de trez periodos semanaes.

«A permanencia na primeira linha é de uma semana, finda a qual os soldados veem descançar, outra nos campos de repouso. Depois vão uma semana para a segunda linha e só depois voltam de novo á primeira. Como vê, as tropas teem sempre duas semanas de tranquillidade por uma de perigo imminente.

«E' isto que os allemães já não podem fazer, porque ao que consta já não teem reservas. Nas trincheiras allemãs os soldados extenuados pela violencia e constancia dos ataques são substituidos por soldados tambem de primeira linha, mas tirados dos pontos onde a calma é maior e é para estes locaes que vão ter um hypothetico descanço os soldados já completamente exhaustos.

«Eu vim das trincheiras com o convencimento absoluto da victoria dos alliados e maravilhado com a disciplina e a ordem de todos os serviços.

—E então os soldados novos, os que vão aqui de Londres pela primeira vez para a guerra?

—As tropas idas pela primeira vez para os campos de batalha são enviadas para as segundas linhas onde a sua instrucção de guerra é aperfeiçoada e onde se familiarisam com a vida das trincheiras. Porém os sargentos e officiaes vão logo para as primeiras linhas, onde os outros officiaes e os proprios soldados, que já teem muitos mezes de campanha, os ensinam e industriam em todos os pormenores. Finda a semana, aquellas tropas retiram para os campos de repouso e veem então as da segunda linha, os novos, que ao chegarem ás trincheiras avançadas se encontram com os seus sargentos e officiaes. Esta organização tem dado resultados surprehendentes.

«Os campos de repouso são interessantissimos sob todos os aspectos. Reina ali uma paz e uma tranquillidade completa, como se a guerra fosse a muitas e muitas leguas de distancia.

«Ha todos os exercicios e escolas de instrucção militar como se estivessem n'um regimento ou n'um campo de manobras.

«A escola que visitei e onde os melhores soldados se habilitam para sargentos e estes para officiaes estava installada n'um theatro. O professor no palco e os alumnos na plateia. Todos os officiaes recebem instrucção em Inglaterra nas escolas proprias. A lição é escripta a papel chimico e distribuida aos alumnos. Quando a frequencia é grande o curso divide-se em turmas para que o aproveitamento seja completo. E tudo segue na maxima tranquillidade e ordem.

«Tambem é muito curiosa a vida despreoccupada e alegre dos soldados. Todos procuram divertir-se, e assim são frequentes as representações theatraes, os jogos sportivos e a musica. Bailam, tocam e representam no meio da maior alegria e os applausos mais enthusiasticos são sempre o premio do trabalho dos improvisados artistas.

«O soldado inglez em toda a parte observa sempre os mais escrupulosos preceitos hygienicos. Nas proprias linhas avançadas vi sempre os soldados escanhoados e limpos.

«E' esta extraordinaria tranquillidade e a organização methodica e perfeita de tudo que faz do exercito que eu vi uma força colossal e invencivel.

«Depois a disciplina, longe de ser baseada no medo, como entre os allemães, antes é uma disciplina voluntaria, baseada na vontade disciplinadora e nas provas de bravura constantemente dadas pelos officiaes. Todos reconhecem o perigo commum e a necessidade de obedecer áquelles que em todos os momentos demonstram competencia e valor e a disciplina pratica-se gostosamente.

* * *

Uma pequena pausa. E o sr. Simas continua:

—Os serviços medicos são um dos pontos mais curiosos a observar para quem visita as trincheiras. Onde eu estive a organisação é modelar. O ferido retirado do campo é sujeito a um rigoroso exame e á mais escrupulosa prophylaxia. Se o seu estado é muito melindroso vem para os hospitaes da retaguarda, caso contrario segue immediatamente para Londres.

«Qualquer soldado ferido pela manhã em qualquer ponto da linha ingleza na tarde d'esse mesmo dia está em Londres.

«Veja como tudo está esplendidamente organisado e como o soldado tem a certeza absoluta de recolher a um esplendido hospital, na sua terra, visitado pela familia e longe, muito longe dos campos da batalha.

«O transporte até Boulogne e outros pontos é feito em camions automoveis onde estão installados os serviços de radioscopio e de analyses bacteriologicas. São tão perfeitas estas installações, como nos melhores hospitaes.

«No quartel general do commando em chefe vi tambem installado n'um automovel um socegado gabinete de trabalho onde dois officiaes estudam as polvoras, os residuos, os fragmentos de granadas, os projecteis e o armamento apprehendido ao inimigo, para d'esse estudo tirarem proveitosos ensinamentos, se alguns ha a tirar.

«E tudo isto se faz na maxima tranquillidade, condição indispensavel a uma victoria segura.

N'esta altura interrompemos a interessante exposição do nosso entrevistado para o ouvirmos sobre a alimentação e os transportes, dois pontos de que ainda não tinha falado e que muito nos interessava.

—A alimentação é abundantissima e esplendida.

—Mas ha quem diga que só comem conservas.

—Não. As cozinhas volantes permitem fornecer comida a todos. Na segunda linha e campos de repouso come-se sempre refeições cozinhadas. Nas primeiras linhas é que ás vezes se tem de comer conservas, mas ahi mesmo os soldados teem quasi sempre alimentos quentes. O pão é muito bom e todos os generos dos melhores.

Quanto aos transportes tanto de alimentos, munições ou material é curioso verificar as étapes:

«De Boulogne, que se pode considerar o porto fornecedor de tudo e ainda de outro porto até a um certo ponto os transportes são feitos em comboios, depois em camions automoveis que vão até ás proximidades dos campos de batalha, depois são os trens regimentaes que transportam tudo, mas não para as primeiras linhas. Para estas o transporte é feito pelos soldados, aos hombros ou por outros processos. Todo este movimento de comboios e camions é colossal e vae augmentando para o lado do mar.

«Pelas estradas, o movimento de vehiculos é constante e as filas de camions parecem não ter fim.

«São ás centenas e aos milhares os automoveis por toda a parte e, como os automoveis, os comboios rolando vertiginosamente pelas linhas fóra.

«Nos pontos onde generos, munições e material de guerra mudam dos comboios para os camions e d'estes para os trens regimentaes ha depositos immensos organisados com o maior criterio.

«Posso-lhe garantir que vim maravilhado com a disciplina, methodo e tranquillidade com que tudo é feito.

—Acha então bem organisado o exercito inglez?

—Considero-o modelar e pasmo ao pensar na intelligencia e energia dispendidas, para dentro do limitadissimo espaço de dois annos fazer surgir um tão colossal e admiravel exercito.

—Viu o general commandante dos exercitos inglezes?

—Vi e falei-lhe. Mas, onde me demorei mais, foi n'um quartel general de corpo do exercito estabelecido proximo das linhas de fogo. O outro que visitei estava installado n'um magnifico palacete, cujo aluguer o governo inglez paga. Fica já um pouco mais retirado e fóra da acção do inimigo e ao frizar este facto ao general, elle disse-me: —Sim, estamos aqui muito bem e a não ser uma ou outra bomba com que os aviadores allemães nos presenteiam o mais tudo corre serenamente. Emfim, a segurança é completa.

«Aqui tem o que lhe posso contar e mais uma vez lhe repito que ao vêr esta admiravel organisação fiquei convencido de que ninguem pode ter duvidas sobre a sorte das armas. Pobres allemães! Vae soando para elles a hora inevitavel da derrota.

EDMUNDO PORTO.

DOIS ANNOS DE GUERRA

Completam-se hoje dois annos de guerra. Foi a 2 de agosto de 1914 que a Allemanha invadiu o grão-ducado do Luxemburgo, Estado neutro, o que não passou d'um prefacio á invasão da Belgica. Simplesmente, o Luxemburgo tacitamente consentiu n'essa violação da sua neutralidade, e a Belgica reagiu contra ella pelas armas, pondo desde logo em perigo o plano da acção fulminante de que a Allemanha esperava o seu inevitavel triumpho. Em todo o caso, a conflagração europeia estava desencadeiada e quem a desencadeára era a Allemanha.

Passaram-se dois annos sobre o inicio d'esta guerra formidavel, e observando a marcha dos acontecimentos os alliados e os seus amigos podem hoje encarar o futuro não só com a esperança, mas com a confiança absoluta na victoria.

Desde 2 de agosto de 1914 até ha bem pouco tempo, a Allemanha dirigiu a guerra. Sempre ella teve a iniciativa da offensiva. Essa situação modificou-se ainda antes de se completarem os dois annos de guerra. Hoje é ella que se vê acossada por todos os lados, e o seu orgulho já não o póde dissimular.

E' que n'estes dois annos de guerra, emquanto as nações alliadas se limitavam quasi sempre á defensiva, ou recuavam mesmo as suas posições, os paizes alliados trabalhavam n'uma preparação assombrosa. A Allemanha alcançára exitos, mercê da preparação que effectuára em mais de quarenta annos. Essa circumstancia dava-lhe uma superioridade que não podia deixar de ser transitoria sobre os seus adversarios. Mas como esses adversarios dispunham e dispõem de mais homens, de mais dinheiro, de mais recursos de toda a especie, é evidente que bastava que os alliados se não deixassem vencer durante o tempo que a sua preparação necessitava, para que essa derrota se tornasse impossivel.

Disse-se, no principio da guerra, que os alliados tinham esta formula: «Dois annos para nos prepararmos; um anno para vencer.» A preparação já se fez; fez-se mesmo antes do praso estabelecido, o que quer dizer que o praso da victoria já começou a correr.

O dia 2 de agosto de 1916 veiu encontrar o mundo que se apaixonára pela causa da liberdade cheio de enthusiasmo, e vem encontrar os alliados cheios de fé. Os imperios centraes são atacados em toda a parte. Recuam austriacos, allemães, bulgaros e turcos perante russos, italianos, inglezes, francezes, belgas e servios. O Japão já não vê um inimigo na sua frente. Os allemães perderam todas as suas colonias, á excepção d'uma, onde são rijamente investidos pelas tropas sul-africanas e pelas tropas portuguezas. Foram derrotados no mar. Já não dão um passo em Verdun, fraquejam no Somme, recuam deante da offensiva russa experimentando perdas consideraveis.

Pela nossa parte, estes dois annos de guerra teem uma significação importantissima. Cinco dias depois d'aquelle em que os allemães invadiram o Luxemburgo, o parlamento portuguez reune para ouvir da bocca do chefe do governo de então, o sr. Bernardino Machado, hoje presidente da Republica, a declaração solemne de que, em caso algum, faltariamos aos deveres da alliança com a Inglaterra, por nós livremente contrahida. O parlamento sanccionou esta declaração; o povo applaudiu-a com transporte. Era a participação eventual na guerra. Porventura dentro de breves dias, talvez mesmo no dia 7 d'este mez, em que se faz dois annos que essa declaração se produziu, o parlamento portuguez reunirá de novo, para lhe ser annunciada a effectivação d'esse compromisso, ou seja a participação militar na guerra europeia, ao lado da Inglaterra, uma velha e lealissima alliada.

Vae-se dar o supremo esforço contra a Allemanha. Portugal lá estará, com a sua espada bem erguida, e a sua bandeira bem desfraldada nos ares!

TERRAS DE PORTUGAL

"A corrida dos maltezes"

D'antes, as herdades eram valhacoutos de vagabundos e criminosos, que a Guarda Republicana expulsou do Alemtejo

VIMIEIRO, 30.—O *maltez* foi durante muitos annos o terror do Alemtejo. As herdades immensas, com os seus *montes*, com os seus sobreiraes, com os seus montados, eram os seus refugios e os seus valhacoutos, onde nenhuma especie de auctoridade ia procural-o. E quem era o *maltez*? Não é facil definil-o. Era o homem que não trabalhava, que roubava, que pilhava e que, ainda por cima, forçava o lavrador a sustental-o, dando-lhe poisada e dando-lhe comida. O *maltez* vinha de toda a parte—do Algarve e fingia-se corticeiro, das Beiras e dizia-se pastor, da Extremadura, e fazia-se passar por agricultor, por cavador, por trabalhador do campo. A verdade, porém, é que não fazia, vivendo quasi exclusivamente da vagabundagem.

O *maltez* nunca apparecia só. Formava grupos numerosos e constituia tribus temiveis. De grandes melenas, manta ás costas e grosso cajado d'azinho ou de zambujeiro nas mãos denegridas, curtidas pelo sol, o *maltez* andava de herdade em herdade, como n'outras provincias os mendigos profissionaes andam de porta em porta, rezando e lamuriando, á cata da esmola que ha de encher-lhe os alforges remendados. Chamava-se a essa vagabundagem *a corrida dos maltezes*. Porque? E' que o bando dos vagabundos, errante atravez d'esta immensa provincia, não vagabundeava ás cegas. Tinha sempre o seu itenerario marcado, no qual figuravam determinadas herdades, ligadas umas ás outras, cujos donos tinham *casa de malta* e davam comida e lenha seca nas noites de inverno.

O bando percorria-as todas com methodo. Começava n'um ponto, continuava por ahi fóra, e dois ou tres mezes depois voltava ao ponto de partida. A *corrida*, então continuava, dando-se o caso estranho da mesma herdade ser visitada tres e quatro vezes por anno, pelo mesmo rancho de *maltezes*, que não passavam de perigosissimos vadios capazes de todas as violencias e de todos os crimes. O proprietario temia esses visitantes pouco sympaticos, e em geral dava-lhes tudo o que elles queriam.

As *casas de malta*, especie de albergues soturnos em que os *maltezes* passavam a noite, estavam sempre bem fornecidas de boa lenha. O parasita era por toda a parte temido e odiado. Todos o abborreciam mas ninguem o repellia. E' que, no dizer do *maltez*, «os proprietarios tinham searas, ao luar», bastando um phosphoro para as reduzir ás cinzas. E o bandido era capaz de as incendiar. O lavrador sabia isso e transigia, ainda que contrafeito. A *corrida dos maltezes* fez-se assim durante largos annos.

Um dia, porém, as coisas mudaram. A Guarda Republicana começou a ser installada pelo Alemtejo. O districto d'Evora, salvo erro, foi o primeiro a receber esse melhoramento. O *maltez* principiou a ser acossado, a ser preso por toda a parte, a ser mettido nas enxovias, onde apodrecia á espera que o governo lhe désse o destino que dá aos vadios. E elle que era, em geral, assassino foragido, refractario do exercito, réu de toda a especie de crime, mudou de poiso e foi infestar as regiões onde os tentaculos saneadores da Guarda não tivessem chegado ainda. Foi assim que um dia, inesperadamente, aquella região formosissima que fica entre Palmella, Azeitão e o Barreiro, appareceu inçada de *maltezes*, que por lá commetteram toda a casta de depredação e que só desappareceram quando a Guarda os perseguiu sem quartel.

N'uma *casa de malta* dos arredores d'Evora foi uma vez preso um bando numerosissimo de vagabundos. As auctoridades metteram-nos na cadeia, pozeram-nos á disposição do governo e ficaram esperando que lhes fosse dado o conveniente destino. Os mezes rodaram uns sobre outros, não apparecia ordem que determinasse qual o fim que os presos deviam ter. Por ultimo, o Estado acordou. Trazia obras n'uma estrada. Pois bem: os vadios a seu cargo que fossem para lá trabalhar. E foram, effectivamente. Mas poucas horas depois do trabalho principiar tinham desapparecido todos. Nem um ficára para amostra. A Guarda é implacavel. Não perdôa ao *maltez*. Onde o encontra prende-o, tral-o comsigo, mette-o na cadeia. E é assim que a *corrida dos maltezes* passou da muito á historia em todo o Alemtejo, vivendo apenas na recordação d'aquelles que, á força, tiveram de a alimentar durante annos e annos seguidos.

Entretanto, o *maltez* não desappareceu ainda de todo. O que fez foi modificar o seu processo de vagabundagem. D'antes, não trazia comsigo senão a sua manta, a sua cobilha e o seu cajado. Era o typo puro do vagabundo, que não passa dois dias no mesmo sitio e que quanto muito pode trouxer em cima melhor. Hoje não. O *maltez* fez-se negociante de bugigangas e de quinquilharias, correndo a provincia toda com os seus tabuleiros e as suas carrinholas, d'onde tilintam guisos e os anneis de corolina põem rubras nodoas de sangue. Ainda ha dias, quando recolhia a Monte Branco, vi á beira da estrada, acampada na herdade, sob o docel fechado das azinheiras, uma caravana de *maltezes*. Lá estavam os taboleiros, as carrinholas de toldo semicircular, e os vagabundos estendidos sobre o restolho, dormindo a somno solto. Será o *maltez* d'hoje menos perigoso que o d'outros tempos? Os lavradores dizem que não.

Livres da Guarda, por se mascararem atraz d'um modo de vida que parece honesto, os *maltezes* continuam a roubar tudo o que póde servir-lhes, desde os fructos aos gados, com uma semcerimonia illimitada. São tão temidos como os seus antepassados, salteadores de profissão, que tanto incendiavam uma seara como tiravam a vida, na curva sombria d'uma estrada, ao primeiro viajante que encontrassem ao caminho. O *maltez*, comtudo, incluindo o *malta* negociante, tende a desapparecer. E' que, com a vinda da Guarda, já ninguem o acolhe e toda a gente lhe atira como a cão damnado. A provincia está prestes a ver-se livre do parasita que a corroeu durante annos e annos e que, sendo um perigosissimo elemento de perturbação e de desasocego, por ella deixou impressa a sua garra de devastação e de crime. Contei esta historia e tracei este perfil do *maltez* para pôr bem em foco os serviços que a guarda Republicana está prestando nas terras que obliram sob a sua vigilancia. Elles são valiosissimos e maiores serão quando em cada ponto houver as praças necessarias para o guarnecer. O *maltez* vadio, vagabundo, salteador e criminoso relapso, que mudava de nome como mudava de terra, deixou de existir e foi a guarda que acabou com elle. Basta isso para que o Alemtejo todo bemdiga essa corporação, cujo brio e cujo amor pelo serviço não podem ser excedidos.

ADELINO MENDES.

O presidente de S. Domingos

SAINTO DOMINGO, 2.—O presidente Henrique Carvajal prestou juramento.—(Havas).

A NOVIDADE LITTERARIA

"SONETOS"

De Julio Dantas, com illustrações de Alberto Sousa

A livraria J. Rodrigues & C.ª, da rua do Ouro, acaba de lançar no mercado um volume de *Sonetos* de Julio Dantas. A primorosa edição, das mais bellas e originaes que nos ultimos annos teem sahido de officinas portuguezas, é em tudo digna do poeta eminente que na litteratura contemporanea conquistou de ha muito um previlegiado logar.

São vinte os formosissimos sonetos de Julio Dantas agora reunidos em volume e que andavam quasi todos, se não todos, dispersos por paginas de revistas e jornaes, o que não quer dizer que estivessem esquecidos, porque a cada passo os reproduzia a imprensa e não faltava quem os colleccionasse com empenho. Alguns appareceram pela primeira vez nas columnas d'*A Capital* e poderiamos dar testemunho do extraordinario interesse com que, muito tempo volvido depois da sua publicação, ainda eram procurados os numeros em que tinham vindo a lume.

As successivas reproducções, porém, feitas sem a intervenção do auctor, do mesmo passo que affirmavam o valor das pequenas, maravilhosas obras primas que são os sonetos, originavam a deturpação involuntaria dos versos de Julio Dantas, que fulguram entre tantos outros que devemos ao magnifico e requintado artista d'*A ceia dos cardeaes*. A iniciativa da Livraria Rodrigues teve por isso uma dupla vantagem: a de se recolherem essas joias soltas e a de nos serem, por assim dizer, restituidos em toda a sua pureza os sonetos que as reproducções impressas e manuscriptas, como a tradição oral, viviam manchando de alterações de fórma.

Mas a edição das lindas e encantadoras miniaturas em que esplendem, a par do talento evocativo e pictural do grande poeta, todas as cambiantes do sentimento e da graça, tem a valorisal-a a interpretação de outro artista, de raro merito que se chama Alberto Sousa. Com effeito, o trabalho do moço aguarelista avulta entre os que mais justamente fizeram a solida reputação do seu lapis e da sua paleta. O episodio de cada soneto forneceu assumpto a Alberto Sousa para patentear todos os recursos da sua arte e que não faltam á erudição que requerem alguns d'esses quadros, a leveza de traço que outros exigem, a sciencia de composição que brilha em cada um, n'uma palavra, as complexas qualidades reclamadas pela tarefa a que consagrou evidente carinho e de que só sahiu por maneira a poder assegurar-se que esteve á altura do nome e da obra de Julio Dantas. Além das aguarellas, Alberto Sousa enriqueceu a edição com uma suggestiva capa e cada soneto com uma portada não menos deliciosa no seu apropositto, na sua evocação e no seu desenho.

Collar de perolas de incalculavel preço, os vinte sonetos intitulam-se: *O Minuete, A Gavota, A Pavana, A Luva, Demosthenes, Azulejos, O Fauno, A Carta, A Liga da Duqueza Feia, A Espada, As duas moscas, O Incendio, Ao canto do jardim, O Missal, Os cravos vermelhos, Quand on ne s'aime plus* e *Lady Godiva* (trez sonetos).

O novo volume de Julio Dantas exgotar-se-ha dentro em breve, como acontece a todas as obras com que o insigne academico vem opulentando as lettras nacionaes.

No Estado de S. Paulo

SÃO PAULO, 2.—O dr. Cardoso de Almeida, secretario da fazenda, pediu, com urgencia, aos drs. Eloy Chaves, Oscar Rodrigues Alves e Candido Motta, secretarios da justiça, do interior e da agricultura, os seus relatorios para determinar definitivamente, o orçamento do estado de S. Paulo para 1917.—(Havas).

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Uma declaração do professor da Sala d'Esgrima e Sport

Lisboa, 31 de julho de 1916—Sr. dr. José Pontes—E' favor a publicidade d'esta carta na sua secção d'«A Capital», que desde já muito agradeço.

Felizmente que foi notada ser esta a unica sala d'armas de Lisboa (onde sou o director technico) que não enviou os seus representantes para a prova de «juniors», e a tal respeito correm duas versões, qual d'ellas a mais desagradavel.

Uns dizem que não inscrevi a sala porque já estava combinado com a «Sala Carlos Gonçalves» para desmancharmos a organisação do torneio; e outros, por medo, porque depois do triumpho «casual» na «Taça Gaudin» nada mais a sala fez de geito, por exemplo os torneios da Amadora.

Carlos Gonçalves e os seus discipulos felizmente estão vivos para declararem se em qualquer tempo fiz combinações no sentido apontado. C. Gonçalves na entrevista dada n'«A Capital» justificava a razão de concorrer á «Semana d'Armas»; e eu podia dizer que o C. N. de Esgrima limitou-se a enviar um officio para esta sala, participando que em 23 do corrente se iniciava a «Semana d'Armas Portugueza» e convidando-nos a participar. Regulamento e condições de inscripção não enviou, como fizeram outras colectividades organisadoras de torneios recentes. Mas abstraindo esta falta, o que motivou a não representação d'esta sala nos «Juniors» foi por os atiradores da sala estarem uns no serviço militar (Mafra e Tancos), outros de luto e outros occupados com os seus deveres urgentes na industria, commercio e professorado.

E' facto que os dois representantes da sala foram infelizes no torneio da Amadora, mas isto só prova o espirito sportivo que ha n'esta sala d'armas; e demais é sabido de todos que sou talvez o profissional que mais desinteressadamente tem trabalhado a favor da propaganda da esgrima. Quem procede assim não tem medo.

Sobre o incidente da Sala Gonçalves nada tive que ver com isso e parece-me que não succederia se em tempos se realisasse a reunião dos delegados de todas as salas d'armas do paiz, para se fazer a classificação dos atiradores amadores e por signal que alvitrei 4 cathegorias: 1.ª (principiantes), 2.ª (Juniors), 3.ª (Seniors) e 4.ª (Internacionaes). Ainda propunha a cathegoria dos veteranos para os que tivessem mais de 45 annos d'edade. Ao menos que se trabalhe para a fundação da Federação Portugueza da Esgrima, que bem precisa é. Esta é opinião do seu etc.—A. de Sousa Magalhães, professor de esgrima.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Os torneios de «tennis» em Carcavellos

Começou no domingo, nos «courts» dos Recreios de Carcavellos, o torneio de «juniors», para que se tinham inscripto 43 amadores e 11 senhoras. Disputaram-se 23 encontros, e pela semana adeante tem continuado e continuará o torneio, que está animadissimo.

—Na séde dos Recreios, e em Lisboa no Salão Sport, está aberta até ao dia 10 a inscripção de concorrentes para o grande torneio da Taça Recreios de Carcavellos.

São as seguintes as condições geraes d'este torneio:

1.ª Os Recreios de Carcavellos organisarão nos seus «courts» um campeonato de «lawn-tennis», «men's singles», regulado segundo as leis do Lawn-Tennis Association.

2.ª A este campeonato podem concorrer todos os jogadores de todos os clubs.

3.ª O campeonato será feito por eliminatorias e os encontros jogados no melhor de tres partidas, com todas as vantagens, excepto á «final», que será jogada no melhor de cinco partidas, tambem com todas as vantagens.

4.ª Os premios a disputar serão dois, sendo o primeiro uma taça de prata denominada «Taça Recreios de Carcavellos», que será definitivamente dada ao jogador que a tiver ganho em tres annos consecutivos ou intervallados.

a) Ao vencedor do campeonato será ainda concedido um premio.

5.ª O campeonato será jogado no terceiro domingo de agosto de cada anno, e continuando no domingo seguinte se fôr necessario.

6.ª A inscripção abre no dia 1 de agosto e fecha a 10 do mesmo mez.

7.ª A taxa de inscripção é de $50 por jogador e paga no acto da inscripção, recebendo o inscripto em troca um bilhete de identidade que o acreditará como concorrente.

8.ª As inscripções serão acceites directamente na séde dos Recreios de Carcavellos ou no Salão Sport, rua Aurea, Lisboa, podendo os concorrentes, querendo, indicar o club a que pertencem.

9.ª Os concorrentes devem sujeitar-se a todas as indicações da commissão organisadora, as quaes serão publicadas com caracter official no «Diario de Noticias» de Lisboa.

A questão das subsistencias

Foi distribuido profusamente o seguinte convite dirigido á classe dos industriaes, lojistas e fabricantes de calçado:

Tendo os materiaes para a industria do calçado, mórmente a sola e todo o cabedal de fabrico nacional, attingido uma alta de preço tão elevada, que torna desesperada a laboração da industria, especialmente para a manufactura de calçado para as classes menos abastadas, são convidados os industriaes, lojistas e fabricantes de calçado a reunirem em sessão publica, para reclamarem do governo o cumprimento do paragrapho 2.º da base 4.ª da lei decretada referente aos preços das materias primas para as industrias, ou a tomarem quaesquer outras resoluções tendentes a attenuarem a crise economica e difficil da industria do calçado no actual momento.

A reunião effectua-se na séde da Associação Industrial dos Lojistas e Fabricantes de Calçado, rua do Arco do Bandeira, 173, 2.º, amanhã, ás 22 horas.

A GRANDE GUERRA

A ultima façanha allemã

Raptos, em massa, de rapazes e raparigas nas regiões occupadas

Os protestos do governo francez, do "maire" e do bispo de Lille—O atropello de todas as leis internacionaes

O ultimo grande crime allemão, dos maiores commettidos nos dois annos de guerra que terminam agora, constitue mais uma prova do absoluto desprezo a que os governos dos imperios centraes votam convenções e tratados. Decorridos trez mezes depois que se perpetrou a infamia, é que a narração confrangedora dos factos e os protestos a que elles deram logar surgem na imprensa. Dir-se-hia que occorreram em longinquas terras com as quaes os meios de communicação mal existem, — tamanho cuidado tiveram os allemães em impedir que se divulgassem pormenores do barbaro e repugnante attentado que hoje enche de horror o mundo...

Foi em fins de abril, em plena Semana Santa, como se d'esta sorte pretendessem commemorar a paixão de Christo, que, por ordem das auctoridades militares allemãs, cêrca de vinte e cinco mil francezes, raparigas entre os dezeseis e os vinte annos, e homens até aos cincoenta e cinco, foram arrancados, brutalmente, ás suas familias e aos seus lares e, depois de reunidos como escravos em campos de concentração, levados para longo, a fim, segundo se disse, de se occuparem nos trabalhos agricolas.

Assim se coroaram as violencias que se vinham praticando desde o principio de abril, em que os raptos de rapazes e raparigas se succederam, aterrorisando os habitantes, quer em Lille quer n'outras povoações do departamento do Norte. A ordem de evacuação firmada pelo commandante de étapes — Etappen-Kommandantur — determinava que, dentro de hora e meia, na manhã de sabbado de alleluia, todos os habitantes de diversas casas, em Lille, Tourcoing e Roubaix, á excepção das creanças de menos de quatorze annos e de suas mães, bem como dos velhos, deviam preparar-se para partir. Cada evacuado poderia levar trinta kilogrammas de bagagem, assegurando-se que os depositos allemães proveriam á sua subsistencia. Destinavam-se, segundo a proclamação do general Groeveditz, ao interior do territorio occupado da França (departamentos do Aisne e das Ardennes), visto que os appellos da auctoridade allemã com o proposito de obter trabalhadores voluntarios tinham ficado sem resposta.

Os lancinantes quadros do exodo e suas tristissimas consequencias, com a intervenção selvatica das tropas imperiaes, traçou-os certa dama dirigindo a outra uma longa carta que o *Temps* inseriu... Tal documento, já agora indispensavel a quem houver de escrever este doloroso e horrendo capitulo da historia da guerra, não se pode lêr sem que estremeçamos de indignação perante as espantosas deshumanidades que originou a medida allemã tomada sob o pretexto de que era necessario attenuar a miseria e de que a Inglaterra tornava cada vez mais difficil o abastecimento da população. A soldadesca, sob as ordens de officiaes impiedosos, arrancou a cada lar filhos e filhas, de todas as classes e condições, insensivel ás suas lagrimas, e aos seus protestos, não se importando com o seu estado de saude e muito menos com a falta que fariam aos seus... Houve paes a quem subita e implacavel doença collocou ás portas da morte; outros mergulharam em trevas mais temerosas que as do tumulo:—as da loucura. Por uma semana inteira se prolongou a tragedia com as visitas domiciliarias iniciadas antes do romper da aurora e com a marcha de rebanhos humanos em direcção aos comboios, a cuja partida não escassearam ás miserandas victimas forças bastantes para gritarem «Viva a França!», «Viva a Liberdade!» e entoarem as estrophes immortaes da *Marselheza!*

* * *

Dois eloquentes e sentidos protestos foram endereçados ao general-governador allemão pelo *maire* e pelo bispo de Lille. O primeiro, o sr. Delesalle, que uma convalescença detinha em casa, depois de affirmar a sua indizivel commoção e como lhe custava crêr na veracidade das informações que recebera, escrevia:

> Depois das declarações officiaes, que vossa excellencia mandou affixar nas paredes, de que a guerra não era contra os civis, e de que os direitos, os bens e a liberdade da população lhes seriam garantidas só com a condição de se conservar socegada, nunca imaginaria que fosse possivel realisar medida semelhante. Se tal succedesse, permittir-me-hia, como primeiro magistrado da nossa cidade, lavrar o mais energico protesto contra o que eu consideraria uma perfeita violação do direito das gentes, universalmente reconhecido. Desfazer e destruir familias, arrançar milhares de pacificos cidadãos aos seus lares, forçal-os a abandonar os seus bens sem protecção, seria um acto de natureza a provocar a reprovação geral.
>
> Os nossos soldados como os vossos cumprem valorosamente o seu dever, mas todas as convenções internacionaes são concordes em collocar a população civil fóra d'este formidavel conflicto.

O protesto do monsenhor Charost, bispo de Lille, honra o encendrado patriotismo do francez e os paternaes sentimentos christãos do prelado. E' um grito de revolta e de dor, um appelo que enternece, um angustioso lamento que não tocou o coração de von Groeveditz. Eis as suas passagens principaes:

> Os numerosos raptos de mulheres e de donzellas, a transferencia de homens, mancebos e até creanças effectuam-se na região de Tourcoing e Roubaix sem processo nem causa judicial.
>
> Teem conduzido os malaventurados para localidades desconhecidas. Providencias egualmente extremas e em mais larga escala se projectam quanto a Lille. Não se admirará, senhor general, de que eu intervenha junto de vossa excellencia em nome da missão religiosa que me foi confiada. Ella impõe-me o encargo de defender respeitosa mas energicamente o direito internacional que o direito da guerra não pode nunca infringir e a moralidade eterna que nada pode suspender. A minha missão implica o dever de proteger os fracos e os desarmados que são a minha propria familia e de cujos trabalhos e dôres compartilho.
>
> Vossa excellencia é pae e sabe que não ha direito mais respeitavel e mais santo na ordem humana que o da familia. Para todo o christão a inviolabilidade de Deus, que a instituiu, reside n'ella. Os officiaes allemães, que ha muito habitam nas nossas casas, sabem como o espirito de familia nos penetra até ás mais intimas fibras nas regiões do Norte e como constitue aqui a doçura da vida.
>
> Eis porque desmembrar a familia, arrancando adolescentes e donzellas aos seus lares, já não é guerra, mas para nós a tortura e a peor das torturas, a indefinida tortura moral. A infracção ao direito familiar é duplicada com a infracção das mais delicadas exigencias da moralidade. Esta vê-se exposta a perigos cuja presença é bastante para revoltar todo o homem honesto só com o facto da promiscuidade que acompanha fatalmente raptos em massa, misturando os sexos ou, pelo menos, pessoas de valor moral muito desegual.
>
> Meninas, de irreprehensivel vida, cujo unico delicto consistiu em ir buscar pão ou algumas batatas para alimentar uma numerosa familia, tendo já expiado a ligeira pena que lhes valera essa contravenção, foram raptadas. Suas mães, que tão attentamente velaram por ellas, e para quem a unica alegria era tel-as ao pé, na ausencia do pae e dos filhos mais velhos, que foram para a guerra ou n'ella morreram, encontram-se hoje sósinhas. Por toda a parte se verifica o seu desespero e a sua angustia. Digo o que vi e ouvi.
>
> ....
>
> Temos soffrido muito n'estes vinte mezes, mas nenhum soffrimento seria comparavel ao de agora e, ao mesmo tempo, tão immerecido como cruel, de molde a produzir em toda a França uma inapagavel impressão. Não posso crêr que tal golpe nos seja infligido. Tenho fé na consciencia humana e alimento a esperança de que os jovens e as donzellas pertencentes a familias honestas e por ellas reclamados lhes serão entregues e que o sentimento da justiça e da honra prevalecerá sobre qualquer consideração inferior.

Até aqui o bispo de Lille, a cuja voz, como á do *maire*, se conservaram surdos os ouvidos allemães que tambem não quizeram escutar os vehementes protestos do governo francez.

* * *

O governo francez, com effeito, ao ter conhecimento dos estranhos factos occorridos em Lille e n'outros pontos do departamento do Norte, lavrou o seu protesto por intermedio da embaixada de Hespanha em Berlim.

O transporte de civis para os sujeitar a trabalhos forçados não é permittido por disposição alguma da convenção da Haya de 18 de outubro de 1907 sobre as leis e costumes da guerra. Ainda em março ultimo, quando pedia ao governo francez que désse ordens a todos os commandantes de campos de concentração sobre o emprego forçado em trabalhos, o proprio governo allemão reconhecia que um belligerante não tem o direito de obrigar ao trabalho os civis inimigos.

Forçando a trabalhar os habitantes do territorio occupado, os allemães, segundo o governo francez e todos os que não estiverem dementados pela paixão, estabelecem o regresso á escravatura, contrariamente ao artigo 6.º da acta geral da conferencia de Berlim de 1885, assignada e ratificada pela Allemanha.

Não foram ouvidos os protestos francezes. A França crê chegada a hora de appelar para os sentimentos de justiça e de humanidade dos paizes neutros e para a opinião publica de todas as nações. A hediondez do crime e o impudico atropello das leis internacionaes justificam de sobra a sua attitude, convindo ter presente que os pobres habitantes das regiões occupadas nunca puderam gosar da protecção que aos prisioneiros de guerra retidos na Allemanha assegura a fiscalisação dos delegados das potencias neutras. O governo allemão nunca até hoje consentiu a sua visita aos departamentos invadidos...

Desde que o sr. de Bethmann-Holweg solemnemente declarou que os tratados não passam de farrapos de papel, quem pode suppor que o governo de Berlim e os seus delegados, o exercito allemão e os seus chefes tomem a serio convenções e conferencias internacionaes? O seu procedimento está na logica de todos os actos anteriores que attrahiram sobre a Allemanha official a execração do mundo culto. Mas, entre as varias lições que se conteem nos inqualificaveis vexames a que está sujeitando os paizes occupados, uma avulta com especial relevo: é que a sua situação interna é singularmente afflictiva. Obrigando, por aquella fórma, a trabalhar em seu proveito as populações sobre que assenta a pata invasora, a Allemanha denuncia tambem a enorme pobreza de braços. Devem estar na verdade os que assim fundadamente cuidam.

Avelino de Almeida

ULTIMAS NOTICIAS

A lucta no theatro occidental

PARIS, 2.—Ao norte do Somme os francezes tomaram um entrincheiramento poderosamente fortificado entre o bosque de Hem e a herdade de Monacu. Ao sul do rio os francezes occuparam uma trincheira inimiga a noroeste de Deniecourt, fazendo prisioneiros. Em Champagne, a oeste de Auberivé, uma força russa que andava em reconhecimento carregou á bayoneta sobre um destacamento allemão que dispersou. Na margem direita do Meuse a lucta continuou violenta durante a noite na linha de Vaux-Chapitre-Chenois estendendo-se para os lados de leste até ao sul de Damloup. Depois de uma serie de ataques infructiferos, alguns d'elles acompanhados de gazes asphyxiantes, os allemães ganharam um pouco de terreno no bosque de Vaux-Chapitre-Chenois. Todas as outras tentativas foram entravadas pelos nossos fogos. Os allemães soffreram importantes perdas, tendo tambem uns cem prisioneiros inclusivé tres officiaes. Na linha do Somme os aviões de caça francezes estiveram muito activos, tendo abatido um avião inimigo e obrigado 14 a aterrar ou precipitar-se bruscamente nas suas linhas.—(Havas).

As operações na frente italiana

ROMA, 1.—Communicação official.—No valle do Adige continuou a actividade das artilharias inimigas, contrabatidas energicamente pelas nossas. No valle do Astico, na noite de 31 de julho, depois de intenso fogo das artilharias contra as nossas posições do monte Cimone, o adversario lançou um ataque que foi promptamente repellido. O mesmo aconteceu a uma tentativa inimiga contra as nossas posições a sudeste de Casteletto, no planalto de Sette Comuni. No vale do Travignolo as nossas tropas desde alguns dias já de posse da povoação de Pzneréggio, foram solidamente reforçadas. Na zona de Tofana, na noite de 31 de julho, o adversario colheu sob o fogo das suas artilharias de todos os calibres a nossa nova posição de Forcellabois, em seguida atacou-a com grandes forças, mas foi repellido; um contra-ataque pôl-o em fuga, depois de ter soffrido perdas importantissimas, como o testemunha o grande numero de cadaveres que ficaram no campo. No valle do Degano as granadas lançadas pela artilharia inimiga provocaram nos logares habitados alguns incendios, que logo foram atalhados. Na linha do Isonzo não houve acontecimento algum importante.—(Havas).

As relações franco-brazileiras

RIO DE JANEIRO, 2.—Em retribuição do convite feito pela França ao senador Ruy Barbosa, a Liga a favor dos Alliados convidará os escriptores francezes Maurice Barrès e Charles Richet a visitarem o Brazil ainda no corrente anno.—(Americana).

As perdas allemãs

PARIS, 2.—A infantaria allemã, repellida em Stockhod, soffreu enormes perdas.

As ultimas listas das perdas prussianas conteem 42.000 nomes de mortos, feridos e desapparecidos.

O total das perdas é de 2.842.925.—(Americana).

Um archiduque destituido

PARIS, 2.—Segundo o «Diario de Berlim ao meio dia», o general Terszlyansky foi nomeado chefe do exercito anteriormente commandado pelo archiduque José Fernando, que soffreu a destituição.—(Americana).

A viagem do «Deutschland»

NEW-YORK, 2.—O submarino allemão «Deutschland» sahiu de Baltimor, hontem, ás 17 horas e 40 minutos.—(Havas).

Associação de agronomos

PORTO ALEGRE (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL), 2.—Foram dados os primeiros passos para a fundação de uma associação de agronomos com o fim de provocar o desenvolvimento da industria rural do Estado do Rio Grande do Sul.—(Americana).

Exposição de avicultura

RIO DE JANEIRO, 2.—Inaugurou-se hoje a terceira exposição de avicultura, tendo obtido um grande successo os expositores portuguezes, que devem receber varios primeiros premios.—(Americana).

Morte d'um milionario

RIO DE JANEIRO, 2.—Telegrammas de Buenos-Ayres annunciam o fallecimento, n'aquella cidade, do maior capitalista argentino, conde Antonio Devetto.—(Americana).

Uma conferencia

NATAL (ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE), 2.—O professor Evaristo Gurgel fez hontem uma conferencia sobre a educação pratica das creanças e o papel da mulher na familia.—(Americana).

Um «bom» irmão

Em Moscavide, onde reside, Mathias Raymundo da Silva aggrediu com uma facada sua irmã Francisca da Conceição Silva, de 24 annos, que ficou tambem com o braço esquerdo fracturado.

Recolheu ao hospital de S. José, sendo o faquista preso.

Captura d'um preso evadido

Da cadeia do Fundão, onde estava preso pelo crime de furto, fugiu Henrique Pereira Ramos. O caso foi participado á policia de Lisboa, sendo o fugitivo capturado hoje e enviado para o governo civil. Segue amanhã para o Fundão.

A situação politica

O sr. presidente do ministerio recebeu esta tarde os srs. drs. Affonso Costa e Augusto Soares, que lhe communicaram o resultado das suas «démarches» realisadas em Paris e Londres. O sr. presidente do ministerio seguiu depois com o sr. ministro das finanças para Belem, onde conferenciaram com o sr. presidente da Republica, realisando-se depois o conselho de ministros sob a presidencia do chefe do Estado. Os srs. ministros das finanças e dos estrangeiros communicaram no conselho as principaes negociações que effectuaram lá fóra. Tambem esteve em Belem, antes do conselho, a conferenciar com o sr. presidente da Republica, o sr. ministro da guerra, demorando a conferencia das 12 ás 13 horas.

Os srs. drs. Affonso Costa e Augusto Soares reassumiram hoje a gerencia das suas pastas, tendo já dado despacho.

O aproveitamento dos navios allemães

A casa Henry Burnay & C.ª, á qual foram entregues dois navios allemães que hoje se chamam «Horta» e «Sines», já carregou n'elles 7.000 cascos de vinho, tendo mais para transportar, além de carregamento vario, umas 140.000 toneladas de minerio.

Vem a proposito relembrar o que ha dias dissemos sobre o aproveitamento dos antigos navios allemães e não seria menos interessante apurar se todos os que foram cedidos teem sido convenientemente utilisados ou se se encontram no Tejo á espera de uma hypothetica carga, durante quinze e vinte dias, aguardando o resultado dos annuncios...

Dissemos ha pouco que o antigo «Rotterdam», agora «Figueira», effectuou já tres viagens á Inglaterra, atravessando a zona mais perigosa do mar da Mancha. Duas viagens realisaram já o «Sagres», o «Ponta Delgada» e o «Porto Santo», indo agora realisar a segunda o «Machico», que, uma vez na costa oriental de Africa, transportará de Madagascar para a Europa, com o «Amarante», 22 mil toneladas de generos coloniaes. O «Sines» chegou já a Cherburgo.

Todos os navios são manobrados por pessoal portuguez, com excepção do «Mormugão», «Diu» e «Gôa», que estavam fundeados na India e tiveram de receber tripulações inglezas para evitar a perda de tempo em mandar seguir para ali os nossos homens do mar. Esses bellos navios trazem 12 mil toneladas de generos coloniaes da India e Africa.

A lista completa dos navios allemães entregues já ás casas concessionarias da exploração dos transportes é a seguinte:

Empreza Nacional de Navegação: «Amarante» (Wurtemberg), «Coimbra» (Antars), «Congo» (Infranban), «Fernão Velloso» (Kaiffa) «Damão» (Brisbane), «Diu» (Marienfeld), «Gaza» (Hof) «Gôa» (Lichtenfels), «Inhambane» (Hessen) «Lima» (Westwald), «Lourenço Marques» (Admiral), «Minho» (Mogador), «Mormugão» (Commodoro), «Pangim» (Numartia), «Porto Alexandre» (Ingorbert), «Quilimane» (Kronprinz), «S. Jorge» (Sardinia), «Tungue» (Zieten) e «India» (Werwertz).

Pinto Bastos & C.ª: «Cavado» (Acchilles), «Figueira» (Rotterdam), «Granja» (Picador), «Nazareth» (Minna Schulz), «Setubal» (Triston) e «Vianna» (Melland).

Sociedade Torlades: «Alentejo» (Urckevmark), «Faro» (Galata), «Peniche» (Phoenicia) e «S. Miguel» (Dora Horn).

Mascarenhas & C.ª: «Caminha» (Euripos), «Ponta Delgada» (Scharzbury) e «Sagres» (Taygetos).

Glama & Marinho (Porto): «Cascaes» (Electra), «Leça» (Ennos) e «Gaya» (Girgento).

Henry Burnay & C.ª: «Horta» (Schamburg), «Barreiro» (Lubeck) e «Sines» (Milos).

Thomaz Santos & C.ª: «Aveiro» (Nexos) e «Ovar» (Casa Blanca).

Norton & C.ª: «Lagos» (Szechenje) e «Sacavem» (Jaffa).

São concessionarios d'um só navio: a firma Mitchell & C.ª, do Cap Town, a quem foi cedido o «Cunene» (Adelaide), com excellentes depositos frigorificos e que está sendo aproveitado para o transporte de carne congelada entre a Australia e os paizes alliados; a Empreza Maritima do Portugal Limitada, com séde em Villa Real de Santo Antonio á qual foi cedido o «Esposende», ex-(Arcadia); a J. G. Moraes, do Porto, o «Foz do Douro» ex-(Vesta); a Petra Vianna, o «Deserta» ex-(Hohfeld).

Ao serviço da divisão naval foram aggregados, como noticiamos, os seguintes barcos (Newe), «Pungue» (Linda Woermann) «Sado» (Pluto), além das galeras «Santa Maria» e «Graciosa» applicadas no transporte de aprovisionamentos.

Os barcos, cujo fabrico prosegue, são os seguintes:

«Belem», «Berlengas», «Boa Vista», «Brava», «Espinho», «Flores», «Ilha do Fogo», «Leixões», «Madeira», «Maio», «Mira», «Portos», «S. Vicente», «Trafaria» e «Traz-os-Montes».

Para estes barcos existem innumeros pedidos nas secretarias do Estado. E' absolutamente necessario que o seu aproveitamento se faça em condições vantajosas, que satisfaçam d'um modo satisfatorio, os fins, que levaram a requisitar os navios allemães. Todas as garantias são poucas para que correspondam a realidades positivas as providencias do governo...

Theatro Republica

A empreza exploradora do Theatro Republica julga indispensavel a seguinte declaração:

Havendo contractado anteriormente o artista Raphael Marques para a futura epocha de 1916-1917, possuindo o respectivo contracto, e sabendo que a actual empreza do Eden-Theatro firmou contracto com o mesmo artista, lamentando o facto, deliberou dispensar os serviços presentes e futuros do mesmo seu contractado, desde que seja embolsada das importancias que este havia recebido como adiantamentos e por conta dos seus vencimentos na vindoura epocha.

A arte de furtar

Foi para a Tutoria da Infancia a menor Ester Braz, moradora na rua Saraiva de Carvalho, 296, *villa* Santos, porta 60, por ser a aprendiza da modista sr.ª D. Maria de Jesus Viotty, residente na rua Alexandre Alexandre Herculano, 80, 1.º, lhe furtou objetos no valor de 200 escudos.

—Tambem foi enviado para juizo Francisco Pereira da Costa, rua da Conceição da Gloria, 76, loja, accusado de ter furtado a quantia de 50 escudos a José Rodrigues, com ella morador.

—Pelo empregado da fabrica da Nova Companhia Nacional de Moagens, da rua Vinte e Quatro de Julho, sr. Manuel Nunes Ferreira, foi apresentada queixa á policia contra os carroceiros João Paulo e João d'Oliveira, moradores, respectivamente, na travessa Particular, á rua Possidonio da Silva, 4, loja e no pateo do Carrinha, accusando-os de terem desviado duas carroçadas de carvão no valor de 90 escudos.

—Maria do Carmo Real, residente na rua dos Anjos, 80, requisitou a prisão de Silveira Soares, morador na rua de Bemformoso, 126, 3.º, accusando-o, de, na Avenida da Liberdade, lhe terem furtado a quantia de 100$12.

—A vigilante do predio J. M. A. da rua João Chrisostomo, Maria das Dores, moradora na mesma rua, J B, communicou á policia que os gatunos, tendo entrado, por meio de arrombamento no rez-do-chão, onde reside quando está em Lisboa, o que actualmente não acontece, o sr. Antonio Sabrosa, d'ali levaram objectos no valor de 121$00.

Jantar a 100 creanças

Em cumprimento do legado do sr. Raphael da Silva, a direcção da Associação Protectora das Creanças serviu hoje um jantar a 100 protegidas d'aquella benemerita collectividade.

Assistiram os directores srs. Faco Valentim, Pires Branco, José da Silva Ramos e Antonio Victor Lopes, a regente sr.ª D. Adelaide Prazeres e as professoras sr.as D. Martha dos Reis Hoibecho e D. Clotilde Ferreira.

A refeição, que decorreu com grande alegria da pequenada, constou de sopa, cosido, carne guisada com feijão carrapato, pão, vinho e fructa.

NOTAS DIVERSAS

O sr. sub-secretario da guerra visitou hontem alguns fortes do campo entrincheirado, margem esquerda, acompanhado do governador do campo, sr. general Côrte Real.

—O sr. Roque Gameiro, Santos Mattos e dr. José Pontes estiveram hoje no governo civil a pedir, em nome da Liga dos Melhoramentos da Amadora, ao sr. governador civil a conservação do antigo administrador do concelho de Oeiras.

—Com o chefe do districto conferenciaram hoje os administradores dos concelhos de Cintra, Barreiro e Setubal, declarando este que no seu concelho já ha farinha.

—Consta que vae ser adaptado a hospital de guerra um dos grandes edificios congreganistas dos arredores de Lisboa.

Desastres graves

Victimas do trabalho

Na enfermaria 1 do hospital de S. José deu entrada em estado gravissimo Antonio da Silva Junior, descarregador, residente na rua Miguel Bombarda, 79, no Barreiro, que caiu de um comboio á linha entre as estações do Lavradio e Alhos Vedros, ficando com o craneo fracturado.

Na n.º 4 ficou o descarregador Joaquim Neves, residente no Barreiro, villa Manso, all colhido por um vagon resultando ficar com a perna esquerda fracturada com complicação de ferida.

A' mesma enfermaria recolheu, depois de operado, o trabalhador Manuel Meades, residente nas Barrocas, Olivaes, que foi colhido por uma pedra quando da explosão de um tiro de dynamite, ficando com a mão direita esmagada.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou as seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/4	35 9/8
Londres, 90 d/v	36 5/16	
Paris, cheque	$71,4	$71,9
Hollanda, cheque	$57,5	$58,5
Madrid, cheque	1$41,5	1$42,5
Suissa, cheque	$79,5	$80,5
New York	1$41	1$42
Rio s/Londres	12 9/16	
Libras		7$615
Agio do ouro	46 %	50 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 100$00	[illegible]	38$50
» » 500$	[illegible]	[illegible]
» » 1000$	[illegible]	[illegible]

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 98$45; 4 1/2 1889, 22$50; 3 0/0 1890, assent. e tit. p., coup. 22$50; 4 1/2 88-89, assent. e tit. p., 58$, coup. 57$50; 3 0/0 1909, assent. e coup.

Externas: 1.ª serie, 77$40, e 3.ª, 79$20.

Acções: Ultramarino, coup., 132; Assucar, 49$32; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 48$50; Moagem (nova), 63$; Phosphoros, coup., 52$80; Norte e Leste, 33$; Tabacos, coup., 91$80; Zambezia, 20$50; Companhia Agricola Boa Vista, 70$; Recreios Lisbonenses, 52$.

Obrigações: Aguas, coup., 85$; Predios 5 0/0, 91$, e serie A, 50$; Caminho de Ferro de Benguela, tit 1, 78$60, e tit. 3, 79$50.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

DIPLOMATAS

O sr. dr. Lopes Munoz, ministro da Hespanha em Lisboa, que se encontra no Porto, visitou hontem o atelier Teixeira Lopes, em Gaya, o palacio da Bolsa e egreja de S. Francisco, ficando encantado de tudo quanto viu. Pelas 13 horas seguiu para o palacio de Crystal onde o centro hespanhol do Porto lhe offereceu um banquete.

NO CHIADO TERRASSE

Assistencia elegante ás sessões da moda de hontem: Madame Ramos Monteiro e filhas D. Nieves e D. Sarah; viscondessa de Idanha e filha D. Maria José; D. Carlota da Cunha e Menezes da Camara (Ribeira Grande) e filha D. Anna, D. Maria do Carmo da Camara de Castello Branco (Pombeiro), D. Assumpção da Cunha Menezes Pinto Cardoso e filha D. Anna, D. Isabel O'Neill de Bouro de Mello e Costa (Ficalho), D. Maria Carlota de Paiva Raposo, D. Palmira de Figueiredo Vianna, D. Elvira de Navarro e filha D. Octavia; D. Josephina de Navarro Magalhães Domingues, D. Maria José e D. Irene Deslandes Caldeira Coelho, D. Isabel Lallemant, D. Maria Luiza Ribeiro, etc., etc.

MATINÉE BLANCHE

Organisada pelo professor da dança sr. Custodio Jayme Ferreira realisa-se amanhã, pelas 15 horas, na rua da Magdalena, 290, 1.º, uma «matinée-blanche» dedicada aos seus alumnos e amigos.

CASAMENTOS

Após o registo civil, realisou-se ante-hontem, na egreja de Cedofeita, do Porto, o enlace matrimonial do sr. José Moreira da Silva, sub-director da Escola Academica e filho do antigo proprietario d'aquella escola sr. Manuel Francisco da Silva, já fallecido, com a sr.ª D. Judith de Barros Guimarães, sobrinha dos srs. engenheiro-chefe da camara municipal do Porto, Annibal de Barros, Arthur Eduardo de Barros, considerado negociante, e do nosso collega da «Montanha» João Guimarães.

A benção nupcial foi lançada pelo rev. Antonio da Costa e Silva, amigo intimo da noiva e professor da Escola Academica, o qual proferiu uma bella allocução.

Por parte do noivo paranimpharam os srs. Antonio Domingos dos Santos, director da Escola, e Frederico Antonio de Andrade, professor da mesma, e por parte da noiva sua mãe a sr.ª D. Maria da Piedade de Passos Guimarães e seu tio o sr. Annibal de Barros, engenheiro chefe da camara.

Durante a cerimonia religiosa um sextetto executou no côro apreciados trechos musicaes. Em casa da mãe da noiva foi depois servido um delicado copo d'agua, trocando-se ao champagne affectuosos brindes, á felicidade dos noivos.

Na «corbeille» dos noivos viam-se valiosas e finas prendas.

Os noivos vieram no rapido da tarde para Lisboa, onde passam a lua de mel.

—Tambem na mesma egreja se celebrou ante-hontem o casamento da sr.ª D. Bertha Malheiro, filha da sr.ª D. Maria Orizia Malheiro e do sr. Julio Cardoso Pinto Malheiro, com o sr. dr. Antonio Cortez, servindo de padrinhos os paes da noiva e o sr. dr. Alfredo Cortez e D. Dulce Cortez.

Os noivos partiram para Vianna do Castello.

BAPTISADOS

Na basilica de Braga foi baptisada uma filhinha da sr.ª D. Eugenia da Cunha Vieira Couto e de seu marido o sr. Antonio de Faria Couto, servindo de padrinhos da neofita, que recebeu o nome de Maria, a sr.ª D. Maria da Graça Pinto, avó da recemnascida e o sr. Alberto Damião Ferreira de Araujo.

—Foi baptisada solemnemente na parochial de S. João do Souto, uma interessante filhinha do sr. Alberto José Lopes, amanuense da Escola Industrial e Commercial de Braga e da sr.ª D. Laura das Dores Fernandes, professora official de aquella freguezia, recebendo a galante menina o nome de Adelaide.

Paranympharam o sr. Claudino Pereira da Costa, importante industrial, e sua esposa a sr.ª D. Rosa de Carvalho.

NASCIMENTOS

Na sua casa de Coimbra, deu á luz, com muita felicidade, uma creança do sexo feminino, a sr.ª D. Thereza de Oliveira Leite Pereira de Mello, esposa do sr. dr. Joaquim Leite Pereira de Mello. Mãe e filha estão bem.

—Deu á luz uma criança a esposa do sr. Gustavo de Sousa Bandeira, secretario da embaixada do Brazil.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou a Villa Real o sr. dr. Nuno Simões, governador civil d'aquelle districto.

—Para a Granja, onde vae ser hospeda de sua mãe a sr.ª condessa de Burnay, partiu a sr.ª D. Amelia Burnay Morales de los Rios.

—Partiu para o Bussaco a actriz-cantora sr.ª D. Maria Stellina.

—Com sua esposa e filha partiu para o Seixoso o sr. Fernando Anjos.

—Regressaram das Pedras Salgadas a sr.ª D. Maria Amelia Burnay de Sande e Castro e seu marido o sr. Francisco Paes de Sande e Castro.

—Esteve no Porto o sr. Luiz Derouet.

—Regressou de Paris o sr. conde de Vizeila.

—Chegaram a Lisboa os srs. Francisco Xavier Esteves, Luiz Firmino de Oliveira, José Esteves Fraga, Jayme Diniz Praça e Henrique Dias Teixeira.

—Está no Porto o sr. D. Luiz de la Cruz Quesada.

—Partiu para Bayona, Hespanha, a sr.ª D. Adelaide Maria Villalva de Magalhães e Menezes.

—Para Macedo de Cavalleiros partiu o sr. dr. Luiz Ferreira de Sousa.

—Está em Cintra o sr. dr. Antonio Andrade, medico do Porto.

—De Portalegre seguiu para o Grande Hotel Universal, em Vizella, o sr. João de Brito.

—Encontra-se na Figueira da Foz, vindo de Avô, o sr. Diamantino da Fonseca.

—De Caldellas retirou para a sua casa em Paços de Ferreira, o sr. Jayme Carneiro d'Oliveira Pinto.

LUIZ GUERRA QUARESMA

Para Moçambique, onde vae servir em commissão, parte o nosso amigo sr. Luiz Humberto da Guerra Quaresma, sargento de infantaria, militar brioso e intelligente, dotado de primorosas qualidades de caracter.

A Luiz Guerra Quaresma apresentamos os nossos cumprimentos de despedida, fazendo votos porque tenha uma viagem feliz.

Salão Foz

Uma estreia sensacional

No Salão Foz effectua-se hoje uma estreia. Nada seria para admirar, porque o Salão Foz está costumado a exibil-as todas as semanas, se não se tratasse de uma verdadeira celebridade. Stella Margarita, assim se chama a estreia de hoje é uma cançonetista a grande voz e que tem além de um repertorio admiravel, um guarda roupa luxuoso. E' uma artista, que estamos certos vae agradar muito.

Já se sabe que o ducto Santo-Ferry continuará a deliciar o publico com os seus ductos sempre interessantes.

Nelly-Nell, a bailarina descalça despede-se hoje, havendo sexta feira uma nova estreia.

A instrucção dos quadros

E' preciso dar aos exercicios de quadros o maximo desenvolvimento — O regulamento para a instrucção do exercito metropolitano e os seus executores — Como o general Joffre resolveu um problema em França

Já dissemos que, a par das divisões de instrucção se deviam ir chamando a exercicios de campanha os quadros do exercito que se encontram fóra dos serviços regimentaes e que elles proprios assim o desejem, para não se sujeitarem á situação arriscada de ignorarem os serviços da sua profissão, quando possam ser chamados a preencher as perdas inevitaveis que se dão durante a campanha. Habitos inveterados, um seculo de paz, e uma tendencia muito natural para se improvisarem os meios de defeza no momento do perigo levaram-nos á extranha situação de ser preciso os officiaes do exercito «requererem» para se lhes proporcionar os meios de recordarem os regulamentos, de readquirirem os habitos de commando, quando permanecessem em commissões completamente extranhas aos serviços militares. Só quando se approximava o momento de lhes pertencer a promoção ao posto immediato é que os officiaes «faziam um requerimento» pedindo para se incorporarem em uma escola de repetição, para assim não serem preteridos se essa occasião lhes falhasse por motivo independente da sua vontade.

Ora, para acudir a esta situação em que se encontram centenas de officiaes extranhos aos serviços dos regimentos é que só merece louvor o sr. ministro da guerra, por tomar a iniciativa de ir dar o maximo desenvolvimento aos exercicios de quadros, que tão bons resultados praticos produzem e nos quaes poderá fazer incorporar todos os officiaes do quadro permanente que não recebam tirocinio nas divisões de instrucção e todos os graduados dos differentes ministerios, que não perderam a sua qualidade de militares, para todos os effeitos; mas que naturalmente se esqueceram de ha muito dos seus deveres profissionaes em campanha.

Porque se não foi agora, que segundo se diz—e muitos parecem ainda não quererem convencer-se—Portugal está em guerra com uma outra nação, que se ficar victoriosa com certeza nos esmagará? N'outra occasião não será facil fazer integrar na vida profissional individuos que d'ella se afastaram, sem quererem perder regalias, mas que os governos entendiam que não tinham deveres a cumprir no treino da preparação geral para a guerra.

Mas nos serviços de instrucção profissional dos quadros do exercito é preciso que o ministro da guerra seja auxiliado pelos orgãos que a lei põe ao seu dispôr e que já deviam estar em plena acção propulsora.

Não póde o ministro «sósinho» attender a tudo. E' necessario que o auxiliem com dedicação, patriotismo e competencia. Ora os decretos de 20 de dezembro de 1913 e 10, 17 e 24 de janeiro de 1914 condensaram no regulamento para a instrucção geral do exercito metropolitano disposições que são a obra mais admiravel da Republica, em todas as leis até agora publicadas.

N'esse diploma excellente, que contém 267 paginas, se encontra tudo quanto é preciso para ministrar uma instrucção geral e especial aos officiaes e praças do exercito. Mas para esse regulamento produzir o effeito necessario á marcha de uma instrucção intensiva é necessario que o chefe do estado maior do exercito, na sua qualidade de director da instrucção de todo o pessoal e das tropas do exercito de campanha, e os inspectores das armas e serviços exerçam uma constante impulsão sobre as unidades e fiscalisem nos termos que a lei determina. Para os officiaes arregimentados devem ser extinctas as leis relativas á sua instrucção technica.

Quando seja obrigado a uma integral execução o regulamento para a instrucção do exercito metropolitano,—que por emquanto ainda não se conhece bem a sua existencia—teremos um exercito de campanha devidamente instruido. E se n'um dado momento assim não acontecer e se encontrem resistencias passivas é chamar á responsabilidade aquelles que não cumpram á risca o que ali está determinado, com tanta competencia e até mesmo, excepcionalmente, com uma correcta redacção, coisa rara em regulamentos militares.

Ora foi assim que o general Joffre fez em França, apoz as manobras de 1913. Na sua qualidade de generalissimo, vice-presidente do conselho superior de defeza nacional, notou uma serie de factos que revelavam uma insufficiente preparação dos altos commandos. Quando se ensaiavam nos campos de manobra alguns exercicios que punham á prova a iniciativa dos chefes, o general Joffre verificou que alguns generaes deixavam muito a desejar e n'uma ordem do dia fez-lhes sentir a sua incapacidade e a seguir propoz a sua separação do serviço. O senador Humbert, n'um celebre artigo do «Le Journal» lançou um grito de alarme ácêrca da situação em que se encontrava o exercito francez.

Este artigo terminava da fórma seguinte:

«Quando fornecermos ao nosso soldado os meios de se instruir, quando lhe distribuirmos o armamento exigido pelo progresso, não teremos feito ainda assim o bastante, se não lhe dermos chefes que estejam á altura do seu valor.»

O general Joffre apresentou um relatorio ao ministro da guerra, Mr. Etienne, do que resultou a separação do serviço de tres generaes de divisão e mais dois generaes de brigada.

O effeito produzido foi salutar. Começaram immediatamente a preoccupar-se com a instrucção dos quadros e a attender ás recommendações feitas pelo conselho superior de guerra, que pela acção energica do general Joffre soffrera uma completa transformação em tudo quanto ia influir nos serviços de instrucção dos quadros.

J.

O calor e a guerra

As pessoas que teem a mania de procurar explicações scientificas para tudo já descobriram que o calor suffocante dos ultimos dias é provocado pela guerra. Nem mais, nem menos! Segundo essas pessoas, as deslocações atmosphericas causadas pelo troar incessante da artilharia ora provocam a chuva, ora dão origem ao calor, sentindo-se esses effeitos mesmo a grande distancia. O que está provado, mas absolutamente provado, é que o calor não aperta tanto os freguezes do estabelecimento de calçado do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290, 290 B, porque o cabedal que elle emprega para calçado de verão é d'uma leveza e frescura verdadeiramente extraordinarias.

Venda de aparas e residuos de cortiça

Na estação de Santa Apolonia recebe a direcção geral da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes propostas, até ao dia 15, em carta fechada, para a venda de aparas e residuos de cortiça na estação de Lisboa P.

As propostas devem estipular o preço por kilo e declarar que o proponente se sujeita ás bases:

O arrematante obriga-se a mandar recolher, diariamente por sua conta todas as aparas e residuos de cortiça que se encontrem nos caes e linhas da estação de Lisboa P., bem como nos lastros dos vagões que tenham servido a esses transportes; Diariamente deverão os agentes que o arrematante encarregar d'esse serviço fazer a pesagem das aparas e residuos recolhidos, em presença de um agente da Companhia; O pagamento será feito mensalmente á vista dos recibos que estiverem em poder da estação; Ao arrematante serão fornecidos dois bilhetes de identidade a fim de serem utilisados por dois agentes seus para a entrada na estação de Lisboa P., exclusivamente com o intuito de fazerem a recolha das aparas e residuos de cortiça, constante da base 1.ª, devendo mostral-os aos empregados da Companhia sempre que lhe sejam exigidos.

Theatros

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA — A's 21,30 — As duas orphãs.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

Agenda da semana

HOJE — *EDEN* — Reprise da *Maré de Rosas*.

SEXTA FEIRA — *APOLLO* — *«1916»* — Novo episodio da fita do «Penetra».

O calor

A vaga de calor, que tem pairado estes dias sobre Lisboa, preocupou, como é natural, os poderes publicos, dada a propensão quasi geral dos alfacinhas para a alienação mental. Foi nomeada uma commissão dos mais abalisados meteorologistas, a fim de estudar qual o ponto da capital onde a temperatura está mais amena. Pelo relatorio hontem entregue verifica-se que o sitio mais fresco é o theatro Apollo das 8 e meia horas da noite. Não que a revista «1916» abunde em frescuras. Todos os que a tem applaudido são concordes em affirmar que ella rivalisa em moralidade com o «Thesouro da Infancia» de Achilles Monteverde. O caso é que, banhado pelas brisas, que simultaneamente alli convergem vindas do Rocio, da Graça, do Intendente e do Campo de Sant'Anna, o theatro da rua da Palma offerece na sua plateia a temperatura de Nice e na sua geral, abrigada sob o piso nobre, a doce viração dos Seteaes. A primeira ordem é Bussaco puro, na segunda tem-se á illusão de estar em Montreux, quanto á terceira ordem, basta dizer que todos os especialistas a estão recommendando para curas de altitude. Ha apenas uns momentos em que os espectadores aquecem: é nos finaes dos actos, em que—diga-se a verdade—os applausos são extremamente calorosos. Felizmente n'essas alturas os corredores e salões, onde perpassam as brisas mais subtis, restabelecem o equilibrio thermometrico. A fama de tal amenidade tem corrido em Lisboa, nas provincias e no estrangeiro, de modo que numerosas familias tencionam vir passar o verão no Apollo, ouvindo a revista «1916», que caminha a passos agigantados para a sua centessima.

Noticias

Entre nós

O actor sr. Raphael Marques dirigiu-nos uma carta declarando que foi por sua espontanea vontade que sahiu do Republica e que não existia entre elle e a empreza d'esse theatro contracto algum legal que desse garantia ás duas partes. Declara ainda o mesmo artista que tomou essa resolução com a antecedencia de tres mezes e que as contas particulares existentes entre elle e a empreza do Republica ficaram já hoje solvidas.

NO ESTRANGEIRO

Os telegrammas da agencia Americana referem-se ao exito no Rio de Janeiro da «tournée» Sacha Guitry. Não é o filho que se encontra trabalhando na capital brazileira, mas sim o pae, o grande actor Lucien Guitry.

—Rodolphe Berger, o auctor celebre de tantas valsas e da partitura do «Chevalier d'Eon», acaba de se suicidar em Hespanha. Berger era austriaco de nascimento, mas vivia em França desde a edade de nove annos. Não se tendo naturalisado, como dois irmãos seus, que combatem pela França, foi forçado a sahir para Hespanha. A nostalgia do seu paiz de adopção levou-o ao suicidio.

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Central, Chiado Terrasse, Cinema Condes e Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES —Salão Foz, Chantecler, Imperio e Polytheama.

Bombeiros Voluntarios de Lisboa

O concerto d'amanhã na praça Luiz de Camões

Em homenagem á antiga e prestimosa Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa que na praça Luiz de Camões organisou uma «kermesse» em favor do seu cofre, a qual tem funccionado todas as quintas-feiras, sabbados e domingos, com concertos populares, sempre bastante applaudidos, realisa-se amanhã um concerto extraordinario, gentilmente offerecido por um grupo de trinta professores da banda da guarda nacional republicana, sob a regencia do sub-chefe d'essa banda, sr. Stoffel, que assim quiz collaborar na obra de altruismo a que se destina a referida «kermesse».

N'este concerto extraordinario, que começará ás 20 horas e meia, executar-se-ha o seguinte programma:

1.ª parte:—«El Abanico», marcha, de Alcazar; «Vesperas Sicilianas», ouverture, de Verdi; «Mariana», valse, de Waldteufel; «Bohemias», zarzuela, de Vives; «Los Saltibancos», operetta, de Jaune; «Souvenir de Biarritz», valse, de Waldteufel; «Serra do Pilar», rapsodia, de Moraes.

2.ª parte:—«Pico Salomão», marcha, de Fão; «Poète et Paysan», ouverture de Suppé; «Caramelo», zarzuela, de Chueca; «Homenagem ás Damas», valsa, de Waldteufel; «Principe Carnaval», phantasia, de Montaigne; «El Nino de Jerez», passo-doble, de Zabala.

E' um programma artistico que o publico decerto applaudirá, cooperando na homenagem prestada aos Bombeiros Voluntarios de Lisboa.

Instrucção Militar Preparatoria

Sociedade n.º 5—As provas finaes de educação physica dos mancebos alistados n'esta Sociedade realisam-se no proximo domingo, no campo de jogos do lyceu Pedro Nunes, sahindo a Sociedade do seu quartel do Castello de S. Jorge, devidamente armada, acompanhada pela banda de infanteria 16, sob o commando do tenente coronel sr. Rdolpho Malheiros.

O conselho technico e a direcção convidaram a assistir á festa as entidades officiaes, que accederam ao convite.

A formatura faz-se ás 12,30, na parada norte do quartel de infanteria 16, devendo comparecer os alistados da 1.ª e 3.ª secções, levando os seus instrumentos e o terno de corneteiros, signaleiros, maqueiros e ciclistas. Os ciclistas concorrentes do percurso de Cintra a Lisboa partem de Cintra ás 9 horas precisas.

Hoje realisam-se na séde as aulas de signaleiros, maqueiros e telegraphistas. Está aberta a inscripção para as provas sportivas.

Publicações recebidas

A mulher victima da guerra.—N'um pequeno e elegante opusculo publicou o sr. dr. Sousa Costa a sua conferencia realisada na Caixa de Auxilio a estudantes pobres do sexo feminino, em 25 de maio findo. E' uma bella apotheose á obra sublime da mulher durante a actual conflagração.

Revista de ensino medico e profissional.—Sahiu o numero 6 da 2.ª serie d'este orgão da Associação do magisterio secundario official, trazendo, como de costume, magnifica collaboração e uma lista dos professores dos lyceus.

Policia de emigração clandestina

Pelo ministerio do interior foi hoje publicado na folha official um decreto augmentando, emquanto durar o estado de guerra, em mais dez o numero de agentes da policia repressiva da emigração clandestina.

Jardim Zoologico

O interessante hippopotamo ha pouco chegado da Zambezia continua attrahindo ao bello parque das Laranjeiras um grande numero de visitantes, que muito se divertem com as evoluções que elle faz dentro d'agua.

E' de esperar amanhã enorme concorrencia ao bello parque, pois n'esta quadra de grandes calores não ha tão perto de Lisboa recinto onde se possa gosar um pouco de fresco com tanta commodidade.

A's 17 horas passearão pelo parque os dois chimpazés garridamente vestidos e para as creanças haverá passeios em camello, burros e lama.

Associação Industrial Portuense

A visita de hoje — Excursão a Cintra, Collares e Cascaes

Pelas 10 horas, em frente ao Hotel Central, reuniram os representantes das associações industriaes do Porto e Lisboa, e, partindo d'ali em automoveis, deram começo ás visitas préviamente marcadas.

Coube o primeiro logar á fabrica dos srs. Nunes dos Santos & C.ª, proprietarios dos Grandes Armazens do Chiado. Fica essa fabrica na rua da Bombarda, e apesar de installada n'um edificio velho, que não tardará a ser transformado, tudo ali respira asseio e hygiene. Os visitantes foram recebidos pelo co-proprietario da firma sr. Abilio Nunes dos Santos e com elle percorreram todas as dependencias da fabrica: officinas de dobagem de fio, de fabrico de artigos de malha, de galões, nastros e fitas, de tecelagem de seda, de acabamento de obras e de tinturaria.

A visita impressionou muito agradavelmente os visitantes pela fórma como todo o trabalho está montado, pela excellencia das machinas ali installadas e pela perfeição da obra ali executada.

Seguiu-se a visita ao estabelecimento de moveis Alcobia & C.ª, na rua Ivens. Foi o sr. Carlos Alcobia quem recebeu os visitantes, mostrando-lhes a sua primorosa installação de coisas lindas, de moveis de todos os estylos, sobresahindo o portuguez antigo, que o sr. Alcobia tem resuscitado, dando assim um bello exemplo de patriotismo e de bom gosto.

Depois, a visita á fabrica de estamparia dos srs. F. Otero Salgado Ld.ª, na Horta Navia, a Alcantara.

São vastas essas officinas, fazendo-se muito trabalho para a Africa. Ha a estampagem manual e a mechanica, sendo perfeitos todos os processos.

Depois da visita e apreciados todos os trabalhos, foi servido, n'uma grande dependencia da fabrica, um bello almoço fornecido pela casa Ferrari, trocando-se ao champagne affectuosos brindes. O primeiro foi do sr. Aboim Inglez, presidente da Associação Industrial Portugueza, que bebeu á saude do sr. Otero Salgado, que disse ser um bello exemplo de quanto valem o trabalho, a honestidade e a honra. A esse brinde juntou outro á industria do norte, ali tão distinctamente representada. Seguiu-se no uso da palavra o sr. Xavier Esteves, presidente da Associação Industrial Portuense, o qual, agradecendo o brinde do sr. Aboim Inglez, ergueu tambem a sua taça pelo sr. Otero Salgado, a quem felicitou pela bella collaboração que encontrou em seus filhos.

O sr. Otero Salgado, manifestando o regosijo que sentia por tão honrosa visita, brindou pelas direcções das associações industriaes de Lisboa e Porto, fazendo votos por que da sua união, que tão auspiciosamente se estava realisando, resultem grandes beneficios para a industria nacional. O sr. Polycarpo Salgado agradeceu aos representantes das duas associações a honra que deram á fabrica da sua visita e frisou a importancia da união da industria portugueza, para o mesmo fim commum de progresso.

O sr. Firmino de Oliveira, industrial portuense e velho amigo do sr. Otero Salgado, ergueu a sua taça pela familia d'esse industrial e pelas prosperidades da sua fabrica.

O sr. Henrique Taveira poz em evidencia o trabalho honesto e intelligente do sr. Salgado e bebeu pela união das duas associações.

Por ultimo, o sr. Aboim Inglez brindou á familia Salgado, ao sr. Henrique Taveira, ao sr. Carlos Ferreira e á industria portugueza.

Os representantes das duas associações partiram ás 16 horas para Cintra, Collares e Cascaes.

maes das linhas da Anatolia e de Bagdad eram quasi que mais terriveis do que as dadas outr'ora nas veredas das montanhas e nos desfiladeiros do Euphrates.

Para podermos descrever as scenas de terror que se deram no Oriente em 1915 temos de dizer, embora em poucas palavras, o que eram os armenios e quaes eram as suas relações com os turcos.

Os armenios eram uma das dispersas e desapparecidas nacionalidades do Oriente. Eram uma nação christã, tendo a sua egreja propria—a egreja gregoriana, assim denominada por ter sido S. Gregorio quem converteu a Armenia ao christianismo—com a sua biblia e a sua lithurgia em lingua armenia, mas não eram reino desde o anno 387 da era de Christo.

O Katholikos ou primaz ecclesiastico de todas as Armenias, que vive no mosteiro de Etchmiadzin na Russia Caucasica, é o unico representante sobrevivente d'esse antigo Estado armenio. Nem a mais pequena parte da nação armenia gosa de independencia politica desde 1375, anno em que o principado que restava da Armenia e que se havia refugiado nos outeiros Cilicianos, succumbiu ao cêrco que lhe foi posto pelas potencias musulmanas.

Durante os seculos que desde então teem decorrido, a população armenia tem estado sujeita a governadores estrangeiros, a maior parte das vezes inimigos; comtudo, como os judeus, parece terem encontrado um estimulo na adversidade.

No anno de 1915, os armenios espalharam-se pelo mundo, desde Calcutá e Singapura até Nova York e á California, e onde quer que se estabeleceram fizeram carreira e assentaram arraiaes. A grande maioria da nação está, porém, ainda á dentro das fronteiras dos imperios turco e russo.

A primitiva habitação da raça armenia e a séde do antigo reino armenio é um planalto de pastos montanhosos, tendo contrafortes de barreiras quasi a pique e cortado por fundos ravinas dos rios, ficando entre o Caspio, o Mar Negro, o Mediterraneo e o golpho Persico e alimentando as torrentes que n'elles se lançam.

Esse planalto é cortado, de noroeste a sudeste, pela fronteira turco-russa estabelecida em 1878 e o grande avanço dos exercitos do gran-duque nos primeiros mezes de 1916 fel-o ficar todo a dentro das linhas russas. Mas em 1915 a população armenia da Turquia não estava limitada ao planalto.

As provincias que eram consideradas como formando especialmente a Armenia e que eram conhecidas pelos diplomatas orientaes como os «seis vilayets» estendiam-se a oeste do Euphrates até ao interior da peninsula da Anatolia; a Cilicia, a região em frente de Chypre na extremidade nordeste do Mediterraneo, que havia sido a séde do ultimo principado armenio, que, como dissémos, cahiu em 1375, tinha ainda grande numero de cidades e aldeias armenias; e havia um nucleo grande de armenios nas vizinhanças de Constantinopla—cerca de 15.000 armenios da população da propria cidade e talvez quasi outros tantos nos districtos asiaticos ao longo das costas oriental e sul do Mar de Marmara.

Os armenios estavam, pois, largamente distribuidos na Turquia, mas, como dissemos, eram uma raça dispersa e submergida. Territorio algum estava em seu poder exclusivo. O proprio planalto que lhes fôra berço estava em parte em poder das tribus de pastores kurdos, que apascentavam os seus rebanhos nas montanhas e nas encostas, deixando aos agricultores armenios apenas os valles e as planicies.

Nas cidades e contrafortes da peninsula de Anatolia estavam misturados com os citadinos e camponezes turcos. Era apenas nas montanhas da Cilicia e na bacia do lago Van—a provincia oriental da Turquia mais proxima das fronteiras russa e persa—que havia uma população armenia mais pura e

Folhetim d'"A Capital"

HISTORIA DA GRANDE GUERRA

VOLUME XII

Consulado General de España en Portugal

Para conocimiento de todos los subditos españoles sujetos á responsabilidad militar, se hace saber que S. M. el Rey D. Alfonso XIII (q. D. g.) se ha dignado por su Real Decreto de fecha 24 de Julio proximo passado conceder indulto de las penas ó correctivos impuestos ó que puedan corresponderles:

—1.º—A los mozos declarados profugos por no haberse presentado personalmente al acto de la classificación sin hallarse comprendidos em alguno de los casos del articulo 100 de la ley, y los que debiendo presentar-se ante las Comisiones Mixtas para revisión, dejaron de hacerlo.

2.—Los declarados prófugos de clasificación y concentración que no se hubiesen acogido á los beneficios de los anteriores Reales Decretos de Indulto.

3.ª—A los desertores y á quanto se hallen sometidos á procedimiento como tales, incluso los comprendidos en el articulo 202 de la Ley.

4.ª—A los inductores, auxiliares y encubridores del delito de deserción y á los complices de la fuga de mozos declarados *prófugos. Los desertores y profugos* acogidos á esta gracia se destinarán á Cuerpo ó seran incorporados a los que fueron destinados e deberan servir en activo todo el tiempo que estuvieron los demas individuos de su reemplazo *abonandose a los desertores* el servido con anterioridad á la deserción.

Los mozos non alistados que se acojan á este indulto, quedan eximidos de las penalidades del articulo 31 de la Ley de 21 de agosto de 1866 y 41 de lá vigente, siendo incluidos em el primer alltamiento com identicos derechos y obligaciones de los mozos inscriptos en el mismo.

Los desertores, profugos y mozos no alistados, acogidos a este indulto y que *non llegaron a ingresar en cuerpo*, podrán disfrutar los beneficios de la redución del tiempo del servicio em filas, pudiendo los residentes en esta capital, satisfacer las cuotas mediante la presentación de letras de cambio ó resguardos del Banco de España, á favor de los Jefes de lá zona de reclutamiento, teniendo al mismo tiempo el derecho á elegir el Cuerpo en que desean servir los 5 ó 10 meses que les correspondan.

Los individuos en las condiciones de los comprendidos anterior, pero de *reemplazos anteriores a 1912*, al acogerse a esta gracia podran solicitar la redención á metalico por 1.500 pesetas.

Se exceptuan de los beneficios de este indulto, los que hayan cometido la deserción perteneciendo á los Cuerpos de guarniciones de Africa ó del Exercito en *operaciones, ya abandonando las filas ó* dejando de incorporarse á ellas despues de disfrutar la licencia temporal ó ilimitada.

Estableciendose el plazo de seis meses para los residentes en el extranjero, puedan todos cuantos se consideren comprendidos en el indulto, presentar sus solicitudes en este Consulado General, todos los dias laborables de las 12 á las 15

Lisboa, 1 de agosto de 1919.

El Consul General

Frederico Janer

João Cupertino dos Santos

Falleceu

Joaquina da Silva Campos Santos; Emma Campos Santos Pamplona e seu marido Luiz Carlos Pamplona, participam aos seus parentes e pessoas d'amizade que falleceu hoje seu marido, pae e sogro e que o seu funeral sahe ás 11 horas d'ámanhã da rua Gomes Freire, 168, rio para o cemiterio occidental.

CAPITULO I

As atrocidades armenias—O exterminio d'uma nação

No começo de 1915 havia mais de dois milhões de armenios no imperio ottomano. No fim d'esse anno, dois terços haviam sido ou massacrados nas suas cidades e aldeias nataes ou arrancados de suas casas e «deportados», como officialmente se dizia, não chegando nem 50 por cento d'esses condemnados ao logar que lhes fôra marcado para deportação.

Os que faltavam morriam em virtude de maus tratos ou exhaustos no meio do caminho e os que chegavam morriam rapidamente de fome e de doença.

A «deportação», de facto, era simplesmente um methodo de massacre gradual, mais effectivo como demonstram os numeros e, acima de tudo, mais cruel individualmente do que a morte instantanea por meio d'uma bala ou d'uma bayoneta.

Quando se lê a historia das atrocidades praticadas—e são em grande numero os depoimentos de testemunhas oculares neutraes que fugiram da Turquia e narraram as scenas que presenciaram—chegamos a imaginar-nos transportados ao oitavo seculo antes de Christo ouvindo as narrativas de como os filhos de Israel eram levados para o captiveiro pelos assyrios.

Esse methodo de destruir uma nação tem sido sempre mais ou menos seguido no Oriente desde a fundação dos imperios orientaes. Sargon, Nabuchodonozor e Dario puzeram em pratica o precedente que foi seguido pelos Jovens Turcos, tendo estes ainda ao seu dispôr meios que os seus predecessores nunca possuiram.

Houve uma uniformidade, uma efficiencia, uma perfeição na sua obra que revelava as relações intimas com os prussianos. A deportação dos armenios em 1915 foi organisada dos ministerios do interior e da guerra em Constantinopla por meio do telegrapho e do telephone; os exilados eram muitas vezes conduzidos em caminho de ferro; os recalcitrantes eram dominados ou mortos por baterias de montanha de tiro rapido e de metralhadoras—sendo a artilharia dirigida, em certos casos, por officiaes allemães—contribuindo todas essas modernas invenções para tornar mais horroroso o crime.

As scenas nas congestionadas testas de caminho de ferro e nos ca-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2114—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Quinta-feira, 3 de Agosto de 1916

Telephones: 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5,1.º | Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71 | Preço 2 centavos

A cooperação portugueza

Frequentemente se ouve dizer em Portugal que venceram os que desejaram a guerra. E' uma affirmação despropositada. Em Portugal ninguem desejava a guerra. Ella rebentou, produziu a conflagração europeia, sem que ninguem possa dizer que Portugal teve n'isso a menor ingerencia. Seria pueril affirmal-o, e supinamente ridiculo pretender que quaesquer enunciados de opinião por parte de portuguezes tivessem tido n'esse facto a mais reduzida influencia.

Ninguem desejou a guerra em Portugal, como nenhum povo, nenhum paiz, a não ser o que o kaiser dirige, mostrou desejar esta guerra. Seria loucura que nações que não estavam bem preparadas para a guerra, como a sequencia da campanha o demonstrou, pensassem em fazel-a, expondo-se a terriveis contingencias. Dois annos foram necessarios para que a preparação dos alliados egualasse a dos allemães. Esses é que ha quarenta annos faziam um esforço colossal para se collocarem na situação de invenciveis. E como assim se julgavam só elles podiam desejar a guerra, porque só elles podiam reputar o exito seguro.

Em Portugal, tendo-se desencadeiado a conflagração europeia, não houve, como não havia até essa data quem desejasse a guerra. Houve, sim, quem tivesse a visão nitida de que não deixariamos de ser envolvidos na guerra. Era logico. Era inevitavel. A isso nos levaria necessariamente a nossa alliança com a Inglaterra, que ninguem em Portugal ousou ainda, mesmo da maneira mais vaga, insinuar, sequer, que destruissemos ou desconhecessemos.

Logo nos primeiros dias da guerra, se fez em Portugal a declaração solemne de que seriamos fieis á alliança ingleza. Estabelecia essa alliança que dessemos o nosso auxilio á Inglaterra quando ella fosse atacada no seu territorio? E não tem sido ella atacada no seu territorio? Os ataques a uma nação, no seu proprio territorio, não se effectuam hoje só com tropas que pisem o solo da sua metropole. Esteve e está a Inglaterra em lucta, em terra, com os allemães, nas suas colonias. Mas tambem tem estado e está sendo atacada no territorio da metropole pelos allemães. Que significam esses «raids» de zeppelins sobre as terras inglezas? Porventura os tiros que os canhões da artilharia disparam são mais aggressivos e mortiferos do que as bombas arremessadas de bordo d'esses apparelhos de guerra?

A cooperação de Portugal na guerra europeia tinha de se dar. Atacada no seu territorio, tendo ainda não ha muito repellido a esquadra allemã que procurava sahir das suas bases navaes para bombardear as costas britannicas, a Inglaterra procura o seu inimigo onde sabe que o póde ferir. E' na França que ella póde defrontar os exercitos do kaiser, na França sua alliada. Ao lado dos inglezes, os portuguezes teem de combater na terra em que elles combatem. E' simples e insophismavel.

A lucta que se trava é de tal ordem que não dispensa os concursos materiaes, embora pouco importantes em relação aos contingentes empenhados na acção e á inanidade dos seus recursos, como não dispensa o concurso moral. Um e outro era de esperar que tivessemos de prestar á nossa lealissima alliada. Não são muitos os belgas, que ainda batem, de armas na mão, a bandeira da sua patria; não são muitos os servios que em eguaes condições se encontram. Todos elles são aproveitados, e quasi se póde dizer que o seu papel é tanto mais glorioso quanto as suas forças mais reduzidas se encontram.

E, porventura, acima de tudo, esta a cooperação moral, essa cooperação que consiste, para os poderosos defensores d'uma causa commum, em poderem apontar para os pequenos povos que dão a parcella do seu esforço a essa obra admiravel, e a justificam, a santificam, outhorgando-lhe os attributos da maior das bellezas e da maior das sublimidades!

MUSEU DE ARTE ANTIGA

Inauguraram-se hoje mais duas salas

Abriram, hoje, ao publico mais duas salas no Muzeu Nacional de Arte Antiga sendo essas installações, apesar de provisorias, mais uma prova do interesse—aliás já muito mais completa e largamente documentado—com que a direcção do Muzeu continua a occupar-se das collecções que lhe foram confiadas.

Na primeira sala, agrupam-se peças valiosissimas dos della Robia ou da sua escola, vendo-se tambem, ali algum mobiliario portuguez e estrangeiro do seculo XVII e exemplares admiraveis da indumentaria persa, dos seculos XVI e XVII, tudo isto disposto com uma grande harmonia e sobriedade. Na segunda sala, esta installada a faiança nacional e estrangeira tendo sido esse trabalho confiado ao sr. José Queiroz que, em conformidade com as indicações da direcção do Muzeu, distribuiu as peças e ceramicas com muito bom gosto pelas vitrines que se vêem n'essa sala. Desembaraçadas das variadissimas etiquetas que as cobriam de todos os lados, limpas da poeira e outra sujidades, e dispostas methodicamente sem deixar de estar valorisadas artisticamente, as peças agora expostas de essa collecção não envergonham já o muzeu, como o envergonharam durante annos, com nenhuma honra para as pessoas que d'elle tinham por dever cuidar.

Realisou-se assim, quanto a ceramica e ainda a titulo provisorio, como fica dito, o plano que o sr. dr. José de Figueiredo annunciou quando entrou para o muzeu e que já foi registado nas columnas da «Capital» em uma entrevista que, pelo eminente director do muzeu nos foi concedida ha cerca de anno e meio.

Tambem se acha já exposto em uma das salas do andar superior o baculo que, graças á generosidade de um amigo do muzeu, a direcção adquiriu no recente leilão Azambuja, sendo a exposição feita em uma vitrine que, pelo seu conjunto, verdadeiramente modelar, é mais uma affirmação do zelo excepcional e da indiscutivel competencia do sr. dr. José de Figueiredo.

Migalhas

Familiaridade

Não ha expressão mais exacta e que melhor nos assente do que essa que temos visto empregar quando se trata de pacificação: a familia portugueza. Na verdade, somos uma grande familia, uma familia desavinda, é certo; mas uma familia. E, por isso, todos nos tratamos com familiaridade. Em Portugal não ha grandes homens de Estado, nem grandes artistas, nem grandes litteratos, nem grandes sabios. Passa Guerra Junqueiro no Rocio, diz um fulano na Brazileira:—«Lá vae o Junqueiro». Chega Affonso Costa vindo de tratar os mais delicados problemas da nossa existencia nacional. Em qualquer tabacaria, pergunta um beltrano a qualquer cicrano:—«Então já chegou o Affonso, hein? Elle arranjaria dinheiro? Vamos para a guerra ou quê?» E toca de conversarem os dois socios, de darem opinião e tirarem conclusões.

A's pessoas gradas d'esta terra falta em absoluto aquella necessaria auréola de prestigio formada pelo justo respeito da turba. Ou porque a nossa cidade é uma aldeia onde a cada passo nos encontramos ou porque o nosso povo carece dos mais elementares preceitos de cortezia ou porque se aboliu de ha muito a noção das proporções, o caso é que tratamos aquelles, que o seu merito devia isolar, exactamente como se fossem os nossos camaradas de todos os dias. O trabalho a que se entregam, as difficuldades que procuram vencer, os esforços que realisam, tudo nos apparece apoucado e mesquinho. Tudo se passa em familia, n'uma familia sem cathegorias. Não ha grandes poetas, porque todos fazemos versos. Não ha grandes escriptores, porque todos os analphabetos escrevem. Não ha grandes politicos, porque politicos somos nós todos e todos sabemos discutir e resolver os mais complicados problemas. Tudo se nos afigura facil e, portanto, todos nos suppomos collegas uns dos outros. São os paisanos que discutem assumptos militares e os illetrados que exercem a critica. São os ignorantes que apreciam a sciencia e os que nasceram para ser governados que pretendem orientar o governo. D'ahi a familiaridade. Abençoada familia portugueza!

ANDRÉ BRUN.

No Brazil

Ruy Barbosa em Paris

RIO DE JANEIRO, 3.—A imprensa refere, elogiando calorosamente, o convite feito pelo governo francez ao senador Ruy Barbosa para uma visita á cidade de Paris, no corrente anno.—(Americana).

Praga de gafanhotos

PARANAGUÁ (ESTADO DO PARANÁ) 3.—Os gafanhotos estão fazendo grandes estragos nas plantações dos arredores d'esta cidade. A secretaria da agricultura do Estado tomou providencias para combater efficazmente esta praga, que tem atacado a agricultura dos estados do sul.—(Americana).

O consul do Brazil em Coimbra

RIO DE JANEIRO, 3.—O sr. Alfredo Dias Melone foi nomeado para o novo consulado em Coimbra.—(Havas).

O CAPITÃO HOPWOOD

do Royal Flying Corp

O nosso primeiro vôo em aeroplano

LONDRES, 22.—Hontem appareceram cá em casa o Maia e o Portella. Era fim de semana e calculavam poder passar o domingo em Londres, n'um merecido e salutar descanço. Enganaram-se, porque em certa altura foram informados de que apesar de ser domingo, no dia seguinte de madrugada tinham instrucção, e embora ella se limitasse apenas a dois ou trez vôos, tinham de estar em Northolt pouco depois do nascer o sol.

Foi uma arrelia, mas, emfim, a instrucção acima de tudo e como os vôos do dia seguinte não impediam o jantar de hoje, lá fomos os trez para o *Frascatti* restaurar forças para o trabalho da madrugada.

Como o leitor calcula, durante todo o jantar só se falou de Portugal, da guerra, da nossa cooperação e, enthusiasmados, cheios de patriotismo, esses valentes rapazes só desejam pôr todo o seu valor, toda a sua intelligencia e a sua propria vida ao serviço da Patria.

Nós, os portuguezes, primamos em dizer mal da nossa terra, mas, quando nos encontramos cá por fora, o caso muda por completo e ninguem ama mais o seu torrão do que nós. E assim todo o jantar versou sobre Portugal e, aviadores muito amantes da nova carreira, os dois officiaes falaram largamente de aviação, das suas esperanças e dos seus desejos. Extraordinariamente modestos, não fizeram nunca a menor referencia ás suas pessoas.

E entretanto devemos registar que na escola de Northolt estes rapazes são tidos na maior consideração e os inglezes estimam-os pelas suas bellas qualidades e pela facilidade com que aprendem o manejo e governo de todos os apparelhos.

Vem a proposito dizer que desde a visita que tinhamos feito a Northolt nos ficára uma grande vontade de voar, de experimentar essa sensação nova, para nós tanto mais apreciavel, quanto é certo que o voar é ainda hoje um sport perigosissimo. O perigo attrahe-nos, e, quanto maior, maiores desejos temos de o arrostar. Durante o jantar, o caso foi discutido e ponderado, e por unanimidade ficou assente que na madrugada seguinte nós iriamos com elles para Northolt e por certo o capitão instructor nos levaria lá para cima.

Nós tinhamos vontade de voar com um dos portuguezes, mas não é permittido, e assim tivemos que nos resignar a esperar para a madrugada seguinte o convite delicado de um dos instructores do campo.

A's quatro da madrugada estavamos a pé e para que pudessemos vêr novos aspectos dos arredores de Londres o nosso automovel seguiu para Northolt por um caminho diverso do que já conheciamos.

Para estes lados tudo é lindissimo. A madrugada estava esplendida e, ao contrario do que é vulgar n'esta cidade de Londres, um sol radioso illuminava já as ramarias altas das arvores e os telhados de ardosia dos chalets e das villas. Estava fresco e sobre a relva e os tufos floridos dos jardins pairava uma nevoa adelgaçada que o sol em breve fez desapparecer.

De um lado e outro jardins esplendidos e pequenas mas aprazíveis mattas de castanheiros e platanos. As casas são tudo quanto de mais agradavel se pode desejar.

Atravez as janellas muito grandes adivinham-se interiores confortaveis e asseiados, convidando á permanencia e ao amor da familia.

Ao chegarmos perto do campo de aviação, que fica em baixo, na planicie, ficamos um pouco despontados. A nevoa sobre o campo era muita, dando-nos a impressão de um campo innundado. Da espessura da nevoa sahiam apenas as copas das arvores e as chaminés das barracas dos officiaes.

Com este tempo não poderiamos voar, o que para nós constituia uma grande arrelia.

Mas o sol foi nosso amigo e quando entrámos no campo a nevoa tinha desapparecido. Fazia frio a valer e preparando-se para a instrucção os rapazes envergaram os casacões de sola forrados de pelles e enterraram na cabeça os seus bonets de aviadores.

O campo estava silencioso, porque ao domingo estão de folga quasi todos os soldados e officiaes. Apenas um numero limitado, e dos mais avançados, tinha instrucção.

Os mechanicos começaram a tirar dos *hangares* os apparelhos e a experimentarem os motores. O instructor, capitão Hopwood do Royal Flying Corp chegou pouco depois; enverga um casaco amarello, e na cabeça, cobrindo-a completamente, um bonet de sola forrado de pelles.

O capitão Hopwood é um typo perfeito do inglez, alto, secco, vermelho e fleugmatico. Na escola consideram-o como um dos melhores instructores e dizem que elle anda lá por cima com tanta tranquillidade e segurança como se fosse sobre uma boa estrada um passeio de automovel.

Como tinha de dar instrucção só voaria commigo um pouco mais tarde, mesmo porque assim disporia de mais tempo para fazermos o que em calão de aviadores se chama um *bom lote*.

Por ali ficámos a vêr voar os portuguezes. Primeiro subiu o Maia com o instructor. O apparelho era um *Avion* e os portuguezes faziam n'elle a sua estreia.

Por lá andou, deu uma volta, fez uma *aterrissage* e subiu de novo. Ao descer o instructor auctorisou-o a subir só e lá foi no apparelho que havia uns minutos acabava de experimentar governando-o com a maxima pericia. Emquanto o Maia andava lá pelo ar sósinho, subiu o Portella com o instructor e voltou a repetir-se a mesma scena. Tive pena de não vêr voar o Monteiro Torres. Tinha ficado em Londres, mas qualquer dia hei-de vêl-o lá em Portugal cortando o azul do ceu, no seu apparelho muito branco, em cujas azas ha-de brilhar a roseta verde-rubra da nossa terra.

Subiu muita gente, passou tempo e coube-nos então a vez, a nós.

—Vamos?—diz-nos o capitão Hopwood.

—Quando quizer.

—Lá por cima está tudo muito sereno, podiamos voar n'um *Avion*, mas é melhor subirmos n'um *Curtiss*.

Assim foi. Dentro de uns minutos o motor de um lindissimo apparelho *Curtiss* ronflava a pouca distancia de nós.

Emquanto preparavam o apparelho fomos envergando o cazarão, o *bonet* e as luvas do Portella. Um soldado inglez emprestou-nos uns oculos e por entre os arames que esticam as azas lá subimos para o apparelho. O nosso logar é o da frente junto ao motor.

Temos á mão todos os governos, mas recebemos a intimação de não mexermos em coisa alguma.

«Uma vez sentados apertamos a fivela do cinto de coiro que nos prende solidamente ao apparelho. Vae-se ali com toda a commodidade. No outro logar atraz de nós está o capitão Hopwood. Os mechanicos põem a helice em movimento, o motor começa a trabalhar e tendo-o experimentado convenientemente o piloto manda tirar os calços das rodas.

Vamos correndo sobre o campo e feita uma curva o nosso apparelho deslisa com maior facilidade. Quasi o não sentimos descolar e temos apenas a impressão de nos sentirmos mais leves.

O apparelho sóbe em direcção de um massiço de arvores que nos foge debaixo dos pés. Nós olhamos para o espaço. Na nossa frente as bombas dos oito cylindros do motor movem-se nervosamente, dando-nos a impressão das patas de um caranguejo muito grande. N'este momento sentimos que o aeroplano deixa de subir, na nossa frente o motor baixa-se e surge a linha do horisonte e todo a campo em baixo com as suas estradas e cumes, os massiços de arvores, as casas isoladas e um logarejo pequeno em volta d'uma egreja.

Experimenta-se então uma admiravel sensação de goso e de superioridade. A nossos pés tudo é pequeno, gracioso, infantil. As arvores, as casas, os campos e as estradas dão-nos a impressão de brinquedos.

O nosso amavel instructor, para que vissemos bem faz inclinar o apparelho para o lado. As azas devem fazer com a terra um angulo inferior a 45 graus e então o espectaculo é admiravel.

Voltamos a subir seguindo na direcção de uma aldeia que fica perto e sobre a qual não tardamos a passar. A grande torre da egreja fica cá em baixo muito pequenina e o canal que deve ser largo não é mais do que uma delgada linha d'agua.

Na linha do horizonte fica Londres e nós voamos já sobre os arvoredos. As ruas e as casarias negras desapparecem rapidamente debaixo dos nossos pés.

Fizemos uma curva e n'este momento é sobre a linha ferrea que passamos.

Um comboio que nos dá a impressão de ser um brinquedo de creanças vem lá ao longe. O nosso aeroplano vae ao seu encontro e durante algum tempo voamos sobre elle, depois um pouco ao lado, para o vêrmos bem. Do comboio tambem nos vêem, porque ás janellas agitam-se lenços brancos saudando a nossa passagem.

Voltamos a subir, a subir muito e o frio é enorme. O ar deslocado passa zumbindo aos nossos ouvidos animado de uma velocidade enorme. Temos o bigode todo molhado e a mica dos oculos tambem coberta de humidade. As luvas estão encharcadas e quanto mais subimos maior é o frio.

Foi n'esta ultima que sentimos a sensação estranha dos *bunsps* ou seja a queda brusca de todo o apparelho no sentido vertical, de algumas dezenas de metros. Se não tivessemos o cinto seriamos projectados para fóra e a sensação que se experimenta é semelhante á experimentada quando subimos n'um elevador de com grande velocidade este pára de repente. Falta o ar e todo o organismo estremece.

Informam-nos depois que o differente aquecimento das varias camadas atmosphericas determinava este phenomeno.

Já andavamos lá por cima havia bastante tempo e tendo pairado sobre o campo de aviação voltamos contra o vento para descer.

Este é o momento mais emocionante para quem sobe em aeroplano. O motor pára e nós picamos direito a terra.

Arvores, casas, pessoas, tudo augmenta de volume colossalmente, correndo para nós. Temos a impressão de que nos vamos despedaçar lá em baixo. Mas n'um momento o apparelho parece que subiu, voltamos a olhar o espaço, o motor volta a trabalhar, estamos quasi a tocar o solo. E, muito suavemente, sem um estremeção, pousamos como uma ave.

O aeroplano corre então sobre a terra e a sensação é desagradavel, pois vamos aos solavancos sobre um elemento rigido.

Viemos parar precisamente no mesmo ponto da largada. O Maia e o Portella esperavam-nos, desejosos de saber as nossas impressões.

Diremos agora o mesmo que então dissémos. O voar foi para nós a mais agradavel das sensações que temos emprehendido. E' de uma commodidade enorme e o homem lá em cima, dominando tudo, tem a sensação de ser mais livre e mais ampla e fortemente dominar o mundo.

Devemos confessar que, talvez devido á altura em que estavamos, nós n'aquelles momentos consideravamo-nos superiores a toda a gente.

Já em terra e fóra do apparelho agradecemos ao capitão Hopwood a sua extrema gentileza e aqui o recommendamos a toda a gente que queira subir com a maxima confiança.

E' um piloto admiravel e tivemos occasião de verificar o que a seu respeito nos tinham dito. Anda lá por cima como em sua casa.

E aqui tem o leitor como nós voámos pela primeira vez que... não será a ultima.

EDMUNDO PORTO.

Arbert Thomas

A entrevista com o illustre homem de Estado francez

Tendo o sr. Albert Thomas, o ministro das munições no gabinete francez, manifestado o desejo de accrescentar algumas considerações á entrevista que concedeu ao nosso collaborador sr. Edmundo Porto, não nos é possivel publical-a hoje, como tinhamos annunciado.

A grande guerra

O Brazil abastece a França

BELLO HORIZONTE (MINAS GERAES), 3.—A Associação Commercial recebeu do ministerio da agricultura a informação de que a praça do Havre pede uma grande quantidade de arroz, milho e feijão. Os agricultores do Estado de Minas Geraes resolveram fazer o fornecimento pedido, tendo o governo assegurado o transporte para a França.—(Americana).

O Brazil economico

RIO DE JANEIRO, 3.—Na commissão de finanças, o deputado Cincinato Braga faz votos, apesar da sua situação opposicionista, para que o Brazil continue no caminho das economias, de maneira a tornar completamente desafogada a situação financeira do paiz. Durante este anno, as despezas soffreram uma reducção de 271.000 contos de réis.—(Americana).

Os dirigiveis sob Inglaterra

LONDRES, 3.—Os condados de leste foram bombardeados á meia noite por varios dirigiveis.—(Havas).

TERRAS DE PORTUGAL

ESTREMOZ

A mais importante villa portugueza é um rico centro agricola

ESTREMOZ, 31—Saio do Vimieiro noite alta. A pobreza de comboios n'esta parcella dos Caminhos de Ferro do Estado é verdadeiramente franciscana. O ascendente chega a Villa Viçosa, estação *terminus*, de madrugada. O descendente parte d'essa mesma estação ás seis da manhã. De maneira que quem quizer visitar as terras entre Evora e Villa Viçosa tem, pelo menos, de se demorar vinte e quatro horas em cada uma d'ellas, que chegam a sobram para se morrer, n'este julho calido que destila lume, de calor e de aborrecimento. Cae um palido e timido luar que me permitte adivinhar, atravez do vidro corrido da carruagem, a paisagem monotona, que se alonga d'um e de outro lado da linha. Predomina o montado. A azinheira, de ramarias, compactas, de folhas bicudas e pequeninas, tingidas d'uma côr de chumbo denegrido e polido, cobre a terra toda, envolta n'uma poeira cinzenta que se parece com a dos nevoeiros prestes a desfazerem-se. O arvoredo é quasi ininterrupto, estendendo-se até aos socalcos da serrania e até á raiz dos montes baixinhos, que mal se erguem na luz nocturna e pobre, como monstros adormecidos de fadiga...

Evora Monte, lá no alto, mal deixa adivinhar o seu castello pequenino e roqueiro. A velha fortaleza desmantelada, onde um regimen nasceu e outro morreu, parece, vista cá de baixo, atravez da minha janella, uma mancha de sombra. A meu lado, dois officiaes de cavallaria conversam animadamente de tropas e de cavallos. Torres Novas, com a sua escola pratica, com as suas raparigas, doidas pelos aspirantes, com as suas romarias e com as suas fogueiras do S. João, surge deante de mim como um explendido eden, onde a graça das mulheres se junta á belleza da terra florida, e onde se noiva pelos caminhos, de braço dado, á luz da lua e das estrellas, que são as melhores madrinhas dos amores que incendeiam as almas e queimam, implacaveis, os corações. E o passado heroico d'esta região, que o comboio cançado atravessa, vem até mim, com os seus exercitos aguerridos e fortes, com os seus soldados destemidos, a arder em furia contra o hespanhol invasor, dominado pelo desejo brutal de reduzir tudo isto ao seu poder despotico e á sua tirania de vencedor. A figura do Santo Condestabre quasi se destaca, altiva e coroada de sóes resplandecentes, do fundo verde-negro da interminavel campina; e os heroes de Montes-Claros, implantando para sempre a independencia de Portugal, dir-se-hia que rondam á minha vista deslumbrada, cercados de luz, para que toda a gente os veja e n'elles aprenda a amar a terra bemdita de Portugal.

Meia noite. Na «gare» de Extremoz, á luz amarella dos candieiros de petroleo, agitam-se sombras. O comboio pára e as sombras definem-se. Cada espectro se transmuda n'um ente que se móve, que fala, que gesticula, que espera, que estende os braços para abraçar e alonga os labios, anciosos por dar beijos. Apeio-me. A alegria d'esta gente faz-me mal, porque me enternece. E' que a ternura não passa, bastas vezes, d'um sentimento que suffoca e nos enche a alma de dôr e de fél. Para os que chegam, ha apenas um *char-à-bancs*, para nos conduzir ao hotel. Consigo um logar. A meu lado sentam-se dois alumnos do Collegio Militar, que regressam para ferias. Defronte de mim um casal de tremulos velhinhos, cuja fala traz já a marcal-a o accento quasi gutural das pronuncias raianas, pergunta afflicto, de minuto a minuto, n'uma melopeia triste e dorida, se ainda esta noite havera diligencia para Monforte. Sim, sim, responde-lhe o cocheiro mal humorado. E a carripana põe-se em marcha, aos solavancos, pela estrada arazada, dando bordos como um ebrio prestes a cahir.

Desconfio que o cocheiro sahiu ha pouco de Rilhafolles. E' que o *char-à-bancs* não desperdiça nem uma pedra, nem uma valeta, saltando por cima d'ollas todas, galgando-as, triturando-as, arrancando-lhes chispas de lume. O hotel é um antigo solar de gente fidalga, com preciosas escadarias de marmore, com quadros de azulejos por toda a parte. Os corredores, as salas, a casa de jantar, tudo isso está revestido de *panneaux* de tão vivo colorido como se os tijolos que o compoem hontem mesmo tivessem sahido das mãos dos artistas que os modelaram, que os pintaram e que os coseram. Talvez seja por causa d'este luxo de decoração antiga que tudo, n'este hotel, custa os olhos da cara. Os banhos, sobretudo... Nunca mergulhei em nenhum de tão alto preço, apezar da agua que sabia até meio da tina ser côr de laranja e ter vindo não sei de que turva nascente.

E' dia de mercado. No grande largo, mixto de rocio e de passeio publico, ha de tudo—coisas regionaes, alfayas agricolas, loiças, gados e, principalmente, montanhas de hortaliças e de fructas. O alemtejano magro e secco, trabalhador do campo, ganhão ou pastôr, por alli anda fazendo tranquillamente o seu negocio. Quasi não falla esta gente. Dir-se-hia que o mercado se realisa n'um vasto cemiterio, sob os cyprestes, e que ninguem faz ruido para não perturbar o socego placido dos mortos... Só um charlatão, empoleirado na sua traquitana que tem por zimborio a classica campainha, quebra, com a sua voz sem timbre, o silencio d'esta feira singular, apregoando a excellencia de certas drogas que curam todas as doenças. Mais além, sobre o chão do passeio, um alfarrabista modesto tem exposta toda a sua collecção de raridades bibliographicas. A *Princeza Magalona*, a *Historia de Bertoldo* e a tragedia da *Probe Inez*, são as que teem maior venda. E para os que lhe torcem o nariz, por já as terem lido, o livreiro, dando-se ares de litterato, recommenda certas publicações sicaliticas, que accendem desejos nos olhos cupidos d'aquelles que escutam os enredos complicados d'essas novelas dissolventes.

Ao meio dia, os prenuncios de trovoada desfazem-se. Desapparece a ameaça do mau tempo, mas fica a cahir sobre a villa toda branca, cercada de pomares e d'hortas, um sol que traz fogo e que me castiga como um fortissimo caustico. Não posso supportar este martyrio; e emquanto a gente que veio á feira debanda e dois bois tranquillos, expostos á torreira, sacodem, com as caudas enormes, o mosquedo faminto que os espicaça, fujo eu para o hotel, a abrigar-me da calôr insupportavel, calôr humido d'Africa e de trovoada, que a esta hora angustiada calcina tudo aquillo, que cáe sob a sua acção abrazadora. Deito-me e caio n'um somno profundo. E' que, ás sete horas da manhã, já tinha a bater-me á porta, para tomar banho, o hoteleiro impertinente. Quem fôr a Extremoz não peça um banho de vespera, para não se arriscar a ter de sahir da cama mal haja adormecido, se isso apetecer ao senhor todo poderoso do velho palacio de fidalgos, que hoje serve de hotel...

ADELINO MENDES.

OLHANDO O FUTURO

Abatem-se as arvores, mas não se replantam

A arborisação do paiz e o que occorre no actual momento

Como o Estado, promovendo-a e intensificando-a, poderia realisar uma obra de riqueza e outra de rehabilitação moral pelo trabalho

A cooperação portugueza nos campos de batalha da Europa, e que se effectivará dentro de pouco tempo, significando para o futuro do nosso paiz a mais solemne garantia da sua independencia, do seu bom nome e da sua prosperidade, não nos dispensa de considerar simultaneamente outro aspecto da vida da nação, que interessa de egual modo a esse futuro cuja grandeza cumpre acautelar em todo o sentido.

Mais do que nunca se torna preciso hoje trabalhar com afan, com methodo, com segurança e audacia de planos, tendo em vista resultados tão praticos e tão immediatos quanto possivel, para que a solução do problema economico se não protele, como se estivesse pendente da sorte das armas ou se a preparação para a lucta e a nossa entrada em campanha absorvessem por completo todas as intelligencias, todas as actividades e todas as energias.

Não só nas linhas de fogo se combate pela victoria, nem apenas serve e honra a patria quem se expõe aos supremos e gloriosos riscos das batalhas, derramando n'ellas o seu sangue e fazendo o holocausto da propria existencia. Pertencer-lhe-ha, a esse, o melhor quinhão no reconhecimento e nas homenagens que o dever cumpre

do e o heroismo impõem, mas é mister que, embora serenos e confiantes, os que ficarmos, não aguardemos de braços cruzados o desfecho previsto da conflagração.

* * *

Os povos em guerra—e citaremos apenas a França, a Inglaterra e a Allemanha—curam já agora, com solicitude e previdencia exemplares, do dia de ámanhã, antes mesmo de dirimida a lucta homerica. O senso pratico dos allemães, que entre as suas desmedidas e avassalladoras ambições e entre os seus comprovados crimes seria injusto não reconhecer, manifesta-se, na mesma hora tragica em que elles jogam as decisivas cartadas, para fatalmente as perderem, no labor a que se entregam, dentro e fóra das suas fronteiras, a fim de que a influencia de que dispunham nos mercados do mundo e a riqueza nacional d'ahi dependente se não subvertam de todo com a derradeira derrota militar... Nas fabricas allemãs trabalha-se não só para o presente mas para o futuro e não poucas foram n'estes dois annos de guerra montadas pelos subditos do kaiser em paizes neutros e até não muito longe de nós... Em França e em Inglaterra, a complexa questão do bem commum nas suas multiplas faces e particularmente sob o ponto de vista do progresso industrial e do desenvolvimento economico offerece ao meditativo estudo das estações officiaes e de todos os competentes, como de todos os patriotas, um thema não menos grave e melindroso que o do proprio conflicto.

E entre nós o que acontece?

* * *

Não iremos esmiuçar o que se passa em Portugal, porque isso levar-nos-hia muito longe sem que, ao cabo, nos pudessemos encher de justificado e nobre orgulho.

Basta que um episodio da rua, hoje frequente em Lisboa, prenda por um instante a nossa attenção e sobre elle façamos as rapidas reflexões que suggere.

A's portas das carvoarias agglomeram-se durante horas creanças, criadas e humildes donas de casa que esperam, nem sempre com modelar paciencia, a vez de se fornecerem d'um pouco de combustivel para que nos lares, que não bafejou a fortuna, se possa accender o lume... N'um ou n'outro ponto, surge um policia para manter a ordem e obstar a bulhas que se esboçam porque não falta quem queira ser servido primeiro, com detrimento dos demais, e quem procure, por meio de qualquer desculpavel fraude, levar maior porção do que a que se vende a cada freguez.

O carvão rareia, como se fosse um artigo de luxo, e o seu preço augmenta. Porquê? Porque a escassez de lenha, a falta de madeira crescem de dia para dia e continuarão a crescer. A exportação da madeira — ninguem o ignora—está-se fazendo em larga escala. E' conhecido o importante papel que ella representa na tremenda guerra. Negocio rendoso, desde que se não procure compensar, por via do repovoamento e da arborisação, as devastações operadas, os lucros são todos para os negociantes, para os transaccionistas.

Mas quem cuida ahi a serio da arborisação, tanto no litoral como no interior do paiz, decerto de ha muito estudada pelos mais abalisados technicos, e cujas innumeras vantagens em geral se conhecem e preconisam? Mas quem se preoccupa com o repovoamento dos extensos tratos de terreno onde toda as arvores, indifferentemente, incluindo as que longos annos levam a formar, se abateram para serem exportadas, sem que se cuidasse de substituil-as?

Se examinassemos os resultados de semelhante imprevidencia por parte dos que se contentam com o lucro immediato, desde que seja excepcional, e se ponderassemos as consequencias de tão lastimavel incuria por parte dos que parecem dormir nas secretarias do Estado a somno solto, com facilidade concluiriamos que são profundamente prejudiciaes para o paiz.

* * *

E não se diga que o Estado, pelo que lhe toca, depararia invencíveis obstaculos se pretendesse, larga e intensivamente, desenvolver florestas, arborisar ou repovoar incultos e maninhos, serras escalvadas e planicies estereis... Como, se quizesse, se a penuria de iniciativa e de arrojo não constituisse uma doença nossa, o Estado conseguiria realisar essa vasta e benemerita empreza sem mais dispendio e com duplicado proveito!

Não lhe era necessario transformar radicalmente o nosso systema penal para que, melhorando-o d'um modo sensivel, obtivesse, ao mesmo tempo, os braços que a tarefa da arborisação ou replantação florestal reclama para ser levada a effeito. Nas cadeias do paiz estiolam-se n'uma ociosidade permanente, quando não se pervertem de todo, individuos a quem o trabalho salvaria, rehabilitando-os. Nas mesmas penitenciarias, onde se obriga a trabalhar, succede que homens do campo só a muito custo e raras vezes com visivel exito se adaptam a novos misteres. Prisões ha em que jazem esquecidos os que a justiça, em virtude da applicação d'um certo numero de condemnações, mandou entregar ao governo para que lhes dê destino... Essas prisões são, por via de regra, como succede com a do Limoeiro, verdadeiras universidades do crime. Quem não vê quanto seria util applicar a perdida ou mal encaminhada actividade d'esses homens na obra a que estamos alludindo? Quem não entrevê os admiraveis fructos moraes que produziria semelhante medida?

* * *

Ha já na lei portugueza (Arthur Montenegro) o esquecimento para os delictos commettidos e expiados em certas circumstancias. Bom era que houvesse egualmente a rehabilitação pelo trabalho. Aqui fica a idéa: quem a puzer em pratica vinculará o seu nome a uma providencia de incalculavel valor social; quem, uma vez ella realisada, emprehender a obra do repovoamento florestal e da arborisação do paiz, dando que fazer áquelles braços inertes, ou que apenas virão a mover-se para o mal, não será menos benemerito do que o primeiro...

Castellos no ar

Numeros novos—Surprezas—Novidades

João Zagal, o camponez protagonista da bella revista-phantasia *Castellos no ar*, o famoso successo actual do theatro Republica, passou a ser interpretado pelo illustre actor Antonio Pinheiro, tendo uma verdadeira e esplendida creação artistica n'este personagem, que deu ainda mais realce e brilho á festejada peça de Schwalbach e Acacio de Paiva. Muito ovacionado, o publico distinguiu-o com constantes applausos.

Para amanhã annuncia-se uma noite sensacional: a estreia de seis numeros novos, engraçadissimos, confiados a Joaquim Costa, Angela Pinto e aos principaes artistas da actual companhia, o que tornará a revista ainda mais interessante, e uma verdadeira e constante fabrica de gargalhadas. Os preços são resumidos e populares. O mais bello espectaculo para as noites de verão e por pouco dinheiro.

A imprensa e a policia

A direcção da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa entregou hoje ao sr. governador civil uma representação solicitando a modificação dos passes de imprensa e a mais escrupulosa distribuição, pois que alguns são passados a individuos estranhos á classe. Tambem pediu que se tomem providencias para evitar conflictos como os que se teem dado ultimamente entre alguns representantes da imprensa e guardas da policia.

O sr. governador civil promotteu estudar o assumpto.

Quedas desastrosas

Na enfermaria 7 do hospital do Desterro deu entrada, em estado gravissimo, com lesões internas o estivador Guilherme Cunha, residente no becco de Almotacé, 1, 1.º, que deu uma queda a bordo do paquete norueguez «Santo André».

—A' enfermaria do hospital de S. José recolheu o jardineiro Antonio Marques Lopes, morador na rua de Arroyos, pateo do Ourives, 12, que deu uma queda na mesma rua, fracturando a perna direita.

—Com fractura da base do craneo e em estado gravissimo, deu entrada na enfermaria 1 do mesmo hospital Francisco Rodrigues Martins, moço de fretes, morador no becco do Arco Escuro, 13, 1.º, que cahiu pela escada da sua residencia.

Ainda na mesma enfermaria deu entrada o estudante Augusto d'Almeida, de 16 annos, que cahiu no asylo Maria Pia, fracturando a perna direita.

—Na enfermaria 1 do hospital Estephania deu entrada Eugenio Sande Alves, filho de Joaquim Alves Roxo e de Maria Candida Costa, residentes na rua do Barão de Sabrosa, 90, 2.º, que cahiu em casa, ficando muito contuso e ferido pelo corpo e cara.

—No hospital de S. José falleceu hoje Antonio da Silva, descarregador, que hontem cahiu á linha entre as estações do Lavradio e Alhos Vedros.

A questão das subsistencias

O sr. governador civil, tendo conhecimento de que no Alemtejo existe grande quantidade de carvão, esteve hoje conferenciando com o sr. ministro do trabalho sobre a melhor fórma de parte d'esse genero poder seguir para Lisboa. O sr. Chagas Franco tambem tratou da questão do assucar.

PEQUENAS NOTICIAS

Na noite de 31 do mez findo foi perdido no theatro Polytheama um binoculo pertencente ao sr. ministro da Argentina, que gratificará generosamente a pessoa que o encontrou, visto tratar-se de um objecto de estimação.

—Quando hoje os fiscaes dos impostos Manuel dos Santos e Ventura dos Santos desembarcavam do vapor «Rio Lima», vindo do Funchal, a guarda fiscal apprehendeu-lhes grande porção de tabaco, pelo que foram levados para a alfandega, onde pagaram uma multa importante.

—A policia procura Henrique de Santa Maria, de 10 annos, que fugiu da rua da Paz, a S. Bento, 22, loja, e João Castanheira, de 12, que desappareceu da rua do Terreirinho, 34, 2.º

—A direcção da Associação de Classe dos Estivadores do Porto de Lisboa procurou hoje o sr. governador civil, a quem pediu que de futuro, sempre que sejam precisos o serviços de descarregadores de mar e terra, elles sejam requisitados á repectiva associação. O sr. governador civil prometteu attender o pedido.

—Chama-se José da Silva Antunes, de 20 annos, empregado no commercio, residente na rua João Chrisostomo, 49, 2.º, o individuo que hontem n'um comboio da linha de Cintra disparou um tiro de revolver na cabeça, pelo que recolheu ao hospital de S. José. O seu estado é satisfatorio.

—Por ordem do 3.º juizo foi removido do hospital de S. José para a Morgue o cadaver do pequeno Fernando de Brito de Sousa, assassinado com uma azagaia na Ribeira Nova por um individuo conhecido pelo «Hespanhol».

—O sub-delegado de saude da respectiva area mandou recolher á Morgue o cadaver de Maria da Luz Oliveira Dias, casada, de 28 annos, moradora na rua do S... ao Rato, 38, fallecida em virtude de um mau parto e sem assistencia medica.

—O sr. director da policia esteve hoje interrogando os 13 fragateiros que hontem á noite foram presos em Santa Apolonia sob a accusação de atirarem uma bomba contra uma sentinella da guarda fiscal. Os presos negam e manteem a sua primitiva declaração de que foi uma garrafa vazia. Alguns agentes estiveram em Santa Apolonia a examinar o local, continuando os presos no governo civil.

NOS DOMINIOS DA ARTE

Um grande artista industrial em foco

Pioneiros do engrandecimento da nossa patria, em todos os seus ramos de actividade, registamos sempre e com intensa alegria, o triumpho d'aquelles que trabalham e que assim contribuem para a valorisação d'esse engrandecimento nacional. O industrial que vence, é um elemento de valia no paiz. O artista que triumpha, é um elemento de riqueza patria.

Ora, por que assim é e porque necessitamos fazer a mais intensa propaganda da evolução artistica e industrial portugueza, aproveitamos o nosso labor de reportagem em pesquizar a existencia dos que merecem a publicidade d'esses exitos e d'esses triumphos. Além do prazer de annunciar esses progressos, temos o orgulho de valorisar gente nossa, gente da nossa terra, gente retintamente portugueza, que trabalhando uma industria, está enriquecendo a actividade nacional.

E foi por isso que hontem de tarde aceitamos um amavel convite d'um amigo:

—Vem ver qualquer coisa digna da attenção d'um jornalista. Vem conhecer um artista completo, que vae revolucionar a capital com a sua obra modelar, perfeita e da mais irreprehensivel estetica»...

Fomos com elle, rua do Ouro abaixo. Pelo caminho colhemos impressões. Tratava-se d'um moço artista, modesto em demasia para o seu talento de industrial, que ia inaugurar uma alfayataria, não com o proposito de copiar um manequim ou um desenho, mas de crear a moda, a grande moda da elegancia, do gosto artistico e do gosto mundano. O novo industrial arroja-se a fazer qualquer coisa de estetico na nossa terra, a modernisar o nosso «dandy», a dar harmonia ao vestuario dos nossos elegantes, a procurar-lhe as proporções esteticas que hão de fazer d'aquelles, que os seus ateliers vestirem, o typo da moda, da graça e da esbelteza.

Conhecemos esses desejos do sympathico «tailleur». Vimol-os traduzidos n'uma linguagem clara, suggestiva, com que recebeu a nossa apresentação de reporter e a consequente investigação informadora. O sr. Thompson de Lemos é um homem desenvolto. E' elle mesmo um elegante, que poderia servir de modelo aos typos elegantes que deseja crear.

—Mas vae brigar com a rotina...

—Que importa? Tenho trabalhado muito, mas tenho triumphado. D'esta minha casa, d'estas salas da rua do Ouro, hei de fazer um «templo de arte». Tive sempre uma preoccupação como industrial:—dar ás minhas obras, perfeição e graça. Ha lá coisa mais inestetica e desengraçada que ver por essas ruas, cheias de tão lindas mulheres, rapazes mal vestidos, mettidos de qualquer forma dentro de fatos mal feitos?...»

O nosso amigo concordou plenamente com o arrojado industrial e commentou:

—Não resta duvida, que ha necessidade de vestir bem na epoca presente. A elegancia andou sempre a par do progresso das nações. Os periodos mais brilhantes da nossa historia foram aquelles em que se vestia com aprumo e com arte, com punhos de renda e sapatos de fivela.

E nós, á despedida concordámos:

—Teem razão meus amigos. O fato chic é meio caminho para alcançar a felicidade e para captivar corações.

Rapto d'uma creança

A policia averigua ser falsa a queixa

Noticiaram os jornaes da manhã que Rachel da Costa, moradora na rua Cidade da Horta, 48, 1.º, apresentára queixa contra Romana da Conceição, Guilhermina Delgado e Henrique Ferreira, todos da rua do Valle de Santo Antonio, 198, 3.º, accusando-os de lhe terem arrombado a porta, amordaçarem-na, aggredindo-a, furtandolhe um fio de ouro e raptando uma creança de 7 annos de nome Manuela Carvalho Rodrigues, filha do 1.º sargento da armada sr. Manuel Duarte Rodrigues, que lh'a confiára para crear.

Chamados todos hoje á policia, a queixosa não se apresentou, apurando-se que a accusação era infundada, pois não houve arrombamento, nem aggressão e que o fio fôra vendido pela queixosa quando ha dias esteve no Porto, apurando-se ainda que a creança fôra tirada á mãe, a fim do pae não ser obrigado a dar pensão a sua mulher.

A creança foi entregue a esta, devendo a queixosa ser amanhã ouvida.

Muzeu Bordallo Pinheiro

O sr. Cruz Magalhães, proprietario d'este muzeu, sito no Campo Grande, lado oriental, n.º 168, e onde colleccionou durante muitos annos de cuidadosas diligencias toda a obra artistica de Rafael Bordallo Pinheiro, generosamente offereceu á Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha durante o periodo da guerra o producto das entradas n'esse muzeu, que pela primeira vez é exposto ao publico.

E' deveras interessante a preciosa collecção e seguramente contribuirá a sua exposição para radicar ainda mais no espirito publico o quanto devem as artes graficas á poderosa iniciativa e talento do fallecido artista.

Como subsidio historico para a analyse dos factos e dos homens da sua epoca é de importancia capital e unica.

De esperar é portanto que a concorrencia a esta interessante exposição seja selecta e numerosa. O preço da entrada é de 10 centavos e está patente todos os domingos, das 15 ás 20 horas.

NO SALÃO FOZ

HONTEM:—Uma estreia sensacional

HOJE:—Um debute de grande valor

São, assim nos pares, os bons numeros apresentados no Salão Foz.

Hontem estreiou-se a «chanteuse» Stella Margarita. Obteve um grandioso successo porque tem uma voz admiravelmente timbrada. E' uma artista em toda a acepção da palavra, porque á sua bella voz de soprano ligeiro junta uma apresentação magnifica, um reportorio admiravel e um guarda-roupa tudo o que ha de mais luxuoso. E' mais um dos bellos numeros que o Salão Foz nos faz presenciar.

Hoje uma nova estreia a da canconetista hespanhola Carmen Vicente. D'esta artista, dizia-nos um amigo que a viu em Hespanha o seguinte:

—E' o melhor que tenho visto no genero; diz admiravelmente, tem immensa graça e ainda por cima apresenta-se de uma forma que seduz!

Não resta duvida que deve ser uma bella artista porque o amigo informador não é prodigo em elogios.

A estes dois numeros ha a juntar o duetto Santo-Ferry, que apesar de já serem conhecidos do publico são sempre vistos com immenso agrado e sempre muito applaudidos.

Carmen Sevilla completa o programma que como se vê é admiravel e de mais a mais visto n'um Salão onde apesar do calor se está bem.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Intensa lucta na frente franceza

PARIS, 3—Communicação official das 15 horas.—Ao norte do Somme os francezes repelliram durante a noite varias tentativas contra Monacu e organisaram posições defensivas entre esta herdade e o bosque de Hem. Confirma-se que as unidades allemãs empenhadas em combate em Monacu tiveram de ser rendidas em consequencia da importancia das suas perdas desde 30 de julho.

Ao sul do Somme malogrou-se um contra-ataque allemão ao sul de Estrées.

Na margem direita do Meuse os allemães fizeram violentos contra-ataques ás trincheiras que perderam hontem. Os nossos fogos de flanco e de fuzilaria anniquillaram os seus esforços e causaram-lhes importantes perdas.

Os francezes progrediram sensivelmente ao norte de Fleury chegando até ás immediações d'esta aldeia e passando além da estação. Os prisioneiros feitos hontem só na região de Fleury passam de 700, elevando a 1:100 o total dos feitos na margem direita desde 1 do corrente.

Na região de Vaux-Chapitre-Chenoix a lucta de artilharia continua intensa.

Nas restantes linhas a noite decorreu calma, excepto na floresta de Apremont onde patrulhas allemãs foram dispersas. Na linha do Somme o sargento Chainot abateu hontem dois adversarios elevando assim a oito o numero dos apparelhos inimigos que tem derribado. Proximo de Chauny cahiu em consequencia de combate um outro avião desmantelado.—(*Havas*).

Um grave revez infligido pelos italianos aos austriacos

ROMA, 3.—Communicação official—Noticias posteriores ao combate do valle de Astico, na tarde de 31 de julho, fazem sobresahir a gravidade do revez soffrido pelo inimigo. Depois de intenso bombardeamento contra toda a nossa linha dos valles de Assa, o inimigo fez varios ataques ao monte Seluggio e planicie de Destelle, ao mesmo tempo que por uma força importante os assaltantes do monte Cimone foram em toda a parte repellidos, soffrendo graves perdas. Na zona de Tofana o inimigo renovou hontem, mas em vão, os seus esforços contra as nossas forças em Labois. Em seguida a sea artilharia rompeu fogo sobre a cortina de Ampozzo. Os nossos canhões de grosso calibre responderam bombardeando os logares habitados de Drava.

No alto Degano a artilharia inimiga lançou varias granadas incendiarias na linha de Avoltri. A nossa artilharia respondeu com outras que destruiram parte da povoação de Mauthun no valle de Gail. Ao passo que os aviões inimigos no dia 27 atacavam sem nenhum fim militar as nossas cidades não defendidas no Adriatico inferior, na manhã de hontem uma forte esquadrilha de aeroplanos bombardeou no golpho de Riume a fabrica Siluiterspille e um submarino a trez kilometros a oeste da cidade. Tornados alvo de intenso fogo das artilharias antiaereas e atacados por numerosos aviões inimigos os nossos arrojados aviadores lançaram sobre o objectivo quatro toneladas de um alto explosivo que provocou grandes ruinas e numerosos incendios. Nos combates aereos foi abatido no ceu de Allugia um avião inimigo; um dos nossos Caproni foi visto aterrar proximo de Volbeba. Os outros regressaram illesos.—(*Havas*).

Os austriacos no mar e os italianos no ar

ROMA, 3.—Esta manhã dois caça-torpedeiros fizeram fogo de peça sobre Bisceglie, região completamente desprovida de defeza e não offerecendo nenhum objectivo militar para o inimigo. Foram feridas seis pessoas, entre ellas duas mulheres gravemente. Os estragos materiaes em consequencia do pequeno calibre empregado, são naturalmente insignificantes. Pela nossa parte, hoje de manhã, nove aviões bombardearam muito efficazmente Durazzo, lançando muitas bombas sobre os desembarcadouros, aquartelamentos, e a estação de aviação que foi repetidas vezes attingida. Todos os nossos aviões regressaram indemnes, á excepção de um que foi forçado em consequencia de avaria a aterrar em territorio inimigo.—(Havas).

O assassinio de lord Fryatt

LONDRES, 3.—No proximo domingo realisa a população de Londres um grande comicio em Trafalgar Square para protestar contra o assassinio do commandante Fryatt.

Devem falar alguns membros do parlamento. Em nome da marinha, fala lord Beresford.—(Americana).

Os zeppelins sobre a Inglaterra

LONDRES, 3.—A camara dos communs funccionou durante toda a noite de terça-feira para discutir as represalias a tirar do «raids» aereos dos allemães sobre varios pontos da costa britannica. Ha populações que se não mostram satisfeitas com as medidas de defeza tomadas e que pedem represalias rigorosas.—(Americana).

A lista negra

Por ter sabido com inexactidões, o «Diario do Governo» publicou hoje, com data de 27 de julho, o seguinte despacho:

Pela Intendencia dos Bens dos Inimigos, se faz publico, para o effeitos do artigo 9.º do decreto n.º 2.350, de 20 de abril ultimo, que, por despacho ministerial de 24 do corrente, foi considerado interdito, nos termos dos artigos 7.º e 8.º do mesmo decreto, para os cidadãos portuguezes, o commercio com a A. E. G. Thomson Houston Iberica (Allgemeine Electricitäts Gesellschaft) e suas delegações ou succursaes existentes em Lisboa e Porto, representadas, respectivamente por D. Rafael Sacalle Rodriguez e Carlos Michaëlis de Vasconcellos.

Promoções de aspirantes a officiaes milicianos

A «Ordem do Exercito» que será publicada na proxima terça ou quarta-feira, deve inserir, entre outras disposições, a promoção a aspirantes a officiaes milicianos dos 200 alumnos ultimamente approvados, os quaes serão collocados na 1.ª divisão do exercito, que vae mobilisar.

Hospital de sangue

O antigo edificio congreganista dos arredores de Lisboa que, como hontem noticiámos, vae ser adaptado a hospital de guerra, é o collegio de Campolide, devendo começar brevemente as obras de adaptação.

A situação politica

O sr. dr. Brito Camanho deve ir esta noite, pelas 22 horas, ao Paço de Belem, a fim de conferenciar com o chefe do Estado. Consta que esta conferencia se relaciona com os boatos que teem circulado de que vae modificar-se a actual situação politica.

Presidencia da Republica

Estiveram hoje no Paço de Belem, a despedir-se do chefe do Estado, o sr. Pereira dos Santos, adido militar de Portugal na Hespanha, e sua esposa. O sr. presidente da Republica tambem recebeu algumas senhoras da Cruzada das Mulheres Portuguezas.

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Como a Inglaterra faz emprestimos ás nações alliadas

A questão dominante nos ultimos dias vem sendo o resultado da missão que levou os nossos ministros ao estrangeiro. Sobre o problema militar já o illustre ministro das finanças falou a um jornalista parisiense da nossa cooperação mais intima e mais vasta nos campos da Europa. D'esse modo, Portugal defenderá os seus interesses e honrará os seus compromissos de nação alliada da grande Inglaterra.

Quanto ao aspecto financeiro das «démarches» realisadas pelo sr. dr. Affonso Costa nada se sabe de positivo, pois s. ex.ª reserva para o Congresso, como é natural, a communicação do resultado d'aquellas «démarches».

Parece-nos opportuno, no entanto, informar o leitor das condições em que o governo inglez tem garantido emprestimos no Banco de Inglaterra ás nações alliadas, entre outras á França, Belgica e Servia. Essas nações levam os seus bilhetes do thesouro ao governo inglez, este garante-as com o seu «aval» e remette-as para o Banco de Inglaterra, que faz os descontos respectivos, ao mesmo juro com que adeanta dinheiro ao proprio governo inglez. N'este momento esse juro é de cinco por cento. Os bilhetes são pelo praso de tres mezes, periodicamente renovaveis até um anno depois da conferencia da paz. Quanto á forma de pagamento, depende das condições da victoria dos alliados e das negociações de caracter diplomatico a que a marcha da guerra dér logar.

São essas, a traços largos, as condições em que o governo inglez garante emprestimos ás nações alliadas.

Sobre o nosso caso especial nada podemos dizer. E' facil presumir, porém, que o resultado das «démarches» financeiras realisadas pelo sr. dr. Affonso Costa se não afaste muito das condições geraes que apontamos. Certamente, o governo inglez garante a Portugal no Banco de Inglaterra o levantamento do dinheiro necessario para se effectivar a cooperação militar que ella deseja da sua velha alliada, nas mesmas condições em que o faz ás outras nações alliadas.

Para as despezas já realisadas, e independentemente da operação feita n'aquelles termos, parece que o illustre ministro das finanças conseguiu realisar uma operação de dois milhões de libras, tambem mediante o desconto de bilhetes do thesouro.

Associação Industrial Portugueza

Nas fabricas da União Fabril, do Barreiro, Germania e União

Completando o programma das festas da recepção promovidas pela Associação Industrial Portugueza em honra dos directores da Associação Industrial Portuense realisou-se hoje a visita ás fabricas da Companhia União Fabril, no Barreiro. Os visitantes, acompanhados pelo sr. Alfredo da Silva, embarcaram no Caes das Columnas, ás 9 horas, indo desembarcar na doca pertencente á União Fabril, em cujo caes, que serve a area onde se encontram installadas as fabricas, havia uma azafama enorme, de barcaças, a carregar e descarregar, de locomotivas, de guindastes, de trabalhadores.

Vae do Barreiro ao Lavradio o terreno pertencente á Companhia, e impossivel se torna descrever a importancia, a grandeza d'essas fabricas modelares, valendo como «os mais importantes dos grandes centros industriaes».

Visitadas as principaes installações, pois para ver todas nem dois dias chegariam, foi servido um almoço aos visitantes, trocando-se ao champagne affectuosos brindes: do sr. Aboim Inglez, presidente da Associação Industrial Portugueza, e do sr. Xavier Esteves, presidente da Associação Industrial Portuense, ao sr. Alfredo da Silva, como grande industrial e magnifico organisador, e do sr. Alfredo da Silva, agradecendo.

Depois foi o regresso a Lisboa, sendo visitadas a fabrica de cerveja Germana e a fabrica de chocolates União, onde foram gentilmente recebidos.

A's 21 horas, banquete de despedida na Associação Industrial.

Portuguezes que viajam

Durante o mez de julho foram concedidos pelo governo civil de Lisboa 214 passaportes a portuguezes para poderem sahir de Portugal para varios pontos da Europa e appuzeram-se 751 vistos em passaportes de estrangeiros.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

NO REPUBLICA

Assistencia elegante á recita da moda de hontem: viscondessa de Silvares, viscondessa de Idanha e filha D. Maria José; baroneza de Paço de Sousa, D. Sophia Burnay de Mello Breyner (Mafra) e filhas D. Maria Amelia e D. Thereza; D. Anna Goulart de Sousa Caldas e filha D. Maria Gabriela; D. Adelaide de Almeida da Camara Leme e filhas D. Elisa e D. Maria Amalia; D. Maria Emilia Machado, D. Catharina e D. Eugenia de Mello e Castro de Vilhena, D. Albertina Modesto Gomez Reyes de Corte Real, D. Maria Luiza de Senna Ribeiro, D. Alice Bobo de Miranda Trigueiros Gueiffão, D. Guiomar Maria e D. Barbara de Laxman de Ferreira Pinto Basto, D. Leonor de Sousa e Faro, D. Eliziaria, D. Fernanda e D. Stella de Lencastre Laboreiro Fiuza, D. Beatriz Lobo de Miranda Trigueiros, D. Virginia de Aboim Sarzedas, D. Maria Eugenia de Oliveira Tenreiro Ilharco, D. Maria Alice e D. Maria Isabel Tenreiro Ilharco Vianna, etc., etc.

NO CINEMA CONDES

Muito concorridas apesar da noite quente que esteve, as sessões da moda de hontem n'este bello salão animatographico, hoje um dos pontos de reunião preferidos pela nossa melhor sociedade. N'um dos intervallos de um «film» recorda-nos ter visto, entre outras, as sr.as: D. Branca Ferreira Pinto Basto, D. Lea Cohen Zagury e filhas, D. Antonia de Saldanha Marrecas Franco, D. Anna Deslandes Caldeira Marques Soares, D. Palmira de Figueiredo Vianna, madame Gandon e filhas, D. Maria José, e D. Irene Deslandes Caldeira Coelho, D. Maria Ritta Xavier, D. Elvira de Navarro e filha D. Octavia, D. Josephina de Navarro de Magalhães Domingues, D. Ilda da Conceição Ralão, D. Isabel Lallemant, D. Maria de Lourdes da Costa Ferreira de Sousa e filhas D. Maria Leonor e D. Maria do Carmo, mesdemoiselles Faria Leite, etc.

RECITAS ELEGANTES

Muitas familias da nossa sociedade elegante resolveram dar esta noite «rendez-vous» no theatro Avenida, aonde, n'uma nova temporada, os artistas do Nacional vão representar o sensacional drama «As duas orfãs», que tão extraordinario successo obtem, sempre, pelas suas vibrantes situações dramaticas e scenas absolutamente imprevistas que, no decorrer do seu entrecho, mantem o espectador em constante interesse, que augmenta de acto para acto.

Os principaes papeis de «As duas orfãs» estão confiados a Laura Cruz e Lina Pato Moniz, que estão as protagonistas, e aos distinctos artistas Maria Pia, Carlota Sande, Maria Augusta, Augusto de Mello, Pato Moniz, Henrique de Albuquerque e muitos outros, formando um brilhantissimo conjuncto.

CASAMENTO ELEGANTE

Realisou-se hontem na parochial do Campo Grande o enlace matrimonial do sr. Alvaro Ribeiro Nogueira Ferrão, aspirante a official do regimento de cavallaria n.º 2, filho do capitão Carlos Ribeiro Ferreira e do fallecido industrial Sepes Nogueira Ferrão, com a sr.ª D. Maria das Dores Seguro Ferreira, gentilissima filha da sr.ª D. Maria Henriqueta Seguro Ferreira e do fallecido industrial Sebastião Gomes Ferreira, e irmã do nosso presado amigo sr. Sebastião Lino Ferreira, acreditado commerciante da nossa praça.

A cerimonia decorreu com grande brilhantismo no meio de uma numerosa e selecta concorrencia, e terminou perto das 14 horas, seguindo os convidados para a residencia dos paes do noivo, na rua d'Entre Campos, onde lhes foi servido um delicado «lunch».

Na «corbeille» dos noivos vimos muitas e ricas prendas entre as quaes podemos tomar nota das seguintes: do noivo á noiva, uma cruz de ouro com brilhantes; da noiva ao noivo, uma cigarreira de prata com um monograma de saphiras; dos paes do noivo á noiva, um anel de oiro platina e brilhantes e um rico cofre de marfim, para joias; do pae do noivo ao noivo, uma mobilia de quarto em nogueira estylo inglez; da mãe do noivo ao noivo, um alfinete de brilhantes para gravata; da mãe da noiva á noiva, uns brincos de perolas; da mãe da noiva ao noivo, uma salva de prata; de D. Hortense Ferreira e Sebastião Lino Ferreira, uma pulseira de platina e perolas e um alfinete de perolas, rubis e brilhantes; dos condes de Caria, um rico serviço de prata para chá; de D. Maria da Conceição Caria, uma phosphoreira de prata; de D. Capitolina Vianna Pinto da Fonseca, um tinteiro de prata; de D. Eugenia Vianna e dr. Francisco da Silveira Vianna, uma rica salva de prata; de D. Alice Freire e Alberto Coutinho Freire, um chapeu de chuva e uma bengala; de Adelaide Freire e Augusto Freire, uma meza para chá; de D. Josephina Mac-Mahon da Silveira Vianna e Luiz da Silveira Vianna, um secador de tinta em prata lavrada; de D. Amalia Lopes Drago e Francisco Drago, um estojo em prata para toilette; de D. Laura Ilharco da Silveira Vianna, um cinzeiro de prata; de Jacob Ruah, uma caixa de prata para tabaco; de Eduardo d'Almeida e Luiz d'Assumpção Leite, um estojo de oiro para escriptorio; de José d'Amorim, um frasco de prata com essencia; de D. Emilia Freire e Raul Freire, duas palmatorias de prata; de D. Carolina Calderon, duas chavenas do Japão; de D. Virginia Freire Garcia e Antonio Garcia, um serviço de colheres de prata dourada para dôce; de madame Vianna de Lemos e dr. Antonio Vianna de Lemos, uma cigarreira e phosphoreira de prata; de D. Maria Emilia Caria Mendes d'Almeida e Boaventura Mendes d'Almeida, uma carteira com monogramma de prata; da viscondessa de Serpa Pinto, um par de jarras de prata lavrada; do major Rosado Saude, um «steick» de cavallo marinho; de D. Julia Pombeiro Borges Lamarão e Carlos Lamarão, um par de jarras de prata; de D. Hortense Ferreira, uma riquissima pelle de raposa; de D. Jacintha Ferreira e Julio Gomes Ferreira, um travessão de platina e oiro com brilhantes e saphiras; de D. Maria da Conceição Ferreira, uma alfiniteira de filigrana de prata; de D. Maria das Dôres Borges de Castro Alves e Joaquim Sabino Alves, um par de solitarios em chrystal e oiro; de D. Theodolinda Tavares e conselheiro Antonio Francisco Tavares, uns brincos de brilhantes; de D. Alice Monteverde, uma almofada bordada; de D. Bertha Julia Baptista Borges, um par de jarras de prata; de Sebastião Sotto Mayor uma rica «bombonnière» de crystal e prata; de Jayme da Cruz Seguro e Patrocinio da Cruz Seguro, um anel de perolas e brilhantes; de D. Maria Luiza Abecassis, dois frascos de cristal e prata; de D. Luiza Fernandes e Antonio Jacinto Fernandes, um anel de oiro platina e brilhantes; de Francisco Henrique Gabinete, um copo de crystal e prata com escova para dentes tambem de prata; de D. Maria da Conceição Baptista Borges, um par de jarros de prata; de Antonio de Padua Carvalho, um estojo com colheres de prata dourada para chá; de D. Eulalia Borges de Castro, uma floreira em «biscuit»; do alferes Raul Ferrão, um «steick» de cavallo marinho; de Joaquim Francisco Murteira Junior, uma caixa de prata lavrada para pó de arroz; de D. Adelaide Calderon e Carlos Calderon, um serviço de loiça do Japão para chá; de D. Adelaide Coutinho Freire, um copo de crystal e prata lavrada; de D. Carmo Seguro Murteira e Paulo Pereira Murteira, um crucifixo; de D. Mariana Sotto Maior Ricon e Eduardo Ricon, um trinchante de prata; de D. Eduarda Ferrão Calderon e Leandro Calderon, uma almofada de seda com uma artistica pintura; de D. Elvira Seguro Borges de Castro, um terço de madre perola e prata; de R. Pinto Basto, uma cigarreira de prata com monograma; de miss Maud Rangel, um estojo de costura, etc.

Depois do «lunch» seguiram os noivos para Cintra onde vão passar a lua de mel.

CASAMENTOS

Na capela do solar do fallecido visconde de Souzela (dr. Caledonio de Sousa Coelho), em Louzada, e após o acto do registo civil, que teve logar no mesmo solar, hoje da noiva realisou-se na segunda-feira o casamento do sr. dr. Antonio Correia Teixeira de Mascarenhas Portocarrero, advogado e conservador na camara de Parades, com a sr.ª D. Isabel Maria Coelho Leal de Sousa Meirelles, sobrinha d'aquelle fallecido titular.

Os noivos foram depois para Parade, onde na antiga casa de Barreiro, propriedade do noivo, foi servido um lauto jantar a que assistiram as pessoas de familia e algumas mais intimas dos consorciados.

NASCIMENTOS

Teve a sua «délivrance» a esposa do sr. dr. Gustavo de Sousa Monteiro, 1.º secretario da embaixada do Brazil em Lisboa.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as: D. Maria de Lourdes Correia de Sampaio, D. Isabel Maria Alves de Almeida, D. Isabel Maria Gonçalves Pimentel, D. Maria Filomena Adozinda Faria, D. Maria Isabel Ramos, D. Maria Luiza Galvão Pereira Eça, D. Antonia Augusta Caldas Ribeiro e D. Isabel Beatriz de Castro, e os srs.: conde de Paço do Lumiar, Fernão de Moura Coutinho, Pinto de Almeida, Antonio Teixeira de Magalhães Brandão, e José Maria de Sá Fernandes.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu para as Caldas da Rainha o sr. conde de Fontalva.

—Chega no dia 20 a Lisboa o sr. conde de Burnay.

—Encontra-se nas Caldas da Rainha o sr. José Filippe Rebello e sua esposa.

—Das Caldas de Saude, Santo Thyrso, onde fez uso das aguas, regressou a sua casa do Porto a familia do sr. Tito Livio Cameira.

—Da Curia regressou á Foz do Douro o sr. barão de Fermil.

—Partiu para Paço d'Arcos a sr.ª D. Ignez Ferraz Costa Perry da Camara.

—Chegou hontem a Lisboa o sr. dr. Luiz Gonzaga.

—Partiu para o Estoril o sr. D. Vasco de Serpa.

—De Braga seguiu para o Gerez o sr. Domingos José da Costa Sampaio.

—Regressou de Oliveira de Azemeis a sr.ª condessa do Covo.

—Regressaram d'Entre-os-Rios os srs. condes das Alcaçovas.

—Parte brevemente para Cascaes o sr. D. Antonio de Lencastre.

—Seguiu para o Luso o sr. Henrique Navarro.

—Regressou ás Caldas da Rainha da Rainha o sr. Alberto Maia e sua esposa.

—Partiram para Entre-os-Rios os srs. Francisco Manuel da Costa Pereira e Antonio Augusto Ferreira.

—Regressou a Lisboa o sr. Caetano Antonio Preto Pacheco.

—Para a sua casa no Luzo partiu o illustre jornalista sr. Barbosa Colen.

—Está no Porto o sr. dr. Antonio Arroyo.

—Chegaram a Lisboa os srs. dr. Luiz Gonzaga, Ferreira da Costa, Eduardo de Serpa Pimentel e Francisco Valente e esposa.

—Regressou de S. Paulo, (Brazil), o sr. Antonio Braz Jorge, commerciante alli.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Adelaide Elisa Torres David, devendo o seu funeral realisar-se amanhã, pelas 16 horas, e sahindo o prestito da rua Rosa Araujo, 65, 4.º, para o cemiterio occidental.

Os italianos no Brazil

RIO DE JANEIRO, 3.—O *Corriere Italiano* aconselha á colonia italiana a fundação, no Rio de Janeiro, de uma cooperativa identica á «Casa del Pane» das cidades italianas.—(*Americana*).

Um hospital na Bahia

SÃO SALVADOR (BAHIA),—3.—As senhoras d'esta cidade fizeram um bando pedindo donativos para a construcção de um hospital para creanças. Foi importante a quantia arrecadada, devendo as obras serem iniciadas brevemente—(*Americana*).

NOTAS DIVERSAS

O sr. presidente do ministerio não foi hoje á sua secretaria.

Sobre assumptos de interesse para os seus concelhos, conferenciaram hoje com o sr. governador civil os administradores de Torres Vedras e Azambuja.

—Com o sr. ministro das finanças conferenciaram os srs. Fausto de Figueiredo e dr. Alexandre Braga; com o sr. ministro do fomento os srs. conde de Castello de Paiva, drs. Angelo da Fonseca, João Bacelar e Antonio Granjo.

Ao menino e ao borracho...

D'um terceiro andar á rua

Na Avenida Almirante Reis anda em construcção haverá uns 7 mezes um predio pertencente á firma Pereira & Santos, sendo encarregado das obras o mestre sr. Jacintho dos Santos, morador na rua Paschoal de Mello, 94. Necessitando de pessoal novo, foram na passada segunda feira admittidos varios operarios, entre elles, como aprendiz, o menor de 14 annos Manuel Ferreira, natural de Alpiarça, filho do trabalhador João Ferreira e de Maria Thereza, moradores na Portella de Sacavem. Quando hoje o aprendiz se encontrava sobre um andaime que deita para as trazeiras do predio, na altura do 3.º andar, desequilibrou-se e veiu cahir sobre um montão de fasquiado. Quando todos julgavam ir encontral-o morto ou quasi, viram que apenas soffrera o susto. Levado ao hospital de S. José, viu-se que não tinha ferimentos, pelo que seguiu para casa.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 13|16	35 11|16
Londres, 90 d|v. . .	36 3|8	—
Paris, cheque. . .	$71,2	$71,7
Hollanda, cheque . .	$57,5	$58,0
Madrid, cheque . . .	1$42,5	1$43,5
Suissa, cheque . . .	$79,5	$80,5
New York	1$40,5	1$41,5
Rio s|Londres. . . .	12 21|32	—
Libras.	6$95	7$25
Agio do ouro. . . .	45 %	55 %

BOLSA.— As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$. . .	38,55	38,50
» » 500$. . .	38,55	38,50
» » 100$. . .	38,55	38,80

Obrigações do Estado: 4 0/0 1888, 22$50; 4 1/2 88-89, ass. 37$50; 4 1/2 1912, coup. 96$50

Notas de arte

Combinação da pintura com o bordado

Procurando em successivas lições ensinar os segredos da Arte, tenho desenvolvido em continuos capitulos uma nomenclatura variada dos trabalhos mais modernos.

Se ás vezes abordo assumpto mais difficil, rapidamente volto a simples demonstrações no alcance de todas as comprehensões e de todas as bolsas.

Hoje, que além de escassearem em paulo [?] artigos indispensaveis á producção d'estes trabalhos, temos ainda a attender ao custo muito mais elevado dos preparos, que variam conforme as exigencias do assumpto escolhido, desejo provar que ha uma tal escala de lavores executados sem despeza grande que todas as leitoras d'«A Capital» podem, ao percorrer estas columnas, escolher o que mais lhes agrada, ou convém.

O trabalho que hoje ensino, é facil e ao alcance das amadoras d'Arte Decorativa que possuem tintas d'oleo ou d'aguarella.

Escolheremos um desenho de traços largos; uns lyrios roxos, por exemplo, e bem lançados.

Feito o esboço por qualquer processo, que não enxovalhe o tecido, que póde ser granité, linho grosso, étamine, etc., começa-se por pintar, sem empastar, se fôr empregada a tinta d'oleo.

Para a pintura com tintas d'aguarella, deveremos addicionar-lhe o branco para gouache, que impede as côres de alastrarem.

Quando a pintura esteja perfeitamente secca, contornam-se as flôres e as folhas, com seda muito fina, com ponto de «pé de flôr», havendo cuidado em escolher bem a seda no tom da pintura.

Procurar-se-hão os claros, a luz, para lhes dar um toque com a seda, isto na parte interior da flôr ou da folha.

Quando hajam pistis, serão estes feitos com a seda, ou com nósinhos ou por outro processo que ponha bem em destaque esta parte da pintura.

Os fundos serão lisos ou ornamentados com «semis» ora pintados, ora bordados.

Executam-se assim cheminés de table, paperons [?], almofadas para salas de trabalho, boudoirs, sachets para camisas de dormir, cheminés de dressoir e uma infinidade d'objectos para uso diario, pois como são trabalhos que se executam depressa, podem ser renovados a miudo.

Tambem se podem fazer assim os abafadores para bule.

A seda de bordar póde ser substituida por filoflose ou por algodão perlé, mas desfiado.

LUIZA DE SOUSA.

Consultorio de Arte

Prevenção

Tencionando muito breve fornecer desenhos (riscos) para os trabalhos já demonstrados, que poderão ser obtidos por meio d'assignatura muito favoravel, peço desde já ás assignantes d'«A Capital» para me enviarem para Avenida Fontes Pereira de Mello, 7, as suas adhesões a este novo e importante melhoramento e indicando quaes os desenhos de que mais carecem, pois irei satisfazendo os seus pedidos por ordem de recepção e segundo as dimensões indicadas por cada uma.

Quanto maior fôr o numero de adhesões e pedidos, mais brevemente começarei este beneficio melhoramento, que virá preencher uma lacuna enorme que se está fazendo sentir immenso desde o principio da guerra européa, pela falta de assignaturas sobre Arte.

Todas as amadoras de Arte podem ter esta regalia desde que obtenham tambem os numeros das «Notas de Arte» já publicadas, para ficarem elucidadas sobre os trabalhos que ali tenho ensinado desde o mez de fevereiro.

Serão attendidos com egual attenção não só os pedidos de desenho para trabalhos d'Arte Decorativa, como tambem para bordados e monogrammas.

Finette—Sobre a attenciosa pergunta que V. Ex.ª me faz ácerca do meu tratado de pintura á penna («pen-painting») direi que tendo publicado a primeira edição em pequena quantidade (apenas 500 exemplares), ficou em pouco tempo exgotada por completo.

Vou reeditar nova edição, mas mais completa e com gravuras elucidativas. Os meus muitos affazeres teem-me inhibido de completar este novo trabalho, por ter tido outros de maior importancia.

Logo que esteja concluida a nova edição, enviarei um exemplar a V. Ex.ª, que d'esta vez não ficará sem um d'elles.

O nome de V. Ex.ª já está na lista dos numerosos pedidos que tenho para o novo livrinho, que espero terá a mesma boa estrella do que a do seu antecessor.

Iris—A difficuldade em encontrar os primeiros numeros do meu methodo de desenho «Murillo», tão progressivo e com o qual se póde aprender o desenho sem mestre, é devido a estarem exgotados por completo.

Breve sahem em 2.ª edição.

Os ultimos numeros estão á venda na papelaria da rua do Ouro, 80, Paulo Guedes e Saraiva. Seu custo é de 80 réis cada caderno.

L. S.

TOURADAS

Corridas de Badajoz—As corridas, este anno, são as seguintes:—Dia 15, de beneficencia, á portugueza, por amadores portuguezes, sendo alguns dos touros lidados em pontas; 16, touros da viuva de Soler, para os matadores Francisco Martins Vasques e Isidoro Martí «Flores»; 17, touros de Palha Blanco, para os matadores Vasquez e Florentino Ballestero.

A banda do nosso Corpo de Marinheiros abrilhantará as festas.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Notas do dia

Sports athleticos do Sport Lisboa e Bemfica

No seu campo de Sete Rios realisa este club no proximo domingo 6, o primeiro dia de grande certamen athletico entre os seus socios. A inscripção fechou com algumas dezenas de athletas, numero sufficiente para mostrar quanto este club trabalha em prol do «sport».

As provas de domingo são:

Corrida de 100 metros eliminatorias, corrida de 1.500 metros, lançamento de disco, saltos á vara, corrida de 5.000 metros, corrida de 400 metros eliminatorias, saltos em comprimento com corrida, corrida de barreiras, saltos em altura sem corrida, corrida de estafetas 1.200 metros, corrida de 100 metros, repescagem, lançamento da bola de cricket e corrida de 200 metros eliminatorias.

Entre os inscriptos destacam-se os nomes de Joaquim Monte, Fernando Paula, Flavio Carvalho, Bugalho, Ramires, Nascimento, Leite, Napoles, Oliveira, etc., alguns dos quaes já obtiveram 1.ºs premios nos campeonatos de Portugal.

E' de esperar que a disputa seja renhida, attendendo ao enthusiasmo mostrado nos treinos e aos resultados que alguns dos menos conhecidos teem obtido.

A entrada no campo é gratis, sendo os logares de geral destinados ao publico, e os reservados e camarotes aos socios e convidados.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

O Sporting Club de Portugal nos Recreios da Amadora

No proximo domingo, realisa-se o tornêio de «tennis» entre os grupos de jogadores do Sporting Club de Portugal e Recreios Desportivos da Amadora, havendo um almoço intimo entre os tennistas e as direcções dos dois clubs.

O almoço é servido no pavilhão do campo de «foot-ball» dos Recreios e constituirá uma pequena festa intima, que servirá para estreitar ainda mais as excellentes relações que existem entre as duas collectividades e os seus associados.

Escoteiros de Portugal

Grupo n.º 9.—No sabbado e domingo proximos realisa-se o 8.º exercicio geral. O acampamento será nas furnas.

Ultimamente teem-se realisado exercicios geraes, com acampamento de noite, nos logares de Paiam, Porto Brandão, Campolide, Casellas, Amadora, Costa de Caparica e Alfornellos, os quaes muito teem animado todos os alistados.

Marchas e acampamentos de dia e de noite, por caminhos transitaveis e intransitaveis, em logares escolhidos e orientação pela bussola, pelas estrellas e pelo sol; exercicios de reconhecimento, descoberta de pistas, utilisação do terreno, levantamento, complemento e seguimento de cartas topographicas; ataques simulados, serviços de vigilancia, postos avançados; «gymkhana», jogos sportivos os mais variados, distracções, cantos, assobios; lançamento de papagaios, telegraphia electrica, por signaes de apito e por bandeiras; tratamento de feridos e sua conducção; alpinismo, passagem de obstaculos difficeis, lançamento de pontes; cozinhas de campanha, preparação de refeições no campo, banhos, natação; exercicios de estafetas e muitos outros, tudo isto se tem praticado de ha tres mezes a esta parte, subordinado a um plano proficiente e criteriosamente elaborado.

A admissão de escoteiros nas vagas a preencher, e de socios auxiliares continua na séde, rua de Santa Martha, 204, palacio do conde de Redondo, estando tambem em distribuição os impressos de propaganda.

Jogadores de «foot-ball»

O capitão do Portugal Sporting Club pede a comparencia no proximo domingo, na estação do Terreiro do Paço, pelas 11 horas, a fim de irem jogar no Barreiro, dos seguintes jogadores do 1.º «team»: Matheus, Antonio, Bernardino, Marques, Francisco Brito, capitão, Abel, Faria, J. Brito, Esteves Fernandes e Bocaco.

Serviço telephonico na Ericeira

Uma commissão de commerciantes da Ericeira esteve hoje nos ministerios pedindo que seja concedido á companhia dos telephones montar uma linha telephonica para aquella localidade, a exemplo do que se fez para Cintra, Cascaes, Setubal, Barreiro, Almada, Oeiras e Villa Franca.

A arte de furtar

Mario dos Santos, de 13 annos, filho de Antonio dos Santos, morador na estrada de Sacavem, quinta do dr. Lobo, quando passava na avenida Almirante Reis foi abordado por um individuo que lhe pedia para ir levar uma carta á travessa do Caracol. O rapazito accedeu e para alli se encaminhou, mas ao chegar á porta indicada sahiram-lhe quatro desconhecidos, que o amordaçaram, emquanto o primeiro lhe furtava 4 escudos que elle levava, pondo-se depois todos em fuga.

—Queixou-se Bento Antonio Marques, morador no pateo da Meia Laranja, 7, de que os gatunos entraram na sua residencia, por meio de chave falsa, e furtaram a quantia de 850 escudos em notas e varios objectos, tudo na importancia de 576$50.

Um agente já prendeu como suspeitos dois individuos e esteve hoje ouvindo tres testemunhas.

—Tambem se queixou João Martins Ribeiro, morador na quinta da Conceição, Avenida de Chellas, de que na estação em que se encontrava na estação do Rocio a fim de tomar o ascensor, os gatunos lhe furtaram uma carteira contendo 300 escudos e um passe dos caminhos de ferro.

—Arguida de ter furtado um cordão de ouro no valor de 44$500 réis a Maria Luiza Loureiro, moradora na rua de S. Sebastião da Pedreira, esteve na tarde de hontem, sendo restituida á liberdade por falta de provas, Adelina Rosa, amante do policia 1:702, então em serviço na esquadra das Picôas e actualmente na da Boa-Vista. Hontem, como a queixosa tivesse conhecimento, por duas visinhas, de que fôra a Adelina realmente a auctora do furto, mandou prendel-a, e esta acabou por declarar que o amante a instigára ao crime, que vendera o cordão e lhe dera metade do dinheiro.

Theatros

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA — A's 21,30 — As duas orphãs.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

Agenda da semana

AMANHÃ—*APOLLO*—«*1916*»—Novo episodio da fita do «Penetras».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Central, Chiado Terrasse, Cinema Condes e Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Chantecler, Imperio e Poly-

O aproveitamento dos navios allemães

A imprensa tem discutido frequentes vezes o aproveitamento dos navios allemães, que foram requisitados pelo Estado portuguez para beneficio da economia nacional. Fala-se na exportação de vinhos e do minerio como constituindo as cargas mais consideraveis que aquelles navios transportarão lá para fóra. A verdade, porém, é que o artigo que mais successo faria no estrangeiro, se para tal se aproveitassem os antigos navios allemães, seria o calçado fabricado pelo sr. J. A. Candeias e vendido no seu estabelecimento da rua da Palma, 290, 290 B.

Instrucção Militar Preparatoria

Sociedade n.º 1—No proximo domingo, ás 7 horas em ponto, teem de apresentar-se no quartel de sapadores todos os instructores, alistados da 1.ª e 2.ª secções, corneteiros e tambores, ciclistas com as suas machinas e pelotão de estafetas, para exercicio no campo, devendo a banda de musica formar ás 7 horas e meia, na séde, com todos os executantes. Os grupos B e C irão armados. Depois d'amanhã, sexta feira, ás 21 horas e meia, funcciona na séde a aula de esgrima, e ás 22 haverá ensaio da banda de musica, ao qual teem de comparecer todos os executantes. A ausencia á instrucção só póde ser motivada por doença comprovada em attestado medico, reconhecido por notario. Por ordem do ministro da guerra, não ha férias este anno. Na rua da Prata, 242 (esquina de Santa Justa) e na séde da corporação, rua da Graça, 31 e 33, continua aberta a inscripção para novos socios auxiliares e alistados da 1.ª e 2.ª secções.

A provincia n'"A CAPITAL,,

ERICEIRA, 2.—Uma commissão, composta dos srs. Manuel Lopes, Correia Pedroso, Manuel Simões, Adão Ignacio, Manuel Ladeira e José Resina, deliberou fazer com pompa no dia 20 do corrente as festas á Senhora da Nazareth na freguezia da Senhora do O', do Porto do Reguengo da Carvoeira, as quaes só se fazem de 17 em 17 annos. Além das festas religiosas haverá fogo preso e do ar, illuminações á moda do Minho e arraial abrilhantado por duas philarmonicas d'este concelho.

O sitio onde está a egreja é lindo.

TAVIRA, 1.—Uma commissão composta das principaes senhoras da «élite» tavirense entregou ao digno capitão d'este porto, sr. Francisco d'Aragão e Mello, 2.º tenente da armada, uma bandeira de seda ricamente bordada, para ser entregue ás estações superiores da armada, para o cruzador «Adamastor», devido ao seu grande amor patrio e á muita consideração que lhes merece a nossa querida marinha de guerra. Felicitamos a digna commissão.

—Realisou-se a feira da Boa Morte, que tem sido muito concorrida e de muitas transacções.

Houve tiroteio entre ciganos com carabinas e revólvers, entrando tambem o punhal, ficando feridos dois e morrendo no dia seguinte um rapaz de 18 annos, devido a numerosos ferimentos.

—A luz electrica, é um melhoramento da iniciativa do sr. dr. Antonio Fernando Pires Padinha, digno presidente da camara, que tem sido incansavel.

bro de 1914, o «partido Dashnaktzoutian»—o principal grupo parlamentar armenio do imperio ottomano—estava realisando o seu congresso annual partidario em Erzerum e os Jovens Turcos mandaram emissarios apresentar propostas a esse congresso.

Propunham que os armenios, como nação, fizessem causa commum com o governo ottomano na prosecução da guerra. Suggeriam que os dirigentes do partido levantassem bandos de voluntarios armenios que tomassem parte na proxima invasão da Russia caucasica, e, como recompensa, apresentavam um projecto de transformar uma grande zona de territorio russo em Estados autonomos sob a suzerania ottomana.

Um d'esses protectorados seria armenio e os emissarios dos Jovens Turcos deixavam entrever a possibilidade de n'elle incorporar parte, pelo menos, das provincias ottomanas de Bitlis e Van—tudo isso com a condição de que os armenios cooperassem de alma e coração na guerra.

O congresso dos armenios recusou formalmente acceitar essas propostas. Não queriam questões com a Russia; duvidavam do poder do governo turco em conquistar o territorio que com tanta complacencia era repartido no mappa e duvidavam ainda mais de que se cumprissem os compromissos tomados mesmo que as armas conseguissem alcançar o que se pretendia.

Não podiam esquecer que os turcos os haviam tratado como estrangeiros e quasi como estando fóra da lei no passado e a proposta d'um accordo armenio-turco foi prejudicada em 1914 pela evocação dos massacres de Adana e pelos de Abd-ul-Hamid.

Os armenios affirmaram a sua intenção de cumprir o seu dever como subditos ottomanos, mas recusaram a proposta para fazerem mais alguma coisa e as coisas ficaram assim, emquanto a attenção de todos estava concentrada na offensiva do inverno.

Essa offensiva já a descrevemos pormenorisadamente n'outra parte da «Historia da Grande Guerra». O principal movimento envolvente na Caucasia, que tão promettedor se afigurava na ultima semana de dezembro de 1914, transformou-se n'um desastre nos primeiros dias de janeiro de 1915: o avanço para leste, que puzera a maior parte da provincia persa de Azerbaijan sob o dominio turco, refluiu de novo no decorrer d'esse mez, em consequencia dos acontecimentos occorridos no principal theatro de operações.

Em fevereiro, a expedição de Djemal Pachá contra o Egypto não deu resultado. A offensiva turca foi vencida e repellida. Os exercitos turcos recuaram ignominiosamente para as suas proprias fronteiras, tendo em perspectiva o fazerem face a uma contra invasão no principio da primavera.

Em taes circumstancias, as esperanças do governo turco transformaram-se n'um pessimismo febril e os armenios foram as victimas do seu desapontamento.

Diversos factores contribuiram para assustar o governo turco e o levar a apressar-se. O perigo da invasão era muito mais imminente na fronte russa do que nas outras. A proxima campanha ahi era quasi certo que se daria em territorio ottomano—na parte ottomana do planalto armenio com a sua densa população armenia, cujas sympathias tinham sido irremediavelmente alienadas do governo ottomano pela anterior politica dos Jovens Turcos e que fariam uma recepção cordeal aos invasores.

Os sentimentos de amisade para com a Russia que a nação armenia sentia tinham-se revelado na realidade aos turcos no decurso da campanha de inverno. Os armenios russos haviam feito por livre vontade o que os armenios turcos se haviam recusado a fazer, quando para tal solicitados.

Tinham organisado bandos para serviço do seu governo e haviam contribuido valentemente para a

mais homogenea, podendo porventura constituir um Estado.

Em 1915, os armenios eram uns dez por cento da população do imperio ottomano—2.000.000 n'uma população de 20.000.000—mas a sua importancia social e economica excedia muito o seu numero. Eram um povo extraordinariamente activo, habilissimo para o commercio e para a industria e d'uma grande energia. Haviam herdado uma antiga e profunda civilisação e tinham sido tornados mais fortes durante o ultimo seculo por influencia dos missionarios do occidente.

A ida de missionarios jesuitas e americanos para a Armenia e a corrente de emigrantes armenios para Veneza e Lemberg, Marselha, Londres e Nova York, puzera o povo armenio em intimo contacto com a Europa Occidental e fizera com que a sua civilisação fôsse muito mais elevada que a dos seus visinhos musulmanos.

O resultado d'isso foi que, em 1915, os armenios haviam tomado na Turquia extrema importancia social e economica. Em todas as partes do imperio, excepto nas provincias arabes do sudeste, estavam exercendo as funcções d'uma classe media ou professional.

Os mais importantes commerciantes e negociantes em Constantinopla eram armenios, como armenios eram os banqueiros e armazenistas das cidades de provincia; e os trabalhos de maior habilidade, quer manuaes, quer de sciencia, eram feitos por armenios, pelo que pararam quando a população armenia de certas povoações foi morta ou exilada.

«Agora, que os armenios desappareceram—escrevem differentes testemunhas oculares de diversos centros, em palavras quasi identicas—não ha medicos, chimicos, jurisconsultos, operarios, commerciantes, etc.»

Assim, o imperio ottomano ficou muito longe dos progressos intellectuaes e technicos do mundo moderno, progressos que eram realisados pelo emprehendimento e intelligencia dos seus cidadãos armenios.

Mas a posição que os armenios tinham conquistado por si mesmos no paiz mercê das suas capacidades naturaes, não correspondia de modo algum á posição que lhes era marcada pela tradicional constituição do Estado Ottomano. Este, como os Estados dos Habsburgos e dos Hohenzollern, com os quaes concluiu alliança, baseava-se na antitese da democracia, no dominio forçado d'uma raça, ou antes de uma casta, sobre uma população vassalla—e na Turquia esse dominio tomou uma fórma mais cruel do que na Europa central.

Os conquistadores musulmanos eram um povo escolhido; os christãos conquistados eram «rayah»—gado—que difficilmente eram considerados como membros integrantes do Estado. Mas tão extrema injustiça tinha provocado rebelliões e no decorrer do seculo decimo nono o imperio ottomano viu fugir-lhe uma apoz outra diversas nacionalidades que eram christãs.

O ultimo golpe que lhe foi vibrado foi o da guerra balkanica de 1912, que quasi expulsou os turcos da Europa e deixou os seus antigos vassallos christãos do continente europeu organisados em Estados nacionaes independentes. A guerra de 1912 limitou o problema das nacionalidades vassallas ao unico problema dos armenios.

Como os seus companheiros da Europa, os armenios nunca haviam gozado de independencia politica. Quando a Turquia foi batida pela Russia em 1878 e muitas populações balkanicas se libertaram do jugo turco, os armenios apenas pediram uma reforma administrativa nas seis provincias nordeste da Turquia da Asia (conhecidas pelo nome de «vilayets»), e limitaram-se ao mesmo pedido quando a Turquia foi mais uma vez vencida em 1913.

Essa politica moderada foi dictada

por interesses nacionaes. Espalhados como estavam atravez da Turquia da Asia, todo o imperio era herança sua quanto á potencia economica, ao passo que parte alguma d'elle tinha população armenia sufficiente para se erigir em Estado independente armenio.

Tinham, por isso tudo a ganhar com a manutenção da integridade turca, se fôsse reparada a injustiça de que eram victimas, e os turcos, por seu turno, tinham todo o interesse—se fôssem assaz perspicazes para vêrem isso—dando aos armenios direitos civis razoaveis e liberdade na esphera economica, porque os armenios eram o unico elemento activo que podia regenerar o paiz e conserval-o a par dos modernos desenvolvimentos. Mas os turcos sempre teem peccado por falta de perspicacia.

Se os armenios fôssem impedidos de assim proceder, era claro para um observador que isso seria feito por alguma outra potencia cobiçosa, e foi isso precisamente o que succedeu. Eliminando os armenios em 1915, os turcos não fizeram mais do que abrir a porta de par em par ao corretor allemão.

Desde 1878, o anno em que a Turquia teve de ceder á Russia a parte nordeste do planalto armenio e em que os armenios ottomanos pediram pela primeira vez reformas administrativas, ao povo armenio só tinha sido prestada attenção pelo governo ottomano para fins de repressão.

O sultão Abd-ul-Hamid—1876-1908—concebeu a idéa de tornar a armar as tribus kurdas, que haviam sido desarmadas com muito trabalho pelo seu predecessor Mahmud, cincoenta annos antes, e de lhes dar carta branca como «hamidiés»—gendarmeria irregular—para roubarem os bens e raptar as mulheres dos seus indefezos vizinhos armenios.

Semelhante modo de proceder provocou um movimento revolucionario armenio e no espaço de cinco annos, que tantos foram os que levaram a armar os kurdos, o sentimento de raça exacerbou-se de tal modo d'ambos os lados que, Abd-ul-Hamid poude organisar uma serie de massacres de armenios—1894 a 1896—nos principaes centros armenios do imperio, terminando por uma carnificina ás claras nas ruas de Constantinopla.

As potencias não intervieram devido a ciumes umas d'outras e foram tão impotentes para evitar a carnificina de 1894 a 1896, como impotentes haviam sido para impôr as reformas administrativas estipuladas em Berlim em 1878. N'esses massacres, cerca de 10.000 pessoas foram mortas e a população armenia da Turquia ficou mais reduzida, devido á grande emigração.

A obra de Abd-ul-Hamid em 1894 a 1896 foi coroada e completada em 1915 pelos Jovens Turcos, e comtudo, quando os revolucionarios Jovens Turcos destituiram o sultão em 1908, os armenios imaginaram, e não sem razão, que para elles haviam raiado melhores dias.

Os Jovens Turcos tinham bebido em tudo as idéas politicas da Europa occidental. Pregavam a Liberdade, Egualdade e Fraternidade da revolução franceza; proclamaram uma constituição parlamentar e as sociedades revolucionarias armenias transformaram-se da melhor boa vontade em partidos parlamentares.

Mas havia outro aspecto do programma Joven Turco. Havia uma egualdade perante a lei, que se manifestou principalmente, por exemplo, em tornar o serviço militar obrigatorio a todos os christãos, o que antigamente só se dava com os musulmanos. E havia a doutrina de «ottomanisação», ou o mesmo era que assimilar todos os outros povos do imperio á raça turca dominante, o que em breve levou os membros armenios do parlamento á opposição, onde votaram juntamente com os arabes contra propostas tão ominosas como a de tornar obrigatorio o uso da lingua turca em todas as escolas secundarias.

Os Jovens Turcos, de facto, ha-

viam embebido o espirito de chauvinismo como succedera com o liberalismo dos europeus occidentaes. Ao fanatismo religioso dos Velhos Turcos tinham accrescentado o fanatismo da lingua e da raça e tratava-se apenas de saber qual dos dois ideaes, entre si incompativeis, prevaleceria.

Os annos de 1908 a 1914 foram o periodo critico. No verão de 1908, o regimen Joven Turco começou com uma verdadeira Edade de Ouro; mas ainda não haviam decorrido seis semanas e sob a influencia de insucessos e infortunios, o chauvinismo em breve tomou a preponderancia, ao passo que a direcção do partido se concentrava nas mãos d'um bando de aventureiros sem escrupulos.

No primeiro anno da constituição, deu-se o prodomo da matança em Adana, mas os armenios não perderam ainda as illusões. Disse-se que era um meio de que os adeptos de Abd-ul-Hamid haviam lançado mão para desacreditarem o novo regimen e só mais tarde se veiu a saber a culpa que n'isso haviam tido os Jovens Turcos.

Em 1912, quando rebentou a guerra balkanica e os armenios foram chamados ao serviço, segundo a nova lei, houveram-se tão bem nos campos de batalha que conquistaram a admiração dos seus officiaes turcos.

Em 1913, os Jovens Turcos acceitaram, com modificações, o esquema de reforma para os seis «vilayets». Parecia, assim, que iam prevalecer as tendencias liberaes, mas todas as esperanças se desvaneceram quando o governo dos Jovens Turcos propositadamente lançou o paiz na Grande Guerra.

Os Jovens Turcos entraram na guerra por motivos puramente prussianos. O seu objectivo era levantar o seu prestigio—o seu prestigio internacional por meio de conquistas territoriaes á custa da Russia, da Persia e da Gran-Bretanha, que eclipsariam as perdas territoriaes da guerra balkanica, e o seu prestigio no interior pelo processo da ottomanisação e a solução de outros problemas sobre que ainda se não havia pronunciado o parlamento.

De facto, o nó gordio em que se haviam envolvido durante a meia duzia de annos de poder só pela espada podia ser cortado. O seu principal objectivo era alcançarem successos militares, mas quando as offensivas falharam successivamente nas frentes da Caucasia, da Persia e do Egypto, voltaram-se com a maior selvageria para o projecto da ottomanisação, cujo effeito foi o exterminio da raça armenia.

Uma quasi exacta connexão póde ser encontrada na politica do governo turco entre os seus revezes na fronte e a perseguição dos armenios no interior. Os soffrimentos dos armenios começaram realmente com a declaração de guerra, porque todos os cidadãos ottomanos entre os vinte e os quarenta e cinco annos e d'ahi a pouco entre os dezoito e os cincoenta, foram mobilisados, sem distincção de religião ou de privilegios, e os armenios que tinham passado da edade militar antes da ratificação da nova lei do serviço militar de 1908 e estavam, por isso, legalmente isentos emquanto pagassem a taxa militar annual, foram chamados ao serviço, sem se respeitarem os seus direitos.

Houve tambem propriedades particulares requisitadas para usos militares, que se fizeram sentir mais sobre os armenios do que sobre outra qualquer raça, porque eram elles os principaes negociantes e commerciantes do paiz.

Mas todas essas medidas eram mais militares do que politicas na intenção, á primeira vista, e podiam attribuir-se a exigencias da guerra, mais do que a um proposito do governo. Os Jovens Turcos viam as coisas com grande optimismo e esperavam confiadamente que os esperados exitos na fronte solucionariam todos os problemas d'um só golpe.

Quando o governo turco declarou guerra aos alliados nos fins d'outu-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2145—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 4 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2233—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS

PORTUGAL NA GUERRA

A publicação das notas diplomaticas e uma narrativa officiosa dos crimes praticados por allemães contra portuguezes

E' indispensavel que se faça a publicação de todos os documentos diplomaticos relativos á nossa situação externa. Dos paizes que estão em guerra nem um só deixou de dizer ao mundo as razões que o levaram a pegar em armas. Em Portugal essa publicação é duplamente necessaria: para que o povo saiba que se encontra em guerra porque tem de defender os seus interesses e honrar os compromissos da alliança, e para que desappareçam por uma vez todas as duvidas, todos os sophismas, todos os artificios com que se tem procurado enredar o problema. Temos auctoridade para pedir essa publicação. Desde o primeiro dia da guerra este jornal não se afastou um apice do caminho que a logica dos factos e a defeza dos interesses nacionaes indicavam á nossa consciencia. Mas por isso mesmo desejamos que a convicção da guerra se faça em todos os espiritos, absolutamente em todos, á luz da verdade que os factos irradiam.

Já dissemos, como demonstração de que o nosso auxilio militar é plenamente justificado pelos tratados de alliança que ligam os dois povos, que a Inglaterra tem soffrido aggressões directas no seu territorio. As incursões dos zeppelins teem feito milhares de victimas, teem causado estragos consideraveis. Os que se cingem á letra dos tratados, os que não comprehendem que nos campos da Europa se estão jogando os destinos de Portugal, a sua independencia e o seu futuro, esses proprios terão de reconhecer que os factos se harmonisam, para os effeitos da nossa cooperação militar, com as obrigações que livremente contrahimos.

Em Portugal ninguem desejou a guerra. Aceitou-se esse mal como inevitavel, como necessario para mantermos perante o mundo o logar honrado a que as nossas tradições gloriosas nos dão direito. E é ao governo que cumpre demonstral-o, fazendo calar todas as boccas discordantes que ainda n'esta hora murmuram palavras de duvida, de enfibiamento, deprimindo o espirito nacional, impedindo que se estabeleça o sentimento collectivo que é a primeira base do sereno cumprimento dos deveres impostos a uma nacionalidade. Essa demonstração, repetimos, só se faz completamente, para os que estão dominados ainda pelos effeitos d'uma certa propaganda, com a publicação das notas diplomaticas que esclarecem todas as phases do problema.

Vamos mais longe. Entendemos que a acção do governo não deve limitar-se a esse esclarecimento indispensavel. E' preciso demonstrar-se, em documentos officiaes, que a attitude da Allemanha para Portugal foi de absoluta hostilidade desde a primeira hora da guerra. Ainda hontem o «Dia» narrava o captiveiro soffrido por um operario hespanhol que se encontrava em Valenciennes no dia 25 d'agosto de 1914 quando os allemães occuparam essa povoação, tres semanas depois da guerra rebentar. Esse operario esteve preso durante dois annos menos 97 dias. E porque? Porque os allemães o julgaram portuguez! Esse facto e muitos outros demonstram os sentimentos de rancor que a Allemanha nutria contra nós. A sua victoria corresponderia, inevitavelmente, á perda das nossas colonias e não sabemos a que situação de dependencia dentro da politica continental.

O caso do posto de Rovuma, o incidente passado com o saudoso e valente alferes Sereno, o massacre do Cuangar, o assalto de Naulila— e outros tantos episodios que o governo deve narrar, para que o estrangeiro saiba a que requintes de ferocidade os allemães chegaram no seu odio aos portuguezes. Ainda ha pouco o sr. Vasconcellos e Sá referiu detalhadamente, com uma indignação vibrante e sentida, o que foi essa traição germanica do Cuangar contra soldados portuguezes. O assassinio e o roubo praticados com extremos de crueldade e de perfidia!

E' preciso que o governo, em publicações officiaes, faça chegar esses crimes ao conhecimento de todo o mundo. As nações alliadas não descançam um momento na explanação dos actos de barbarie que os inimigos praticam. As mentiras germanicas são desmascaradas. As suas atrocidades são postas em foco, comprovadas com inqueritos, com depoimentos insuspeitos, para que os povos saibam que os seus sacrificios são necessarios em defeza dos mais altos principios de civilisação, de moral e de liberdade, e para que a Historia, quando fizer o balanço d'esta hora tragica e terrivel, possa facilmente proferir a sua sentença, condemnando implacavelmente a casta que fez inundar o mundo de sangue. Os crimes praticados contra portuguezes devem constituir mais um elemento para que os vindouros possam avaliar a malvadez dos nossos inimigos.

Como se arruina uma industria

sem o sr. presidente do ministerio e ministro das colonias d'isso ter conhecimento

Uma medida tomada pelos governadores de S. Thomé e de Angola vem vibrar um fundo golpe n'uma industria da metropole que sustentava alguns milhares de familias. Trata-se da permissão concedida ás firmas Lima & Gama, de S. Thomé, e Sá Leitão & C.ª, Limitada, de Loanda, para importarem durante 5 annos saccaria estrangeira destinada a productos a exportar, sem pagamento de direitos.

Para se fazer tal concessão, que representa um verdadeiro monopolio, fundaram-se os governadores d'essas provincias no artigo 1.º do decreto de 20 de novembro de 1913, publicado pelo sr. Almeida Ribeiro, quando ministro das colonias, em que se «permittia a importação temporaria de todos os objectos ou mercadorias indispensaveis á preparação ou acondicionamento de productos a exportar, da agricultura ou da industria da propria provincia.»

Não se comprehende bem como se possa dar a interpretação de «objectos ou mercadorias» a saccos, quando, nas pautas das alfandegas, vem bem claramente expressa essa designação sob o nome de «saccarias, ou saccos», para pagamento de direitos.

Mas o sr. Almeida Ribeiro, que como ministro das colonias nada de util fez, incluiu no decreto a que nos referimos o nome de «objecto indispensavel á preparação ou acondicionamentos», com o fim de poder dar logar á duvida, se não a falsas interpretações.

A importação de saccaria do estrangeiro representa a ruina, desnecessaria, d'uma industria importante da metropole, além da drenagem do ouro, que tão preciso nos é. E isso apenas para beneficiar as firmas commerciaes, a quem foi feita a concessão.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, que procede sempre com uma lealdade absoluta, não conhece, temos a certeza, a porta falsa que propositadamente se deixou aberta para obter o que d'outro modo nunca se conseguiria.

E como confiamos na lealdade do sr. presidente do ministerio e ministro das colonias, estamos convencidos de que se apressará a fazer aclarar taes disposições, para que á sombra d'ellas se não façam concessões prejudiciaes.

Um farol no Pará

PARÁ, 4.—Brevemente o ministro da marinha fará a inauguração do farol das Salinas.—(Americana).

Festa nautica

O Conselho Director do Club Naval de Lisboa, louvando em sua sessão de 31 do corrente a obra benemerita emprehendida pela Cruzada das Mulheres Portuguezas, resolveu prestar-lhe o seu concurso levando á effeito no proximo dia 15, em sua honra, uma grandiosa festa nautica.

A communicação foi feita por intermedio de dois delegados do Conselho á Secretaria Geral da Cruzada, ex.ma sr.ª D. Palmira de Padua que, agradecendo, offereceu gentilmente ao Club Naval todo o seu prestimo e das gentilissimas senhoras da Cruzada, para que a festa se effectue com a maxima imponencia.

Reunindo a mais selecta assistencia de Lisboa, vae realisar-se pois no dia 15, mais uma interessante festa, como todas as que este Club sabe realisar, tendo sido convidados s. ex.ª o sr. Presidente da Republica e Presidente do Ministerio.

Trabalha-se activamente na elaboração do programma que conterá numeros interessantissimos que opportunamente publicaremos, entre os quaes podemos já citar, a corrida de natação para as praças do exercito para disputa dos premios offerecidos pelo sr. ministro da guerra.

O amplo caes do Club, que se encontrará vistosamente engalanado, vae ser pequeno para conter os milhares de pessoas que occorrerão a presencear o importante certamen havendo um espaço do caes reservado para o publico e outro para os socios, convidados e senhoras.

UM CAMPO DE PRISIONEIROS ALLEMÃES

EASTCOTE

Conversando com Henri Martens, engenheiro do "Zeppellin" L-15

Londres, 24 de julho.—A noticia das ultimas victorias inglezas no Somme tinha feito sahir da sua natural indifferença e fleugma a população ingleza. Nas ruas, nos restaurantes, em toda a parte, a satisfação era manifesta e houve quem em Londres tomasse o comboio para Southampton a fim de vêr passar nas ruas da cidade as levas colossaes de allemães aprisionados.

Devemos dizer desde já que tambem nós tinhamos grandes desejos de vêr os ultimos prisioneiros. Viriam realmente esfomeados e exhaustos como se dizia, e, abatidos, com o moral profundamente decahido, seriam estes prisioneiros a imagem d'aquelle grande rebanho de inconscientes que umas feras commandam e dirigem?!

Só estando com elles, mas já, vendo como se portam, conversando-os, nós poderiamos formar um juizo seguro.

Empregámos todos os esforços n'esse sentido e uma vez mais o nosso ministro levou a sua amabilidade ao extremo de tudo conseguir para nós.

Na manhã de hontem recebemos uma carta do Foreign Office em que um funccionario nos indicava o local onde deviamos embarcar, a estação de destino e o ponto onde se encontravam os prisioneiros. Com esta carta vinha um salvo-conducto do War-Office auctorisando a visita.

Observando todas as indicações, lá fomos para Easton Station onde comprámos um bilhete para Blisworth. Perto d'este modesto entroncamento ficava o campo de concentração de prisioneiros de Eastcote a que se referia o nosso salvo-conducto.

Estava uma manhã cinzenta e triste ameaçando chuva; o comboio corria pela campina muito verde, onde retoiçavam rebanhos. A paizagem ingleza é realmente bonita, mas egual por toda a parte. A mesma relva fôfa e avelludada, os mesmos massiços de arvoredo frondoso, mas sempre o mesmo. A um dos lados, lá ao longe, a meia encosta, está acampado um regimento de infantaria. As barracas e as tendas alinham-se em filas; ao centro um espaço livre e em volta uma vedação de arame farpado. Ha milhares de acampamentos eguaes a estes por toda a Inglaterra. Mas já o acampamento desapparece na curva do caminho e passamos agora atravez d'uma grande região fabril.

E emquanto o nosso companheiro de wagon vae lendo o *Times* e fumando cachimbo, nós vamos pensando nos prisioneiros e nos alojamentos em que os inglezes os terão installado.

Da maneira como os prisioneiros alliados são tratados na Allemanha, teem-nos dito horrores, e nós desejavamos agora em Inglaterra encontrar tudo bem diverso, para o dizermos com a maxima verdade e satisfação.

Depois de umas longas trez horas de comboio chegamos emfim a Blisworth. E' uma estação relativamente pequena, embora seja o cruzamento de trez linhas.

Um empregado presta-nos esclarecimentos, em absoluto necessarios, porque Eastcote fica ainda muito distante. Podemos utilisar dois meios de transporte: um automovel do hotel fronteiro ou o carro militar que deve levar o correio para o proprio acampamento. O carro militar é muito pittoresco e optamos por elle. E' uma galera enorme, com dois cavallos á lança e mais duas parelhas á sota. Tem todo o aspecto de um carro de munições de artilharia. Tres soldados montam em cada um dos cavallos da esquerda e para o nosso lado na boléa saltam mais dois soldados. Trazem todos amarrados ao pulso pequenos chicotes de cabedal com que fustigam os cavallos. Partimos pela estrada fóra aos solavancos. A estrada é muito má, cheia de covas e lama, tão má que nos fez lembrar a estrada que lá em Portugal vae da estação até á nossa cidadezinha de Portalegre. Os cavallos, gordos, fortes e fustigados amiudadamente, correm a bom correr e assim em breve nos encontramos nas ruas de uma pequena aldeola de aspecto pobre, mas asseiado.

Não era este o termo da viagem e passada a aldeia começamos subindo um terreno accidentado. Passa sobre nós n'este momento um aeroplano que em breve desapparece lá ao longe. Andamos ainda um bom boccado e por fim os soldados mostram-nos por entre as arvores a casaria branca de um povoado. E' lá o acampamento. Chegamos pouco depois. A sentinella tendo lido o salvo conducto chama o sargento da guarda, que nos acompanha ao gabinete do commandante. Aqui devia ter sido uma granja, com o seu pateo ensombrado, um tanque de pedra onde a agua corre abundantemente, grandes cocheiras e cazarões enormes que ainda ha pouco foram celleiros. Passamos umas vedações de arame farpado e eis-nos em pleno campo dos prisioneiros.

N'este momento grave não tenho tempo de os fixar bem. O gabinete do commandante fica n'um barracão de madeira em tudo semelhante aos que vêmos alinhados pelo campo.

As paredes internas são formadas de cartão comprimido e o mobiliario é todo de pinho branco, simples, modesto, sem pintura, meticulosamente asseiado.

O commandante é um homem forte e já edoso, como edosos são todos os soldados e officiaes.

Feitos os cumprimentos e trocadas as naturaes saudações, põe ás nossas ordens um official para que nos mostre todo o campo e em todos os detalhes.

Este official é gentilissimo e falla correctamente o francez e o allemão.

Os prisioneiros estão distribuidos em quatro grupos, apresentando todo o campo a configuração de um grande quadrado dividido por uma cruz enorme. Os lados da cruz são de arame farpado, assim como todos os lados do quadrado. As vedações são quatro e parallelas entre si, estando o espaço entre as duas centraes completamente atulhado de arame farpado.

E' uma sebe impossivel de transpôr, altissima e onde qualquer ser vivo ficaria dilacerado.

Dizem-nos, o que não podemos garantir, que esta vedação é electrisada, produzindo a morte instantanea a qualquer pessoa que lhe toque. Mas, repetimos, não podemos garantir a veracidade d'este boato.

Estão ali prisioneiros antigos, alguns dos primeiros dias da guerra, e em dois dos quadrados os prisioneiros modernos. D'estes quasi todos se renderam aos inglezes em Poitiers, ha uns oito dias, mas a visita a estes reservamo-la para o fim. Ao todo são uns 2000, entre soldados e sargentos. Apenas dois officiaes: um medico e um engenheiro.

Percorremos todas as installações que são, como em geral em todos os acampamentos militares aqui em Inglaterra, amplas e esplendidas barracas de madeira forradas de cartão e asseiadissimas. Podemos garantir que estes prisioneiros teem melhores casernas, mais espaçosas e bem illuminadas do que as que temos visto em muitos quarteis de Portugal. E como as casernas, as cozinhas, os refeitorios, as casas de banho, os lavabos e o hospital. A agua corre por toda a parte em abundancia e os prisioneiros apresentam-se com a maior correcção e asseio.

Ha em cada grupo uma cantina onde os prisioneiros podem comprar tudo quanto lhes appetece, excepto bebidas alcoolicas. Os preços são estabelecidos pelo governo inglez de accordo com o commandante allemão do grupo.

Percorridas as installações, o official que me acompanha introduz-nos n'uma grande barraca cercada de arvoredo frondoso. E' o theatro. Foi todo construido pelos prisioneiros e póde comportar 600 espectadores. Constitue para elles uma das suas maiores distracções e as companhias, em geral comicas, e os numeros musicaes succedem-se, constituidos sempre por soldados boches que do producto das entradas tiram o dinheiro para muitos dos seus gastos particulares.

A comida é toda fornecida gratuitamente pelo governo inglez e podemos garantir que é esplendida.

Esta nossa affirmativa não é gratuita porquanto comemos com os prisioneiros um authentico e saboroso cozido á portugueza, com o qual satisfizemos o estomago e o patriotismo. Os dois allemães com quem comemos são bavaros e teem um bello aspecto. Foi em um d'estes campos que nos foi apresentado um homem alto, vestindo com a maxima correcção e de maneiras distinctas. Vestia um uniforme semelhante ao dos officiaes de marinha e ao peito, sahindo da abotoadura da farda, a fita da cruz de ferro. E' o engenheiro Martens, do «Zeppelin L 15» que a artilharia ingleza fez cahir na embocadura do Tamisa.

Diz-nos maravilhas da maneira como os inglezes o teem tratado, fazendo a todos os officiaes as mais elogiosas referencias. O official que nos acompanha e o prisioneiro conversam então amistosamente, como se não fossem dois irreductiveis inimigos. A nossos pés brinca um lindo gatinho *angora*. Fazemos-lhe festas e logo o engenheiro allemão com toda a gentileza nos offerece o gato. Agradecemos, mas não acceitamos. O leitor comprehende bem que não podiamos ir de Londres para Portugal com um gato ás costas.

Passamos então ao campo dos prisioneiros recentes.

—Já não parecem os mesmos, diz-nos o official que nos acompanha. Quando aqui chegaram vinham famintos e extenuados. Durante os trez primeiros dias não fizeram mais do que dormir e comer. Estendiam-se ahi pela relva e nem falavam uns com os outros. Agora estão bem.

Entramos no campo e, como tinha acontecido nos outros, ao entrarmos todos os soldados ainda os mais afastados se conservam na posição de sentido. Quasi temos vontade de rir, vendo estes homens que nos parecem bonecos muito direitos, muito serios e muito empertigados. Em todo o caso não nos parece de todo mal esta disciplina.

Devemos dizer desde já em homenagem á verdade que em todos estes prisioneiros, ao contrario do que por ahi se affirma, não vimos nem velhos nem creanças. Todos rapazes dos seus vinte e tantos annos, fortes e sem o aspecto de terem passado fome.

Conversados, não se apresentam nem arrogantes nem timidos. Serenos, tranquillos, dignos.

Durante a conversa, vendo estes allemães tão correctos e delicados, surgiu no nosso espirito esta interrogação: Como é que estes homens, que vêmos agora, aqui, tão humanos, podem ter sido os auctores de tantos e tão repugnantes crimes e barbarismos?

O official inglez que nos acompanha diz-nos que o estarem enterrados nas trincheiras, durante semanas e mezes, sob o fogo violentissimo e constante dos alliados, com a morte a cada momento deante dos olhos, transforma em absoluto a moral d'estes homens e dá-se uma regressão á animalidade. Perdem todo o verniz da civilisação e ficam feras. Agora, aqui, estão bons e serenos, porque estão bem alimentados, tranquillos e livres de qualquer perigo.

Devemos dizer que em geral todos os officiaes e soldados falam sempre em allemão aos prisioneiros, os quaes correspondem a estes respondendo em inglez ou francez.

Tinhamos visto tudo e estavamos encantados pela maneira como os inglezes tratam os seus prisioneiros.

Estão quasi luxuosamente. Teem tres refeições abundantissimas, variadas, constando de carnes, legumes e fructa.

Fomos á padaria onde o official tirou ao acaso um pão, para que o mostrassemos em Portugal. Quem nos dera que o nosso padeiro ahi em Lisboa nos fornecesse um pão tão alvo e tão bem trabalhado! Os prisioneiros podem escrever para as familias duas vezes por semana e não ha a minima censura, nem para o que escrevem, nem para o que recebem.

A visita estava acabada. Agradecemos ao commandante e aos officiaes a gentileza com que nos trataram. Sahimos. O tempo continuava brusco, ameaçando chuva. D'esta vez tivemos de vir para o comboio n'um automovel que ali perto nos alugaram.

E já dentro da carruagem, caminho de Londres, fomos pensando na sorte dos outros prisioneiros, dos que nas mãos dos allemães passam horrores e tormentos.

Que differença!

EDMUNDO PORTO.

A guerra no mar

Um paquete italiano afundado—Escaleres com passageiros canhoneados

MALTA, 4.—Um submarino allemão perseguiu, canhoneou e afundou o paquete italiano «Letimbro» que tinha a bordo cincoenta homens de tripulação e 113 passageiros; canhoneou tambem os escaleres de bordo cinco dos quaes foram afundados perecendo afogadas as pessoas que n'elles seguiam. Desembarcaram aqui 28 sobreviventes.—(Havas).

Dois submarinos italianos perdidos

ROMA, 4.—A «Agencia Stefani» annuncia que dois dos nossos submersiveis que ha já tempo partiram para uma missão ás costas inimigas, não regressaram como os outros ás suas bases, pelo que se podem considerar perdidos.—(Havas).

OLHANDO O FUTURO

O problema da emigração

O fim da guerra deve encontrar-nos preparados para o resolver

Se, finda a guerra, se não modificassem radicalmente as deploraveis condições em que até ha pouco se fazia a emigração portugueza para o Brazil, hoje tão attenuada, por assim dizer quasi suspensa, persistiriamos n'um dos mais funestos erros caracteristicos da nossa administração quer antes quer depois da Republica.

Emigravam, em media, annualmente, para a grande nação sul-americana, uns quarenta mil portuguezes. Não faremos nenhuma estranha revelação se dissermos que a immensa maioria d'esses nossos compatriotas abandonavam a terra natal em tristes circumstancias, partindo por via de regra sem claro rumo, sem situação definida, sem contracto remunerador e em que se garantisse o futuro, houvesse de ser ou não demorada a ausencia da patria.

Iam á aventura, quasi todos apetrechados apenas com o desejo ardente de ganhar o pão de cada dia e de amealhar alguma coisa que lhes assegurasse a tranquillidade da existencia quando pudessem voltar á Europa. Alguns acariciariam a seductora idéa de fazer fortuna e nenhum duvidava de que na vastissima e opulenta Republica, como que um desdobramento da mãe-patria, o aguardaria occupação para os seus braços e premio para os seus suores.

Por nossa culpa, no entanto, exclusivamente por nossa imprevidencia e por nossa incapacidade governativa, a emigração portugueza nunca produziu os fructos que havia o direito a esperar d'ella, tanto por nossa parte como pela do Brazil, terra nossa irmã, hospitaleira por excellencia, e com a qual o feliz estabelecimento entre nós de instituições semelhantes nos ligou e identificou ainda mais.

Em geral insufficientemente preparados para o trabalho e para a lucta, sem que aqui os submettessem a qualquer especie de criteriosa selecção, os nossos emigrantes poucos serviços podiam prestar ao Brazil e as vantagens resultantes do seu deslocamento para tão longe tambem não correspondiam d'um modo cabal ás suas naturaes ambições e aos proprios interesses do paiz de que abalavam para regressarem a elle mais miseraveis do que haviam partido, quando não exhaustos e anniquilados de corpo e alma.

* * *

A guerra suspendeu a emigração. Todos sabem como a deficiencia dos meios de transporte contribuiu para tal, entre outras causas que seria ocioso mencionar agora. A repatriação foi enormemente difficultada pelas mesmas razões. Semelhante estado de coisas vae prolongar-se decerto, ainda mesmo depois de restabelecida a normalidade da navegação. Feita a paz, surgirão solicitações de braços e é obvio que a França e a Belgica precisem de operarios, agricultores e artifices. O numero dos que hão de querer emigrar, tanto para a Europa como para o Brasil, ha de n'essa altura ser avultadissimo e é o momento de se impôr a intervenção do Estado, rasgada, vigorosa, benefica, lucrativa, superiormente orienta la no sentido de aproveitar ao individuo e á collectividade.

Regularam, de ha muito, os Estados Unidos a immigração, sujeitando-a a preceitos legaes que representam ao mesmo tempo a defeza da grande republica norte-americana e a do proprio immigrante digno de ser n'ella admittido. Regulou a Italia a emigração dos seus naturaes com os mesmos ou identicos fins. Porque se não ha de resolver o problema em Portugal, quando elle implica um phenomeno de ordem economica do mais vasto alcance?

E' preciso, pois regulamentar a emigração, crear a assistencia ao nosso emigrante, que hoje a não tem aqui nem nos pontos para onde emigra, valorisar, pondo de lado inadmissiveis e contraproducentes sentimentalismos, o que envolve uma inexplorada riqueza nacional.

Para as minas do Rand vão annualmente da provincia de Moçambique uns 50.000 negros. Os correspondentes serviços de emigração encontram-se organisados ha annos e até no Transvaal uma auctoridade portugueza exerce, por esse motivo, poderes que são extraordinarios dentro d'um paiz estrangeiro. Será de mais que dispensemos solicitude egual aos portuguezes que emigram para o Brazil?

* * *

O Estado póde e deve ser o primeiro agente da emigração. Havemos de demonstral-o, frisando por maneira peremptoria e inilludivel as consideraveis vantagens economicas que d'ahi provirão e como para o thesouro se criam novas receitas, do mesmo passo que se poupam vidas e se depuram e canalisam aptidões inconscientemente desperdiçadas...

SITUAÇÃO FINANCEIRA

Um emprestimo interno

poderia fazer diminuir immediatamente a nossa circulação fiduciaria

Não ha por ahi centro de palestra onde se não formulem hypotheses e calculos sobre o resultado das *démarches* financeiras que o sr. dr. Affonso Costa realisou em Londres. E é curioso registar que muitas pessoas se mostram sinceramente penalisadas só ao considerarem que o falado emprestimo póde não attingir muitos, muitos milhões de libras—tantos que na algibeira de cada portuguez entrasse, por meio de rateio, um punhado do precioso metal...

Commentando esse estranho e curioso estado de alma, dizia-nos hoje alguem que conhece a fundo todos os intrincados aspectos da sciencia financeira:

—Eu não sou partidario dos grandes emprestimos, digo-lhe desde já, e supponho que deve ser esta a opinião de todos os contribuintes de todos os paizes. A idéa da realisação d'um emprestimo implica necessariamente uma outra idéa: a do seu pagamento com os respectivos encargos, o que se faz por meio de uma annuidade que comprehenda juros e amortisação.

«Quando o Estado realisa um emprestimo tem o contribuinte de se resignar a paga-lo. Logo, quanto maior o emprestimo fôr, maiores serão os novos tributos a pesar sobre o contribuinte. E por isso eu lhe disse, desde logo, que não sou partidario, como muita gente parece ser, dos emprestimos fabulosos, traduzidos em sommas estonteantes para os magros recursos de todos nós...

Atalhamos:

—No entanto, acontece que muitas vezes a fallencia d'um emprestimo resulta em formidaveis desastres, ou só porque demonstre a falta de credito do Estado, ou tambem porque se trate de compromissos inadiaveis e que poderiam provocar, de futuro, uma compensação fartamente remuneradora.

—Estamos de accordo, continua o nosso entrevistado, e por isso eu ia dizer-lhe que, não sendo partidario dos grandes emprestimos, defendo a realisação de todas as operações financeiras, estrictamente necessarias. Foi isso, com certeza, o que o sr. dr. Affonso Costa conseguiu, e mais não é preciso para que o seu esforço se registe com os merecidos louvores. Das suas *démarches* realisadas lá fóra averigua-se que a Republica possue um grande, um illimitado credito na Inglaterra.

«Esse facto traz-nos uma grande vantagem immediata: é o seu reflexo favoravel no credito interno, augmentando a confiança nos titulos do Estado. Simplifica-se d'esse modo a realisação de uma operação interna que o sr. dr. Affonso Costa já um dia annunciou no parlamento e que deve trazer á economia nacional grandes beneficios. Refiro-me á diminuição da circulação fiduciaria por meio de um emprestimo contrahido dentro do paiz.

«Imagine que o governo resolve lançar no mercado um titulo novo, com garantias acceitaveis e com um juro convidativo. Será esse o meio de se levantar um emprestimo interno que poderá ir até 40.000 ou 50:000 contos. E' natural que uma parte d'esse emprestimo, dez ou quinze mil contos, seja coberta por portadores da divida fluctuante interna, que ficará reduzida n'essa importancia.

«A outra parte será representada por notas da circulação fiduciaria, que darão entrada nos cofres do thesouro, habilitando o governo a pagar uma parte dos emprestimos que contrahiu no Banco de Portugal. Calculando em 30:000 contos a importancia destinada a essa diminuição de divida, a circulação fiduciaria, que está hoje em cerca de 120:000 contos, poderia baixar para 90.000 contos.

«São muitas as vantagens d'essa operação. O Banco de Portugal ficaria com a mesma reserva de ouro para uma circulação muito menor, podendo

lo talvez até concorrer ao mercado para o fornecimento de cambiaes. O custo da vida baixaria immediatamente, como reflexo da diminuição das notas. Deixaria de estar improductivo o pé de meia nacional, porque os capitalistas que teem agora guardadas as suas notas não deixariam de comprar o novo titulo, passando o seu dinheiro a vencer um juro que contribuiria para o desenvolvimento da riqueza publica.

«Parece-me que esse novo titulo do Estado deverá ser de renda perpetua, inconvertivel durante um certo praso, 15 annos por exemplo, para que o capitalista tenha garantido por esse periodo o juro que o Estado lhe offereça. Quanto ao receio de que as economias nacionaes não cubram um emprestimo de 40 ou 50 mil contos, é inteiramente infundado. Basta a gente lembrar-se que os 48.000 contos em que a circulação fiduciaria augmentou, desde 1910 até hoje, foram destinados quasi exclusivamente a emprestimos que o Banco fez ao Estado. Ora, esse dinheiro não ficou guardado nos cofres do thesouro. Voltou para a circulação—e d'ahi n'uma grande parte, foi augmentar as reservas da economia particular.

UM NOBRE EXEMPLO

O dr. José de Arruella

jura defender a Patria e a Republica

Ha perto de dois annos, quando Hermano Neves, ao serviço d'este jornal, se encontrou pela primeira vez em França, deu-se no ministerio da guerra d'aquelle paiz um episodio emocionante. O inimigo invadira o solo da patria, com a violencia inevitavel da avalanche, as divisões de von Kluck approximavam-se da capital a marchas forçadas, o governo abandonára Paris. Nas secretarias curvados, sobre os documentos da complexa organisação militar que devia assegurar a victoria, noite e dia gravemente, infatigavelmente, n'um silencio tragico.

Eis que, pela porta d'uma repartição da Guerra, entra de subito um velho official realista, adversario intransigente do actual regimen politico, veterano bonapartista que retirára do activo por incompatibilidade de principios e vinha agora implorar, perto dos oitenta annos que lhe dessem a honra de o deixar partir para o triumpho. E clamava:

—*La Monarchie nous a perdu, la Republique nous sauve: et puisque c'est elle qui nous mène à la Victoire—Vive la Republique!*

Dois dias depois realisava-se o milagre do Marne, e Joffre transmittia o historico e laconico despacho em que affirmava que a Republica se podia orgulhar do exercito que organisára.

Não teem sido, infelizmente, muito vulgares em Portugal gestos de tal nobreza. E' pouco dificil demonstrar que, apezar de todos os interesses nacionaes se identificarem com os interesses dos alliados, apezar da guerra que em termos affrontosos nos foi declarada pela Allemanha, varios monarchicos portuguezes continuam a cultivar no fundo da sua alma, como uma rara flor de estufa, a mais pura a mais irritante germanophilia. O seu «mot d'ordre»—tudo, menos isso que ahi está—leva-os á inepcia de suppor que dada a inverosimil hypothese de vencer a Allemanha, o imperador germanico não tardaria em restabelecer aqui o throno que deixaram esphacelar.

Outros, ainda por simples espirito de contradição, «simplesmente» porque todas as sympathias dos republicanos vão naturalmente para os paizes alliados, defendem os imperios centraes com quantas forças podem.

São por isso mesmo dignos de se destacar nobres exemplos como o do dr. José de Arruella — jornalista monarchico, marechal de D. Manuel II, bem conhecido pela sua alta intelligencia e pelo prestigio de que gosa entre os seus correligionarios.

Na sua ultima «Carta para a Suissa», publicado na «Nação» o dr. José de Arruella, congratulando-se pelo facto de ter sido apurado para o exercito na revista de inspecção, alludе ao juramento que fez como soldado de defender a Patria e a Republica, e accrescenta:

Homens d'honra não juram, não podem jurar, não devem jurar, com o intuito de trahir.

Quando eu jurei, jurei conscientemente e nada me fará deixar de cumprir esse meu juramento.

Não foi a ameaça d'uma penalidade que me levou á articulação d'essas palavras para mim, dentro de mim, graves e solemnes. Não foi uma concepção militar que m'as inspirou; foi, sim, uma concepção mas vinda d'um outro fôro differente e mais alto: o foro da consciencia do dever.

Emquanto a minha patria estiver em estado de guerra eu cumprirei religiosamente todas as obrigações que me resultem, d'aquelle compromisso jurado em nome do que é minha razão moral de existencia e ser.

Acabado esse estado de guerra (cujas responsabilidades moraes felizmente não pertencem á causa politica em que milito) se a guerra me não tiver levado a vida, officialmente declararei então a prescripção do meu juramento. Até lá o que jurei, jurei. Como não ha contractos perpetuos, não ha juramentos perpetuos... Mas emquanto perdurarem as condições que me levaram a tomar esse compromisso de honra respeital-o-hei sagradamente.

Que esse exemplo fique registado com o louvor merecido pelo sentimento que representa, e os monarchicos portuguezes aprendam mais uma vez a fazer-se respeitar a dentro do seu credo.

PEQUENAS NOTICIAS

Na enfermaria 1 do hospital de S. José deu hoje entrada Antonio Silvestre, de 8 annos, filho de Luiz Silvestre e de Maria Gomes moradores na quinta da Langueza, nos Olivaes, que ali foi colhido pelo coice de uma muar, ficando com o craneo fracturado. O seu estado é pouco satisfatorio

—Por telegramma recebido de Setubal sabe-se que estão ali presos Antonio Martins, o «Mascarenhas» morador na rua da Boa-Vista, pateo da Gallega, e Joaquim Nogueira, de 21 annos, morador na rua Possidonio da Silva, ambos desertores do exercito.

UMA INDUSTRIA EM PERIGO

Pedem-nos a publicação da seguinte representação ha dias entregue ao Ex.mo Sr. Ministro das Colonias

OS ABAIXO ASSIGNADOS, iniciadores que foram da industria de tecidos de juta em Portugal, industria que apoz a pauta de 1892 attingiu um consideravel desenvolvimento, veem respeitosamente trazer ao conhecimento de V. Ex.ª o seguinte:

Pelo decreto n.º 231, de 20 de Novembro de 1913, da auctoria do Ex.mo Sr. Dr. Almeida Ribeiro, quando Ministro das Colonias, ficaram pelo seu art. 1.º:

«autorisados os governadores das provincias ultramarinas a permittir a importação temporaria de todos os objectos ou mercadorias indispensaveis á preparação ou acondicionamento dos productos e exportar, da agricultura ou da industria da propria provincia.»

No «Boletim da Provincia de Angola» 1.ª série n.º 3, de 22 de Janeiro do corrente anno, vem publicada uma portaria auctorisando a firma «Sá Leitão & C.ª, Lt.ª», da praça de Loanda, a importar durante 5 annos saccaria extrangeira, sem pagamento de direitos.

Por um judicioso e bem deduzido artigo publicado em o jornal «O Seculo», de 14 do corrente, sob o titulo «A industria dos tecidos de juta» e do qual tomamos a liberdade de juntar um exemplar, vê-se que acaba de ser concedida tambem auctorisação á firma «Lima & Gama» para importar pela alfandega de S. Thomé saccaria extrangeira com a mesma isenção de direitos.

Acreditamos que as intenções do Ex.mo Sr. Dr. Almeida Ribeiro, ao lavrar o decreto em questão, foram as melhores; a verdade, porém, é que tal decreto, pelas lesivas concessões a que se presta, occasionará, num futuro mais ou menos proximo, a completa ruina da industria dos tecidos de juta em Portugal, representando além disso uma dictatorial revogação de leis discutidas e approvadas pelo Parlamento, como sejam as pautas alfandegarias.

A' sombra da pauta de 1892 a industria de tecidos de juta alcançou largo desenvolvimento entre nós, occupando hoje centenas de operarios. Confiados em que só pelo Parlamento, e após larga discussão e consciencioso estudo ella poderia ser alterada, os industriaes não se pouparam a sacrificios nem recuaram perante a immobilisação de centenas de contos de capital. A propria introducção da sacaria nacional nos mercados coloniaes representa uma lucta de muitos annos por parte dos respectivos industriaes, sendo por isso deveras lastimoso que ora se vejam na dura contingencia de ter de encerrar as suas fabricas e consequentemente votar ás tribulações da miseria um numeroso pessoal que sustentam. Para conseguir vender nas colonias a sua sacaria, os industriaes portuguezes, dada a conhecida relutancia por tudo quanto é nacional, viram-se forçados a estabelecer preços inferiores á manufacturada no estrangeiro. São estes e outros detalhes que é mister sempre ponderar, mal parecendo que questões de natureza economica, em regra sempre complexas, sejam por vezes tratadas com certa leveza e precipitação, como no caso sujeito, em que são menospresados trabalhos e esforços de muitos annos. Nunca os fabricantes de juta em Portugal ousariam suppôr lhes estivesse reservado o desgosto de verem os productos similares estrangeiros arbitrariamente favorecidos em detrimento dos produzidos nas fabricas nacionaes e muito menos vêl-os sobrecarregados com despezas que sobre o sacco estrangeiro não impendem! E, senão, vejamos:

1.º o despacho de exportação o sacco nacional é onerado com as seguintes despezas:

1 1/2 °/o ad valorum (base de $50 por k.º), $00,7 1/2 por k.º

Sellos e emolumentos $00,0 1/2 por k.º Somma $00,8 por k.º

Direitos de importação da materia prima e addicionaes, $00,8.

Somma total, $01,6.

Permittida a importação livre de direitos, do sacco estrangeiro o que resulta? Resulta que o sacco portuguez, fabricado por operarios portuguezes, fica aggravado em $01,6; quer dizer, ao passo que se alivia a industria estrangeira, sobrecarrega-se a nacional, como se o industrial portuguez não pagasse as suas contribuições ao Estado e estas não revertessem a favor da economia nacional.

Medidas d'esta natureza são sempre contraproducentes e em tal caso o beneficio que se pretende conceder de $02,4 e $03,2 por kilo de tecido de juta ou saccaria da mesma materia, sobre ser insignificante é ainda aparente, porquanto o fabricante nacional para poder vender tem de offerecer a sua saccaria mais barata ou em concorrencia com a estrangeira.

Exemplifiquemos:

Os saccos estrangeiros pagam de direitos $0,6 por kilo nas alfandegas de S. Thomé e Principe e $0,5 nas alfandegas de Angola. Indo os saccos estrangeiros em navio portuguez gosam do beneficio de 20 °/o ficando deste modo os direitos respectivamente reduzidos a $0,4,8 e a $0.4. Abatendo destas verbas as despezas com que o sacco nacional é onerado pelos despachos de exportação e importação já referidos, fica a protecção reduzida a $0,3,2 e a $0,2,4.

Os saccos de consumo naquellas nossas possessões pesam, em média 450 a 700 grammas pelo que facilmente se infere quanto é mesquinha a protecção concedida á industria nacional e o quanto é insignificante tambem a diferença a cargo das colonias. Por outras palavras: ao roceiro de S. Thomé que haja de remetter para o estrangeiro 60 kilos de cacau (quantidade que geralmente comporta um sacco) e que actualmente vale a *bagatela* de 23$00 a 28$00 ha de certamente causar grandes embaraços o ter de pagar mais $02,0 em sacco, dada a hipothese da industria nacional aproveitar os beneficios da diferença pautal o que é problematico. Não serão certamente esses $02,0 que divididos pelas 4 arrobas de cacau representam um aggravamento de $05 por arroba ou seja $00,03 por kilo que irão produzir a ruina da cultura do cacau!!

Para Angola o caso é ainda mais extraordinario. O sacco que se emprega para café pesa em média 500 grammas e para a borracha 480 grammas, que a multiplicar por $02,4 dá respectivamente as diferenças de $01,2 e $01,1 por sacco!!

N'estas circumstancias occorre perguntar: Se o sacco estrangeiro custa realmente mais barato, será uma protecção tão pequena para a industria nacional que impede a sua importação nas colonias? Não. Certamente que não é a diferença de $02,4 e $03,2 em kilo de tecido que dá margem ao fabricante nacional para auferir grandes lucros nem tampouco representa encargo que agrave ainda que levemente o commerciante ou agricultor das colonias. Desde que não exista, de facto, beneficio para as colonias, que vantagem ha pois em dificultar a vida da industria da metropole, collocando-a na dura contingencia de ter que dispensar dos seus serviços centenas de operarios e de empregados, aggravando ainda mais a já bem precaria situação das classes laboriosas?

O problema apresenta ainda outros aspectos de prejuizo para a economia nacional, pois toda a sacaria fabricada no paiz é embarcada em navios portuguezes e como tal o frete pago em moeda portugueza e não em ouro, como sucede com a sacaria estrangeira. Não é tambem pequena a verba que esta industria dispende em fretes nos caminhos de ferro e carroças com o transporte dos seus productos, dinheiro que fica tambem no paiz.

Não nos atrevemos a dizer que o caso reveste tambem um lado menos sympathico como é o de ir beneficar um ou dois commerciantes em detrimento de muitos outros e da industria do paiz. Se tal medida era necessaria tornava-se então extensiva a todos os agricultores das colonias e não se fizesse concessão especial a um ou outro commerciante. E' preciso não esquecer que a metropole concede uma protecção de 50 0/0 a todos os productos que as colonias produzem e exportam para o paiz, sem limite de producção, com excepção do assucar, para o qual ha um quantitativo fixo. Ora se a metropole concede ás colonias uma tão lata protecção, não será justo que, por sua vez, a industria nacional lhes mereça algumas compensações? Como admittir pois que lhe sejam cerceadas as já existentes?

Se no momento presente o frete maritimo não pode ser computado por motivo da guerra europeia, em epocas normaes o sacco estrangeiro, pagando fretes combinados, de conhecimentos directos para as nossas colonias, vem a pagar menos do que a saccaria de producção nacional, paga do continente para as provincias ultramarinas!

Quando todos os paizes estão n'este momento rodeando da maxima protecção e dos maiores cuidados as suas industrias e o seu commercio; quando em todos os paizes está sendo objecto de estudo a preparação para o combate economico que virá após a terminação da guerra; quando a propria Inglaterra está pondo de parte as suas tradiccionaes ideias livre-cambistas para rodear de proteccionismo e de auxilio official as suas industrias e o seu commercio; quando, emfim, o governo da Gran-Bretanha e os dos paizes seus alliados estão protegendo todas as tentativas de expansão do trabalho nacional, no nosso paiz, com a maior leveza e irreflexão, sem ao menos se ouvirem os interessados e sem o menor estudo preliminar do assumpto, decreta-se o anniquilamento de um dos ramos de uma industria, tão digna de protecção e de auxilio do Estado como qualquer outra que dentro do paiz tenha concorrido para a sua riqueza e prosperidade.

Quando a propria Inglaterra, repetimos, pensa em estabelecer no seu vasto imperio um «zollverein» pelo qual mutuamente se protejam a metropole e as colonias de maneira a combater com efficacia a futura concorrencia allemã, entre nós facilita-se a entrada dos productos estrangeiros, sem proveito nem para o Estado nem para os particulares e sem mesmo se anteyer qual a nação que virá a aproveitar com tal medida, podendo muito bem succeder que seja até um paiz inimigo!

Feita esta succinta exposição, aos abaixo assignados resta a inteira convicção de que ella calará no animo sereno e ponderado de V. Ex.ª de modo a prompta revogação do decreto n.º 231 de 20 de novembro de 1913 e bem assim a annullação das portarias, que na doutrina do mesmo se basearam salvaguardando como é de justiça os attendiveis interesses de uma classe numerosa que tão pacificamente tem dado sempre o seu laborioso contingente para a economia industrial d'este paiz e que certa está da coadjuvação dos poderes superiores para a solução do magno assumpto que veio pôr em perigo os seus mais caros e legitimos interesses.

P. deferimento

E. R. J.

Lisboa, 24 de julho de 1916.

"Conselho de guerra,,

Uma estreia sensacional no Cinema Condes

Dentre todos os salões cinematographicos de Lisboa destaca-se o *Cinema Condes*, o mais vasto e sem duvida o mais ventilado de todos, o que, na quadra canicular que vamos atravessando, constitue um forte motivo de preferencia para o publico. Mas não são apenas estas as unicas vantagens que o Condes póde proclamar. Os «films» exibidos no seu amplo «écran» distinguem-se pelo bom gosto que presidiu á sua escolha, sempre escrupulosa e tendente a manter intactos os legitimos creditos da Empresa.

Hoje, por exemplo, estreia-se um «film» sensacional: *O conselho de guerra (Côrte marcial)* verdadeiro monumento da arte cinematographica, drama repassado de emoção e de sentimento que o publico vae por certo receber com o agrado com que foi recebido lá fóra.

Além de outras peliculas esplendidas, faz ainda parte do programma de hoje o delicioso «film» *Fogo occulto*, que constitue egualmente uma authentica obra de arte.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Na frente franceza

A lucta prosegue encarniçada em muitos pontos

PARIS, 4.—Communicação official das 15 horas:

Na margem direita do Meuse a batalha proseguiu na linha de Thiaumont-Fleury que os allemães atacaram durante toda a noite com grande encarniçamento, sendo repellidos com grandes perdas para o inimigo varios dos seus contra-ataques realisados com grandes efectivos nas proximidades da fortificação de Thiaumont. Os francezes tomaram momentaneamente esta fortificação tendo de a evacuar devido á violencia do bombardeamento, trazendo comtudo 80 prisioneiros.

Na região de Fleury houve tambem combates violentos, tendo os allemães multiplicado os seus contra-ataques sobre a aldeia sendo cada um d'elles precedido de intensa preparação pela artilharia.

Depois de varias tentativas infructiferas, penetraram na parte sul onde o combate continua renhidissimo.

Os francezes continuam de posse da estação que está situada a sueste da aldeia.

Os allemães atacaram as posições a leste de Vacherauville soffrendo elevadas perdas e não obtendo nenhum resultado favoravel.

Na região de Vaux-Chapitre Chenois a artilharia esteve muito activa. Nos Vosges os allemães fizeram sobre Chapellote um ataque que foi disperso antes de abordar as nossas linhas.

A noite decorreu calma nas restantes frentes de batalha.—(Havas).

Contra a neutralidade brazileira

RIO DE JANEIRO, 4.—A Liga a favor dos alliados, teve, hontem, uma reunião magna, em commemoração do segundo anniversario da declaração de guerra. Approvou uma moção que vae ser enviada ao dr. Wenceslau Braz, presidente da Republica, sollicitando a revogação do actual decreto sobre neutralidade e a sua substituição por outro inspirado nas formulas expostas pelo senador Ruy Barbosa.—(Americana).

Substituindo os productos allemães

SAO PAULO, 4.—O governo auctorisou a fabricação do sulphato duplo de aluminio e potassio para purificar as aguas da cidade, producto que até agora era importado da Allemanha. As installações da fabrica custarão aos cofres do Estado de S. Paulo, a quantia de 500 contos de réis.—(Americana).

Uma commissão parlamentar brazileira na Europa

RIO DE JANEIRO, 4.—O publico recebeu com enthusiasmo a ideia lançada pela imprensa da capital de se enviar á França e a Portugal, uma commissão parlamentar, na mesma occasião da projectada visita do senador Ruy Barbosa a esses dois paizes alliados.—(Americana).

Os pacifistas allemães perseguidos

PARIS, 4.—A policia allemã multiplica as prisões dos socialistas propagandistas da paz e promette recompensar quem delate os auctores das proclamações espalhadas durante a noite em Leipzig.—(Americana).

Mais navios torpedeados

PARIS, 4.—Os allemães torpedearam os vapores suecos «Oscar Bramlang» e «Bror» e o vapor filandez «Stanto». Ignora-se a sorte das tripulações. Os vapores dirigiam-se a Raumo e são os primeiros navios torpedeados n'aquelle caminho maritimo.—(*Americana*).

A Hollanda está descontente

PARIS, 4.—A Hollanda ameaça fechar a fronteira á Allemanha se os zeppelins continuarem a voar sobre o seu territorio.—(Americana).

Seguros de Guerra

A *Companhia Ultramarina* faz seguros de guerra terrestres e maritimos.

O vice-consul do Brazil em Coimbra

RIO DE JANEIRO, 4.—Foi creado um vice-consulado em Coimbra, sendo nomeado para desempenhar o cargo Ildefonso Ayros Marinho.—(Americana).

Museu Raphael Bordallo Pinheiro

A sua exposição no domingo

A proposito da noticia, que hontem démos, da exposição d'este muzeu no proximo domingo, revertendo o producto das entradas em favor da Sociedade da Cruz Vermelha, recebemos o seguinte bilhete:

Prezadissimo Senhor. — Permita-me v. uma explicação: não me considero proprietario do *Museu Raphael Bordallo Pinheiro*, mas simples usufructuario, pois já está ligado á Cidade de Lisboa.

Em quanto eu viver, não estará publico gratuitamente, mas reverterá sempre o producto das entradas para qualquer instituição respeitavel.

Os motivos d'esta minha resolução dal-os-hei particularmente a quem os desejar conhecer.

Com a mais grata e respeitosa consideração de v. etc.—*Cruz Magalhães.*

Os dramas do vicio e da embriaguez

Mulher aggredida com trez facadas, ficando em estado grave

Amelia das Dores d'Oliveira, que dá tambem pelos nomes de Amelia de Jesus Oliveira, Amelia dos Santos ou ainda Amelia Mourão e é mais conhecida por «Amelia Peliza», tem 20 annos, é filho de pae incognito e de Maria das Dores Oliveira, natural de Castello Branco, e moradora no pateo Gomes Pereira 1, 3.º. Embora nova, teve já varios amantes, entre os quaes José Pires, «vigarista», actualmente a cumprir a pena de 2 annos na Penitenciaria. Tendo o amante preso, a «Peliza» enamorou-se do descarregador Manuel Vicente Nunes, de 27 annos, morador na rua Vinte e Quatro de Julho, 86, 4.º, indo ambos residir para o becco da Galheta, 11.

Durante algum tempo tudo correu na melhor harmonia, mas ha tres semanas pouco mais ou menos, zangaram-se e separaram-se, indo a «Peliza» para casa de uma sua amiga de nome Pulcheria do Rosario. Todos os dias, o Nunes procurava a amante pedindo-lhe para voltar para a sua companhia, o que ella não accedia.

Os dias foram passando e hoje de manhã a «Peliza» teve uma questão com uma sua companheira conhecida pela «Maria Alta», sendo ambas presas e restituidas á liberdade, visto o caso não ter importancia de maior. O Nunes, sahindo de casa, encontrou a amante, que vinha da esquadra, e, entabolando conversa, conseguiu que ella o acompanhasse a beber, levando-a para uma taberna, não tardando a embriagarem-se ambos. Então o Nunes foi levando a rapariga para o becco da Galheta e quasi no fim voltou a pedir-lhe para ir viver com elle. Como a resposta fosse negativa, o Nunes puchou de uma navalha e vibrou-lhe tres golpes cahindo ella no chão banhada em sangue, emquanto o faquista se refugiava em casa.

Chamada a policia foi a ferida mettida n'um automovel e conduzida para o hospital de S. José onde o medico de serviço verificou que um dos golpes perfurára o pulmão direito e dois peitos, recolhendo sem falla á enfermaria n.º 11, em estado grave.

Entretanto o guarda n.º 887 subia a escada do predio do becco da Galheta e pedindo licença a um dos inquilinos tratou de procurar o faquista. Vendo que este tinha subido para o telhado e se refugiara atraz da chaminé, o civico subiu tambem e deitou-lhe a mão, correndo ambos o risco de se despenharem á rua, onde se juntára muita gente. A custo o policia trouxe o preso para a rua, levando-o depois para a proxima esquadra, indo mais tarde para o governo civil. No local esteve o agente Carapeto, da judiciaria, a proceder a averiguações.

A «Amelia Peliza», que conta 17 prisões e uma condemnação por desordem, devia hoje responder no 2.º districto criminal juntamente com um seu irmão pelo crime de offensas corporaes.

O desfalque na Companhia do Gaz

Os jornaes noticiaram ha dias que na Companhia do Gaz se descobrira um importante desfalque e que o seu auctor se evadira. Perguntando então ao sr. director da policia o que havia sobre tal noticia respondeu-nos que nada sabia, visto não ter recebido queixa alguma. A tal respeito temos hoje a dizer o seguinte:

Com o chefe da 2.ª secção esteve o sr. Elio Rego, director da companhia, tratando do caso. O desfalque é de 12.000 escudos e parece que o seu auctor se encontra em Hespanha. Chama-se Celestino Galvão, residia na calçada do Marquez de Sampaio, 111, 4.º, empregado de toda a confiança na companhia, sendo o encarregado da fiscalisação das cobranças.

O processo foi hoje enviado para juizo.

Navegação para o Brazil

Ao sr. presidente da Republica será brevemente entregue uma representação, pedindo-lhe para que empregue os seus bons officios no sentido de ter rapido andamento o projecto que cria uma linha de navegação para o Brazil.

A questão das subsistencias

Vão ser affixados editaes determinando que seja manifestado até ao dia 8 todo o assucar existente na area do concelho de Lisboa, sob pena de immediata apprehensão, além de procedimento judicial contra os detentores.

Eguaes editaes foram affixados quanto ao carvão.

Sport

Water-Polo

A direcção do Gymnasio Club Portuguez pede a comparencia dos jogadores de «water-polo» os srs. Bordallo Pinheiro, Antonio Vieira Caldas, Alberto de Sousa Brandão, José de Sousa Brandão, Eduardo Cesar de Jesus e Francisco do Amaral, amanhã, 5 do corrente, pelas 18 3/4 no Club Naval de Lisboa.

O Gymnasio Club joga amanhã com o Sport Algés e Dafundo e domingo com o Club Naval.

Pela policia

Castigos e transferencias—Fallecimento de um guarda

Como consequencia do caso occorrido ha tempos com o guarda da esquadra do Campo Grande, o sr. commandante da policia em ordem do corpo hoje publicada determina o seguinte:

Que em virtude da sindicancia feita á 8.ª esquadra na qual se provam irregularidades no pessoal e para conveniencia de serviço sejam transferidos para a 7.ª esquadra o chefe Cezar Augusto do Couto; para a 9.ª o cabo 138 Eduardo Abrantes de Mello; para a 11.ª o cabo graduado 179 João das Neves; para a 13.ª o guarda n.º 1084 Carlos Correia e para a 3.ª o guarda 1507 Fernando Esteves Barreiros. Que seja castigado com 4 dias de suspensão o cabo graduado n.º 179 João das Neves por ter collocado na escada de serviço para ser lido pelo pessoal um agradecimento a um cabo, referindo-se menos respeitosamente ao seu chefe e accusando-o de politico.

Que passe a commandar interinamente a esquadra o cabo 157.

Falleceu hoje o guarda civico n.º 539 Joaquim Luiz, realisando-se o seu funeral, amanhã, pelas 15 horas, sahindo o prestito da rua do Infante D. Henrique, 63, sendo as honras prestadas por um cabo e 9 guardas.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

NO CINEMA GARRETT EM CINTRA

Assistencia elegante ás sessões da moda de quarta-feira:

Baroneza de Ortega, D. Christina Rezende da Silva e filha D. Amelia, madame Ayres Ornellas, D. Ida Burnay, D. Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Alice Felix da Costa Monteiro, D. Jesuina Quintella e filha D. Ida, D. Maria Emilia de Almeida e Brito, D. Theresa e D. Carmo Van Zeller de Castro Pereira, D. Julia Costa Madeira Pinto, madame Pitta Pessoa e filha, D. Maria da Graça e D. Izabel Van Zeller de Roure, D. Maria Empis, D. Margarida Carneiro, madame Sarrea Prado e filha, D. Julia Garção, madame Nunes Claro, D. Elisa e D. Amelia Castro, D. Julia Bibiano, madame Virgilio de Magalhães e filhas, D. Maria do Carmo e D. Maria Luiza da Costa Lima, D. Irene Santos Cintra, D. Adelaide Horta e filha D. Alice, D. Maria Helena de Almeida, D. Celina Cintra, D. Margarida Onette D. Virginia Badick, D. Violet, D. Doche e D. Nelly Harker, etc., etc.

NO CINEMA CONDES

Como era de esperar, foi muito concorrida a «matinée» de hontem n'este elegante cinema, hoje um dos salões mais bem frequentados da capital. O programma de «films» era dos melhores que a intelligente empreza tem apresentado. N'um dos intervallos vimos nos camarotes e balcão, entre outras, as sr.as baroneza de paço de Sousa, D. Palmira Lopes Tavares Lobo da Silveira (Alvito).

D. Maria Gabriella Goulart Sousa Caldas D. Valentina, D. Emma Segismundo Porto e filha, D. Aurelia Margarida e D. Maria Sequeira Fernandes Braga, D. Palmyra de Figueiredo Vianna, D. Clotilde da Costa e filhas, D. Emma e D. Branca, D. Elvira Navarro e filha, D. Octavia, D. Josephina Navarro de Magalhães Dominguez, mademoiselle Fernandes Braga e Luciano Cordeiro, etc., etc.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as sr.as:

D. Margarida de Mattos Ferreira de Castro, D. Maria Augusta Ferreira da Costa, D. Fernanda de Magalhães, Villas Boas Vanzeller, D. Julia Braamcamp de Mancelos, D. Amelia de Moraes Carvalho, D. Maria Alexandrina de Bessa Pinto Leitão, e D. Maria Helena Ferreira Barbosa e D. Carolina Ferreira do Carmo da Costa Lacueva, e os srs. visconde de Goudim, Eduardo P. Ferreira Pinto Basto, Vasco Salazar Antunes, Fernando Vanzeler (Vilar) dr. Joaquim Urbano Cardoso e Silva e dr. Ruben da Silva Leitão.

CASAMENTOS

Realisou-se o casamento do sr. Antonio Joaquim Magalhães, pharmaceutico, filho do sr. Manuel Joaquim Magalhães, pharmaceutico na Moita, e da sr.ª D. Margarida S. José Figueiredo Magalhães, com a sr.ª D. Julieta Santos Silva, filha do sr José Jorge da Silva e da sr.ª D. Capitolina dos Santos Silva, sendo padrinho o sr. Antonio Vaz Abrantes e madrinha a sr.ª D. Anna Garcia Vasques, proprietaria no Alemtejo. Em casa dos paes do noivo foi offerecido um copo de agua seguindo todos para a Moita onde se realisou um opiparo jantar.

—Realisou-se no Porto o casamento da sr.ª D. Palmyra Maria Espain Neves com o sr. dr. Carlos Pinto Lopes de Oliveira alferes medico, servindo de testemunhas a sr.ª D. Custodia Maria da Rocha Sampaio e o sr. Joaquim Pereira Sampaio.

—Foi pedida em casamento pelo sr. Ricardo da Maia Romão, fiel da thesouraria da Alfandega do Porto, para seu filho o sr. João da Maia Romão, a sr.ª D. Maria Rosa da Maia Romão, filha do sr. Augusto da Maia Romão, conductor principal de obras publicas.

—Na sua casa do Ribeiro, em Lousada, realisou-se o casamento da sr.ª D. Isabel Maria de Sousa Meirelles, com o sr. dr. Antonio Correia Pacheco Portocarrero, da casa do Barreiro, em Paredes, sendo a cerimonia religiosa na capella particular da mesma casa.

—Pela sr.ª D. Thereza Cerqueira, esposa do sr. Joaquim Cerqueira, foi sabbado, pedida em casamento para seu filho, o sr. Silvio Cerqueira, engenheiro-electricista, a sr.ª D. Noemia Moraes, filha do sr. João Rodrigues de Moraes, grande capitalista de Ponte de Lima.

NASCIMENTOS

No Porto deu á luz uma robusta creança do sexo masculino a sr.ª D. Alice Dias de Freitas, esposa do sr. Eurico de Freitas, irmão do distincto «sportsman» sr. Ventura Junior.

PARTIDAS E CHEGADAS

—Parte ámanhã para a Granja o sr. D. José Moraes de los Rios.

—Com sua esposa partiu para as Caldas da Rainha, o sr. Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.

—Já se encontra na Granja, com seu marido o sr. Antonio Eça de Queiroz, a sr.ª D. Maria Christina Rino Eça de Queiroz.

—Parte brevemente para o Gerez o sr. Augusto Cisneiros.

—São esperados brevemente nos Cucos, o sr. José Rino e sua esposa a sr.ª D. Capitolina de Guimarães e Rino.

—Chegam no dia 14 a Lisboa, vindos de Villa Viçosa, a sr.ª D. Maria Joanna Mousinho de Albuquerque e seu marido, o tenente de cavallaria sr. José Mousinho de Albuquerque.

—Regressou de Entre-os-Rios, e partiu para Paço d'Arcos, o sr. conde de Cuba.

—Regressa brevemente a Lisboa o sr. dr. Egas Moniz.

—Com sua familia parte no domingo para a Ericeira o sr. Tancredo da Silva Jorge, negociante da nossa praça.

Partiram: para Paço d'Arcos, o sr. Armando Telles; para S. Pedro do Sul, o sr. José Augusto Cornelio; para as Caldas da Rainha, o sr. Jorge Lima; para Paço d'Arcos, o sr. Armando Telles; para Bellas, o sr. Francisco de Albuquerque Moreira; para a Praia de Santa Cruz, com sua familia, o sr. dr. Carneiro de Moura; para a Foz do Arelho, a sr.ª D. Ernestina Pressler Aranha; para o Carregado os srs. marquezes de Castello Melhor.

—Chegaram a Lisboa os srs. Alberto Barbosa, João Pinho, Eduardo Dumont Villares, Julio Martins Pinto, José Tigera, Manuel Mendes, Leon Durand, José Ferreira Coelho e Mario Mendes da Costa.

NOTAS DIVERSAS

O governo reuniu em conselho no palacio de Belem, pelas 16 horas, sob a presidencia do chefe do Estado.

—O sr. ministro do interior foi esta manhã a casa do sr. presidente do ministerio, com quem esteve conferenciando.

—O governador civil de Bragança, sr. dr. Antonio Joyce, esteve hoje tratando do fornecimento de cereaes e assucar para o seu districto.

—As commissões politicas do partido evolucionista do concelho de Oeiras, acompanhadas do deputado sr. Constancio de Oliveira procuraram o sr. governador civil, a quem pediram para ser nomeado administrador d'aquelle concelho pessoa sem filiação partidaria.

No Centro Hespanhol

Na «Escola Reina Victoria», installada no Centro Español, realisaram-se hoje os exames de rabeca e piano sendo 17 os concorrentes, que ficaram approvados.

Presidiu o sr. Lopez Muñoz, ministro da Hespanha, sendo vogaes os srs. L. Afonso Bezelga D. Juan Valerio, D. Frederico Redondo, D. Antonio Patereo, D. Carlos Rodriguez Rivers, D. Carlos Gugoy e D. Antonio de La Torre.

O acto foi muito concorrido.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 13/16	35 11/16
Londres, 90 d/v. . .	36 9/8	—
Paris, cheque. . .	$71,3	$71,7
Hollanda, cheque . .	$57,5	$58,5
Madrid, cheque. . .	1$42,5	1$43,5
Suissa, cheque . .	$79	$80
New York . . .	1$40,5	1$41,5
Rio s/Londres. . .	12 21/32	—
Libras. . .	7$	7$20
Agio do ouro. . .	45 °/o	58 °/o

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$. . .	38,65	38,60
» » 500$. . .	38,65	38,60
» » 100$. . .	38,60	—

Obrigações d'Estado: 4 0/0 1888, 22$50, 4 1/2 88-89, assentamento, 57$80 e coupon 57$70.

Externas: 1.ª série, 77$ e 3.ª, 79$.

Acções: Companhia das Aguas, 94$; Ilha do Principe, 238$; Moagem (nova), 64$; Phosphoros, coup., 52$80; Tabacos, coup.; 91$30; Zambezia, 2$25; Agricultora Colonial, 128$; Comp. Agricola Bella Vista, 70$.

Obrigações: Aguas, assent., 81$; Norte e Leste, 2.º grau, 36$; C. de Ferro de Benguella, tit. 1, 79$70 e tit. 5, 79$40.

Terras de Portugal

O que nos diz um professor do Instituto Superior d'Agronomia

Completando os esclarecimentos sobre «Colmatagem no Alemtejo» e embora tenhamos ante-hontem publicado uma carta do sr. Raul Paiva, alumno do 4.º anno do curso de engenheiro-agronomo, inserimos o artigo que nos foi enviado pelo sr. Silva Rosa, que nos dá, assim como ao publico, interessantes esclarecimentos.

E fazemos a sua publicação com tanto maior prazer quanto o distincto professor nos promette voltar a honrar-nos com a sua collaboração, a fim de mostrar os progressos que o nosso Instituto tem feito.

E' o seguinte o artigo do conceituado agronomo:

Como leitor que sou da «Capital», tenho seguido com o maior interesse as narrativas do illustre redactor d'esse jornal a que dá o titulo de «Terras de Portugal».

Impoz-se o sr. Adelino Mendes uma missão altamente sympathica—tornar conhecido do publico o nosso bello paiz em trabalho; os esforços de muitos proprietarios que teem a coragem de progredir e de empregar na terra santa de Portugal o melhor das suas economias; o amor que á terra dedicam muitos que trocam a suave vida dos que applicam todos os seus capitaes em papeis de credito, pelas canceiras e preoccupações da dura vida das lavouras.

E' bom que se conheça tudo isto e que se faça justiça ao «Portugal em trabalho», e essa justiça deve começar por não regatear louvores á imprensa que como «A Capital» não se poupa a despezas e canceiras para vulgarisar o que ha a este respeito.

Na leitura, porém, do artigo intitulado «Claros Montes» e publicado no numero 2141 de 31 de julho, encontrei asserções que são altamente injustas para o Instituto Superior de Agronomia e principalmente para mim, que, durante uns bons 15 annos, tenho conduzido por esse paiz fóra os alumnos da minha cadeira de Agricultura Geral e Culturas arvenses.

Assim, quando o illustre articulista que eu não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, diz «Já algum dia um representante da Direcção Geral de Agricultura ou «um professor do Instituto de Agronomia» se tirou dos seus cuidados e veiu a este recanto da terra alemtejana admirar o milagre da transformação d'um valle arido e maninho n'uma varzea riquissima, d'onde o milho sahe, todos os annos, ás dezenas de moios? Não? Pois é um authentico crime......... etc.»

Ora eu, que tenho pela imprensa toda a consideração, só posso attribuir estas palavras indignadas a falta de informação ou informação incompleta. E como não desejo que o publico fique sob a impressão de que o Instituto Superior de Agronomia não faz o seu dever, instruindo praticamente os seus alumnos nos limites que a sua dotação o consente, resolvi desde logo pedir ao sr. director de «A Capital» que me permitta dizer o que ha de verdade a este respeito, certo de que a minha petição seria acolhida favoravelmente.

Precisamente, para mostrar aos meus alumnos o partido que se póde tirar da construcção de «albufeiras de enmateiramento», em julho do anno passado estive com o meu curso de Agricultura Geral na herdade da Aldeia de Rebocho, pertencente ao ex.mo sr. Oliveira Soares, intelligente proprietario no districto de Evora, bem conhecido entre os ruraes do nosso paiz e que á minha disposição poz 3 dias, para nos apresentar as suas herdades, prestando aos meus alumnos e a mim um bello serviço de instrucção regional que muito apreciámos.

As notas dominantes d'essas visitas tenho-as eu nos relatorios que os alumnos me apresentaram e onde se vê a sua maneira de observar, pois que para cada assumpto importante nomeei um relator.

E' assim que tenho procedido sempre em todas as excursões que tenho feito com estudantes, porque isso lhes excita o interesse da informação, e fixa detalhes, ou de praticas locaes, ou de linguagem, d'essa bella e vernacula linguagem rural tão pouco conhecida, até dos nossos auctores de diccionarios.

Foi, pois, no dia 1.º de julho, se a memoria me não falha, do anno de 1915 que, pela segunda vez, eu fui á Aldeia de Rebocho, d'esta vez com 21 alumnos. Sahimos pela manhã e chegámos porque é costume nas minhas excursões erguer-se a gente com o sol e ás vezes antes d'elle nado.

Entrámos para os nossos automoveis, porque a herdade é longe, e chegámos mais tarde do que estava ajustado, devido a diversas «pannes» d'um dos automoveis.

Seguimos logo para a albufeira com o sr. Oliveira Soares e ahi os meus alumnos puderam ver a muralha de supporte das aguas, de que tiraram photographias que foram augmentar a já grande collecção que tenho de quadros ruraes e que utiliso constantemente durante as minhas lições.

Entre as muitas perguntas que os alumnos faziam ao nosso amavel guia veiu naturalmente a relativa á area de terreno coberto pelas aguas.

Como parecesse ao sr. Oliveira Soares que havia duvidas sobre a extensão por elle indicada, elle resolveu logo que se fizesse a pé a travessia d'esse valle em todo o seu comprimento, e o que foi pensado foi logo executado. Largou a caravana por esse valle dentro, seriam perto de 11 horas, atravessando as differentes culturas que n'elle vegetavam; e, essa marcha tragica, com o sol a pino, sol alemtejano de julho, sem uma aragem consoladora, e com o estomago vazio, nunca mais nos esquecerá.

Pouco a pouco a conversa alegre dos rapazes esmorecia, e aos nossos ouvidos só chegava o monotono canto das cigarras, saudando um dia que para ellas era dos bons. Prolongou-se a marcha tanto que os rapazes já davam ao demonio a ideia que teve o seu collega de duvidar da extensão da albufeira. Já não havia remedio.

Agora era avançar o mais depressa possivel para alcançar a «Terra da Promissão», não a de que nos fala a Biblia, mas aquella onde havia uma casa com um almoço alemtejano á nossa espera.

E de vez em quando um alumno passava por pé de mim e em confidencia, muito baixinho, dizia-me: «Trago uma fome que nem vejo»; ao que eu respondia com estas duas palavras:—«Tambem eu».

E agora, sr. Adelino Mendes, estou vingado de v. ex.ª

Quando diz no seu artigo «por isso eu queria que todos os alumnos e todos os professores de Agronomia arrostassem como eu arrostei com o calor d'um dia torrido de junho e fossem a Claros Montes vêr como em pleno Alemtejo tambem é possivel cultivar o milho em alta escala»—eu ri com muito gosto, por vêr que havia mais alguem que tivesse apanhado a estopada que nós apanhámos.

O seu desejo de hoje estava de antemão effectuado, porque nem eu, hoje com 53 annos, nem os meus rapazes se incommodaram nunca com os calores ou com os frios.

Ha 15 annos que eu faço aquillo a que v. ex.ª agora me convida, e o convite só tem um pequenino defeito: é vir um pouco tarde.

Sahimos emfim d'essa cova infernal, onde mal se respirava, a vista já turva e cabeça tonta.

Chegámos a casa, saciámos a sêde, limpámos a poeira, lavámo-nos, sentámo-nos á mesa do nosso bom hospedeiro e com elle comemos com um appetite que eu desejo ao sr. Adelino Mendes por todos os dias da sua vida.

E no fim, quando ás saudes, os meus alumnos bebiam pelas prosperidades do dono da casa, e agradeciam a sua hospitalidade, eu vi nos olhos de todos elles e na mimica da sua face, esta expressão innocente e jovial que traduzi por—«só lhe não perdoamos a estopada que nos pregaste».

Foi util e bem instructiva toda a nossa excursão, que durou mais de 10 dias no Alemtejo e no Algarve.

Este episodio veiu, porém, a talho de foice, para socegar o illustre articulista sobre os nossos proposito a respeito do ensino pratico.

E ainda aproveito esta occasião para lhe citar um facto que s. ex.ª desconhece e é o seguinte:

Um ex-alumno do Instituto, um dos melhores discipulos que tenho tido, e hoje meu collega e muito distincto no professorado d'esta escola, que tinha ido commigo, durante o seu terceiro anno, em 1910, á Aldeia de Rebocho, foi encarregado em 1913 de projectar uma albufeira de enmateiração exactamente na freguezia do Vimieiro, na herdade da Landina, para uma superficie de 87 hectares.

Este distincto engenheiro agronomo que eu cito é o sr. Ruy Mayer.

O projecto era de uma muralha de 10m,5 de altura por 10m de base, curvilinea, com a convexidade voltada para montante, e um desenvolvimento de crista de 53 metros.

Este projecto foi calculado pelo processo de M. Levy.

Não se executou devido á repentina carestia dos materiaes, principalmente a cal hydraulica e o cimento.

Ahi vê, pois, o sr. Adelino Mendes que os nossos alumnos pouco depois de sahido da escola já estão habilitados a executar trabalhos d'esta ordem.

E' o sr. Ruy Mayer, hoje, o professor de construcções e hydraulica agricolas no Instituto, o qual muito tem a aproveitar da sua elevada intelligencia, como do seu trabalho sempre consciencioso.

Não veja o sr. Adelino Mendes n'esta minha communicação mais do que a intenção honesta de ser util á minha escola, cuja reputação eu desejo vêr bem firmada, e ao mesmo tempo desfazer uma má impressão que porventura ficara no publico a respeito do curso de Agronomia.

Estou perfeitamente de accordo com s. ex.ª quando diz que o agronomo não é, por ser um amanuense nem um theorico apenas.

E' preciso pôr os alumnos em contacto com «a terra», em contacto com os lavradores illustrados das differentes regiões do paiz, em frente das officinas ruraes ou das explorações agricolas, inquirindo do que se faz e por que se faz assim e não d'outro modo, e habituá-los a observar com sciencia e consciencia para mais tarde aperfeiçoarem o que é mau, ou transformarem o que não presta.

Ha uma permuta importante entre o que recebem os seus conhecimentos da observação do que se passa todos os dias na terra, e aquelle que se diplomou em curso racional e praticamente feito e que tem para auxiliar o primeiro fontes de saber que elle não tem. Esta permuta é complemento importante que não é deprimente para ninguem, e a meu ver só traz beneficios.

Se m'o permittirem voltarei em outro ou outros artigos a mostrar ao publico os progressos que o nosso Instituto tem feito, e a differença que vae entre o que hoje se faz e o que se fazia no meu tempo de estudante.

E por fim, agradecendo a publicação d'estas linhas, peço ao sr. Adelino Mendes que acceite os meus cumprimentos pela cruzada que encetou e que deve continuar, e para que não veja qualquer resentimento da minha parte envio-lhe um vigoroso «shake hands» na linguagem dos nossos alliados.

ANTONIO CORREIA DA SILVA ROSA.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Ler ámanhã n'«A Capital»:

na proxima secção de «Sports e Educação Physica», sensacionaes artigos sobre «recordes» estabelecidos no estrangeiro, como a

"França vae preparar os seus soldados"

varias informações sobre assumptos nacionaes de actualidade, que teem estado demorados na publicação, por ligeiro incommodo de saude do nosso redactor sportivo.

Notas do dia

Communicado official do Club Naval de Lisboa

Realisam-se ámanhã, sabbado, 5, os seguintes desafios da 1.ª serie do Campeonato de Water-polo organisado pelo Club Naval de Lisboa:

A's 18 1/2 horas—Sport Lisboa e Bemfica contra Club Naval de Lisboa. Arbitro Bessoni Bastos.

A's 19 horas—Sport Algés e Dafundo contra Gymnasio Club Portuguez. Arbitro Carlos Sobral.

No domingo 6 do corrente terá logar o inicio da 2.ª serie com os seguintes desafios:

A's 18 1/2 horas—Sport Lisboa e Bemfica contra Sport Algés e Dafundo. Arbitro Arnold Stocker.

A's 19 horas—Club Naval de Lisboa contra Gymnasio Club Portuguez. Arbitro Bessoni Bastos.

Todos os desafios se effectuarão no Caes da Viscondessa, defronte do Club Naval.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sports athleticos do Sport Lisboa e Bemfica.

Continuam activamente os treinos para as provas do concurso athletico que este Club realisa no proximo domingo no seu campo de Sete Rios. E' o dia 6 o primeiro dia do certamen, realisando-se as finaes no domingo 13. A entrada para os logares de geral é gratis e egualmente as bancadas que são destinadas aos socios e convidados. A avaliar pelos resultados obtidos nos treinos é de esperar que as provas sejam bem disputadas e que os maximos as animem a trabalhar.

Um «gymkhana» sportivo

Uma commissão de socios da Academia Instructiva do Pessoal dos Caminhos de Ferro organisa para o proximo domingo 6 um grandioso «Pic-nic» na linda quinta do Fidalgo, em Moscavide.

Na mesma realisará uma brilhante «gymkhana», que constará de saltos em altura e comprimento, lucta de tracção, corrida de 100 metros, saccos, agulhas, laços, trez pernas, pirolitos, etc., e para a qual já se encontram inscriptos bastantes associados. Adquiriu a commissão para esta festa valiosos premios em prata e vermeil que serão distribuidos em sessão solemne no mesmo dia na séde e seguida de um grandioso baile.

A partida da estação do Rocio é ás 10 horas e 20 minutos e o regresso ás 20 horas e 10 minutos.

Torneio de tennis e visita do Sporting á Amadora

E' no domingo que se realisa o torneio de «tennis» entre um grupo de jogadores do Sporting Club de Portugal e dos Recreios Desportivos da Amadora.

O desafio é jogado no «court» da Amadora, e vae dar logar a um almoço intimo entre os tennistas e as direcções do «Sporting» e «Recreios».

Este almoço é servido no pavilhão do campo de «foot-ball» e tem um cunho muito intimo e vae servir para estreitar as excellentes relações de amisade que existem nas duas aggremiações não só entre as direcções como nos associados.

Companhias Reunidas Gaz e Electricidade

Gaz de agua

Certidão

JOAQUIM KOPKE, Chefe da Secretaria da Camara Municipal de Lisboa:

Certifico que na sessão da Commissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa, realizada em seis do corrente mez de julho foi tomada a resolução do theor seguinte—«E' lida a seguinte informação do Chefe da Terceira Repartição Senhor Diogo Peres ácerca da ordem de serviço do Senhor Presidente d'esta Commissão Executiva para verificar se a Companhia do Gaz e Electricidade fabricava gaz de agua: — Cumprindo a ordem de Vossa Excellencia, estive na quinta feira passada, vinte e nove de Junho, acompanhado pelo conductor Senhor Neves Pinto, Chefe do Serviço de Illuminação, nas fabricas do gaz, onde não encontrámos nenhum apparelho ou dispositivo proprio ou capaz de produzir industrialmente o gaz de agua. Tambem nos fornos de destillação não se achavam tubos que permittissem injectar o vapor sobre o coke incandescente. O engenheiro Senhor Abillo Trovisqueira declara que pela informação da terceira repartição se verifica não ter fundamento algum os boatos de que a Companhia do Gaz fabricava gaz de agua occasionando envenenamentos, tendo o «Seculo» sido mal informado e illudido na sua boa fé».

E' tudo o que se póde certificar e consta da respectiva acta, em certeza de que, para constar e ficando assim satisfeito o pedido feito pelas «Companhias Reunidas Gaz e Electricidade» no seu requerimento entrado na Secretaria d'esta Camara em sete do corrente mez de Julho, onde lhe coube o numero de ordem quatro mil e setenta e nove e que depois dos tramites do estylo obteve afinal o despacho do theor seguinte:—«Passe-se a certidão do que da acta consta.—Sessão de treze de Julho de mil novecentos e dezesseis—O Presidente—Levy Marques da Costa»—se passou a presente certidão.—Lisboa e Paços do Concelho, vinte e cinco de Julho de mil novecentos e dezesseis. José Emilio Paes Dôres a fez.—Em tempo se declara que a folhas um da presente certidão, linha vinte e três se rasurou a palavra «dispositivo»—o que se resalva.—Data supra.

O Chefe da Secretaria: a) *Joaquim Kopke.*

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

Numero	Premio
41	20:000$
374	2:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
1603	600$	3037	100$
1431	200$	3084	100$
3664	200$	3372	100$
4020	200$	3751	100$
4317	200$	4280	100$
375	100$	4425	100$
2246	10 $	6066	100$
2873	100$		

Theatros

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA — A's 21,30 — As duas orphãs.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

Agenda da semana

HOJE—*APOLLO*—«1916»—Novo episodio da fita do «Penetra».

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Central, Chiado-Terrase, Ginema Condes e Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Chantecler, Imperio e Polv...

Horario de Cascaes

A redacção do interessante semanario «A Nossa Terra», que se publica em Cascaes e a direcção do Grupo Dramatico e Sportivo de Cascaes, mandaram imprimir conjunctamente com o horario dos comboios da linha local um indicador de sitios a visitar na pitoresca villa, tabellas de preços de trens para passeios e outras informações uteis.

Essa publicação é offerecida aos banhistas e forasteiros, tendo sido tirado um numero limitado impresso a verde sobre setim branco, destinado aos jornaes.

Agradecemos o que nos foi enviado.

Club Simões Carneiro

Com um magnifico espectaculo realisa-se n'este Club depois de ámanhã, pelas 21 horas e meia, a annunciada festa, parte do producto da qual reverte a favor da Sociedade Portugueza da Cruz Vermelha e do Lactario da freguezia de S. José.

Para os socios e senhoras de familia foram estabelecidos bilhetes que são fornecidos em condições especiaes.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 1.—Os alistados que concorrem ás provas sportivas do dia 13 teem de apresentar-se fardados, depois de amanhã, domingo, ás 9 e meia horas em ponto, no Stadium de Lisboa, afim de se fazerem as eliminatorias. Os que faltarem não entrarão nas referidas provas. Havendo depois de amanhã instrucção no campo para toda a corporação, todos os instructores, alistados da 1.ª e 2.ª secções, pelotão de estafetas, secção de cyclistas com as suas machinas, e os corneteiros e tambores teem de comparecer no quartel de sapadores, ás 7 horas em ponto devendo a banda de musica apresentar-se na séde da corporação, ás 7 e meia horas.

As faltas á instrucção serão rigorosamente punidas, assim como a falta de pontualidade na comparencia e o atrazo de quotas.

SOCIEDADE N.º 5.—E' o seguinte o programma das provas finaes do anno de 1915-1916, que se realisam depois de amanhã:

Corrida de bycicletas, por alistados da 1.ª secção: percurso Cintra (praça da Republica), a Lisboa (praça Marechal Saldanha), partida de Cintra ás 9 horas, chegada provavel a Lisboa ás 10 horas.

A's 16 horas, no Campo de jogos do lyceu de Pedro Nunes: 1.ª parte—Provas de instrucção: Desfile e continencia: Gimnastica sueca, a) mancebos de 17, 18 e 19 annos, b) mancebos de 18 annos; Esgrima de bayoneta, (mancebos de 19 annos); Escola de pelotão em ordem unida; Escola de cyclistas; Exercicio de armar e desarmar tendas (mancebos de 19 annos); Jogo de estafetas por dois pelotões (mancebos de 17 e 18 anos); Exercicios de signaleiros, telegraphistas e maqueiros, executados no decorrer da 1.ª parte.

II parte:—Provas desportivas: Corrida de obstaculos (pedestre); Saltos em comprimento; Corrida de velocidade (100 metros); Saltos em altura; Corridas de obstaculos (ciclistas) Lucta de tracção.

A distribuição dos premios aos vencedores nas differentes provas será opportunamente feita em sessão solemne.

As provas serão abrilhantadas pela banda de musica do regimento de infantaria 16.

Nas Caldas da Rainha

A estreia do Orpheon Popular

CALDAS DA RAINHA, 2.—O theatro Pinheiro Chagas, revestiu-se de galas na noite de 31 findo, para estreia de um orpheon composto de empregados do commercio e industria, sob a direcção de um novo cheio de talento, o sr. Carlos Silva, que conseguiu apresentar um grupo coral, cantando admiravelmente com um raro equilibrio de vozes. Todos os numeros foram recebidos no meio dos maiores enthusiasmos.

Fez a apresentação do orpheon, o sr. Alfredo Pinto (Sacavem), conceituado critico musical e grande amigo d'esta villa, que fallou sobre o «Sentimento musical do povo portuguez atravez da sua historia», com uma grande erudição e grande amor patrio recebendo no final muitos applausos.

O resto do programma foi preenchido com duas comedias representadas por amadores, ensaiados pelo sr. dr. Avellar, que agradaram muito.

Como representante da Associação Patriotica Infantil, usaram da palavra o sr. dr. Felismino Santos, que n'um breve discurso apontou varios casos de heroismo praticados na guerra actual. Recebeu uma calorosa salva de palmas.

O lindo theatro tinha uma enchente.

O orpheon que está já ensaiando novos numeros e varias obras classicas, pensando em ir a Lisboa dar um concerto.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

EMP. MENORES DOS ESTAB. DEP. DO MIN. DA INSTRUCÇÃO.—Para tratar de assumptos urgentes, reune a assembléa geral extraordinariamente depois de amanhã, ás 13 horas.

PEQUENAS NOTICIAS

A irmandade de S. Nicolau distribue no dia 13, ás 14 horas na sua sala de sessões, esmolas aos irmãos e viuvas de irmãos pobres e parochianos pobres.

—A requisição da policia do Porto, foi presa em Lisboa Maria da Silva, residente na rua das Madres, 98, 3.º, accusada de haver praticado n'aquella cidade um furto importante.

—A requisição do districto de recrutamento e reserva n.º 21 Castello Branco, foi preso o refractario José Paradente, de 23 annos, de Castellejo, Fundão, morador na rua da Alegria, 132, 3.º

Uma coincidencia curiosa

Com a venda e sorteio dos bilhetes de algumas das ultimas loterias verificaram-se coincidencias que vale a pena registar, embora não seja facil dar-lhes qualquer explicação. Trata-se de que a sorte grande tem bafejado, já mais que uma vez, os freguezes do estabelecimento de calçado do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290, 290-B. De modo que essas pessoas começam a ser beneficiadas no calçado que compram, melhor e mais barato do que em qualquer outro estabelecimento, e levam a sua sorte ao ponto de serem escolhidas pelo mysterioso destino para a distribuição da sorte grande!

Propunha deportal-os para o sul e estabelecel-os ao longo do projectado caminho de ferro de Bagdad, onde esta linha ferrea atravessa as vastas esteppes da Mesopotamia e desce para a terras de alluvião de Irak.

Essas regiões são as mais ricas do imperio turco, mas ha milhares de annos que teem sido desprezadas. O fim principal do caminho de ferro de Bagdad era aproveitar essa riqueza, mas não se valorisa uma região só com os minerios que possue, sem a mão d'obra indispensavel.

No entender do dr. Rohrbach, se o mais promettedor elemento humano do imperio ottomano fôsse posto em contacto com a terra mais promettedora, o imperio lucraria immenso economicamente, os dividendos dos accionistas allemães do caminho de ferro de Bagdad estariam assegurados, e um certo numero de delicados problemas politicos teriam uma solução favoravel, toda em vantagem do poder mundial allemão.

Este projecto de congregar os elementos de raça no Oriente era sem duvida, queremos crêl-o, proposto de boa fé pelo dr. Rohrbach, embora fôsse caracteristicamente allemão, mas tomou uma feição completamente differente nas mãos de Enver Pachá e de Talaat Bey.

Esses Jovens Turcos militantes tinham aprendido com os seus confederados do estado maior general allemão o emprego do methodos de mascarar o terror. Empregaram a «deportação», resolveram elles, e os armenios exilados seriam substituidos pelos refugiados musulmanos das provincias europeias perdidas na guerra balkanica de 1912.

Mas não se preoccuparam com a execução do projecto quanto ás consequencias: a travessia de montanhas impraticaveis, os desfiladeiros do Euphrates, o deserto sem agua, o caracter da gendarmeria e dos kurdos.

Uma vez os armenios a caminho, os ministros em Constantinopla com mais coisa alguma se preoccupavam; o resto da obra executava-se sem a sua intervenção e Enver Pachá e Talaat Bey podiam fingir que lamentavam os excessos que haviam sido praticados.

«Os tristes acontecimentos que se deram na Armenia—disse Talaat Bey a um correspondente do «Berliner Tageblatt» um anno depois das deportações se terem dado—tiraram-me o somno. Fomos censurados por não termos feito distincção entre os armenios innocentes e os culpados, mas isso era absolutamente impossivel, ao considerar-se que os que hoje eram innocentes podiam ser ámanhã culpados».

Os dirigentes em Constantinopla souberam bem mascarar as apparencias, mas os seus subordinados na provincia foram menos discretos.

«Deportando os armenios nas condições em que o fazem—disse um americano residente na Turquia a um governador de districto—nenhum d'elles chegará a seu destino.»

«Que suppõe então que queremos conseguir ao deportal-os?»—respondeu o governador com o maior cynismo.

O processo de exterminio foi methodicamente posto em execução e logo apoz o desarmamento começou a deportação. Uma atmosphera de horror, que transparece em todas as narrativas das testemunhas presenciaes, pairou sobre as provincias do imperio. Uma censura feroz suspendeu as communicações com o resto do mundo; quem alludisse aos acontecimentos politicos ou militares tinha imminente a detenção e o captiveiro, assim como quem recebia a carta em que se faziam essa allusões.

Constantinopla estava isolada das provincias e estas umas das outras. Armenio algum podia viajar, mandar uma carta ou telegraphar para além da provincia onde se encontrava.

Embora as armas tivessem sido entregues, os refens continuavam encarcerados, o que augmentava o desasocego. Esses refens não eram

derrota dos exercitos turcos em Ardahan e Sarikamish. Ora os turcos não tinham razões para se mostrarem resentidos com tal facto.

Esses voluntarios armenios eram subditos russos legalmente, combatendo pelo Estado a que legalmente deviam obediencia. Se os armenios ottomanos não haviam feito o mesmo, era isso o resultado do modo como os turcos os tratavam.

Mas os Jovens Turcos não estavam em condições de examinar a verdade a sangue frio. Os seus exercitos haviam sido desastrosamente batidos; nas fileiras inimigas houvera armenios, alguns dos quaes tinham vindo de Nova York a toda a pressa para bater os turcos. Pois bem; vingar-se-hiam nos outros armenios que ainda estavam sob o seu poder.

Foi com esse espirito que, durante o decurso do mez de fevereiro de 1915, os Jovens Turcos pensaram em ferir os armenios com todo o seu poder.

Mas antes de se proceder contra os armenios era preciso tornal-os impotentes para resistirem e, assim, o primeiro passo a dar era tirar-lhes as armas. Enver Pachá, como ministro da guerra, tomou a seu cargo o haver-se com os soldados armenios. No mez de fevereiro de 1915 havia louvado o procedimento das tropas armenias n'uma entrevista com o bispo gregoriano de Konia e havia-lhe até permittido que communicasse as suas palavras, authenticadas com a sua assignatura, á imprensa armenia e turca.

Comtudo, poucas semanas depois, baixou ordem do ministerio da guerra para que todos os armenios que estavam no exercito fossem desarmados. Foram tirados dos batalhões de serviço e formados em batalhões de trabalhadores para trabalharem atraz da fronte em arranjarem fortificações e construir estradas.

Ao mesmo tempo, segundo instrucções do ministerio do interior, as auctoridades administrativas provinciaes trataram de desarmar a população civil armenia. Os armenios haviam-se, de facto, munido individualmente de certo numero de armas desde o anno de 1908, e isso com licença e até mesmo por conselho dos proprios Jovens Turcos, porque, nos seus primeiros e melhores dias, estes desejavam restaurar a liberdade individual e estabelecer o equilibrio entre as differentes raças do imperio e foi a sua intervenção para contraminarem a obra de Abd-ul-Hamid ao armar os kurdos que sanccionara a acquisição de armas pelos armenios.

A acquisição particular de armas para defeza pessoal era um privilegio dos musulmanos ottomanos e os Jovens Turcos não faziam mais que seguir os seus principios ao tornarem extensivos esses privilegios, assim como os deveres dos musulmanos aos seus concidadãos christãos.

Esses principios liberaes foram, porém, postos de parte. Disse-se que os jovens armenios em edade militar tinham sido levados para o exercito em menor proporção do que os turcos e que, na critica situação militar do momento, a sua presença no interior com armas ao seu dispôr era uma ameaça para a segurança do Estado.

Medidas violentas foram tomadas pelo governo central para obviar a tal emergencia. Em todas as cidades, um certo numero de armenios, que n'algumas localidades subiram a quatrocentos ou quinhentos, foram de repente presos e arremessados para um carcere.

Foi annunciado pela auctoridade superior d'uma qualquer localidade que se sabia que um dado numero de armas estava em poder dos armenios do districto e que esse numero devia ser entregue nas mãos da auctoridades até uma determinada data.

Se assim se não fizesse, os mais severos castigos cahiriam sobre os que estavam nas prisões, em primeiro logar, e em seguida sobre toda a communidade armenia.

Os armenios tinham pouca vontade de entregar as suas armas, porque comprehendiam que, procedendo assim, se entregavam por completo nas mãos da auctoridade

Consulado General de España en Portugal

Para conocimiento de todos los subditos españoles sujetos á responsabilidad militar, se hace saber que S. M. el Rey D. Alfonso XIII (q. D. g.) se ha dignado por su Real Decreto de fecha 24 de Julio proximo passado conceder indulto de las penas ó correctivos impuestos ó que puedan corresponderles:

—1.º—A los mozos declarados profugos por no haberse presentado personalmente al acto de la classificación sin hallarse comprendidos em alguno de los casos del articulo 100 de la ley, y los que debiendo presentar-se ante las Comisiones Mixtas para revisión, dejaron de hacerlo.

2.—Los declarados prófugos de clasificación y concentración que no se hubiesen acogido á los beneficios de los anteriores Reales Decretos de Indulto.

3.º—A los desertores y á quanto se hallen sometidos á procedimiento como tales, incluso los comprendidos en el articulo 202 de la Ley.

4.º—A los inductores, auxiliares y encubridores del delito de deserción y á los complices de la fuga de mozos declarados *prófugos. Los desertores y profugos* acogidos á esta gracia se destinarán á Cuerpo ó seran incorporados a los que fueron destinados e deberan servir en activo todo el tiempo que estuvieron los demas individuos de su reemplazo *abonandose a los desertores* el servido con anterioridad á la deserción.

Los mozos non alistados que se acojan á este indulto, quedan eximidos de las penalidades del articulo 81 de la Ley de 21 de agosto de 1866 y 41 de la vigente, siendo incluidos em el primer alitamiento com identicos derechos y obligaciones de los mozos inscriptos en el mismo.

Los desertores, profugos y mozos no alistados, acogidos a este indulto y que *non llegaron a ingresar en cuerpo*, podrán disfrutar los beneficios de la reducción del tiempo del servicio em filas, pudiendo los residentes en esta capital, satisfacer las cuotas mediante la presentación de lettras de cambio ó resguardos del Banco de España, á favor de los Jefes de la zona de reclutamiento, teniendo al mismo tiempo el derecho á elegir el Cuerpo en que desean servir los 5 ó 10 meses que les correspondan.

Los individuos en las condiciones de los comprendidos anterior, pero de *reemplazos anteriores a 1912*, al acogerse a esta gracia podran solicitar la redención á metalico por 1.500 pesetas.

Se exceptuan de los beneficios de este indulto, los que hayan cometido la deserción perteneciendo á los Cuerpos de guarniciones de Africa ó del Exercito en operaciones, ya abandonando las filas ó dejando de incorporarse á ellas despues de disfrutar la licencia temporal ó ilimitada.

Estableciendose el plazo de seis meses para los residentes en el extranjero, pueden todos cuantos se consideren comprendidos en el indulto, presentar sus solicitudes en este Consulado General, todos los dias laborables de las 12 á las 15

Lisboa, 1 de agosto de 1919.

El Consul General

Frederico Janer

Monte-pio Commercial e Industrial
(Associação de soccorros mutuos)

210, Rua Augusta, 214
58, Rua d'Assumpção, 64

Concurso para admissão de um avaliador

Por ter vagado o logar de avaliador da Caixa Economica d'este Monte pio, abre-se concurso, pelo prazo de trinta dias, para o preenchimento d'aquelle cargo. As condições e todos os esclarecimentos necessarios presta-os o chefe do escriptorio na séde da associação.

Lisboa, 3 de Agosto de 1916.

O secretario da direcção

Joaquim Pereira Jorge.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Pelo presente se annuncia que Antonio Marques, José Lopes, José Francisco Marques, Joaquim Francisco Marques e D. Gertrudes de Jesus Monteiro, pretendem se averbem a seu favor n'esta Companhia em propriedade ao 1.º as acções n.os 1.211, 1.235, 4.123 a 4.125 ao 2.º as acções n.os 1.621, 1.623, 4.402 a 4.404 ao 3.º as obrigações prediaes de 5 % n.os 183, 166 a 185, 170; ao 4.º as obrigações do mesmo typo e juro n.os 185, 171 a 186, 175 e a 5.ª o usufructo de todos aquelles titulos, que lhe pertenceram por disposição testamentaria de Manuel Francisco.

Todas as pessoas que se julgarem com direito a impugnar este averbamento deverão deduzil-o perante o governador da Companhia dentro do praso de 30 dias, a contar da data da publicação d'este annuncio, sob pena de não serem depois attendidas.

Lisboa, 29 de julho de 1916.
Pela Companhia
O V. Governador
(ass.) Julio Faria Machado Vieira

e lembravam-se que as carnificinas de 1908 e de 1894 a 1896 haviam sido precedidas d'um pedido perfeitamente semelhante.

Mas o clero e os dirigentes politicos—especialmente os «leaders» do partido Dashnaktzoutian que haviam trabalhado juntos com os Jovens Turcos no parlamento ottomano—comprehenderam muito bem a importancia de evitarem uma ruptura e de não darem ao governo pretexto algum para exercer represalias sobre os armenios.

Em quasi toda a parte onde havia armenios, os mais importantes d'essa raça reuniam-se para deliberarem o que se devia fazer em virtude do decreto do governo. Uma testemunha ocular neutral—uma irmã dinamarqueza que servia na Cruz Vermelha allemã em certa cidade asiatica—descreve que, quando a reunião armenia não poude chegar a uma decisão, se resolveu convidar os notaveis turcos a terem uma conferencia conjunctamente.

Os armenios foram aconselhados a entregar as armas que possuiam sob a garantia da parte dos seus visinhos turcos de que estes, pessoalmente, fariam com que coisa alguma lhes succedesse depois de darem tal passo.

E provavel que esses turcos locaes fossem sinceros, mas a verdade é que o governador mandou tirar as photographias das armas logo que estas foram entregues e as enviou para Constantinopla, dizendo serem a prova d'uma rebellião armenia que estava imminente, e perguntando qual o procedimento que o governo desejava que se seguisse.

O governo respondeu-lhe, dando-lhe plena liberdade, seguindo-se uma serie de atrocidades. Havia, no caso de que estamos tratando, é evidente, cumplicidade entre o governador e as auctoridades centraes.

Casos houve, é facto, em que as auctoridades locaes se recusaram a cumprir as atrozes instrucções de Constantinopla, mas esses honestos funccionarios eram immediatamente demittidos e substituidos por outros mais amoldaveis, e houve governadores bem intencionados, mas fracos, que eram dominados pelos dirigentes locaes do Comité União e Progresso, como em Trebizonda, ou mesmo ás vezes por um funccionario do seu sequito, como succedeu por exemplo em Kharput.

Mas na maioria dos casos havia, evidentemente, completo entendimento entre as auctoridades centraes e locaes. Viam pelo mesmo prisma e um excellente systema telegraphico permittia-lhes estarem em communicação constante. Desaccordos apparentes ou discrepancias, quando os havia, era apenas com o prudente intuito de occultar as origens do crime e alijar responsabilidades.

Os armenios, como já dissemos, mostravam-se pouco dispostos a entregar as armas, mas, logo que decidiram fazel-o, trataram de as obter para as entregar. Desde que haviam recebido licença para as possuirem, em 1908, não tinham tido nunca o numero que as auctoridades locaes exigiam, n'um total excessivo e arbitrario.

Em muitas localidades, horriveis torturas foram infligidas aos que estavam nas prisões como refens. Era-lhes applicado o supplicio da bastonada até os pés lhes ficarem reduzidos a uma massa sangrenta—um missionario allemão assim o affirmou, descrevendo esse supplicio—, quando não eram outras formas de tortura.

Um empregado d'um collegio americano foi bastonado até ficar moribundo, sob a accusação de ter feito uma bomba. Essa «bomba» era apenas um lingote de ferro que havia forjado para o gymnasio do collegio.

Na mesma localidade uma bomba verdadeira foi encontrada pela gendarmeria no cemiterio armenio, mas via-se, pela ferrugem, que era uma bomba antiga, datando do regimen Hamidiano antes de 1908, quando os Jovens Turcos, como os Dashnakists, recorriam aos methodos revolucionarios, fóra da lei.

Apesar d'isso, a descoberta d'es-

sa bomba deu pretexto para aggravar a perseguição.

Depois de experimentarem taes torturas, as victimas faziam phantasticos esforços para obterem, a fim de serem postos em liberdade, o numero de armas que lhes era exigido. Conseguiam obter algumas d'algum amigo que por acaso as possuia a mais, compravam-nas até, por preços exorbitantes, aos seus visinhos turcos que ainda tinham o privilegio de ter armas e de comprar novas em vez d'aquellas que vendiam aos armenios por tão elevado preço.

Essas armas turcas eram solemnemente entregues ás auctoridades e por ellas photographadas com as restantes.

Uma serie d'essas photographias foi colligida n'um album pelo governo ottomano e por elle publicada como uma justificação de todos os crimes contra os seus vassallos armenios que tinham já sido ou iam ser commettidos.

Esse procedimento tragicomico seria quasi incrivel se não fôsse descripto claramente por testemunhas presenciaes americanas em mais d'uma localidade.

No começo da primavera de 1915, essa campanha governamental de tortura e de embuste déra resultados e os armenios que estavam espalhados por toda a Turquia encontravam-se effectivamente desarmados.

O governo podia já proceder sem difficuldades á execução do projecto que havia muito formára e para o qual fizera já todos os preparativos.

Os Jovens Turcos propunham-se deportar todos os armenios que houvesse no imperio para longe das suas casas. Tal modo de proceder, como já notámos, era tradicional no Oriente, mas os Jovens Turcos não haviam esquecido do que dissera o dr. Rohrbach, de Berlim, o arbitro geographico da Europa central quanto á ascendencia e á repressão das raças.

O dr. Rohrbach fizera um estudo especial da Turquia desde que Guilherme II lançára as suas vistas para aquelle paiz. Referindo-se ao mappa ethnologico do Oriente, esse geographo dissera que os armenios estabelecidos no seu planalto central que corria do Mar Negro, d'um lado, em Trebizonda, e o Mediterraneo, do outro, na Cilicia, separavam os turcos osmanlis no coração da peninsula da Anatolia das outras populações que falavam turco na Persia occidental e na Russia caucasica.

Se essa vedação—chamemos-lhe assim—armenia pudesse ser deslocada, o dr. Rohrbach poderia fazer um mappa em que os alliados osmanlis da Allemanha formariam um bloco continuo com os seus concidadãos turcos da provincia de Azerbaijan e da bacia do rio Araxes.

Estes ultimos estavam já em contacto com maiores nucleos de população turca no imperio russo, que se espraiavam para a Asia central e pelo curso do Volga até Kazan; ao passo que n'outra direcção os osmanlis da Anatolia estavam directamente em contacto com os bulgaros—tribu considerada de origem tartara—e por intermedio dos bulgaros—contando-se já com a extincção da pequena Servia slava—com os magyares da Hungria, visinhos directos e intimos alliados da Allemanha.

O projecto era mais viavel no mappa do que na realidade, mas todo o movimento tendente a desligar a Bulgaria da Russia e attrahir os vassallos russos que falavam turco para o imperio ottomano era digno de ser proseguido sob o ponto de vista allemão e o dr. Rohrbach preconisou-o com todo o ardor.

Diz-se que a principio o expôz á porta fechada, em leitura confidencial, aos altos circulos officiaes de Berlim, tratando-o depois em artigos na imprensa.

O enorme alcance da idéa lisongeou o chauvinismo dos Jovens Turcos e a possibilidade da sua execução pareceu viavel aos seus politicos. Não era menos engenhoso o projecto do dr. Rohrbach quanto ao que faria dos armenios depois de os expulsar de suas casas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2146—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—[illegible] Souza e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 5 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

ULTIMAS IMPRESSÕES DE TANCOS

O sol, a fadiga e o pó da estrada

O que foi a marcha para os exercicios finaes

Sabbado, 29.—Manhã cêdo, pela fresca, Manuel Ferreira desperta-me com um alegre toque de buzina. Começam hoje, realmente, os exercicios finaes da divisão de Tancos. Envergo a summaria *toilette* de jornada, afivelo á pressa as correias das polainas de coiro, dependuro o binoculo a tiracolo, e, emquanto sorvo os ultimos goles de café, consulto a carta itineraria do valle do Tejo. Até o acampamento são cento e trinta kilometros de estradas a percorrer, e sabe-se lá o que virá depois...

Mas ao lembrar-me da excellente *Harley-Davidson* do meu presado companheiro de viagem e da incontestada pericia do antigo triumphador de corridas sportivas, sinto o espirito tranquillo. O *side-car* vôa na direcção de Sacavem, acordando os echos matinaes com as rythmicas explosões do seu vigoroso motor de onze cavallos. Povoa, Alhandra, Villa Franca ficam rapidamente para traz. O caminho é horrivel, cheio de covas, com o leito roido por essa lepra ignobil do *macadam*, seguro symptoma do desleixo com que certas estações officiaes encaram a coisa publica. Como nos informem de que é melhor a estrada da margem esquerda do Tejo, resolvemos passar o rio—n'uma barca primitiva, como se vivessemos ha dez seculos. E não ha quem reclame uma ponte para Villa Franca! E existe uma Repartição de Turismo, e uma Sociedade de Propaganda de Portugal, e existe um Auto-Club!

Mas a nossa *Harley* deslisa como um sonho por sobre todas as miserias do caminho. Antes de Samora depara-se um trecho de oito kilometros de extensão; dir-se-hia feito a tira-linhas. Olho para o contador. 70 á hora! E' uma vertigem. Depois, Benavente, onde nos detemos o tempo indispensavel do almoço, e Salvaterra, e Muge, a branquejar entre pinhaes, e Almeirim, com as suas alamedas bordadas de melancholicos choupos, e Alpiarça, e Chamusca... Em trez horas uteis de caminho estamos no Arripiado, junto á ponte militar. Minutos depois, vencida a ultima ladeira, rolamos em meio do acampamento.

Está deserto. Não como da primeira vez que o vi, no dia da parada militar de Montalvo. A solidão, agora, é mais desoladora ainda. E' o esqueleto de um acampamento que surge na nossa frente, são milhares de travessas de madeira que a lona deixou de revestir, é o cadaver da ephemera cidade militar, cuja ossada nua, calcinada pelo sol, se exhibe tristemente á beira dos caminhos. Levantou-se a feira; os soldados partiram para não mais voltar. Inquiro para onde. Alguem estende o braço:

—Sahiram por ali, esta manhã...

—E bivacaram?...

—Não sei aonde. Por ali...

Vagamente, com a mão aberta n'um gesto indefinido, indica o horisonte de Sinhal. O motor recomeça a sua eterna e monotona canção, as arvores e os muros correm velozmente para traz, envoltos na longa esteira de pó que nos acompanha. Aqui e além, á beira da estrada, deparam-se-nos as diversas formações do trem de combate; as ambulancias, com a sua bandeira branca onde os dois braços rubros de uma cruz imprimem uma nota piedosa; as viaturas, os carros de munições, os carros de transporte de feridos, os *camions* automoveis. De palestra com medicos amigos informo-me da maneira como o soldado supportou a marcha n'esse dia de fornalha, ao longo da estrada interminavel, coberto de suor e de poeira. Desvanecidamente, um medico miliciano conta-me as suas impressões. O soldado é do melhor e do mais resistente que se póde imaginar.

—Tem havido casos de insolação?

—Não appareceu ainda nenhum. A's ambulancias não tem vindo senão um ou outro soldado com os pés estropiados ou ligeiras indisposições do apparelho digestivo.

Occorre-me, n'este instante, que ha onze ou doze annos, quando o kronprinz germanico casou com a princeza Cecilia de Mecklemburgo, eu vi na Unter-den-Linden cahirem fulminados sob os ardores do sol bastos soldados allemães. Só n'esse dia registaram-se em Berlim seiscentos casos de insolação. Os nossos homens manteem portanto, sob este ponto de vista, incontestavel superioridade sobre os reputados guerreiros teutões.

Ahi vae, com effeito, a infantaria portugueza, occupando a estrada n'uma extensão de alguns kilometros, envolta em permanente nuvem de poeira avermelhada que dá aos uniformes cinzentos a côr da terra, mimetismo ideal de incontroversa utilidade nos dias incertos da campanha. Ahi estão esses soldados admiraveis, marchando em cadencia, a quem o sol, a fadiga e o pó da carroteira são impotentes para destruir o eterno bom humor, trocando ditos alegres, cantando a *Portugueza* á entrada das povoações, narrando lendas da sua terra no remanso dos bivaques, contentes com a vaga noção da utilidade do seu esforço para a maior gloria d'esta bemdita terra.

—Para onde vão vocês?

Sabem lá! Marcham para onde os mandarem.

—Onde ficam vocês?

Ignoram. Que lhes importa isso? O rancho, em algumas formações de combate, começa a cozinhar-se tarde, por via do inevitavel atrazo dos reabastecimentos em marcha, da aspereza dos caminhos, da diffusão enorme que implica, no terreno, o deslocamento de perto de vinte mil homens. Não se elabora, no cerebro de ninguem, o germen de um protesto. A disciplina é perfeita: e esta não é, por certo, a menor das conquistas realisadas durante o periodo de instrucção. De noite, os soldados vêem bem como os officiaes compartilham plenamente o seu destino. Não os vi eu, porventura, especialmente entre milicianos, habituados na vida civil a um conforto que os profissionaes do exercito sabem dispensar já muito bem quando é preciso, submetterem-se alegremente ás mesmas contingencias e a acasos da marcha?! Um tenente medico, que occupa um elevado cargo no funccionalismo da Republica e que já foi ministro, dorme no bivaque, sobre uma simples camada de palha esparsa sobre a terra, a meia duzia de metros dos seus soldados.

Por isso, quando a noite desce, e a sombra envolve a região onde termina a *étape* d'este dia, e as fogueiras começam a scintillar na treva, sob o céu constellado, eu procuro tambem, depois de percorrer com Manuel Ferreira toda a extensa linha dos bivaques, um recanto onde passar algumas horas de somno. O totalisador da nossa *Harley* marcar cento e oitenta e um kilometros. Bem justificado é o repouso e consoladora a impressão que nos vae n'alma. Por deploravel fatalidade, porém, as hospedarias da povoação onde se installou o Estado-Maior estão apinhadas, e em parte alguma se encontra um quarto disponivel. Offerecem-nos uma enxerga estendida ao canto de um sobrado, e durmo, finalmente, com a preoccupação de me levantar amanhã bem cedo, afim de me collocar em determinado ponto do percurso que do Estado-Maior me foi indicado, e junto do qual vão desfilar, proseguindo na sua marcha offensiva, os diversos elementos da divisão a horas mathematicamente prefixas.

HERMANO NEVES

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

A grande guerra

Em favor dos feridos reformados

SÃO PAULO, 5.—A artista franceza Juanita Frezia obteve um grande successo na conferencia realisada, hontem, n'esta cidade, em beneficio dos soldados reformados, depois da guerra, por incapacidade physica motivada por ferimentos no campo de batalha. Entre os numeros apresentados, merecem menção especial duas creações sobre o ministro Millerand.—(*Americana*).

Os salesianos portuguezes e as creanças dos paizes em guerra

BELLO HORIZONTE (ESTADO DE MINAS GERAES), 5.—Os salesianos portuguezes organizam festas infantis, nos arredores da cidade, em beneficio das creanças dos reservistas dos diversos paizes em guerra.—(*Americana*).

A reunião do parlamento portuguez e a colonia do Rio

RIO DE JANEIRO, 5.—A colonia portugueza espera com interesse as declarações do governo na proxima reunião do congresso do dia 7 do corrente.—(*Americana*).

Escola de Guerra

Realisa-se amanhã, pelas 16 horas, a cerimonia da inauguração dos novos cursos reduzidos estabelecidos pelo regimen decretado em 4 d'abril ultimo.

A essa cerimonia assiste o sr. presidente da Republica.

UMA FABRICA DE MUNIÇÕES DE GUERRA

HACKNEY

10.000 operarios — 30.000 granadas por semana

LONDRES, 25 de julho.—Quasi todos os grandes hoteis aqui, em Inglaterra, e em França foram utilisados pelos governos segundo as necessidades da guerra. A maioria está transformada em hospitaes, esplendidos e magnificos, onde os doentes teem o maximo conforto e hygiene.

Outros hoteis porém foram aproveitados para installar os novos ministerios. Assim aconteceu aqui em Londres ao organisarem-se os ministerios das munições e da aviação.

O das munições onde hoje estivamos encontra-se installado no Hotel Metropole em Northumberland Avenue e este é sem contestação a melhor repartição publica que temos visto e em qualquer paiz.

As escadarias, os corredores, os gabinete de trabalho, tudo é amplo, asseiado, esplendido, cheio de luz e de commodidade.

O edificio é enorme e apesar dos seus 10 andares e das 1.000 repartições em todo o ministerio não ha um unico continuo. Tudo garotas dos seus 10 a 15 annos desembaraçadas e ladinas que é um gosto vêl-as.

Que os continuos dos nossos ministerios nos perdoem mas sempre que nós temos de ir ahi em Portugal a qualquer repartição sahimos de lá muito mal impressionados. A maioria dos continuos são velhos, tropegos, jarretas que dormem, leem «O Seculo» ou se entreteem em discussões politicas ou puerilidades inuteis. Aqui no «ministry of munitions» as raparigas são extraordinariamente activas e zelozas. Pertencem a duas cathegorias, as que vestem á maneira dos Boy-Scotts e as que envergam simplesmente uma grande blusa de côr castanha.

Visitamos este ministerio porque hoje, logo de manhã, recebemos de Mr. Edfullerton Carnegie uma carta informando-nos de que na 435.ª repartição do «ministry of munitions» Mr. Selwyn Grant nos daria uma auctorisação para visitarmos nos arredores de Londres a Hackney Marshes National Projectile Factory, cujas esplendidas e amplas installações surgiram do solo apenas ha perto de um anno.

A' porta do ministerio temos de preencher um boletim indicando o nome, naturalidade, profissão e morada; o nome da pessoa com que desejamos falar e o assumpto da conversa.

Quando a auctorisação voltou subimos até ao 4.º andar onde fica a repartição 435.ª

Mr. Selwyn Grant é um cavalheiro extremamente cortez. Não está só, tem a seu lado um official inglez que logo de começo nos apresenta. E' este official que nos deve acompanhar na visita á fabrica. O tenente J. E. Moberly—é este o seu nome—fala alguma coisa francez, um pouco menos do que nós inglez, mas lá nos entendemos; tanto mais que não havia de que ter receios pois na fabrica nos aguardava um engenheiro que por ter estado no Brazil dirigindo a installação dos carros electricos de Pernambuco, falava o portuguez na perfeição.

Recebido o salvo conducto sahimos do ministerio. A' porta aguardava-nos um automovel cinzento tendo uma mulher ao volante. Quasi todos os «chauffeurs» dos carros do ministerio das munições são mulheres, o que não nos admirou porque aqui em Londres tivemos occasião de ver a mulher invadindo todas as profissões.

Olhando o carro que nos deve conduzir ficámos pensando no numero extraordinariamente colossal de automoveis que os inglezes devem ter no serviço do exercito.

Este que é um «Ford» pertence ao ministerio das munições e tem escripto no vidro da frente a lettras brancas o seguinte: «Ministry of Munitions L. 108.312». Já em Paris é vulgar encontrar automoveis militares com o numero cento e tantos mil, o que prova a utilidade d'este meio de transporte para todos os serviços da guerra.

* * *

Sahimos do ministerio e atravessamos a «City» negra, humida e movimentada. Dentro em pouco o nosso carro atravessa as ruas tristes e miseraveis de um bairro operario. Para estes lados Londres é muito feia e muito pouco asseiada. Andamos ainda bastante e depois por um plano campo seguimos pela estrada em direcção á fabrica. Como já tivemos occasião de dizer todos estes edificios foram construidos ha um anno e a fabrica póde-se dizer que ainda não está completa. E' já hoje alguma coisa de colossal e esplendido. Todas as officinas são amplas e pelas vidraças do telhado e das paredes a luz entra a jorros. Em frente dos escriptorios no centro d'um pequeno jardim ergue-se um poste onde tremula a bandeira ingleza.

O engenheiro director da fabrica e o outro engenheiro que fala portuguez esperavam a nossa chegada, recebendo-nos affectuosamente.

Vistos os escriptorios passamos ás officinas. O nosso exame começa, acompanhando desde o inicio todas as «étapes» atravez das quaes os simples blocos de ferro se transformam em granadas.

Primeiramente os grandes depositos onde em pilhas enormes estão armazenados os blocos de ferro já cortados nas devidas dimensões. D'este deposito o ferro vae para os fornos. A officina é negra e homens negros e suados passam como sombras por toda a parte. Os fornos ficam a um dos lados e os frisos das portas brilham em linhas brancas, faiscantes na negrura das paredes.

Quando abrem os fornos para retirar o bloco de ferro igneo e rutilante, toda a officina se illumina em tons feericos e diabolicos.

Grandes tenazes de ferro sujeitam o bloco nas prensas que de trez golpes o partem pelo meio.

E' esta a alma da granada onde o homem collocará o explosivo destruidor que, rebentando, ha de arremessar todo aquelle ferro em mil pedaços, semeando pelo campo a dôr e a morte.

Na officina seguinte o bloco tosco e rude é trabalhado ao torno. Roda em torno de um eixo e uma lamina de aço delgada e penetrante vae mordendo o ferro. Um jacto de agua de sabão cahe constantemente sobre o sitio que o corta, e a fita delgada que o aço arranca da superficie do ferro evóla-se em espiraes.

O bloco que ainda ha pouco estava sujo e negro eil-o agora brilhante e liso como um espelho. Verificam-se todas as medidas e convenientemente calibrado o bloco passa a novas machinas que o alizam interiormente.

Passa ainda por mil e uma transformações até que tendo já as partes superior e inferior juntas ao corpo central, tendo em volta uma anilha de aço que deve ajuntar nas estrias do canhão o que ha pouco era um simples bloco de ferro póde-se considerar agora quasi uma granada completa. Pelas officinas, e em volta de toda a fabrica serpeia a linha ferrea onde rodam vagonetes, que homens negros e sujos empurram vagarosamente.

Vamos vêr ainda as casas das machinas e as officinas de aprendizagem de operarios.

Tudo é perfeito. Vista a fabrica passemos ás cosinhas e ao refeitorio. E' conveniente dizer, desde já, que os inglezes ao pensarem em tirar do operario o maximo do rendimento pensaram tambem logo em lhe dar o maximo de vantagens e commodidades.

* * *

Por um preço diminuto o governo fornece de comer aos operarios que o desejem. E não só comida, mais ainda nos arredores da fabrica casas completas e mobiladas onde pódem viver com suas familias.

Ao todo a Hackney Marshes National Projectil Factory conta uns dez mil operarios (8.000 homens e 2.000 mulheres), ganhando uma media de 5 shillings por dia. Quando comem na fabrica pódem ter almoço e jantar por um shilling, e querendo a casa que o estado lhes proporciona terão de pagar por ella 15 shillings por semana.

Como o leitor verifica o operario tem toda a vantagem em utilisar estas installações, tanto mais que os generos são de primeira ordem e o asseio é absoluto.

As horas de trabalho são 10 e são tambem muito convenientemente divididas. O primeiro turno de operarios entra para a officina ás 7,5 da manhã trabalhando até ás 12,5. Vae almoçar e retoma o trabalho á 1,5, para o largar á 6,5 em que vae jantar.

Um novo turno entra nas officinas ás 5,5, trabalhando toda a noite.

As machinas não param e, constante e ininterruptamente, fabricam munições.

O primeiro engenheiro O. L. Gibb, um verdadeiro «gentleman», quando no seu escriptorio tomávamos um chá, que gentilmente nos offereceu, informa-nos de que as installações não estão ainda todas completas e assim a fabrica não póde dar por emquanto o rendimento para que foi destinada.

—E quando estiver completa quantas granadas produzirá?

—Está estabelecido um rendimento semanal de 30.000 granadas. Não podemos nem devemos afrouxar na producção de munições. Os operario que trabalham aqui junto dos fornos e ao torno, os que fazem projecteis e granadas, espingardas e canhões luctam tanto para a victoria final e são tão uteis como os soldados que estão nas trincheiras.

Estas palavras fizeram-nos recordar o grito patriotico de Charles Humbert, nas columnas de «Le Journal»: Des canons, des munitions». E toda a França ouviu o seu appello criterioso, e, como á França, a Inglaterra e a Russia.

São necessarias munições, muitas munições, porque esta guerra não é apenas a lucta do soldado contra o soldado, do estado maior contra o estado maior: é a lucta da officina contra a officina.

Para se vencer nas trincheiras é preciso preparar antes a victoria nas fabricas.

D'esta guerra o operario sahe tão glorioso como o soldado. A officina e a caserna dão-se as mãos para libertar a Patria e cada qual no seu posto é egualmente heroe.

Aquelles que viverem após a guerra verificarão como ella tem sido profundamente niveladora e como ella representa um passo gigantesco na realisação dos ideaes democraticos.

Edmundo Porto

A venda das Antilhas dinamarquezas

WASHINGTON, 5.—O sr. Lansing, ministro dos negocios estrangeiros e o ministro plenipotenciario da Dinamarca, assignaram hontem o tratado pelo qual são cedidas aos Estados Unidos, por 25 milhões de dollars, ouro, as Antilhas dinamarquezas.—(*Havas*).

Instrucção de medicos milicianos

Os exercicios realisados hoje, com a assistencia do sr. ministro da guerra

Realisou-se hoje, nos terrenos comprehendidos entre a Amadora e a A da Maia, um exercicio de quadros, para os officiaes medicos milicianos da turma que se encontra na Escola que funcciona junto do hospital da Estrella e completam a sua instrucção militar.

A's 6 horas e 30 minutos concentram-se junto da egreja de Bemfica 48 medicos e os instructores são: dr. Mascarenhas de Mello, director da instrucção, drs. Almeida Dias e Carlos Lopes e major do Estado Maior Correia dos Santos. Todo o pessoal estava montado e acompanhado de ordenanças.

A's 7 horas chegou ao local da concentração o sr. Norton de Mattos, illustre ministro da guerra, acompanhado do seu ajudante e o sr. coronel medico Julio Cardoso, chefe dos serviços de saude.

Procedeu-se á distribuição dos medicos pelos dois partidos, que representavam duas brigadas mixtas nas quaes se procedeu á montagem dos postos de soccorros, ambulancias, e postos de transportes de feridos. As ligações entre os postos eram feitas por meio de maqueiros e as formações representadas por signaes.

Os medicos redigiram as ordens e instrucções que tinham a dar aos seus subordinados no caso de se dar uma hypothese de combate, analoga á que era indicada nas diversas ordens de operações que se lhes distribuiu no momento do exercicio e sobre as quaes se orientavam para a escolha das diversas funcções.

O sr. ministro da guerra bastante interessado pelo funccionamento do exercicio, visitou as varias installações dos dois partidos.

A's 13 horas terminaram os exercicios, reunindo os alumnos na Amadora com os seus instructores, onde se realisou um almoço de despedida.

As vantagens resultantes d'estes trabalhos praticos, subordinados a uma hypothese de campanha, são importantissimos e por isso é de prever que todos os medicos tenham frequentes provas de exercicios de quadros, antes de serem encorporados definitivamente em tropas mobilisadas.

TERRAS DE PORTUGAL

ESTREMOZ

O castello, a torre de menagem, aspectos da villa

ESTREMOZ, 1.—E' uma terra cheia de tradições fidalgas e de recordações historicas, esta. Os seus habitantes, dizem os chronistas, distinguiram-se sempre pela sua bravura nas guerra contra a Hespanha. Montes Claros, onde o Marquez de Marialva e o conde de Schomberg derrotaram, em 17 de julho de 1665—251 annos, fel-os ha pouco—os invasores, ficaram a attestar brilhantemente de que tempera eram aquelles que, por esse tempo viviam por esta região. Montes-Claros, a curta distancia de Estremoz, de Borba e de Villa Viçosa, é a terra dos marmores, que por ahi se encontram em jazigos abundantissimos. Ha-os de todas as côres, desde o jaspe que parece uma pasta de neve, solidificada para sempre, até ao negro aveludado, que tem a dar-lhe vida uma perpetua macieza, profunda e perturbadora, como a dos olhos castos de certas mulheres da Andaluzia. E ha-os ainda matizados, policromos, marchetados, com todas as côres combinadas, brancos raiados de negro, negros raiados de sangue, toda uma symphonia alacre de côr e de luz, ardendo em pedra, cantando em pedra, soando como o bronze fino e brilhando como as raras pedras preciosas...

Mal me levanto e mal trago o almoço, principio a errar pela villa, sósinho, á ventura, conforme é meu costume. Vou direito á cinta das muralhas, saio pela porta do nascente, percorro um pedaço de estrada e fico-me tempos sem fim a ver n'uma eira distante subir como uma nuvem d'oiro a poeira densa dos moinhos. Um ceguinho pede, de olhos estoirados e cabeça erguida para o ceu, dezreisinhos a quem passa. Uma pobre mãe ainda nova desliza pela poeira, cercada de filhos descalços e quasi nus, como se fosse a estatua da dôr a quem tivessem dado vida, a fim de a obrigarem a percorrer o mundo para exemplo das gentes fartas e felizes. Volto para traz. Refrescou. Continuo a percorrer a linha das velhas muralhas do tempo da guerra da Independencia. Lá em cima, coroando toda a villa e dominando-a, o Castello attrahe-me. N'uma curva da estrada, onde andam obras e uma grande fabrica de moagens alarga as suas intallações, detenho-me por minutos a contemplar parte da villa. A casaria branca fulgura, batida pelo sol lindo e pouco quente. Esse bairro de Estremoz poisa n'uma colina de fraca elevação, que vem morrer n'uma varzea pequenina, atravessada por um ribeiro e retalhada em canteiros de horta viçosa e fresca.

Principo a trepar o morro onde poisa a velha fortaleza desmantelada. A Estremoz antiga ficava ali, n'aquelle monticulo, que a Rainha Santa Izabel engrandeceu com a sua bondade e que D. Diniz embelleseu com a phantasia nobilissima do seu exhuberante gosto artistico. Chego junto das muralhas do burgo primitivo. Paro n'um largo, ao qual veem dar ruelas estreitas e rectilinias, como o são quasi todas as das povoações alemtejanas. Junto d'uma porta, na qual vem morrer a escada d'uma varanda antiquissima, secam ao sol airosissimas bilhas de rubro barro regional. Penetro no Castello, por um arco baixo e estreito, cujos humbraes escancaram na negrura do granito os buracos largos por onde corriam as grossas trancas. A' esquerda, uma casa interessantissima. Janellas geminadas, optimamente conservadas. Restos esplendidos do passado. Qualquer coisa de tradição e de lenda, que me encanta e me préga ao chão, para que nem um unico detalhe d'este velho palacio, que de annos teem poupado, me passe despercebido.

Ao cimo da rua que principia junto do arco que dá para o exterior, fica um largo terreiro. Do lado esquerdo, ergue-se a torre de menagem do Castelo e palacio que foi habitação de D. Diniz. Ali morreram a Rainha Santa e D. Pedro I. Em frente duas egrejas. Uma, que é a matriz, magnificamente conservada. Faltam-lhe os torrões da frente. Não foram nunca construidos. E' rica em marmores, como todos os templos d'esta região. A cadeia fica-lhe na rectaguarda. E ao lado, para o norte, separada d'ella apenas por uma estreita travessa, depara-se-me um outro templo que me traz á lembrança as egrejinhas da Flandres, muito baixas, com as suas varandas goticas de duplas columnas e com as suas torres, altissimas, terminando em agulha. A varandinha pequenina e recatada d'esta semi-arruinada egrejinha do Castello de Estremoz é, positivamente, uma esplendida maravilha. Mas como ella está desprezada e abandonada, como ella está suja e conspurcada por toda a especie de immundicie! E' afinal, a sina maldita das coisas bellas d'este paiz. Os homens ou as desprezam ou as vilependiam. E' isto que está a fazer-se a este templo tão lindo, onde certamente Santa Izabel rezou e orou e pediu que a paz reinasse para sempre entre os homens, que se devoravam como féras. E faz-se isto com o assentimento nem eu sei de quem e sancionado pela indifferença criminosa de quantos tal crime tinham o dever de evitar.

Passemos adeante. A torre de menagem continua a attrahir-me, a solicitar-me, a deslumbrar-me com a pureza sem egual das suas linhas elegantissimas. No palacio a que ella serve como que de guarda avançada, está installado um grupo de metralhadoras. E' um soldado que me serve de guia—um algarvio tagarela, que me fala muito da sua terra, da sua Estoy, onde ha, diz elle, um jardim e um palacio maravilhosos, dignos de serem habitados por principes. Subimos ao primeiro pavimento. E' um salão, cuja abobada, de delicadas nervuras sustenta sem esforço a immensa mole de alvenaria. Ha ali um livro para os visitantes, com uma columna em cada pagina destinada a cada um deixar photographadas as suas impressões. As coisas que lá se veem, Santo Deus! Subo ao segundo pavimento, e espreito pelas seteiras dos rendilhados varandins. A paysagem dilue-se já em manchas, empastando-se, comprimindo-se, humilhando-se. Tremem-me as pernas e recolho á torre. A subida continua. Chego ao eirado superior. O meu guia não deixa de me falar de Estoy, e eu, mergulhando o olhar na vastidão do horisonte que se descolora, em circulo, a meus pés, relembro certos panoramas que se descortinam do alto da serra de Monchique e tenho a illusão de que são ondas grandes como montanhas as serranias que borram, para o norte e para o poente, a paysagem triste que a torre magnifica domina.

E fico para ali não sei quanto tempo. Depois, o cansaço de admirar vem. Descubro manchas claras, pintalgando de branco os terrenos longinquos. São as villas de Fronteira, Marvão, Alter e Arraiolos, é Portalegre e é Evora Monte e são aldeias sem conta, que poisam pelos montados e pelas serranias, como bandos de cegonhas, tomando a sesta.

Desço. Torno a percorrer o largo fronteiro ao Castello e sento-me, por longo tempo, n'um muro baixo, á sombra d'um aloendro, a contemplar a egrejinha da alta torre e da varanda rendilhada. A meu lado, espoldrinham soldados, que luctam, que se agridem, que rolam pelo como luctadores aprestando-se para um combate de circo. Abalo. Deixo o Castello por caminho opposto áquelle por que n'elle entrei. A's janellas da cadeia, os presos pedem esmola. As portas das casas humildes, algumas d'ellas ostentando ainda as primitivas portas, tagarelam mulheres. Na ruela suja, brincam creanças. Estremoz, a nova Estremoz, estende-se na planura, cercada de hortas verdes, de olivaes, de sobreiros, de montados. E á medida que me dirijo para a villa rica e lavada, fulgurante de ternura, o horisonte vae-se estreitando, até morrer de todo entre as quatro paredes d'uma praça, plantada de viçosas arvores de fructo...

ADELINO MENDES

A INTERVENÇÃO DE PORTUGAL

Notas diplomaticas conhecidas

As relações com a nossa alliada n'estes dois annos de guerra

A sessão do Congresso da proxima segunda feira deve ter uma consideravel importancia para a marcha da nossa politica externa, definindo-se com rigor o novo aspecto da nossa intervenção militar na guerra. Pelas declarações do sr. Briand, corroboradas mais tarde pelos governos das outras nações alliadas, a guerra contra a Allemanha considera-se hoje como feita n'uma unica frente. N'este momento, os soldados portuguezes já estão na frente da batalha, combatendo na Africa oriental com a sua tradicional bravura. As declarações ministeriaes que vão ser feitas na segunda feira destinam-se, por certo, a precisar as condições da nossa intervenção nos campos da Europa, de accordo com a sua velha alliada e para defeza dos mais altos interesses da nossa nacionalidade. Queremos recordar as principaes *étapes* marcadas pela marcha da guerra no nosso paiz. A 7 de agosto de 1914, o sr. presidente do ministerio de então, hoje elevado ao mais alto cargo da Republica, leu no parlamento esta nota:

Logo apoz a proclamação da Republica todas as nações se apressaram a affirmar-nos a sua amizade, e uma d'ellas, a Inglaterra, a sua alliança. Pela nossa parte, temos feito incessantemente todo para corresponder a essa amizade, que deveras prezamos, sem nenhum esquecimento, porem, dos deveres de alliança que livremente contrahimos, e a que em circumstancia alguma faltariamos. Tal é a politica internacional de concordia e de dignidade que este governo timbra em continuar, certo de que assim solidarisa indissoluvelmente os votos do venerando chefe da

OLHANDO O FUTURO

Brancos e pretos

Como a emigração d'estes merece ao Estado mais interesse do que a d'aquelles

Que a paz não nos surprehenda desapetrechados!

Peor que a dos pretos, incomparavelmente peor, porque era em absoluto descurada, estava sendo a situação dos emigrantes portuguezes metropolitanos antes de rebentar a guerra e continuaria depois d'ella a sel-o se não nos capacitassemos de que o governo d'um paiz é coisa bem diversa da direcção d'um bando ou d'um partido e de que os interesses da collectividade não podem ceder o logar aos da clientella ou da familia politica.

Não conceder a brancos o que se dispensa a negros, assistir a estes e desprezar totalmente aquelles, como se tivessem um importante valor e nada valessem os outros, abona pouco a competencia dos homens de Estado que assim collocam a metropole, sob este ponto de vista, n'um plano inferior em relação ás colonias.

A assistencia ao emigrante, que até hoje, entre nós, ainda não passou d'uma aspiração, que na Italia constitue um serviço admiravelmente organisado, precisa de transformar-se n'uma proficua realidade, assim que termine a guerra, não só por motivos de ordem social e humanitaria, que aos olhos de todos estão patentes, mas tambem por motivos de ordem economica, porque corresponde a defraudar os cofres da nação o abandono a que se vote qualquer das suas grandes ou pequenas fontes de riqueza.

Equivaleria, com effeito, a fechar teimosamente os olhos á luminosa evidencia dos factos não reconhecer que, regulamentada a emigração e feito seu agente o proprio Estado, as receitas publicas augmentavam e a propria fortuna particular e individual só lucrava com semelhante providencia.

Os portuguezes da metropole, emquanto as difficuldades provenientes da guerra não vieram obstar ao seu exodo annual de muitos milhares de individuos para o Brazil, embarcavam, as mais das vezes, ao acaso, ao Deus dará, á aventura, ou em virtude de engajamentos condemnaveis, de contractos leoninos e com frequencia ficticios e illusorios e sem garantias de especie alguma,—a authentica escravatura branca, em que os poderes publicos affectavam não reparar. A enorme corrente emigratoria, provocada pela insufficiencia de trabalho remunerador na metropole e tambem pelo genio aventureiro do nosso povo, vae decerto restabelecer-se quando voltar a normalidade internacional. Seria, porém, incomprehensivel—não nos cançaremos de o dizer—que esse restabelecimento se produzisse nas circumstancias anteriores, continuando o Estado a votar a um desgraçavel desamparo, a uma revoltante incuria, a um criminoso desprezo a sorte de milhares de familias sobre a qual lhe cumpria attentamente velar...

* * *

Peor do que os pretos—dissemos. Peor do que em Africa. E sustentamol-o. E facilmente o provamos.

Para S. Thomé está regulada, d'um modo insophismavel, a emigração do trabalhador indigena. O Estado dispensa-lhe toda a protecção official. O mesmo acontece com o emigrante de Moçambique que vae trabalhar para as minas do Rand. Acautellar-lhe a existencia, garantir-lhe o futuro, assegurar-lhe o regresso ao solo natal—eis outras tantas preoccupações do Estado affirmadas n'uma legislação embora incompleta cuja observancia incumbe a um funccionalismo idoneo promover e realisar.

Guardadas as devidas distancias, o que se tem feito que se assemelhe a tal relativamente aos metropolitanos que embarcam para o Brazil á busca de trabalho, em cata de fortuna? Como se cuida aqui e lá de obstar á inefficacia da sua resolução e do seu deslocamento? Em que consiste o auxilio que lhe faculta o Estado para que não resulte esteril, quando não tambem contraproducente, o seu passo? Como se procura prender á mãe-patria o que, uma vez longe d'ella, logrou amealhar dinheiro ou adquirir fortuna? Em que, n'uma palavra, se resume a assistencia que, perto ou longe, lhe proporciona e quaes os fructos que o thesouro e a communidade colhe d'ella?

Responder, ainda que vagamente, a estas perguntas, de maneira a suppôr-se que alguma coisa existe no sentido que preconisamos, poderão fazel-o habilidosos sophistas: homens esclarecidos e sinceramente patriotas, não!

A proclamação da Republica talvez surprehendesse quasi em branco sobre muitas questões de governo e de administração alguns dos homens que o movimento revolucionario triumphante alcapremou ás eminencias do poder. Seria uma falsa e repugnante lisonja dizer o contrario. Pois bem. Que a paz, que assignalará transformações mundiaes, em todos os campos do pensamento e da actividade, não nos surprehenda em conjunctura egual, em semelhantes apertos.

Preparemo-nos desde já. Entre os grandes e graves problemas que temos a solucionar, o de emigração é um dos primaciaes. Com elle se conjuga tambem o da navegação para o Brazil. Estudemol-os simultaneamente para que no momento opportuno os factos não contradigam as nossas fundamentadas esperanças e a vida nova seja, na verdade, aquillo que deve ser!

Estado com o sentimento collectivo do Congresso e do povo portuguez.

A 18 de setembro, o Governo, da presidencia do mesmo illustre homem publico, enviava aos jornaes a seguinte nota officiosa:

«O sr. ministro da Inglaterra procurou hontem, em sua casa, o sr. presidente do ministerio, expressamente para lhe significar, da parte de *Sir* Edward Grey, a completa satisfação do governo inglez pela obra de politica externa que tem feito na actual conjectura, o governo presidido pelo sr. dr. Bernardino Machado, congratulando-se, ao mesmo tempo, com s. ex.ª pela força que a essa politica de inteira solidariedade do vosso paiz com a Inglaterra está dando patrioticamente o apoio geral da opinião publica portugueza.»

Trez semanas depois, a 10 de outubro, a Inglaterra enviava a Portugal um *memorandum* sollicitando, em nome da alliança que liga os dois povos, a partida de uma expedição militar para França, devendo seguir primeiro as forças de artilharia. No dia 23 de novembro, em nova reunião extraordinaria do Congresso, o governo apresentou a seguinte nota, redigida de accordo com o gabinete de Londres:

«Logo no principio da guerra Portugal affirmou expontaneamente que estava prompto, como alliado da Gran-Bretanha, a dar-lhe todo o concurso. O governo inglez, apreciando altamente este claro testemunho de cordeal solidariedade, convidou com entranhavel reconhecimento o governo portuguez a contribuir de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar. E, por este modo, os dois governos asseguram os fins da alliança, ha seculos já subsistente entre as duas nações, e cuja manutenção tanto é do interesse commum de uma e de outra.»

A 10 de março do anno corrente realisou-se a sessão do Congresso em que foi lida a declaração de guerra da Allemanha. Na exposição feita pelo sr. ministro dos negocios extrangeiros figurava a nota da Inglaterra pedindo a requisição dos navios allemães surtos em portos portuguezes. Essa exposição é do theor seguinte:

«Tendo resultado serias difficuldades para o commercio da presente escassez de navios, difficuldades que são sentidas não só na Grã-Bretanha mas tambem nos paizes que manteem com ella boas relações, e tendo Portugal desde o inicio das hostilidades mostrado invariavelmente completa dedicação pela sua antiga alliada, o ministro de S. M. tem ordem, em nome do governo de S. M. de instar com o governo da Republica, em nome da alliança, para que faça requisição de todos os navios inimigos surtos em portos portuguezes, que serão utilisados para a navegação commercial portugueza e tambem entre os demais portos que determinarem por accordo dos dois governos.»

Nestes dois annos de guerra são esses os documentos conhecidos de mais importancia para o estudo das relações entre Portugal e a Inglaterra. Confiadamente esperamos que a nova edição ingleza, que vae ser em lingua segunda feira, será, como todas as outras, honrosa para o nome glorioso da nossa terra.

A' sessão do Congresso assistirão o sr. presidente da Republica e os membros do corpo diplomatico.

Tapetes de Arrayolos

Uma exposição no proximo outomno

Em novembro proximo realisa-se no edificio historico do Carmo uma exposição de tapeçaria bordada da antiga industria caseira de Arrayolos promovida pela revista artistica «Terra Portugueza» de accordo com a Associação dos Archeologos Portuguezes.

O programma d'esta exposição, que já está elaborado, estabelece entre outras disposições tres secções de tapetes antigos restaurados, e tapetes modernos executados pelo processo antigo e de desenho artistico.

A commissão composta pelos directores da «Terra Portugueza» e por membros da direcção da Associação de Archeologos Portuguezes tem recebido innumeras adhesões para este certamen, contando já com a representação de muitos colleccionadores e amadores d'aquella preciosa industria artistica que se pretende reviver com o aspecto suave e distincto que a sua polychromia impõe.

Festas associativas

Academia Recreio Artistico.—Hoje ámanhã, ás 21 horas, um sarau, que promette ser magnifico, e bello.

A questão das subsistencias

Uma commissão de pequenos commerciantes de Lisboa e o administrador do concelho do Barreiro estiveram hoje conferenciando com o sr. governador civil sobre a falta de assucar.

Tambem sobre o mesmo assumpto conferenciou com o chefe do districto o sr. Jeronymo Martins, socio da firma do mesmo nome.

INTERESSES REGIONAES

A linha do Valle do Vouga

Reclamações dignas de serem attendidas

Sr. director de «A Capital»—Tem o seu bem redigido jornal defendido com a maior dedicação os interesses da região de Valle de Cambra, Macinhata da Seixa, e outras importantes povoações servidas pela linha do Valle de Vouga.

Vimos hoje mais uma vez solicitar de v. em nome dos povos d'essas localidades, que, emquanto não fôr estabelecido o serviço de despachos no apeadeiro de Travanca, Macinhata, não abandone este importante assumpto, visto que estão sendo altamente prejudicados o commercio e a industria das sete freguezias que em representação aos poderes publicos pediram o estabelecimento de todo o serviço de despachos n'esse apeadeiro, a que a companhia está obrigada pelo seu contracto.

E' tempo de se fazer justiça a estes povos, que não podem estar á mercê de caprichos do engenheiro consultor da companhia, o sr. Fernando de Sousa, que jurou segundo nos affirmam, que emquanto fôr alguma cousa na companhia do Valle do Vouga, nada se fará no apeadeiro de Travanca-Macinhata.

Parece que effectivamente está n'esse proposito, pois no apeadeiro estava, uma linha de resguardo que a commissão de engenheiros que vistoriou a linha obrigou a companhia a collocar ali, visto o apeadeiro ser considerado como de todo o serviço, e essa linha foi levantada ha cerca de 3 mezes, «sem auctorisação da fiscalisação do governo».

Torna-se urgente que o sr. ministro do trabalho ponha cobro a tal abuso, como preciso é que o sr. Antonio Maria da Silva obrigue a companhia não só a collocar a linha de resguardo immediatamente, como a estabelecer o serviço de despachos, medida que dará satisfação ás reclamações dos povos de numerosas freguezias. Diversas commissões teem percorrido a imprensa e procurado as instancias superiores pedindo o melhoramento a que nos acabamos de referir e ainda fazendo ver a necessidade que ha dos comboios de Valle de Vouga terem ligação com os correios da Companhia Portugueza em Aveiro, de, para Lisboa, o que servirá pelo menos os povos entre S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis e Albergaria-a-Velha, servindo do mesmo modo os industriaes de lacticinios do Valle de Cambra e o povo, em geral, d'aquella fertil região.

O serviço do correio tambem muito lucrará com as ligações em Aveiro, de e para S. João da Madeira, pois actualmente o serviço do correio está peor do que quando era feito em deligencia para Estarreja ou Ovar.

Emquanto justiça não fôr feita nos povos que acabamos de citar, os naturaes d'aquella importante região, continuarão a pugnar para conseguir o desejado melhoramento, pensando em na proxima reunião do Congresso, procurarem os representantes do seu circulo e districto para os auxiliarem nas suas justas reclamações.—De v. etc.—J. Tavares Valente.

PEQUENAS NOTICIAS

Por nada se ter provado contra elles, foram hoje mandados em liberdade os quinze fragateiros presos ha dias sob a accusação de terem arrojado uma bomba contra um guarda fiscal que estava de serviço no caes de Santa Apolonia.

—Isaura de Campos Viegas, de 21 annos, moradora na rua da Guia, 27, loja, suicidou-se na fabrica de lanificios da rua da Palma, lançando se d'uma janella do 3.º andar para um saguão, tendo morte instantanea. O cadaver foi removido para a Morgue.

Despenhando-se d'uma janella

Na enfermaria n.º 8 do hospital do Desterro, deu hoje entrada Izaura Maria da Conceição, moradora na rua do Arco do Carvalhão, 222, 2.º, que estando a estender um cobertor á janella da sua residencia, quebrou uma pequena grade a que se encostava, arrastando-a na queda.

Aos gritos de varios populares, compareceu a policia, que removeu a ferida para o hospital de S. José, onde o medico de serviço verificou que ella apresentava fractura do craneo, sendo o seu estado considerado grave.

Não resta duvida que é um bello programma. Bons numeros, admiraveis mesmo, que enthusiasmam. Hontem a apresentação de Carmen Vicente e seu irmão Julian. Carmen Vicente é uma bella coupletista e não menos boa bailarina sendo interessantes os bailes dos dois irmãos.

Mas o *clou* dos espectaculos é Stella Margarita, bella cantora, com uma linda voz de soprano ligeiro que agrada. E' no seu genero uma magnifica artista, que deve fazer carreira no Salão Foz.

Hoje uma nova estreia, a dos acrobatas portuguezes «Os Herminios», que vão fazer bellos numeros de forças combinadas. Não faltem hoje.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 7/8	35 5/8
Londres, 90 d/v	26 5/16	—
Paris, cheque	$71,4	$71,8
Hollanda, cheque	$57,8	$58,8
Madrid, cheque	1$43	1$44
Suissa, cheque	$79	$80
New York	1$41	1$42
Rio s/Londres	12 21/32	—
Libras	7$	7$20
Agio do ouro	46 %	53 %

BOLSA— As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,65	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0, 1905, 9$45 e assent., 9$50.

Externas: 1.ª serie, tit. 5, com sello, 77$ e 3.ª, 79$.

Acções: Aguas, 94$40; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 4$50; Phosphoros, coup., 52$50; Zambezia 2$25; Agricultura Colonial, 128$.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 94$50 e 5 0/0, 90$50 e 4 1/2, 84$20; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, 78$50 e 2.ª, 68$; Norte e Leste, 2.º grau, 35$50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$40.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Na frente franceza

Violentos combates em terra e no ar

PARIS, 5. (Communicação official das 15 horas).—Na linha do Somme a noite decorreu calma. Entre o Avre e o Aisne os francezes dispersaram varias patrulhas allemãs e fizeram prisioneiros.

Na margem direita do Meuse o canhoneio foi violento no sector de Thiaumont-Fleury, onde os allemães, com furiosos contra-ataques, tentaram expulsar os francezes do entrincheiramento de Thiaumont, que estes continuam mantendo firmemente. A lucta durou desde hontem ás 21 horas até de manhã, soffrendo os allemães graves perdas, sendo repellidos em todas as tentativas sem obterem a menor vantagem.

O combate proseguiu tambem renhido na aldeia de Fleury sem alteração apreciavel.

Nos restantes sectores da margem direita houve lucta intermittente de artilharia.

Em Pont-à-Mousson os allemães fizeram ataques contra as posições francezas da floresta de Sacq, os quaes foram frustrados pelo fogo das nossas metralhadoras.

Na linha franceza do Somme as esquadrilhas francezas de caça deram 17 combates.

Dois apparelhos allemães, que foram gravemente attingidos, cahiram a pique nas suas linhas.

Na região de Verdun foram tambem abatidos dois aviões allemães.—(Havas).

Um telegramma de Jorge V aos chefes dos paizes alliados

LONDRES, 5.—O rei Jorge enviou o telegramma seguinte aos soberanos e chefes dos paizes alliados: «No dia 3 de agosto á meia noite d'este dia, segundo anniversario do começo da grande lucta, na qual o meu paiz e os seus valentes alliados estão empenhados, desejo transmittir-vos a expressão da minha resolução inabalavel de proseguir a guerra até que os nossos esforços combinados nos tenham conduzido ao fim para a obtenção do qual pegamos em armas juntos. Estou convencido que de accordo commigo vós estaes resolvido a proceder de maneira que os sacrificios tão nobremente feitos pelas nossas valentes tropas não tenham sido feitos em vão e que as liberdades pelas quaes combatem sejam plenamente obtidas e garantidas».—(Havas).

O destino que os allemães dão aos civis inimigos

LONDRES, 5.—Nas trinta e quatro povoações tomadas pelos exercitos anglo-francezes não foi encontrado um unico habitante. Os allemães haviam-nos levado todos, velhos e novos, para os trabalhos agricolas de outras regiões occupadas e para fabricas que estabeleceram.—(C.)

A favor dos filhos dos mobilisados

Promovida pela Associação Popular de Beneficencia de S. Christovam e S. Lourenço, continua amanhã, no atrio da Escola Central n.º 10, a kermesse a favor dos filhos dos mobilisados pertencentes a estas freguezias.

Das 17 ás 21 horas ha concerto por uma banda de musica e das 21 ás 23 pela troupe musical Freitas Gazul, de que faz parte o professor de guitarra Petroline, o qual executará as suas variações de fados.

Para os feridos da guerra

Os emprezarios do cinema da Parede, srs. Maximiano Ferreira e Augusto Emauz de accordo com a sub-commissão da Cruzada das Mulheres Portuguezas, n'aquella localidade, estão organisando para domingo, 13, uma «matinée» no cinema, revertendo o producto para a Cruzada.

Para os filhos dos soldados mortos

O 1.º sargento reformado Ramos Bastos, cabo Bastos do 31 de Janeiro, enviou de Quelimane, á ordem do sr. ministro das colonias, a importancia de 40$00, destinada aos filhos dos soldados portuguezes que morram em defesa da Patria.

Museu Raphael Bordallo Pinheiro

Como dissémos, estará amanhã patente ao publico este museu, no Campo Grande, 382, revertendo o producto das entradas em favor da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha.

Na noticia a proposito do museu que hontem démos, diziamos que esse museu fôra legado á cidade de Lisboa pelo sr. Cruz Magalhães. Por um lapso typographico, aliás facil de corrigir, sahiu ligado. Fica assim feita a rectificação.

NOTAS DIVERSAS

A assignatura presidencial realisou-se, pelas 17 horas e meia, no palacio de Belem. Como de costume, o governo reuniu depois, sob a presidencia do chefe do Estado.

—Regressa esta noite a Lisboa o sr. ministro da marinha.

—O sr. ministro das finanças esteve durante a tarde em conferencia com o seu collega dos estrangeiros. Por esse motivo foi a respectiva pasta com os decretos para a assignatura presidencial levada pelo sr. presidente do ministerio.

—O sr. presidente do ministerio conferenciou hoje demoradamente com o sr. ministro da justiça, recebendo em seguida o sr. dr. Antonio Portugal.

Vão ser promovidos a aspirantes 147 milicianos

Na proxima ordem do exercito: 62 aspirantes de infantaria, 31 da administração militar, 27 de artilharia de campanha, 18 de engenharia e 9 de cavallaria

Concluiram o curso da Escola preparatoria de officiaes milicianos 147 aspirantes, que serão promovidos a este posto na proxima «Ordem do Exercito». São 62 de infantaria, 31 de administração militar, 27 de artilharia de campanha, 18 de engenharia e 9 de cavallaria.

Infantaria

Srs.: Armando Mourão Palha, Jorge de Vasconcellos d'Avila, Antonio Cunha Santos, Horacio Antunes, Lopes Gonçalves, João Manuel Correia, José Silvestre Rodrigues, Paulo Bandeira Coelho, Mario Noronha d'Oliveira, Julio Pereira de Oliveira, Antonio Bandeira Peixoto, José Gonçalves, João Pinto da Cruz, Alberto Capellas, Manuel Silverio Gomes, João Boavida, Victor Braga, Henrique Baptista, Antonio Trigoso, Raul Bivar Weinholtz, Eduardo Guerreiro, José Baptista Pires, Joaquim das Vinhas Junior, Victorino Corvo, Francisco Araujo Ribeiro, Antonio dos Santos Peres, Mario Dias Trigo, Filippe Alistão Corte-Real, Joaquim Velez Caroço, Carlos Beltrão Seabra, Julio Cesar Carvalho, João Carrington Simões da Costa, José Augusto do Carmo, Mario Ferreira Cabral, Pedro Alves Castanheira Vianna, José Caldas Barreiro, Adolpho Leopoldo, Paschoal Pires dos Santos, Joaquim da Silva Neves, Gustavo Adolpho Gouveia, Alfredo de França Doria Nobrega, José Antonio da Silva, Almeida Saude, Torres Baptista, Luciano Vaz Pereira, Mario Oliveira Costa, João Basilio Rosa, Francisco Castro Cunha, Manuel Rodrigues Dias Junior, Francisco Soares Victor, Miguel Henrique da Silva, Francisco Gouveia, Joaquim Salvado, Bazilio Esteves, Luiz Padinha de Castro, Raul Calazans Duarte, David Netto, Pedro Cervantes, Mario Lopes do Carmo, Clemente Rodrigues, Manso Perestrello, Herculano Sousa Guimarães.

Administração militar

Srs.: Alipio Mendonça, Barreto Xardoné, Albino Alfredo Moz, Alvaro Belamio d'Almeida, Carlos de Moura, Alves Caetano, Luiz Dionisio d'Almeida, Salter Cid, Lorena Santos, Alberto Lopes, Cunha Pimentel, Alfredo Fernandes, Reis Cordeiro, Alfredo Pires, José Adriano Pequito Rebello, Accacio Silva, Santos Marcello, Joaquim José Leitão, Secundino Domingues, Esteves Cardoso, Lauro de Barros Lima, Rodrigues Cepeda, Cruz Nordeste, Soeiro Carvalho, Ferreira dos Santos, Antonio Agostinho, Antonio Falcão de Campos, Antonio dos Santos, Fernando de Oliveira, Fernandes Leitão, Sergio Serra.

Artilharia de campanha

Srs.: José da Silva Dias, Ruy Saragoça, Antonio Santos Nunes, Antonio Manuel Baptista, João de Araujo, José Vaz Freire, Herculano Queimado, Luiz Aguiar, Arthur da Silva, José da Motta Junior, Gustavo Cabral, Adolpho Burnay Mendes Leal, Henrique Ferreira de Passos, Antonio Vicente, Urbano Dantas, José Villaça, João Pita Tavora, Carlos Baptista, Antonio Correia, Jayme Figueiredo, Manuel Lacerda Almeida, Freire da Costa, Manuel Barreiros, Manuel Oliveira Miranda, Pedro Avelino Joyce, Eduardo Gonçalves, José Lopes dos Santos.

Pioneiros

Srs.: Francisco Pedroso, Lopes Fernandes, Henrique Forbes Bessa, Julio de Miranda, Henrique Figueiredo O'Donell, José de Jesus Pires, Affonso Lucas, Amaral e Albuquerque, Florencio Cannas, A. Pires de Carvalho Junior, Seguro Ferreira, Anselmo Ferreira Pinto Bastos, Luiz Trancoso Leotte do Rego, Francisco Macedo Santos, José Tavares Aragão, Arthur Meirelles Junior, Armando Estevam da Silva, Antonio Branco Cabral.

Cavallaria

Srs.: Mario Mendes, Jacinto de Moura, Oliveira Coelho, Ramiro Pereira Nunes, Emilio Augusto de Carvalho, Romeu Ajax Duro, Jorge da Silva Carvalho, Augusto José do Couto, Joaquim Fernandes.

Industria que se procura matar

A proposito da noticia que hontem démos com este titulo, recebemos uma carta do sr. F. Marques Ribeiro, que por falta de espaço e pelo adeantado da hora a que nos foi entregue só amanhã poderemos publicar.

Uma coisa entretanto podemos desde já dizer: é que a concessão a que nos referimos não foi feita exclusivamente ás duas firmas que citámos, mas ainda a outras.

Os professores das Escolas Moveis

A sua reunião d'esta noite

Justas aspirações que os srs. drs. Affonso Costa e Pedro Martins devem attender

Na Associação dos Caixeiros de Lisboa realisa-se esta noite uma reunião de professores das Escolas Moveis que tem por fim estudar os meios de obter que lhes seja dado o subsidio de ferias e de conseguir que não vá por deante o corte de 6 escudos nos vencimentos das professoras das escolas femininas. Convem accentuar que, emquanto umas professoras conservam o seu ordenado de 30 escudos, outras com eguaes obrigações apenas percebem 24.

A classe dos professores das Escolas Moveis, como já por vezes temos aqui frizado, é verdadeiramente benemerita, prestando grandes serviços e em circumstancias, para muitos d'elles, quasi heroicas... Os exames que acabam de se realisar demonstraram a proficuidade dos seus esforços e a vantagem do seu methodo e do regimen imposto pela lei que creou as Escolas.

Porque se hão de sujeitar a reducções que não melhoram a situação do thesouro os pobres professores que já viviam em apertadas condições economicas?

Porque se não cumprem escrupulosamente os contractos que o Estado firmou com esses seus modestos mas prestantissimos servidores?

Confiamos em que os srs. drs. Affonso Costa e Pedro Martins hão de procurar prover de remedio a situação critica dos professores das Escolas Moveis. Ambos professores illustres, conhecem o problema como ninguem e sabem qual o alcance da obra em que esses modestos funccionarios estão empenhados.

Cercear-lhes os meios de subsistencia é reduzir os effeitos da campanha contra o analphabetismo hoje mais necessaria do que nunca.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CASAMENTOS

—Em Colares realisou-se um casamento que constituiu um acontecimento em todo o concelho de Cintra e interessou todos os concelhos limitrophes. E' que os noivos, pertencentes a familias com excepcional importancia e influencia na região, gosam de geraes sympathias e são objecto de fanatica admiração pelas suas excellencias de bondade e carinhoso afecto para com todos. Referimonos á sr.ª D. Olimpia da Cruz e Silva e José Gomes da Silva, pertencentes á familia dos honrados e poderosos vinicultores que dirigem a celebre casa da «Viuva Gomes», de Colares. José Gomes da Silva é filho do sympathico e bondoso Ludgero Gomes da Silva, que com seu irmão Bernardino superintende na direcção da casa e no qual *A Capital* tem um dedicado amigo.

Paranympharam, por parte da noiva, seu tio, o nosso amigo Ludgero Gomes da Silva e D. Maria Luiza Thomaz, tia da noiva, por parte do noivo seu tio João Gomes da Silva, importante agricultor na região e D. Maria do Carmo da Graça e Silva, tia da noiva.

A' festa foi de muita alegria para a região, porque todos os trabalhadores e empregados da casa, que são de muitas centenas, beneficiaram durante dois dias da festa dos seus chefes, que para elles são verdadeiros protectores. A alegria dos paes dos noivos reflectiu-se nas centenas d'aquelles que com elles convivem.

Na *corbeille* dos noivos viam-se as seguintes prendas:

Maria Magdalena Pastora da Silva, um trinchante para peixe em prata; Ludgero G. da Silva Sobrinho, escova para dentes em prata; Diogo da Cunha e familia, tinteiro de crystal e prata; Carlos Pereira e familia, estojo de toilette em prata; Antonio Duarte Nunes, estojo de escriptorio em prata; Heloise Anna Serodio Santos, um alfinete de ouro; João Gomes da Silva, tio e padrinho do noivo, um annel com brilhantes; Maria Luiza Thomaz, tia e madrinha da noiva, um annel com brilhantes ao noivo; Ludgero Gomes da Silva, padrinho da noiva, brincos com brilhantes; João, Manuel e Francisca, album para retratos; João Pedro da Silveira Gomes, estojo para toilette em prata; Francisco Canuto Rocha, cigarreira em prata; José Matheus Rodrigues, garrafa de toilette em crystal e prata; empregados dos escriptorios em Almoçageme, serviço de chá do Japão; José Bernardino Silveira Gomes, serviço de chá do Japão; Rodrigo Gomes da Silva e esposa duas palmatorias em prata; Gertrudes Rosario Nunes, duas argolas em prata; Bernardino Gomes da Silva Junior, um licoreiro; Luiz dos Santos Carvalho e esposa, um serviço para doce em crystal; José dos Santos Freitas e familia, uma garrafa de toilette de crystal e prata; Miguel José Nunes, um toilette em prata; Maria Francisca d'Assumpção, uma caixa de pó de arroz e crystal; Felismina Sequeira, uma garrafa de toilette em crystal; Maria Carmo da Graça e Silva, madrinha do noivo, um licorreiro em crystal e um prato de Sevres; Joaquim de Sousa, um estojo de costura com musica; Maria Rosa Conceição Gomes da Silva, uma salva de prata; Maria Augusta Serodio, uma bengala com castão de prata; José Valerio Vicente, caneta e faca de escriptorio em prata; Valerio José Vicente e esposa, caixa para pó de arroz em crystal; Maria Luiza, uma colher para peixe em prata; da tia da noiva á noiva, um fio de ouro, um annel e brincos com brilhantes e rica mobilia de quarto; dos tios Bernardino Manuel Nunes, e João Bernardino Moscatel, garrafa de crystal para toilette e serviço de toilette; Antonio José Subtil, gravata com alfinete de ouro; Maria Bemvinda e Marcos Correia Thomaz, uma palmatoria de prata; da mãe do noivo, estojo de toilette em tartaruga; do avô do noivo á noiva, um rico cordão de oiro (grilhão); de Pedro Bernardino da Silva, um envelloppe fechado, duas almofadas bordadas a matiz e um sacco para camisas de noite; Irene Celestina Gomes, um corpete de seda; e do pae do noivo aos noivos, rica mobilia de sala, Luiz XVI.

ESTRANGEIRO

Passou no dia 2 do corrente o anniversario natalicio de S. M. a rainha Emma da Hollanda.

—O sr. dr. Lauro Muller, ministro dos negocios estrangeiros do Brazil encontra-se em Trench Lick Springs, onde está fazendo uma cura de repouso.

—Chegou a Marselha, de regresso do Egypto, o duque de Westminster.

NO CINEMA CONDES

Assistencia elegante á *matinée* de hontem: Baroneza de Paços de Sousa, D. Palmyra Lopes Tavares Lobo da Silveira (Alvito), D. Maria Gabriella Goulart de Sousa Caldas, madame Ayala e filha D. Valentina, D. Emma Segismundo Costa e filha D. Amelia, D. Margarida e D. Maria Ferreira Braga, D. Palmyra de Figueiredo Vianna, D. Clotilde Dias Costa e filhas D. Emma e D. Branca, D. Elvira Navarro e filha D. Octavia, D. Josephina Navarro de Magalhães Domingues, mademoiselles Fernandes Braga e Luciano Cordeiro, etc.

BAPTISADOS

Na Sé de Braga realisou-se o baptisado de um filhinho da sr.ª D. Amelia da Conceição Braga da Cruz e de seu marido o sr. Alberto Pereira da Cruz, servindo de padrinhos do neophito, que recebeu o nome de Manuel, o sr. dr. José Maria Braga da Cruz e sua esposa a sr.ª D. Maria Izabel Bressane Perry de Sousa Gomes.

NASCIMENTOS

Em Cascaes teve a sua «delivrance», dando á luz uma creança do sexo masculino, a sr.ª D. Virginia Vieira de Mello de Mascarenhas, esposa do sr. José Julio de Vasconcellos e Silva. Mãe e filho encontram-se bem.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram para Espinho a sr.ª Baroneza de S. Geraldo, filha e sobrinha.

—Está nas Pedras Salgadas o sr. D. Christovão d'Almeida (Reriz).

—Para as suas propriedades em Lafões partiram o sr. José Bento da Rocha e sua familia.

—Partiu para a Granja o sr. dr. Antonio Ribeiro Forbes.

—Chegaram a Lisboa os srs. Frederico Frazão e Joaquim Raymundo Magalhães.

—Partiram para Collares acompanhados de suas familias o notavel pintor sr. Velloso Salgado, e os srs. J. Reys Campos e Manuel de Magalhães.

—Com sua filha a sr.ª D. Izabel Ramos Jorge e genro o sr. dr. Ricardo Jorge, filho, regressa brevemente de Vidago, a sr.ª D. Bertha de Ortigão Ramos.

—Está em Cintra a sr.ª condessa da Guarda.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Presidencia da Republica

Esteve hoje no paço de Belem, conferenciando com o sr. presidente da Republica, o sr. dr. Brito Camacho, que já ali estivera antehontem.

Na proxima segunda feira serão expostas na livraria J. Rodrigues & C.ª, da rua do Ouro, as vinte primorosas aguarellas originaes de Alberto de Sousa, expressamente feitas para illustrarem o volume de *Sonetos* de Julio Dantas, que a mesma livraria lançou no mercado e que tem tido um exito extraordinario.

Liquidando uma velha rixa

Homem com o craneo fracturado

Haverá uns 14 mezes foi residir para Peniche o cocheiro João de Sousa, de 34 annos, filho de Joaquim de Sousa e de Helena Maria, empregando-se na cocheira de José Maria d'Oliveira, onde tambem estava como cocheiro José Francisco Candido. Durante algum tempo viveram na melhor harmonia, mas ha tempos zangaram-se sendo o Sousa despedido e indo empregar-se para casa de Thomaz do Nascimento.

O Sousa foi hontem encarregado de levar uma galera com peixe a Peniche. Na volta, e ao passar n'um sitio conhecido pelo nome de Nossa Senhora da Ajuda, estavam emboscados o José Francisco Candido e um seu irmão de nome Joaquim Candido, de cada um dos lados da estrada. Os dois sahiram-lhe ao caminho e apedrejaram-no de tal maneira que o Sousa caiu da galera. Accudindo varias pessoas, foi removido para Lisboa, dando hoje entrada no hospital de S. José com fractura do craneo, de ambos os lados. Depois da operação do trepano ingressou na enfermaria 4, em estado pouco satisfatorio.

Internado allemão que segue para Hespanha

A bordo do paquete «S. Miguel», da Empreza Insulana de Navegação, veiu hoje e foi aguardado no Caes de Santos pelo adjunto da policia do Porto de Lisboa, que o acompanhou, em trem, ao governo civil e depois á estação dos caminho de ferro do Rocio, o sr. Harling, socio da firma allemã Marcus & Harting.

Esse allemão fôra com outros internado para S. Miguel, mas como ha dias completou os 45 annos de edade, requereu para seguir para Hespanha, sendo deferido o seu pedido.

Seguiu no rapido de Madrid.

Theatros

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.
AVENIDA — A's 21,30 — As duas orphãs.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS. —Central, Chiado Terrasse, Cinema Condes e Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.
ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES —Salão Foz, Chantecler, Imperio e Polytheama.

A fita do Penetra

Chaby, incarnando o Penetra, o explicador de fitas cinematographicas que todas as noites diverte durante dez minutos os espectadores de «1916», no theatro Apollo, revelou hontem ao seu auditorio e pela primeira vez o terceiro episodio da fita «As aventuras de Dona Jorzina». Intitulava-se «O mysterio do autoclisino côr de rosa» e teve um exito só comparavel ao dos episodios anteriores. As grandes casas productoras de «films» policiaes confessam a inferioridade do seu engenho comparado ao que se manifesta nas successivas peripecias da «fita» do Apollo.

O proximo episodio, que se estreará na proxima semana intitula-se «O hypopotomo aviador».

Noticias

Entre nós

Entrou em ensaios no Apollo o quadro novo da revista «1916». Intitula-se «O bazar dos disparates» e o scenario, de completa novidade é do scenographo Luiz Salvador. O guarda roupa, todo de phantasia, é dos «ateliers» Cruz.

—Segundo consta, o emprezario Lino Ferreira cedeu na proxima epoca, a direcção artistica do Nacional a Luiz Galhardo.

—A empreza exploradora do Theatro Eden na epocha de inverno será Motta, Nascimento Limitada.

—Vicente Arnoso está trabalhando n'uma peça de costumes regionaes da Beira.

—Na proximo epocha de inverno será representada uma comedia, cujo papel principal será desempenhado pela actrisinha Judith de Castro e que se intitula «O diabrête».

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

A crise ministerial

Como se fala novamente na constituição de um governo que represente todas as correntes da opinião publica, não falta já quem indique nomes de ministros que sahem e de ministros que entram. Quando n'um café ou em qualquer outro centro de palestra se juntam meia duzia de pessoas a discutir acaloradamente já se sabe que a discussão versa sobre a provavel crise ministerial. Só hoje n'um café da Baixa, é que nós assistimos a uma palestra muito viva em que não se tratava de coisa alguma relacionada com a politica. Tinha-se travado accesa disputa porque cada um dos presentes affirmava que o seu calçado era melhor e mais bem feito que o dos outros. Afinal, verificou-se que todos tinham razão para affirmar a excellencia do seu calçado, visto que todos o tinham adquirido, e a preços baratissimos, no estabelecimento do sr. J. A. Gandeias, da rua da Palma, 290, 290-B.

A offensiva franco-ingleza

Os allemães no Somme

As ultimas operações no theatro occidental permittiram estabelecer que os allemães oppõem ás tropas franco-anglo-belgas 122 divisões, representando a grande maioria dos seus exercitos.

O anno passado, depois da campanha da Russia, os allemães, julgando o seu adversario oriental fóra de combate, collocaram-se na defensiva e retiveram 23 divisões que foram enviadas para as linhas occidentaes.

Quando, em junho ultimo, os russos renovaram a offensiva, os allemães apenas puderam enviar quatro divisões da frente occidental em auxilio dos austriacos.

Assim, a acção simultanea dos alliados impede o inimigo de transportar tropas d'uma frente para outra.

Ao mesmo tempo, o desgaste dos effectivos allemães é grave. Entre os ultimos prisioneiros encontram-se muitos homens declarados anteriormente inuteis, empregados de fabricas e em serviços auxiliares, etc.

Tambem se verificou que toda a classe de 1917 está na frente de batalha e que a de 1915 está nos depositos de rectaguarda para cobrir as baixas quando fôr necessario.

O correspondente do «Daily News» em Rotterdam communicou ao seu jornal o seguinte:

«Sob o ponto de vista da resistencia, a batalha do Somme attingiu a sua phase critica e ha motivo para crêr que, a não ser que em poucos dias venham reforços da frente oriental, não poderão augmentar o maximo de forças que se oppoem agora ás nossas tropas.

«Justamente, pouco antes da terrivel carnificina que foi para os allemães a contra-offensiva, pude comprovar a enviatura de mais de trezentos mil homens para a frente occidental; desde então não chegaram ao Occidente reforços alguns em grande escala.

«Trouxeram-se as reservas ordinarias para encher os vasios que as terriveis baixas deixaram, mas não foi possivel observar grandes movimentos de tropas.

«Os unicos de que ha noticia nos ultimos dias não procediam da Allemanha, mas apenas representavam simplesmente mudanças e transferencias ao longo da mesma frente occidental.

«Aproveitou-se um grande numero de canhões para reduzir a esmagadora superioridade da artilharia ingleza.

«Trouxeram umas setecentas baterias, só para responder aos canhões alliados em frente do Somme. Os allemães trabalham febrilmente na construcção de novas defesas na rectaguarda das linhas actuaes.»

Os allemães prohibiram a entrada dos periodicos inglezes na Allemanha, evidentemente com o proposito de que as noticias da verdadeira situação não cheguem ao povo.

O *Daily Mail* fez notar que os correspondentes inglezes ministravam pormenores demasiado exactos dos progressos feitos pelos franco-inglezes e davam excessivo testemunho das perdas inimigas.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Ler n'"A Capital,,:

na proxima secção do «Sports e Educação Physica», sensacionaes artigos sobre «records» estabelecidos no estrangeiro, como a

França vae preparar os seus soldados

varias informações sobre assumptos nacionaes de actualidade, que teem estado demorados na publicação, por ligeiro incommodo de saude do nosso redactor sportivo.

Notas do dia

O Sporting Club de Portugal visita a Amadora

Vae realisar-se mais uma festa de confraternisação inter-clubs na Amadora. Está marcada para ámanhã. Motiva-a a visita do Sporting Club de Portugal com o seu grupo de tennistas que sustentarão uma série de «matches» amistosos com os tennistas dos Recreios Desportivos, a prestimosa collectividade que constitue o fóco de intensa propaganda dos progressos da ridente villa arribaldina.

Realisados os «matchs», effectua-se um almoço de confraternisação, com caracter intimo, no pavilhão do campo de «foot-ball» dos mesmos Recreios, ao qual assistem os tenistas dos dois clubs, as respectivas direcções e alguns intimos.

A festa vae ter, seguramente, o caracter de absoluta sinceridade e vae, certamente, decorrer com alegria. E' que, com a Amadora, todos os clubs manteem as mais leaes e mais excellentes relações de camaradagem. E com a Amadora, com os irrequietos Recreios Desportivos, dirigidos por Santos Mattos e Antonio Correia, todos gostam de confraternisar.

* * *

Os «sports» athleticos do Sport Lisboa e Bemfica

Iniciam-se amanhã, no campo de Sete Rios, as provas de «sports» athleticos do poderoso Sport Lisboa e Bemfica que, beneficiando de um registo associativo de quasi mil socios, os movimenta na pratica de muitos e variados exercicios.

E' o primeiro torneio de «sports» athleticos que o Sport Lisboa e Bemfica organisa.

Nos seus socios existem magnificos athletas, alguns d'elles campeões de Portugal, como Cabeça Ramos, que conseguiu bater o «record» com 3m,15.

Pelo torneio existe um grande interesse entre os concorrentes. Todos querem ganhar com o melhor «maximo».

Os grandes records

A proeza sportiva d'um campeão portuguez de bilhar

Sr. redactor.—No dia 1 do corrente li no jornal que v. redige uma local sob o titulo e sub-titulo acima, fornecida pelo sr. Rodrigues Paulo, referente a um desafio—*ad hoc*—realisado no Salon Vigneux, entre os amadores srs. Alvaro Cardoso e Angelo dos Santos, na qual emprega a palavra *apenas*.

Ora o sr. Rodrigues Paulo pretendeu, evidentemente, enaltecer o sr. Cardoso e ser desagradavel ao segundo, o que não conseguiu porque, quem conhece ambos, sabe perfeitamente quanto são modestos e despidos de vaidades.

No emtanto dir-lhe-hei que a noticia não está completa, porque o professor Cure, nos «matchs» que realisa em Paris só joga ao quadro, emquanto que o que se realisou no Salon Vigneux foi em jogo livre, existindo assim uma differença tão grande que só pode comparar á que ha entre a noite e o dia.

Por estas linhas confessa-se agradecido *Louis Poison*, admirador do professor Cure.—Calçada da Ajuda, 24.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

No dia 13 d'este mez o Atheneu Commercial de Lisboa vae prestar homenagem a um dos nossos melhores athletas de pesos e lucta.

Com o seu nome será instituida uma «taça» disputada annualmente, por equipes de luta, entre os associados.

Os treinos para esta prova teem estado animados. E, porque todos desejam cooperar n'esta justa homenagem para mostrar ao mestre quanta admiração sentem pelo seu valor phisico e scientifico, é que os organisadores se teem visto embaraçados na constituição das «equipes» em que são encorporados luctadores de eguaes cathegorias e approximado valor.

Escoteiros de Portugal—Grupo n.º 29

Teem continuado, n'este grupo, com grande alegria e aproveitamento, as aulas de esgrima, signalagem, soccorros a feridos, etc.

Nos ultimos dias, teem-se notado que teem sido pedidas bastantes propostas, tanto de socios auxiliares como de escoteiros.

Hoje, sabbado, deverá estar o grupo todo reunido ás 23 horas, no local de concentração de todos os grupos com séde em Lisboa, que será em Campolide, de onde partirão para a Serra de Monsanto.

Como de costume o grupo foi elogiado na ultima ordem de serviço, em virtude do seu bom comportamento e trabalho.

Grupo n.º 9—De conformidade com a ordem de serviço n.º 31, hoje, sabbado, pelas 22 horas deverão todos os escoteiros comparecer na séde afim de ás 22,30 seguirem para o local de concentração geral e d'ahi para a Serra do Monsanto.

Quanto a uniforme, equipamento, alimentação e outro material, prevalecem as instrucções dadas para os exercicios anteriores.

Na séde, rua de Santa Martha, 204 Palacio Conde Redondo), continua aberta a inscripção de escoteiros nas vagas a preencher e de socios auxiliares em numero illimitado; quota mensal, 10 centavos. Sob pedido, remettem-se impressos de propaganda.

Desportos do Bemfica

A'manhã domingo, inaugura as suas excursões o grupo de pedestrianismo dos Desportos de Bemfica. O destino é Dafundo, via Serra do Monsanto.

Actualmente estão-se preparando festas varias, entre as quaes uma série de bailes semanaes, aos sabbados, n'um dos salões; uma recita para que o grupo dramatico anda ensaiando ha tempo um primoroso espectaculo; e uma grande festa de sport, que deve realisar-se no vastissimo rink de patinagem e está sendo organisada pelo professor sr. Arthur dos Santos. No programma d'esta festa, que comprehenderá numeros de esgrima, lucta, pau etc., figuram, em primeira apresentação, as classes de gymnastica applicada (adultos) e gymnastica sueca (creanças) que a direcção creou esta epocha.

Os torneios de «tennis» em Carcavellos

Tem continuado toda a semana e continuarão ámanhã domingo e hão de prolongar-se ainda pela semana que entra os encontros do torneio de «tennis», de «juniors», que no domingo ultimo se iniciaram nos courts dos Recreios de Carcavellos. Teem estado muito animados.

A inscripção para o torneio da Taça Recreios de Carcavellos fecha no dia 10.

Gymnastica em S. João do Estoril

Começou hontem no salão dos Banhos da Poça, a classe do professor Arthur Santos com grande numero de creanças dos dois sexos.

As senhoras das familias dos pequenitos gymnastas com as suas toilettes claras dão grande animação a esta classe a qual é sempre muito frequentada devido aos optimos resultados tirados pelos seus alumnos.

Gymnasio Club Portuguez

(Assembleia geral).—E' hoje, pelas 21 horas, que se realisa a assembléa geral n'este Club, para approvação de contas e eleição de corpos gerentes.

Festas associativas

ACADEMIA RECREATIVA DE LISBOA—Promovida pela commissão administrativa, ha ámanhã recita com o drama «Cruz Vermelha» e a comedia «O conquistador», seguindo-se baile.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BOLETIM DA FACULDADE DE DIREITO—Sahiu o numero 16 do 2.º anno d'este boletim da Universidade de Coimbra que traz, além de muitos outros assumptos, collaboração dos professores Caeiro da Matta e Carneiro Pacheco e do assistente Fêsas Vital.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

PEQUENAS NOTICIAS

Por se recusar a vender carvão a quem o solicitava, vendendo-o apenas a determinadas pessoas que tinha dentro do estabelecimento, foi preso Gabriel Durás, com carvoaria na rua do Sol, á Graça, 42. Foi ouvido para juizo e posto em liberdade, sendo seu fiador o chefe de policia Antonio Lopes, da esquadra do Caminho Novo. O julgamento realisa-se na proxima segunda feira.

—Foi preso Alberto Nunes Barra, morador no largo das Olarias, 60, 3.º, a pedido de José Gonçalves, residente na rua João Outeiro, 21, 1.º, que o accusa de no dia 2 do corrente o ter burlado na quantia de 50 escudos, na compra de um cordão e tres medalhas de latão que dizia serem de ouro.

Fallencia do Banco Mercantil de Lisboa

Resgate e entrega de penhores

São avisados todos os mutuarios de que o resgate e entrega dos diversos penhores por elles constituidos se faz na séde do Banco (rua Nova do Amparo, 17, 1.º) a partir do dia 7 do corrente até ao dia 3 do proximo mez de setembro, das 11 ás 15 horas, mediante a entrega da cautela, capital e juros vencidos até á data da sentença declaratoria da fallencia (6 de agosto de 1914).

Mais são avisados de que, após aquella data e em conformidade com os annuncios publicados no «Diario do Governo» de 2 e 3 do corrente, se consideram vencidos, improrogavelmente, os diversos contractos de penhores, para todos os effeitos legaes e designadamente para o da venda dos mesmos penhores.

Lisboa, 6 de agosto de 1916.

O administrador da fallencia
Alvaro de Sousa Lima

Companhias Reunidas Gaz e Electricidade

Electricidade

Estão prestes a terminar os trabalhos de uma nova installação na Central Electrica da Junqueira; o grupo é composto de 6 caldeiras inglezas de Babcock & Wilcox, a primeira das quaes já foi ensaiada em março ultimo, com um atrazo de 18 mezes, por causa da primeira remessa d'este material ter sido requisitada pelo Governo Inglez.

Essas caldeiras devem trabalhar por tiragem artificial por meio de ventiladores que foram encommendados em julho de 1914, isto é, antes da guerra, á firma Rateau da Belgica.

E' absolutamente necessario que esses ventiladores funccionem, pois, do contrario não haverá tiragem, isto é, não haverá vaporisação sufficiente nas novas caldeiras.

Ha mais de um anno as Companhias Reunidas encetaram as «démarches» diplomaticas para obter a necessaria auctorisação para embarque dos referidos ventiladores, que se achavam retidos no porto de Rotterdam.

Finalmente, seguindo as indicações que S. Ex.ª o Sr. Ministro da Belgica em Lisboa amavelmente deu, dirigiu-se um requerimento a Sua Excellencia o Ministro da Belgica em Londres, solicitando o seu alto patrocinio junto de Sir Edward Grey, que consentiu que se fizesse o embarque do material em questão.

Ha cerca de 15 dias que dois d'esses ventiladores chegaram a Lisboa, tendo-se dado immediatamente começo aos trabalhos da sua installação.

Estes contratempos obrigaram as Companhias Reunidas a continuar a exploração com as velhas caldeiras Belleville que já tinham sido condemnadas em 1914.

Caso não surja novo contratempo, uma das novas caldeiras entrará em serviço até ao dia 10 do corrente, o que removerá a principal causa das irregularidades que agora se dão.

Quanto ás machinas geradoras as Companhias Reunidas luctam com eguaes difficuldades, pois que varias turbinas teem avarias nas *ailettes*.

Como se trata de *ailettes* de bronze de um perfil especial que devem ser construidas com a maxima precisão e como a exportação d'aquelle metal está prohibida, tanto na França como na Inglaterra, novamente as Companhias Reunidas teem de invocar a protecção diplomatica para remover essas difficuldades.

Ha mais de seis mezes que se estão fazendo as diligencias para que a Compaphia Electro-Mécanique, de La Bourget (França) receba a necessaria auctorisação para construir as referidas *ailettes* e exportal-as para Portugal.

Taes são, em resumo, as enormes difficuldades, independentes da vontade d'esta Sociedade, que teem perturbado o regular fornecimento de energia electrica

a pé, das suas casas dos suburbios, atravessavam a porta da «Cidade amuralhada», faziam o seu negocio á sombra da cidadella e á noite voltavam para as suas casas jardins.

Era uma communidade pacifica e prospera, destoando apenas os canhões ottomanos da cidadella e os acampamentos na planicie, construcções solidas que se viam em algumas eminencias da Cidade Jardim e que a dominavam.

No meio dos bairros armenios, nos jardins, ficavam os edificios da missão protestante americana, composta de missionarios, medicos, professores e suas familias, que trabalhavam entre os armenios e estavam em relações amigaveis com as auctoridades.

Esses missionarios estiveram em Van durante os terriveis acontecimentos de 1915. Soffreram o sitio, cahiram victimas do typho e os sobreviventes tomaram parte na terrivel retirada.

A narrativa de um dos membros da missão, miss Grace Higley Knapp, que foi publicada nos Estados Unidos em fins do anno passado e que é uma reproducção das cartas por ella escriptas de Van ao tempo, é uma fonte de informações absolutamente digna de fé.

Em Van, como districto fronteiriço que era, a tensão era muito maior desde começo do que na Cilicia ou nas regiões mais a oeste. A provincia foi declarada em estado de sitio desde que a Allemanha declarou guerra á Russia em agosto de 1914 e quando, dois mezes depois, a Turquia interveiu na guerra, o alistamento de recrutas e a requisição de generos foram ahi feitos com o maior rigor.

Comtudo, como em outras localidades, os armenios continuaram a manter boas relações com os seus visinhos musulmanos e as auctoridades, por sua parte, a principio adoptaram uma attitude conciliadora para com os dirigentes armenios, muitos dos quaes eram membros do parlamento ottomano, consultando-os ácerca da manutenção da ordem publica e servindo-se de elles como intermediarios para tratarem com a communidade armenia.

No fim de dezembro de 1914, as forças ottomanas concentradas em Van começaram a pôr-se em movimento, pela fronteira, para a provincia persa de Azerbaijan, que estava occupada militarmente pela Russia depois das desordens que se seguiram á revolução persa de 1906.

A parte occidental de Azerbaijan compõe-se da bacia do lago Urmia, região com as mesmas caracteristicas physiographicas da bacia do Van, e a região entre o lago Urmia e a fronteira é habitada pelos nestorianos, um antigo povo christão que differe dos armenios na lingua e na doutrina, mas que teem sido sempre seus visinhos e soffrido as mesmas vicissitudes da sorte.

O districto de Urmia foi invadido pelas forças ottomanas em dois pontos. O governador de Van, cunhado de Enver Pachá, chamado Djevdet Bey, que succedera a seu pae no governo do districto, avançou sobre Salmas, na extremidade noroeste do lago, e Halil Bey, tambem pertencente á familia de Enver, desceu sobre a cidade de Urmia, que ficava mais a sul.

Os russos tinham deixado fracas forças em Azerbaijan e haviam concentrado a sua principal força no theatro decisivo das operações, a noroeste. Retiraram rapidamente, á medida que os turcos avançavam. Salmas e Urmia cahiram nas mãos do invasor, o qual, obliquando para a extremidade sul do lago, occupou momentaneamente Tabriz.

O modo como os nestorianos foram tratados pelos soldados invasores foi de mau augurio para os seus concidadãos armenios christãos de Van, no outro lado da fronteira. Muitos milhares d'elles, prevendo o que ia dar-se, tinham seguido na esteira do exercito russo que retirava, indo para Djoulfa, na fronteira russo-persa.

como se póde suppôr, jovens que pudessem constituir um perigo para o Estado. A maior parte d'esses jovens estavam nos batalhões de trabalho.

Eram os anciãos—commerciantes, sacerdotes e professores—e os armenios comprehendiam que lhes tinham tirado os seus dirigentes n'um momento de crise nacional.

Entretanto, as disposições do governo proseguiam rapida e secretamente. Os refugiados musulmanos da Europa, ou mouhadjirs, como lhes chamam em turco, que estavam havia dois annos nas orlas occidentaes do imperio, ao longo das costas do Egeu e do Mar de Marmara, eram reunidos e mandados por caminho de ferro para leste; a gendarmeria foi reforçada por homens de mau caracter e desacreditados, que primavam em manter a sua reputação, e isto não só nas fileiras baixas, mas nas altas, porque o principal dirigente da deportação em Adapazar, que foi feita com especial brutalidade, era d'essa especie.

E bandos irregulares de «chetis», em parte recrutados entre os criminosos sahidos das prisões e em parte de individuos que estavam fóra da lei, com os quaes o governo fez contracto para elles collaborarem nos seus crimes, foram levantados para auxiliar a gendarmeria na sua tarefa.

Em abril, tudo estava prompto e o primeiro comboio de exilados sahiu, no dia 8, da cidade de Zeitun.

Zeitun era uma communidade montanhosa na Cilicia, que havia valentemente conservado a sua autonomia sob o dominio ottomano desde a queda do ultimo principado armenio em 1375.

Durante as carnificinas de 1894 a 1896, Zeitun foi cercada por um exercito turco e o seu exterminio fazia parte do plano de Abd-ul-Hamil. Mas resistiu valorosamente durante seis mezes e finalmente chegou a um accordo com o governo por intervenção das potencias, continuando com o antigo foral de liberdades que a isentavam de ter guarnição turca e de fornecer um contingente ao exercito turco.

Zeitun fica n'uma posição quasi inexpugnavel entre as montanhas e, logo que ouviram falar na entrega de armas, os habitantes da cidade trataram de preparar a defeza, mas não puderam agir segundo o seu primeiro impulso.

As auctoridades ottomanas fizeram-lhes saber, por intermedio do katholicos gregoriano de Cilicia, que, se resistissem, represalias seriam tomadas nos seus concidadãos indefezos da planice, ao passo que, se acceitassem a guarnição e entregassem as armas, elles e os seus companheiros da planicie seriam deixados em paz.

E os mais antigos dos proprios habitantes de Zeitun, como os dirigentes armenios em todo o imperio, estavam resolvidos a fazer todas as concessões a fim de se conservarem em paz. A transacção foi acceite e as tropas turcas começaram a chegar.

Aos soldados foram dados bons aquartelamentos e feita uma recepção amigavel e provocação alguma conseguiu demover os dirigentes armenios da sua linha de conducta. Havia uma busca feroz de armas, em que as bastonadas eram applicadas com a maior crueldade; Haidar Pachá, governador de Marash, entrou em scena e levou uma porção de notaveis armenios sob prisão; Fakhri Pachá, com tres officiaes allemães no seu sequito, veiu de Aleppo para inspeccionar o que se passava e os mancebos de Zeitun, apesar dos seus privilegios bem claros, foram chamados ao serviço e levados para longe.

Pelo menos 25 d'esses alistados irritaram-se com o procedimento dos turcos. Desertaram e entrincheiraram-se n'um mosteiro proximo; as tropas turcas em Zeitun—que subiam já a cerca de 5.000 homens, com artilharia—atacaram essa posição, sendo repellidas com perdas, e os atacados fugiram de noite. Deu-se isto a 7 d'abril e no dia seg

Jardim Zologico

Estão tomadas as providencias para que a ingresso dos visitantes do Jardim Zoologico no recinto onde está a installação do hipopotamo se faça ámanhã com a mesma ordem com que se realisou no domingo passado e que foi muito elogiada pelo publico.

Desde o primeiro dia em que o hipopotamo foi exposto, o numero de visitantes tem sido de 10.415, apesar do excessivo calor que tem feito e de estarem ausentes de Lisboa tantas familias. As pessoas que forem amanhã ao Jardim Zoologico além das carreiras extraordinarias de electricos teem os comboios que saem da etação do Rocio para Sete Rios ás 10.33, 13.25, 15.55, 17.41, 18.56. A estação de Sete Rios fica a dois passos do Jardim.

Medicos milicianos

Determinações que se não comprehendem bem

N'uma longa carta que do Porto nos é dirigida, extratamos os seguintes periodos:

«Não sei explicar o motivo por que teem sido chamados a fazer o tirocinio medicos milicianos com edade superior a 40 annos e o não teem sido medicos que são soldados licenceados, com edade que varia entre 22 e 26 annos. Alguns dos actuaes medicos foram mobilisados, na qualidade de soldados licenceados, para a instrucção de campanha em Tancos ha uns tres mezes; mas como o decreto que permittia a esses licenceados, que fossem quintanistas de medicina, terminarem o seus cursos e em seguida apresentarem-se nas suas respectivas unidades, sucedeu serem dispensados da referida instrucção até concluirem as formaturas.

Concluidas estas, apresentaram-se nas suas unidades, alguns já nos principios de junho, mas foram mandados para suas casas. Em consequencia d'isto, dá-se o estranho caso de medicos, com edade superior a 40 annos, estarem a fazer o tirocinio, emquanto medicos que são soldados licenciados, com edade entre 22 e 26 annos, estarem nas suas terras fazendo clinica».

Termina quem nos escreve por dizer que se não comprehende bem o criterio que tem presidido a taes determinações.

Trafaria

Passeio á Costa de Caparica

Deve ser grande a affluencia ámanhã a esta praia, havendo carreiras sucessivas de «trens», «char-a-bancs» para á Costa.

O horario dos vapores d'ámanhã e o seguinte:

Partida do Caes das Columnas ás 7 horas e 0 o vinte da manhã e 5 horas e meia da tarde (com escala por Belem).

Partida da Trafaria ás 8 e 20 e 10 horas da manhã e 6 horas da tarde com escala por Belem.

Da Trafaria a Belem e vice-versa carreiras successivas d'um magnifico gazolina de grande tonelagem.

Estão pois asseguradas conducções commodas entre as duas margens.

A questão das subsistencias

A carestia do calçado

Reuniu hontem extraordinariamente a Associação Industrial de Logistas de calçado em assembléa geral, para tratar da constante e excessiva subida de preço de materia prima para o fabrico de calçado, especialmente da solla, que attingiu um preço fabuloso, dificultando a expansão da industria e embaraçando o commercio de calçado, visto que essa carestia se tornou excessiva.

Depois de larga discussão sobre varios factores a combater e o modo de agir rapido e efficaz attendendo aos elementos que a Associação possue sobre o assumpto, foi nomeada uma commissão para ponderar e representar aos poderes do Estado a conveniencia de regular por decreto o «quantum», maximo, da materia prima para a nossa industria e evitar, prohibindo o açambarcamento e a detenção de courame em cabello e curtido, causa primordial da anormal situação, que tanto flagella e prejudica a classe, o publico e o proprio Estado, que tambem é consumidor.

A falta de assucar

O sr. Eurico de Campos, administrador do concelho de Aldegallega, esteve hoje na commissão de subsistencias a requisitar assucar para o seu concelho.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

PESSOAL DOS HOSPITAES.—Em segunda convocação, deve reunir hoje, pelas 21 horas, a assembléa geral, para tratar de assumptos de alta importancia collectiva.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—Organisada por um grupo de aficionados, realisa-se n'um dos dias da proxima semana uma corrida nocturna em que tomam parte os notaveis «espadas» Gaona e Flores, com as suas quadrilhas completas de picadores e bandarilheiros. O curro é d'uma das melhores «ganaderias» de Hespanha.

SETUBAL.—E' a seguinte a distribuição da corida nocturna que amanhã se realisa: 1.º touro para Rufino Pedro da Costa; 2.º, Elias Cardoso e Jayme Dias; 3.º, Augusto Batalero e Antonio Cruz; 4.º, Constantino José; 5.., Filippe Felix e Agostinho Coelho; 6.º, Rufino da Costa e Jayme Dias (a duo); 7.º, Agostinho Coelho e Batalero; 8.º, Elias Cardoso e Filippe Felix; 9.º, Constantino José; 10.º, para todos.

No fim da corrida ha comboio epecial para Lisboa, á 1 hora.

Monte-pio Commercial e Industrial

(Associação de soccorros mutuos)

210, Rua Augusta, 214

58, Rua d'Assumpção, 64

Concurso para admissão de um avaliador

Por ter vagado o logar do avaliador da Caixa Economica d'este Monte pio, abre-se concurso, pelo prazo de trinta dias, para o preenchimento d'aquelle cargo. As condições e todos os esclarecimentos necessarios presta-os o chefe do escriptorio na séde da associação.

Lisboa, 3 de Agosto de 1916.

O secretario da direcção
Joaquim Pereira Jorge.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Pelo presente se annuncia que Antonio Marques, José Lopes, José Francisco Marques, Joaquim Francisco Marques e D. Gertrudes de Jesus Monteiro, pretendem se averbem a seu favor n'esta Companhia em propriedade ao 1.º as acções n.ºs 1.211, 1.285, 4.126 a 4.125 ao 2.º as acções n.ºs 1.621, 1.628, 4.402 a 4.404 ao 3.º as obrigações prediaes de 6 % n.ºs 185, 166 a 185, 170; ao 4.º as obrigações do mesmo typo e juro n.ºs 185, 171 a 186, 175 e a 5.ª o usufructo de todos aquelles titulos, que lhe pertenceram por disposição testamentaria de Manuel Francisco.

Todas as pessoas que se julgarem com direito a impugnar este averbamento deverão deduzil-o perante o governador da Companhia dentro do praso de 30 dias, a contar da data da publicação d'este annuncio, sob pena de não serem depois attendidas.

Lisboa, 29 de julho de 1916.

Pela Companhia
O V. Governador
(ass.) Julio Faria Machado Vieira

guinte a primeira deportação foi levada a effeito.

Os habitantes de Zeitung foram mandados para o sul; os mouhadjirs concentrados nas proximidades foram occupar o seu logar e o nome de Zeitun foi mudado para Suleimanlu. Os exilados de Zeitun foram vistos por muita gente durante o seu exodo.

Um professor suisso d'uma cidade da planicie do Cilicia viu passal-os uns após outros, em grupos. Iam em condições miseraveis—esfarrapado e famintos, porque não tinham tido tempo de preparar alimento e vestuario, e exhaustos pela sua descida das montanhas a pé. Velhos e velhas cahiam pelo caminho; havia creanças quasi núas e tremendo de frio, os gendarmes iam-nos arrastando, a população musulmana era apathica e não fazia tentativa alguma para minorar a sua sorte e os armenios locaes eram impedidos de o fazerem pela maldade das auctoridades.

Da planicie de Cilicia foram mandados pelo caminho de ferro de Bagdad para outra direcção. Metade d'elles foram mandados para o norte, atravessando o Taurus, para uma localidade desolada chamada Sultania, no centro do grande deserto central salgado da Anatolia.

Chegaram ahi ao desamparo, sem alimento, nem abrigo, e não tendo homens validos na sua companhia para prover á situação, pois muitas das familias tinham os seus membros no exercito, pelo que tinham direito a um subsidio do governo, mas este não só lhes não dava casa como lhes não dava alimento, nem vestuario, e ainda prohibia que qualquer auxilio lhes fosse enviado pela communidade armenia da provincia de Konia.

Exhaustos como estavam e transferidos com tal rudeza das suas montanhas temperadas para um clima a que não estavam habituados e doentio, morriam ás duzias cada dia.

Mais tarde, a sua situação foi um pouco melhorada devido ás reclamações feitas por um official albanez nomeado para aquelle districto, a quem revoltou o que ali encontrou, e finalmente foram de novo levados pelo caminho que já haviam percorrido, para se juntarem aos seus concidadãos nos desertos do sudeste.

Esses outros exilados, que desde principio haviam sido mandados em direcção sudeste, começaram a passar por Aleppo a 19 de abril e foram d'ahi enviados para Der-el-Zor, capital d'uma provincia no baixo curso do Euphrates, a seis dias de jornada de Aleppo.

Esse ultimo e mais terrivel estagio da jornada de Zeitun foi descripto, n'um diario d'um missionario allemão, Schwester Möhring, que, na primavera de 1915, atravessava essa estrada em direcção contraria, de Aleppo a Bagdad.

Encontrou primeiro os exilados em Der-el-Zor; a cidade estava atulhada e estavam expostos ao sol e arrastando-se baldadamente em procura d'uma pouca de sombra para os abrigar do intoleravel calor. Entre Der-el-Zor e Aleppo encontrou um comboio depois d'outro em marcha. A estrada—ou antes a vereda—corria atravez d'um planalto pedregoso, cheio de ravinas que reflectiam o calor de cada recanto.

Os exilados estavam mortos de sêde e o Euphrates, correndo a alguns kilometros de distancia á sua esquerda, estava demasiado distante para lhes matar a sêde.

Um ancião apanhou uma garrafa vazia que fôra arremessada para o meio do caminho por um dos homens da comitiva do rev. Schwester Möhring, correu a enchel-a de agua tepida e descorada e voltou com os olhos marejados de lagrimas a agradecer o presente.

Tal era o modo como os Jovens Turcos executavam o projecto do dr. Rohrbach para colonisar as proximidades do caminho de ferro de Bagdad.

Sultania era officialmente denominada «colonia agricola», mas na realidade tanto Sultania como Der-el-Zor eram vastos cemiterios, onde

aquelles que ali chegavam não tardavam a morrer. Os habitantes de Zeitun que o missionario allemão viu estavam já ha muitas semanas n'esse caminho para a morte e eram apenas a vanguarda da vasta procissão que affluiu a Der-el-Zor do norte e do noroeste durante os mezes seguintes do anno de 1915.

A deportação do Zeitun foi seguida pela das cidades e aldeias das montanhas que a cercavam, sem excepção, mas os methodos adoptados na Cilicia diferiam dos postos em pratica nas provincias do norte e do nordeste.

Nas citadas elevações Cilicianas, christãos e musulmanos viviam em relações amigaveis e as ordens dadas pelas auctoridades causaram quasi egual consternação a uns e outros. Uma senhora americana, que estava n'uma d'essas cidades, descreve como um chefe dos kurdos, que costumava ir á cidade de quando em quando para fazer compras, se irritou quando ouviu dizer que o seu melhor amigo armenio ia ser deportado e declarou que nunca mais voltaria a um logar onde tal villania era commettida.

O principal sacerdote musulmano da cidade tomou a seu cargo olhar pela propriedade e pelos interesses do dirigente protestante armenio durante a sua ausencia, porque as auctoridades mantinham sempre a ficção de que a deportação era apenas temporaria e que os exilados voltariam.

Os habitantes musulmanos de duas aldeias vizinhas desafiaram os gendarmes e não quizeram deixar seguir os seus visinhos armenios, só cedendo á força depois de os terem defendido durante tres mezes. N'esses districtos montanhosos o decreto do governo foi considerado como um inexplicavel acto de maldade, como uma ruinosa calamidade.

Nas grandes cidades da planicie Ciliciana, os fanaticos do Comité União e Progresso que estavam fazendo pressão sobre o governo para se iniciar a carnificina tinham a oppôr-se-lhes, a parte respeitavel da communidade musulmana que desejava viver com os seus concidadãos armenios em paz e harmonia.

Mas, antes de findar o mez d'abril, acontecimentos se deram na fronteira nordeste que fizeram mudar a situação e acceleraram o progresso do crime em toda a extensão do imperio ottomano.

Como já dissémos, proximo da Cilicia o principal centro de população armenia na Turquia era a provincia de Van. A propria cidade d'esse nome, que é a capital da provincia e fica perto da praia oriental do grande lago interior do mesmo nome, está cheia de recordações da historia armenia. A sua cidadella de rochedos, que se ergue abruptamente da planicie, está cheia de inscripções cuneiformes dos reis Urartu (Ararat), que reinaram ahi antes de se falar a lingua armenia e combateram com os assyrios.

Na Edade Media, Van era séde de principes armenios independentes e muralhas medievaes coroam o cume da cidadella, emquanto a «Cidade amuralhada» fica no sopé do rochedo.

A «Cidade amuralhada» — um amontoado de casas de brancas paredes olhando para as ruas e estreitas e tortuosas alamedas e bazares—é ainda o bairro commercial de Van, onde christãos e musulmanos, armenios, turcos e kurdos fazem os seus negocios; mas no decorrer do seculo decimo nono, quando o sultão Mahmud castigou os kurdos e Abd-ul-Hamid não havia ainda desfeito a obra do seu antecessor, a cidade espraiou-se para leste, na planicie aberta.

Novos bairros de moradia— alguns turcos, alguns armenios e alguns d'ambas as nacionalidades—se elevaram, ao longo das grandes estradas que sahiam da cidade, grupos dispersos de casas se levantaram em espaçosos jardins, bem regados e cheios de arvores. Era a «Cidade Jardim»—Aikesdan como os armenios lhe chamavam—e todas as manhãs os negociantes turcos e armenios de Van sahiam, a cavallo ou

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2117—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 6 de Agosto de 1916

Telephones ... Endereço teleg. CAPITAL | ... Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 2 centavos

A sessão de ámanhã

A sessão de ámanhã, no parlamento portuguez, é aguardada pelo paiz inteiro com o mais vivo e profundo interesse. Chegámos ao fim d'um longo prologo na magna questão da guerra. Esse prologo durou dois annos, e dois annos cheios de incertezas, de espectativas enervantes, de indecisões que, por vezes, iam pondo em risco o brio da nossa patria senão a propria nacionalidade portugueza.

Quando se deu a declaração de guerra, nós escrevemos n'estas mesmas columnas que, quaesquer que fossem as contingencias que ella nos reservasse, esse facto dava ao paiz uma sensação de desafogo. Para que esse desafogo seja completo, requer-se que não só se indique o futuro, que não só se defina o presente, mas ainda que se esclareça o passado.

Desde o inicio da conflagração europeia que Portugal, tanto pelos seus compromissos internacionaes como pelas suas inilludiveis sympathias, n'ella assumiu uma attitude que nenhum acontecimento, por mais grave e imprevisto, poderia essencialmente modificar. Nos primeiros dias de agosto a nossa alliada recommendava-nos que não declarassemos a neutralidade, como de resto era superior designio do nosso governo e profunda resolução nacional. A sessão de 7 de agosto de 1914 definiu bem claramente a attitude do governo, do parlamento e do povo de Portugal.

Houve quem se equivocasse sobre o caracter insophismavel da situação? Explorações politicas se serviram d'esse equivoco para a manifestação de attitudes que não se integravam no sentimento nacional? Houve oscillações na nossa politica? O desfecho que a sessão de amanhã trará a este longo periodo que tantas agitações produziu e tantos sobresaltos causou tem de significar a terminação absoluta de todos os equivocos ou mal entendidos que em virtude da questão da guerra se geraram.

Portugal nunca foi neutral, e por nunca ser neutral foram atacadas as nossas forças na Africa, correu sangue portuguez, e por fim depois de já o ter derramado sem nos declarar a guerra, a Allemanha acabou por nol-a declarar, unindo á brutalidade a perfidia.

Em guerra estamos com a Allemanha no ponto da terra em que com os seus filhos podemos romper hostilidades. E agora, como alliados da Inglaterra, a iremos combater na França, onde os inglezes se batem com os exercitos do kaiser que invadiram essa nobre terra, sua alliada no conflicto actual.

A marcha da questão da guerra, em Portugal, tem, n'estes seus topicos culminantes, o aspecto, d'uma sequencia logica. Mas tanto a deturpou o caracter dos factos que essa logica tem de ser corroborada com a verdade dos factos. O paiz tem o direito de saber como tudo se passou, como foi que os governos trataram, nas suas differentes phases da questão da guerra, e como é que se chegou, emfim, a esta situação definida, logica e irrevogavel.

Que os soldados de Portugal, marchando para os campos de batalha, não deixem atraz de si nem a sombra d'uma duvida em relação á dignidade, á lealdade da atitude do seu paiz, desde os primeiros dias da guerra. Que a nação saiba que nunca ninguem pensou, advogando a intervenção na guerra, senão em honrar o nome da Patria, e em augmentar-lhe o prestigio e assegurar o seu futuro.

Ninguem desejou a guerra. Oxalá houvesse sido possivel arredal-a, evitando á humanidade um dos mais duros flagellos que a tem pungido! Mas, desencadeada a guerra, ella envolveu quasi toda a Europa, e se alguma nação a ella se tem podido eximir, essa nação não tem sido, nem podia ser, nenhuma das ligadas por uma alliança aos paizes que, desde o inicio da conflagração, n'ella entraram com todas as suas energias e todos os seus recursos.

Tanto aos individuos como aos povos, impõe-se a coragem, a firmeza, para arcar com situações, que embora não creadas por elles, na sua frente se levantam impondo-lhe as mais graves resoluções. Portugal está n'esse caso. Não fez a guerra, mas tem de entrar na guerra, porque o seu dever a isso o leva. Entrará na guerra com o heroismo que em todas as suas luctas historicas tem demonstrado. Entrará na guerra sabendo que é para elle uma questão de vida ou de morte, e este pensamento, penetrando no amago da consciencia publica, não consente mais nenhum equivoco, não admite nenhuma deserção, não tolera nenhuma falha na comunhão nacional, que se estabeleceu,—para vencer ou morrer!

FIGURAS DA GUERRA

Sir David Beatty

Os especialistas em materia naval discutirão por muito tempo ainda as condições e os resultados, tão ricos de ensinamentos, da batalha da Jutlandia. Uma figura das mais interessantes domina esse glorioso episodio da grande guerra: é a do vice-almirante sir David Beatty, que commandava a segunda esquadra de cruzadores de batalha e ao qual o relatorio de sir John Jellicoe attribuiu em grande parte a honra do dia 31 de maio. No *Correspondant*, Milles consagra a sir David Beatty uma esplendida silhueta.

O illustre marinheiro, que se cobriu de gloria e que se revelou como um chefe do temperamento audacioso e resoluto, apenas tem 45 annos de edade. E' de origem irlandeza, filho de official; entrou na marinha como cadete aos treze annos. Tenente em 1892, teve a rara felicidade de se distinguir n'uma serie de operações difficeis, e foi notavelmente servido pelas circumstancias. Quando da campanha de 1896 contra os mahdistas, lord Kitchener pedira o concurso de algumas canhoneiras que doviam subir o Nilo e apoiar com a sua artilharia a marcha do exercito. O tenente Beatty foi nomeado immediato do commandante da flotilha e quando o seu chefe o «commander» Collevile foi ferido, assumiu o commando e exerceu-o com uma tal decisão que o mantiveram n'aquelle logar até o fim da campanha.

Beatty, com effeito, conseguiu que as suas canhoneiras transpuzessem as cataractas do Nilo e destruissem totalmente as baterias dos Derviches. Facilitou tambem a expedição de Khartum. A sua boa estrella quiz que em 1900 fosse «commander» a bordo do couraçado *Barfleur*, nos mares da China, quando rebentou a insurreição dos boxers. Tendo desembarcado com 200 marinheiros, tomou parte na defeza de Tien Tsin. Por duas vezes conduziu os seus homens ao ataque d'uma bateria chineza e ferido duas vezes não deixou por isso de se manter no seu posto. Foi por esse facto promovido a capitão e as honras succederam-se rapidamente: ajudante de campo do rei Eduardo VII, «flag officer», contra-almirante em 1910, e secretario naval do primeiro lord do almirantado em 1911.

Nas manobras de 1912, fez-se notar pelo arrojo das suas ideias tacticas, que constituiram objecto de muitas criticas vivas; pois que os especialistas affirmavam que «na guerra não se podia fazer aquillo». Ora é precisamente por esses arrojos que sir David Beatty assignalou a sua acção nas batalhas navaes de Heligoland, Dogger-Bank e Juttlandia.

A sua sorte—essa sorte que colloca sempre o vice-almirante Beatty onde elle pode affirmar o seu valor—quiz que desempenhasse o papel principal, visto ser preponderante o seu commando, nas tres batalhas navaes que asseguraram a supremacia da esquadra britannica, impedindo a esquadra allemã de romper o bloqueio.

Na batalha de 28 de agosto de 1914 em frente de Heligoland, sir David Beatty metteu resolutamente os seus cruzadores de trabalho nas aguas semeadas de minas e percorridas por submarinos e ao cabo de duas horas, tendo destruido o *Mainz*, o *Ariadna* e o *Koeln*, retirou-se com a sua esquadra sem ter perdido uma unica unidade. Quando da batalha de 24 de janeiro de 1915, no largo de Dogger-Bank, deu uma formidavel caça ás forças allemãs, que tinham quatro milhas de avanço sobre elle; mas, achando-se o almirante a bordo do *Lion*, que fôra attingido a vante e affrouxára a marcha, teve de passar para bordo do *Attack*, afim de alcançar os seus cruzadores de batalha lançados em perseguição dos navios allemães. Quando os apanhou, soube que sir Archibad Moore, que commandara durante a sua curta ausencia, dera ordem á sua esquadra de romper o fogo. Conhece-se o papel pessoal de sir David Beatty na batalha da Jutlandia, onde por uma das mais arrojadas manobras, cortou diagonalmente a testa da linha inimiga, obrigando-a a apoiar-se ao nordeste, quando a esquadra dos couraçados inglezes chegava a toda a velocidade.

Este grande marinheiro é um homem muitissimo elegante, tendo a paixão do sport e dos cavallos. Miler refere a este proposito uma anecdota que dá uma commovente nota de ternura a esse homem apparentemente rude. Sir David Beatty casou em 1901 com uma americana, miss Ethel Marshall Field. Quando está em casa, o almirante tem o costume de, findo o jantar, erguer um brinde «aos bellos olhos de lady Beatty». Quando anda embarcado, é um filhinho que o substitue n'essa homenagem o que, gravemente, cada noite, levanta o copo em honra dos bellos olhos de sua mãe...

A infancia portugueza em S. Paulo

SAO PAULO, 6.—Fundou-se n'esta cidade a Sociedade Sportiva da Infancia Portugueza.—(Americana).

A grande guerra

Um projecto contra a «lista negra»

RIO DE JANEIRO, 6.—Foi apresentado no parlamento um projecto contra a «lista negra».

Como a maioria dos deputados é contraria ao dito projecto, não houve numero sufficiente para o funccionamento da camara, nem na sexta-feira, 4, nem hontem, sabbado 5.

Provavelmente o projecto será retirado.—(*Americana*).

As relações commerciaes do Brazil com os alliados

RECIFE (PERNAMBUCO), 6.—O barão Casaforte, presidente da Associação Commercial, fez hontem, na sêde d'esta aggremiação, uma conferencia, mostrando a necessidade de se tornarem mais estreitas as vantajosas relações commerciaes do Brazil com os povos alliados, principalmente com Portugal.—(*Americana*).

Contra-torpedeiro austriaco torpedeado

PARIS, 6—Um submarino italiano torpedeou, fazendo-o ir a pique, um contra torpedeiro austriaco no alto contra torpedeiro austriaco no alto Adriatico.—(Havas).

Questões d'ensino

Quadros da Historia de Portugal

Por Chagas Franco e João Soares

Illustrações de Gameiro e Alberto de Sousa

Um humorista da Gallia definiu o francez: um sujeito condecorado, que ignora a geographia. Poderiamos definir o portuguez: um cavalheiro, que tem muita pena que se abolissem as condecorações e que ignora a historia da sua terra. Se querem ver um portuguez atrapalhado é bater-lhe no hombro, quando elle estiver no Rocio acaloradamente discutindo politica internacional, e perguntar-lhe á queima-roupa:—«Quaes foram, por sua ordem, os reis de Portugal?» Vel-o-heis no mesmo embaraço d'aquelle director do «Bois Sacré», que leva a peça inteira á busca de quem lhe saiba indicar os nomes das nove musas.

Não é porque a Historia patria se não ensine nos collegios e lyceus. Nenhum de nós chega á maioridade e possue carta de curso sem ter sido iniciado na gordura de D. Sancho II, nas pretensões de D. Antonio, Prior do Crato e nas desventuras conjugaes de D. João VI. Mas esse ensino da Historia, baseado mais do qualquer outro sobre a memoria, soffre do mal por que enfermam os ensinos d'outras sciencias: esquece com a rapidez do relampago e, desde que as obrigações da nossa vida nos não forcem a refrescar de quando em quando essa memoria, infiel como tudo quanto é feminino, esvae-se nas sombras do passado de parceria com os theoremas da mathematica, com as leis da physica, com as regras de sintaxe e com o vocabulario estrangeiro que nos propinaram nas eras felizes dos bancos das escolas.

De ha muito que, bascados no principio indiscutivel que mais difficilmente se esquece aquillo que se vê do que o que se decora, os pedagogistas estrangeiros recommendam, como subsidio do ensino das varias sciencias, os quadros expostos nas paredes das aulas, servindo de gravuras á explicação ou á exposição do mestre. Da alta vantagem d'este systema posso eu ser um exemplo. Talvez não haja vinte portuguezes, que possam, como eu explicar a historia de Joanna d'Arc nas suas doze phases principaes. Não supponham que perdi o meu tempo nas bibliothecas a profundar as aventuras da Pucella de Orléans. O caso é simples. Obsequiaram-me, quando eu era pequenino, com uma duzia de pratos de sobremesa, tendo cada um no fundo um episodio da vida da celebre heroina, desde quando guardava os seus cordeirinhos, até ao dia de ser queimada por ordem do bispo Cauchon. E tanta vez tenho comido a minha fructa sobre as desventuras da salvadora da França que podem perguntar-m'as de traz para deante. Não falho uma...

* * *

Se em muitas das nossas escolas abundam os quadros moraes—e moraes, escusado será dizêl-o—como auxiliares do estudo da geographia, da historia, da zoologia, da botanica, não havia um exemplar de iniciativa portuguez. Cabe a Chagas Franco e a João Soares, a gloria de terem tido a ideia de reduzir a historia de Portugal a oito quadros, correspondendo cada um a um cyclo da existencia nacional. Traçaram os dois professores, que são duas pessoas eruditas, o plano da obra. Dois artistas a executaram: Roque Gameiro e Alberto de Sousa. Todos sabem que Gameiro é o nosso primeiro aguarellista. Vestido de briche, na pacata Amadora, cercado dos seus filhos, que herdaram com o sangue o talento paterno, elle vae fazendo, modestamente e sem a minima pretensão uma obra que ha de ficar pelo seu caracter genuinamente portuguez, pelo primor definitivo da sua factura. Alberto de Sousa cada dia evidencia os seus meritos. E' um estudioso e um trabalhador, apaixonado pelas coisas nossas e pelos trabalhos de reconstituição historica. Com taes executores a obra de Chagas Franco e João Soares não podia deixar de ser interessante sob todos os pontos de vista. Sempre que os pintores se puderam valer de documentos exactos, a verdade da architectura, da indumentaria, da numismatica, etc., se fixou indelevelmente. Nos outros casos, a fantasia a suppriu, mas cheia de tamanha probidade e de tão grande desejo de descortinar, de adivinhar o mysterio do passado, que quasi devemos acceital-a como uma evocação documentada.

De Affonso Henriques até aos nossos dias, a historia de Portugal passa n'aquelles quadros, surprehendida nos seus mais caracteristicos aspectos. São cheias de revelações essas oito tricromias e algumas das aguarellas originaes são verdadeiras obras d'arte. «Gil Vicente na côrte de D. Manuel», de R. Gameiro, e «Fernão Vasques falando ao povo», de Alberto de Sousa, são quadrinhos deliciosos, dignos de quem os assigna e muito superiores na finura da composição ao fim a que eram destinados. Os quadros portuguezes teem sobre os estrangeiros, que conhecemos, o relevo do carinhoso acabado, a procura do detalhe, que interessarão, não só as creanças a que são destinados, mas todos os artistas que os vejam.

Não é inutil accentuar que o trabalho agora apparecido representa um arrojo em qualquer caso, mas principalmente na epoca de crise, que vamos atravessando. E' um negocio em que o editor empregou alguns pares de milhares de escudos e, sabida a relutancia que essas aventuras inspiram no nosso meio, devemos felicitar os auctores e os artistas de terem sabido inspirar aos cofres editoriaes uma sympathia tão communicativa.

Dentro d'alguns mezes as escolas de Portugal enfeitarão as suas paredes com os quadros de Chagas Franco e João Soares. E como se reune um material de ensino a uma obra d'arte, é caso para lastimarmos o estarmos das faixas infantis hoje libertos. Felizes pequenos, que, sem difficuldade, vão fixar agora a Historia Portugueza! Essa sorte não tivemos nós e, por isso, ha tantos patriotas que suppõem que D. Isabel, rainha santa, usava saia travadinha e confundem Alcacer Kibir com Alcacer do Sal.

ANDRÉ BRUN.

Instrucção Militar Preparatoria

As provas finaes da Sociedade n.º 5

No vasto campo de jogos do lyceu Pedro Nunes, á Estrella, realisaram-se esta tarde as provas finaes dos alistados da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 5, cuja séde é no regimento de infantaria 16, onde formou pelas 14 horas sob o commando do tenente coronel Malheiros, seguindo para o referido lyceu.

Nas bancadas viam-se representantes do governo e auctoridades, elemento militar e delegações de todas as Sociedades com séde em Lisboa.

Pelas 16 horas, estando o vasto campo cheios de numerosa assistencia, iniciaram-se as provas pela marcha em continencia ao som de um ordinario executado pela banda de infantaria 16 que abrilhantou a festa.

Seguidamente os alistados executaram varios exercicios na ordem unida e dispersa, todos com muita precisão e garbo militar. Realisou-se depois gymnastica sueca, esgrima de baioneta, escola de cyclistas, jogos de estafetas, exercicios de signaleiros, telegraphistas e maqueiros e de armar e de desarmar tendas.

A parte do programma que mais despertou a attenção da assistencia foi a que constava de corridas de obstaculos, saltos em comprimento, corridas de velocidade, saltos em altura, corridas de obstaculos por cyclistas e lucta de tracção, dando os rapazes alguns trambulhões que a assistencia sublinhava com gargalhadas.

No final das provas foram os instructores elogiados pela forma como os futuros soldados se portaram em todos os exercicios.

A distribuição de premios será opportunamente feita, tendo os mesmos sido offerecidos pelo ministerio da guerra, camara municipal, inspecção de infantaria da 1.ª divisão, Fraternidade Militar, direcção da Sociedade, associações, socios da 1.ª e 2.ª secções e particulares.

De manhã os alistados da 1.ª secção effectuaram uma corrida de bycicletas, sendo o percurso Cintra e Lisboa.

A festa terminou depois das 20 horas.

TERRAS DE PORTUGAL

Villa Viçosa

O antigo feudo da Casa de Bragança conserva ainda todo o seu caracter primitivo

VILLA VIÇOSA, 2. Diz a historia, e é certo, que foi aqui a côrte da serenissima Casa de Bragança. Mas o que a historia não diz e as chronicas não resam é que esta terrasinha pequenina, ligeiramente recortada n'uma colina suave, circumdada de montados de olivaes, de terras fertilissimas, conserva ainda hoje todo o seu caracter recolhido e antigo, meio anachronico e meio fradesco, como uma dama encorreada, habituada a rezas e a agua benta, que persistisse em não deixar de usar a sua amplissima saia de balão, de setim preto roçagante. Villa Viçosa surprehende pelo silencio quasi sepulchral das suas ruas desertas. Dir-se-hia que é uma terra habitada por espectros e que, pela sua casaria alva de neve, só moram sombras. A saudade deve ter feito o seu ninho de amargura na terra que foi Côrte da Serenissima Casa de Bragança. Ella transparece em todos os rostos que se encontram pelas ruas, adivinha-se nos olhares que nos espreitam do interior dos estabelecimentos e respira-se com esto ar calido que nos vae até ao fim dos pulmões, para nol-os deixar mais seccos que troncos de arvores derrubadas ha dezenas de annos.

E' domingo. O hotel em que me hospedo foi, como o de Estremoz, solar de familia abastada e fidalga. No quarto que me distribuem, ha um trenó imperio que deve ser um documento da antiga opulencia do palacete. No tecto da casa de jantar um grande brazão pintado á antiga, dá a quem chega a impressão de que, realmente, por ali viveu gente com remotos pergaminhos. Depois do almoço, saio. Muito sol. Calor suffocante. Uma grande praça em rampa. Cá em cima, uma egreja por acabar. Foi pertença dos jesuitas e serviu de capella real. Pretendo lá entrar, mas uma velha rabujenta, que me faz lembrar certas megeras que só se encontram em terras de Hespanha, apezar de estar de posse da chave, não me abre a porta. E' que não está para ir dar com os ossos na cadeia. E porque? Nem ella o sabe nem eu. Em compensação, desço um pouco e depois de me desenvencilhar d'uma chusma de garotos, que pedem esmola e querem, por força, que eu seja caixeiro viajante para me conduzirem as malas do estabelecimento, entro n'uma pequenina egreja que me fica á direita e que me deslumbra com a riqueza dos seus azulejos. E' a Misericordia. E sob a torreira do sol que me causa allucinações, na luz de incendio que queima e calcina tudo, continuo percorrendo a povoação e vou dar, sem querer, á cinta de muralhas da villa primitiva. Fica para o sul, n'um alto, dominando a villa nova e os campos em redor. Entra-se por um arco baixo e dos primeiros tempos da monarchia. Ao lado fica o «Carraceno»—uma torre acachapada com uma cupula em pyramide e com sinos nos campanarios. Havia ali um sino enorme, o maior de Portugal. O Marquez de Carracena, em 1665, fel-o em estilhas. D'ahi, o nome por que é conhecido hoje o torreão.

Penetro na «Almedina». E' o recinto da villa antiga. Logar cheio de tradições. Um grande largo, com uma grande egreja ao fundo. O adro é revestido de marmores brancos e pretos, formando ladrilhos. Entro. A egreja tem tres naves, sustentadas por columnas doricas. Parece irmã gemea da de Santa Maria, de Setubal. Talvez um pouco mais vasta, mas mais alegre, com certeza. As paredes estão revestidas de preciosissimos azulejos polichromos, que são dos melhores existentes em Portugal. Eu, pelo menos, não os vi nunca nem mais perfeitos, nem tão bem conservados. Parece que foram collocados hontem nas altas paredes que os ostentam. Marmores por toda a parte, d'esses marmores preciosissimos de Montes Claros, que por aqui se encontram até nas casas humildes dos pobres. A egreja da Conceição foi a cabeça da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, extincta com a proclamação da Republica e fundada por D. João VI em 1818. O templo vem da era de D. Fernando e foi reedificado varias vezes. Nun'Alvares tambem contribuiu para o seu esplendor. As pedras que o constituem teem tradicção, teem lenda, falam-nos do passado. A egreja da Conceição, guardadas as devidas proporções, é para Villa Viçosa o que o convento de Christo é para Thomar e o que, para Leiria, é o seu Castello. Apparece-me um sachristão tranquillo e rotundo que me serve de ciceroni. Conversamos. A egreja ameaça ruina, e, apezar de ser monumento nacional o Estado não faz caso d'ella. Não ha, sequer, com que tratar os telhados...

—Mudaram os tempos—accrescenta o pobre homem. D'antes, sim, é que não faltava dinheiro para coisa nenhuma. Faziam-se altares como aquelles, todos de marmores lavrados, que custariam hoje fortunas. Os reis não se esqueciam d'isto. No dia 8 de dezembro, era um deslumbramento. Vinha toda a officialidade de grande uniforme, assistir á festa da Padroeira. Agora, nem um só cá põe os pés. Nem admira. Outros tempos! A Ordem já não existe e o passado parece ter esquecido para sempre.

E a lamuria continua assim, n'este tom repassado de tristeza, durante largos minutos. Vejo o resto da egreja—um sacrario de pau santo, com incrustações de prata e oiro, que vale uma fortuna, e a sachristia, que tem ao centro uma meza de marmore das mais bellas que conheço. Chego a uma janella, que dá para os campos, ainda pintalgados aqui e além pelas altas medas de trigo, que as debulhadoras em poucos dias hão-de esfacelar. O horisonte é vastissimo, fechado por serranias ao fundo. O sachistão aponta-me a dedo varias povoações, semeadas pela desolação da terra resequida e nua. Quasi o não oiço, tanto me captiva a melancholia d'esta paysagem quasi carinhosa, envolta n'uma doce neblina azulada, que se adensa junto dos montes e que, no descampado longinquo, que crestou o trigo, mal sabe resistir á violencia implacavel do sol.

O sino do «Carraceno» bate compassadamente as duas horas. Saio da «Almedina». O som vivo do bronze espalha-se pelo ar como uma alleluia. Vou de corrida, dar uma vista d'olhos pela egreja dos Agostinhos. Os seus marmores são preciosos. E' uma especie de Pantheon dos duques de Bragança. Fica defronte do Palacio Real, cujas janellas, dando para o largo, se conservam hermeticamente fechadas, como se fossem respiradouros d'um sarcophago collossal, completamente isolado do exterior. Pretendo entrar no palacio mas não me deixam. A visita de estranhos ao solar dos Braganças é completamente prohibida. Assim m'o annuncia uma mulhersinha embiocada que faz de porteira e que, para não me deixar de todo descontente, me vae dizendo que lá dentro está tudo como se suas magestades e altezas fossem esperadas d'um momento para o outro...

E Villa Viçosa é isto— um burgo adormecido, mergulhado na madorra d'um passado que não volta. Deixo-a com saudades...

ADELINO MENDES

A tributação do jogo no Brazil

RIO DE JANEIRO, 6.—A imprensa commenta favoravelmente o projecto apresentado ao parlamento pelo senador Erico Coelho, sobre a tributação do jogo.

Segundo a maioria dos jornaes, o imposto indicado, relativamente grande, deve produzir uma receita consideravel para o thesouro nacional.—(Americana).

Folhetim d'A CAPITAL — 6-8-1916

Patria e Religião

A «Republica» de quinta feira transcreveu, com palavras muito desvanecedoras para os meus fracos meritos de publicista, uma parte d'um artigo que, com este titulo, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro tive ensejo de inserir recentemente. Agradeço essas palavras, e agradeço essa transcripção, mas permitta-me a *Republica* que acompanhe este agradecimento com algumas elucidações que reputo necessarias.

Não creio que fosse essa a intenção d'*A Republica*, mas afigura-se-me que só pode prestar a uma má interpretação o sub-titulo com que o illustre orgão do partido evolucionista encimou essa transcripção e as palavras que entendeu antepôr-lhe. Com effeito, que escreveu a *Republica*? Isto: «O que diz o sr. Mayer Garção, antigo redactor d'*O Mundo* e articulista d'*A Capital*, na imprensa brazileira». Quem ler este sub-titulo, não poderá suppôr que eu só na imprensa brazileira tenha manifestado, agora, e a proposito da assistencia religiosa aos soldados em campanha, a opinião de que não ha incompatibilidade entre o espirito religioso e o espirito republicano, o que admitto que alguem possa suppôr a Republica Portugueza tão intolerante, que embora mantendo o caracter neutral do Estado em materia religios, de forma alguma pretenda privar as consciencias, que o requeiram, de todo o conforto espiritual?

No grande jornal fluminense, de que me honro de ser collaborador, ou tive já occasião de exprimir ideias identicas; mas não é só perante o publico brazileiro que as tenho proclamado, com o desassombro em que, tanto no tempo da monarchia, como no tempo da Republica, tenho definido as minhas ideias, boas ou más, justas ou erradas, mas invariavelmente sinceras. Tenho-o feito perante o publico portuguez, tenho-o feito em todas as occasiões, e espero fazel-o sempre, emquanto me fôr dado manejar uma penna, ou proferir uma palavra.

* * *

Comecei a minha vida jornalistica na imprensa republicana. Fui redactor da *Marselheza*, do *Paiz*, da *Lanterna*, de que era director João Chagas; fui redactor d'*A Patria*, primeiro dirigida pelo dr. José Benevides, depois por França Borges; fui um dos fundadores do *Mundo*, o seu redactor, sob a direcção d'esse meu querido companheiro e amigo, durante mais de quatorze annos. Nunca as minhas opiniões, em materia religiosa, foram impugnadas ou mal vistas nas redacções d'esses jornaes. Livre pensador foi sempre França Borges, e elle respeitou sempre as minhas idéas, n'esse sentido, como eu respeitei sempre as d'elle. Digo isto para honra da imprensa republicana, tantas vezes accusada d'um sectarismo feroz, d'uma intolerancia brutal no ponto de vista religioso. E já no *Mundo* eu tive ensejo, n'uma longa polemica com um litterato do Porto, de affirmar o que na realidade sou: um espiritualista christão, que não abdica da sua crença na alma humana, nem encontrou ainda moral mais bella, nem mais pura, nem mais divina do que a do apostolo da Galileia. N'essa crença me conservo, como viva conservo e conservarei a minha fé na liberdade, cuja formula mais perfeita, adequada ao nosso tempo, é para mim a da Republica. Disse-o no *Mundo*, disse-o n'*A Capital*, digo-o e dil-o-hei sempre, em toda a parte e por todas as fórmas, como quem tem a noção precisa e imperiosa da sinceridade da pensamento, e entendo, como Paul-Louis Courier o entendia, que a publicidade do pensamento é não só um direito, mas um dever.

Não se julgue, pois, como da fórma por que *A Republica* apresentou o meu artigo alguem de má fé poderia inferir, que eu fallo, n'este ou n'outros assumptos, ao publico brazileiro de uma fórma differente d'aquella por que fallo ao publico portuguez. Se eu um dia tivesse a fraqueza de não communicar ao publico do meu paiz o meu pensamento ou me visse na impossibilidade de o exprimir, não o formularia perante qualquer outro publico, nem mesmo aquelle que, por afinidades de raça e elos de affecto inquebrantavel, podemos reputar irmão. Para mim não ha liberdade que não seja a da minha patria. Com ella serei cidadão, com ella serei escravo. Nunca me eximirei á sua sorte, e compartilhar das suas angustias é para mim tão nobilitante como é para mim jubiloso acompanhal-a nas suas venturas, na sua expansão livre e soberana.

* * *

A Republica não transcreveu todo o meu artigo, inserto no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, e que annuncia ter feito sensação entre a nossa colonia. Transcreveu alguns trechos. Todavia, devo declarar que o facto da transcripção não ser completa não affecta sensivelmente a significação exacta d'esse artigo. Simplesmente, um ou outro d'esses trechos ter-lhe-hiam servido para frisar de uma maneira mais inilludivel a forma como eu penso que a assistencia religiosa deve ser dispensada aos soldados em campanha. Eu referia-me aos padres que, em França, em numero de 6.000, entrando n'este numero até alguns bispos, pegaram n'uma espingarda para defender a sua patria, e que, regressando da peleja, erguem um crucifixo para o apresentar aos seus irmãos em fé, e como elles luctadores da mesma causa. E eu dizia: «Isto vê o soldado da França, crente,—e é um seu irmão de armas que lhe apresenta esse crucifixo sagrado; é elle que lhe falla, no meio das torturas da agonia, das beatitudes do céu; e elle o ampara na trincheira, que porventura o recolheu de sob as granadas. Como está longe a idéa do padre indigno, parasita e hypocrita, que do seu apostolado só fez um meio de vida farta, descançada. O que está na frente d'aquelle moribundo é o homem de fé insuspeita e candida, que attesta com os seus actos a sua intenção sublime, — é o evangelista, é o apostolo.»

O que eu penso da assistencia religiosa nos campos de batalha, e principalmente por parte de Estados que são neutros em materia religiosa, é isto. Não creio na absoluta necessidade de esses Estados violarem as suas proprias leis, quebrarem a sua neutralidade religiosa, tornando funccionarios do Estado ministros de qualquer religião. Para as consolações da fé, entre os perigos de toda a especie, entre os da perseguição, mesmo, os apostolos christãos arriscavam a vida. Nunca passou pela idéa a esses apostolos que para espalharem as bençãos divinas lhes fosse indispensavel serem reconhecidos pelo Estado, estipendiados pelo Estado, honrados e collocados n'uma situação previlegiada pelo Estado, e muito menos por um Estado que elles soubessem que não compartilhava das suas crenças.

* * *

Para acudir ao soffrimento dos seus irmãos em fé, para os animar e estimular, esses apostolos sahiam das catacumbas, onde se refugiavam de perseguições crudelissimas, affrontando os mais horriveis supplicios.

Não os detinha o terror nem a distancia; não indagavam sequer se poderiam chegar, dilacerando os pés descalços em asperas sendas, até onde a sua presença era necessaria ou requerida. Partiam, com um clarão de beatitude no olhar, e nunca a sua palavra era tão fervorosa, ungida de tanto amor e sublimidade, como quando, esquecendo-se dos seus soffrimentos, arrostando a morte e os vilipendios, podiam derramar um balsamo celeste nos corações que o reclamavam e d'elle obtinham uma pacificação dulcissima.

Se ha sacerdotes em Portugal, e eu creio que os ha em grande numero, digno do nome de apostolos, elles não podem pensar senão em soccorrer, seja como fôr, para o ponto onde haja almas que presumam em risco de se perder. Accresce que esses sacerdotes, sendo espiritos elevados, não podem deixar de ser tambem patriotas. Ministrar a assistencia religiosa aos seus irmãos é um grande dever. Não o é menos luctar pela patria, como elles luctam. Sendo os soldados da fé, nada os impede de serem os soldados da patria. Contentemente unem estes dois cultos nas suas predicas, e não ha senão motivo para os louvar por isso. Se porventura não exemplificassem com actos nobres a sinceridade das suas palavras, se todo e qualquer pensamento reservado se não reconhecesse ausente do seu intimo, o seu conso espiritual deixaria de ser efficaz, porque deixaria de ser puro, como a propria doutrina que sagra o seu ministerio.

Mayer Garção

O exercito e a armada

Officios trocados entre o sr. director da Escola de Guerra e o commandante da divisão naval

A proposito da inauguração dos cursos reduzidos da Escola de Guerra, de que damos noticia n'outro logar, foram trocados officios entre os srs. general Moraes Sarmento, director da Escola de Guerra e capitão de fragata Leotte do Rego, commandante da divisão naval, que bem demonstram o patriotico espirito que anima as duas corporações. Esses officios constam da Ordem affixada hoje na Escola de guerra e que vamos reproduzir:

Ao sr. commandante da divisão naval de defeza e instrucção:

Lisboa.—Venho, em meu proprio nome e no do pessoal superior e alumnos d'esta Escola, agradecer o officio que v. ex.ª hontem me dirigiu e no qual, em cada linha, transparece a consideração votada ao estabelecimento do meu commando, a qual muito lisonjeia todos os que n'elle exercem funcções docentes ou discentes.

Em todos os tempos se tem procurado n'esta Escola affirmar a indispensavel união entre os que votam a existencia á defeza da Patria, não fazendo distincção entre a Armada e o Exercito. Seria não só gravemente injusto, mas anti-patriotico proceder por outro modo, por que na historia das glorias nacionaes conquistadas no mar ou na terra, no continente ou nos dominios ultramarinos, jamais deixou de ser vista a Armada erguendo bem alto a bandeira da Patria e offerecendo-lhe generosamente, em holocausto, o sangue dos seus valentes marinheiros.

Na hora grave e delicada, que a Nação Portugueza está atravessando, esta doutrina será ainda mais desveladamente affirmada e propagada por quantos n'esta Escola exercemos a missão educadora, com a fé viva de que a generosa mocidade, que a escutar, lhe dará decerto acolhimento no seu espirito culto e no seu coração nobilissimo. E, para dar o exemplo n'esta patriotica cruzada, hoje mesmo dou conhecimento aos meus subordinados, em Ordem da Escola, do primoroso officio de v. ex.ª, digno de ser conhecido por elles, não somente pelo que de honroso tem para esta Escola, mas pela doutrina generosa e patriotica, que affirma.

Pelo que pessoalmente me diz respeito, posso assegurar a v. ex.ª, que esse diploma me commoveu, não só pelos motivos expostos, mas porque é convicção minha que a politica patriotica a seguir, que mais engrandecerá o paiz e affirmará a consolidação da Republica, é a de procurar, não só desfazer as rivalidades de classes, mas abrandar a intensidade das paixões, chamando todos os cidadãos a sacrificar no altar da Patria, os devaneios que tão dividida trazem a nossa sociedade.

Saude e Fraternidade.—Lisboa, 5 de agosto de 1916.

José Estevão de Moraes Sarmento, general de divisão.

O general commandante tem a maior satisfação em dar conhecimento a todos os seus subordinados da troca de correspondencia que teve com o sr. Commandante da Divisão Naval de Defeza e Instrucção, que é do theor seguinte:

«Ex.mo sr. commandante da divisão naval, n.º 1560-2-8.º-1916. A inauguração dos cursos reduzidos d'esta Escola, para assistir á qual eu já tive a honra de convidar v. ex.ª, tem uma significação patriotica e militar a que convem dar o maior relevo, para que os alumnos comprehendam que a armada tambem segue com interesse o seu aproveitamento e disciplina.

N'este sentido eu venho convidar na pessoa de v. ex.ª a digna corporação de officiaes sob as esclarecidas ordens de v. ex.ª para assistir ao referido acto, que se effectua pelas 16 horas de 6 do corrente, asseverando que muito se honrará esta Escola se a dita corporação se fizer representar por uma deputação, o que bem demonstrará que todos os defensores da patria estão perfeitamente unidos em tudo quanto representar a sua glorificação, não admittindo entre si rivalidades seja de que natureza forem. Saude e Fraternidade. Lisboa, 2 de agosto de 1916. O commandante, José Estevão de Moraes Sarmento, general da divisão g. r.

«Serviço da Republica. Ex.mo sr. N.º 3011. Divisão Naval de Defeza e Instrucção. Tenho a honra de accusar a recepção da nota de v. ex.ª, apressando-me a responder que era já meu proposito fazer-me acompanhar pelos commandantes e outros officiaes na inauguração dos cursos da Escola de Guerra que terá logar no proximo dia 6.

Tanto eu como os meus subordinados temos feito todos os esforços para que o mais estreito entendimento exista entre os differentes ramos da familia militar e de tal nos orgulhamos; tendo por anti-patriotica e criminosa a obra de todos aquelles que, sobretudo na hora grave que atravessâmos, tentam cavar sizanias e mutua desconfiança entre as corporações militares.

Por felizes nos daremos se porventura, como é de esperar, a nossa presença n'essa festa puder contribuir para que no espirito dos jovens cadetes—os officiaes de amanhã—desappareça por completo qualquer sombra de resentimento, se é que existe, pelo facto de entre 4.500 marinheiros da Armada terem apparecido um ou outro, bem poucos, que lhes faltassem ao devido respeito, por serem mal comprehendidos ou suggestionados por creaturas interessadas em cimentar discordias, precisamente no momento em que Exercito e Marinha estreitamente unidos se estão preparando para os mais duros deveres.

Saude e Fraternidade. Lisboa, 4 de agosto de 1916. Ill.mo e Ex.mo senhor general commandante da Escola de Guerra. O commandante da divisão naval, Jayme Daniel Leotte do Rego».

Sempre n'esta Escola durante a sua longa existencia, foi affirmada a indispensabilidade da mais perfeita união entre todos os que votam a existencia á defeza da Patria, não fazendo distincção entre a Armada e o Exercito. Seria não só gravemente injusto mas anti-patriotico, procedimento diverso, porque na historia das glorias nacionaes, conquistadas no mar ou na terra, no continente ou nos dominios ultramarinos, jamais deixou de ser vista a Armada, erguendo bem alto a bandeira da Patria, offerecendo-lhe generosamente, em holocausto, o sangue dos seus valentes marinheiros.

Na hora grave e delicada, que a Nação Portugueza está atravessando, esta doutrina será ainda mais desveladamente affirmada e propagada por quantos na Escola de Guerra exercem a missão educadora, com a fé viva de que a generosa mocidade que a escutar lhe dará decerto acolhimento no seu espirito culto e no seu coração nobilissimo.

Por tudo o exposto o general commandante da Escola tem a confiança plena de que o affectuoso officio assignado pelo sr. commandante da divisão naval, procedendo o transcripto merecerá o applauso de quantos o lerem e de que o corpo de alumnos, procurará em todas as circumstancias cimentar a mais completa união entre a Armada e o Exercito, demonstrando no seu procedimento a mais perfeita consideração pelos marinheiros fieis e austeros cumpridores da disciplina, e procurando chamar ao bom caminho pelos mais adequados processos de moderação e firmeza os raros que, por incuria da intelligencia ou por defeito de constituição mental, procurem aggraval-os, negando-lhes a consideração que a lei lhes assegura e promovendo assim inconscientemente o aggravamento das difficeis circumstancias presentes.

A presente ordem, depois de lida será affixada durante oito dias em logar bem accessivel do Internato.

O commandante, José Estevão de Moraes Sarmento.

Uma industria em perigo

Publicamos a seguir uma carta do sr. F. Marques Ribeiro acêrca da questão da saccaria. Respeitando muito as opiniões do sr. F. Marques Ribeiro, não respeitamos menos as nossas. Sobre os serviços do sr. Almeida Ribeiro quando ministro das colonias pensamos de modo diverso. Esses serviços, em nosso entender, foram puramente negativos, quer dizer devem antes classificar-se de desserviços... N'este mesmo assumpto dos saccos, o sr. Almeida Ribeiro mostrou quanto valeu o quanto pesa: o artigo 1.º do decreto de 20 de novembro de 1913 cantou um poema de manha saloia. Esse artigo classifica de «objectos ou mercadorias indispensaveis á preparação ou acondicionamento dos productos a exportar aquillo a que nas pautas aduaneiras se chama saccos e saccaria». Porquê. Habilidades que não comprehendemos agora. Uma observação ainda queremos fazer: entendemos que não se podem nem devem prejudicar as centenas e até milhares de operarios portuguezes que se occupam na industria da saccaria.

Segue a carta:

Sr. redactor de «A Capital».—Procurei sempre que isso me é possivel, fugir a explicações pela imprensa, não só pelo valor que dou ás columnas de um jornal, que, seguramente não foram feitas para n'ellas se discutirem assumptos de interesse particular mas tambem pelo muito apreço em que tenho o meu proprio tempo e trabalho que me não deixa vagar para divagações.

Mas o artigo que v. fez publicar hontem na primeira pagina do seu jornal, sob a epigraphe assustadora de «Como se arruina uma industria», é d'aquelles que me não permitte o animo deixar passar sem ser julgado sem o meu mais veemente protesto.

V. ex. redactor foi absolutamente ludibriado na sua boa fé.

Eu conheço a questão de que se trata e sinto-me com sufficiente capacidade technica para a discutir e apreciar.

O decreto n.º 231, de 20 de novembro [illegible] está levantando é seguramente d'aquelles que honra o ministro que o assigna.

O sr. Almeida Ribeiro quando ministro das colonias empregou o melhor do seu esforço em fomentar a Industria e Agricultura das Colonias Portuguezas.

O decreto em questão foi uma das medidas de valor tomadas n'esse sentido e não ha, julgo eu, quem, tendo estado em Africa n'estes ultimos tres annos, possa, com verdade, por isto em duvida.

A saccaria estrangeira ha muitissimos annos que era enviada para a Africa portugueza.

Todos o sabem. Mas, na ideia de alliviar os chamados generos pobres da carga enorme das despezas que faziam e quasi os impossibilitava de concorrer com os seus congeneres de origem estrangeira, conseguiu-se fazer baratear o custo elevadissimo dos fretes do caminho de ferro; diminuiram-se de 40 0/0 os fretes nos vapores da Empreza Nacional de Navegação e autorisou-se pelo tal decreto a importação temporaria e livre de direitos de todos os artigos necessarios á embalagem ou acondicionamento dos generos destinados «á exportação».

«A' exportação» note-se bem. De modo que esse decreto foi por assim dizer uma concessão do «draw-back» que os artigos que, como a saccaria de que se trata, pagavam e pagam ainda, os seus direitos de importação que são depois restituidos quando se exportam os generos para os quaes haviam sido utilisados.

Está claro que toda a saccaria estrangeira consumida, ou em uso nas colonias, que não sirva para exportar generos, não goza d'esta concessão e paga os seus direitos respectivos.

Exclusivo de concessão não houve nunca.

Não são as duas firmas referidas no seu jornal as unicas a aproveitar os beneficios d'aquelle decreto.

Muitas outras casas d'Africa e algumas d'aquellas pediram e obtiveram essas regalias. E no seu numero de hoje na secção de «Informações», o jornal o «Seculo» vem corroborar esta minha affirmativa informando que o sr. ministro das colonias actual acaba de deferir um pedido, semelhante d'uma casa, que cita, de Angola.

Já vê, sr. redactor, que, propositadamente ou de animo leve, foi v. enganado quando o informaram que o decreto referido só aproveitava ás duas casas a que alludiu.

Quanto ao perigo de que venha a ser arruinada a industria da saccaria em Portugal em virtude d'aquelle decreto, não o creio v. E' infantil tal receio.

Muito antes do decreto, já o disse e repito-o, se mandavam enormes quantidades de saccaria estrangeira para as nossas colonias, não havendo mesmo ainda, temos necessidade de continuar a pagar ao estrangeiro esse tributo, infelizmente.

Digam muito embora, os que n'isto tiverem interesses, que a fabricação da saccaria nacional é sufficiente para o consumo da metropole e das colonias que nós repetiremos o contrario. Todos os negociantes de Africa sabem que tal asserção não é effectiva.

As centenas de milhares de saccos que vamos buscar á Inglaterra ainda que n'isso nos custassem mais caros, do que os nacionaes, que não custam, não poderemos deixar de continuar a comprar porque as fabricas do nosso paiz não nol-os podem fornecer. Tudo quanto a fabricação nacional produz pouco mais chega do que para o consumo da metropole. O que vem para as colonias é uma pequena parcella d'aquillo que as colonias consomem.

Sustar pois os beneficios que trouxe para a vida colonial aquelle decreto é o mesmo que prejudicar de uma fórma fundamental e irreparavel a vida economica colonial, o que não pode ser desejado de alguem; o que nenhum ministro ha-de querer praticar e seguramente não se assignará.

Creia-me, sr. redactor seu muito admirador e obrigado.

Lisboa, 5 d'agosto de 1916.—F. Marques Ribeiro.

O ventre de Lisboa

A carne consumida durante mez findo

Durante o mez de julho ultimo foram abatidos no matadouro para abastecimento dos talhos municipaes e particulares 2:461 rezes bovinas adultas pesando em vivo 1.114:093 kilos e em limpo 534:876; 866 vitellas com o peso vivo de 81:105 e peso limpo 42:761 e 16:062 carneiros pesando em limpo 169:148 kilos.

Foram inutilisadas 28 rezes bovinas adultas pesando em vivo 11:750 kilos e em limpo 5:851; 1 vitella pesando em vivo 126 e em limpo 67 e 8 carneiros com o peso vivo de 63 kilos, motivo das inutilisações, rezes bovinas adultas por motivo de tuberculose 18, hydroemia 2, enterite e hydroemia 1, sarcosporidiose 3, lesões traumaticas 3, abcessos na cavidade abdominal e toraxica 1, vitellas tuberculosas, 1; carneiros por motivo de tuberculose 1, magreza 2 e ictericea 2 e lesão traumatica 1.

No matadouro do gado suino foram abatidos para abastecimento dos diversos salchicheiros 210 suinos pesando em vivo 19:730 kilos. Foram inutilisados 8 porcos pesando em vivo 766 e em limpo 614. Motivo das inutilisações por motivo de tuberculose 1, cysticercose 6 e ictericea 1.

Fados acompanhados á guitarra

Na duvida que a musica que mais fala ao coração do portuguez é o fado e muito especialmente quando tocada n'uma guitarra por um bello artista e cantada por uma cantora de voz doce e maviosa.

Pois ámanhã o publico frequentador do Salão Foz terá occasião de ouvir essa deliciosa musica portugueza, cantada por uma artista como é Stella Margarita e acompanhada por um tocador de guitarra como é o celebre Petroline, que todos os amadores da guitarra conhecem. E' certa, portanto, uma enchente ámanhã no Salão Foz porque não é facil assim reunir dois artistas para cantar os nossos fados.

Carmen Vicenta a couplelista e bailarina hespanhola, não deixará de continuar a obter o successo de todas as noites, porque tanto como couplelista como bailarina em conjuncto com o seu irmão, é admiravel.

Os Herminios, são dos acrobatas portuguezes os mais correctos e limpos no seu trabalho que além de difficil é feito com facilidade.

Nos espectaculos de hoje á noite já se sabe que se apresentam estes mesmos artistas e são certas duas enchentes.

Na Trafaria

Por iniciativa do sr. major Sant'Anna de Miranda inaugurou-se, na Trafaria, n'uma dependencia do quartel do 2.º grupo do 1.º batalhão de artilharia da Costa, de que é commandante, um cinematographo em que se demonstrou habilissimo operador o sr. alferes Ferrão.

Projectaram-se fitas de caracter militar assistindo muitos soldados d'aquelle grupo, os quaes terão n'um cinema um excellente meio de educação. A' sessão inaugural assistiram muitos veraneantes que não regatearam ao sr. major Miranda e alferes Ferrão os applausos que a sua louvavel iniciativa merece. Nos intervallos a banda militar do grupo executou peças musicaes entre ellas os hymnos das nações alliadas, que a assistencia ovacionou.

O cinematographo passa a funccionar sob a direcção do Nucleo da Fraternidade Militar que n'aquelle grupo existe. Segundo nos informam, é a primeira tentativa educativa d'este genero que se realisa em estabelecimentos militares.

Associação do Registo Civil

Passando hoje o 21.º anniversario da Associação do Registo Civil, cuja séde é no largo do Intendente, 45, 1.º, realisaram-se grandes festejos que foram muito concorridos. A séde, cuja fachada estava embandeirada com as bandeiras das nações alliadas e a da associação, esteve patente ao publico, sendo muitos os visitantes que ali estiveram. Durante o dia receberam-se telegrammas, cartas e officios de varios pontos do paiz e de Lisboa, assim como tambem de algumas collectividades, felicitando a associação pela sua vasta propaganda. De tarde houve concerto musical pelas bandas da Republica 24 de Agosto e dos Calceteiros Municipaes, sendo ambas muito applaudidas pela assistencia. A's 21,30 horas realisa-se a sessão solemne para a qual foram convidados diversos oradores. A sessão será abrilhantada pela tuna do grupo musical da associação, sob a regencia do sr. Oliveira Paredes.

PEQUENAS NOTICIAS

A pedido de João Maria de Abreu, morador na rua da Magdalena, 197, foi preso Constantino dos Santos, residente na rua de Entremuros do Mirante, 18, loja, que é accusado de ter recebido uma nota de 50 escudos para ir trocar o que não fez, ausentando-se. No acto da captura foram-lhe apprehendidos 33$92.

—Queixou-se Maria Emilia da Conceição Roma, residente no Campo de Santa Clara, 52, 2.º, de que os gatunos entraram na sua residencia e furtaram a quantia de 72 escudos.

—Foram presos e enviados para juizo Albertina Augusta Marques e Francisco José Marques, moradores no Caminho de Baixo da Penha, 41, por instigarem o menor de 12 annos Joaquim Nunes Pereira, filho de Bernardo Pereira, residente na mesma rua, 39, a roubar a seu pae por varias vezes a quantia de 500 escudos, o que fez, alegando os presos a quem os interrogava que lhes sahira a sorte grande.

—Foi preso Antonio Ferreira da Silva, morador no largo da Saude, 30, 4.º, por ter furtado a quantia de 50$26, uma ventoinha electrica, um fato completo e outros objectos, tudo no valor de 85$26.

—Na enfermaria 3 do hospital do Desterro falleceu Antonio Serra Junior, por ter cahido de uma motocyclete e Izabel Maria da Conceição que ha dias cahiu da janella da sua residencia.

—O machinista dos caminhos de ferro Luiz Ramos, morador na rua de Campolide, 62, rez-do-chão, na occasião em que seguia sobre a machina de um comboio ao passar em Chellas bateu com a cabeça n'um arco de pedra. Como o ferimento fosse bastante grave veiu para Lisboa e deu entrada no hospital de S. José, onde ficou em tratamento.

ULTIMAS NOTICIAS

Os barcos allemães

O "Alemtejo", prompto a navegar

As experiencias hoje realisadas decorrem muito bem—Affirmações patrioticas

Pelas 10,15, o vapor *Alemtejo* (ex-*Vhermarch*) começa a affastar-se lentamente da muralha do Posto de Desinfecção, á qual tem estado amarrado, para receber as indispensaveis reparações. A bordo ha a anciedade propria do momento. Serão as experiencias coroadas de exito, ou, apezar da pericia e habilidade do pessoal portuguez que fez essas reparações nada se conseguirá?

Decorrem minutos em que, quer os que estão a bordo, quer os que no caes do Posto acompanham os movimentos do navio, sentem uma commoção indizivel.

Depois, o *Alemtejo* affasta-se mais e mais e já um pouco distante da terra, pára, a fim de, por um requinte de amabilidade, que agradecemos, mandar um bote buscar o representante de *A Capital*.

Entramos a bordo. Os rostos estão sorridentes. Todos os que cooperaram para dar um desmentido solemne ás affirmativas dos allemães e ás suas esperanças de que tornariam innavegaveis os barcos requisitados se desvaneceram como fumo. O *Alemtejo* navega e continuará a navegar para prestar a Portugal e aos alliados serviços inapreciaveis.

E' seu commandante o capitão de marinha mercante sr. José Ferreira Aguas, o brioso official que, não ha muito, incumbido de ir ao Fayal buscar a barca allemã *Max*, hoje *Flôres*, tambem julgada innavegavel, com o pessoal, aliaz reduzido, que o acompanhava, trabalhou e tão bem que, apoz os primeiros e mais indispensaveis concertos, a trouxe em 6 dias a Lisboa, o que pode ser considerado como verdadeiro *tour de force*.

Mas a bordo espera-nos o engenheiro da casa que procedeu ás reparações, o sr. Alvaro de Sousa, um moço de 25 annos, tão sympathico quanto cheio de talento, que foi quem fez os calculos e os diagrammas de todas as reparações necessarias, no que foi coadjuvado habil e brilhantemente pelo seu collega sr. João José Diniz, assim como pelo pessoal da antiga casa Bachelay, hoje propriedade do sr. F. S. Sampaio Pombinha, um industrial emprehendedor e de rara actividade que está transformando por completo a sua casa, pois que, trabalhando ella até ha pouco principalmente no ramo agricola, vae consagrar-se á construcções e reparações mechanicas, augmentando para isso as suas installações e montando novas officinas, tudo movido a electricidade.

E Alvaro de Sousa dá-nos, embora por alto, as explicações indispensaveis. Foi necessario fabricar a valvula média e a valvula de alta pressão, peças essenciaes para o funccionamento da machina, além de ter de se proceder a reparações auxiliares. Para se conseguir executar trabalho tão difficil, todos, absolutamente todos concorreram: o seu collega sr. João José Diniz, de quem Alvaro de Sousa faz um caloroso elogio, o pessoal da secção technica, de que é chefe o sr. Neves Carvalho, os desenhadores da fabrica, havendo a mencionar o sr. José Raul Craveiro, que desenhou os moldes, e os operarios da casa Bachelay, que demonstraram mais uma vez a sua pericia e o seu patriotismo.

O *Alemtejo* de novo se pôz em movimento, seguindo Tejo abaixo até ás alturas do Bom Successo, a principio lentamente, depois accelerando a marcha e, dando uma curva graciosissima, volta rio acima. Na ponte do commandante, agora, ouvimos o nosso amigo e distincto capitão da marinha mercante João Baptista Horta, um dos incançaveis membros da commissão de transportes, que exalça o trabalho do capitão de fragata Pinto Bastos, presidente da commissão, que nos diz do amor patriotico de todos os que teem pugnado por que os navios requisitados estejam em breve promptos e que nos affirma que assim succederá antes do fim do mez.

São 72 ao todo os navios requisitados, o que constitue uma bella frota mercante.

Faz-nos ainda notar a circumstancia de que onde antigamente não amarrava um unico navio, no sitio denominado a *enclusa*, estão hoje amarrados nada menos de 13, merce da vontade de poder da commissão—vontade que afinal triumpha de todos os obstaculos.

O *Alemtejo* parou n'esse momento, ao largo, em frente do caes da Alfandega. O proprietario da casa Bechelay, o sr. Pombinha, offerece um almoço aos seus convidados, entre os quais algumas senhoras, aos membros da commissão de transportes que foram assistir ás experiencias, srs. 1.ºs tenentes Madeira e Santos Silva, Capitão Horta, Fernando Celestino Soares e Correia Mendes e aos representantes superiores do seu pessoal.

O almoço decorre no meio da maior animação e ao *Champagne* as taças erguem-se, cabendo o primeiro logar—o de honra—ao engenheiro que delineou as separações, o sr. Alvaro de Sousa, e ao sr. Pombinha, o industrial que soube cercar-se de tão bons elementos para executal-as, o que não só honra a industria portugueza, mas ainda a Patria, porque é um serviço eminentemente patriotico o que assim se fez.

Muitos outros brindes se erguem, entre os quaes um á imprensa e em especial á *Capital* e ao seu director, não podendo, porém, nós deixar de mencionar os dos srs. 1.º tenente Madeira, que fez vibrar a nota patriotica, affirmando que a marinha de guerra portugueza e a marinha mercante estão unidas n'este momento para um só fim—honrar o nome portuguez.

Fechou a serie de brindes o sr. capitão Horta brindando porque em breve seja uma realidade a aspiração de ha tanto tempo da marinha mercante—a navegação para o Brazil—e pedindo que a imprensa ponha toda a sua boa vontade ao serviço da causa tão justa.

A destacar ainda, um brinde do 1.º machinista do vapor *Porto*, em que, em palavras repassadas do mais puro patriotismo, pôz em relevo a união de todas as classes da marinha mercante.

E os representantes d'essa marinha e da de guerra abraçaram-se commovidamente, sellando assim o pacto de trabalharem sempre pela gloria da Patria portugueza.

O *Alemtejo* voltou a singrar Tejo abaixo e nós, com pezar, tivemos de vir á pressa rabiscar estas linhas.

A casa Bechelay está tambem procedendo ás reparações do *Aveiro* e do *Barreiro*, que em breve estarão concluidas.

O serviço do almoço fornecido pela casa Benard foi magnifico.

A NOSSA PREPARAÇÃO MILITAR

A cerimonia de hoje na Escola de Guerra

Seiscentos alumnos prestam juramento de defender a Patria, a Republica e a constituição

Teve uma eloquente significação se revestiu-se de um raro brilho a festa que se realisou esta tarde na Escola de Guerra para abertura dos cursos reduzidos e distribuição de premios aos alumnos mais classificados. Eram trez horas e meia da tarde quando para a rua Gomes Freire, por onde era feito o ingresso, começou a convergir a grande multidão de convidados, na qual avultavam os officiaes do exercito e da armada que trajavam os seus uniformes reluzentes. A' entrada as pessoas que vão chegando são gentilmente recebidas por alumnos da Escola que as acompanham até á magnifica sala do gymnasio, onde se vae effectuar a sessão. Ainda não são quatro horas e as galerias encontram-se já totalmente apinhadas de senhoras, cujas *toilettes* frescas e garridas bastam para engalanar o recinto.

Lá em baixo tomam logar os alumnos da Escola de Guerra que vestem uniforme de cotim. A' chegada do chefe do Estado, a banda executa *A Portugueza*, encaminhando-se logo o sr. dr. Bernardino Machado, acompanhado de todos os ministros, commandante da Escola de Guerra, general Moraes Sarmento, commandantes da divisão naval, da divisão militar e da Guarda Republicana para os logares de honra que lhes estão destinados para assistir á festa.

A sala-gymnasio, embora espaçosa, está agora completamente cheia de assistentes. Ao fundo, estão o chefe do Estado e todo o ministerio. Ao lado direito do estrado, onde está a mesa presidencial, vêem-se os srs. Leotte do Rego, general Pereira de Eça e general Correia Barreto que se faz acompanhar do seu ajudante de campo, tenente Guerra Quaresma.

Nas primeiras filas da frente estão quarenta e dois officiaes da armada e numerosos officiaes do exercito de todas as armas. O sr. general Moraes Sarmento toma logar em uma pequena mesa, ao lado esquerdo do estrado presidencial, e, no meio de um silencio attento e commovido, lê um discurso cheio de erudição, profundamente patriotico e allusivo ao grande momento historico que estamos atravessando.

Não nos permitte o tempo de que dispomos para alinhavar as nossas notas, seguir todos os altos conceitos da magnifica oração proferida pelo illustre commandante da Escola de Guerra.

Basta dizer que ella foi uma das mais eloquentes justificações da guerra, que porventura se teem feito, se bem que o orador não tivesse effectuado a «propaganda da guerra pela guerra, como teve o cuidado de o frisar.

O sr. general Moraes Sarmento, com profundo saber, analysa as circumstancias de raças e de nacionalidades, de culturas que gravitem em volta do actual movimento que a Historia escreve, e as suas conclusões são a apologia da guerra em que os alliados defendem os principios da razão, da liberdade, do direito. O distincto official termina por lembrar as tradições d'aquella Escola e de incitar os nossos officiaes que d'ali vão sahir, a mantel-as e a honral-as.

O sr. general Moraes Sarmento é vivamente ovacionado.

Em seguida, a guarda de honra feita pelos officiaes professores da Escola, forma em frente da mesa da presidencia. Um dos alumnos empunha a bandeira da Republica, confeccionada em precioso setim e onde se lê aquelle tão decorado verso dos *Lusiadas*:—*esta é a ditosa Patria, minha amada...*

Faz-se um novo silencio profundo, emocionante. E' o espirito de recolhimento preparado para o que se vae ouvir.

O sr. Norton de Mattos ergue-se da cadeira de espaldar e o seu discurso, pronunciado compassadamente mas impregnado de emoção, empolga completamente a assistencia. Todos comprehendem que essas palavras são o introito das declarações cheias de gravidade que o congresso de ámanhã nos ha de trazer...

O snr. ministro da guerra refere-se ao grave momento em que estamos e que exige dedicações, responsabilidades, sacrificios de todos os bons patriotas. A preparação para a guerra apresentou logo de principio uma grande difficuldade—a falta de officiais. Essa difficuldade desapparecerá, dadas as qualidades brilhantes que possue o espirito portuguez. Em outro tempo, quando se aventurava uma caravela em mares desconhecidos apparecia sempre um homem de envergadura forte que lhe orientava os destinos e lhe assegurava a gloria.

Tambem agora não hão de faltar vontades de ferro, qualidades de mando, de ordem, de disciplinação que levem o exercito portuguez á victoria. Vae fazer-se a rectificação do juramento da bandeira. Vae-se jurar lealdade á Patria, á Republica, á Constituição.

E' preciso que esse pensamento articulado claramente pela boca seja repetido pela alma de cada um dos que ali se encontram e nunca seja desmentido em qualquer acto.

Uma salva de palma acolhe as palavras do sr. Norton de Mattos.

Em seguida o sr. Moraes Sarmento convidou a assistencia a passar á parada da Escola, onde formam todos os alumnos, n'um conjuncto cheio de garbo e de brilhantismo.

O chefe do Estado e os ministros assistem de um pavilhão que a bandeira nacional domina, á cerimonia do juramento da bandeira, realisando-se por fim, a visita ás dependencias da Escola que deixou a melhor impressão a todos os assistentes.

Foram distribuidos os seguintes premios:

Pedro Caetano Maria de Portugal, premio pecuniario de 60$00; Virgilio Cesar Antunes de Lemos, 1.º premio honorifico; Antonio Maria Neves de Carvalho, 2.º premio honorifico; Carlos Wenceslau Frazão Sardinha, 3.º premio honorifico; Mario da Costa França, 4.º premio honorifico; Eugenio Sanches da Gama, 5.º premio honorifico; Victor Hugo Duarte de Lemos, premio pecuniario de 60$00; Alexandre Gomes Correia Leal, 1.º premio honorifico; Herculano Amorim Ferreira, 5.º premio honorifico; Antão de Almeida Sarrett premio pecuniario de 60$00; Fernando Pimenta de Castro Villas Bôas Castello Branco, premio honorifico.

«Premios de tiro»:—Manuel Pereira de Bastos Valente, 1.º premio offerecido pela Escola; Ernesto Nogueira Postana, 2.º premio offerecido pelo ministerio da guerra; Carlos Alberto Corte Real, 3.º premio offerecido pela cooperativa dos alumnos; Raul Pereira, 4.º premio offerecido pelo ministerio da guerra; Affonso Alves de Araujo, 5.º premio offerecido pelo ministerio da guerra.

O sr. commandante da Escola pôz á disposição do sr. commandante da divisão naval o sr. capitão de engenharia Rego Chaves.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Scena trivial

Este homem que me vem pedir esmola,
Muito bem conheci, galhardamente
Vibrando o pingalim no dorso ardente
Dos seus nedios frisões. Fez alta escola.

Quando o fulvo ginete encaracola
E assesta o seu monoculo insolente
Nas timidas donzelas, cuida a gente
Que João Tenorio a virgindade assola!

Que descalabro é esse em que se liga
Este esqualido velho que mendiga
Ao dandy esvelto e triumphal que eu vi?!

Inquiro o desabar em tal miseria...
Responde: «Essa pergunta será séria?
«Fui rico, hoje sou pobre...»
Ah! percebi...

Camillo Castello Branco.

CASAMENTOS

Realisou-se hontem, na parochial egreja da Estrella, o casamento da sr. D. Elvira de Castro Constancio, gentil e interessante filha da sr.ª D. Palmira Coelho de Campos Constancio e do fallecido sr. Pedro de Castro Constancio, com o illustre capitão de cavallaria sr. D. Fernando Pereira Coutinho (Soydos), filho da sr.ª D. Maria Izabel Pereira Coutinho (Soydos) e do sr. D. Antonio Xavier Pereira Coutinho (Soydos).

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Palmira Coelho de Campos Constancio, mãe da noiva, e D. Maria da Madre de Deus Figueira Freire de Castro Constancio, cunhada da noiva, e de padrinhos os srs. D. Antonio Xavier Coutinho (Soydos), pae do noivo, e D. Manuel Faco Vianna, primo do noivo.

Foi celebrante o rev. prior dr. Domingos Nogueira, que, no fim da cerimonia, fez uma brilhante allocução.

Sua santidade o papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na elegante residencia da mãe da noiva um primoroso «lunch», fornecido pelo «Rendez-vous de Gourmets».

Assistencia:

Baroneza de Rezende, D. Maria Izabel Pereira Coutinho, D. Laura Ferreira Pinto Figueira Freire da Camara e filhas D. Beatriz e D. Laura, D. Helena Maria de Pereira Coutinho, D. Palmira Folque de Oliveira Feijão, D. Maria da Luz de Azevedo Coutinho, D. Maria da Madre de Deus de Azevedo, D. Izabel Maria Adrião de Sequeira, D. Maria da Madre de Deus Figueira Freire de Castro Constancio, D. Rita de Sommer Pereira, D. Palmira de Azevedo Coelho de Campos, D. Maria de Castro Constancio, D. Maria Emilia de Moraes Pinto Malheiro e filha D. Maria da Luz, D. Palmira de Mello de Azevedo Coelho de Campos, etc.

E os srs.:

D. Antonio Xavier Pereira Coutinho, dr. Oliveira Feijão, coronel Cunha Vianna, Theodoro Ferreira Pinto Basto, major Jorge Arthur de Almeida, Luiz de Sequeira, Antonio de Azevedo Coutinho, dr. João Barral, Pedro de Azevedo Coutinho, dr. Manuel Faco Vianna, João Viveiros Pereira, Manuel Holbeche Correia de Freitas, D. Miguel e D. Luiz Pereira Coutinho, Antonio Xavier da Gama Pereira Coutinho, dr. Affonso de Mello, capitão Augusto Moniz da Costa Veiga, José de Rezende, Francisco Pereira Coutinho, José de Castro Constancio, Antonio, Antonio de Mello Campelo, Jorge Olimpio de Sequeira, etc.

Os noivos seguiram para a sua quinta da Ribeiro, concelho de Cascaes, aonde foram passar a sua lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Realisou-se hontem, na parochial egreja de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Elisa da Camara Leme, interessantissima filha da sr.ª D. Adelaide de Almeida da Camara Leme e do sr. D. José da Camara Leme, com o distincto engenheiro dos caminhos de ferro sr. D. Rodrigo de Serpa Pimentel, filho mais novo da sr.ª D. Maria Anna de Sousa Coutinho de Serpa e do sr. D. Fernando de Serpa Pimentel.

Serviram de madrinhas da noiva sua mãe e sua tia a sr.ª D. Palmira Azevedo da Camara Leme, e de padrinhos do noivo seu tio o sr. marquez de Gouveia e seu irmão o capitão de cavallaria sr. D. José de Serpa Pimentel.

Foi celebrante o rev. Eduardo Quintão, que no fim da missa fez aos noivos uma brilhante pratica.

Durante a cerimonia religiosa um sextetto executou varios trechos de musica.

Sua santidade o papa Benedicto XV enviou aos noivos a sua benção.

Findo o acto religioso, dirigiram-se os convidados para a elegante residencia da tia da noiva, sr.ª D. Palmyra de Azevedo da Camara Leme, onde foi servido um finissimo lanche.

Assistencia:

Condessa de Linhares e filha D. Maria, condessa de Mendia, D. Justina Fialho de Sousa Coutinho, D. Marianna de Serpa Pimentel e filha D. Maria, D. Izabel O'Nneill, D. Thereza Aranha de Serpa Pimentel, D. Julia de Serpa O'Neil e filha D. Maria, D. Anna de Serpa Osorio, D. Catharina de Sousa Coutinho (Linhares), D. Adelaide de Almeida da Camara Leme e filha D. Maria Amalia, D. Anna de Sousa Coutinho, D. Henriqueta da Camara Leme de Mesquita, D. Palmira de Azevedo da Camara e filhas, D. Leonor e D. Maria Adelaide, D. Izabel Judice Fialho, D. Julia de Serpa Pimentel, D. Violante, D. Carlota Carvalhal da França, etc.

E os srs.:

Marquez de Gouveia, conde de Mendia, Jorge O'Neill, Eduardo de Serpa Pimentel, Hugo O'Neil, Alfredo Infante Pessanha, D. Fernando de Serpa, D. Vasco de Serpa, Julio de Mesquita, D. José de Serpa, Alvaro Soares França, Fernando Eduardo de Serpa, Alvaro e Fernando da Fonseca, Raul e Jorge Gayo, Raul e João d'Almeida da Camara Leme, José de Serpa O'Neill, etc.

Os noivos partiram para o Estoril, aonde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Pelo sr. Manuel de Jesus Belmarço foi pedida em casamento para seu filho o sr. Hugo Belmarço, a senhora D. Maria José de Barros Rodrigues Pinto da Costa gentil e interessante filha dos srs. viscondes de Alvellos.

NOS DESPORTOS DE BEMFICA

Realisou-se hontem, no salão nobre dos «Desportos» de Bemfica, o primeiro baile, organisado por um grupo de socios.

Durante a noite dançou-se animadamente e com verdadeiro «entrain» até de madrugada, deixando esta festa as mais gratas recordações em todos que a ella assistiram.

Ao acaso lembra-nos ter visto as senhoras:

D. Sophia e D. Alice Kol, D. Esther, D. Maria, D. Julia e D. Luiza de Sousa, D. Irene, D. Clotilde e D. Gabriella Montalvão, D. Maria Paciona Pastora, D. Beatriz Cardoso Prim Alves da Silva, D. Maria da Luz Pina, D. Ignez Martins da Pastora, D. Judith e D. Raquel Freire, D. Maria Helena Doria Munnier, D. Maria Izabel Passo, madame Doria Munnier, madame Passo, madame Maria e filha madame Valladas, D. Esther e D. Branca Galvão, D. Anna de Vasconcellos, D. Graciella Raimundo D. Emilia Gunffoi, D. Maria da Conceição Ferreira, etc.

E os srs.:

Antonio Pinheiro, Antonio José Dantas, José Maria da Pastora, Silvestro Alves da Silva, José Amaral, Rogerio Futcher, Guilherme Rodrigues, Frederico Peepêomeau, Casimiro Freire major Mendes do Passo alferes Aguas, Henrique Peysonneau, Nunes Jorge de Figueiredo, major João Kol, Victor Rodrigues, Francisco Passos Leon Mennier, Luiz Caldas, José Reis e Sousa, Fernando Mantua, Manuel Marques Salgado, Frenckel Canedo, Antonio Maia, Severino Freire, Belmiro de Vasconcellos, João Trigueiros, etc.

RECITAS ELEGANTES

Amanhã realisase no elegante theatro Republica a terceira recita da moda, dedicada á nossa sociedade elegante com a fina revista-fantasia «Castellos no Ar», que agora foi ampliada com quatro numeros novos, de grande effeito.

Os fados do quadro «A encruzilhada dos moinhos» continua sendo um dos numeros de maior exito sobre tudo o cantado pela novel e gentil discipula Jalzira de Sousa que todas as noites repete tres vezes o fado da Alegria.

A noite de amanhã no Republica será decerto elegantissima.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as senhoras: D. Felismina Aires de Gouveia, D. Maria Izabel de Vasconcellos, D. Helena Angelica de Mendonça Cerqueira Faro de Castro Balsemão Braga.

E os srs.:

Marquez de Vagos, Alfredo Dias de Castro Pereira, Francisco Alberto de Moraes Sarmento Osorio de Vasconcellos, Joaquim Lucio d'Arbués Moreira.

PARTIDAS E CHEGADAS

Para uso de aguas seguiu hontem para o Bussaco e Pedras Salgadas a sr.ª D. Maria A. Freitas Rosa, aguardando-a seus filhos e nora, no Palacete Hotel do Bussaco, onde se demoram alguns dias e regressando á sua casa de Cascaes em outubro.

—Partiu hoje para o Luso com sua esposa a sr.ª D. Maria Christina Reis Froes Pinto da Silva, e o sr. Alfredo Pinto da Silva, nosso collega de redacção.

—Partiu com sua esposa a sr.ª D. Maria de Almeida da Motta Marques, para Alemquer onde se demorará alguns dias o nosso collega na imprensa sr. Carlos Pimentel da Motta Marques.

—Partiu para Moledo, a sr.ª D. Maria Victoria Horta Macedo França (Alte).

—Partiu para Santarem, d'onde segue para Pernes, a sr.ª D. Maria Vicencia Lama Rosa, acompanhada de suas gentis netas, D. Maria Julia e D. Maria Rosalina Rosa Garção.

—Regressou da sua viagem ao norte do paiz e partiu hontem para o estrangeiro o tenente coronel sr. Francisco Christovão de Salles Lisboa, acompanhado de sua esposa D. Deolinda de Salles Lisboa, que tencionam visitar Hespanha, França, Italia e Suissa.

LUTUOSA

Falleceu hoje o coronel sr. João Mello Pereira de Vasconcellos, antigo promotor do Supremo Conselho de Justiça Militar e que tambem exerceu o cargo de inspector das escolas primarias de Lisboa. Deixa viuva a sr.ª D. Anna Judice de Vasconcellos e era pae do sr. João Judice de Vasconcellos, 1.º tenente da armada. O funeral realisa-se amanhã á tarde para a estação do Rocio, seguindo o cadaver para Tavira.

A grande guerra

Lucta na frente occidental

PARIS, 6.—Communicado official das 15 horas:

Ao sul do Somme duas pequenas operações de detalhe permittiram aos francezes progredir nas trincheiras allemãs a sudoeste de Estrées. A norte do Oise mallogrou-se uma manobra allemã contra o planalto de Vaux, sob um fogo de enfiada que immediamente se desencadeiou. Na margem direita do Mosa, durante os combates parciaes que ali se travaram os francezes ampliaram sensivelmente o terreno conquistado. A noroeste da fortificação de Thiaumont repelliram um contra-ataque. Na mesma região, em Fleury, e nos sectores Chapître e Chenois lucta de artilharia, mas sem acções da infanteria.

Na noite de 5 para 6 as esquadrilhas francezas lançaram granadas na região de Combes, na gare de Noyon nas gares de Stelay e Sédan, na gare de Conflang, na gare de Metz-Fa-bleau e nas officinas de caminho de ferro e nos estabelecimentos militares de Zamburch (norte de Metz). Algumas d'estas esquadrilhas effectuaram duas sortidas consecutivas e uma d'ellas effectuou sete. Na linha do Somme os aviões francezes incendiaram dois balões captivos allemães. Um avião allemão lançou quatro bombas em Baccarat, mas não houve perda de vidas. Os prejuizos causados são insignificantes.—(*Havas*).

A alimentação na Austria

PARIS, 6.—Noticias de Colonia dizem que se renunciou ao projecto de prohibição do consumo de carne durante dois mezes. A nova colheita de batatas será comprada aos productores a dez marcos o quintal.—(*Americana*).

A proclamação do kaiser

PARIS, 6.—A proclamação do kaiser por occasião do segundo anniversario da guerra sobresaltou a população da Allemanha. Os jornaes tentam atenuar o mau effeito por ella produzido.—(*Americana*).

FALAM OS NUMEROS

A Europa em guerra

População total: 450 milhões: com os alliados 272; com os «boches» 126; neutros 50 milhões

No momento em que o Velho Mundo se debate na maior convulsão que a Historia regista, não vem fóra de proposito trazer para as columnas d'*A Capital* a população da Europa, segundo os mais recentes estudos demographicos, que abrangem para as restantes nações o periodo comprehendido entre 1890 e 1910 e para Portugal o lapso de tempo que vae de 1864 a 1911.

Os dados que deixaremos aqui registados fomos buscal-os á direcção geral de estatistica do ministerio das finanças, encontrando-os compendiados na folha de vulgarisação que sobre o assumpto foi executada sob a direcção do sr. Sousa Junior, a quem não escapa ao seu espirito investigador e methodico nenhum dos problemas que interessam a sciencia demographica.

Não é possivel, n'um dado momento, fixar com precisão mathematica o numero attingido pelas populações dos 25 estados circumscriptos á area da Europa. E não é possivel, porque cada um d'elles escolhe um tempo especial para elaborar as suas estatisticas. Assim, os censos da população realisam-se em epochas diversas. Nos annos terminados em zero realisam-nos a Allemanha, a Austria-Hungria, a Belgica, a Bulgaria, a Hespanha, o Luxemburgo, a Noruega, Portugal (com excepção de 1911), a Russia Europeia (?) com a Finlandia e a Polonia (?), a Servia, a Suissa e a Turquia Europeia. A Bulgaria faz os censos intermedios nos annos terminados em algarismo cinco. Procedem á revisão dos censos nos annos terminados em um: a Dinamarca, a França, a Hollanda, a Italia, todo o Reino Unido e a Suecia. Fazem o censo intermedio nos annos terminados em seis a Dinamarca e a França. Alguns paizes não assentaram ainda, ao que parece, em elaborar os censos da população de 10 em 10 ou de 5 em 5 annos, o que acontece na Grecia, Montenegro e na Romenia.

A' vista das estatisticas mais rigorosas e principalmente consultando á famosa publicação londrina de Mr Scoth Keltie *The States man's Book* a população da Europa era a seguinte, em 1910, em milhões de habitantes: Russia comprehendendo a Finandia 186; Allemanha, 65; Austria-Hungria, 51; Reino Unido, com as colonias europeas, 45,5; França, 39,5, Italia 34,5; Hespanha, 20; Belgica, 7,5; Romenia, 7; Hollanda, 6; Portugal, 6; Turquia com a Albania, 6; Suecia, 5,5; Bulgaria, 4; Suissa, 3,5; Servia, 3; Dinamarca, 3; Grecia, 2,5; Noruega, 2,5; Luxemburgo, 0,25; Andorra, Lichtenstein Monaco, S. Marino 0,05.

O numero mais rigoroso da população europeia, segundo os ultimos censos era de 449.590.121 individuos.

Em face do conflicto, a população dos 25 Estados forma os seguintes blocos: acompanhando os alliados 272.386.893; neutros 50.403.901; formando os imperios centraes 126.448.243 individuos. E' claro que o leitor não perde de vista a circumstancia de que estes numeros se referem a uma epocha que já está distanciada de nós seis annos e que n'elles não entram os inesgotaveis recursos que para a victoria dos alliados em homens offerecem a Asia e a Africa, emquanto os imperios centraes se encontram completamente isolados do resto do mundo.

* * *

A Allemanha tinha em 1890 a população de 49.428.470; em 1910 passára esse numero a 56.367.178, sendo cerca de um milhão a mais sobre os homens o numero das mulheres e em 1910-11, o censo accusava 64.926.993 individuos. A media apreciavel no accrescimo de população foi de 15,5 por mil habitantes.

A Belgica contou em 1890 a população de 6.069.321 habitantes; em 1910 passou de 6.693.548 e em 1910 fixára a totalidade de 7.423.784, sendo o accrescimo de 14,5 por mil. A Bulgaria, em relação ao primeiro anno, 3.310.713 habitantes. Em 1900 registava o censo 3.747.283 e dez annos mais tarde a sua população era de 4.035.575 habitantes, ou seja um accrescimo de de 17 por mil. A Holanda que em 1890 contava uma população de 4.621.744 habitantes, tinha em 1910 passado a ter 6.022.452, attingindo um accrescimo de 15 por mil. A França é, entre os paizes da Europa, o que apresenta o differencial mais baixo na linha progressiva da população geral. Em 1890 a sua população era de 38.348.192 e em 1910 attingira apenas 39.601.509, differença para mais, 1,7 por mil.

Os *boches* orgulhavam-se de ser o paiz mais prolifero da Europa. Isso, porém, não é uma verdade, comquanto o ninho de abutres a que preside o *kaiser* tenha augmentado consideravelmente nos ultimos annos. Ainda no que diz respeito ao accrescimo da população, o imperio teutonico foi batido na estatistica.

Monaco, cujo accrescimo de 29,7 é o mais importante da Europa. Havia n'aquelle principado 12.000 habitantes em 1890; em 1900 passou a ter 15.180 e em 1910 contava 19.121. A Polonia progredira 24,3 por mil; a Albania 18 por mil; em Malta 16 por mil; a Servia 16,9 por mil.

Portugal, em relação ao augmento da população não se encontra em logar muito inferior. A differença é de 9,7 para mais. Mais estacionarios são os algarismos referentes á Austria (reino) 9,6, ao Luxemburgo 9,5; á Italia 8,8, á Escossia 8,9; á Suecia 7,4; á Hespanha 6,5; á Irlanda 3,9; ao Lichtenstein 3,7.

Nos vinte annos anteriores a 1910, a população europeia augmentou 250 por mil ou seja 12,5 por mil e por anno.

N'esse mesmo periodo, Portugal augmentou 8,6 por mil e por anno, approximando-se assim da Austria e da Hungria, Islandia, Noruega, Escossia. Superiores em accrescimo de população ficam Monaco, Polonia, Malta, ilhas Feroé, Albania, Servia, Bulgaria, Russia Europeia, Romenia, Allemanha, Bosnia e Herzegovina, Hollanda, Suissa, Dinamarca, Montenegro, Inglaterra e Galles, Luxemburgo, Finlandia, Grecia, Belgica, Turquia Europeia, Austria, Hungria, Noruega, Islandia e Escossia. Abaixo do nosso augmento medio annual de 1890 a 1910 ficam, por ordem decrescente tambem, Suecia, Italia, Hespanha, Andorra, Luxemburgo, França, ilhas adjacentes do Reino Unido, Gibraltar, S. Marino e Islandia.

Como se vê, Portugal n'este capitulo, não está, de todo mal.

* * *

A população portugueza em 1864, anno a que se referem os numeros que temos presentes, era de 4.189.410. Em 1878 passou a ter 4.550.699; em 1890 cresceu a 5.049.729; em 1900 oscilou por 5.423.142 e em 1911 o numero de portuguezes na metropole era de 5.960.056, sendo 2.828.691 varões e 3.131.365 femeas.

E' o Alemtejo a provincia de maior progresso demographico. Entre 1864 e 1878 augmentou 4,5 por mil; entre esta data e 1890, o accrescimo foi de 8,9 por mil e em 1911 entrou em 14,5 por mil. O posto de honra cabe ao districto de Beja, sendo tambem alli maior o numero de mulheres do que homens.

A população total da Europa e respectivo accrescimo annual é o seguinte:

Allemanha, 64.925.900, augmento 15,6; Andorra 5.245, accrescimo 4,3; Austria, reino 28.571.934, população da Hungria 20.886.487, idem da Bosnia Herzegovina 1.898.044, accrescimo 9,6 na primeira, 9,4 na segunda, 14,5 na ultima; Belgica, 7.423.783, augmento 14,5; Bulgaria, 4.035.575, accrescimo annual 17,0; Dinamarca 2.757.076, aug. 13,1; ilhas Feroé 18.000, aug. 18,8; Zelandia, colonia europeia, 85.188, aug. 9,6; França, 39.601.509, aug. 6,5; Grecia, 2.631.952, accrescimo annual, 13,4; Hespanha, 19.950.817, augmento 6,5; Hollanda, 6.022.452, aug. 15,0; Italia, 34.671.377, aug. 8,8; Lichtenstein, 9.854, aug. 3,7; Luxemburgo 259.891, aug. 9,5; Monaco 19.121, aug. 29,7; Montenegro 250.000, aug 12,5; Noruega 2.391.782, aug. 9,7; Portugal, 5.960.056, aug. 9,3; Reino Unido: Inglaterra e Galles 36.070.492, aug. 12,3; Escocia 4.759.445, aug. 8,9; Irlanda, 4.390.210, augmento 3,9; Ilhas do Homem e do Canal 148.934, aug. 0,7; Gibraltar 25.367, aug. 0,0; Malta 228.534, aug. 19,0; Romenia 7.234.919, aug. 16,3; Russia, territorio europeu, 120.588.000, aug. 16,2; Finlandia 2.921.197, aug. 11,5; Polonia 12.467.300; aug. 24,3; S. Marino 10.791, aug. 2,8; Servia 2.911.701, aug. 16,9; Suecia 5.561.799, aug. 7,4; Suissa 3.765.123, aug. 12,5; Turquia 5.836.100, aug. 10,9; população da Albania 294.100, aug. 18,0.

Notas de arte

CERAMICA

Alguns conselhos sobre a composição e alteração das tintas sobre porcellana

Na pintura sobre porcellana, ha tintas de tal modo fusiveis que não podem ser applicadas em quantidade.

Estas cores são as quatro seguintes:

Cinzento claro, amarello claro, azul ceu, e côr de carne n.º 2.

Estas tintas, differentes de tom, ficariam uniformemente amarellas, porque o fundente apenas resistiria depois de ter feito desapparecer a côr.

Como é sabido, as tintas vetrificaveis são mineraes formadas por oxidos colorantes e o fundente, os quaes conteem silicia, borax, oxido de chumbo e de bismutho, carbonato de soda, nitro, etc.

Os azues são obtidos pelo oxido de cobalto.

O oxido de cobre e o de chromo dão os verdes.

O peroxido d'uranio e o chromato de chumbo, produzem os amarellos.

O protoxido de cobre e o sesquioxido de ferro são os factores dos encarnados, cujos tons variam enormemente.

Poderemos obter carmins purpureos e roxos d'ouro, pela combinação de ouro e de axido d'estanho.

Para os pretos misturam-se oxido de cobalto, oxido de manganez e protoxilo d'uranio.

Todos os vermelhos a base de ferro misturados aos azues, dão egualmente preto.

Nas tintas vetrificaveis é da maior importancia nunca misturar as côres cuja base é de ferro, com as côres d'ouro.

Por exemplo nunca juntar os carmins, os purpureos e os roxos d'ouro, com os encarnados e os roxos de ferro.

A pintura sobre porcellana não é inalteravel.

Alguns fructos possuem acidos que comem as côres, quando se collocam em pratos pintados.

Por isso previno os possuidores de boas porcellanas para terem o maior cuidado.

A côr, embora vitrificada, não penetra no esmalte, ficando apenas fixada á superficie, visto que no acto da cosedura a tinta identifica-se com o esmalte, mas não o profunda.

Quando a pintura ficar defeituosa depois de sahir da mufla, poderemos apagar o que não agrada por meio do acido fluorhydrico diluido em bastante agua, mas sem alterar o vidrado.

E' preciso ter o maximo cuidado com este acido, que é perigoso e envenena pelo simples contacto ou pela respiração.

E' necessario guardal-o em frasco de caoutchouc, porque passa atravez dos poros do vidro.

Se não fôr empregado com muita agua estragará o vidrado da porcellana.

Para evitar o perigo do seu emprego, poderemos utilisar outro processo, embora não dê resultados tão rapidos.

Com um pouco de esmeril em pó, desfeito em agua e com um tampão bastante duro, ou com uma rôlha de cortiça esfrega-se a pintura no sitio em que a tinta escureceu de mais (mas depois de vitrificada) até obter o tom que se deseja.

Se ficar claro de mais, refaz-se a pintura e coze-se segunda vez.

LUIZA DE SOUSA.

Consultorio de Arte

Madame B. Com o orthorama, é muito facil estudar sósinha o desenho do natural.

E' tão util, que tenho vendido muitos desde que os indiquei, tendo apenas um.

Como agora ficam muito caros, estou pensando em fabricar um outro apparelho para o mesmo fim.

Estrella. Conto demonstrar muito breve o trabalho a que v. ex.ª alludo, mas primeiro tenho que me referir a outros, que são o inicio d'esse e sem os quaes nada se pode fazer com perfeição.

Maria L. O trabalho de incrusta-marmore é lindo, mas só o ensino praticamente no meu «Studio». E' de justiça que reserve o segredo, visto que é apenas conhecido por mim.

Acontece o mesmo com a esculptura em vidro Mas qualquer d'estes trabalhos merecem lugar de honra na Arte Decorativa.

Mimosa. Pergunta-me v. ex.ª quaes os trabalhos que ensino no Curso Infantil e se as creanças chegam a fazer trabalhos com geito.

Evidentemente, assim o demonstrei na minha ultima exposição no Salão do Theatro Nacional, realisada ha um anno, em que os trabalhos expostos por creanças de 10 annos, constavam do seguinte: Uma almofada em velludo branco panné com amores perfeitos pintados, uma jarra em pintura majolica, uma etagére em cobre e pregaria, trabalhos em photominiatura, almofadas com pintura «au pochoir».

Os trabalos mais que ensino no Curso Infantil são: serrazena, pintura á penna, estanho repoussé, chysalida, esculptolinia e desenho por fórmas simples.

Myosotis. Os cursos de francez são duas vezes por semana.

Garanto-lhe que aprende rapidamente entre quatro a seis mezes e depois querendo, interrompe ou aperfeiçoa se para conhecer a lingua a fundo.

O preço é diminuto pois são 3$500 por mez.

Maria Luiza. Nada tem que me agradecer. Querendo então aprender o meu processo para a photominiatura, pode vir fallar-me, mas para não deixar de me encontrar, é melhor perguntar-me de manhã pelo telephone, Norte 267, a que horas a poderei receber.

Todas as photominiaturas que forneço são inalteraveis e já promptas a pintar.

Porto. A pintura á penna, como eu a ensino, apresenta um aspecto interessante. Ora parece bordado a seda frouxa, ora bordado a missanga e outras vezes tem reflexos madreporicos.

Em vdiro parece bordado a fita, genero Rocócó.

Figueiredo. O risco que lhe enviei é para ser repetido duas vezes. Agora peço que mande com brevidade as medidas da meza para chá, sem as quaes não posso fazer o que deseja.

L. S.

FESTA PATRIOTICA

A da Sociedade de I. M. P. n.º 1 no Stadium

A ella preside o ministro da guerra e assiste o sr. presidente da Republica

Deve revestir grande imponencia a festa das provas finaes do periodo annual d'instrucção de 1915-1916, que a patriotica Sociedade d'Instrucção Militar Preparatoria n.º 1 realisa sob a presidencia do ministro da guerra, sr. Norton de Mattos, no proximo dia 13, ás 15 horas precisas, no Stadium de Lisboa (ao Campo Grande), obsequiosamente cedido para esse fim pelo seu proprietario, o distincto sportsman sr. José Holtreman Roquete (Alvalade), devendo assistir á festa, que demonstrará bem á evidencia as altas vantagens da I. M. P., o sr. Presidente da Republica, todos os ministros, sub-secretarios de Estado, commandantes dos regimentos da guarnição, officialidade de marinha e outras entidades em destaque.

A Sociedade n.º 1, que se torna dia a cada vez mais prestimosa, engrandecida, progressiva, bem organisada e disciplinada, impondo se por estes e outros motivos á consideração, sympathia e respeito de todos, apresentar-se-ha com mais de 2:000 alistados da 1.ª e 2.ª secções, banda de musica, secções de cyclistas, maqueiros e sapadores, pelotão d'estafetas, etc, indo armados os grupos B e C e a 2.ª secção—tudo sob o commando do coronel sr. Miguel Garcia, que tem como auxiliares officiaes, sargentos e outras praças da armada, exercito e guarda republicana.

A ausencia n'esse dia equivalerá a trez faltas á instrucção devendo todos os alistados apresentar se de cabello bastante curto, bem uniformisados, calçado preto, fardamento bem limpo e barrete do padrão adoptado pela corporação.

O programma é deveras attrahente, havendo lindos e valiosos premios para os concorrentes melhor classificados. A camara municipal de Lisboa contribuiu com 80 escudos para a compra de premios; a inspecção de infantaria da 1.ª divisão do exercito offereceu 12 objectos; a firma Barbosa & Esteves, com ourivesaria na rua da Prata, 259, um estojo com caneta de prata.

A entrada no Stadium far-se-ha somente por meio de bilhetes de convite que serão brevemente distribuidos.

Theatros

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA — A's 21,30 — As duas orphãs.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

Circos & Music-halls

ANIMATOGRAPHOS E CONCERTOS.—Central, Chiado Terrase, Cinema Condes e Olympia, «matinées» diarias e sessões á noite; Sociedade Promotora de Instrucção, em Alcantara, sessões ás quintas-feiras, sabbados e domingos.

ANIMATOGRAPHOS E VARIEDADES—Salão Foz, Chanteclar, Imperio e Polyteama.

NA CAPITAL DO NORTE

A crise da Assistencia Publica aggrava-se dia a dia assustadoramente

PORTO, 4.—Dizia-nos hontem um distincto medico:

—Não se esqueça de levantar em *A Capital*, mais uma vez, um grito de alarme que accorde as estações officiaes—inactivas e adormecidas—em frente do perigo enorme a que está sujeita a população da cidade e do norte do Paiz, pela crise gravissima que a Assistencia publica está atravessando.

A Santa Casa da Misericordia que, por varias vezes, tem exposto aos governos as serias difficuldades com que luota, está na eminencia de se ver obrigada a reduzir os seus serviços de assistencia. Ora, sendo a população dos seus doentes do Hospital de Santo Antonio n'uma media de 540, e não sustentando o Estado hospital seu no Porto, justissimo era e indispensavel e inadiavel que ao menos, subsidiasse o Hospital da Santa Casa como lhe tem sido ponderado e requerido.

—E foi proposto no parlamento.

—E' verdade. Na sessão da Camara dos deputados de 22 de março d'este anno, pelo snr. dr. Germano Martins, que apresentou um projecto de lei concedendo á Misericordia do Porto um subsidio de 3:000 escudos por mez, emquanto durasse a actual crise. Mas—e aqui está como o Porto é esquecido—emquanto esse projecto de lei era posto de parte, foi na mesma sessão approvado outro,—authorisando a abertura de um credito especial de 300 contos destinado a cobrir o *deficit* dos hospitaes civis de Lisboa.

Ora, o projecto de lei do sr. dr Germano Martins tinha toda a justiça do seu lado.

O Hospital da Santa Casa do Porto é particular. Mas tão alta e tão beneficentemente soccorre em hospitalisação, em remedios e em consultas os infelizes que a elle recorrem, que,—ainda mesmo sem subsidios do Estado,—vale e accode a mais de 60 por cento dos doentes da cidade.

O que acontece aos 30 0|0 de desgraçados que dão póde abrigar, nem curar? Andam semanas e mezes á espera de *vez*. E a maior parte d'esses infelizes,—quando a *vez* lhes chega—dormem já eternamente nas vallas dos cemiterios.

—E o Hospital da Cidade?

—Só o Hospital da Cidade poderá vir remediar a crise da Assistencia, alliviando ao mesmo tempo a Santa Casa do encargo que tomou de fornecer 286 leitos para estudo da Faculdade de Medicina, encargo que não só lhe aggrava o orçamento—porque os doentes de estudo sobrecarregam mais as despezas de pensos e receituario, instrumentos medicos que se estragam, mas a entrada dos alumnos nas enfermarias altera, por vezes, a disciplina e a ordem interna.

De maneira que, precizando a cidade de hospitalisação para 1:000 doentes e a Faculdade de Medicina de um Hospital de polyclinica para estudo pratico e aprendizagem scientifica de medicina e cirurgia, o Hospital da Cidade é de uma necessidade absoluta e indiscutivel.

Depois, esse Hospital foi já convertido em lei. Foi o deputado sr. dr. Adriano Gomes Pimenta o autor do projecto, e a lei que o instituiu é a n.º 269, de 24 de julho de 1914, lei essa que no seu art. 2.º estabeleceu que o mesmo Hospital «começaria a edificar-se dentro do prazo de tres meses a contar da data da approvação do projecto de lei».

Pois, vão passados mais de dois annos e nem os alicerces estão abertos.

A quem cabe tal incuria, tão grave responsabilidade, pelas tristes consequencias que recahem na falta de assistencia?

—Da *papelada*, dos entraves da nossa burocracia, talvez...

—Assim parece, por uma especie de nota officiosa publicada hoje e que seria bom que *A Capital* archivasse.

Depois de citar os primeiros trabalhos da Commissão, diz essa nota:

E nunca, talvez em Portugal terá surgido emprehendimento tão excellentemente dotado de origem e que pudesse ter tão pronta realisação, se não houvesse de defrontar-se a sua execução com as demoras e embaraços que o burocratismo usa pôr nos assuntos em que, por lei, é chamado a interferir.

Logo em 18 de novembro de 1915 conseguira a commissão realisar, na Caixa Geral dos Depositos e por intermedio do vereador sr. Elisio de Mello, em condições excelentes, o emprestimo de Escudos 400:000$00, incluida no orçamento do Ministerio do Interior para 1915-1916; e cuja importancia está recebida e depositada. E, ultimados, como se diz acima, os serviços technicos de março do corrente anno, e após explicações trocadas com o poder central sobre certas duvidas levantadas por parte da Direcção Geral de Assistencia Publica, foi em 11 de maio passado pedido ao ministerio do interior um decreto que declara de utilidade publica as expropriações necessarias.

E' esse decreto indispensavel para a commissão poder seguir; mas surge um novo obstaculo: a Direcção Geral da Assistencia exige que se lhe mande a planta e o alçado do edificio para approvação. Comprehende-se que a planta e alçado definitivos só poderão ser concluidos depois de a commissão saber que pode contar com os terrenos em que se erguer a construcção. E, assim, ella acaba de officiar e telegraphar ao sr. presidente do ministerio e ao sr. ministro do interior expondo o novo aspecto que a questão tomou e instando pela prompta assignatura do decreto de expropriações.

Fiamos que este não se faça demorar e que o Hospital da Cidade, dentro do mais curto praso possivel, comece a prestar os realissimos serviços que d'elle exigem as cada vez mais instantes necessidades da assistencia hospitalar do norte do paiz.

Por fim:

—Tambem fio que os entraves acabem... Mas, sem ver, não creio. Tenho visto tanta promessa por cumprir...

A industria do papel

O fabrico da polpa nos districtos de Quelimane e Tete

Na secretaria geral do governo da provincia de Moçambique deu entrada um requerimento em que os subditos britannicos Wardlaw Brown Thomson, socio-gerente da firma D. B. Tomson & C.ª; negociantes importadores de papel em Capetown e Londres, e Ernesto Augustus Ritta, o primeiro residente na cidade do Cabo da Boa Esperança e o segundo em Bergville, provincia do Natal, União da Africa do Sul, pedem a concessão do exclusivo da exploração das arvores conhecidas vulgarmente pelo nome de «Baobab», e cuja designação botanica é a de «Adansonia digitada», para com toda a sua materia componente fabricar polpa para o fabrico de papel e outros productos congeneres nos districtos de Quelimane e Tete.

No seu requerimento, declaram estar habilitados com os meios necessarios para a tal emprehendimento e que o direito exclusivo que requerem apenas abrange o do «Baobab», podendo outro qualquer pessoa fabricar polpa com productos differentes.

Escusado será accentuar as vantagens que de tal fabrico advirão, se o governo geral de Moçambique, fazendo a concessão, que é pedida pelo prazo de 20 annos, souber no contracto incluir clausulas que favoreçam a industria do papel da metropole.

Silva Ramos

Medico do Posto da Misericordia e da Assistencia Nacional aos Tuberculosos
Syphilis, doenças dos rins e vias urinarias
CLINICA GERAL
CHIADO, 61 1.°

TOVAR DE LEMOS

Doenças venereas e syphilis
CLINICA GERAL
RUA DA EMENDA, 110, 2°

H. SANGUINETTI

Gynecologia—Partos
Das 14 ás 15 horas

Freitas Esmeraldo

Doenças das creanças
Das 16 ás 18 horas
Travessa do Carmo, 1, 1.°

Papel de embrulho

Vende-se em pequenas quantidades na rua do Norte, 5.

T Moreira do Ó & Ct.ª

Commissões-Exportação

Conservas alimenticias de sardinhas e chicharros em azeite e tomate
Sardinhas em sal moura e prensadas
Vinhos do Alto Douro

Figos, Amendoas, Chocolates, etc.
Exportadores para Africa, estrangeiro e Brazil
76, 2.°, Rua Augusta—Lisboa

End. telegraphico: Tamareira—Lisboa
TELEPHONE 1:973

SIMÕES FERREIRA

Director do Dispensario da Assistencia aos Tuberculosos—Medico dos Hospitaes e do Posto da Mizericordia

Doenças dos pulmões e do apparelho cardio-vascular

CLINICA GERAL
Telephone 3391
R. do Alecrim, 38-2.°, E.—Das 4 ás 5

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Monte-pio Commercial e Industrial

(Associação de soccorros mutuos)
210, Rua Augusta, 214
58, Rua d'Assumpção, 64

Concurso para admissão de um avaliador

Por ter vagado o logar de avaliador da Caixa Economica d'este Monte pio, abre-se concurso, pelo prazo de trinta dias, para o preenchimento d'aquelle cargo. As condições e todos os esclarecimentos necessarios presta-os o chefe do escriptorio na séde da associação.

Lisboa, 3 de Agosto de 1916.

O secretario da direcção
Joaquim Pereira Jorge.

Club da Praia-Cascaes

Sabbado e Domingo 5 e 6 do corrente

Inauguração das festas da epocha

Apresentação da celebre estrella parisiense

Nita Falzon

Concerto musical por professores

Os srs. associados podem requisitar os seus cartões de identidade, os quaes não se acham sujeitos ao pagamento de joia.

Todas as noites concertos por um magnifico quartetto.—Domingos e quintas-feiras *matinées.*

Serviço permanente de restaurant na ampla esplanada, de onde se domina toda a linda «Bahia de Cascaes.—Almoços e jantares de mesa redonda e por lista.

Ponto de reunião do **High-Life.**

De 10 escudos a 50 escudos por semana

POR UMA HORA DE TRABALHO DIARIO

Com uma ideia na cabeça e 10 Escudos em dinheiro para começar, fiz 25.000 Escudos em dois annos

Se o vosso emprego vos traz preso sobre um jogo de livros de contabilidade, ou por de traz d'um balcão, ou agarrado á machina d'escrever, ou guiando um bom tiro de cavalos, ou sobre o tramway, ou n'uma qualquer officina, ou onde quer que seja que o vosso trabalho vos detenha, eu posso mostrar-vos a estrada real, rapida e segura de obter mil vezes melhor. Demonstrar-vos-hei por que modo iniciar um negocio, absolutamente vosso, com um pequeno capital, e só durante as vossas horas livres. Podeis de facto cooperar comigo no negociar por meio de vales do correio (venda de generos por correio), e correr com o negocio da vossa propria morada, e como propriedade exclusivamente vossa. Se estaes fazendo por anno 500 escudos, ou 1.000 escudos, ou 1.500 escudos, e deveras precisaes fazer em cada anno 2.500 escudos, ou 5.000 escudos ou mais, eu posso mostrar-vos como.

Nada importa quem vós sejaes, ou em que vos occupeis; nem a minguidade do vosso salario, ou a pobreza das vossas expectativas; nem tão pouco que estejaes ou descontente ou desalentado; ou que os vossos amigos e parentes vos considerem incapaz de bem succeder—o facto é que podeis de vez, vir a ser socio do maior promotor no mundo de todas as emprezas por ordens postaes. Podereis assim, e talvez pela vez primeira, começar a ver o dinheiro rodar em torno de vós a cada visita do Correio, sem ralardes corpo e alma por cada tostão adquirido. Mui abertamente aqui vos offereço a opportunidade, talvez unica na vossa existencia, de fazerdes uma grande fortuna, sem vos pedir que me hypotequeis a vossa vida, e sem vos entralhar em contracto leonino, de fria usura, com um escorchador como Shylock.

Eu principiei com 10 escudos e recolhi um lucro de 2.500 escudos em dois annos no negocio de «ordens pelo correio». Ensinar-vos-hei muito depressa o verdadeiro segredo de ganhar dinheiro rapidamente; e de o conseguir limpa, legitima e honestamente, de modo que podeis encarar o mundo todo na face, sem nunca perguntar donde vos vieram os vossos mil réis. O meu novo livro, que tem por titulo «Opportunidades de ganhar dinheiro no negocio de Ordens pelo Correio», cabalmente explica tudo. Esse livro so vos custará o pedil-o. Não é preciso remetter dinheiro algum. Querendo cobrir a verba de portes, pode-se enviar sellos (mesmo do seu proprio paiz) do valor de 15 Centavos Portuguezes. A direcção é: Hugh McKean, Suite 5.003 N.° 290, Westmins-Bridge Road, Londres, S. E. Inglaterra.

EMPREGADO

Com conhecimentos praticos de inglez e francez, alguma pratica de escriptorio, pretende collocação em qualquer parte. Dá referencias.

Dirigir se á Tabacaria Elegante, R. do Ouro.

Venda de terrenos

NA AMADORA

Em boas condições, vendem-se terrenos no bairro da Mina, dotado já de amplas avenidas e magnificas canalisações, fronteiro á estação do caminho de ferro. Tem agua abundante da Mina.

Para informações e tratar, na Amadora, com H. Lopes, ou em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 156, 2.°.

Fallencia do Banco Mercantil de Lisboa

Resgate e entrega de penhores

São avisados todos os mutuarios de que o resgate e entrega dos diversos penhores por elles constituidos se faz na séde do Banco (rua Nova do Amparo, 17, 1.°) a partir do dia 7 do corrente até ao dia 3 do proximo mez de setembro, das 11 ás 15 horas, mediante a entrega da cautela, capital e juros vencidos até á data da sentença declaratoria da fallencia (6 de agosto de 1914).

Mais são avisados de que, após aquella data e em conformidade com os annuncios publicados no «Diario do Governo» de 2 e 3 do corrente, se consideram vencidos, improrogavelmente, os diversos contractos de penhores, para todos os effeitos legaes e designadamente para o da venda dos mesmos penhores.

Lisboa, 6 de agosto de 1916.

O administrador da fallencia
Alvaro de Sousa Lima

KORTI

Producto chimico para tornar inrompivel e impermeavel

A sola do calçado

KORTI
- Endurece e impermeabilisa a sola.
- Dá-lhe a fortaleza e a consistencia do ferro.
- Não perde a flexibilidade precisa e necessaria.
- Faz augmentar a sua duração consideravelmente.
- Evita meias solas e tacões no calçado.
- Não prejudica o material nem incommoda o andar.
- E' o melhor preservativo de doenças rheumaticas.
- E' util, pratico, hygienico, necessario e economico.
- Suprime as galochas em dias de chuva

Latinha para preparar 2 pares de calçado 350 réis
Vende-se em todos os estabelecimentos e no deposito geral
Jeronymo Martins & Filho
Chiado, 13 a 19 — Lisboa

Companhia de Seguros A NACIONAL

Séde na sua propriedade: Avenida da Liberdade, 14—LISBOA

Soc. an. resp. lim. — FUNDADA em 17-4-1906

CAPITAL	RESERVAS
500.000$ escudos	380.518$ escudos

Seguros sobre a vida humana
e contra acidentes no trabalho, incendios e avarias maritimas

Pomada do dr. Queiroz

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle
Vende-se nas Principaes Pharmacias. — Deposito Geral:
Pharmacia ROSA & VIEGAS
R. de S. Vicente, 31 e 33—LISBOA
Cuidado com os falsificadores! Só é verdadeira a que tiver a nossa marca registada.

AGUA DA SERRA DO BOMJARDIM

A MAIS PURA DE MESA

FONTE DAS SETE CHITAS

DEPOSITO PROVISORIO R. SANTOS-O-VELHO 22

A melhor tintura instantanea

ALBINA

A marca franceza, para o cabello ou barba. E' a unica que não suja a roupa nem a pelle, ficando o cabello macio e formoso. Preço 1$800. As melhores tinturas para o cabello.
Vende-se na Cabeleireira
Rua do Norte, 34, 1.°

CALÇADO BARATO

Fabrico manual só nos Grandes Armazens de Calçado, R. da Palma, 290 a 290-B, T. do Bemformoso, 4 a 18 (em frente do Coliseu de Lisboa).—Botas para homem a 3$400!!! Sapatos para senhora a 1$400!!!

Um colossal sortimento em todos os generos para homem senhora e creança

Telephone: Norte 1289—**J. A. Candeias**

NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Fabricas a vapor de moagem de trigo, descasque de arroz, massas alimenticias, bolachas e biscoitos em Lisboa, Coimbra, Xabregas, Sacavem, Povoa de Santa Iria, Barreiro e Seixal.

Farinha especial para exportação, em barricas, caixas ou saccos—Farinhas n.os 1, 2 e 3—Farinhas sem marca—Someas superfina, fina e grossa—Alimpadura—Arroz descascado—Massinhas de luxo—Massas de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades—Massa e bolachas especiaes para exportação—Cereaes e legumes

Preços sem competencia

Telegrapho: FARINHAS—Telephones: Administração 4224; Expediente 4222; Thesouraria 4223

Codigos A. B. C, 4.ª e 5.ª edições e Ribeiro

ESCRIPTORIO
Rua do Jardim do Tabaco, 82 — LISBOA

Casa dos Espartilhos

Santos Mattos & C.ª
Rua do Ouro, 123

José Antunes

Medico dos hospitaes
Doenças do estomago
Rectoscopia
Esophagoscopia
Consulta da 1 ás 2 e 4 ás 7
Largo do Camões, 4, 1.°

ANTONIO AURELIO
Clinica geral
Doenças das senhoras — Massagens
CONSULTAS:
Consultorio: Das 14 ás 16—Rua Garrett, 74, sobre-loja, direito

Cª DE SEGUROS PROBIDADE

LISBOA 18..

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL: E. 600:000$00

SÉDE—RUA DO COMMERCIO, 99 1.°
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: Probidade,—Lisboa
NUMERO TELEPHONICO: 1995
USA-SE O COD. TELEG.: RIBEIRO

Fundos de reserva Esc. 105:000$00

Prejuizos terrestres e maritimos pagos até 31 de dezembro de 1914:

Esc. 790:696$42

Effectua seguros terrestres, contra fogo casual ou precedido de raio, sobre predios, estabelecimentos e mobilias, e maritimos contra avaria grossa e particular.

Agencias em todas as cidades e nas principaes villas e povoações do continente, ilhas e ultramar.

Tão efficazes como as melhores aguas mineraes bebidas na origem

Basta dissolver n'um litro de agua um pacote de Lithinés do dr. Gustin para obter instantaneamente uma agua mineral alcalina e lithinada, ligeiramente gazoza, deliciosa para beber, mesmo pura, que se misture com todas as bebidas e principalmente com vinho, ao qual dá um sabor agradabilissimo.

Lithinés do dr. Gustin

Contra todas as doenças dos Rins, Bexiga, figado, Estomago, Articulações

12 pacotes fazem 12 litros de agua mineral por 500 réis

A' venda em todas as pharmacias, drogarias, mercearias boas e nos depositos geraes: Lisboa, Jeronymo Martins & Filho, rua Garrett, 13 a 19; Porto: Januario Duarte d'Azevedo, rua de Santa Catharina, 232.

A AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS

FORTEMENTE RADIO-ACTIVA E MUITO RICA EM SILICA

CURA

ULCERAS, ECZEMAS, EMPIGENS, DARTROS, PSORIASIS ETC. ETC.

A AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS

Tomada ás refeições e fóra d'ellas, limpa o rim, figado, estomago e intestinos desembaraçando-os dos crystaes uricos, bilis, e todas as toxinas e impurezas que se accumulam no organismo, etc.

Altamente diuretica—Infallivel em todas as doenças da pelle

PEDIR O LIVRO DESCRIPTIVO

DEPOSITARIO GERAL	DEPOSITARIOS NO PORTO
MARIO DE LIMA NETTO	DOURADO, CARVALHO, IRMÃOS, L.da
Largo de S. Julião, 12, 1.°—LISBOA	Praça da Liberdade, 133, 1.°

Esta agua pode ser usada intensamente com assiduidade, por não conter mineralisação pesada.

DEPOSITARIO GERAL	DEPOSITARIOS NO PORTO
Mario de Lima Netto	Dourado, Carvalho & Irmãos
L. de S. Julião, 12, 1.°	*P. da Liberdade, 133*
Telephone 246 Central	*Telephone 1241*

Tambem se vende a copo garrafas e garrafões, nas boas casas d'aguas pharmacias e restaurantes.

Empreza Nacional de Navegação

Para a Guiné e Cabo Verde

Sahirão brevemente os vapores «Minho» e «Bolama». O primeiro só recebe carga para a Guiné.

Dão-se esclarecimentos nos escriptorios da empreza, rua do Commercio, n.° 85, 1.°

A RECEITA

mais simples e facil *para ter* nenés robustos e de perfeita saude *é dar-lhes a*

FARINHA LACTEA NESTLÉ

com base do excellente leite Suisso.

AZULEJOS

Brancos e com desenho nacionaes e estrangeiros

Grande quantidade em deposito

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17—Telephone 1244

DYNAMITE

Explosivos da Fabrica da Trafaria

DYNAMITES
Diversas, caixa de 25 kilos.
CAPSULAS
Diversas, caixas de 100.
RASTILHOS
meadas de 7m,2.

AGENTES
Em Lisboa:—Lima Mayer & C.ª, rua da Prata, 59.
No Porto:—José Rodrigues Pinto e Pinho, rua do Almada, 239.

COMO SE DOMINA A MULHER
COMO SE DOMINA O HOMEM

Por Octave Fardel

Processos seguros para:
Inspirar amor á pessoa amada, manter e conservar o amor d'essa pessoa desterrar do coração e do espirito o amor que nos tenha inspirado alguem cujas relações, por qualquer motivo, nos sejam prejudiciaes. Conseguir que essa pessoa nos esqueça em absoluto, etc., etc.

Um elegante volume 200 réis

Almanach Theatral para 1916

4.° anno de publicação

Illustrado com os retratos e biographias dos artistas Aura Abranches, Mendonça de Carvalho e Carlota Sande. Contem a peça em 1 acto **Feliz noticia**, as cançonetas: **Alma descrente, Passaga, Muita sorte!, Modas femininas, Ao mar... A o mar...** e os monologos; **As mondadeiras, Que sim... que não, Mascara, O tumba, O garoto da rua** e **o Sonho do operario**, anecdotas, charadas, etc. Preços 120 réis.

A' venda na

Livraria de **João Carneiro & Cta.**

T. de S. 58, Domingos, 60—LISBOA

Mozaicos—Azulejos

Cal hydraulica—Cimento Luzo

GOARMON & C.ª

T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—Telephone n.° 1244—Lisboa

Contra roubo e contra incendio

Grande economia—Seguro de mobiliario

Por $20 por cada 100$00 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo A MUNDIAL segura n'uma só apolice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E' tão necessario o seguro de ROUBO como o do FOGO.

„A MUNDIAL"

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital: 500.000$000

Reserva em 1915: 102,007$47,1

SÉDE EM LISBOA	DELEGAÇÃO NO PORTO
95, Rua Garrett, 95	Pinto da Fonseca & Irmão
Tel.: 4084	Praça da Liberdade, 138
Telegrapho: MUNDIAL	

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2148—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 7 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

A cooperação de Portugal na guerra europeia

O governo britannico reconhece a lealdade de Portugal, os serviços já por elle prestados, e cordealmente o convida a bater-se ao lado dos alliados na Europa

O que se passou hoje no Congresso

Duas e meia da tarde. Um sol quente inunda de luz o largo das Côrtes. Sob as arvores grupos palestram, contidos por cordões de policias. A' direita, para os lados do largo de S. Bento, infantaria formada, de grande uniforme, faz a guarda de honra. A policia é dirigida superiormente pelo sr. capitão Bruno do Carmo. Na porta senadores e deputados entram: Junto d'isto tal é a agglomeração de povo. Junto do elevador, separados por duas ordens de bancadas, mais populares aguardam a passagem de parlamentares amigos para os indispensaveis bilhetes de entrada.

Subimos. Animação dos dias grandes na sala dos Passos Perdidos.

Treze horas da tarde. As galerias estão já repletas antes mesmo de constituida a mesa da presidencia e de aberta a sessão. A bandeira nacional ostenta-se por sobre a presidencia, vendo-se a bandeira nacional que pertence ao Congresso na tribuna destinada ao sr. presidente da Republica.

A's treze horas e dez minutos o sr. general Correia Barreto toma á presidencia e faz-se secretariar pelos srs. Balthazar Teixeira (deputado) e Ramos Pereira (senador). E a chamada principia, pausada e vagarosa.

Deputados e senadores continuam entrando e sahindo. Ha abraços, cumprimentos affectuosos, exclamações de jubilo de quem já se não encontrava ha muito tempo. Na bancada ministerial veem-se os srs. ministros do interior, da justiça, da guerra, da marinha e do fomento. Ninguem ainda na tribuna diplomatica, e muita gente já na tribuna da imprensa, d'aquella muita gente que não vindo para trabalhar só serve para prejudicar o trabalho dos outros. O costume de todas as grandes sessões parlamentares...

E a chamada termina. Estão presentes 133 congressistas. O sr. Ramos Pereira lê a acta do Congresso anterior.

A questão constitucional

O sr. dr. João de Menezes pede a palavra e diz que, tendo-se lido a acta d'uma sessão constitucional e tendo as convocações para as sessões anteriores sido feitas para as duas camaras separadamente, acha inconstitucional o que se fez agora e por isso em nome da União Republicana envia para a meza a seguinte declaração:

«Os abaixo assignados, parlamentares da União Republicana declaram que em sua consciencia reputam inconstitucional esta sessão; mas porque se trata de interpretação de textos juridicos e porque as circumstancias são excepcionaes, deixam á maioria a inteira responsabilidade do acto inconstitucional que se pratica, e resolvem não se abster de com ella collaborar».

O sr. dr. Alexandre Braga, rebatendo as palavras do orador precedente declara que a convocação para a sessão extraordinaria de 10 de março de 1916 se fez nos mesmos termos da convocação para a de hoje. De resto o artigo agora invocado diz que as duas camaras funccionam separadamente salvo deliberação em contrario, e não preceitúa se essa deliberação pode ser tomada pelas entidades que convocam ou pelas respectivas camaras.

Da mesma opinião se manifesta o sr. dr. Mesquita de Carvalho, ministro da justiça.

Entram os restantes ministros que faltavam e toma o seu logar na tribuna presidencial o sr. dr. Bernardino Machado.

Após a leitura do estylo, o sr. presidente do ministerio, recorda as suas palavras de trazer á Camara todos os documentos do seu governo e diz que isso mesmo hoje vem cumprir.

As declarações do ministro das finanças

Subindo á tribuna, o sr. dr. Affonso Costa começa por historiar os preliminares da entrada de Portugal no conflicto europeu, o que foi preciso estudar e analysar sob todos os pontos de vista, quer commerciaes quer coloniaes, e ainda o estado de munições e preparação militar.

Veiu ainda o convite de Sua Magestade o Rei de Inglaterra ao governo portuguez, que mais estreitou os laços de amisade dos dois paizes amigos e alliados. Tratará da questão sob o ponto de vista financeiro e commercial, visto que o sr. dr. Augusto Soares se occupará da questão politica.

Na conferencia dos alliados trataram-se medidas de tres classes distinctas: nas que dizem respeito ao tempo de guerra foram tomadas todas as precauções para que o inimigo não possa prejudicar os trabalhos dos alliados no sentido de esmagamento absoluto. Assim defendemos os mercados compensadores, o principio da reserva dos productos naturaes e a lucta contra as alterações do cambio.

No que diz respeito ao apoio mutuo tratou-se da mutua defeza dos alliados afim de que cada paiz, trabalhando independentemente, tivesse um auxilio geral dos povos alliados.

Fizemos tudo quanto era necessario fazer-se para que os nossos esforços resultassem proficuos dentro da nova orientação economica dos povos alliados. E tudo se fez havendo já hoje leis e ordens dos nossos alliados a favorecerem-nos e a ajudar-nos.

Quanto ao caso dos navios allemães, cuja requisição foi pedida e instada pela Inglaterra, havia o desejo d'este paiz da compra pura e simples d'esses barcos. Esta proposta chegou a Lisboa quando já estavamos em França.

O governo da Republica apreciou a proposta da Inglaterra e enviou-nos as suas indicações. De commum accordo com o nosso governo, propozemos ao governo de Inglaterra, não a alienação pedida, mas sim que Portugal continuasse na posse d'esses barcos, alugando nós a uma commissão delegada do governo inglez todos os navios requisitados e que nos não façam falta. O aluguer será até ao fim da guerra e mais seis mezes por 14 sch. e 6 pences por tonelada grossa e por mez.

Esse aluguer dar-nos-ha por anno dez mil e oitocentos contos, sem alienação ficando alem d'isso esses navios absolutamente seguros contra todos os riscos. Outro facto vantajoso para nós foi o obter que a equipagem portugueza d'esses navios seja paga em dinheiro inglez e ao preço das suas equipagens, que é o mais elevado de todos os paizes do mundo.

Quanto ao assumpto financeiro precisa dizer que este está absolutamente e sempre esteve separado das negociações entre Portugal e os alliados para a nossa participação na guerra.

Sob o ponto de vista financeiro a situação dos alliados é hoje difficil mas sem nuvens, com uma segurança absoluta na victoria venha quando vier, o mesmo acontecendo á questão das munições a tal ponto que ao findar o anno de 1917 os alliados as terão para o dobro de todos os seus exercitos.

Tem ali uma nota escripta em inglez e cuja traducção fará á letra para lhe não tirar o valor. O sr. dr. Affonso Costa lê depois a nota em que o governo inglez se compromette a fazer a Portugal todos os emprestimos de que este careça para effectivar a sua participação na guerra.

(Ha apoiados na sala. Das galerias partem vivas enthusiasticos e uma prolongada salva de palmas interrompe por segundos o orador).

Demonstra depois que temos, garantidos pela Inglaterra, todos os nossos fornecimentos de que carecermos, ficando nós n'uma situação muito superior á da propria Russia que nem tanto conseguiu. E estes emprestimos serão feitos sem encargos pesados para o paiz nem outros quaesquer pagamentos que são de uso.

O que ha hoje entre Portugal e a Inglaterra não é uma simples alliança, é uma amisade intima, absoluta, fraternal.

(Novas manifestações das galerias. Grita-se: Viva a Inglaterra!)

N'outras condições, diz o sr. dr. Affonso Costa, não faria emprestimos. E' preciso gastar muito dinheiro? Gastar-se-ha. Valorisar-se-ha o paiz e está certo que não haverá portuguez algum com dinheiro que feche a sua bolsa aos appellos do governo portuguez, desde que tenham, como teem, perfeitamente garantidos os seus emprestimos.

Já que não podem, esses, ir lá fóra defender a sua Patria e o Direito ultrajado que sirvam um e outro contribuindo assim para o prestigio dos alliados contra a horda teutonica e em defeza dos sagrados principios do Direito e da Justiça.

A'parte ligeiras divergencias de espirito politico, todos nós portuguezes nos encontrámos sempre no unico campo que podiamos honrada e honrosamente pisar: o da defeza da Patria, na mais difficil e angustiosa hora, mas talvez a mais gloriosa que a Patria tem atravessado.

(Multas palmas e vivas nas galerias).

Falla o ministro dos extrangeiros

Tomando o logar do sr. dr. Affonso Costa, o sr. dr. Augusto Soares historia tambem o que levou Portugal á situação que hoje tem na guerra contra a Allemanha. Rememora as notas d'aquelle paiz, os seus ataques em Africa, a sua falsidade de processos. Salienta depois a maneira como elle e o sr. dr. Affonso Costa foram recebidos em França e em Inglaterra, maneira tão captivante e tão honrosa para nós que só uma leal e franca attitude poderia ter provocado. Refere-se tambem ás considerações que em Hespanha lhes foram dispensadas pelo sr. conde de Romanones e lê por fim o documento da Gran Bretanha sobre a intervenção de Portugal na guerra.

A moção do Congresso acceitando o convite

O sr. general Correia Barreto seguidamente manda para a mesa a seguinte moção:

«O Congresso da Republica, em sequencia e execução das suas deliberações de 7 d'agosto e 23 de novembro de 1914 e 12 de março de 1916, e em attenção aos altos interesses nacionaes, resolve dar plena satisfação ao honroso convite que o governo de S. M. Britannica fez em 15 de julho ultimo ao governo da Republica Portugueza, para uma maior cooperação militar de Portugal na Europa, e mantem, para esse effeito, ao Partido Executivo, as faculdades anteriormente concedidas.»

Fala o «leader» do partido democratico

Usa a seguir da palavra o sr. dr. Alexandre Braga. Relembra que a situação em que o seu partido se collocou nas sessões de 7 de agosto e 23 de outubro de 1914 e 12 de março de 1916 foi sempre a de absoluto auxilio junto dos alliados contra a horda teutonica e em defeza dos sagrados principios do Direito e da Justiça.

A'parte ligeiras divergencias do espirito politico, todos nós, portuguezes, nos encontrámos sempre no unico campo que podiamos honrada e honrosamente fixar: o da defeza da Patria. Isto aconteceu em todas as trez sessões historicas já rememoradas e isso ha de acontecer sempre que se trate da salvação da nossa independencia sagrada e indestructivel.

Portuguez algum haverá que se recuse já hoje a cumprir os seus deveres para com a Patria e para com os alliados e portuguez algum haverá tambem que deixe de vêr bem e ver claramente os altos beneficios que para Portugal advem da sua entrada immediata no conflicto. Mas se nada obtivessemos nós ainda assim mesmo entrariamos no conflicto por aquelle grande amor á Liberdade que é o caracteristico da nossa raça.

O orador n'um repto oratorio impossivel de acompanhar descreve agora a Belgica ferida mas triumphante na sua gloriosa missão; tem palavras de estygmatisação para os dubios, para os que circumscrevem a Patria no horisonte dos seus mesquinhos interesses inconfessaveis e ergue n'um hymno de enthusiasmo a alma heroica de Portugal sempre valente, sempre admiravel, sempre grandioso. Tem confiança nos soldados de Portugal. Elles vão partir e vão salvar a honra de todos nós!

(Muitos apoiados).

Fala o leader do partido evolucionista

O sr. Vasconcellos e Sá, em nome do Partido Evolucionista, reconhece a alta competencia e os optimos serviços desempenhados pelos srs. ministros das finanças e dos estrangeiros em Paris e Londres.

Agora apoz a nota da Inglaterra lida no Congresso só ha um caminho rapido e seguro—a entrada de Portugal armado no conflicto europeu. (Muitos applausos.) E que d'ora avante se não permitta a mais pequena campanha contra a nossa intervenção, seja de quem fôr, seja de que maneira fôr! (Muitos apoiados).

Em seu nome pessoal pergunta agora quaes foram as nações que assignaram o pacto de Londres e quaes as que ainda o não fizeram.

O sr. ministro dos extrangeiros diz quaes foram:—assignaram Inglaterra, França, Russia, Japão e Italia. Não assignaram—Belgica, Servia e Portugal.

Fala o chefe unionista

O sr. Dr. Brito Camacho declara que só hoje teve conhecimento da missão dos srs. Affonso Costa e Augusto Soares a Paris e Londres e que reputa as medidas tomadas e obtidas de alcance para Portugal. Não suppõe porem que todos os desejos e aspirações do sr. Ministro das Finanças se realisem apoz a guerra, como durante a guerra. E' uma advertencia que faz ao seu país e aos homens publicos do seu paiz.

Quanto á resolução tomada sobre os navios allemães a sua pergunta na sessão em que d'esse caso se tratou aqui era já de molde a estabelecer o que hoje se realisou.

O governo vae alugar os navios. Muito bem e outra coisa não havia a fazer. Bem vê o sr. ministro das finanças que eu queria... O sr. dr. Affonso Costa—V. ex.ª não queria coisa alguma, visto saber tão bem como eu tudo que se tratava.

(As galerias interrompem n'uma prolongada salva de palmas e vivas ao sr. dr. Affonso Costa. Da União Republicana partem protestos violentos. Pede-se ordem e pede-se a palavra. O sr. Manuel Monteiro chama as galerias á ordem sob pena de immediata evacuação, reincidindo).

E o orador continua. Nada sabia. Não mente, nem podia mentir ao seu Paiz. Não sabia nada e se a sua affirmação não é a expressão da verdade que seja lida na meza a requisição do governo inglez a que se refere o sr. dr. Affonso Costa.

Sobre a entrada de Portugal na guerra elle orador suppunha que os dois ministros portuguezes tivessem ido a Londres ratificar os votos do Congresso de 7 de agosto e 23 de novembro de 1914 que ainda não caducaram, o que era ainda assim para estranhar visto que dois mezes antes o sr. João Chagas tomara parte n'uma conferencia militar dos alliados e ali certamente ficaria resolvida a nossa cooperação na guerra.

Quanto ao pacto de Londres julga que não é indifferente assignarmos ou não esse pacto. No emtanto o sr ministro dos estrangeiros o dirá. Formulará para isso uma hypothese: se amanhã a Allemanha fizer a paz com todos menos com Portugal estamos nós salvaguardados para esse caso?

Fala o sr. presidente do ministerio

Usa agora da palavra novamente o sr. dr. Antonio José d'Almeida, que em resposta ao sr. Brito Camacho lhe diz que reconhece todos os direitos civis e politicos de sua ex.ª como reserva esses direitos para si. Mas hoje, no momento em que Portugal vae sellar com sangue o seu compromisso, elle não responderá a algumas considerações do sr. Brito Camacho.

N'esta hora amarga e tragica não quer levantar discussões inopportunas. *(Palmas e vivas das galerias, que são mais uma vez chamadas á ordem pela presidencia).* Mas vae responder ás considerações do sr. Camacho sobre o pacto de Londres. Esse pacto não se assignou. Nem era preciso. Que me importa a mim não assignar um pacto, se tenho a minha palavra e a minha honra a ligar-me á Inglaterra?

O proprio sr. Camacho o reconheceu declarando um dia que a Allemanha nos chamára «vassalo» quando nos poderia chamar «escravos» da nossa palavra.

Não é preciso o pacto de Londres ser assignado por nós, visto que o que hoje se fez foi combinar a nossa maior cooperação, visto que cooperação já nós tinhamos dado á Inglaterra nas campanhas d'Africa, feitas de accordo entre os dois estados maiores das duas nações alliadas.

Nós vamos hoje para os campos de batalha da Europa dar a Joffre a força real da nossa espada e a força moral do nosso apoio ao lado d'um grande povo, do povo inglez.

O exercito portuguez vae para a guerra em nome d'um compromisso de honra e ha-de ser com a mão chamuscada de polvora que havemos de abrir a porta do Direito novo.

Caminhamos para a gloria. Assim lh'o diz a sua fé e por isso sauda os ministros portuguezes que foram lá fóra honrar a Patria e a Republica.

Sauda tambem todos aquelles que confiam nos destinos de Portugal.

Sauda em fim todo o povo de Portugal representado ali nas galerias, sempre prompto para os sacrificios, para a lucta e para a defeza da Patria. Sauda-o calorosamente e egualmente n'elle deposita todas as suas esperanças.

(Nas galerias, durante alguns minutos ha palmas, vivas, calorosas acclamações).

Fala depois o sr. dr. Costa Junior, que faz alguns reparos ás palavras dos srs. drs. Affonso Costa e Augusto Soares e que declara peremptoriamente não dar o seu voto á moção Correia Barreto, porque todos os governos teem sahido fóra da auctorisação que lhes foi concedida pelo parlamento.

Ver continuação em «Ultimas Noticias»

Fóra do Parlamento—Acclamações á Patria e á Republica

A's 14 horas, já no largo das Côrtes se viam muitas pessoas, algumas aguardando a chegada de deputados e senadores, a fim de alcançarem bilhete de entrada nas galerias, outras para presencearem a entrada do sr. dr. Bernardino Machado e dos membros do governo. A guarda de honra ao parlamento é feita por uma força de Infantaria 16, sob o commando do capitão sr. Correia d'Almeida, com a respectiva banda. Junto do busto de José Estevão, uma força de cavallaria da guarda republicana sob o commando de um sargento. O serviço policial é feito por dois chefes ás ordens do capitão sr. Bruno do Carmo e tenente Luiz Ochôa. Tambem ali esteve o 2.º commandante, major sr. Penha Coutinho. Cerca das 15 horas chega a guarda de honra ao chefe do Estado. E' feita por duas companhias de infantaria n.º 1, com banda e bandeira, sob o commando do capitão sr. Coutinho, que serve de major. Forma com as costas para o parlamento e estende-se pela rampa que vae ter ao mercado de S. Bento. Pouco depois chegam um esquadrão de cavallaria da guarda republicana ás ordens do capitão sr. Paul e uma força de infantaria da mesma guarda sob o commando do capitão sr. Gomes da Silva. Parte d'esta força segue para as trazeiras do edificio.

Vão entrando deputados e senadores que se veem em serios embaraços para attender os que lhes pedem bilhetes de entrada. Chega o sr. ministro da Russia. E' o primeiro diplomata que dá entrada no parlamento.

Tendo terminado a reunião do partido unionista, os parlamentares d'esse partido dirigem-se para S. Bento. O sr. dr. Brito Camacho leva debaixo do braço varios livros. Acompanham-no os srs. José Barbosa e Carlos Pereira.

O largo está repleto. A's 15 horas e 40 minutos um corneta de infantaria 1 dá o signal de sentido. E' o sr. dr. Bernardino Machado que chega em carro descoberto, a duas parelhas. A' frente, dois batedores de cavallaria da guarda republicana de grande uniforme e logo a seguir a carruagem que conduz os srs. presidente da Republica, dr. Antonio José de Almeida, presidente de ministros, dr. Affonso Costa, ministro das finanças e Augusto Soares, ministro dos negocios estrangeiros. A banda de infantaria 1 executa a «Portugueza», as forças apresentam armas. Ao encontro do sr. dr. Bernardino Machado veem os srs. Barreto da Cruz e Costa Leme, seguindo todos para o elevador. Entretanto cá fóra e no atrio levantam-se vivas á Patria e á Republica. Pouco depois, parte do esquadrão de cavallaria retirava para o quartel.

Os emprestimos

A nota lida pelo sr. ministro das finanças ao Congresso

O governo inglez combinou com o governo portuguez fazer-lhe tantos emprestimos quantos forem necessarios para o pagamento de todas as despezas que, para fins devidamente relacionados com a guerra, os dois governos concordem que é necessario effectuar na Grã-Bretanha, excepcionalmente n'outros paizes alliados.

O governo fará estes emprestimos ao governo Portuguez nas mesmas condições em que levante dinheiro de tempos a tempos por bilhetes de thesouro.

O total emprestado ao governo portuguez será por este pago ao governo inglez dentro de 2 annos a contar do tratado de paz, que será negociado por Portugal e por cuja emissão o governo inglez dará todas as facilidades possiveis.

O convite para a cooperação militar

A nota lida ao congresso pelo sr. ministro dos extrangeiros

Os srs. Affonso Costa e Augusto Soares, Ministros Portuguezes das Finanças e dos Negocios Estrangeiros, confirmaram, em conversação com o Principal Secretario de Estado de Sua Magestade para os Negocios Estrangeiros, o facto de Portugal, pelas decisões do seu Parlamento e pelo unanime sentimento do seu povo, se ter invariavelmente collocado ao lado da Grau-Bretanha. Portugal sentiu que acima de tudo devia proceder como antigo alliado da Gran-Bretanha, para o que tem estado e continua a estar prompto.

Portugal deu provas d'isso em todas as occasiões, e especialmente quando os navios allemães foram requisitados, facto que conduziu á declaraçãa da guerra pela Allemanha a Portugal.

O governo de Sua Magestade plenamente reconhece a lealdade de Portugal e a assistencia que já lhe está dando, e cordealmente o convida a uma maior cooperação militar ao lado dos alliados na Europa em tanto quanto elle se julgue capaz de a prestar.

A commissão de guerra está sendo consultada com respeito ás providencias que serão propostas para assentar nos preparativos necessarios.

O que se pensa em França ácerca de Portugal

O operario portuguez — A cooperação militar portugueza

Quando chegámos de Londres vinhamos radiantes pela convicção absoluta da nossa explendida situação internacional.

As palavras de Sir Mauricio de Bunsen echoaram no nosso coração como uma marcha triumphal e gloriosa e nós que desde começo nos acostumamos a ter pela nossa terra um grande amor sentimos toda a alegria de quem vê no estrangeiro a sua Patria engrandecida e nobilitada.

O nosso ministro em Paris sr. João Chagas ao ter conhecimento da entrevista do illustre diplomata inglez ficou muito satisfeito e logo nos prometteu uma entrevista com um dos membros do governo francez.

E'conveniente dizer desde já que os ministros na França são difficilimos de entrevistar. Manteem ácerca de tudo uma reserva absoluta e respeitam até ao exaggero o protocollo. Mas a muita boa vontade do nosso ministro tudo venceu e a seu pedido Mr. Albert Thomas, ministro das munições, marcou-nos audiencia para hoje ao meio dia. Não podemos deixar de agradecer desde já ao sr. João Chagas a sua valiosa interferencia.

Levantamo-nos cêdo e n'um andamento moderado fomos fazer horas para o «Bois». A esta hora da manhã, não se vê ninguem o que nos torna o passeio muito mais agradavel. Do arvoredo em volta veem emanações suavissimas e a vista delicia-se-nos nos tufos verdejantes onde aqui e além o sol põe manchas de oiro que se fixam em tons diluidos pela espessura dos castanheiros. Paira sobre a relva uma certa humidade de frescura e as aguas tranquilas dos lagos reflectindo o ceu e as arvores são como um espelho muito grande onde a propria natureza se olha desvanecida.

Approxima-se a hora da entrevista. Regressamos aos campos Elyseos onde está installado o ministerio das munições.

A' porta de um e outro lado, sobre pequenos pedestaes de madeira as granadas enormes dos canhões francezes de 400 e os torpedos comportando kilos de explosivos que tão uteis teem sido no revolver e destruir das trincheiras inimigas.

Como já nos tinha acontecido em Inglaterra é necessario prehencher um papel que o porteiro nos entrega. Ahi devemos declarar o nosso nome, nacionalidade e profissão, a pessoa com quem desejamos falar e o assumpto.

Feito isto aguardamos a resposta. Pouco depois um militar conduz-nos até junto do gabinete do ministro.

N'uma secretaria ao fundo está s. ex.ª que nos recebe com a maior afabilidade.

O sr. Albert Thomas é um homem forte, vigoroso, dos seus quarenta e tantos annos, a face vermelha, a cabelleira e a barba fulva e revolta. Veste de jaquetão e tem o ar decidido d'um homem resoluto e energico.

Quando fala a sua mão robusta de trabalhador acaricia a barba ou passa n'um gesto largo e febril por entre a cabelleira leonina.

Defensor acerrimo dos principios socialistas, a sua obra no campo dos ideaes sociaes e em prol dos proletarios é bem conhecida em todo o mundo. Ao organisar-se o ministerio nacional entrou para o governo e na pasta das munições tem-se affirmado o homem do que a França necessitava.

Intelligente, organisador e disciplinador Albert Thomas é um dos mais valiosos elementos da grande obra que os alliados estão realisando.

* * *

Feitos os naturaes cumprimentos e tendo nós falado um pouco da França e sua ex.ª um pouco de Portugal, iniciamos propriamente a entrevista.

—Como é sabido de todo o mundo, diz-nos o sr. Albert Thomas, n'esta guerra gigantesca, a França tem dado tudo, absolutamente tudo. Nenhum outro paiz tem contribuido para o esforço commum com uma energia proporcionalmente superior á nossa. O numero de homens enviados pela França para as linhas de batalha comparado com a sua população é superior ao que tem enviado os outros paizes e podemos dizer com toda segurança que a Russia a Inglaterra e a Italia proporcionalmente á sua população teem menos homens em armas do que nós. D'ahi resultam que nos faltam braços para as fabricas de munições. Emfim fiz retirar das trincheiras para as officinas muitas centenas de milhares de homens e não chegam. O gasto de munições de guerra é collossal e tem attingido proporções inacreditaveis, lançando-nos na necessidade de crear novas fabricas. Tudo está feito, hoje produzimos munições que em absoluto satisfazem ás necessidades de guerra. Podemos mesmo affirmar que temos a nossa producção de munições organisada por forma a não recearmos que jámais nos faltem. Esta producção é por hoje tal que nos permitte fornecer alimentos á Servia, parte do exercito russo e parte do exercito italiano.

Mas para as nossas fabricas, que são muitas, necessitamos braços. Das colonias francezas virão em breve muitos trabalhadores; virão de Marrocos e virão tambem da China, mas necessito ter em cada fabrica um nucleo de bons operarios, europeus, que serão como que os nossos sub-secretarios dirigindo e orientando todos os trabalhos.

Esses operarios pedi-os eu á Italia e a Portugal.

O dr. Affonso Costa, com quem fallei sobre este assumpto mostrou-se interessado em servir a França n'uma das suas maiores necessidades.

Vem a proposito dizer-lhe—continua o sr. ministro das munições—

A PATA ALLEMÃ NO NORTE DA FRANÇA

Como A Capital *referiu, os allemães, levaram, pela força, do departamento do norte França, mais de 25:000 francezes civis, de ambos os sexos, para os obrigarem a trabalhar em seu proveito. O general von Graevenitz declarou n'essa occasião: «Quem tentar esquivar-se ao transporte, será implacavelmente punido.*

Desenho do grande artista FORAIN.

que nas fabricas de França, principalmente no sul, ha já um grande numero de operarios portuguezes e é com o maximo prazer que lho affirmo que elles são dos melhores. Nós temos operarios de todo o mundo, mas os portuguezes são dignos de registo.

Tenho pena de não ter agora aqui os relatorios e communicados de alguns directores de fabricas em que são feitas referencias especiaes e em termos elogiosos para os operarios do seu paiz.

Nós conhecemos muito bem aqui em França os sentimentos dos portuguezes para com as nações alliadas e o desejo de cooperarem por todas as fórmas n'esta lucta em que todos estamos empenhados.

A sua attitude encontra nos nossos corações um grande echo de sympathia e de amizade.

Sabemos muito bem que Portugal ama a França e posso-lhe garantir que o seu paiz póde estar em absoluto seguro da grande e sincera amisade do nosso.

E o fornecimento de operarios—d'esses excellentes operarios que nós tanto apreciamos — será uma das maiores e mais apreciaveis cooperações que Portugal nos poderá trazer. Homens e mulheres, porque nas fabricas de munições a mulher tem sido tão util que n'este momento eu tenho já nas fabricas 260:000 mulheres, e ainda quero muitas mais. O operario portuguez, repito-lhe, é dos melhores e apenas tem um defeito, é ser nomada, mas é muito disciplinado, tem amor ao trabalho e em tudo que executa é d'uma perfeição que merece os maiores elogios. Nós fallamos então um pouco sobre Portugal e como tivessemos perguntado a S. Ex.ª se conhecia o nosso paiz, o sr. Albert Thomas responde-nos:

—Por emquanto, não e digo por emquanto, porque tenciono muito brevemente ir visital-o.

Fallei com o dr. Affonso Costa sobre este assumpto e mais ou menos ficou resolvido que eu iria em breve a Portugal.

Tenho grande desejo de conhecer o seu paiz e antecipando-me a uma pergunta, que por certo me vae fazer dir-lhe-hei que vou ao seu paiz por trez motivos de caracter intellectual. Quero levar aos portuguezes a saudação da França, consolidar e augmentar, se é possivel, as relações intellectuaes dos dois povos. Eu sei que a França vive no amoresamento no coração de todos os portuguezes, e assim estou certo de encontrar ahi um acolhimento dos mais carinhosos.

Os outros dois motivos são o fornecimento de wolfram e de operarios, ás nossas fabricas.

O wolfram é uma das materias primas mais necessarias á guerra actual e o seu paiz tem-o abundantemente. Dois terços da producção mundial de wolfram pertencem a Portugal, e essa producção pode augmentar e muito desde que se intensifique a extracção.

Nós procuraremos que os ministros portuguezes resolvam em Portugal esse problema. Quanto aos operarios, já lhe disse o sufficiente, para ver quanta necessidade temos d'elles e que certamente será aguardada por nós a sua vinda para França.

Voltamos de novo a fallar sobre a guerra, sobre as munições, sobre a acção militar dos alliados, que unidos na mesma cumunhão de sentimentos e aspirações se consideram como irmãos intimamente ligados para tudo e para sempre. E tal como Sir Maurice de Bunsen nos tinha fallado em Inglaterra assim Mr. Albert Thomas nos diz:

N'esta guerra todos os povos são eguaes e occupam o mesmo plano. Grande ou pequeno que seja o paiz, elle contribue com o que póde e assim todos contribuem egualmente. E visto terem tomado todos, proporcionalmente ás suas forças, a responsabilidade de eguaes deveres, todos teem igualmente os mesmos direitos.

Foi n'este momento que Mr. Albert Thomas nos fallou mais propriamente sobre a cooperação militar de Portugal dizendo-nos:

—Então, os srs. estão-se preparando para um grande esforço militar? Isso é muito bom e a França agradece-lhes com a maior emoção e enthusiasmo.

Conversamos com o nosso illustre entrevistado sobre o esforço que estamos emprehendendo e verdadeiramente enthusiasmado, abraçando-nos, o sr. Albert Thomas diz:

—Pois que venham esses soldados de Portugal defender na nossa terra a Liberdade e o Direito; para elles estarão abertos os nossos braços e os nossos corações. Que venham e podem contar com a França em tudo e para tudo.

Tenho aqui muitos milhares de granadas e por elles serão bem empregadas. A Historia ensina-nos quão valorosos teem sido e em todos os tempos os soldados de Portugal, pois que venham e será com o maximo prazer que lhes fornecerei tudo quanto necessitarem.

O sr. Albert Thomas tem, como o leitor bem deve comprehender, os seus minutos contados, seria um crime demoral-o mais tempo, embora nos fosse muito grato ouvir as carinhosas referencias feitas a Portugal; despedimo-nos agradecendo a honra concedida e já á porta com um abraço, o sr. ministro das munições diz-nos ainda:

—Até Portugal, lá nos veremos e entretanto pode dizer ao seu paiz que a França inteira e completamente está com elle e para o servir em tudo.

EDMUNDO PORTO.

TERRAS DE PORTUGAL

A Serra d'Ossa

E' a Cintra do Alemtejo, cheia de sombra e alagada de agua

REDONDO, 3. — A meio d'uma abafada tarde de domingo, parto de Villa Viçosa para Redondo. São vinte e tantos kilometros em trem. Sento-me n'uma *victoria* a desconjuntar-se, puxada por dois cavallos lazarentos, verdadeiros bucephalos de Tolentino. E a viagem principia. A' medida que me affasto da villa, o calor redobra. A estrada corta olivaes e terras avermelhadas, que deram trigo e que crearam aveias. A' direita, ficam-me os arvoredos e os montados da Tapada. O cocheiro mete conversa commigo. O antigo explendor d'esse canto magnifico quasi desappareceu. O gado hoje é pouco. A caça grossa e miuda tem diminuido. E assim, a Tapada, que n'outros tempos tinha tanto que vêr, quasi não passa hoje d'um logar cheio de recordações, que nem a alegria das aguas correntes, brotando das fontes de marmore, polido, consegue resuscitar para a vida. O ar é quente, a viração é quente, e da terra plana parece que brotam girandolas rubras de faulhas. Bemcatel, com a sua ribeira viçosa, é um bocadinho da terra da promissão, marchetando de verdura a campina longa e desguarnecida.

A estrada, pouco além d'essa povoação interrompe-se, para recomeçar lá em baixo, na outra margem da ribeira se Lucefece, atravessada por uma ponte nova, unida por estradas. A subida para Redondo inicia-se. E' lenta, atormentada, penosa. No costado d'um grande rochedo branquejam trez cruzes sinistras. Altos eucalyptos frondosos, dos mais imponentes que tenho visto pelas estradas de Portugal, orlam o macdame, escurecendo-o com a sombra espessa da sua verde ramaria. Montados ininterruptos. Com a subida, o horizonte alarga-se. Para á esquerda, a cordilheira d'Ossa. Para á direita, terrenos de semeadura, alguns raros alqueives e a tristeza do sobreiro e do azinheiro a cobrir tudo quanto a minha vista fatigada e dorida alcança.

—Falta ainda muito?—pergunto ao cocheiro.

—Estamos a meio caminho.

A paisagem não muda. Conserva-se a mesma, sempre triste, sempre monotona, sempre afogueada. O calôr esbrazea. Mais duas horas de jornada por esta guela de fornalha, que é a estrada nova. Redondo surge, emfim, sorrindo-me, toda branca, no cimo d'um monte, como uma consoladora promessa de refrigerio e de descanço. Precipito-me para o hotel. Acolhe-me uma rapariguita de grandes olhos azues, roliça, sádia e palladora, que me sorri satisfeita, como se fosse minha velha conhecida. Peço-lhe um banho. Não ha. Quando muito, pode arranjar-me um jarro d'agua e uma bacia para pygmeus. Com isso me contento para refrescar um pouco a pelle tostada do rosto e das mãos, que o suor e pó quasi tornaram impermeavel.

Depois de jantar, saio. Vou ao Calvario, o passeio predilecto da gente da terra. A estepe alemtejana, cortada em semi-circulo, desenrola-se para um e outro lado. Evora, a trinta e tantos kilometros, adivinha-se afogada na penumbra da tarde que morre. Aqui e além ha *montes* tratados como jardins. A horta fresca e o vinhedo cheio de viço alternam com as courellas de rostolho, ás quaes o sol, rubro como um disco de fogo, imprime tons de um colorido quasi alaranjado.

No dia seguinte, parto parr a serra d'Ossa. Fica a sete kilometros de Redondo. Faz-se a viagem em *charrete*. O calor não despéga. Quasi não bóle bafo de vento. Pelos montados, os rebanhos tomam a sesta. Ao longe, a Serra, toucada de pinheiros e de sobreiros, batida de chapa pelo sol que queima, dir-se-hia coroada de chammas, diluidas do encontro a esta luz fulgurante a que coisa nenhuma resiste. Penetramos n'um valle, por onde vive já o castanheiro. Estamos nos antigos dominios dos frades Paulistas, que foram os donos de tudo isto. Montes e valles, serras e campinas, tudo aquillo que por estas redondezas creava o trigo e deixava arreigar o sobreiro e o azinheiro, lhes pertenceu. Hoje, o convento e os seus dominios são de um particular, o dr. Tavares Leotte, juiz aposentado, que ali fez a sua casa de verão.

Apeamo-nos no largo do antigo mosteiro, onde uma grande meza posta aguarda a hora em que deve ser servido o jantar. Ha mais visitantes na Serra. Gente que veio d'Evora e de Redondo a passear, á sombra das nogueiras seculares e dos eucaliptos, altos como torres de cathedraes, em dia de frescura, de refrigerio e de sombra. Principio a percorrer o mosteiro. A egreja foi completamente devastada. Era riquissima em marmores e em azulejos. Quasi não ha, n'esta região, templo que não guarde uma recordação pr[illegible]osa da egreja do convento que os Paulistas possuiram n'esta serrania distante, tão longe do mundo, tão perto de Deus... A cerca do convento, toda em socalcos, com aguas corrente por todos os lados, é riquissima em arvores de frutos. Em cima, a agua espadana nos tanques. Ha uma fonte de marmore lavrado que é uma verdadeira joia preciosa, com um Netuno felicissimo a rir e muitas sereias em redor a namoral-o. Nos velhos claustros desmantelados, vivem ainda, quasi sem defeitos, *panneaux* de azulejos, representando episodios do velho e do novo testamento. Ha figuras antipaticas com os olhos picados. E' o costume de sempre. O barbarismo não tem emenda.

O Sr. Tavares Leote quer ser o nosso guia atravez do seu palacio. Acceitamos agradecidos, primeiro o longo corredor para que davam as salas, a cosinha imensa, dependencias varias e até uma céla mais vasta na qual, segundo reza a tradição, esteve fazendo penitencia um rei que cahira em desgraça. Mais azulejos, semelhantes aos dos claustros. No atrio, outra fonte tambem de marmore, delicadamente lavrada. Sobe-se uma larga e suavissima escadaria, propria para gente de edade. Eram, n'esta parte do mosteiro, os aposentos do geral. Nada de notavel. A varanda que termina o edificio pelo norte atrahe-me. Precipito-me para ella. Serve-lhe de toldo a ramaria d'uma velha parreira, que vem lá de baixo, da terra boa, e que se esforça por crear uma verdadeira cascata de cachos, que principiam agora a ganhar côr e sumo.

A vista é um deslumbramento. Ainda não tive deante de mim, n'este Alemtejo plano, mais fascinante panorama. A extensão de terreno que o olhar alcança é incommensuravel. Redondo, o Alandroal, e não sei quantas mais villas e aldeias, irrompem da terra arborisada como bandos de pombos bem fartos, que andassem pelas clareiras dos montados, em cata dos ultimos bagos de trigo, occultos na espessura loira dos restolhos. A meus pés, larangeiras pequeninas deixam aflorar, á superficie da folhagem em bico, os frutos quasi vermelhos, á força de serem bebidos pelo sol. E' uma deliciosa mansão de paz, esta. Diz-se por aqui que houve em tempos em Portugal uma rainha que quiz adquirir o velho mosteiro da serra d'Ossa para n'elle instalar um sanatorio. Não o conseguiu e foi pena. E' que em Portugal, bem poucos devem ser os sitios onde o ar seja mais puro e onde os pobres tisicos, com os pulmões a desfazer-se, melhor possam armazenar as energias de que precisem para viver. Os frades, em geral, sabiam o que faziam...

ADELINO MENDES

Migalhas

Censura postal

A guerra tem tido resultados imprevistos; um dos mais incommodativos, decerto, é o da censura postal. Para os espiões, que, porventura ahi existam e confiem ao correio as suas communicações, não será grande o embaraço. Elles lá terão tido o tempo sufficiente e a esperteza precisa para combinarem as suas «chaves» e sabe Deus quantas cartas falando de innocentes negocios de manteiga fresca ou de assumptos na apparencia familiares e anodinos, passarão sob o nariz da censura postal sem que esta suspeite que se trata de cousas sérias.

Os que vão ficar certamente perplexos são os individuos d'ambos os sexos, que confiavam á discreção dos marcos postaes as divagações da sua psychologia intima. Amorosos legitimos ou illegitimos, que cada qual esperava ansiosamente que os carteiros lhes trouxessem perfumadas e mysteriosas epistolas, contendo juramentos incendiarios, planos de ternura a 150º centigrados e outras phantasias do nosso senhor Cupido, que cara ficarão agora ao ver o carimbo «Aberto pela censura» e scismando que, n'uma repartição, sepultado sob um Hymalaia de sobrescriptos, já houve um censor, que saboreiou aos goles, como quem toma uma carapinhada por uma palhinha, todas aquellas desvarios epistolares, todas aquellas piégices intimas, todas aquellas revelações e recordações que «d'on se dit quand on est deux»? Agora já não ha amor por cartas que possa ser um desvario do duetto. Ha sempre de permeio um intruso, maçador e irritante como aquelle passageiro que alta noite e n'um apeadeiro perdido, sobe para um compartimento de noivos em viagem de nupcias. Sabe Deus quantas pessoas... mais regressarão agora ás mais fileiras de que tomaram já vêr a guerra pelas costas.

André Brun

Jardim Zologico

A compra do parque das Larangeiras

Como largamente noticiamos, a Sociedade Jardim Zoologico e de Acclimação em Portugal pediu auctorisação para emittir 1:348 obrigações hypothecarias de valor nominal de 50$00 cada uma na importancia total de 67:400$00, quantia destinada em parte á acquisição do parque das Larangeiras, parte ao pagamento de emprestimos anteriores e melhoramentos no referido parque.

No «Diario do Governo» de hoje vem a portaria autorisando essa emissão de obrigações, que serão ao juro de 6 0/0 annual, captivo do imposto de rendimento, pagavel aos semestres, amortisaveis no praso maximo de 50 annos por sorteios annuaes ou compra no mercado, com garantia de hypotheca dos bens immoveis do Jardim, podendo este em qualquer epocha antecipar a amortisação.

Da operação nenhuma responsabilidade de qualquer natureza advirá para o Estado.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

O generalissimo Joffre declara a victoria certa agora

PARIS, 7. — Segundo os jornaes, o generalissimo Joffre declarou aos jornalistas americanos que a victoria era agora certa; os cinco mezes de resistencia de Verdun aniquilaram o plano allemão e fizeram inclinar definitivamente a balança em favor dos alliados. Não obstante os nossos inimigos estarem ainda combatendo desesperadamente, estão dando signaes de fraqueza e esgotam as suas ultimas reservas; o plano allemão de transportar rapidamente reservas de uma linha para outra tornou-se impossivel em consequencia da constante unidade de acção dos alliados.—(Havas).

As operações na Africa Oriental

LONDRES, 6. — AFRICA ORIENTAL, 28 de junho. — O general Smiths por ultimo chegou á linha ferrea central que vae de Dares-Salam ao interior de Tabora, onde as forças sob o commando do general Van Deventer tomaram a estação de Dodomá. Mais para leste chegaram mais duas columnas ao interior, vencendo a distancia da mesma linha. N'este avanço todo o acampamento allemão foi tomado com grandes quantidades de provisões, fugindo o inimigo em desordem, perseguido pelas nossas tropas montadas. A oeste a columna belga e britannica, sob o commando do general Crewe, que tem a sua base nos portos do lago Tanganica, fez grandes progressos, e a sudoeste o general Northey, que opera desde a fronteira do Nyassaland, forçou o inimigo a recuar em direcção á linha ferrea central, tomando grande numero de peças de artilharia e fazendo prisioneiros, em cujo numero se contam os sobreviventes da tripulação do "Königsberg". O afundamento da canhoneira allemã assegura definitivamente o dominio do lago Tanganica.—(Havas).

A'cerca da nossa cooperação nas operações da Africa Oriental, teem corrido varios boatos, mas o ministerio das colonias não os confirma nem os nega, abstendo-se de publicar sobre o assumpto qualquer nota official.

Uma semana de lucta nas linhas inglezas

LONDRES, 6.—Summario das operações britannicas effectuadas no periodo de oito dias terminados em 5 do corrente, compillado por um escriptor militar muito conhecido:

«O combate semanal na linha do occidente consistiu principalmente na lucta para a consecução de um ou dois pontos elevados, situados na crista entre Thiesval e Guillemont e que fornecem maior de se observar directamente a região do leste. No sabbado 29 de julho de manhã cedo houve encarniçada lucta corpo a corpo na direcção de um moinho de vento a leste de Pozzieres e na floresta de Fourax, sendo tambem repellidos os contra-ataques allemães em frente do bosque de Delville. Na manhã seguinte, os inglezes juntamente com os francezes atacaram na direcção da aldeia de Guillemont de noroeste para oeste, conseguindo fazer 250 prisioneiros e avançar a linha britannica até á estação do caminho de ferro. Desde segunda até quinta-feira estivemos occupados em consolidar e avançar ligeiramente a nossa posição.

A densa cerração que cobria todos os planaltos tornou extraordinariamente difficeis os reconhecimentos aereos e facilitou ao inimigo fazer avançar novas baterias vastas ser-lhe difficil manter-se na sua posição. A escassa visibilidade tambem tornou difficil o bombardeamento das posições inimigas pela nossa artilharia e impediu os ataques de infanteria. Apprehendemos uma ordem do general allemão que dirige as forças que combatem contra nós, datada de 3 de julho e que contem a seguinte significativa phrase:—«A decisão da guerra depende da victoria do segundo exercito no Somme. Tem-se perdido importante terreno em determinados pontos, o qual será retomado pelos nossos ataques depois da chegada dos reforços. Por agora o importante é manter as nossas posições a todo o custo e melhoral-as por meio de contra-ataques locaes.» A antecipação allemã não soffreu o resultado esperado: os reforços chegaram mas não retomaram cousa alguma. Pelo contrario os allemães foram energicamente forçados a recuar, sendo as suas duas linhas postas por nós, tendo elles de ir estabelecer n'uma improvisada posição principal menos fortificada tornada á retaguarda. A parte mais elevada do planalto com observação directa sobre o terreno ondulado, a leste, foi toda tomada pelas forças britannicas.—(Havas).

"Films" das manobras de Tancos

No Salão Central, houve hoje, pelas 11 horas e meia, uma sessão especial, para exhibição de "films" das manobras de Tancos, á qual assistiram, alem do sr. presidente da Republica, os srs. ministros da guerra, marinha, finanças, fomento e trabalho, pessoal dos seus gabinetes e alguns

Os judeus nas fileiras do exercito portuguez

Entre os novos alistados que hontem prestaram na Escola de Guerra juramento de fidelidade á Patria e á Republica conta-se o sr. Judá Bento Ruah, israelita, sobrinho do sr. Joshua Benoliel, o distincto e conhecido reporter photographico. A respeito do novo cadete, lêem-se no *Seculo* d'esta manhã as seguintes palavras que fazemos nossas:

«E' o primeiro judeu que se alista como official no nosso exercito, havendo apenas outro na armada, por signal que official dos mais distinctos e illustrados. Judah Ruah é, além de um caracter de ouro e de um patriota dedicadissimo, um rapaz talentoso e intelligente. Cursara recentemente o Instituto Superior Technico, creado pela Republica, e havia pouco que fôra feito, com um curso brilhantissimo, engenheiro electro-technico.»

O official da armada a que alludo o *Seculo* é, senão estamos em erro, o sr. Jaymo Athias.

O caso do sr. Judá Bento Ruah suggere-nos algumas considerações que julgamos opportuno fazer.

O sr. Jaymo Athias, pelo facto de ser israelita, não deixou de se alistar na armada, ainda quando o Estado tinha uma religião: a catholica.

Hoje, com a separação da Egreja e do Estado, não é possivel invocar os motivos religiosos para que um israelita se abstenha de servir nas fileiras do exercito. Mas apenas haverá dois israelitas em Portugal que sirvam o paiz como militares? Se assim é, como se explica o facto? Será porque as familias israelitas que vivem entre nós não são portuguezas? Será porque, embora aqui residentes ha longos annos, tendo frequentado os seus filhos as nossas escolas e exercendo n'este paiz a sua actividade, continuam a preferir á nossa a nacionalidade extrangeira?

Ignoramol-o e deixamos aos curiosos de investigações o apurarem isso. Com effeito, seria estranhavel que, se fossem portuguezes, os jovens israelitas que nasceram, vivem e trabalham em Portugal, não pagassem á Patria o tributo que ella reclama dos seus outros filhos...

Prisão de um allemão

Por um guarda da policia judiciaria foi hoje detido o allemão John Baptista Schovary, de 25 annos, que tendo sido empregado no Collegio Militar, ha tempo se encontrava refugiado no Collegio do Corpo Santo.

Está no quartel do Carmo.

A cultura do algodão

Um grupo anglo-luso vae promovel-a em Minas Geraes

BELLO HORISONTE (MINAS GERAES), 7.—Um grupo de capitalistas inglezes e portuguezes comprou 3.000 hectares de terrenos estadoaes, para fazer uma cultura scientifica do algodão de diversas qualidades para a producção de sementes em grande escala.—(Americana).

Desastres mortaes

No hospital de S. José falleceu hoje Raul Rosa, que hontem foi victima de uma queda em Algés quando tomava banho, tendo ficado com a espinha fracturada. Tinha 18 annos, era empregado no commercio, solteiro, e morava na travessa das Cabras, 8, 2.º Tambem falleceu o jardineiro José Diogo, hontem colhido por um electrico na estrada de Bemfica.

Com uma facada no ventre

João Madeira, trabalhador, natural de Ferrol, Athouguia da Beira, filho de José Madeira e de Florinda da Conceição, entrou ante-hontem ali n'uma taberna pertencente a José Governo, onde se realisava um ballarico. Pouco depois dava ali entrada o trabalhador Arsenio Patricio que de ha muito andava de riza com o Madeira, acabando ambos por se envolverem em desordem, de que resultou receber o Patricio uma facada no ventre. Veiu hoje para Lisboa e depois de operado recolheu em estado grave á enfermaria n.º 5 do hospital de S José.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 7/8	35 5/8
Londres, 90 d/v	36 1/2	—
Paris, cheque	$71,2	$71,6
Hollanda, cheque	$57,5	$58
Madrid, cheque	1$43,5	1$42,5
Suissa, cheque	$79	$80
New York	1$41,5	1$42,2
Rio s/Londres	12 21/32	—
Libras	7$	7$20
Agio do ouro	46 %	54 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	—	$8,50
» » 500$	—	—
» » 100$	$8,60	—

Obrigações d'Estado: 3 % 1905, 9$40; 4 1/2 88-89, assent. 57$80.

Externas: 76$70, 2.ª 76$ e 3.ª 78$70.

Acções: Banco de Portugal 181$50; Commercio e Industria 8$50; Assucar 49$; Credito Predial 22$50; Ilha do Principe 233$; Tabacos, coupon 91$; Agricultura Colonial 128$, Empreza Agricola Principe 5$85; Companhia Cabinda 2$40.

Obrigações: Prediaes 6 % 94$50 e 5 % 90$0; Ultramarinas, hypothecarias, 94$20; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, portador 68$ e coupon 68$20; Norte e Leste, 2.º grau, 35$40; Beira Alta, 2.º grau, 19$50; Caminhos de Ferro de Benguella, tit 1, 79$00 e tit. 5, 79$80.

A sessão do Congresso

Falam outros oradores

O sr. dr. José de Menezes, que em seguida usa da palavra, faz um longo discurso, discordando de algumas das considerações do sr. dr. Affonso Costa.

O sr. José Barbosa discute e aprecia largamente as palavras do mesmo ministro discordando n'alguns pormenores. Elogia a maneira como os srs. drs Affonso Costa e Augusto Soares desempenharam a sua missão no estrangeiro e termina por declarar que a União Republicana dá o seu voto á moção Correia Barreto, mas porque ella exprime apenas os votos do Congresso de 7 de agosto de 1914.

O sr. dr. Affonso Costa dá-lhe todas as explicações a respeito de detalhes do emprestimo e frisa o facto do sr. José Barbosa ser o primeiro a declarar que é preciso lançar novos impostos sobre o paiz.

E' necessario e o sr. José Barbosa ha de ser o primeiro a approvar essas medidas e espera elle, orador, que o sr. José Barbosa não vá depois lá para fóra dizer que é o governo que lança impostos. Não é o governo é a nação, que precisa dos esforços de todos os seus filhos.

(Muitos applausos e vivas).

Segue-se no uso da palavra o sr. Celorico Gil depois do que a sessão termina, sendo a moção Correia Barreto votada por todos os partidos, excepto pelo representante dos socialistas.

Os emprestimos

Publicamos na primeira pagina a nota que o sr. ministro das finanças leu no Congresso. Como esteja ahi com inexactidões, reproduzimol-a agora devidamente rectificada:

«O governo inglez combinou com o governo portuguez fazer-lhe tantos emprestimos quantos forem necessarios para o pagamento de todas as despezas que, para fins directamente relacionados com a guerra, os dois governos concordem que é necessario effectuar na Grã-Bretanha, ou excepcionalmente, n'outros paizes alliados.

O governo inglez fará estes emprestimos ao governo portuguez nas mesmas condições em que levanta dinheiro de tempos a tempos por bilhetes do thesouro.

O total emprestado ao governo portuguez, será por este pago ao governo inglez dentro de dois annos a contar do tratado de paz com o producto d'um emprestimo externo que será negociado por Portugal e para cuja emissão o governo inglez dará todas as facilidades possiveis.»

Os portuguezes na Africa Oriental

Noticias telegraphicas de Palma informam que o posto de Naigadi foi atacado hontem por infantaria com tres metralhadoras.

O inimigo foi repellido com baixas. Ficaram feridos o tenente Reis Pereira e tres indigenas.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sras.: D. Thereza Soldanha da Gama e D. Bertha San Romão Pinheiro Torres e os srs.: Alberto Cardoso de Menezes Macedo (Margarido), Francisco de Sousa Cirne Medeiros e Francisco Manuel Cabral Metelo.

Amanhã as sr.as: Viscondessa do Ameal, D. Maria das Dôres Lobo de Almeida e Costa Fragoso e D. Isabel Netto Rebello Maia, e os srs.: marquez do Jacome Correia e Francisco Patricio.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressaram do Solar da Ceiza, onde estiveram de visita a seus tios a sr.ª D. Elvira Franco de Sousa Alvim e o sr. Thimoteo de Sousa Alvim, o sr. Manuel Valente Brancamp de Mattos e sua esposa a sr.ª D. Laura de Moura Coutinho de Almeida de Eça Brancamp de Mattos e sua muito interessante filhinha.

—Encontram-se no Solar da Esperança, de visita a seus tios os srs. condes da Esperança, o sr. José Valente Brancamp de Mattos, sua esposa a sr.ª D. Luiza Brancamp de Mattos, e sua gentilissima filha.

—Partiram para a Figueira da Foz, as sr.as D. Christina Esteves e D. Manuela Joanes Esteves Iniguez.

—Encontram-se veraneando em Cintra, a sr.ª D. Maria Antonia de Freitas Mello, sua filha sr.ª D. Angela e seu filho o sr. José de Freitas Mello.

—Estão tambem na mesma instancia de verão, o sr. José Guilherme Portugal, sua esposa a sr.ª D. Maria Antonia Mello Portugal e seus filhos.

—Retirou para Olival (Villa Nova de Ourem) o illustre poeta e jornalista Acacio David de Paiva.

O commercio externo em S. Paulo

S. PAULO, 7.—O saldo do commercio externo, nos seis primeiros mezes de 1916, é de seis milhões de libras esterlinas.—(Americana).

NOTAS DIVERSAS

O commandante do submarino francez «Andromaque», que ha dias esteve no Tejo com uma flotilha, enviou uma carta ao sr. ministro da marinha manifestando o seu agradecimento e o de todos os officiaes e praças pelas captivantes manifestações de amizade que receberam, bem como pelas facilidades que lhes foram concedidas.

—A «Ordem do Exercito» deve ser distribuida na quarta feira proxima.

—A fim de conferenciar com os srs. presidente do ministerio e ministro do interior, veiu a Lisboa o commissario geral da policia do Porto, sr. Caldeira Scevola, que regressa áquella cidade no comboio da noite.

—Devido ao facto do vapor «Desado» não fazer escala pelos portos de Hespanha, o agente Mathias, da policia especial de emigração clandestina, seguiu hoje para Valença, onde vae acompanhar 193 subditos hespanhoes, passageiros em transito d'aquelle vapor.

Quedas desastrosas

Na enfermaria 4 do hospital de S. José deram entrada Joaquim Thomaz Duarte, morador na rua dos Douradores, 110, 5.º, que no Alfeite cahiu partindo uma perna; Daniel da Silva, carroceiro, rua do Terreirinho, 121, loja, atropelado pela carroça, ficando com a perna esquerda fracturada; na n.º 3 do hospital de Estephania, Gertrudes Magna dos Santos, de 30 annos, Telheiras de Baixo, que cahiu em casa fracturando a perna direita, e na enfermaria C. 1 do hospital de Santha Martha, Thereza da Conceição Pereira, moradora na Moita, que ali cahiu, fracturando uma perna e ficando muito contusa pelo corpo.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Fados acompanhados á guitarra

Um espectaculo unico no Salão Foz

Procuram sempre novidades os emprezarios do salão Foz, para apresentarem aos frequentadores do seu salão. Querem sempre apresentar bons numeros e para isso não se poupam.

Hoje dia de moda, portanto a apresentação de um grande successo, de absoluta novidade entre nós e que vae, não nos resta d'isso a mais pequena duvida, obter um grandioso sucesso.

E' nem mais nem menos do que o magnifico soprano ligeiro Stella Margarita, que vae cantar alguns dos nossos melhores fados acompanhada á guitarra por dois excellentes guitarristas que são Luiz Carlos da Silva (Petroline) e Antonio Duarte.

E' um numero sem contestação excellente e que deve receber do numeroso publico os applausos merecidos.

Além de Stella Margarita, que cantará tambem varias das suas canções apresenta-se a couplétista e bailarina Carmen Vicente, que com seu irmão Julian teem danças de uma verdadeira belleza. O publico não lhe regateia nunca muitas palmas e isto é a confirmação do seu extraordinario valor.

Os Herminios, numero que tambem faz parte do programma, são dois acrobatas portuguezes que gosam a fama de ser os melhores e na verdade é raro verem-se dois artistas tão completos no seu genero. São sobre tudo, de uma limpeza admiravel na execução de todos os seus trabalhos.

Para quinta feira está annunciada a reapparição da bella Lopez e do seu excentrico.

Já se sabe que dos espectaculos fazem parte *films* cinematographicos e concertos pelo sexteto dirigido por Thomaz de Lima.

A Leitaria Ideal

na rua dos Retrozeiros, 64 e 66

Não é exaggero affirmar-se que Lisboa é uma das cidades do mundo que possue mais e melhores leitarias e pastelarias. Nas grandes cidades estrangeiras, em Paris, em Londres, em Madrid, não é facil encontrar estabelecimentos d'aquella natureza que reunam mais condições de asseio e de conforto.

Algumas se destacam, porem, no nosso meio, e por isso mesmo o publico lhes manifesta a sua frequencia accentuada. Entre estas conta-se em primeiro logar a Leitaria Ideal, de que é arrendatario o sr. Antonio Alves, na rua dos Retrozeiros, 64, 66.

Na sua installação não foi descurado um unico pormenor que podesse representar asseio no serviço ou commodidade do publico.

O mobiliario é de construcção moderna, traçado em linhas elegantes, por forma a impressionar agradavelmente o o frequentador. Não é esse um detalhe de pequena importancia nos estabelecimentos que se destinam, como a leitaria Ideal, a attrahir uma concorrencia distincta.

Os seus pasteis são de fabrico particular, com todas garantias de asseio no fabrico e rigorosa escolha nas pessoas empregadas. O leite, puro e completo, desafia todas as analyses e todos os paladares. O cacau é escolhido entre as melhores marcas, podendo affirmar-se que em parte alguma é tão saboroso como ali.

A Leitaria Ideal tem ainda serviço de café, chá e torradas a toda a hora, vendendo tambem uma finissima manteiga, a de Sabrosa, incontestavelmente a melhor do paiz. Por fim, resta-nos apenas falar dos seus vinhos, de Collares, de marca Silva & Silva Limitada (visconde Salreu) e do Porto, Madeira, Champagne e outros das marcas mais acreditadas.

Os tratados de alliança que ligam Portugal e Inglaterra

O sr. Augusto de Vasconcellos, quando presidente do ministerio e ministro dos negocios estrangeiros, pronunciou na camara dos deputados um notavel discurso sobre os nossos tratados de alliança com a Inglaterra. Reproduzimos hoje as declarações d'aquelle homem publico:

Fala-se sempre muito e felizmente na nossa alliança com a Inglaterra. Poucos, porém, conhecem o que sejam os nossos antigos tratados de alliança com a Inglaterra, tratados que desde os fins do seculo XIV (1373-1386) até aos nossos dias teem sido sempre todos reconhecidos e acatados por essa poderosa e leal potencia. E porque apezar de quasi todos publicados, sejam particularmente em Portugal pouco conhecidos, permittir-me-ha a Camara que eu lhe exponha tão rapida e resumidamente quanto possivel, as clausulas que figuram n'esses tratados e que n'um breve ensaio de codificação fiz colligir logo que tomei conta da gerencia da minha pasta.

Baseados desde ha 6 seculos nos mesmos interesses e na mesma situação internacional os diversos tratados anglo-portuguezes são, nas suas clausulas essenciaes, como que um só tratado. A essas clausulas, ás vezes temporariamente se teem vindo juntar as que os accidentes historicos do momento impõem, para logo se fazerem anachronicas.

O primeiro d'esses tratados é o de 1373, entre Eduardo, rei de Inglaterra e França e D. Fernando, rei de Portugal e dos Algarves e D. Leonor, sua mulher. Seguem-se os de 1386, 1642, 1654, 1660, 1661 e 1703, o tratado de 1815, de Vienna e as confirmações por notas e mensagens no parlamento, nomeadamente as notas ao Duque de Palmela (1825 e 1826) a mensagem do rei da Grã-Bretanha ao Parlamento, 1826, as notas de 1829 e 1830 do Marquez de Barbacena e do Conde de Aberdeen, os despachos do Conde de Granville ás legações britannicas de Lisboa e Madrid (1873) e a apresentação á Camara dos Lords em dezembro de 1898, pelo governo britannico, dos artigos em vigor dos tratados até 1815. E' evidente que não me refiro, para não cançar a Camara, a varios tratados, que manifestamente são considerados caducos por ambas as nações.

O que contem os tratados considerados em vigor? As seguintes clausulas, que resultam da citada publicação á Camara dos Lords:

I—Haverá alliança e amizade constante e perpetua entre Portugal e a Grã-Bretanha.

II—A alliança entre Portugal e a Grã-Bretanha não será derrogada por nenhuma outra alliança ou tratado que celebre qualquer d'estas duas nações.

III—Nenhuma das partes alliadas se juntará com os inimigos ou emulos da outra parte, nem lhes dará conselho ou auxilio, nem adherirá a qualquer guerra, conselho ou tratado em prejuizo da outra.

IV—Cada uma das partes alliadas impedirá os damnos, descreditos, vilanias que lhes conste intentarem-se para futuros ataques, avisando completa e immediatamente a outra parte alliada contra taes machinações.

V—Nenhuma das partes alliadas receberá ou contentará os inimigos rebeldes ou fugitivos da outra nas suas terras, ou conscientemente tolerará que ali sejam recebidos, ou que ali habitem, publica ou occultamente, sob qualquer pretexto.

Exceptuam-se os fugitivos e exilados, não sendo traidores contra a nação de onde fogem, ou que os exilou, ou não sendo suspeitos de procurarem para qualquer das partes alliadas detrimento ou discordias. N'este caso, sendo uma das partes requeridas pela outra, deverá entregar taes pessoas, ou expulsal-as para fóra das suas terras.

VI—Nenhuma das partes alliadas consentirá que, nas suas terras, inimigos da outra fretem, ou obtenham navios que possam empregar-se em prejuizo da outra parte

VII—Se as terras de uma das partes alliadas forem offendidas ou invadidas por inimigos ou emulos, ou estes tentarem, machinarem ou parecerem por qualquer modo, proximos a offendel-as ou invadil-as, deverá a outra parte, quando para isso sollicitada, enviar auxilio de homens, de armas, navios, etc., para defeza dos territorios da Europa da parte atacada ou em outros quaesquer dominios d'esta, contra que se preparem invasões.

VIII—Se quaesquer conquistas, ou colonias d'uma das partes alliadas, forem offendidas, ou invadidas por inimigos, ou estes tentarem, imaginarem ou parecerem por qual modo, proximos a offendel-as deverá a outra parte, quando para isso sollicitada, enviar auxilio de homens, armas, navios, etc., para defeza d'essas colonias, ou para a sua recuperação quando perdidas.

IX—Se a Hespanha ou França quizerem fazer guerra a Portugal nos seus territorios do continente da Europa, ou nos outros dominios, a Grã-Bretanha interporá os seus officios para que se conserve a paz, e, não conseguindo, *enviará tropas e navios*, que combatam por Portugal.

Taes são as disposições que ligam, desde seculos, a poderosa e nobre nação britannica ao modesto mas valoroso e leal paiz de Portugal. Não temos, nem de um momento a outro poderemos crear, nem numerosos exercitos, nem formidaveis esquadras, temos porém, escalonados pelo mundo fóra excellentes pontos de appoio e portos de abrigo para qualquer esquadra, correndo-nos o dever, a que não faltaremos, de os fortificar convenientemente, e de os valorisar em termos, que a nossa situação como potencia mundial, seja tudo o que possa e deva ser, sem pretenções megalomanicas, mas egualmente sem debilidades, que requeiram mais amparo que collaboração. Para manter dignamente a nossa situação no mundo internacional temos que contar como um valor que se somma e não como um resto que se abandona.

A declaração de guerra da Allemanha

Queremos recordar hoje os termos insolitos da declaração de guerra que a Allemanha mandou a Portugal:

Lisboa, 9 de março de 1916.

Senhor Ministro:

Estou encarregado pelo meu alto governo de fazer a Vossa Excellencia a declaração seguinte:

O governo portuguez apoiou desde o começo da guerra os inimigos do Imperio Allemão por actos contrarios á neutralidade. Em quatro casos foi permittida a passagem de tropas inglezas por Moçambique. Foi prohibido abastecer de carvão os navios allemães. Aos navios de guerra inglezes foi permittida uma prolongada permanencia em portos portuguezes contraria á neutralidade, bem como ainda foi consentido que a Inglaterra utilisasse a Madeira como ponto de apoio da esquadra. Canhões e material de guerra de differente especie foram vendidos ás potencias da «Entente» e além d'isso á Inglaterra um destruidor de torpedeiros. O archivo do Vice-Consulado Imperial em Mossamedes foi apprehendido.

Além d'isso foram enviadas expedições á Africa e dito então abertamente que estas eram dirigidas contra a Allemanha.

O governador de Districto (Bezirksamtmann) dr. Schultze-Jena, bem como dois officiaes e algumas praças, em 19 de outubro de 1914, na fronteira do Sudoeste Africano Allemão e Angola, foram attrahidos por meio de convite, a Naulila e ali aprisionados sem motivo justificado, e quando procuravam subtrahir-se á prisão foram em parte mortos a tiro, emquanto os sobreviventes foram á força feitos prisioneiros.

Seguiram-se medidas de retorsão da nossa tropa colonial. A tropa colonial, isolada da Allemanha, agiu, em consequencia do procedimento portuguez, na supposição de que Portugal se achava em estado de guerra com o Imperio Allemão. O governo portuguez fez representações por motivo das ultimas occorrencias, sem todavia se referir ás primeiras. Nem sequer respondeu ao pedido que apresentámos de ser intermediario n'uma livre troca de telegrammas em cifra com os nossos funccionarios coloniaes, para esclarecimento do estado da questão.

A imprensa e o Parlamento durante toda a existencia da guerra entregaram-se a grosseiros insultos contra o povo allemão sob uma protecção mais ou menos notoria do governo portuguez. O chefe do partido dos evolucionistas pronunciou na sessão do Congresso de 23 de novembro de 1914, na presença dos ministros portuguezes assim como na de diplomatas estrangeiros, graves insultos contra o imperador da Allemanha sem que por parte do presidente da Camara ou de algum dos ministros presentes se seguisse um protesto. A's suas representações o enviado imperial recebeu apenas a resposta que no Boletim Official das sessões não se encontrava a passagem em questão.

Contra estas occorrencias protestámos em cada um dos casos em especial, assim como por varias vezes apresentámos as mais serias representações e tornámos o governo portuguez responsavel por todas as consequencias. Não se deu comtudo nenhum remedio. Ao mesmo tempo, o governo imperial, n'uma indulgente deferencia para com a difficil situação de Portugal, evitou até ahi tirar serias consequencias da attitude do governo portuguez.

Por ultimo, a 23 de fevereiro de 1916, fundada n'um decreto do mesmo dia, sem que antes tivesse havido negociações, seguiu-se a apprehensão dos navios allemães, sendo estes occupados militarmente e as tripulações mandadas sahir de bordo. Contra esta flagrante violação do direito protestou o governo imperial e pediu que fosse levantada a apprehensão dos navios.

O governo portuguez não attendeu este pedido e procurou fundamentar a sua medida violenta em considerações juridicas. D'ellas, tira a conclusão que os nossos navios immobilisados por motivo da guerra nos portos portuguezes, em consequencia d'esta immobilisação, não estão sujeitos ao artigo 2.º do tratado de commercio e navegação luso-allemão, mas sim da mesma forma como qualquer propriedade que se encontre no paiz está sujeita á limitada soberania de Portugal, e assim ao illimitado direito de appropriação do governo portuguez. Além d'isso, opina o governo portuguez ter procedido a dentro dos limites d'esse artigo, visto a requisição dos navios corresponder a uma urgente necessidade economica e tambem no decreto de appropriação estar prevista uma indemnisação cujo total deveria mais tarde ser fixado.

Estas considerações apparecem como vagos subterfugios. O artigo 2.º do Tratado de Commercio e Navegação refere-se a qualquer requisição de propriedade allemã em territorio portuguez. Pode ainda assim haver duvidas sobre se a circumstancia de os navios allemães se encontrarem, como se diz, imobilisados em portos portuguezes, modificou a sua situação de direito. O governo portuguez violou, porém, o citado artigo em dois sentidos, primeiramente: não se mantem na requisição a dentro dos limites traçados no tratado, pois que o artigo 2.º presupõe a satisfação de uma necessidade do Estado, emquanto que a apprehensão, como é notorio, estendeu-se a um numero de navios allemães em desproporção com o que era necessario a Portugal para supprir a falta de porões (navios). Mas, além d'isso, o mencionado artigo torna a apprehensão dos navios dependente de um previo accordo com os interessados sobre a indemnisação a conceder-lhes, emquanto que o governo portuguez nem sequer fez a tentativa de se entender, quer directamente quer por intermedio do governo allemão, com as companhias de navegação. D'esta forma apresenta-se todo o procedimento do governo portuguez como uma grave violação do Direito e do Tratado.

Por este procedimento o governo portuguez deu a conhecer que se considera como vassallo da Inglaterra o qual subordina todas as outras considerações aos interesses e desejos dos inglezes. Finalmente, a apprehensão dos navios realisou-se sob formas em que deve vêr-se uma intencional provocação á Allemanha. A bandeira allemã foi arreada dos navios allemães e em seu logar foi posta a bandeira portugueza com a flamula de guerra. O navio almirante salvou por essa occasião.

O governo imperial vê-se forçado a tirar as necessarias consequencias do procedimento do governo portuguez. Considera-se de hoje em diante como estando em estado de guerra com o governo portuguez.

Ao levar o que precede, segundo me foi determinado, ao conhecimento de v. ex.ª, tenho a honra de exprimir a v. ex.ª a minha distincta consideração.—(a) *Rosen*.

Brazil e Argentina

Projecto de tratado de commercio de livre cambio mutuo

RIO DE JANEIRO, 7.—O governo brazileiro recebeu do governo argentino um projecto de tratado de commercio de livre cambio mutuo, devendo ser assignado, brevemente, segundo as informações dos ultimos dias.

A Republica Argentina tem em preparação tratados analogos com o Chili, a Bolivia e a Republica Oriental do Uruguay.—(*Americana*).

As affirmações da sessão historica de dez de março

O que disseram os representantes dos partidos

Alexandre Braga, leader democratico

Apoia o procedimento do governo. Emitte o voto de que se deve constituir desde já um governo nacional. N'esta hora não ha partidarios, mas apenas portuguezes. A Allemanha não pode comprehender a amisade que nos liga a Inglaterra. Confia no valor da nossa raça que ha-de saber levantar bem alto o prestigio d'este paiz. Portugal, apesar de povo pequeno, ha-de saber sahir triumphante da crise que se desencadeia sobre elle.

Antonio José d'Almeida, chefe do partido evolucionista

Assume todas as responsabilidades que lhe possam competir. O nosso dever consiste em marchar para onde tivermos de marchar. Não teve nunca, na sua alma, odio politico a ninguem. Não o teve aos monarchicos, não o podia ter aos republicanos. Deseja que se lucte até á ultima pelo bem da Patria, em cujos destinos tem a maior fé. Confia tambem na energia da nossa raça e crê que d'esta crise a la ha-de sahir purificada, redimida e fortalecida.

Brito Camacho chefe unionista

Defendeu sempre a necessidade de se conceder á Inglaterra tudo quanto ella nos pedisse. E defende ainda hoje a mesma doutrina. A' Inglaterra, nós não podemos recusar nada que nos seja pedido em nome da nossa alliança. Elle, pelo menos, não o recusará. O governo metteu-se dentro de formulas juridicas. Não sabe até que ponto foi respeitado o tratado de commercio com a Allemanha. Mas do seu desrespeito, não será o governo de Berlim que póde queixar-se, por que elle foi o primeiro a esquecer se d'elle. Applaude a attitude do governo. Não ha que hesitar um momento, como não se póde deixar de desmentir os termos da nota allemã, pelo que respeita á referencia feita a acontecimentos occorridos em Africa. Diz ainda que a phrase vassallos da Inglaterra, quer dizer, pela nossa parte, escravos dos deveres assumidos para com um paiz que nos tem dispensado durante o actual conflicto, as maiores provas de consideração e respeito.

Costa Junior, leader socialista

O partido socialista, sendo um partido que sempre tem combatido a guerra, como uma das maiores calamidades que deslustram a Humanidade, e não tendo nenhuma interferencia nem solidariedade na emergencia a que a nossa nacionalidade agora está sujeita, mas fiel aos seus deveres e direitos bem digna, nobre e mui altivamente, em harmonia com a sua declaração de principios apresentada na sessão de 28 de junho de 1915, em que dizia que, dada a letra dos tratados, de que Portugal é signatario, saberia cumprir com o que nos mesmos se encontra estatuido, para que Portugal saiba honrar os seus compromissos, declara que todos os verdadeiros socialistas estão no momento presente, ao lado da Patria.

Os antecedentes da ruptura de hostilidades

E' opportuno recordar algumas datas que nenhum portuguez deve esquecer n'este momento historico:

A guerra europêa rebentou a 2 de agosto de 1914, entrando n'ella a Inglaterra a 4 do mesmo mez.

No dia 5 era-nos dada pelo governo britannico a garantia de que seria respeitada a integridade das colonias e do continente portuguez, sendo-nos então pedido pelo governo inglez que não declarassemos a nossa neutralidade.

A 7 de agosto realisou-se a sessão do Congresso da Republica em que, pelos «leaders» de todos os partidos, se fez a affirmação de que Portugal permanecia fiel aos seculares tratados de alliança com a Grã-Bretanha.

A 24 de agosto soffremos o primeiro desacato allemão. Foi no pequeno posto de Maziua, ao norte da provincia de Moçambique e nas margens do Rovuma. Um traiçoeiro assalto dos allemães fez-nos deplorar a morte de um sargento de marinha que commandava esse posto.

A 17 de outubro surge o incidente de Naulila com o alferes Sereno. Desrespeitada e ameaçada a auctoridade portugueza por graduados allemães que tinham invadido o nosso territorio, o alferes Sereno viu-se na contingencia de ordenar uma descarga contra os invasores, de que resultou a morte de alguns allemães.

Entretanto, a 10 de outubro a Inglaterra dirigia-nos o celebre «memorandum» em que nos era pedido o nosso concurso militar e a cedencia de armas e munições. Entre setembro e novembro foram, com effeito, cedidas á Inglaterra 28.000 espingardas, 20:000.000 de cartuchos, 54 peças de 75mm e respectivas munições.

A 31 de outubro os allemães commettiam o crime de Cuangar, massacrando a guarnição d'esse longinquo forte portuguez. Logo a 18 de dezembro, depois de terem invadido novamente com forças de artilharia, infantaria e cavallaria a região de Hinga, no sul de Angola, dava-se o combate de Naulila, onde, além de muitos mortos, foram feitos prisioneiros 61 praças e 3 officiaes portuguezes.

Alguns barcos de pesca portuguezes foram cedidos para serviço da Inglaterra.

Em junho de 1915, o «destroyer» «Liz», da armada portugueza, sahia do Tejo embandeirado em inglez e com tripulação britanica, com destino aos Dardanellos.

Em 23 de fevereiro de 1916, o governo tomava posse dos navios allemães fundeados no Tejo, e finalmente, a 9 de março, foi entregue pelo ministro allemão em Lisboa ao governo portuguez a declaração de guerra da Allemanha contra Portugal.

E' conveniente não esquecer, no capitulo das aggressões germanicas contra o nosso paiz, o torpedeamento dos barcos portuguezes «Cisne» e «Douro», que submarinos allemães metteram no fundo antes de declarada a guerra.

Por ultimo recordaremos que, logo tres semanas depois de declarada a guerra, os allemães manifestaram o sentimento de rancor que possuiam contra Portugal prendendo em Valenciennes um operario hespanhol só porque se convenceram de que elle era portuguez. Por esse motivo conservaram-no em captiveiro perto de dois annos.

O general Moraes Sarmento e a sua patriotica attitude

Como elle falou aos alumnos da Escola de Guerra

Já hontem démos os topicos essenciaes do magnifico e patriotico discurso feito pelo sr. general Moraes Sarmento aos alumnos do estabelecimento militar que dirige. O illustre official é dos mais sabedores e, sob este aspecto dos mais prestigiosos, de que se honra o exercito portuguez. A sua vasta e solida cultura está demonstrada em numerosos trabalhos scientificos e o facto de haver acompanhado todos os progressos da sciencia allemã e de saber allemão, como suppomos, não o levou a deixar-se seduzir pela Allemanha a ponto de esquecer, ou quasi esquecer, como succedeu a outros, obrigações que o patriotismo e o pundonor impõem n'uma singular admiração pelos teutões que nem o rompimento e a guerra lograram arrefecer!

Archivemos, pois, as importantes affirmações feitas hontem pelo sr. general Moraes Sarmento perante os mancebos que voluntariamente vão abraçar o officialato. Quem dera que todos quantos de algum modo encaminham e educam a juventude, paes e mestres, lhe falassem sempre assim quando ella tem de escolher uma carreira e opta pela das armas!

Qual é a missão dos chefes militares

«A missão de chefes militares para que vós ides educar-vos—disse o sr. general Moraes Sarmento, dirigindo-se aos novos alumnos—não terminará com a assignatura do tratado de paz que se firmar. Haverá de persistir durante toda a vossa vida e o seu exercicio deverá merecer-vos tanta maior attenção e desvelos quanto que, a brevidade com que a respectiva preparação tem de ser effectuada n'esta Escola exige imperiosamente o complemento da conveniente cultura profissional, na sequencia da carreira, a fim de assim vos prepara[r]des convenientemente para a lucta de amanhã, que ainda será mais difficil e amarga do que a presente.

A lucta de raças e a ambição germanica

«Observae bem as causas determinantes d'esta guerra, e verificareis com quanta exactidão a psicologia affirma, que a incompatibilidade do caracter irreductivel das raças constitue sempre a primeira das causas primordiaes de todas as grandes conflagrações dos povos. Quem desencadeiou a presente, foi mais uma vez a ambição desmedida da raça germanica, procurando firmar o seu dominio em todos os pontos do globo; o proposito firme de submetter á sua hegemonia os povos que a circundam; a tenacidade e insistencia com que proclamou que lhe pertencia pelas adquiridas primazias do caracter e alta cultura do espirito o sceptro do governo mundial. As demais raças, vizadas com tão assombrosa aspiração, impuzeram então silencio ás suas tambem mutuas incompatibilidades, unindo-se n'um esforço supremo, de que dependia a propria salvação.

A victoria pertencerá de novo aos latinos

«Na grandiosa e perene lucta, que desde os tempos mais remotos vae travada entre a raça teutonica e a latina, a victoria pertencerá hoje, mais uma vez, áquella a que pertencemos, mas de boa previsão será aguardar que o vencido se não conforme com a humilhação imposta. Por mais garantias de segurança que a agudez do espirito sugira aos triumphadores, saberá inutilisal-as a ambição, a tenacidade e o espirito de dominio, que representam propriedades especificas do caracter germano.

«Indispensavel, mais do que nunca, se torna, portanto, que os latinos tenham sempre bem presente, que se foram mister cerca de cincoenta annos para elles ressarcirem a afronta de Rosbach nos campos de Iena e Auerstädt, bastaram apenas oito para esta catastrophe ficar vingada com a entrada dos prussianos em Paris, em 1814. Napoleão, o grande genio da guerra, cuja consagração o perpassar do tempo mais engrandece, julgando haver annihilado as tradicionaes adversarios da raça gauleza, acreditando havel-os privado de todos os meios de desforra, viu-os brevemente surgir na sua frente com maior força e audacia do que jamais haviam ostentado, e a essa imprevidencia deveu a sua queda.

A paz universal é apenas um sonho

«Não; a paz universal é sómente sonho e nem sequer constitue formosa utopia, porque a hediondez se lhe revela com os gigantescos destroços e crueis sacrificios a que dá causa a sua perniciosa propaganda. Não ha poder nem sacrificios humanos que possam destruir ou sequer neutralisar os effeitos das leis da natureza. E, por mais duro e ingrato, por mais irreverente e audacioso que seja o proclamal-o, deve repetir-se, que o verdadeiro patriotismo sómente conseguirá engrandecer e nobilitar a terra em que nascemos, quando não cesse de proclamar bem alto as affirmações com que encetei esta minha modesta oração:—A vida é a lucta; a sociedade é a guerra; é a energia a fonte de todas as victorias, assim materiaes como moraes.»

As relações com a nossa alliada durante dois annos de guerra

As notas diplomaticas conhecidas

7 de agosto de 1914

O presidente do ministerio, dr. Bernardino Machado, lê ao parlamento a seguinte nota:

«Logo apoz a proclamação da Republica todas as nações se apressaram a affirmar-nos a sua amisade, e uma d'ellas, a Inglaterra, a sua alliança. Pela nossa parte temos feito incessantemente tudo para corresponder a essa amisade, que deveras presamos, sem nenhum esquecimento porém, dos deveres da alliança que livremente contrahimos, e a que em circumstancia alguma faltariamos. Tal é a politica internacional de concordia e de dignidade que este governo timbra em continuar, certo de que assim solidarisa indissoluvelmente os votos do venerando chefe do Estado com o sentimento collectivo do Congresso e do povo portuguez».

18 de setembro de 1914

O gabinete Bernardino Machado envia aos jornaes a seguinte nota officiosa:

«O sr. ministro da Inglaterra procurou hontem, em sua casa, o sr. presidente do ministerio, expressamente para lhe significar da parte de *Sir* Edward Grey, a completa satisfação do governo inglez pela obra de politica externa que tem feito na actual conjectura o governo presidido pelo sr. dr. Bernardino Machado, congratulando-se, ao mesmo tempo, com s. ex.ª pela força que a essa politica de inteira solidariedade do vosso paiz com a Inglaterra está dando patrioticamente o apoio geral da opinião publica portugueza».

10 de outubro de 1914

Trez semanas depois, a 10 de outubro, a Inglaterra envia a Portugal um *memorandum* sollicitando, em nome da alliança que liga os dois povos, a partida de uma expedição militar para França, devendo seguir primeiro as forças de artilharia.

23 de novembro de 1914

Em sessão extraordinaria do Congresso, o governo apresenta a seguinte nota, redigida de accordo com o governo britannico:

«Logo no principio da guerra Portugal affirmou espontaneamente que estava prompto, como alliado da Gran-Bretanha, a dar-lhe todo o concurso. O governo inglez, apreciando altamente este claro testemunho de cordeal solidariedade, convidou com entranhavel reconhecimento o governo portuguez a contribuir de facto, consoante entre ambos se estipulasse, com a sua cooperação militar. E, por este modo, os dois governos asseguram os fins da alliança, ha seculos já subsistente entre as duas nações, e cuja manutenção tanto é do interesse commum de uma e de outra».

10 de março de 1916

Lê-se no Congresso á declaração de guerra da Allemanha. Na exposição feita pelo sr. ministro dos negocios estrangeiros figurava a nota da Inglaterra pedindo a requisição dos navios allemães surtos em portos portuguezes. Essa exposição é do theor seguinte:

«Tendo resultado serias difficuldades para o commercio da presente escassez de navios, difficuldades que são sentidas não só na Gran-Bretanha mas tambem nos paizes que manteem com ella boas relações, e tendo Portugal desde o inicio das hostilidades mostrado invariavelmente completa dedicação pela sua antiga alliada, o ministro de S. M. tem ordem, em nome do governo de S. M. de instar com o governo da Republica, em nome da alliança, para que faça requisição de todos os navios inimigos surtos em portos portuguezes, que serão utilisados para a navegação commercial portugueza e tambem entre os demais portos que determinarem por accordo os dois governos».

A industria dos tecidos de juta

Uma moção contra a importação de saccaria estrangeira nas colonias

Que tinhamos razão ao dizer que a concessão feita a duas firmas commerciaes, uma de Loanda outra de S. Thomé, para a importação de saccaria estrangeira vinha prejudicar gravemente a industria da metropole, mostra-o plenamente a moção approvada por aclamação na reunião magna realisada pela União Textil e que é do seguinte teor:

Considerando que a industria dos tecidos de juta em Portugal deve em primeiro logar o seu desenvolvimento ao proteccionismo da pauta de 1892 e em segundo logar á benemerente coragem e iniciativa dos respectivos industriaes, que confiantes na integral vigencia d'esta lei não se pouparam a sacrificios nem hesitaram em empregar em tal desenvolvimento os mais quantiosos capitaes;

Considerando que o decreto n.º 231, de 20 de novembro de 1913, em virtude do qual os governadores das provincias ultramarinas podem permittir a importação temporaria, sem pagamento de direitos, de todos os objectos ou mercadorias indispensaveis á preparação ou acondicionamento de productos a exportar, da agricultura ou da industria das proprias provincias, representa, não como se inculca, uma simples facilidade adueneira mas uma dictatorial alteração das pautas em vigor, alias discutidas e approvadas pelos competentes poderes legislativos;

Considerando que as concessões, por effeito da applicação das doutrinas do já mencionado decreto, dadas pelos governadores de Angola e S. Thomé respectivamente ás firmas Sá Leitão & C.ª L.da, de Loanda, e Lima & Gama, de S. Thomé para importarem durante cinco annos, sem pagamento de direitos, a saccaria estrangeira, acarretarão n'um futuro mais ou menos proximo a total e inevitavel ruina da industria dos tecidos de juta em Portugal, o que equivale a dizer que terão de ser encerradas as respectivas fabricas e votado ao abandono e á miseria o numeroso pessoal que nas suas officinas labora;

Considerando que é economicamente contraproducente e patrioticamente deslealdade o facto de se isentar do pagamento de direitos a saccaria importada do estrangeiro quando a nacional, fabricada por operarios portuguezes, é onerada com direitos de exportação e de importação da materia prima;

Considerando que taes isenções, concedidas ao livre arbitrio dos governadores do Ultramar, infelizmente nem sempre os mais conhecedores das condições economicas dos povos submettidos á sua administração, a despeito de toda e qualquer fiscalisação se prestam evidentemente a varias fraudes attentatorias não só da moralidade, mas prejudiciaes á economia nacional;

Considerando que a metropole conceda um bonus de 50 % a todos os productos dos nossos dominios ultramarinos e por estes exportados para o paiz, sendo portanto justo que a industria nacional lhes mereça algumas compensações;

Considerando que convem irmo-nos preparando desde já para a lucta economica que ha de succeder-se ao sangrento conflicto europeu, e que um dos grandes elementos a empregar n'esse incruento combate é sem duvida auxiliar cada uma das nações as suas industrias e o seu commercio e jámais cercel-os em beneficio de alheios interesses ou de internacionaes conveniencias;

Considerando que o mesmo decreto é nocivo aos interesses do fisco e menospresador dos esforços e sacrificios empregados durante um periodo de 24 annos por um nucleo de industriaes arrojados e patriotas que immobilisaram os seus capitaes para crearem e fomentarem entre nós uma nova industria que occupa milhares de braços;

A Associação União Textil, reunida em magna sessão, e interpretando o sentir geral da sua numerosissima classe, cujos interesses a applicação do decreto n.º 231 veiu pôr em perigo, resolve protestar perante o governo da Republica contra as nefastas consequencias de um tal diploma que, longe de concorrer, como se suppõe, para o desenvolvimento e progresso da agricultura das colonias, só prejudica e muito, a industria nacional em proveito de simples particulares e da industria estrangeira, resolvendo mais instar pela prompta e immediata annulação do mencionado decreto, e bem assim das portarias a que o mesmo já deu origem, e se referem á importação de saccaria estrangeira sem pagamento de direitos.

Copias d'essa moção foram entregues aos srs. ministros das colonias e do trabalho e Previdencia Social.

Uma nuvem de commerciantes estrangeiros

Depois que a actividade industrial e commercial allemã se paralysou entre nós por virtude da guerra, uma nuvem de commerciantes estrangeiros appareceu em Portugal, disputando situações e privilegios, para o que muitos d'esses recem-chegados allegaram dispor do patrocinio dos seus representantes diplomaticos.

Conseguiram elles realisar os seus intuitos, aproveitando uma conjunctura excepcional e unica? Talvez, quanto a alguns, fosse possivel responder affirmativamente. Somos d'uma extrema sensibilidade e faceis, por isso mesmo, em conceder o que n'outras circumstancias não concederiamos tão depressa e tão de boamente.

Ora é necessario que os interesses do paiz e os dos nacionaes não soffram com esta ganancicsa concorrencia que, segundo consta, em relação a determinados negocios, tem ido até ao monopolio ou coisa muito parecida.

Jovens Turcos com uma ferocidade sem egual.

O exterminio geral do povo armenio foi levado a effeito de modo diverso nas differentes regiões. De Van para o sul e para o sudoeste, a região ameaçada pelo immediato avanço russo foi limpa da sua população christã pela matança em massa.

Na região a noroeste de Van, que se estendia para o Mar Negro e que ficava proximo dos campos de batalha de Ardahan e Sarakamish, mas onde os russos não haviam ainda atravessado a fronteira, o methodo de deportação foi nominalmente empregado; mas os deportados eram assassinados em massa no primeiro logar propicio durante o percurso.

Finalmente a população armenia no oeste da Anatolia e nas cercanias de Constantinopla foi levada pelos caminhos de ferro da Anatolia e de Bagdad.

Vamos narrar o que se passou em cada uma d'essas regiões, separadamente.

Djevdet Bey começou os massacres a sudeste, quando ia em retirada. Passando ao sul de Van para o valle Bohtan, juntou-se ás forças de Halil, que estava egualmente retirando de Urmia, e cahiu sobre os armenios de Sairt, proximo da confluencia do Bohtan e do Tigre.

Foi antes do fim de maio e Djevdet avançou á pressa sobre Billis, a capital da provincia proxima da sua occupou-a antes dos russos ahi poderem chegar, idos de Van, e matou em massa os armenios que ahi estavam, a 25 de junho.

De Billis, desceu para a planicie de Moush, que fica ao norte de Billis—uma depressão no centro do planalto armenio, separada do lago de Van pelo volcão Nimrud Dagh e correndo para o valle do Euphrates oriental (Murad).

A cidade de Moush é cercada por uma porção de aldeias, habitadas por pacificos e indefezos camponezes armenios, onde Djevet tinha muito que fazer. O que fez, descreveu-o um missionario allemão, que assistiu em Moush a tudo o que se deu.

A' população foi dito que ia ser deportada em massa, concedendo-lhe alguns dias para darem os nomes no edificio do governo; mas antes de terminar o praso concedido, a artilharia de Djevedt abriu fogo sobre a cidade e a soldadesca foi lançada sobre as aldeias da planicie.

Na primeira semana de julho, Djevdt recebeu de Karput um reforço de 20.000 homens e apoz uma desesperada lucta nas ruas Moush foi tomada d'assalto.

Roupen de Sassoun, um dos notaveis armenios d'uma localidade proxima da provincia de Billis, que conseguiu fugir para as linhas russas, narra que a população não combatentes de Moush—aos homens não foi dado quartel—foi removida para campos de concentração preparados nas montanhas, e ahi as mulheres foram queimadas vivas, arremessando os soldados os filhos d'ellas para as chammas, exclamando zombeteiramente: «Aqui estão os seus leões.»

Soldados turcos mais tarde aprisionados pelos russos confessaram ter assistido a essas scenas e declararam-se obsediados pela impressão de horror que haviam sentido e pelo cheiro da carne queimada.

A sorte das aldeias foi differente. E' conhecida pela narrativa de uma mulher que chegou, cambaleando, com seu filho, á cidade de Tchemesh-Getzak, na região Dersim, no lado norte do Euphrates oriental.

Depois dos homens terem sido mortos, os turcos reuniram as mulheres e as creanças da aldeia e levaram-nas para noroeste.

Chegaram ao Euphrates oriental, onde se lhes juntaram os exilados d'uma duzia de outras aldeias. Seguiram então para oeste ao longo da margem do rio.

Um dia, no caminho, quando iam descançar e comer alguma coisa, viram de subito os kurdos descendo das montanhas, precipitando-se contra ellas. Do que a mulher que fez esta narrativa se lembrava é que dentro em pouco momentos estava na agua, com o filho nos braços, ao passo que as suas compa-

Era uma terrivel peregrinação—uma lucta de sete dias por entre montões de lodo, com um frio cortante, creanças separadas de seus paes, velhos e velhas morrendo pelo caminho, creanças nascendo egualmente em plena jornada, cada cabana atulhada de refugiados nas aldeias ao longo do caminho e os que não podiam encontrar abrigo jazendo sem abafo nos lodaçaes gelados.

Apezar d'isso, esses soffriam menos do que aquelles que não tinham coragem para seguir, porque Djedet e Halil, á medida que avançavam, tinham levantado as tribus kurdas das eminencias, que odiavam os christãos da planicie e os atacavam para os roubar.

Algumas aldeias de nestorianos foram assaltadas antes da população ter tido tempo de fugir, os homens assassinados, as mulheres raptadas; os restantes amontoaram-se, a buscar abrigo, dentro da muralhas da cidade de Urmia.

N'essa cidade, havia uma missão medica da egreja presbyteriana americana, uma pequena colonia de homens, mulheres e creanças, uns vinte ao todo talvez, que n'essa crise praticaram uma das mais heroicas façanhas da guerra.

A cidade de Urmia é um agglomerado de vergeis ou jardins, separados uns dos outros por muros e tendo cada um uma entrada separada para a rua. Os americanos immediatamente alugaram uns vinte d'esses jardins contiguos aos seus, abriram passagens nas paredes, taparam os que davam para a rua, e não deixaram entrada alguma para as suas habitações assim augmentadas a não ser uma porta da sua anterior morada, por sobre a qual fluctuava a bandeira dos Estados Unidos.

Nada menos de 17.000 fugitivos entraram para esse azylo e os americanos tomaram a seu cargo a sua alimentação, fazendo contractos com os padeiros musulmanos da cidade, cozendo, transportando e distribuindo meia tonelada de pão por dia.

Pagaram a despeza com o dinheiro que lhes havia sido dado a guardar pelos nestorianos ricos que haviam fugido, dinheiro que haviam acceitado por preverem que lhes ia ser necessario, e recorreram á generosidade dos seus compatriotas da America para repôrem esse dinheiro.

Quando o dinheiro começou a faltar, os padeiros, que eram inimigos dos christãos e receiavam que, se os russos voltassem, não lhes fosse paga qualquer quantia em divida, recusaram-se a vender a credito, mas os americanos deram os passos necessarios para organisar outro fornecimento e conseguiram que os padeiros se compromettessem a não faltar.

As condições n'essas habitações eram indescriptiveis. Cada canto da egreja, as salas de escola e as casas contiguas estavam atulhadas de seres humanos. Os missionarios fizeram milagres conservando a provisão de agua pura e tomando o mais possivel medidas sanitarias, mas muitos vinham já doentes antes d'ali terem dado entrada, uma epidemia de typhos se manifestou e muitas dezenas de mortes se davam todos os dias.

Para atalhar a epidemia era urgente, indispensavel mesmo, não ter tanta gente junta, mas era tal o terror que reinava atraz das paredes da missão que preferiam tudo a encontrar-se em frente dos turcos ou dos kurdos.

Os americanos succumbiam ao typho um a um—havendo uma lacuna no diario da senhora que narrou esses extraordinarios acontecimentos, tempo durante o qual ella esteve doente, conseguindo escapar e restabelecer-se.

Os professores nestorianos e os membros da missão que ainda viviam entenderam-se com o governador persa, que, na realidade, nada podia sob o dominio turco, como nada pudera sob a administração russa, com o commandante militar turco e com os chefes kurdos, que tinham licença dos turcos para fazerem o que muito bem lhes approuvesse

PROBLEMAS A RESOLVER

A arborisação do paiz

Como o Estado perde mais de 5550 contos annualmente

O que teem conseguido os serviços florestaes — Processos para conseguir maiores progressos e vantagens

Sr. redactor de «A Capital»—Tem o jornal de v., desde o seu inicio demonstrado o maior interesse pelos problemas da nossa vida economica e é ainda com esta louvavel intenção, que a «Capital» de 3 do corrente se refere á arborisação do Paiz. Permitta-me v. que lhe dê alguns elementos a este respeito, insignificante cooperação, para que v. possa manter uma campanha de propaganda a tão patriotica causa.

A superficie do solo continental é de 8.910:640 hectares, dos quaes cerca de 3:342:377 estão incultos, e d'esta ultima area diz-se que sómente cerca de 2.000:000, só são aproveitaveis pela cultura florestal, ou sejam 22 por cento da superficie continental. Estes numeros são demasiadamente eloquentes, para justificar a imporancia do assumpto.

Vejamos agora um outro calculo, com o auxilio de documentos officiaes: Em 1914-1915, a Matta Nacional de Leiria, a nossa primeira propriedade, teve uma receita de 7$39 por hectare, e o orçamento de despeza para trabalhos em 1916 é calculado em 2$24 por hectare, o que corresponde a um lucro de 5$15. E' necessario notar, que o Pinhal de Leiria, assentando n'um solo pobrissimo de duna, a massa lenhosa não offerece o desenvolvimento, que se daria em terras de melhor natureza. Mas applicando, não a importancia de 5$15, que nos dão os documentos officiaes, como receita liquida por hectare, mas sim metade d'esta quantia 2$77,5 por 2.000:000 de hectares actualmente improductivos, encontra-se que os cofres publicos perdem 5550 contos annualmente.

Como v. vê, são uns calculos muito ligeiros, mas por isso não deixam de ser elucidativos.

Não falamos n'outros beneficios, que derivam do revestimento florestal, pela correcção climaterica, regularisação do regimen torrencial dos nossos rios, do fomento a inumeras industria, fornecendo materias primas ou força motriz, etc.

Os Serviços Floresiaes teem, desde dezembro de 1901, autonomia financeira, e os resultados d'esta medida administrativa são importantes. Basta que se diga, que tendo sido a receita das matas n'esse anno economico de 53.241$24,4 ella foi em 1914-1915 de 134.644$19, tendo-se aliás augmentado a superficie florestal com acquisição de novos polygonos de terreno inculto e valorisado a superficie arborisada com trabalhos culturaes.

Justo é dizer, que ultimamente todos os ministros do fomento teem votado interesse a este importante serviço e egualmente justissimo é dizer, que os technicos florestaes, cujo numero é reduzidissimo, de 27 funccionarios, não descançam e tem sempre demonstrado uma grande dedicação pelos trabalhos que lhes estão confiados. Basta visitar qualquer matta do Estado, para ter esta impressão ou ter conhecimento dos riscos de vidas a que teem estado sujeitos, quando se trata da submissão de terrenos ao regimen florestal, pela impensada revolta dos povos.

Isto succedeu no Gerez e em Manteigas na Serra da Estrella, succedeu ainda ultimamente na Serra de Montejunto e na da Louzã em Serpins. A causa é simples: os povos julgando-se lesados nos seus interesses, quando pelo contrario são favorecidos pelas regalias, que lhes mantem da colheita de mattas, lenhas seccas; pascigo para os gados e ainda augmentadas pelo lucro obtido com o trabalho na futura matta e abundancia de lenhas, pastos não falando na valorisação regional derivada de muitos outros beneficios, encontram sempre quem os lisongeie e provoque tumultos. Em poucas palavras: se é o partido A, que interveio para a iniciação do revestimento florestal, logo o partido B trata de o hostilisar para a conquista de força eleitoral.

Já vê v., que não será pela utilisação do trabalho de prisioneiros, que se conseguirá a arborisação.

Este alvitre teria ainda um defeito, é que sendo a razão mais convincente o emprego dos habitantes da região, gente no geral muito pobre, nos trabalhos a effectuar, não veriam com agrado os seus interesses prejudicados pelos presidiarios, em terrenos baldios de que se julgam usufructuarios e até mesmo proprietarios.

Dos 2.000:000 de hectares hoje improductivos é que só são susceptiveis de serem arborisados, quasi que na sua totalidade pertencem a baldios de corpos e corporações administrativas.

O Estado tem a seu favor o decreto de 24 de dezembro de 1901 e ainda a lei da Republica de 9 de julho de 1913, que torna obrigatorios no regimen florestal, todas as mattas e terrenos baldios, mas a não ser as camaras de Alemquer, Cadaval, Moncorvo, Louzã e esta n'uma pequena zona, juntas de parochia de S.ta Maria, Sarzedo, Aldeia de Carvalho e Valhelhas, poucas ou nenhumas corporações administrativas, até ao presente cumpriram a lei. Tem o Estado força para as compelir? Tem evidentemente mas v. sabe muito bem, que na presente occasião tudo serviria para hostilisar e crear embaraços á Republica.

Remedio para este mal talvez haja e só se encontra na tributação dos incultos pertencentes a corporações administrativas, pelo menos como experiencia.

Applicando as actuaes leis, sempre que se reconhecesse de utilidade publica a arborisação d'um polygono, as corporações administrativas entregariam os seus terrenos, o Estado realisava os trabalhos e assegurava a policia, ficando essas corporações com uma percentagem nos lucros. Agora um «acrescimo á lei»: quando as corporações administrativas não quizessem entregar os terrenos para a arborisação, seriam ellas tributadas com um imposto de 1 escudo por hectare, revertendo esta receita para os trabalhos florestaes a effectuar n'outras zonas de baldios.

Ahi tem v. um remedio, que talvez fosse de salutar effeito, pois se os que cultivam pagam impostos, não é justo que os detentores de grandes superficies, por capricho deixem de concorrer para o bem estar da nacionalidade.

Desculpe v. ser tão extenso e creia que muito estimarei, que na sua «Capital», continue tratando d'este assumpto de importantissimo interesse para o nosso Paiz.—De v. etc.—Oliveira Carvalho.—Leiria, 4 de agosto de 1916.

Em beneficio da Cruz Vermelha

Festas em S. Carlos, Estado de S. Paulo

Em todas as cidades do Brazil onde ha uma colonia portugueza, tem-se manifestado exuberantemente o amor que á Patria dedicam os seus filhos que longe d'ella estão trabalhando.

Em S. Carlos, Estado de S. Paulo, já se realisou uma festa em beneficio da Cruz Vermelha Portugueza, e outras estão projectadas.

A primeira festa da serie effectuou-se no theatro d'aquella localidade, onde as meninas portuguezas, vestidas com o trajo de enfermeiras da benemerita Sociedade, cantaram a *Portugueza*, que foi recebida no meio de vibrantes ovações. A menina Fernanda Guimarães recitou uns versos para ella escriptos propositadamente e intitulados *Portugal*, que causaram o maior enthusiasmo, sendo a gentil recitante calorosamente applaudida.

A' data das ultimas noticias recebidas, estavam sendo montadas as barracas d'uma *kermesse*, cujo producto reverte para o mesmo fim benefico. Entre essas barracas, com diversos jogos, figura uma de *pim-pam-pum*, que é completa novidade ali e que por isso deve attrahir enorme concorrencia e dar um bello rendimento.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Estatistica agricola—Publicada pela 3.ª Direcção Geral de Estatistica, sahiu este pequeno volume dando conta das existencias e disponibilidades de cereaes e legumes em 1 de novembro de 1914, e 11 de janeiro, 20 de setembro e 15 de novembro de 1915.

Boletim Commercial e Maritimo—Sahiu o n.° 4 d'este Boletim, correspondente a abril findo.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Atrazo na distribuição de correspondencia

Escreve-nos o sr. *E. P.*, pedindo-nos para chamar a attenção do governo para a maneira como é feita a censura postal. E cita o exemplo do que se passou com as malas vindas no *Antony*, entrado no dia 1 do corrente, não tendo a correspondencia sido ainda distribuida no dia 5, o que acarreta enormes prejuizos ao commercio e aos particulares.

Que se faça a censura, diz o sr. *E. P.*, mas que se nomeie o pessoal sufficiente para executar esse serviço com rapidez.

THEATROS

No Avenida realisa-se hoje um dos ensaios geraes do *Correio de Lyão*, cujo entrecho, como se sabe, é baseado n'um erro juridico absolutamente authentico, fundado na semelhança de dois individuos. O *Correio de Lyão* sóbe brevemente á scena.

Fardamento de officiaes milicianos

Como v. muito bem sabe, os medicos que foram nomeados alferes milicianos teem o direito de requerer cem escudos para a farda, equipamento, etc. Os estudantes de medicina que forem aspirantes e que por consequencia teem as mesmas despezas, além de não ganharem, não receberão cousa alguma.

No caso de nada recebermos, qual é o criterio que preside a estes adeantamentos? *Um aspirante.*

Em pról da instrucção

A obra do Nucleo de Instrucção «Lux»

Do relatorio, agora publicado, d'esta benemerita instituição, vê-se que dos alumnos matriculados, em numero de 590, desistiram 25, ficaram sabendo lêr 34, sendo portanto a percentagem de 57,6. Os alumnos approvados em 1.° grau foram sete e em 2.° nove, não tendo havido reprovação alguma. O numero de subscriptores é de 106 e as profissões dos alumnos, em numero de 180, durante a epoca escolar de 1915-1916 foram as seguintes:

Ajudantes de forja, 1; acendedor da illuminação, 1; barbeiros, 3; caldeireiros, 1; calceteiros, 3; canteiros, 3; carpinteiros, 14; carroceiros, 1; carvoeiros, 1; chapeleiros, 1; chauffeurs, 1; continuos, 1; distribuidores, 1; electricistas, 2; empregados no commercio, 13; estucadores, 2; estufadores, 2; fabricantes de chitas, 2; ferreiros, 1; fogueiros, 1; photographos, 3; fundidores, 1; furadores mechanicos, 1; guardas de obras, 1; guardas de cadeia, 1; guardas civicos, 1; impressores, 2; jardineiros, 1; marceneiros, 3; marinheiros, 5; militares, 21; mongeiros, 1; ourives, 1; pedreiros, 16; pintores, 6; pregueiros, 1; sapateiros, 6; sem profissão, 7; serventes, 4; serralheiros, 28; typographos, 2; e trabalhadores, 11.

A receita durante o anno lectivo foi de 749$36,5 e a despeza de 494$85, havendo portanto um saldo de 254$51,5.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Ler ámanhã n'"A Capital,,:

Cuja secção recomeçará nos moldes habituaes, porque volta á effectividade de persistente colaboração o nosso redactor, durante dias soffrendo de ligeira doença—uma noticia critica de

Como a França vae educar os seus novos soldados

que é uma ligeira exposição dos trabalhos de critica ao ultimo projecto francez Cheron-Béranger.

Depois d'ámanhã, publicaremos a

Entrevista com Mario de Noronha

na qual o notabilissimo campeão de Portugal dará a sua opinião sobre os ultimos campeonatos de esgrima.

Notas do dia

O Campeonato de esgrima de Portugal

Foi um atirador da sala d'armas Carlos Gonçalves quem ganhou o campeonato de espada de Portugal, que é a mais importante prova de armas que se realisa no nosso paiz e que organisada pelo Centro Nacional de Esgrima põe em jogo o melhor trophéu no exercicio de espada. E a victoria coube a Mario de Noronha, brilhante atirador portuguez, seguramente o mais notavel dos nossos amadores aquelle que se gloria de possuir, pela segunda vez, o titulo de campeão de Portugal.

Quer dizer que ganhou o melhor. Ganhou quem dias antes, na Amadora entre 20 esgrimistas, se affirmava tambem o melhor.

Mas a gloria de Mario de Noronha ainda se torna mais brilhante, sabendo-se que os seus adversarios foram os seus mais valorosos competidores, pois que eram os mais classificados e mais fortes da actualidade sportiva nacional.

Classificavam-se a seguir: Augusto Farinha 2.°, Jorge Paiva, Marciano Beirão, dr. Manuel Pitta e Castro, 3.°s «ae-quo»; Fernando Farinha 6.°; Americo Durão, 7.°. Estes atiradores formam a «equipe» nacional.

Hontem, na Amadora

A visita, do Sporting Club de Portugal, com o seu grupo de tennistas, constituiu para a irrequieta Amadora, mais um motivo para se organisar uma linda festa.

Os seus tennistas jogavam com os do Sporting. Esse torneio improvisado deu-lhe a victoria por 18 jogos.

Em honra dos visitantes, a Amadora deu um almoço, que foi uma brilhante festa de confraternisação, intima e de boa camaradagem, em que os Recreios Desportivos affirmavam os seus louvaveis propositos de continuar a propaganda de *sport* e no qual o Sporting, pela palavra fluente do sr. Daniel Queiroz, se collocou á disposição da Amadora, incondicionalmente, em tudo quanto a irrequieta povoação quizer fazer em prol da educação e cultura physica.

Noticias

(*Communicados e informações*)

Entre nós

Pena Foot-ball Club

Reformou-se o «Pena Foot-Ball Club» ficando a direcção constituida com os seguintes senhores: Presidente, Carlos Alberto; Secretario, Joaquim Gracio Marques; thesoureiro, Fernando Ferreira; vogaes, Pedro Bernardo, capitão Valentim Loureiro.

Gymnasio Club Portuguez

Realisou-se no sabbado conforme annunciamos a assembléa geral n'este Club que foi bastante concorrida.

A mesa que era presidida pelo sr. Alberto Macieira foi secretariada pelos srs. H. Prazeres, e Silva Dias.

Foi approvado um voto de sentimento pela morte do professor Walter Avata.

Ao sr. Alvaro de Lacerda foi feita, por acclamação, uma manifestação pelo seu enorme esforço e bom orientado trabalho, quer nas direcções em que tomou parte no Club, quer na imprensa.

A' actual direcção foi feita tambem uma grande manifestação pela iniciativa da realisação do 1.° Congresso Nacional de Educação Physica, e pela grande propaganda que conseguiu fazer durante a sua gerencia.

Em seguida procedeu-se á eleição dos corpos gerentes, sendo reeleitos novamente.

Appareceu uma lista d'outra direcção que conseguiu uma pequena minoria de 9 votos.

A actual direcção foi reeleita com 50 votos.

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—E' na proxima quarta feira que se realisa a extraordinaria corrida nocturna em que tomam parte os celebres espadas Gaona e Flores com as suas quadrilhas completas. Lidam-se pela primeira vez, em Lisboa, touros da afamada ganaderia de Aleas que em Hespanha gosa de solida reputação e que custaram 2.000 escudos. Além d'estes, correm-se tambem dois touros puros do reputado ganadero portuguez sr. Emilio Infante. Amanhã abre a bilheteira da praça dos Restauradores para esta sensacional corrida, que é organisada por um grupo de aficionados.

A nova ortographia

Um livro que a combate

O sr. Nobre França, inimigo accerrimo da nova ortographia, contra a qual ha annos, escreveu numerosos artigos na *Vanguarda*, de Magalhães Lima, e no *Ensino* de Coimbra, concluiu uma obra sobre a materia, um volume de 500 paginas em 8.° maior, faltando apenas escrever uma das tres partes da longa introducção. Reproduzimos o summario onde nos parece deparar com theses extranhas de absoluta novidade. Ei-o:

Introducção: I, Appello á litteratura brasileira. II. A reforma ortographica portugueza. III, Primordios da litteratura occidental.

Capitulo I. Abecedario: generos, especies e numeros dos seus elementos.

Cap. II. Sons e tons litoraes: I, Das vogaes. II, Generalidades relativas aos ditongos. III, Especies de syllabação.

Cap. III. Constituição e formação de vocabulos ou themas. I, Generalidades. II, bases ou raizes e radicaes. III. Themas: suas origens e seus generos. Irracionalidade de innumeraveis formulas ortographicas actuaes.

Cap. IV. Componentes communs e ditongonaes. I, Componentes communs. II, Componentes ditongonaes.

Cap. V. Sons e tons radicaes e suas derivações: I, Generalidades. II, Derivações dos sons e tons radicaes. III, Sons e tons de formas homographicas.

Cap. VI. Entonações ethnicas e litterarias dos cinco idiomas occidentaes e meridionaes.

Cap. VII. Preposições reintegrantes. I, Generalidades. II, Especialisação das funcções prepositivas.

Cap. VIII. Funcções universaes dos idiogrammas vocalicos e vogantes. I, Generalidades. II. Idiogramas vocalicos. III, Idiogramas vogantes.

Cap. IX. Dos pronomes. I, Generalidades. II, Especialisação dos pessoaes reflexivos, progressivos, indicativos, incertos indeterminados.

Cap. X. Dos adverbios. I, Generalidades. II, Especialisação dos montaes, de tempo, do logar, de situação, circumstanciaes, numeraes, transitivos, interlocutivos, interjectivos.

Cap. XI. Das conjuncções.

Cap. XII. Dos verbos. I, Generalidades. II, Symbolos verbaes. III, Composição das formulas verbaes. IV, Dos tempos e modos verbaes. V, Conjugações verbaes. VI, Verbos irregulares. VII, Participios activo e passivo. Nova nomenclatura verbal.

Cap. XIII. Da syntaxe. I, Generalidades. II, Formações, caracteres e conjuncções de phrases. III, Modalidades funccionaes dos pronomes. IV, Ditas dos verbos. V, Ditas dos adverbios. VI, Ditas das preposições. VII, As corrupções resultantes do emprego irracional do Que e do Se. VIII, Collocação e deslocação dos varios elementos de phrases. IX, Cacotechnias. X. Nomenclatura sintaxica.

Cap. XIV. Especies varias polygraphicas. I, Pontuação. II, Divisão linear. III, Lettras maiusculas. IV, Diversas formulas numericas. V, Disposições bibliographicas.

Cap. XV. A synonimia e a etymologia. I, A synonimia. II, A etymologia.

O movimento maritimo

No porto de Lisboa e no Porto do Funchal

Vemos no «Temps» annunciado o serviço postal rapido do Real Lloyd Hollandez entre a Europa e a America do sul. O annuncio que temos presente menciona os grandes paquetes de luxo que tocarão em Vigo e em Lisboa nos mezes de agosto, setembro e outubro, e os dias em que estarão no nosso porto.

Como se sabe, actualmente não é permittido annunciar na imprensa portugueza os dias em que aqui tocam paquetes estrangeiros, nem quando chegam ou quando partem. O que se não permitte em Portugal consentiu-se em França,—de modo que, até certo ponto, se malogram os intuitos que presidiram ás providencias do governo portuguez...

Tambem já voltaram a tocar no porto do Funchal navios de companhias francezas, inglezas, dinamarquezas e hollandezas. E' o que se conclue dos annuncios que lemos no «Diario de Noticias» d'aquella cidade.

Varios incidentes assustadores se deram, mas não deixaram de cumprir o seu dever, nunca os abandonou a coragem e ao cabo de vinte semanas conseguiram dominar a epidemia.

Entretanto, as habitações da missão em Urmia estavam completamente separadas do resto do mundo, nada sabendo do que cá fóra se passava. As batalhas de Ardahan e Sarikamish foram decisivas para toda a fronte russo-turca. Antes de findar o mez de janeiro de 1915, os russos haviam de novo entrado em Tabriz, tinham repellido Djevdet Bey de Salmas e estavam avançando para as fronteiras norte e oriental de Van.

Os armenios de Van rejubilaram ao conhecer o que se passava, porque o sturcos haviam-se mostrado ferozes para com elles.

Por outro lado, Djevdet tinha escripto cartas aos notaveis armenios annunciando-lhes as suas victorias e felicitando-os por terem sabido manter a ordem. Esperava-se, por isso, que tudo se passaria em socego, mas o seu ultimo feito antes de evacuar Salmas foi a matança de todos os armenios e nestorianos e um projecto contra as mulheres que não poude ser posto em execução devido á rapida chegada das tropas russas.

Tornára-o selvagem a derrota que soffrera e vingava-se nos armenios que estavam sob o seu dominio. Se é possivel attribuir as culpas do que se seguiu a um homem, o sangue dos armenios cahirá sobre a cabeça de Djevdet.

Pouco depois da sua volta a Van, houve ameaças de revolta musulmana no districto de Shadakh, ao sul da provincia, e Djevdet pediu a Ishkhan, um dos notaveis armenios da cidade de Van, que servisse de intermediario entre os dois partidos.

Ishkhan accedeu, confiando na anterior boa vontade do governador, mas foi assassinado com os que o acompanhavam quando seguia pelas montanhas, quasi que claramente por instigações de Djevdet.

Na mesma occasião, os gendarmes assassinavam os mancebos d'uma aldeia onde tinham sido mandados recolher o armamento, e os mancebos d'uma outra aldeia, ao terem conhecimento do que se passára, cahiram sobre uma patrulha de gendarmes que se dirigia contra elles.

Uma turba musulmana fanatica sahiu de Bitlis, a capital da provincia proxima, e avançou sobre Van pela margem sul do lago, mas os armenios da cidade sahiram-lhe ao encontro e fizeram-na recuar.

Entretanto, os missionarios americanos, a pedido dos armenios, foram ter com Djevdet e tentaram chamal-o á razão, mas não foi possivel tratar com elle. Os russos estavam avançando e os nervos de Djevdet estavam exacerbados. Só pensava em reduzir Shadakh á obediencia e depois castigar Van.

Ao primeiro symptoma de rebellião, não deixaria uma casa armenia de pé em Van, excepto aquella em que seu pae, o governador, tinha vivido. Os armenios viram que lhes estavam fazendo um cêrco em roda da Cidade-Jardim e tratando de a dominar por meio de obras de fortificação; reuniu o conselho de notaveis e resolveu-se prepararem-se para o peior que pudesse acontecer.

A 20 d'abril de 1915 deu-se a catastrophe. A's seis horas da manhã, algumas camponezas armenias que seguiam para a cidade foram aggredidas por um piquete de soldados turcos; dois jovens armenios intervieram, sendo mortos pelos turcos.

Ao primeiro tiro, Djevdet assestou a sua artilharia contra a Cidade-Jardim. A lucta começou.

Havia cêrca de trinta mil armenios na area sitiada, dois ou tres mil dos quaes eram combatentes armados. Essa communidade tinha de ser defendida, aprovisionada e administrada simultaneamente, mas os armenios desenvolveram notaveis dotes de organisação n'aquella emergencia.

Um governo provisorio foi nomeado, com commissões de defeza, de abastecimento e de auxilio. Uma linha de casas com seteiras, barricadas e trincheiras foi feita e occupada e foram nomeados os defensores para os diversos sectores, assim como os que deviam ficar na reserva central.

A' população foram fornecidos bilhetes para receber o pão por meio de rações e providenciou-se de fórma a soccorrer os fugitivos a quem Djevdet permittia que entrassem na cidade, vindos das aldeias proximas, na esperança de que elles contribuiriam para levar a fome ali. Munições de espingardas entraram em grandes porções e sob a direcção d'um professor armenio começaram a ser feitos tres canhões.

Hospitaes, medicos e enfermeiros formaram uma Cruz Vermelha e organisaram-se grupos de maqueiros, que cumpriam o seu dever sob o mais violento fogo e dominavam o troar da artilharia entoando a Marselheza e as arias nacionaes armenias, com grande desespero dos artilheiros turco-allemães, porque eram officiaes allemães que dirigiam o fogo dos canhões turcos. Viu-os mrs. Yarrow, uma das senhoras que fazia parte da missão americana.

A missão americana estava no centro do bairro sitiado e Djevdet Bey, dias antes de dar o ataque, propuzera installar ahi uma guarda de cincoenta soldados turcos. A presença d'elles teria obstado á defeza e os armenios declararam que se opporiam á sua entrada, tendo os americanos conseguido dissuadir Djevdet do seu proposito e mantendo, quando o sitio começou, a mais estricta neutralidade.

Abstiveram-se até mesmo de prestar serviços na Cruz Vermelha dos armenios, dedicando-se a soccorrerem a população civil, trabalhando de dia e de noite em obra tão meritoria.

O fogo dos assaltantes era totalmente inefficaz.

A artilharia turco-allemã não tinha canhões que se lhe oppuzessem e lançou uma chuva de granadas sobre o bairro armenio na «Cidade

amuralhada» no sopé do castello, sobre as linhas da «Cidade-Jardim» e finalmente sobre os proprios edificios americanos, apezar de cobertos pela bandeira americana.

Mas as granadas produziam pouco ou nenhum effeito nas massiças paredes construidas de tijolos, no interior das quaes se afundavam. Parecia impossivel, comtudo, que as improvisadas defezas se pudessem manter por tanto tempo, quando de subito, na segunda semana de maior uma flotilha de navios de vela foi avistada afastando-se da praia oriental do lago.

A população turca estava retirando e em breve se soube que um dos aquartelamentos na planicie havia sido evacuado: os armenios sahiram das suas linhas e foram incendial-o.

Realmente, a libertação estava proxima, porque, ao ter noticia do cêrco, uma columna russa, reforçada por um forte contingente de voluntarios armenios-russos, avançara sobre Van por via de Bayazid.

Fôra ao saber da sua vinda que Djevdet dera o seu ultimo e mais furioso bombardeamento e emquanto a população turca da cidade fugia pelo lago elle recuava com as suas tropas para o sul, para as elevações. Em 21 de maio de 1915, trinta e um dias depois de começar o sitio, as forças russo-armenias entravam em Van sem encontrar resistencia e quatro dias depois uma outra columna russa entrava em Urmia, libertando os refugiados nestorianos.

O general russo confirmou a nomeação do governo provisorio armenio, sendo nomeado governador civil o deputado Aram.

A defeza da «Cidade-Jardim» fôra um feito brilhante e o criminoso procedimento de Djevdet tivera a justa recompensa.

Mas as consequencias d'essa collisão entre armenios e turcos, embora não tivesse sido provocada por aquelles, recahiram sobre toda a população armenia do imperio ottomano, procedendo o governo dos

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2149—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça-feira, 8 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 2 centavos

Para a frente!

A sessão de hontem correspondeu á espectativa publica. Esperava-se que ella definisse d'uma maneira iniludivel a nossa situação na guerra europeia: definiu-a. Esperava-se que as duas questões mais importantes a essa questão accessorias, e que n'ella se deviam integrar, a dos recursos financeiros para a guerra e a da applicação dos navios allemães n'ella ficassem inteiramente esclarecidas e fixadas: esclareceram-se e fixaram-se. Resolvidos estes preliminares só ha uma phrase a proferir: para a frente!

O convite da Inglaterra para a nossa cooperação militar na Europa, ao lado dos alliados é claro, explicito e honroso para nós. A Inglaterra reconhece a lealdade portugueza e a assistencia que já lhe estamos dando. N'essa assistencia devemos comprehender o esforço que temos realisado contra os allemães em Africa. Melhor seria que elle fosse devidamente especificado, porque o sangue portuguez tem corrido e esse concurso, para o sentimento nacional, será sempre infinitamente mais precioso do que qualquer outro de ordem material, por mais importante que elle seja. Mas a Inglaterra reconhece a nossa lealdade, os nossos sacrificios, a nossa intrepida dedicação á causa commum. Não o temos que agradecer como um favor, mas sim como um preito de justiça.

No ponto de vista financeiro as declarações do sr. dr. Affonso Costa vieram confirmar o que já tinhamos por varias vezes apontado como a provavel solução do assumpto. A Inglaterra abre-nos um credito illimitado para as despezas da guerra, e dá-nos para isso as maiores facilidades, patenteando-nos a sua nunca desmentida boa vontade. Alem d'isso o illustre ministro das finanças pensa ainda, como o tinhamos previsto, n'um emprestimo interno que facilite a nossa administração e garanta melhores condições economicas.

O terceiro ponto interessante das declarações governamentaes é o que se refere aos navios allemães que dispensarmos do serviço nacional. O rendimento d'esses navios representa uma receita muito importante, que presumimos será applicada ao fomento da riqueza publica. O sr. dr. Affonso Costa falla n'um aggravamento tributario, que as circumstancias tornam imprescindivel. O augmento da riqueza publica não só facultará maiores receitas, provenientes d'esse aggravamento tributario, como o tornará menos pesado para a sociedade portugueza.

Estão indicadas as soluções dos problemas mais essenciaes resultantes da guerra. Findou, como o previamos, o periodo das indecisões, dos sophismas. A hora é grave, mas Portugal sabe finalmente para onde vae, e as condições em que exercerá o seu esforço. Chegamos ao momento culminante. Agora é erguer bem alto os corações, impregnar a nossa alma de fé, robustecer de esperança o nosso coração. O unico grito nacional é este: Para a frente!

A grande guerra

ULTIMAS IMPRESSÕES DE TANCOS

ATRAVEZ DO AREAL

Sempre em marcha para as posições de combate

Domingo, 30—Rompe a manhã. Uma claridade tenue, muito vaga, muito esbatida, muito indecisa, illuminando tudo pouco a pouco com a sua luz violacea, vae subindo no horisonte. Pela varzea fóra, na encosta que o arvoredo recobre como os musgos que revestem os velhos muros, os echos plangentes dos toques de alvorada despertam successivamente aqui e além.

—Taaaaaa... tá-lá-ra-la...

São horas de partir. Summariamente procedemos á «toilette» de campanha; o motor põe-se em andamento, e a nossa «Harley» triumphal deslisa de novo sobre a macadam da estrada, em direcção ao ponto combinado. Alguns contingentes encontram-se já em marcha desde as primeiras horas da madrugada. O sol irrompe, esbrázeado, congestionado, dominando a paizagem do alto do seu trono de nuvens em braza. Termina a «étape» de hoje em determinada povoação proximo da qual o caminho, até agora praticavel, se transforma n'uma vereda estreita e poeirenta, sobre a qual vão rodar difficilmente as viaturas. Previnem-nos, sollicitadamente que o «side-car» não poderá ir tão longe. Manuel Ferreira sorri: nem um instante lhe passa pela mente deixar de acompanhar a divisão, siga ella por que caminhos fôr.

E com effeito, terminada bruscamente a estrada a macadam, eis-nos rolando n'um como que inverosimil atalho, ladeado por montes de brita, onde as rodas se enterram até os cubos avançando difficilmente no meio do pó. Um extenso comboio de «camions» avança lentamente no mesmo sentido.

Por vezes, quando falta a necessaria adherencia ao revestimento macisso de borracha, as rodas motoras giram doidamente sem adiantar um passo, e os vehiculos são envolvidos n'uma densa nuvem de poeira que, ao longe, lembra o effeito de uma granada rebentando no local. Assim se descem rapidas vertentes, assim se trepam ladeiras abruptas, e os kilometros succedem-se aos kilometros n'uma serie enfadonha que parece não dever terminar mais.

De vez em quando, estendido á sombra dos sobreiros de tronco avermelhado, um ou outro pelotão descança das fadigas da marcha. Curto repouso aquelle! Os altos não vão além de dez minutos, e depois novamente proseguem palmilhando o caminho, as botas enterradas no pó, o ar empestado por tenuissimas particulas que tornam os soldados quasi invisiveis, como se marchassem envoltos no fumo avermelhado de um incendio. Passando lentamente ao lado de um contingente de infantaria verifico, com agradavel surpreza, que nem ao de leve as contingencias d'essa marcha difficil conseguem deprimir o moral dos soldados. Alguns, para protegerem os bronchios contra os effeitos da poeira, levam lenços amarrados em torno do rosto, deixando apenas a descoberto os olhos e a testa. E como o meu olhar formule uma pergunta, esclarecem, rindo:

—São mascaras contra os gazes asphyxiantes...

Ha pontos em que os motociclistas militares mal conseguem romper e se veem forçados a impelir á mão as suas machinas, auxiliando os motores em braza. Quando passamos junto d'elles, inspeccionam n'um olhar a nossa «Harley» que segue victoriosa, sem um protesto, sem um desfallecimento, e commentam, n'um suspiro:

—Ah! que se nós tivessemos «d'isso»...

Chegamos finalmente ao termo. E' um povoado triste, perdido em meio de arvoredos e areaes, largos annos esquecido no seu isolamento até que as tropas o despertam agora com os seus clarins, com o ruido secco das suas viaturas rolando, com o resfolgar violento dos seus automoveis. Curiosamente, os indigenas agrupam-se ás esquinas, e n'uma pasmaceira curiosa e interminavel assistem á transformação da pacifica aldeia n'uma cidade militar, cheia de movimento e de vida, como decerto nunca sonharam ver. Proximo, n'umas lagôas pouco profundas, estabelece-se rapidamente um formigueiro humano, ruidoso e alegre como uma grande feira. Homens e cavallos agitam a superficie das aguas, banhando-se em grupos buliçosos, e a vista conforta-se com essa infantil esturdia dos soldados que se tonificam brincando, como se a jornada, com as suas fadigas, lhes não tivesse deixado no espirito o mais insignificante germen de depressão. Alguns entram montados na lagôa, em cuja agua os cavallos, cobertos até o peito, caminham com volupia, e á vista dos torsos admiravelmente musculados que o sol envolve na sua luz candente, evocam-se, não sei porque, aquelles antigos quadros mithologicos de faunos e centauros que o marmore e o bronze imortalisaram nos museus.

Passo o resto do dia percorrendo os bivaques, conversando com este e com aquelle, cada vez mais fundamente convencido de que o material humano do nosso exercito é do melhor que existe, e que apenas fala organizar e instruir para que Portugal disponha d'uma formidavel machina militar.

Amanhã, prosegue a marcha para os exercicios finaes, depois do que a divisão destroçará, seguindo cada unidade para os respectivos quarteis. Informam-me que o caminho, durante alguns kilometros ainda, é francamente intransitavel para viaturas automoveis. A prova que se vae exigir no penultimo dia de manobras é positivamente tremenda. Veremos na proxima chronica de que brilhante maneira ella foi vencida.

HERMANO NEVES

E OS MONARCHICOS?

Fala o sr. Ayres de Ornellas

Constata com prazer a união do paiz perante a guerra.
Vê toda a vantagem na cooperação de Portugal na guerra.

A sessão de hontem, no Congresso, pela sua importancia capital para a vida da nossa nacionalidade, é d'aquellas que não pode passar despercebida a todos os portuguezes, sem distincção de partidos. Interessante seria, pois, ouvir a opinião dos monarchicos, ou pelo menos de uma alta individualidade monarchica a cuja volta se juntasse a maior parte dos partidarios do antigo regimen.

Tudo nos indicava, evidentemente, para isso, que tentassemos uma entrevista com o sr. Ayres de Ornellas, figura das mais cathegorisadas do meio monarchico, antigo ministro da marinha e ultramar e que foi distincto official do estado maior, cuja carreira abandonou apos a implantação da Republica.

Demais o sr. Ayres de Ornellas é o futuro director do *Diario Nacional*, jornal monarchico manuelista, a sahir brevemente, e como escriptor nos seus artigos sobre politica internacional, ha pouco ainda publicados, defendeu a politica dos alliados como os leitores d'*A Capital* tiveram occasião de vêr n'um largo extracto que d'elles aqui fizemos.

Tudo indicava portanto que ouvissemos o sr. Ayres de Ornellas, que nos recebeu com requintada amabilidade.

Dissemos-lhe ao que iamos. A sessão parlamentar de hontem era uma sessão historica. N'ella se tinham lido importantissimos documentos, sob o ponto de vista politico, economico e financeiro, para a vida do Paiz. Sua ex.ª representava uma corrente da opinião monarchica e como tal lhe pediamos a sua opinião sobre os documentos apresentados.

—Mas é impossivel fazer-lhe o que me pede! Comprehende. O *Diario Nacional* está prestes a sahir, e é no meu jornal que eu desejo dizer o que penso sobre esses documentos. Li-os com a maior attenção, uma e muitas vezes, e ainda mais os hei de lêr para sobre elles fazer o meu juizo definitivo. Mas, bem vê, esse juizo ao meu jornal pertence em primeiro logar.

Objectámos com a opportunidade immediata da opinião de s. ex.ª em assumpto de tanta monta. O jornalismo politico é feito sobre os acontecimentos do dia e o *Diario Nacional* só apparecerá uma semana mais tarde.

—Comprehendo tudo isso. Mas será n'uma serie de artigos e no meu jornal que eu tratarei a questão. E'-me no entanto excepcionalmente grato constatar a união do paiz no facto que hoje domina tudo—a guerra.

—E perante esse facto, a opinião de v. ex.ª...

—E' já sabida. Tudo quanto possoalmente puder fazer farei para que essa união se estreite cada vez mais. Nem mesmo estou aqui para outra coisa.

—E' a opinião pessoal de v. ex.ª?

—Pessoal e official.

—E sobre a nota da Inglaterra?

—Penso que os monarchicos portuguezes não podem deixar de ter considerado com um profundo sentimento de gratidão o appello feito em nome do nossa antiga alliança á cooperação de Portugal.

—Já agora uma pergunta mais, a ultima, e desculpe v. ex.ª a insistencia.

—... De jornalista no seu papel.

—Exactamente.

—Deseja então...

—Saber de v. ex.ª se vê vantagens n'esse facto.

—Absolutamente. Vejo toda a vantagem na cooperação de Portugal, sob o ponto de vista da nacionalidade portugueza, e excluindo a questão do regimen, pois que até superiormente isso me era vedado. E' tudo quanto lhe posso dizer, e, como vê, mais do que lhe havia promettido.

E aqui está o que nos disse, sobre a memoravel sessão de hontem, o sr. Ayres de Ornellas.

Importantes acções dos italianos contra os austriacos

ROMA, 7—Communicação official. Entre o Adige e o Isonzo superior actividade persistente das artilharias. No planalto de Asiago o inimigo destruiu, fazendo explodir minas, um dos nossos entrincheiramentos nas vertentes do *monte Zebio*; em seguida, lançou um ataque que foi claramente repellido pelo fogo das nossas artilharias. Na zona de Tofana as nossas tropas apoderaram-se da forte posição que domina a communicação entre o pequeno vale de Travezanes e o rio Sare (valle do Carda). Continua o bombardeamento inimigo sobre os logares habitados no alto do Dogna e o nosso bombardeamento sobre os edificios militares de Tarvis e Raibel e a praça de Tolmino. No Isonzo inferior as nossas tropas atacaram hontem em differentes pontos as fortes posições adversarias, em quanto no sector de Monfalcone proseguiam na offensiva vigorosa começada no dia 4 do corrente na direcção das cotas 85 e 121. Depois de preparação do fogo da artilharia e do bombardeamento que foi admiravel pela sua rapidez e precisão, as nossas infantarias avançaram com um soberbo «élan» ao assalto e apoderaram-se de diversas e successivas linhas de entrincheiramentos inimigos. Na zona de Monfalcone, n'uma lucta sanguinolenta, os batalhões apoderaram-se quasi inteiramente da altura da cota 85 e manteem-se solidamente contra os violentos retornos offensivos do inimigo. Fizemos cerca de 3.600 prisioneiros, dos quaes uns 100 officiaes e entre estes um coronel commandante de um regimento e um major do estado maior. Apoderámo-nos tambem de rico despojo comprehendendo uma bateria de 3 peças, algumas dezenas de metralhadoras, grande numero de espingardas, munições e outro material de guerra. Uma esquadrilha dos nossos «Caproni» em pessimas condicções atmosphericas, bombardeou hontem a ligação dos caminhos de ferro em Opcina, repelindo os hidro-aviões inimigos que tentavam oppor-se e abatendo um d'elles. Um dos nossos aviões não regressou; os outros estão todos indemnes.—(HAVAS).

ROMA, 8.—O *Giornale d'Italia* commentando o communicado do general Cadorna nota que a nossa offensiva começada em 4 do corrente em Monfalcone se desenvolve actualmente. O communicado relata uma grande victoria alcançada pelas nossas tropas em volta de Monfalcone, mas faz tambem allusão a uma acção mais vasta sobre o Isonzo inferior. Na espectativa de novos successos felicitamo-nos pelo conseguido com a conquista de uma importante posição na cota 85 e a prisão de 3.600 homens do inimigo, entre elles muitos officiaes. Isto constitue uma importantissima victoria n'uma linha como a nossa em que a guerra de manobra é impossivel, e em que o inimigo possue posições excepcionalmente favoraveis e poderosamente preparadas mesmo durante o longo periodo da paz.

O *Corriere d'Italia* diz que os batalhões de Bersaglieri cyclistas tiveram sem duvida por um movimento envolvente de atacar e bater o inimigo cooperando com a infantaria depois da intensa preparação da artilharia, o que se deprehende do grande numero de prisioneiros feitos pelas nossas tropas. —(*Havas*)

A nomeação de Hindenburg—A evacuação de Lemberg

PARIS, 8.—O estado-maior russo considera com indifferença a nomeação do Hindenburg para o cargo de generalissimo de todos os exercitos allemães e austriacos do Oriente. O facto apenas prova a qualidade da batalha de Tannenberg e indica que elle conhece perfeitamente a região.

Os grandes movimentos de tropas russas na Bukovina parecem significar a intenção de novos ataques nos desfiladeiros dos Carpathos.

Confirma-se a evacuação de Lemberg. No dia 4 de agosto as auctoridades e a população sahiram da cidade. A proclamação do governador diz: «Voltaremos em condições de arrancar este pedaço da nossa patria aos nossos inimigos».—(*Americana*).

Nas varias frentes russas

PETROGRADO, 7.—Official — No Stokhod, na região de Zaretchie, desalojamos o adversario d'uma parte das suas trincheiras e fizemos 200 prisioneiros. No Sereth desenvolvemos ligeiramente os successos d'esta região e fizemos no dia 6 do corrente 2000 prisioneiros, entre os quaes figuram allemães. Na Persia, sob a pressão dos turcos, um destacamento russo recuou na região a leste de Khermanshah.—(*Havas*).

A angustiosa situação na Syria

PARIS, 8.—Individuos recem-chegados do Cairo, onde se refugiaram, dizem que a guarnição de Beyrut foi aniquilada pela fome. Em toda a Syria reina a miseria. As tropas turcas da Asia Menor vivem da rapina. — (*Americana*).

A fome na Allemanha

PARIS, 8.—Na cidade allemã de Crefeld deram-se tumultos por causa da falta de viveres.—(*Americana*).

CANHÕES! MUNIÇÕES!

UMA VISITA A VERDUN

Charles Humbert, uma noite, no forte de ***

Tornei a vêr Verdun, a minha pobre e querida Verdun.

No sexto mez da pavorosa batalha, quiz retomar contacto com os nossos sublimes combatentes, viver um instante a seu lado, vel-os afadigados na labuta heroica, escutar-lhes as suas impressões, as suas esperanças, as suas convicções.

Todos ali, populações, soldados e chefes, apenas formam um corpo e uma alma. E, erguendo-se n'um mesmo desafio consciente e voluntario ante os invasores encarniçados na sua tarefa bestial, disseram-me todos: —Não tomarão Verdun!

Esses bravos, no emtanto, sabem que a partida ainda não está terminada. O inimigo continúa a ser formidavel. Se affrouxa, eil-o que volta de novo, furiosamente, com exasperações de raiva! Agorá, mais do que nunca, os nossos confiam no seu valor. Conhecem-no, como conhecem o do adversario. Desde que a rectaguarda continue a fornecer-lhes sempre mais —e isso é possivel—tudo o que precisam para sustentar a lucta, teem a convicção de levar a bom termo a sua missão salvadora e de libertação. Porque todos ali, desde o mais modesto soldado até ao maior chefe, sempre que os interroguei sobre as conclusões que tiravam da batalha e sobre os desejos que tinham a formular, responderam-me uniformemente: «Para vencer, apenas pedimos canhões e munições.»

Como nas minhas precedentes viagens, deparei de novo, em longas filas, os pesados camiões que se dirigem á linha de fogo ou d'ella regressam. Mas quasi todos d'esta vez—seria para commemorar o anniversario da mobilisação ou simplesmente por uma coqueteria natural no soldado francez?—appareciam ornamentados com ramos de flores campestres.

Tornei a vêr tambem os grupos de velhos territoriaes occupados na constante reparação das estradas.

Admirei, mais uma vez, a ordem perfeita que reina por toda a parte, a dedicação e a séria applicação d'estes homens, automobilistas e cantoneiros militares, exclusivamente preoccupados em cumprir o melhor possivel o seu dever, entregues de bom rosto á sua ardua tarefa, sob os raios abrazadores do sol e envoltos em suffocante poeira.

De novo contemplei as povoações devastadas, os campos semeados de tumulos. Entre essas imagens de desolação, a população civil, os velhos, as mulheres, as creanças voltaram ao trabalho e tratam já de reparar as ruinas, attestando a maravilhosa vitalidade d'esta raça que provação alguma prostra e que nenhum esforço desalenta, porque tem a consciencia de não desmerecer no conceito do mundo, antes pelo contrario.

Cruzei com camiões que traziam tropas das trincheiras,—homens em mangas de camisa ou de tronco nú, o rosto coberto de suor e de pó, mas todos alegres, perfeitamente animados, cantando para esquecer as suas fadigas.

Tive a impressão de que o moral dos nossos valentes soldados era melhor ainda do que por occasião da ultima visita que lhes fiz. Percebe-se que ha um chefe que manda e que tem a confiança e a affeição dos que lhe obedecem.

Nas immediações da frente, sorriam todas as physionomias; um ataque feliz acabava de tomar ao inimigo duas fortes linhas de trincheiras; preparava-se outro para aquella mesma noite na direcção de Thiaumont; e falava-se já da retomada de Fleury: pude ver, pelos communicados, que não eram palavras sem fundamento...

Accrescentava-se que, em todas essas acções, as nossas perdas tinham sido insignificantes.

Um official de elevada patente, depois de me haver posto, d'um modo summario, ao corrente das operações, expoz-me as razões da sua confiança e das suas esperanças. Não ha duvida de que a Allemanha não retirou um soldado do exercito do kronprinz e provavelmente quasi não diminuiu a artilharia que ameaça Verdun. Mas não arremessou divisões frescas para o combate e parece considerar com maior attenção o gasto de munições. O moral das suas tropas baixou. Não só deixam agora mais prisioneiros nas nossas mãos, mas ha desertores: alguns, interrogados n'aquella mesma manhã, declararam que o seu commando lhes tinha firmemente promettido o fim da batalha para 31 de julho.

Como exprimisse o desejo de ir até ao fim da minha peregrinação e de penetrar nos muros devastados de Verdun, o meu interlocutor disse-me: «Vou-lhe propor uma coisa melhor. Já estava tres vezes em Verdun; outra visita nada lhe diria de novo; encontral-a-hia apenas mais devastada, mas posso leval-o esta noite até ao forte de XXX; receberá ahi uma impressão de conjunto de batalha.»

E partimos á noite, pela estradas escuras, onde circulam, com todas as luzes apagadas, os comboios de abastecimento que, desde o cahir do dia, levam para a linha de fogo as provisões e as munições, e trazem de lá o material deteriorado e os feridos: extensa procissão de sombras que se seguem sem ruido, sem um choque, sem uma hesitação.

A' beira do caminho, um comboio descarrega granadas que uma secção de munições transporta rapidamente. Mais adiante, cruso com furgões, camiões, uma bataria pesada que vae tomar posição.

A' volta de nós, o ceu encendeia-se de clarões; dir-se-hia uma formidavel tempestade, ouvindo-se ribombar continuamente o trovão.

Estamos agora perto da linha de fogo. Os relampagos são bruscos e intensos. O fragor das detonações e das explosões produz-se muito provimo.

Eis-me na altura que domina o forte.

Em frente de mim, á direita, á esquerda, chamejam rapidos fogos fatuos. Correm clarões na campina escura. Sobem no ar foguetes luminosos, projectando sobre as coisas um brilho cru. Rebentam aqui e além globos de fogo. Enche o ar uma bulha ensurdecedora.

Na claridade vacilante d'este sinistro fogo de artificio, distingo todas as regiões do vasto campo de batalha que se estende em semi-circulo desde a margem esquerda do Mosa até á região de Vaux.

De subito, no horisonte surje um brazeiro que se apaga, se reaccende e tremeluz alguns instantes, como um fogo de bengala que ardesse com soluções de continuidade:

—Deve ser, diz-me um companheiro, um deposito allemão de munições que foi pelos ares.

E a lucta de artilharia prosegue, furiosa. Nenhum grito, nenhum ruido de fusilaria, nenhum crepitar de metralhadoras: apenas a grande voz do canhão...

Ah! que os que creem que a guerra está prestes a terminar vão vêr, como eu, esse inolvidavel e terrivel espectaculo! Que contemplem esse campo de carnificina e de horror em que se chocam as forças exasperadas de duas nações!

Trarão d'ali a sensação aguda d'esse formidavel esforço de destruição, para o qual convergem todos os meios, todos os recursos, todas as vontades dos povos que luctam.

Ah! Não são já, decerto, como outr'ora, dois exercitos que, por conta de dois Estados, travam um sangrento e rapido duelo. São duas raças que se defrontam, erectas e firmes, uma contra a outra, estrangulando-se, ferindo-se nas entranhas, derramando o seu sangue, a sua força, a sua alma, até que uma succumba por esgotamento...

Admiremos, sem reservas, os soldados e os chefes que, ali, ha tantos mezes se aguentam invencivelmente. Forneçamos-lhes, á sua valentia, á sua tenacidade, tudo o que é mister para realisarem até ao fim o seu esforço glorioso. Demos-lhes cada vez com mais largueza, as armas irresistiveis graças ás quaes fixarão esta victoria que a sua força moral arrancou já ao inimigo!

CHARLES HUMBERT

Migalhas

Manifestos

Ao cabo do primeiro anno de guerra os manifestos do kaiser eram triumphantes. Apontava ao povo o exercito germanico vencedor e invencivel em todas as frentes. Não deixava, no emtanto, de affirmar que não tinha querido esta guerra. Evidentemente tinha desejado a outra: a Inglaterra neutral, a França esmagada em trez semanas, a Russia pedindo a paz em dois mezes, a Germania dominadora da Europa no curto espaço de doze semanas de chacinas.

Ao fim do segundo anno de matança e de loucura, o tom da arenga imperial baixou consideravelmente. Reconhece-se o «augmento das forças do inimigo». A Allemanha combate agora «pela sua existencia» e o Hohenzollern desvairado concorda que «o futuro da sua patria é sombrio». Os jornaes allemães glosam como podem a palavra imperial para chegarem á conclusão que a Teutonia é invencivel; mas a argumentação sôa a ôco, áquelle ôco das rhetoricas feitas por medida, em que as grandes phrases servem para occultar a incerteza do que se affirma.

Entrámos definitivamente no caminho da liquidação. Será tanto mais difficil quanto é certo que o inimigo joga as suas ultimas cartadas e, reduzido á defensiva, tratará de defender-se como um lobo acossado a uma parede. Uma grande luz de victoria illumina a tarefa dos alliados. Ha uma confiança absoluta inspirada no trabalho methodico com que se preparou o dia do amanhã. O pesadello está perto do seu fim e, á medida que o ar vae faltando aos contrarios, elle entra pelos nossos pulmões ás lufadas.

André Brun

EFSTA IMPONENTE

Instrucção Militar Preparatoria

As provas finaes da Sociedade n.º 1, no proximo domingo, no Stadium

Principia hoje, na séde da corporação, rua da Graça, 31 e 33 palacete, e continua esta semana até sabbado, inclusive, das 18 ás 24 horas, a distribuição de bilhetes de convite aos socios auxiliares e alistados da 1.ª e 2.ª secções, que apresentem cartão de identidade e a quota de'ste mez, podendo os auxiliares e os da 2.ª secção requisitar 2 bilhetes do logar reservado e 6 de entrada geral, e os da 1.ª secção 1 de logar reservado e 6 de entrada geral, para a grandiosa festa patriotica da benemerita e prestimosa Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1 que se realisa no proximo domingo, ás 15 horas, com todo o esplendor, no «Stadium» de Lisboa, ao Campo Grande abrilhantando esse acto a excellente banda de infantaria 5, sob a regencia do seu habil maestro, capitão sr. Lopes da Silva.

Hoje ás 21 e meia horas, funcciona a aula de esgrima, e ás 22 ha ensaio da banda de musica no qual teem de comparecer todos os executantes. Amanhã, quarta-feira, tem instrucção na séde a 3.ª escola do grupo A.

A ausencia á formatura de domingo equivalerá a tres faltas para effeitos de multa.

Posto de soccorros

Um appello da Cruz Vermelha

A benemerita Sociedade da Cruz Vermelha pede-nos a publicação do seguinte:

Desejando esta Sociedade estabelecer na parte oriental da cidade um posto eventual de soccorros a feridos, para funccionar durante o estado de guerra, semelhante aos dois que já tem na Junqueira e na sua séde na praça do Commercio, dirige este appello aos srs. proprietarios d'aquella parte da cidade esperando que alguns se dignem ceder generosamente uma casa nas condições requeridas, attento o fim que se tem em vista e o exemplo do que fez, na sua propriedade da Junqueira, a sr.ª condessa de Burnay.

A Sociedade tomará a seu cargo a execução de quaesquer obras ou reparações interiores.

Estamos plenamente convencidos de que o appello da benemerita instituição será immediatamente attendido.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Manual para uso do official em campanha,,

pelo major J. C. S.

N'uma edição elegante e facilmente portatil, o que é importante tratando-se de um livro que a cada momento pode haver necessidade de consultar, reuniu o distincto official, que apenas assigna com as suas iniciaes, todas as regras e indicações necessarias ao desempenho da missão de um official em campanha.

Representa o livro a que nos estamos referindo um trabalho de coordenação valiosa e mesmo difficil para quem não possua os conhecimentos que a fundo possue o seu auctor, tornando-se por isso digno de toda a recommendação e de todo o elogio o seu trabalho.

A edição é da casa Rodrigues & C.ª, da rua do Ouro.

Os navios requisitados

O sr. ministro do trabalho recebeu hoje o sr. Pinto Basto, presidente da commissão encarregada do superintender na exploração commercial dos navios requisitados, com quem teve uma demorada conferencia sobre a realisação do accordo celebrado com a nação alliada ácerca do aproveitamento d'aquelles navios. Terminada a conferencia, o sr. ministro do trabalho dirigiu-se para a reunião do conselho de ministros, onde o problema foi novamente apreciado, tratando-se principalmente de assentar em todos os detalhes praticos relacionados com a execução do accordo.

Missões militares

Na entrevista que publicamos com sir Maurice de Bunsen, sub-secretario do ministerio dos negocios estrangeiros da Inglaterra, este eminente diplomata declarou que julgava que iam ser nomeadas commissões militares dos dois paizes alliados para estabelecerem tudo quanto diz respeito á cooperação militar de Portugal. Effectivamente deve chegar dentro de pouco tempo a Lisboa uma missão militar ingleza com o fim de se desempenhar d'aquelle encargo, sendo possivel que venham tambem a Lisboa, na mesma data, trez officiaes do exercito francez.

Ainda antes da chegada d'essas missões deve estar em Lisboa um official da marinha franceza, contando que a sua vinda se relaciona com as necessidades do material da nossa marinha.

Parece que a missão naval ingleza que se encontra em Lisboa ha alguns mezes não tardará a retirar-se para o seu paiz, por se ja desnecessaria a sua presença entre nós.

Os judeus nas fileiras do exercito portuguez

Recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Sr. Redactor da *Capital*.—Tendo lido hontem no seu muito acreditado jornal o artigo com a epigraphe «Os judeus nas fileiras do exercito portuguez,» apresso-me a declarar que em junho requeri á ex.ma commissão do recenseamento do 2.º bairro, a que pertenço, para ser recenseado a fim de prestar o meu tributo á Patria que tanto amo, como portuguez d'alma e coração que me preso de ser. Os documentos acham-se na secretaria do 2.º bairro onde podem, segundo julgo ser vistos «pelos curiosos d'investigações,» verificando assim a exactidão do que deixo dito.

Agradecendo e pedindo a gentileza da publicação d'esta carta, nada mais tenho em vista, do que tornar publico que mais um judeu se acha muito honrado fazendo parte do exercito portuguez.

De v. etc.—*Jacob Blumberg*, casa de v., Rua da Trindade, 5, 3.º, esq.

Oxalá que cartas muitas identicas nos sejam enviadas. Será signal do que os judeus portuguezes—verdadeiramente e em tudo portuguezes—attingem um numero maior do que alguns suppõem e anceiam por servir a Patria.

Depositarios-administradores dos bens inimigos

O «Diario do Governo» publica hoje a seguinte relação de depositarios-administradores dos bens de inimigos:

José do Ó de Electrotechniche Fabrik Dahl, de Franz R. Courad, de Windturbinenwerk, de Hentschell & Muller e da Emprezа de Embarcações, Limitada, todos de Lisboa.

Manuel Antonio Candoso, de Wilhkn Walnig y Humer, de Moncorvo.

Laudorio Barbosa, de Theodor Wege, Limitada, de Lisboa.

José Crispiniano Alves Casquilho, de Victor Schalck, em Thomar.

Amadeu Cardoso de Amorim, de A. Diswaser, de A. Bopp & Meuthor, de A. Borzig, de A. Dolhnor, de A. Lehrfeld Baelafen, de A. Lohman & Co., de A. Oppenheimer & Co., de A. Schweizer. de Abr. Gebr. & Frowein, de Adam Schweder, de Adolf Baer & C.ª, de Adolf Elias, de Adolf May und Muller & Lohse, de Adolf Selbe, de Adolf Weiss de Aebr, Liebmann & Oehme, de Alb. B. Schelinger, de Albert Sutringhauer, de Albert Tunnerball, de Albrecht & Meister, de Alfus W. Zehntner, de Alfredo Munch, de Amme, Glesecke & Konegen, de Anglo-Amerikanische, de Augusto Meier, de August Ristelhueker, de B. Rosenbium, de Bartels Dierich & Co., de Bautzener Industriewerk, de Becker & Frank, de Benno Ebert, de Bergisch Marische Bank, de Benhard Diamant, de Bernhard Martin, de Bernard & Strovery de Bernhard Wolf & Co., de Bing Frères, de Dingen & Kaiser, de Boluck & Co., de Becklenberg & Mota, de Bodenheimer, Shuster & Co., de Bremer Brauerei A. G., de Bruder Freund, de Bruggen & Kaiser, de C. H. Oehmig Weidlich, de C. P. Geors, de C. Buger, de C Terrot Soehne, de Carl Bier, de Carl Blombach, de Carl Bulher Ir., de Carl Colin, de Carl Dillenins, de Carl Hasch, de Charles Timm, e de Christian Buenner, todos do Porto.

Antonio Martins, de A. W. Faber, de M. Mayer, e de Metalloid Gesellschaft, todos do Porto.

Adolpho Baptista da Silva Carneiro, de A. & S. Segall, de Alberto Vieirey, de Arn. Herren, de Attschul & Sinzheimer, de Gebruder Studel, de Rosenthal & Stern, e de W. Surmann, todos do Porto.

Alfredo Soares Gomes, de Adgard Hirsch, de Athen & Haupt, do Porto.

Mario de Magalhães, de Alfred Wandstain, de Ambert Winkelmann, de Berlin Neuroder Kunst, Bruder Waller, de C. G. Hanbold, de Carl Goo Heise, de E. G. May Soehne, de Emile Iagert, de F. von Brozy Steineberg, de Fritz Koch (Dr.), de Gebruder Merz, de Gebruder Pilz, de Georg Honigbaum, de George Mevek, de Gotrian, Steinweg Nasahf, de Hans Krauss, Suc., de International Agency Gmbh, de J. G. Lorz, de Lily Mochiny, de Offenstadt & Felheimer, de Robert Hugel, de Stengel & Co., e de Wailhaum Bernard, todos no Porto.

Albino Vieira Ramos, de Ed. Dorrenberg Shone, de Ganss & Co., de Gopfest & Barth, de J. D. Philips & Sohne A. G., de J. Silberberg & Co, e de Vih. von Zur-Gulhen, todos no Porto.

Antonio Coelho da Silva, de Carl Lassen, de Deutsche Bank, de Ferdinand Hese, de Gebruder Sto evesandt, de Haendler & Natermann, de Hermann Schott, todos no Porto.

Mario de Magalhães, de Chs. Lary & Co., de Colsman & Co., da Compagnie des Cristolleries, de Couvard Helwiche Dormer, de Cristalleriés des Cinte, Horvach, de Curt Eichorer, Curt Georgi, de Weiss, de D. Morgeustern, de Stemple B. A., de Dawiler Motoren Gesellschaft, de Deneitt & Herz, de Dreysel & Schelze, de F. A. Sohman & Co., de Echnand Gondschmidt, de Ehrich & Grentz, de Eisenwerk C. Meurer, de Elejst vorm Johann Faber A. G., de Emil Stiebel, de Erchbom & Co., de Eurico Brinkmann, de Ernst Beckert, de Ernest Hass, de Ernst Haertwig, de Ernest Leitz, de F. Huhn & Sohn, de F. T. Merz, de Farb vorm Muister Lucius & Brunlug, de Felix Adler, de Ferd. Flinsch, de Flersheim Hess, de Franz Krimen, de Fréres Koechlin, de Fréres Passavant, de Fréres Passavant St Ftien), de Fried Bayer & Co., de Fried Haden Abr. Sohn, de Fritz Hillerkus Sohn, de G. F. Grosser Markeisdorff, de G. G. Ad. Heller, de G. J. Hensel, de G. Posner & Co., de Gebr. Weisberg, de Gebruder Adler, de Gebruder Hess, de Gebruder Junghans, A. G. de Geruder Kronwel, de Gebruder Obermann, de Gebruder Ottentour de Gebruder Passavant, de Gebruder Scholler, de Gebruder & Wolf, de George Benda, de George Briel, de Gerlach & Co., de Goloschmidt & Soeorings, de Gerbard & Co., de Guilherme Hops, de Gustave Barthel, de Gustav Joel & Meyer, todos do Porto.

José Anthero de Sá, de Gustav L. Guggenheimer, de Gutermann, de H. Freitag & Co., de H. Hufmann & Co., de H. Nickel & Co., de Hamburg Sudamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft, de Harras Werke, de Hecht, Pfeiffer & Co., de Heinrich Guttmann, de Heinrich Haesel, de Heinrich Gans, de Hienrich Pich, de Heinrich Wertheimer, de Hermann Bauer Schwal Grand, de Herm. Katzenstein, de Hermann Katzenstein, de Hermann Kohlberg, de Hermann Liske, de Hermann Pichler, Hermann Starker, de Hermann & Lesko, de Heinrich Elerhug, todos no Porto.

Lourenço Mello, de Herninghauss & Co., de Hess & Co., de Hesse, Neuman & Co., de Heymann & Alexander, de Heymann & Schmidt, de Hersfeld & Fischel, de Illsich & Graetz, de Hinne & Co., de Litzel & Vogel, de Hugo Mastbaum, de Hugo Knoblach & Co., de Husavarna Vapenfabrik, de J. Bertnhard G. m. b., de J. Burmester, de J. Guka, de J. D. Biedel, de J. G. Monsen & Co., de J. G. Schreder & Co., de J. G. Silliendhel, de J. H. Lieberg, de J. L. Probeteis, de P. Kaiser Sohn, de J. S. Staedtler, de John Froscheis, de Jetter & Scheerer, de Jen Caq. Harkort Erben W. Lilbe Harkor, de Johannes Weigt, de Jobs Fieck, do Joseph Wertheim & Co., de Julius Barsdorf, de Julius Brecker & Co., de Julius Grossmann & Co., de Julius Nagelschmidt, de Julius Klinkhardt, de K. & E. Buchnald, de Kakne Hercheimer & Co., de Kost & Ebinger, e de Kock & Te Kock, todos no Porto.

Adolpho Baptista Silva Carneiro, de Hoek, Weber & Comp., de Koehler & Willecke, de Kohlensame-Industrie A. G., de Krauthol & Comp., de Krautheimer & Comp., de Krefender Strhlurest, de Kunstercoley Inn, de Kunze & Krabeeg, de Kupferdeck Vertriel Fabk, de Kurt Holtein, de L. Auerbech & Comp., de L. Regensbrugus Nachfolger, de L. Fintner, de Leopold Piek, de Leopolds Stern & Comp., de Leopoldo Wagner, de Lindgens & Sohn, de Luckans & Gunther, de Ludwig Orb & Schwalbach, de Luneburger Wachsbleich Act. Ges. J. Borstling, de M. J. Kische, de M J. Trisch, de M. Meyer & Comp., de M. & S. Berlinger, de Steimberg, de Mannes & Comp., de Manitzki & Comp., de Mann & Schefer, de Manufacture de Métaux de Herndorf Artur Krupp, de Manufacture d'Outils Stahlschmidt, de Maritz Aron, de Martin M. Neuburger, de Martin Reinstein & Comp., de Maschinenfabrik Johannisberg, de Max Dreyfus & Rehfeld, de Mead & Rudolph, de Mechanische Werverein Linden, de Metallwaren Glakeu Fabrik, de Meyer & Kersting, de Michael Huber e de Mororits & Dessauer, todos no Porto.

Antonio Tavares da Fonseca, de Nauheim & Comp., de New-York Hamburger Gummi Waaron Compagni, do Norddeutsche Bank, de O. & A. Saringhausen, de Oelwerke Stern Sonneban, A. G., de Oppenheimer & Comp., de Otto Dreibholz, de Otto Ereibholz, de Otto Hannemmann, de P. Frister A. Abt Ges, de P. Lindherts, de Paul Brunde, de Paul V. H. Schmidt, de Ph. Rosenthal & Comp., de Philipp Hermann, de Photoabensie G. M. B. H., de Pinhol & Helbaldt, de Pflser Nuin, de Pasto & Comp., de Prausse y Comp. de R. Hetzel & Comp., de R. Pertschin, de R. Saenger & Rentscheler, de R. Zammsell & Comp., de Rappolt & Comp., de Rathenover Baerkverein, de Ravensberg Spimerel, de Regol & Kruy, de Remak & Silber, de Renz & Stessol, de Rheiniche Credit Bank, de Richard Epstein & Comp., de Rob. Turmier, do Robert Francke, de Routo & Unkrant, de S. I. Salomov, de S. Kohn, de S Loewensber, de S. Stern & Comp., de S. Setra Junior, de Sansão & Dreyfus, de Sanbiralein & Comp., de Schartez Timm, de Schlenker & Kienzoll, de Shoufeld & Wolfers, de Schriftgiesserei und Maschinenban, de Schumaker & Kisshrig, de Schuermainn, de Seitz Werbr, de Siegmund Straues Junior e St Pauli Breweris J. Lim., todos no Porto.

Militão Pinto Barbedo, de Siemens Schuckert Werbe Suc., de Simon Dzialoszyuski, de Société Anonyme de Cautchouc Manufacture Continental, de Sociedade Anonyme pour la Fabrication de Papier Gonlen e Colle Forte, de Spindler & Hoyer, de Spinger & Comp., de Steigerwald & Oppenheimer, de Stoneck & Comp., de Striobeck & Koenamann, de T. Huhn & Sohn, de Teodor Appelt, de Teodore Paul, de Teodoro Paul Meyer, de Thuringer Schalowol-weberei U. Gummwerk, de Tonindustrie Qfstein, de Ulmann & Esstein, de V. Gierkinsgs, de Vágner & Comp., de Vereinigt Schmiyel & Maschinen Fabriken, de Vereinigt Sohstoff, de Vereir Hamburger Asseeuradeuse, de Vra. Moeller, de Vorwerk & Sohn, de W. Bruche & Comp., de W. & G. Vogel, de W. Hagerlirg A. G., de Wrn. Hoppe, de W. Wedding, de Wagner & Comp., de Veber & Srinshauser, de Weil & Arnsteine, de Weyesberg Irmãos, de Wilhelm T. Haak, de Wilhelm Goerling, de Wilhelm Woellmers, de Willi Rehmke, de Wilkrim Barnhardt & Comp., de Wisel & Naumann, de Wolf & Comp., de Wolft & Glaserferd, de Wurttembergische Mettallwarenfabrik, de Zietz & Jane e de Londer & Comp.

Guilhermino Gualter Oliveira, de Walter Geck e de William Grim, do Porto.

Antonio Maria Alves de Mello, de Joseph Markel, da Filiale dela Banca Mobiliare, Soc. An. Felder Verkelrsbank Atien Gesellschaft, e da Soc. Imp. Priv. Austrichienni de crédit pour le commerce, no Porto.

José Soares de Oliveira, de A. C. L. Fraeb, no Porto.

Francisco Antonio Borges, de Adolfo Hofle & C.ª, no Porto.

Militão Pinto Barbedo, Aguas Catarina Muller, no Porto.

Alfredo Soares Gomes, de Albrecht Lobng Porto.

Guilherme G. Correia Leite, de Alfredo Holser, no Porto.

Antonio Bragança Ribeiro, de Alfred Metz, no Porto.

José Antero de Sá, de Alfredo Schutte, no Porto.

Antonio J. Silva Loureiro, de Anna Amalia Hueck, no Porto.

Carlos Guerreiro, de Anna Luisa von Hafe e irmã Margarida von Hafe, no Porto.

Militão Pinto Barbedo, de Anton Durrer, no Porto.

Antonio Soares de Oliveira Junior, de Augusto Hersog, no Porto.

Eurico Pinto Valado, de Bernhard Lenschner, no Porto.

José Antero de Sá, de Camilla Malheiro Katzenstein e de Carlos Hausse, no Porto.

Antonio Soares de Oliveira Junior, do capitão H. Bauer, de Christian Behsen, de Emilio Hermes, de Grass, de Guilherme Boldt e esposa, de Guilherme Frederico Herhardt e de Henriqueta Charters Crespo, todos no Porto.

Abel Candido Gonçalves, de Carlos Ennes e esposa, no Porto.

Manuel de Moura, de Carlos Rates, no Porto.

Antonio Tavares Fonseca, de Charles Klein no Porto.

Aurelio da Paz dos Reis, de Clauss & Schweder no Porto.

Militão Pinto Barbedo, do Club Allemão, no Porto.

Antonio Narciso Santos Silva, do Collegio Allemão, no Porto.

Albino Vieira Ramos, de Ernest von Yess, de E. Merck, no Porto.

Antonio Bragança Ribeiro, de Deydel & Oppenheimer, no Porto.

Alfredo Soares Gomes, de Edgard Hirsch & C.ª no Porto.

Militão Pinto Barbedo de Edgard Katzenstein le Gebruder Stern, de Luiz Leuschner do Porto.

Manuel Moura, de Eduardo Katzenstein, Successor de Emilio Katzenstein, no Porto.

José Soares de Oliveira, de Else Edimburg, de Emilio Blechemann, no Porto.

José Anteor de Sá, de Emile Nolting & C.ª, de Ernest E. von Yess, de Frederico Bayer & C.ª, no Porto.

João Rodrigues Santos Serejo, de Emilio Edelbeime, no Porto.

Julio de Oliveira, de Emilio Biel & C.ª, de Emilio Fensinno e esposa, no Porto.

Francisco Sampaio de Emilio Pfeil, do Porto.

Mario de Magalhães, de Eschorn & C.ª, do Porto, do Fritz John, tambem do Porto.

Henrique Rodrigues, de F. Blindle & C.ª, no Porto.

Antonio J. Silva Loureiro, de F. Wolff & Sohn, no Porto.

Adolpho Cunha Oliveira Rodrigues, da fabrica Barmen, Limitada, no Porto.

Raymundo Martins, de Francisco Rottes e esposa, no Porto.

Antonio Canedo Basto, de Furbringer & C.ª Limitada, no Porto.

Joaquim Ferenandes ePres, do George Binanzer, no Porto.

José Antero de Sá, de Guilherme Bernhard & C.ª e Gunther Wagner, de Lina Tudell, no Porto.

Domingos Lopes, de Guilherme Ferreira Kimpell, no Porto.

Antonio Martins, de Guilherme Hoffeneier, no Porto.

José Pinto Torres de Guilherme Puls & C.ª, no Porto.

José Soares de Oliveira, de Guilherme Seiz e esposa de H. F. Banestorf, no Porto.

Albino Vieira Ramos de Guilherme Wefers, de Lubeck & Serros, no Porto.

Joaquim Gomes de Maccdo, de Gustavo Burmester, no Porto.

Guilhermino Gualter e Oliveira, de Gustavo Carlos Augusto Wald de Louise Heg, no Porto.

Antonio Pereira da Silva, de Gustavo Kendell, Successor, no Porto.

Joaquim Fernandes Peres de H. Fischer, no Porto.

José Pereira Barbosa Gama de Hans Hittorf no Porto.

João Rodrigues Santos Cerejo, de Hans Jung, de João Antonio Herhardt no Porto.

Antonio Martins, de Henri Brinkmann, da Union Metall Gesellschaeft no Porto.

José Soares de Oliveira, de Henrique Dohn & Filhos, no Porto.

Alfredo Soares Gomes de Hermann Adolfo Sotler, Hermann D. Harberts e esposa no Porto

Manuel Alves Soares, de Hermann Burmester & C.ª, no Porto.

Militão Pinto Barbedo de Hermasen Victor Otto Frieze, de Ilda Katzenstein, de Martin Pether, S. Reich & C.ª no Porto.

Joaquim Mendes Braga, de J. Cornblun, no Porto.

Antonio Martins, de J. Sillerg, de J. Wimer & C.ª, de Leopoldo Casseler & C.ª, no Porto.

Antonio Tavares Fonseca, de Julius Dahl e esposa, de Marietto Chwal, no Porto

Guilhermino Gualter Oliveira, de Maria Adelaide Ruff Cascão, no Porto.

Amadeu Ferreira Sousa Vilar, de Max Schreck & Filhos do Porto.

José Maria Outeiro Ribeiro de Nicolau Henrique Jacoll, no Porto.

Carlos Pacido Pinto, de O. Herold & C.ª, no Porto.

Antonio Nunes de Sousa, de Orey, Antunes & C.ª, no Porto.

José Lopes Pereira Costa de Otto Leichsenring, no Porto.

Abel Candido Gonçalves, de Pastor Ohbricht, no Porto.

Mario de Magalhães, de Paulo Frederik Kaiser, no Porto

José Antero de Sá, de Paulo Rechnager, de Ricardo Herbest, no Porto.

José Soares de Oliveira, de Peter Wilheim Boselers, no Porto.

Militão Pinto Barbedo, de Teodor Appelt de Wilheim F. Haak, no Porto.

Aurelio da Paz dos Reis, de Thumann Kamp & Commandita, no Porto.

José Antero de Sá, de Vitor Schaik, no Porto.

Albino Vieira Ramos, de W. Bubring & C.ª, no Porto.

Antero Antunes Albuquerque de W. Sturo & C.ª, no Porto.

Antonio Soares Silva Teixeira Junior, de Wiese & Krohn, Successores, no Porto.

Antonio José da Silva Loureiro de Willy Rust, no Porto

Antonio Maria Alves de Mello de Joseph Markel, no Porto.

Antonio Martins, de W. O. Kramer, no Porto.

Barnabé de Lima e Coito Calado, de Ignacio de Magalhães Basto & C.ª, em Lisboa (segunda publicação rectificada).

Lisboa, 4 de agosto de 1916.—O Secretario da Intendencia, Daniel Rodrigues.

Hontem STELLA MARGARITA obteve um dos maiores successos que temos visto, successo bem merecido porque a gentil artista cantou com sentimento alem das suas canções, alguns fados portuguezes. O publico applaudiu a cantora e os guitarristas tendo, estes que tocar, sós, alguns fados.

Para quinta feira a reapparição de BELA LOPEZ e do seu excentrico.

Casino de S. José de Ribamar

Está sendo o ponto de reunião das pessoas de bom gosto este casino, comprehendendo-se e explicando-se muito bem a preferencia do publico. Magnificos espectaculos na explanada do bello casino, serviço de jantares primorosos, taes os attractivos que ali attrahem numerosissima concorrencia.

Les Bellini e os excentricos inglezes «Panto's» tem causado extraordinarios successos nos seus admiraveis trabalhos. Para a proxima segunda feira, annuncia-se a estreia se nsacional de uma notavel artista.

A questão das subsistencias

A falta de assucar e de carvão—O preço do leite

Os srs. Benjamim de Carvalho e José Martins Alves, dos corpos gerentes da Associação de Classe Commercial do Beato e Olivaes, procuraram hoje o sr. governador civil, junto do qual reclamaram providencias tendentes a obviar á falta de assucar e outros artigos de primeira necessidade que ha na area da sua associação. O sr. Chagas Franco prometteu empregar todos os esforços para attender o pedido.

O administrador do concelho de Loures, acompanhado de varios operarios da fabrica de luça de Sacavem, tambem procurou hoje o sr. governador civil a quem pediu providencias urgentes para a falta de combustivel ali existente, pois no caso de se não providenciar, os proprietarios ver-se-hão na necessidade de encerrar a fabrica.

Tambem o sr. Eurico de Campos, administrador do concelho de Aldegallega, voltou hoje a instar porque providencias sejam tomadas quanto á falta de assucar que ha no seu concelho.

Uma commissão delegada das Associações dos Proprietarios de Vacarias e dos Donos de vaccas (vendedores de leite) procurou egualmente o chefe do districto, a quem entregou uma representação relativamente ao augmento do preço do leite, discordando em grande parte do parecer apresentado pelo vogal da commissão districtal de subsistencias sr. Lima Alves.

A representação trata apenas do preço a fixar para o leite completo, desinteressando-se do relativo ao leite desnatado, insistindo, porem, pela promulgação de um novo regulamento para a fiscalisação dos lacticinios.

O sr. Chagas Franco convidou a commissão a comparecer n'uma das proximas reuniões da commissão districtal de subsistencias, de que é presidente, para se resolver definitivamente o assumpto.

Reclamações operarias

Uma commissão de descarregadores de mar e terra procurou hoje o sr. governador civil, a quem pediu para que os encarregados fixem os logares de praça de engajamento do pessoal. O sr. Chagas Franco respondeu que ia chamar os patrões e os encarregados a fim de se tratar do assumpto. Os logares são Terreiro do Trigo, Caes do Sodré e Rocha do Conde de Obidos.

A classe reune em assembleia geral depois d'amanhã, ás 21 horas.

A commissão inter-syndical da construcção civil avistou-se hoje com o sr. ministro do fomento, a quem solicitou que os salarios d'aquella classe sejam augmentados.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 9|4	35 1|2
Londres, 90 d|v	36 5|16	—
Paris, cheque	$71,5	$72,1
Hollanda, cheque	$58	$59
Madrid, cheque	1$42,5	1$43,5
Suissa, cheque	$79,5	$81,5
New York	1$41	1$42
Rio s|Londres	12 21|32	—
Libras	7$65	7$25
Agio do ouro	46,2|°	54,2|°

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,60	38,50
» » 500$	38,60	38,50
» » 100$	38,60	38,70

ULTIMAS NOTICIAS

OS MONARCHICOS GERMANOPHILOS

Como elles immobilisaram um jornalista catholico alliadophilo

Os manejos do miguelismo—O sr. Alberto Pinheiro Torres deixa a direcção da «Liberdade»

O sr. Alberto Pinheiro Torres, o distincto jornalista e orador catholico que foi deputado no tempo da monarchia, deixou a direcção do diario portuense *A Liberdade*.

Este facto, que n'outra occasião talvez passasse quasi despercebido fóra do meio religioso, tem na presente conjunctura uma especialissima significação.

Bem sabemos que o que vamos escrever está naturalmente sujeito a ser amanhã contradictado por certa imprensa, embora sem argumentos de peso. Semelhante espectativa, porém, não nos impedirá de dizer o que pensamos sobre o assumpto e o que nos consta ácerca dos manejos que se fizeram para immobilisar a penna do sr. Alberto Pinheiro Torres.

O director da *Liberdade*, monarchico hoje como hontem, catholico extremo, pondo as suas crenças religiosas acima das suas idéas politicas, tomou perante a Republica uma attitude que os nossos leitores conhecem. Para defeza dos interesses da Egreja, entendeu desnecessario combater a existencia das actuaes instituições; affirmou que os catholicos podiam e deviam organisar-se, só como taes, para pugnarem pelos seus direitos; aconselhou-os a essa organisação fóra de todos os arraiaes politicos, indicando-lhes, com solidas razões, tiradas da experiencia e da Historia, as vantagens d'essa maneira de proceder e como, só pelo facto de constituirem uma força, os homens de crenças podiam influir no sentido de, na vigencia da Republica, se melhorar grandemente a situação da Egreja entre nós.

A attitude do sr. Alberto Pinheiro Torres desagradou profundamente a certas personagens, em que o sectarismo politico e o odio á Republica imperam com força muito maior do que os ideaes religiosos. Essas personagens—algumas das quaes batem hoje nos peitos quando hontem proferiam blasphemias—entendiam que os catholicos não deviam sahir da sua inactividade senão para trabalhar pela restauração monarchica.

O director da *Liberdade* teve dissabores por causa da campanha que contra elle moveram sujeitos que, blasonando de monarchicos e catholicos, nunca possuiram a sinceridade das suas crenças religiosas e politicas.

Mas o sr. Alberto Pinheiro Torres defendeu tambem a causa dos alliados contra a dos imperios centraes. O sr. Alberto Pinheiro Torres não é, não quer ser germanophilo. A campanha contra elle redobrou, por isso, de violencia... Os miguelistas, que anceiam pela victoria dos allemães porque julgam que assim se restabeleceria o ramo miguelino no throno de Portugal, foram, na sombra, encarniçados adversarios do director da *Liberdade*.

O famoso advogado Domingos Pinto Coelho foi ao Porto e manobrou ali com a sua costumada pericia. A *Liberdade* precisava de dinheiro. Entraram para ella capitalistas que decidiram da sua orientação futura. Não mais centros catholicos, não mais a distincção entre religião e politica monarchica, não mais alliadophilismo execrado!

O dr. sr. Alberto Pinheiro Torres saiu, pois, da *Liberdade*...

Mas enganam-se os toupeiras que imaginaram prejudicar a marcha das idéas e dos acontecimentos, fechando a bocca e quebrando a penna a um homem de convicções que pretendia servir a sua patria, emquanto elles se querem servir apenas a si proprios!

Enganam-se e hão de ser totalmente desmascarados!

NOTA POLITICA

O Parlamento e o poder executivo

A reunião do grupo parlamentar democratico

Entre os parlamentares vae-se estabelecendo uma forte corrente de opinião favoravel a uma maior collaboração do Congresso com o poder executivo. E' claro que ninguem pensa que os governos possam vencer todas as difficuldades da hora que atravessamos sem estarem munidos de poderes excepcionaes. Mas entende-se, e com justa razão, que o uso d'esses poderes não pode ir ao ponto de se dispensar systematicamente a acção do poder legislativo, reduzindo-o ao exercicio da funcção quasi mechanica de sancionar os actos dos governos.

Ainda hontem, na sessão do Congresso, o sr. dr. Vasconcellos e Sá accentuou, entre muitos applausos, que não deve deixar de se fazer sentir no actual momento historico a acção do parlamento. A mesma nota foi ferida, á noite, na reunião do grupo parlamentar democratico, sem que surgisse a mais leve discordancia.

N'essa reunião, e a proposito da necessidade do exercicio da funcção legislativa, discutiu-se uma carta que o sr. dr. Antonio Fonseca enviou ha pouco tempo ao sr. ministro da guerra sobre a inconstitucionalidade do decreto que fixou a situação dos funccionarios publicos chamados ao serviço militar. Alem d'aquelle deputado, usaram da palavra sobre o assumpto os srs. ministro da guerra e dr. Affonso Costa que sustentaram opinião contraria á do sr. dr. Antonio Fonseca, voltando este deputado a usar da palavra para affirmar novamente os pontos de vista que estabeleceu na carta dirigida ao sr. ministro da guerra.

Sobre a revisão constitucional falou o sr. dr. Affonso Costa, manifestando a sua plena concordancia com uma entrevista que «A Capital» realisou com o sr. dr. Antonio Fonseca sobre aquelle assumpto. Como o leitor, certamente, se recorda, n'aquella entrevista indicava-se a formula a seguir para o adiamento da revisão constitucional, por o actual momento se não compadecer com a existencia de motivos de perturbação na politica interna. O grupo votou por unanimidade uma resolução no sentido do adiamento, constando que o Directorio e a Junta Consultiva reunirão esta noite para se occuparem do assumpto.

E' possivel que o governo, achando justas as considerações dos deputados e senadores que desejam que o Congresso collabore com certa effectividade junto do poder executivo, apresente na proxima sessão extraordinaria uma proposta tendente á nomeação de commissões especialmente encarregadas de cooperarem com os ministros, no caso de se julgar prejudicial o funccionamento do Parlamento.

A questão financeira

Confirmaram-se quasi inteiramente as informações que «A Capital» publicou ha dias sobre as «demarches» de natureza financeira realisadas em Londres pelo sr. ministro das finanças. Apontámos as condições em que varios paizes alliados teem levantado dinheiro na Inglaterra e cremos que o resultado das negociações effectuadas pelo sr. Affonso Costa se não affastaria muito das condições apontadas. De facto, e como nós dissemos, não se trata de divida fundada, na importancia de uns tantos milhões de libras, mais ou menos, massim de descontos de bilhetes do thesouro, a juro egual ao que o governo inglez paga no Banco de Inglaterra e sem outro limite que não seja o das necessidades causadas pela nossa cooperação militar nos campos da Europa.

Tambem ha dias dissemos na «Capital» que o sr. ministro das finanças pensava realisar um emprestimo externo, o que se confirma pelas declarações feitas hontem por s. ex.ª no Congresso.

NOTAS DIVERSAS

O governo reuniu em conselho no ministerio das colonias pelas 17 horas.

—O sr. commandante da policia foi procurado por uma commissão de chefes, cabos e guardas, que lhe pediram para interceder junto do sr. ministro do Interior para serem melhorados os seus vencimentos, insufficientes nas actuaes circumstancias.

—Ao sr. ministro do fomento foi hoje entregue, pelo deputado sr. dr. Custodio Paiva uma representação da camara municipal de Ancião pedindo um subsidio de 2.000$00, que permitta áquelle municipio fazer a construcção de um lanço de estrada da Atalaya á povoação de Avellar, na estrada 123.

—O quartel de infantaria 5 foi hoje visitado pelos srs. ministro da guerra e general commandante da 1.ª divisão do exercito.

—Uma numerosa commissão de industriaes e proprietarios de Casaes Gallegos, acompanhada dos deputados e senadores pelo respectivo circulo, solicitou hoje do sr. ministro do fomento que seja mantido o traçado já feito da estrada de ligação entre as estradas 124 e 127.

—Com o sr. ministro da marinha conferenciaram os srs. Leotte do Rego, commandante da divisão naval, e deputado Ramos da Costa.

Colonias agricolas em Minas Geraes

BELLO HORISONTE (Estado de Minas Geraes), 8.—O Secretario da Agricultura discursando, hontem, na Sociedade de Agricultura do estado de Minas Geraes, proclamou a necessidade da creação de colonias agricolas alimentadas por emigrantes italianos e portuguezes, habituados á cultura intensiva, com o fim de se mudar gradualmente a cultura actual do estado.—(Americana).

Caminhos de ferro de S. Paulo

SÃO PAULO, 8.—A concessão dos caminhos de ferro da Companhia Pitangueiros-Goyaz São Paulo foi transferida para a Companhia de Goyaz a São Paulo, por decreto presidencial de hoje.—(Americana).

«A Paixão do Traidor»

Um soberbo episodio de heroismo e de odio no «écran» do Condes

A violencia de uma batalha constitue sempre um espectaculo bello e grandioso de que na arte cinematographica se tem lançado mão como fonte segura de magnificas emoções. Mas quando essa batalha se realisa de noite e o clarão sinistro dos incendios illumina a face congestionada dos combatentes e as granadas estoiram espargindo torrentes de feixes luminosos, e as pontes desabam, e as paredes se desmoronam, o espectaculo chega a attingir as raias do sublime.

E' o caso da admiravel estreia d'esta noite no Cinema Condes, sob o suggestivo titulo de «Paixão do Traidor» (4 partes).

N'esso «film» a intensidade da acção dramatica rivalisa com a dos episodios, que são tudo o que ha de mais surprehendente.

Como de costume, o resto do programma é primoroso, devendo tambem o sextetto Leiria executar deliciosas peças novas.

Tentando emigrar clandestinamente

Pelo agente Assis Amado, da policia de investigação, em serviço de fiscalisação na fronteira de Villar Formoso, foram capturados Antonio Pereira e Manuel Joaquim, da freguezia de Sobral de Casegos, concelho de Covilhã, que tentavam passar para Hespanha sem documentos.

Foram enviados á auctoridade militar da cidade da Guarda.

A grande guerra

As fabricas de munições no Brazil

RIO DE JANEIRO, 6.—O ministro da guerra pediu ás camaras um credito com o fim de prover de utensilios as fabricas de munições do Brazil.—(*Americana*).

A acção dos alliados no Brazil

RIO DE JANEIRO, 8.—Deve apparecer brevemente uma lista officiosa, publicada pelas legações alliadas, indicando os bancos suspeitos de negociações com a Allemanha.—(*Americana*).

Na frente franceza, os allemães fazem energicos ataques

PARIS, 8.—Communicação official das 15 horas: Ao norte do Somme a infantaria franceza que operava á direita das tropas britannicas durante os ataques d'estes ultimos dias a Guillemont realisou um avanço a leste da cota 139 ao norte de Hardecourt fazendo uns 40 prisioneiros. A leste da herdade de Monacu os allemães tentaram esta manhã por duas vezes retomar as trincheiras conquistadas hontem pelos francezes, mas foram repellidos pelos fogos de infantaria, deixando no campo numerosos cadaveres. O numero de prisioneiros validos feitos pelos francezes n'esta região durante o dia de hontem foi de 230, incluindo dois officiaes. Na margem direita do Mosa recomeçou esta noite o bombardeamento com extrema intensidade. Os allemães fizeram ás cinco horas da manhã uma serie de poderosos ataques com grossos effectivos contra as nossas posições desde Fleury até ao norte do entrincheiramento de Thiaumont executando simultaneamente fogo de flanco, e fogo com granadas de 210 sobre a rectaguarda das linhas francezes. Os fogos das nossas metralhadoras que eram muito mortiferas deliveram todos os ataques ao longo da estrada de Fleury e na aldeia, mas os allemães conseguiram depois de encarniçada lucta que ainda continua, penetrar no entrincheiramento de Thiaumont. Nos Vosges os destacamentos inimigos tentaram abordar as trincheiras francezas proximo de Sennones, sendo facilmente dispersos pelo fogo de fuzilaria.—(HAVAS).

Os ataques navaes italianos ás costas inimigas

ROMA, 7.—Na noite de 5 do corrente e no dia 6 alguns dos nossos torpedeiros desempenharam acções demonstrativas contra as costas inimigas entre Dulno e Miramar e durante ellas foram atacados sem cessar, sem soffrerem prejuizo algum, pelos aviões inimigos.—(*Havas*).

A fronteira germano-suissa

PARIS, 8.—Foi mais uma vez fechada a fronteira germano suissa. O serviço de guardas encontra-se reforçado.—(*Americana*).

Cheque a um deputado germanophilo brazileiro

RIO DE JANEIRO, 8.—Em presença da opposição manifestada pela maioria da Camara dos Deputados contra o projecto de lei de um deputado germanophilo, visando a «lista negra» ingleza, esse deputado retirou o projecto da discussão, a conselho do leader do governo. A Camara, que vinha fazendo obstrucção ao citado projecto, approvou, por grande maioria, a retirada do mesmo.—(*Americana*).

Carga dos navios requisitados

Foi concedida prorogação: de 30 dias, á firma Gutierres, Gordillo, Salgado y Martinez, representada por Paul Pompei, para reclamar quanto á carga do vapor «Traz-os-Montes» (ex «Bulow»), e ao Credit Franco-Portugais quanto ás mercadorias do mesmo vapor; de 90 dias, á firma Manuel Vicente Nunes & C.ª, como correspondente das sociedades inglezas Henry Clay and Bock & Co., Limited e British American Tobacco Company, Limited, quanto ás mercadorias, dos vapores «Westerswald» e «Bulow», pertencentes a essas sociedades inglezas; de 30 dias, á firma Garland, Laidley & C.ª, Limited, para as mercadorias do «Santa Ursula» e do «Extremadura».

A favor dos mobilisados

A commissão de senhoras pertencente á Junta Patriotica d'Aldeia Gallega promove no domingo, na praça de touros d'aquella villa uma corrida extraordinaria, cujo producto se destina ás familias dos mobilisados da guerra d'aquella villa. O lavrador sr. Santos Jorge offereceu generosamente um bello curro, prestando tambem gentilmente o seu concurso os distinctos cavalleiros amadores Justiniano Gouveia e Antonio Luiz Lopes Junior e os bandarilheiros amadores Jayme Cadete, Mario Lopes, Francisco Froes, Francisco d'Oliveira, Gama Lobo e João Cruz. Os valentes amadores Antonio Teixeira e João Paiva prestam-se a servir de campinos.

O grupo de forcados é formado tambem por amadores.

A commissão espera obter para esse dia comboios de ida e volta, a preços reduzidos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CASAMENTO ELEGANTE

Realisa-se amanhã na capella da residencia da mãe da noiva, á Junqueira, o casamento da sr.ª D. Anna de Jesus Maria de Mendonça de Siqueira, interessante filha da sr.ª D. Thereza de Mendonça Cardozo e do fallecido sr. D José Siqueira Freire (S. Martinho), com o sr. D. Vasco Maria de Figueiredo Cabral da Camara, filho da sr.ª D. Maria das Necessidades de Siqueira (S. Martinho) e do sr. D. José de Figueiredo Cabral da Camara, conde de Belmonte

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as senhoras:

D. Emilia Guedes da Fonseca Gouveia Teixeira Leite, D. Aleide Adozinho de Oliveira Braga, D. Emilia Proença Vieira Ferreira Borges, D. Felicidade Rocha Guedes de Amorim, D. Maria da Gloria Pereira Silva.

E os srs.:

Dr. Evaristo Gomes Saraiva, dr. Luiz de Oliveira, Antonio Avelino de Magalhães Monteiro, José Belem de Carvalho, Ernesto Maria da Fonseca Magalhães, João Manuel Vieira Peixoto de Vila Boas (Guilhomil).

UM PIC-NIC EM CALDELLAS

Realisou-se n'estas thermas no dia 4 do corrente um elegante «pic-nic», organisado por um grupo de familias que ahi estão fazendo uso das aguas.

Tomaram parte entre outras as senhoras:

D. Maria Ramires, D. Maria do Carmo Forbes de Magalhães, D. Palmira Ximenes Sandoval Telles, D. Luiza Moreira d'Almeida, D. Emilia Bandeira de Castro e Sousa Ferreira, D. Marianna Guedes Cabral Campos (Foz), D. Georgina de Pinho Pedrozo Baptista, D. Prudencia Serras e Silva, D. Judith Pereira Caldas Corrêa da Lacerda, D. Laura Palha Infante de La Cerda, D. Catharina Cordeiro Carvalho, D. Maria Joaquina Guimarães Pestana de Magalhães, D. Thereza Maria Ayres de Gouveia Allen, D. Filomena Vasconcellos Brito e Cunha, D. Mercedes Blanco, D. Eugenia Telles da Silva (Tarouca).

D. Maria Beatriz Campos D. Maria da Luz Guimares Pestana de Magalhães, D. Branca Alves de Sousa Ferreira, D. Maria Elena Serras e Silva, D. Maria Adelaide Amado, e D. Maria Emilia Garcia Ramires.

E os srs.:

Frederico Ramirez, Daniel Pedroso Baptista, Amadeu Infante de La Cerda, Francisco Xavier d'Almeida, Miguel Maria Guimarães Pestana de Magalhães, Nuno Telles da Silva, (Tarouca).

Sebastião Garcia Ramirez, José Aloisio de Pinho Pedroso Baptista, José Ximenes Telles, Manuel Caldas Correia de Lacerda.

RECITAS ELEGANTES

Assistencia elegante á recita da moda de hontem no theatro Republica:

D. Carlota da Cunha e Menezes da Camara e filha D. Anna, D. Maria do Carmo da Cunha e Menezes da Camara, de Castello Branco (Pombeiro), D. Albina Euler de Carvalho, D. Maria do Carmo de Carvalho Pereira de Mello, madame Bettencourt da Camara, D. Francisca, e D. Maria Luiza de Noronha (Paraty), D. Cacilda de Carvalho, D. Carlota Ferreira de Carvalho madame Pereira, D. Elvira de Navarro e filha D. Octavia, D. Josephina Navarro de Magalhães Domingues, D. Maria Francisca Pereira da Cunha e Silva e filhas, D. Maria das Dores e D. Maria Alice, D. Maria Eugenia de Castro da Costa e Silva etc.

NO OLYMPIA-POLYTHEAMA

Assistencia elegante ás sessões da moda de hontem:

Condesa de Ficalho e filha D. Helena D Ema de Mendonça de Sommer Saldanha Bandeira, D. Izabel de Goyre O'neill Zarmello e Costa (Ficalho), D. Antonia Zarco da Camara (Ribeira Grande), D. Luiza Pinho, D. Virginia de Mello Guerreiro O'Dounel e filha D. Fernanda, D. Julia de Mello Guerreiro e filha D. Eugenia, D. Carlota Manzoni de Sequeira, D. Alice Figueiredo madame Petra Vianna, D. Francisca de Agueda, D. Palmira de Figueiredo Vianna D. Maria Alice Soares de Andrade Leitão, D. Clementina Dias Costa e filhas, D. Emma e D. Branca, etc.

CINEMA DA PRAIA EM CASCAES

Teem logar logar esta noite n'este elegante casino, onde se encontra installado um esplendido animatographo, as sessões da moda dedicadas ás principaes familias da nossa melhor sociedade, actualmente ahi veraneando. A noite de hoje do casino da Praia, deve ser, pois, elegantissima.

NO CHIADO TERRASSE

Realisam-se esta noite n'este elegante «cinema» as sessões da moda dedicadas á nossa melhor sociedade o que é o mesmo que dizer que o Terrasse será hoje o ponto de reunião preferido pela nossa primeira sociedade. A empreza organisou um esplendido programma, tanto de «films» como de concerto.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram para a sua casa em Moimenta da Beira, os srs. viscondes de Moimenta da Beira.

—Partiu para a quinta do Noval, perto de Guimarães, onde foi visitar seus paes, seguindo depois para as Pedras Salgadas, onde vae fazer uso das Aguas, o sr. dr. José Antonio Meyrelles de Campos Henriques.

—Com sua esposa a sr.ª D. Sophia Travassos Valdez Sarmento e sua gentil filhinha, partiu para Moimenta da Beira, o sr. Francisco Sarmento (Moimenta da Beira).

—Com sua esposa e filho parte amanhã para Vidago o sr. João Pinto de Carvalho (Tinop).

—Para o Luzo parte amanhã, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. Luiz Ran.

—Partiu para Alcobaça, onde vae passar um mez o sr. Victorino Froes.

LUTUOSA

Falleceu o sr. José Xavier Antunes, funccionario aposentado da administração dos cemiterios e que era o mais antigo da sua classe. O funeral realisa-se amanhã, ás 16 horas, da rua das Escolas Geraes, 49, 1.º, para o cemiterio occidental.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

A França e a Preparação Militar Obrigatoria

Os homens de «sport» pedem ao seu governo attenção na execução de lei Cheron-Beranger

O heroico povo francez comprehendeu a imperiosa necessidade de se preparar militarmente, para occorrer ás necessidades da guerra actual se tiver de se prolongar por mais annos e na previsão do futuro, que necessita de estar garantido pelo esforço d'uma raça forte, aguerrida e disciplinada.

Porque teve a comprehensão d'essa urgente necessidade não se surprehendeu com o annuncio d'uma lei que organisasse esses serviços. D'ahi a espectativa benevola ao projecto dos senadores Cheron e Berenger. Mas, quando viu que a orientação dos dois legisladores hia além do que exigia essa necessidade e que nas clausulas do projecto se absorviam attribuições d'outros e se atropelavam direitos já adquiridos; quando percebeu que a lei tinha uma ideia patriotica—mas estava mal deduzida para ser effectivada; quando reconheceu que a lei não daria de prompto e mesmo de futuro, os resultados que d'ella se podiam esperar—esse admiravel povo francez protestou e mostrou-lhe uma clara resistencia.

Esses protestos chegaram até á publicidade dos grandes jornaes; até ás assembleias geraes e populares de varias regiões e até ao voto expresso de auctoridades em medicina, pedagogia e mesmo militares. O ministro da guerra, general Roques, comprehendeu a essencia d'esses protestos e começou por os attender em grande parte, já no parlamento ao declarar que se respeitaria a liberdade e os direitos conquistada e conquistados em trabalhos anteriores, já afirmando o seu proposito de effectivar a preparação da mocidade franceza a contento de todos.

Foram os homens de «sport» que mais se salientaram n'esses protestos. Vieram clamar até junto do ministro da guerra, com aquella auctoridade que lhes deu os muitos e valiosos serviços prestados no conflicto actual. O seu argumento é aquelle que por vezes expressamos nas columnas da «Capital», muito antes da discussão franceza e muito antes do senado francez tratar do assumpto. E' esse argumento insofismavel e irrespondivel de que antes de «preparar militares» se devem preparar homens. Portanto em vez de se dizer «Preparação Militar Obrigatoria», devia dizer-se «Preparação Physica Obrigatoria», que antecederia então a preparação exclusiva do soldado, a fazer-se no momento da incorporação regimental.

Como em Portugal, estes assumptos estão na ordem do dia, entendemos dever nosso, porque temos tratado d'elles dizer o que se passa nos paizes alliados.

E, todos os que nos leem e superintendem n'estes serviços militares e de preparação da mocidade portugueza, que esperem a agradavel noticia que publicaremos depois d'amanhã e... que é um symptoma de que ganham terreno em França, os que pensam como nós!

J. P.

A'manhã n'"A Capital,,:

publicaremos a annunciada

Entrevista com Mario de Noronha

na qual o notabilissimo campeão de Portugal dará a sua opinião sobre os ultimos campeonatos de esgrima.

Notas do dia

O Sport Lisboa e Bemfica trabalha

Acabam de nos dar uma novidade. O Sport Lisboa e Bemfica, animado pelos triumphos obtidos o campeonato de «Water-polo», resolveu construir uma grande piscina no seu campo de Sete Rios. E, então lá, já pode trenar sem estar sujeito, como por vezes agora succede, ás graças de mirones e de despeitados.

E, entretanto, o Bemfica vae animando os seus «sports athleticos»...

Casos anecdoticos

Campeão de... papel de cigarros!...

Existe em Inglaterra um excellente jogador de socco, ao qual está reservado um bello futuro, que foi ha dias victima d'um roubo n'uma gare de Londres. Roubaram-lhe da algibeira 31 libras. Referimo-nos a Husson.

Um amigo encontrou-o e fez-lhe impressão vel-o tão triste.

—Que tens?

—O' homem nunca mais posso fazer qualquer coisa no «box»?

—Porque?

—Olha pesava 50 kilos mas agora aliviaram-me» de 31 libras. Calcula com que peso fico!... Só sirvo para campeão na cathegoria do peso de papel de cigarros ou d'uma «mortalha» de tabaco!...

Os grandes records

Os ultimos jogos scandinavos

Na Suecia durante a ultima quinzena de julho realisaram-se os Jogos Scandinavos em que os suecos se affirmaram um progresso extraordinario depois dos celebres Jogos Olympicos. A esses jogos nos havemos de referir n'uma noticia maior e especial ainda esta semana. Por hoje limitamo-nos a indicar os resultados no remo.

«Quatro remos»: 1.º Suecia, 2.º Dinamarca.

«Skiff»: 1.º Suecia; 2.º Dinamarca.

«Oito remos»: 1.º Suecia; 2.º Noruega.

«Estudantes», em guigas de 4 remos: 1.º U. de Stockolmo; 2.º U. de Copenhague; 3.º V. de Malmo.

Uma industria em perigo

Ill.mo Sr. Redactor.

A proposito da representação, que entregámos ao governo e demos á publicidade, lemos em o seu apreciado jornal uma pretensa resposta ou contestação.

Sobre saccaria de juta cita-se Shakspeare, Tolstoi e outras celebridades, aproveitando, ao que parece, o ensejo para a proposito de uma questão tão simples se mostrar erudição e conhecimento de auctores estrangeiros, omittindo entretanto homes de nacionaes de grande valia, que tambem poderiam ser citados com justiça a proposito de «saccaria de juta»...

Não como litteratos mas como modestos industriaes vamos fazer algumas reparos a essa resposta, mas sem azedume, pois entendemos que estas questões devem ser discutidas com calma e sangue frio.

Começaremos até por agradecer ao articulista a publicação da sua resposta, pois ella veiu demonstrar cabalmente a razão que nos assiste.

Pediram os industriaes de tecidos de juta que não lhes tirassem aquillo que pelo Parlamento, em aberta discussão, lhes fôra concedido desde 1902. Haverá coisa maisa rasoavel do que um pedido d'esta natureza? Os industrias não solicitaram maior protecção n'este momento; aliaz bem angustioso para as industrias, nem pediram beneficios de qualquer especie: pediram tão sómente lhes fossem respeitados os direitos adquiridos e que não lhes aggravassem ainda por cima com relação aos industriaes estrangeiros.

Diz o articulista:

O sacco de fabricação ingleza, pesando cerca de 1 kilo e 200 custa agora 9d (9 pences) cada um, ou seja em moeda portugueza, $25,2. Os saccos nacionaes custam $35 com o peso de 500 grammas; são, portanto, muitissimo mais caros os nacionaes, ainda que pese aos senhores industriaes.

Basta esta affirmativa, feita por pessoa que se inculca conhecedora do assumpto, para justificar sobejamente o pedido feito pelos industriaes da revogação do decreto n.º 231

E, senão, vejamos:

Custo do sacco estrangeiro—9d ..	$25,2
» » nacional (segundo o articulista) $35 com o peso de 500 grammas ou com 1 kilo e 200 grammas	$84,0
Differença a favor do sac. estrang.	$58,8

Custando o sacco nacional, como se pretende, mais 58,8 do que o sacco estrangeiro, para que serve tirar a insignificante protecção de $01,2 a $01,1 em sacco, que tal era o beneficio que o sacco gosava e o unico que o industrial reclama? Nem mesmo sabemos, dada uma tão grande differença no preço, para que é necessario o decreto isentando de direitos o sacco estrangeiro e tirando ao nacional o mesquinho beneficio de $02,4 por kilo! Ainda bem que tal argumento nos foi fornecido, para podermos demonstrar aos poderes publicos que nenhuma razão de caracter economico ou financeiro aconselha a conservação do decreto n.º 231. Pelo facto das colonias terem de pagar pelo sacco estrangeiro em vez de $25,2 e 27,6, não ficavam aggravadas em coisa de apreço. Deixa o fisco de receber a importancia dos direitos de importação, com o que a economia portugueza nada beneficia e, quanto ao industrial portuguez, esse não podia certamente impedir a entrada do sacco estrangeiro quasi 400 0|0 mais barato do que o nacional, no dizer do articulista em questão.

Pois, apesar de tudo, os industriaes pedem tão sómente que a infima protecção, que lhes foi concedida, se mantenha. Que representa em $84 um a differença de $02,4?

Diz-se, na resposta a que nos vimos referindo, que pelos direitos de exportação e outras despezas que incidem sobre o sacco estrangeiro, vem elle a pagar, enviado para Loanda, $01,23 por sacco, (notando-se que para attingir esta verba foi preciso mencionar guarda, carretos, etc.) e ainda assim deve haver um pequeno lapso na apreciação feita. Comparemos esta importancia com a que paga o sacco nacional que tambem, se levarmos em linha de conta os carretos, anda por $02 por kilo, e acharemos:

Reexportação do sacco estrangeiro

Sello de reexportação 1 1/2 por *milhar*. Valor segundo o articulista $25,2 peso 1 kilo e 200 ou 1 kilo $21, logo:

1.000 kilos=21$00 a 1 1/2 por milhar....	$32	
Exploração Porto de Lisboa por milhar	1$50	
Pertences, impressos e sellos.	$90	
Guarda, carretos, etc....	1$78	4$50

Exportação do sacco nacional

Direitos de importação da materia prima e adicionaes	$800	
Direitos de exportação 1 1/2 por cento ad valorem (base de $50 por kilo fixado na tabella de valores minimos em vigor nas alfandegas da metropole)		
1.000 kilos a $50=500$00 a 1 1/2 por *cento*...........	7$50	
Sellos e emolumentos.......	$50	
Carretos d'importação, d'exportação e embarque......	4$50	20$00

Paga a mais o sacco nacional: 16$00

Lá como descobriram que o sacco extrangeiro pagava seis vezes mais do que o sacco nacional, é que nós não percebemos; e como não costumamos nem queremos fazer affirmativas que não sejam baseadas em numeros, chamamos a attenção do articulista para os calculos da nossa representação ao governo, calculos que são a expressão rigorosa da verdade. Dizer em tom chicaneiro que os saccos extrangeiros pagam seis vezes mais do que os nacionaes, sem ao menos justificar tão phantastica affirmativa, é, para não dizermos outra coisa, falta de criterio e pouco amor á verdade.

Pretende-se, na resposta dada á nossa representação, ferir um tanto ou quanto a nota patriotica, e, n'esse proposito, disse que fizemos uma affirmativa digna de reprimenda, o vem a ser o havermos dito **dada a conhecida reluctancia por tudo quanto é nacional.**

De facto, fizemos essa affirmativa, e é até o articulista que á mesma vem dar toda a razão. Senão veja-se o tom chocarreiro e depreciativo como se refere a uma industria portugueza que alguns milhares de braços emprega, e que sempre tem vivido sem causar embaraços de nenhuma especie aos governos da nação. Grande ou pequena, prospera ou definhada, bastava ser NACIONAL para merecer outro respeito e consideração a quem tambem moureja no mesmo paiz. Pois fique sabendo o articulista que esta industria é bem nacional, e que além de uma importante industria mechanica ha uma consideravel industria manual espalhada no paiz, e da qual vivem innumeras familias. Fique mais sabendo que ha fabricas de tecidos de juta desde o Minho ao Algarve.

Para evidenciar o seu completo desconhecimento do que é a industria dos tecidos de juta, veio publicamente o articulista affirmar que esta **nenhuns progressos tem feito no decorrer dos ultimos vinte annos, e que a industria dos saccos de linhagem pomposamente enfeitada, para o effeito, com o sobriquet do industria de tecidos de juta é uma das que pouco mais fez de que engatinhar. Ainda nem sequer anda por seu pé. Precisa de recober tudo do extrangeiro. Aqui limita-se quasi que á confecção do sacco. Não passa de uma industria de costureiras.**

Julgará o infeliz respondense que se importam no paiz tecidos extrangeiros para depois se confeccionarem com elles os saccos? Desafiamos a que o prove, aconselhando-o mesmo a que peça ao governo mande inspeccionar as fabricas d'este ramo existentes no paiz, para assim se convencer de que não é tal uma industria propriamente de costureiras, e de que não é humano nem justo querer votar á miseria alguns centenares de operarios, que em tal industria e ha muitos annos obteem o sustento proprio e o de suas familias. Não costumamos ver estas questões de animo leve nem tratal-as sobre o joelho; e se ao respondente á nossa representação nenhuma impressão faz que innumeras familias se vejam amanhã sem pão, a nós, que com os operarios convivemos, que com elles trabalhamos, que dia a dia observamos as suas difficuldades e vicissitudes, não é indifferente que se avolume a miseria de classes que, no fim de contas, são as que trabalham e produzem a riqueza nacional porque, fique-o tambem sabendo quem respondeu, o decreto n.º 231 vem aggravar muito mais os operarios e o paiz do que propriamente os industriaes. Estes poderão amanhã montar os seus machinismos em qualquer outra nação ou, entendendo-se com qualquer industrial extrangeiro para o fabrico de saccaria para as colonias, aproveitarem dos beneficios concedidos aos industriaes não portuguezes. Os operarios, esses é que não sahem do solo natal e, portanto, aqui soffrerão as desastrosas consequencias da paralisação da industria em que agiam.

Antes da guerra os paizes estrangeiros que forneciam saccaria ás nossas colonias eram, principalmente, a Allemanha e a Hollanda. Quem nos diz que, terminada a guerra, a Allemanha, com os seus meios de absorpção e estabelecendo premios de exportação, como usa fazer para conquistar os mercados, não venha precisamente a ser o paiz que mais beneficie com a entrada livre da saccaria estrangeira nas nossas colonias?

Não foi desdenhando nem desprotegendo as suas industrias e sim rodeando-as de auxilio e estabelecendo premios de exportação, que a Allemanha conseguiu attingir tão extraordinario desenvolvimento economico e industrial. Que essa protecção era proveitosa, prova-o de sobra a maneira como ella tem podido resistir ao mais formidavel bloqueio do que ha memoria!

Desejara porventura o respondente que venha a ser beneficiado um paiz inimigo do nosso? Com certeza que não ousará desdenhar da industria de um paiz de mais de sessenta milhões de habitantes, como lastimosamente desdenha da industria do nosso, que apenas contem cinco milhões.

Para terminar, diremos que se mencionámos na representação os nomes das respeitaveis firmas **Sá Leitão & C.ª Ld.ª** de Loanda, **Lima & Gama**, de S. Thomé foi porque até á data não haviamos tido conhecimento de que outras firmas houvessem pedido e obtido egual isenção de direitos para a saccaria e nunca porque taes firmas não sejam, aliás, merecedoras de toda a consideração e respeito, estando até convencidos de que essas duas casas serão as primeiras a desejar o progresso do seu paiz desistindo de uma concessão que a tantissima gente prejudica.

Ao governo, a quem compete velar pelo bem-estar das classes trabalhadoras e do qual fazem parte homens que puzeram toda a sua intelligencia, saude e esforço em defesa do povo, escusamos de recommendar a nossa causa pois certos estamos de que elle procurará solucional-a administrando inteira justiça a quem de direito pertença.

* *

Já depois de escripto o que acima fica, lêmos uma carta que o sr. Marques Ribeiro, socio gerente da firma *Sá Leitão & C.ª Lda*, publicou n'este mesmo jornal. Como essa carta nada adeanta, limitar-nos-hemos a concretisar o assumpto, da seguinte forma:

Affirmativas do auctor da resposta publicada em «O Seculo» de 5, e do sr. Marques Ribeiro em «A Capital» de 6 do corrente

1.º—Que a industria da juta em Portugal é uma industria sem importancia... e de costureiras.

Convidâmos v. ex.ª sr. Redactor, a visitar algumas fabricas e bem assim o sr. Marques Ribeiro a acompanhar um delegado do governo na visita, que muito desejariamos se faça ás fabricas. Assim se convencerão todos da rasão que nos assiste, e o sr. Ribeiro será o primeiro a rectificar a sua errada informação. S. Ex.ª certamente nunca visitou nenhuma fabrica de tecidos, pois se o houvesse feito não falaria assim.

Vê-se, portanto, que é MENOS EXACTA esta primeira affirmativa.

2.º—Que tudo quanto a industria nacional produz pouco mais chega do que para o consumo da metropole.

Consulte-se a estatistica da exportação de saccaria nacional para as colonias no anno findo e ver-se-ha que não é coisa tão insignificante como propositadamente se pretende fazer acreditar...

Ha, presentemente, muitos teares parados e maior numero ainda estaria se não fôsse muitos estarem tecendo, n'este momento, fazendas que o Estado incidentalmente consome.

E' MENOS VERDADEIRA, portanto, tambem esta segunda affirmativa.

3.º—Que o decreto trouxe beneficios a vida colonial

Quaes? Será a differencial de $01,1 e $01,2 por sacco? Então esta medida é que fomenta a vida colonial?!

De resto, sendo o decreto de 1913 e a portaria concedendo a primeira isenção de direitos á firma *Sá Leitão & C.ª Ld.ª* de 22 de janeiro, do corrente anno, como é possivel conhecerem-se já taes beneficios?!

Vê-se que esta affirmativa tambem NÃO TEM FUNDAMENTO.

De toda esta serie de INEXATIDÕES tiramos a conclusão de que o sr. dr. Almeida Ribeiro foi illudido na sua boa fé ou então muito mal informado, e estamos certos que logo que S. Ex.ª esteja devidamente esclarecido será o primeiro, dado o seu espirito justiceiro e recto, a desejar a aclaração do decreto n.º 231.

Affirmativas dos industriaes

1.º—Que segundo o decreto ministerial se revogou uma lei votada pelo Parlamento.

E' um facto.

2.º—Que o sacco extrangeiro fica beneficiado e o sacco produzido por operarios portuguezes aggravado, pagando mais $02 por kilo.

Quem quizer pode ir á Alfandega certificar-se da veracidade dos nossos numeros.

3.º—Que o beneficio que o sacco nacional gosava por kilo era de $03,2 para S. Thomé e de $02,4 para Angola.

Consultem-se as pautas das Alfandegas e veja-se a nossa representação ao Ex.mo Sr. Ministro das Colonias. Numeros não se discutem.

4.º—Que esta industria alguns milhares de braços occupa e que tem immobilisadas algumas centenas de contos.

Prova-se a quem o quizer e deseja-se até que o governo mande delegado seu verificar a veracidade da nossa asserção.

5.º—Que os industriaes não pedem nenhum beneficio novo e só reclamam não lhes sejam tirados os que lhes haviam sido concedidos, de resto bem insignificantes.

E' um pedido crêmos que bem sufficientemente justificado.

6.º—Que as colonias gosam de uma reducção de direitos de 50 0|0 em todos os generos de producção colonial que exportam, sem limite, para a metropole, com excepção do assucar, para o qual se acha fixado um quantitativo.

Existindo pois um tal beneficio o pedido da conservação da pequena differencial a favor da industria portugueza nada mais representa do que um principio de justa e equitativa reciprocidade.

Isto posto, deixamos ao criterio de V. Ex.ª o apreciar o frisante contraste das nossas affirmativas, claras fundamentadas e leaes com as nebulosas e vagas asserções, com que se pretendeu convencer um ministro, aliás bem intencionado, a elaborar um decreto tão nocivo e tão prejudicial.

Com toda a consideração, somos, sr. Redactor,

De V. Ex.ª
Muito attentos veneradores e obrigados

Varios Industriaes dos Tecidos de Juta

TOURADAS

CAMPO PEQUENO—Como noticiámos realisa-se amanhã a corrida nocturna para que foram contratados os notaveis espadas Gaona e Flores com as suas quadrilhas. Os touros de Aleas já se acham na praça e correspondem á fama da celebre ganaderia; são de bella estampa e esmerada apresentação. Tambem toma parte na lide o festejado amador D. Alexandre Mascarenhas que obsequiosamente se presta a farpear dois touros de Emilio Infante. Além d'estes magnificos elementos, figura tambem no magnifico programma um grupo de «monos sabios» da praça de Madrid com o seu chefe, o famoso Barajas.

E' uma corrida que está despertando a maior sensação.

A provincia n'A CAPITAL

CASTELLO BRANCO, 7—E' esperada amanhã a companhia dirigida pelo actor Carlos d'Oliveira, que dará aqui dois espectaculos com as peças «Instincto», «Serenata das Flores» e «Casa de Boneca». Para o primeiro espectaculo, que deve ser amanhã, está a casa passada, esperando-se egual resultado para o segundo e ultimo, que é depois de amanhã.

Faz parte da companhia a distincta actriz Emilia d'Oliveira. O actor José Moreira, que vem n'esta companhia como secretario, ha tres dias que aqui se encontra em serviço da empreza.

—Regressaram de Tancos os 2.º batalhão de infantaria n.º 21 e 7.º grupo de metralhadoras, aquartelados n'esta cidade, que tiveram uma recepção muito affectuosa.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

BOLETIM COMMERCIAL—Sahiu o numero 6 do 5.º volume, correspondente a junho findo, trazendo, entre outros assumptos, relatorios dos nossos agentes consulares na Dinamarca e em Teneriffe.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

COMMISSÃO PAROCHIAL REPUBLICANA D'ARROYOS—Para assumpto urgente, de inadiavel resolução e de grande interesse partidario, reune hoje, ás 21 horas, na séde do Centro Escolar Dr. Affonso Costa, na Estrada de Sacavem, 1, devendo comparecer todos os vogaes effectivos e substitutos.

religião, era deixada á vontade das auctoridades locaes.

Em muitos logares, não eram acceites as conversões de homens; n'outros, podiam apostatar, com suas familias, em troca do pagamento de enormes tributos; n'uma localidade, só se admittiam conversões por centenas ao mesmo tempo, mas, n'outra cidade, as auctoridades haviam incitado as conversões, a fim de encher os bolsos, e muitos haviam-se aproveitado d'esse meio suppondo escaparem, mas enganaram-se porque mais tarde decretou-se que os convertidos podiam ser deportados, exactamente como succedera com os não convertidos.

N'essa cidade quando chegou o dia da deportação, mulheres foram vistas invectivando o governador nas ruas por haver feito vender-lhes a alma em vão e gritando contra os pregadores musulmanos que as tinham aconselhado a pedir os privilegios do islamismo.

Deu-se o mesmo com as communidades armenias catholicas e protestantes. Essas estavam estreitamente ligadas com as nações estrangeiras amigas ou mesmo alliadas da Turquia; os embaixadores austro-hungaro e americano deram passos em Constantinopla em seu favor e o governo central publicou um edito isentando-os da sorte do seus alliados gregorianos.

Houve alguns casos em que esse edito teve effeito. Os catholicos, por exemplo, da aldeia de Istanos, proximo de Angora, foram mandados para casa depois d'algum tempo de exilio, e diz-se que os catholicos de Angora foram salvos por um cavalleiro que trouxe uma ordem de suspensão, quando estavam a ponto de serem feitos em pedaços em Asi Yozgad.

Mas foram mandados apenas para o exilio em vez de soffrerem morte violenta e n'uma cidade anatolia, apezar dos americanos ahi residentes terem telegraphado ao ministro em Constantinopla pedindo a sua intervenção a favor dos armenios protestantes e terem recebido em resposta um telegramma confirmando a ordem de suspensão, as auctoridade locaes declararam que não tinham recebido intrucções algumas officiaes e deportaram os protestantes em massa—uma modalidade do entendimento entre o governo central e os seus subordinados provinciaes, mercê do qual esperavam exterminar os armenios sem deixar de conservar uns vislumbres de decencia aos olhos do mundo.

Assim, o ser protestante, catholico ou convertido ao islamismo de pouco servia aos armenios nas circumstancias que se davam em 1915, e a alternativa da deportação era mais tarde imposta á grande maioria.

A deportação das mulheres foi, na realidade, feita pelos dirigentes do plano como uma phase complementar da carnificina dos homens e foi annunciada, como succedera com a dos homens; por meio de avisos affixados na parede ou por pregoeiros que percorriam as ruas.

Annunciava-se que todos os armenios que restavam—mulheres, doentes, velhos e creanças, que até então não haviam sido incommodados—deviam partir em determinado dia para Der-el-Zor, Damasco, Mosul ou outra qualquer localidade sita a centenas de kilometros de distancia e muitas semanas de jornada, na extremidade opposta do imperio ottomano.

Algumas vezes eram tirados de casa e mandados pôr immediatamente a caminho, outras concedia-se-lhes um prazo insufficiente para fazerem os seus preparativos.

Na aldeia de Geben, na Cilicia, foram apanhadas na fonte, onde estavam lavando a roupa e obrigaram-nas a pôr-se em marcha sem sequer voltarem a casa despedirem-se dos filhos ou fazerem qualquer preparativo. Usualmente, porém, davam-lhes um praso—quinze dias, uma semana a maior parte das vezes—e esse periodo era uma coisa desgarradora;

nheiras eram arrastadas em roda d'ella ou mortas pelas balas dos kurdos.

Conseguiu ella alcançar a outra margem com o filho e fugir. Em Tchemesh-Gelzak deram-lhe abrigo, ma a creança morreu de exhaustão e a mãe cahiu doente e morreu tambem.

As tropas que haviam tomado Moush foram levadas para o sul, para limpar o districto de Sassoun—um bloco montanhoso que fica entre a planicie de Moush e o valle do Tigre em Diarbekr.

Sassoun fazia parte da federação livre de quarenta aldeias montanhosas armenias, que, como Zeitoun na Cilicia, eram autonomas desde tempos immemoriaes e tinham a mesma vida que os highlanders escocezes levavam antes de 1745, cultivando laboriosamente as encostas das suas montanhas e pascendo os seus gados entre os rochedos.

Sassoun, com a sua independencia e prosperidade, causava inveja aos nacionalistas Jovens Turcos, assim como ás tribus de kurdos proximas.

Os seus habitantes haviam sido atacados e mortos por ordem de Abd-ul-Hamid em 1894-1895, e na primavera de 1915, por instigações dos Jovens Turcos, os kurdos seus vizinhos de novo os assaltaram.

As aldeias que ficavam nas baixas na direcção de Diarbekr foram tomadas na ultima quinzena de maio, mas os seus habitantes conseguiram defendel-as.

Durante todo o mez de junho os kurdos nada puderam contra elles, mesmo quando a cavallaria turca foi em seu auxilio. Mas infanteria e artilharia chegaram de Moush; a maior parte dos dirigentes de Sassoun, com excepção de Roupen, foram mortos por uma granada e os combatentes retiraram mais para o interior das montanhas, cobrindo a retirada dos não combatentes e dos rebanhos.

No começo d'agosto, foram cercados no seu ultimo refugio, as elevações de Antok na extremidade nordeste de Sassoun, quasi dominando a planicie de Moush e ahi, a 5 de agosto, foi o seu ultimo combate. Homens, mulheres e creanças pelejaram com desespero, fazendo rolar grande penedos sobre o turcos e os kurdos, luctando corpo a corpo e lançando-se no precipicio quando viam que era impossivel deixar de serem vencidos.

Mas o inimigo chegou ao cume e Roupen foi o unico sobrevivente que escapou para contar a sorte de Bitlis, Moush e Sassoun.

A sudeste de Van, no districto de Hakiari, em redor das cataractas do Grande Zab, havia um certo numero de pequenas tribu nestorianas que haviam preservado a sua independencia, como o armenios de Sassoun, contra o kurdos que os cercavam.

Foram atacadas em junho e algumas d'ellas foram anniquiladas; ao passo que outras conseguiram abrir caminho atravez da fronteira persa, chegaram ás linhas avançadas russas e refugiaram-se no districto de Salmas.

Mas o golpe mais importante foi a reoccupação de Van pelos turcos. No fim de julho, os reforços turcos subiam a 40.000 homens; tomaram a offensiva na margem sul do lago e no ultimo dia do mez o commandante russo resolveu evacuar a cidade.

Foi um cruel fim das dez semanas de governo nacional que os armenios de Van haviam tido. Toda a população civil retirou com as tropas, sendo terriveis as narrativas da fuga, tanto as feitas pelos missionarios americanos que n'ella tomaram parte, como as dos armenios russos do Caucaso, que foram receber os fugitivos na fronteira.

Essa caminhada pelas escalvadas montanhas sob o calor do verão foi tão intoleravel como a caminhada dos nestorianos o fôra no inverno de Urmia para Djoulfa. Eram aguilhoados pelo receio do caminho lhes ser cortado pelo inimigo e embora os cossacos e os voluntarios pelejassem heroicas acções de retaguarda para darem tempo aos fugitivos, a extremidade do desfile foi cortada pelos kurdos n'um desfiladeiro mar

anhoso além da extremidade nordeste do lago.

Eram desgarradoras as scenas presenciadas durante essa terrivel fuga, sendo as mais dignas de dó as creanças. Muitas d'ellas tinham ido separadas de seus paes logo a principio, muitas outras tinham morrido logo no começo da jornada, mas outras jaziam exhaustas nas montanhas e bandos de cavalleiros sahiram de Igdir, a primeira aldeia em territorio russo, a fim de as ir buscar.

Uma testemunha presencial descreveu um orphelinato improvisado na cidade de Etchmidzin—uma grande sala com centenas de creanças nuas, esfomeadas e orphãs de mãe, deitadas no pavimento. Mas esses orphelinatos no Caucaso eram logares melhores do que os denominados orphelinatos instituidos pelo governo ottomano.

A população de Van fez bem em preferir os horrores da fuga, porque quando as tropas turcas reoccuparam a cidade mataram todos os que ali ficaram e queimaram as casas até aos alicerces, deliberando que Van fosse destruida como o haviam sido Bitlis, Moush e Sassoun. E conseguiram o seu objectivo.

Os russos de novo os repelliram antes do fim do mez e o grande avanço do gran-duque no inverno de 1915-1916 deslocou a fronte para Bitlis e ainda mais para sudoeste, mas a ruina era tão completa que a obra de repatriação só se fez muito vagarosamente.

Emquanto a matança ás claras se perpetrava no sudeste, a mesma matança sob o titulo de deportação havia sido organisada em dezenas de cidades e aldeias armenias no norte.

Os pormenores encheriam paginas e paginas, sendo as narrativas feitas por testemunhas presenciaes dos paizes neutros que a essas scenas assistiram em quasi todas as localidades d'alguma importancia. Sendo-nos impossivel dar esses pormenores, limitar-nos-hemos a uma descripção das linhas geraes do modo de proceder, que obedeceu a um plano commum assente pelo governo dos Jovens Turcos em Constantinopla e executado simultaneamente, sob a sua direcção, pelas auctoridades locaes, com pouco importantes, e muitas vezes horrorosas variações.

Começava-se por uma subita intimação todos os armenios do sexo masculino para se apresentarem no edificio do governo dentro do prazo d'uma hora. Algumas vezes essa intimação era acompanhada por uma proclamação official affixada nas paredes, annunciando a deportação e as razões por que o governo tomava tal medida, ao memo tempo que promettia toda a benevolencia ás victimas de tal ordem.

Quando os convocados estavam reunidos, eram immeditamente conduzidos para fóra da cidade. Não lhes davam tempo de fazer os seus preparativos de jornada, de pôrem em ordem os seus negocios e nem sequer para se depedirem de suas familias, e eram mortos no primeiro local isolado que apparecia no caminho.

Os habitantes de Kerasond foram mortos, como os camponezes das aldeias em roda de Moush, sendo arremessados a uma torrente quando estavam descançando e espingardeados na agua.

Em Trebizonda, levaram homens, mulheres e creanças para bordo de navios de vela, que sahiram para o Mar Negro, arremessaram-nos por cima da amurada e espingardearam-nos á medida que se afogavam.

Em Angora, os carniceiros turcos que deviam proceder á matança foram mandados adeante, para a aldeia de Asi Yozgad, na estrada oriental e fizeram os armenios em pedaços, á medida que estes iam chegando, á machadada e á facada, pois as auctoridades declararam que não tinham munições de espingardas para as «carcassas» dos armenios.

Perto de Angora, em Marsovan e outras localidades, compridas valas atulhadas de fresco foram mos-

tradas aos viajantes neutraes como sendo os sepulchros dos armenios que tinham sido mandados por aquelle caminho.

Quando os que tinham sido mandados seguir jornada haviam sido assim mortos expeditamente, os que haviam ficado nas prisões, durante muitos mezes, desde a busca de armamento, eram d'ahi tirados e mortos do mesmo modo, embora com mais vagar.

Um numero insignificante de habeis artistas foi poupado, pois o governo não podia dispensar os seus serviços. Deram-se alguns casos d'estes em Kharput e em Erzerum, mas, aqui, esses individuos que haviam sido poupados foram levados para fóra e assassinados com suas familias logo que a obra que etavam fazendo foi concluida.

E emquanto o ministerio do interior tinha assim a sua parte no exterminio, o da guerra estava effectuando a matança dos soldados armenios desarmados que faziam parte dos batalhões atraz da fronte.

Esses indefezos servidores armenios do governo eram mortos em massa. Um dos seus camaradas turcos disse ter sido um trabalho fatigante o ter de enterrar os seus camaradas armenios com quem primeiro havia trabalhado e depois espingardeado, por ordem dos seus superiores militares, e duas enfermeiras dinamarquezas que haviam sido despedidas da Cruz Vermelha allemã em Erzindjan por terem tratado dos armenios e estavam em viagem para Sivas, presencearam duas scenas de matança.

Depois dos homens terem sido assim mandados para a morte, chegava a vez das mulheres. N'alguns logares, como em Kerasonda e Trebizonda, foram levadas para fóra e afogadas ou mortas á machadada, como succedera a seus filhos, maridos e irmãos; mas em geral offereciam-lhe o escolher entre o converterem-se ao islanismo ou a deportação. E o converterem-se ao islamismo não era uma coisa simples como á primeira vista se pode affigurar.

A conversão implicava a entrada immediata da mulher n'um harem musulmano e a entrega de todos os filhos que pudesse ter do seu primeiro e agora assassinado marido armenio para serem levados para um «orphelinato do governo» da fé mahometana.

Semelhantes instituições não eram anteriomente conhecidas no imperio ottomano e não se póde calcular o que isso era.

Em Terbizonda houve uma tentativa de estabelecer um orphelinato não official sob a presidencia do governador e do arcebispo grego, mas a tentativa foi frustrada pelo comité local da União e Progresso.

Algumas vezes, as creanças eram abandonadas aos derviches, communidades de religiosos voluntarios que levam uma vida meio monastica, e as creanças armenias choravam de terror ao ser entregues ás mãos dos seus terriveis guardas.

A sorte dos orphãos era ainda mais terrivel. Uma outra enfermeira dinamarqueza, differente de aquella cujo testemunho citámos, foi convidada por um governador local a visitar o novo «orphelinato» depois dos armenios adultos do seu districto terem sido deportados.

Encontrou ella cérca de setecentas creanças armenias em um bom edificio, ao que parecia com abundante comida e servidas por mulheres armenias. Sahiu d'ali tranquillisada, mas, quando voltou dias depois, as creanças haviam desapparecido. Havia um lago a seis horas de distancia da cidade e as creanças tinham sido para ahi levadas de noite e afogadas.

Depois, mais trezentas creanças foram reunidas no «orphelinato» e a sua sorte, ao que se suppõe, foi a mesma das anteriores.

Taes eram os resultados, para uma viuva e mãe armenia em 1915, da conversão ao islamismo, e essa alternativa da conversão era tornada ainda mais cruel pela extrema latitude que, em questões de

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2159—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Quarta-feira, 9 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5,1.º | Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71 | Preço 2 centavos

Depois da paz

A guerra segue o seu curso, sempre terrivel, sem que seja possivel prever a data em que conclua, mas seria deploravel incuria, para os governos dos paizes que n'ella se encontram envolvidos, não se preoccuparem com as circumstancias novas que a paz produzirá no mundo.

Hoje, e não sabemos ainda por quanto tempo, os canhões é que se encontram em acção, as armas procuram resolver o problema que foram chamadas a solucionar. Mas a lucta que vae rebentar, logo depois de firmada a paz, lucta economica, lucta commercial, lucta industrial, sobretudo, revestirá aspectos que é conveniente prever, como é indispensavel que todos se preparem para as suas formidaveis consequencias.

A Allemanha, mesmo vencida nos campos de batalha, não se resignará a ser vencida n'outras fórmas de concorrencia entre as nações. Já se prepara para essa concorrencia, organisando «stocks» de productos que poderá lançar no mercado mundial por baixos preços, tentando restabelecer a sua preponderancia que a aventura da guerra comprometteu.

Se não poder negociar com os paizes que aggrediu de armas em punho, gerando resentimentos indeleveis, ella procurará aproveitar as nações neutras, tomará todos os disfarces que poder utilisar, mas não haverá esforço que não empregue para continuar a encher o mundo com os productos da sua industria.

Os paizes que estão na guerra, e que combatem o colosso germanico por diversissimas razões, tanto de caracter economico como de caracter politico, teem o direito de esperar dos seus governos que tomem todas as medidas necessarias, que elaborem todos os planos precisos para melhorar a sua vida, fazendo progredir as suas industrias, e habilitando o seu commercio a um desenvolvimento de transacções que seja importante factor da riqueza publica.

Nem todos os membros d'um gabinete teem de se preoccupar exclusivamente com as questões propriamente da guerra. N'esse caso se encontram varios membros do nosso governo, cuja missão é cuidar da melhor administração do paiz e das medidas de fomento que o façam prosperar e engrandecer-se.

Estamos n'uma hora de crise, e se não seria judicioso desconhecer os seus perigos, tambem o não seria desconhecer as suas possiveis vantagens. E' preciso que na machina governativa não haja uma engrenagem que não contribua para o «desideratum» que deve sempre ter-se em vista: o de preparar a Portugal um futuro digno e auspicioso.

E' pelo trabalho, pelas boas iniciativas, por uma ampla visão das necessidades do paiz, que podemos e devemos alcançar o exito das nossas esperanças. Portugal não derrama o seu sangue. não. Se faz e se tem feito o sacrificio da geração a que pertencemos, é para que a nossa patria tenha um logar de maior prestigio no concerto dos Estados e uma vida mais desafogada e mais bella.

E' por isso que entendemos que devemos ser absolutamente ciosos da nossa dignidade, e devemos aquilatar devidamente o valor dos nossos sacrificios, e faltariamos á verdade se não consignassemos que na situação internacional agora definida, com aprasimento dos bons portuguezes, um ponto existe que inquieta e magoa o espirito nacional. Esse ponto é o da ausencia, até agora, da nossa assignatura no chamado pacto de Londres.

Só não assignaram ainda esse pacto nações invadidas como a Belgica, a Servia, o Montenegro,—e Portugal, Portugal que está em circumstancias bem differentes, o que não quer dizer que o facto, que não discutimos, d'essas outras nações o não terem tambem assignado o reputemos absolutamente legitimo.

Não ha duvida de que Portugal entra na guerra europeia como alliado da Inglaterra, mas tambem o Japão é alliado da Inglaterra, e nem por isso a sua assignatura deixa de figurar no pacto de Londres. Se o Japão se considerasse plenamente representado pela sua alliada, não haveria necessidade da sua firma n'esse accordo.

Terá o facto da ausencia d'essa assignatura quaesquer consequencias relativamente á representação na conferencia da paz? Não o sabemos, mas basta ser possivel uma duvida a tal respeito para essa circumstancia revestir para nós uma gravidade manifesta.

Não está liquidada esta questão da assignatura do pacto de Londres. Assim o declarou o governo. A opinião portugueza espera que ella se não liquide sem que seja satisfeito o seu desejo, bem legitimo e bem profundo, de que a assignatura de Portugal figure n'esse pacto de nações livres e independentes, ameaçadas por um inimigo commum e luctando por uma causa tambem commum. Não se trata d'uma vaidade, que poderia ser mesquinha; trata-se d'um interesse superior e vital.

EM TORNO DE UMA TRAGEDIA

Magos, bruxos e nigromantes

Uma tremenda ameaça anti-social que ás auctoridades cumpre conjurar com violencia

O meu amigo X.—meu amigo quasi um irmão—foi hontem internado n'uma casa de doidos. Mais do que um leitor o conheceu decerto. Era excepcionalmente vivo, profundamente perspicaz, raramente culto para os seus trinta annos. Dotado de prodigiosa actividade, o espirito do meu amigo X. buscava anciosamente erguer uma obra digna das suas incommensuraveis aspirações; tentava coisas grandes, porque só grandes as concebia, e como a natureza lhe insufflara um sopro demosthenico, imprimia sempre ás suas palavras um cunho de convicção que impressionava todos. Tornára-se proverbial, entre todos os amigos com quem privava, a sua rara facilidade de palavra. Finissimo argumentador, audaz no ataque, prompto na replica, exaggerado por vezes nos sentimentos, mas sempre generoso, com uma rigida noção da honra e do dever, incapaz de uma baixeza, de uma indignidade, de um desfallecimento de carater.

Trabalhou, luctou. A sua marcha, atravez da existencia, tem por vezes o aspecto d'essas epopeias ignoradas em que se resiste aos longos dias sem pão e sem amigos, na esperança de um triumpho que não chega nunca. Depois, aplacadas as primeiras tempestades da adolescencia, installou-se na vida e constituiu um lar. Casou, e a que é hoje mãe dos seus dois filhos—dois pequeninos e adoraveis poemas de amor e de ternura—foi para elle o modelo das esposas, a companheira ideal de todas as horas, a garantia da paz domestica e o anciado motivo do seu esforço.

—E' toda a minha vida, dizia-me por vezes o meu amigo X.

Uma vez, ha de haver alguns mezes, notei que, no seu espirito naturalmente superstecioso, se operava uma notavel transformação. Começava a interessar-se pelas sciencias occultas com desusado calor. Magnetismo animal, transmissão do pensamento e da vontade, chiromancia, astrologia, toda essa serie de inepcias indignas da sua cultura lograram despertar-lhe a serio uma perigosa attenção. Fortalecido pela nossa velha intimidade, por uma ou outra vez o increpei quasi com rudeza. Pois era elle um homem cultivado, lido, intelligente, elle, a quem as faculdades garantiam um futuro risonho, que se deixava absorver assim por frioleiras proprias do seculo XII?

Affastou-se da minha convivencia, delicadamente, com o proposito formal de me não magoar, invocando cada dia novos pretextos; sempre verosimeis, de não me procurar. A sua vida, os seus negocios... Nunca mais entre nós se trocou uma palavra de occultismo. Apenas uma vez, ha uns quinze dias, jantando em minha casa, como eu lhe perguntasse como as suas coisas iam marchando, me replicou, sereno:

—Tenho tido um azar extraordinario. Mas no dia tres de março de 1917, passarei a ter sorte.

—Porquê?

—Porque n'essa data Urano entra em conjucção com o Sol.

Não houve outra referencia a tal assumpto, e eu limitei-me a protestar, *in mente*, contra a praga de bruxos, magos, chiromantes e espiritas que invadiu Lisboa e campeia infrene por ahi, sem que ninguem pareça ter a consciencia do tremendo perigo social que representa.

* * *

Os leitores teem por certo reparado na profusão de annuncios de videntes, sonambulas e chiromantes que nos ultimos tempos assaltam as secções de publicidade dos jornaes.

Lisboa, como de resto toda a Europa, atravessa um periodo amargo de hesitação e de incertezas. Por toda a parte ha gente inquieta, gente a quem a vida corria facil e que se encontra agora em frente de enormes difficuldades, espiritos que se debatem na ancia de não succumbir, creaturas que vivem tendo sempre nos labios eterna e torturada pergunta: quando acabará isto? Quando seremos felizes? Quando voltará a existencia normal? E a guerra? E os que partem? E os que podem não voltar mais?

Ninguem se atreve a responder. Ninguem—excepto os bruxos. Esses sim, que lêem no futuro tão nitidamente como no passado, que nos sabem prevenir dos perigos que nos ameaçam, dos inimigos que nos perseguem, da sorte que temos irrevogavelmente lavrada no livro do destino. E assim, os fracos appellam para o occultismo com a mesma anciada esperança de um naufrago pretendendo salvar-se agarrado a uma palha. D'ahi o incremento tomado por essas coisas, o bom negocio para os profissionaes, a consequente concorrencia commercial que acaba por collocar ao alcance de todos, pela raza, esse funesto instrumento.

Antigamente, uma outra chiromante fazia-se pagar, e a grande massa dos proletarios ficava naturalmente excluida da influencia de taes pessoas. O phenomeno, por isso mesmo, mal se dava por elle.

Hoje, não. Quem quizer ouvir lêr a *buena-dicha* encontra quem lh'o faça por dois magros tostões, como frequentemente se vê annunciar.

Depois, ha os astrologos, que tiram horoscopos da posição relativa dos planetas na esphera, em relação ás datas d'este mundo sublunar; ha os graphologos, que lêem na fórma da escripta o caracter, o temperamento, e até as intenções secretas de quem escreveu; ha os bruxos e os magos que possuem espelhos diabolicos onde se vê o passado, o presente e o futuro; ha os mesmeristas, que curam com simples apposição das mãos e o poder magnetico do olhar; ha os espiritas, que invocam, para auxilio da humanidade afflicta, as almas errantes dos que partiram para a viagem misteriosa do Além.

Toda essa charlatanesca multidão de exploradores vegeta sem que os attinja a lei, mais ainda: mistifica sob a protecção da lei. Ha dias, uma chiromante dizia a um amigo meu; medico e psychiatra dos mais distinctos:

—Não imagina o doutor como me tem augmentado a clientella. Não temos mãos a medir. Digo-lhes meia duzia de intrujices, recebo o dinheiro e vão-se embora satisfeitissimos!

Pois não se limitam esses profissionaes a extorquir o dinheiro que a muitos desgraçados falta no dia seguinte para o pão. Em muitos casos roubam-lhes o juizo, despedaçam-lhes a existencia, aniquilam-lhes a razão. A sua influencia nefasta vae-se exercendo lentamente no organismo social, como um veneno subtil que se installasse pouco a pouco no organismo humano. E ninguem se atreve a exigir-lhes a responsabilidade, e deixam-nos proseguir, impunes, na sua obra de maldade e de mentira—n'um paiz que possue uma população de 14:000 loucos, dos quaes apenas 1:700 se encontram hospitalisados!

Digam-me se é possivel attenuar este horror sem se adoptar, *desde já*, uma prophylaxia energica do desvairamento, prohibindo-se, com todos os rigores possiveis, o exercicio de sciencias occultas e outras congeneres em Portugal, e enxotando de vez toda essa horda criminosa de traficantes que abraçaram a rendosa especulação da credulidade publica...

* * *

O meu amigo X acaba de passar a sua primeira noite na Casa da Loucura. Estive lá, esta manhã, com o mesmo espirito de piedade de quem vae a um cemiterio espargir flôres sobre uma sepultura amiga. Não pude vêl-o, e, embora me deixassem, faltar-me-hia coragem para com elle me defrontar sem lagrimas. Essa brilhante intelligencia, esse espirito desassombrado e leal, esse pobre e desventurado amigo não passa hoje de um cadaver com vida, de um triste cerebro queimado por tragicas obcessões, de um morto que caminha e para quem não soou ainda a hora abençoada de repousar sob umas pás de terra.

Olho para os seus filhinhos que a fatalidade lançou na mais horrivel e tenebrosa das orphandades, contemplo a dolorida esposa, a quem o soffrimento deu uma aureola de santa, e ao mesmo tempo sinto anuvearem-se-me os olhos de commoção e de dôr.

Mas a minha indignação robustece-se tambem e eu juro a mim proprio, eu, que assisti á derrocada d'esse lar, pôr a minha humilde mas sempre honrada pena de jornalista ao serviço de uma causa que se me afigura das mais nobres: reclamar dos poderes publicos os meios indispensaveis á guerra contra os profissionaes de tão ridiculo quão perigoso charlatanismo. A lei não póde proteger bandidos. A lei que nos garante a liberdade e a vida contra as ameaças dos salteadores de estrada, tem de garantir egualmente a todos que nos são queridos, e na medida do possivel esta coisa simples e suprema—a Razão.

HERMANO NEVES

TERRAS DE PORTUGAL

As minas de ferro do Alvito

As suas «Córtas», as suas installações, a sua producção

ALVITO, 8.—Um grande barracão, uma excavação escancarando-se para o espaço fulgurante, homens empoleirados pelos rebordos dos rochedos, terra vermelha, pedra negra, ruido de pedreiras que desabam, comboios indo e vindo carregados de pedregulhos, tuneis de contra-minas, montões de minerio altos como serras, eis o que é, á primeira vista, o jazigo de ferro do Alvito. Na tarde em que ali chego, o calor esbrazeia. Mr. Paul Beau, o engenheiro director, recebe-me á porta do seu palacio, um oasis de conforto e de frescura, todo branco, cercado de trepadeiras, perdido n'este calido recanto alemtejano. E' um homem placido, largo d'hombros, reflectido e affavel, com muita intelligencia a bailar-lhe nos olhos e com aquella dose de estoicismo a vincar-lhe as palavras, que só adquirem os que teem vivido muito e percorrido as sete partidas do mundo.

Mr. Beau, no seu escriptorio, cheio de mappas geologicos e enfeitado com gravuras representando scenas da guerra, fala-me das explorações mineiras que a Casa Burnay encarregou ao seu saber e á sua competencia. Tem sob a sua direcção as minas do Alvito, de Nogueirinha e dos Monges. Estas ultimas ficam distantes—lá para as bandas de Casa Branca. Só a primeira está em plena actividade. A outra é muito velha e rica. Foi explorada na antiguidade, e não são poucas as esperanças que n'ella fundam os seus possuidores. Lá fóra, o sol escalda. E' de chumbo derretido. Uma grande latada de parreiras bravas impede-o de bater d'encontro ás paredes d'esse palacete, que me serve de efemero abrigo, onde a temperatura tem a suavidade reconfortante da agua fresca das fontes... E Mr. Beau vae fazendo a sua prelecção.

—A Allemanha, diz elle, foi uma das maiores, se não a maior consumidora de ferro: Todas as suas minas foram postas em exploração, todas ellas deram o ferro que podiam dar. E' que não havia aço que a saturasse nem minerio capaz de abastecer as suas fundições, as suas fabricas d'armas, as suas officinas de canhões, os seus estaleiros de construcções navaes. Exgotada, ou pelo menos profundamente desfalcada a sua existencia de ferro, a Allemanha lançou-se a procural-o em todo o mundo. Os seus «stocks» tinham de ser cada vez maiores. E' que a guerra vinha perto e não podia encontral-a desprevenida... Foi assim que por toda a parte appareceram engenheiros allemães procurando ferro. A Argelia, a Hespanha, Portugal, os Pyrineus e tantas outras regiões que me dispenso de citar, foram objecto das mais aturadas e persistentes pesquizas: As antigas minas abandonadas foram de novo tacteadas. Gastaram-se rios de dinheiro. E o ferro, tão procurado, tão desejado e tão cubiçado, subiu notavelmente de preço. A Allemanha comprava todo o minerio que apparecia. Tinha de abarrotar-se e abarrotou-se. E d'ahi em deante, aquillo que com tanta ancia era procurado deixou de o ser, passando a ser cotado por preços infimos. Veiu a guerra. O minerio de ferro experimentou nova baixa, por causa das difficuldades da exportação. Portugal soffreu, como era de prevêr, tanto ou mais que os outros paizes exportadores. Temos aqui verdadeiras montanhas de ferro, prompto a embarcar. Pois não sahe ha um anno nem uma unica tonelada.

Allude-se á crise dos fretes. E' ella cada vez mais afflictiva. Sendo o ferro um minerio pobre, não ha forma de o sobrecarregar com os preços exagerados que os armadores exigem para o fazer chegar aos paizes que d'elle necessitam. Fretar vapores? Mas como, se um carregamento de minerio não dá para garantir o valor do navio, em caso de desastre? Só no Alvito, a Casa Burnay possue para cima de 100.000 toneladas de minerio, que bem uteis seriam nas «fonderies» dos alliados. Como fazêl-as chegar até lá? E' certo que o governo acaba de entregar a essa casa tres vapores. Não bastam. São poucos. Com esses tres barcos não é possivel fazer chegar ao estrangeiro o minerio que ha cerca d'um mez para lá foi vendido e que se eleva a muitos milhares de toneladas.

Não sei bem que magoada tristeza o engenheiro director d'esta mina põe nas palavras que lhe vou ouvindo. Para elle, as suas minas são tudo. O que elle queria era vêl-as bem prosperas, vomitando milhares e milhares de toneladas de rocha, fecundando com oiro e com inexgotavel riqueza a terra onde poisam, o paiz que as possue e a empreza arrojadissima que as explora. Transformar em ferro denegrido e forte todos os cabeços que se entrevêem atravez das janellas do seu escriptorio é o grande desejo de Mr. Beau. Oiço-o, como quem ouve um creador apocaliptico de maravilhas falar dos seus planos, capazes de transformar o mundo. Abandonamos por um instante a mina do Alvito. E a mina dos Monges, evocada pelo sr. Paul Beau, surge, por sua vez, deante de mim.

—Fica perto de Nogueirinha—diz-me o engenheiro illustre com quem estou conversando. Dista oito kilometros da linha ferrea, á qual já foi ligada por um ramal de via larga, construido pela casa concessionaria. O nome provém-lhe de ter existido perto d'ella um convento de frades. Os romanos conheceram-na e exploraram-na. E' ainda hoje um excellente jazigo, com mais d'um milhão de toneladas. O theor do seu mineral é de cêrca de 50 por cento. Com menos de 48 por cento, o minerio de ferro não se vende. Ha, entretanto, desde que se utilisem certos processos electricos, meio de fazer subir a 60 por cento esse mesmo theor. A mina dos Monges não está, porém, ainda em plena actividade. E' que as installações, presentemente, são carissimas, custando os materiaes o duplo e o triplo do que custavam outr'ora.

Nogueirinha é tambem um jazigo magnifico, cuja exploração se encontra, pouco mais ou menos, no mesmo pé da do Alvito. Está, como todas as outras minas d'esta região, ligada com a linha do sul por um extenso ramal ferroviario. Os wagons dos caminhos de ferro vão a carregar mesmo aos caes privativos das mesmas minas. Em Nogueirinha ha tambem verdadeiras montanhas de minerio, impedido de sahir, não por não haver quem o queira, mas por faltar em que o transportar rapidamente lá para fóra.

—E quanto vale, presentemente, uma tonelada de minerio de ferro?

—Nove «shillings», posto no Barreiro.

—E quantas minas possue, no sul do paiz, a Casa Burnay?

De ferro, tres: as de Nogueirinha, Monges e Alvito. De pirite, a mesma casa está explorando a mina do Louzal—uma das de mais largo futuro.

Mr. Beau ergue-se da sua poltrona e vae mostrar-me no mappa os sitios da provincia do Alemtejo onde se teem assignalado jazigos de varios minerios. A carta geographica, em grande escala, occupa uma larga porção de parede. As minas já reconhecidas estão n'ella marcadas com pequenas manchas azues ou verdes, conforme se trata de filões de ferro ou de cobre. Tem-se, por esse mappa, a impressão nitida da riqueza mineira d'esta parte do paiz. Porque não está ella melhor aproveitada? Ignoro-o. Mr. Beau não o sabe tambem. Entretanto, não quer deixar de me dizer que, se se tivesse muitas emprezas semelhantes áquella que explora as minas do Alvito, a valorisação da nossa riqueza mineira seria já, n'esta altura, infinitamente maior. E' que, apesar de não ter tido, ha mais d'um anno, mercado para os seus minerios, essa casa nem attenuou nem suspendeu o trabalho em existencia das suas minas, o que impediu que a fome, no inverno, tivesse invadido muitos lares de trabalhadores, evitando ao mesmo tempo que continuasse inaproveitado aquillo que representa uma das maiores e mais fecundas fontes de prosperidade de qualquer paiz.

Só por isso—pelo seu arrojo, pela sua persistencia e pelas attenções que lhe merece o seu pessoal, a Casa Burnay é credora dos maiores elogios. E' que não abunda por esse mundo fóra quem se abalance a empatar em explorações mineiras mais de dois mil contos, sem que d'esse capital lhe advenha, immediatamente, o correspondente proveito.

Tentamos sahir. O calor é suffocante. Dir-se-hia que as arvores se contorcem, batidas pelo fogo, e estão prestes a incendiar-se. As plantas tenras do jardim que fica para além da latada de vides bravas envolvem-se sobre si mesmas, não obstante a agua ter ainda ha pouco levado ás raizes soffregas um pouco de doce refrigerio. Reina em volta do palacete em que me abrigo um soturno silencio de morte. Mr. Beau interroga-me com o olhar, a ver se descobre em mim a coragem precisa para arrostar com aquelle calor africano. Tenho de confessar-me vencido. E continuamos a conversar...

ADELINO MENDES.

Cruz Vermelha Servia

Um appello aos amigos do povo servio

O consulado geral da Servia em Lisboa fez distribuir um appello em que, depois de se recordar a historia tragica da pequena e valente nação que se bateu tão denodadamente contra a Austria, e para vencer a qual foi precisa a acção simultanea dos exercitos austro-allemães, turco e bulgaro, diz:

«N'uma lucta desegual o exercito servio, defendendo encarniçadamente cada parcella de terreno, o qual regou com o seu sangue, viu-se forçado a abandonar o solo patrio e a retirar-se atravez os rochedos escarpados do Montenegro e das montanhas cobertas de neve da Albania.

N'estas regiões desertas e impraticaveis milhares de valorosos soldados succumbiram ao frio e á fome, depois de terem passado pela cruel dôr de haverem perdido a sua Patria.

Eram os momentos de um esforço desesperado, o calvario de um povo, uma catastrophe desconhecida até hoje na historia.

Mas o povo Servio, mal vestido, e os seus soldados esfomeados e exhaustos poderam ainda supportar com grande estoicismo esta terrivel prova. Elles haviam conservado a esperança em dias melhores e uma fé inabalavel na victoria dos alliados e no triumpho da justiça.

Actualmente, graças aos seus poderosos alliados, o exercito servio depois de haver repousado acha-se reconstituido, esperando com impaciencia o momento da Sagrada Lucta e de contribuir com suas forças para a resurreição da sua Patria e a realisação integral do ideal nacional.

Mas para o proximo duro combate torna-se necessario o serviço d'uma Cruz Vermelha bem organisada. A Sociedade da Cruz Vermelha Servia, que prodigalisou sempre os necessarios cuidados aos feridos e aos doentes e soccorros aos refugiados, encontra-se hoje desprovida de recursos e sem poder cumprir o seu fim humanitario. Ella vê-se obrigada a dirigir um appello ás pessoas bemfazejas de todos os paizes, ás Sociedades de Beneficencia e a todos aquelles a quem as desgraças de um paiz commoveram.

A Cruz Vermelha Servia precisa: de hospitaes providos de pessoal medico e hospitalar, de meios de transporte para feridos, de instrumentos cirurgicos, de medicamentos, de vestuario, de roupa de cama, utensilios de cosinha, leite condensado, de dadivas em dinheiro, em uma palavra, de tudo quanto pode servir para soccorrer os feridos e os doentes, assim como para prestar auxilio aos refugiados e ás victimas da guerra.

As offertas podem ser enviadas directamente á Sociedade da Cruz Vermelha Servia em Corfou (Grecia) ou por intermedio da Sociedade da Cruz Vermelha Portugueza ou do Consulado Geral da Servia em Lisboa, cuja séde é na rua Victor Cordon, 11.»

Juntas de inspecção

Um protesto da União dos Medicos Provinciaes

Sr. director de «A Capital»—Por motivo de accusações feitas á imparcialidade das juntas medicas de inspecções dos districtos de reserva, teem algumas sido transferidas e submettidos a novas juntas os individuos isentos condicionalmente, e isto sem que essas accusações fossem provadas e nem sequer ouvidos os accusados.

As juntas de revisão não só teem confirmado o trabalho honesto das juntas arguidas, mas ainda teem transformado algumas isenções condicionaes em isenções definitivas.

A União dos Medicos Provinciaes, associação medica com a sua séde em Portalegre, deliberou levar junto do sr. ministro da guerra o seu vehemente protesto contra essa causa de indisciplina social.

D'esse documento transcrevemos os seguintes periodos que tomamos a liberdade de enviar ao jornal de que v. é digno director:

«Pondo de parte taes confirmações que em nada desaggravam os offendidos, e não podendo passar em julgado a intromissão de elementos individuaes extranhos em deliberações de uma collectividade official de que faziam parte diplomados medicos em longa e honesta carreira profissional, a União dos Medicos Provinciaes envergonha-se de que uma tal inversão da ordem social portugueza passe sem o mais altivo protesto, o qual perante v. ex.ª vem trazer, confiada ainda em que a deshonestidade não passe sem publico desaggravo.

«Não basta o espirito de enorme sacrificio de ambos os medicos—um, o da junta de Beja, dado em recente inspecção como incapaz de todo o serviço, por motivo de leucomas inhibitorios de indispensavel visão, o outro soffrendo de volumoso tumor escrotal, inhibindo-o de fazer marchas,—senão corresponder-se á isenção com o apposito de uma pena indevida, e sobretudo applicada sem a concessão da mais tenue defeza, sem a inquirição da mais ligeira testemunha.

«E' escaldante da mais embotada sensibilidade moral, e não póde deixar de sêl-o da de uma classe illustre entre as mais illustres, desinteressada entre as mais desinteressadas.

«Soffredora das mais pesadas injustiças de ordem material, nunca ella poderá deixar enodoar por tal forma os pergaminhos da sua carta.

«E porque assim é, de v. veem reclamar justiça.»

NA FRENTE DO SOMME

OS AVIADORES PARTEM...

O que viu e o que ouviu Georges Prade

Apezar do ceu azul e do sol radioso, o tempo está de nevoeiro para os lados do Somme. Sobem do valle vapores pesados e na crista das colinas os bosques desapparecem, como se os cobrisse a agua, e as arvores isoladas tomam estravagantes, indefiniveis formas...

E, no emtanto, é a manhã do ataque. O canhão trôa incessantemente; da banda de Vaux, de Curlo e de Maurepas a batalha encarniça-se e urge voar...

Eis porque, no campo de aviação em que entrámos, a animação está no auge. Os grandes hangares de tela verde, dissimulados no bosque, encontram-se já vasios. Ao longo da sebe, que borda o caminho por onde chegámos, vinte aviões de caça, em fila, alinham as suas silhuetas atarracadas e curtas de aves de presa no poleiro. Os motores rotativos lançam ao ceu o louco frenesi dos seus rythimados appelos, com intercadencias de silencio, e a rosacea das helices em movimento illumina-se como de ininterruptos relampagos. Agarrados ás azas, resfolegando, suffocados pela ventania que lhes açoita o rosto, com os pés fincados para a frente, a cabeça deitada para traz, os mechanicos impedem o vôo, emquanto na querena mancebos procedem a um ultimo exame ou, de pé, verificam o disco da metralhadora collocado n'um plano superior. Officiaes de marinha, afadigados, correm d'um apparelho para outro, dando um derradeiro conselho. No meio do campo, um biplano de caça, isolado, do qual se solta um duplo rugido. Um potente motor gira, gira, freneticо, dando umas duas mil voltas e fazendo estalar cêrca de vinte explosões por segundo, e o piloto, curvado, com a metralhadora ao hombro, n'uma suprema experiencia, dispara, dispara, sem interrupção, com uma velocidade doida. De subito, ergue a mão, e todo o tumulto se apazigua. Levanta-se, alto e delgado, acima dos planos que domina. Está muito tranquillo, n'uma perfeita indifferença, fixos no horizonte os olhos severos. Um capitão, com polainas de couro negro, approxima-se vagarosamente, as mãos apoiadas na cintura, e interroga-o com o olhar. O piloto limita-se a mover a cabeça e a declarar:

—Não ha de haver novidade!

E' a hora da partida.

Os caçadores de boches

Achamo-nos no grupo de caça, no meio do batalhão sagrado dos que o capitão B... commanda. Estão ali, á nossa volta, os mais famosos «caçadores de boches». Alguns são já conhecidos; outros estão a caminho de o serem. Alguns assignalou-os já talvez o Destino, e nas fileiras da tropa gloriosa já se produziram vagas... Taes homens, tal chefe. O capitão B..., cuja esquadrilha tem no seu activo trinta e quatro apparelhos allemães officialmente abatidos, começou por inspirar confiança aos seus aviadores por alguns combates pessoaes, um d'elles travado e sustentado, sósinho, contra tres «aviaticks» de caça, tendo abatido o primeiro e posto em fuga os outros dois, o que lhe custou uma bala nos queixos e uma nova citação na ordem do exercito. Explica-nos, com a modestia habitual dos homens de acção, o trabalho realisado pelos nossos aviões desde o inicio da offensiva do Somme:

—Agora apenas combatemos por cima do inimigo, visto que elle já não vem ter comnosco. Creio que, se algum dia, n'um momento por elle escolhido, quizesse forçar o bloqueio e passar por instantes, poderia fazel-o. Mas nós fazemol-o, regularmente, a toda a hora do dia e até da noite. E' o que se chama o dominio do ar...

Foi n'um dos nossos ataques que o sargento B..., hoje no hospital, chegou a assombrar os proprios camaradas, para quem o espanto é um sentimento raro, porque o heroismo constitue aqui moeda corrente. Encarregado de incendiar, a 1.500 metros de altitude, um *drachen* defendido por metralhadoras e canhões anti-aereos, approximou-se d'elle quando o inimigo, sobresaltado, começava a leval-o para terra. Intrepido, foi-lhe no encalço e, a 500 metros apenas acima do solo, no meio d'um pavoroso granizo de projecteis, alcançou-o e atacou-o. No momento em que ia largar as suas bombas, uma bala furou-lhe o pulso. A dôr fez-lhe tremer a mão. As bombas não attingiram o alvo. Então desceu ainda mais, e a 150 metros do solo, crivado de balas e de estilhaços de granadas, atacou de novo o *drachen* com as suas balas incendiarias. Um projectil fracturou-lhe uma perna pela coxa. Mas continuou, approximou-se, disparou. Como que um ramalhete de chamas ergueu-se do balão em fogo. B... regressou ao campo, declarando simplesmente:

—Está prompto. Vi-o arder...

Em seguida desmaiou.

O sargento L..., com quem travamos conhecimento, foi menos feliz. Abateu o seu ultimo avião «boche» por cima de Saint-Quentin. Nenhum official pôde verificar a queda, que por isso lhe não foi contada. L... encolhe os hombros, desdenhoso e depreciativo:

—Quando o vi cahir tão longe das nossas linhas, saudei-o machinalmente com a mão, gritando-lhe:

—E dizer que nem figurarás, sequer, no Communicado!

Retine, no emtanto, a campainha imperiosa d'um telephone. O capitão B... deixa-nos um instante e ficamos com o capitão M..., bem conhecido dos desportivos de outr'ora, porque era então um dos «recordmen» do exercito.

Incumbido d'uma missão em Lille...

no principio da guerra, foi atacado por uma appendicite. Operaram-no. Quando recuperou os sentidos viu, ao lado dos medicos francezes, medicos boches. Lillo havia sido tomada no intervallo... Levado captivo para a Allemanha, fugiu... Deixa-nos correndo. Chega a sua vez de voar contra os boches. E' elle o primeiro a partir.

O vôo supremo

O capitão B... acaba, com effeito, de voltar. Transmitte uma ordem e ergue a mão. Um a um, os motores tornam a fazer ouvir o seu estridente barulho. As helices flamejam de novo, os pilotos, com polainas de couro amarello, saltam, com a agilidade de galgos, para dentro dos apparelhos, e os mechanicos, deixando-se arrastar como que á custa, demoram, agarrando-se-lhes, a marcha dos aviões que chegam ao meio do campo.

Já por cima de nós os grandes biplanos de artilharia acabam de passar, n'um largo vôo. O aereo rebanho está a caminho. Os seus dogues vão partir para o guardar. Um a um, os nossos aviões levantam-se voando á luz do sol. Um d'elles, o ultimo, o apparelho d'onde ha pouco sahia o ruido infernal da metralhadora, estremece no espaço e parece erguer-se, quasi verticalmente, como uma robusta ave.

Nem um grito, nem uma palavra, nem um gesto inuteis. Esta partida para o combate parece a partida para um passeio. O capitão B... estende o pescoço, olha o horisonte, sempre immerso em pesados vapores e declara simplesmente:

—Ha de custar-lhes a conservarem-se juntos. Não faltarão hoje boches no ar. Vão bater-se a valer...

Prepara-se já uma segunda équipe. E a celebre esquadrilha das «Cegonhas», que, no lado da querena do apparelho, ostenta o perfil elegante da ave da Alsacia, correndo de pescoço estendido, as azas para traz, segundo a famosa chromo-photographia da decomposição do vôo de Marey. Fardado de kaki, com o képi á banda, na mão a badine, o famoso sargento Ch... anda á roda de seu avião e espera, febrilmente, a sua vez. A sua caçada será particularmente fructuosa. Saberemos á noite que abateu dois boches.

Ao lado d'elle, um tenente de cavallaria, alto, delgado, elegante e indifferente, passeia como um leão na jaula. A despeito da sua apparente impassibilidade, tem visiveis sobresaltos nervosos, sempre que o avião de um camarada levanta vôo...

—Pobre rapaz! diz-me, rindo, B... Ha dias, voltou com o apparelho todo crivado de balas, tendo escapado á morte por milagre. O avião incendiou-se ao descer em terra, voltando-se sobre as defezas de arame. Não sei como é que conseguiu sahir. Agora não tem apparelho e enfurece-o ter de ficar quando os outros partem. Não quer dar a entendel-o. Concentra-se e «faz vapor».

E só ha um aviador que accusa alguma commoção n'esta hora da partida para o combate, que será talvez o combate supremo. E' aquelle que não póde partir!

GEORGES PRADE.

A questão das subsistencias

A commissão de subsistencias resolveu que os vendedores de leite completo não possam vender leite desnatado e vice-versa, a fim de evitar abusos.

Resolveu tambem que o assucar estrangeiro que haja no mercado portuguez seja considerado nacional e como tal vendido ao preço da tabella actual, ou seja para o retalhista a 35 centavos e ao publico a 36 centavos.

Acêrca da falta de assucar conferenciaram hoje com o sr. governador civil os administradores dos concelhos de Setubal, Cintra e Barreiro.

Jardim Zoologico

Como nas ultimas quintas feiras, dia da moda, espera-se ámanhã grande concorrencia ao bello parque das Laranjeiras, pois bastantes familias, das que estão veraneando nos arredores de Lisboa, teem vindo expressamente vêr o hipopotamo recentemente chegado da Zambezia.

A companhia dos electricos para maior commodidade do publico, fará carreiras extraordinarias das 15 horas em deante para o jardim.

TOURADAS

Praça de Algés.—Para apresentação do pequeno toureiro Eladio Amorós, organisou a empreza de Algés uma corrida para proximo domingo, na qual tomam parte os melhores amadores que costumam trabalhar n'aquella praça. Eladio Amorós tem obtido em Hespanha grande sucesso, tendo já n'esta época trabalhado em 62 corridas. Poucas a cavallo um apreciado amador completando-se o programma da corrida com elementos escolhidos.

Auctores celebres e populares

Edições da casa Guimarães & C.ª

A conhecida e conceituada livraria Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, acaba de lançar no mercado mais quatro livros, qual d'elles o melhor, pois todos são de auctores celebres e populares.

Pertence o primeiro logar, de direito, a «Saudades—Historia de menina e moça», de Bernardim Ribeiro, da «Collecção Horas de Leitura», 2.ª edição revista por Delfim Guimarães. Sabendo-se, como se sabe, que Delfim Guimarães é um erudito e um apaixonado de Bernardim Ribeiro, póde avaliar-se bem com que amor elle reviu essa obra, que é uma das joias da nossa litteratura classica.

De José d'Alencar, o grande romancista brazileiro, fazendo tambem parte da «Collecção Horas de Leitura», dá-nos a casa editora a «Iracema», uma das melhores obras da litteratura brazileira.

E, para completar, veem «Os que riem e os que choram», do popular escriptor hespanhol Perez Escrich, tres volumes da collecção que tem o nome d'esse auctor, abrangendo os numeros 13 a 15, e «O sem-ventura», da «Collecção Ponson du Terrail», com os numeros 35 e 36. D'estes auctores desnecessario será falar.

As edições são, como todas as da casa Guimarães & C.ª, deveras cuidadas.

Um grande artista industrial em fóco

Ex.mos amigos.—Cumpre-me agradecer-lhes a noticia que publicaram no seu muito lido jornal sobre a minha casa de alfaiataria conhecida pela «Moda Ingleza». Preciso, porém, de fazer um esclarecimento. E' que não vou inaugurar a casa. Já a inaugurei no dia 6 de julho. Aproveito a opportunidade para lhes pedir um obsequio completando a sua noticia que muito me penhorou. Não disseram onde estava instalado o meu estabelecimento e eu sempre queria que se soubesse que é na rua da Victoria, 94, 1.º, com frente para a rua do Ouro. Serve-me o esclarecimento e fica a noticia completa. — Perdoem o de v.—*Thompson de Lemos.*

"A Carteira do Graduado"

Elogiosa referencia ao livro do major Correia dos Santos

O importante jornal hespanhol «La Correspondencia Militar» em uma das suas cinco edições diarias refere-se em termos muito elogiosos á importante obra militar a «Carteira do Graduado», ultimamente publicada pelo nosso presado amigo sr. major Correia dos Santos.

Diz, entre outras coisas, o referido jornal:

«Para dar uma ideia do conthendo da obra do illustre professor portuguez, basta dizer que ella se divide em capitulos que se occupam successivamente da cavallaria, artilharia, metralhadoras, fortificações, telemetros, serviços de saude e hygiene e primeiros soccorros á pessoal e solipedes.

«O livro do professor Correia dos Santos é duplamente interessante para o official hespanhol, porque além de resolver praticamente grande numero de problemas, condensa todos os principios geraes de ordem tactica, de tiro, estrategia que se applicam na guerra actual.

«Nas bibliothecas militares, um livro tão importante merece, agora mais do que nunca, figurar em um logar de honra.»

Tendo-se esgotado por completo a 1.ª edição, uma 2.ª edição, ampliada com grande numero de problemas, vae ser posta á venda ainda esta semana, contendo um mappa dos arredores de Lisboa, no qual são resolvidos os novos exercicios praticos, não só para officiaes, mas para sargentos das diversas armas.

Hoje, no Salão Foz

Duas sessões

1.ª ás 21 — 2.ª ás 22 3/4

Stella Margarita

Carmen Vicente

Os Herminios

Bellos films — Magnifico concerto

Amanhã — Reapparição de

La Bella Lopez

e seu excentrico.

Não tenham pena, porque o que o annuncio não diz vamos nós dizel-o. Stella Margarita canta hoje tambem os seus fados, acompanhada pelos bons guitarristas Petroline e J. Duarte. E', portanto, mais uma noite de festa, hoje, no Salão Foz, pois que, é sabido, os dois guitarristas portuguezes tocarão a sós alguns dos seus mais lindos fados.

Amanhã outro dia de festa, pois que se faz a reapparição da Bella Lopez e do seu excentrico.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA—A's 21,30—O correio de Lyão.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Novos artistas no Apollo

Alguns artistas, interpretes da revista «1916», que não podiam acompanhar a companhia durante a sua temporada no Porto em setembro proximo, foram substituidos, tendo estreado hontem no desempenho da applaudida peça os seus substitutos. Rafaela Fons foi substituida por Flora Dyson Vaz, Elvira Costa por Georgina Gonçalves, Helena Guichard por Lina Sant'Anna, Alice Figueira por Angelica Victor e Sarmento por Salvador Braga.

O corpo coral foi remodelado e «1916» tem hoje um novo aspecto, devendo ser dentro de poucos dias ampliado com um quadro novo, «O basar dos disparates», com scenario e guarda-roupa de alta novidade e lindos numeros de musica do Fernando Moutinho e Vasco de Macedo. «1916» dobrou com galhardia o cabo das sessenta representações e caminha para a centesima, depois da qual se transferirá para a capital do Norte, onde é esperado com anciedade.

Noticias

Entre nós

O theatro da Trindade representará este inverno um novo original de Eduardo Schwalbach.

● A companhia Ruas reapparecerá no Apollo com a estreia em Lisboa da revista de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa «A' ultima hora».

● A livraria editora Guimarães & C.ª porá á venda brevemente um volume contendo quatro peças em um acto, originaes de André Brun, «Codigo Penal art. ***», «Cavalleiro respeitavel», «O primo Izidoro» e «Anno novo, vida velha...» esta ultima ainda não representada.

● No proximo dia 17 realisa-se no Apollo uma festa offerecida a Chaby Pinheiro. Em espectaculo inteiro representar-se-ha a revista «1916» com todos os numeros que teem sido substituidos, com o quadro novo e um novo prologo. N'essa noite Chaby representará todos os episodios da fita «As aventuras de D. Jorzina».

ESTRANGEIRO

A companhia Figueirôa, de que deixou de fazer parte a actriz Etelvina Serra e para a qual foram escripturados Alexandre Azevedo e Cremilda de Oliveira, depois de ter representado a revista «Não desfazendo» em espectaculo inteiro, explorou a mesma peça em sessões.

● A companhia Ruas, que nunca tinha ido a S. Paulo, estreou-se n'esta cidade com grande exito representando a revista «D'alto a baixo».

● Inaugurou-se no Rio de Janeiro um novo theatro com duas peças de Oscar Guanabarino e Bastos Tigre.

VIAJANTES ILLUSTRES

Carmen de Burgos em Lisboa

D'esde ante-hontem que é nossa hospeda a illustre escriptora hespanhola Carmen de Burgos, redactora do grande diario madrileno *O Heraldo*.

Como se sabe, Carmen de Burgos, que assigna as suas brilhantes chronicas com o pseudonymo de *Colombine*, é uma carinhosa amiga de Portugal, que lhe deve uma admiravel atmosphera de propaganda na imprensa do paiz visinho.

Quando da sua visita no anno passado a Lisboa, a distinctissima escriptora escreveu sobre a nossa vida politica e social, sobre os nossos estadistas, litteratos e artistas, impressões cheias de emoção e de ternura que nos deixaram profundamente sensibilisados e gratos. O chefe do Estado convidou a nossa illustre hospeda a jantar, hoje, no Paço de Belem. A'manhã, Carmen de Burgos assistirá ao espectaculo no theatro Republica, acompanhada da distincta escriptora sr.ª D. Anna de Castro Osorio e da nossa collega de redacção D. Virginia Quaresma.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A offensiva no Isonzo

Os notaveis progressos italianos

Enthusiasticas manifestações de regosijo — O que diz a imprensa — A cooperação com os alliados

ROMA, 9.—O «Giornale d'Italia» commentando o communicado do general Cadorna faz sobresahir a importancia das posições conquistadas e frisa os magnificos resultados obtidos em dois dias da nossa offensiva os quaes demonstram que a nossa preparação bellica se tem aperfeiçoado muito o que permitte ás nossas infantarias, sempre verdadeiramente extraordinarias pela sua coragem, decisão e abnegação, obter resultados mais amplos que nas anteriores offensivas. A offensiva do Isonzo inferior está no seu auge e o paiz segue com enthusiasmo o bravo exercito na sua acção victoriosa que contribue poderosamente para os esforços simultaneos dos alliados em todas as linhas. O referido jornal envia aos heroicos soldados os applausos de todo o povo italiano.

O «Corriere d'Italia» diz que estamos no começo das operações que promettem grande desenvolvimento. Os resultados obtidos até agora são magnificos. A captura de um tão grande numero de homens ao inimigo e a tomada de tão abundante material de guerra n'um sector de tão poucos kilometros indica de uma maneira indubitavel o verdadeiro rompimento da linha inimiga.—(*Havas*.)

ROMA, 9.—Os jornaes publicados hontem á tarde reproduzem o boletim do general Cadorna e eram arrancados das mãos dos vendedores pela população que os lia e commentava com satisfação os brilhantes successos das nossas armas. Pouco depois a cidade estava toda embandeirada e á noite na praça da Colonna, ao mesmo tempo que a musica tocava, a numerosissima multidão accumulada na praça fazia uma grande manifestação para commemorar a victoriosa marcha de frente do exercito italiano na linha do Isonzo.

A multidão pediu que se tocasse a marcha real e hymnos patrioticos que foram executados no meio dos applausos da multidão que acclamava incessantemente o exercito e a Italia. Tocaram-se tambem os hymnos das nações alliadas que foram egualmente applaudidos. As manifestações renovaram-se nos theatros, nas ruas e nos cafés do centro da cidade. Telegrammas de Milão, Bolonha, Livorno e de muitas outras cidades, annunciam manifestações analogas inspiradas no mais vivo enthusiasmo patriotico, levadas a effeito para celebrar a victoria italiana.—(Havas).

ROMA, 9—O jornal «A Tribuna» salienta que a tomada dos montes Sabotino e San Michele do systema de fortificações austriacas, formando por assim dizer um unico corpo desde Tarvis até ao Carso, onde conseguimos chegar á custa de immenso trabalho, acha-se hoje prestes a ser cortado no seu ponto essencial.

Estamos assim senhores de posições de excellentes bases para avanços e atacar os flancos da restante linha austriaca ao norte e ao sul. O numero de prisioneiros é a melhor prova do nosso successo completo sobre a linha de ataque.

O nosso exercito depois da prompta retaliação contra a pseudo «expedição de castigo» da Austria retoma com uma decisão formidavel e com gloria a offensiva no Izonso.

Os alliados batem d'ora avante todos os dias mais poderosamente o inimigo commum em todas as linhas. Depois, em consequencia das jornadas da Russia, da França e da Inglaterra, começam de novo as da Italia.—(*Havas*).

ROMA, 9.—O general Corsi, critico militar do jornal a «Tribuna», diz que depois de fechadas as portas á offensiva inimiga, o commando supremo italiano retoma o seu objectivo visando o fim geral da guerra europeia.

Os resultados que começam a desenhar-se demonstram todo o trabalho de preparação feito e os resultados das mil acções levadas a effeito pelas nossas tropas durante um anno de guerra contra posições fortissimas e contra um terreno difficilimo. Hoje recolhemos o fructo do nosso trabalho intenso.

O numero de prisioneiros indica que a acção se desenvolve por toda a parte com exito.—(*Havas*).

Gentileza d'um diplomata para com um portuguez

RIO DE JANEIRO, 9.—M. Adhemar Delcoigne, ministro plenipotenciario da Belgica junto do governo brazileiro, presenteou o commerciante portuguez Paulino Guedes, com uma medalha de ouro com a effigie do rei Alberto I, em agradecimento da sua cooperação nas festas em favor da Belgica.—(Americana).

Cruz Vermelha

A subscripção de guerra em beneficio da Cruz Vermelha Portugueza está em 64.290$01.

Commissão de censura postal e telegraphica

Pela secretaria da guerra foi feito convite a todos os officiaes do activo, reserva ou reformados, que, tendo perfeito conhecimento das linguas ingleza e franceza, desejem fazer parte da commissão de censura postal e telegraphica.

Os officiaes de reserva e reformados que acceitarem o convite, devem entregar com urgencia as suas declarações no quartel general.

A navegação para o Brazil

Pará, 9 de agosto.—O commercio portuguez está-se resentindo, cada vez mais, da falta de navegação portugueza para os portos do norte do Brazil.

Alguns membros do commercio lusitano pensam em enviar uma representação ao governo de Lisboa, pedindo uma solução rapida d'este problema.—(*Americana*).

Economias brazileiras

RIO DE JANEIRO, 9.—O relatorio publicado pelo dr. José Bezerra, ministro da agricultura, demonstra que, em 1915, a economia feita na administração do ministerio foi de 1.347 contos de réis.—(Americana).

Os emprestimos feitos na Inglaterra

Foi publicada recentemente a nota dos emprestimos contrahidos na Inglaterra pelas nações alliadas até ao dia 2 3de maio do anno corrente. N'essa data a Inglaterra era credora de 74 milhões de libras aos paizes alliados. A importancia não póde ser considerada muito grande se nos lembrarmos de que só o Estado inglez gasta por dia, com a guerra, cerca de 6 milhões de libras.

PEQUENAS NOTICIAS

Queixou-se Francisco dos Santos, morador na rua da Sociedade Pharmaceutica, 19, cave, de que seu irmão Antonio José, moço de fretes na estação de incendios n.º 16, sita na rua de Santa Martha, lhe furtou a quantia de 55 escudos, ausentando-se para parte incerta.

—Antonio Mathias, residente na Batalha, casal da Ponte, actualmente em Lisboa, queixou-se que foi burlado pelo «conto do vigario» por dois individuos desconhecidos, que lhe apanharam 60 escudos.

—Foram presos Marcos Ramalheiro, morador na rua da Graça, 65, 1.º, e Antonio Marques, na travessa do Jordão, 12, loja, por tentarem burlar com um alfinete de pedras falsas, que diziam brilhantes, Thomaz dos Santos, com casa de penhores na rua da Graça, 168, 1.º

—No largo do Corpo Santo foi colhido pelo automovel n.º 2777, de que era «chauffeur» Adelino Ferreira, morador na rua da Junqueira, Francisco Antonio Rodrigues de Castro, residente na rua dos Remolares, 35 5.º, que teve de ir receber curativo ao hospital de S. José de um ferimento na cabeça. O «chauffeur» foi preso.

—Na estrada de Malpique foi preso de madrugada, quando, com dois outros individuos que se evadiram, andava a furtar fios telephonicos, um individuo que declarou á policia chamar-se Joaquim Pereira e morar na rua do Sol, ao Rato, pateo, porta, 1. Foram-lhe apprehendidos 45 kilos de fio.

—Para juizo foi hoje enviado Adriano Teixeira da Costa, morador na rua dos Douradores 177, 5.º, accusado de ter furtado uma porção de chouriço e banha nas mercearias de Eugenio Henriques da Costa e Joaquina do Carmo Franco, sendo-lhe no acto da captura encontrados uma corrente dois relogios de ouro. Tem já largo cadastro.

—Para o 3.º juizo de investigação foram hoje enviados Vasco Amaro Fernandes, Antonio Matta dos Santos, Antonio Gouveia, João Ricardo da Silva, Jayme Gomes de Sousa, José de Sousa, Luiz Aguiar, Manuel Rodrigues de Sousa Pombo e Domingos Gonçalves, todos tripulantes do vapor «Madeira», José Pedro Rodrigues, o «José Rato», Ernesto Rodrigues de Azevedo e Antonio Leal Pinto, moradores em Cacilhas, Antonio Joaquim Vieira e João Baptista Fernandes, moradores na rua de S. Pedro, 35 e 37. São accusados de, em differentes dias do mez findo, furtarem 79 saccas com café em grão e duas com assucar de bordo do vapor «Madeira», surto no Tejo, sendo quasi todo o café vendido aos dois ultimos presos. Interrogados, confessaram o crime, sendo-lhes apprehendidos 181 kilos de café em 4 saccas.

—No dia 5 do corrente foi preso no quartel de infantaria 5 o soldado n.º 296 da 4.ª companhia, Agostinho Alves da Cruz, em consequencia de um officio da policia de investigação, visto ter-se averiguado que era o auctor dos furtos de 124 escudos feito a Vasco Sabroso, morador na rua João Chrisostomo, lettras J. M. A., e outro de 104$60 a D. Helena Camara Pestana, moradora na rua da Cidade da Horta, 61, 1.º Foi entregue ao commando da 1.ª divisão militar.

—Alguns proprietarios de barracas existentes na praia de Algés procuraram hoje o chefe do districto, a quem se queixaram de que o administrador interino de Oeiras tinha mandado encerrar as referidas barracas, facto que lhes causa graves transtornos. Vae ser pedida uma exposição por escripto ao administrador, a fim de se verificar o que originou tal medida.

—A policia procura os menores de 7 annos Luiz Lima, filho de Maria dos Prazeres, moradora na rua do Cabo, a Santa Isabel, 46, cave, e Antonio dos Prazeres Costa, de 12 annos, filho de Maria dos Prazeres Caetano, rua Affonso Albuquerque 13, 2.º, os quaes fugiram de casa.

—Por asfixia suicidou-se Maria da Conceição, cuja morada é desconhecida, sendo o cadaver removido para a Morgue.

—No hospital de S. José recebeu curativo de um ferimento na cabeça José Rodrigues da Silva, morador na rua Marquês da Silva, 28, que cahiu de um electrico na Avenida Almirante Reis. Na enfermaria 3 deram entrada José Francisco, ferido no pé direito, por ter cahido a bordo de um vapor atracado á muralha da alfandega, e José de Brito, residente na Fuzeta, concelho de Olhão, ali colhido por uma pilha de madeira, ficando com a perna esquerda fracturada.

O adiamento da revisão constitucional

e a realisação do Congresso Democratico

Já hontem noticiámos que o grupo parlamentar democratico resolveu por unanimidade pronunciar-se no sentido do adiamento da revisão constitucional. Não podia ser outra a sua resolução, pois sabia-se que o debate do problema daria logar a vivos incidentes na politica interna, absolutamente incompativeis com a necessidade de manter-se n'esta hora, tanto quanto possivel, uma perfeita solidariedade de todos os portuguezes em torno dos mais altos interesses da Patria.

Por isso mesmo é facil calcular que o partido evolucionista acceitará tambem de bom grado a formula preconisada pelo sr. dr. Antonio Fonseca nas columnas da «Capital». Mais de uma vez o sr. dr. Antonio José de Almeida tem declarado que, por sua parte, não praticará nem sancionará qualquer acto que tenda ao rompimento da União Sagrada. De resto, sabe-se que a alteração constitucional que mais celeuma e discussão levantaria é a que diz respeito á dissolução parlamentar. Ora, admittindo mesmo que esse principio era introduzido na Constituição, não é de presumir que o chefe do Estado o applicasse durante a guerra. De modo que o adiamento da revisão constitucional para depois de estabelecida a paz nem prejudica os que defendem a dissolução nem os que a combatem.

Quanto á reunião do Congresso Democratico pensa-se n'este momento adial-a «sine die». A funcção principal do Congresso consistia em pronunciar-se precisamente sobre a revisão constitucional, marcando a orientação do partido acêrca da dissolução. Acontece que o grupo parlamentar democratico já se pronunciou sobre o assumpto, sendo a sua resolução levada ao conhecimento do Directorio e sancionada por este. Não se trata de votar a dissolução nem de a regeitar, mas simplesmente de adiar o problema. Torna-se desnecessaria, sob esse ponto de vista, a reunião do Congresso do partido, ao qual caberia tomar uma resolução definitiva, que n'este momento não póde ser tomada.

Supponos que o assumpto será versado na proxima reunião conjuncta das commissões politicas de Lisboa com o Directorio e Junta Consultiva.

NOTAS DIVERSAS

Os srs. ministros da guerra e general commandante da 1.ª divisão continuaram hoje a visitar os quarteis da guarnição.

Uma commissão de habitantes de Semide, concelho de Coimbra, procurou hoje o sr. ministro da justiça, com quem desejava falar ácerca da romaria que se realisa no dia 15 na capella do Senhor da Serra. Foi recebida pelo secretario do ministro, sr. João José Garrana.

—Conferenciaram com o sr. ministro das finanças os srs. Lopez Muñoz, ministro de Hespanha, e dr. Joaquim Portilheiro, governador civil de Portalegre; com o sr. presidente do ministerio os srs. ministros da instrucção e justiça, dr. José Sequeira, governador da Guiné, coronel Morley, presidente da commissão de fornecimentos para as colonias, dr. Manuel Augusto Martins, Jayme Cortezão, Ribeiro da Silva, Amorim Borges e Raul Portella; com o sr. ministro do fomento, ácerca de estradas no concelho de Niza, o sr. Annibal Machado, e ácerca da construcção da estrada de Escoural á estação do caminho de ferro da mesma villa o sr. Manuel da Silva Simplicio. Tambem com esse ministro conferenciou o sr. Manuel Augusto Martins.

A villa de Collares em festa

Na região da pittoresca Cintra, ha uma villa antiquissima, celebre pelos seus vinhedos, pela sua amenidade de clima, pelos seus pomares fertilissimos. E' a villa de Collares, servida pelos carros electricos que ligam Cintra ao Oceano Atlantico.

Pois, n'essa linda terra, realisa-se uma romaria com caracter annual. E' a festa da Senhora d'Agosto, com as suas tradicionaes kermesses, illuminações musicaes, ceremonias religiosas, concertos, etc. E por essa occasião, milhares de pessoas costumam visitar Collares obrigando a um serviço intenso de carreiras de «tramvays» electricos.

Este anno, a festa está marcada para os proximos dias 13, 14 e 15 e o programma de festejos é magnifico. A companhia dos electricos estabelece carreiras de 20 em 20 minutos.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Odor difemina

Era austero e sisudo: não havia
Frade mais exemplar n'esse convento;
No seu cavado rosto macilento
Um poema de lagrimas se lia.

Uma vez, que na extensa livraria
Folheava, o triste, um livro pardacento,
Viram-n'o desmaiar, cahir, do assento,
Convulso e torto, sobre a lagea fria.

De que morrera o venerado frade?
Em vão busco as origens da verdade,
Ninguem m'a disse, explique-a quem puder.

Consta que um bibliofilo comprara
O livro estranho e que, ao abril-o, achára
Uns doirados cabellos de mulher.

Gonçalves Crespo.

JANTAR DE HOMENAGEM

No restaurante do Campo Grande realisa-se amanhã um jantar de 50 talheres offerecido por um grupo de amigos ao chefe da policia sr. Couto, ha dias transferido para a esquadra do Rato.

CASAMENTOS

Na parochial egreja de Santa Isabel consorciou-se a sr.ª D. Ofelia do Rosario filha estremecida do benquisto commerciante da nossa praça sr. Manuel José do Rosario e da sr.ª D. Elvira Ribeiro do Rosario e Vasconcellos. Paranimfaram, por parte da noiva a sr.ª D. Francisca Micaela d'Almeida Coelho de Bivar e pelo noivo os srs. Francisco de Bivar, agronomo, e dr. Carrasco Guerra, medico. Findada a missa, o celebrante, sr. dr. Santos Farinha, fez aos noivos uma brilhantissima allocução. Seguidamente ao acto religioso foi servido em casa do sr. Manuel do Rosario um opiparo copo d'agua. Os noivos partiram na mesma noite para a sua casa em Portimão.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as: D. Beatriz Aurora Leite Vieira, D. Maria Eugenia d'Oliveira Tenreiro Ilharco, D. Lourença Lucia da Conceição Forbes Bessa Pinto, D. Maria José Ribeiro, D. Alda Candida Teixeira da Fonseca e D. Beatriz Aurora da Cruz Oliveira, e os srs.: Antonio Pitta Seixas Andrade, Sebastião de Sousa Dantas Baracho, José Maria Telles da Silva Caminha e Menezes (Tarouca), Eduardo Maia e Luiz Cardoso de Menezes de Macedo, e o menino João da Silva Pinto de Carvalho.

NASCIMENTOS

Teve a sua «délivrance» a sr.ª D. Marianna Rey do Rio Gonçalves, esposa do nosso collega de imprensa sr. Jorge Gonçalves. Mãe e filha encontram-se bem.

—Teve tambem a sua «délivrance» a sr.ª D. Sofia da Cunha Baerlein de Castello Branco, esposa do distincto engenheiro sr. Eduardo de Macedo Castello Branco.

NO EDEN

Realisa-se amanhã a segunda recita da moda, dedicada á nossa melhor sociedade com a applaudida revista «Maré de Rosas».

NO CHIADO TERRASSE

Assistencia elegante ás sessões da moda de hontem:

Viscondessa de Idanha e filha D. Maria José; D. Francisca Pereira da Silva (Bertiandos), D. Luiza Pinho, D. Julia Rino, D. Manuela Luz, D. Maria Victorina, D. Maria Carlota e D. Maria Luiza de Paiva Raposo, D. Anna Deslandes Caldeira Marques Soares, D. Maria José e D. Irene Deslandes Caldeira Coelho, D. Palmira de Figueiredo Vianna, D. Elisia de Navarro e filha D. Octavia, D. Josephina Navarro Magalhães Domingues, D. Isabel Lallemant, D. Maria Alice Soares de Andrade Leitão, D. Maria Luiza Ribeiro, etc.

PARTIDAS E CHEGADAS

Estão na praia da Granja o sr. dr. Alvaro de Mattos, sua esposa e seu filho.

—Estão no Mont'Estoril o sr. Alexandre da Silva o sua esposa a sr.ª D. Maria José Telles da Silva.

—Partiram para a Feitoria (Oeiras), o sr. Hemetrio Arantes e sua esposa a sr.ª D. Maria de Castello Branco Arantes.

—Parte amanhã para a Ericeira com seus filhos, acompanhando sua esposa que ali vae convalescer da sua grave doença o sr. dr. Thomaz da Matta e Dias.

—Partiu esta manhã para Vidago o sr. Francisco Cabral Metello.

—Partiu para Evora com sua esposa a filhos o sr. dr. Alfredo Pimenta.

—Encontra-se já em Cascaes o sr. dr. Luiz Roquette Soares de Albergaria.

—Partiu para Paço d'Arcos com suas filhas a sr.ª D. Josefina Vaz Monteiro.

—Partiram para as Caldas da Rainha madame Feliza Paccini e sua filha a sr.ª D. Constança Paccini da Camara.

—Partiu para o Mont'Estoril o sr. general Antonio Augusto Ferreira de Abelm.

—Partiram para o Luzo os srs. condes do Amial.

—Partiu para Borba o distincto maestro Thomaz Del-Negro.

—Com suas filhas regressa em breve á sua residencia em Londres a sr.ª duqueza de Palmella.

—São esperados na proxima semana na praia da Granja a sr.ª D. Antonia de Passos Manuel Canavarro, suas filhas as sr.as baroneza de Almeirim e D. Maria Xavier de Passos Canavarro e filho o sr. dr. João de Passos de Sousa Canavarro.

—Da sua casa, na Abrigada, partiu com suas filhas para Peniche, a sr.ª D. Sofia Pinheiro Gorjão Henriques, esposa do sr. Gorjão Henriques.

—Encontram-se já na Praia da Granja o sr. D. Thomaz de Almeida Manuel de Vilhena, sua esposa a sr.ª D. Maria José de Aguillar (Samodães) e filho.

—Regressou de Caldellas á sua casa em Leça de Palmeira a sr.ª D. Adelina Leite Nogueira Pinto de Oliveira, esposa do sr. dr. José Domingos d'Oliveira.

—Para Vigo, de onde seguirá para o Rio de Janeiro, partiu a sr.ª D. Carolina Marques Guimarães.

—A uso de aguas seguiu de Santa Comba Dão para o Grande Hotel de S. Vicente, Entre-os-Rios, o sr. dr. J. Pinto Loureiro.

—Vindo de Entre-os-Rios, encontra-se já na sua casa em Paço d'Arcos o sr. João da Costa Mealha.

—Regressou de Tancos á sua casa em Envendos o sr. Herminio de Mattos Tavares.

—Parte amanhã com suas filhas para Vidago o sr. Carlos Gualberto Ribeiro de Sousa.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Falando com Mario de Noronha

são conhecidos os incidentes dos ultimos torneios da "Semana d'Armas,,

—«Eu pouco tenho a dizer, mas entendo que é conveniente registar certos pontos, para que se faça a historia completa dos torneios officiaes de esgrima de 1916...»

Assim começou a sua conversa comnosco o esgrimista Mario de Noronha, velho amigo da «Capital», antigo companheiro na propaganda de «sport» e que, pelo seu esforço e valor individual, conseguiu a justa consideração, incontestada, do primeiro amador portuguez na esgrima de espada. E' o amador que tem maior numero de primeiros premios; que já nos representou em torneios inernacionaes; que se orgulha de ser o unico que conseguiu ganhar entre mestres e amadores a «Taça Penha Longa» e que já por duas vezes ganhou o campeonato de Portugal. Depois, Mario de Noronha além de ser o melhor amador e o mais considerado, é um sincero, um excellente camarada, incapaz d'uma affirmativa sem fundamentos. Assim, tem o maximo valor o que a seguir publicamos, como sua opinião pessoal. São considerações de actualidade. Referem-se aos ultimos torneios de espada e a um ligeiro incidente, ha dias, bem ou mal solucionado, segundo o que das suas phrases se deduz.

—«Os ultimos campeonatos, considerados officialmente como os de Portugal, foram, simultaneamente, um «succésso» e um desastre. Um exito pelo numero de inscripções; um desastre pela organisação. As listas de atiradores concorrentes, indicando um numero superior ao dos annos anteriores, incluiam os nomes de perto de 70 atiradores, com a surpreza, muito louvavel e muito animadora, d'uma maioria de estreantes.

«A organisação é que foi lamentavel. N'ella se filiam todos os incidentes que surgiram. E vou enumerar, ligeiramente, algumas provas do que affirmo.

«Em meiados de junho, o Centro Nacional de Esgrima annunciou a «Semana d'Armas» para 25 de julho, tendo já realisado a primeira prova em 19 de maio e irregularmente, como se provou por decisão arbitral. Dias depois, o Centro, pretextando um engano de jornaes, fazia constar, particularmente, que a data não era a de julho, mas sim a de junho. Um jornal—julgo que o seu—tambem dava a informação, por meio de communicado, no irritante laconismo de tres linhas e sem explicação fundamentada. Mas passou junho e a «Semana d'Armas» não se realisou! Chegou julho e, repentinamente, as provas são annunciadas com uns dias de antecedencia! Depois os regulamentos não acompanharam esses annuncios feitos pelos jornaes. Foram conhecidos dos interessados dois dias antes da primeira prova e dois dias depois de encerrada a inscripção! Houve salas que nunca os receberam, assim como nunca tiveram confirmação escripta de que a «Semana» se ia realisar, onde e quando! Só os jornaes—e poucos, por signal!—davam indicações e sempre tarde, muito tarde!... Evidentemente, estes processos são censuraveis. Não é a sua opinião?

—«Sim, mas...

—«Diga com franqueza que sim. Não é maneira de fazer «sport», nem de tratar coisas serias. Revela pouco pundonor sportivo, um desleixo imperdoavel e uma indelicadeza para lamentar. Chegou-se ao extremo de inscrever quatro ou seis atiradores depois de encerrada a inscripção! Mas ha mais...»

Como mostrassemos ao notabilissimo campeão portuguez o nosso desejo de não alongar as considerações que tocassem particularidades que pudessem ferir qualquer pessoa elle, n'uma rapida e intelligente comprehensão, gentil e delicadamente, respondeu:

—«Está bem... Está bem... Limitemo-nos a factos precisos...»

E de argumento em argumento, seguidos pelos ligeiros apontamentos d'um seu «carnet», soubemos do campeão o seguinte:

—«...O Centro Nacional de Esgrima começou por escolher o terreno do Gremio Litterario. Com essa escolha, pareceu que tinha o proposito de excluir a Sala d'armas do meu querido mestre Carlos Gonçalves, pois que a Sala tinha protestado contra essa pista, com os argumentos solidos e justificados, que a decisão arbitral de que lhe falei havia julgado por ser terreno não «regulamentar». Assim obrigavam os meus companheiros a ser incoherentes, jogando onde haviam dito que se não podia jogar pela leitra do regulamento ou a abandonar a prova. Evidentemente era esta a solução que lhes convinha. Enganam-se, porém, porque fomos lá, como iremos sempre onde encontremos adversarios que não temam medir-se comnosco...

«No primeiro dia tivemos a dolorosa surpreza de nos excluirem como «junior» um atirador com a aggravante de haverem acceitado a sua inscripção, de lhe permittirem que tirasse o seu numero á sorte e de o deixarem preparar para jogar. Era mais um pretexto para nos incommodar. Sujeitámo-nos á deliberação e o atirador concorreu, como elles queriam, á prova de «seniors». O curioso e talvez vergonhoso do caso, é que os que mais protestaram foram os que estavam em identicas circumstancias do meu companheiro...

—O quê?...

—«Sim, é inexplicavel. Mas que quer?! A desvergonha chega a este ponto. Um d'elles então, presidindo a uma velha associação, nunca devia protestar, porque deve saber o que são regulamentos e estes dão direitos eguaes a todos... Paciencia! Não vale a pena falar mais no caso, que os jornaes já esclareceram e que o meu querido mestre Gonçalves estygmatisou em phrases duras...

—Onde?

—«Na propria occasião e no proprio terreno da prova. Realmente a scena indignou-nos, porque sempre procedemos com lealdade e verificámos que não correspondiam identicamente! Calcule, por exemplo, que sendo o Gymnasio Club, pela bocca dos seus concorrentes, um dos que mais protestou, tinha em 5 inscriptos dois «seniors»! Faça o commentario que quizer...»

Quizemos saber do insigne amador a sua opinião sobre o campeonato de Portugal que tão brilhantemente havia ganho. Recusou-se, com as seguintes palavras:

—«Diga o que quizer. Estou contente porque ganhei sobre os melhores atiradores, entre elles o meu amigo Marciano Beirão, que não sendo da minha sala, merece que o cite como o esgrimista que mais tem progredido nos ultimos tempos e que soube, ha dias, derrotar, brilhante e valorosamente, jogadores de espada de certo merecimento.»

LER A'MANHÃ NA "CAPITAL,,

uma noticia interessante sobre a maneira como os

Francezes preparam a sua mocidade

e que representa uma ligeira conquista dos que em França combatem a Preparação Militar obrigatoria antes de se fazer a Preparação Phisica Obrigatoria.

Tambem publicamos ámanhã uma interessante noticia referente ao

Episodio do 8.º East Surrey

no qual se documenta a extrema bravura e o grande enthusiasmo sportivo d'alguns guerreiros inglezes na offensiva da Picardia.

Depois na nossa secção publicaremos, em artigos seguidos, criticas sobre a

Gymnastica de Ling e o professorado

aproveitando a opportunidade da discussão sobre «Educação Physica».

Notas do dia

Os trabalhos do Sport Lisboa e Bemfica

Emquanto muitas das nossas collectividades sportivas dormem o seu somno «depauperante» de força e de vitalidade, o Sport Lisboa e Bemfica trabalha sempre...

Hontem demos a noticia de que ia construir, no seu campo de Sete Rios, para corresponder á affluencia dos seus associados nadadores, uma piscina.

Hoje damos a noticia de que está elaborando os regulamentos internos e organisação d'uma sala d'armas, entregue a um velho mestre, de comprovada competencia. Assim conhecemos a novidade pelo communicado que temos sobre a nossa meza de trabalho, onde tambem apparece o convite para os socios que desejem fazer esgrima, inscreverem immediatamente o seu nome como alumnos. A secretaria do Bemfica dá os necessarios esclarecimentos.

As «finaes» do campeonato de Water-polo

N'uma festa que o Club Naval promove no proximo domingo em favor da benemerita Cruzada das Mulheres Portuguezas, realisam-se as «finaes» do campeonato de «water-polo», jogando o Club Naval com o Sport Algés e Dáfundo, que á data manteem os primeiros logares, jogando tambem o Sport Lisboa e Bemfica com o Gymnasio Club Portuguez.

São dois desafios dos mais importantes da epocha, que chamarão ao caes grande numero de adeptos.

Ha grande enthusiasmo por estes desafios, havendo já importantes apostas sobre o resultado.

Esta festa começa pela regata da «taça Azambuja», disputada em «outrigers» de 4 remos entre tripulações do Club Naval e da Associação Naval, a qual se realisa na Junqueira ao longo da muralha, depois do que começará o grande certamen nautico no caes da Viscondessa (a Santos) onde, além dos desafios de «water-polo» haverá innumeras corridas de natação, mergulho, etc.

Haverá uma carrida para garotos de jornaes, para a qual o illustre presidente honorario da secção de natação, sr. dr. José de Castro, offerece premios em dinheiro, estando já inscriptos para cima de vinte, cujos nomes ámanhã publicaremos.

Disputam-se tambem os premios offerecidos pelos ministros da guerra e da marinha para corridas de praças da armada e do exercito, havendo tambem uma prova com premios offerecidos pelo Club Naval para os Escoteiros de Lisboa.

O sr. Frederico Burnay, no seu bello «center-board» executará interessantes e vistosas manobras, nas quaes mais uma vez revelará ao publico as suas aptidões na arte de «marear».

A «Taça Trafaria» em espada

Realisa-se n'um dos sabbados da segunda quinzena do mez corrente, o torneio de espada para a «Taça Trafaria». Deve ser um certamen interessante no qual não faltarão concorrentes, pois que a activa direcção do Club Balnear vae fazer convites directos a todas as salas lisbonetas.

O regulamento é egual ao da «Taça Amadora», o que equivale a dizer que o torneio constitue tambem um espectaculo interessante, rapido, movimentado, dando equilibrio entre os atiradores «juniors» e «seniors».

Um campeão do mundo na guerra

Os telegrammas para os jornaes inglezes noticiam que o famoso corredor pedestre, o inglez Arnold Jackson, que ganhou nos Jogos Olympicos de Stockolmo a corrida dos 1:500 metros, foi ferido no Somme.

Os telegrammas seguintes confirmavam que a ferida pela localisação na coxa direita não terá serias consequencias.

Novos projectos da Amadora

Hoje á noite, no Salão de Festas dos Recreios Desportivos da Amadora, antes da lição medica do «Curso de Enfermagem», reune a grande commissão de senhoras, que vae promover as festas athleticas que já annunciámos. De que se trata agora?

D'um grande «gymkhana», com numeros variados e interessantes e terminado com uma imponente surpreza de aerostação.

D'um outro «gymkhana» de patinagem e de um baile ao ar livre, com todo o apparato de uma brilhante «mise-en-scene».

Não descança a Amadora!...

Algumas anedoctas

Não lhe fez proveito...

Um excellente «sportsman», que é tambem um companheiro d'imprensa, foi ha tempos assistir a um almoço inter-clubs.

Doente de estomago, comeu talvez mais do que devia e bebeu—coisa que não devia fazer.

No dia seguinte, o organisador do almoço encontrou-o e perguntou-lhe, com desvanecida curiosidade:

—Então gostaste do almoço?
—Eu não!..
—Ora essa! Porque?
—Porque o vomitei a seguir...

Os grandes records

Nos jogos Scandinavos

Como annunciámos, havemos de promenorisar, minuciosamente, os resultados obtidos nos ultimos jogos Scandinavos. Entretanto, vamos dando as classificações de differentes «sports.» Os resultados da corrida cyclista, que se disputou, n'uma volta ao lago Malar (320 kilometros) foram os seguintes:

«1.º Th. Stryken, norueguez, em 11 horas, 19 minutos e 50 segundos; 2.º Herikson, sueco, em 11 h., 29'49"; 3.º S. Lunberg em 11 h. 34'33"; 4.º Bjork em 11 h. 54'01"; 5.º E. Westberg em 12 h. 04'35", 6.º R. Carlsonn em 12 h. 04'35".

A mesmo prova foi ganha em 1912 pelo sul-africano Lewis em 10 horas 42'39".

O primeiro francez na mesmo prova gastou 11 h, 54'.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sport athletas do S. L. B.

No proximo domingo continuam a disputar-se, no campo de Sete Rios, os «sports atleticos» do Sport Lisboa e Bemfica. A animação é grande e justifica-se pelo enthusiasmo, que despertaram as provas do ultimo domingo.

Recreios de Carcavellos

Fecha ámanhã a inscripção de concorrentes para o grande torneio de «tennis», que vae realisar-se nos «courts» dos Recreios de Carcavellos, e em que será disputada a Taça Recreios de Carcavellos. N'este torneio, que no anno passado foi concorrido por alguns dos nossos melhores tennistas, a «taça» receberá a inscripção do nome do vencedor e será conferida definitivamente a quem a ganhar em tres annos. Além d'isso, o vencedor e o segundo classificado receberão como premios objectos de arte.

A inscripção está patente no Salão Sport, rua Aurea, e na séde dos Recreios Desportivos, em Carcavellos.

O torneio de «juniors» deve terminar no proximo domingo. Teem continuado com animação os encontros, que teem sido numerosissimos, pois foram 34 os tennistas inscriptos.

Associação de Foot-ball de Lisboa

Communicações officiaes.—Reune hoje ás 21 horas, na séde da Associação, travessa da Gloria, 22-A, 2.º, a assembleia geral extraordinaria para preenchimento de dois cargos vagos de fiscaes de contas.

Gymnasio Club Portuguez

E' na proxima sexta-feira, pelas 21 horas, que os corpos gerentes eleitos na assembleia do dia 5, tomam posse dos respectivos cargos.

Consta que a actual direcção, composta dos srs. dr. Carlos Grapho, João Formosinho, A. de Campos Junior, José Formosinho e Humberto Caldas, e que foi reeleita, tem um programma vastissimo de trabalhos, tendentes a desenvolver o seu Club e fazem uma propaganda intensa dos varios ramos de «sporte».

Oxalá a direcção faça tudo quanto pensa. Na passada epoca é certo que realisou todo o seu programma.

Teremos Congresso no Porto? Faz-se a parada de gymnastica? Ainda não sabemos, mas brevemente daremos noticias detalhadas d'aquillo que a actual direcção se propõe effectuar.

Festas populares

Em Alemquer

Realisam-se nos dias 12, 13 e 14 as tradicionaes festas a Nossa Senhora da Conceição na capella de Santa Catharina.

O programma dos festejos é o seguinte: Dia 12 ás 21 horas, abertura da «kermesse», concerto por uma banda e illuminações a electricidade.

Dia 13 ás 13 horas, missa a grande instrumental, sob a regencia do maestro Carlos Araujo, de Lisboa, o sermão; ás 15, bodo aos pobres e concerto por uma das bandas; ás 17, corrida de touros em que tomam parte os seguintes amadores: Cavalleiros, srs. João Silva e Artur Ferreira da Silva; bandarilheiros: srs. D. Antonio, D. Carlos e D. João Mascarenhas, D. Pedro de Bragança, Antonio Cruz, Francisco Froes e outros amadores de Alemquer e Cadafae; ás 21, «kermesse,» concerto, illuminações.

Dia 14 ás 16 horas, concerto e ás 17 corrida de touros.

A ornamentação do arraial é feita por um grupo de operarios da fabrica da Romeira.

A provincia n'A CAPITAL

COLLARES, 7.—Promettem ser brilhantes os festejos nos proximos dias 13, 14 e 15. No domingo e segunda feira, arraial, musica e «kermesse;» á noite vistosas illuminações no largo da egreja e ruas contiguas. No dia 15, as mesmas diversões e festividade na egreja matriz.

E' grande o numero de familias veraneantes. Poucas casas estão vagas.

PRAIA DA ROCHA, 7.—Esta semana teem chegado aqui muitas familias. Tambem chegaram os srs. Antonio Teixeira Biker, Alfredo Magalhães, que tinha ido fazer uso das aguas da Curia e Vidago. No proximo domingo abre o casino, tendo como empresario o sr. Henrique Biker de Gusmão, que é infatigavel, fazendo todos os esforços para proporcionar aos banhistas que costumam vir passar a epoca balnear a esta praia, todos os confortos e distracções.

«Os peores e mais terriveis horrores nos estavam reservados nas margens do Euphrates na planicie de Erzindjan. Os corpos mutilados de mulheres, raparigas e creancinhas faziam estremecer de horror. Os bandidos commettiam toda a especie de attentados nas mulheres e raparigas que iam comnosco e cujos gritos se elevavam para o céu. No Euphrates os bandidos e os gendarmes lançaram ao rio todas as creanças que ainda restavam de edade superior a quinze annos. Os que sabiam nadar eram espingardeados quando luctavam com a corrente».

Poucos deportados, realmente, que chegaram a Erzindjan, sahiram vivos d'esse ponto ou chegaram a Kharput, porque exactamente abaixo de Erzindjan o Euphrates corre no fundo desfiladeiro de Kamakh Boghaz, um local indicado para a carnificina em massa.

O unico crime por que as duas enfermeiras dinamarquezas a que já nos referimos foram expulsas do hospital da Cruz Vermelha allemã em Erzindjan foi o de terem protegido muitas creanças pertencentes a uma das levas de Baibourt, que estava a caminho para essas terriveis margens.

As mulheres d'essa leva, quando as dinamarquezas as viram, estavam loucas de terror. «Salvem-nos —bradavam ellas—Seremos turcas, allemãs ou o que quizerem, mas salvem-nos. Levam-nos para Kamakh Boghaz para nos cortarem o pescoço».

Poucos dias antes, quando a primeira leva de deportados de Erzindjan mesmo, entrára no desfiladeiro de Kamakh Boghaz, as tribus kurdas tinham subitamente cahido sobre ellas pelos flancos, das elevações d'um e d'outro lado, e quando a multidão, cheia de terror, voltára costas e tentava fugir pelo caminho por onde tinha vindo, foi fuzilada pelos gendarmes que vinham na retaguarda.

A historia da carnificina foi contada por duas professoras armenias, que sobreviveram, ás enfermeiras dinamarquezas e a noticia da sua terrivel sorte chegára ao conhecimento das outras levas que iam em caminho. Disseram essas dinamarquezas que, habitualmente, amarravam as mãos das victimas atraz das costas e lançavam-nas assim ao rio.

«Esse methodo era empregado quando o numero era demasiado grande para ser morto d'outro modo.»

Os soffrimentos d'esses deportados nas montanhas eram inenarraveis emquanto duravam, mas póde duvidar-se de que a sua miseria fôsse maior do que a das grandes massas de deportados que foram levados por comboio, do noroeste.

Eram industriaes e commerciantes de Constantinopla e das cercanias —em Constantinopla o governo fez um registo dos armenios nascidos na cidade e o dos nascidos na provincia, deportando estes ultimos— seminaristas do collegio gregoriano em Armacha, negociantes das cidades provincianas prosperas, como Adapazar no districto de Ismid, e de camponezes das aldeias de Isnik. Homens, mulheres e creanças, os recem-nascidos e os doentes, foram amontoados em vagons de gado e mandados para sudeste pela linha ferrea da Anatolia.

O caminho de ferro ficou d'um momento para o outro congestionado com a onda de deportados que affluia de cada bairro e com a passagem de tropas em sentido contrario, as quaes voltavam da Syria para defender os Dardanellos.

Os comboios dos deportados ficavam dias e dias nas «gares» de resguardo e em localidades mais importantes do percurso—como, por exemplo, Afiun Kara Hissar, no planalto da Anatolia, ou Konia, no centro do Taurus—ficavam ao ar livre, sem resguardo algum, esperando a vez de seguirem viagem, e isso na estação mais inclemente do anno, porque as deportações do noroeste não começaram em junho e julho, como as de leste, mas sim em agosto e setembro, pelo que os deportados soffreram todas as in-

Tinham de se munir de fato e de provisões, assim como levar dinheiro para renovar o seu fornecimento, mas as auctoridades puzeram embargos á venda dos seus bens. As suas propriedades—tal era o fingimento!—seriam administradas e para elles conservadas para quando voltassem, podendo, portanto, ao partir, levar apenas uma pequena quantia.

Mas, mesmo quando lhes era permittido vender, pouco dinheiro conseguiam fazer, porque os seus visinhos musulmanos só por baixo preço compravam, aproveitando assim a occasião.

Assim, por exemplo, machinas de costura eram vendidas por alguns tostões nas ruas, e muitas vezes, antes mesmo de partirem, os deportados viam os outros bens que não lhes fôra permittido vender e de que o governo se encarregára—casas, campos e arvores de fructo—serem dados aos «mouhadjirs» musulmanos recem-chegados.

Em Trebizonde, a gendarmeria começou a appôr sellos nas casas e em tudo quanto dentro d'ellas estava, mas apoz ella foi uma turba de musulmanos, que se precipitou n'essas casas e roubou a maior parte dos bens moveis, com a connivencia dos gendarmes. N'algumas cidades os bairros armenios foram incendiados.

Tal foi o espectaculo que os deportados armenios contemplaram no dia em que iniciaram a sua marcha. Foram mandados em levas que variavam de quatrocentos ou quinhentos individuos a quatro ou cinco mil, sob a escolta de destacamentos de gendarmes, começando desde esse momento as suas provações.

Foram maltratados pelos camponezes turcos quando passavam nos campos e quando chegavam a uma aldeia eram expostos n'alguma praça publica, geralmente em frente do edificio das repartições publicas, para que os aldeãos musulmanos, ricos e pobres, pudessem fazer a sua escolha entre as mulheres, rapazes e raparigas mais graciosas.

As aldeias por onde passavam os exilados ficavam cheias de escravos armenios. Foram vistos pelos viajantes estrangeiros que atravessaram essas aldeias quando se dirigiam para fóra da Turquia, e um resto d'esses infelizes foram, felizmente, salvos pelas tropas russas, nos districtos libertados durante o avanço do gran-duque.

Foram ainda mais felizes do que as suas companheiras que não excitaram a cobiça dos camponezes, porque estas ficaram nas mãos dos gendarmes. Eram por estes obrigadas a dormir com elles á noite e reservadas para os horrores que esperavam as levas nos ultimos estagios da jornada.

Entretanto o seu numero ia diminuindo, devido á exhaustão physica, assim como á brutalidade dos homens á mercê dos quaes estavam. O governo fingiu cuidar do seu transporte e n'alguns casos um carro de bois—«araba», como se chama em turco—foi encommendado para cada familia deportada.

Mas os conductores e proprietarios dos carros não tinham intenção de fazer essa peregrinação de centenas de kilometros. Podiam contar com a boa vontade dos gendarmes e quando se recusavam a ir mais longe, como invariavelmente faziam depois das primeiras pequenas «étapes», não eram obrigados a continuar e os armenios tinham de seguir a pé.

Onde o governo se não deu ao cuidado de fingir tomar tal medida, os armenios que eram ricos alugavam carros ou animaes de carga por preços exorbitantes, emquanto as familias que tinham um carro ou um animal propriedade sua os levavam para a jornada. Mas eram-lhes tirados pelos gendarmes a uma distancia maior ou menor do ponto de partida, ás vezes por pura maldade, como se deu com os aldeãos de Shar, nas montanhas da Cilicia, que levaram as mulas e os carros de bois que possuiam ao marcharem para a planicie, mas que, propositadamente, foram levados por uma vereda da montanha de modo a ter de pôl-os de lado. [illegible]

Colyseu dos Recreios

O «film» das manobras de Tancos

O Colyseu dos Recreios apresentando amanhã o «film» admiravel dos exercicios da divisão de Tancos e a Parada de Montalvo satisfaz por completo á anciedade do publico. Jamais se apresentou entre nós uma pelicula tão completa e tão perfeita e em que os exercicios militares podem ser apreciados nos seus menores detalhes.

Depois a Parada Militar com os seus 20.000 homens, o chefe do Estado, governo, corpo diplomatico e enviados militares estrangeiros, constitue um empolgante quadro que ninguem deixará de ver. Vae o Colyseu ter amanhã duas das suas maiores e mais collossaes enchentes e o publico de Lisboa vae ter occasião de assistir ao espectaculo cinematographico mais perfeito e de maior actualidade que se podia apresentar.

O exito do «film» é absolutamente seguro não só pela natureza do assumpto como pela nitidez e perfeição da execução. A pedido e por especial consideração pela familia do malogrado alferes Pinto de França a empreza mandou cortar da fita o episodio do desastre que causou a morte d'aquelle valente official.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil—Reune hoje, pelas 21 horas, a commissão de propaganda, podendo assistir á sessão os representantes geraes ou delegados que se encontrem em *Lisbôa*.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Germinal—Sahiu o numero 7 d'este mensario dedicado aos trabalhadores e que é superiormente dirigido por Emilio Costa. Muito interessante, como de costume, e com escolhida e variada collaboração.

vezes acontecia isso mais por cobiça dos gendarmes.

Estes vendiam os animaes e os carros dos armenios aos turcos ao longo do caminho, assim como se apoderavam de tudo o que era dos armenios para o venderem.

Uma leva tinha de atravessar um affluente do Euphrates na marcha para Aleppo. Os gendarmes ordenaram ás mulheres que se despissem e atravessassem a corrente, o que ellas fizeram, dando umas as mãos ás outras, emquanto os gendarmes, com os carros, os animaes e os vestidos ficavam na outra margem.

Mas depois das mulheres terem atravessado, os gendarmes recusaram-se a restituir-lhes os vestidos e ellas tiveram de continuar a jornada núas.

Não foi essa a unica leva a quem tal succedeu e muitas chegaram a Aleppo n'essas condições, algumas indo a pé, as mulheres semi-mortas de vergonha, outras vezes amontoadas em vagons do caminho de ferro no ultimo estagio da jornada. A turba-multa musulmana de Aleppo amontoava-se na «gare» e cobria de chufas as mulheres armenias á medida que eram tiradas núas dos vagons.

As que chegaram ao fim da jornada eram apenas parte das que se tinham posto a caminho, porque em cada dia que decorria mais e mais morriam exhaustas no caminho. A maior parte d'ellas eram da população das cidades, não affeitas a fadigas physicas e muitas eram de classes que gosavam de certa abastança—esposas e filhas de operarios, negociantes, industriaes, advogados, professores e medicos—mulheres tão delicadas e tão habituadas ao conforto como as suas eguaes da Europa e da America.

Essas mulheres iam sendo arrastadas dia apoz dia, em longas caminhadas por um paiz difficil, a pé, carregadas, por veredas da montanha, bivacando á noite em terreno escalvado nos suburbios de aldeias inimigas.

Era no verão e só a sêde era já de per si uma tortura intoleravel. Em todas as narrativas das victimas ha referencias a essa sêde. Caminhavam horas e horas sem encontrar gôta d'agua e quando chegavam a alguma torrente ou nascente os gendarmes divertiam-se prohibindo que se fizesse alto ou só permittiam que bebessem depois de lhes extorquirem mais alguma coisa do pouco que lhes restava.

Era uma provação a que teriam com difficuldade resistido soldados experimentados e essas mulheres armenias não estavam em condições de a supportar.

Os casos mais dignos de lastima eram as mulheres prestes a ser mães, porque nas levas iam mulheres em todos os graus de gravidez. Essas desgraçadas arrastavam-se conforme podiam e quando, provocada talvez pelo excesso de fadiga, chegava a sua hora, n'uma occasião de descanço ou mesmo em marcha a creança vinha ao mundo.

Quando tal succedia, um guarda ficava para traz com a mulher que acabava de dar á luz e, apoz algumas horas de repouso, ella era obrigada a ir juntar-se á leva em marcha. Conta-se o caso d'um gendarme compadecido, que impediu que os seus compatriotas fizessem mal á parturiente, trouxe-lhe agua e arranjou um animal para n'elle a levar.

Mas a maior parte das narrativas descrevem scenas completamente oppostas: a creança abandonada á beira da estrada ou debaixo de uma moita, e a mulher obrigada a seguir jornada, indo cahir morta a alguns metros do logar onde tivera a «délivrance», devido á hemorrhagia que sobrevinha.

Houve neutraes que residiam em uma cidade por onde passaram muitas d'essas levas, que se dirigiram ao local onde os deportados acampavam e tentaram salvar essas mães e seus filhos, mas muitas vezes eram conservados a distancia pelos gendarmes e mesmo quando conseguiam trazer mãe e filho para o seu hospital na cidade era geral-

mente tarde de mais para lhes salvar a vida.

As peores provações eram as das ultimas levas a sahir d'uma dada cidade, porque os caminhos que tinham de seguir estavam cheios de cadaveres dos seus companheiros que tinham ido na frente—cadaveres geralmente irreconheciveis, é facto, tal a corrupção e a obra das aves carnivoras.

O peior tracto de todos era a estrada entre Ourfa e Aleppo, o ultimo estagio da marcha de muitas levas que convergiam para ali do norte. Muitos viajantes neutraes e armenios descreveram como essa estrada estava cheia de cadaveres d'um a outro extremo, os troncos ligeiramente cobertos de terra, as extremidades apodrecendo e roidas pelos cães. Eram em parte as victimas da fadiga, da fome, da sêde e da doença, mas eram tambem as victimas da violencia humana.

A crueldade dos camponezes musulmanos nas terras cultivadas nada era comparada com a crueldade dos kurdos e dos bandos de «chetti» nas montanhas, e os gendarmes, cujo dever era proteger os deportados, fraternizaram sempre com os ladrões e augmentaram as suas atrocidades com as que elles proprios praticaram.

Temos a tal respeito a narrativa d'uma senhora armenia, que sahiu na terceira leva de deportados de Baibourt, localidade onde as perseguições começaram com o enforcamento do bispo e de sete notaveis armenios, seguindo-se a usual carnificina dos homens validos, antes da deportação ser iniciada.

Essa senhora era uma viuva rica e o commandante turco em Baibourt estava alojado em sua casa desde o começo da guerra e aconselhou-a a que ficasse, sob a sua protecção.

Mas ella recusou-se a separar-se dos da sua raça e sahiu com sua velha mãe e sua pequena filha, de 8 annos de idade, levando trez bestas de carga com provisões. Na sua narrativa diz ella:

«Estavamos apenas a duas horas de distancia de casa, quando bandos de aldeãos e de ladrões nos cercaram na estrada e nos roubaram tudo quanto tinhamos. Os gendarmes tiraram-me os meus cavallos e venderam-nos aos «mouhadjirs» turcos. Tiraram-me o dinheiro e as joias de ouro do pescoço de minha filha, assim como todos os nossos generos de alimentação.

«Depois d'isso, afastaram os homens, um a um, e mataram-nos todos dentro de seis ou sete dias—todos os que tinham edade superior a quinze annos. A meu lado foram mortos dois padres, um d'elles de mais de noventa annos.

«Os bandidos apoderaram-se das mulheres mais bonitas e levaram-nos nos seus cavallos. Muitas mulheres e raparigas foram assim levadas para as montanhas, entre ellas minha irmã, cujo filho d'um anno de edade lhe tiraram—um turco pegou n'elle e levou-o não sei para onde.

«Minha mãe caminhou até não poder mais e deixou-se cahir á beira do caminho, no cume d'uma montanha, para ali ficando moribunda. Achámos no caminho muitos dos que tinham sahido de Baibourt nas primeiras levas. Havia mulheres entre os mortos, com seus maridos e filhos. Atravessámos tambem por entre velhos e creancinhas, ainda vivos, mas n'um estado lamentoso, tendo até já perdido o uso da voz.»

«Nas montanhas e nas profundezas dos valles, grande numero de velhos e de creanças—escreve um outro sobrevivente da mesma leva—jaziam por terra».

A senhora a cuja narrativa nos estamos referindo continúa:

«Não nos era permittido dormir á noite nas aldeias, mas sim fóra d'ellas. A coberto da escuridão, terriveis feitos eram commettidos pelos gendarmes, bandidos e aldeãos. Muitas de nós morreram de fome e de ataques de apoplexia. Outras eram deixadas á beira do caminho, tão fracas que não podiam continuar a marchar...»

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2151—7.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 10 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

O PACTO DE LONDRES

A questão do pacto de Londres continua a interessar o espirito publico, e pelas opiniões que se expressam na imprensa chega-se á conclusão de que todos desejariam que Portugal firmasse esse documento internacional, embora uns entendam que essa assignatura é indispensavel e outros declarem que não reputam de essencial importancia essa assignatura.

O «Seculo» diz hoje que seria melhor que Portugal tivesse assignado o pacto de Londres e, declarando, todavia, que essa assignatura não tem agora grande opportunidade, accrescenta que a questão não está liquidada, podendo ainda reconhecer-se a conveniencia e absoluta necessidade de o assignar. Por seu lado, o «Mundo», entendendo tambem que póde ser dispensada a assignatura em questão, consigna egualmente que as negociações se não fecharam, e que poderão realisar-se algumas vantagens d'ahi nos seja licito esperar. Quando assim fallam os que não presumem que tenha para nós graves consequencias a falta da assignatura de Portugal no pacto de que se trata, como pensarão os que se sentem affectados pela falta da assignatura portugueza n'esse diploma que, diga-se o que se disser, é o mais importante que a diplomacia dos alliados lavrou depois da guerra?

A prova de que seria altamente desejavel que Portugal firmasse esse pacto está na impressão que o facto d'elle o não ter firmado, produziu na opinião nacional. Se outra razão não houvesse, esta mesma seria sufficiente. E' preciso contar com a sensibilidade dos povos, e a nossa,—para que negal-o?—sentiu-se ferida com a idéa de que Portugal só pareça entrar como uma parte accessoria no conjuncto das nações que se encontram ligadas para combater o inimigo commum.

Portugal faz a guerra como alliado da Inglaterra, mas tambem a faz em seu proprio nome. E' preciso não esquecer que a Allemanha lhe declarou a guerra, e que por isso, integrado n'uma causa commum, o nosso paiz nem por isso deixa de ter um conflicto que lhe é particular. Por isso mesmo, embora o facto de ser representado pela sua alliada não lhe seja de modo algum desagradavel, não é menos certo que, n'este caso, o nosso paiz se encontra nas mesmas condições que a Russia, a Inglaterra, a França, o Japão, que é tambem um alliado da Inglaterra, e a Italia, que firmou esse pacto, um anno depois d'elle se ter formulado, e sem ainda mesmo n'este momento se encontrar em guerra com a Allemanha.

Quando outras consequencias não possam surgir da ausencia da nossa assignatura no pacto de Londres, a impressão de desgosto que esta falta falla produz na opinião publica, e que ninguem consegue dissimular, bastaria para tornar o facto lastimavel. Portugal tem feito de boa vontade tudo quanto tem sido necessario para affirmar a sua dedicação pela causa dos alliados, a sua lealdade para com a Inglaterra, cuja alliança mais do que nunca presa.

As proprias declarações governamentaes dizem que as negociações não estão fechadas. Affirmou-se no parlamento que este assumpto fôra um dos mais zelosamente tratados pelos dois illustres ministros que foram a Londres e a Paris. Desnecessario se nos affigura portanto insistir sobre a importancia d'um facto que tanto interessou a attenção do governo, que não menos manifestamente interessa o parlamento, que é debatido na imprensa e que evidentemente commove a opinião que ainda antes da ida dos srs. drs. Affonso Costa e Augusto Soares ao estrangeiro, já reclamava a inclusão de Portugal no pacto de Londres. Visto que é ainda possivel tratar da questão, affigura-se-nos que não haverá ninguem, zeloso dos interesses e do brio da nação, que não deseje que ella seja novamente travada, acabando-se por satisfazer o desejo unanime da nação.

OS GRANDES ESTADISTAS

VENIZELOS, UM HOMEM HONESTO

Como Joseph Reinach traça o perfil do illustre cretense

Não pretendo traçar aqui a vida publica de Venizelos, nem sequer esboçal-a, porque ser-me-hia preciso falar não só da sua Creta natal e da Grecia, desde que lá entrou, como tambem dos negocios da peninsula dos Balkans e dos da Europa, que apenas muito arbitrariamente se pódem separar d'elles. Desejaria, porém, tentar mostrar qual é, de todas as qualidades e de todas as virtudes d'este homem de Estado, a que mais contribuiu para dar á sua figura um relevo excepcional: é um homem honesto.

Comprehendem que com isto não quero dizer que tantos outros homens politicos que teem passado pelas cadeiras do poder e que teem prestado eminentes serviços ao seu partido e ao seu paiz não hajam sido pessoas honestas. Muito pelo contrario, estou convencido de que a probidade, propriamente dita, dos homens publicos é cousa assaz geral. São raros, no fim de contas, os que trataram dos seus proprios negocios, conduzindo bem ou mal os do Estado. Mas, tendo vivido muito na Historia e havendo conhecido um avultado numero de politicos, de ha muitissimos annos a esta parte, fiquei com a impressão de que a famosa theoria das duas moraes, que suscitou tantos escandalos quando o sr. Nisard fez d'ellas uma especie de apologia, corresponde á realidade das cousas e que é a origem do descredito que ameaça ferir a politica.

Acostumámo-nos, com effeito, á idéa de que actos e processos que, na vida particular, se considerariam deshonrosos ou, pelo menos, deploraveis, são na vida politica inseparaveis do exito; e que, d'este modo, um homem politico, quando diz o contrario do que pensa, quando procede em opposição com os seus proprios principios, quando lisonjeia a multidão e as assembléas, quando promette o que não póde sustentar, quando faz concessões para obter um mandato, para subir ao poder e lá se conservar, quando entra em accordos com os inimigos do bem publico, quando deixa de pé os abusos que poderia destruir ou abalar, quando fecha os olhos ao mal e inclina perante o interesse momentaneo do seu partido o interesse geral que abertamente reconheceu,—esse homem publico não diverge do comediante que se caracterisa antes de entrar em scena.

Não custará muito demonstrar que proceder de modo diverso é cousa mais difficil. Desde que não haja a preoccupação dos desgostos que póde provocar a lealdade e dos odios e rancores que se accumulam, quer nos soberanos de cima quer nos de baixo, quando os não lisonjeiam, e nos partidos, nas «coteries» e nos syndicatos quando se lhes contrariam os appetites, corre-se o grande risco—o que é por demais notorio—de se cortar uma carreira que opportunas concessões permittiriam illustrar e que até utilisaria a boas e justas causas. Tornar-se pequeno é uma sciencia que convem a quem quizer, depois, expandir-se em toda a sua grandeza. «Per angusta ad augusta». Não ha duvidas sobre isso. Mas não é menos certo que é d'esta arte que se deshonra a politica no espirito dos povos, pois que a collectividade possue a sua alma, que não é a somma das consciencias individuaes e que permanece honesta, ou, peor ainda, que se arruina o moral do paiz.

D'essas mentiras, d'essas baixezas, d'essas fealdades, d'essas vilanias, é mister que chegue um dia em que, denominando-as pelos seus proprios nomes, deixe de se dizer, á maneira de desculpa: «é politica...»

* * *

Ora Venizelos, através de todos os vendavaes d'uma época singularmente agitada e perturbada, e contra ventos e marés, não só se esforçou, com uma pertinacia infatigavel, por tornar mais prospera a sua patria, maior e mais poderosa, como ainda por dirigil-a e leval-a, com o seu proprio exemplo, para um estadio mais elevado de probidade publica. Todas as provincias com que augmentou a Grecia, todas aquellas que lhe teria juntado, se houvesse proseguido no poder, seriam pouca cousa em comparação do progresso moral que quiz realisar, se elle se realisa.

Na vespera das eleições de 11 de dezembro de 1910, Venizelos, sendo primeiro ministro, exprime-se assim n'uma profissão de fé que se dirige, muito para além das fronteiras do seu circulo eleitoral, a todo o reino:

«Não prometto que, d'um dia para o outro, o governo inaugurará a idade de oiro; pois que a doença foi grave, o tratamento será demorado; o que prometto é que o tratamento será sério, radical. O primeiro dever d'um homem politico consiste em sacrificar o seu interesse pessoal e o do seu partido ao interesse geral da patria. E' do seu dever, egualmente, dizer sempre a verdade aos grandes e aos pequenos, sem se inquietar com o descontentamento que assim póde produzir. Os chefes devem dar o exemplo da completa submissão ás leis. Se tal não succedesse, como imporiam elles o respeito das mesmas leis a todos os cidadãos? Eis o meu principio fundamental... O homem de Estado deve procurar o poder não como um fim, mas como o meio de realisar um fim elevado e patriotico. Não hesitará, pois, em abandonal-o, se a sua conservação á frente do governo dever ser comprada com o abandono do seu programma.»

Dir-se-ha que muitos outros homens politicos proclamaram intenções não menos puras e que, pelo menos, fizeram o raciocinio de que os eleitores nem sempre se deixam captar pela promessa do millenario e pela de privilegios e favores? Mas quantos são os que confirmaram escrupulosamente os seus actos com as suas palavras? Elle é um exemplo. Foi até a censura que uns e outros lhe dirigiram com mais frequencia. «Havereis servido melhor, dizem-lhe uns, a causa dos servios e a dos alliados, e assim a da Grecia, ficando no poder, embora para exercer a neutralidade.» E os outros: «Que necessidade tinheis de dizer que a guerra contra os bulgaros podia conduzir-vos á guerra contra os imperios germanicos e os turcos?»

Venizelos estima o poder, não pelos seus mesquinhos gosos, mas como uma das duas grandes alavancas com as quaes se levanta o mundo. E não é o espirito de finura que lhe falta. Mas Venizelos quiz continuar a ser apenas Venizelos e conseguiu-o. O seu caracter mantem-se integro, a sua significação intacta. O homem honesto não mente. O homem honesto não lisonjeia. O homem honesto não recorre a artimanhas. O homem honesto não entra em compromissos. O homem honesto diz tudo o que pensa. Eis Venizelos, homem publico.

Os que ainda não comprehendem que esta guerra que desola o mundo o revolve até os seus fundamentos para uma revolução mais profunda que todas as outras e para uma ascensão no sentido d'um ideal superior da humanidade, esses não são dignos de haver sido actores ou testemunhas de tão grandes acontecimentos. Vendo claro n'esse futuro melhor, Venizelos já lhe pertence. Tal o motivo porque está menos longe talvez do que se pensa o dia em que os povos considerarão absurdo conferir o poder a um homem que não passa de um orador ou d'um tenor. Venizelos não é, porém, só um grande orador. Tem qualidades d'outro quilate: o caracter e a lealdade impeccavel, o saber e a experiencia dos homens, a clarividencia civica, o pensamento sempre dominante da patria.

JOSEPH REINACH

TERRAS DE PORTUGAL

As minas de ferro de Alvito

Poderá installar-se em Portugal a industria dos altos fornos

ALVITO, 9.—Procuro não perder nem uma palavra das que mr. Beau, com a sua fleugma e com uma clareza inexcedivel vae proferindo. Que me importa a mim que lá fóra o sol rechine e que as cristas verde negras das azinheiras me appareçam como quediademadas de prata fundida? Aqui n'este aposento elegante com retratos pelo friso do *lambris*, com uma grande chaminé para as noites de inverno e com illustrações que trazem até nós toda a tragedia que se desenrola por esse mundo, continúa a haver repoiso e frescura. E o director da mina do Alvito, tragando, como eu, aos golos, um copo de cerveja cor d'oiro, prosegue:

—Para o anno devemos ter aqui mais de 200.000 toneladas de minerio. Já é alguma coisa. Não julgo, porém, que seja um mal isso. E' que, antes da guerra, era a França que exportava mais ferro, extrahindo-o, sobretudo, da região de Brieux. Os allemães, como se sabe, estão de posse d'essa região. Estão senhores, portanto, dos melhores jazigos de ferro da França e do mundo. Exploral-os-hão? Com certeza. E como? Não tenho duvidas nenhumas a tal respeito. A região de Brieux deve estar a saque. As suas minas soffrem, indubitavelmente, desde que rebentou a guerra, os effeitos d'uma exploração sem methodo, que as deve deixar arruinadas. Feita a paz, e regressadas essas mesmas minas á posse dos francezes, será preciso um trabalho insano para as reorganisar. Calculo, por isso, que as minas de Brieux não podem entrar n'um periodo de actividade regular e normal antes de 1919. A falta de ferro, a seguir á guerra, ha de ser por isso grande. Por outro lado, o consumo de ferro fundido será tambem enorme. O que deve, n'esse caso succeder? Isto: os paizes que, como Portugal, possuirem esse metal, collocal-o-hão facilmente em condições muito superiores ás do mercado actual. Será a lei da offerta e da procura a verificar-se mais uma vez!

—D'onde se conclue que teimar é sempre uma grande virtude.

—*C'est come* ça!—replica-me, com um vago sorriso a aflorar-lhe nos labios, mr. Paul Beau.

Mudamos um pouco de assumpto. E, quasi á queima roupa, pergunto ao technico distinctissimo que o acaso me deparou em plena charneca alemtejana, o que pensa da instituição da industria do ferro em Portugal.

—E' conforme, responde-me elle. O fabrico do ferro tem de ser barato. Só assim o paiz que o tentar poderá luctar com a concorrencia esmagadora da Inglaterra, da Allemanha e dos Estados Unidos. Assim, só os paizes que possuirem em certa abundancia a materia prima e o combustivel podem lançar-se no fabrico do chamado ferro commercial. Os outros não. Esses não podem sustentar fundições em alta escala. E' o que nos diz a experiencia. Bem sei que a Italia, não tendo combustivel, tem a industria dos altos fornos. Não fabrica, porém, a barra de ferro vulgar. Lançou-se exclusivamente na preparação dos aços finos destinados ás suas construcções navaes e ao seu material de guerra. Conta Portugal, porventura, dar um grande impulso aos seus estaleiros maritimos e ás suas fabricas de armas. Se conta, bem está que installe os altos fornos. Se não conta, parece-me que tem toda a conveniencia em não pensar n'isso.

—E os outros aços?

—São muito mais baratos. Uma tonelada de carris, por exemplo, valia, d'antes 180 francos; uma tonelada de aço em obra 900 francos. Pois sabe qual era o valor de egual quantidade de aço para canhões? Mil e quinhentos francos. Ahi está porque me parece que a industria do ferro, nos paizes que não dispõem de combustivel, só pode e deve montar-se desde que haja quem consuma abundantemente os aços finos e caros. E a má vontade dos paizes que presentemente manteem como que o monopolio da siderurgia? E' conveniente contar com ella. Sabe o que aconteceu á China? Lá não faltam nem o ferro nem o carvão. Entretanto todas as tentivas feitas e é agora para se introduzir a industria do ferro n'esse paiz teem falhado. Porquê? Simplesmente por as nações productoras de aços e de ferros não terem visto nunca com bons olhos que na China se montassem altos fornos. Em regra, um paiz que não tem combustivel não pode manter industrias que dependam d'esse mesmo combustivel.

—Mas ha ainda as quedas d'agua...

—Ha. A verdade é que o seu paiz não as aproveitou até agora, deixando de seguir o exemplo d'aquelles paizes que, por meio d'ellas, teem supprido a falta de carvão. Com as quedas d'agua cria-se a energia electrica. Existem em Portugal jazigos de hulha, como os do Cabo Mondego, que não servem para a metallurgia. Servem, porém, para a producção de energia electrica. Em principio, todo o combustivel pode applicar-se indirectamente, muito principalmente depois de se haver descoberto o meio de transportar a electricidade a grandes distancias sem perdas demasiado sensiveis. No sul da França, por exemplo, o combustivel rareava, o que não só tornava mais cara a industria dos transportes como a collocava na dependencia do estrangeiro. Sabe o que fizeram os proprietarios de muitas linhas ferreas? Electrificaram-nas, aproveitando os recursos naturaes da região.

Sobre a installação no nosso paiz da industria dos altos fornos, em que tanto se tem falado nos ultimos tempos, são estas as opiniões mais salientes de mr. Paul Beau. Acceitaveis, seguras, logicas, certas? Os technicos que o digam. Creio, porém, que o bom senso que as inspira é manifesto e que tornal-as conhecidas é contribuir para o esclarecimento de um problema que não pode ser atacado de animo leve e impensadamente.

—Como se extrae o ferro dos pedregulhos que o conteem?—pergunto ainda a mr. Beau.

—O minerio que ali viu, em altas montanhas, quando chegou, contem oxigenio e algumas impurezas, principalmente silica. Uma vez na fabrica, o minerio vae directamente para o alto forno, misturado com coke e calcareo. O coke queima-se no oxigenio; e o calcareo, misturado com a silica e com as impurezas terrosas, faz o *laitier*, que é uma especie de pedra liquida, muito mais leve que o ferro fundido. No fundo do alto forno ha o *creuset*, onde cahem o ferro fundido e o *laitier*. Na parte superior do *creuset* ha um buraco que dá sahida ao *laitier*. No fundo do mesmo *creuset* ha outro buraco, tapado com barro, que o *chef-fondeur* abre de vez em quando, subindo por elle o ferro fundido, como o fogo d'uma fonte ignea e incandescente. O ferro é então recolhido em formas e a operação termina.

Nada mais facil, por esta simples narrativa de mr. Beau do que reduzir a ferro maleavel os calhaus que pesam arrobas, que formam as montanhas de minerio existentes a curta distancia do sitio onde me encontro. Para se chegar todavia a esta facilidade extrema, quantas canceiras de sabios, quantas desillusões de obstinados e quantas amarguras de visionarios não terão sido precisas? De resto, é tudo assim. A mais simples conquista no caminho da civilisação e do progresso custa mundos de fadigas e queima, antes de se tornar realidade, os cerebros mais poderosos e os corações de mais regular funccionamento.

ADELINO MENDES

"O Algarve e Setubal,,

Uma chronica de Guedes d'Oliveira sobre o livro do nosso camarada Adelino Mendes

No «Primeiro de Janeiro», o grande jornal portuense, Guedes de Oliveira, o chronista illustre que os leitores da «Capital» tão bem conhecem, escreveu, a proposito do livro «O Algarve e Setubal», do nosso camarada Adelino Mendes, o seguinte:

Aqui para o norte, pelo menos, toda a gente ou quasi toda tem uma longinqua ideia de que o Algarve é aquella vaga provincia quente, fecunda e feliz que Deus nos concedeu para a cultura do figo. A gente diz: o figo do Algarve, como diz: a muxelha de Arouca, a frigideira de Braga ou o pão de ló de Margaride. Mas aquillo que em Arouca fora devido ao paladar requintado e á pericia da freira, em Braga ao escrupulo do Igo e em Margaride ao apuro da Leonor, no Algarve devia-se ás aptidões da Natureza, que ali se especialisou em figos, como no Douro em vinhos e no Alemtejo em porcos. Do mesmo modo nós pensamos que Setubal, depois de ter sido a patria de Bocage o era tambem da boa laranja, e dizer laranja de Setubal era dizer maravilha, delicia, volupia dos gorgomillos. Adelino Mendes, com o seu brilhante livro o «Algarve e Setubal» esclarece-nos um pouco mais e um pouco melhor, e a sua deliciosa «reportage» vem ensinar-nos a conhecer pela leitura aquillo que até agora só conheciamos pela sobremesa.

Adelino Mendes é bem um jornalista do seu tempo, colorido, claro, preciso, pittoresco, rapido, e não consente que aquillo que nos interessou, encantou e prendeu, perca no livro o enlevo e o interesse que no jornal nos proporcionou. O que se lê, vê-se; o que se não vê phantasia-se, e em tudo quanto o seu olhar fixou e as suas notas registaram, ha aquella subtil parcella de sinceridade e vibração que fazem do jornalismo um escriptor e do escriptor um artista. Aquillo não são só impressões e notas: é uma cinematographia sem ensaios prévios, sem «poses» estudadas, sem libreto, sem coristas e sem comparsas, antes colhida em flagrante, kodakada, surprehendida em pleno movimento e em plena espontaneidade de linhas, de aspectos e de côres. Eu não conheço o Algarve senão pelo atum em azeite, de que gosto muito, e hoje está carissimo. Pois apesar de me lisonjear o paladar e aquecer o estomago, nunca tive desejos de o percorrer «en touriste», apesar do muito que quero ao meu paiz e do que sei quanto elle é bello. Com o livro de Adelino Mendes, o caso é muito outro: espevitou-me o desejo de uma viagem longa e saboreada e espicaçou-me o remorso de haver percorrido a Europa tantas vezes, sem haver conhecido bem a terra abençoada da minha propria patria. Tal é a superioridade da penna sobre o garfo e de uma boa pagina de livro sobre uma boa lata de conserva!

GUEDES DE OLIVEIRA

A intervenção de Portugal

Uma calorosa saudação da União das Juventudes Republicanas de França

Acompanhada d'uma carta em que se preconisa a organisação, n'este momento, d'uma viagem á França, em que tomassem parte os representantes do parlamento, das universidades, do commercio, da industria e do jornalismo, a fim de estreitar os laços que unem hoje os dois paizes recebeu o sr. dr. José de Castro a seguinte vibrante saudação dirigida pela União das Juventudes Republicanas de França á Juventude Republicana de Portugal:

«Ao entrar o terceiro anno de guerra, a União das Juventudes Republicanas de França envia á Juventude Republicana de Portugal as suas mais cordeaes saudações.

Pela salvação da humanidade e pelo futuro das duas Republicas, as duas juventudes travam o mesmo combate. Unidas na paz por principios semelhantes, demonstraram na guerra que as palavras Republica e Defeza nacional são synonimos.

Em Portugal, como na França, os republicanos receberam uma pesada herança de tradições nacionaes que não podem deixar extinguir-se entre as suas mãos.

Durante quarenta e tres annos, a Republica Franceza foi pacifica. Sabia, por experiencia, o que custam as loucuras d'esses homens que, julgando-se os eleitos d'uma divindade que domesticam a seu serviço, são os flagellos dos povos que pretendem governar.

A todas as provocações respondeu com gestos de paz. Confiava, contra toda a espectativa, em que o povo allemão se tornaria pouco a pouco senhor dos seus destinos e que pouparia ao mundo as consequencias horrorosas da loucura megalomana dos Hohenzollern.

Em 1911, demonstrou, pelos sacrificios que fez, até que ponto a paz lhe era querida.

Mas, do outro lado do Rheno, os conselhos incitando á violencia prevaleciam. Uma philosophia execravel espalhava-se em todo o imperio por intermedio dos artigos dos jornalistas dos livros e das conferencias dos intellectuaes. A religião da força dominava todas as outras; o povo allemão declarava-se, declara-se ainda o povo eleito. Collocase por si mesmo superior ao direito.

Posição commoda «para rasgar» os tratados como farrapos de papel, «para negar» ás pequenas nações toda a velleidade de independencia, «para violar» a neutralidade da Belgica, «para afogar» as mulheres e as creanças do «Lusitania», «para assassinar» miss Edith Cavell ou o capitão Fryatt, «para reduzir» á escravidão as populações do Norte da França.

Sem hesitação alguma, demonstrastes o vosso desgosto por uma semelhante mentalidade, apesar d'ella ser apoiada por milhares e milhares de machinas de ceifar vidas.

Podieis conservar-vos immoveis perante o drama machinado pelos «boches». Os vossos homens d'Estado teriam até podido negociar a vossa neutralidade e, á semelhança de certo governo para sempre deshonrado, receber de uns e de outros. Mas, tratava-se de Portugal.

E escolhestes sem hesitar a honra e a lucta. Considerastes um dever de honra o tomar parte no combate pela civilisação. Desafiastes a força. Destes um nobre exemplo.

A União das Juventudes Republicanas de França conservará de tal facto uma recordação imperecivel.

Hoje mesmo, em todas as suas secções, na hora em que os nossos mancebos que não teem ainda edade para pegar em armas se reunem para celebrar a memoria d'aquelles dos seus camaradas, tão numerosos, que deram a vida pela Patria, e consagram parte dos seus pensamentos a todos os alliados, a União das Juventudes Republicanas de França tem a honra de vos felicitar muito em especial e de vos agradecer a iniciativa gloriosa do vosso generoso paiz.

A União exprime a sua profunda convicção de que as nossas duas nações unidas assistirão em breve ao triumpho que a sua honestidade, a sua boa fé, os seus esforços e os seus repetidos sacrificios, sem desfallecimentos, bem teem merecido.

Viva Portugal.—Louis Ripault, presidente da União das Juventudes Republicanas de França.»

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Impressões clinicas sobre arthritismo

por Augusto de Miranda

O sr. dr. Augusto de Miranda acaba de publicar sob este titulo um opusculo, em que define com a maxima precisão e clareza o seu modo de ver ácerca da questão do arthritismo de interesse tão commum e de que todos falam, sem saber de que se trata. O distincto especialista, que se tem occupado, proficientemente, desde ha muitos annos, das doenças de nutrição, principalmente da diabetes e do arthritismo demonstra n'este trabalho, com fortes argumentos, observações proprias e eruditas opiniões em apoio, que esta ultima diathese é, reduzida á sua condição essencial, o resultado da auto-intoxicação, em consequencia de mau funccionamento de certos orgãos, chamados de defeza do organismo, dos quaes o principal é o figado.

A's perturbações d'este orgão devem-se numerosas doenças, cujo mechanismo intimo o sr. dr. Miranda tem estudado na sua clinica e no seu laboratorio.

Encara d'este modo varias especies nosologicas e estado morbidos—«A gota», o «reumatismo», as «febres biliares», e enterite-mucomembranosa», certas anginas, estados neurasthenicos, a histeria e a epilepsia, que filia nas auto-intoxicações.

As ideias do sr. dr. Miranda teem sido apreciadas e adoptadas por escriptores estrangeiros e os seus numerosos trabalhos acham-se publicados em revistas medicas nacionaes e dos centros scientificos mais cultos (Paris e Berlim).

Por isso a publicação de qualquer das suas theses e observações, que elle tem sempre o cuidado de fundamentar largamente, collocando-se n'um ponto de vista bastante vessoal, merece o apreço dos entendidos, deve ser lida com interesse e não só por estes, mas pelos profanos, sãos ou doentes, cuja curiosidade justificadamente attrae.

Posto que esta nova memoria seja reedição da que este distincto clinico e publicista apresentou ao Congresso Internacional de Medicina de Lisboa, 1906, as observações e notas que o auctor lhe accrescentou, augmentam consideravelmente o valor do presente trabalho, pelo qual o felicitamos.

"O vinho do Porto,,

Monographia, pelo sr. Julio Eduardo dos Santos

E' um curioso e utilissimo livro este, em que o sr. Julio Eduardo dos Santos, engenheiro-agronomo, faz a historia do vinho do Porto, apreciando o seu passado, o seu presente e o seu futuro. No seu trabalho, o sr. Julio Eduardo dos Santos compila noções e indicações varias, descreve as principaes quintas da região dos vinhos licorosos durienses, indica a producção d'essa mesma região, estuda o commercio dos mesmos vinhos, fornece-nos notas estatisticas curiosissimas e faz a resenha mais ou menos completa da bibliographia da provincia, habilitando assim os estudiosos a conhecel-a devidamente. «O vinho do Porto, seu passado, presente e futuro», é, emfim, uma obra das mais notaveis, digna de figurar ao lado das melhores que, no genero, se teem escripto em Portugal. Deve, pois, ser apreciadissima por quantos tenham interesses ligados ao vinho do Porto e ainda pelos que desejem conhecer a producção e confecção d'esse producto, que constitue uma das nossas melhores fontes de riqueza. O sr. Julio Eduardo dos Santos illustrou profundamente a sua obra, o que a torna ainda mais interessante e digna de ser consultada. A edição é excellente.

Um museu agricola em Minas Geraes

BELLO HORISONTE, (Estado de Minas Geraes), 10.—O Secretario da Agricultura projecta a creação de um museu agricola para propaganda de novos processos agricolas e, principalmente, para introduzir o emprego de machinas aperfeiçoadas e de adubos adequados ás varias regiões.—(*Americana*)

Para as auctoridades lêrem

Magos, bruxas e nigromantes

Um novo factor do depauperamento da raça

Numerosas pessoas vieram hoje a esta redacção applaudir a doutrina expendida no artigo que hontem publicámos do nosso presado e brilhante camarada de redacção Hermano Neves, a quem confiaram novos subsidios para justificar a necessidade urgente de se pôr cobro ao escandalo de bruxas, magos, chiromantes e somnambulas que em Lisboa enxameiam.

De cada um dos episodios que nos foram narrados poderia extrahir-se um articulado para o tremendo libello de accusação com que é preciso esmagar especulações de tal natureza.

Muitas senhoras teem sido victimas dos especuladores da sua credula ingenuidade, e mais de um tragico desenlace tem arruinado familias e lares. Factos d'esta ordem, pela sua natureza reservada, não podem ser abertamente confiados á publicidade da imprensa. Os parentes das victimas, por natural escrupulo, não formulam geralmente as suas queixas em juizo, mas nem por isso as auctoridades deixam de ter o imperioso dever de evitar o mais possivel que taes factos se repitam.

As curandeirices espiritas, as leituras de sinas, a conjura magica de perseguições imaginarias constituem um tremendo abuso que havemos de verberar emquanto não forem tomadas providencias devidas.

Informam-nos egualmente do emprego, cada vez feito em maior escala, da cocaina e do ether que uma legião de aventureiras francezas está vulgarisando entre os adolescentes. Ha paes que se queixam amargamente da indifferença com que as auctoridades deixam progredir esse novo factor de depauperamento da raça.

Não largaremos, pois, o assumpto.

As escolas da Bahia

BAHIA, 10.—A commissão de Higiene decidiu fazer visitas medicas bi-mensaes a todas as escolas do estado.—(*Americana*).

Um offerecimento patriotico

Nobre attitude do sr. deputado Urbano Rodrigues

O nosso presado amigo, brilhante jornalista e illustre deputado da nação sr. Urbano Rodrigues dirigiu ao sr. ministro da guerra o seguinte requerimento, que muito honra o seu caracter de patriota:

«Ex.mo sr. ministro da guerra—Urbano Rodrigues, deputado da nação, de 28 annos, solteiro, não se achando incapaz do serviço militar, apesar de ter tido baixa pela junta de saude naval como incapaz de todo o serviço para a marinha de guerra, vem requerer a v. ex.ª uma nova inspecção e no caso de não ser possivel a sua admissão nas fileiras do exercito, offerecer os seus serviços como interprete junto da primeira divisão a partir para os campos de batalha da Europa.—Saude e Fraternidade.»

A Cultura do algodão

CURITYBA, (Estado do Paraná), 10—A Sociedade de Agricultura do Paraná pediu ao ministro dr. José Bezerra grandes quantidades de sementes de algodão para serem distribuidas pelos agricultores de Guarapuava.—(*Americana*).

O exercito dos Estados Unidos

WASHINGTON, 10—As duas camaras approvaram o projecto de lei do exercito prevendo um credito de dollars 257.597.000.—(*Havas*).

O assucar brazileiro

CURITYBA, (Estado do Paraná), 10—A colheita do assucar é muito abundante e de qualidade superior.

Segundo os calculos feitos o estado do Paraná pode começar, já este anno a exportar assucar.—(*Americana*).

Uma industria em perigo

A Associação Commercial, Agricola e Industrial da provincia de Angola, com séde na R. dos Bacalhoeiros, 139, pedem-nos a publicação da seguinte representação ha dias entregue ao Ex.mo Sr. Ministro das Colonias.

O *Seculo* de 4 do corrente publica uma representação dirigida a V. Ex.ª pelos iniciadores da industria de tecidos de juta em Portugal, industria essa que ao abrigo das pautas de 1892, attingiu um consideravel desenvolvimento, segundo referem os ditos industriaes.

No fim da sua representação é reclamar a revogação do Decreto n.º 231 de 20 de Novembro de 1913, com que o illustre titular da pasta das colonias de 1913, o Ex.mo Sr. Dr. Almeida Ribeiro, entendeu dever armar a industria e a agricultura coloniaes para a lucta a travar-se, não entre as colonias portuguezas e a metropole, mas entre aquellas e os paizes estrangeiros productores dos artigos que devem constituir a base da sua futura exploração.

Foi demasiado largo o golpe de vista do auctor do Decreto de 1913 para ser comprehendido por aquelles que, julgando ameaçados sem remedio os seus interesses, perderam a serenidade precisa para encarar de frente a sua grave situação e provel-a de remedio.

Não houve nunca, nem ha, da parte das colonias portuguezas a relutancia apontada na representação, contra os productos nacionaes. Bem pelo contrario, sacrificam ellas uma boa parte dos seus interesses, só preterindo os referidos productos por similares estrangeiros, quando demasiadamente elevada a differença entre o custo de uns e outros.

Innumeras são as provas que podemos dar da nossa affirmação, sentindo que por forma tão injusta respondam os srs. industriaes no apoio que sempre temos dado á industria nacional.

E, antes de entrarmos no amago da questão, vamos apreciar a referencia que se faz á protecção de 50 °|o concedida pela metropole a todos os productos coloniaes.

Sobre este ponto muito teriamos que dizer, mas, para não tornar demasiadamente longa esta exposição, limitar-nos-hemos a lembrar que, se as pautas da metropole concedem 50 °|o aos productos coloniaes, as das colonias retribuem esse favor, com restricções lamentaveis, com uma reducção de 90 °|o para os productos metropolitanos, indo até á isenção absoluta como succede com saccos de origem nacional.

Sendo, como se sabe, relativamente pequena a importação de artigos coloniaes que aproveitam d'esse beneficio, e consideravelmente maior, a importação de productos metropolitanos nas nossas colonias, facil é ver que tal augmento é contraproducente e facil será a V. Ex.ª, compulsando as estatisticas, certificar-se do que vimos affirmando.

Abordando agora o assumpto, vejamos qual foi o fim que teve em vista o auctor do Decreto que se pretende revogar.

A grande crise commercial que atravessou a Provincia de Angola desde 1913 a 1915 é bem conhecida de todos, governantes e governados, industriaes, commerciantes e banqueiros.

Determinou-a a depreciação da borracha que, de preços elevados desceu rapidamente para miserrimas cotações.

Depois de graves perturbações financeiras e economicas comprehenderam os coloniaes de Angola que outro caminho era necessario seguir—o da agricultura e industria, base fundamental de todo o commercio futuro.

Os colonos europeus tinham de voltar-se para a terra, e o indigena indolente, que só trabalhava meia duzia de dias por mez para colher um kilogramma de borracha, tinha de abandonar esse mister para se fazer cultivador.

E' o que succedeu!

Um grande movimento se operou n'esse sentido, e basta analysar a prodigiosa progressão crescente que experimentou o transporte de productos pobres nos caminhos de ferro da provincia nos ultimos annos, para d'isso se convencerem os mais incredulos.

O Ex.mo Sr. Dr. Almeida Ribeiro experimentado colonial, viu bem que o movimento que se estava operando carecia de um decisivo apoio.

Productos pobres, pobrissimos, mesmo, para serem trazidos de regiões distantes da costa muitos centos de kilometros até aos mercados europeus, para concorrerem com productos similares em paizes estrangeiros, não poderiam supportar, nem altas tarifas de caminho de ferro, nem pezados fretes maritimos, nem custosas embalagens.

Foi por isso que todos comprehenderam, Governo, caminhos de ferro e companhias de navegação que era de interesse de todos e de imperiosa necessidade adoptarem-se medidas de fomento que convertessem em realidade uma aspiração que não era só mercantil mas patriotica tambem.

O Governo aprovou o Decreto de 20 de novembro de 1913, os caminhos de ferro da provincia estabeleceram tarifas reduzidas para os productos pobres coloniaes, qualquer que fosse a distancia d'onde proviessem, e as emprezas de navegação fizeram outro tanto.

Não tivesse a guerra vindo entravar a marcha da colonia, e já hoje poderiamos apreciar o alcance das intelligentes medidas adoptadas, não de animo leve como se insinua, mas com reflectido criterio!

O progresso, e, a salvação até, d'uma colonia como é Angola, não podia ficar subordinado á industria de tecidos de juta, que, por muito que mereça não tem fortes razões de queixa, nem contra o Estado nem contra as colonias, que valia a protecção lhe conferiram a ponto de ter alcançado *um consideravel desenvolvimento.*

Não se póde queixar do Estado, porque praticamente, até esta data, tem estado *só* na metropole e em S. Thomé, e quasi *só* em Angola.

O que fez essa industria no sentido do seu aperfeiçoamento durante um periodo de 24 annos, que lhe não permitte concorrer com a industria estrangeira nas colonias, mesmo sem o Decreto cuja revogação reclama?

Antes do referido Decreto já se importavam saccos estrangeiros, que pagando os 4 centavos em kilogramma ainda ficavam bem mais baratos que os nacionaes!

Se o Decreto de 20 de novembro não tivesse apparecido, a sorte da industria portugueza seria a mesma, porque cedo viria o commercio a saber, que mais baratos sahiam os saccos estrangeiros que os nacionaes, apezar da protecção que gosavam.

Não foi pois prejudicada no seu futuro a industria em questão, e foram beneficiados em 4 centavos por sacco os productores coloniaes, verba esta muito importante quando se refere a grandes quantidades e se destina a productos pobrissimos.

Não discutiremos largamente o valor dos algarismos que foram apresentados a V. Ex.ª para demonstrar um encargo de 16 millavos que vae reduzir a 24 a protecção pautal de Angola que é de 40 millavos em kilogramma.

Os direitos que a juta paga por kilogramma, computados em 8 millavos, seriam annullados pelo drawback desde que o solicitassem, e o direito de exportação de 1 1|2 0|0, com base em 50 centavos o kilogramma, é tambem muito exagerado para tempos normaes.

Não entraremos porém n'esse e n'outros assumptos por serem bem conhecidos de V. Ex.ª e, sobretudo, das instancias officiaes que de certo serão ouvidas sobre o caso.

Diz-se mais na representação que se tal medida fosse necessaria (Decreto de 20 de novembro) tornasse-se então extensiva a todos os agricultores das colonias e não se fizesse concessão especial a um ou outro commerciante. Assim é.

Os illustres industriaes não reparam bem que o Decreto não faz restricções nem permitte exclusivos! O que o Decreto determina é, que para se poder fazer a importação temporaria é necessaria a respectiva concessão publicada no Boletim Official. A parte antipathica que os senhores industriaes attribuem ao Decreto, não existe. Elle é egual para todos, não ficando privilegio de pessoa alguma.

A situação da industria não se aggravará na medida que pretendem, porque o mercado da metropole, sempre crescente, é exclusivamente seu, e o de Angola não será para a industria estrangeira senão na parte que se refere á exportação. O movimento interno da Provincia cresce consideravelmente, e com a sua expansão crescerá, tambem, a importação dos saccos nacionaes.

Não ha duvida que estas questões são complexas e devem ser largamente discutidas e estudadas, e foi, talvez, por inspiração de V. Ex.ª que a representação dos srs. industriaes teve larga publicidade.

Se assim foi, congratulamo-nos com V. Ex.ª pela adopção d'este salutar principio que honra quem o põe em pratica, dando a todos a opportunidade e o direito de defenderem os seus legitimos interesses.

Esta Associação confia em que o governo, podendo melhorar a situação dos industriaes de tecidos de juta o faça, porém, sem revogar o Decreto de 20 de Novembro de 1913.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 7 de Agosto de 1916.

José Lopes Manso

Falleceu

Paschoal Alves Pires Amado, socio gerente da Sociedade Agricola Paschoal Amado, Lt.ª, participa aos seus amigos e pessoas das suas relações o fallecimento de seu muito presado sobrinho e consocio o sr. José Lopes Manso, cujo funeral terá logar amanhã 11 do corrente pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da residencia do finado, rua Barata Salgueiro n.º 56, r|c para o cemiterio Occidental.

Agradece reconhecido aos que se dignarem acompanhar o extincto a sua ultima morada.

Palavras de Ruy Barbosa

Anglo-saxonios e latinos

Do celebre discurso pronunciado no senado argentino pelo eminente tribuno Ruy Barbosa na sessão especial celebrada em sua honra a 6 de julho ultimo transcrevemos as seguintes significativas palavras:

«Ainda bem que já o mundo se não distribue segundo a discriminação conhecida, que consignava as qualidades viris, as qualidades fortes, as qualidades regeneradoras, as qualidades liberaes, as qualidades essencialmente humanas e civilisadoras a saxonios, escandinavos e teutões, ás gentes da Europa septentrional e da Europa Central, deixando ás nacionalidades que se agglomeram sob a classificação intencionalmente pejorativa de latinos, o triste quinhão de representarem a decadencia, um elemento de transição e passagem, inferioridade e esterilidade, retrocesso e captiveiro. Emquanto, no estupendo scenario da tragedia militar que convulsiona o antigo continente, os paizes latinos, rivalisando em todos os prodigios do mais sublime heroismo com os anglo-saxonios e os slavos, se mostram dignos de batalhar emparelhados pela salvação do genero humano, aqui, no immenso theatro da paz que irradia sobre o novo continente, a Republica Argentina, anniquilando o caduco preconceito da nossa inadaptabilidade ás formas superiores da civilisação christã, contrapõe á gigantesca republica anglo-saxonia, aos Estados Unidos da America do Norte, a pujante republica latina, os Estados Unidos do Rio da Prata.»

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA—A's 21,30—O correio de Lyão.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

A VORAGEM DA GUERRA

Os emprestimos feitos ás nações alliadas

Attingem na Inglaterra quatro milhões e 200 mil contos

Falando hontem dos emprestimos feitos pela Inglaterra ás nações alliadas, dissemos que elles attingiam um total de 74 milhões de libras, segundo uma nota publicada recentemente. Houve um lapso n'essa affirmação. A importancia de 74 milhões de libras é exacta, mas diz respeito apenas ao periodo que vae entre 1 de abril a 23 de maio do anno corrente, isto é durante pouco mais de cincoenta dias.

Essa declaração foi feita na Camara dos Communs pelo sr. Asquith, quando pedia um novo «vote of credit».

Prevê-se um progressivo augmento n'essa assistencia financeira da Inglaterra aos paizes alliados e suas colonias, mas o primeiro ministro declarou, n'aquelle mesmo discurso, que essa assistencia é um dever impreterivel da Inglaterra.

Tambem dissemos hontem que a Inglaterra gasta por dia com a guerra cerca de 6 milhões de libras. Não é bem assim. Em 23 de maio, o orçamento da guerra era representado pela verba diaria de 4.800.000 libras. As despesas normaes eram de 800.000 libras, o que prefazia um total diario de 5.600.000 libras. Suppunha-se que na primeira semana de agosto esse total fosse elevado a 6 milhões.

E' curioso frisar que, desde setembro de 1915 a abril de 1916, augmentaram mais os adiantamentos feitos pela Inglaterra aos paizes alliados do que as despesas de guerra do Estado inglez.

O sr. McKenna, em 4 de abril de 1916, apresentando as contas do anno economico findo em 31 de março, referiu-se ao augmento da divida ingleza e fixou o seu estado nos seguintes termos:

Antes da guerra, a divida publica estava em 651 milhões de libras; de 1914 a 1915 cresceu 458 milhões; de 1915 a 1916 cresceu 1.031 milhões. Total: 2.140 milhões de libras.

N'esse total estão incluidos 368 milhões de libras adiantadas pela Inglaterra aos paizes alliados. Essa cifra, porém, não traduz a totalidade dos adiantamentos. N'um discurso proferido a 21 de setembro de 1915 o sr. McKenna declarou que a Inglaterra já tinha emprestado n'aquella data 423 milhões de libras ás nações alliadas. Se calcularmos hoje o total dos emprestimos em 600 milhões de libras ainda talvez fiquemos áquem da verdade. Qualquer coisa como 4 milhões e 200 mil contos...

NOTAS RAPIDAS

Os exercicios da Divisão Naval hoje realisados decorrem brilhantissimos

Com a assistencia de todo o governo

A' hora marcada trez barcos conduzem para bordo o ministerio, os jornalistas e mais convidados.

Chegados ao «Vasco da Gama» e feitos os cumprimentos do estylo, segue-se o almoço, alegre, fraternal, entre jornalistas e a officialidade.

Após o almoço o navio almirante levanta ferro e seguem-n'o todos os demais rio abaixo.

O rio está serenissimo; ao largo as povoações marginaes, como adormecidas, faiscando ao sol nos reverberos das suas ardosias coruscantes.

A's duas da tarde, frente a Cascaes, ouve-se a bordo o primeiro toque para postos de combate. E com uma agilidade, um methodo e uma disciplina admiraveis, tudo se apromptа em breves segundos e tudo fica a postos aguardando o inimigo que só uma hora depois para a direita de Cascaes, em direcção á Cabo Raso, se encontra á vista.

Os primeiros tiros soam vindos de lá. Responde-lhe o navio almirante. Os outros navios em manobras rapidas, singem mais velozmente o oceano.

O *destroyer* «Guadiana» a toda a velocidade passa á frente do «Almirante Reis» e vae, junto da costa, e n'uma arriscada manobra envolvente corta a retirada á divisão inimiga que avança lentamente, fazendo fogo.

O combate é agora mais violento, mais renhido. Os tiros sucedem-se.

As duas esquadras estão á vista e a nossa divisão naval tem já notoria superioridade sobre o inimigo. O «Douro» avança tambem. Nuvens de fumo enchem o espaço adensando a atmosphera turvada e soturna. A bordo de todos os barcos de guerra as manobras executam-se com precisão mathematica. Trocam-se os ultimos tiros.

Ouvem-se successivos toques de corneta.

Mais tiros, e sobre o mastro do «Vasco da Gama» içam-se os signaes de triumpho emquanto a bordo a banda toca a «Portugueza».

O combate durara desoito minutos.

A' volta o illustre commandante da divisão naval offereceu de novo um delicado *lunch* á imprensa, que decorreu cheio do maior enthusiasmo. Ao *Champagne* falou primeiramente o immediato do *Vasco da Gama* que proferiu trez eloquentes brindes: ao sr. presidente da Republica, á imprensa e ao governo. Seguiram-se-lhe: o brilhantissimo poeta e distincto official do exercito Augusto Casimiro, á officialidade da marinha; Luiz Derouet, em nome da imprensa; dr. Eduardo de Sousa e Manuel Alegre.

A meio dos brindes compareceu o sr. Leotte do Rego que brindou pela imprensa e pelo exercito.

O «Vasco da Gama» lança finalmente ferro a oeste da Torre de Belem. São 18 horas. Para bordo do torpedeiro n.º 3 tomam logar os membros do governo.

Seguidamente no seu gabinete o sr. commandante da divisão, na presença de todos os jornalistas explica o desenvolver dos exercicios realisados.

«Uma força inimiga foi-nos annunciada pelos semaphoros do norte, representada pelos «Caça Minas».

Em sua perseguição sahiu immediatamente a Divisão Naval, indo os navios agrupados em 3 divisões.

A' sahida da barra lançou-se em reconhecimento a divisão n.º 3, a fim de tomar contacto com o inimigo. Os outros navios evolucionaram em columna a dissimularem-se com a costa, entre S. Julião e Cabo Raso. A's 3 horas a divisão ligeira estabeleceu contacto com as forças contrarias, procurando attrahil-as para o sul. Mandou-se sahir a divisão dos «destroyers» e torpedeiros, sempre escondidos com a costa, a toda a velocidade, a fim de cortar a retirada do inimigo e forçar este a approximar-se da força principal.

Seguidamente formaram depois em 2 columnas parallelas e sempre marchando á mesma velocidade, travou-se o combate.

Findo este e formando de novo em duas columnas parallelas entrou-se a barra. Dentro estava o nosso submarino que fez alguns tiros de torpedo.

A's 18 horas e um quarto deixámos o «Vasco da Gama», que permanecerá até amanhã no mesmo fundeadouro.

A parte dos exercicios assistiu, da cidadella de Cascaes, o sr. presidente da Republica, em honra de quem os navios da divisão salvaram.

Trapo e typo usado

Compra-se na Rua do Norte, 5

ULTIMAS NOTICIAS

A OFFENSIVA ITALIANA

A TOMADA DE GORIZIA

10.000 prisioneiros—Importantes despojos—Pormenores da acção, que ainda prosegue—A significação militar e politica do grande acontecimento

ROMA, 9.—Um communicado do general Cadorna annuncia que as nossas tropas entraram hoje em Gorizia, fazendo mais de 10.000 prisioneiros e continuando outros a affluir. O despojo de guerra é enorme.—(Havas).

ROMA, 9.—A «Agencia Stefani» publica a seguinte nota:—Depois de repellida a offensiva austriaca no Trentino por rigorosas operações contra-offensivas feitas por nós desde o dia 16 do corrente, o commando supremo italiano continuando sempre a pressão das nossas tropas sobre esta linha, ia preparando um ataque á testa de ponte de Gorizia e ás alturas que formam as orlas sul do Carso, na zona de Monfalcone. A vasta operação offensiva estudada com todos os cuidados foi levada a effeito com rapidez concentrando nos pontos convenientes tropas e artilharia e todos os meios necessarios. O ataque começou no dia 4 em Morbaljone contra as alturas do cota 85 e 121, a leste de Rocca. Tomámos de assalto os entrincheiramentos inimigos que eram poderosissimos e fizemos 145 prisioneiros entre os quaes 4 officiaes, mas os adversarios mestres na arte das ciladas condemnaveis tinham collocado nas trincheiras abandonadas grande numero de bombas que explodiram produzindo gazes asphyxiantes no momento em que as nossas tropas victoriosas penetravam nas linhas conquistadas. Em seguida foram lançadas grandes forças inimigas em contra ataques e as nossas tropas dizimadas e desfallecidas, pelos effeitos dos gazes, foram obrigados a recolher ás suas trincheiras, transportando para ali os prisioneiros feitos. O dia 5 passou-se em simples acção de artilharia com o fim de sondar a linha do inimigo, distrahir a sua attenção e regular o nosso tiro.

Na manhã de 6 as nossas baterias abriam ao mesmo tempo fogo contra a formidavel montanha que de Sabotino ao Calvario cobre a oeste do Isonzo não só a cidade de Gorizia mas tambem as collinas de San Michele que formam a orla norte do Carso goriziano. A acção da nossa artilharia e morteiros representa um exemplo classico, n'este dia. A concentração de fogo contra as linhas fortificadas tinha sido largamente estudada e minuciosamente preparada. Graças ás explorações do terrenos pelos aviões, patrulhas ou com o auxilio de instrumentos opticos, as posições inimigas estavam perfeitamente reconhecidas e enquadradas na carta, cuidadosamente separadas, conhecendo-se a sua extensão e profundidade; as modalidades do terreno foram determinadas com escrupulosa precisão, por isso, no momento fixo, uma tempestade de ferro e fogo cahiu inesperadamente sobre as posições inimigas inutilisando-lhes as defezas anteriores, demolindo os abrigos, destruindo os postos e observatorios, e cortando as communicações. Depois d'isto as columnas de infantaria avançaram com a habitual decisão para o ataque sendo sempre apoiadas pela artilharia que com verdadeiras redes de fogo impedia o inimigo de enviar reforços.

As nossas tropas deram o assalto com um arranco insuperavel e conquistaram a importantissima encosta do monte Sabotino, ponto fundamental da testa de ponte de Gorizia. Nas alturas de oeste de Couvrentille tomaram de assalto as defezas de Oslavia e as do cume da cota 206 que domina Grafenberg. Em Piacine romperam a embaraçada linha defensiva construida pelo inimigo entre a orla sul de Podgora e o Isonzo e attingiram a margem direita do rio até á altura de Satandrea. Nas orlas meridionaes do Carso conquistaram trez importantes linhas de cumes de San Michele e extensos entrincheiramentos na zona de San Martino. Emfim na zona de Monfalcone-Catallon os «bersaglieri» ciclistas dos regimentos 3 e 11 depois de encarniçada e sangrenta lucta tomaram de assalto quasi todos os entrincheiramentos e defezas das alturas da cota 85, resistindo ahi á violenta concentração de fogos da artilharia inimiga e repellindo os furiosos contra-ataques da infantaria inimiga. A posse dos eixos lateraes da testa de ponte de Goritza estava assegurada pela conquista do Sabotino e do monte San Michele. Restava tomar de assalto a importante cortina formada pelas alturas que ficam immediatamente a oeste da cidade. A batalha proseguiu depois sangrenta e incessante durante cerca de trez dias n'um terreno embaraçoso e rico de apoios tacticos, com grande numero de poderosas linhas de defeza construidas pelo adversario, e na proximidade de Gorizia, importante centro de recursos para o inimigo, os quaes lhe facilitavam uma tenaz defeza e lhe permittiam violentos retornos offensivos. Pollegada por pollegada a nossa infantaria á custa de sacrificios geraes e com a admiravel e incessante cooperação da artilharia, conquistou a crista e em seguida a vertente de sueste das alturas contiguas tomando de assalto inumeras trincheiras, cercando e forçando á rendição os seus defensores, e por fim repellindo para além do rio os violentos contra-ataques. Em consequencia da nossa acção victoriosa todas as alturas sobre a direita do Isonzo que formam a testa de ponte de Gorizia e o monte San Michele na margem esquerda do rio estão actualmente em nosso solido poder. A linha do Isonzo para o lado de Juzante de Tolmino estão-nos inteiramente assegurada, e Gorizia está dominada pelos nossos canhões que batem a cidade para expulsar d'ella o inimigo occulto entre as casas.

As declarações dos prisioneiros são concordes em declarar que o commando inimigo ficou estupefacto com a nossa repentina offensiva. A preparação resultou muito efficaz, quer pelo notavel numero de boccas de fogo, que foi possivel empregar então, em consequencia do incessante desenvolvimento dado durante a guerra á destruição, quer pelo excellente emprego que foi feito d'estes meios, conseguindo-se obter uma concentração de fogos perfeita sobre os objectivos tacticos de maior importancia. Foi soberba a decisão da nossa infantaria que não se limitou á occupação das primeiras linhas mas proseguindo cada vez mais na marcha, derrotando as tropas inimigas e impedindo a sua nova reunião, sustentando em seguida por meio de uma inabalavel tenacidade as concentrações de fogos e os furiosos contra-ataques inimigos. Durante trez dias de ininterrupto combate brilham no mais alto grau o espirito de sacrificio e de bravura das tropas do terceiro exercito ás ordens do duque de Aosta.—(Havas).

ROMA, 10.—Communicação official.—As nossas tropas entraram hoje em Godaja e hontem de manhã depois de intensa concentração de fogos de artilharia, a nossa infantaria tinha completado a conquista das alturas de Oslavia e Podgora varrendo os ultimos destacamentos adversarios que ali se tinham alojado. As trincheiras e as cavernas foram encontradas cheias de cadaveres de inimigos. Por toda a parte armas e munições e material de guerra de toda a especie abandonado pelo adversario e completamente destroçado. De tarde esses destacamentos fizeram ir pelos ares as pontes e reforçaram-se na margem esquerda. Foram immediatamente lançados para além do rio em sua perseguição uma columna de cavallaria e Bersaglieri ciclistas. As infatigaveis tropas de engenharia por meio de um trabalho rapido sob o fogo da artilharia inimiga lançou pontes e reparou as avariadas pelo inimigo. No Carso repellimos hontem novos ataques contra os cumes do monte San Michele e tomámos de assalto outros entrincheiramentos nas immediações da aldeia de San Martino. O numero completo de prisioneiros até agora averiguado vae além de dois mil, continuando a affluir outros.—(Havas).

ROMA, 10.—O «Giornale d'Italia», commenta a victoria de Gorizia e recorda que em 1866 os cialdini ao chegarem á vista de Gorizia receberam ordem de suspender as hostilidades. A paz porém não nos deu sequer a linha do Isonzo; tivemos uma fronteira infeliz, aberta ao inimigo. Uma nova geração recomeça o trabalho dos seus antepassados: a espada da nação fére sem dó apesar das formidaveis fortificações preparadas pela Austria durante trinta annos de alliança; ao mesmo tempo que a Allemanha preferia com a sua grossa artilharia de 420 de preparação superior e o genio dos seus generaes, evitar diques como os de Toul, Verdun, Epinal, Belfort, os italianos atacaram as formidaveis posições do campo de Gorizia. A Italia póde sentir-se orgulhosa do seu exercito.

A «Tribuna» frisa que o communicado de Cadorna annuncia officialmente a occupação de Gorizia e a perseguição do inimigo. O successo accentua-se. A acção está ainda em pleno desenvolvimento e prosegue intensamente da nossa parte. A importancia da tomada de Gorizia excede o ponto de vista militar e toca o ponto de vista politico e era sob este ponto de vista que os austriacos a defendiam valentemente. Isto augmenta o alcance do successo obtido d'uma maneira fulminante. A barreira austriaca ficou cortada no ponto mais critico. Os austriacos ficam agora sabendo que á bravura italiana não se póde dizer:—«Por aqui não se passa».—(Havas).

A acção naval

ROMA, 10.—A «Agencia Stefani» annuncia que na noite de 2 do corrente os nossos navios ligeiros vencendo as novas defezas fixas preparadas pelo inimigo depois dos precedentes acontecimentos, conseguiram chegar de novo ao porto de Durazzo e torpedear um paquete. Na manhã d'esse dia os destroyers francezes e nacionaes que se encontravam no cruzeiro foram enviados a atacar os torpedeiros austriacos que á alvorada tinham canhoneado algumas localidades indefezas da costa de Puglia. O destacamento inimigo que era composto de quatro destroyers protegidos pelo cruzador «Aspern» foi com effeito perseguido e canhoneado até á zona batida pelos fortes de Cattaro onde se refugiou. Apesar da superioridade da sua artilharia não soffremos nenhum damno.—(Havas).

E' muito intensa a lucta na frente franceza

PARIS, 9.—Ao norte do Somme os allemães tentaram violentos contra-ataques contra as posições conquistadas pelos francezes hontem e ante-hontem ao norte do bosque de Hem, mas as suas tentativas foram quebradas pelos fogos que valeram importantes perdas aos allemães, que foram repellidos excepto n'um ponto, onde reoccuparam uma trincheira, que os francezes começaram já a atacar de novo. Alem d'isso a maior parte da progressão franceza nos elementos que os allemães occupam, continua activamente á granada.

Entre o bosque de Hem e o rio os allemães bombardeiam com os seus grandes calibres as posições que os francezes estão organisando. Na região de Chaulnes a lucta de artilharia continua intensa, principalmente entre Lihons e o caminho de ferro de Chaulnes, onde os allemães penetraram n'um ponto nos elementos avançados francezes e d'onde foram repellidos immediatamente á bayoneta. Na margem direita do Mosa o combate em volta de Thiaumont durou uma parte da noite; depois de numerosos ataques repellidos, os allemães de novo ali tomaram pé, conservando sempre os francezes as visinhanças immediatas da fortificação que a sua artilharia tomou energicamente sob o seu fogo. Em Fleury os francezes realisaram alguns progressos e repelliram depois de vivos combates um ataque allemão a uma das suas trincheiras, no bosque Vaux-Chapitre. Um piloto francez deu caça a um apparelho adverso ao sul de Luneville e obrigou-o a aterrar deante das linhas francezas, onde a artilharia o destruiu. Na linha do Mosa a aviação franceza deu numerosos combates; seis aviões allemães, seriamente attingidos, foram cahir bruscamente nas linhas d'elles; um balão captivo allemão foi destruido na noite de 8 para 9. Os aviões francezes lançaram projecteis na fabrica de polvora de Rottewеilsurenecker; os 150 kilogrammas de explosivos deitados nos edificios determinaram incendios e explosões.—(Havas).

PARIS, 9.—Communicação official das 23 horas:—Ao norte do Somme reoccupámos completamente a trincheira ao norte do bosque de Hem onde o inimigo tinha posto pé esta noite. Fizemos cincoenta prisioneiros no decurso d'esta acção. O nosso progresso continua na região de bosque de Hem onde um vivo combate se está desenrolando em nosso favor.—(Havas).

A marcha das operações russas

PETROGRADO, 9.—Official.—Na região de Svininki tomámos alguns entrincheiramentos e fizemos 660 prisioneiros. Das margens do Kopieche expulsámos o inimigo das posições fortificadas que elle occupava e tomámos a margem esquerda até ao Dniester. Ao sul do Dniester o general Letchitsky expulsou o inimigo de varias aldeias até ao rio Tlumatch, affluente do Dniester. Na noite de 8 do corrente occupámos Tysmenitzav e a crista de alturas na direcção de nordeste até á margem direita do Dniester, margem direita do rio Voropyatist, desde o sul de Kysmaniza até á embocadura. O total das presas do general Letchitsky no dia 7 desde o sul de Kysmaniza até á embocadura é de 88 officiaes e 7.400 soldados, dos quaes 3.500 allemães, 5 canhões e 63 metralhadoras e lança-bombas.—(Havas).

PETROGRADO, 9.—Ao sul do Dniester, perseguindo o adversario, tomámos de assalto Myniouff e mais aldeias. O inimigo antes de se retirar fez ir pelos ares as pontes e depositos. A região conquistada representa uma superficie de cerca de 166 verstas.—(*Americana*).

A favor da Belgica devastada

MACEIÓ (ESTADO DE ALAGOAS), 10.—Realisou-se hontem com grande successo, a annunciada festa promovida pelos intellectuaes do Estado de Alagoas, a favor das regiões devastadas da Belgica. A «Marselheza» foi cantada pela actriz Antoinette Blanchero, fazendo os côros as creanças das colonias alliadas.—(*Americana*).

O patriotismo dos portuguezes do Brazil

Enorme multidão de portuguezes de todas as classes accorre, diariamente ao edificio do consulado, respondendo ao appello para a inspecção militar.—(*Americana*).

A actividade dos aviadores francezes

PARIS, 9.—Os aviadores francezes, que tinham partido d'esta cidade, regressaram ás 23,55 tendo coberto 350 kilometros, principalmente por cima dos Vosges, e Floresta Negra. Na mesma noite as esquadrilhas francezas lançaram 44 granadas sobre as «gares» de Audun-le-Roman, Longuyon e Montmédy e 88 sobre as vias ferreas de Tergnier e a «gare» de La Fère.—(Havas).

Manifestações de enthusiasmo no Brazil

RIO DE JANEIRO, 10.—Numerosos portuguezes acompanhados de italianos enthusiasmados com as noticias sobre a tomada de Gorizia, percorreram as ruas principaes, cantando em côro o hymno nacional italiano.—(Americana).

Ums commovedora conferencia no Rio

RIO DE JANEIRO, 10.—As senhoras das colonias alliadas, juntamente com as senhoras brazileiras, encheram, hontem, o theatro municipal, na terceira conferencia da artista franceza, Juanita Frezia.

A conferencia foi de uma grande eloquencia, descrevendo os horrores soffridos pelas populações belgas e a situação penosa dos mutilados, em consequencia dos ferimentos no campo de batalha.

No final, as senhoras, chorando, acclamaram a artista com enthusiasmo.—(Americana).

Um general allemão destituido

PARIS, 10.—Um decreto imperial collocou na disponibilidade o general Mantenfiel, commandante do 14.º corpo.—(*Americana*).

Os raids aereos allemães

PARIS, 10.—Passaram sobre Ameland, Hollanda, varios zeppelins e hidroplanos, dirigindo-se para este.

Segundo noticias de Copenhague, o conde Zeppelin estava a bordo de um dos dirigiveis por occasião do ultimo raid sobre Inglaterra.—(*Americana*).

O assassinio do capitão Fryatt

LONDRES, 10.—Lord Grey pediu á embaixada dos Estados Unidos que transmitta ao governo allemão o protesto formal da Gran-Bretanha contra a execução do capitão Fryatt e que lhe pedisse copia do veredictum e a composição do conselho de guerra.—(*Havas*).

NOTAS DIVERSAS

Reune amanhã, pelas 21 e meia horas, no ministerio dos negocios estrangeiros, a commissão parlamentar do commercio.

—A fim de proceder á escolha do terreno para construcção de um sanatorio, seguem no sabbado para a Serra da Estrella os srs. drs. Antonio Balbino Rego e Vicente Pedro Dias, engenheiro Charles Lapierre e deputado Ribeiro de Carvalho.

—São amanhã publicadas duas «Ordens do Exercito», da 2.ª serie, inserindo importantes diplomas e grande numero de promoções.

—Por portaria hoje publicada no «Diario do Governo», foi mandada passar ao estado de completo armamento a canhoneira «Zambeze».

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

Officiaes medicos milicianos

Recebem amanhã guia no hospital militar da Estrella, ás 14 horas, os 48 officiaes medicos milicianos que concluiram o curso.

No proximo dia 15 devem-se apresentar 160 medicos para se iniciar um novo curso.

Navios requisitados

O sr. ministro do trabalho continua a tratar da questão dos navios requisitados, a fim de determinar quaes devem ser entregues á commissão delegada do governo inglez. Está calculado que para o serviço da economia nacional ficarão 15 ou 16, que correspondem approximadamente a um quinto do total dos navios requisitados.

Donativos vindos do Brazil

A commissão portugueza Pro Patria, de Juiz de Fóra, Minas, Brazil, enviou ao sr. ministro da guerra um cheque de 80 libras, para lhe ser dado destino. E' este o terceiro valioso donativo que aquella benemerita commissão remette para Portugal:—o primeiro, de 100 libras, foi entregue pelo sr. Norton de Mattos á commissão de assistencia aos soldados em campanha, da Cruzada das Mulheres Portuguezas; o segundo, tambem de 100 libras, foi entregue á Sociedade Portugueza; este ultimo, de 80 libras, foi entregue á referida commissão da Cruzada.

Abastecimento de trigo

O governo vae incumbir a Manutenção Militar de requisitar dos commerciantes e lavradores o trigo necessario ao abastecimento dos mercados de Lisboa e Porto, nos mesmos termos em que são feitas em tempo de guerra as requisições para o exercito.

No gabinete inglez

LONDRES, 10.—E' provavel que o successor do ministro Hendersen seja lord Crewe.—(*Americana*).

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CASAMENTOS

Em Santarem realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Izabel Sampaio Caldas, filha do sr. Alexandre Sampaio Caldas, com o sr. Mario de Faria Leal, regente agricola, ausente em Inhambane, representado pelo sr. Manuel da Conceição Gomes André. Serviram de padrinhos a sr.ª D. Maria Julia Sampaio Caldas Frazão e o sr. Sabino Sampaio Caldas, tios da noiva, e a sr.ª D. Georgina de Azevedo Correia e seu marido o sr. Francisco Correia.

A noiva segue por estes dias para a Africa Oriental.

—Foi pedida em casamento pelo sr. Manuel José da Rocha, para seu filho o sr. Fernando Carneiro Xavier da Rocha, a sr.ª D. Laura Artayett Barbosa, filha do sr. Gustavo Barbosa, já fallecido, e da sr.ª D. Leopoldina d'Arthayett Barbosa.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as: Condessa das Antas, D. Maria da Trindade Proença de Almeida Garrett, D. Thereza Reynoldes, D. Eugenia Candida Furtado de Antas, D. Maria do Carmo Lobato Leitão de Castro.

E os srs.: José Tiburcio de Noronha (Paraty), D. Francisco Havier da Matta Garcia Portocarrero de Vasconcellos Sotto Maior, Antonio Botelho Lobo de Lacerda, José Manuel de Vilhena de Moraes, Joaquim Roberto da Silva Falcão, Manuel de Mello Vaz de Sampaio, Antonio de Castro e Lemos (Côvo) e Vasco de Guimarães.

Saudação á Republica Portugueza

Devem vir brevemente a Lisboa dois navios de guerra inglezes a fim de saudarem a Republica.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 3/8	35 1/4
Londres, 90 d|v.	36	—
Paris, cheque	$71,0	$72,5
Hollanda, cheque	$58	$59
Madrid, cheque	1$43,5	1$44,5
Suissa, cheque	$80	$80,7
New York	1$42	1$48
Rio s|Londres	12 21/32	
Libras	7$20	7$80
Agio do ouro	49 °|o	55 °|o

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	88,40	—
» » 500$	88,35	88,40
» » 100$	88,60	88,70

Obrigações d'Estado: 2 0|0 1905, 9$40; 4 1|2 88$80, assent. 57$60.

Externas: 1.ª serie 77$80, 2.ª 77$ e 3.ª 79$ e 80$.

Acções: Banco Portugal 183$80, Lisboa e Açores 122$50; Aguas 94$; Moçambique 3$40; Phosphoros, coup. 52$, Gaz, port 89$50; Tabacos, coup. 90$20.

Obrigações: Prediaes 5 0|0, 90$60 e serie A, 90$; Ultramarino, hypothecarias 94$20; Norte e Leste, 2.º grau, 96$, Caminho de Ferro de Benguella, tit. 179$50; Assucar 41$.

Roteiro Commercial de Lisboa

Do Rocio á Praça dos Restauradores

O passado e o presente — Um pouco de historia e algumas anecdotas — Figuras que desapparecem mas que não esquecem—Quaes foram os principaes estabelecimentos antigos e quaes são os modernos

O Rocio é fonte abundantissima de interessantes tradições historicas e anecdoticas. Formando por assim dizer o coração da cidade pela sua excellente situação, não teem faltado por lá iniciativas officiaes e particulares para lhe accrescentar a vida, o interesse e a belleza. Póde dizer-se que cada um d'aquelles edificios, magestosos ou modestos, tem a sua historia, lembra uma epocha, faz surgir uma figura. Embora revista sempre aquelle aspecto de mocidade, de leveza clara e garrida que lhe imprime um trabalho de renovação permanente, o pesado rosario dos seculos tem desfiado pelas suas paredes capitulos de historia que dariam para um grandioso volume. Depois, alguns d'aquelles cafés, d'aquelles estabelecimentos commerciaes evocam a passagem por alli de politicos e de artistas que os transformaram em cenaculos de rhetorica e de discussões acaloradas em que havia vencedores com longo prestigio e vencidos por muito tempo esmagados pelo desdem e pela ironia...

Mas voltemos á historia do Rocio. Recordemos, analysemos acontecimentos passados e religuemos a tradição ao presente.

Um dos mais formosos edificios do Rocio, aquelle que mais prende as attenções do *touriste* e orgulho o nosso gosto de *alfacinhas*, é incontestavelmente o do theatro Nacional. Alguns esforços fóra da inercia vulgar, algumas boas vontades, algumas dedicações que é de justiça registrar, teem procurado fazer alli um templo de arte nacional, trabalhando para que o seu palco seja em tudo digno da magestade e da perfeição que se notam nas suas linhas architectonicas. Infelizmente — os senhores sabem—uma rajada de má sorte tem teimado em perseguir o theatro Nacional. As grandes figuras artisticas da casa cada vez se tornam mais raras e o successo de um auctor vae sendo alli tão difficil como encontrar um filão de oiro em uma terra desconhecida...

Quantos passos andados e perdidos até ao *Pedro, o cruel* que, indubitavelmente, marcou um dos mais extraordinarios exitos theatraes dos ultimos annos!

Mas vamos ainda á historia que nos explique, á custa de um exagero de imaginação supersticiosa, a rajada de má sorte que persegue o *Nacional*. As suas paredes agora cuidadosamente decoradas, corpos dignos da alma de luxo e de gosto que palpita no seu mobiliario, foram outr'ora testemunhas dos mais tragicos e pavorosos horrores que os poderes dynasticos teem inventado para torturar os homens. E' o espirito fanatisado de D. João III que passa... E' a agonia angustiosa da segunda dynastia que começa... Em um momento, revivemos aquelles apparelhos do supplicio, aquelles tribunaes de juizos, summarios e suspeitos, aquella ancia maldita de fazer mal. Foi alli a Inquisição. Mais tarde, quando o espirito da razão e da liberdade já havia rasgado as trevas da ignorancia e do fanatismo, aquelle local foi o escolhido, então, pela commissão presidida por Garrett para a fundação do nosso theatro de arte dramatica.

O plano primittivo pertencia ao architecto Luiz Chiari, mas não obteve a approvação official. Em virtude d'isto, o governo encarregou os lentes da Academia de Bellas-Artes de fazer o projecto definitivo, mas a politica metteu-se de permeio e a sua execução só em 1836, veiu a querer tornar-se um facto. Sentava-se então no throno a rainha D. Maria II que em seu nome e ao de seu esposo, D. Fernando, concorreu com dez contos de réis para esse fim. O conde do Farrobo que não deixava nunca de affirmar o amor que lhe mereciam as iniciativas da arte, subscreveu com doze contos, tendo-se ainda conseguido donativos de procedencias diversas no valor de oito contos e setecentos mil réis. A subscripção fechava em trinta contos e setecentos mil réis. Houve ainda hesitações, polemicas, retrahimentos mas, por fim, a idéa vingou, sendo os trabalhos de construcção iniciados a 7 de julho de 1842 sob plano do architecto Lodi.

Em 13 de abril de 1846—dia do anniversario da rainha—o theatro era inaugurado com a peça historica em 5 actos *Alvaro Gonçalves, O Magriço e os Doze de Inglaterra*, de Jacintho de Faria Aguiar Loureiro. Nasceu já sob os auspicios officiaes e assim o governo concordava em lhe conceder o subsidio annual de seis contos. Começava com uma sociedade artistica, modelada na *Comedie*, mas os resultados desde logo se mostraram negativos. O governo achou-se na emergencia de ter de tomar conta do theatro, sendo nomeado commissario regio Francisco Palha, fundador do theatro da Trindade o illustre poeta e prosador. Teve, depois, varias emprezas, sendo a primeira a de Santos & C.ª á qual se seguiram a de Santos & Pitorra, pae do actor Carlos Santos e uma das grandes glorias do theatro nacional, a de Biester, Brazão & C.ª e Rosas & Brazão. Aqui volta a experimentar-se a sociedade artistica cujos resultados continuam a ser desfavoraveis. Vem depois a empreza Monezes & Ferreira e actualmente, como se sabe, está nas mãos do cyclo theatral.

O Rocio presentemente surge-nos sob um aspecto revolucionario. Os acontecimentos tumultuosos que se teem dado nos ultimos annos em Lisboa fizeram sempre do Rocio a sua principal arteria da vida. Ora este privilegio—se assim lhe podemos chamar—vem de longe. Os seus cafés, numerosamente frequentados, propagadores de ideias, de credos os mais differentes, centros escolhidos para discussões entre litteratos, entre politicos, entre estudantes tiveram sempre atravez dos annos essa feição dominante.

Foi ali a *Feira da Ladra* o era ver como esse Rocio, que hoje quasi se encontra aristocratisado pela elegancia e pelo modernismo dos seus edificios, tinha, então, um aspecto absolutamente popular com os largos taboleiros cheios de velharias que o preço convidativo fazia disputar ou mesmo calceamento caracteristico coberto d'essas mercadorias. Como tudo isso já vae longe! A *Feira da Ladra* esteve depois na Praça da Alegria, d'onde se mudou para o Campo de Sant'Anna, vindo, por fim assentar arraial em Santa Clara... O lado sul do Rocio foi sempre o escolhido para os grandes estabelecimentos de fanqueiros e de modas. Existem ali lojas que contam bem um seculo, se bem que a sua apparencia esteja idicando que o espirito e a iniciativa dos seus proprietarios evolucionaram com o tempo e com o progresso.

ATRAVEZ DOS SECULOS

Como se entra na historia commercial do Rocio

Falando no Francfort Hotel e na Loja Modelo da firma Fonseca & Pinto e na «Tendinha» e na Pharmacia Azevedo

Consultemos os archivos e procuremos fixar quaes foram os mais antigos estabelecimentos commerciaes do Rocio. Pertenciam a essa hierarchia entre outras as casas de Xavier da Silva, á esquina da rua do Ouro, Pinto & Martins, Borges Pinto e Vieira, á esquina da rua Augusta, onde é actualmente a loja das meias.

A firma Borges Pinto que já em 1869 occupava um notavel logar entre os estabelecimentos que mais preferencias obtinham dos lisboetas que se sabiam vestir bem, associou mais tarde ao seu prospero commercio o seu empregado João Evangelista Maia, passando o estabelecimento a girar sob a firma Pinto & Maia. Em 1892 a casa era trespassada a Theophilo da Fonseca que tomava para seu socio

A Tabacaria Neves tinha antigamente um aspecto de grande simplicidade que contrastava com a sua freguezia

Joaquim Augusto dos Santos, sendo a firma Santos & C.ª

Por morte d'este ultimo commerciante, em março de 1898, o socio commanditario Theophilo da Fonseca tomava inteiramente conta do estabelecimento, conservando-se assim esta casa até agosto de 1911 em que era constituida a firma Fonseca & Fonseca pela entrada para a sociedade de um filho do antigo proprietario de então, Virgilio Fonseca, e do seu empregado de nome Bernardino Rodrigues da Fonseca. Este ultimo socio sahiu mais tarde e foi só então que a firma se começou a denominar Fonseca & Pinto, pela entrada de Luiz Pinto, commerciante intelligente e activo que, com Virgilio da Fonseca, iniciou os trabalhos de remodelação verdadeiramente desenvolvida e moderna que se nota presentemente n'aquele estabelecimento. Tanto em artigos para homem como em artigos para senhora a casa Fonseca & Pinto é indiscutivelmente a *Loja Modelo*, como é conhecida pela sua numerosa clientella. Os seus proprietarios timbram sempre em apresentar o que lá por fóra se produz com mais garantia e melhor gosto. Meias, espartilhos, todo o largo ramo de retrozaria—ninguem o tem melhor nem o vende por preços mais vantajosos. A camisaria, os casacos impermeaveis e outros artigos para homens ninguem conseguiu nunca apresental-os com mais diversidade e requintado gosto. Luiz Pinto que havia sido empregado em alguns dos mais antigos e conceituados estabelecimentos de Lisboa, tem primado em desenvolver os seus chonhecimentos do *metier* e em manifestar bem accentuadamente a sua actividade e a sua indiscutivel probidade commercial.

Dissemos ser o Francfort-Hotel uma das casas mais antigas tambem do Rocio e, effectivamente, pode-se constatar.

Impõe-se assim uma referencia ao Francfort, tanto mais que, como succede a muitos outros estabelecimentos, longe de reposar sobre os seus creditos, conservando o seu aspecto primitivo, veiu contribuir com o seu desenvolvimento sempre crescente para o ambiente de evolução e de embellesamento do Rocio.

O Francfort-Hotel é hoje propriedade do sr. Arthur da Silva, industrial cheio de iniciativa e de boa vontade, que tão notavel impulso tem dado á nossa industria hoteleira. Esta installado em um magnifico edificio com quatro andares, tendo cento e vinte o dois aposentos mobilados com toda a propriedade e gosto. A sua sala de jantar que comporta umas cento e trinta pessoas, é verdadeiramento soberba pela sua elegancia, embora n'ella se respire, como em todo o hotel, de resto, aquella atmosphera familiar, de bem-estar que se procura muitas vezes sem se encontrar em estabelecimentos hoteleiros.

Os seus balnearios para banhos quentes, frios e de chuva, são magnificos, bem como todas as outras dependencias do hotel. E' chefe de cosinha do Francfort do Rocio um verdadeiro artista de culinaria—Francisco Garcia—estando o cargo de *maître de hôtel* confiado a Manuel Vidal Garrido, que com o seu espirito organisador e habil, faz desapparecer todas as arestas que tem esse difficil posto. A illuminação é electrica, sendo os quatro andares servidos por um ascensor.

Os preços são de 1$900 a 2$500, estando este hotel cathegorisado de primeira ordem.

Vamo-nos agora occupar da «Tendinha», d'essa casa tão antiga e tão typica que ha de ficar eternamente ligada á historia do Rocio e mesmo á memoria de todo o commercio de Lisboa.

Muito atraz, em tempos tão remotos que a custo as reminiscencias alcançam, foi ali uma casa de cambio. Foi em 1840 que a «Tendinha» começou a explorar o negocio de vinhos com um typo de Collares e outro de Bucellas que era um verdadeiro delirio e um completo assombro. A medicina recommendava aos convalescentes a especialidade d'este *Collares*, conhecido pelo nome de *Collares Ramisco* e, embora os conhecimentos therapeuticos se tenham desenvolvido, a verdade é que os medicos ainda hoje não encontraram melhor tonico para aconselharem aos seus clientes. Chamava-se João Lourenço Represas o proprietario da «Tendinha». Falleceu em 1894, deixando o estabelecimento a sua mulher, conhecida, depois, pela *Viuva Represas*. Mais tarde tomou conta do estabelecimento o seu genro o sr. José Nunes Godinho que tem tambem a «Raoparia Central», da rua do Oiro. A «Tendinha» conserva ainda o seu aspecto primitivo, a sua feição tradicional. Quando um dia se pensou em fazer-lhe obras, não faltaram protestos contra essa profanação... Não, a «Tendinha» devia continuar assim mesmo, visto que o seu ramo de negocio não ficava prejudicado por se manter dentro de um velho relicario. E, todavia, se bem que com aquella apparencia modesta, o tradicional estabelecimento tem altos titulos nobiliarchicos; brazões de fidalguia que não são vulgares encontrarem-se. Os «Marialvas», os Nizas, toda essa linha nobre de bohemios que marcaram uma epocha, definiram uma geração e confirmaram o genio aventuroso e bravo de uma raça, ao regressarem das toiradas, e antes de se dirigirem para o restaurante *Marrare* iam para ali discutir, junto de um calice de precioso vinho, as victorias e as derrotas da arena. Era aquella mesma porta chapeada de ferro, eram aquellas mesmas paredes, pesadas e sombrias, era aquella mesma chave com trinta centimetros de comprimento. Sómente, n'esse tempo, a «Tendinha» pagava dez moedas de aluguel de casa, ao passo que, presentemente, o senhorio exige-lhe seiscentos mil réis.

Estamos agora em um dos mais antigos, senão o mais antigo estabelecimento do Rocio. E' a Pharmacia Azevedo, que fica na praça de D. Pedro, 31, e 32 e na rua 1.º de Dezembro, 24 a 38. Foi fundada em 1777 pelo padre dominicano Francisco José de Aguiar, passando depois a José Cardoso Rodrigues Crespo, em cujas mãos se conservou e se desenvolveu até á sua morte. Veiu em seguida a ser propriedade do seu genro, Antonio Feliciano Alves de Azevedo, sendo depois dos seus filhos. Estão-lhe ligadas tambem tradições litterarias interessantissimas. Era ali que costumava estacionar Nicoláu Tolentino, sendo ali que dois teimosos jogadores de gamão lhe inspiraram o conhecido soneto que é uma das suas obras primas.

Actualmente a Pharmacia e Drogaria Azevedo é propriedade da sr.ª D. Georgina de Azevedo neta do fundador d'aquelle estabelecimento, e do sr. Paschoal José de Moura.

Sendo a mais antiga pharmacia de Lisboa, é tambem uma das que mais escrupulosamente servem o publico e merece que a ella accorre, levado principalmente pela fé que lhe inspiram os seus excellentes productos, cuja longa experiencia basta para lhe assegurar os seus exitos.

ROCIO OCCIDENTAL

Ainda um pouco de historia

A «Maison Blanche», As tabacarias Monaco e Neves—As joalharias Xavier de Carvalho e Lory

O lado occidental do Rocio gosou sempre do privilegio de ser o mais procurado pelo commercio e consequentemente, o mais valorisado. As rendas e os trespasses dos estabelecimentos sobem ali a um preço muito mais elevado, comquanto a sua visinhança seja tão estreita com os outros lados.

Não é o que vimos apontando, um facto de hoje; tem sido antes um facto de sempre.

N'esse lado, nos n.ºs 81 e 82 que são hoje 24 e 25, sendo ahi a installação da succursal do «Seculo», existia em tempos que já lá vão muito distantes, o botequim do Nicola que se tornou celebre pela selecção illustre da sua freguezia.

Bocage, que era um dos seus mais assiduos frequentadores, devia ter composto n'aquella atmosphera de boa disposição, de bohemia e de alegria algumas d'aquellas maravilhosas obras de ironia que glorificaram o seu estro poetico. Com Bocage iam tambem ali quasi todos os outros grandes poetas d'aquella epoca, estasiando a vivacidade e a agudeza do seu espirito em ditos anedocticos que farão rir ainda com vontade os seculos vindoiros. Depois esteve ali a Livraria Silva que continuou a guardar essa clientella distincta, tornando-se quasi impossivel aos ambiciosos de um logar na politica ou nas lettras obterem notoriedade a valer sem primeiramento terem roçado pelo seu balcão e pelas suas estantes atulhadas de livros e de revistas. O caso é que o habito pegou, plantou estacas, creou raizes. Ainda hoje por ali proximo, á porta da Monaco, vamos encontrar grupos de escriptores, de jornalistas, de politicos que provam não ser facil cortar o fio da tradicção. Marcellino de Mesquita, Gualdino Gomes, Antonio de Albuquerque e, n'uma geração mais moça, Rocha Martins e João de Barros são os pontifices d'esses cenaculos feitos agora ao ar livre.

E, como em outro tempo, o espirito esfusia na galhardia no dito de ataque e na galhardia da réplica, sem que o estylete do *duello*, manejado com esquisita arte e delicadeza saia manchado de sangue...

Lembram-se d'aquelle *duello* de phrases entre... Sabem-se lá os nomes! Basta recordar a destreza dos *golpes*.

Certo jornalista de brilhantissimo talento e cujo espirito fino e mordaz é enormemente conhecido, preparava-se para escrever uma carta. A sua physionomia tinha alguma coisa de sombrio, de turvo, de preoccupado. Dir-se-hia que procurava, rebuscava termos e não encontrava... Um escriptor illustre, seu amigo, que o observava achou a proposito dizer-lhe ironicamente:

—Procuras fazer mais um crédor? Aposto que não serias capaz de pôr n'essa carta o numero que lhe corresponde na longa lista das tuas *victimas*.

O jornalista tossiu, enguiiu em secco, mas resolveu calar-se, emquanto a roda de ouvintes soltava uma grande gargalhada por encontrar o ataque bem dirigido ao seu feitio incorrigivelmente bohemio.

Escreveu paulatinamente a carta e, por fim, sempre com a mesma physionomia sombria e preoccupada perguntou de subito ao escriptor a quem havia fallecido recentemente o sogro, deixando-lhe uma razoavel fortuna:

—Olha lá... E's capaz de me dizer que horas são no relogio do teu sogro?

D'esta vez, o escriptor engulia tambem em secco e calava-se tambem.

Mas continuemos a historiar o commercio do lado occidental do Rocio.

Nos numeros 84, 85 e 86, actualmente 27, 28 e 29, o não menos celebre Botequim das Parras, grande centro revolucionario quando foi do movimento historico de 1820. Vinha-lhe o nome de ter o tecto decorado com cachos de uvas e grandes parras. Nos ultimos annos estiveram ali a tabacaria Gusmão, a loja de modas Monta e a que se lhe seguiu e que foi passada aos proprietarios da pequena vaccaria contigua.

Voltemos, porém, atraz e vamos a vêr quaes d'estas casas se teem transformado, quaes teem mudado de expressão para acompanharem a nota bizarra do progresso. No Rocio numero 14, foi em 1880 uma loja de chá, de um individuo do nome Vianna, depois foi ali um deposito de machinas de costura pertencente á firma Santos Beirão.

Mais tarde, o commerciante Alves estabelecia n'este predio uma gravataria que se impoz immediatamente ao meio «chic» pela sua elegancia e pelo seu gosto e, finalmente, em 1910, Julio de Miranda, seu novo proprietario, modernisava o estabelecimento, fazendo importantes obras na sua installação e enriquecendo com novos artigos os seus amplos mostruarios. A «Maison Blanche» é, sem favor, uma das principaes camisarias de Lisboa. O comprador mais exigente encontra ali a satisfação plena das suas exigencias. Desde a roupa branca de senhora, de cambraia e rendas finissimas de camisas, gravatas, meias e outros artigos para homens—que delicadeza e que perfeição de acabamento! A «Maison Blanche» vende ainda finissimas perfumarias dos mais acreditados fabricantes francezes e inglezes. A gentileza do dono da casa é extremamente captivante.

No predio onde hoje está a tabacaria Monaco, foi a mercearia de José Dias, o *Consciencia*. A tabacaria Monaco, no Rocio n.º 21, foi fundada por Julio Oros, que ao seu desenvolvimento e á sua reputação legou quasi uma vida inteira. Julio Oros veiu a enriquecer, mas de poucas pessoas se poderá dizer com tanta justiça, que é uma riqueza abençoada por um trabalho honesto e sympathico. Hoje a Monaco pertence ao sr. José Rodrigues Marreços que continúa com o mesmo esforço probo e dedicado a manter-lhe as suas brilhantes tradições. Vende o que de melhor ha em tabacos nacionaes e estrangeiros e artigos de fumadores, loterias, jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras, sendo a unica agencia de jornaes do Porto.

Falamos atraz no café Nicola, onde Bocage e outros poetas da sua geração, costumavam estacionar. Está actualmente n'esse predio—21 a 25— a importante joalheria Xavier de Carvalho, que ali se installou em 1910. Já temos dito que a ourivesaria em Portugal gosou sempre fóros de gloria. Pois bem, a joalheria Xavier de Carvalho justificou plenamente esses creditos e não é difficil verifical-o, desde que se lance um rapido golpe de vista pelos seus mostruarios sempre repletos de joias, das quaes não desdenharia até uma princeza. Tudo quanto se pode desejar ou sonhar em prataria, ourivesaria e em joalheria, sae primorosamente acabado das officinas d'este estabelecimento, cujos proprietarios teem ainda a recommendal-os uma inconcussa probidade, mantida e provada atravez das suas numerosas transacções e entre a sua selectissima clientella. Os seus preços não teem competencia.

No n.º 40 é a joalheria da firma Joaquim J. Lory & C.ª, um dos mais importantes estabelecimentos n'este genero do paiz. Foi ahi antigamente a chapellaria Roxo, tão conhecida em Lisboa, que se sabia vestir com gosto. Esta joalheria abriu em 1902, começando sob a firma Joaquim J. Lory, mas já ha muitos annos, o pae d'este commerciante era proprietario de grandes officinas de ourivesaria e joalheria que largamente forneciam o commercio que se dedicava a esse ramo.

Os objectos sahidos das officinas Lory eram requintadamente artisticos de uma solidez e elegancia inexcediveis, e, indubitavelmente, impunha-se a abertura de um estabelecimento que os mostrasse ao publico e onde se vendessem. Effectivamente, Joaquim Lory, sendo o successor de seu pae, que ha cerca de trinta annos trabalhava n'essa delicada industria, correspondeu com a sua admiravel iniciativa a esta necessidade, abrindo este estabelecimento, que se tornou em um verdadeiro acontecimento, não só pelo bom gosto e variedade dos objectos que apresenta, como ainda pela elegancia que havia presidido aos trabalhos de installação.

Actualmente este estabelecimento pertence ao seu fundador Joaquim Lory e seu irmão Carlos Lory. O sr. Joaquim Lory trabalhou nas principaes officinas de ourivesaria parisienses, sendo uma d'ellas a conhecida casa Savard, na rua S. Gilles, que occupava então cerca de 600 operarios, tendo-se ahi feito o insigne artista que é o que sem favor se reconhece.

Podemos affirmar, sem o receio de um desmentido, que o fabrico da casa Lory rivalisa com o que de melhor, de mais perfeito, e de mais caprichoso se encontra nas grandes cidades europeias. Tem sempre as mais recentes novidades em joias, pratas e relogios, possuindo desenhos interessantissimos para montagem e transformações de joias.

Seguindo sempre com attento cuidado o que lá fóra se faz de mais moderno e de mais perfeito, para o que se não poupa em viagens ao estrangeiro, a Joalharia Lory faz a montagem das pedras preciosas exclusivamente em platina o que, como se sabe, lhes faz realçar a belleza e o encanto.

O anno passado, em um concurso aberto pelo governo para a venda de grande quantidade d'este precioso metal existente na Casa da Moeda, os industriaes Lory adquiriram essa platina pela importancia de 43 contos, para o que apresentaram uma proposta superior em 13 contos á dos outros concorrentes.

A superioridade, portanto, do *stock* que a casa Lory possue em platina é monstruosa e representa um importante capital desde que se saiba que, depois da guerra, é prohibida a exportação d'esse metal, que a joalharia moderna de cada vez procura com mais interesse e aproveita com maior exito.

O seu pessoal é habilissimo, sendo parte dos seus technicos e dos seus desenhadores de nacionalidade estrangeira que com os artifices nacionaes apresentam essa delicadissima industria tão cheia de arte e deslumbramento.

Estabelecimento de ferragens—A Tabacaria Neves—A Pharmacia Estacio—A Companhia de Seguros Fomento Agricola—A casa de automoveis Rugeroni & Rugeroni

Existe ainda no lado occidental do Rocio, no numero 41, um importantissimo estabelecimento de ferragens nacionaes e extrangeiras, propriedade de Gabriel de Carvalho. Recordemos um pouco a sua historia. Esteve ali uma tabacaria do avó dos actuaes donos da tabacaria Neves, passando depois essa casa para o commerciante Narciso e Costa que começou a explorar o negocio que actualmente ali se encontra. O seu proprietario de hoje não se tem cançado a dispender reforços para desenvolver o seu estabelecimento que n'aquelle ramo, é sem duvida um dos que mais levantam e honram a nossa iniciativa commercial. Tem á venda um magnifico sortimento de talheres com cabo de ebano, metal branco e cristofle, canivetes, thesouras, bandejas e serviços de chá e café de aprimorado gosto e por um preço moderadissimo, louças de aluminio e outros artigos para uso domestico, ferramentas para carpintaria, etc., etc.

Vamos uns passos mais acima e defrontamos com a Tabacaria Neves que as tradições do Rocio acompanham.

Foi ali a primeira casa onde se vendeu agua de Cintra, sendo além d'isso estação das diligencias que partiam para aquella pittoresca villa antes de haver caminho de ferro.

Tabacaria Neves deve ter cerca de cincoenta e dois annos, tendo sido seu fundador Fortunato Augusto Jorge das Neves, pae do actual proprietario, o sr. Julio Augusto Jorge das Neves que a ampliou e lhe deu um impulso digno do seu espirito intelligente e progressivo e da sua actividade emprehendedora.

A «Chave de Oiro» é um dos estabelecimentos que mais concorre para o embellezamento do Rocio moderno

Tambem na Tabacaria Neves se costumavam reunir os vultos mais notaveis da politica que para ali iam travar discussões ou derimir impressões trocadas nas Côrtes...

Na tabacaria Neves encontra-se á venda um completo sortimento de tabacos nacionaes e estrangeiros, aguas potaveis e mineraes, artigos para fumadores e papelaria, loterias, sellos, photographias representando os mais interessantes aspectos do paiz, postaes illustrados, objectos artisticos para brindes, perfumarias de marcas estimadas, livros, jornaes, papel para escrever e mais, emfim, uma variedade e excellencia de fornecimento que convida a uma visita ao estabelecimento.

A Joalharia Lory possue uma installação elegantissima

Nos numeros 60 e 63 foi em outro tempo uma casa de moveis da firma Aguiar & Ferreira. Actualmente está ali a conhecidissima pharmacia Estacio, como desde a primitiva foi denominada. Em 1898, organisava-se para a sua exploração a Companhia Portugueza de Hygiene com um capital de duzentos contos de réis. A iniciativa, porém, mallogrou-se completamente e em 1913, depois de uma assembleia geral, resolvia-se liquidar todos os seus haveres. Foi então que a actual firma constituida pelos srs. B. Santos, que tem a seu cargo a gerencia, e do sr. Antonio Mattos, que tem a direcção technica, tomaram conta d'esta pharmacia, com o direito de continuar com o nome de Pharmacia Estacio, que ainda presentemente conserva.

O esforço intelligente dos seus proprietarios actuaes não conheceu limites. Dentro dos seus laboratorios formigam uns cincoenta empregados que, sob uma direcção escrupulosissima e de uma inexcedivel competencia, procedem á elaboração dos productos pharmaceuticos. A Pharmacia Estacio, pela sua magnifica situação e pelos seus creditos ha tantos annos solidamente firmados, tem, incontestavelmente, entre as casas do seu genero, assegurado um dos primeiros logares.

O *Fomento Agricola* é uma Companhia Internacional de Seguros e está installada no Rocio, 59, 1.º.

Foi primitivamente Companhia Internacional de Seguros. Fundada em 1895.

Annos depois adquiriu por compra—a carteira da Companhia Geral de Seguros e Fomento Agricola tomando então o nome que hoje usa.

Explora seguros terrestres agricolas, maritimos, postaes, crystaes e de guerra, gréves e tumultos.

Tem pago d'indemnisações até hoje: 825.0.080$00.

Possue uma agencia na provincia e é representada no Porto pela firma A. Faria Campos & C.ª, cujo escriptorio é na rua das Flores, n.º 6.

Esta Companhia que teve dias de menos felicidade esta hoje em condições bastante prosperas de molde a offerecer todas as garantias exigiveis dos estabelecimentos d'esta ordem.

A direcção é assim composta:

Effectivos, Manuel Vicente Ribeiro, capitalista; Albino Rodrigues Cardoso Corvaceira, commerciante; dr. José Emygdio Ribeiro Correia Guedes, medico e proprietario.

Substitutos—José Cambournac, industrial; Antonio Menezes Vasconcellos, proprietario; Tito de Lima Netto, Commerciante.

Chegamos á esquina do Rocio, largo de Camões.

Ha ali uma casa de portas e vitrines muito rasgadas e espelhentas com uma decoração fresca, delicada, requintadamente artistica. Dir-se-hia que um trecho da vida commercial de algumas das grandes principaes cidades mundiaes se transportara para aquelle canto, tal é a nota de belleza e requintado gosto esthetico com que nos impressiona. Recordemos. Ha muitos annos atraz foi ali a papelaria Mattos & Moreira que teve voga nas rodas mundanas, passando depois a ser propriedade da firma Alves & Baptista. A renovação da casa, a sua decoração cheia de arte, aquelle aspecto de modernismo que aos proprios «touristes» encanta tudo isso, porém foi obra da iniciativa arrojada verdadeiramente americana, da actual firma Rugeroni Limitada que nos ultimos annos installaram ali uma garage para venda de automoveis e de todos os seus accessorios, ao mesmo tempo que se relacionavam largamente com os melhores fabricantes n'este ramo, da America, da Belgica e da França.

Tem sido esta firma que nos tem dado a conhecer as principaes marcas de automoveis de luxo, taes como Rolls-Royce, Napier e Metallurgique que sempre foram montados nas inimitaveis carrosseries Vanden Plas.

Segundo a opinião dos principaes sportsmen a firma Rugeroni & Rugeroni Limitada conseguiu ter em Lisboa um salão de exposição de luxo como não se veem melhores em qualquer capital da Europa, e, com respeito a accessorios, teem sempre em deposito um numero bastante elevado dos indispensaveis ao automobilista.

Esta firma tambem representa em Portugal os celebres camiões americanos e Kelly-Springfields tendo vendido ultimamente algumas centenas para os ministerios da guerra, belga, francez e portuguez, bem como a diversos industriaes portuguezes.

Para ainda melhor poder desenvolver-se com a confiança da clientella do paiz e não se poupando a despezas, adquiriu a firma Rugeroni & Rugeroni Ltd. os serviços do conhecido perito de automoveis europeus o nosso amigo José Aguiar e para os camiões e automoveis americanos que representam taes como Scripps-Booth Jeffery e Kelly, teem ao seu serviço o engenheiro norte-americano sr. Crossbie. Os automobilistas lisboetas e o Rocio podem pois felicitar-se de ter a mais bonita garage da Europa, graças aos esforços da firma Rugeroni & Rugeroni Limitada.

Armazem de Pianos e Musicas, J. Heliodoro d'Oliveira, 66, 57 e 58, Praça de D. Pedro, 84, 86, 88 e 90, Rua 1.º de Dezembro

A *Casa Oliveira* foi fundada em 1853 sob a firma *J. Heliodoro d'Oliveira* e estabelecida na rua dos Fanqueiros n.º 262, sobreloja, e transferida em junho de 1865 para a praça do Rocio, onde ainda hoje se conserva, em predio da sr.ª Duqueza de Cadaval. Este predio parece ter sido acabado de construir em 1819, tendo a loja sido arrendada a José Maria de Carvalho e depois, em 1865, occupada pelo Armazem de Moveis de Antonio Macedo dos Santos. Existe hoje só um empregado da Casa Oliveira n'aquella epoca, o sr. Francisco José Rodrigues, que ali fez a sua aprendizagem na reparação de pianos, tendo hoje a sua officina na rua do Telhal, 43. Poucos annos depois, em dezembro de 1878, falleceu o fundador, passando o estabelecimento a ser dirigido por sua viuva, sob á firma *Viuva Heliodoro d'Oliveira*.

Vendiam-se então pianos verticaes francezes: *Aucher Frères, Thibouville-Lamy, Henri Herz, Pleyel, Erard*, etc.

Um piano de *Aucher Frères*, pequeno modelo, cordas verticaes, armado em madeira, vendia-se por 40 libras, oiro; um modelo N.º 2, medio, por 44 libras; era uso cotarem-se então os pianos em libras. Um piano vertical de *Pleyel*, modelo medio, vendia-se por 66 e um grande modelo por 90 libras. Um grande modelo vertical *Erard* custava 100 libras. E' de admirar como, apezar do notavel aperfeiçoamento na construcção dos pianos, estes preços, pagos em oiro, são ainda hoje os mesmos. Por 44 libras obtem-se um piano de cordas verticaes ou obliquas armado em ferro, e por 59 libras um bom instrumento com cordas cruzadas.

Pianos de Pleyel e Erard custam os mesmos preços, oiro; salvo os pequenos modelos, que são ainda mais baratos. E que grande differença no estylo, na sonoridade, no timbre e na duração das bellas qualidades do som! E, graças á qualidade dos feltros e das cordas e ao enorme augmento da sua tensão, que póde elevar-se nos pianos armados em ferro a 40.000 libras inglezas, e nos armados com placa metalica de aço abobada a 60.000 libras por centimentro quadrado, que se consignem as prodigiosas qualidades do piano moderno. E' a enorme producção annual das grandes fabricas, bastantes das quaes já produziram mais de 100.000 instrumentos desde a segunda metade do seculo passado, que tem obstado á subida dos preços apezar da duração do piano moderno e do aumento incessante da sua procura.

Aos oitenta annos do seculo passado crescia a importação dos pianos allemães, que começára depois da guerra franco-prussiana, operando-se uma verdadeira revolução no mercado da capital. Não tanto assim no Porto que, acceitando o piano allemão, se manteve mais fiel á tradicção franceza.

Em 1884 tomára a Casa Oliveira a honrosa representação da reputadissima firma *Rud Ibach Sohn*, de Barmen. Em 1888 assumia ainda a representação da acreditada firma *Carol Otto*, para todos os seus modelos com excepção de um que continuou a ser fornecido exclusivamente á *Casa Lambertini*.

A 3 de março de 1900 falleceu a viuva Oliveira, tendo deixado a casa em estado florescente. Esta continuou a girar sob a firma *J. Heliodoro d'Oliveira*, que adoptára o pae do actual proprietario. Este teve durante annos de limitar a sua acção ás relações exteriores, confiando a gerencia dos negocios internos ao empregado mais antigo sr. Francisco Pinto, em serviço na casa desde 1884.

Desenvolveu-se então o ramo de negocio em pianos de cauda Ibach. Em 1901 forneceu a casa para o Paço das Necessidades um piano de cauda de concerto, modelo Ricardo Wagner, a favorito do insigne *maestro*. *Ibach* recebeu então o diploma de *Fornecedor da Casa Real*.

Em 1913 forneceu a casa ao Conservatorio um piano *Ibach* de grande cauda de concerto, mediante concurso publico em que tomaram parte as grandes firmas mundiaes representadas em Lisboa e Paris

o. Já no anno anterior tinha fornecido ao Conservatorio para uso das aulas, tambem por meio de concurso, quatro pianos verticaes Ibach, do modelo usado nos Conservatorios da Allemanha.

Tambem, em 1913, assumiu a casa a representação de uma firma americana de primeira ordem, a firma *Fischer*, a mais antiga de Nova York e muito conhecida no Brazil. E' celebre pelos seus pianos e ainda mais pelos seus *Auto-Pianos*, de que se faz larga exportação. Estes instrumentos automaticos não tem rival que os exceda em perfeição: são de *acção dupla*, emquanto muitos outros são de acção simples; a roagem de *aspiração é metalica*, e não em madeira, como geralmente succede; os pedaes, do systema privilegiado, são extremamente suaves; o mechanismo automatico é feito de uma *liga de aluminio* e outro metal, em vez do mecanismo de madeira usado em todos os outros, o que o torna imune á influencia do clima e lhe assegura duração indefinida. O motor é de cinco pontos ou movimentos, emquanto os outros é geralmente de 3 ou 4: isso lhe garante uma perfeita e branda regularidade de marcha.

Tambem, n'um do mesmo anno, apresentou a casa os seus *Auto-Pianos Ibach*, providos do mechanismo automatico Hupfel genero *Phonola*, reunindo, n'um só, dois instrumentos provenientes de fabricas de primeira ordem allemãs, das mais distinctas cada uma na sua especialidade.

Tendo sobrevindo a guerra europeia e tendo cessado em 1915, depois do bloqueio, a importação da Allemanha, formou-se a Casa Oliveira da America por acção das importantes fabricas *Fischer* [illegible] que representa em Inglaterra por meio da firma *Moore & Moore*, que tambem representa e cujos instrumentos são conhecidos pela denominação *Famous British Pianos*, e finalmente, da França por meio de duas das mais distinctas firmas francezas que muito se honra em representar, taes são a muito antiga firma *Pleyel*, cuja reputação mundial se tem affirmado pelos notaveis progressos da sua construcção que de ha muito teem revelado competencias, e pela moderna firma *Gabriel Gaveau*, cujos instrumentos são conhecidos em Paris por *Pianos d'Art*, são um verdadeiro primor d'obra, como instrumentos e como moveis. Este fabricante é um dos [illegible] firma Gaveau, [illegible] a Casa Oliveira, outra firma franceza, dignos de menção, a de *Klein Frères*, cujos productos se tornam geralmente accessiveis pelo seu moderado preço.

Os progressos feitos pelas principaes fabricas francezas teem-lhes grangeado no paiz um mais favoravel acolhimento. As grandes firmas francezas rivalisam hoje com as primeiras firmas allemãs. Da mesma sorte, as firmas de segunda ordem dos seus paizes; podendo affirmar-se que o piano francez se faz notar pelo bom material empregado e pela qualidade da mão d'obra. Não se encontra n'aquelle mercado o genero excessivamente barato, que é a feição predominante no mercado allemão: o genero *camelote*, do que o commercio livre e abusado [illegible] uma ainda introduzindo na capital uma ainda de pianos de auctores desconhecidos ou sem auctor, cujos attractivos são a boa apparencia e o baixo preço para seducção dos incautos.

A Casa conserva ainda todo o seu antigo pessoal com excepção do afinador, que é actualmente o sr. Affonso Gaupin do Souto, muito notavel não só pela sua aptidão technica como pela sua educação musical.

Os cafés do Rocio

Quem são os "habitués,, de "A Chave de Oiro,, da "Brazileira,, e do "Gelo,,

Já dissemos que os antigos cafés do Rocio deixaram de si uma memoria impossivel de extinguir-se. Todos elles tiveram o seu publico especial, caracteristico, fiel. Eram centros de discussão de movimentos revolucionarios, quer de idéas, quer de factos.

Pois bem, os cafés que actualmente se ostentam no Rocio — e dissemos *ostentam* porque a nenhum d'elles faltam os requisitos do conforto e da elegancia que se encontram em estabelecimentos congeneres do estrangeiro — todos esses cafés, mantendo a tradição dos seus antecessores, conquistaram uma freguezia quasi, por assim dizer, homogenea e invariavel.

«A Chave de Oiro», que occupa o logar da antiga Pastellaria Carvalho, nos numeros 36 e 38, é o mais recente, mas innegavelmente que tem já creada a sua clientella.

E' uma clientella grave, um tanto aristocratisada, que commenta e discute em voz baixa, esperando talvez que mais acima o signal de um clarim de guerra a convide um dia a explodir tambem. As senhoras que lamentavelmente — diga-se de passagem — teem abandonado os cafés entre nós, começam a romper com esse preconceito, affluindo alli já em grande numero.

«A Chave de Oiro» que ainda ha poucos dias se inaugurou, mereceu-lhes bem essa distincção. Os seus proprietarios, os srs. Marcellino Nunes Correia, Bernardino Henriques de Almeida, Manuel Soares Correia e Antonio Simões Rosa, constituindo uma sociedade para metter hombros a esse admiravel emprehendimento, demonstraram bem a sua intelligencia fóra do commum e a sua idiciativa rasgadamente audaciosa. A abertura da «Chave do Oiro» foi um assombro para a população lisboeta. A sua magnifica architectura, a sua deslumbrante decoração, os mil e um detalhes de arte e de gosto que se lhe notam, fascinaram-a completamente.

Os artistas que lhe haviam dado os fulgores do seu talento eram: — o architecto Norte Junior, o esculptor Borges Teixeira e o pintor Bmevindo Ceia. Novos projectos, mais rasgados planos germinam, no emtanto, no espirito dos illustres proproprietarios da «Chave de Oiro». Pensam em installar muito brevemente uma vasta sala de bilhar, tencionam fazer ouvir no inverno proximo, excellentes sextettos dirigidos pelo maestro Garot e o seu gerente continuará a ceder a «Chave de Oiro» para que ali se levem a effeito festas de caridade.

No admiravel estabelecimento que acaba de acrescentar uma importante nota de embellezamento ao Rocio, encontram-se deliciosos refrescos, chá, licores etc.

Subindo o Rocio sempre na mesma direcção, encontra-se a «Brazileira», cuja frequencia é na sua grande maioria composta de elementos revolucionarios. Consagrou-a como centro de revoluções a presença ali do Buiça? Já antes do regicida ia para as suas mezas de marmore fixar e dar vulto ao seu tenebroso plano? Estaria assim consagrado? Não importa a primeira ou a segunda hypothese; o caso é que não ha revolução nos ultimos annos em Lisboa que não tenha na «Brazileira» o seu principal ponto de irradiação. Não obstante, as difficuldades de toda a ordem que teem travado o andamento da importação. «A Brazileira» — certamente que com enormes sacrificios — espera muito em breve receber um carregamento de chá, de moka, de café, de aguardente etc., de modo a manter sempre inalteravelmente firmes os creditos no fornecimento da sua casa. A proposito, será bom lembrar ao governo quanto estes commerciantes terão a lucrar o, e consequentemente, todo o paiz na solução do problema de transportes e no estabelecimento do porto franco. O socio, sr. Telles cujo espirito emprehendedor é dos mais admiraveis que conhecemos, não marca treguas á sua actividade. Assim, embora cercado das difficuldades que summariamente apontamos, pensa em fazer na succursal do Porto a venda do café, á chavena, bem como de ampliar a installação de aquelle estabelecimento.

O espeto da «Brazileira», inscreve ainda na linha esthetisa do Rocio uma nota de gosto, de elegante simplicidade que não pode deixar de enthusiasmar.

... E' agora a mocidade bohemia esturdia, alegre que ri e folga. Estamos á porta do «Gelo», nos numeros 64 e 65. Foi ali o Café Freitas que deixou um rastro quente de reminiscencias que chegou até aos nossos dias. Os actuaes proprietarios do Café Gelo, os srs. Januario & Matheus Baptista que estão ali desde 1900, são de uma gentileza que a todos captiva.

Seria errado dizermos que o «Café Gelo» é frequentado presentemente só por estudantes. Essa frequencia naturalmente que lhe é certa, mas com ella para alí vão politicos, homens de lettras, militares, funccionarios publicos que já um dia foram estudantes e que ficaram com amor á casa.

Na verdade a ordem e o primor que se nota nos serviços do «Café Gelo», tão popular e tão querido, convidam toda a gente que preze a sua educação e o seu bom gosto, a frequental-o.

ROCIO ORIENTAL

Estabelecimentos importantes

Casa de chapeus de L. de Moraes — A Loja Suissa A Camisaria Sousa & Pinto — A Casa Suissa

Vamos percorrer agora os principaes estabelecimentos que emprestam movimento e belleza ao lado oriental do Rocio. No numero 117 encontramos a importante chapellaria de F. L. de Moraes, com um convidativo sortimento de chapeus para senhoras e creanças.

O predio em que se encontra elegantemente installada era propriedade do Convento dos Frades Pedintes, sendo hoje propriedade do Conde do Paço do Lumiar.

O sr. Frederico Leopoldino Moraes Palmeiro que usa a firma commercial F. L. Moraes e que pertence a uma das mais illustres familias portuguezas, sendo ainda parente muito proximo do sr. barão da Regaleira, esteve empregado na casa na rua Augusta, Severino de Magalhães, uma das mais antigas rouparias de Lisboa, tendo passado para o estabelecimento em 1880, então propriedade do sr. Manuel de Oliveira. Só, porém em 1900 ficou com a propriedade definitiva da casa, começando, desde logo, a dedicar-se ao commercio de chapeus para senhoras e creanças.

Foi o sr. Moraes Palmeiro que tomou a louvavel iniciativa de modernisar o seu estabelecimento que apresenta hoje um bello aspecto, sendo de um apurado gosto e por preços moderadissimos, o enorme sortimento de chapeus para senhoras e creanças que lá se encontra.

No Rocio 114 e 115 é a loja Suissa, com uma larga clientella conquistada pela primorosa qualidade de todos os artigos que vende. E' seu proprietario, desde o anno passado, o sr. Raul Nogueira da Silva que immediatamente procedeu no seu estabelecimento a importantes obras e melhoramentos. N'essa occasião, ao fazerem-se escavações, foi encontrada a cabeça de um anjo de pedra que devia ter pertencido ao convento dos frades de S. Vicente. O sr. Nogueira da Silva guarda essa cabeça como sua *mascotte* e effectivamente, bem o parece se lembrarmos que a Loja Suissa consegue dia para dia augmentar espantosamente a sua clientella. Ninguem tambem, como a Casa Suissa, apresenta um tão gracioso sortimento de rouparia para creanças e para senhoras, sendo os seus enxovaes vaporosas nuvens de cambraias e de rendas que recordam as phantasias delicadas que o acaso recorta nas espumas... Chapeus, toucas, camisaria de homem, fazendas brancas lindissimas são ainda fornecimentos que recommendamos com si uceridade aos nossos leitores.

Façamos agora uma visita á Casa Suissa que pertence presentemente a uma sociedade constituida pelos srs. David Martins, Antonio Fernandes David de Andrade, Adolpho Pires Coelho David, João Caetano Martins, Antonio Santos Gamito e Francisco Vieira Thadeu de Almeida, chefe do escriptorio e Alberto José David, gerente da casa.

Os trez primeiros socios foram antigos empregados da casa, o que tanto basta para dizer do conhecimento que teem do seu *métier*. Todos, porém, teem contribuido, dentro do campo das suas attribuições, para o desenvolvimento e prosperidade da Casa Suissa, onde a roupária para senhoras e creanças, vestidos e capas de baptisado, blusas, as ricas *parures*, os bordados em todos os generos attingem um verdadeiro sonho de maravilha e de deslumbramento.

A Casa Suissa é antiquissima, e, interessante pormenor: quando ha uns annos, para importante remodelação da casa, levaram os operarios a fazer excavações, foram encontradas rendas preciosas com mais de trinta annos de existencia que os actuaes proprietarios do estabelecimento aproveitaram na decoração das suas *vitrines*. Os *ateliers* da Casa Suissa estão modelarmente organisados, o seu pessoal é habilissimo, sendo interessante registrar que a tesoura de que ainda hoje se serve tem passado de firma para firma, gosando quasi do privilegio de um *talisman*.

Sahimos do lado occidental do Rocio para irmos procurar ainda uma casa que fica do lado sul, e a que não podemos deixar de nos referir. E' a *camisaria, roupparia e modas da firma Silva e Sousa*, na praça de D. Pedro, 7, 8 e 9. Já em 1870 esta casa explorava o mesmo ramo de commercio que presentemente tem, sob a firma Pinto & Martins, que passou a ser proprietaria do Brazil Elegante. No seu genero de negocio, a Camisaria Silva & Sousa é a mais antiga, a reliquia mais preciosa n'aquelle dominio commercial que possue o Rocio. Um dos socios, o sr. Bernardido Ferreira da Silva, esteve no Pará, onde consolidou a sua reputação no commercio, e além do que foi alli um grande amigo do seu paiz, sendo um dos organisadores da grande commissão de subscripção do navio *Patria*.

Os fornecimentos da Camisaria Silva & Sousa, em roupas brancas e modas e confecções para senhoras e cavalheiros são verdadeiramente modelos.

Algumas notas historicas agora.

Os estabelecimentos lados oriental e sul do Rocio teem talvez a primazia na edade, conservando ainda, apezar dos indiscutiveis progressos que dia a dia apresentam, aquelle ar grave, um tanto pesado, solido do commercio antigo. Ali perto do commercio occidental fica o palacio do conde de Almada, d'onde sahiram os quarenta patriotas que annunciaram a revolução de 1640. Foi ali recentemente o quartel general da 1.ª divisão militar.

Tambem proximo fica o palacio Regaleira, cujas recepções requintadamente aristocraticas vivem nas paginas da nossa historia mundana. Mais acima, onde está uma loja de penhores, era o solar magnifico de Filippe de Vilhena, scenario de uma das mais empolgantes paginas da historia da coragem e do valor da mulher portugueza. A egreja de S. Domingos evoca-nos uma passagem dolorosa do fanatismo que desvairou as multidões do reinado de D. Manuel, levando-as á horripilante carnificina dos judeus. Foi n'essa egreja tambem que celebraram esponsaes alguns dos reis da dynastia brigantina. Mais recentemente o largo de S. Domingos lembra-nos o acontecimento historico da implantação da Republica.

Foi ali que se concentraram de 4 para 5 de outubro algumas das tropas que entraram no movimento.

Estamos agora no largo do Camões, cujo ambiente garrido, aristocratico mesmo, marca um absoluto contraste com o Rocio, apezar de se lhes distanciar apenas alguns passos.

No Rocio movimentam-se as multidões revolucionarias, traça-se e fomenta-se o poder da *rua*, levantam-se e derrubam-se governos com clamores ruidosos que as paredes, longe de abafarem, espalham em echos sonoros... Na praça de Camões o espirito politico pode viver sob a mesma agitação de discussões e de protestos, mas a fórma de manifestar é sempre mais calma e os proprios revolucionarios, sentados ás mesas dos seus cafés, teem um aspecto menos berrante, menos terrivel.

Comecemos na Praça de Camões por nos referirmos a um verdadeiro potentado commercial. Encontra-se no segundo andar do predio n.º 11, sendo constituido pela firma Leitão & C.ª

DO CAMÕES AO PRINCIPE

Outras firmas importantes

A casa Seixas & C.ª — A Equitativa — A Kermesse de Paris — A Tabacaria Marrecas

A *firma Seixas & C.ª*, que data de ha muitas dezenas de annos na praça de Lisboa, foi fundada sob o seu nome individual pelo fallecido capitalista Manuel Antonio de Seixas, conhecido pelo *Seixas do Rocio*, por ter residido a maior parte da sua vida no primeiro predio que, ao que consta, comprou em Lisboa, sito no Rocio, n.ºs 45 a 50, e onde até ao fim do anno de 1901 se encontrou estabelecido o *escriptorio da firma Seixas & C.ª, que actualmente se encontra installado no largo do Camões, n.º 11, 2.º, sendo actuaes socios d'esta firma: Carlos de Seixas, neto mais velho do fallecido Manuel Antonio de Seixas, e João Anastacio Gomes*.

O fallecido Manuel Antonio de Seixas, que era natural da Villa da Torre de Moncorvo e que exerceu pela sua probidade e faculdades de trabalho, logar de de destaque no meio commercial e financeiro de Lisboa, manteve negocio de grosso trato com o Brazil, tendo a casa Seixas, por essa occasião, lugres (visto que a navegação a vapor ainda não existia) que da praça de Lisboa sahiam carregados para a hoje florescente Republica irmã, de todos os generos de que ella necessitava, voltando depois com importantes carregamentos de assucar e outros generos vindos do Brazil. Varios ramos de negocio essa antiga firma explorou, até que depois de Manuel Antonio de Seixas já ter dado sociedade aos seus dois filhos Julio Henrique de Seixas e Henrique Julio de Seixas e seu sobrinho Francisco Antonio Meyrelles (hoje tambem fallecidos) a firma Seixas & C.ª iniciou o seu negocio de exportação de azeite para o Brazil e Africa, com a marca *Azeite Seixas*, marca esta que é hoje (julgamos não estar em erro) a mais antiga que concorre aos mercados do Brazil, tendo sido premiada em todas as exposições a que tem concorrido, obtendo ainda na Exposição dos Estados Unidos do Brazil em 1908, medalha de ouro. Foi tambem a firma Seixas & C.ª que iniciou a exportação d'este genero enlatado, visto que até certa data o azeite era exportado unicamente em barris e em diminuta quantidade. A firma Seixas & C.ª, de 1904 para cá, com a entrada do socio João Anastacio Gomes, passou a alargar o seu commercio de exportação, explorando hoje todos os negocios de commissão e consignação e conta propria e mantendo os seus depositos de azeite em Braço de Prata, não havendo duvida de que desde o inicio d'esta especialidade de negocio (azeite) tem sido o maior exportador do genero, sendo, portanto, um dos maiores propagandistas do azeite portuguez em terras do Brazil e naturalmente uma das firmas que mais tem animado a oleicultura portugueza, esmerando-se sempre em servir o melhor possivel, tanto em preços como em qualidades a numerosa clientella que a honra com os seus pedidos. Emfim, a firma Seixas & C.ª é uma das mais antigas e conceituadas que gira na praça de Lisboa, conhecidissima e tambem acreditadissima nas praças do Brazil e com quem ninguem tem a mais pequena duvida em negociar, devido á correcção com que os seus antigos e os seus actuaes socios trataram e tratam todos os assumptos de que se encarregam.

O activo socio Carlos Seixas honra as tradicções commerciaes d'esta firma, sendo um rapaz de rara actividade, tendo-se afastado sempre de todos os convites para fazer parte dos corpos gerentes de bancos e casas de credito para dedicar toda a sua attenção ao seu escriptorio commercial. Portugal muito lhe deve pelo cuidado com que tem trabalhado para o bom nome dos nossos productos no Brazil. Carlos Seixas, fóra das horas das suas luctas commerciaes, dedica-se a colleccionar quadros, possuindo hoje umas 150 telas de Carlos Reis, Malhôa, Salgado, emfim, de todos os nossos grandes artistas contemporaneos. Quer na casa da sua residencia, quer no seu escriptorio, todo o mobiliario é de industria nacional. Costa Motta está trabalhando em esculpturas para a sua sala — allegorias ao canto, a musica e á dança.

Carlos Seixas é, pois, um commerciante e um artista que honra sobremaneira a actividade e a intelligencia do espirito portuguez.

Na Praça de Camões, esquina da rua do Principe, está «A Equitativa», a conhecidissima companhia de seguros.

Em 1904, *A Equitativa dos Estados-Unidos do Brazil* installou no Largo de Camões, 11, 1.º, uma filial em Portugal para a exploração do ramo de seguros de vida.

Foi a seguinte a sua 1.ª direcção: conselheiro Julio de Vilheur, dr. Moreira Junior, dr. Reis Torgal.

A Equitativa dos Estados-Unidos do Brazil trabalhou em Portugal até entrar em vigor a lei de 21 de outubro de 1907 (reguladora da industria de seguros) com as disposições da qual se não conformou, assim como a maior parte do companhias estrangeiras que cessaram a sua exploração em Portugal.

Fundou-se então uma Sociedade Portugueza a actual Equitativa de Portugal e Ultramar que á sociedade brazileira comprou a sua carteira em Portugal.

A Sociedade Portugueza não se limitou exclusivamente á exploração do ramo de vida (seu principal ramo) explorando conjunctamente todos os ramos de seguros e de preferencia os de incendio, maritimo e de accidentes do trabalho. Para este ramo juntamente com as companhias Nacional, Luzitana e Portugal Previdente, installou em S. Paulo (entrada pelo becco dos Apostolos n.º 7) com um magnifico posto de soccorros com enfermarias annexas para hospitalisação dos operarios sinistrados.

Durante a actual guerra tem igualmente explorado o risco de guerra.

Estado social em 31 de dezembro de 1915:

Negocios realisados, 13.131:459$85; reservas, 528:901$65; indemnisações pagas, 346:046$70.

As reservas da Sociedade são na sua maior parte constituidas por grandes propriedades em Lisboa.

A actual direcção é constituida pelos srs. dr. José da Silva Ramos, presidente; D. João de Castro, secretario: Bento Amaral Marques, thesoureiro; dr. Annibal Roque de Pinho (Alto Mearim), vogal.

No edificio onde é a *Kermesse de Paris* na rua 1.º de Dezembro, 129, nos baixos do Avenida Palace, estiveram, antes do seu actual proprietario o tomar, o que succedeu em 1906, varias firmas commerciaes que por lá se demoraram pouco tempo. O intelligente commerciante que é hoje dono da *Kermesse de Paris* acertou finalmente com o ramo de negocio que se poderia tornar prospero n'aquelle sitio.

A *Kermesse de Paris* possue o que de mais delicioso se pode imaginar em brinquedos de creanças, visitando o seu proprietario todos os annos as capitaes franceza e ingleza, a fim de fazer os seus fornecimentos, na verdade conjunctos de maravilhas, para fazerem enlouquecer os nossos bébés. E' todo um mundo de encantador sonho que lá se encontra.

Devemos accrescentar que onde é agora a rua do Principe era o sitio preferido em outro tempo para os bazares de brinquedos. Proximo ficava o Passeio Publico, onde as creanças livremente corriam e brincavam, sendo, portanto, natural que as proximidades se enchessem de lindos objectos que as attrahissem e prendessem.

Na rua do Principe n.º 124 fica a Tabacaria Marrecas, cujo dono tomou de trespasse ultimamente tambem a Tabacaria Monaco. A Tabacaria Marrecas vende tabacos nacionaes e estrangeiros, dos mais modestos aos mais luxuosos, loterias, aguas potaveis e mineraes a copo ou engarrafadas, sellos, estampilhas, artigos de papelaria, jornaes e illustrações nacionaes e estrangeiras, artigos diversos e de grande gosto para fumadores, etc. Pelas suas tradições de credito e pelo desejo gentilissimo de agradar á sua numerosa freguezia, a *Tabacaria Marrecas* é uma das casas n'este genero que mais sympathias e preferencias merece do publico.

Um potentado industrial

O que são e o que valem a fabrica e os escriptorios Seixas Fuertes & C.ª

A fabrica e os escriptorios Seixas Fuertes & C.ª merecem a esta pagina um capitulo especial, embora lhe não possamos consagrar todo o espaço de que seria necessario dispôr para o fazermos detalhadamente. Resgataremos essa falta opportunamente, quando na Fabrica Seixas se ultimarem as obras que a hão de tornar um centro fabril capaz de rivalisar com alguns dos mais importantes do estrangeiro.

O predio, que tem os numeros 45 a 50, no Rocio, onde estão installados os escriptorios da importantissima firma industrial e commercial Seixas & Fuertes, foi adquirido pelo opulento capitalista Antonio Manuel de Seixas que o destinou aos escriptorios de exportação para o Brazil, a que se limitava o seu negocio. Antonio Manuel de Seixas cuja vida de actividade e de iniciativa honesta é um verdadeiro modelo, deveu sómente a si á enorme fortuna que legou aos seus descendentes. Ainda muito moço, appareceu um dia em Lisboa, chegado de uma terra do norte, modesto humilde, solicitando um logar de artifice. Tinha aqui uns parentes, proprietarios de uma ourivesaria então em voga, que o empregaram nas suas officinas, onde começou a aprender aquelle officio. Foi seu irmão José Ignacio de Seixas que mais tarde o chamou para o seu escriptorio de commercio com o Brazil, aproveitando-lhe assim as suas excepcionaes faculdades de iniciativa e de trabalho. Mais tarde, dedicou-se á exportação de tabaco, de polvora e, quando em 1864 terminaram os monopolios, começou a planear a montagem de uma fabrica de tabacos na Boa Vista que, effectivamente, se tornava em um facto no anno seguinte.

Algum tempo decorrido depois d'este emprehendimento e Antonio de Seixas mettia hombros a outro que vinha completar a importancia do primeiro: fez a fuzão de uma fabrica de Xabregas, onde foi administrador até 1868.

Foi em 1862 que adquiriu o predio do Rocio, propriedade em que sempre habitou, tendo-o ampliado, mais tarde, com outro que ficava na parte posterior e que se lançava sobre a rua do Principe.

O illustre commerciante teve dois filhos: Henrique Julio de Seixas, que deixou dois descendentes, Carlos e Henrique, e Julio Henrique de Seixas, que deixou um filho unico, Ernesto Henrique de Seixas. Por fallecimento de Manuel Antonio de Seixas, a sua importante fortuna foi dividida pelos seus dois filhos, cabendo a propriedade do Rocio a Julio Henrique de Seixas, pae do seu actual proprietario.

Os filhos de Manuel Seixas haviam continuado, como seu pae, o commercio de exportação para o Brazil.

Os vôos do espirito de iniciativa de Ernesto Seixas não encontraram, porém, satisfação n'esse limitado campo. Tendo frequentado as principaes escolas da Allemanha, da Inglaterra e da França, a sua cultura scientifica e industrial preparava-se indubitavelmente para mais largos horisontes. Logo apoz o fallecimento de seu pae, tratou de imprimir á casa uma nova orientação, tendo chamado para seu cooperador um velho amigo de sua familia, o intelligente e activo industrial Manuel Fuertes Perez, com o qual constituiu sociedade em commandita sobre a razão social para a montagem de uma fabrica que se denomina *Fabrica Seixas, Fuertes & Commandita*.

Esta fabrica encontra-se situada na quinta e no palacio da Mitra, ao Poço do Bispo, occupando uma area de 150:000 metros quadrados. Esta propriedade pertencia ao socio representante da firma a quem está confiada tambem a gerencia — Manuel Fuertes Perez.

A fabrica de Poço do Bispo destina-se á exploração de varias industrias como: tanoaria mechanica completa com todos os aperfeiçoamentos modernos, sendo incontestavelmente a primeira do paiz; metallurgica que abrange a fundição de ferros e outros metaes; serralharia mechanica civil com uma secção de automoveis e fabricação de *carrosserie*; latoaria mechanica para o fabrico de latas para exportação e de objectos de latão, de cobre, de aluminio, de zinco, etc., sendo esta industria servida pelo mechanismo mais aperfeiçoado que se conhece para esse fim. Tem tambem uma secção de carpintaria mechanica de serração com o complemento de estufas para seccagem de madeiras — processo este inteiramente novo entre nós. Tem ainda em plena elaboração a fabrica de envolucros de garrafões em cortiça e linhagem.

Actualmente, está procedendo á montagem do fabrico de loiça esmaltada, mas uma das ultimas, das grandes, das admiraveis iniciativas da Sociedade Seixas e Fuertes está no collossal fornecimento de *voitures* tendo sido esta secção organisada logo em seguida á declaração da guerra para attender ás importantes encommendas que lhe foram confiadas pelo nosso governo. Esta secção tem uma subsecção destinada á industria de arreios de que aquella fabrica tem tambem grandes encommendas.

Para satisfazer as encommendas do Estado nos prasos marcados, viu-se aquella firma na necessidade de adquirir duas fabricas mais em Lisboa e mobilisar varias officinas e fabricas na provincia as quaes estão trabalhando exclusivamente nos diversos accessorios necessarios ás *voiturs* que são armadas e concluidas na Fabrica do Poço do Bispo. O pessoal de todas as officinas é habilissimo e diligente, trabalhando sob a direcção de dois engenheiros, um dos quaes de nacionalidade russa e outro americana.

Toda a fabrica é movida a electricidade, para o que dispõe de uma central propria que dispensa toda a energia necessaria aos diversos e complicados ramos industriaes que explora. O Palacio da Mitra, onde estão installados os escriptorios fabris, representa um monumento historico de alto valor architectonico do reinado de D. João V. Foi a residencia sumptuosa do primeiro patriarcha de Lisboa, D. Thomaz de Almeida, existindo ainda hoje vestigios d'essa grandeza nos metaes e nos azulejos que guarnecem a escadaria e os salões nobres.

A fabrica é dotada de um caes que lhe fica fronteiro e que mede uns 8.000 metros quadrados, sendo servida ao mesmo tempo por uma ponte sobre o Tejo com 120 metros de comprimento. Atravessa a propriedade a linha do norte e leste.

Para o desenvolvimento d'esta casa, tanto sob ponto de vista industrial como commercial, houve a necessidade de se proceder ao ampliamento do escriptorio, onde se estão fazendo importantes obras. O seu escriptorio no Rocio fica occupando uma area de 260 metros quadrados.

A casa Seixas e Fuertes, devido ao impulso dado ás suas industrias, viu-se na necessidade de se fazer a principal casa importadora das materias primas necessarias para a elaboração da sua fabrica.

Pelo que dissemos e ainda pelo que não podemos dizer, por falta de espaço, mas que é altamente eloquente para os habilissimos titulos de que gosa a firma Seixas & Fuertes na vida commercial e industrial do paiz, se pode bem avaliar a sua arrojada e assombrosa iniciativa.

Não podemos, porém, fechar estas linhas sem fazermos salientar um ponto na verdade digno de registo e de admiração: A firma Seixas & Fuertes desenvolveu a sua actividade industrial, pouco depois de implantada a Republica, precisamente em um momento em que os capitaes soffriam um sensivel retrahimento deante de emprehendimentos industriaes e commerciaes. Outro ponto a frisar é que diz ainda da correcção escrupulosa com que esta firma trata todos os seus contractos está em que, não obstante as materias primas subirem dia a dia de preço, continua a honrar os seus compromissos com o governo.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Os francezes preparam a sua mocidade

Reabriu a Escola de Joinville com instructores de «sport»

A boa doutrina, cedo ou tarde, tem de vencer...

Os rotineiros, os «empatas», os falsamente illustrados, os pobremente technicos, teem de curvar-se á evolução das coisas praticas e á razão dos progressos scientificos.

Em Portugal, onde é manifesto o atrazo em assumptos de pedagogia da educação physica, tambem este fenomeno se ha de produzir.

E' fatal.

Cedo ou tarde, tem de apparecer.

O «metediço» ha de voltar á obscuridade d'onde não devia ter sahido, reconhecendo que a audacia não é apoio exclusivo para triumphar.

O «empata» ha de ver inutilisada a sua acção nefasta, má e dissolvente, porque o direito do mais forte e do mais sabedor lhe prejudicará as manobras.

Os «falsos technicos», trazidos á publicidade pela sua ignorancia comprovada, hão de deixar livre o campo áquelles que não fizeram a sua competencia e a sua technica pela copia servil do que viram fazer ou pelo trabalho de decorar um manual de exportação.

Isto ha de succeder em Portugal. Isto está succedendo na maravilhosa França.

Como temos dito varias vezes os francezes, n'um admiravel espirito de previdencia, querem preparar a sua mocidade para o duro mister da guerra, se esta tiver de durar muito tempo ou para os trabalhos de expansão para depois da guerra.

Imaginaram que a «Preparação Militar» era o meio mais facil. Surgiu, por esse motivo, o projecto de lei Cheron-Beranger. Mas, os technicos protestaram, com toda a força d'uma argumentação fundada e scientifica. O grito d'esse protesto era de que: «Antes de preparar militares, devem preparar-se homens.»

O protesto foi ouvido.

O ministro da guerra, general Roques, já ordenou as primeiras providencias, prognosticadoras d'uma orientação firme. Quaes foram?

Para os licenciados, para os «esperados», para a classe de 1918, a mobilisação tem de fazer-se com intenso trabalho de «preparação physica». Isto tanto para civis como militares.

Mas ordenou mais o ministro da guerra francez:

Ordenou a reabertura da Escola Normal de Joinville-le-Pont, sob a direcção technica do excellente athleta militar, o tenente Salient, que fazia parte, com Franquenele, Vianey, Laferrière, da «equipe» de monitores que ganhou ha annos a prova do «athleta completo». A direcção geral da Escola foi confiada ao chefe do batalhão de Labresse, que começou por formar numerosos monitores para os «Esperados», a incorporar brevemente nos respectivos regimentos.

Mas taes instructores corresponderão ao proposito patriotico dos que, primeiro que tudo, desejam fazer robusta a mocidade franceza?

Parece que sim.

E' que em Joinville — segundo informações colhidas — trabalha-se, actualmente e conscienciosamente para procurar um methodo simplificado de Preparação Physica Militar, tendo um fim utilitario para a guerra. N'esse methodo ha um grande logar para os «sports» e jogos sportivos.

E o ministro da guerra iniciou a comprovação da sua affirmativa quando no Senado francez se discutiu a lei Cheron-Beranger, de que havia de tratar da mocidade franceza como ella o merecia, robustecendo-a, trabalhando-a para que fosse o mais util á Patria.

J. P.

HEROES E FOOT-BALLISTAS

O episodio do 8. East Surrey

ou a historia d'uma bola de «foot-ball»

A imprensa franceza reproduziu dos jornaes inglezes um episodio magnifico d'um batalhão d'um regimento do East Surrey, que marchou para o ataque d'uma trincheira allemã, «driblando» uma bola de «foot-ball».

Foi o capitão Neville, com auctorisação do coronel, que deu o «ponta-pé» de sahida, n'esta demonstração sportiva, feita debaixo do fogo do inimigo. O bravo capitão cahia, minutos depois, ferido de morte por uma bala allemã.

A bola seguiu d'um pé d'um aos pés dos muitos assaltantes, n'um «dribling» maravilhoso, á frente dos heroicos soldados, direita ao «goal» contrario, que, para o caso, era a trincheira inimiga! A guarda prussiana representava n'este tragico momento da offensiva da Picardia, o «team» que luctava com o do 8.º East Surrey. Apesar da sua resistencia, o «team» inglez venceu, demonstrando um admiravel sangue frio e uma coragem sem egual.

E o mais curioso é que antes do primeiro soldado inglez entrar na trincheira, primeiro lá entrou a bola de «foot-ball»!

A bola historica, promptamente apanhada pelos sobreviventes do batalhão, foi trazida solemnemente, para o deposito do regimento.

Na cerimonia da sua collocação sobre um pedestal, em memoria do feito heroico, o coronel do 8.º East Surrey pronunciou entre outras palavras de vibrante enthusiasmo e de elogio dos soldados do seu regimento, as seguintes:

«...que jogou, n'esse dia, tão bem o jogo de «foot-ball» e tão

heroicamente serviu Deus, o rei e a Patria.»

Ler amanhã n'"A Capital,,:

um artigo, primeiro da serie dos que se referem á

Gymnastica de Ling e o seu professorado

no qual se averiguará da competencia de muitos e do valor da gymnastica sueca para portuguezes.

Notas do dia

A reunião de hontem na Amadora

Sob a presidencia das meninas D. Maria Herminia Gomes e D. Maria Julia de Brito Guimarães, reuniu hontem, na sala da direcção dos Recreios Desportivos da Amadora, a grande commissão de senhoras que se propoz realisar os «gymkhanas» sportivos do mez de setembro e que terão logar nos tres ultimos domingos d'aquelle mez.

Deliberaram-se coisas importantes relativas ao valioso «mise-en-scène» d'essas festas, havendo alvitres bastante aproveitaveis das meninas D. Maria Antonia e Maria Helena Vianna, D. Sophia Martins, D. A. Sacavem e dos srs. Walter Alvarez e L. Roubeaud.

A' reunião assistiram os directores dos Recreios Desportivos.

O que desde já se póde ficar sabendo é que a Amadora, n'estas festas, vae exceder todo o brilhantismo das festas anteriores e que lhe grangearam a fama de unica no paiz, como organisadora de certamens, torneios e festivaes educativos.

A commissão volta a reunir na proxima terça feira, para receber numerosos premios que já lhe prometteram.

O «record» dos aeroplanos allemães abatidos

Guynemer, pelas noticias telegraphicas chegadas agora, sabe-se que abateu o seu 11.º avião allemão.

Com mais essa heroicidade guerreira, fica em egualdade de circumstancias que o «recordman» Jean Navarre. E' mesmo muito provavel que ultrapasse este e lhe roube o «record», porque Navarre ainda está doente e n'uma convalescença que deve durar dois mezes.

Guynemer, porém, é «apertado» de perto por Nungesser, que já possue no seu activo dez apparelhos allemães abatidos.

Algumas anecdotas

Como elle se sentia preparado...

Chegaram-se hontem a um foot-ballista do Sporting e perguntaram-lhe:

— Então, sempre vaes para a tropa?

— Vou.

— E já tens alguma instrucção militar?

— Tenho, não só militar, mas guerreira.

— Como assim?

— Tenho a tactica das «avançadas», dando pontapés nos que são contrarios e o habito de luctar contra os povos de Sete Rios, que são os mais aguerridos que temos conhecido.

Os grandes records

A natação nos Jogos Scandinavos

Antes de fazermos a publicação completa dos resultados dos Jogos Scandinavos em Sports Athleticos vamos dando os resultados de varios outros «sports» nos mesmos Jogos, que terminaram na semana passada em Stockolmo.

Hoje referimo-nos á natação.

200 metros: — 1.º A. Rostien, sueco, em 3'39''; 2.º T. Henning, dinamarquez; 3.º Anderson.

1.500 metros: — 1.º Narrell, sueco, em 23'35''; 2.º O. Smith; 3.º R. Anderson.

100 metros: — 1.º Ramsey, sueco, em 1'8'' 3,5; 2.º Swantesson; 3.º T. Agreen.

400 metros: — 1.º T. Henning, em 6'44''; 2.º Rothsen; 3.º C. Anderson.

100 metros para senhoras, natação livre: — 1.º Emey Maciffow, dinamarqueza, em 1'30'' 7/10; 2.º V. Thulin, norueguesa; 3.º B. Nithson.

Final de water-polo: — Malmöe bate Helas por 2 «goals» a 0.

Estafetas (4 por 100): — Malmöe em 4'55'' 4/5 bate Stockolmo.

Estafetas (10 por 50): — Stockolm em 5'34'' 4/5.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sociedade Instrucção Militar Preparatoria n.º 9

No proximo domingo, pelas 21 horas, realisa-se na sua séde, rua de Santa Martha, 215, uma sessão solemne sob a presidencia do sr. tenente coronel Desiderio Augusto Ferro de Beça, para distribuição dos premios aos alumnos que no dia 23 de julho, ultimo, se distinguiram nas provas finaes de educação physica, fazendo uso da palavra os srs. dr José Pontes e João Machado Toledo. Em seguida realisa-se um sarau dramatico por distinctos amadores e artistas, e um baile, com valsa a premio, destinado a um dos alumnos da aula de dança.

A séde estará ornamentada, e a entrada é só para socios em dia com as suas quotas, os quaes podem trazer duas senhoras de sua familia.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

FRAGATEIROS DO PORTO DE LISBOA. — Effectuou-se hontem a assembleia geral, para apreciar a correspondencia enviada pelos proprietarios de fragatas, deliberando depois d'essa apreciação continuar a manter o regulamento de trabalho, visto que elle em nada vae menospresar a classe dos proprietarios. Foi tambem apreciada a attitude da direcção dos Caminhos de Ferro do Estado que ultimamente despediu o pessoal das fragatas que lhe estão alugadas pela companhia maritima e fluvial de transportes para o serviço da linha do Barreiro a Cacilhas, quando nenhuma razão existiu para isso, visto que o que o pessoal queria era ter o mesmo augmento que tiveram todas as tripulações das fragatas do rio. Por ultimo foi resolvido distribuir-se o regulamento impresso que serve de guia ás tripulações.

Amanhã, assembleia ás 21 horas.

José Lopes Manso

Falleceu

Lucinda Ribeiro Manso e filhos, Maria do Rosario Mattos Pereira e filha (ausentes), Avelino de Oliveira Leite e sua mulher (ausentes), Justino José Ribeiro e sua mulher, Benigno Lopes Manso e Antonio Lopes Manso, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas das suas relações o fallecimento do seu muito querido e chorado marido, pae, filho, irmão, cunhado, genro, sobrinho e primo, cujo funeral se realisará em 11 do corrente pelas 16 horas para o cemiterio oriental, sahindo o prestito funebre da sua residencia na rua Barata Salgueiro, 56, r/c.

Não se fazem convites especiaes devido ao estado de consternação em que se acham.

José Lopes Manso

Falleceu

Lima & Gama e Antonio Pedro d'Araujo, participam a todas as pessoas das suas relações o fallecimento do seu presado amigo José Lopes Manso, e que o seu funeral se realisa ámanhã, 11 do corrente pelas 16 horas da rua Barata Salgueiro, 56, r/c, para o cemiterio oriental.

Sociedade Lisboa Industrial

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada — Capital, escudos 300.000$00

Não se tendo reunido a assembleia geral extraordinaria convocada para hoje, por falta de numero dos srs. accionistas e sufficiente representação de capital, por ordem do Ex.mo Sr. Presidente e a requerimento da Direcção convido novamente os srs. accionistas a reunir-se em sessão extraordinaria, no proximo dia 10 d'agosto ás 21 horas no escriptorio da Sociedade, na rua do S. Julião, 131, 2.º, a fim de tomarem conhecimento das liquidações feitas com as companhias seguradoras, em virtude do incendio occorrido no dia 10 de julho ultimo, e resolverem em vista das mesmas o que tiverem por conveniente, quer com respeito á continuação da laboração da fabrica, quer para dar execução a qualquer dos numeros do artigo 20.º dos estatutos.

Em conformidade da lei e dos estatutos esta assembleia constitue-se com qualquer numero de accionistas presentes e com qualquer capital representado.

Lisboa, 21 de julho de 1916.

O Secretario da Assembleia Geral

Alberto Carlos Coutinho Freire

Desportos de Bemfica

Por ordem do sr. presidente da assembleia geral é esta convocada para 17 do corrente ás 21 e meia horas e não havendo numero fica convocada para o dia 24 á mesma hora.

Ordem dos trabalhos: cumprimento das resoluções da ultima assembleia com relação á reforma dos estatutos.

Assumpto financeiro.

O secretario da assembleia geral

Manuel Aguas

Chalet na Serra da Estrella

Aluga-se mobilado com garage n'um dos melhores pontos da Serra, proximo da estação telegraphica postal, e com optimas vistas.

Ainda não foi habitado por doentes.

Para esclarecimentos na Garage Antunes — Praça dos Restauradores, 24, Lisboa

Venda de terrenos

NA AMADORA

Em boas condições, vendem-se terrenos no bairro da Mina, dotado já de amplas avenidas e magnificas canalisações, fronteiro á estação do caminho de ferro. Tem agua abundante da Mina.

Para informações e tratar, na Amadora, com H. Lopes, ou em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 158, 2.º.

Iodo em empolas

Para obter a tintura de iodo instantanea preparada pela pessoa que tem de a empregar. Deposito Pharmacia Azevedo, Filhos, Rocio, 31, Lisboa.

A Prestamista

DE

Baptista & C.ª

Dinheiro sobre penhores

Juro desde 1 0/0

Rua do Jardim do Regedor, 18, 1.º

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2152—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 11 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Rosa, 71 — Preço 2 centavos

O CULTO DA PATRIA

N'«A Capital», de hoje, encontrará o leitor duas noticias ou informações, entre as quaes, apesar das circumstancias diversas que n'ellas se notam, não deve o observador deixar de notar uma evidente correlação.

Um collaborador d'«A Capital» entrevistou o sr. dr. Pinheiro Torres, monarchico e catholico que teve de abandonar a direcção d'«A Liberdade», e recolheu dos seus labios affirmações claras, peremptorias e leaes que a opinião publica deve reter, e avaliar pela sua justa significação. Declarou-lhe o sr. Pinheiro Torres que sahira d'«A Liberdade» porque reconhecera que não podia fazer prevalecer a sua orientação, que era a da integração dos catholicos no movimento nacional. Mas conserva as mesmas opiniões, seguirá sempre o mesmo caminho. Entende—são as suas palavras—que os catholicos devem collaborar com a Republica n'um esforço commum, para defender a Patria.

A outra informação a que nos referimos, e que transcrevemos d'uma folha catholica, é a d'uma scena commovente e bella que se passou a bordo do «Adamastor», depois do combate em que a sua guarnição ha pouco tomou parte na Africa Oriental. Bateram-se os marinheiros intrepidamente, tendo alguns d'elles cahido para não mais se levantarem na sua lucta com os allemães. Findaram o combate á tarde, e já as sombras do crepusculo invadiam a terra, na hora melancholica e grave em que a propria natureza parece espiritualisar-se. Foi então que o commandante d'esse navio de guerra, de tão gloriosas tradições revolucionarias, o mesmo onde soou o primeiro signal para a revolução de 5 de outubro,—foi então que o commandante d'esse navio, um revolucionario tambem, um velho republicano, que sempre esteve e tem estado na brecha, prompto a derramar o seu sangue pela Republica, e que já foi ministro da Republica, o sr. Freitas Ribeiro, comprehendendo quanto era justo e necessario que á memoria dos bravos que a morte colhera, fôsse prestado um preito digno do seu heroismo e do seu amor pela Patria, ordenou que o signal da despedida dos vivos, que ficavam para continuar a cumprir o seu dever, aos mortos que por esse dever tinham já dado a vida fôsse o toque das Trindades, esse toque dos sinos que na sua poesia e no seu idealismo representam uma voz da alma pairando, immortal e sagrada acima de todas as contingencias do destino e de todas as paixões do homem.

O culto da patria é tão nobre, tão superior, tão augusto, que ascende ás culminancias d'uma religião. E essa religião a todos cobre, a todos inspira. Os que não crêem nos que na divindade se integram crêem n'ella, e a sua crença é já a d'uma abstracção prestigiosa e sublime, porque muito embora as tradições d'uma nação sejam grandes, o amor ao lar absorvente, a terra formosa e querida, a verdade é que a noção da Patria ainda contém, como essencia vital, alguma cousa de maior, de mais bello e de mais perfeito, alguma coisa de imaterial, de fluido, de ethereo, que é espirito puro e radioso!

O velho republicano que é o sr. Freitas Ribeiro, o revolucionario de 5 de outubro, de 14 de maio, certamente sentiu a influencia d'este sentimento poderoso, quando, tendo acabado a lucta, em que o sangue portuguez se derramára pela Patria, sentiu a necessidade de demonstrar de uma fórma frisante e impressiva que a communhão dos portuguezes n'um ideal unico precisa de comprovar-se com estes testemunhos de abnegação nas idéas, de tolerancia nos principios, de respeito pelas crenças d'uns e pelas convicções dos outros.

Por sua parte, o sr. Pinheiro Torres, catholico militante, antigo deputado monarchico, adversario da Republica que tem combatido com perseverança, comprehendeu tambem que o culto da patria exigia d'elle as levantadas declarações que fez. Não ha o direito de não collaborar com a Republica na defeza sagrada da nação. O mesmo expressou ha dias outro adversario resoluto e intrepido da Republica, o sr. José de Arruela. O culto da patria inspira a todos os bons portuguezes estes gestos cuja nobreza emociona e cuja belleza encanta.

Deixemos seguir o seu caminho estas correntes de sentimento! Não! Para honra, para gloria da nossa raça, é preciso affirmal-o sempre: o coração portuguez é bello e generoso. Se ha creaturas que o deixaram empedernir por más paixões, se as ha que antepõem o espirito de seita ou de partido á causa da patria, que reclama o esforço de todos os seus filhos,—essas creaturas não constituem senão uma minoria que não sabemos o que merece mais, se a lastima ou o desprezo. Deixemos seguir estas correntes do sentimento! Ellas hão de salvar a patria, e se ainda não se encontra uma formula politica que perfeitamente as condense, a sua propria espiritualidade lhes assegura o triumpho no grande, no generoso coração do povo da nossa terra!

TERRAS DE PORTUGAL

As minas de ferro d'Alvito

As «Córtas» não são mais do que grandes pedreiras d'onde se extrahe o minerio

ALVITO, 10—Cinco horas. Temos a impressão de que refrescou um pouco. O sol desce lentamente, como uma esphera incendiada, na atmosphera azulada e densa. Lá fóra cantam as cigarras. E' pouco o tempo de que dispomos. Não ha remedio. Toca a partir. Do palacio da direcção á primeira *Córta* vae um longo estirão. A mina está situada no coração d'uma pequena herdade, que a casa Burnay traz de renda. A' volta do mim imbelissam-se no ar quente que nos suffoca oliveiras e azinheiras. O chão está torrado. Só junto d'um fiozinho d'agua limpida, que vem lá de cima, das escavações distantes, vicejam a medo uma ou outra febra d'herva. A' sombra das azinheiras, imperturbaveis, indifferentes a tudo, desprezando o mosquedo bravio que os espicaça, pastam cavallos. Os aterros das escavações, cortando a serra, como que rasgam entre o mato alto largos sulcos de sangue.

Cruzam-se linhas de vagonetes em todos os sentidos, ramificando-se para um e outro lado, como se os *rails* estreitos e polidos, côr de chumbo sujo, fossem os nervos da mina. As bôccas dos tuneis parecem-me orbitas vasias. De vez em quando, eu e Mr. Beau paramos á sombra d'uma grande arvore. As rolas vôem, em bandos, bebem nos regatos que mal se distinguem, fulgurando ao sol como fios de prata liquida, a agua que as dessedenta. Ao alto, lá muito em cima, como um ponto escuro, quasi imperceptivel, vôa tranquillamente uma cegonha. A primeira *córta* fica-nos a pequena distancia. Trepamos até lá. O horisonte alarga-se, d'um lado para os plainos escalvados de Beja, do outro para os montados do poente, que cobrem a serra toda e pelos quaes, em noites asperas de inverno, uivam os lobos.

Oiço já o tinir das brocas furando incessantemente o rochedo com pancadas isocronas e rijas. A *córta* é a parte da mina onde se extrae ou se extraiu mineral ao ar livre. E' á *córta* que vem dar a contra mina, quando olla existe. A *córta* é a bocarra enorme das minas subterraneas. Aqui no Alvito, não passa d'um jazigo de minerio, visto todas as explorações se fazerem ao ar livre. Eis porque as minas de ferro são quasi despidas de interesse. Não ha n'ellas nem o mysterio nem o imprevisto. O homem não tem que fazer-se toupeira. Tem apenas que saber derrubar e esquartejar rocha viva, de revolver terra, de procurar, pelos serros denegridos, as veias do bom mineral que os valorisem. Mais nada. A *córta*, em minas d'esta natureza, não passa, portanto, d'uma simples pedreira.

N'esta primeira excavação trabalham meia duzia d'homens, quando muito. O minerio disprende-se em blocos de todos os tamanhos. Os maiores são quebrados á márra, metidos, como os outros, em vagonetes e transportados para a outra montanha que lá em baixo está a construir-se com os despojos d'esta. A *córta* tem a forma conica, com uma plataforma ao meio. Os mineiros empoleiram-se por aqui e por ali, firmando os pés nas anfractuosidades da pedreira, passeando, como por um salão alcatifado, pelo parapeito que divide ao meio o vastissimo buraco. Deram-se tiros ha pouco. As explosões da dynamite abriram o rochedo, rasgaram-no, despenharam-no, pulverisaram-no. E agora, os operarios, pacientemente, persistentemente, vão recolhendo todo o minerio, como se recolhessem nas algibeiras fundas, libras reluzentes. O sol redobra de intensidade. O ar é de fornalha. Bate-me nas mãos e queima-me. Afaga-me o rosto e deixa-m'o como que tostado.

Mr. Beau leva-me, guia-me de *córta* em *córta*. São, ao todo, quatro as que estão em exploração. Algumas, se não todas, são servidas por tuneis, pelos quaes sae o mineral. Uma das que se considera exhausta serve presentemente de deposito d'agua. E' uma funda lagôa, na qual apeteço, a esta hora ardente, mergulhar e tomar banho. Em todas as *córtas* trabalham para cima de 60 operarios. As ceifas reduziram muito o pessoal. Não tarda, porém, que regressem os que abalaram logo que as searas começaram a aloirar. E então a mina trabalhará com muito maior intensidade.

—Se houver transportes para o estrangeiro, é claro, objecta o sr. Paul Beau.

Por causa do sol, a visita tem de ser rapida. Não se resiste a esta inconcebivel temperatura de forno a escaldar. Dentro das pedreiras, sobretudo, onde não corre um bafo de vento, respira-se a custo. Tornamos a descer e a procurar a sombra das azinheiras. E conversamos da mina, da guerra, das explorações mineiras em que Mr. Beau tem estado, do Tonkim, da Turquia, da Russia, de tudo, emfim, quanto pode acudir-nos á cançada memoria adormecida n'esta letargica tarde de agosto. A producção da mina é de 40 toneladas por dia. Não será, porém, difficil augmental-a. E' questão de metter mais pessoal.

De novo no palacio. Emborco um copo de cerveja com a ancia de quem ingere um elixir salvador. Mr. Beau faz outro tanto. Depois, n'uma charrette, com um grande guarda sol a dar-nos sombra, partimos para Alvito, a vêr o castello. A viagem é curta e o caminho interessante. Muitas oliveiras, muitas azinheiras, e aqui e além, nos vales sombrios ou nas depressões da encosta, pequenas hortas regadas de fresco incrustam, emolduradas no terreno vermelho, nodoas salutares de verdura. Alvito fica do outro lado do monte. Apparece-me doirada pelo sol da tarde. A torre da sua egreja antiga fura o espaço como um trofeu. Para a direita, fica o castello. Contornamol-o. E' bem o tumulo d'uma raça que se perdeu. Janellas geminadas com vidros partidos. Do lado de lá dava morar a desolação. N'um recanto do jardim, cresce um platano que é uma vigorosa apotheose erguida á vida n'aquelle recinto que parece ter sido tocado pelas azas tragicas da morte. A povoação tem o aspecto deserto de quasi todas as antigas villasitas portuguezas. Gente que vem ás portas espreitar quem passa. Cavalheiros que passam sorrateiramente e olham para nós de soslaio.

O sol, por cima da casaria, entorna luz em torrentes. Retomamos o caminho da mina. Mas a certa altura obliquamos á esquerda. A *charrette* principia a transpôr lentamente a vereda que leva ao alto do Monte de S. Miguel, onde dois velhos moinhos d'azas bem abertas, parece que dizem ao sol o seu derradeiro adeus. Chegamos. Raras vezes tenho tido deante de mim mais deslumbrador panorama. Para o norte, a vista rompe até para além de Evora, que mal se distingue, recostada na sua colina de fraca elevação. Para o nascente, Beja, Vianna, Ferreira e tantas outras povoações são manchas esbranquiçadas irrompendo da terra aloirada pelos restolhos. Para o sul, o descampado até onde a vista abrange. Para o poente, as serras de S. Thiago do Cacem, Grandola e, ao fundo, envolto na gaze tenuissima de neblina, o mar.

Ficamos nos largo tempo a embeber o olhar em tão deslumbradora maravilha. Mr Paul Beau é um meridional, é um catholico. A sua admiração é, por isso, sincera. A minha talvez não tenha tanto idealismo. Entretanto, não sei se me dava nada viver perto d'estes dois moinhos de longas velas, para, em tardes como esta, entregar á brisa que passa o mal nos afaga tudo quanto me andasse na alma a enchel-a de saudade e de amargura. O sol é uma enorme pupila esbrazeada que roça levemente pela linha dos montes longinquos. Descemos e tornamos a passar pela mina. Refrescou um pouco. As arvores parece que se desoprimiram. Da espessura da folhagem chegam até nós como que suspiros de alivio.

Jantamos. Madame e mademoiselle Beau enchem de alegria este desterro torrido, que o mais ardente dos calores devasta quando o verão chega e tem a intensidade diabolica do verão d'este anno. Ha accepipes delicados e chovem sobre mim attenções que só a gente profundamente civilisada sabe dispensar. Brinda-se com *Porto*. E a refeição termina entre votos calorosos de dias felizes para todos os que se abrigam sob estas telhas e entre saudações aos que lá longe, nos campos de batalha, ligados pelo prestigio da raça latina. A's onze horas parto. Chamam-me outros destinos. Tenho, porém, ainda commigo, como, como recordação da minha visita á mina do Alvito, uma certa rosa branca creada entre penedias, que é a materialisação de toda a saudade que me ficou das horas que alli passei...

ADELINO MENDES

VIAÇÃO ELECTRICA EM PERNAMBUCO

RECIFE (ESTADO DE PERNAMBUCO) 11.—A Companhia dos tramways pediu ao congresso estadoal a renovação da exploração dos serviços de viação electrica da cidade.—(*Americana*).

UNIÃO SAGRADA

Os nossos marinheiros na Africa Oriental

A sua tradicional bravura e uma homenagem aos que morreram heroicamente

A Ordem d'esta manhã insere as seguintes informações particulares:

Os marinheiros do «Adamastor» n'um combate que houve com os allemães portaram-se lindamente, com uma coragem que chegava á temeridade, vendo-se os officiaes obrigados, não a incutir-lhes animo, mas sim a aconselhar-lhes prudencia. Como em todos os combates, alguns ficaram lá para sempre.

O Freitas Ribeiro, commandante, antes de recolher com o navio á sua base, mandou formar toda a tripulação na tolda. Era o fim do dia, o sol ia a desapparecer. Mandou arrear a bandeira com o cerimonial da praxe. Depois dirigindo-se aos marinheiros disse-lhes que elles tinham cumprido o seu dever, batendo-se valentemente, mas que se não deviam esquecer dos mortos e a elles render-lhes as ultimas homenagens. A Republica havia abolido o toque de Trindades, toque que elle ia mandar executar; aquelles que fossem catholicos que elevassem a Deus a sua prece, outros que nenhuma crença tivessem, que respeitassem com a maior compostura aquelle acto, que tinha a maior significação. Mandou tirar barretes; e no mais profundo silencio—o navio largando lentamente d'aquellas paragens, já tintas do sangue portuguez—foi ouvido, pela primeira vez no novo regimen, o toque das Ave-Marias. Nenhum dos novos marinheiros o sabia tocar; porém, por sorte, um chegador, antigo corneteiro, se recordava d'elle ainda e o tocou, e tocou-o repassado de tal sentimento que nenhum homem a bordo havia que não tivesse os olhos marejados de lagrimas, lagrimas tão sentidas, tanto do fundo d'alma, que tivessem pejo em mostral-as.

A impressão sentida foi tão profunda que o official, ao fazer esta descripção, tinha os olhos tambem, e ainda, rasos d'agua.

A attitude patriotica do sr. Pinheiro Torres

O que o distincto jornalista declarou a um nosso collaborador

"Os catholicos devem ser os primeiros a dar o exemplo do verdadeiro e sagrado amor da Patria,,

PORTO, 10.—Encontrando hoje o brilhante jornalista e elegante orador sr. dr. Alberto Pinheiro Torres, perguntamos-lhe:

—Porque abandonou v. ex.ª a *Liberdade*?

—Abandonei a direcção do jornal porque entendi que a orientação que lhe dava—a da integração dos catholicos no movimento nacional—não agradava á maioria. E, assim, a minha attitude, prejudicando os interesses da empreza, não achava o echo das consciencias, não despertava as energias patrioticas — levantando, n'esta hora gravissima da nossa historia — o espirito nacional, a que eu aspirava. Não houve «cabalas», nem intrigas. Sahi, porque assim me pareceu prudente, continuando, porém, a prestar-lhe o meu concurso fóra do campo politico. Mas penso ainda como pensava, e luctarei até ao fim, na tribuna e na conferencia, pela integração dos catholicos na vida do paiz, porque—desde que a guerra é um facto consumado, não deve haver exclusivismos de partidos, «raliements» e «coteries», mas todos, *todos* devemos ser portuguezes. Não me conformo com os accommodaticios, com os que estão explorando com a indifferença e com o egoismo, levando ao povo, aos soldados que amanhã terão de partir para a guerra, um desanimo que é sempre perigoso, um espirito de indisciplina que representa sempre, que é *sempre* o prenuncio d'uma derrota.

«As guerras são más. Mas é nas guerras que se faz a selecção das energias de um povo. E, desde que a guerra é um facto, para que se ha de apoucar o espirito nacional, para que se ha de collocar acima da Patria—que é o ideal sublime—o interesse pequenino e mesquinho de um partido ou de uma corrente?

«Entendo que os catholicos devem collaborar com a Republica n'um esforço commum, desinteressado e patriotico, arrostando todos os perigos, batalhando nas mesmas fileiras, lado a lado, porque não é um regimen que se defende, mas o torrão sagrado da Patria que é de todos os portuguezes—republicanos, conservadores, catholicos, monarchicos ou atheus.

«Muitos não o entendem assim.

«Estão em erro e o futuro lh'o demonstrará.

«Mesmo, como boa politica, esta é que deve ser a acção dos catholicos.

—Porque...

—Porque, no fim, tendo os catholicos demonstrado o seu patriotismo, a sua isenção, uma alta noção do civismo—como os catholicos francezes fizeram—poderiam reclamar direitos, regalias, não para elles, que, como cidadãos, as não precisam, mas para a sua confissão religiosa, para a Egreja de que são filhos...

«Adoptando a abstenção, fugindo da lucta, não dando o seu esforço á Patria em perigo, com que direito, amanhã, poderão fazer a mais pequena, a mais modesta reclamação?

—Não—terminou—n'esta hora grave da nacionalidade, os catholicos devem até ser os primeiros a dar o exemplo do verdadeiro e sagrado amor da Patria.

O roteiro commercial de Lisboa

As nossas proximas paginas

Causaram excellente impressão nos nossos leitores e no meio commercial as nossas paginas de hontem ácerca dos grandes estabelecimentos da praça de D. Pedro e das tradições que celebrisaram o Rocio. O exito d'essas paginas não foi inferior, antes excedeu talvez, o das precedentes.

Dentro em breve, «A Capital» publicará paginas consagradas a outras importantes arterias da Baixa, como a rua da Prata, a rua Augusta, etc., não esquecendo a rua dos Fanqueiros, a rua Eugenio Santos (antiga rua de Santo Antão), etc., onde abundam tambem as casas de commercio dignas de registo.

O BRAZIL PRODUCTOR

Como fornece os alliados

Tabaco

BAHIA, 11.—O ministro da agricultura do Brazil encommendou, aos productores do estado da Bahia, 10.000 fardos de tabaco, para serem enviados, a pedido do governo francez, para as fabricas da «regie».—(Americana).

Madeira

PORTO ALEGRE, (RIO GRANDE DO SUL), 11.—Parece confirmado o pedido dos governos alliados á União Florestal do Rio Grande do Sul para o fornecimento de travessas da madeira para os caminhos de ferro.—(Americana).

Mandioca

RIO GRANDE DO SUL, 11.—O navio «Gaya» está terminando o carregamento de 8.500 saccos de farinha de mandioca para a praça do Porto.

Nickel

LIVRAMENTO (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL), 11.—Começou a exploração de minas de titanite (?) nas propriedades de Antonio Costa Lago. Na mesma região foram descobertas ricas minas de nickel.—(Americana).

Borracha

MANAUS (ESTADO DO AMAZONAS), 11.—O estado do Amazonas produziu, nos seis primeiros mezes de 1916, 16.300 toneladas de borracha.—(Americana).

Os officiaes milicianos

Uma observação que se nos affigura de toda a justiça

Pedem-nos para chamar a attenção do governo para um facto que é de toda a justiça seja attendido e que permittirá facilitar o recrutamento dos officiaes do quadro dos milicianos. E' o caso seguinte: como se sabe, á Escola de Guerra podiam ser admittidos todos os candidatos que já tivessem habilitado com o 7.º anno do curso dos lyceus, sendo excluidos alguns, dos que não foram alumnos do Collegio Militar, por excederem o numero dos que o governo fixou para a admissão, e muito naturalmente, a escolha ter incidido sobre os que apresentavam maior numero de habilitações. Ora, se para dar ingresso no quadro permanente dos officiaes, se considera como sufficiente habilitação preparatoria, o curso completo dos lyceus, não se comprehende que esta mesma habilitação não sirva para a matricula na Escola Preparatoria de Officiaes Milicianos.

D'aqui resulta que todos esses candidatos á Escola de Guerra, que sejam da classe civil, não podem concorrer á Escola de Officiaes Milicianos, havendo alli individuos que, pelo facto de serem soldados licenciados, teem apenas a habilitação preparatoria, do 5.º anno dos lyceus. Houve evidentemente um lapso, que se pode remediar ainda, com um additamento ao decreto que regulou a admissão á Escola Preparatoria de officiaes medicos milicianos, tornando facultativa a matricula aos individuos da classe civil que tenham approvação no 7.º anno dos lyceus.

Ha ainda um outro facto que precisa ser resolvido: é o que se refere ao prazo da entrega dos documentos, pelos officiaes medicos. A lei não fixou prazo para essa entrega se effectuar, dando em resultado que vae ficando fóra do quadro dos officiaes medicos milicianos um grande numero de individuos, que, pelas condições de edade, deveriam ser os primeiros a ser nomeados para os serviços de preparação militar, visto que infallivelmente seriam os ultimos a mobilisar. E' preciso, pois, que se ordene que todos os medicos que se encontrem nas condições da lei, entreguem immediatamente os seus documentos, para assim se proceder á sua inspecção e nomeação para os diversos …

ULTIMAS IMPRESSÕES DE TANCOS

A BATALHA

Pela primeira vez, no nosso tempo, 20.000 homens tomam parte n'uma acção campal simulada

TERÇA FEIRA, 1.—O dia de hontem passou-se em marcha para o local do combate. Renuncio a descrever o que foi essa phantastica «étape», que constituiu por certo a prova mais forte de resistencia a que foi submettida a divisão de instrucção. Fôra mau o caminho da vespera. Pois esse é cem vezes peor.

Para o transpôr, recorremos a um expediente que não hesito em propôr a todos os «chauffeurs» e motocyclistas «en détresse». Applicámos á roda motora da nossa «Harley Davidson» uma sólida corda, energicamente enrolada em torno da jante, envolvendo o pneumatico tal como é uso fazer-se nos paizes de neve. A adherencia augmentou assim notavelmente, e d'essa fórma conseguimos romper através do verdadeiro mar de pó que as forças da divisão tinham forçosamente de transpôr na extensão approximada de cinco kilometros, antes de chegarem de novo ao macadam da estrada districtal que conduz ao campo destinado ás ultimas manobras.

A principio, o areal permitte a passagem das forças no dispositivo habitual, mas a breve trecho o caminho transforma-se n'uma vereda sinuosa e estreita, comprimida entre taludes, que não deixa marchar senão a dois de fundo. Depois, desce-se para um valle, onde alguns «camions» laboriosamente tentam arrancar sobre tufos de giesta, trepa-se uma ladeira ingreme, avança-se um kilometro na encosta e entra-se finalmente na estrada que, duas leguas andadas, de novo para em meio da charneca.

E' ahi que vae realisar-se o combate final.

Na linha de alturas que fecha o horisonte suppõe-se que tomou posições uma divisão inimiga, representada por um destacamento mixto, cuja artilharia começa a trovejar desde as primeiras horas da manhã. A divisão de instrucção desenvolve as suas linhas de infantaria n'uma serie de fracas eminencias, com o flanco esquerdo apoiado em uma collina que uma densa matta de pinheiros e castanheiros reveste.

Na primeira phase, as duas cavallarias percorrem a charneca em longas galopadas, explorando, estabelecendo ephemeros contactos, avançando e recuando conforme as exigencias do momento, e chocando-se quando o encontro se torna inevitavel, com indizivel furia. Diz-me um distincto official que é difficilimo evitar, em taes occasiões, que os soldados se enthusiasmem demasiadamente e na verdade chegaram a registar-se, nos exercicios de hoje, alguns ferimentos sem importancia. Por isso tambem o episodio das cavallarias é, em toda esta simulação de uma batalha, o que mais de perto suggere a impressão da realidade. A cavallaria é a arma independente por excellencia. Muitas vezes sem ligação alguma com o resto da divisão, isolada do commando supremo, ella tem que proceder com inteira iniciativa, deslocando-se conforme as contingencias e os acasos da batalha e emquanto as coisas até que a artilharia e a infantaria intervenham decisivamente.

N'esta altura, estabelecido o contacto geral entre todas as forças da primeira linha, tem ainda a cavallaria um papel difficilimo a exercer: a sua missão consiste em por deante em lançar a confusão e o panico nas fileiras inimigas, já cahindo de subito sobre uma bateria mal apoiada, já desorganisando a infantaria que a protege, já perseguindo e aprisionando pequenos grupos derrotados ou isolados do resto das forças pelo fogo chamado impropriamente de barragem, com o qual a artilharia bate os systemas inimigos de communicação.

E' assim, vomitando torrentes de projecteis sobre uma superficie relativamente pouco extensa, que se consegue evitar uma retirada ou a chegada de reforços.

Entretanto, a infantaria manobra e avança, a pouco e pouco, em corridas intermittentes, até dominar finalmente as forças adversarias.

Assisto, á beira do pinhal, ás evoluções que se succedem na immensa charneca. O tão fallado vacuo dos campos modernos de batalha impressiona-me, pela ausencia quasi absoluta de emoção. Já longe vae o tempo dos grandes embates de epopeia, em que n'uma hora se decidia a sorte de um exercito, e o furor, a raiva, a febre ardente de vencer allucinavam os combatentes em corridas heroicas para o triumpho ou para a morte.

A guerra deixou de ser um jogo de azar, para transformar-se n'um problema de mathematica, que cada um dos adversarios se esforça por solucionar o mais correctamente possivel.

A multidão que de longe veiu assistir ás manobras tem assim, naturalmente, uma leve desillusão. A grande massa divisionaria só impressiona, com effeito, em marcha. Na batalha dilue-se, apaga-se, some-se, confunde-se com a terra e a sua presença é apenas trahida pelo crepitar secco da fuzilaria ou pelas rajadas da artilharia.

Pelas cinco horas, é dado o signal de terminar, e os regimentos retiram na direcção dos bivaques previamente designados.

Parto para Lisboa, já de noite. Pelas encostas começam a accender-se milhares de fogueiras e, ao longo da estrada, soldados adormecidos esperam os primeiros alvores da madrugada para iniciarem a jornada do regresso. Dispersou-se momentaneamente a divisão de instrucção e creio que só tornará a reunir-se, agora, para mais altos e gloriosos fins.

HERMANO NEVES

IMPRESSÕES DO ORIENTE

As delicias de Salonica

O que inventaram as más-linguas de Paris e o que apurou a illustre escriptora Marcelle Tinayre

Salonica possue a sua lenda. Diz-se que nasceu em Paris, n'aquella sociedade que ainda conserva o gosto de, conversando, brincar malevolamente com coisas sérias.

Os echos de semelhantes ditos chegam-nos aqui trazidos pelos que veem de França. Referem elles:

—«Afinal, parece que a vida não decorre enfadonha na Macedonia. X... e Y... pretendem que o exercito do Oriente está cheio de cabotinos e de emboscados... Mlle D..., que se demorou por cá o tempo que medeia entre duas viagens, faz da vida de Salonica uma descripção extraordinariamente seductora. Encontrou auctores dramaticos, artistas, escriptores, o publico das primeiras representações! E proclamou que a rua Venizelos, *rendez-vous* de todas as elegancias, recorda absolutamente a rua de Paris em Trouville,—no tempo de paz, bem entendido... Estas linguarices dão que pensar. Os francezes que combatem em França não se mostram contentes com taes fantasias sobre a villegiatura oriental dos seus camaradas...»

Resposta:

—«Veja com os seus olhos e, já que conhece a lenda, observe agora a realidade. Não tarda que formule um juizo seguro sobre as delicias de Salonica...»

O recem-chegado começa naturalmente por visitar a rua Venizelos. Pelo caminho convence-se de que a temperatura não é de molde a animar passeantes. O thermometro marca 40 graus á sombra. Uma luz crua, um sol de fogo, … mido, dissolve as energias e entorpece as idéas. No entanto, desfilam tropas, de capacete. São francezes que á vontade mantem despertos e que se vingam do clima, amaldiçoando-o. Rostos tostados, fatigados, avelhentados pela dura vida militar, entristecidos pelo exilio e, que, todavia não desalentam e conservam o sorriso. São inglezes altos e graves, de rosto illuminado sob o chapeu de abas largas; são servios, franzinos, muito altos, de olhos nostalgicos e bigodes d'um loiro desmaiado. E, em seguida, camiões, ambulancias automoveis, mulas, pequenos carros, um completo material de guerra que incessantemente se dirige do formigueiro dos caes para os campos de Sédes e de Zeitenlik.

A rua Venizelos assemelha-se, em ponto pequeno, á Cannebière, e ha n'ella cafés frequentados, contando-se entre os principaes frequentadores a gente da região. Não ignoram que Salonica tem cento e cincoenta mil habitantes que se não bebem e que razão alguma força a renunciar aos seus habitos. Gostam de beber refrescos ao ar livre, do dia, na rua Venizelos. A' noite, no jardim da Torre Branca. Ha tambem officiaes e soldados francezes, inglezes, servios, cada vez menos numerosos á medida que os regimentos seguem para a frente, licenceados que frequentam os restaurantes e o cinema, como iriam em Paris, onde isso pareceria perfeitamente natural.

O recem-chegado soffre … uma decepção …

nha que o movimento e o ruido não significam jubilo, que a vida exterior, pobre de belleza e por outro lado bastante provinciana, occulta outra vida ardente e profunda, vida de trabalho intenso, de esforços silenciosos, de espectativa e de esperança. Causa-lhe admiração tambem que, n'uma cidade que não é franceza, que não está em guerra, onde acampam exercitos, a decencia seja quasi perfeita. Não se lhe depara o que pôde ver e deplorar algumas vezes em certas cidades de França, soldados ebrios ou descompostos e exhibições nauseantes. Deram-se aqui ordens severas que foram respeitadas. O vicio existe sem duvida, mas esconde-se, e as mulheres honestas e donzelas de Salonica não soffrem a offensa de promiscuidades e espectaculos dolorosos.

Os habitantes do paiz reconhecem, não sem assombro, o bom comportamento dos nosssos soldados. Prestam homenagem á sua delicadeza, á sua complacencia, á sua bondade para com as creanças, á sua jovialidade que nunca é brutal. Apreciam o caracter dos nossos officiaes. A occupação de Salonica revelou a França ás populações israelita, grega e turca que falam a nossa lingua e começam a comprehender o nosso espirito nacional e as virtudes da nossa raça.

Mas nem todo o exercito do Oriente está em Salonica.

Nos acampamentos e nos depositos, na frente do Vardar ou de Calcidica, milhares de homens aguardam a hora da acção ou combatem já. Um grandissimo numero d'elles fizeram a campanha dos Dardanellos e a campanha da Servia; sabem o que é a guerra nas regiões do Oriente onde o sol, os pantanos, os insectos, a solidão, a raridade dos correios, a melancolia do exilio são outros tantos inimigos que se juntam ao inimigo. Sabem que muitos bons francezes não tornarão a vêr a França e que ha muitas cruzes nos improvisados cemiterios. Sabem que os seus officiaes, que se alistaram, não poucos, voluntariamente, para esta expedição, feridos uma ou mais vezes, soffrem e acceitam as mesmas provações, o mesmo destino. Sabem que, nas repartições, este ou aquelle, que um parisiense trataria de emboscado, é um semi-enfermo, que escrupulisa em se apresentar bem e cioso de bella apparencia, mas que perdeu a sua saude, a sua força, nas trincheiras, onde, coitado!, motivos de força maior lhe não permittem voltar de novo... Os nossos soldados do exercito do Oriente sabem isso e, se não tivessem a certeza de que a maioria dos chefes e dos camaradas cumprem valorosamente o seu dever, não teriam essa coragem tranquilla, essa estoica resignação que os torna admiraveis.

Eis porque uma sombra de amargura lhes perpassa na alma quando lhes falam d'essa tôla «lenda de Salonica», creada por politicantes e linguareiros e que tende a rebaixar-lhes os chefes e a rebaixal-os a elles proprios. Assemelhar os officiaes do exercito do Oriente aos «snobs» de Trouville, embora com a intenção de lhes ser agradavel, é illudir-se absolutamente sobre as conveniencias particulares da nossa epocha, sobre o effeito produzido no exterior pelas amaveis conversações malevolas das esquinas. E' falsear o sentimento do paiz, contristar gente honrada que cumpre o seu dever, servir odios ruins e regosijar os nossos inimigos.

MARCELLE TINAYRE.

No Salão Foz

Espectaculo da moda — Uma estreia de sensação

Noite da moda hoje no Salão Foz, e portanto noite de enchente, pois que ha já muitos logares marcados. O espectaculo é dos bons, e outra coisa não seria de esperar dado o valor dos numeros que ali se exibem que são todos bem differentes, mas que se equivalem.

A *Stella Margarita* é um soprano ligeiro que se ouve com agrado seja nas suas romanzas, seja nos fados portuguezes em que é acompanhada por dois guitarristas.

A reapparição de *Bella Lopez* e do seu excentrico produziu o enthusiasmo natural em quem trabalha com tanta correção e em quem sabe aproveitar os seus exercicios difficeis para se fazer admirar e para fazer rir.

Carmen Vicente é uma cançonetista muito regional, mas é sobretudo uma magnifica bailarina muito especialmente quando se exibe com seu irmão Julian. O publico aprecia-a porque tem valor o seu trabalho e não lhe poupa, por esse motivo applausos calorosos.

Os Herminios são portuguezes, isso bastaria para terem a sympathia do publico mas não é isso que os faz serem applaudidos, ha outra razão que é o seu bom trabalho de forças combinadas executado com limpeza e correcção.

Terminava-mos esta noticia quando alguem nos chama ao telephone e nos diz o seguinte: «Como sei que faz uma noticia sobre os artistas do Salão Foz tome lá mais esta que é em primeira mão, o que v. chama uma *caixinha*.

Na segunda feira estreia-se, em recita dedicada a sociedade elegante, uma bailarina, Nina Walky, que vem directamente do Olympia de Paris onde fez um successo, egual ao que causou em Londres onde tambem se exibiu. Vá que isto não é para todos.»

E mais nada nos disse o telephone. Ficam portanto avisados os nossos leitores de que segunda feira ha enchente e que devem procurar os seus bilhetes.

A occupação de Kionga

O enthusiasmo dos nossos soldados —Os cantos guerreiros dos indigenas—Processos dos allemães

KIONGA, 22 de maio de 1916.—Só hoje me foi possivel enviar á *Capital* a noticia acerca da occupação de Kionga pelas tropas sob o commando do major Quinhones da Silveira. Esta occupação foi feita no dia 10 de abril, pelas 10 horas e meia. A columna era formada pelo pelotão da 4.ª companhia indigena de infantaria, sob o commando do alferes Joaquim Affonso e da 20.ª companhia tambem indigena de infantaria, sob o commando do tenente Mario Ferreira e alferes Pereira Machado, Sousa Dias e Baptista Gaspar.

Sahiram de Palma sem conhecerem a sua missão, a qual lhes foi notificada em marcha para Kionga, que foi occupada com valentia e enthusiasmo.

Sem conhecerem as forças de que dispunham o commandante militar allemão, o tenente Back, as nossas tropas entraram no territorio, pondo em fuga os habitantes, que abandonaram quasi todos os seus haveres e que voltaram novamente sob a condição de respeitarem a nossa auctoridade. O que é certo é que os indigenas continuam aqui, prestando-nos grande auxilio na conducção de generos para os nossos soldados.

Teem a sua egreja onde se reunem diariamente e ahi o padre indica-lhes o modo como hão-de proceder para com as tropas portuguezas. Entre os despojos encontrados em desalinho tem-se visto grande numero de cartões postaes allemães com figuras pornographicas em que se entretinham nos momentos de ocio, segundo nos disse um indigena d'esta região. Em muitos kilometros de extensão tinham reductos e postos de observação construidos nas arvores.

Esta região, cujo clima é mau, não é propicia para o gado e podemos affirmar, segundo os papeis encontrados e preparações sinchronicas que os solipedes não gosam saude em virtude da celebre mosca «tzé-tzé» atacar de preferencia estes animaes, os quaes não se dão n'estas terras malditas, succumbindo dentro de dois dias o maximo; animaes ha que duram apenas algumas horas.

O celebre tenente allemão Bach, quando precisava de gado, mandava-o buscar ao nosso territorio, sobretudo a Palma. Os nossos veterinarios capitão Villas Boas e tenente Castro teem desenvolvido toda a sua actividade para obstar a que hajam tantas perdas, mas embora a sua vontade seja grande os seus esforços são inuteis e os animaes desapparecem n'um crescendo horrivel.

N'esta data está bombardeando as povoações da outra margem do Rovuma o nosso cruzador *Adamastor* auxiliado pela *Chaimite*. Já se fez um desembarque pelos marinheiros, os quaes incendiaram algumas casas e palhotas, o que produziu nas nossas tropas grande enthusiasmo, sobretudo dos soldados indigenas, os quaes soltaram os seus cantos de guerra que atroavam os ares, repetindo a distancia o echo as suas vozes. A estas horas já as nossas forças terão occupado o territorio allemão e oxalá que o façam de fórma a levantar o nome do nosso Portugal perante o mundo e dar o logar que o nosso paiz deve occupar na historia da guerra actual, como symbolo de abnegação e de valor militar.

Agora que conquistámos uma região que foi nossa, vamos conquistar outra que vingará o que soffremos em Naulila, embora os nossos inimigos da margem esquerda hasteem a bandeira branca para nos attrahirem a uma cilada, para a qual estamos precavidos. Por aqui se vê os processos de que os allemães se servem para nos combater.

Tudo sabemos e temos confiança no valor do nosso soldado. Até breve.—*A. de C.*

Uma estreia de Prince no Cinema Condes

Prince, o impagavel Salustiano, é hoje sem duvida o comico parisiense mais querido dos salões cinematographicos.

A sua graça, tão particular, tão *sui-generis*, é communicativa como nenhuma outra e tem sempre o condão de dispôr admiravelmente o espectador.

Bem andou por isso a empresa do Condes em escolher, para estreia d'esta noite, um trabalho do impagavel artista. E' das suas producções mais notaveis e intitula-se *Salustiano vinga a sua sogra*.

O resto do programma é prehenchido pelos deslumbrantes «films» de arte *Julio Cesar e Paixão de um traidor*, dois maravilhosos «films» d'arte, o ultimo dos quaes contem os mais extraordinarios effeitos de luz que jámais se teem visto em photographia animada.

Tio alvejado a tiro por um sobrinho

Com um dos olhos vasados

Na freguezia de Athouguia da Baleia, reside o proprietario João Maria da Gloria, viuvo de Maria da Conceição dos Anjos, de quem lhe ficaram tres filhos, Francisco Zeferino, de 33 annos, viuvo, José Silverio, de 29 annos, solteiro, e Marianna da Gloria, ali mais conhecida pela «Marianna Alta». Os dois filhos exercem o mister de fazendeiros. Pouco tempo depois do fallecimento da mãe, requereram elles partilhas, ficando o viuvo com metade e os filhos com a outra parte, sahindo de casa o José e a Marianna e ficando o Zeferino com o pae e com um tio de nome Joaquim Simões Timbaes, proprietario. Passados tempos o Zeferino propoz ao pae para vender as propriedades com prejuizo dos irmãos, e, como o não conseguisse, ameaçou-o.

Os irmãos, sabendo do facto, não ficaram satisfeitos. O Timbaes, exasperado com o procedimento do sobrinho, sahiu de casa rasgando o testamento em que o instituia seu herdeiro, nomeando em seu logar o José, com quem passou a viver. Ao saber tal, o Zeferino jurou vingar-se não só do tio como do irmão e sabendo que o primeiro havia de passar por uma Lordado pertencente ao lavrador José Chagas, para ali se encaminhou armado com uma espingarda. Apenas o viu metteu a arma á cara e desfechou, indo a carga alojar-se no rosto do alvejado, vasando-lhe um olho. Acudindo varias pessoas, foi levado para a localidade e ahi pensado, vindo hoje para Lisboa, recolhendo á enfermaria 8 [illegible] hospital de S. [illegible]

UMA CARTA

Magos, bruxas e nigromantes

Começa a esclarecer-se um pouco este tenebroso factor de desaggregação social

D'entre a copiosa serie de informações, incitamentos e subsidios de toda a ordem que me chegam diariamente ás mãos, destaco a seguinte carta cujo auctor desconheço e que na integra reproduzo:

... Sr. dr. Hermano Neves.—Li o seu artigo «Magos, bruxos e nigromantes» publicado na «Capital» d'hontem, 9 do corrente, e desde já o louvo pela fatigante tarefa que vae ter para abrir a luz da razão aos falhos de juizo. A crença nos bruxedos e deitar cartas está já tão arreigada no espirito do povo que varios casos conheço, e pela narrativa de dois verá como os interessados só conseguem ludibriar-se e metter o dinheiro na bolsa das bruxas e nigromantes.—Ha tempos uma familia abastada, de que o chefe é um dos mais cotados advogados do fôro portuguez e um dos filhos é medico de valor, consultou uma pobre mulher sobre qualquer coisa. A mulhersita, que estava em apuros, acorreu a deitar cartas para responder ao que desejavam. Como era muito pobre precisou que lhe dessem o dinheiro para um baralho. Deram mais que o custo, deram dinheiro para a «benzedura», dinheiro para se «concentrar», para «meditar», para «jejuar», para «preparar-se», etc., e depois deitou as cartas. A operação custou para cima de 30$00 e a resposta bateu certa quanto ao passado e ao presente, mas o futuro mostrava-se muito escuro porque apparecia um homem no caminho (era um valete)...

Agora a explicação: O passado e o presente foi revelado pela cosinheira da casa e o futuro eram indicações da criada de quarto, uma ladina que ía lendo as cartas que apanhava á mão e escutava as conversas. A bruxa repartiu parte do dinheiro com as informadoras e o mais curioso do caso é que tanto o advogado como o medico quando se trata d'uma causa de responsabilidade ou operação séria consultam a mulhersita para saber se se sahem bem. Esta mulher ás pessoas de posses leva-lhes 2 e 3 escudos por consulta, ás remediadas 1$00, ás criadas 50 centavos, ás pobres 12 centavos e aos operarios 24 centavos. Vive bem e já não sabe o que é a miseria nem os dias amargos que outr'ora teve.

O outro caso é mais serio, porque a bruxa desorganisou 2 casas de familia.—Era uma senhora casada que teve suspeitas do marido e chamou uma bruxa para deitar cartas. Esta, antes de dar resposta definitiva, espionou o marido e uma vez em bom caminho fez taes revelações que a esposa separou-se do marido, vive amancebada com um medico e está para casar com um parente que por seu turno se desquitou da mulher por indicação da tal bruxa; que vive regalada sem lhe faltar coisa alguma. Já tem a casa bem mobilidada com luz electrica, fogão a gaz, etc.

Podia narrar-lhe muito mais, porém estes dois casos já definem de sobra o que são as procuradas bruxas e nigromantes.

Ellas no fim dizem que não teem culpa nenhuma, porque querem ganhar a vida e se os outros são parvos, então vão-se aproveitando.

Não lhe invejo a tarefa a que se impoz, mas louvo-o pelo bem que ha de produzir n'algumas cabecinhas aereas e pelo bem que ha de fazer no meio social, saneando-o de taes chupistas.—Seu admirador, Magalhães.

Não sei que haja tão inepto diplomado em medicina e cirurgia que consulte cartomantes para saber se será ou não bem succedido n'uma intervenção.

Não me admiro, porém. Já em Lisboa, e no hospital de S. José, houve um medico que receitava aos seus doentes... «Agua de Lourdes». O que lamento é que, decerto por ignorancia, haja familias que confiem um doente a um medico assim.

Provavelmente, este clinico regula-se ainda por um raro livro que trago em leitura, impresso em Lisboa na officina de Joam da Costa, em 1670, e se intitula «Epitome das Noticias Astrologicas para a Medicina», do qual, por curioso, fallarei ainda aos meus leitores.

E' bom, no entanto irem-se registando factos, para que se veja que não exagerei classificando de abuso perigosissimo o charlatanismo que por ahi campeia com a indifferença, senão a complacencia, das auctoridades administrativas.

Castellos no ar

As ultimas novidades

Continua a ser o extraordinarios successo de agora a bella revista «Castellos no ar», cada noite com surprezas e novidades, que ainda mais a remoçam e a alegram. Tem a revista agora oito numeros novos de sensação e ainda hontem houve dois bellos numeros, o duetto «O comer e o coçar», em que a Angela Pinto lhe «comem», muitas coisas; que Joaquim Costa «coça» em excellente musica, versos maliciosos, um desempenho primoroso, muita alegria e não pouca intenção. Tambem é um numero interessantissimo «O Espantalho», um monologo cheio de veia comica, em que o actor Martins dos Santos teem um bella creação.

Além d'estes, são apresentados os seis numeros novos, que tanto teem agradado: o «Amor prohibido», o «Amor a gancho», o «Amor de sachristia», o «Amor na casca», «O meio dia» e a «Boda»; os 5 lindos fados: «O fado da malicia», da «Saudade» do «Amor», da «Dôr» e da «Alegria»; os popularissimos duettos dos Olhos falsos», em que Joaquim Costa e Angela Pinto põem o publico em completa gargalhada, e os «Bem casadinhos», que se cantam já pelas ruas, com grande alegria de todos. Antonio Pinheiro, no magnifico desempenho do «Zagal», e a joven actriz Judith de Castro, nos papeis da «Alvorada», «Grelinho», «Marujinho» e «Carqueija», dão grande realce ao magnifico desempenho dos «Castellos no ar», que é a peça da moda.

As monobras em Tancos

O «film» do Colyseu

Exhibiu-se hontem pela primeira vez no vasto circo do Colyseu dos Recreios um *film* nacional e sensacional: uma serie, admiravelmente completa, dos diversos aspectos da divisão de Tancos por occasião do recente periodo de instrucção.

Não se faz realmente melhor no extrangeiro. A porfeição do trabalho technico demonstra que os operadores portuguezes de cinematographo podem produzir tão bons trabalhos como em qualquer parte do mundo, desde que não faltem iniciativa d'esta natureza. O *film* é excellente, as situações, bem escolhidas, a nitidez da projecção simplesmente inexcedivel. Quem não acompanhou, no local, esse extraordinario esforço do nosso exercito fica d'elle fazendo uma ideia completa pela exhibição do Colyseu.

Resta dizer que o publico, enchendo litteralmente a vasta plateia, manifestou por vezes o seu agrado e o seu patriotismo com prolongadas e vibrantes palmas.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

O Brazil responde altivamente á Allemanha?

RIO DE JANEIRO, 11—Corre o boato de que o ministro da Allemanha protestou junto do governo brazileiro contra a conferencia de Ruy Barbosa em Buenos Ayres e contra o voto de adhesão do Congresso brazileiro.

Consta tambem que o governo brazileiro respondeu altivamente, dizendo que a vontade parlamentar e nacional não podiam soffrer qualquer influencia estranha.—(Americana.)

Como prosegue a offensiva italiana

ROMA, 10.—Communicação official. As operações na zona de Gorizia teem decorrido sem novidade. Tendo sido restabelecidas as pontes, continuou hontem a passagem das nossas tropas para a margem esquerda do Isonzo; a cavallaria e os ciclistas dirigiram-se para a parte oriental da cidade, mas foram ahi recebidos com fogo vivo proveniente das alturas circumvisinhas e das linhas de Vertujbica.

Os nossos ousados esquadrões carregaram em alguns pontos brilhantemen sobre o inimigo, infligindo-lhe pezadas perdas e fazendo algumas centenas de prisioneiros.

No Carso, por meio de um violento assalto precedido de lucta as nossas valentes tropas romperam as poderosas linhas de entrincheiramentos inimigos; a nordeste de San Michele e e nos arredores de San Martin occuparam Buschini. Na estação de concentração dos prisioneiros constatámos até agora 268 officiaes e 12:072 praças.

Pela tropas teem sido assignalados outros que chegam. Em vão o adversario, com o fim de desviar a nossa actividade no baixo Isonzo tentou no dia de hontem repentinos e violentos ataques e efectuou intensos bombardeamentos em diversos pontos do resto da linha.

Acções semelhantes tiveram logar em Tonale, nos vales de Giudicaria e Lagarina, no Psubio, no monte Comono e nos vales de Travignol e no monte Nero.

Em toda a parte mantivemos solidamente as nossas posições. Uma esquadrilha de 18 Caproni, escoltada por aparelhos de caça Nieuport fez hontem uma brilhante excursão sobre as gares de reabastecimento de Procina e Dornberg.

Nos pontos dos caminhos de ferro e nos armazens militares lançou tres toneladas de altos explosivos com resultados visivelmente eficazes. Apesar do tiro intenso das baterias anti-aerias e dos ataques repetidos dos aviões inimigos, um dos quaes foi abatido, a forte e valente esquadrilha voltou indene ao ponto de partida.

Os aviões inimigos lançaram hontem um grande numero de bombas em Ventse. Morreram duas pessoas da população, sendo minimos os prejuizos materiaes causados.—(*Havas*).

A lucta na frente franceza

PARIS, 11. — Communicação official das 15 horas:

Ao norte do Somme a artilharia franceza executou fogos de destruição efficazes contra as organisações do adversario. Durante uma operação secundaria os francezes fizeram prisioneiros e tomaram duas metralhadoras no bosque do norte de Hardecourt. Na margem esquerda do Meuse os francezes obtiveram resultado nas suas manobras contra as trincheiras allemãs a léste da cota 304, trazendo prisioneiros. Na margem direita houve mediana actividade das duas artilharias. A noroeste de Thiaumont deram-se algumas escaramuças. No resto das linhas canhoneio intermittente. Na noite de 9 para 10 as esquadrilhas francezas bombardearam as «gares» de Vouziers e Bazancourt.—(*Havas*).

Os socialistas allemães

PARIS, 11.—Segundo o «Berliner Tageblatt», a minoria socialista do Reichstag tem visto augmentar o numero dos partidarios das suas idéas na Baviera.

Na reunião de Scheineurth foi votada uma moção a favor da minoria socialista, tendo sido acclamado o neme de Liebknecht.—(Americana).

Regosijo portuguez pelas victorias italianas

MACEIÓ (ESTADO DE ALAGOAS), 11.—A colonia portugueza enviou felicitações ao consulado geral de Italia e á Camara Italiana de Commercio e Industria pela brilhante victoria dos exercitos italianos.—(Americana).

Os monarchicos portuguezes e a guerra

A «Humanité», o grande orgão socialista francez, referindo-se á attitude dos monarchicos portuguezes no momento em que Portugal se encontra em guerra e depois de citar o livro do sr. Julio de Vilhena, diz:

«E depois de ter declarado que D. Manuel é um ingrato, um... jesuita e um homem desleal e mentiroso, o auctor d'esse livro tenta provar que, apezar das mensagens reaes aos seus partidarios, Manuel de Saxe Coburgo-Gotha conspira, embora acceite a hospitalidade da nação que é fiel alliada da Republica Portugueza.

«Em apoio das suas affirmações vem, com effeito, uma declaração do sr. Homem Christo, pae, monarchico tambem, mas que condemna essas criminosas tentativas no grave momento actual. Uma carta do chefe da casa... portugueza do esposo da princeza de Hohenzollern, com a data de 30 de novembro ultimo, de Valladolid (Hespanha) diz, com effeito, que «em virtude dos excellentes elementos de que os monarchicos dispõem em Portugal, é opinião minha o agir e o mais cedo possivel». Quer dizer: uma circular do ex-rei recommendava o desarmamento perante o inimigo; uma outra circular do «comité» realista declarava guerra immediata á Republica.

«O sr. Vilhena parece, pois, ter razão quando affirma que o rei não tem auctoridade sobre os seus partidarios, tendo egualmente razão o sr. Homem Christo—que foi outr'ora um dos chefes das tentativas realistas á mão armada — quando diz saber que os seus correligionarios conspiram contra as instituições, no proprio momento em que Portugal se bate contra a Allemanha.»

Curso de medicos milicianos

Receberam esta tarde guias no hospital da Estrella os seguintes medicos que concluiram o curso de milicianos: Silva Patacho, Freitas Simões, Henrique Bonhont, Motta de Amorim Cardoso, Cunha e Silva, Farinha Ferreira, Julio Pinto, Garcia da Silva, Bandeira Duarte, Manuel de Vasconcellos, Marcello Mauricio, Fernando Wadington, Travassos Valdez, Crespo de Lacerda, Plinio Ventura, Ferreira de Moura, Augusto Jorge, Silva Figueiredo, Affonso Villela, Lopes Marçal, Vasques Pereira, Ribeiro Saraiva, Julio de Mattos, Jorge Marçal da Silva, Antonio Gonçalves, Manuel José Lourenço, Machado Macedo, Augusto da Costa, Jakobus do Paiva, Henrique Roquette, José Vinagre, Alvaro Catalão, Oliveira Carvalho, Horacio Menano, Joaquim Rosado, Roberto d'Almeida.

Os officiaes medicos tiraram um grupo no largo da Estrella, no qual se incorporaram os officiaes instructores.

Um patriotico offerecimento

O administrador do concelho de Cezimbra communicou hoje ao sr. governador civil que o proprietario sr. Emilio Caldeira Braz, natural e residente n'aquella localidade, o tinha informado de que punha á disposição do governo da Republica, para hospitalisação dos soldados feridos na guerra, a sua quinta e casa de campo denominada «Villa Francisca», situada nos Casaes do Sampaio, do referido concelho.

O sr. Caldeira Braz, que foi isento de todo o serviço militar devido a um defeito physico que o impossibilita de fazer parte do exercito, mas que o não impede de trabalhar n'uma secretaria, offereceu-se ainda para substituir gratuitamente, do proximo mez de dezembro em deante, qualquer funccionario publico que seja mobilisado, a fim de que esse funccionario continue recebendo integralmente o seu ordenado durante o tempo da guerra. Tanto elle, como sua esposa, a sr.ª D. Francisca Caldeira Oliveira Braz, offerecem-se para tomar conta de duas creanças do sexo feminino de 3 a 4 annos de edade, filhas de soldados que morram na guerra.

O sr. governador civil agradeceu tão patriotico offerecimento e communicou-o ao sr. ministro da guerra.

Lista negra

Foi retirada da «Lista negra» a firma Luiz B. Worm, com escriptorio de commissões e agencia de navegação, na rua da Prata, 133, 2.º

Navios allemães

Os que vão para Inglaterra e os que ficam ao serviço nacional

Um representante da commissão ingleza, a que vão ser concedidos os navios allemães tem tido repetidas conferencias com as entidades officiaes para liquidação d'essa operação.

Segundo o *Commercio do Porto* chegado hoje, os barcos que serão entregues ao serviço da Inglaterra são os seguintes, em numero de 51 e representando 188.798 toneladas:

Alemtejo, 4.312; *Amarante*, 7.678; *Aveiro*, 2.209; *Belem*, 1.925; *Berlenga*, 3.548; *Boa Vista*, 3.667; *Brava*, 3.184; *Cascaes*, 835; *Cavado*, 943; *Congo*, 2.077; *Cunene*, 5.898; *Damão*, 5.668; *Desertas*, 3.689; *Diu*, 5.556; *Espinho*, 740; *Extremadura*, 3.771; *Faro*, 2.864; *Figueira*, 2.168; *Foz do Douro*, 1.522; *Goa*, 5.605; *Horta*, 2.135; *Ilha do Fogo*, 4.315; *India*, 8.000; *Inhambane*, 5.878; *Lagos*, 1.585; *Leça*, 1.911; *Leixões*, 3.245; *Lima*, 3.900; *Maio*, 2.179; *Machico*, 6.184; *Madeira*, 4.792; *Mira*, 1.668; *Mormugão*, 6.013; *Nazareth*; *Ovar*, 1.043; *Pangim*, 4.383; *Peniche*, 3.566; *Ponta Delgada*, 3.381; *Porto*, 6.636; *Porto Santo*, 2.801; *Tungue*, 1.377; *Sacavem*, 2.047; *Setubal*, 921; *Sines*, 2.823; *Santo Antão*, 4.196; *S. Nicolau*, 627; *S. Thiago*, 3.763; *Traz-os-Montes*, 8.965; *Tonigue*, 4.836; *Fernão Velloso*, 5.105.

Continuam fazendo o serviço nacional os seguintes:

Barreiro, 1:738; *Caminha*, 2:763; *Coimbra*, 2:512; *Espozende*, 1:781; *Flôres*, 1:980; *Gaya*, 1:758; *Gil Eannes*, 1:758; *Graciosa*, 2:276; *Granja*, 1:765; *Quelimane*, 5:689; *Lourenço Marques*, 6:355; *Mogador*, 1:271; *Patrão Lopes*, 467; *Porto Alexandre*, 2:699; *Sado*, 1:408; *Sagres*, 2:986; *S. Jorge*, 3:601; *Santa Maria*, 2:662; *S. Vicente*, 5:085; *Trafaria*, 1744; *Vianna*, 1:749.

São 21 barcos com 51:289 toneladas.

O «Sagres,» que vem a caminho de Lisboa, diz o nosso informador, receberá de fretes 200 contos e os dois navios que de Madagascar devem conduzir generos para França transportam 24.000 toneladas. Com o encarecimento de transportes a tonelada representa pelo menos 10 escudos!

Hoje de manhã, o antigo «Pullow» hoje «Traz-os-Montes» atracou á muralha de Santos, recebendo a visita do sr. Julio Jalles e outros vogaes da commissão de transportes os quaes acompanhados pelo capitão Machado, visitaram detidamente o navio, apreciando o andamento das reparações.

Comicios

Vão realisar-se brevemente comicios em todo o paiz, a fim de se explicar ao povo portuguez as vantagens moraes e materiaes da situação internacional em que nos encontramos. O primeiro d'esses comicios realisar-se-ha em Lisboa, sob a presidencia do sr. dr. Antonio José d'Almeida, devendo usar da palavra, entre outros oradores, o sr. dr. Affonso Costa.

A VORAGEM DA GUERRA

A Italia gasta 200 mil contos por mez

Como esse paiz conseguiu fazer face aos encargos da guerra

No dia 30 de junho o sr. Paulo Carcano, ministro do Thesouro Publico da Italia, fez na Camara dos Deputados um largo discurso a proposito da apresentação das contas orçamentaes. O orçamento ordinario de 1915 a 1916 fechava com um «deficit» de 45 milhões de liras, mas esse «deficit» tinha compensação nas despesas productivas, fomentadoras da riqueza publica. N'aquelle orçamento não estavam incluidas as despesas de guerra, como não tinham sido tomados em conta os augmentos de receitas em relação ao exercicio anterior. Esses augmentos foram de 529 milhões de liras. No orçamento de 1916 a 1917 ainda se faz a previsão d'um novo augmento de receitas, cerca de 80 milhões, provenientes de medidas fiscaes e de augmentos nas tarifas dos caminhos de ferro.

As despesas de guerra durante o anno de 1915 a 1916 attingiram a importancia de 7.800 milhões de liras, ou seja uma media mensal de 650 milhões de liras. Nos ultimos dois mezes essa media já subiu a 800 milhões, calculando-se que attinja 1.000 milhões este mez, ou sejam 200 mil contos da nossa moeda.

O sr. Carcano, no seu discurso, declarou que mantinha o programma financeiro da Italia:—fazer face ás despesas da guerra com emprestimos e operações de thesouraria e crear a receita necessaria para supportar os encargos dos emprestimos.

No exercicio de 1915 a 1916, para poder pagar as despesas da guerra, a Italia contrahiu dois emprestimos internos, de renda, no valor de 3.400 milhões de liras, obteve 1.300 milhões com bilhetes de thesouro, a curto e a longo praso, e fez operações de credito no estrangeiro na importancia de 2.400 milhões. Isso perfaz 7.100 milhões. Os 700 milhões restantes foram produzidos pela emissão de notas do Estado e dos bancos e por meios diversos de thesouraria.

Actualmente, os bilhetes de thesouro a 3 annos estão a 5 por cento; a 5 annos estão a 5 3/8.

Parece-nos interessante reproduzir esta phrase proferida pelo sr. Carcano, no seu discurso: «A guerra veio mostrar quanto é indispensavel organisar o nosso commercio e subtrahir as nossas industrias a toda a dependencia estrangeira». Por certo, o mesmo pensam os nossos homens publicos que se preoccupam com a situação economica de Portugal.

A marcha da circulação fiduciaria italiana tambem poderia dar logar a opportunas reflexões. A circulação do Banco de Italia, em 31 de julho de 1914, era de 3.086 milhões de liras; em 10 de julho de 1916 estava em 3.165 milhões. Vê-se por ahi quanto foi diminuto o seu augmento, o que demonstra que os italianos sabem fazer a «épargne» das notas, não abusando da circulação fiduciaria. Subiram consideravelmente os depositos no Banco de Italia, nos outros bancos e na Caixa Geral Economica. O desconto official mantem-se a 5 por cento; mas o Banco de Italia realisa, por taxas differenciaes, operações a 4 1/2.

Hospitalisação de mendigos loucos

No edificio da Albergaria de Lisboa, no largo da Luz, realisa-se depois de amanhã, pelas 13 horas, com a assistencia do sr. presidente da Republica, a inauguração da nova secção creada para mendigos loucos.

Haverá sessão solemne, sendo inaugurado o retrato do sr. dr. Bernardino Machado.

Menor desapparecido

A policia procura o menor de 12 annos Manuel Pereira de Miranda, que fugiu de casa de sua mãe Carolina Miranda, moradora na villa Pouca, á Pimenteira. Ainda no dia 8 sahiu da Tutoria.

A arte de furtar

No dia 2 foram presos Manuel de Abreu Vieira morador na travessa do Cabral, 25, 2.º, e Margarida Pereira, moradora na rua Maria Pia, 94, loja, accusados de entrarem por meio de chave falsa em casa de Bento Antonio Marques, morador no pateo da Meia Laranja, 7, onde furtaram a quantia de 350 escudos e varios objectos de ouro e roupas. Interrogados, negaram o crime, mas apurou-se que o Vieira foi quem praticou o roubo juntamente com Manuel Jesus da Silva, que já se encontra na cadeia, e que a Margarida foi a casa de penhores da rua Ferreira Borges, 49, empenhar alguns objectos que fazem parte d'o furto. Seguiram hoje para juizo.

Foi preso Francisco José de Lima, morador na rua Thomaz da Annunciação, 15, loja, por furtar uma carteira contendo 80 escudos a Joaquim Mattoso da Camara, residente na rua Rodrigo da Fonseca.

O 2.º sargento de infantaria do districto de recrutamento e reserva n.º 1, addido á companhia de saude, queixou-se de que lhe arrombaram a porta do quarto e furtaram a quantia de 105 escudos.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

DR. MOREIRA TELLES

Foi nomeado auxiliar do consulado geral do Brazil em Lisboa o distincto director da Agencia Americana, dr. A. C. Moreira Telles, conhecido publicista, muito relacionado nos meios intellectuaes de Portugal e Brazil, e auctor consagrado das obras «A Emigração Portugueza para o Brazil», «Brazil e a Emigração», «Brazil e Portugal» e «Notas de Estudo».

NASCIMENTOS

Teve a sua «délivrance» a sr.ª D. Maria do Carmo da Costa de Sousa de Macedo de Gambôa, esposa do sr. Thomaz de Gambôa Bandeira de Mello. Mãe e filha encontram-se bem.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as: condessa de Cascaes, D. Constancia Maria de Queiroz Montenegro Pinto Moreira, D. Adelaide Valado Arnaud, D. Maria Alexandrina Pacheco de Abreu da Costa de Sousa Macedo (Mesquitella). E os srs.: D. Vasco Mario de Sá do Carmo de Noronha (Paraty) e Joaquim José Nunes.

NO CINEMA CONDES

Foi muito concorrida a «matinée» de hontem n'este elegante cinema.

N'um dos intervallos vimos nos camarotes e balcão, entre outras, as sr.as: baroneza de Passos de Sousa, D. Palmyra Lopes Tavares Lobo da Silveira (Alvito), D. Anna Sousa Caldas Goulart, madame Ayla e filha D. Valentina; D. Ema Segismundo Costa e filha D. Amelia; D. Margarida e filha D. Maria Gabriella, D. Maria, D. Leonor de Sousa Faro, D. Maria Fernandes Braga, D. Palmyra de Figueiredo Vianna, D. Clotilde D. Costa e filhas D. Ema e D. Branca; D. Elvira Navarro e filha, D. Octavia; D. Josefina Navarro de Magalhães Domingues, mesdemoiselles Fernandes Braga e Luciane Cordeiro.

PARTIDAS E CHEGADAS

Encontram-se na quinta de Sub-Serra, em Alhandra, hospedes de sua tia, a sr.ª marqueza de Rio Maior, os srs. marquezes do Lavradio.

—Com sua esposa a sr.ª D. Eulalia Zarco da Camara de Almeida Garrett, regressou a Castello Branco o sr. Alexandre de Almeida Garrett.

—Com sua esposa a sr.ª D. Maria de Jesus da Camara Ornellas e Vasconcellos, regressou de Cintra e parte para Cascaes, o sr. conselheiro Ayres de Ornellas e Vasconcellos.

—Regressou de Coimbra com sua esposa, a sr.ª D. Conceição Morales de los Rios o sr. D. Vasco da Camara (Ribeira Grande).

—Para a quinta do Conde, em Collares, partiu hoje o illustre advogado e jornalista dr. Humberto d'Avellar.

—Seguiu para Villa Nova de Tazem o sr. A. Couto, habil «coupeur» n'esta cidade.

—Partiu do Lapas (Torres Novas) para o Grande Hotel na Curia o sr. Francisco Antunes dos Santos Trincão.

—Com sua familia seguiu do Porto para o Espinho o sr. Elysio Pereira do Valle.

—Retirou para a Praia das Maçãs o sr. Alberto Totta.

—De Abrantes para Ervedal do Alemtejo partiu o capitão José Garcia Marques Godinho.

—Encontra-se em Salvador (Penamacôr) a sr.ª D. Lobelia Maria Rodrigues e Silva.

NOTAS DIVERSAS

No ministerio das colonias realisou-se hoje o conselho de ministros, occupando-se de varios assumptos da administração publica, especialmente da questão das subsistencias.

—A camara municipal do concelho de Barcellos enviou ao ministerio do fomento os projectos de alargamento da Avenida 11 de Fevereiro e largo da Pedra de Conta, e de alinhamento da rua Candido dos Reis d'aquella villa. Tambem a camara municipal de Figueira de Castello Rodrigo officiou ao sr. ministro do trabalho, agradecendo os altos beneficios que tem prestado áquelle concelho e ainda ultimamente, conseguindo o restabelecimento da conducção de malas de correio em carro desde aquella villa á Barca d'Alva.

—A camara municipal do concelho da Mealhada officiou ao sr. ministro do trabalho, participando que em nome dos povos do mesmo concelho agradecia os benemeritos serviços que acaba de prestar, incluindo o referido concelho no rateio do milho colonial.

—O administrador do concelho de Espinho e commissario do governo junto da Companhia do Caminh de Ferro do Valle do Vouga sr. Montenegro dos Santos, tem conferenciado nos ultimos dias com os srs. ministro do trabalho, chefe do gabinete do ministro das finanças director geral do commercio e industria, administradores da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes e presidente da commissão central de subsistencias, sobre varios assumptos de interesse do concelho.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 7/16	35 5/16
Londres, 90 d/v.	36	[illegible]
Paris, cheque	$72	$72,5
Hollanda, cheque	$58	$59
Madrid, cheque	1$42,5	1$43,5
Suissa, cheque	$80	$81
New York	1$42	1$43
Rio s/Londres	12 21/32	[illegible]
Libras	7$16	7$20
Agio do ouro	56 %	56 1/2

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,85	38,25
» » 500$	—	—
» » 100$	—	38,60

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$40. Externas: 1.ª serie, 77$80; 2.ª, 77$, e 3.ª, 79$80.

Acções: Banco de Portugal, 188$50; Banco Commercial, 163$; Lisboa e Açores, 122$50; Ultramarino, coup., 180$50, e nom. tit. 1, 180$50; Assucar, 49$; Credito Predial, 22$50; Ilha do Principe, 245$; Lezirias, 1:150$; Moçambique, 9$40; Norte e Leste, 82$50; Tabacos, coup., 90$80; Zambezia, 2$20; Agricultura Colonial, 128$.

Obrigações: Prediaes, serie A, 6 0/0, 94$; Municipaes e Districtaes, 6 0/0, 66$; Ultramarino, hypothecarias, 91$50; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 67$90; Caminho de Ferro de Benguella, tit 1. 79$50. e tit. 5, 79$.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

A gymnastica de Ling e o professorado

Em Portugal ha gente mais "sueca" que os proprios suecos

Temos affirmado, por muitas vezes, a nossa opinião sobre a gymnastica sueca. Considerámol-a uma excellente gymnastica em certos periodos da edade do homem e um precioso agente terapeutico, mas apontámos-lhe graves defeitos sob o ponto de vista pedagogico e como formadora do homem completo, isto é, do «athleta perfeito».

Mas acima d'esses prejuizos ha um maior, considerado pelo aspecto d'essa gymnastica para portuguezes.

E' que a gymnastica de Ling não soffreu adaptação. Ora sendo assim não se comprehende que seja tida como «official» sem esse estudo.

Considerando a gymnastica de Ling como a gymnastica official, os nossos pedagogos, os nossos homens de sciencia, os nossos dirigentes, dão uma lamentavel prova de incompetencia e falha de illustração. E' que decretam para um paiz do occidente europeu, com variantes climatericas, de raça, de temperamento de viver social differentes dos povos scandinavos, a mesma gymnastica d'esses povos, julgando-a obra perfeita modelar, [illegible].

Ora procedendo [illegible] fazem mais que outros paizes europeus.

Mais que a Belgica que a estudou e a modificou embora ligeiramente. Mais que a Dinamarca, embora paiz perto da Suecia, que alterou. Mais que a Allemanha que a aproveitou em grande parte, mas não a copiou integralmente. Mais que a França, onde apesar do enthusiasmo, que chega ao fanatismo, de Tissié e de Coste, nunca conseguiu impôr-se. Mais que na propria Suecia, onde os «patriarchas» d'esse systema educativo, entendem que não é «imutavel» nem «intangivel», pois que o modificam constantemente, segundo o avanço da sciencia medica, segundo os ensinamentos da pratica.

Quem tiver seguido a evolução da gymnastica de Ling, desde os tempos do genial sueco, até hoje, isto é, até á direcção de Sellers no Real Instituto, tem verificado os extraordinarios progressos, as multiplas modificações e os diversos arranjos soffridos das lições. A gymnastica que Ling codificou só tem, dos seus primeiros annos, as bases e os propositos de a conciliar com os ensinamentos da anatomia e physiologia humanas. Mas... estas sciencias evolucionaram muito n'um seculo de actividade mental, consequentemente evolucionaram tambem as sciencias annexas.

Só nós, n'este Portugal de imitadores e copistas, tomamos por fixo o que os auctores tomam por variavel! Somos mais papistas que o pápa, mais suecos que os proprios suecos!

Evidentemente, que a gymnastica dos suecos, que se chama de Ling em homenagem ao seu primeiro codificador, tem, como sempre dissemos e como hoje começâmos por dizer, muitas vantagens terapeuticas e muito merecimento. Mas tal como ella é para os suecos; tal como a ensinam os suecos não serve para nós. Tem de ser modificada, tem de ser aproveitada (se quizerem) para compôr uma gymnastica nossa, portugueza, bem nacional, adaptada ás nossas caracteristicas anatomo-phisiologicas e apropriada ás nossas condições sociologicas.

Mas isto, meus senhores, é intuitivo. Qualquer pessoa o comprehende, mesmo que seja o mais completo «pedernal», intellectualmente falando.

Então o medico não altera o seu receituario e não altera a sua posologia, conformemente ás condições naturaes do homem e á latitude em que vive?

Consequentemente, como se póde proceder differentemente, com a gymnastica que, na essencia, corresponde a um tratamento de rigorosa terapeutica ou de boa hygiene?

Ora, todos vêem, portanto, como estas coisas se apresentam diversas do que muita gente pensa e diversas das que se figuram vendo grupos em exercicios de «exhibição». Nem tudo que luz é ouro!...

Mesmo isto de ensinar gymnastica não é para todos. Nem todos teem as exigidas condições para o ministrar! E mesmo aquelles que se «especialisaram» nos seus paizes, podem não ter competencia para ensinar n'outros. Isso provavamos, pouco a pouco, indo de argumento em argumento, de prova em prova...

J. P.

Ler amanhã n'"A Capital,,:

um importante documento sobre a questão travada em França ácêrca da Preparação Militar Obrigatoria e que se refere á

A opinião do general Percin

que esclarece as differenças de preparação da mocidade, conforme a nossa orientação de fazer primeiro homens antes de fazer militares.

Publicaremos tambem os resultados completos dos

Jogos Scandinavos de Athletismo

anecdotas e muitas noticias referentes a «Casos do Dia».

Noticias

(Communicados e informações)

Campeonato de water-polo

Realisam-se no proximo domingo, defronte da séde do Club Naval, os seguintes desafios do campeonato de Water-polo.

—Club Naval de Lisboa contra Sport Algés e Dafundo, ás 16 horas; arbitro, Carlos Sobral.

—Sport Lisboa e Bemfica contra Guanabara Club Portuguez, ás 16 1/2 horas; arbitro, Joaquim de Oliveira Duarte.

Escoteiros de Portugal

(Grupo n.º 9).—O 8.º exercicio geral, realisado na Serra de Monsanto no passado domingo, decorreu de uma maneira inteiramente satisfactoria, o que bem demonstra o aproveitamento e a boa vontade dos que ao escotismo se dedicam.

Pela sua originalidade, este exercicio despertou grande interesse, pois o seu programma incluia um numero de novidades: o acampamento no interior das furnas.

A marcha até Sant'Anna foi feita em conjuncto e d'ahi até ao local do acampamento, em exploração. As guardas avançadas chegaram a este ponto á 1 hora da madrugada de domingo, indo em seguida explorar as furnas que dentro em pouco deveriam ser «habitadas». No desempenho d'este serviço deram-se varias peripecias agradaveis.

Estabelecido o acampamento e nomeadas as sentinellas, preparou-se a refeição da noite, depois da qual se deu ordem de silencio.

De manhã, após a continencia á bandeira nacional, procedeu-se á lavagem geral e ao almoço, ao que se seguiu a pratica de varios exercicios adequados, destacando-se o alpinismo, pelas provas de coragem e sangue frio a que foram sujeitos os que este exercicio praticaram.

Em seguida ao descanso, precedida da refeição da tarde, praticaram-se diversos jogos desportivos e outras distracções.

Levantado o acampamento, arreou-se a bandeira com as devidas honras, deu-se ordem de marcha atravez da serra, conduzindo os carros de transportes pela linha de cumiada mais difficil de atingir, exercicio este, que apresentou um aspecto digno de admiração, pelos esforços empregados com a melhor das boas vontades.

A columna fez passagem pelo sitio da Rabicha e nas portas de Campolide todos tomaram os seus logares, desfilando com garbo e boa disposição até ao largo das Duas Egrejas, onde destroçou.

No proximo domingo este grupo vae em passeio á Aldeia de Paio Pires (Seixal). Os socios ordinarios e auxiliares em dia com os seus compromissos poderão tambem acompanhar os escoteiros. Na séde, rua de Santa Martha, 204, dão-se todas as informações.

Festa de homenagem

A festa de homenagem a Antonio Pereira, que o Atheneu Commercial de Lisboa devia realisar no dia 13, ficou transferida para o proximo mez de setembro, em consequencia da commissão de educação physica não poder realisar o seu programma em tão pouco tempo. A transferencia beneficia o valor da festa, porquanto os concorrentes poderão melhor treinar-se e apresentar-se em condições superiores.

Investigações secretas

Vigilancia de pessoas, etc. Policia particular. Agencia investigadora, Rua Garrett, 36, 3.º—Lisboa.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6582 ..... 12:000$
632 ..... 1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
5416	400$	5058	100$
2304	200$	5354	100$
2909	200$	6907	100$
4680	200$	7066	100$
868	100$	7076	100$
1079	100$	7126	100$
1193	10 $	7737	100$
1772	100$	8170	100$
2279	100$	8453	100$
3530	100$		

Novo consultorio medico

Tres distinctos clinicos, os srs. drs. Hermano de Medeiros, Soares da Fonseca e Aresta Branco uniram-se para estabelecer um consultorio na Avenida da Liberdade, 186.

Dado o justo renome de que os tres conceituados medicos gosam, cada um na sua especialidade, além da clinica geral, facil é de prever quão concorrido vae ser o novo consultorio, tanto mais que, nos dotes de sciencia, esses clinicos reunem os primores de um fino trato.

Venda de terrenos

NA AMADORA

Em boas condições, vendem-se terrenos no bairro da Mina, dotado já de amplas avenidas e magnificas canalisações, fronteiro á estação do caminho de ferro. Tem agua abundante da Mina.

Para informações e tratar, na Amadora, com H. Lopes, ou em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 156, 2.º.

Instrucção Militar Preparatoria

A festa da Sociedade n.º 1

E' depois d'amanhã, ás 15 horas, que a prestimosa Sociedade n.º 1 realisa, no Stadium de Lisboa, a imponente festa das provas finaes do actual periodo de instrucção, sendo este acto revestido de extraordinario brilho. O sr. presidente da Republica, que, como noticiámos, tencionava seguir de manhã para a Regua, teve de adiar essa viagem, pelo que se dignará comparecer no Stadium, conforme consta do seguinte telegramma expedido hontem pela secretaria geral da presidencia para a direcção da Sociedade n.º 1: «S. ex.ª o sr. presidente da Republica encarrega-me de communicar que assistirá no proximo domingo ás provas finaes d'essa benemerita instituição; dispensando o convite pessoal.—(a) Secretario geral da presidencia.»

Assumirá a presidencia do acto o sr. ministro da guerra, assistindo tambem todos os ministros e sub-secretarios de Estado, além de varios outros elementos officiaes e de muitas auctoridades civis e militares. A distribuição de bilhetes á entrada nos socios e alistados continua hoje, na séde da Corporação, terminando amanhã ás 24 horas. A formatura de todos os alistados da 1.ª e 2.ª secções, cyclistes e instructores faz-se depois d'amanhã, ás 11 horas em ponto, no quartel de sapadores, formando o pelotão de estafetas ás mesmas horas, no Stadium, onde se reunirá a banda de musica, ás 11 e meia.

Dirige as provas sportivas o distincto gymnasta sr. Fernando Crespo.

O batalhão de escoteiros que se apresentará sob o commando superior do coronel sr. Miguel Garcia. O assalto de jogo de pau será feito entre os socios João Gomes Lyte e Antonio M. Mendonça Taborda.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

AVENIDA—A's 21,30—O correio de Lyão.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Noticias

Entre nós

E' esperado brevemente em Lisboa o celebre comico inglez da Casa Studio «Films», artista cinemalographico que nos ultimos tempos maior successo tem feito, pois é impagavel de graça e naturalidade. Charlot é um artista mimico tão completo que não ha n'elle um gesto um movimento que não corresponda ao mais completo dialogo. Sem falar, só por mimica se adivinha o que elle quer dizer.

—Realisa-se no domingo, no Theatro Moderno, uma festa promovida pelos amadores Alberto Silva, Carlos Neves e Alberto Torres, em homenagem ao amador Victor Manuel. Sóbe á scena a farça em 4 actos «João José», sendo o protagonista desempenhado pelo sr. Victor Manuel.

A situação dos alumnos de medicina

Escreve-nos um medico, que apenas assigna o seu nome com as iniciaes *J. M. S.*, protestando contra a situação em que se encontram os alumnos dos primeiros annos de medicina, que, em vez de serem promovidos, como era de justiça, a aspirantes, continuam a frequentar a escola de sargentos. Entende o sr. dr. J. M. S. que immediatas providencias deviam ser tomadas pelo sr. ministro da guerra, tanto mais que o numero d'esses alumnos é limitadissimo—uns doze—e as suas habilitações litterarias lhes dão direito á promoção.

Festas associativas

Grupo Dramatico Lisbonense.—A festa de depois d'ámanhã tem o seguinte programma: ás 15 horas, sessão solemne em que usarão da palavra diversos oradores, «matinée» com a comedia «Uma teima» e um acto de «Folies bergéres» em que tomarão parte as amadoras D. Elvira Guedes, D. Mercedes Celeste, que se estreia n'este grupo, D. Alice Torres Branco e os amadores da collectividade, e ás 21 recita com a primeira representação do drama em 3 actos «O collar de perolas», escripto expressamente pelo sr. Tito Marques para esta festa, desempenhado pelos mesmos amadores da «matinée», sendo a «mise-en-scene» do sr. Manuel Antunes e o scenario todo novo pintado pelos amadores Taveira Santos e Emilio Torres. Em seguida ha baile.

Juntas de parochia

D'Ajuda—Na sua ultima sessão, esta junta resolveu exarar na acta um voto de sentimento pelo fallecimento de um filho do vogal sr. José Joaquim Machado, assim como um protesto, contra o que se tem praticado no Jardim Botanico á Calçada d'Ajuda, onde cortaram a golpes de machado, cerce da terra, arvores seculares, frondosissimas e completamente sãs. Tal gesto de puro vandalismo priva os parochianos de um goso e bem estar, que ali se disfrutava, devido á amenidade do encantador e frondosissimo arvoredo.

Á provincia n'A CAPITAL

MORTAGUA, 9.—Seguiram para ahi, onde vão fazer o tratamento preventivo, quatro pessoas d'este concelho que foram mordidas por cães que se presume estivessem atacados de raiva.

—Realisa-se no proximo domingo uma recita em beneficio da Obra Maternal, sendo abrilhantada por um quinteto organisado por academicos de Coimbra.

—A camara municipal d'este concelho resolveu pagar aos funccionarios administrativos pela tabella organisada segundo a lei de agosto de 1915.

PEQUENAS NOTICIAS

Foi preso Antonio da Costa, residente na rua Maria Andrade, 35, cave, por aggredir com um peso de ferro na cabeça José Maria Lamego, morador na calçada do Poço dos Mouros, 4, loja, o qual teve de ir receber tratamento ao hospital da Estephania.

—O sr. governador civil auctorisou que a sr.ª D. Rachel Jacob Toledano, israelita, possa comprar em Almada 75 alqueires de trigo destinados ao fabrico do pão que a colonia israelita costuma comer pela sua Paschoa.

A arte de furtar

Por na estação do Rocio terem furtado uma carteira contendo 315 escudos e varios documentos a José Martins Ribeiro, morador na quinta da Conceição, em Chellas, foram presos e enviados para juizo José Luiz, o «Piando», morador na rua dos Anjos, 112, 1.º, e Antonio Francisco Oliveira o «Pé Curto», residente no Casal dos Ossos, á Ajuda, 17, loja.

ANNUNCIO

Por sentença d'este Juizo, datada de 21 de Junho ultimo, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio entre os conjuges D. Alda Hedwyges da Cunha Rodrigues, moradora na rua de D. Estephania, 11, r/c., e Bernardo Heitor da Silva, morador na rua dos Fanqueiros, n.os 170 a 178, d'esta cidade.

O que se annuncia nos termos e para os effeitos legaes.

Lisboa, 7 de Agosto de 1916.

O Escrivão,

José Francisco Jorge Branquinho

Verifiquei a exactidão,

O Juiz de Direito da 6.ª vara

A. Gouveia

Academia de Commercio de Exportação

Publica-se o primeiro annuario com o resultado dos trabalhos escolares

O conselho administrativo da Academia de Commercio de Exportação, escola fundada e mantida pela Associação Commercial de Lisboa, por iniciativa de Carlos Gomes, o mais devotado propagandista da politica commercial portugueza acaba de lançar á publicidade, n'uma luxuosa e artistica brochura, o primeiro annuario d'essa prestimosa instituição, que, em sua curta existencia, já affirmou ser um dos mais valiosos cooperadores do futuro desenvolvimento do commercio patrio.

A organisação d'este estabelecimento de ensino technico especial demonstra por parte de quem lhe lançou os fundamentos, a convicção de que, só devidamente apetrechados os auxiliares da expansão commercial, esta pode, em terra portugueza, attingir aquelle grau de prosperidade a que, outros povos, seguindo a mesma vereda de educação profissional, logram chegar.

A Academia de Commercio de Exportação tem por escopo crear o typo modelo do caixeiro viajante—verdadeiro diplomata do commercio moderno em todos os paizes que marcham nas avançadas da civilisação, e, ao mesmo tempo, fornecer aos estabelecimentos commerciaes funccionarios perfeitamente habilitados para encarar, de frente, todos os problemas da vida sob o ponto de vista do intercambio e da concorrencia commercial.

E, que esta instituição tem sabido cumprir galhardamente a patriotica missão que se impoz, demonstra-o a circumstancia de ver os seus diplomados conquistar facilmente na vida pratica aquella situação que os diplomados de outros cursos só raro e depois de largas canceiras ou insistentes protecções e favores, logram attingir.

Os alumnos que até á data concluiram o curso da Academia de Commercio de Exportação e que se encontram empregados em casas importantes de Lisboa são os srs.: José Maria Assis, Gabriel Gomes, Raul de Carvalho Mesquita, Antonio Augusto Neves, Antonio Mendes David, Alipio Gonçalves Neves, Julio Rocha, Antonio Freitas Silveira, Antonio Oscar Trindade, D. Gudrun Salazar Viborg, Manuel Pereira Delgado e Antonio Jovito da Silva.

Alguns d'estes, em attenção ás suas classificações obtidas durante o curso, foram auxiliados pela Academia, aperfeiçoar os seus estudos em estabelecimentos commerciaes estrangeiros.

ASSISTENCIA INFANTIL

Grupo dos Amigos da Infancia

Do relatorio, ora publicado, d'este benemerito Grupo, vê-se quão incançaveis teem sido as direcções em promover o augmento da receita para satisfazer um dos fins principaes da instituição, o vestir creanças.

Assim, de anno para anno, augmenta o numero de creanças beneficiadas, pois, no passo que em 1908, anno da fundação do Grupo, esse numero foi de 9, em 1915 foi de 155, podendo ver-se a progressão ascendente nos seguintes numeros: em 1909, 35; 1910, 55; 1911, 60; 1912, 55; 1913, 110; 1914, 125.

São por demais eloquentes os numeros, para que precisemos espraiar-nos em elogios de que tão merecedores são os que assim se consegram a proteger as creanças.

O numero de socios que transitaram para o corrente anno é de 251 e a receita durante o anno findo foi de 549$81,5, sendo a despeza de 535$26,5 passando para a gerencia de 1916 a quantia de 14$55.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Demora que se não justifica

Escrevem-nos pedindo que chamemos a attenção do ministro competente para o facto de até hoje ainda não ter reunido o jury para a classificação das provas prestadas no dia 4 de maio para primeiros aspirantes dos correios. Tal facto causa prejuizos não só aos interessados, mas ao andamento dos serviços.

Ha dois annos—diz-nos quem se nos dirige—realisaram-se provas semelhantes, com approximadamente o mesmo numero de concorrentes e a classificação demorou apenas de 13 a 15 dias.

Porque se não procede agora de egual modo?

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O Observador—Sahiu o numero 2 d'esta revista quinzenal, que se publica no Porto e cujo summario é o seguinte:

A Quinzena—Dois annos de guerra—A guerra de 1914 a 191!—Izabel da Belgica—Two letters—Duas cartas—A carestia e o luxo—A religião—A Belgica—Administração Saloia—Museu—O restabelecimento da ordem de Christo—A influencia mundial allemã baseava-se mais nos seus methodos commerciaes e industriaes, que no seu poder militar—A caridade official—Para que se saiba dentro e fora do paiz—No Brazil—Necrologia.

BOLETIM DO TRABALHO INDUSTRIAL.—D'este boletim acabamos de receber os numeros 91, 92, 99, 100 e [illegible] tratando, respectivamente, o primeiro dos serviços da 4.ª circumscripção dos serviços technicos da industria em 19[illegible], o segundo e o terceiro dos tribunaes arbitros avindores em 1912 e 1913, o quarto dos serviços da 2.ª circumscripção dos serviços technicos da industria referente aos annos de 1913 e 1914, e o quinto e ultimo á industria da fiação e tecelagem de linho e de outras fibras vegetaes.

Killaba em Mayo e em dois pontos na costa de Donegal.

Dois escriptores, mr. Froude e mr. Lecky, trataram pormenorisadamente d'esse perigo sob o ponto de vista historico e exactamente dez annos antes do levantamento de 1916 o correspondente militar do «Times», n'um estudo cuidadoso do desembarque de Humbert em Mayo, em 1798, apontava o perigo d'uma costa exposta, de um inimigo vigilante e dos elementos descontentes que existiam em algumas partes da Irlanda.

Um pouco mais tarde, o mesmo escriptor, discutindo o levantamento dos Sinn Fein, de novo indicava que «o emprego da Irlanda como um cacete com que um inimigo nos póde bater em tempo de guerra tem sido de ha muito assumpto de estudo para os soldados, e a presente crise mostra que as theorias do emprego que póde ser feito da Irlanda por um inimigo estão sendo agora postas em execução».

A rebellião dos Sinn Fein não differe, considerada sob o ponto de vista quer da sua origem, quer dos seus incidentes ou do seu resultado, das dos seculos dezeseis, dezesete e dezoito, a que acima alludimos.

Apenas o nome do movimento na Irlanda foi novo. Wolfe Tone e os revolucionarios cosmopolitas de 1798 desdenhavam o emprego do gaelico e contentaram-se em denominar-se Irlandezes Unidos. Os fundadores e dirigentes do moderno movimento adoptaram o gaelico como um distinctivo especial e a maior parte da sua propaganda foi feita ao abrigo do nome de Liga Gaelica e por intermedio de collegios gaelicos.

Desnecessario será dizer que muitos membros da Liga Gaelica e muitos estudantes da lingua gaelica na Irlanda, assim como na Escocia e n'outras partes, estavam absolutamente innocentes da projectada traição e desconheciam a propaganda occulta que em seu nome se fazia.

Publicamente, proclamava-se que os fins e objectivos do movimento Sinn Fein não eram desleaes. As palavras gaelicas «Sinn Fein» queriam apenas dizer «Nós mesmos» e os membros d'essa Liga dedicavam-se ao cultivo e á propaganda de tudo o que era absolutamente gaelico na lingua e na litteratura, na historia, nos costumes e no «sport», como opposto a tudo o que era considerado de origem ingleza.

Mas, como succedera com os Irlandezes Unidos, o elemento revolucionario em breve tomou a preponderancia.

Os estrategicos allemães—provavelmente mesmo antes da guerra rebentar—viram na Irlanda um ponto fraco das defezas britannicas, como succedera com o general Carnot, Hoche e Bonaparte mais d'um seculo antes, e trataram de fomentar uma conspiração interna, para a utilisarem em seu proveito.

As machinações de Wolfe Tone na Irlanda, a principio ostensivamente como um simples reformador politico, a sua viagem á America, a sua visita ao paiz inimigo e finalmente a sua chegada com a armada franceza á Bahia de Bantry e a Lough Swilly teem uma semelhança extraordinariamente analoga com o modo de agir de sir Roger Casement na rebellião irlandeza de 1916.

E o fim não foi differente. Cada um d'elles faz-se de vela para a costa occidental de Irlanda com uma força armada; em ambos os casos parte da expedição foi batida. Cada um d'elles apenas chegou para encontrar o grosso do povo irlandez apathico e indifferente e vêr derruir ignominiosamente todos os seus planos.

Em ambos os casos houve um levantamento, embora em ponto totalmente differente do paiz onde o desembarque teve logar, de modo que recebeu pouco ou nenhum auxilio directo do inimigo estranho, e embora sufficientemente alarmante e destruidor n'alguns dos seus incidentes foi facilmente reprimido pela força militar logo que as auctoridades civis comprehenderam o

clemencias dos mezes de inverno.

As mais terriveis provações esperavam esses deportados do noroeste nas duas partes onde não havia linha ferrea, nos montes Taurus e Amarus, tendo a jornada de ser continuada de carro ou a pé.

E' terrivel a descripção feita de um acampamento de deportados no valle do Taurus, pouco além da testa da linha ferrea. Os deportados estavam nas suas tendas improvisadas, atacados de doença, podendo d'ahi vêr todo o caminho para Tarsus, na planicie, mas não tinham meios alguns de transporte e estavam demasiado fracos para poderem continuar a jornada a pé.
nha ferrea. Os deportados estavam nas suas tendas improvisadas, atacados de doenças, podendo d'ahi vêr todo o caminho para Tarsus, na planicie, mas não tinham meios alguns de transporte e estavam demasiado fracos para poderem continuar a jornada a pé.

As condições ainda eram peores nos acampamentos das montanhas Amanus, tendo sido descriptas por dois suissos residentes em Adana, que foram a esses logares levar soccorros.

Os deportados estavam ahi accumulados em numero enorme; os acampamentos estavam cheios de lôdo; não havia hygiene e os deportados estavam vivendo n'uma inconcebivel immundicie e morrendo de doença em elevado numero.

Não se sentiam com forças para fazer o resto da jornada para Aleppo e mesmo que tivessem dinheiro para pagar o aluguer não havia carros que os levassem á testa da linha ferrea d'essa cidade.

Em Aleppo, as duas torrentes de deportados do noroeste e de nordeste fundiram-se n'uma só, mas, como já dissemos, apenas uma proporção minima das victimas tinham ali chegado. Não ha estatisticas exactas, mas os numeros que temos são terriv[illegible] suggerem[illegible]

Uma [illegible]

portados das provincias de Mamouret-ul-Aziz e de Sivas, que ao sahir de Malatia se compunha de 18.000 pessoas contava apenas 301 quando chegou ás planicies de Viran Shehr, e 150 quando chegou a Aleppo.

Uma outra leva, de Kharput, ficou reduzida de 5.000 a 213, e uma outra d'uma aldeia proximo de Kharput de 2.500 a 600. O numero de levas era, porém, tão grande que as fracções que sobreviveram inundaram Aleppo e foram mandadas em bandos para Damasco e Der-el-Zor.

Muitos tiveram a sorte de encontrar o repouso eterno em Aleppo durante o pequeno descanço antes de novo serem compellidos a pôr-se a caminho.

Um viajante americano que esteve alguns dias em Aleppo no outomno de 1915 narra que, todas as manhãs, os carros iam de porta em porta buscar aquelles que a morte havia libertado das provações e das miserias d'este mundo.

Essas atrocidades tinham por fim exclusivo o exterminio da raça armenia e não é difficil indicar os culpados. Os kurdos e os «chettis», que praticaram alguns dos mais execrandos feitos, apenas agiam por a isso terem sido incitados; os gendarmes que com elles rivalisavam não pódem deixar de ser vehementemente censurados e os camponezes turcos—que como soldados na fronte tão favoravel impressão causavam aos seus inimigos—eram de uma extrema barbaridade para com os armenios, que viviam junto d'elles.

Mas kurdos, «chettis», camponezes e gendarmes nunca teriam feito o que praticaram se lhes não tivesse sido dada licença para tal, ou se não fossem incitados pelas espheras superiores.

Os culpados são o governo dos Jovens Turcos, de Constantinopla, e os funccionarios locaes que com elle procederam de combinação. E houve [illegible]

parte dominante da politica que a Turquia seguia.

Muito differente foi o procedimento individual dos allemães na Turquia. Os missionarios allemães parece terem permanecido louvavelmente fieis aos seus principios e diz-se que o vice-consul allemão em Erzerum mandou soccorros aos deportados. Mas na provincia de Aleppo e na Cilicia os funccionarios allemães, tanto militares como civis, apoiaram com todas as suas forças o modo de proceder dos Jovens Turcos; em Moush e em Van, ao que se affirma, funccionarios allemães tomaram parte directa na carnificina e em Erzerum, diz-se, escolheram algumas raparigas armenias para suas escravas.

Ainda peior do que esses casos isolados—porque não foram muitos—de participação activa é a desculpa que os allemães, tanto officialmente como extra officialmente, deram ao crime. Protesto algum dos funccionarios allemães locaes foi feito; herr von Wangenheim, o embaixador allemão em Constantinopla, declarou que não lhe «competia» interferir; as atrocidades foram defendidas por publicistas na imprensa allemã, sendo primeiro desmentidas, depois louvadas pelo embaixador allemão nos Estados Unidos.

No reichstag allemão, a 11 de janeiro de 1916, herr von Stumm, chefe da repartição politica do ministerio dos estrangeiros, respondeu do seguinte modo ás perguntas do deputado socialista dr. Liebknecht:

«O chanceller imperial sabe que demonstrações revolucionarias, organisadas pelos nossos inimigos, se deram na Armenia, o que levou o governo turco a expulsar a população armenia de certos districtos e mandal-a para outros locaes. Uma troca de vistas ácerca dos effeitos d'essas medidas sobre a população se está dando n'este momento. Não podemos dar mais informações».

A Allemanha, de facto, significou d'um modo evidentissimo que a tentativa dos Jovens Turcos para exterminarem os seus vassallos armenios entrava nos seus planos, e, na realidade, esse modo de proceder coincidia exactamente com as ambições allemãs.

Um dos principaes resultados que os allemães esperavam tirar da guerra era o poder illimitado de dominarem todas as nacionalidades submersas do Oriente—fazer desapparecer todas as suas esperanças de liberdade nacional, impedir o seu crescimento nacional, drenar as suas energias em vantagem sua e despojal-os de um territorio que corria desde Belgrado a Aleppo e desde Aleppo, por Bagdad e Damasco, até ao golpho Persico e ao canal de Suez.

CAPITULO II

A revolta na Irlanda

O perigo de que um inimigo estrangeiro tentaria tirar partido da situação da Irlanda e das luctas de raça e religiosas n'essa ilha nunca deixou de passar despercebido aos estadistas inglezes e aos soldados em tempo de guerra ou de ameaça de guerra.

Durante as luctas religiosas do seculo XVI, emissarios italianos e hespanhoes agitavam constantemente o sul e o oeste, o que augmentava e não pouco a tarefa dos estadistas da rainha Isabel e em 1579 a 1580, oito annos antes de se fazer ao mar a «Armada Invencivel», consideraveis forças hespanholas conseguiram illudir a armada ingleza e effectuar um desembarque na costa de Kerry, com a esperança de fazer uma diversão em favor do rei Filippe e do Papado, o qual estava então em terrivel guerra com a Inglaterra, especialmente com Isabel.

D'ahi veiu a rebellião de Desmond, «a mais perigosa que jámais começou na Irlanda», e só o rapido apparecimento de grandes forças por terra e por mar e a destruição da fortaleza hespanhola de Smerwick na peninsula de Dingle obstaram a que o levantamento se tornasse geral.

Um seculo depois, quando o rei James II foi desthronado pelos seus vassallos, foi para a Irlanda que o rei de França mandou um exercito a fim de o auxiliar nas suas tentativas de restauração e muitas batalhas e cêrcos se deram antes do exilado rei continuar «as suas viagens» e Guilherme de Orange se sentar com segurança no throno.

Mais ameaçadora ainda foi a attenção prestada pelo Directorio á Irlanda durante a revolucionaria guerra franceza com a Gran-Bretanha no fim do seculo XVIII. Incitado pelo exemplo da França e pelas promessas de auxilio francez, Wolfe Tone e a sua sociedade de Irlandezes Unidos sonharam, como os Sinn Fein fizeram em abril de 1916, com uma Republica Irlandeza independente e por quatro vezes differentes navios de guerra puderam chegar á costa irlandeza—na Bahia de Bantry a sudoeste, na Bahia do

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2153—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Sabbado, 12 de Agosto de 1916 | Telephones n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

PORTUGAL E A INGLATERRA

Expressamente para saudar a Republica Portugueza, após a sancção parlamentar dada ao accordo celebrado para a cooperação de Portugal na guerra europeia ao lado da sua velha alliada, entraram hoje a barra do Tejo dois navios de guerra inglezes, e ás horas que este jornal circular já os seus commandantes deverão ter sido recebidos pelo sr. presidente da Republica, a quem vão apresentar as homenagens do seu governo. E' grato registar este facto, cuja significação é altissima e que ainda mais se salienta, se é possivel, por ser realisado pela marinha de guerra ingleza, essa marinha gloriosa e invencivel que ha dois annos tantas provas de bravura tem dado e que tão altos serviços tem prestado não só á causa dos paizes alliados, mas ás proprias nações neutras.

E' a marinha ingleza que tem assegurado a liberdade dos mares, garantindo o commercio, os transportes de mercadorias e passageiros. E' a marinha ingleza que cinge n'um circulo de ferro a Allemanha, engarrafando a sua esquadra nos portos a que ella, se ousa de lá sahir, promptamente regressa humilhada e batida. E' a marinha ingleza que estabeleceu o bloqueio aos imperios centraes, impedindo que elles se abasteçam sufficientemente, o que só por si daria a victoria aos alliados n'um praso mais ou menos longo. E' a marinha ingleza que, no combate da Jutlandia, affirmou ainda não ha muito que é verdadeiramente indestructivel o seu poderio.

A Inglaterra manda a sua marinha saudar-nos, e não é a primeira vez que o faz. Logo que na sessão de 7 de agosto de 1914, lealmente definimos a nossa attitude de intima e absoluta solidariedade com a nossa alliada, o governo inglez tomou a resolução de enviar um navio da esquadra britannica a saudar a Republica ingleza. Esse navio foi o *Argonaut*.

Agora, passados dois annos, novamente o Parlamento portuguez, reflectindo os sentimentos da nação, demonstrá da maneira mais leal o decidido a sua solidariedade com a Inglaterra. Portugal vae combater ao seu lado. E a Inglaterra que não perde ensejo de nos provar a sua estima immediatamente envia dois dos seus navios de guerra a saudar Portugal.

O paiz inteiro recebe a marinha ingleza com uma sympathia que só pode denominar fraternal. E quem mais vivamente experimenta, decerto, o procura traduzir por todas as fórmas esse preito de amisade e admiração é decerto a marinha portugueza, cujas tradições são, como as da marinha britannica, tão gloriosas como altivas e intrepidas.

A' manhã, no palacio da Pena, fraternisarão n'um jantar as duas marinhas. No palacio jantarão os officiaes; ao ar livre sentar-se-hão, lado a lado, marinheiros portuguezes e inglezes. Será um ágape fraternal. E como os marinheiros portuguezes devem sentir esse momento, que para elles ficará sendo inolvidavel,—os marinheiros portuguezes, a cujo esforço, mais que a nenhum outro, a patria deve o poder levantar a cabeça com desassombro e ufania!

Porque é preciso não o esquecer. Portugal foi o unico paiz, dos que se encontram envolvidos na lucta, que não duvidou fazer uma revolução, para que podessemos cooperar com a Inglaterra na guerra em que ella defende o futuro e a liberdade dos povos. Em virtude d'um desvio politico, cujas origens não é agora necessario recordar, Portugal corria o risco de apparecer desassociado da sua velha e leal alliada, desinteressado do futuro da Europa. Então fez-se uma revolução para metter os acontecimentos novamente no caminho da dignidade e da logica, e coube á marinha o papel preponderante n'essa revolução cujo superior designio era a participação na guerra, como bem accentuava a proclamação da Junta Revolucionaria que hoje, para melhor frisar o caracter d'um movimento, reproduzimos, mais adiante, nas columnas d'este jornal.

Ao lado dos bravos marinheiros inglezes sentir-se-hão bem os bravos marinheiros portuguezes, como ao lado d'elles se hão-de sentir altivos quando juntos tiverem de se bater, no mar ou em terra, em toda a parte onde a causa commum reclamar um esforço egual. Cobrir-se-hão de gloria as duas bandeiras, cobrir-se-hão de gloria as duas marinhas, cobrir-se-hão de gloria as duas patrias. E aquelles que porventura julgaram que os portuguezes tinham perdido as suas qualidades guerreiras reconhecerão que ellas ainda mais vivas se teem tornado pela consciencia do direito alliada ao mais puro espirito patriotico.

INSTRUÇÃO MILITAR PREPARATORIA

Portugal antecipou-se á França e á Allemanha

As grandes festas da Sociedade n.º 1, ámanhã, no Stadio de Lisboa

Realisa-se ámanhã no Stadio de Lisboa, a grande festa da Sociedade n.º 1 de Instrucção Militar Preparatoria a que nos temos referido e em que mais uma vez, decerto, se demonstrarão as vantagens da magnifica obra republicana que foi a creação d'essas sociedades, a primeira das quaes o é não só na ordem chronologica mas tambem nos progressos realisados.

A singular importancia da Instrucção Militar Preparatoria reconheceu-a o novo regimen em Portugal, muito antes de ser em França reconhecida. Como se sabe, o parlamento francez apenas agora attentou no assumpto, cuja excepcional magnitude a guerra veiu pôr em foco. Ambas as camaras approvaram o projecto que declara immediatamente obrigatoria para os mancebos a preparação militar, incumbindo ao governo e cuidado e a regulamentar.

Os allemães procederam tambem os francezes na organização d'este utilissimo serviço. Assim nol-o prova uma brochura do doutor Graevenitz, profusamente espalhada em toda a Allemanha.

Segundo o auctor, foi apenas em 1911, sob o impulso de von der Goltz—a quem o trabalho é dedicado—que a preparação militar da juventude tomou uma forte extensão. Iniciada a guerra, porém, essa preparação tornou-se uma necessidade do Estado. E, na falta de uma lei que o Reichstag não teve tempo de votar, os ministros do interior, da guerra e da instrucção publica lançaram as bases de uma organisação provisoria destinada a assegurar desde logo o treino de milhares de mancebos.

Eis definidos o espirito e o caracter d'essas bases:

«E' mister desenvolver o patriotismo, a coragem, o espirito de decisão nos mancebos, fazer-lhes comprehender que a Allemanha pereceria se fossemos derrotados».

Em seguida, depois de haver traçado o programma geral dos exercicios, estabeleceu assim o programma especial de instrucção militar,—que é em summa o regulamento da tactica da infantaria allemã:

1.º—Differença entre o tiro de abrigo e o de cobertura completa;

2.º—Effeitos differentes do tiro da infantaria, das metralhadoras e da artilharia;

3.º—Maneira de se cobrir n'um solo completo ou apparentemente descoberto;

4.º—Rastejamento, sob cobertura muito baixa, avanço de joelhos, marcha curvada;

5.º—Occupação das orlas dos bosques; utilisação das arvores como abrigo;

6.º—Utilisação rapida dos abrigos contra o tiro da artilharia;

7.º—Exercicios de visão e de apreciação de distancias; exercicios na escuridão; designação dos alvos; descripção do terreno; signalagem, transmissão de ordens na linha dos atiradores;

8.º—Serviço de patrulhas, busca de herdades e aldeias sob o ponto de vista da sua defeza possivel e do alojamento das tropas.

Finalmente, estas palavras que constituem uma confissão caracteristica: «Desenvolver as aptidões dos mancebos, de maneira a preparar os futuros sargentos e officiaes e a compensar assim as perdas do exercito e a facilidade de adaptação, a maleabilidade dos francezes.»

Assente o fim, eis a organisação—menos boa que não dou resultados brilhantes:

Cada Estado allemão dirigiu um apelo vehemente aos mancebos para se alistarem nas sociedades que se fundaram por toda a parte. Mas não conseguiu nenhum plano de conjunto. N'uns pontos, foram as auctoridades militares que assumiram a direcção do movimento, n'outros foram as auctoridades civis. Nas cidades de guarnição encontrou pessoal e também o material necessarios. Nas villas e aldeias houve que renunciar, muitas vezes, a qualquer organização.

O dr. Graevenitz reconhece—e a confissão é tambem caracteristica—que o principal obstaculo foi a falta de adhesão espontanea.

Após as victorias allemãs do principio, o enthusiasmo dos primeiros dias attenuou-se lentamente. «Os mancebos—escreve o auctor—não comprehenderam que se tratava d'uma organização nascida das necessidades incluctaveis da guerra; sabido isto, é preciso urgente que a preparação obrigatoria seja imposta pelo Estado».

Em seguida accrescenta:

«*Ninguem sabe quando acabará esta guerra; é mister organisar* seriamente o ensino militar e ensinar antecipadamente aos mancebos tudo o que respeita á arte da guerra.»

E para isso pode que, após o recenseamento e a incorporação de todos os mancebos do dezasseis annos nas sociedades de instrucção, se approximem intimamente estas das auctoridades militares, o pede tambem a creação, nas mais pequenas cidades, de depositos militares que forneçam o pessoal de vigilancia e o ensino.

Quanto á futura organização, o commandante do Graevenitz quer dar-lhe uma ampla envergadura. A partir dos doze annos, todo o rapaz pertencerá a uma sociedade patriotica na qual se farão os exercicios conhecidos dos escoteiros. Aos dezoito annos, entrará obrigatoriamente n'uma companhia de «landsturm juvenil», em que se instruirá nos exercicios militares, no tiro e na esgrima, e em que receberá um ensino theorico que—diz o auctor—fará d'ello um verdadeiro soldado.

Portugal antecipou-se á Allemanha e á França na organização da instrucção militar preparatoria. A Republica pode orgulhar-se de haver creado esse grande e fecundo obra de educação e defeza patriotica. Urgo volar por ella, aperfeiçoal-a, de modo que seja um instrumento verdadeiramente pratico e util. A festa de ámanhã, no Stadio, testemunhará o valor que semelhante instrucção attingiu já entre nós e cumpre que esta se organise com egual zelo e egual competencia em todo o paiz.

* * *

A grande festa das provas finaes do actual periodo de instrucção da benemerita e patriotica Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 1 realisa-se como dizemos acima, ámanhã, no Stadium de Lisboa, ás 15 horas, com toda a imponencia, assistindo o chefe do Estado, governo, officialidade de mar e terra, etc., e presidindo o illustre ministro da guerra. Toda a corporação terá de formar ás 11 horas em ponto, no quantel do sapadores, sob o commando superior do coronel sr. Miguel Garcia.

O programma é o seguinte:

Provas militares.—N.º 1—Entrada no campo. Formatura em linha de columnas (por escolas) frente á tribuna;

N.º 2—Continencia. Canto coral: «Patria e Bandeira».

N.º 3—Exercicios de educação physica. Classe A (17-18 annos). *a*) Gymnastica educativa (conjuncto). *b*) Esgrima sem arma (um pelotão). *c*) Escola de pelotão. *d*) Escola de signaes omographos.

N.º 4—Exercicios militares e gymnastica com arma. Classe B, (18-19 annos). *a*) Manejo de arma (conjuncto). *b*) Gymnastica com arma (pelotão de 20 filas). *c*) Esgrima de baioneta (pelotão de 20 filas). *d*) Escola de pelotão. *e*) Canto coral: «Canção do Soldado».

N.º 5—Exercicios militares. Classe C (19-20 annos). *a*) Manejo de arma (conjuncto). *b*) Manejo do fogo (conjuncto). *c*) Escola de Companhia (8 pelotões de 20 filas). *d*) Ordem dispersa. *e*) Continencia final.

N.º 6.—Especialidades: Estafetas. Cyclistas. Maqueiros. *a*) Postos de signaleiros, bandeirolas (Estafetas). *b*) Postos de signaleiros (Estafetas). *c*) Escola de secção (Cyclistas). *d*) Corrida de resistencia (Cyclistas). *e*) Escola de maqueiros (exercicios de esquadra). *f*) Canto coral: «Hymno Nacional».

N.º 7—Continencia final. Marcha em continencia, retirando do campo.

Provas sportivas.—N.º 8—Esgrima. Espada franceza. Sabre. Jogo de pau.

N.º 9—*a*) Saltos em altura sem corrida. *b*) Lançamento de peso. *c*) Saltos em altura com corrida. *d*) Corrida de 1.500 metros. *e*) Saltos em extensão sem corrida. *f*) Saltos á vara. *g*) Corrida de 100 metros. *h*) Saltos em extensão com corrida. *i*) Lançamento de disco. *j*) Corridas de estafetas (300 metros). *k*) Corrida de 5.000 metros.

A esgrima de espada e sabre é dirigida pelo considerado mestre d'armas sr. Raul Ferraz, major do infantaria.

A cultura do assucar no Brazil

MACEIO (ESTADO DE ALLAGOAS), 12.—Foi hoje sanccionado o decreto auctorisando o governo do estado de Allagôas a canalisar o rio Curirize. Finalisadas estas obras o estado terá conquistado uma zona importante para a cultura do assucar.—(Americana).

O enygma de Nauen...

«A Nação» ainda não recebeu noticias directas e positivas

Mais de uma vez nos temos referido ao celebre telegramma de Nauen, que dizia ter entrado para o exercito prussiano D. Miguel, pae ou filho, sem que «A Nação», orgão do chamado legitimismo, tivesse recebido até hoje as noticias directas e positivas que ella propria declarou aguardar. No numero do jornal «O de Aveiro» chegado hoje o sr. Homem Christo escreve o seguinte sobre o estranho caso:

Eu já n'outro dia aqui disse que o enigma de Nauen so n'oste paiz se permittia. Ha mais de dois mezes que foi dito que um dos Migueis, pae ou filho, era official do exercito prussiano. *A Nação* veiu com uma carta particular, não a desmentir o facto, mas a dizer como *pouco provavel*, promettendo averiguar a *verdade toda*. Nunca mais averiguou coisa nenhuma, o que torna cada vez mais plausivel o supposto acto infamando do real traidor. E quando se diria mais repente a carta particular como *coisa definitiva*, quando ella propria a deu como *um simples indicio*. Não se acredita, não só porque o da Nação não se que o da Nação ou os chefes do partido legitimista se não podessem ter entendido com alguem da familia de D. Miguel de Bragança para que caso tão grave fosse posto a limpo.

No exercito austriaco serve um filho de Saldanha da Gama, ou em companhia parente. D. Constança Telles da Gama casou ha poucos dias com D. João de Almeida, official do exercito austriaco. Puderam corresponder-se, casar, encontrar-se. A condessa do Bardi, odmendo activissimo, está em relações constantes com os chefes miguelistas. Mas não se sabe se D. Miguel pae e ou um official do exercito prussiano.

E o governo cruza os braços, quando é um caso de maiores interessado em aclarar ou fazer aclarar o assumpto, e cruza-os tal e qual ...

A grande guerra

A deshumanidade da Turquia e um pedido dos Estados Unidos

WASHINGTON, 12.—A Turquia regeitou um pedido dos Estados Unidos para permittir que um comité reabastecesse a Syria onde milhares de habitantes estão soffrendo os horrores da fome.—(*Havas*).

Os reservistas portuguezes no Brazil

SÃO PAULO, 12.—A imprensa faz grandes elogios aos reservistas portuguezes, affirmando que o Brazil deve estar orgulhoso com o procedimento da mãe-patria.—(Americana).

Alteração de disposições do regulamento de mobilisação

O «Diario do Governo» publica hoje o seguinte decreto:

Attendendo ao que me representou o ministro da guerra sobre a necessidade de ser em parte alterado o disposto no artigo 13.º do regulamento de mobilisação (parte III) e usando das auctorisações concedidas pelas leis n.º 373, de 2 de setembro de 1915, e n.º 491, de 12 de março de 1916; hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º—O artigo 13.º do regulamento de mobilisação (parte III), approvado por decreto de 18 de dezembro de 1915, e seus paragraphos passam a ser substituidos pelo seguinte:

«Militares que, por exercerem certos cargos, são dispensados de se apresentar immediatamente em caso de mobilisação extraordinaria».—Ficam sujeitos ás leis e regulamentos militares, em caso de mobilisação extraordinaria, mas são dispensados de se apresentarem immediatamente nas unidades, os militares que, tres mezes antes da ordem de mobilisação, estiverem registados nos commandos das unidades a que pertencem, como alistados nos corpos de bombeiros municipaes, como patrões ou tripulantes dos barcos salva-vidas das estações do Instituto de Soccorros a Naufragos, empregados nas linhas de caminhos de ferro que não façam parte das tropas de caminhos de ferro ou das brigadas de caminhos de ferro, nos telegraphos, pharoes, semaphoros, correios, capitanias dos portos, estabelecimentos productores do exercito, ou como pertencentes a sociedades de soccorros a feridos em campanha auctorisadas a acompanhar o exercito.

«Paragrapho 1.º Para que os militares em taes condições possam ser dispensados nos termos do disposto no presente artigo, deverão as auctoridades e funccionarios, que superintendam em taes serviços, fazer as necessarias participações aos commandantes das respectivas unidades para que os referidos militares sejam nomeados ou admittidos para aquelles serviços.

«Paragrapho 2.º Nas unidades conservar-se-hão sempre em dia a relação d'estes militares e estarão separadas, em pastas especiaes, as respectivas folhas de matricula.

«Paragrapho 3.º Todo o pessoal das brigadas de caminhos de ferro ficará sujeito ao regimen militar desde a data da publicação do decreto de mobilisação, considerando-se immediatamente constituidas as brigadas, sem que o pessoal interrompa o desempenho das suas funcções ferro-viarias; os militares pertencentes ás companhias de sapadores de caminhos de ferro, compostas das companhias e direcções de caminhos de ferro, quando pela inspecção do serviço militar de caminhos de ferro, sob proposta das companhias e direcção de caminhos de ferro, não tenham sido previamente considerados indispensaveis ao serviço d'aquellas companhias e direcções, apresentar-se-hão, conforme lhes for determinado pela ordem de mobilisação, na companhia de sapadores de caminhos de ferro.

«Paragrapho 4.º Os militares pertencentes á companhia de sapadores de caminhos de ferro, emquanto forem julgados indispensaveis ao serviço das companhias e direcções de caminhos de ferro e nas condições do paragrapho anterior, serão transferidos para as brigadas de caminhos de ferro».

Art. 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Para as familias dos mobilisados da guerra

Realisa-se ámanhã, na praça de touros de Aldeia Gallega uma corrida, promovida por uma commissão de senhoras da junta patriotica, cujo producto se destina ás familias pobres dos mobilisados da guerra da quella villa.

Prestam o seu concurso os laureados cavalleiros-amadores srs Juliano Gouveia e Antonio Luiz Lopes Junior, e os distinctos bandarilheiros amadores Jayme Cadete, Mario Lopes, Francisco d'Oliveira, Gomes Lobo, Francisco Froes e João Cruz.

O grupo de forcados é composto de amadores d'aquella villa, capitaneado por Carlos Freire Caria.

Os valentes amadores do grupo de forcados do Ribatejo srs. Antonio Teixeira e João Palm prestam-se a servir de cabos e pegar os touros de vir, quando o director da corrida o determinar. O curro foi offerecido pelo lavrador sr. Antonio dos Santos Jorge, sendo todos os touros puros e oriundos da antiga raça da Barroca d'Alva.

A corrida será dirigida pelo ex-bandarilheiro sr. Raphael Peixinho, a cargo de quem está a distribuição do lide.

A corrida principia ás 17 horas.

A commissão obteve da direcção do Sul e Sueste, um serviço especial de comboios a preços reduzidos, cujo horario é o seguinte: partidas de Lisboa (Terreiro do Paço), ás 8, 11,30 e 13,15. Regresso de Aldeia Gallega para Lisboa e Setubal ás 20,15.

Mobilisados de S. Christovão e S. Lourenço

Continua ámanhã no atrio da Escola Central n.º 10, na Costa do Castello, 31, a *kermesse* promovida pela Associação Popular de Beneficencia de S. Christovão e S. Lourenço, a favor dos filhos dos mobilisados pertencentes a essas freguezias.

Por graciosa concessão do sr. ministro da justiça toca a banda da Escola Central de Reforma toca ámanhã das 17 ás 23 horas.

Navios allemães

Foi concedida prorogação de 90 dias para os subditos inglezes apresentarem as suas reclamações sobre carga dos navios requisitados que porventura lhes pertença, e de 30 dias á firma Garland, Laidley & C.ª, Limited, para reclamações ácerca da carga do vapor allemão «Cheruskia», actualmente «Leixões».

Museu Bordallo Pinheiro

Deve ser ámanhã grande a concorrencia a esta interessantissima collecção artistica, que o sr. Cruz de Magalhães conseguiu reunir. O producto das entradas reverte, como se sabe, em favor da Cruz Vermelha, sendo o preço de $10. O museu está installado na Rua Oriental do Campo Grande, 382.

O roteiro commercial de Lisboa

As nossas proximas paginas

Dará «A Capital» na proxima quarta-feira a pagina do «Roteiro commercial de Lisboa» referente á rua Augusta, onde, como se sabe, ha importantes estabelecimentos.

E animados pelo agrado que tanto no publico, como entre o commercio, essas paginas teem causado, proseguiremos, devendo seguir-se a essa as paginas referentes ás ruas da Prata, dos Fanqueiros e outras arterias não menos importantes de Lisboa commercial, constituindo assim uma collecção que nos afigura merecedora de ser compulsionada.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

A guerra e a revolução de 14 de maio

No artigo de fundo alludimos ao manifesto que a junta revolucionaria fez espalhar na madrugada de 14 de maio, pelos quarteis de guarnição e navios de guerra. Esse documento era a justificação do acto revolucionario. Fosse qual fosse o seu resultado, ninguem poderia deturpar os intuitos da revolução, que se inspirava no mais alto patriotismo, na mais nobre fé republicana e na mais ampla generosidade. Convem recordar hoje as affirmações contidas n'esse documento historico:

AO PAIZ

Pela honra da Patria! — Pela defesa da Republica

Está na agonia o periodo vergonhoso da dictadura. Essa pagina de ignominia e de tristeza vae ser arrancada da historia da Republica. O povo, o exercito e a armada, na consciencia de que cumprem o mais patriotico dos deveres, repellem esse escarneo com as armas na mão.

Depois do sangue portuguez ser derramado em Naulila, n'um ataque traiçoeiro da soldadesca allemã, a dictadura não teve pejo de cumprimentar o representante do kaiser pelo seu anniversario.

Sem coragem de vingar a affronta que o inimigo fez á gloriosa bandeira da nossa Patria, a dictadura considera simples «internados» o tenente Aragão e os seus companheiros de armas que tão alto ergueram o nome de Portugal.

Annuncia-se o regresso da expedição de Moçambique, que sempre recebeu da dictadura ordens de manter uma rigorosa neutralidade.

Emquanto os republicanos são perseguidos e vexados, os dirigentes das conspirações monarchicas, aquelles que se armaram em territorio estrangeiro para combater o seu paiz, passeiam provocadoramente pelas ruas de Lisboa.

Os partidos republicanos que apoiaram a dictadura chegaram a reclamar a demissão de auctoridades reconhecidamente monarchicas e não o conseguiram.

Que significa isto? Que a dictadura está comprometida com a Republica e enlameando a honra nacional.

Vamos restituir a Republica aos republicanos, completando n'esta hora de triumpho a alta missão patriotica dos revolucionarios de 5 de outubro.

Queremos um governo nacional, mas por isso mesmo republicano. Não arvoramos a bandeira de nenhum partido, pois queremos que todos os republicanos se juntem para a dignificação da Patria, para a salvação da Republica.

Não aconselhamos violencias nem represalias. A nossa energia não exclúirá a generosidade pelos vencidos. Só ao governo nacional cabe o direito de pôr em pratica medidas de defesa. Que todos confiem no seu rigor, na sua honra e no seu patriotismo.

Pela Patria! Pela Republica!

A junta revolucionaria

MAGOS, BRUXOS E NIGROMANTES

O charlatanismo

e o exercicio illegal da medicina protegidos em Lisboa

Renaudet define o charlatanismo como «a exploração, pelos habeis, da ignorancia e da credulidade». E accrescenta que essa exploração arrasta muitas vezes á ruina do lar.

E' essa exploração ignobil que me proponho combater com o mesmo ardor e a mesma severidade com que se combate uma sinistra quadrilha de malfeitores. Para se destruir um mal é necessario, porém, analisal-o. Tratar ompiricamente uma doença é arriscar um aggravamento, é caminhar ás cegas, é scientificamente pouco digno. Vejamos pois, antes de tudo, que fórmas reveste o charlatanismo entre nós e consideremos em seguida a extensão que cada uma d'essas formas vem tomando.

A primeira é certamente a burla por consulta. Espiritos fracos, desesperados ignorantes ou credulos sentem a necessidade de se aconselhar com alguem acerca dos seus negocios, da sua saude, muitas vezes de pequeninos nadas que nenhuma pessoa honesta tomaria a serio. Apparece-nos assim o curandeiro, com os seus systemas maravilhosos de curas certas e garantidas que não deixam nunca de impressionar a multidão idiota. A França está cheia d'elles, e na propria Allemanha me recordo da formidavel reputação creada, ha dez ou doze annos, por certo velho intrujão dos arredores de Hamburgo que fez uma fortuna diagnosticando doenças pela simples inspecção de uma madeixa de cabello. O doente mandava-lhe a amostra pelo correio, acompanhada do competente vale, e dias depois recebia os remedios secretos que lhe deviam garantir a cura. Uma vez, os alumnos de anatomia de uma das multiplas faculdades allemãs enviaram-lhe com uma longa descripção phantasista da enfermidade, uma madeixa cortada n'um cadaver. Imagine-se a galhofa quando a resposta veiu: longos conselhos de dieta e um punhado de hervas resequidas para confeccionar a milagrosa tisana, que devia restituir fatalmente a saude ao proprietario do cabello!

Em França, teve uma singular notoriedade o homem de Grisy. Renaudet foi por vezes consultal-o, e teve assim conhecimento de inverosimeis remedios. Havia dois, contra a febre: o primeiro consistia em assistir, no mesmo domingo, a treze missas em egrejas differentes. Era difficilimo na provincia, onde as egrejas distam umas das outras quasi sempre muitos kilometros e as missas são rezadas pouco mais ou menos á mesma hora; mas o succedaneo estava ao alcance de toda a gente:

«Pega-se n'um ovo acabado de pôr coze-se um pouco, tira-se a pellicula que existe entre a casca e a clara, e applica-se no dedo minimo da mão esquerda da pessoa doente. Isto é feito ao deitar. Dorme-se. No dia seguinte, a cura é certa.»

Toda a materia medica d'este homem consistia em drogas do mesmo genero. Para evitar a queda do cabello queimavam-se abelhas, misturava-se a cinza com excremento de rato, e fazia-se uma infusão em azeite de oliveira. As fricções d'este unguento combatiam a calvicie! O excremento de cabra amassado com mel curava a ictericia. E, «j'en passe».

Em Lisboa, raros são aquelles que não tiveram ainda noticia de remedios do mesmo genero, indifferentemente applicados para sarar de molestias ou para deitar quebranto, ou fazer cessar amores infelizes, garantindo o effeito de terceira pessoa. As bruxas e curandeiras teem por vezes provocado verdadeiras tragedias entre nós. Ha annos, um maritimo assassinou ahi uma velha bruxa durante um accesso de loucura que as drogas lhe tinham determinado.

Esta especie de charlatanismo não desapparecerá pois das cidades, antes tem medrado cada vez mais. Por vezes, o tribunal tem de occupar-se de um ou outro caso de exercicio illegal da medicina, cuas uma vez cumprida a pena, o culpado recomeça com o maior descaro. Tal qual certa agencia de intriga e de dissolução domestica que a policia mandou fechar ha tempos, e n'outro local reabriu já as suas portas com tabolela e tudo.

Entre os curandeiros dos grandes centros não são por certo os menos perigosos aquelles que pretendem curar os seus doentes com o auxilio de praticas de magnetismo. Em França, é caso para uma policia correccional, por applicação dos artigos 479, paragrapho 7, que pune com multa de 11 a 15 francos as pessoas que fazem profissão de adivinhar, prognosticar ou explicar os sonhos», e 480, paragrapho 4, que permitte condemnar em um a cinco dias de prisão, conforme as circumstancias, os interpretes de sonhos.

Em 1852 houve em Paris uma praga de somnambulas no genero da que acaba de assaltar Lisboa. Fizeram-se varios processos. N'um dos casos, foi alegado pela intrujona que a sua occupação consistia unicamente no diagnostico e cura das doenças, com a assistencia de um medico. Ha medicos para tudo! O tribunal nem por isso deixou de a condemnar. Isto passou-se em 7 de outubro de 1852. Pois em 7 de dezembro do mesmo anno, tendo havido appellação, o tribunal confirmou o julgamento anterior, sem querer occupar-se da questão de facto. O accordão reza: «Fica assente que alguns phenomenos de physiologia, demasiadamente incertos para que a sciencia n'elles tenha até hoje apreciado a natureza e o alcance, não podem auctorisar o exercicio de um mister que a lei prohibe; que mesmo no caso em que o somnambulismo désse realmente a faculdade de adivinhar e de prognosticar, seria preciso transformar a legislação para que aos individuos dotados d'esta faculdade fosse permittido exercer tal mister, etc. Fica assente que a assistencia de um medico em nada modifica o facto principal da adivinhação, e que, com effeito, n'esta situação, o medico já não procede em tal qualidade, que elle nada indica por si proprio mas que, renunciando á sciencia e abdicando da sua profissão, se junta a quem consulta o adivinho ou mesmo ao proprio adivinho, cujas respostas transmitte.»

Julgava-se assim ha sessenta e quatro annos, em França. Em Lisboa a justiça acha preferivel fechar os olhos.

HERMANO NEVES

TERRAS DE PORTUGAL

As minas do Lousal

São abundantes em pirite e principiam agora a exportar minerio

LOUSAL, 11.—Do Alvito sigo para o Lousal. Faço a viagem de noite. Todo o desampado alemtejano me apparece envolto em treva. Esta parte do districto de Beja que vae até Garvão é das mais secas, das mais aridas, das mais monotonas que conheço. Grandes planicies de poisio, sem uma arvore a incrustar-lhes uma suave mancha de sombra. De quando em quando, azinheiras e sobreiros. Restolhos atapetando de loiro o chão ora côr de barro vivo, ora arenoso e movediço. A noite está abafada. No comboio, quem não dorme, prostrado de fadiga, vae á janella, para sorver, com ancia de quem deseja um copo d'agua fresca, o ar que se desloca com ruido. As arvores giram sobre si mesmas, como se as raizes, desprendendo-se da terra calcinada, quizessem fugir e ir para outras paragens, em busca de mais amoraveis climas. Em Garvão, tomo o comboio da linha do Valle do Sado. São tres horas da manhã e dir-se-hia que o sol ainda não deixou de derramar sobre a terra froixa do Alemtejo o sua cornucopia infernal, d'onde se evola a cada instante o fogo que torra e o calor que chamusca e calcina.

Não tenho a menor sympathia pela luz do dia que rompe. O horisonte, n'aquelles momentos de transição da treva para o alvorecer, toma, de segundo a segundo, os mais estranhos coloridos. Tinge-se de escuro, para em seguida adquirir certas cambiantes sconographicas, cuja dureza é estupendamente oppressiva. O chumbo, o cobalto e o carvão, misturados, amalgamados, confundidos, pintam tudo, offuscam tudo, ennegrecem tudo. Os olhos magoam-se, principalmente os olhos dos noctivagos, inteiramente deshabituados dos transportes bruscos, metallicos das madrugadas asphixiantes de agosto. A atmosphera, emquanto a cabelleira de luz do Sol não se ergue acima do horisonte, perde toda a sua transparencia. Parece de folha de ferro galvanisado. E' antipathica e chega, por vezes, a ser cruel. Depois, o espectaculo do dia nascente muda. O que era tortura passou a ser alegria e vida. Onde havia coloridos crús, ferruginosos, oxidados, passou a vibrar a sua vida ephemera o mais suave azul que o ceu pode offerecer-nos. O sol rompe. A alleluia deslumbradora de luz inunda tudo. E' a apotheose, é a gloria de vencer, é a cegueira. N'esse instante, appetece-me sempre fechar os olhos e dormir. Foi o que fiz d'esta vez...

O sr. Rollão Preto, director da mina do Lousal, fôra esperar-me á estação. Levára-me para sua casa, offerecera-me uma taça de café fumegante o puzera á minha disposição uma cama macia como um ninho. Dormi mais que quantas horas. Depois, já refeito das canceiras da viagem, conversámos, sentados n'um caramanchão densamente revestido de martirios. A minha está em plena charneca inculta. Montados, mattas maninhas, montes e valles, covas e barrancos é tudo o que d'este refugio em que me encontro se descortina. Ao longe, o elevador do poço mestre dá-me a impressão d'uma enorme gaiola. Mas a vida á superficie pouco que pareceu. O homem fez-se toupeira, refugiou-se nas entranhas da Terra e por lá anda a correr, a devastar, a abrir tócas, a rasgar tunneis, a furar galerias, a ser da sua ...

quem procura um thesouro atravez de todas as miserias.

Muito calor. Cada vez mais calor, á medida que o sol sobe na sua incendiada trajectoria. O silencio que nos cerca, que poisa sobre a terra, que envolve tudo como um funebre presagio de tragedia, é cada vez mais compacto. Dir-se-hia que tudo se cala perante a ardencia inconcebivel d'esse dia senegalense. Tudo se recolhe perseguido pelos halitos coruscantes da fornalha immensa do sol. O sr. Rollão Preto vae fazer a sua sésta. Eu, por minha vez, torno a dormitar. E quando acordo, ha já á minha disposição uma *charrette* puxada por um cavallo possante, que ha de conduzir-me, bem como ao engenheiro que superintende em tudo isto, atravez d'uma das mais importantes explorações mineiras do meu paiz.

Primeiro, a parte exterior, tudo o que está á peripheria e representa, por assim dizer, o organismo complicadissimo, incançavel, que alimenta quanto existe nos subterraneos e se passa a não sei quantos metros de profundidade. Vejo armazens, escriptorios e officinas. Passo pelos studios onde os engenheiros elaboram planos e traçam sobre o papel apropriado os novos poços, os novos tuneis, as novas contraminas. Ferramentas, machinas, instrumentos de precisão arrumados por todos os lados como celulas paradas d'um monstro em reposo. Ruidos de motores, isochronos, chronometricos, infalliveis, ...ssos fios levando a toda a parte, ao interior das habitações e ao coração profundo da mina, a energia electrica que ha de transformar-se em força, em luz, em movimento. A aranha humana, tenaz, persistente, invencivel, por toda a banda tem estendido o tecido a sua rêde de trabalho e de progresso, creadora de abundancia e de riqueza.

Estamos na casa dos motores. E' aqui que se cria a energia. Por ora, só funcciona um de 250 cavallos, a gaz pobre. Mas, dentro em pouco, principiará a trabalhar outro, já quasi montado. Toda a installação, que está por acabada, vae ser modificada e ampliada. Ha já paredes meio derrubadas e janellas fóra do seu logar, para serem substituidas por outras. A mina tambem tem a sua cooperativa, como tem a sua pharmacia e o seu serviço medico privativo. Só não possue, por ora, uma escola. Pois é melhoramento que não pode dispensar, para que as suas cento e tantas creanças em edade escolar não fiquem sem saber lêr. Agua por todos os lados, cortando o terreno argiloso em regatos volumosos, seguindo para a mina, regando pequenos pedaços de chão semeados de milho, attenuando com o seu cantar risonho, ao passar pelos seixos polidos das regueiras, a ardencia do ar, que parece vomitado contra nós por um descommunal forno.

A agua vem de uma represa, que fica a 14 em baixo, não sei a quantos metros de profundidade. E' uma albufeira cuja capacidade vae além de dois milhões de metros cubicos. A barragem tem 15 metros de altura e custou cerca de dez contos. Uma bomba rotativa, accionada directamente por um motor electrico de 55 cavallos, extrahe d'esse verdadeiro lago artificial, apertado entre montes cobertos de estevas denegridas, 240 metros cubicos de agua por hora. No ponto culminante da mina fica um deposito de 3:000 metros, d'onde irradiam todas as canalisações de abastecimento.

Quantos sitios ha no Alemtejo proprios para depositos d'agua como este, ou maiores? Não sei; entretanto, ao contemplar este minusculo e pequenino mar, tão sereno, tão modesto e tão limpido, encolhido entre os montes altos que lhe servem de margens, não posso deixar de perguntar a mim mesmo porque é que n'esta provincia as albufeiras estão ainda na sua phase embrionaria, quasi não existindo senão junto das minas, que a ellas vão buscar toda a agua de que necessitam. Não terá, por acaso, o proprietario excessiva sympathia por esse meio simples de alcançar a agua capaz de transmudar em ribeiras fecundas aquillo que não passa hoje de deserto, de terra arida, de chão abandonado? Ou julgará elle, porventura, que tem o direito de conservar improveitadas fontes preciosas de riqueza, de que o paiz precisa, muito embora d'ellas possam prescindir aquelles que as possuem? Não sei. Estou, porém, cada vez mais convencido do que é na multiplicação porfiada das albufeiras e das collmatagens que reside o segredo do aproveitamento do Alemtejo, assistindo ao Estado o dever de fomentar o desenvolvimento d'umas e d'outras por todos os meios ao seu dispôr. A irrigação é um sonho irrealisavel n'este paiz de visionarios. A albufeira é a realidade palpavel, que só pode ser negada por quem não tenha nunca estado junto de lagos artificiaes como este da mina do Lousal, d'onde a agua sahe em torrente para transformar um dia, se tanto fôr preciso, estes cabeços, estas encostas e estas collinas resequidas em searas verdejantes e em hortos frescos e floridos.

O sr. Rollão Preto é um descendente do velhos navegadores dinamarquezes. Mas a sua imaginação é tão viva como a sua intelligencia cultissima. E assim, emquanto regressamos novamente á casa que lhe serve de habitação, vou-lhe ouvindo uma exposição succinta dos seus planos. A mina desenvolver-se-ha rapidamente. Não lhe falta minerio e se *utillage* nada deixa a desejar. Mas ao lado da mina, pelas encostas e pelos valles da herdade em que ella se encontra, outra maravilha ha de nascer, materialisada em milheiras e em mattas, que hão de semear-se, plantar-se e desenvolver-se, mercê da agua clara, da agua abundante e benefica, que no grande valle se accumula pelos invernos, para no verão regar e vivificar, n'estes dominios, tudo o que necessite viver, crescer, amadurecer. Hão de semear-se grandes campos de milho e plantar-se florestas de eucaliptos que, juntamente com os pinhaes, cobrirão centenas de hectares.

—E depois—diz-nos o sr. Rollão Preto—o lavrador do Alemtejo que venha ao Lousal vêr como é possivel transformar um deserto n'um verdadeiro paraizo...

ADELINO MENDES

Escolas Moveis

Convidam-se os professores das Escolas Moveis officiaes a comparecerem na inspecção d'essas escolas na proxima segunda feira, 14, pelas 12 horas.

Sulphato de cobre

Recebemos a seguinte nota officiosa:

Approximando-se a epoca da importação de sulphato de cobre inglez, devem os importadores d'este producto apresentar, no mais breve praso possivel, os seus requerimentos no ministerio dos negocios estrangeiros, com a indicação clara das casas com as quaes contractaram os respectivos fornecimentos e as quantidades d'estes, a fim de opportunamente se proceder a um equitativo rateio conforme a quantidade do referido producto que o governo inglez nos puder ceder este anno, depois de deduzidas as requisições dos sindicatos agricolas do paiz e da Liga dos Lavradores do Douro. Estes serão attendidos integralmente e de preferencia aos importadores particulares, mantendo, porém, o governo o seu criterio anterior de não intervir, sob pretexto algum, nas questões de acquisição e do transporte do sulphato, das quaes se devem incumbir os referidos sindicatos e a Liga.

Uma estreia que deve fazer sensação

Como se vê a segunda feira que a bella bailarina Nina Walky se estreia.

Quem é esta bailarina?

Tão sómente uma artista que vem do Olympia de Londres e da Opera de Paris. Cremos que estas duas casas são bastante para attestar o grande valor da artista, que os nossos leitores vão ver na proxima segunda feira.

Com ella continuam a sua apresentação Stella Margarida, soprano ligeiro; Carmen Vicente e seu irmão Julian e Bella Lopez e o seu excentrico isto isto por que os Herminios fazem a sua despedida ámanhã, tendo portanto o nosso publico só hoje e ámanhã para os apreciar.

Ainda a proposito dos antigos navios allemães

Os 51 antigos navios allemães alugados pelo governo portuguez á Inglaterra representam a totalidade de 118:798 toneladas. A empresas e outras entidades portuguezas foram cedidos 19 cuja tonelagem é de 44.044 toneladas, e dois ficaram fazendo parte da nossa marinha de guerra e representam 2.245 toneladas. O total dos navios é, pois, como já temos dito, de 72 e o da tonelagem de 235.087 toneladas.

O frete que serviu de base ao aluguer á Inglaterra tambem já se disse que foi fixado em 14 sh. e 3 p. por tonelada bruta e por mez. Para avaliar até que ponto n'este contracto se salvaguardaram os interesses do Estado, cumpre conhecer o preço do frete em Londres. O governo decerto publicará todos os esclarecimentos indispensaveis para que se não classifique, sem solidas razões, de infimo o preço do aluguer.

Tambem conviria saber como é composta a commissão em que o governo inglez declinou o encargo de o representar n'esta transacção dos navios e quaes as suas attribuições. Tem essa commissão representantes em Lisboa? Quem são elles? Inglezes ou portuguezes?

Outro aspecto d'esta interessante questão dos antigos navios allemães é o da distribuição da carga, quanto aos barcos que ficam em Portugal, alugados a entidades particulares. Já dissemos que ha quem tenha navios e não tenha carga e quem tenha carga e não possua navios... Houve até quem annunciasse na imprensa, durante muitos dias, que recebia carga para os portos do norte da Europa, como se, havendo ahi importante e abundante carga para seguir o seu destino, fosse necessario andar insistentemente á procura d'ella!

Encontram-se tambem aqui assegurados em absoluto os interesses do thesouro?

Eis varias perguntas que, sem duvida, precisam de resposta clara e iniludivel. Não hesitamos em reconhecer a boa vontade, a lisura, o patriotismo dos representantes do Estado que intervieram n'este negocio dos navios, e por isso mesmo desejamos que todos os equivocos, todas as suspeitas, todas as interpretações erroneas se desfaçam quanto antes. O governo deve ser o primeiro a ter empenho no esclarecimento de todos os pontos que deixamos indicados.

A CASA GAMA

continúa a ser preferida pelos freguezes de lotaria

Essa afortunada casa de lotaria, da rua do Amparo, 49, já vendeu um consideravel numero de bilhetes para a proxima extracção. A affluencia dos compradores é plenamente justificada, pois nenhum d'elles ignora que a casa Gama vendeu as ultimas trez sortes grandes, o que nos parece caso unico na venda de lotarias. Na lotaria de hontem não se limitou a vender a sorte grande; vendeu tambem o premio immediato. Assim, todas as prophecias se conjugam para fazer crer que a casa Gama continuará a sua carreira triumphal, espalhando pelos seus freguezes o dinheiro ás mãos cheias.

Escola Naval

O juramento de bandeira dos aspirantes

Os novos alumnos da Escola Naval prestaram hontem juramento de bandeira. Essa ceremonia, que devia possuir uma solemnidade que traduzisse bem a grandeza do acto praticado, destacou-se apenas por uma allocução que o director da Escola, sr. Nunes da Matta, proferiu e que deve ter sido, bem ao grado admittimos tivesse sido brilhante, como alguns jornaes informam. Mas parece-nos que não seria demais que as altas entidades da Republica honrassem o acto com a sua presença. Mais entranhavel ainda se nos afigura o juramento que os alumnos prestaram, n'estes termos:

«Juro pela minha honra, como cidadão e como militar, servir bem a minha Patria inteira e fielmente e obedecer promptamente ás ordens dos meus superiores, não abandonando o meu posto ainda que com o sacrificio da propria vida e para firmeza de tudo assim o declaro».

Não se fala ahi nem de Republica, nem de Constituição, o que não pode deixar de ser contrario a todos os regulamentos militares. Os proprios funccionarios publicos, quando prestam juramento, tomam pela sua honra o compromisso de defender a Republica e a Constituição. Como se comprehende que sejam dispensados d'esse compromisso os aspirantes da Escola Naval, futuros officiaes? Eis o que era conveniente averiguar, para que não se repitissem factos tão lamentaveis, mesmo que n'elles não exista, como não ha, o presente, qualquer proposito de hostilidade á Republica.

Livrando-se d'uma morte certa devido ao seu sangue frio

N'uns terrenos existentes proximo da estação do caminho de ferro do Caes do Sodré andava a pastar um rebanho de ovelhas pertencente a Domingos Camillo, ali residente, o pastor José Lourenço, morador na Povoa-Pedras e que trazia ao hombro uma manta. Temendo que o gado fugisse para a linha ferrea, visto approximar-se a passagem de um comboio para Cintra, dirigiu-se para ali a fim de evitar qualquer desastre. Quando o comboio passava, um dos vagons, com o vento, pegou-lhe na manta e arrastou-o alguns metros. Não perdendo o sangue frio, quando se viu em perigo, abandonou a manta o que lhe valeu livrar-se de uma morte certa. Trazido para Lisboa seguiu para o hospital de S. José, onde se verificou que apenas tinha um pequeno ferimento na cabeça pelo que foi para casa.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A vigilancia no Mediterraneo

PARIS, 12.—Uma circular do ministerio da marinha manda reforçar a vigilancia das unidades navaes francezas em serviço no Mediterraneo, principalmente em torno das Baleares, por causa do abastecimento dos submarinos inimigos.—(*Havas*).

Cruzador francez

Deve chegar por estes dias ao Tejo um cruzador francez.

Madeira para a Argentina

RIO GRANDE DO SUL, 12.—Foram expedidos, na semana passada, 800 vagons de madeira com destino á Republica Argentina. Os lenhadores de Cima da Serra preparam grandes carregamentos com o mesmo destino.—(*Americana*).

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Marinheiros inglezes

Dois cruzadores entram no Tejo

A officialidade cumprimenta o chefe do Estado, com um desfile de praças da guarnição

Como estava annunciado, entraram hoje no Tejo os dois cruzadores que veem saudar a bandeira portugueza.

Quando os navios se approximavam de Cascaes foi ao seu encontro uma flotilha composta do *Cinco d'Outubro* e dois *destroyers* e por ordem do commandante da divisão um d'elles pilotou os cruzadores atravez da barragem até ao Terreiro do Paço, tendo embarcado tambem no navio almirante um official d'esse *destroyer*.

Apenas fundearam, ás 9 horas em ponto, fizeram-se os cumprimentos preliminares, enviando o commandante da divisão o seguinte radio:

«*Ao Commodoro*—Officiaes e marinheiros apresentam-se seus cordeaes cumprimentos aos seus camaradas dos dois navios de Sua Magestade Britannica, que acabam de chegar, honrando o Tejo com a sua presença, n'elles saudam a valente e sempre gloriosa grande armada britannica».

O contra-almirante commandante respondeu do seguinte modo:

«*Ao Vasco da Gama*—O contra-almirante, officiaes e marinheiros dos navios de Sua Magestade Britannica apresentam os seus agradecimentos ao commandante, officiaes e marinheiros da armada portugueza pelos seus cordeaes cumprimentos de boas vindas e sentem-se orgulhosos em se encontrarem aqui n'este momento.—Contra-almirante a bordo do *Suffolk*.»

As tripulações dos navios inglezes, com os respectivos commandantes, foram cumprimentar em Belem o chefe do Estado. As praças desembarcaram na Junqueira, com uma charanga, indo formar á frente da residencia presidencial pela rua Direita de Belem, em seguida á força de marinheiros e banda que fez a guarda de honra. A approximação dos marinheiros inglezes attrahiu grande concurso de povo, que manifestou a maior sympathia pelos valentes marinheiros da armada britannica.

A' hora annunciada realisou-se a recepção, que se effectuou no salão dourado. Fez as apresentações o sr. ministro da Inglaterra, assistindo todo o ministerio, com excepção do dos ministros que estão ausentes da capital. Os que compareceram faziam-se acompanhar de suas esposas. Estiveram tambem no palacio o commandante de divisão naval, major general da armada, chefe do estado maior naval ingleza, pessoal da legação, Guilherme Bleck. Aos visitantes foi servida uma taça de «Champagne».

Terminada a recepção o sr. presidente da Republica desceu aos jardins, acompanhado pela officialidade ingleza e outras pessoas, assistindo da explanada ao desfile dos marinheiros cuja banda executou o hymno nacional.

O contingente de marinheiros inglezes era constituido por cerca de duzentos, tendo cada um de elles apresentado devidamente armado.

Os marinheiros britannicos, acompanhados por muito povo, vieram embarcar no caes do Sodré, sendo acclamados no percurso.

O antigo palacio real das Necessidades, actualmente servindo de séde ao ministerio dos negocios estrangeiros, prepara-se para receber a sua primeira festa official — banquete dedicado á officialidade da marinha ingleza que vem saudar a bandeira portugueza. O sumptuoso salão em que esta se effectua é todo o andar do palacio sobre o jardim contendo uma mesa em c... lindamente decorada.

A baixella Germain, tão admirada por todas as altas individualidades que visitaram Portugal n'outros tempos, exerce de novo a sua fascinação artistica, disposta com o mais requintado gosto.

No vestibulo foi collocado o precioso Gobelin que se encontrava no palacio de Ajuda, reunindo-se, portanto, n'aquelle palacio os mais bellos tapetes que adornaram as ex-casas reaes.

O banquete, que é de 50 talheres, é servido pela pastelaria Marques. Devem assistir as seguintes pessoas:

O sr. Augusto Soares tendo á direita, o sr. ministro da Inglaterra, ministro das finanças, primeiro secretario da legação de Inglaterra, Leotte do Rego, general Corte Real, do campo entrincheirado, chefe do gabinete do sr. ministro da guerra, Gonçalves Teixeira, presidente da camara dos deputados, commandante Saffork, major general da armada, vice-presidente da commissão executiva do congresso, Jacintho Ribeiro da Silva, Arantes Pedroso, chefe do gabinete do sr. ministro da marinha, Jayme de Fonseca Monteiro, commandante do «S. Gabriel», Fernando Pereira da Silva, commandante do «Yarra».

Do sr. dr. Antonio José d'Almeida terá á sua direita o presidente do Senado, De Salle, chefe da missão naval ingleza, Azevedo Coutinho, major Mimoso Guerra, sub-secretario de Estado do ministerio dos negocios estrangeiros, sub-secretario de Inglaterra, general da 1.ª divisão Pereira d'Eça, secretario da legação ingleza Ockley, commandante do «Guadiana» Affonso Cerqueira, Espirito Santo Lima, director dos negocios publicos e diplomaticos e á esquerda: commandante do navio inglez, ministro da guerra, Costa Gomes, presidente do Senado municipal, chefe do Estado Maior do Exercito, capitão Macedo Couto, capitão Castro Silva, Sousa e Faro, commandante do «Almirante Reis», Judice Bicker commandante do «5 de Outubro».

Além dos dois commandantes dos navios inglezes assistem ao banquete mais 18 officiaes d'esses navios, ficando as cabeceiras occupadas pelos srs. Eugenio e Francisco dos Santos Tavares.

Tambem hoje percorreram as ruas da cidade muitos officiaes e soldados do exercito francez.

As commissões democraticas apreciaram na reunião de hontem o problema das subsistencias

Como noticiámos, foi resolvido o addiamento do congresso democratico. A resolução tomou-se hontem na reunião conjuncta do directorio com as commissões partidarias de Lisboa.

Ventilou-se amplamente n'essa reunião o problema das subsistencias. Apesar de todos os esforços do sr. ministro do trabalho, os generos continuam a faltar e a ganancia dos intermediarios a manifestar-se com a mais completa impunidade. Varios oradores referiram esse facto, castigando-o com justas palavras de indignação e pedindo que os poderes publicos, ao menos para exemplo, tomassem immediatamente algumas providencias de caracter rigoroso.

Na verdade, o consumidor está a sentir cada vez mais a falta d'essas providencias. D'algum sabemos nós que hontem pagou o assucar á razão de 80 centavos o kilo. E foi por muito favor. O bacalhau continua a vender-se a 60 centavos o kilo. No Porto, a interferencia da Camara Municipal e do governador civil faz com que esse genero se venda a 36 centavos.

Porque não resolve o sr. ministro do trabalho mandar para a cadeia os commerciantes que manifestam n'esta hora a mais criminosa das ganancias, procurando encher as algibeiras á custa da miseria do povo?

Consta-nos que as commissões politicas de Lisboa não largarão de mão o assumpto, estando resolvidas a empregar todos os esforços, absolutamente todos, para que desappareçam as especulações dos intermediarios pouco escrupulosos.

A questão do wolfram

Uma nova engrenagem para o negocio do precioso minerio?

Um terço da producção mundial do wolfram, hoje um minerio requestado pela sua enorme utilidade na preparação do aço, que desempenha um papel importantissimo, obtem-se em Portugal, onde durante annos o não exploraram convenientemente.

A conflagração pô-o n'uma singular evidencia. Quem sabe a significação do grito «Canhões! Munições!» avalia a funcção do wolfram na presente guerra, pois que sem elle não se fabrica aço em termos.

Portugal tem, pois, muito wolfram que passou de 400 escudos a tonelada em 1908 para dois contos e mais, actualmente.

A *Liberdade* de hontem referia o seguinte que, segundo nos consta, tem todos os visos de verdade:

«Os negociantes e intermediarios de wolfram estão desolados, por estar suspensa a exportação de wolfram para a America.

«Uma empreza americana importante teve de parar os seus trabalhos extractivos pela impossibilidade de o exportar para os Estados Unidos, apesar da intervenção do sr. ministro da America.

«A Inglaterra deseja todo o wolfram, e nem para a França, nem para a Italia concorda em que seja exportado.

«Tanto até formar-se aqui um *trust* para o wolfram que não era mais do que um monopolio encoberto com a capa de *trust* para fixar o preço—mais baixo do que a America o paga, porque a Inglaterra paga-o muito pouco.

«Algum wolfram tem ido para França mas á custa de mil e uma *démarches* pelas legações aliadas.

«Ha até quem duvide de que a Inglaterra se tenha prestado a que a França vir aqui buscar wolfram.

«A Inglaterra vê-se que quer conservar o seu rang de primeira industrial, mesmo na industria das munições de guerra.»

O curioso é que outra engrenagem d'esse negocio hoje em Portugal. Sabe-se que um inglez, que já monopolisando a compra do wolfram por preço fixo.

Havia, antes da guerra, outros estrangeiros que, acobertando-se, quando isso lhes convinha, com a bandeira do respectivo paiz, protegidos por esses diplomatas, monopolisavam determinados negocios que para elles vinham a representar grandes fortunas. A guerra não modificou, ao que parece, a situação anterior, senão quanto aos pavilhões, porque os monopolisadores reappareceram sem demora.

E' esse o caso do negocio do wolfram?

E' preciso que nós, dando toda a cooperação, a mais leal, a mais dedicada e a mais sincera, aos nossos alliados, não percamos de vista certos interesses que convem sempre, sem quebra do cumprimento dos nossos deveres, salvaguardar intelligentemente.

O fabrico de munições para os alliados

Parece confirmar-se a noticia de que virá a Portugal o sr. Albert Thomaz, ministro das munições da França, para combinar com o nosso governo o meio de Portugal auxiliar efficazmente os alliados no fabrico de munições, installando essa industria dentro do paiz, ou contractando a sahida de milhares de operarios que vão trabalhar nas fabricas francezas.

O problema é da maior importancia e deve interessar seriamente o governo, pois Portugal só lucrar com todos os serviços que preste ás nações alliadas na luta contra o inimigo commum. Diz o sr. Albert Thomaz que o operario portuguez é dos melhores do mundo, tendo já dado provas da sua aptidão nas fabricas francezas.

O que diria aquelle eminente homem publico da França se conhecesse o trabalho perfeitissimo que os operarios portuguezes produzem em muitas das nossas officinas, fabricando até objectos de precisão, como succede na fabrica de calçado do sr. J. H. Candeias, da rua da Palma, 290 a 290 B!

A questão das subsistencias

O sr. governador civil conferenciou hoje com os administradores do concelho do Barreiro, Cintra e Oeiras, sobre a falta de assucar. O sr. Chagas Franco mandou convidar todos os armazenistas e grandes commerciantes de assucar para com elles tratar dos meios de fazer affluir ao mercado o genero e combinar a melhor forma de remediar a falta de assucar.

PEQUENAS NOTICIAS

A policia prendeu Carlos Ferreira, residente na rua das Pedras Negras, 5, 6.º, e Antonio Augusto Andrade, na rua Sabino de Sousa, 14, 3.º, por terem entrado no estabelecimento de Ayres Lourenço Freire, rua Aurea, 160, e furtarem objectos no valor de 200 escudos.

—Em consequencia da interrupção do cabo submarino para Plymouth deixa de haver telegrammas de imprensa para Inglaterra que seguem com taxa por inteiro.

—N enfermaria 3 do hospital de S. José deu entrada José Fernandes, corticeiro, morador em Cabo Ruivo, que foi colhido por um carro com vinho na estação do Poço do Bispo, ficando com o braço direito fracturado.

—No banco do hospital recebeu curativo de uns pequenos ferimentos no corpo, seguindo depois para casa, Antonio Marques dos Santos, de 13 annos, morador na quinta do Leal, ao Arco das Panellas, atropellado pelo automovel n.º 776, de que era «chauffeur» Manuel da Silva, morador na travessa de S. Placido, 30, 2.º, e o qual foi preso.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 12.—Maria Emilia de Jesus, antiga serviçal do sr. dr. Teixeira de Carvalho, administrador da Imprensa da Universidade, cahiu desastradamente, fracturando o craneo.

Foi conduzida ao hospital, em estado grave.

As barracas da Praia de Algés

Um esclarecimento indispensavel

Sr. Redactor.—Porque se dar publicidade a um caso que se prende com quatro barracas-tabernas situadas na praia de Algés, ignoram, certamente, as razões que levaram a administração do concelho d'Oeiras a proceder, permitta-me que se esclareça o publico e v. mesmo, para que se saiba a determinante das medidas adoptadas.

E' porque se torna necessario cohibir os desmandos e abusos que diariamente ali se praticam, designadamente aos domingos, por individuos que n'essas barracas-tabernas se embriagam e se conduzem de tal modo que dá logar a repetidas queixas de particulares e participações das guardas de policia e guarda republicana das immoralidades que presenciam sem possibilidade de lhe pôr cobro. Ora, como essendo a causa essa o effeito, foi deliberado prohibir a venda de vinhos e comidas na praia, para o que, aliás, o dono d'essas casas não tem licença nem paga imposto. Não foram, pois, fechadas as barracas de banhos, como alguem pretende ter depreendido.

De v. etc.—*Carlos Paredes*.

NOTAS DIVERSAS

A reunião da commissão parlamentar de commercio foi transferida para terça feira, ás 16 horas, no ministerio dos estrangeiros.

—Depois d'amanhã realisa o sr. dr. Ricardo Jorge na faculdade de medicina, ás 21 e meia horas, a sua primeira prelecção sobre «A saúde em campanha.»

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 5/16	35 3/16
Londres, 90 d/v	37 7/8	—
Paris, cheque	$72,4	$72,4
Hollanda, cheque	$58	$59
Madrid, cheque	1$42,5	1$43,5
Suissa, cheque	$80,5	$81,5
New York	1$42,5	1$43,5
Rio s/Londres	12 11/16	—
Libras	7$160	7$250
Agio do ouro	50 %	55 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	—	38,20
» » 500$	—	38,90
» » 100$	—	—

Obrigações do Estado: 4 1/2 88-89, coup. 57$50.

Externas: 1.ª serie, 77$80; 2.ª, 77$, e 3.ª, 79$60.

Acções: B. de Portugal, 183$50; Ultramarino, coup. 150$50; Assucar, 49$; Moçambique, 3$40; Norte e Leste 52$; Tabacos, coup., 66$70; Zambezia, 2$25.

Obrigações: Açores, coup., 84$50; Predios, 6 0/0, serie A, 55$; Lisboa 1.º Ferro de Bengella, tit. 5, 79$.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Rompimento

Mandas-me as prendas que te dei outr'ora
Ahi vão aquellas que me déste um dia...
Seja! acabe-se tudo... e que a alegria
Doire essa gentil cabecinha loira.

Ahi vae o lenço onde, orvalhada aurora,
Chorasse uma manhã, quando eu partia,
E a mecha de cabellos, luzidia,
Dada em risonha, inolvidavel hora.

Ahi vão as rosas onde a tua bocca
Poisaste, afavel, antes que m'as désses,
Certo dia, em que eterno amor juramos...

Nada mais tenho teu: é finda a troca,
Se o desejo não tinhas (até se o tivesses...)
De destrocar o beijo que trocámos...

Eugenio de Castro

MINISTRO DE HESPANHA

Para San Sebastian, onde vae passar uma temporada, partiu hoje no rapido de Madrid o sr. D. Lopez de Munoz, ministro de Hespanha em Portugal. Na «gare» estiveram a despedir-se do illustre diplomata os srs. ministros dos negocios estrangeiros, da America e da Russia; Silva Passos, secretario do sr. presidente do ministerio, representantes do Centro Democratico Hespanhol e Centro Hespanhol, correspondentes dos jornaes, membros da colonia, etc. Antes do comboio se pôr em marcha o sr. Augusto Soares deu um abraço no sr. D. Lopez de Munoz.

BAPTISADOS

Realisou-se na egreja de S. Sebastião da Pedreira o baptisado de um filho da sr.ª D. Fernanda Cardoso Joyce Moniz e do sr. Heliodoro Roberto Machado Moniz, e neto do sr. Carlos A. Rangel Quadros Joyce.

Foram padrinhos a sr.ª D. Maria Sá Pereira da Silveira Passos e seu marido o sr. Francisco Jeronymo da Silveira Passos.

A gentil creança recebeu o nome de Henrique Alexandre.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as D. Helena Garcez Pereira Pinto, D. Maria da Cunha Pimentel de Vasconcellos, D. Maria José Osorio de Mello, D. Leopoldina de Barros Lima, D. Luiza Maria Salema de Avillez, D. Isabel Valladão Barbedo Pinto, D. Ilda Lobato de Abreu, e os srs. D. Francisco Maria da Camara, Frederico Navarro Hogan e José Manuel Pinto (S. Cavem).

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressam na proxima semana de Vidago os srs. condes de Carril e filhos, D. Maria da Conceição e a sr.ª D. Capitolina Vianna Pinto da Fonseca.

—Partiu na terça feira para Cascaes com sua esposa e filhos o sr. Carlos Lemos da Silveira Vianna.

—Tambem segue hoje para aquella praia no mesmo dia, com sua esposa e filhos, o sr. Luiz da Silveira Vianna.

—Segue com familia para o Monte Estoril o sr. Carlos Ferreira dos Santos e Silva.

—Para a sua casa no Estoril partiu com sua filha D. Maria Isabel, a sr.ª D. Sebastiana Vianna Ferreira Roquette.

—Para o Estoril partiu com sua esposa a sr.ª D. Leonor da Cunha Correia de Sampaio Ferreira Roquette e seus filhos, filho o sr. José Vianna Ferreira Roquette.

—Partiu para o Bussaco o sr. Ayres de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha.

—Partiram para Cascaes os srs. condes de Castello Mendo e seu filho Antonio.

—Partiu hontem para Cascaes o general Carlos Augusto de Moraes de Almeida.

—Retirou do Espinho para a sua casa em Agueda o sr. dr. Eugenio Ribeiro.

—Partiu do Peso (Melgaço) para a Praia d'Ancora o sr. M. Gonçalves Pereira.

—Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Victoria de Sousa, partiu para Caxias (Oeiras), onde vae passar a estação calmosa, o tenente sr. Ribeiro Gomes, secretario do sr. governador civil de Lisboa.

DE VIAGEM

Radio de bordo do «Africa»:—Os passageiros de 1.ª classe de bordo do vapor «Africa» seguem bem e saudam suas familias: Manuel Castelino, Palmyra Castelino, Victor Minervina, Rosalia Aurea Furtado, Decio Ferraz, José Costa, Joaquim Carvalho, Alberto Seixas, Herculano Quadros, Alfredo Pereira, Carolino Serpa Izaias, Sebastião Lopo Vaz, Isabel Mira Botelho, Estella Vieira, Carlota Serpa, José Gonçalves Araujo, João Quintão, Antonio Graça, José Lopes, Maria Julia, Alfredo Almeida Salvador.

Radiograma de bordo do «Africa»:—Os officiaes dos vapores «Quelimane» e «Africa», saudam suas familias.—(a) *Moraes*.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

A opinião do general Percin

Merece ser estudada pelos que desejam regulamentar a preparação militar obrigatoria, porque o serviço militar é uma coisa seria e não uma mascarada

Ha mezes que nas columnas da «Capital» temos tratado da importante questão de sabermos como se ha de preparar a nossa mocidade de maneira que, um dia, no tempo marcado, chamada ao regimento, ella dê a maior percentagem de bons soldados.

Quando iniciámos esses artigos, suggeridos pelo movimento desenhado em Lisboa em prol das sociedades de Instrucção Militar Preparatoria, mal previamos, que a França, discutindo identico assumpto, fornecesse a comprovação dos nossos argumentos.

N'esse admiravel paiz de victoria, o problema d'actualidade militar e politica gira em volta da magna questão de saber qual deva ser o programma da «Preparação militar obrigatoria». Travou-se discussão. O Senado francez approvou o projecto Cheron-Beranger mas ao approval-o tomou em consideração as palavras do general Roques, ministro da guerra:—«de que seriam respeitados os direitos e os patrioticos auxilios dos nucleos e sociedades sportivas».

Mas os pedagogos; os technicos da educação physica; os homens de «sport»; os patriotas que desejam, no futuro, uma França grande e os generaes da Victoria, manifestaram-se pedindo a execução da lei Cheron-Beranger mas com o cuidado de não militarisar, de prompto a gente moça mas de a robustecer para um dia ser militarisada.

E entre os que affirmaram uma opinião concreta, figura o general Percin. D'elle são as seguintes palavras inseridas no jornal «France du Sud-Ouest», que reproduzimos e dispensam commentario:

—«Se estivesse seguro de que por «preparação militar» se entendia, exclusivamente, «educação physica» da mocidade, applaudiria a proposta da lei, recentemente apresentada ao Senado pelos srs. Beranger e Cheron. Mas no texto adoptado vi passagens que nada valem.

Que significa:—«um ensino de natureza a facilitar a formação ulterior dos quadros» se elle não é a recitação da theoria e a aprendizagem dos regulamentos?

O texto diz tambem, que a preparação militar tem, como preliminar, o desenvolvimento physico da mocidade. E' porque comprehende mais alguma coisa.

Na proposta de lei que serve de conclusão ao seu bello livro «O exercito moderno», Jaurès expressa-se como se segue:

«A educação preparatoria não será uma aprendizagem antecipada dos movimentos e manobras militares.

Será, antes de tudo, uma educação da saude e da agilidade, pela gymnastica, a marcha, os jogos de destreza e de velocidade, os exercicios de tiro. Combinará o uso, sobrio e raro, dos «sports» destinados a excitar a emulação, com um methodo quotidiano de gymnastica racional destinado a desenvolver, normalmente, as forças do organismo, a prevenir e a curar as taras».

Antes de Jaurès, o general Chanzy tinha dito: «Dêem-nos homens, d'elles faremos soldados».

Depois, n'uma circular de 19 de janeiro de 1916, o general Gallieni disse: «Não vos preoccupeis com o manejo das armas. Depressa se aprende no regimento».

A aprendizagem do manejo das armas não é sómente inutil, como é prejudicial ao desenvolvimento physico do adolescente. Tanto assim é, que debaixo do pretexto falso de que um movimento especial é necessario para prestar honras, se introduziu, ha cinco annos, no manejo das armas, um movimento de «apresentar armas», absolutamente dissymetrico e deselegante. Quando se observa um regimento prestando honras militares, fica-se penalisado de ver os homens, que do espadua direita mais alta que a esquerda, se empertigam n'esta attitude absolutamente ridicula.

Como se os movimentos da arma sobre o terreno ou sobre a espadua direita não fossem solemnes!

Por proposta do general Langlois, que não era um demolidor do exercito, o general André reduziu a dois os movimentos dos manejos d'armas.

No mesmo artigo da «France du Sud-Oest», o general Percin depois de noticiar que os allemães eliminaram todo o movimento de manejo d'armas e até toda a manobra em filas cerradas, da preparação militar, indica qual deva ser o programma e termina, em outras affirmativas, com as seguintes:

—«O mancebo que tenha feito «sport», o mancebo que tenha praticado os jogos ao ar livre, depressa aprenderá, no regimento, a utilisar uma arvore como abrigo de tiro e a avançar em marcha, curvado, ou de joelho ou em «reptação».

Não vejo grande inconveniente, entretanto, a que se ensine aos nossos futuros soldados a observação do terreno, a designação dos alvos e a apreciação das distancias. Mas, por Deus, não lhe ensinem a «macaquear» os nossos regimentos. O serviço militar é uma coisa seria e não uma mascarada. E' tão estupido «brincar aos soldados» como «brincar» á primeira communhão.»

J. P.

RECORDS E CORRIDAS

Os Jogos Scandinavos

Mostram que os suecos progrediram muito no athletismo

Como todos sabem, n'este anno de 1916, deviam realisar-se no «stadium» de Berlim, as provas internacionaes dos Jogos Olympicos.

O kaiser, para dar valorisação ao «bluff» de que a sua Allemanha cuidava dos grandes certamens embora estivesse em guerra, chegou a patrocinar e a fomentar a ideia de, fosse como fosse, effectivar os Jogos, não em Berlim mas em Leipzig. Os alliados, porém, destruindo-lhe as fanfarronadas, tiravam-lhe da cabeça tal projecto.

O que succedeu?

A America do Norte, que é neutral, fez os campeonatos do seu paiz.

A Suecia, a Noruega, a Dinamarca, que são neutraes, organisaram os «Jogos Scandinavos», de que damos a seguir os resultados e pelos quaes se verifica que os suecos progrediram muito desde á olympiada de 1912.

Os Jogos foram disputados no Stadium de Stockolmo e houve reuniões com tanos espectadores como nas tardes de 1912.

Saltos em comprimento: 1.º, G. Alberg, sueco, a 6,98; seguiram-se Russtod, norueguez, com 6,80, Lilié com 6,74.

Saltos em altura: 1.º, Ekelund, sueco, a 1,87 1/2, seguido de Fkulerstrand a 1,85, e E. Thulen a 1,80.

Saltos á vara: 1.º, K. Gille, sueco, a 3,85, seguido de C. Hartemann a 3,83, e M. Nilsonn e E. Holmstrand a 3,37.

Lançamento do dardo (classico): 1.º, Hackner, sueco, a 61,13; seguido de Blomquist a 54,79 e B. Ryde a 54,59.

Triplo salto: 1.º, Rustrom, sueco, com 14 metros e 25; seguido de E. Enhörning com 14,12 e Sahlm a 14,07.

Lançamento do disco: 1.º, O. Zallhagen, sueco, a 41,26, seguido de Hogkvist a 38,04 e Fletwood a 36,96.

100 metros: 1.º, Holmströne, sueco, em 11 segundos, ganhos por 50 centimetros sobre Larsson, Luther e Biörck.

200 metros: 1.º, O. Frogner, norueguez, em 22 segundos e 2 quintos, seguido por Larsson, Holmstrome e Rorlow.

400 metros: 1.º, Biorch, sueco, em 50 segundos, seguido de Molin, Malm e Lidvist. Biorch na sua serie fez o percurso em 49'' 7/10.

800 metros: 1.º, A. Bolin, sueco, em 1'57'' seguido de Lodivist, Melein, Lindbom.

1.500 metros: 1.º, Zander, sueco em 4'06'' seguido de Swenson, Melen, Troréo.

3.000 metros: 1.º, Karloson, sueco, em 8'50'', seguido de Lauer, Klengborg, Thorée, Wide.

5.000 metros: 1.º, J. Znader, sueco, em 15'16'', seguido de M. Karlsonn, Audersonn e Backmann e Ternström.

110 metros, barreiras: 1.º, E. Levin, sueco, em 16'' seguido de Thorzen e Norling.

400 metros, barreiras: 1.º, Norling, sueco, em 57'' seguido de Thorzen e Jacobsen.

1.600 metros de estafetas, inter-clubs (4 X 400): 1.º, Fredishkov em 3,29, seguidos de Gota e de Kanuaterma.

10.000 metros: 1.º, Dam, dinamarquez, em 32'13'' 7/10, seguido de Anderson, Backmann, Lagerman, Petersen e Klingborn.

Steeple chasse, 3.000 metros: 1.º, Zauder, sueco, em 9' 58'' 2/5, seguido de Thorée e Ternotrom.

Maratona: 1.º, Westberg, sueco, em 2 horas e 41 minutos; 2.º, Walhim, em 2 horas 41' e 23''; 3.º, Bjork, em 2 horas 42' 07''; 4.º, Kinn; 5.º, Grunner, em 2 horas, 45' 15''; 6.º, Skog, em 2 horas 46' 47'' 1/5; 7.º, Olsson, em 2 horas 47' 56'' 1/5. O vencedor fez nos Jogos Olympicos de 1912 o percurso em 3 horas 2' 51'' e classificou-se em 22.º logar.

Decathlon: 1.º, E. Alberison, sueco, com 7.402 pontos; Lindhom, 7.058 e Jansson, 7.039. O celebre Thorpe fez em 1912, nos Jogos Olympicos 8.412 pontos, Wieslander 7.724 e Lomberg 7.413.

Lucta á corda: 1.º, equipe da policia de Stockolmo; 2.º, equipe da policia de Malmoë; 3.º, equipe B da policia de Stockolmo.

Ler amanhã n'"A Capital,,:

um novo artigo, que tem opportunidade e actualidade sobre os

Professores de gymnastica sueca

em que se documentará que, a maioria, se dizem competentes quando o não são.

Notas do dia

A Amadora continua em festa antes dos grandes certamens

A Amadora está preparando as suas grandes festas de «gymkhana» para o mez de setembro, mas antes da sua effectivação não descança no proposito de ir divertindo os socios dos seus Recreios Desportivos e de animar a propaganda da terra.

Assim, para ámanhã marcou uma sessão elegante de patinagem no seu lindo «rink», varios treinos de «tennis» e um espectaculo á noite.

As festas de setembro seguem a sua organisação com methodo. Constituiu-se a commissão organisadora. E' formada pelas meninas D. Maria Herminia Gomes e D. Maria Julia de Brito Guimarães, presidentes; D. Emma Sacavem, D. Laurinda Roubeaud, D. Maria Antonia Vianna, D. Maria Delfina de Brito Guimarães, D. Maria Helena Vianna, D. Maria de Lourdes Pereira Magno, D. Maria Luiza Correia, D. Maria Luiza Santos Mattos, D. Maria Thereza Moreira e D. Sophia Martins, que será auxiliada pela direcção dos Recreios e por uma sub-commissão formada pelos srs. Vyan, Luiz Roubeaud e Walter Alvarez.

* * *

Os trabalhos do Sport Lisboa e Bemfica

A'manhã, ás 4 e meia da tarde, no campo de Sete Rios, o Sport Lisboa e Bemfica continua o seu torneio de «sports athleticos», documentando que, no seu gremio associativo, possue valorosos elementos, que não se preoccupam apenas de «foot-ball».

As provas a disputar ámanhã são as do: «lançameno do peso, corrida de 100 metros, marcha de 5.000 metros, saltos em comprimento, lançamento do dardo, estafetas de 1.200 metros, corrida de 400 e 10.000 metros, corridas de barreiras e de estafetas de 300 metros, saltos em altura, corridas de 800 metros e corrida com uma bola de «foot-ball» em 100 metros, n'uma pista larga de 1m,50 e no tempo maximo de 25''.

O Sport Lisboa, além dos seus «sports athleticos» tambem está organisando, como já dissémos, a sua secção de esgrima. A sala d'armas está constituida e são numerosas as inscripções.

* * *

As provas finaes do Sociedade de Instrucção Militar n.º 9

O domingo de ámanhã é de festa para as sociedades de Instrucção Militar Preparatoria. A n.º 1 organisa um imponente espectaculo no Stadium; a n.º 9 vae recompensar, n'uma sessão solemne, os alumnos classificados nas suas provas finaes.

A proposito d'esta festa de confraternisação achamos opportuno salientar o esforço dos que dirigem a sociedade n.º 9. N'esses patriotas ha comprehensão do que é organisar, disciplinar e regulamentar um nucleo de rapazes, que amanhã hão-de ser valorosos soldados. Tem pela sua sociedade um acendrado fanatismo. O seu instructor, tenente Batalha, é um enthusiasta, um crente, um trabalhador incançavel, cuja persistencia de acção se aquilata pelos resultados que obtém. Depois, a 9, tambem beneficia um pouco da orientação do tenente-coronel Beça, que pelas sociedades de instrucção militar sempre affirmou uma extrema preferencia. Assim, com taes dirigentes, não admira que o nucleo da Sociedade n.º 9 seja dos primeiros de Lisboa.

A Trafaria vae trabalhar

Abre hoje o Club Balnear da Trafaria, que para os homens de «sport» representa um acontecimento a ver com bons olhos. E' que o Club vae organisar uma serie de boas festas athleticas e sportivas, a primeira das quaes já foi marcada para a noite do dia 26, com um campeonato de espada, para a conquista d'uma «Taça» nas mesmas circumstancias em que foi disputada a «Taça Amadora».

O club tambem conseguiu que o vapor que faz o serviço entre a praia e Lisboa, trabalhe até á meia noite.

A festa do Club Naval

Mais uma vez está em festa o Club Naval de Lisboa. A'manhã, em frente do seu caes, effectua-se uma nova prova de «water-polo» e á tarde, ás 16 horas, um grande certamen nautico em honra da Cruzada das Mulheres Portuguezas com provas de remo, «water-polo» e vela.

Escusado será dizer que á festa, como succede a todas do Club Naval, está destinado um exito brilhante.

Algumas anecdotas

O que é preciso para ella ser boa...

Ante-hontem, á porta do Martinho, um militar que é professor de gymnastica dizia a um medico que lê estes assumptos:

—«Porque razão, o P... ataca a gymnastica sueca?

—«Não a ataca, analisa-a para ser adaptada entre nós...

—«Ora cantigas!... E' estrangeira mas tem dado excellentes resultados.

—«Por isso mesmo, o que elle quer é «naturalisal-a».

Os grandes records

Dos aviões allemães abatidos

Os telegrammas da guerra dão duas noticias sensacionaes, a de que o tenente francez Guynemer havia levado o seu «record» de aviões allemães batidos dentro das linhas francezas a 12 e a de que o sargento Chainat, tendo derrubado dois aeroplanos no mesmo dia, entrava para o quadro de honra dos aviadores com 8 aviões derrubados.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Desportos de Bemfica

O professor sr. Arthur dos Santos está organisando para muito breve uma grande festa de sport, em que serão apresentadas pela primeira vez as classes de gymnastica de adultos e de creanças, que teem sido regidas respectivamente por Arthur dos Santos e Levy Jenochio e que foram creadas esta epocha pela direcção. Da festa farão ainda parte numeros de esgrima, pau, lucta, etc.

A commissão, que recentemente se formou para tomar a iniciativa de festas amindadas, continúa trabalhando e tem um largo programma estabelecido.

Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 9

Na sua séde, na rua de Santa Martha, 215, realisa amanhã, domingo, ás 21 horas a sessão solemne para distribuição de premios aos alumnos que melhor classificação obtiveram nas provas finaes de julho findo, com o seguinte programma:

1.ª PARTE: Sessão solemne sob a presidencia do sr. tenente coronel Desiderio Augusto Ferro Beça, fazendo uso da palavra os srs. dr. José Pontes e João Machado Toledo, em seguida distribuição de premios.—2.ª PARTE: Sarau dramatico, em que tomam parte, por especial deferencia, os srs. Anthero Alegro, Augusto Carvalho, Carlos Costa, Luiz Franco, Filippe Moreira, Arthur Pereira, Filippe Ribeiro e Manuel Ferreira. Espera-se tambem o concurso dos pequenos artistas Guilhermina Paiva e Octavio Mattos.—3.ª PARTE: Baile, com valsa a premio, destinado a um dos alumnos da aula de dança.

A entrada na séde faz-se com a quota de julho, e cada socio pode fazer-se acompanhar de duas senhoras.

PELOS ARREDORES...

A festa de Collares

E' ámanhã o primeiro dia das grandes festas annuaes de Collares, com tradições de animadas e de enthusiasmo para os povos da região de Cintra.

O programma dos festejos, que envolve mais os dias de segunda e terça feira, comprehendo festa de egreja, arraial, kermesse, fogo de artificio, etc.

A companhia dos electricos de Cintra ao Oceano estabelece carreiras consecutivas de 20 em 20 minutos.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

A demora da censura postal

Escrevem-nos os proprietarios da Papelaria da Moda, da rua do Ouro, srs. Vieira & C.ª, pedindo-nos que chamemos a attenção de quem competir para o modo como se exerce a censura postal, pois, que, dizem os reclamantes, «tendo recebido ha já bastantes dias uma carta na Suissa annunciando a remessa de um catalogo, pelo mesmo correio e sob registo, até agora nada chegou ao nosso poder. No correio dão-nos varias respostas, fazendo-nos correr varias repartições perdendo nós precioso tempo sem colhermos o mais pequeno resultado».

Terminam os srs. Vieira & C.ª por pedir que sejam nomeados os censores sufficientes para não causar prejuizos ao publico e ao commercio

Jardim Zoologico

Os dois domingos levaram ao Jardim Zoologico 9.405 visitantes, sem contar os accionistas e suas familias.

A concorrencia de ámanhã deve tambem ser enorme e, prevenido esse facto, mandou a direcção do Jardim tomar as mesmas providencias dos domingos anteriores, entrada pelos dois torreões, quatro bilheteiras, vedações e barreiras nas proximidades do tunnel das Aguas Boas, assim como o reforço da policia junto do tanque do hippopotamo.

Haverá carreiras continuas de electricos para o Jardim e combolo da estação do Rocio para Sete Rios, que fica a dois passos do Jardim Zoologico, custando a passagem 4 centavos em 2.ª classe e 3 em 3.ª.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Inscriptos maritimos portuguezes.— Para tratar de assumptos de interesse para a classe, reune a assembléa geral hoje, ás 21 horas.

"O vintem dos orphãos,,

Uma iniciativa digna de todo o auxilio

Publicando na integra a carta que acabamos de receber da redacção do nosso collega de imprensa «Marte», cumprimos apenas um dever, pois a iniciativa por esse jornal tomada é tão sympathica e tão altruista que dispensa quaesquer palavras de elogio. A carta é a seguinte:

Sr. redactor do jornal «A Capital».—A redacção do jornal «Marte», orgão da classe dos sargentos, vem rogar a gratissima fineza de, no jornal que v. tão superiormente dirige, dedicar algumas palavras á iniciativa do mesmo jornal «Marte», da fundação de uma associação de previdencia denominada «O vintem dos orphãos», destinada a, provisoriamente, substituir o decantado Monte pio para Sargentos, depois de obtida a competente auctorisação superior.

O fim principal da associação é proteger, por todos os modos, as viuvas e orphãos dos sargentos fallecidos, devendo ter annexo, logo que os seus fundos o permittam, um estabelecimento de ensino, onde recebam instrucção primaria os filhos de ambos os sexos, dos sargentos fallecidos.

A joia será de 50 centavos e as quotas de 10 centavos mensaes.

As palavras que v. se dignar publicar serão de estimulo e incentivo para os sargentos, a quem se dignará incitar a que dêem o seu immediato appoio á tal iniciativa, que marcará, decerto, um grande passo para o levantamento moral e intellectual da classe dos sargentos.

Têm a honra de subscrever-se, depois de antecipadamente agradecer, o que é de v. , etc.— Pela redacção do «Marte», *Henrique Herminio Branco.*

Que a briosa classe dos sargentos secunde a iniciativa são os votos que formulamos.

Centro Escolar de Campo d'Ourique

Continuam amanhã n'este centro as festas em favor da sua escola, havendo ás 19 horas concerto pela orchestra do Asylo Antonio Feliciano de Castilho e «kermesse», seguindo-se recita pelo grupo dramatico «Os Triumphantes» e depois baile.

cos e muito pouca ás medidas sanitarias e ao cumprimento dos seus deveres mais prosaicos.

O resultado foi que essa grande gréve assumiu um caracter mais syndicalista e revolucionario do que o d'uma mera questão de salários e todos os elementos perturbadores e desleaes tanto de Dublin, como das proximidades, n'ella intervieram.

A Larkin foram fornecidos, sem duvida possivel, grandes fundos fôsse por quem fôsse, e como complemento da gréve o exercito de civis foi por elle formado e em parte armado durante o inverno de 1913-1914.

Um corpo armado de voluntarios nacionaes foi tambem organisado em Dublin á imitação dos voluntarios do Ulster, e ambos esses corpos tiveram paradas e revistas sem interferencia das auctoridades até que em junho de 1914 o inspector geral do Real Constabulario Irlandez se sentiu obrigado a chamar a attenção do principal secretario para o facto de cada região ter um exercito treinado muito maior que a policia e que os que dirigiam os voluntarios estavam em situação de poder executar um movimento.

Coisa alguma foi feita para fortalecer a auctoridade do governo, embora, como se affirmasse no relatorio a tal respeito enviado, «essa ostentação illegal de forças pudesse ser um aviso contra a politica seguida de permittir o armamento indiscriminado de civis na Irlanda em tempos turbulentos e de luctas sectarias.»

Succedeu assim que, ao rebentar a Grande Guerra, uma parte consideravel da Irlanda estava sob o dominio de forças armadas guiadas por homens «que declaravam abertamente a sua hostilidade ao governo britannico e estavam promptos a receber bem e a auxiliar os inimigos da Inglaterra.»

E o governo de Dublin Castle continuava a deixar desrespeitar a lei, a fim de evitar qualquer possivel conflicto.

Que ligação exacta houve entre a sedição na Irlanda e o governo allemão não é preciso pôl-o em evidencia. O corpo primitivo, o de Voluntarios Nacionaes Irlandezes, não era ostensivamente desleal, embora alguns dos seus dirigentes depois tomassem parte na rebellião. Grande numero de homens foram alistados, mas só uma pequena minoria se tornou efficiente, e todo o movimento foi a principio considerado como um protesto politico contra a formação do corpo de voluntarios do Ulster.

Em junho de 1914 dizia-se que eram 65.000 homens, mas n'essa occasião Redmond, o «leader» do partido parlamentar irlandez parece ter-se sentido alarmado pela tendencia sediciosa de alguns dirigentes e fez um esforço para se pôr á testa do movimento.

Insistiu para que fôsse nomeado o numero sufficiente de membros do «comité» para dirigir as suas resoluções, mas tal passo parece ter apenas accentuado a deslealdade e o descontentamento dos radicaes.

Isso manifestou-se depois de ser declarada a guerra, quando Asquith, o primeiro ministro, consentiu em ir á Irlanda, a convite do partido parlamentar, presidir a um «meeting» em que Redmond pronunciou um violento discurso em favor do energico proseguimento da guerra e do recrutamento na Irlanda.

Esse discurso deu origem a alguns tumultos e concorreu para o alistamento de Voluntarios Nacionaes Irlandezes. A 30 de setembro, um novo corpo, abertamente hostil á Inglaterra, foi formado sob o nome de Voluntarios «Irlandezes» e geralmente conhecido pelo de Voluntarios Sinn Fein. Alliaram-se com o exercito de civis que tinha nascido do movimento de Larkin e, como se disse no relatorio submettido á commissão de inquerito, «E' claro que a insurreição foi originada por dois corpos de homens alliados para tal fim e conhecidos pelos nomes de Voluntarios Irlandezes e Exercito Civil.»

N'um manifesto em que Redmond era repudiado—assignado por seis pessoas que depois se provou cola-

perigo e deram os passos necessarios para lhe pôr fim.

O movimento dos Sinn Fein teve origem, como dissemos, fóra do «movimento da lingua», que era inoffensivo e até louvavel e encontrára proselytos entre todas as classes.

Os politicos—o partido parlamentar irlandez fundado por Parnell e dirigido actualmente por Redmond—nunca viu com bons olhos esse movimento da lingua, tendo ciumes de tudo que parecesse infringir o seu exclusivo direito de falar em nome do povo irlandez.

O gaelico tinha sido por muito tempo desconhecido ou considerado um tanto friamente no collegio de Maynooth, onde os sacerdotes irlandezes romano catholicos eram educados. Não havia jornaes ou livros populares n'essa lingua. Não era ensinada nas escolas nacionaes e entre as classes baixas era tão pouco considerada que em cada censo decennal o numero dos que falavam habitualmente o gaelico diminuia rapidamente.

Tentativas haviam sido feitas consecutivamente para obstar a esse desapparecimento da antiga lingua da Irlanda. Cadeiras estabelecidas nas universidades tiveram poucos alumnos, os livros de estudo eram pouco lidos, encontrando os allemães e francezes que iam estudar o gaelico litterario dos manuscriptos nas suas livrarias pouco auxilio ou sympathia na Irlanda.

Simultaneamente, um certo numero de jovens enthusiastas, que pareciam indifferentes ás questões politicas e sectarias que dividiam o paiz, lançaram-se no movimento da lingua e em poucos annos obtiveram resultados muito notaveis, entre a sua classe pelo menos.

Emquanto os numeros do censo da população mostravam uma diminuição continua de irlandezes gaelicos nos districtos ruraes, o estudo do gaelico em breve se tornou moda nas cidades, onde, como lingua falada, havia sido praticamente extincto.

Classes nocturnas foram instituidas para os que tinham sahido das escolas, uma «columna em gaelico» começou a apparecer n'alguns dos jornaes diarios e semanaes, a repartição de educação nacional interveiu no assumpto por meio da sub-commissão que tinha a seu cargo a educação secundaria, o mesmo succedendo com as universidades.

A Liga Gaelica tomou alento com a idéa da Irlanda falar o irlandez, como a Bohemia e a Hungria falam as suas linguas proprias, apesar do dominio secular austriaco.

Em breve, porém, se viu que os progressos feitos eram pequenos. Nos districtos, onde se falava irlandez, a diminuição accentuou-se mais rapidamente do que nunca, emquanto nas cidades os que haviam aprendido pelos livros uma lingua tão difficil tinham tendencia a esquecel-a, por desusada.

Foi n'esse ponto que se tornou manifesta a tendencia para empregar o gaelico como uma arma politica. Argumentava-se que os magyares conservavam a sua lingua porque a Hungria era uma nação independente ligada apenas á Austria e que, por consequencia, a Irlanda devia pugnar pelo «Home Rule hungaro» ou pela sua independencia em vez de se contentar com o Home Rule «sujeito ao parlamento imperial» offerecido por Gladstone e acceite pelo partido parlamentar.

«Hungarianismo» tornou-se o brado popular d'esse partido emquanto se não descobriu que os magyares eram a minoria ou partido «dominante» na Hungria.

Quando o movimento tomou a força sufficiente para ter um orgão proprio, foi fundado um jornal semanal com o titulo de «Sinn Fein» e esse titulo tornou-se o brado de guerra da secção radical.

Como mr. Birrell, que foi o principal secretario da Irlanda durante todo esse periodo de incubação—occupou esse logar desde janeiro de 1907 até maio de 1916—pôz em evidencia perante a commissão de inquerito ás causas da rebellião de abril de 1916, «houve sempre n'esse paiz uma parte da opinião altamente opposta á ligação com a Inglaterra e em tempo de excitação esse

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Camellos no ar.
AVENIDA—A's 21,30—O correio de Lyão.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré derosas.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Olindo Terrasse e Polytheama.

O fabrico de munições

E a ida de operarios portuguezes para França

De Coimbra, escreve-nos o operario sr. Augusto da Cunha Rocha manifestando-nos o desejo de ir collaborar com os operarios portuguezes que estão trabalhando em França nas fabricas de munições e pedindo-nos que lhe indiquemos o melhor meio de conseguir o seu «desideratum».

Como «A Capital» disse no seu numero de 7 do corrente, virá brevemente a Portugal mr. Albert Thomaz, ministro das munições em França e embora n'este momento seja um problema muito digno de ponderação a sahida de operarios do paiz, estamos convencidos de que entre o governo e o nosso illustre hospede se combinarão as coisas de fórma a que se attenda a todos os legitimos interesses.

Só então poderemos fornecer ao sr. Rocha as indicações que de nós solicita.

Colyseu dos Recreios

Uma unica «matinée» da moda

Hoje realisam-se mais duas sessões com o esplendido e sensacional *film* da mais flagrante actualidade, mandado executar pelo ministerio da guerra reproduzindo em todos os detalhes e com a maior perfeição todos os exercicios das manobras de Tancos e a parada da divisão de Montalvo em que tomaram parte 20.000 homens. Como se sabe é a unica pellicula completa e authetica com os exercicios de Tancos e a parada de Montalvo.

A'manhã, além das duas sessões nocturnas, realisar-se-ha uma unica «matinée» com o sensacional *film*. Deve ser uma enchente colossal identica ás que teem havido todas as noites.

Instrução Militar Preparatoria

Sociedade n.º 5—Os alistados d'esta sociedade bem como os instructores devem comparecer ámanhã, no Campo de Jogo do Lyceu Pedro Nunes, pelas 7 horas, afim de concluirem as provas desportivas que não puderam realisar-se no passado dia 6, pelo adeantado da hora a que terminaram as provas finaes que tiveram logar n'aquelle dia. As faltas dadas e não comprovadas com attestado medico serão apontadas para os effeitos da multa.

Exames em outubro

Pedem-nos a publicação do seguinte:

São convidados todos os paes e encarregados da educação de alumnos reprovados na presente epoca de exames liceaes, a comparecerem ámanhã, pelas 14 horas, no Centro de Explicações Elias Garcia, sito na Avenida Almirante Barroso, 62 (em frente ao Lyceu Camões) a fim de se combinar e resolver a melhor maneira de levar a effeito uma segunda epoca de exames em outubro, em conformidade com o já tratado e conseguido no anno lectivo proximo passado.

TOURADAS

Algés—Realisa-se ámanhã uma corrida em que toma parte o arrojado artista Eladio Amorós, que apesar de só ter 14 annos é já um notavel toureiro.

E' cavalleiro Francisco Bento de Araujo e a lide de pé está confiada aos melhores amadores e será coadjuvada por Luciano Moreira, que tambem lidará a sós um touro.

Em camarotes reservados assistem representantes do ministerio e a officialidade e marinheiros e a officialidade da esquadra ingleza.

Victima de desastre

O funeral

Pelas 14 horas de amanhã sahe do edificio da Morgue o funeral do pequeno Anthero d'Almeida Barros, filho do sr. Antonio d'Almeida Barros, antigo socio da Concentração Musical 24 de Agosto, que ha dias ficou com a cabeça debaixo de um cylindro de calcar pedras, na rua Particular, aos Prazeres.

No funeral encorporam-se a Banda da Republica e todos os seus socios, assim como representantes de outras collectividades.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Creança estrangulada

A policia procura os criminosos

Em frente dos «hangars» dos electricos, em Santo Amaro, ha uma ingreme calçada que vae dar ao Casal Tolão, onde existem varias propriedades, entre as quaes o palacete do sr. marquez de Val-Flôr. A meio da calçada fica a ermida de Santo Amaro. Um pouco mais acima ha umas terras a que dão o nome das «Bruxas» e que ficam proximo de um muro pertencente a uma outra propriedade d'aquelle titular. Hoje foi recebida communicação, na esquadra do Calvario, de que nas terras se encontrava o cadaver de uma creança embrulhado em papeis. Da esquadra sahiu immediatamente um policia e do governo civil, para onde o caso foi participado, o agente Jeronymo Martins, a fim de proceder a investigações. No local via-se, com effeito, o cadaver de uma creança nua, mettida dentro de um sacco de papel de mercearia e este embrulhado n'um jornal. A' volta do pescoço tinha um cordel e signaes evidentes de ter sido estrangulada. Tudo parece indicar que a creança tinha nascido viva a noite passada, pois se nota n'ella a falta de tratamento que é de uso dar quando uma creança nasce.

Depois das formalidades usuaes, o pequeno cadaver foi removido para a Morgue, continuando a policia nas diligencias para apurar quem são os criminosos.

Sociedade de Lisboa Industrial

Sociedade anonyma de responsabilidade Limitada

Capital realisado 300:000$00

Por ordem do Ex.mo Sr. Presidente da meza da Assembleia Geral, convoco os srs. accionistas que fazem parte da mesma assembleia, a reunir-se em segunda sessão extraordinaria conforme preceitua o art. 21.º dos estatutos no dia 28 do corrente mez ás 20 1/2 horas prefixas no escriptorio da Sociedade na rua de S. Julião, n.º 131, 2.º andar, afim de se manifestarem sobre uma proposta apresentada na sessão de 10 do mez actual a que diz respeito ao n.º 3 do art. 20.º dos estatutos e egualmente apreciar o relatorio que apresentar a commissão nomeada na dita sessão.

Lisboa, 11 de agosto de 1916.

O secretario da Assembleia Geral

Alberto Carlos Coutinho Freire

Monte-pio Commercial e Industrial

(Associação de soccorros mutuos)
210, Rua Augusta, 214
58, Rua d'Assumpção, 64

Concurso para admissão de um avaliador

Por ter vagado o logar de avaliador da Caixa Economica d'este Monte-pio, abre-se concurso, pelo prazo de trinta dias, para o preenchimento d'aquelle cargo. As condições e todos os esclarecimentos necessarios presta-os o chefe do escriptorio na séde da associação.

Lisboa, 3 de Agosto de 1916.

O secretario da direcção
Joaquim Pereira Jorge.

parte póde impôr os seus sentimentos a um grande numero de população.»

E accrescentou que «o espirito do que hoje se chama o Sinn Feinismo é principalmente composto do velho odio pela ligação com a Inglaterra, sempre bem acceite em todas as classes e em todos os logares, variando de grau e tendo differentes modos de se exprimir, mas sempre apoiando-se na politica e no caracter irlandez.»

O «tempo de excitação» necessario para desenvolver esse espirito desleal não faltou certamente durante o vice-reinado de lord Aberdeen e o secretariado de mr. Birrell, sendo o perigo intensificado pelo que a commissão chamou a «reluctancia mostrada pelo governo irlandez em reprimir pela perseguição as manifestações sediciosas escriptas e faladas e para supprimir o levantamento e as manobras de forças armadas que se sabia estarem sob a fiscalisação de homens que eram abertamente hostis ao governo de sua magestade e estavam promptos a receber de braços abertos e auxiliar os inimigos de sua magestade».

Juntamente com a expansão dos Sinne Fein ou antes anterior a essa expansão havido ido crescendo na Irlanda um espirito geral de falta de respeito á lei como não teria sido possivel ou permittido com um outro governo. Devido á questão agraria, eram frequentes os desacatos. O decreto que legislou sobre armas, pondo as restricções precisas á importação e á venda de armas perigosas, embora não prohibindo o emprego legitimo de armas de caça por uma população pacifica, não foi cumprido, contra a opinião unanime de todas as auctoridades competentes da Irlanda, e espingardas e revolvers estavam em breve prazo sendo vendidos no paiz em todos os estabelecimentos de cada aldeia.

A velha conspiração feniana, que havia dado origem ao levantamento de 1866 e tivera a responsabilidade de alguns attentados dynamitistas, de novo manifestou uma perigosa actividade. E enquanto tudo isto se passava, o poder executivo da Irlanda não deu signal de si, nem tomou medidas algumas.

Ao tomar conta do seu cargo, mr. Birrell declarou que «achava a Irlanda nas condições mais pacificas em que se encontrava ha seiscentos annos» e parece ter-se obstinadamente recusado a crêr que as coisas pudessem mudar e ter fechado os olhos e o souvidos a toda a evidencia em contrario.

Foi considerando taes circumstancias que a commissão de inquerito entendeu que o principal secretario era «primariamente responsavel pela situação que tinha deixado formar-se pelo que havia occorrido.»

«A causa principal da rebellião—disse a commissão—parece ter sido a falta de respeito á lei a que nunca se pôz cobro e que a Irlanda havia muitos annos que era administrada attendendo ao principio de que era mais seguro e mais expedito deixar de se obrigar a cumprir a lei do que ter um choque com qualquer facção do povo irlandez.»

«Uma tal politica—accrescentava a commissão—é uma negação do principal papel do governo que exige que o cumprimento da lei e a manutenção da ordem sejam sempre independentes de considerações politicas.»

Uma outra e ainda mais flagrante tolerancia da falta de respeito á lei era a que se ligava com o que se chama o «Larkinismo», que merece menção especial por ser origem do «exercito de civis», que teve parte tão sinistra no levantamento.

Ja...s Larkin, que se apresentava como um dirigente operario, embora não fôsse reconhecido ou auctorisado por qualquer «trade union» seria, appareceu em scena na Irlanda em 1906 como organisador de frequentes gréves nos portos de mar. Depois de algumas passagens turbulentas em Cork, onde foi renegado e perseguido pela União dos Trabalhadores das Docas de Liverpool, com a qual estivera anteriormente em contacto, conseguiu em 1907 fomentar uma formidavel

gréve, acompanhada de grandes tumultos, em Belfast.

Preso e submettido a julgamento accusado de, não sendo grévista, se ter entregue a violencias, Larkin foi absolvido pelo tribunal, por não haver motivo para ser perseguido.

Como as auctoridades o haviam absolvido depois do que elle fizera em Cork, espalhou-se a crença de que medidas repressivas não podiam ser tomadas contra o seu modo de proceder e entraram em scena os tumultos e as violencias.

Lord Shaftesbury, lord mayor de Belfast, os magistrados e outras auctoridades locaes representaram energicamente contra o que se passára, mas medidas algumas foram tomadas contra as gréves e desenhou-se a ameaça d'uma falta completa de cumprimento da lei, devido a uma gréve da policia.

Os soldados intervieram, a multidão fez fogo sobre elles, vidas foram perdidas, medidas repressivas se tornaram necessarias e então os innocentes soffreram juntamente com os culpados.

Uma das consequencias da gréve foi que os industriaes e os commerciantes de Belfast vendo que era impossivel, na falta de protecção da policia, levar as suas mercadorias para as docas ou d'ahi trazel-as para os seus armazens, armaram-se e aos seus creados e escoltaram essas mercadorias até aos paquetes, pondo-as assim em segurança a bordo.

Foi assim que o Ulster começou a armar-se e proveiu isso da falta de confiança na firmeza e na justiça das auctoridades de Dublin Castle.

Quando, apoz as eleições de 1910, se viu que o Home Rule estava imminente e foram feitas ameaças de empregar a força para vencer a resistencia do norte, foram formados os voluntarios do Ulster.

As objecções politicas e religiosas postas pela maioria do Ulster ao governo d'um parlamento de Dublin, em cuja lealdade á Inglaterra e ao imperio não confiavam e em que os seus representantes haviam de estar forçosamente em minoria, tomaram uma feição febril, especialmente desde que a abolição do veto da Camara dos Lords os deixára sem protecção constitucional contra uma provavel maioria na Camara dos Communs.

Mas havia o sentimento, que a amarga experiencia de 1907 fizéra nascer nas classes industriaes e commerciaes, de que Dublin Castle sob a direcção dos nacionalistas não offerecia garantias de poder continuarem a desenvolver-se pacificamente as industrias de que tiravam os meios de vida e que tanto faziam florescer a provincia.

O resultado foi a publica e abertamente confessada organisação de um corpo de «voluntarios» sob a direcção de sir Edward Carson e com a sancção e apoio das corporações politicas, municipal e industrial do Ulster.

Mais de cem mil homens foram rapidamente alistados, armas foram compradas e um solemne convenio foi tomado em que os signatarios, renovando a sua declaração de lealdade ao rei e ao imperio, se comprometiam a defender pela força das armas, se necessario fôsse, o que consideravam como ponto fundamental dos seus direitos e da não diminuição de cidadãos britannicos.

Foi a imitação d'esse armamento e levantamento de exercito de civis e de outros corpos de voluntarios no sul, com objectivos differentes, que em muito contribuiu para a rebellião.

Depois de Belfast, Larkin voltou para Dublin, onde, em 1913, organisou uma gréve de «trabalhadores de transportes», esforçando-se, como de costume, por fazer paralysar toda a vida industrial da cidade. As condições de trabalho n'aquella cidade eram realmente más, assim como as de alojamento, o que dava margem a que um agitador pudesse aproveitar-se das circumstancias.

O trabalho era deficiente e irregular, o salario escandalosamente baixo e alojamentos decentes para as classes trabalhadoras quasi impossiveis de obter.

Eram vulgares as queixas de que as auctoridades prestavam demasiada attenção aos oradores politi-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2154—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º | LISBOA—Domingo, 13 de Agosto de 1916 | Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5,1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica,71 | Preço 2 centavos

A alliança

O que hontem em Lisboa se passou foi um acto absolutamente excepcional nas relações dos povos. A Inglaterra mandou a Portugal dois dos seus navios de guerra, dos quaes desembarcaram os seus commandantes que foram ao palacio de Belem, acompanhados pelo sr. ministro da Inglaterra saudar o Presidente da Republica Portugueza, e forças da sua guarnição que em frente do palacio desfilaram na presença do chefe do Estado, ao qual depois, em ordem de formatura, apresentaram armas, soltando vibrantes «hurrahs» em honra do nosso paiz e do seu venerando representante.

A Inglaterra não podia fazer mais do que fez. A sua homenagem á nossa patria não nos penhora só: orgulha-nos e commove-nos. Não se pode fazer mais para mostrar que as duas nações estão absolutamente irmanadas, e que, se uma é mais poderosa do que a outra, a mesma sublimidade as identifica.

A grande Inglaterra, o maior imperio que existe á face do mundo, a Inglaterra invencivel que combate como nenhuma outra nação n'esta lucta gigantesca, visto que combate no mar e na terra, apresentando no mar a esquadra mais formidavel que até hoje tem apparecido sobre as ondas e que, em terra apresentando já um dos mais fortes exercitos que n'esta guerra se enfileiram, a Inglaterra, a livre Inglaterra, a omnipotente Inglaterra, tão grande pelo espirito de liberdade como é grande pela sua força e riqueza, testemunhou a Portugal a sua amisade, a sua lealdade, o seu preito, de uma forma absolutamente excepcional, fazendo tudo quanto era possivel esperar-se da sua correcção e camaradagem, e mais ainda do que se podia prever.

Mandou aqui os seus navios e seu nobre representante acompanhou a Belem os seus valentes officiaes, os seus intrepidos marinheiros apresentaram armas ao chefe do Estado, que symbolisa a Nação. Deu-nos todas as provas de consideração, todas as provas de estima, e a estas demonstrações da mais poderosa das nações do mundo Portugal só póde corresponder com a sua lealdade sem limites, com a sua dedicação inquebrantavel, sujeitando-se a todos os sacrificios e disposto-se a todos os heroismos para que a causa da Inglaterra, a que é duplamente a nossa porque é a da nossa alliada, e porque é a nossa propria causa, visto ter-nos sido declarada a guerra pela Allemanha, em breve espaço, e para felicidade do mundo, deslumbrantemente triumphe!

Ninguem representa mais lidimamente a força, a grandeza e a gloria da Inglaterra do que a sua marinha. Os bravos marinheiros que hontem fizeram a continencia militar ao chefe de Estado da Nação portugueza, são os camaradas dos heroicos luctadores da Jutlandia que recentemente affrontaram o maior furacão de metralha que tem passado sob o firmamento. Corôa-os uma inexcedivel gloria, porque representam a marinha ingleza, que está renovando de maneira magnifica os louros de Nelson, essa marinha que ha dois annos impera sobre os mares, assegurando a sua liberdade, e com ella a existencia dos povos e o triumpho do direito. Como não havia de entranhadamente commover-nos esse espectaculo, cuja recordação não se apagou do peito dos portuguezes d'esta epoca, cheia de sobresaltos e angustias, mas tambem de sagrados e sublimes impulsos?

A essa emoção deve succeder a noção precisa do dever a cumprir. Portugal ergue a fronte com altivez. A Inglaterra confiou na nossa lealdade, como todo o mundo livre confiou no nosso espirito. Não tiveram que registar nenhuma decepção dolorosa. Na hora da crise tremenda, outros fraquejaram não tomando a attitude que lhes impunha o culto da justiça e a honra d'uma civilisação. Não trepidou este pequenino Portugal. Elle soube ser digno da sua historia, onde tambem ha grandezas a registar, e onde são legião os feitos de heroismo e de nobreza. E' preciso que continuemos no mesmo caminho, indo até ás ultimas consequencias da attitude que livremente tomamos. Iremos até ao fim! Seremos dignos da velha e grande alliança, que é uma das nossas glorias e a maior garantia do nosso futuro. Não é a primeira vez que inglezes e portuguezes se batem juntos, e os intrepidos luctadores reconhecerão que somos ainda os soldados a que o grande Wellington soube prestar justiça, ao cabo da campanha formidavel em que a Inglaterra deu o golpe decisivo n'um dos maiores imperios que tem existido no mundo.

A mesma ambição, cujo jugo a Inglaterra não consentiu que pesasse sobre o terra, suscitou hoje um novo desvario de sangue. Anniquilar a ambição é varrer de sobre a humanidade um pesadello tremendo. Ao lado da Inglaterra, Portugal irá ferir a aguia germanica em pleno coração!

Mercadorias brazileiras no porto de Lisboa

RIO DE JANEIRO, 13.—Causou boa impressão o telegramma noticiando o augmento do praso para a entrega de mercadorias brazileiras retidas em Lisboa a bordo dos navios allemães requisitados.—(*Americana*).

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

Manual da Instrucção Militar

pelo coronel Miguel Garcia

Organisado em harmonia com o programma estabelecido pelo decreto de 23 de junho de 1916, inserto na Ordem do Exercito n.º 15, acaba o nosso amigo sr. Miguel Garcia de publicar este manual, para servir de guia aos instructores e instruidos das Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria.

Sabendo-se que o sr. coronel Miguel Garcia é um escriptor militar dos mais distinctos, como o provou nos artigos com que por mais d'uma vez honrou as columas da *Capital*, e alem d'isso um verdadeiro apaixonado pela instrucção militar preparatoria, como o tem demonstrado no logar que occupa na Sociedade n.º 1, póde bem avaliar-se o escrupulo e a proficiencia com que o «Manual da Instrucção Militar» foi organisado.

E' a primeira parte abrangendo as seguintes partes: Subordinação e respeito á bandoira»—«Tactica»—Instrucção elementar de tiro»—«Tiro ao alvo»—«Arigos individuaes de combate»—«Hygiene»—«Gymnastica educativa?

A edição é da livraria Ferin.

Contra o analphabetismo

RIO DE JANEIRO, 13.—O deputado Pedro Moacyr apresentou na Camara um magnifico relatorio sobre a utilidade do desenvolvimento das ligas contra o analphabetismo.

O deputado Fausto Ferraz propoz que se empregassem as multas sobre os contrabandos fiscaes no sustento das dictas ligas.—(*Americana*).

AVE, FRANÇA!

O JUIZO DE GÓMEZ CARRILLO

Como o grande jornalista respondeu a uma pergunta do "Boletim Official dos Exercitos da Republica,,

Pouco antes de morrer, o grande Ruben Darío assegurava que «não ha no mundo um escriptor mais francez que o auctor de *Campos de batalha e campos de ruinas*.» Na realidade, somos muitos os que, desde ha dois annos, celebramos no estrangeiro a gloria sublime da França guerreira. N'estes ultimos dias, tive o prazer de o demonstrar a um amigo dos que, á força de ler periodicos carlistas de Hespanha, crêem que quasi todos os intellectuaes hespanhoes são germanophilos.

—Repare em Benavente—dizia-me elle.

Respondi-lhe eu:

—Aponte outro...

Não se encontra, com effeito, na litteratura castelhana, nas espheras elevadas, nem um unico cuja assignatura pudesse figurar n'um manifesto em favor da «kultura» germanica. Ha-os, sem duvida, que admiram a sciencia, o methodo, a energia da Allemanha trabalhadora. Que se inclinem perante a Allemanha militarista do «Deutschland uber alles», não vejo quem se possa citar. Em compensação, quando se quizerem citar admiradores apaixonados da França guerreira nem necessidade existe de procural-os. Basta citar os nomes mais illustres. Não são francophilos ardentes e combatentes Pérez Galdós, Blasco Ibáñez, Palacio Valdés, Mariano de Cávia, Miguel de Unamuno, Valle Inclán, «Azorin», Alfredo Vicenti, Melquiades Alvarez, Araquistáin, Ortega Gasset, Rusiñol, Guimerá, todos os grandes, todos os mestres, em summa? E ha-os, não obstante, entre elles que, antes da guerra, tinham pouca sympathia pela França. Perguntae porque a Unamuno e responder-vos-ha francamente:

—Porque antes não conheciamos senão o que os francezes diziam de si mesmos, ao passo que hoje vêmos o que fazem...

Por minha parte, a unica coisa de que me envaideço é de nunca haver dado importancia á estranha coqueteria com que certos litteratos parisienses tratavam out'ora do fazer crer a patria de Napoleão estava em plena decadencia moral. E, no entanto, vivi na minha juventude entre os chamados «decadentes», assisti á eclosão dos refinamentos bizantinos descriptos por Huyssmans, fui um dos comensaes dos banquetes da «Plume», nos quaes se glorificava o anarchismo e se chasqueavam os ideaes tradicionaes. A Verlaine ouvi dizer:

> Je suis l'Empire à la fin de la décadence,
> que régarde passer les grands barbares blancs
> en composant des acrostiches indolents...

E, emquanto os estrangeiros, em geral, tomavam tudo aquillo por palavras d'um evangelho da debilidade e da resignação, vi o que por detraz de cada fatigada máscara se escondia. Decadentes, aquelles homens?... Não. Enganados, talvez, por um pacifico sonho, pensavam mais na doçura de viver que na voluptuosidade de morrer... Mas se a guerra houvesse estallado em 1896, em vez de rebentar cinco lustros mais tarde, os mesmos que se deleitavam parodiando o scepticismo das «Ententes», teriam corrido para a fronteira cantando as estrophes de Déroulède.

Ainda me lembro da afflicção sincera com que, nos momentos das negociações diplomaticas que precederam o conflicto actual, um grande politico da America latina, conhecedor profundo da alma franceza, me disse:

—O grande perigo está no militarismo.

—Se não é mais do que isso—respondi—esteja o senhor descançado.

Porque eu sabia que, ainda os que com mais apparente convicção cantavam as estrophes criminosas da Internacional, eram incapazes de vêr passar um regimento marchando ao compasso de «Sambre-et-Meuse», sem que sentissem erguer-se do fundo da alma a esperança da desforra... A união sagrada que hoje surprehendeu o mundo existiu sempre n'este povo quando se trata da Patria. E o formoso, o sublime d'esta união é que não foi creada por uma propaganda embriagadora, como a do pangermanismo, que só promette conquistas, que apenas se nutre de orgulho de raça, que só vibra no odio, mas, pelo contrario, soube sempre subordinar os seus atavicos instinctos guerreiros a um ideal supremo de amor do universo. Hoje mesmo, em meio do magnifico delirio da lucta, emquanto n'outros povos o cheiro acre do sangue parece ter subido ao cerebro das multidões, em França a guerra continúa sendo, ainda para os que com mais heroismo e com mais enthusiasmo tomam parte n'ella, uma lamentavel necessidade.

Sentindo-se vencidos, apezar dos seus exitos theatraes e inefficazes, os allemães pensam em preparar-se, ao abrigo da paz futura, para uma futura guerra.

Em França, que poderia, não obstante, gabar-se a sua riqueza, graças ao seu genio inventivo, graças aos seus methodos industriaes, organisar em poucos annos uma força formidavel, para emprehender uma nova lucta, a unica coisa em que se pensa é em fazer uma paz de tal natureza que nunca mais possam perturbal-a os turbulentos germanos. «E' preciso matar o militarismo prussiano» dizem os militares francezes. E, n'esta phrase apenas, se manifesta toda a differença que existe entre o espirito das duas nações, das duas raças, das duas almas.

Aqui, com effeito, o guerreiro é um cidadão que só pega em armas no momento de perigo para defender o seu lar e a sua independencia, ao passo que além Rheno o soldado é um instrumento ao serviço das ambições nacionaes que, ainda em tempos normaes, cumpre, em nome do principe, o dever odioso de sobrepôr-se á lei civil e de crear, dentro de Estado laborioso, um despotismo pretoriano.

Ah, o guerreiro francez! Com quanto respeito, com quanta veneração nos cumpre, a nós homens livres, inclinar-nos diante d'elle! Quando o rude Kipling diz: «Devemos ajoelhar-nos ante esses heroes», não expressou unicamente o seu enthusiasmo pelo arrojo sublime dos que morrem sorrindo, mas faz comprehender a força moral que representa dentro da humanidade moderna, agitada por mil solicitações de injusta violencia, o exemplo de um povo que se levanta acima de todas as más paixões como o verdadeiro adail do Direito. Melhor que ninguem, Maurice Barrès o disse ao exclamar: *Les poilus seront les saints de la France.* Porque realmente ha qualquer coisa de divino, de sobrehumano, qualquer coisa que ninguem poderá prevêr, na doce paciencia com que este paiz prosegue, sangrando sempre, soffrendo sempre e sendo sempre gentil, como Bayard, uma peleja titanica.

Mais tarde, quando á luz da historia se conheça a epopeia actual em todo o seu esplendor, não haverá no universo um unico homem que não se sinta commovido ante o esforço francez. Por haver salvo o mundo antigo da barbarie, Athenas foi canonisada pelos milenarios. E que foi Marathona, que foi Salamina se se compararem com Verdun, com o Iser, com o Marne?

O que penso da França?... O que a posteridade pensará; nada mais... E' qualquer coisa de religioso, de profundamente terno; qualquer coisa em que ha reconhecimento e exaltação; que me enche a alma de visões cavalheirescas, de esperanças nobres, de alegrias generosas; qualquer coisa que vagamente fluctua ante meus olhos e que me parece um trapo molhado em sangue que, palpitando ao sol do porvir, se converte n'um estandarte de purpura...

O que penso?... Penso que a França redime o mundo do seu peccado de egoismo, que a França illumina o mundo com uma chama de justiça, que a França salva todos os ideaes que fazem da humanidade alguma coisa superior a um sanguinario rebanho.

O que eu penso é que, se a França não existisse, seria doloroso viver n'estes instantes em que anda solta a féra humana.

Ave, França!

E. GÓMEZ CARRILLO.

Portugal é uno como um bloco de granito

Affirmações patrioticas do decano dos republicanos portuguezes na Bahia

O nosso presado collega «Jornal de Noticias», o mais importante orgão de publicidade da Bahia e dos mais antigos periodicos do Brazil, publicou um interessante entrevista com o sr. José Luiz da Fonseca, portuguez respeitabilissimo que ha muitos annos reside na capital do opulento estado, na qual o velho e intemerato republicano expõe as suas impressões sobre os compromissos de Portugal com a Inglaterra, nossa velha alliada e o patriotismo dos portuguezes.

Fez o decano dos republicanos portuguezes na Bahia um resumo claro e concludente das razões que os obrigam a cooperar com a altiva e nobre nação nossa alliada no actual pleito, julgando logico que o nosso paiz acceitasse egualmente o repto da Allemanha, e nutre a esperança de que os nossos soldados sahirão d'essa lucta tremenda cobertos de gloria.

Nota com desvanecimento o sr. Fonseca Magalhães que o povo portuguez recebeu a declaração de guerra com enthusiasmo, mais, com delirio, sem controversias de caracter politico ou religioso.

Temos collaborado, diz, até agora, na guerra contra os imperios centraes, de dois modos, physica e moralmente, enviando o nosso auxilio bellico á Inglaterra, desinteressadamente, e dando-lhe a nossa contribuição em forças armadas e adextradas e affirmando a nossa sympathia a esse paiz e aos que com elle collaboraram na causa do direito, da justiça e da liberdade.

Termina por affirmar que Portugal é uno como um bloco de granito, todos os portuguezes darão tudo pela Patria, pela inviolabilidade do solo luzo, pela integridade do paiz e pela segurança das suas familias.

Bancos agricolas no Brazil

SÃO PAULO, 13.—A Sociedade de Agricultura enviou aos governos dos estados um substancioso estudo sobre a necessidade da fundação de Bancos Agricolas em todos os estados da União.—(*Americana*).

TERRAS DE PORTUGAL

As minas do Lousal

O creador da nossa sciencia mineira—O que as minas dão em pyrite e o que podem vir a dar

LOUSAL, 12.—O segundo dia que passo na mina gasto-o em inqueritos varios. O meu desejo consiste em saber tudo, em desvendar tudo, em ficar conhecendo por dentro e por fóra quanto a esta grande empreza possa dizer respeito. O sr. Roldão Preto é o meu amabilissimo informador. Aqui não ha segredos. Tudo se passa á luz do dia, e até o que se faz debaixo da terra está á disposição de quem, para viver certas paginas do *Germinal*, quizer vêl-o. A casa Burnay é a proprietaria do Lousal, como o é dos jazigos de ferro do Alvito, da mina da Matta do Rainha, dos wolframios da Beira Baixa, do grupo dos uranios do Sabugal a Nellas e Beira Alta, do grupo dos wolframios da Beira Alta e das minas de wolframio e oiro de Traz-os-Montes. Foi essa casa, que tem empatados em minas para cima de 2.500 contos, sem lucro até agora, que principiou a explorar os wolframios e os estanhos, a interessar-se pelos uranios, etc. Só o Lousal, que já consumiu mais de 600 contos, começa agora a produzir. Só essa mina, cujo futuro é seguro e que póde vir um dia a equiparar-se á de S. Domingos, principia n'este momento a compensar aquelles que a fizeram d'uma parte dos sacrificios que lhe tem custado.

—A Casa Burnay—diz-me o sr. Roldão Preto—tem dado provas de uma energia e de um arrojo illimitados. Nenhuma se abalançaria a empregar em trabalhos d'esta natureza uma tão elevada somma de capital. A sua secção de minas está, porém, montada d'uma maneira admiravel. O sr. Silva Pinto, que a dirige, é um homem cheio de conhecimentos e é um professor illustre, que bem póde considerar-se o fundador da sciencia mineira em Portugal. Ninguem tem trabalhado mais do que elle em favor do aproveitamento racional e intensivo do nosso sub-solo. Nós, os engenheiros da Casa Burnay, encontramos n'elle o mais precioso dos auxiliares. Espirito lucido, desempoeirado, resoluto, as ideias novas não o assustam. O que elle quer é que as suas minas progridam. O que elle deseja é que d'ellas saia a maior quantidade possivel de minerio. O sr. Silva Pinto é um d'esses trabalhadores honestos, tenazes, intelligentissimos e obscuros, que raras vezes se mostram em publico e que merecem, todavia, os respeitos de nós todos. Diga isso lá no jornal. Creia que pratica um grande acto de justiça.

E o inquerito continua:

—Tudo o que na mina pode fazer-se mechanicamente se faz por meio de machinas —prosegue o sr. Rollão Preto. Já viu os motores geradores da energia electrica e os compressores d'ar, não é verdade? Pois o ar comprimido aproveita-se para a perfuração da rocha no interior da mina. O material de perfuração é americano, empregando-se duas perfuradoras typo C 110 e seis martellos, typo B B R 13, que consomem 60 P 6 de ar comprimido, produzidos por dois compressores de 30 H P cada um. A actual installação d'estes apparelhos vae ser transferida para as proximidades do poço mestre e augmentada com um terceiro compressor de 40 H P, o que permittirá o emprego de mais tres martellos e duas perfuradoras, identicas ás que se utilisam agora. E desde que todo esse material de perfuração e deslocação da rocha esteja montado e a funccionar, poder-se-ha obter a producção de 10:000 toneladas por mez, que é a capacidade calculada para a installação a que está a proceder se presentemente. A preparação das brocas pesadas, conjugadas com as machinas de perfuração, vae fazer-se tambem mechanicamente. O mineiro, no Lousal, está o menos sobrecarregado possivel de trabalhos pesados. A machina substitue-o até onde é possivel fazer essa substituição.

—E a producção total da mina?

—Tende, como já lhe disse, a augmentar, não só em virtude do nosso outillage ser cada vez melhor e mais completo, mas por se procurar alargar constantemente a superficie de exploração, ao mesmo tempo que n'esta região, se pesquizam outros jazigos. O poço mestre, por exemplo, vae ser prolongado até ao piso 110, tendo começado já os respectivos trabalhos de perfuração. N'esse piso tambem se iniciaram já os trabalhos destinados ao reconhecimento d'um novo piso 50 metros mais abaixo, que ficará sendo o piso 160. A maneira como o mineiro se comporta entre os pisos 60 e 110, dobrando a sua secção entre esses dois pisos, e a maneira como o mineiro se apresenta no piso 110 permittem acreditar com razão que o augmento das dimensões da massa continue ainda para além do piso 110. Actualmente, a minas teem reconhecidas e preparadas para intensa exploração perto de um milhão de toneladas de pyrite, que levarão oito annos a extrahir, desde que se mantenha uma lavra intensa de cem mil toneladas por anno.

O sr. Rollão Preto põe nas suas palavras uma paixão que não me seria facil fixar. A sua mina é tudo para elle. Não vive para outra coisa. E até este seu desterro do Lousal, na charneca allentejana, com mattas altas, incultas, montados e deserto por todos os lados, me parece, com certeza, um verdadeiro paraizo, por ser aqui que está a sua mina e que existe o que o interessa acima de tudo e mais que tudo. De resto, eu creio que todos os mineiros devem ser assim. O homem é o eterno caçador de impossiveis. O mysterio é a sua grande tentação. Desvendal-o, é approximar-se mais do infinito, onde pairam todas as chimeras. E ir buscar, a duzentos metros de profundidade, um pedaço de rocha denegrida, da qual se arrancam, quando muito, algumas grammas de cobre, arriscar mil vezes a vida por ninharias de que o mundo não prescinde, deve ser um prazer tão raro como o que sentem os fumadores de drogas geradoras de doiradas phantasias.

—Mas não ficaremos por aqui—prosegue ainda o sr. Rollão Preto. E' que além dos trabalhos propriamente do Lousal, a casa Burnay iniciou em fins de 1915 uma serie de trabalhos de larga envergadura, destinados a dar ao seu campo de acção mais amplitude e muito maior importancia. Assim, nas proximidades da estação do caminho de ferro, fez-se um poço que tem já cincoenta metros de profundidade, e no qual se espera encontrar alguma coisa de interessante. Perto da Asinheira dos Barros, a uns seis kilometros de Lousal, no sitio dos Arneiros, tambem estão a realisar-se trabalhos de pesquiza importantes, que permittem desde já alimentar a esperança, pelos resultados até agora obtidos, de que se esteja em presença d'uma mina de largo futuro, talvez em nada inferior á do Lousal. Além d'isso, ha ainda outros

---

Folhetim de A CAPITAL—13-8-1916

As trez nações

O sr. Presidente da Republica exprimiu, com felicidade, o sentimento nacional quando disse para um jornal francez que a França tem hoje, mais do que nunca, o culto dos portuguezes pelos sacrificios que tem soffrido para oppôr uma barreira á barbarie germanica. Hoje, marinheiros portuguezes e inglezes fraternizam sob os frondosos arvoredos de Cintra, onde ainda perpassa a harmonia d'uma estrophe de lord Byron. Portugal tem a Inglaterra e a França no coração. Com ellas segue para a lucta, — com ellas marcha para a victoria ou para a morte.

O seu procedimento é inspirado pelo dever, suggestiona-o uma nobre causa, orienta-o um patriotico interesse, legitimo e sagrado, mas tambem é devido a um profundo sentimento de affinidades espirituaes. Porque Portugal tem razões para se sentir fraternalmente ligado a essas duas nações que são hoje as mais fortes égides da liberdade e do direito. Na historia de Portugal, a Inglaterra e a França representam atravez dos seculos um grande papel, preparando a nossa segurança material e estimulando as forças da nossa alma, fortalecendo a nossa independencia e propiciando o nosso progresso.

Com effeito, é a um francez que cabe a gloriosa missão de dar inicio á nossa nacionalidade. O conde D. Henrique toma conta de um reduzido pedaço do territorio peninsular, e começa a alargal-o, preparando a independencia futura. Corre sangue francez nas veias de Affonso Henriques, e elle é já um portuguez a valer, um combatente leonino cuja espada cada vez traça mais vasto o agro da Patria. Mas, como para firmar Portugal na posse d'essa independencia, a França e a Inglaterra se devessem juntar, como hoje se juntam velando pelo direito da nossa nacionalidade na campanha commum que travam para restituir aos belgas e aos servios as suas patrias, já inglezes, n'esse reinado formidavel, cooperaram com o rei portuguez para a conquista de Lisboa. Tanto a França como a Inglaterra sagram com o seu espirito a nação quã nasce para dar á civilisação humana admiraveis impulsos.

Com a consolidação da independencia, firmada em Aljubarrota pela espada do Mestre de Avis, firma-se tambem a alliança ingleza, e desde então Portugal não deixou de ter a cobrir a Patria, que dispoz do gladio de Nun'Alvares Pereira, a patria que se fortaleceu sob a couraça de Ricardo Coração-de-Leão. Assim como para a restauração d'essa independencia, a França contribuio largamente em 1640 auxiliando de maneira efficaz o levantamento nacional contra a usurpação hespanhola.

Um dia, não a França,—ao nosso espirito repugna acreditar que a França conscientemente pensasse em arrebatar-nos a liberdade,—mas o imperialismo napoleonico, procura subjugar-nos. E insistimos em que não acreditamos que a França conscientemente o intentasse. A França soffria, hypnotisada pelo genio militar, o mesmo jugo que Napoleão nos quiz impôr. Quem encontramos ao nosso lado? A Inglaterra, que não consente que uma espada, embora sendo a mais prestigiosa das espadas, domine a Europa inteira, para sentar no throno de Carlos Magno o predestinado filho da Corsega, e que entre todos os povos europeus que á sua soberania pretende arrancar, distingue, em primeiro logar, o seu velho alliado, Portugal.

Mas a França não nos invadiu só com as suas armas: invadiu-nos com as suas ideias. As bayonetas dos soldados do Imperio, abrindo sulcos em terra extrangeira, depositaram n'ellos sementes que estavam adstrictos ao seu aço, as sementes da liberdade, as sementes da democracia. Combatendo, porém, o Imperio, a Inglaterra combate a Revolução, d'onde elle, embora impuramente, se gerara. A força das circumstancias precipita-a n'uma reacção conservadora. Vê nas ideias generosas da França o perigo latente do imperialismo militar. E então destaca Beresford para Portugal que, se repellira Napoleão, perfilhara as ideias da França. E com as ideias da França se exime ao jugo prepotente de Beresford.

E' que Portugal não ama só a sua independencia: ama a liberdade. No seu cioso culto da independencia está já o germen da sua alforria civica.

A Inglaterra e a França são dois modelos que Portugal tem sempre procurado seguir. Nenhumas outras nações tem exercido influencia sobre o genio portuguez. São os dois paizes que Portugal melhor conhece, cujas virtudes mais pretende assimilar, em cujo espirito mais procura integrar-se. Na politica, na arte, as suas aspirações são aquellas que os espiritos mais cultos tratam de seguir, empregando para isso todos os esforços da sua intelligencia e da sua actividade. Aos estimulos do affecto alliam-se as aspirações nacionaes. Em Londres ou em Paris, os portuguezes teem a impressão de que se encontram entre camaradas, entre irmãos. Os inglezes são alliados; os francezes são amigos. O austero culto do direito, que na Inglaterra se professa, robustece as noções juridicas da nossa consciencia nacional; o idealismo inquieto e ardente da França, sempre apaixonada pela supremacia da liberdade, casa-se ao nosso anceio sempre fervoroso de emancipação e de progresso. A Inglaterra dá-nos as suas lições, a França dá-nos os seus cantos. E ainda se não fez nada de grande em Portugal, na politica ou na arte, nas iniciativas do pensamento ou do trabalho, que não tivesse o cunho da civilisação que na Inglaterra se marca com a firmeza de uma consciencia recta e na França se destaca com a ara fremente de um bello sonho, que contem sempre uma verdade nova.

Se ha paiz que a Inglaterra e a França possam considerar como irmão, paiz de navegadores e de paladinos, tão capaz de espalhar a civilisação nos mais remotos continentes como susceptivel de levar até aos extremos limites da idealisação as mais doiradas chimeras do espirito,—esse paiz é o nosso. Por isso Portugal, embora mais fraco em recursos, não podia deixar de entrar n'esta guerra em que inglezes e francezes estão empenhados. A patria de Gladstone necessitava do Portugal livre; a patria de Gambetta necessitava de Portugal republicano. A juncção está feita, e depois de operada entre os homens do governo é sanccionada pelos filhos do povo. Foram, de resto, acima de tudo, os povos que a fizeram. Ela resulta de verdadeiros impulsos nacionaes nos trez paizes, porque se é certo que desde o primeiro dia da guerra o povo portuguez anciou por bater-se ao lado da Inglaterra e da França, tambem desde o primeiro dia da guerra, quer na Grã-Bretanha, quer na França, se acreditou logo firmemente que Portugal não deixaria de entrar na mesma cruzada em que essas duas grandes nações se encontravam já envolvidas.

Por isso o sr. presidente da Republica dizendo á França que o seu culto está no nosso coração; os marinheiros portuguezes e inglezes fraternisando, não fazem mais do que assegurar um elo de continuidade espiritual e historica. Se fosse possivel, por inadmissivel hypothese, que a Inglaterra e a França desapparecessem como nações, Portugal, mesmo que não soffresse a menor mutilação, mesmo que a sua independencia e a sua liberdade não fossem de forma alguma atingidas, sentiria um vacuo no coração, reconheceria que estavam feridas de morte as fontes da sua vida. O espirito portuguez não subsistiria sem o influxo da ponderação da razão britanica, sem o calor do radiante idealismo da França. E, por seu turno, se Portugal desapparecesse, absorvido por qualquer outra nação, a Inglaterra sentir-se-hia despojada d'uma porção do seu ser, a França teria a impressão de haver perdido uma parcella da sua alma. A identificação do nosso genio com o genio d'esses paizes é organica. Temos necessariamente de viver ou perecer juntos.

Mayer Garção.

trabalhos projectados, entre o Lousal e Azinheira dos Bairros, os quaes serão iniciados ainda este anno.

—Que pessoal emprega a mina?

—Cerca de 400 homens, cujo salario médio anda por 650 réis. E se não empregamos mais pessoal é porque não o temos. As ceifas, em geral, levam-nos muitos braços. A região é muito pouco povoada. Vâmo-nos, por isso, forçados a ir procurar muito longe, no Algarve quasi sempre, a gente de que precisamos. Fixal-a, porém, é que é a grande difficuldade. Conto, entretanto, conseguil-o, dando a essa gente trabalho na mina vantagens como lh'a fóra não se encontram. O alojamento do minerio vae ser completamente modificado e ampliado. As novas casas que se construirem terão cinco divisões. A cooperativa já existente será ampliada. Crear-se-hão campos de jogos e procurar-se-ha, por todos os meios, enraizar á mina o mineiro que vier aqui procurar trabalho.

E como quem volta a encontrar o fio d'um interrompido raciocinio, o sr. Rollão Preto acrescenta:

—Hei de crear a povoação, como hei de crear a seara e a floresta. Toda a casa de operario, agrupada com outras, terá o seu jardim, como todos os terrenos, proprios para isso, crearão pinheiros e eucaliptos. De cada uma d'essas especies de arvores, espero vêr acrescer, no Lousal, dentro em pouco, mais de 100:000. E o resto do terreno, de facil aproveitamento, será utilisado na cultura intensiva de generos de facil consumo na mina. Presentemente, já estão plantados 6:500 eucaliptos. Esta herdade, com cerca de 200 hectares, será dividida em duas partes—uma para matas e outra para searas e hortas. Escuso dizer-lhe quanto isso tudo contribuirá para melhorar as condições hygienicas d'estes sitios, que não dispensam por ora, completamente, o uso do sulfato de quinino...

D'aqui em deante, a palestra gira em torno de indicações complementares. Sei, por exemplo, que, passado o periodo actual de preparação para uma exploração intensiva, a mina póde produzir até 60:000 toneladas de pyrite por mez, como póde elevar os seus stocks a 100:000 toneladas e depois a 300:000, que são as da mina de S. Domingos. O minerio aproveitado segue todo para o Barreiro, em comboio de ferro, pagando de frete 5,6 por kilometro e tonelada. Cada tonelada deve valer entre 2$100 e 3$000 réis. Da pyrite do Lousal extrahem-se, principalmente, enxofre, acido sulfurico e oxido de ferro. Basta isto para se avaliar a utilidade d'esse minerio. Sabendo-se quanto o acido sulfurico é presentemente essencial em todas as industrias, o desenvolvimento industrial d'um paiz pode bem avaliar-se pela quantidade d'esse mesmo acido que n'elle se consumia. O Lousal, como se encontra hoje, é já a ambicionar a realisação d'um emprehendimento cheio d'ousadia. Dentro em pouco, porem, será seguramente, uma das melhores regiões mineiras de Portugal.

ADELINO MENDES.

A navegação luzo-brasileira

RIO DE JANEIRO, 13 DE AGOSTO DE 1916—Produziu grande satisfação no meio commercial a noticia transmittida de Lisboa, annunciando a proxima partida de alguns navios ex-allemães com destino aos portos do Brasil. A colonia portugueza e a Camara Portugueza de Commercio pensam em enviar ao governo felicitações e agradecimentos.—(Americana).

"Castellos no ar,,

A' manhã recita da moda no Republica, o que quer dizer que é noite de recita elegante com a revista phantasia «Castellos no ar», que continua a sua carreira triumphal, sendo applaudidissimos e bisados não só os novos numeros com que foi ampliada, mas tambem outros que sempre agradaram extraordinariamente e se tornaram populares.

Tiro mysterioso?

Augusto Rodrigues, de 30 annos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 21, quando esta madrugada seguia pela praça Duque da Terceira, foi ferido com um tiro de pistola no braço direito, tendo de recolher para o posto da Misericordia.

Interrogado, disse não conhecer o seu aggressor. A policia investiga.

Official que desapparece

A sr.ª D. Virginia Saraiva Correia, moradora na travessa da Pereira, á Graça, 22, participou hoje á policia que seu esposo, o capitão de infantaria n.º 60, sr. Agnello Pinto Vieira, desappareceu de casa no dia 9 do corrente, não mais dando signal de si, e tendo-se apresentado no quartel general, apesar de ter terminado a licença que estava gosando.

THEATROS

Primeiras representações

APOLLO—«O basar dos disparates», quadro novo da revista «1916».

A revista de André Brun «1916» foi hontem ampliada com um quadro novo de phantasia satirica «O basar dos disparates», que substitui o quadro de «D. Anastacia». Com um scenario muito original de Luiz Salvador e um guarda-roupa todo de phantasia, o novo quadro, cheio de leveza e ornado de numeros de musica alegres e saltitantes, vem dar um accrescimo de vida e de colorido á revista do Apollo que caminha para a sua centesima representação. No novo quadro, todo elle de uma symbolia amavel e sorridente, Chaby Pinheiro incarna uma synthese grotesca «O pateta das luminarias», que elle desempenha com o seu habitual talento. Jesuina Saraiva na «Toleirona», Georgina Gonçalves e Garcia nos «Disparates da moda», Flora Dyson e Pinto Ramos no duetto da «Rasão» e do «Disparate», Lina Sant'Anna e os restantes artistas no numero pantomima dos «Disparates de amor», cantaram, dançaram e representaram com o bom humor e a vivacidade requerida, bem coadjuvados pelo coro coral. Angelica Victor, Duarte Silva e Candeira, aquelle na «Madureza» e este no «Absurdo», conduziram o novo quadro com alegria.

«1916», que termina no fim do mez a sua temporada em Lisboa, foi accrescentado com mais um elemento de agrado.

Vêr na 4.ª pagina «Questões militares»

O ouro de Minas Geraes

BELLO HORIZONTE, (Minas Geraes), 13.—A companhia da electricidade pediu ao governo do estado autorisação para terminar a installação de energia electrica da cidade de Santa Barbara para o estabelecimento da força matriz para a exploração das minas de ouro de Santa Quiteria.

PEQUENAS NOTICIAS

No posto da Misericordia recebeu hoje tratamento Maria da Luz, moradora na rua da Alegria, 22, 4.º, que na Avenida da Liberdade foi atropellada por um automovel, ficando com o braço direito fracturado. O «chauffeur» foi preso.

—A policia continua nas suas investigações a fim de apurar quem são os auctores do crime de assassinio da creança cujo cadaver hontem appareceu junto de um muro no Casal Rolão. A policia aguarda o resultado da autopsia. Tambem o director da policia aguarda o resultado da autopsia d'aquelle menor de 5 annos, que ha tempo foi encontrado morto n'uma ribeira perto da Serra de Monsanto, não tendo até hoje o conselho medico-legal dado signal de si.

Isto quer dizer que amanhã ninguem falta para vêr a extraordinaria bailarina Nina Walky, que segundo affirmam é uma artista de enorme valor, e para isso basta dizer que dançou no Olympia, de Londres e na Opera de Paris.

Parece-nos que é qualquer coisa.

Morto por um automovel

O capitão sr. Manuel Eduardo de Souza Martins, professor do Collegio Militar, residente na Luz, tinha um filho de nome Ruy Eduardo de Souza Martins, de 13 annos, o qual, hoje de manhã, ás 8 horas, saiu de casa e se dirigiu pela estrada militar em direcção a Bemfica. Quando passou proximo do cemiterio d'aquella localidade, foi colhido pelo automovel n.º 119, guiado pelo «chauffeur» Antonio José da Silva Machado, morador na praça do Rio de Janeiro, 3.

O pequeno Ruy ficou estatelado no chão, e o causador do desastre apressou-se a mettel-o no auto e a leval-o para casa de seus paes, mas quando ali chegou era já cadaver.

O «chauffeur» apresentou-se á policia e á casa do sr. capitão Sousa Martins foram todos os professores empregados do Collegio Militar e muitos amigos apresentar-lhe as suas condolencias.

ULTIMAS NOTICIAS

PORTUGAL E INGLATERRA

Os marinheiros do "Suffolk" e "Narcizus,,

visitam Cintra, dando, no regresso á capital, occasião a uma imponentissima manifestação

A excursão a Cintra, organisada pelo ministerio da marinha, em honra da officialidade e tripulações dos navios inglezes, decorreu animadissima, comquanto as primeiras horas da manhã não tivessem sido favoraveis. Eram 9 horas e meia, quando o comboio especial se poz em andamento, com uma atmosphera que presagiava mau tempo. A meio da viagem, cahiram as primeiras gottas d'agua e o tempo até ao meio dia conservou-se enevoado ou chuvoso. Na excursão tomaram parte o presidente do ministerio, ministro da marinha, ministro de Inglaterra, chefe da divisão naval ingleza, commandantes dos navios britannicos e officialidade, Leotte do Rego, commandante da divisão naval; Pereira d'Eça, commandante da 1.ª divisão; capitão de mar e guerra Silveira Moreira, major general d'armada interino; commandantes do «Almirante Reis», «Guadiana» e «Douro», «Espadarte» e «Kionga», officiaes dos diversos serviços da divisão naval e praças da armada portugueza e inglezas.

O comboio chegou a Cintra, cerca das 11 horas, tendo comparecido ali o sr. dr. Affonso Costa, que chegou de automovel, quando a caravana se approximava do palacio da Pena. Os excursionistas tomaram logar em 50 carruagens que estavam estacionadas em frente da estação. Nas primeiras tomaram logar o presidente do ministerio com o ministro inglez e o commandante do «Suffolk», e na segunda o sr. ministro da marinha com o almirante De Salis e o commandante do «Narcisus». Nas outras carruagens seguiram indistinctamente os outros convidados. Na «gare» e em todos os pontos da villa os marinheiros inglezes foram alvo de carinhosas manifestações, recebendo aqui e ali «bouquets» de flores offerecidos por compatriotas residentes n'aquella estancia ou por outras pessoas que, casualmente, ali se encontravam.

O percurso da villa para o palacio da Pena foi feito n'um constante nevoeiro, que impediu os nossos hospedes de admirar as magnificas paysagens. A visita ao palacio principiou cerca do meio dia e meia hora. Durante esse tempo aprontava-se o almoço que se realisou na grande sala, ao fundo da qual se ostentava o trophéu constituido pelas bandeiras portugueza e ingleza.

Presidiu ao almoço o sr. ministro da marinha, que tinha á sua direita o representante diplomatico da Inglaterra e á esquerda o commandante do «Suffolk». A' frente tomou logar o sr. dr. Antonio José d'Almeida que se fazia acompanhar pelo commandante do «Narcisus» e chefe da missão naval ingleza. O almoço foi de 150 talheres, decorrendo no meio da maior animação. A' entrada a orchestra executou o hymno inglez e, durante o concerto, os convivas entoaram enthusiasticamente a canção de Tiperary.

Ao ser servido o champagne o sr. Victor Hugo d'Azevedo Coutinho brindou pelos heroicos marinheiros inglezes, levantando-se todos os convivas n'uma calorosa manifestação.

O commandante inglez ergueu a sua taça pela armada portugueza, brindando a que os officiaes britannicos corresponderam com os mais vibrantes «hurrahs».

Eram 14 horas quando finalisou a refeição, sendo servido o café na esplanada.

Entretanto, no recinto do «cricket» aprontava-se o serviço destinado ás praças, e officiaes inferiores das duas marinhas. Todos os convidados que tinham almoçado no palacio, desceram para assistir áquella refeição, que decorreu no meio do maior e mais fraternal enthusiasmo.

Dissipara-se completamente o nevoeiro e Cintra apresentava o seu melhor céu. Em volta do campo agglomerára-se grande quantidade de gente, que offereceu flores e cigarros aos marinheiros inglezes.

Eram 17 horas e 15 minutos quando o comboio de regresso se poz em marcha. A estação da villa apinhou-se, acclamando enthusiasticamente os nossos hospedes.

Em muitas estações do percurso havia gente que saudava na passagem os marinheiros, agitando lenços e soltando vivas á Inglaterra e aos alliados.

O comboio arrasta um côro festivo, que atira aos espaços canções patrioticas, que denunciam a fé inalteravel d'estes bravos, que caminham denodadamente para a victoria final da liberdade e da justiça.

Enthusiasticas manifestações na estação do Rocio

A chegada do comboio á gare do Rocio estava marcada para as 18 horas e 30 minutos. Muito antes, já no largo de Camões e immediações se viam centenas de pessoas.

A multidão, anciosa por acclamar os representantes dos nossos alliados, tomou de assalto todas as dependencias da estação, trepando para cima das carruagens. As portas foram abertas de par em par, vendo-se empregados em serios embaraços para manter a ordem. De momento a momento, a multidão vae crescendo sendo a policia já impotente.

São 18 horas e 35 minutos. A multidão agita-se. Ha correrias, gritos, exclamações. O chefe da estação recebe telegramma de Cintra noticiando que o almoço se demorára e que o comboio só chegaria ás 17,54'.

Os comboios partem com atrazo. A's 18 horas menos dois minutos o comboio finalmente entra na estação. Reboca-o a machina 0,59. Os marinheiros, vestidos de branco, juntamente com os nossos, acenam-se e levantam vivas. A enorme multidão rompe em acclamações á Inglaterra, á França, ás nações alliadas. O enthusiasmo é delirante. A varanda do theatro Nacional está repleta. Uma grande bandeira tapa-a quasi por completo.

O largo de Camões está coalhado. O Suisso e o Martinho desapparecem, tal é a agglomeração de povo. Revolucionarios compareceram na estação com as bandeiras nacional e ingleza. Organisa-se o cortejo. Anda-se no ar, tanta é a agglomeração. A musica vem e entrelaçadas as duas bandeiras, bem alto. A multidão de palmas e vivas á Inglaterra. Desce-se ás escadarias e todos se encaminham para o Rocio. Cantam-se hymnos. Os manifestantes entram na rua Aurea e finalmente ali dispersam.

Soldados e officiaes andaram visitando a cidade, indo muitos d'elles assistir aos officios religiosos na egreja da rua Arriaga.

Os navios inglezes sahem do Tejo amanhã ás 10 horas.

O espanto dos marinheiros inglezes

A visita dos marinheiros inglezes é mais uma demonstração da sympathia que a nossa velha alliada nos consagra, sendo inteiramente justas todas as manifestações feitas em sua honra. O povo assim o tem reconhecido, saudando os marinheiros britannicos com enthusiasmo, tendo-os até acompanhado na rua.

Ainda hontem, regressando de Belem, um grupo d'alguns valorosos soldados do mar recebeu no Rocio frementes acclamações da multidão que ali se encontrava. Do Rocio o grupo seguiu em passeio pela rua do Amparo e rua da Palma, passando em frente do Colyseu de Lisboa. Não é facil descrever a impressão de espanto que os marinheiros inglezes manifestaram quando viram o calçado exposto no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, 290 a 290-B. Nem queriam acreditar nos preços marcados, tão extraordinariamente baratos elles são.

A arte de roubar

Adrião Maria da Silva, morador na travessa de S. João da Praça, 19, 3.º, queixou-se de que Antonio da Silva Carvalho, com elle morador, lhe furtara a quantia de 25 escudos, em dinheiro, um fato de fazenda e outros objectos, tudo no valor de 56$50.

Foram presos Fernando Peres, morador em Palma de Cima, mais conhecido pelo «Pé de Chumbo», e José Fidel, o «Pé de Cordel», morador na rua de Santo Estevão, por ás 6 horas da manhã seguirem pela rua Rodrigues Sampaio, transportando um fato com 12 metros de fazenda de 18 no valor de 70 escudos, os quaes lhe foram apprehendidos. Tambem foram presos Albino Ferreira, residente na travessa do Monte do Carmo, 29, 4.º, e José Maria Cabral, no beco do Mirante, 32, loja, a pedido do secretario da direcção do Monte-pio Geral, que accusa o primeiro de ter ido apresentar n'aquelle estabelecimento um cheque, para roubar 300 escudos, o que não conseguiu, e o segundo por cumplicidade.

Amancio Soares Garrido, residente na rua do Paraizo, 62, loja, de 19 annos, natural da Galliza, foi preso a queixa de Diogo Alberto de Mattos, morador na rua da Prata, 51, 2.º, official do vapor «Ligera», surto no Tejo, que o accusa de ter fugido do seu navio, com o fim de embarcar clandestinamente. Interrogado, declarou que estava para partir para Buenos Ayres e que enviára para tal a quantia de 150 escudos. Apurou-se que tudo é falso e que de bordo desappareceram varios objectos.

Hospitalisação de mendigos loucos

A ceremonia de hoje na Albergaria de Lisboa

Como noticiámos realisou-se hoje a inauguração das novas instalações para mendigos loucos, na séde da Albergaria, na Luz, installação que se deve aos esforços do capitão sr. Chagas Franco, governador civil de Lisboa. A's 1 horas e 3 quartos, quando já no largo se encontravam muitas pessoas e a banda da Sociedade de Carnide, chegou em «landau» o sr. dr. Bernardino Machado, que era acompanhado pelo seu secretario sr. Barreto da Cruz. A guarda de honra, feita pelos alumnos da Albergaria, apresentou armas, executando a banda a «Portugueza». O sr. presidente da Republica foi recebido por todo o corpo docente, encaminhando-se depois para a sala dos visitantes. Estavam ali presentes os srs. ministro do interior, capitão Chagas Franco, officialidade do Collegio da Luz, representantes das juntas e commissões parochiaes, do Albergue das Creanças Abandonadas, além de outros.

A' sessão solemne presidiu o sr. dr. Bernardino Machado, que tinha a seu lado os srs. ministro da justiça e o sr. dr. Augusto de Mascarenhas.

Entre outros, usaram da palavra os srs. governador civil, que agradeceu a presença do chefe do Estado, em nome da Albergaria, e Caetano Rego. Seguidamente um cego descerrou o retrato do sr. dr. Bernardino Machado, tocando a banda novamente a «Portugueza».

Terminada a sessão, o sr. dr. Bernardino Machado visitou todo o edificio, tendo palavras de elogio para o sr. Chagas Franco pela sua iniciativa em prol dos mendigos loucos. O sr. presidente da Republica ainda visitou as obras da Albergaria em construcção, findo o que retirou com o mesmo ceremonial da entrada.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

PHOTOGRAPHIA JAPONEZA

Continua aberta até ao fim do corrente mez esta curiosa exposição que tanta concorrencia tem chamado á séde da Sociedade Portugueza de Photographia, rua das Chagas, 9.

Tanto os trabalhos expostos como a decoração das salas tem sido muito apreciados.

NOVO ENGENHEIRO-AGRONOMO

Defendeu hontem sua these, obtendo a classificação de distincto, o sr. Julio Eduardo dos Santos, de cujo trabalho «O vinho do Porto» ha dias nos occupámos com o devido louvor. Ao novo engenheiro-agronomo as nossas felicitações.

DOENTES

Pelos srs. drs. Craveiro Lopes e Sabino Pereira foi hoje feita uma melindrosa operação ao sr. dr. Albano Bordallo Pinheiro Valdez, medico da rua de Mouro...

A grande guerra

Proseguem vigorosamente as operações russas

PETROGRADO, 12. — As tropas do general Brussiloff apoderaram-se d'uma serie de aldeias fortificadas e de toda a linha do Stripa. Todo o sector principal do inimigo deante de Tarnopol e de Butchatche cahiu em nosso poder. O general Letchitsky occupou Nadvornaya e transpoz o Bystritza e o Solotvinskaya.—(Havas).

Occupada Stanislau, os exitos russos succedem-se brilhantemente. O general Letchitsky, que após um intervallo de quinze dias recomeçou nos fins de julho as suas operações, está batendo os austriacos com uma extraordinaria impetuosidade.

As auctoridades civis haviam evacuado Stanislau nos ultimos dias do mez passado. A evacuação começou em 27 de Julho, quando as tropas de Letchitsky, seguindo de victoria em victoria, ameaçavam a cidade. Desde que foi tomada Tysmienica, a queda de Stanislau era tida como imminente. Aquella cidade era, por assim dizer, a sua chave.

O ataque das baterias inimigas foi preparado pela artilharia russa com o bombardeamento por meio de granadas chimicas. Os serventes austriacos, suffocados pelos gazes asphyxiantes, abandonaram os seus canhões, perseguindo a cavallaria o inimigo em fuga.

Nas vesperas da queda de Stanislau, escrevia o sr. Washburn no «Times»:

«A recapitulação das presas russas permitte a avaliação approximativa do que nos dois ultimos mezes fizeram perder á causa dos alliados.

No momento em que os allemães e os austriacos começam a sentir a penuria de soldados e especialmente de officiaes, os russos tomaram, no seu avanço, que, em certos pontos, é de 88 kilometros, 3 generaes, 7.067 officiaes, 330.000 soldados, 504 canhões—incluindo 50 peças pesadas—1.200 metralhadoras e diversos outros despojos de guerra demasiado numerosos para serem mencionados.

«O calculo moderado dá as perdas do inimigo como attingindo um total de 750.000 homens dos seus effectivos originaes.

E' me impossivel dizer quaes são as perdas russas, mas cumpre observar que, no ponto de vista estrictamente militar, ellas não podem influir nada na causa russa.

«Não creio exaggerar dizendo que os russos poderiam supportar o dobro das perdas d'este verão durante cinco annos consecutivos sem receio da falta de soldados, ao passo que outro golpe como o infligido por Brussiloff anniquilaria sem duvida a Austria e reduziria ainda a proeminencia visivel de homens da Allemanha, a qual parece já chegada a um ponto em que as offensivas difficilmente poderão por si se sustentar no futuro, se não se lhe tornarem até impossiveis.

«Após haver passado perto de dois mezes reduzidos n'esta frente, chegarei a duas conclusões ácerca do inimigo.

«A primeira é que se póde esperar, com todos os visos, que um movimento impetuoso force o desmoronamento da Austria; a segunda é que o desmoronamento dos allemães não está perto, embora elles percam Kovel, Brest-Litowsk, Varsovia e mesmo toda a Polonia.»

A lucta na frente occidental

PARIS, 13.—Communicação official das 15 horas:

Ao norte do Somme, noite relativamente calma. Os francezes consolidaram o terreno conquistado.

Um contra-ataque allemão, vindo de Combles e dirigido sobre a egreja e o cemiterio de Maurepas, foi detido pelo fogo das metralhadoras; os allemães deixaram nas mãos dos francezes 80 prisioneiros.

Na margem direita do Mosa os francezes progrediram ligeiramente.

Ao sul de Fleury os allemães tentaram varios pequenos ataques na mesma região, os quaes foram facilmente repellidos.

As artilharias estiveram muito activas no mesmo sector.

O ajudante Lenoir abateu o setimo avião, proximo de Gentrey, Mosa, nas linhas allemãs.

Na noite de 12 para 13 as esquadrilhas francezas lançaram 120 granadas de grosso calibre na gare de Metz-Sablons e sobre os «ateliers» de caminhos de ferro de Metz.—(Havas).

O raid dos aviões alliados sobre Namur

PARIS, 12.—Produziram estragos importantes as bombas dos aviões alliados que fizeram um raid sobre Namur e o canal onde os allemães fazem a reparação dos barcos de transporte para a frente.—(Americana).

Os socialistas allemães não estão contentes

PARIS, 12.—Na moção votada em Leipzig por occasião do grande comicio de terça feira ultima, os socialistas allemães pronunciaram-se contra toda a annexação e repudiaram quaes os verdadeiros fins da guerra.—(Americana).

Os austriacos resistem na zona de Gorizia

ROMA, 12.—Communicação official.

—No Carso as nossas tropas transpuzeram hontem o valle, conquistaram as vertentes occidentaes do Nadlogem (cota 212) e o cume do Oznirsid, tenazmente defendidos pelo adversario. Esta manhã, no rompimento da aurora, conquistaram Opphachiasella, sendo feitos 270 prisioneiros e tomados 3 canhões de campanha e grande quantidade de munições. Os austriacos despejaram as suas artilharias de medio e grosso calibre na zona de Gorizia, o adversario, tendo recebido reforços continua a resistir na cintura do alto Ura, a leste da cidade, protegida tambem pelos tiros de enfiada da grossa artilharia, collocada no planalto de Baisizza. Ao longo do resto da linha acções das artilharias e actividade intensa do inimigo em trabalhos defensivos. No alto Boite as nossas tropas apoderaram-se de novas posições no Tofana segundo. A noite passada os aviões inimigos renovaram a incursão na lagoa de Grado, mas sem fazerem victimas nem causarem prejuizos materiaes.—(Havas).

Manifestações na Romania em honra da França

PARIS, 13.—A partida do ministro francez Blondel deu motivo na Romania a enthusiasticas manifestações em honra da França e dos alliados.—(Americana).

Os novos zeppelins

BERNE, 13.—Os allemães estão construindo, de noite e de dia, zeppelins d'um novo modelo, em forma de peixe, e, quanto ás dimensões, com mais um terço dos actuaes.—(Americana).

Os austriacos sem soldados

PARIS, 13.—Vão ser chamados ao serviço activo do exercito os austriacos de mais de cincoenta annos.—(Americana).

As perdas austriacas em Gorizia

PARIS, 13.—Os austriacos confessam ter perdido em Gorizia 47:000 homens, sendo entre mortos e feridos 30:000 e desapparecidos 17:000.—(Americana).

A matinée de ámanhã no Politeama

A empreza do theatro Politeama pôs á disposição do ministerio da guerra este theatro, a fim de ali se realisar ámanhã, pelas 14 horas e meia, uma «matinée» dedicada ao exercito e na qual serão exhibidas fitas allusivas á actual guerra e bem assim toda a série de impressões da divisão que esteve concentrada em Tancos.

A essa «matinée» assistirão contingentes de todas as unidades da guarnição de Lisboa, guarda republicana, etc., e todos os officiaes do exercito que o desejarem, para o que tem sido largamente distribuidos os bilhetes correspondentes á lotação do referido theatro, na repartição do gabinete do ministerio da guerra, onde podem ser pedidos, visto a empreza ter delegado no referido ministerio a sua distribuição.

A censura postal

Continuamos a receber queixas contra a demora com que é feita a censura postal. Uma carta, vinda do Brasil, pelo vapor «Amazonas», e que chegou em 2 a Lisboa, só hontem foi recebida pelo destinatario. Queixa-se este, não de que se exerça a censura, mas sim da demora havida, que em nada, e de modo algum se justifica.

Vapor "Amarante"

Por telegramma recebido em Lisboa, sabe-se que o vapor «Amarante», um dos navios requisitados, chegou ao Cabo da Boa Esperança, tendo a viagem, durante a qual morreram 16 cavallos, decorrido sem incidentes.

Instrucção Militar Preparatoria

A' festa no "Stadium"

assistiram o sr. presidente da Republica e alguns membros do governo

Duas horas da tarde. A' porta do «Stadium» uma multidão enorme acotovelava-se ansiosa por entrar. O sol inunda de luz vivissima todo o vasto semi-circulo onde d'aqui a pouco os mancebos da I. M. P. n.º 1 vão prestar as suas provas finaes.

Nas bancadas vêem-se já algumas senhoras e cavalheiros. Trez quartos d'hora depois o largo portão de ferro abre-se e todos se precipitam de tropel para os melhores logares que são disputados com enthusiasmo. A fazer a policia do recinto infanteria e cavallaria da guarda republicana.

A's tres horas em ponto já repletas de espectadores as bancadas e os camarotes bem como as barreiras do sol, n'um effeito deslumbrante, a Sociedade n.º 1 que formara pelas 4 horas da manhã no Quartel de Sapadores, sob o commando do seu chefe de instrucção, coronel sr. Miguel Garcia, dá entrada no «Stadium» na força de 1.675 alistados de 1.ª e 2.ª secções, secções de cyclistas e bandeira, estafetas, etc., com a respectiva banda.

Entram marciaes, desempenados, marchando como soldados velhos nas fileiras, tal é o seu aprumo e galhardia.

Em cima, na tribuna, o sr. ministro da guerra, Norton de Mattos, o inspector de infanteria da 1.ª divisão militar, coronel sr. José Victorino de Sousa e Albuquerque; general Correia Barreto; major Domingos Patacho, commandante da Escola de Guerra; vice-almirante Ferreira do Amaral; Francisco Carlos Parente, commandante dos Bombeiros Municipaes; coronel Gomes da Costa; dr. Celestino de Almeida, sub-secretario das Colonias; e o sr. Beja da Silva, pelo sr. ministro das Finanças.

Minutos depois chega e toma logar na respectiva tribuna o sr. Presidente da Republica, que se faz acompanhar pelo sr. Luiz Barreto da Cruz. A banda de infanteria 5 toca a «Portugueza», que é ouvida com respeitosa continencia pela Sociedade e pela assistencia.

Predomina na assistencia o elemento feminino, cujas frescas e garridas «toilettes» põem uma nota alegre e interessante n'aquelle verdadeiro cacho humano das bancadas. Ha vivas, enthusiasmo; olhos que fitam, cheios de interesse, a marcha dos rapazes, e braços que se agitam para os saudar com palmas.

Lá no fundo, á direita, vê-se o auto-ambulancia dos Voluntarios da Ajuda, com o seu toldo devidamente armado, em cujo centro sobresahe a Cruz Verde; e junto ao «relevé» da esquerda a mancha amarella d'uma carroça onde, segundo nos diz o incançavel presidente da direcção da I. M. P. n.º 1 e nosso collega Gonçalves Neves, se acoutam mil litros de agua da Fonte do Cêdo, em garrafões, gentilmente offerecida aos alistados pelo seu proprietario sr. Pedro Coelho Lara, dedicado socio auxiliar da mesma Sociedade.

Chegam mais os srs. ministro da justiça, tenente coronel Sá Cardoso e Ribeiro da Silva, vice-presidente da commissão executiva da camara municipal, tenente coronel Pereira Bastos, major Correia dos Santos, coronel Manuel Maria Coelho e capitão Ribeiro.

Após a sua entrada no campo, a I. M. P. formou em linha de columnas, por secções, em frente da tribuna e, feita a continencia, todos os mancebos entôam o hymno «Patria e Bandeira», que é d'um lindo effeito e findo o qual se ouve, por parte do publico, uma prolongada salva de palmas.

E começa propriamente a executar-se o programma das provas finaes.

A' clarissima luz d'esta linda tarde de agosto, todos aquelles mancebos, divididos por escolas, executam os seus respectivos exercicios de educação physica, gymnastica educativa, esgrima sem arma, escolas de pelotão, escolas de signaes e hospital, exercicios militares com arma, gymnastica com arma, esgrima de bayoneta e por fim novo canto coral, a «Canção do soldado», que as mil e tantas vozes argentinas entoam com vivissimo enthusiasmo e a assistencia applaude com enthusiasmo.

Como o sr. presidente da Republica tivesse que se retirar para assistir á chegada da officialidade dos barcos de guerra inglezes, é o programma alterado, seguindo-se immediatamente o desfile da I. M. P., em continencia, sob a tribuna presidencial. A banda tocava a Portugueza e o desfile faz-se, por columna de secções, com inexcedivel brilhantismo.

Ao passar a bandeira da Sociedade, ha palmas e hurras por toda a parte.

Da tribuna retiram com o sr. dr. Bernardino Machado os membros do governo e respectivos secretarios. A sociedade, já de novo no seu posto, canta o hymno nacional, que é ouvido de pé pela assistencia, e retira do campo para dar logar á segunda parte do programma—provas sportivas.

São quatro e meia e as provas sportivas principiam vendo-se agora na tribuna da presidencia apenas o sr. coronel Sousa e Albuquerque.

O n.º 3 do programma—esgrima—espada franceza, bayoneta, sabre e pau,—cumpre-se sob a inspecção do mestre d'armas major sr. Raul Ferraz, instructor da I. M. P.

A tarde refrescou e um vento forte atira para cima de nós com nuvens densas de poeira.

As phrases mais enthusiasticas dos exercicios de esgrima são devidamente sublinhadas com palmas pela assistencia.

Os dois jogadores de pau que luctam alguns minutos com verdadeiro denodo e conhecimento são os alistados João Gomes Leite e Antonio Maria Mendonça Taborda.

E seguem-se as outras provas do programma que já hontem publicámos e que despertam o maior interesse e são executadas com enthusiasmo igual ás anteriores, provocando por vezes a hilaridade da assistencia os saltos em altura pelos trambulhões e peripecias a que dão logar, emquanto que os melhor executados são alvo de repetidas e prolongadas palmas.

Das provas de velocidade e resistencia em cyclismo—sahida do «Stadium» á ida aos quarteis de sapadores, infantaria 5, 16, 2 e quartel de marinheiros regressando ao «Stadium»—Ganharam os dois primeiros premios os alistados 576 Vasco Ramagem da Costa Gomes (1 hora e 15') e 2247 João Manuel Rodrigues Junior, (1 hora e 27').

As outras provas tiveram o seguinte resultado:

Provas sportivas

Saltos em altura sem corrida:—1.º, João Crespo, saltou 1m,40; 2.º, Leonel Correia, saltou 1m,32.

Lançamento do peso:—1.º, Fernão Napoles, lançou a 9m,20; 2.º, Manuel Madeira, lançou a 8m,35.

Saltos em altura com corrida:—1.º, Adolpho Novado, saltou 1m,59; 2.º, João Crespo, saltou 1m,57.

Corrida de 400 metros:—1.º Germano Garcez, 4 minutos e 27 segundos; 2.º Martinho Affonso.

Saltos em extensão sem corrida — 1.º João Crespo, 2m,1; 2.º Leonel Correia 2m,93.

Saltos á vara — 1.º Fernão Napoles saltou 2m,9; 2.º Arthur Ribeiro 2m,40.

Corrida de 100 metros—1.º Alexandre Carreira, 11 segundos e 7/5; 2.º, Henrique Piedade.

Saltos em extensão com corrida:—1.º Fernão Napoles, 5m,47; 2.º, Henrique Piedade, 5m,...

Lançamento do disco:—Corrida de estafetas (800 metros); Corrida de 5.000 metros.

A' hora de fecharmos o nosso jornal as provas continuavam ainda devendo terminar ás 19,30.

Cruzador francez

Entrou esta tarde no Tejo o cruzador francez cuja chegada ante-hontem noticiámos.

Os titulos paraenses nas bolsas de Paris e Londres

BELEM (PARÁ), 13.—O commercio mostra-se satisfeito com a alta dos titulos do Estado do Pará nas bolsas de Paris e Londres.—(Americana).

Notas de arte

Imitação de Ceramica

Uma assidua leitora pede-me para ensinar por meio das «Notas de Arte» um processo facil de imitação de ceramica, visto que não podendo adquirir um forno para cozer a porcellana, não conseguirá nunca dedicar-se á decoração da faianças, nem de qualquer louça.

A pintura a frio (assim é chamada aquella que é applicada sobre louça, barro, etc., sem necessitar ser cozida em mufla), é um dos processos mais simples e que segundo o modo de execução, produz verdadeiras obras de arte.

Sobre terra cota o aspecto decorativo póde variar immenso e os objectos assim decorados pódem ser expostos ao tempo.

Para a imitação da pintura sobre porcellana, temos apenas a decalcomania vitrificavel, que é a geralmente empregada nas fabricas de louça, nos serviços de meza, jarras, etc.

Emquanto ás imitações das faianças, podem ser obtidas sobre terra cota, faiança em biscoito, (isto é não vidrada), sobre gesso solidificado por um meio qualquer.

Como a porcellana, devido ao vidrado que é impenetravel, não póde receber por processo d'imitação, qualquer pintura sem ser com as tintas vitrificaveis, não poderemos nunca obter trabalho de verdadeira perfeição se recorrermos a qualquer subterfugio.

Emquanto a faiança, d'aspecto mais decorativo e amplos traços, presta-se perfeitamente ás imitações.

Por isso, occupar-me-hei apenas de ensinar a imitação da faiança e das obras de ceramica classificadas como louça artistica.

Temos primeiro a reproducção da faianças por meio de gessos preparados com o chamado «oleo cozido».

Existem para esta pintura-imitação, uma serie de doze côres especiaes, por meio das quaes poderemos obter por mistura todos os tons necessarios.

Os pinceis são os chamados de «gris» para que as tintas se esbatam suavemente.

Depois do objecto ter sido completamente pintado com uma demão de «oleo cozido» para lhe tapar os poros, procura-se dar-lhe a apparencia d'uma faiança artistica e depois de secco, passa-se uma camada de «verniz faiança» e deixa-se seccar ao abrigo da poeira.

Ao seccar, veremos o verniz endurecer, pois possue um aspecto vidrado, de perfeita semelhança com o da propria faiança.

Este verniz resiste ás lavagens e mesmo á chuva, por isso os objectos assim preparados podem ser expostos ao tempo.

Um segundo modo de decoração, mais perfeito talvez sob o ponto de vista da homogeneidade da côr, é o «esmalte athenien» por meio de «tintas encausticas».

Os preparos necessarios são: uma paleta redonda de cobre estanhado, com «godets» na propria paleta, pinceis como os de oleo e tintas encausticas preparadas para esta pintura.

Como se empregam as tintas

As tintas são vendidas em tubos e empregam-se em quente.

Para isso, rasga-se o tubo, corta-se um bocado de tinta e colloca-se no «godet» da paleta. Leva-se esta á chamma d'uma lampada de gaz, de petroleo ou d'alcool, até derreter a tinta e tornal-a bem liquida, sem portanto a carbonisar e conserva-se n'este estado durante todo o trabalho, que consiste em pintar d'este modo o objecto escolhido, que poderá ser em terra cota, gesso ou biscuit.

Como se prepara o objecto

Para não conseguirmos apenas tons mates, é necessario submetter o gesso ou a terra cota, a uma preparação que os tornará menos absorventes, passando simplesmente com um pincel, uma ou duas demãos de «Preparado liquido» que se deixa seccar.

Como se pinta

Quando a camada do preparado estiver bem secca, a paleta bem aquecida e as tintas muito liquidas, começa-se a pintura.

O centro da paleta é destinado á mistura das côres, por meio do pincel, como para a pintura a oleo.

Para pintar, basta estender bem a tinta sobre todo o objecto, fazendo-a bem penetrar nas cavidades todas.

Para maior facilidade aconselho o aquecimento do que se deseja pintar e como as «tintas encausticas» seccam muito rapidamente, é preciso sempre trabalhar com ellas quentes para estarem bem liquidas.

Esmalte

Para dar á pintura o aspecto brilhante da faiança e fazer-lhe adquirir maior resistencia, é indispensavel misturar ás tintas um pouco de «Fundente» que se deita em cada godet».

Se não se obtiver bastante brilho, póde-se dar segunda applicação, mas só com o «Fundente» e leva-se o objecto ao calor.

Emprego dos bronzes

Se desejarmos applicar tons d'ouro, misturam-se com o «Fundente» e pinta-se como com outra tinta.

Não se póde dar a dóse certa para esta mistura, mas poderemos experimentar e em caso d'insufficiencia, recomeçar.

Tambem se póde applicar uma demão de «Fundente», leval-o ao lume, deitar-lhe pó dourado e aquecer de novo mas com muito cuidado.

Este processo dá melhores resultados, mas exige mais cuidados e é de maior responsabilidade.

LUIZA DE SOUSA.

Consultorio de Arte

Emilia C.—As photominiaturas sempre se estragarão desde que sejam preparadas com os oleos chamados: Transparencia, preservativo e oleo secco. Nem tão pouco conseguirá obter collagens boa e que não manche com as colas que se vendem para este effeito.

Por os preparados serem os causadores de tantos dissabores, é que tenho sempre para venda, photominiaturas já preparadas, que nunca mancham, não se descollam e são inalteraveis de uma nitidez e perfeição admiraveis. Os vidros são fortes e nunca empenam. Tenho-as em formato 9 X 12, 13 X 18, 18 X 24 e até com 90 centimetros. Tenho todos os assumptos.

L. S.

Colyseu dos Recreios

Com uma enchente á cunha realisou-se no Colyseu a «matinée» da moda, exibindo-se o sensacional «film» da mais flagrante actualidade mandado fazer pelo ministerio da guerra sobre os exercicios da divisão em Tancos e o unico que apresenta em todos os detalhes os exercicios de todas as armas e a parada de Montalvo, á qual assistiram o chefe do Estado, ministros, corpo diplomatico etc.

Nas duas sessões de hoje devem novas enchentes, tendo ficado vendida logo de manhã, quasi toda a lotação.

Em Bemfica

Festas em favor da Cruzada das Mulheres Portuguezas e de uma cantina

Promovidas por uma commissão composta de delegados do commercio e industria e de todos os clubs e sociedades de recreio d'aquella aprazivel localidade, realisam-se nos proximos dias 20, 24 e 27 do corrente, no parque Silva Porto, em Bemfica festivaes diurnos e nocturnos, cujo producto reverte a favor da benemerita Cruzada das Mulheres Portuguezas, e da Cantina Escolar Flores de Bemfica.

Entre muitas outras attracções que fazem parte do programma das festas e que certamente chamarão a Bemfica enorme concorrencia, haverá kermesse, tombola, pim-pam-pum, theatro ao ar livre a cargo do grupo dramatico Raymundo Quiroz, concertos musicaes pelas philarmonicas Euterpe de Bemfica, Progresso de Bemfica e Recreativa Luiz Grandella, contando ainda a commissão com o concurso d'outras philarmonicas de Lisboa e bandas regimentaes.

A' noite haverá iluminações a luz electrica e á veneziana, que devem ser de magnifico effeito, devido á pittoresca disposição do local, que se presta admiravelmente para esse fim.

De todo o programma devemos, porém, salientar um bello numero e que estamos certos será um dos mais sensacionaes.

Queremos referir-nos á apresentação do celebre rancho da Cruz da Pedra, composto de operarias da fabrica de tecidos de malha d'esta localidade, que com o seu original reportorio de canções e fados devem fazer extraordinario successo.

Este bello numero deve-se ao proprietario d'aquella fabrica, sr. J. A. Figueiredo, que como membro da commissão tem sido verdadeiramente incançavel em prestar o seu valioso auxilio para tudo que possa contribuir para o maior brilhantismo das festas.

Para commodidade do publico, haverá carreiras consecutivas de carros electricos e de comboios.

NA CAPITAL DO NORTE

Uma escola infantil e uma colonia sanatorial

PORTO, 12.—Não devem ficar sem registo as duas iniciativas benemeritas da Camara Municipal postas em acção na linda praia da Foz do Douro, a favor e em beneficio das creanças das escolas officiaes, pobres, desprotegidas.

Inaugurou-se a Escola Infantil n.º 2 e a primeira colonia sanatorial maritima.

A primeira tem um caracter permanente de continuidade. N'um amplo edificio, expressamente construido para aquelle fim, alagado de luz, cheio de conforto, terão a sua educação—dos 4 aos 7 annos—os pequeninos, os humildes filhos do povo a quem a sorte não contemplou com os carinhos dos filhos dos ricos.

A segunda, a colonia sanatorial, installada no mesmo edificio até outubro,—que é quando a Escola Infantil começa a funccionar,—tem o caracter transitorio, volante. E' uma estação de saude para os doentinhos, para os rachiticos, para os escrophulosos, cujas familias, não teem recursos para lhes dar banho de ar e o banho no oceano reconfortante.

Este cuidado, esta protecção, este carinho para com as creanças pobres e doentes das escolas officiaes é digno de registar-se para que seja seguido por outras camaras do paiz.

As creanças de hoje hão de ser os homens da sociedade de amanhã. E, se é certo que é necessario educar e instruir, cultivar o espirito, crear idéas, não é menos certo que a cultura phisica se impõe, que o organismo precisa reconstituir-se forte nos que são fracos, porque sem o vigor, sem a saude do corpo, não pode a intelligencia desenvolver-se em fructos, a vontade proseguir firme, a imaginação attingir os vôos d'uma organisação sadia e livre das atrophias nativas ou taradamente herdadas, ou adquiridas.

A acção da Camara Municipal, curando em colonias sanatoriaes, os seus alumnos doentes, é, por isso, altamente social, previdente e patriotica.

Não precisamos sómente de creaturas lettradas. Precisamos de homens fortes, robustos e sãos.

—Estas colonias sanatoriaes—dizia-nos um medico distincto—se fossem adoptadas e seguidas por todas as Camaras, ao menos pelos municipios das cidades,—onde a escrofulose, a anemia, a ameaça da tuberculose abunda—seriam uma medida efficacissima para o rejuvenescimento da raça, infelizmente tão depauperado.

E,—accrescentou—não só colonias maritimas, mas ainda colonias de campo, de serra, das alturas. Porque, se entre as creanças das escolas muitas ha a quem o mar approveita e a atmosphera salina faz bem, moitissimas ha tambem que precisam do ar oxigenado e resinoso dos montes, da quietitude dos campos, do ambiente secco das grandes altitudes. Será isso difficil?

«Não. Ha no Paiz muitos benemeritos da Instrucção, muito quem queira e deseje uma sociedade sadia e forte para o dia de ámanhã, que offereceria suas quintas, empresas que offereceriam os seus sanatorios—para estas estações de ferias.

«E, assim, indo para o mar os que do mar precisassem, e para os campos e para as alturas os que d'estas haurissem resultados, teriamos—ao fim de uma dezena de annos—a nossa sociedade curada ou, pelo menos, melhorada, mais forte, com vida mais perfeita, de fórma a poder prestar á Patria o serviço integral d'uma intelligencia cultivada n'um organismo regenerado.

Vêr, na 4.ª pagina, "Questões militares"

Preparação para a guerra

Estudo pratico dos regulamentos de campanha

Já se encontra publicada a 2.ª edição da carteira do graduado (2 volumes em 800 paginas) a obra mais importante, que permitte aos quadros do nosso exercito, estudar praticamente os regulamentos de campanha das diversas armas. Com este livro excellente conseguiu o sr. major Correia dos Santos facilitar extremamente aos alumnos da Escola Preparatoria de officiaes milicianos e aos medicos milicianos o estudo pratico dos diversos serviços de campanha. Tendo-se exgotado rapidamente a 1.ª edição, devido ainda á grande quantidade de livros que se tem vendido para o Brazil e para os officiaes do exercito hespanhol, o auctor ampliou a 2.ª edição, de forma a que o livro se torne indispensavel para os alumnos da Escola de Guerra, que frequentam os actuaes cursos, que teem um caracter pratico. Para os quadros do exercito permanente tambem este livro lhes proporciona um meio de applicação immediata das disposições do serviço de campanha, como já tiveram occasião de ver alguns officiaes que o utilisaram na instrucção em Tancos.

A nova edição traz uma carta dos arredores de Lisboa, uma collecção de problemas dos que teem sahido nos exames dos candidatos ao posto de major das diversas armas e do Estado Maior e ainda a solução de varios problemas dos que o sargento póde ter necessidade de resolver nas circumstancias mais usuaes da guerra. E assim este livro fica sendo tambem imprescindivel para a Escola de sargentos milicianos. E' pena que o auctor se tivesse esquecido dos serviços de administração militar, para assim a sua obra ser completissima.

A fim de facilitar a acquisição dos problemas publicados na 2.ª edição, publicou a Cooperativa Militar uma «separata» para ser vendida a quem já tenha adquirido a 1.ª edição da obra.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.
AVENIDA—A's 21,30—O correio de Lyão.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Boatos e informações

Entre nós

Está em ensaios no Eden a revista «Novo mundo», de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, e no Avenida «A princeza Magalona» de Lino Ferreira Arthur Rocha e Alvaro Santos.

—Regressou de Paris o scenographo Augusto Pina.

—Deixou de fazer parte da companhia Ruas o actor Roldão. Para a mesma companhia foi contractado no Brazil o actor Ghira.

—A revista com que abre a época de inverno no Apollo «A' ultima hora» é de Simões de Castro e Augusto Veras. Obteve grande exito no Porto, quando ali foi representada.

—Diz-se que uma das nossas primeiras actrizes voltará a fazer parte na proxima época da companhia do Republica.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas **Diabetes—Dyspepsia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas perversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.**

Mostra a analise bacteriologica que a Agua Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como *microbicamente pura*, não contendo *colibacillo*, nem nenhuma das especies pathogenicas que pódem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O *B. Tiphico, Diphterico, e Vibrião cholerico* em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebido pura, quer misturada com vinho.

DEPOSITO GERAL
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º
Telephone 2168

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Dias Amado

A confusão que ainda existe no espirito de muita gente, no nome que nos serve de titulo, tem originado certos casos que muito lamentámos, e isto, sómente por se terem dado com pessoas que de um modo escrupuloso e intencional, só a nós desejavam dirigir-se, mas que foram bater a outra porta, por engano, ou... enganados. De appelido Dias Amado parece-nos que são trez os individuos que ha em Lisboa, e por isso, recommendamos a todos para gravar bem na memoria o nome de *Antonio*, que deve ser exigido em todos os frascos e caixas, todas as vezes que desejarem obter o afamado Depurativo que tem o seu nome, o unico que está registado em todos os paizes da Convenção Internacional de Marcas. Um preparado que não póde ser registado, é decerto a imitar outro, —o verdadeiro.

Aviso importante

E' na pharmacia Luso Brazileira, sita na praça de S. Paulo, o deposito geral do verdadeiro Depurativo Dias Amado. **Antonio Dias Amado não pode ser encontrado n'outra pharmacia. Além do nome ha tambem o phisico de pessoas muito parecidas, e para bom entendedor...**

O soberbo Depurativo Dias Amado, Antonio, o auctor, que radicalmente cura a siphilis, as doenças do utero e ovarios, as chagas, varizes, lepra, tuberculose, cutanea e ossea, rheumatismo, as ulceras, fistulas, os tumores, as doenças de pele, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue vende-se no

DEPOSITO GERAL—Casa do auctor — Pharmacia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22—esquina da rua Nova do Carvalho, Lisboa — Teleph. n.º 1:667.
PORTO — Pharmacia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327.

A Inglaterra — accrescentou elle—está «quasi batida» e era a occasião propria dos irlandezes se baterem e alcançarem o Home Rule. No caso da Allemanha vencer uma batalha naval mandaria a brigada irlandeza para a Irlanda, onde «pelejaria contra a Inglaterra e pela livre Irlanda».

Foi apupado e d'uma vez obrigado a sahir do acampamento, ao que narrou uma das testemunhas presenciaes, tendo de se defender com o chapéu de chuva que levava emquanto lhe não acudiram as sentinellas allemãs.

A obra por elle emprehendida durou uma anno, durante o qual escreveu muitos pamphletos, profusamente distribuidos e que tinham titulos como os seguintes: «Crimes contra a Irlanda, por sir Roger Casement», e «O rei, o kaiser e a Irlanda». Esses pamphletos, como dizemos, eram profusamente distribuidos nos campos de concentração allemães, entre os prisioneiros irlandezes.

Ao que se provou, apenas 52 soldos, dos 2.500 que haviam sido juntos, consentiram em se alistar na decantada brigada, entre elles um de nome Bailey, voluntario dos Atiradores Reaes Irlandezes, com uma folha de bons serviços, o qual declarou espontaneamente, depois de ter sido preso na Irlanda, que o unico fim que o levára a proceder de tal modo fôra o fugir do campo de concentração e ter melhor tratamento, a fim de, chegada a occasião opportuna, poder juntar-se ao seu regimento e combater pelo rei.

Nem um unico official irlandez ou official inferior cedeu ás promessas de Casement e dos 52 soldados alistados apenas um desembarcou na Irlanda, acompanhado por Casement.

Os discursos e entendimentos com os soldados começaram pelo Natal de 1914, quando, no dizer de sir Roger, a Inglaterra estava já «quasi batida», mas só depois, quando a «victoriosa batalha naval» foi adiada, é que o movimento definitivo teve logar.

N'esta altura, apparece um mysterioso «capitão Monteith». Tinha, ao que parece, trabalhado activamente na organisação dos Voluntarios Sinn Fein e na opposição ao recrutamento para o exercito britannico, sendo, por isso, banido da Irlanda em novembro de 1914.

Dirigiu-se para a Allemanha e entendeu-se com Casement, a quem poude pôr ao facto do movimento e das intenções dos agitadores irlandezes.

Segundo o testemunho de Bailey, que havia já vestido o uniforme e fôra nomeado sargento da brigada irlandeza, Casement e Monteith levaram-no para Berlim em março de 1916, alojando-se todos no hotel Saxonia, o que, mesmo em tempo de guerra, era muito melhor do que vive no campo de concentração de Limburg. A prova d'essa viagem foi um bilhete de caminho de ferro, Berlim-Wilhelmshaven, 12 de abril de 1916, que por qualquer motivo os funccionarios allemães se tinham esquecido de exigir e que foi encontrado n'um dos bolsos dos trez depois do seu desembarque na costa de Kery.

Em Wilhelmshaven, Casement, Monteith e Bailey embarcaram n'um submarino para a sua aventurosa viagem para a Irlanda—a unica «brigada irlandeza» que se conseguira reunir após quinze mezes de preparação. A partida parece ter sido a 14 d'abril.

E' digno de notar-se que, embora a promettida armada de cruzadores com 40.000 homens a bordo não tivesse, por motivos obvios, podido acompanhar Casement á Irlanda, uma esquadrilha de zeppelins e alguns cruzadores de batalha appareceram ao largo da costa oriental na noite em que se esperava que a rebellião dos Sinn Fein tivesse triumphado em toda a Irlanda.

Como se sabe, foram aprisionados um navio disfarçado em inoffensivo barco de marinha mercante norueguesa e um outro, chamado «And», carregado de espingardas, metralhadoras, munições e bombas, e

rem implicadas na rebellião—os promotores da formação dos Voluntarios Irlandezes diziam que «lamentavam que a ausencia de sir Roger Casement na America o impeça de assignar comnosco.»

Foi o apparecimento, pela primeira vez, do nome d'um homem que teve um papel sinistro e foi mais tarde convencido de traição e condemnado á morte.

Provou-se á evidencia o seu entendimento com a Allemanha, mas nada se sabe dos pormenores da sua entrada no movimento de sedição. Descendia sir Roger Casement d'uma familia do condado de Antrim, de origem ingleza, cujos membros haviam sido sempre, pelo menos ao que se sabe, fielmente dedicados á corôa, tendo seu pae sido official do exercito britannico.

Tendo nascido em 1864, teve uma vida aventurosa durante algum tempo, havendo sido empregado commercial na costa da Nigeria. O conhecimento que tinha da Africa levou a aproveital-o para o serviço consular britannico e apparece como consul em Lourenço Marques em 1895.

Prestou ahi grandes serviços ao governo e ao exercito durante a guerra sul-africana e esses serviços foram devidamente louvados. Mais tarde, foi nomeado consul para o Estado Livre do Congo, onde tomou parte proeminente na agitação havida por elle ter denunciado a carnificina e a crueldade havidas da parte dos agentes do fallecido rei da Belgica. Essa campanha deu-lhe grande renome.

N'essa occasião é interessante notar que tanto elle como os que o acompanharam n'essa campanha foram atacados e censurados pelos nacionalistas irlandezes e pela imprensa catholica romana pelo motivo dos seus relatorios se basearem largamente nas narrativas de missionarios protestantes e não nas dos missionarios catholicos, que tinham egualmente opportunidade de observar os factos.

No primeiro e unico numero do jornal «Irish War News», orgão dos rebeldes que se publicou durante a rebellião, essa agitação do Congo foi narrada em termos amarissimos. Não houve nome que lhe não fôsse applicado, dizendo-se que foi uma verdadeira campanha contra o rei Leopoldo, o qual foi victima dos manejos inglezes, sendo n'essa narrativa omittido o nome de sir Roger Casement, o auctor de toda a campanha.

Em 1906, Casement foi transferido para o Brazil, tendo sido successivamente consul em Santos e consul geral no Rio de Janeiro, onde de novo tomou parte proeminente no ataque contra a administração d'algumas companhias, especialmente na região de Putumayo, sendo o seu relatorio publicado officialmente como Livro Azul pelo «Foreign Office», despertando grande interesse tanto no Velho como no Novo Mundo.

Em 1911 foi condecorado e recebeu a medalha da Coroação, retirando por invalidez do serviço em 1913. Durante todo esse tempo ninguem se lembra de que elle tomasse interesse pela politica irlandeza de qualquer especie e durante o seu julgamento foi lida uma carta, na qual, agradecendo a condecoração que lhe fôra concedida em 1911, expressava a maior gratidão e dedicação pelo rei Jorge.

Em outubro de 1913, tendo Casement retirado do serviço publico appareceu no seu condado de Antrim a falar sobre o Home Rule, coisa que era a primeira vez que fazia. Ao que parece, o seu discurso não foi grande coisa e passou despercebido.

Mas uma rapida mudança se deu. Durante o inverno de 1913-1914 appareceu de subito como estrenuo advogado da linha Hamburg-America de paquetes transatlanticos e do seu projecto de estabelecer um porto em Queenstown, a estação irlandeza para as malas americanas.

Como o ex-consul não tinha ligações com Nova-York ou com o commercio de Queenstow, o facto podia ter passado simplesmente como um divertimento d'uma hora de ocio, mas n'uma carta que fez inserir na

Questões militares

Consultas, respostas, alvitres

PERGUNTA N.º 558.—Concorri á matricula da Escola de Guerra, curso da administração militar, não fui admittido. Tenho o 2.º anno do curso aduaneiro do Instituto Superior de Commercio, isto é, não tenho nenhuma cadeira de mathematica.

Posso concorrer á Escola de Officiaes Milicianos, estando eu livre do serviço militar pela junta em 1912 e não tendo sido inspeccionado novamente?—Um antigo assignante da «Capital».

RESPOSTA.—Se não foi admittido á Escola de Guerra por falta de vaga, tem que frequentar a Escola de Officiaes Milicianos, do contrario não tem as habilitações para isso.

PERGUNTA N.º 559.—Pedia para me informar qual a minha situação na qualidade de sargento miliciano, depois dos exercicios da divisão de instrucção, se volto a ser licenciado ou continuo no quadro permanente, o que bastante transtorno me faz, visto ser commerciante e não ter pessoa competente para gerir os meus negocios, sendo por esse motivo naturalmente obrigado a fechar o meu estabelecimento.—Herminio Mattos Tavares.

RESPOSTA.—O pessoal que constitue a divisão de Tancos está licenciado mas prompto a reunir á primeira chamada.

PERGUNTA N.º 560.—Pertenço ao recenseamento d'este anno, fui ha dias inspeccionado pela junta do meu districto. Gozo perfeita saude e sou bastante robusto, mas tenho um defeito nos pés; fui isento condicionalmente e destinado, portanto, aos serviços auxiliares do exercito em tempo de guerra. Tendo bastante pratica em guiar carros e automoveis fui apontado para os serviços designados na alinea g) do artigo 18 da lei 566.

O que eu desejava, para regular a minha vida, era que me dissesse se tenho de ser encorporado com os mancebos que foram apurados definitivamente, e n'este caso onde me deverei apresentar, em que época, e que especie d'instrucção militar me está reservada.

Sou obrigado ao pagamento da taxa militar, em todas as hypotheses ou só no caso de não ser chamado a receber instrucção e fazer serviço?

Fazendo serviço por pouco tempo que seja, fico definitivamente desobrigado do pagamento da taxa, ou só durante o tempo que durar a instrucção e serviço?—Augusto Alves Amieiro.

RESPOSTA.—Os individuos isentos nas suas condições só prestam serviço em tempo de guerra em brigadas organisadas expressamente n'essa occasião. Estas brigadas ainda não estão organisadas nem determinada a forma de prestar aquelle serviço.

Por determinações posteriores á publicação do decreto criando a classe dos isentos, condicionalmente estes são augmentados ás tropas territoriaes e ficam pertencendo ao districto de recrutamento que os recenciou, onde terão a sua folha de matricula e caderneta militar que lhe deverá ser entregue.

Relativamente á taxa militar ficam isentos do seu pagamento relativo aos ultimos cinco annos, todos os isentos condicionalmente que tiverem prestado serviço em tempo de guerra.

PERGUNTA N.º 561.—Tive immensa pena que me não respondessem ao meu postal, de ha dias. E certo que o assumpto era escabroso e d'ahi o não ter talvez obtido resposta. Todavia, rogo encarecidamente me respondam se eu, como eliminado do exercito, poderei ausentar-me livremente para as colonias, ou se tenho algum compromisso militar a satisfazer.

Eu pelo menos creio que sou, infelizmente, um homem morto para a Patria.—Elvas—J. M. F.

RESPOSTA.—Deve requerer a licença para se ausentar para as colonias, a qual lhe deverá ser concedida sem qualquer outra formalidade.

PERGUNTA N.º 562.—Faço 16 annos em setembro, e tenho necessidade de continuar no estrangeiro os meus estudos. Preciso licença para me ausentar, ou basta-me o passaporte?

E no caso de me ser precisa licença, a quem directamente a hei de pedir?—Covilhã—M. F.

RESPOSTA.—A licença é requerida ao ministro da guerra por intermedio do districto de recrutamento da sua residencia.

Presentemente difficilmente se obtem licenças nas suas condições.

PERGUNTA N.º 563.—Tenho 18 annos, feitos em maio. Tenho de frequentar uma escola no estrangeiro. A quem hei de pedir a devida licença? Terei de apresentar quaesquer documentos, além do passaporte?

Muito lhe agradeceria o favor da sua resposta breve na excellente «Capital».—I.

RESPOSTA.—A licença é pedida ao ministro da guerra por intermedio do districto de recrutamento da residencia. O requerimento deve ser instruido com a certidão de idade. E' provavel que não lhe seja definida a pretensão.

PERGUNTA N.º 564.—Fui recenseado em 1911, apurado condicionalmente para a companhia de saude e definitivamente isento n'esse mesmo dia apoz a inspecção ocular. Era então estudante de medicina como provo pelos attestados de matricula e encerramento no 1.º e 2.º annos, embora não tivesse tirado cadeira alguma.

Em 1912, por motivos que não veem para o caso, interrompi o curso, e essa interrupção tem durado até hoje.

Peço para ser elucidado sobre o seguinte: Posso ficar debaixo da alçada do decreto privativo dos estudantes de medicina ou não tenho coisa alguma a vêr com esse decreto?

Qual, pois, a minha situação militar?—J. M. S.

RESPOSTA.—N'estas condições não deve estar obrigado a frequentar a Escola de Officiaes Medicos Milicianos.

PERGUNTA N.º 565.—Sendo um leitor assiduo do seu muito conceituado jornal, tenho acompanhado, como interessado no assumpto, a sua secção de «Respostas e Alvitres» referentes ao serviço militar, e como as suas respostas constituem a meu vêr uma clareza e criterio sãos para as partes interessadas, eis o motivo porque me dirijo a v., rogando-lhe a fineza de uma resposta á pergunta que tomo a liberdade de lhe fazer e que é a seguinte:

Fui recenseado em 1910 pela freguezia aonde nasci, e como resido n'esta cidade ha uns quinze annos, requeri a minha inspecção para aqui, tendo ficado apurado para a arma de infantaria; porém, uns dois mezes depois, no sorteio excedi pelo numero o contingente activo, ficando alistado na segunda reserva, segundo os dizeres que constam na caderneta em meu poder.

Não tenho instrucção militar e segundo informação que pessoa amiga me forneceu, pertenço ás tropas territoriaes. Será assim? Terei que me apresentar a alguma junta de revisão?—J. M. A.

RESPOSTA.—E' hoje uma praça das tropas territoriaes e não tem que se apresentar ás juntas de revisão. Caso seja necessario utilisar os seus serviços será convocado juntamente com os seus camaradas da sua classe.

imprensa americana em fevereiro de 1914, depois do projecto ter cahido redondamente, apparece uma passagem que é significativa e lança muita luz sobre os acontecimentos que occorreram depois.

Aconselhava todos os americanos a fazerem as suas viagens pela linha Hamburg-Amerika, de preferencia ás linhas britannicas; e, alludindo ás companhias inglezas, chegou a dizer: «Conseguiram, durante algum tempo affastar as amigaveis companhias estrangeiras das praias da Irlanda e pensaram que tinham o commercio irlandez inexoravelmente nas suas garras... Tenho a esperança que antes de seis mezes terem passado estaremos aptos a podermos affirmar o nosso direito aos nossos portos e a abril-os a quem quizermos».

«Antes de seis mezes terem passado» a Allemanha estava em guerra com a Inglaterra e Casement estava na America pleiteando a causa allemã. Em consequencia da luz mais tarde projectada sobre os manejos de espionagem por elle levados a cabo e pelos escriptorios da Hamburg-Amerika em Londres e Nova-York, a significação d'esse movimento para conseguir um ponto de apoio na Irlanda é sufficientemente illucidado.

Com Queenstown como base e com agencias de «emigração» em todo o paiz, o plano d'uma insurreição feita pela Allemanha na Irlanda teria sido extraordinariamente facilitada.

Se Casement n'essa altura era um mero joguete ou já um conspirador e um traidor é caso para duvidar. O que elle n'esse momento fazia declarou-se no julgamento ser desconhecido e recebeu os honorarios do governo inglez até 30 de setembro de 1914, quasi dois mezes depois de rebentar a guerra.

Mas já em novembro de 1913 havia elle dado a sua adhesão ao exercito de civis e era tambem membro do comité dos Voluntarios Nacionaes Irlandezes.

E que a sua educação quanto aos planos maritimos allemães estava fazendo progressos vê-se d'uma carta, escripta em agosto de 1914, só mais tarde tornada publica, na qual ha a seguinte passagem com relação ao deputado Redmond aconselhar o recrutamento para o exercito britannico na guerra:

«E' perfeitamente claro que a Irlanda será arrastada para uma guerra a que a Inglaterra se arriscou. Mas que nós queremos voluntariamente auxiliar o lado mais forte e fim de impedir uma derrota britannica é opinião de traidores ou de loucos. Por agora a nossa attitude deve ser passiva, mas não deve sel-o até final. No dia em que a armada allemã dominar o mar da Irlanda e em que as communicações com a Inglaterra estiverem cortadas, será esse dia o primeiro da liberdade da Irlanda e da dos mares».

Entretanto — e é importante notal-o — o Clan-na-Gael ou secção de força physica dos nacionalistas irlandezes-americanos, secção que havia sido sempre hostil ao partido parlamentar, formára uma alliança activa com as agencias allemãs nos Estados Unidos, e desde então cada dia mais e mais se ouvia falar do sincero e desinteressado amor da Allemanha pela Irlanda.

Se Casement estava já na America quando a guerra rebentou ou se para ahi foi logo depois não temos meio de o saber. Mas a 16 de setembro de 1914 já elle escrevia de Nova-York aos jornaes irlandezes, manifestando-se contra o movimento de recrutamento. Dizia elle:

«Deixem os homens e rapazes irlandezes ficar na Irlanda. O seu dever é claro deante de Deus e dos homens. Nós, como povo, não temos questão alguma com o povo allemão. A Allemanha nunca fez mal algum á Irlanda e temos para com ella mais d'uma divida de gratidão».

E no fim do mesmo mez, como já vimos, quando os Sinn Fein ou secção traidora dos voluntarios se separou da secção redmontista ou leal, o manifesto dizia que só a ausencia de sir Roger Casement na America

fazia com que elle não fôsse um dos signatarios d'esse manifesto.

Durante as semanas seguintes coisa alguma se sabe acêrca de Casement, mas no fim de novembro estava elle na Allemanha, tendo-se a si proprio proclamado «embaixador irlandez» junto das potencias centraes da Europa, que estavam em guerra com a Inglaterra.

Havia para ali seguido pela Escandinavia e aproveitou a opportunidade para contar uma historia algo phantastica de uma tentativa de envenenamento de que fôra alvo por parte do ministro inglez em Christiania.

Chegado a Berlim, foi favoravelmente recebido pelo ministerio dos estrangeiros allemão e teve occasião de publicar uma declaração em que dizia que «todos os irlandezes, tanto na Irlanda como no estrangeiro trabalhariam para auxiliar a victoria dos imperios centraes, porque isso importaria a destruição do jugo britannico sobre a Irlanda».

O secretario de Estado allemão, por sua parte, publicou uma declaração em resposta, na qual dizia que: «O governo imperial declara formalmente que em circumstancia alguma a Allemanha invadirá a Irlanda com o fim de a conquistar ou de a privar das suas instituições nacionaes. Se os acasos d'esta grande guerra levarem tropas allemãs á Irlanda, desembarcarão ellas, não para saquear ou destruir, mas como forças d'um governo inspirado apenas de boa vontade para com a Irlanda e o seu povo, a quem a Allemanha deseja a prosperidade nacional e a liberdade».

Este subito apparecimento do «embaixador irlandez» parece ter feito nascer altas esperanças em Berlim, declarando o «Tageblatt», cheio de jubilo, que a Inglaterra tinha na Irlanda «um espectro em sua propria casa», que a Irlanda havia expressado formalmente a sua sympathia pela Allemanha e que a declaração do ministerio dos estrangeiros allemão «serviria para destruir os ultimos mal entendidos contra nós na Irlanda e, portanto, a tornar mais intenso o enthusiasmo irlandez pela causa allemã».

Tendo assim assente a alliança, a actividade de Casement dirigiu-se para a formação de uma brigada irlandeza, que seria armada e equipada na Allemanha e desembarcaria na Irlanda, provando-se, por occasião do julgamento, plenamente esse ponto.

Os julgamentos por traição são pouco vulgares na Inglaterra e o de Casement offerecia especial interesse aos homens de lei por ser o primeiro em que a accusação contra o preso era feita em linguagem corrente em vez de o ser em formulas medievaes durante tantos seculos usadas.

A accusação dizia que «em aberta e publica guerra que estava sendo feita pelo imperador allemão contra o lord nosso rei, Casement adheriu traidoramente a auxiliar e [illegible] rer o inimigo em partes além do mar».

Casement dirigiu-se a muitos soldados irlandezes que estavam prisioneiros de guerra n'um campo de concentração allemão e fez todos os esforços para os levar a fazerem parte d'essa brigada irlandeza, que desembarcaria na Irlanda. E uma troca que houve de prisioneiros levou para Inglaterra muitas d'essas importantes testemunhas.

Obedecendo a tal idéa, uma escolha gradual de prisioneiros irlandezes foi sendo feita em varios campos de concentração, de modo a serem concentrados uns dois mil e quinhentos de differentes regimentos em Limburg sobre o Lahn, no districto de Wiesbaden, na Prussia.

Ahi, em fins de dezembro de 1914, chegou Casement com uma bateria de pamphletos e jornaes irlandezes-americanos e arengou aos prisioneiros sobre a desgraça da sua situação e as injustiças feitas á Irlanda. Declarou que estava formando uma brigada irlandeza e convidou os prisioneiros de guerra a juntarem-se-lhe, accrescentando que, em vez de serem tratados como prisioneiros, seriam levados para Berlim e se tornariam hospedes da Allemanha

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2155—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 14 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A nossa causa

A guerra que estamos fazendo e que se vae intensificar cada vez mais, é uma guerra que obedece ás mais nobres inspirações. Por isso mesmo ella não dispensa os bellos gestos, as attitudes altivas, as iniciativas sublimes. Os povos que combatem a Allemanha obedecem sem duvida a interesses poderosos, mas não podemos desconhecer que a maior força que os impelle é a d'um sentimento vivo e profundo. Resuscitaram em todos os povos, mesmo n'aquelles que presumiamos mais frios, as phrases sonoras e heroicas. Quem as poderá appellidar de banal rhetorica, quando com ellas se derrama generoso sangue e se sacrificam vidas, affectos, tranquillidade e lar?

Hontem, na cidadella de Cascaes o almirante Yelveston proferiu algumas d'essas palavras que soam aos ouvidos dos povos como uma harmonia marcial. Perante o povo que o acclamava e acclamava a sua grande patria, o illustre marinheiro disse que a visita dos navios inglezes não significava um cumprimento banal. Era uma affirmação de indestructivel solidariedade entre dois povos, animados pelas mesmas ideias, vibrando com uma emoção identica. Fallou na fraternidade das armas portuguezas e inglezas; fallou no triumpho da causa do direito. Foi clamoroso e eloquente. E os que o ouviram sentiram-se electrisados pelo sentimento que elle exprimia.

Nós vamos para a guerra, ao serviço de ideias bellas, A Inglaterra desembainhou a espada para fazer respeitar a lettra dos tratados, quando acima do poder da força o poder do direito; a França defende a liberdade, ao som da *Marselheza* immortal; a Italia a pugna para restituir á patria as provincias italianas que a Austria conserva sob o seu jugo; a Russia sentiu-se impellida pela sua alma mystica, sonhadora, em que uma infinita piedade prepara o mais deslumbrante dos resgates; o Japão combate pelo progresso, evoluindo para a democracia; a Belgica reclama o direito da sua independencia, como a Servia o reclama tambem. São grandes povos, são povos pequenos, são heroes, são martyres, são apostolos, são paladinos, são cidadãos. Direito, liberdade, piedade, justiça, humanidade, patriotismo, independencia, redempção,—estas palavras magicas, correspondendo a sentimentos eternos, fluctuam como outras tantas bandeiras sobre os campos ensanguentados da formidavel batalha!

São essas que pairam sobre os exercitos dos alliados como aguias brancas que investem contra a aguia negra do despotismo. Nós tambem temos uma d'essas palavras que constituem formulas decisivas; e resplandescentes. A nossa é a lealdade. Fomos leaes, somos leaes. Não repudiamos um só dos nossos deveres, não esquecemos um só dos nossos compromissos, não olvidamos a nossa historia e não recuamos perante perigo algum para mostrarmos que a honra nacional é tambem para nós uma d'essas palavras bellas e grandes que representam um facto indestructivel a uma garantia sagrada.

A Inglaterra diz-nos, pela bocca d'um dos chefes d'esta marinha admiravel que é a gloria da sua patria e uma das mais fortes couraças da liberdade e do progresso do mundo, palavras d'uma belleza suprema. O verbo redime, o verbo exalta. E' luz e é acção. Até as palavras que clamavam no deserto acabaram por dominar a terra. Affirmemos, proclamemos, elucidemos, contemos. As palavras nobres levantam os corações, fazem brandir espadas!

Por isso mesmo consideramos d'uma alta significação tambem as iniciativas que o governo vae tomar de promover comicios publicos em que os maiores oradores da democracia, todas as vezes eloquentes da nossa terra clamem ao povo a verdade da nossa situação, expliquem a missão sublime que somos chamados a desempenhar. Quem esqueceu essa propaganda admiravel que, mais do que a força das armas, redimiu o povo portuguez, levando-o á implantação da Republica? E' preciso resuscitar, engrandecendo-os ainda mais, esses dias sublimes, em que os corações pareciam romper os peitos nos estos do enthusiasmo, em que olhos em extases descortinavam o futuro maravilhoso da nossa patria.

E esses comicios iniciar-se-hão junto da Batalha, e junto dos Jeronymos quer dizer junto dos dois monumentos que definem a sublimidade da nossa raça, o valor e a predestinação do nosso povo, povo de liberdade, de civilisação, de heroismo e de aventura, povo das revoluções pela liberdade e o povo do mar que se arremessou a horizontes, desconhecidos para descobrir novos mundos.

A alma de Portugal cantará na voz dos oradores que falarem ao povo junto d'esses monumentos symbolicos. Foi ao pé d'um monumento que recordava a lucta epica da unidade italiana que Gabriel de Annunzio, trovejando, cantando, rezando, communicou á alma do povo da intuição genial que a alma da patria lhe inspirava. E no dia seguinte a Italia estava em armas, a Italia marchava para a cruzada dos povos bons, a Italia estendia os braços aos seus irmãos vergados ao jugo austriaco. Nós temos que seguir todos na aza d'um sonho, arrebatar-nos-ha o puro ospirito! E o mundo vae assistir mais uma vez ao triumpho deslumbrante do sentimento dos povos, palpitando, irradiando, cantando essas nobres causas em que o progresso da humanidade se reflecte e se concentra!

Vêr, na 4.ª pagina, "Questões militares"

MAGOS, BRUXOS E NIGROMANTES

Alastra o movimento

de indignação contra as suas torpes machinações

Um laconico despacho acaba de me chegar ás mãos. Destaco-o de entre a serie de cartas que sobre o assumpto me são enviadas, e reproduzo-o integralmente:

Sr. Hermano Neves, redacção d'*A Capital*—Lisboa.—E' benemerita a campanha iniciada por v. na «Capital» contra charlatães e nigromantes exploradores e fautores da superstição popular, mas a intenção de v. seria realisada em grande parte se o parlamento, dando alguma attenção aos assumptos de morigeração e sanidade social votasse o projecto de lei que sobre bruxas e curandeiros está pendente de discussão no senado e o que acerca de praticas malthusianas contra a geração da prole existe ha dois annos na camara dos deputados. Bem haja v. — *José Portuguez.*

A influencia nefasta, como agentes de dissolução da familia, exercida pelos profissionaes do occultismo, continua a ser demonstrada por episodios que chegam ao meu conhecimento, quer narrados por pessoas amigas, quer descriptos em carta. Uma senhora escreve-me:

Sr. redactor:—Como assidua leitora da «Capital» impressionou-me deveras a historia do vosso amigo, victima do occultismo. Pois não vos admireis se vos disser que meu marido, rapaz intelligente, recorreu ha pouco tempo ao mesmo processo do vosso infeliz amigo. Acrescento que sou esposa e mãe.

Nunca pela mente me passou faltar a estes dois sagrados deveres, mas meu marido, por motivos que não posso explicar convenceu-se que a amisade da minha parte enfraquecera para com elle e não ha argumentos que o convençam do contrario.

«Pensas em qualquer homem com certeza»—me diz elle. Emfim comprehendeis que desgosto para uma mulher como eu, que sou toda casa, toda filhos. Não se deu por convencido com os meus protestos e oil-o a caminho da casa de M.me Brouillard. Essa sim, essa é que lhe diria toda a verdade.

Essa vil mulher, depois de indagar como eu me chamava, com uns cartões sobre a meza lhe garantiu que não eram verdadeiras as suas supposições. Deu-lhe para falar assim, mas calculae se ella tem dito que eu tinha um amante, não veria eu hoje talvez a minha felicidade destruida! Por causa de uma maadriona que para entreter os ocios, não diz senão disparates! Só tenho pedir-vos desculpa e applaudir-vos pela vossa campanha. Fóra com toda essa canalha, destruidora da felicidade e do juizo do proximo! Mais exemplos vos daria se não fosse a falta de tempo e porque não quero abusar da vossa bondade. Esta bella dama conhece meu marido ha muitos annos, por isso não quiz receber importancia alguma, e disse-lhe: «Quando quizer mais alguma coisa estou ás ordens. Que vos parece? Quer dizer que se vê na preparação para alguma semsaboria porque meu marido é facil de sugestionar.—*Assidua leitora da «Capital».*

Mais um exemplo contido nas seguintes commovedoras linhas:

Sr. redactor:—Escreve-lhe uma victima dos exploradores. Tenho trez filhos, de dois, seis e oito annos. Minha mulher, fraca e muito sugestionavel, cahiu na rêde das taes somnambulas e encontra-se hoje desorientada quasi com a razão perdida. A minha casa, ha mezes um ceu aberto, é agora um inferno de lagrimas.

Applaudo por isso a campanha de v. ex.ª com todas as forças e pedindo desculpa de não assignar, por motivos obvios creia-me, etc.—*Constante leitor.*

Não largarei de mão o assumpto. A convicção de que a minha attitude corresponde a uma necessidade urgente e a uma aspiração legitima da população, revigora-se com cada novo exemplo. Está dado o grito de alarme, e a demonstração serena, imparcial e fria, não é difficil de fazer. Proseguiremos pois.

Hermano Nevés.

A questão das subsistencias

A'cerca da crise do assucar conferenciaram hoje com o sr. governador civil os administradores dos concelhos da Moita e do Barreiro.

A Nova Companhia Nacional de Moagens obteve do chefe do districto auctorisação para mandar vir para Lisboa 5 vagons de trigo que estavam em Oeiras.

Diplomatas

RIO DE JANEIRO, 14.—E' esperado, amanhã, n'esta capital o ministro da Russia, Sticherbatskoy.—(Americana).

As declarações do sr. Pinheiro Torres

A *Liberdade* diz, a pedido do sr. Pinheiro Torres, que a conversa que este distincto jornalista teve com o nosso correspondente no Porto, não revestiu o caracter de entrevista. A *Liberdade*, porém, não nega a authenticidade das affirmações feitas pelo sr. dr. Pinheiro Torres, e isso é o essencial.

Quanto a explorações politicas, não somos nós quem as faz, mas aquelles que desejariam levar todos os catholicos portuguezes ao esquecimento do que devem á Patria só por odio á Republica. Esses é que são verdadeiramente os exploradores, para lhes não dar outro epitheto mais duro e tambem mais ajustado...

A PALAVRA ELOQUENTE DO CARDEAL MERCIER

Como pensa o patriota, o christão e o philosopho

Para os nossos catholicos germanophilos lerem!

Foi recebido no Havre o texto stenographado do celebre discurso proferido pelo cardeal Mercier na egreja de Santa Gudula de Bruxellas por occasião da festa nacional belga em 21 de julho ultimo.

O grande prelado, gloria da sua patria e orgulho da raça latina, sacerdote de vida immaculada e um dos mais notaveis philosophos espiritualistas do nosso tempo, não receou exprimir mais uma vez, com admiravel audacia, os seus sentimentos. Como texto a desenvolver, tomou estas palavras do primeiro livro dos Macchabeus: «Jerusalem, os estrangeiros dominam dentro dos teus muros; os teus dias de jubilo transformaram-se em dias de luto.»

O cardeal Mercier iniciou assim o seu discurso:

Carissimos irmãos: deviamos reunir-nos aqui para festejar o 85.º anniversario da nossa independencia nacional. Dentro de quatorze annos, em egual dia, as nossas cathedraes restauradas e as nossas egrejas reconstruidas terão patentes as portas por onde a multidão se precipitará no seu interior. O nosso rei Alberto, de pé no seu throno, inclinará, mas com um gesto livre, perante a majestade do Rei dos reis, a fronte que ninguem logrou dobrar. Rodeal-o-hão a rainha, os principes reaes; tornaremos a ouvir os alegres repiques dos nossos sinos e, em todo o paiz, sob as abobadas dos templos, os belgas, de mãos dadas, renovarão os seus juramentos ao seu Deus, ao seu soberano, ás suas liberdades, emquanto os bispos e os sacerdotes, interpretes da alma da nação, entoarão, n'um commum *élan* de reconhecimento jubiloso, um triumphal *Te Deum.*

Hoje o hymno de alegria expira nos nossos labios. O povo judeu, captivo em Babylonia, assentado á beira do Euphrates, via, lacrimoso, correr a agua do rio. As suas harpas mudas pendiam dos salgueiros da margem. Quem teria animo de cantar o cantico de Jehovah n'uma terra estrangeira?

Frisando, em seguida, que «odiar consiste em ter como objectivo o mal de outrem e comprazer-se n'elle» e que a concordia nacional se allia na Belgica á fraternidade universal, o arcebispo de Malines accrescentou:

Mas, acima do sentimento da universal fraternidade, colocamos o respeito do direito absoluto, sem o qual não ha commercio possivel, nem entre os individuos nem entre as nações. E eis porque, com S. Thomaz de Aquino, o mais auctorisado doutor da theologia christã, proclamamos que a vindicta publica é uma virtude. O crime, violação da justiça, attentado contra a paz publica, quer emane d'um particular quer d'uma collectividade, deve ser reprimido. Reinará a inquietação nas consciencias revoltadas e torturadas, emquanto o culpado não fôr, segundo a expressão tão sã e tão forte da linguagem espontanea, «mettido na ordem».

E' restabelecer a ordem e o equilibrio restaurar a paz na base da justiça. A vingança publica assim comprehendida póde irritar a sensibilidade doentia d'uma alma fraca; não deixa, por isso, de ser, segundo S. Thomaz, a expressão, a lei da caridade mais pura e do zelo que constitue a sua chamma. Para ella o soffrimento não é um alvo, mas uma arma vingadora do direito menosprezado.

Como quereis amar a ordem sem odiar a desordem? Appetecer intelligentemente a paz sem expulsar aquillo que a corroe? Amar um irmão, isto é querer-lhe bem, sem querer que, de bom rosto ou por força, a sua vontade se curve perante os imprescriptiveis rigores da justiça e da verdade? E' de semelhantes alturas que cumpre considerar a guerra, para lhe comprehender a grandeza.

Migalhas

Monumentos

A França vae erguer dentro de breves dias um monumento ao seu primeiro soldado cahido na Grande Guerra.

Trata-se d'um cabo de infantaria, positivamente assassinado na fronteira de leste, dois ou tres dias antes da declaração das hostilidades, quando, para não perturbar com qualquer incidente as gravissimas conversações diplomaticas do momento, os exercitos francezes de cobertura tinham sido retirados para dez kilometros á rectaguarda da linha fronteiriça.

A França pagará assim a sua divida de gratidão para com a primeira victima da formidavel hecatombe. E' o rebento inicial da soberba floração de marmore e bronze, que ha-de assignalar para os vindouros a epopeia de hoje.

Se vivessemos n'outro paiz, poderiamos recordar-nos, a proposito de essa estatua, que, aos primeiros rebates da guerra, quando ainda Portugal não estava envolvido n'ella, quando a sua participação militar era uma charada confusa, rapazes da nossa terra se atiraram intrepidamente á fornalha. Entre os voluntarios de todo o mundo, que abraçaram com enthusiasmo a causa da justiça e do Direito, havia portuguezes. Lembremo-lo com gloria sirva-nos de consolo a muitas miserias que nos tem sido dado presenciar. Pois bem. Ao primeiro portuguez cahido nos campos de batalha da Europa e ao primeiro soldado nosso derrubado em Africa por balas allemãs, deveriamos junta-los no mesmo pedestal e erguer-lhes as figuras na melhor das nossas praças publicas. Já estou vendo os sorrisos que esta ideia provocará. Apelar para uma subscripção publica é uma ingenuidade que evitaremos. Juntar-se-hiam com difficuldade duas cetenas de mil reis que nem chegariam para os alicerces. Por outro lado, nas verbas orçamentaes não ha nenhuma destinada aos heroes mortos. Ellas mal chegam para o apetite dos heroes vivos. Talvez, em ultimo caso, pudessemos contentar-nos com uma lapide que se acrescentasse ao monumento dos Restauradores, pois, pensando bem, esses que foram os primeiros a dar o seu sangue de portuguezes n'esta guerra em que se joga o nosso destino, são tão grandes como os que outr'ora sacudiram o jugo dos dominadores estranhos. A causa que serviram é ainda a mesma atravez dos seculos.

André Brun

O centenario dos cursos de Bellas Artes no Brazil

RIO DE JANEIRO, 14.—Decorreu com grande enthusiasmo a commemoração do primeiro centenario da fundação dos cursos de Bellas Artes, sendo cunhada uma medalha pelo professor de gravura Girardet. Nos discursos da cerimonia foram recordados os episodios da missão contractada em Paris pelo marquez de Marialva, então ministro de Portugal em França, a qual embarcou, no Havre, no navio «Calphe», desembarcando no Rio de Janeiro no dia 26 de março de 1816. Faziam parte da missão Lebreton, chefe, o pintor historico Debret, o architecto Montigny, o gravador Pradier, o professor de mechanica Ovide e os professores Meunier, Bon Repos e Dillon.—(Americana).

Uma noite no mar da Mancha

Do Havre a Southampton

LONDRES, 28 de julho.

Quem julgar que o vir aqui a Inglaterra é facil, engana-se. Não basta ter na carteira o dinheiro para a compra do bilhete e um passaporte vulgar. São mil e uma formalidades a cumprir e interrogatorios intermináveis e numerosos a que ha que responder.

O nosso passaporte foi visado no Quai d'Orsay e pelo que respeita á Legação de Portugal estava tambem absolutamente em ordem, mas não bastava isso. Um *controle* militar que o governo inglez tem estabelecido em Paris tem tambem de lhe pôr o seu visto e de nos interrogar durante algum tempo.

Lá fomos, e pareciam não ter fim as perguntas que nos fizeram. O nosso nome, filiação, naturalidade e profissão. O fim que nos levava a Inglaterra e o tempo que ali tencionavamos permanecer. O hotel para onde iamos e as pessoas que em Londres nos poderiam abonar. Emfim, uma maçada dos demonios e uma serie de carimbos e rabiscos que occupavam mais de metade do verso do passaporte. Em toda a viagem até chegarmos a Southampton e nos varios pontos onde os nossos papeis foram revistos e as mesmas interrogações sistematicamente feitas, notamos a insistencia de todos os funccionarios inglezes em quererem saber se vinhamos de Hespanha ou se n'este paiz nos tinhamos demorado durante a passagem para França. Lemos mesmo nos olhos dos inglezes que nos interrogaram e nas suas meias palavras que estão sempre desconfiados com toda a gente que vem de Hespanha.

Mas deixemos esse caso que não nos interessa e que apenas diz respeito ás relações entre os dois paizes.

Sahidos de S. Lazare e correndo pelos campos admiraveis, ricos e formosos da França tivemos occasião de mais uma vez verificar a meticulosidade e sciencia do amanho das terras. Tal como no sul, tambem aqui para o norte são as mulheres e as creanças que tudo fazem. Os homens validos estão todos lá em cima nas linhas de fogo luctando contra o inimigo e as mulheres ficaram por cá amanhando os campos, para que nada falte, para que a França tenha, como nos annos de paz, abundantemente o pão e o vinho, a carne e a fructa. Admiraveis e sublimes mulheres de França, nós temos pelo vosso esforço e pela vossa dedicação o maior dos respeitos e a mais profunda admiração! Todas de negro, com as toucas brancas na cabeça, vemol-as pelas estradas conduzindo os carros ou amontoando em almenaras o feno recem-cortado. E' este concurso admiravel e sublime de todos para a libertação da Patria, que torna a França invencivel. Até Rouen o comboio leva pouca gente, mas ali quasi se enche de soldados e officiaes inglezes. São aquelles que uma licença ganha em dias successivos de combate lhes permitte algum tempo de repouso nas suas casas com as mulheres e os filhos. São todos homens fortes e saudaveis. A pelle vermelha e queimada pela demorada permanencia ao ar livre. Serenos, frios, impassiveis. Falam muito pouco e emquanto a fumarada dos cachimbos se perde pelo espaço, os seus olhos verdes passeiam melancholicamente pela paizagem em volta. Vestem todos com a maxima correcção e apesar de recemchegados das trincheiras nem um botão lhes falta, e as grandes botas amarellas que lhes chegam ao joelho e todo o correame são impeccaveis de asseio.

Com o cahir da tarde approximamo-nos do Havre onde devemos tomar o vapor para Inglaterra. Sahidos da estação, uma tipoia manhosa conduz-nos, atravez de ruas mal empedradas e sujas, até ao lado das docas. Esta parte do Havre é muito feia e deixa-nos muito mal impressionados. As ruas são qualquer coisa como o nosso Boqueirão do Duro ou o Pateo do Pinzaleiro, negras, humidas, tortas e anthipaticas.

Antes do embarque temos nova massada de exame de passaportes. Entramos todos para um barracão dividido ao meio por um tabique. Lá dentro uns officiaes e sargentos inglezes lêem os documentos e fazem umas garatujas a tinta sob um carimbo qualquer. Não fica por aqui; ha ainda um official que faz perguntas e um funccionario consular que põe mais carimbos e mais rubricas e assignaturas. Dão-nos uns cartões e atravessamos o caes.

A' entrada da ponte que communica com o vapor dois soldados recebem os cartões e podemos então embarcar. O leitor julgará que tudo acabou e que socegadamente passeando pelo convez nós podemos aguardar a hora da partida? Engana-se.

Dentro do vapor ha ainda um empregado da Companhia de Navegação que nos pede os papeis, que os lê por todos os lados e que ainda tem coisas para lhes escrever e carimbos para lhes pôr. E só depois d'isto tudo é que nos dá um beliche. Não temos vontade de nos deitar e mesmo não o poderiamos fazer em condições de commodidade. A nossa cama fica em cima no convez, a meia nau, e no proprio compartimento do Bar. Quando entramos para arrumar a nossa mala de mão estava tudo á cunha, e uma fumarada enorme tornava o ambiente irrespiravel. O Bar é muito acanhado, mas mesmo de pé os inglezes vão bebendo cerveja, whisky e alguns, mas poucos, bebem aguas mineraes. Já sabemos que esta beberricagem só acaba com o apagar das luzes e o signal de silencio e n'estas condições resolvemos vir passear cá para fóra. Ainda é cedo para largar. Ha muitos passageiros que, não tendo jantado no comboio, estão jantando nos restaurantes da cidade. Passam no ar redes cheias de malas que um guindaste vae buscar ao caes e depois larga sob a bocca escancarada e negra do porão. Soldados inglezes vão e vem carregados de saccos que nos dizem cheios de correspondencia, e que atiram sem cuidado nenhum para dentro dos porões.

* * *

Parou quasi todo o movimento. E' noite. Ao longo das muralhas do caes os globos vermelhos da illuminação projectam nas aguas negras uma linha brilhante e sinuosa. O nosso vapor singra por um dos lados sobre o mar, uma agua suja e oleosa.

Está já tudo a bordo e lá debaixo, do *Dinning Room*, sóbe até nós um ruido de conversação animada. Descemos tambem. Ha apenas uns dois logares vagos nas mesas. Come-se fiambre e «roast-beef» de mistura com conservas ou compotas de fructas e bebe-se cerveja e whisky com soda. Ninguem fuma. A conversação versa sobre a viagem e a hora provavel da chegada a Inglaterra. Apenas duas ou trez pessoas falam dos submarinos. Sabimos de novo para o convez. Ouvem-se apitos annunciando a par-

---

Folhetim de A CAPITAL—12-10-1916

O exercito

A influencia de Beresford e a reunião bastante frequente do exercito portuguez ao britannico, tinham já dado, no primeiro quartel do seculo, ás nossas tropas, uma fórma essencialmente ingleza. Em 38 o fardamento quasi se parecia inteiramente com o do exercito inglez, sobretudo no padrão e no córte; a côr, todavia, permaneceu nacional. Foi a epocha em que por quasi toda a Europa os exercitos regulares, ainda firmados nas ordenações do primeiro Imperio, transitaram lentamente do velho estylo francez, d'abas vermelhas e golas á Polignac, para a fórma cossaca d'entre Don e Diniester, com especialidade na cobertura que se vulgarisou logo na Prussia adoptando sem rebuço a *czapska* polaca. O general Schwalbach, barão de Setubal, e o coronel Eschwege, allemão ao serviço do exercito portuguez, fizeram as primeiras modificações sensiveis na organisação do conde de Lippe, talharam, á maneira dos exercitos do Hanovre (que tanto valia dizer inglez) um fardamento proprio que teve o raro merito de aproveitar o lado pratico do equipamento estrangeiro, conservando, todavia, as caracteristicas nacionaes, pouco variaveis desde Schomberg e d'Entrecastines.

Em 40 fazia o exercito portuguez um formidavel contraste com o hespanhol, então desorganisado por completo, miseravelmente equipado, votado ao abandono desde a capitulação de Cortez. Entre nós havia o garbo que a antiga ordenança favorecia; os dragões de Chaves constituiam uma *élite* ciosa da sua elegancia puramente militar; sempre irrequietos, favorecendo mais do que nenhum outro corpo, todos os pronunciamentos do tempo, tinham a *morgue* insolente, a altivez desdenhosa dos mosqueteiros de Luiz XIII; os lanceiros que forneciam os serviços de guarnição em Lisboa e Cintra, não lhes cediam o passo, tinham o aprumo dos uhlanos polacos, montados unicamente em cavallos inglezes, de cabeça bem erguida sahindo da alta gola encarnada, envolvidos em innumeraveis galões amarellos, com os bonets de um escarlate estridente. Posto que já então os homens de cavallaria não recebessem paga dobrada, como anteriormente, a tradição mantinha-se—e por conseguinte a casta. Os cuidados mais especialmente dados á cavallaria favoreciam a differença, de resto innata, entre o cavalleiro e o peão e a remonta por completo ingleza, custosa e difficil, dava-lhes, dentro da linha, uma aristocracia que os outros invejavam; todavia esses disvelos mingoavam; antes das invasões as remontas faziam-se com escrupuloso cuidado nos districtos raianos, na Beira, em Traz-os-Montes e com muita frequencia na Andalusia. Fôra o tempo aureo das cavallarias nacionaes; em 1840, a remonta era de quatro mil cavallos) proximamente—e quasi todos inglezes.

A infanteria—e com especialidade os caçadores—tinham uma larga e justificada fama. Era a mesma d'hoje, resistente e soffredora, toda uma raça d'homens pequenos, bem escolhidos, de membros proporcionados, lembrando, na estatura, os japonezes e tendo como os japonezes uma agilidade maravilhosa, uma inconfundivel mobilidade; a barba, então muito commum, dava-lhes um aspecto sombrio e decidido concordando com a elegancia concisa e sobria do uniforme: fardetas quasi pretas, com golas e carcellas pretas tambem, cordão e dragonas da mesma côr, barretinas conicas de couro recosido, espingardas britannicas curtas e manejaveis, patrona e bornal ligados ao cinturão, Poucos botões—nenhum tom claro; uma distincção que era um meio termo justamente apropriado entre o *rifle* inglez e o *chasseur* de Vincennes do duque d'Aumâle. A complicação sempre crescente dos trens regimentaes compensava-se pela tendencia a tomar o equipamento simples—e a mobilidade provinha, sobretudo, da ausencia de peso inutil,

Eram excellentes os soldados—eram pessimos os officiaes. Não lhes faltava, comtudo, a competencia profissional mas simplesmente a politica absorvia-lhes todos os cuidados. Quasi todos os officiaes em serviço activo pertenciam a um *club* politico ou a um systema de maçonaria e todos, quando o acaso os dividia eram irreconciliaveis. Eram os officiaes que fabricavam ministerios para logo depois lhe provocarem a queda, dirigiam agrupamentos, exerciam as mais desencontradas pressões — e a elles se deve todo o periodo de sublevações militares que vae desde a Villafrancada até aos movimentos moribundos da Regeneração. A intriga tomou uma amplitude nunca vista; qualquer, mesmo da mais obscura patente, com serenidade fatua imaginava pelo seu raio d'acção, ou proteger os designios da corôa ou oppor-se a elles; e era admiravel vêr-se aqui e alem um modesto alferes ou tenente franzir um sobr'olho terrivel quando Costa Cabral restabeleceu as relações diplomaticas com as potencias do norte, declarando peremptoriamente quem tal não consentiria. Como cartistas *propriamente ditos*, cartistas dissidentes e setembristas se degladiavam com forças proximamente eguaes, a lucta tinha todas as apparencias de se eternisar, prejudicando uns e outros, provocando transferencias em massa de regimentos inteiros, reformando e affastando sem hesitação um numero avultado de officiaes. Um momento houve em que se pensou em desligar todos os quadros sob o pretexto especioso de serem setembristas na sua quasi totalidade os individuos que os compunham. E ainda em consequencia das revoluções sempre renascentes, nunca aquietadas, havia então tres ou quatro vezes mais officiaes do que o exigia o serviço do exercito, mesmo em tempo de guerra porque todo o partido que triumphava demittia os que lhe eram reconhecidamente adversos, prehenchendo todos os postos, sobretudo de subalternos e de capitães, com elementos que lhe fossem sinceramente affeiçoados afim de poder contar com o exercito nos momentos decisivos. Os officiaes demittidos e tambem quasi todos os de D. Miguel, licenceados depois d'Evoramonte, ou não tendo emigrado ou voltando do exilio em virtude da amnistia, formavam uma classe sempre reclamadora, sempre exigente, prompta a todas as audacias, dando-se a si propria o intolerante nome de *retirados*, manifestando clara antipathia por toda a ordem de cousas permanente. E toda a agitação se exacerbava com a miseria porque o estado magrissimo das finanças não permittia o pagamento de soldo a reformados e *retirados*.

No entanto a unidade estabelecia-se. Comquanto prevalecesse accentuadamente o criterio inglez—para o que não era estranho o coronel Page, especie d'enviado do seu governo com a missão secreta de seguir de perto a questão politica,—o numero de officiaes estrangeiros ao serviço de Portugal era quasi nullo. Tudo quanto a tradição conservára sobre os velhos regimentos do *Royal Emigré*, da infanteria de Castres, de Dillon ou de Montmart—desapparecera com as invasões. Apenas o conde de Lippe era lembrado e o proprio Beresford fôra uma vaga administração que passára. Dos mil e quinhentos homens estrangeiros, na sua maioria normandos, com que D. Pedro desembarcara ao norte do Porto, muito poucos existiam seis annos depois. Com a vinda de D. Fernando e, anteriormente, de D. Augusto, os bavaros mantiveram-se—mas esses mesmo foram desapparecendo lentamente. Integrados ficaram o barão de Setubal com o commando do Algarve e o barão d'Eschwege, encarregado da edificação do palacio da Pena.

Se todavia os officiaes envolvidos em negocios de politica, não constituiam entre si uma unidade e uma cohesão indispensaveis, o soldado conservava uma inteira e cega obediencia áquelles que o tinham levado a todos os feitos de brilho; o duque da Terceira tinha em cada um um devoto, exercia sobre todos uma influencia quasi illimitada. N'um periodo de guerras civis em que o exercito frequentemente interveio, foi comtudo, rara a manifestação expontanea do soldado. Levavam-nos. Um grupo de fardas chegava, ordenava e era obedecido sem hesitação; mas de resto, individualmente, a praça estava já em via de preparação pela actividade dos *clubs* revolucionarios e pelo *meeting* publico que então começava a tomar incremento. Era, como sempre foi, uma excellente materia prima para soldado; soffredor, paciente, humilde — e, em se lhe falando ao coração, capaz, com toda a simplicidade, dos maiores heroismos; pertencia áquella rara especie de homens que faziam o encanto e a satisfação do velho coronel Pégo, d'estes que a um tempo arrastam brutalmente uma espada e podem ainda córar quando um superior lhes faz qualquer observação com modo severo. Fazer rebentar as lagrimas ao soldado, evocar o que a sua intelligencia em bloco melhor pode apetecer desejar dentro das coisas naturalmente humanas, —era ainda a melhor maneira de o ter na mão. Era o processo que não deixavam nunca de usar os agitadores; por isso estragaram o soldado, sim—mas não lhe deformaram a alma. Depois de ter sido a alavanca da liberdade, foi o joguete dos ambiciosos, mas não se deshonrou nunca — nem mesmo nas luctas fratricidas. Em Almoster e na Asseiceira recrutas d'entre liberaes e miguelistas deixavam cahir lagrimas, grossas como punhos, por terem de marchar contra irmãos—e apesar d'isso batiam-se. E velhos veteranos de 34, sessenta annos depois, rouquejavam ainda um soluço na garganta secca, borbulhavam um pranto nos olhos aridos ao rebentar os dias de claro sol em que luctaram pelo seu Portugal pequenino com a simplicidade das almas simples, e com a bravura das almas grandes. Tinham nobreza, tinham piedade, tinham amor. Eram soldados!

(Do livro em preparo *Lisboa antes da Regeneração*),

Mario d'Almeida.

:ida e o vapor condensado cae sobre nós em chuva miudinha.

O «Bar» continúa á cunha, cheio de fumo e de bebedores. Encostados á amurada olhamos o caes deserto. Fazem-se os preparativos para a sahida e retirada a prancha e recolhidos os cabos de novo o apito sôa, estridulo e irritante como um grito no meio da noite. No mastro em frente sobem umas lampadas electricas vermelhas e brancas. Deve ser um signal qualquer, talvez de despedida.

As helices começaram a trabalhar e do costado do vapor sãe agora maior quantidade de agua suja e oleosa. Descollámo-nos do caes e por entre embarcações negras enfiamos direitos ao pharol. Durante muito tempo navegamos assim junto á terra vendo o bruxulear das luzes dos caes por entre a nevoa. De tempos a tempos passamos juntos de agrupamentos de barcaças negras, onde ardem fogueiras e onde sombras passeiam pelo convez.

A noite está fria e negra, o mar calmo. Olhamos para a negrura que nos envolve e procuramos com a vista penetrar todo o mysterio da noite. *Começa a cahir uma chuva meuda.* Por todo o navio passeiam sombras. Apagam-se as luzes e do Bar sahiram os ultimos bebedores. Apesar da chuva e do frio não nos deitamos, attrahe-nos todo o mysterio d'este navio silencioso que navega cautelosamente atravez da noite. Nem uma luz accesa e lá debaixo do *Dining-Room* não vem luz nem ruido. Junto de nós passa um casal muito unido ciciando promessas.

O vapor em que navegamos é o *Hantonia* e faz a carreira do *Sussex* que ainda ha pouco os allemães metteram no fundo aqui por estas alturas.

Mas todos vão descançados. A marinha ingleza vigia attentamente os mares, limpando-os dos corsarios e garantindo a todo o mundo a passagem livre e confiada.

Percorremos o navio. Na prôa homens e mulheres dormem amontoados sobre as escotilhas do porão, na coberta adivinham-se tambem por entre a negrura da noite, vultos embrulhados em mantas de viagem e que não tendo alcançado uma cama dormem sobre os bancos. Vamo-nos deitar tambem, tendo verificado que por toda a parte e em abundancia ha grandes depositos de cintos de salvação. Em caso de sinistro ha de sobra para toda a gente.

* * *

Quando acordamos entravam pela vigia do beliche uma claridade e uma frescura adoraveis. Sahimos para o convez. Ha já muita gente de pé e podemos agora vêr as caras de alguns dos casaes nocturnos. Continuam a passear abraçados e alguns visionando já o cahir da tarde amoroso e sensual que hão-de passar muito unidos sobre a relva de Hyde-Park.

O mar continua calmo. Voam já em volta de nós algumas gaivotas brancas. Lá ao longe, por entre a bruma, adivinham-se as massas negras de navios de guerra. Vae aclarando e no ceu as nuvens doiram-se com os primeiros raios do sol. Um sol triste e doentio que nos faz lembrar com saudade as madrugadas gloriosas e triumphantes da Patria.

Devemos estar perto de terra e alguns passageiros affirmam ter visto á nossa direita as primeiras escarpas da ilha de Wight. Passa por nós negro e envolto em fumarada espessa um *destroyer* inglez. Já se vê nitidamente a costa e da bruma vão surgindo cascos negros de embarcações. Cae uma chuva meuda que nos molha intensamente mas ninguem sahe da amurada.

A' direita fica Plymouth, mas antes de entrarmos no canal temos de passar bem junto a duas fragatas que marcam o espaço livre de rêdes. Mais ao longe e a pouca distancia de terra surgem do mar grandes cylindros de onde partem em direcções varias linhas de boias, duas das quaes terminam nas fragatas por onde vamos passar. Ha quem affirme que estas boias são minas. Engano. Um official explica-nos que todas aquellas boias sustentam fortes e immensas rêdes de ferro que impedem a entrada dos submarinos no canal. Para podermos entrar temos de passar por aquella porta que as duas fragatas marcam. Os grandes cylindros são fortalezas couraçadas, e, embora velhas, ainda estão artilhadas e podem prestar serviços.

Passamos as linhas de rêdes e eis-*nos dentro do canal, entre a ilha de* Whigt e Plymouth.

Vê-se perfeitamente a costa, cheia de casebres negros e fabricas e encostados aos caes muitos, mas muitos vapores, enormes, todos brancos, tendo apenas a meio do costado uma faxa verde e de espaço a espaço uma cruz vermelha.

São os navios hospitaes que constante e ininterruptamente fazem serviço entre a França e a costa ingleza.

Já para traz de nós fica Plymouth e a ilha de Whigt aproamos directamente a Southampton. Ao nosso vapor atraca um pequeno vapor negro que nos traz uns officiaes. Approximamo-nos e dentro em pouco eis-nos encostados ao caes. Atiram os cabos e lançam a prancha. Primeiro sahem os militares depois os civis. Nova massada nos aguarda. Tal como no Havre tambem aqui ha um barracão onde uns officiaes leem os passaportes, fazem rabiscos a tinta e põem carimbos. O desembarque do vapor faz-se mesmo na estação de caminho de ferro onde temos de embarcar para Londres. Esta estação é um barracão escuro, e o nosso caes do Sodré é um monumento admiravel comparado com isto. Tudo negro, sem commodidade nem asseio. As paredes e o tecto são de madeira tosca e em toda a estação não ha um unico banco onde nos possamos sentar.

Vamos logo para o comboio que, valha a verdade, tambem não é bom. Esta primeira impressão que recebemos em Inglaterra, é detestavel. O tempo, porém, e a permanencia fez-nos mudar de opinião. Já dentro do vagon descobrimos uma loja com café e bolos. Vamos lá tomar qualquer coisa. Um horror. O café não presta e os bolos são detestaveis. Compramos uma illustração e o *Daily Chronicle* para termos noticias da guerra e para ver se os jornaes nos dizem alguma coisa dos nossos ministros que ha dois dias para cá estão. Um empregado passa. Ouvimos fechar com ruido as portinholas dos vagons, o comboio parte e já fóra, a caminho de Londres, correndo pela campina verdejante, sentimos uma immensa satisfação de alivio, deixando para traz a estação de Southampton.

EDMUNDO PORTO

O nosso esforço militar

Uma propaganda que não é apenas util, mas é urgente fazer-se

Tancos foi uma gloriosa «étape» da nossa preparação militar. Falou-se muito d'ella, mas melhor do que as palavras falam os factos, e os que tiveram occasião de verificar «de visu» os excellentes resultados colhidos n'esse periodo de instrucção encontram-se mais na medida de lhe apreciar o valor do que aquelles que apenas d'isso tiveram noticia pela leitura rapida dos jornaes.

Muito assizadamente, porém, o ministerio da guerra encarregou technicos de elaborarem um «film» cinematographico em que ficassem registados variadissimos aspectos da divisão, acampamento, exercicios, parada, etc., e que n'este momento uma grade casa de espectaculos exhibe em Lisboa.

No entanto, suppomos não ser sufficiente a vulgarisação obtida por essa forma, e estamos certos de que ha n'esse sentido muito mais ainda que fazer. A organisação de espectaculos populares inteiramente gratuitos, em que fosse exhibido o «film» de Tancos, parece-nos da mais alta conveniencia, tanto mais que a propriedade industrial d'esse «film» pertence incontestavelmente ao ministerio da guerra, que o mandou executar.

Assim, toda a gente, mesmo os mais humildes, teriam occasião de «vêr com os seus olhos», e não seria por certo indifferente a influencia de semelhante propaganda como factor de patriotismo e suggestão de virtudes civicas.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

PARTIDAS E CHEGADAS

Parte para Melgaço, a fazer uso de aguas, depois do que irá para Lageosa, Oliveira do Hospital, o sr. Aurelio Amaro Diniz, da commissão executiva da camara municipal de Lisboa.

—Partiu hoje para o Gerez o sr. Virgilio Ribeiro, socio gerente da Casa Triumpho, da rua Augusta.

—Tambem hoje partiu para a sua casa em Parede, o sr. Victor Marques Caratão.

—Seguiu para o Grande Hotel nas Caldas da Felgueira, o considerado clinico sr. dr. Antonio Bernardino Roque.

—Encontra-se em Faro o sr. Raul Martins, empregado do cabo submarino.

LUTUOSA

Falleceu a sr.ª D. Irene Angelica da Silva Lirio, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã e sahindo o prestito funebre ás 15 horas da rua Elias Garcia, 72, Amadora, para o cemiterio oriental.

A censura postal

Continuam as queixas sobre a demorada censura postal. Assim, uma carta vinda de Hespanha e cujo sobrescripto temos em nosso poder chegou a Lisboa no dia 3, tem o carimbo da censura do dia 12 e só hontem foi entregue.

Dez dias para censurar uma carta, achamos demasiado. Que se não demorem as providencias necessarias taes são os nossos desejos.

NO SALÃO FOZ

Uma sensacional estreia

Uma bailarina do Olympia de Londres e da opera de Paris

Encontrámos nos jornaes um annuncio que a seguir publicamos em que se réclama uma bailarina que se exhibiu já nos palcos do Olympia de Londres e da Opera de Paris. Isto quer dizer que deve ser uma artista maravilhosa.

O annuncio é o seguinte:

SALÃO FOZ

Epoca de verão de 1916

HOJE—Espectaculo da moda

Sensacional estreia da celebre bailarina internacional

Nina Walky

Verdadeira novidade em Lisboa—Successo sem precedentes dos festejados artistas

Stella Margarita

La Bella Lopez

Carmen Vicente

Bellos films—Magnifico programma de concerto

Ainda esta semana—Estreia de uma grande attração.

Não falta, portanto, ninguem de bom gosto, hoje aos espectaculos do Salão Foz. Bons numeros, *films*, boa musica e ainda por cima uma casa fresca, bem ventilada não se encontra assim com facilidade.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

Uma semana de operações militares britannicas

NA EUROPA

LONDRES, 14. — Summario das operações militares britannicas durante a semana terminada em 11 do corrente, compilado por um escriptor militar muito conhecido:

No sabbado 5 de agosto de manhã cedo os australianos e as tropas do sul de Inglaterra avançaram ao norte e a oeste de Pozieres tomando o resto da segunda linha allemã n'uma extensão de 3:000 *metros. A linha tomada estava terrivelmente* destruida pelo fogo da nossa artilharia e as nossas tropas tiveram que cavar muitissimo durante o dia para consolidar a referida linha.

No domingo de manhã tentaram reconquistar o terreno perdido fazendo uso de liquidos inflammados, mas as suas tentativas falharam por completo.

Durante o dia avançamos mais para leste de Pozieres.

Na segunda feira, 7, os allemães deram cinco porfiados ataques ás novas linhas britannicas a norte e a nordeste de Pozières, mas nada conseguiram e perderam numerosos prisioneiros.

Na terça feira, 8, os allemães bombardearam violentamente as nossas posições de Pozières e deram um pequeno e infructifero ataque ao saliento de Leipsig, ao sul do Thiepval.

Na nossa ala direita avançámos a nossa linha 400 metros a sudoeste de Guillemont.

No dia 9 ganhámos algumas centenas de metros ao norte e a noroeste de Pozieres, e na quinta feira consolidámos a nossa posição e fizemos novos progressos.

A importancia ao combate de Pozieres é muito grande. Occupamos actualmente o mais elevado terreno, que nos dá uma observação directa sobre toda a região de leste.

Ao norte, na direcção de Thiepval, a linha allemã apresenta um grande saliente, onde nós occupamos a parte principal do planalto de Thiepval, e dominamos n'uma extensão de algumas milhas ao sul a linha de divisão das aguas.

O inimigo combateu encarniçadamente, como era natural, para sustentar estes pontos vitaes, mas baldadamente.

Um episodio pittoresco foi o que succedeu em um logar onde os allemães estavam retirando: cerrámos cada vez mais o nosso fogo de enfiada e fomos pouco a pouco levando o inimigo a recuar até cahir em nossas mãos.

NO EGYPTO

Pela meia noite de 3 do corrente cerca de 14.000 homens de tropas turcas do exercito da Syria deram um ataque á posição ingleza de Romani, ao norte de Katia, 23 milhas a leste do canal do Suez, atacando os nossos entrincheiramentos de frente e tentando tambem tornear o nosso flanco sul. A força britannica, composta especialmente de territoriaes inglezes e de tropas australianas montadas, derrotaram com facilidade o inimigo.

No sul as nossas tropas retiraram lentamente emquanto o inimigo estava desesperadamente embaraçado nas dunas de areia; contra-atacamos então o destroçamos por completo o inimigo. A perseguição que começou ao amanhecer do dia 4 continua ainda. Foram já feitos mais 3000 prisioneiros e tomadas grandes quantidades de material. Os monitores britannicos fazendo fogo do mar appoiaram as nossas tropas durante o recontro.

Parece que o commando turco esperava operar por surpreza depois de decorrido o mez de agosto, quando lhe fosse facil atravessar o deserto, mas a presteza dos inglezes fez-lhe redundar a empreza em fiasco.

Na Africa Oriental.—O general Smuts depois de ter occupado o caminho de ferro central em tres pontos repelliu durante a semana as forças inimigas, que parecem agora mais concentradas, para os lados da costa. O general Northey que opera ao sul está-se tambem approximando da linha ferrea central, ao mesmo tempo que os belgas a oeste tomavam Ujiji, porto do Tanganika, que é o terminus da linha ferrea central no referido lago.

Os destacamentos novos tomaram o porto de Sadani no Oceano Indico. Os allemães estão sendo assim cercados ao sul da linha ferrea.—(*Havas*).

Não param os exitos russos

PETROGRADO, 14. — No curso superior do Sereth desalojámos o adversario de uma serie de posições fortificadas; tomámos Yezerna e chegámos ao Strypa superior desde Plavoutchavielka até Plotytechir, onde passámos o rio. A oeste de Koropiec tomámos importantes posições e chegámos ao Dniester, proximo de Marienpol.

PETROGRADO, 14. — Continuámos a passar o Strypa, Koropietz, Zlota e Lipa e occupámos Padgeitzy e Marienpol; repellimos o inimigo para a margem esquerda do Bystritza Solotvinska e fizemos mil prisioneiros.—(Havas).

Os hungaros e os seus generaes

PARIS, 14—Os hungaros lançam a responsabilidade da derrota sobre os generaes Planzer, Balin e Hoetzendorf, accusando-os da iniciativa da campanha contra os italianos.

O general Hindenbourg inspira-lhes uma confiança mediocre.—(*Americana*).

Os allemães pensando no futuro

PARIS, 14.—A Allemanha e a Austria negociam a compra na America de 125 a 250 milhões de kilos, representando a totalidade do cobre disponivel para a exportação de 1916.

O metal será entregue apoz a guerra.—(*Americana*).

Navios gregos torpedeados

ATHENAS, 14.—Annuncia-se ter sido torpedeado o grande veleiro grego «Vassilios», ignorando-se a sorte do navio.

Confirma-se o torpedeamento no Mediterraneo do paquete grego «Achilles», tendo sido salva a tripulação.—(Havas).

Inglaterra e Portugal

A sahida dos cruzadores inglezes

O almirante Yelverton a bordo do «Vasco da Gama»

Durante toda a noite passada, até ás 4 horas, os vapores do Arsenal andaram transportando para bordo dos cruzadores inglezes as praças que tinham vindo a terra com licença.

Pelas 9 horas de hoje, o sr. Leotte do Rego, commandante da divisão naval, mandou o seu chefe de estado maior, o 1.º tenente sr. Fradique, a bordo do navio almirante apresentar-lhe os seus votos de boa viagem e communicar que um *destroyer* e uma patrulha de caça-minas pilotariam os navios até ao largo.

Pouco depois dirigia-se a bordo do *Vasco da Gama* o almirante inglez Yelverton, que agradeceu todas as amabilidades de que elle e os seus homens tinham sido objecto, pedindo ao commandante Leotte do Rego que se fizesse interprete junto dos srs. presidente do governo e ministros dos estrangeiros e da marinha do seu grande reconhecimento e do infinito prazer que teve em visitar de novo a capital de Portugal. Aos officiaes e marinheiros portuguezes ficaram gratissimos pela franca e bondosa camaradagem com que os acolheram.

A sua sahida de bordo o *Vasco da Gama* salvou com 13 tiros, que foram agradecidos pelo *Suffolk*, tocando n'essa occasião a banda de bordo o hymno inglez.

Quando os navios se encontravam já no alto mar o commandante da divisão expediu o seguinte radiogramma:

H. M. S. Suffolk—Contra-almirante Bentinck Yelverton.—Peço licença para lhe apresentar, assim como aos seus officiaes e marinheiros, as minhas despedidas ao deixarem-nos e os meus votos de felicidade nas vicissitudes da guerra, esperando que durante a sua curta estada no Tejo tenha ficado satisfeito ao constatar que, não só os marinheiros da velha armada portugueza, mas toda a população da cidade fazem votos pela victoria final sobre o inimigo commum.—*Commandante.*

No governo civil estiveram varios officiaes e praças dos navios inglezes a apresentar as suas despedidas ao chefe do districto.

As perdas do exercito allemão

O estado maior allemão publicou, até 1 de agosto de 1916, 1.074 listas de perdas do exercito e da marinha. Essas listas apenas dão o total das perdas até 1 de julho, o maximo, sendo as seguintes:

Mortos	793.832
Feridos	1.970.716
Desapparecidos	380.004
Perdas totaes	3.153.552

Esses totaes a partir da lista n.º 36, decompõem-se assim:

	Mortos	Feridos	Desap.
Prussianos	621.608	1.528.199	293.186
Bavaros	70.437	178.878	27.167
Saxões	48.891	125.912	24.521
Wurtembergnezes	30.707	79.979	8.445
Marinha	8.021	11.274	17.124

As perdas de officiaes, publicadas até 1 de agosto, elevam-se a 78.821, sendo 24.723 mortos, 47.600 feridos, 4.234 desapparecidos e 2.264 prisioneiros.

Os navios allemães vão ser apresados

O tribunal de presas sentenciará com urgencia sobre barcos e carga

Foi publicado, de facto, hoje, na folha official, o decreto regulando as attribuições do Tribunal de Presas, ao qual devem ser submettidas as cargas dos navios allemães, que, encontrando-se em portos portuguezes, foram apprehendidos á ordem do governo. Esse tribunal deve ficar constituido com a maior brevidade e d'elle devem fazer parte, so que consta, cinco officiaes de marinha mercante, como peritos. Os processos relativos aos navios e cargas serão instaurados e resolvidos com toda a urgencia, havendo o proposito, ao que parece, de fazer publicar as respectivas sentenças, quinze dias depois da constituição do Tribunal.

Os mesmos navios e cargas deixam ámanhã a situação de requisitados. Um official de marinha, o sr. Camara Leme, em Lisboa dirigir-se-ha, pelas 12 horas a bordo dos navios, em nome do governo, afim de proceder ao acto de apprehensão, de que fará o competente auto, por elle assignado e pelos actuaes commandantes dos navios.

Submettidos, depois, ao Tribunal de presas, os navios passam á legitima propriedade do Estado portuguez, legalisando-se d'essa forma a situação d'elles em relação aos paizes neutraes. N'essa conformidade, pensa-se, ao que dizem, nas altas espheras, em organisar as carreiras para o Brazil com os proprios navios allemães, posto que, o serviço fique incumbido, como primitivamente se projectára, á Empreza Nacional de Navegação.

O acto da apprehensão effectuar-se-ha ámanhã em Lisboa sendo dos seguintes navios allemães que se encontram am reparação: «Aveiro», «Barreiro,» «Desertas,» «Peniche,» «Lagos,» «Flores,» «Mira,» «Belem,» «Porto,» «Traz-os-Montes,» «Trafaria,» «Sacavem,» «Ovar,» «Faro,» «Espinho,» «Berlengas,» «Granja» e no «Ponta Delgada» e no «Figueira,» «Leixões,» e «Leça.»

O governo expediu telegramma aos governadores das colonias e provincias ultramarinas dando ordem para que se procedesse á opprehensão dos navios allemães que se encontram fundeados n'esses portos.

Contrabando de guerra

As mercadorias assim consideradas

O «Diario do Governo» publicou hoje o decreto pelo qual são consideradas contrabando de guerra as seguintes mercadorias:

Acetonas e substancias em bruto ou preparadas, empregadas na sua fabricação;

Acido acético e acetatos; acido cloridrico;

Aeroplanos, dirigiveis, balões, aerostatos de toda a especie, suas partes separadas e pertences e todos os artigos para serviço de navegação aerea e da aviação; Alcalis causticos; Alças e partes separadas caracteristicas; Alcatrão de madeira e oleo de alcatrão; Alcooes etilico e metilico;

Algodão em bruto ou em rama e outras fibras vegetaes e respectivos fios ou desperdicios; Aluminio; alumina e sais de aluminio; Amianto; Amido; Amoniaco e seus sais; urea; anilina e seus compostos ou derivados; Animaes de sela, de tiro e de carga; Antimonio; sulfuretos e oxidos de antimonio; Arame e fio de ferro farpado e instrumentos para o collocar ou cortar; Armas de toda a especie, comprehendendo as armas para os usos desportivos, e suas peças separadas caracteristicas; material de artilharia, incluindo peças separadas e pertences; Arreios e selas de toda a especie; Arsenio e seus compostos; boro e seus compostos; bromo; cloro; cloretos e clorato de sodio; iodo e seus compostos; enxofre; anidrido sulfuroso; fosforo e seus compostos; Artigos de vestuario e de equipamentos militares; Bexigas, tripas e peles para salsicharia; Binoculos, telescopios, telemetros, chronometros e instrumentos nauticos diversos; Bissulfureto de carbonio; Borracha, gutapercha e similares, incluindo estes artigos em bruto, regenerados em desperdicios, as soluções, as geleias, e os objectos inteira ou parcialmente feitos com elles.

Crboneto de calcio; cartas e planos de qualquer região comprehendida no territorio de um dos beligerantes, ou na zona das operações militares, na escala de 1 para 250.000 ou em escala superior, bem como a reproducção em qualquer escala de taes cartas ou planos, obtida por meio de photographia ou por qualquer outro processo; caseina; celuloide; cera de parafina; chapas para couraça (blindagens); clorato e perclorato de bario; chumbo, cobalto, ferro, manganésio, molibdénio, nickel, selénio, tungsténio e vanádio; cobre em bruto ou trabalhado, fios de cobre, ligas e compostos de cobre; combustiveis; compostos halogéneos de carbono; corindon natural ou artificial de qualquer especie, incluindo o esmeril e similares.

Cortiça e serradura de cortiça; crina animal de toda a especie; pontas, residuos e desperdicios; docas de toda a especie, pertences e partes separadas; estanho, cloreto de estanho; éteres acético, sulphurico e fórmico; fenol, suas misturas e derivados; ferraduras e instrumentos de ferrador; forjas de campanha e seus pertences ou peças separadas; ferragens e materias proprias para alimentação de animaes; juncos.

Holofotes e seus pertences; Instrumentos e apparelho de signaes submarinos; Lã em bruto, lã penteada ou cardada, fibras de lã penteada ou cardada, desperdicios de lã; Ligas de ferro ou aço comprehendendo os ferros ou aços especiaes com tungstenio, molibdenio, manganésio, vanádio ou cromio.

Lubrificantes; Material de acampamento e suas partes separadas; Material ferro-viario, fixo e circulante material telegraphico, radiotelegraphico e telephonico; Materias tanantes; Mineraes de arsenio, cromio, chumbo, cobre, estanho ferro, manganesio niquel, zinco e bauxite, cm mcáfypâyf vôqjp vbôgjq lite e volframite; Naftalina, suas misturas e derivados; Navios e embarcações de toda a especie e suas partes componentes;

Oleos mineraes e essencias (oleos mineraes em bruto, destilados, petroleos, benzina, nafta e suas misturas e derivados e essencias em geral utilizaveis para motores; Ossos em qualquer estado, inteiros ou partidos e cinza de ossos; Ouro e prata em barra ou em moeda; papel moeda; titulos de divida publica e outros papeis negociaveis; Peles e coiros de toda a especie, em bruto ou cortidos; peles preparadas para selaria, para calçado ou vestuario militar; empanques; valvulas e correias de transmissão; Polvoras e explosivos de toda a especie e materias primas para a fabricação d'estes, taes como: acido nitrico e nitratos, acido sulfurico, glicerina, productos de destilação fraccionada de alcatrão mineral entre benzol e o crezol inclusivé, suas misturas e derivados, perclorato de amonio, perclorato de sodio, nitrato de amonio, cianamida e mercurio;; Productos resinosos, canfora e terebentina (oleo e essencias); Projecteis, cargas, cartuchos de toda a especie e suas partes separadas carateristicas; Sabão; Sais de potassio; Sementes oleaginosas, nozes e amendoas e oleos e gorduras de origem animal ou vegetal; Sodio; prussiato e cianeto de sodio; Substancias alimenticias; Tecidos proprios para vestuario ou usos militares; Toluol e suas misturas e derivados; Utensilios, instrumentos, maquinas e apparelhos que possam servir para a fabricação de explosivos e munições de guerra, ou para fabricação e reparação de armas o material de guerra terrestre ou naval; Vehiculos de toda a especie, utilizaveis na guerra, e seus pertences, incluindo automoveis e moto-carros de toda a especie, suas partes componentes e accesorios e artigos para fabricação ou reparação; xilol, suas misturas e derivados.

Estas mercadorias são consideradas contrabando de guerra quando destinadas directa ou indirectamente a territorio inimigo ou de seus alliados. Considera-se com esse destino as mercadorias transportadas em navio que se dirija ou faça escala por portos inimigos ou alliados d'estes.

As mercadorias destinadas a portos neutros, mas consignadas ao inimigo ou equiparados, a agentes ou intermediarios reconhecidos d'elles, ou a entidades que procedam por sua ordem ou commissão ou sob a sua influencia e as mercadorias com egual destino, mas cujo destino final para territorio inimigo possa inferir-se de desvio manifesto da derrota normal do navio transportador, ou se demonstre por qualquer meio de prova são consideradas contrabando de guerra.

Presume-se contrabando o transporte d'essas mercadorias para paiz visinho do territorio inimigo, ou de que este notoriamente se abasteça, quando o paiz destinatario tenha importado em quantidades superiores á maior das importações dos ultimos tres annos.

Serão sempre boa presa o navio transportador de contrabando de guerra cujo valor, peso, volume ou frete constitua mais de metade do valor, peso, volume ou frete do seu carregamento; o navio em viagem de retorno depois do transporte de contrabando; o navio que se empregue habitualmente no transporte de contrabando de guerra ou em outros actos caracteristicos de assistencia ao inimigo; o navio de propriedade inimiga, susceptivel pela sua construcção, armamento ou disposição e arranjo interno de ser transformado em navio de guerra.

As mercadorias não consideradas contrabando de guerra, e que sejam propriedade actual de inimigos ou equiparados, podem ser aprehendidas a bordo de navios neutros com qualquer destino, para serem sujeitas a deposito e administração.

Leilão dos bens allemães

O conselho de ministros resolveu, de harmonia com uma das resoluções tomadas na *conferencia economica de Paris, mandar proceder novamente ao leilão dos bens dos allemães. A intendencia* dos bens inimigos já tomou providencias para que essa deliberação se effective n'um curto praso.

Sobre esse assumpto já exprimimos a nossa opinião. Entendemos que só se devem leiloar os bens susceptiveis de deterioração e aqueles que os seus proprietarios desejem ver arrematados. Quanto aos outros, não nos parece que Portugal deva crear legislação sobre a materia, sendo preferivel que nos limitemos a seguir o exemplo dos demais paizes alliados

Até este momento, e que nos conste, nem a Inglaterra nem a França promulgaram quaesquer medidas tendentes a arrematação de todos os bens inimigos.

NO POLYTHEAMA

A "matinée„ de gala EM homenagem ao exercito

Como estava annunciado, realisou-se hoje no theatro Polytheama a «matinée» de gala offerecida ao sr. ministro da guerra e em homenagem ao exercito portuguez.

A' hora marcada o theatro encheu-se de officiaes e praças de todos os corpos da guarnição, vendo-se tambem innumeras senhoras e creanças, familias dos mesmos. Estiveram egualmente presentes os internados do Instituto dos Papilos do Exercito.

N'um camarote de frente viam-se o sr. presidente da Republica, e os ministros da guerra e da justiça, com os respectivos secretarios.

A' abertura da sessão a banda de infantaria 16 toca o hymno nacional, que é ouvido de pé pela assistencia.

Seguidamente, os «films» começam a desenrolar-se e á vista do publico, visivelmente cheio de interesse, perpassam primoiramente episodios da guerra actual, veridicos uns, romantisados outros, até que, perto das 5 horas, o «écrain» annuncia as «Manobras de Tancos». E o «film» desliza, e a nota patriotica do soldado portuguez, valente, disciplinado, com a intrepidez no olhar e na execução de ordens recebidas, manifesta-se exuberantemente, a todos dando a patriotica consolação de que o grande esforço de Tancos é já hoje uma enthusiastica realidade.

Finda a sessão a banda regimental, que tocara varias peças escolhidas, faz vibrar de novo os accordes da «Portugueza», e vivas á Patria, e palmas, resôam pela vasta sala do Polytheama.

O sr. presidente da Republica sae acompanhado pelos dois ministros presentes e toda a assistencia os imita.

Eram 17 horas e meia.

Conferencia na faculdade de medicina

A' conferencia que hoje, pelas 21 horas e meia, realisa o sr. dr. Ricardo Jorge no amphitheatro da faculdade de medicina podem assistir não só os medicos, mas ainda os medicos veterinarios.

NOTAS DIVERSAS

A commissão de inventores de guerra está apreciando varios projectos de estudo sobre explosivos e material de guerra que foram apresentados na ultima sessão da commissão.

—A camara municipal de Setubal sollicitou do sr. ministro do fomento a reparação do ramal da estrada districtal entre a ponte da Azenha e a villa de Palmella.

Em viagem

Radiogramma de bordo do paquete «Moçambique»:—Os seguintes passageiros do paquete «Moçambique» estão todos bons e enviam saudações a suas familias: Silva Lopes, Henriques Almeida, Carlos Aguiar, Fernandes Costa, Enfante Neuton, Stockler Moinhos, Alves Correia, Plinio Tinoco Arez, Guilherme Machado e esposa, Gonçalves Pereira Russel, Joaquim Sousa, Augusto Gonçalves e esposa, Barjona Pimenta, visconde Alto Dande, Martins Grillo, Augusto Guimarães, Massano, Augusto Lindote, Jorge Rodrigues, Joaquim Callado, Manuel Rocha, Aureliano Gonçalves, Henrique Lopes, Abilio Augusto, Viriato Serra, Mario Sá e familia, Augusto Ferreira Conceição, irmão e mulher, Herculano Franco e familia, Silva Reis, Villa Maior e esposa, João Ferreira.

A arte de roubar

Para juizo foi enviado Manuel Pereira, morador na rua do Soccorro, 15. 2.º, accusado de furtar uma carteira, medalha e corrente de ouro bolsa de prata, tudo no valor de 60 escudos, a Albino da Silva, residente na rua da Rosa, 159.

Queixou-se hoje á policia, Antonio Marques, com alfayateria na rua de S. Sebastião da Pedreira, 159, de que os gatunos entraram no seu estabelecimento e furtaram 12 cortes de fazenda no valor de 150 escudos, ignorando quem fosse o gatuno. A policia prendera já hontem, como auctores do roubo, Fernando Peres, o «Pé de Chumbo», morador na travessa de Santa Quiteria, 32 loja, e José Fideles, o «Pé de Cordel» residente na rua de Santo Estevão, 16, que eram os portadores dos 12 cortes. Interrogados, confessaram o crime.

—Em poder da policia estão Pedro de Carvalho, o «Rei dos Abcessos», Antonio de Figueiredo, o «Rola da Ponte Nova, Antonio dos Santos, o «Russo», e Narciso Ferreira, «Narciso Esfola», chefe da quadrilha. São accusados de varios furtos com escalonamento e arrombamento, sendo os ultimos roubos feitos em casa de Maria José Moreno, moradora na travessa de S. Placido, 46, loja e Carlota da Conceição Azevedo; pateo do Filippe, á Cascalheira, onde furtaram roupas, talheres de prata e outros objectos, não podendo avaliar-se por emquanto o valor do roubo.

—Os gatunos entraram por meio de arrombamento em casa do sr. José Baptista Antunes na rua José Falcão, letras, J. G. 2, 1.º, e furtaram objectos de ouro e prata, dinheiro e roupas, no valor de 136$50.

O commercio riograndense

PORTO ALEGRE (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL), 14.—O commercio da cidade de Passo Fundo reclamou do governo estadoal a remessa de wagons para transporte de *mercadorias. O governo enviou 200 wagons que serão utilisados no transporte* de cereaes para os estados do norte.—(Americana).

O jornalista Alcides Maya

PORTO ALEGRE (ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL), 14.—O escriptor e academico Alcides Maya está definitivamente fazendo parte da redacção do jornal «A Federação», encarregado da secção politica.—(Americana).

Professores das Escolas Moveis

O sr. ministro da instrucção recebeu hoje uma commissão delegada dos professores das Escolas Moveis Officiaes, a qual formulou verbalmente ao sr. dr. Pedro Martins os seus desejos, já por varias vezes expressos, de que se modifique a situação, verdadeiramente lamentavel, que lhe foi creada no ultimo orçamento.

O sr. ministro da instrucção ouviu com toda a attenção e benevolencia a exposição que lhe fizeram os professores, reconheceu a justiça que a estes assiste e prometteu envidar todos os esforços no sentido de lhes ser feita.

A commissão sahiu profundamente esperançada de que o sr. dr. Pedro Martins satisfará o mais possivel as suas reclamações, entre as quaes avulta a do subsidio de ferias e ainda a equiparação de vencimentos dos professores das escolas femininas aos das escolas mixtas.

Marinha franceza

O commandante e officiaes do «Belatriz» cumprimentam ámanhã o chefe do Estado

Conforme noticiamos deu entrada no Tejo o cruzador francez «Belatriz», empregado na exploração costeira e serviço de caça-minas, que vem a Portugal fazer entrega de algum material que fôra requisitado á França. Os officiaes visitaram o navio chefe da divisão naval, cuja banda, na occasião da visita executou a «Marseheza».

O commandante e officiaes do «Belatriz» vão amanhã apresentar os seus cumprimentos ao sr. Presidente da Republica. O navio retira do nosso porto no dia seguinte.

Exames lyceaes

O ministerio de instrucção auctorisou os reitores dos lyceus a alargar o prazo para conclusão dos exames que por lei finalisáva ámanhã.

As industrias da juta e linho

Na Associação Industrial reuniram esta tarde os principaes industriaes do fabrico de juta e linho, estando representadas 25 fabricas, que empregam mais de 3:000 operarios. A reunião foi motivada pelo decreto de 20 de novembro de 1913, que dá faculdade a todos os governadores das provincias ultramarinas de poderem permittir a importação d'aquelles productos sem pagamento de imposto.

Presidiu á sessão o sr. Henrique Tavera e entre outros oradores falou o sr. Alfredo da Silva, sendo approvada uma moção de protesto contra tal decreto. Resolveu-se que essa moção seja ámanhã entregue ao sr. Antonio José de Almeida e demais membros do governo.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35	35 7[illegible]
Londres, 90 d/v.	35 1/2	—
Paris, cheque	$72,7	$72,[illegible]
Hollanda, cheque	$59	$6[illegible]
Madrid, cheque	1$44	1$4[illegible]
Suissa, cheque	$81	$8[illegible]
New York	1$44	1$4[illegible]
Rio s/Londres	12 11/16	—
Libras	7$10	7$2[illegible]
Agio do ouro	50 %	56 %

BOLSA.—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,20	38,20
» » 500$	38,10	38,20
» » 100$	38,10	—

Obrigações d'Estado: 3 0/0, 1905, 9$40; 4 1/2, 88-89, assent., 57$80 e coupon 57$80. Externas: 1.ª serie, 78$10 e 3.ª, 79$50.

Acções: Banco de Portugal, 168$; Ultramariano, coupon, 180$60; Moagem (nova) 63$20; Phosphoros, coupon, 51$80; gaz coupon, 40$; Agricultura Colonial, 128$.

Obrigações: Aguas, coupon, 84$10; Ultramarino, hypothecarias, 94$50; Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, 1.ª serie, assent., 68$ e port., 78$80; Moagem (nova) 96$; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$; Assucar 41$20.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

O professorado de gymnastica sueca

adoptou um methodo que mal conhece e não o adaptou porque ainda o não soube fazer

Nos ultimos tempos, em volta d'um incidente que collocou em foco um homem a quem o «sport» nacional muito deve e que, intransigentemente, escalpelisa aquelles que acusa de transigentes em assumptos de amor patrio,—tem-se discutido a gymnastica sueca e d'essa gymnastica appareceram professores ou abonando competencia ou desmerecendo-o do merito de outros.

Ora sobre este asumpto permittimo-nos fazer umas ligeiras considerações.

Ao fazel-as...

Excluimos da nossa critica aquelles que teem estudado os systemas gymnasticos nas suas bases scientificas e aquelles que sabendo-se excellentes instructores, modesta mas justamente, se agarram ás suas proporções de technicos e norteiam sempre os seus trabalhos e labor profisisonal pelos esclarecimentos dos hygienistas e dos physioterapeutas.

Mas... esses tão tão poucos, que as nossas palavras teem o valor de englobar a enorme maioria.

Vejamos, pois...

Adoptada como «moda»», mas não adaptada com previo estudo analytico para a creança e homem portuguez, appareceu ha poucos annos a gymnastica sueca com um campo fertil para garantir a vida de muita gente.

A propaganda da necessidade da gymnastica era intensa. O governo decretava o seu ensino «quasi» obrigatorio. De ahi o deslumbramento d'uma profissão rendosa. E tão rendosa, que alguns «mestres», abusando d'um charlatanismo exagerado e de auto-reclamo chegaram a pedir por uma lição mais dinheiro que um cirurgião por um trabalho de cirurgia!

E, apezar da Suecia indicar que para ser professor eram, pelo menos, precisos muitos conhecimentos e oito annos de estudo, dos quaes tres n'um Instituto de especialisação, surgiram professores como cogumelos e muitos d'elles, segundo affirmaçõse trazidas ultimaente á imprensa, sem o exame de instrucção primaria!

Mas ha mais, n'esta comprovação que irmos fazendo de que os portuguezes são mais papistas de que o papa, ou mais suecos do que os proprios suecos!

Quando a Suecia passa o seu diploma de «mestre» ou de «director de gymnastica» a um alumno do seu Instituto, impõe-lhe como obrigação ao exercer tratamentos de gymnastica medica ou de maçagem, a fiscalisação d'esses trabalhos por um medico.

Pois, em Portugal, ha quem antepo-nha á competencia de quartanistas de medicina, a competencia de qualquer sugeito vindo do estrangeiro. Evidentemente, que sendo os cursos portuguezes de medicina, exigentissimos especialmente nas sciencias que se prendem com a gymnastica, anatomias, fisiologias, etc., os alumnos dos cursos são mais competentes que todo aquelle que d'essas sciencias apanhou as noções indispensaveis para comprehender a mechanica dos movimentos, mórmente quando esses alumnos tenham preferencia por identicos estudos.

Por cá é que se não pensa assim! E certamente que a maioria tratará os suecos de estupidos ao fazerem taes exigencias!

Ha, portanto, na maioria do nosso professorado quando se permitte a critica da competencia de uns e outros, um atrevimento identico áquelle que tem um leigo discutindo astronomias...

Se se limitassem a exercer com maior ou menor honestidade a sua profissão; se trabalhasem para melhorar a pratica d'essa profissão segundo os avanços progressivos da sciencia, melhor fariam. Sejam obreiros e não mentores. Trabalhem, não critiquem. Não avaliem a sua competencia por uma embriaguez de auto-sugestão.

Vejam o que se exige, no estrangeiro, n'aquelles paizes que tanto procuram para modelo, ao professor de gymnastica. Digam-nos depois de um exame consciencioso se podem aquilatar-se como «mestres» e se se julgam com auctoridade para discutir estes assumptos ou para avaliar a competencia de estranhos.

Sabemos que alguns dos nossos professores travaram conhecimento com a gymnastica de Ling, na propria Suecia. Mas a esses tambem nos havemos de referir n'estes artigos que criámos em volta da critica á «Gymnastica Sueca em Portugal».

E estes artigos...

Hão-de trazer á publicidade a opinião de medicos portuguezes que absolutamente extranhos, á evolução do nosso «sport», um dia investigaram do valor actual do ensino gymnastico.

Hão-de demonstrar que a gymnastica sueca tal como ella é na Suecia não corresponde á gymnastica que é nacionalisada para portuguezes, isto é uma gymnastica «nacionalisada» depois de cuidadoso estudo technico.

Hão-de apontar as «retratações» dos apaixonados de Ling.

Hão-de affirmar que os proprios suecos, mais coherentes com a ideia altruista que presidiu á organisação do seu systema educativo, procuram, dia a dia, aperfeiçoar a sua gymnastica e não lhes repugna aproveitar o que de bom viram nos methodos de outros paizes. O major Sellers, os directores Balck e Thorngreen, nunca foram tão facciosos como são os sous admiradores d'este cantinho do occidente europeu, ajoelhados perante a «invulnerabilidade» d'um manual com pouca explicação scientifica mas com muita gravura...

J. P.

LER A'MANHÃ NA "CAPITAL,,

mais um artigo sobre o ensino gymnastico em que se dirá que ha

Muitos professores... e poucos professores

e uma noticia sensacional, á roda do palpitante assumpto da formação de nucleos de instrucção militar e do tão debatido projecto francez Cheron-Beranger.

Notas do dia

Festas de «sports» athleticos

Os nossos «sportsmen» de clubs gastam muita attenção no jogo de «foot-ball», tanta que não lhes consente a attenção que lhes devia merecer a pratica de sports athleticos.

Dizemos isto porque já vae adeantada a epoca de verão e já se desenham os preparativos para a epoca de «foot-ball» de 1916-1917 e ainda se não effectivou um torneio nacional, demonstrativo dos progressos dos nossos athletas.

Conhecemos tentativas louvaveis do Sport Lisboa e Bemfica, do Club Internacional de Foot-Ball, os «gymkhanas» da Amadora e os annunciados para a Praia das Maçãs e Almoçageme. Mas tudo isso é pouco. Muito pouco.

Porque será este abandono pelos «sports» ao ar livre?

Dizem-nos e talvez com razão, que os nossos amadores não concorrem porque sabem que vão perder dante de um ou dois «especialisados». Mas, se assi é, não teem espirito sportivo. O «sport» não é apenas ganhar, é tambem saber perder...

Algumas anecdotas

Uma recommendação curiosa...

As casas bancarias estão como se sabe cheias de rapazes de «sport»

Um d'elles esgrimista de nome, encontrou ha dias um nosso collega de redacção e disse-lhe:

—Olhe lá, diga ao P... que tratando de gymnastica nunca mais trate da Suecia...

—Ora essa! Porquê?

—Podem julgar que por sermos belligerantes queremos quebrar a neutralidade de quem está tão longe e não se mette comnosco...

—Mas ha por cá quem venha de lá lembrar os assumptos...

—E' pol-os de parte como perigosos agitadores...

Os grandes records

Donaldsoe bate Applegarth

O ultimo correio traz esta grande noticia:

Na pista de Stamford Bridge, perto de Londres, realisou-se um desafio entre os dois melhores corredores pedestres que se conhecem em todo o mundo, na categoria de profissionaes:—Private Applegarth e Jack Donalpson.

Foi o australiano que venceu Applegarth nas duas corridas do desafio.

As 100 jardas foram ganhas por 30 centimetros no tempo de 9 segundos e 4 quintos.

As 220 jardas (201 metros) foram ganhas por 1 metro no tempo de 21 segundos e 4 quintos.

Donaldson tem agora 24 annos.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Lucta no Atheneu

Em virtude de ter sido adiada a disputa da taça «Antonio Pereira», as provas que o Atheneu Commercial de Lisboa vae realisar este anno, começam no proximo domingo, pelo campeonato individual de lucta de todas as cathegorias.

A inscripção está aberta na secretaria do Atheneu e encerra-se na proxima quinta-feira, devendo a pesagem dos concorrentes effectuar-se na sexta-feira, na presença do jury.

Associação de Foot-ball de Lisboa

(Communicações officiaes)—Não tendo reunido por falta de numero a assembleia geral convocada para o dia 9 do corrente, é feita nova convocação para o dia 16 tambem do corrente, ás 21 horas, sendo a ordem da noite a eleição de dois fiscaes de contas.

A promoção dos alumnos de medicina

Sr. redactor—No seu estimado jornal de 11 do corrente vinha, o protesto de um medico contra o facto de não serem promovidos a aspirantes medicos os alumnos dos primeiros annos de medicina.

Creia, sr. redactor, que tem toda a razão de ser esse protesto, pois que tendo alcançado essa promoção alguns alumnos de medicina, sem exame de cadeira alguma da Faculdade e só com a frequencia das cadeiras dos tres primeiros annos, outros, com alguns exames feitos, não lograram ser promovidos e vêem-se na contingencia de frequentar a Escola de sargentos enfermeiros.

Sua ex.ª o sr. ministro da guerra praticaria um acto de justiça fazendo promover tambem aquelles alumnos que já tem exame de alguma das cadeiras da Escola, tanto mais que não acarreta despeza para o Estado e v., sr. redactor, prestaria aos rapazes n'estas condições um grande favor, chamando a attenção de s. ex.ª para esta reclamação, sob todos os pontos de vista justa. Desculpe o de v. etc.—*Um alumno da Escola Medica.*

Casino de S. José de Ribamar

Todas as noites é enorme a concorrencia a este bello Casino, concorrencia que se justifica plenamente, porque na explanada goza-se uma deliciosa frescura, o serviço de bufete é magnifico e os espectaculos variados e attrahentes.

Um passeio a S. José de Ribamar não é tempo perdido. Bem ao contrario.

Colyseu dos Recreios

Procedente de Genova chegou hontem a Lisboa o vapor Stettin, conduzindo todo o material da companhia Carraciolo-Scognamiglio.

Como se tenham resolvido todas as difficuldades, esta magnifica companhia de opera-comica e operetta partirá hoje de Turim, devendo fazer a sua estreia no Colyseu ainda este mez.

O Colyseu teve hontem duas grandes enchentes e hoje venderá toda a lotação pois é dia da moda.

O sensacional *film* com os exercicios de Tancos e a parada de Montalvo, o unico mandado executar pelo ministerio da guerra, alcança todas as noites os successos mais ruidosos.

A notavel pellicula constitue hoje o melhor e mais sensacional espectaculo de Lisboa.

PEQUENAS NOTICIAS

Diz-nos o sr. Augusto Rodrigues, attingido por um tiro mysterioso, como hontem noticiámos, que o caso se passou, não de madrugada, mas ás 16 horas, quando ia tomar o comboio no Cães do Sodré. E recebeu curativo no posto da Cruz Vermelha, onde o enfermeiro sr. Parreira e as suas ajudantes foram de uma captivante solicitude.

—Por se negar a vender carvão a outras pessoas e ter vendido 8 kilos encharcados a Joaquim Gomes Carneiro, morador no Campo de Santa Clara, 121, 3.º, foi hoje preso e enviado para juizo Zeferino Domingos, com carvoaria na travessa do Açougue, 11.

—O cantoneiro da camara municipal sr. João Domingos Pedro queixou-se de que ao passar na avenida do Parque foi aggredido com uma facada, sem motivo justificado, por um individuo conhecido pelo «João Canteiro», tendo que ir receber tratamento ao hospital do Rego.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Relatorio do governador do districto de Quelimane.—Sahido da Imprensa Nacional de Lourenço Marques, recebemos este relatorio proficientemente elaborado pelo governador d'esse districto, sr. F. Carvalho, abrangendo o anno civil de 1914-1915. Estudo completo das condições commerciaes e industriaes d'aquelle districto, é um valioso auxiliar para os que se dedicam ao estudo das nossas colonias.

O Commercio do Porto mensal.—Sahiu o numero 7, correspondente a julho findo, cujo summario é o seguinte:

O mez de julho.—Artigos economicos, politicos, financeiros, industriaes, juridicos etc.—Reuniões commerciaes e industriaes.—A Moda (com gravuras).—Movimento litterario, scientifico e musical.—Portugal belligerante: Manifesto da Junta Patriotica do Norte; Providencias legislativas; Impressões de uma visita a Tancos; Uma intrevista interessante.—A conflagração europeia: O «ultimatum» da Allemanha á Suissa; Mappas da guerra; As operações durante o mez; Ephemerides da guerra.—Commercio de vinhos: Revista vinicola; Vinhas e vinhos. Exportação do vinhos; Situação dos negocios;—Secção financeira: Mercados de cambios e de fundos; Cotações das bolsas do Porto, Lisboa, Londres, Paris e Rio de Janeiro; Coupons, venciveis.—Secção aduaneira: Rendimento das Alfandegas.—Secção commercial: Movimento de firmas; Importação de adubos, cimento, coiros, batatas, etc.; Exportação de rolhas, sal, etc.—Producção agricola.—Secção maritima; Movimento de entradas na barra do Douro e no porto de Leixões.—Secção necrologica: Fallecimentos em Portugal e no estrangeiro.

Procural.—Sahiu o numero 11 do 8.º volume, correspondente ao mez corrente e de que é director o sr. M. d'Agro Ferreira. Como de costumes vem com escolhida collaboração, trasendo diversas consultas.

Abundancia de peixe na Ericeira

As importancias do pescado vendido n'esta praia durante os mezes de junho e julho ultimos foram os seguintes:

Mez de junho—Peixe diverso, 1:050$18; Lagostas, 1:428$66; Sardinha, 6:299$65.—Total, 8:778$49.

Mez de julho—Peixe diverso, 1:455$96; Lagostas, 2:763$21; Sardinha, 9:104$33.—Total, 13:323$60.

O imposto para a fazenda foi de 1:188$30, mais do que nos mesmos mezes do anno de 1915, que foi de 489$58.

Durante os ultimos dois mezes, as quatro armações fizeram a importancia de 15:404$08.

Tem havido tanta sardinha que se tem vendido a dois centavos o cento a mais meuda.

A provincia n'A CAPITAL

COIMBRA, 13.—A camara municipal deliberou que a feira de S. Bartholomeu, que estava para ser feita no rocio de Santa Clara, se realisasse este anno na avenida Navarro, attendendo assim ao pedido da maior parte dos feirantes.

—E' grande o enthusiasmo pela excursão que no dia 3 de setembro proximo se deve realisar á cidade do Porto em comboio especial.

Os preços são, ida e volta em 2.ª classe, 2$02, e em 3.ª, 1$35. O comboio deve partir d'esta cidade ás 4 horas, e no regresso, do Porto, á meia noite.

—Em Santo Antonio dos Olivaes realisou-se hoje a primeira communhão a perte de cem creanças, com a assistencia do bispo da diocese, fazendo a allocução o parocho da freguezia. A' missa prégou um sermão de promessa o abbade de S. Paulo de Frades.

A's creanças foi servido um mimoso e abundante «lunch» na casa da escola, para esse fim cedida pela junta de parochia.

—Continua a falta de assucar, vendendo alguns commerciantes este artigo a $60 e $70 cada kilo.

—N'este mercado ainda não appareceu á venda milho novo; mas em Condeixa, no ultimo mercado, que foi na sexta-feira, algum appareceu, sendo vendido a 1$00 cada medida de 13 litros.

Tudo isto é uma enorme calamidade para as classes pobres, que estão já luctando com a miseria.

O que será o proximo inverno, se o governo não tomar energicas e acertadas providencias?

O Senho rMinistro da Guerra fala sobre a Preparação Militar Portugueza

Lêr ámanhã o n.º 10 da Atlantida

O Senhor Presidente da Republica fala sobre o Brazil á Atlantida.

Lêr ámanhã o n.º 10

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA—A's 21,45—Castellos no ar.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES—Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

QUINTA-FEIRA—*Apollo*—Recita offerecida a Chaby Pinheiro. *1916* em espectaculo inteiro. Numeros novos. Versos de Mario de Artagão.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Festas associativas

Academia Recreio Artistico—Commeçam ámanhã as festas commemorativas do 61.º anniversario, que se realisarão durante os mezes de agosto, setembro e outubro e que são organisadas por uma commissão composta dos srs. Custodio Jayme Ferreira, Joaquim dos Santos, Eduardo de Abreu, dr. Abel de Oliveira Jardim e Alfredo R. Sá. A festa de ámanhã consta de sessão solemne, ás 21 e meia horas e inauguração da bibliotheca, seguindo-se baile.

Club Simões Carneiro—No elegante theatro d'este Club, realisa-se no proximo domingo uma recita em beneficio do actor portuense Eduardo Neves, subindo á scena o drama *Amor de perdição*, original de Henrique de Macedo.

portes de 1913 e fôra sempre desde então o quartel general da União dos Trabalhadores Irlandezes, assim como do exercito de civis e o fóco das desordens e das sedições em Dublin.

Fundos nunca haviam faltado e fôra ahi estabelecida uma officina typographica d'onde sahia a maior parte da litteratura sediciosa de que o paiz estava inundado. No ultimo momento, a fim de excitar o povo e tornar impossivel qualquer recuo, da typographia de Liberty Hall sahiu um documento inserindo uma supposta circular em que se davam ordens para a immediata prisão, pela policia, n'um dado momento, de todos os membros do Conselho Nacional dos Sinn Fein, dos do Conselho Executivo dos Voluntarios Irlandezes e dos do Conselho da Liga Gaelica, ao mesmo tempo que seriam occupados pela força militar os edificios onde funccionavam essas corporações.

Esse documento foi sem duvida uma das origens do levantamento, que se tornava inevitavel, como era intenção dos que o publicaram. Ligava-se isso com o discurso proferido pelo «alderman» Kelly na reunião do senado municipal em 10 de abril, á qual já alludimos, e a sua vasta circulação era para crear, como creou, a idéa de que o governo estava resolvido a derramar sangue a todo o custo e sob qualquer pretexto.

Como materia de facto quanto a essa sêde de sangue, o governo estava ainda hesitante e irresoluto. Na Inglaterra, os politicos estavam, n'aquelle momento, violentamente excitados por causa da questão do serviço obrigatorio no exercito e parecia estar imminente uma crise ministerial.

O secretario de Estado da Irlanda estava em Londres, disposto a acreditar que o eschema d'uma insurreição n'aquelle paiz merecia especial cuidado, mas não tomando medidas algumas, ao mesmo tempo que o vice-rei estava preparando uma volta pelo Ulster.

Só o almirantado estava vigilante e mandou de Queenstown um navio para patrulhar a costa de Kerry e aguardar a chegada do «Aud» com o seu carregamento de armas e o submarino allemão que trazia a bordo sir Roger Casement.

Não ha duvida de que o almirantado tinha boas razões para proceder por si mesmo. O «Aud» foi detido pelo «Bluebell», emquanto o submarino poude, ao que parece, chegar á costa, desembarcar os seus passageiros e seguir o seu destino.

Tanto o «Aud» como o submarino, ao que se suppõe, chegaram um dia mais cedo. Segundo o aviso do almirantado, o desembarque devia ser no dia 21 e o levantamento um ou dois dias depois.

Mas, na tarde de 20, um lavrador chamado Hussey, quando seguia por Banna Strand, proximo de Tralee, avistou uma luz vermelha no mar, apparentemente a uma meia milha da costa. Era, sem duvida possivel, o signal da chegada do barco e da sua carga, mas não havia ninguem para o receber e para corresponder a esse signal, porque Hussey era um homem honrado e nada tinha com conspirações e insurreições.

Se Casement tivesse podido desembarcar e tivesse sido recebido por um bando de voluntarios com automoveis, como naturalmente se combinára, as armas e munições teriam sido desembarcadas no sudoeste da Irlanda antes de amanhecer e os dirigentes do levantamento teriam feito a distribuição durante o seu percurso para Dublin.

Mas tudo sahiu errado. O «Aud», dirigindo-se para a bahia de Fenit, exactamente ao sul de Banna Strand, conservou-se ahi até de manhã, sendo então abordado pelo «Bluebell» e tendo de dar conta do que fizera; o submarino havia-se desembaraçado dos seus passageiros e desapparecera.

O «Aud» navegava sob a bandeira norueguesa e declarou que seguia de Bergen para um porto da Italia; o capitão do «Bluebell», a quem não satisfizeram as explicações dadas, ordenou-lhe que o seguisse a Quenstown para ulteriores averiguações,

e mandado de Wilhelmshaven para a costa de Kerry, onde devia chegar ao mesmo tempo que o submarino.

Esse armamento era destinado aos rebeldes, ás mãos dos quaes não chegou.

Voltemos, porém, a narrar o que se passou na Irlanda, onde, pela attitude do poder executivo que considerava como «mais seguro e melhor expediente não fazer cumprir a lei», se iam fazendo preparativos, com o auxilio dos allemães e dos irlandezes-americanos, para o levantamento, por assim dizer ostensivamente.

Como a commissão de inquerito apurou e todos sabiam na Irlanda, os Voluntarios Irlandezes ou Sinn Fein, o exercito de civis e a velha organisação feniana estavam activamente envolvidos n'essa obra. Nas palavras da commissão «é actualmente notorio que os Voluntarios Irlandezes estavam em communicação com as auctoridades na Allemanha e durante muito tempo haviam sido abastecidos de dinheiro pelas sociedades irlandezas-americanas.»

Isso fôra dito publicamente por John MacNeill a 8 de novembro de 1914. Desde a sua separação dos Voluntarios Nacionaes, os Voluntarios Sinn Fein fizeram rapidos progressos e um anno depois, em fins de 1915, sir Mathew Nathan, o sub-secretario da Irlanda, podia dizer a mr. Birrell que eram em numero de 13.500 e que «cada grupo d'elles era um centro de propaganda revolucionaria.»

Accrescentava que tinham 2.500 espingardas e que «tinham os olhos sobre os 10.000 nas mãos dos Voluntarios Nacionaes.» Mas coisa alguma foi feita e os membros da commissão, ao mesmo tempo que louvavam o sub-secretario pela sua vigilancia, sentiam-se obrigados a accrescentar: «Parece-nos que o aviso não causou sufficiente impressão no principal secretario, para, durante as suas prolongadas ausencias de Dublin tomar as medidas necessarias para remediar a situação na Irlanda, que em 18 de dezembro findo o sub-secretario descrevia ao secretario como «muito seria e ameaçadora».

Além de se armarem e exercitarem ás claras, a maior deslealdade praticada pelos Sinn Fein era a sua propaganda contra o alistamento. A principio, os reservistas irlandezes apressavam-se a apresentar-se nos regimentos e eram muitas vezes acompanhados ás estações de caminho de ferro pela população com bandas de musica e bandeiras.

O alistamento não deixava tambem de ser satisfatorio tratando-se d'uma população principalmente agricola e ainda desfalcada pela emigração. Mais de 100.000 recrutas se alistaram na Irlanda, apesar do paiz ser isento do systema de registo e de recrutamento que era applicado na Inglaterra e na Escocia.

As coisas mudaram, porém, logo que a propaganda dos Sinn Fein entrou em acção. «Foi devido—diz a commissão de inquerito—á actividade dos dirigentes do movimento dos Sinn Fein que as forças desleaes gradual e rapidamente augmentaram e fizeram desapparecer o primeiro sentimento de patriotismo.»

A esse tempo—o que coincide com o periodo da maior actividade de Casement entre os prisioneiros irlandezes na Allemanha—as organisações de voluntarios e civis, que por si mesmas não tinham meios de subsistencia, se acharam de subito possuidoras de fundos illimitados.

Auxiliada por subsidios allemães e irlandezes-americanos, «uma onda de litteratura sediciosa» se espalhou pela Irlanda. Jornaes contra o alistamento appareceram n'uma rapida successão e armas e explosivos foram espalhados pelo paiz. Um jornal foi supprimido e um ou outro agitador demasiado activo e falador foi deportado, mas não se seguiu uma politica firme e consistente, e os deportados puderam seguir para a America e por vezes voltar para a Irlanda, a exercer novamente a sua actividade.

Sir Morgan O'Connell, um magistrado importante de Kerry, narrou

Questões militares

Consultas, respostas, alvitres

PERGUNTA N.º 565.—Rapaz que fez 20 annos, foi intimado, em pessoa de familia, na terra, para se apresentar á inspecção; sendo pobre, sacrificou-se, gastou dinheiro e foi isto no mez de junho p. p., na administração do concelho disseram-lhe que só tinha de se apresentar em fevereiro. Succede, porém, que agora é novamente intimado a comparecer para a inspecção na terra no dia 15 do corrente. O rapaz não tem recursos, e tem mais de um anno em Lisboa. Que deve fazer n'esse caso?—*Manuel Martins.*

RESPOSTA.—O praso para requerer a inspecção em Lisboa já expirou, devendo, portanto, ir á inspecção á terra da naturalidade; caso falte á inspecção pouco tem a perder, é considerado apto e destinado a um regimento de infantaria, devendo ser encorporado em janeiro ou maio do proximo futuro anno, sendo então classificado refractario se não effectuar a sua apresentação na unidade a que fôr destinado.

PERGUNTA N.º 567.—No anno de 1893 fui recenceado pela freguezia de Santa Isabel e na resalva, cujo documento está em meu poder, diz-se textualmente que fui *sorteado n.º 58 e bem assim que o contingente de dois recrutas para a 2.ª reserva, distribuido á freguezia, foi prehenchido e que o requerente não foi proclamado recruta supplente.*

Tenho andado pelo ministerio da guerra, pela administração do bairro e pelo Districto de Recrutamento, supplicando que me digam o que hei de fazer para que a Patria, por inadvertencia minha ou desleixo das estações competentes, se não veja privada dos serviços que, apezar dos meus 44 annos e 3 mezes, me julgo capaz de prestar onde quer que seja chamado. Poderá no seu brilhantissimo jornal dar-me um conselho?—*Anthero dos Santos.*

RESPOSTA.—Não deve ser attingido pelos ultimos decretos publicados caso tenha sido inspeccionado. Caso contrario tem que se apresentar á junta de revisão. A commissão do recrutamento militar do bairro onde residia na epocha do recenseamento é que lhe poderá passar o documento comprovativo de ter sido recenseado, documento que é conveniente ter em seu poder para poder sempre provar que satisfez as obrigações do serviço militar.

PERGUNTA N.º 568.—Como me encontre em uma situação difficil de comprehender devido á vida militar, vinha muito respeitosamente pedir a alta fineza de me elucidar do seguinte por meio do seu jornal.

Sou natural da metropole, mas fui inspeccionado por Africa visto estar lá n'essa occasião; fiquei livre, isto isto é, isento definitivamente, mas depois viram que eu me tinha apresentado um anno atrazado e fizeram-me apresentar novamente para pagar ou servir; dei 300 escudos, mas nem documento algum me deram a não ser uma guia para me apresentar na circumscripção onde residia para ficar ali addido como reserva.

Como este anno adoecesse, resolvi vir á metropole para me restabelecer mas n'isto rebentou a guerra e eu por aqui fiquei. Agora não sei o que devo fazer visto não ter caderneta, por ser 2.ª reserva. e não ter a resalva que primeiramente me deram, motivo porque recorro a v. para me elucidar.—*Um leitor.*

RESPOSTA.—O resultado da sua inspecção em Africa devia ter sido communicada ao districto de recrutamento, por onde devia ter sido recenseado, mas pelo facto que apresenta tal não acontece e não se tendo apresentado como parece foi classificado refractario. Tendo remido o serviço activo e da 1.ª reserva, deve ser hoje uma praça das tropas territoriaes, pertencendo a um districto de recrutamento onde deve requisitar a sua caderneta.

PERGUNTA n.º 569—Sou natural de S. Thomé, (colonia portugueza) e fui á inspecção para effeitos do referido serviço militar no anno de 1914, tendo ficado definitivamente isento por padecer de uma hernia inguinal, de que ainda não estou livre.

Encontro-me actualmente em Lisboa e desejo saber os passos a dar, para de futuro não estar incurso em qualquer lei. Por vezes tenho feito perguntas no ministerio da guerra, onde nada me disseram de positivo.—*Jorge Reis.*

RESPOSTA—Queira indicar-me a sua edade e desde que data reside no continente, para lhe poder responder á sua pergunta.

PERGUNTA n.º 570—Tendo concorrido á escola de guerra, não logrando, porém, ser admittido, queira fazer-me o especial obsequio de me dizer o que tenho a fazer?—*Diogo Correia.*

RESPOSTA—Se não foi admittido á escola de guerra por falta de vaga, tem que frequentar a escola de officiaes milicianos.

PERGUNTA n.º 571—Sou isento, ou por outra, tive baixa do serviço militar por incapacidade physica pela junta hospitalar, e como tenho que ser reinspeccionado, por onde me apresento? Pelo bairro aonde fui recenseado ou por onde sou domiciliado?—*Joaquim Lima.*

RESPOSTA — Pode apresentar-se no districto de recrutamento por onde foi recenseado ou onde reside, conforme lhe fôr mais pratico.

PERGUNTA n.º 572—Tenho 35 annos e fui inspeccionado em 1891, sendo apurado para serviço auxiliar em tempo de guerra. Pedia a fineza de me dizer se os reservistas nas minhas condições são submettidos a nova inspecção.

Sendo obrigado a comparecer ás referidas inspecções e não o fazendo quaes as responsabilidades?—*Joaquim Ribeiro.*

RESPOSTA—Se foi inspeccionado não tem que ser presente á junta de revisão.

PERGUNTA N.º 573—Dois candidatos á Escola de Guerra, com eguaes habilitações, podem ser considerados em grupos differentes?—*José da Rocha Briaso.*

RESPOSTA—Podem, attendendo ás necessidades do serviço.

PERGUNTA N.º 574—Fui recenseado em 1899 e fiquei livre definitivamente por miopia, lesão incuravel. Hoje resido em Hespanha. Pergunta-se: o que tenho a fazer em virtude do decreto de 24 de maio? Devo ir á inspecção? Aonde? Não tenho a resalva em meu poder. Como adquiril-a? Posso deixar de comparecer sem ficar refractario?—*Um assiduo leitor.*

RESPOSTA—Estando no estrangeiro e faltando á junta é considerado apto, augmentado ás tropas territoriaes e será classificado refractario se dentro de um praso de 180 dias, contados do dia em que se devia apresentar á Junta não effectuar o seu juramento, podendo-o prestar perante o consul da localidade onde reside, requerendo-o ao ministro da guerra.

Irene Angelica da Silva Lirio

Falleceu

Manuel da Silva Lirio e seus filhos participam aos seus amigos e pessoas das suas relações o fallecimento de sua querida filha e irmã e que o seu funeral se realisa ámanhã, 15 do corrente, pelas 3 horas da tarde, sahindo o prestito funebre da sua casa na Amadora, rua Elias Garcia, 72, para o cemiterio do Alto de S. João.

á commissão as suas tentativas para conseguir que fôsse prohibido um «meeting» contra o alistamento annunciado em Killarney. O poder executivo recusou-se a intervir e o resultado foi que o alistamento, que caminhava bem no districto, parou de subito.

Organisadores e oradores de taes «meetings» foram mandados por todo o paiz amplamente providos de dinheiro e de pamphletos e folhetos de propaganda, o que dava em resultado, como a commissão disse, que «no meiado de 1915 era obvio ás auctoridades militares que os seus esforços em favor do alistamento estavam sendo frustrados pela actividade hostil dos que apoiavam os Sinn Fein, e fizeram representações ás auctoridades para esse effeito. O perigo geral da situação foi claramente apontado ao governo irlandez pelas auctoridades militares por sua propria iniciativa em fevereiro findo, mas o aviso cahiu em ouvidos surdos.»

O inverno de 1915-1916 foi um periodo altamente critico e continuos avisos chegavam ao castello de Dublin dos funccionarios espalhados por todo o paiz. Se tivessem sido escutados, talvez a rebellião se tivesse evitado.

O «procedimento, zelo e lealdade» do Real Constabulario Irlandez, que era responsavel pela ordem em todo o paiz fóra de Dublin, nunca poude ser posto em duvida e nunca deixou de ter a efficiencia d'essa esplendida força que provou em tudo e se a tempo se não tomaram as providencias necessarias para evitar o derramamento de sangue e a destruição a culpa não foi sua.

O aviso de sir Neville Chamberlain, inspector geral do Real Constabulario Irlandez, no qual, quasi dois annos antes da rebellião, indicava que a policia seria em breve excedida em numero por uma força armada e exercitada em cada condado e que os voluntarios se encontrariam na situação de dictar se a lei seria ou não cumprida, tinha-se já verificado, e mais tarde, em 1914, quando a guerra começou, disse elle que a organisação de voluntarios era desleal, sediciosa e revolucionaria.

Ao mesmo tempo, o commissario da policia metropolitana de Dublin avisava o governo de que os voluntarios poderiam «tentar algum golpe dentro de pouco tempo.»

Como a commissão de inquerito estatuiu, os funccionarios superiores da policia estavam de posse de «completos e exactos relatorios quanto á natureza, progresso e objectivos das varias associações armadas na Irlanda. N'essas origens o governo tinha abundante material com que podia ter agido muitos mezes antes dos dirigentes terem tentado um levantamento armado.»

Lord Wimborne, o novo lord logar-tenente que havia succedido a lord Aberdeen em janeiro de 1915, foi procurado em março de 1916 por lord Midleton, um par irlandez que havia exercido altos cargos em mais d'um governo, o qual lhe mostrou o que se estava passando no seu condado de Cork.

Os factos foram apontados, mas, como lord Midleton declarou no seu depoimento, o vice-rei, embora o não dissesse claramente, parecia impotente para lhes dar remedio, devido á attitude do governo para com a Irlanda.

No dia 17 de março, as coisas chegaram a um ponto em que era impossivel por mais tempo desconhecer o perigo. O almirantado, ao que se crê, recebera informações quanto aos preparativos que Casement estava fazendo e ao embarque de 20.000 espingardas e outras munições para a Irlanda, a que n'esse momento se estava procedendo em Wilhelmshaven e os voluntarios Sinn Fein quasi tornaram publica a data que fôra fixada para o levantamento—cinco semanas mais tarde.

Os voluntarios fizeram uma parada nas ruas, armados e em grande força e, ao que se diz, chegaram a simular a «occupação» das portas do castello e de outros edificios publicos. Eguaes manifestações foram feitas em todo o paiz, dizendo a tal respeito o inspector geral de policia

que os Voluntarios Irlandezes eram «um bando de rebeldes», que proclamariam a sua independencia na primeira opportunidade favoravel.

Um outro aviso se continha n'uma carta interceptada pela censura, na qual o signatario exalçava o feito projectado, accrescentando que o castello estava á espera da approximação dos voluntarios, mas que «estava assustado demais para fazer o que quer que fôsse contra elles.»

Tinham marchado, «todos armados de espingardas», pelas principaes ruas. Tinham «saudado» John MacNeill, o seu dirigente, «á vista do castello» e haviam feito o mesmo em frente do «collegio estrangeiro da Trindade» e do velho edificio do parlamento.

Depois d'isso, uma ou duas fracas e irresolutas tentativas foram feitas para lhes tirar o armamento, pelo que o Conselho dos Voluntarios publicou um altivo manifesto dizendo que se não deixariam desarmar e que «a tentativa de desarmamento» encontraria, como era natural, resistencia, que iria até ao derramamento de sangue.

O commissario principal da policia de Dublin mostrava n'um relatorio quaes as medidas que deviam ser tomadas e que, como os Sinn Fein estavam augmentando em numero, em armamento, em disciplina e em confiança em si proprios, quanto maior fôsse a demora, maior seria a difficuldade em executar essas medidas.

Esse relatorio foi recebido pelo sub-secretario da Irlanda a 10 de abril.

No dia 12, o mesmo em que Casement chegou a Wilhelmshaven, estava esse relatorio nas mãos do secretario principal, que o annotou do seguinte modo: «Deve ser tomado na maior consideração». Nada mais, não recebendo o commissario principal de policia qualquer indicação ou ordem.

No dia 19, n'uma reunião do senado municipal de Dublin, o «alderman» Kelly declarou que era evidentemente resolução assente do governo provocar derramamento de sangue na Irlanda ao atacar os Voluntarios e protestou contra um insulto immerecido a uma cidade que, declarou, era, «abaixo de Deus, a mais pacifica da Europa».

No dia 18, um dia antes, o almirantado havia recebido informações secretas, da Allemanha, do embarque de Casement; o navio devia chegar á Irlanda na Sexta Feira Santa, 21, e o levantamento estava fixado para o dia seguinte—vespera da Paschoa ou para a manhã de domingo de Paschoa.

O poder executivo irlandez não podia já fechar os ouvidos a tal noticia e começou a pensar em tomar as medidas, que deviam ter sido pensadas e tomadas seis mezes antes.

Os Sinn Feiners e o exercito de civis estavam tambem um tanto ou quanto divididos nas suas opiniões. Os primeiros falavam muito, mas quando se approximava o momento critico recuavam mais ou menos.

Assim, por exemplo, em maio de 1915, uma moção em favor d'um levantamento immediato fôra proposta por um dos radicaes fanaticos ao Conselho dos Voluntarios Irlandezes e apenas fôra votada devido á influencia pessoal do professor John MacNeill, o presidente.

No ultimo momento, tambem os «intellectuaes» deram signaes de recuar e o resultado d'isso foi haver uma certa confusão nas fileiras dos rebeldes.

O seu desejo era deixar os «40.000 allemães», de quem tanto se havia falado em todo o paiz, desembarcar e dar batalhas, e quando souberam que Casement vinha sósinho e que o castello de Dublin estava preparando-se para os receber, esse desejo mais se arreigou.

O exercito de civis, porém, com a sua repartição central em Liberty Hall, tinha outra fibra e estava resolvido a ir até onde fôsse necessario, custasse o que custasse.

«Liberty Hall» era um edificio n'um bairro antigo de Dublin, proximo das docas e fôra o centro da actividade de Larkin durante a grande gréve das docas e de trans-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2156—7.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Terça-feira, 15 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 2 centavos

O ORGÃO MONARCHICO

Sahiu hoje o primeiro numero do *Diario Nacional*. O facto de ser dirigido pelo sr. Ayres de Ornellas, novo logar tenente do sr. D. Manuel de Bragança, tendo ha pouco regressado de Londres com as instrucções do ex-soberano portuguez, principalmente relativas á attitude monarchica perante a guerra, confere ao *Diario Nacional* a qualidade incontestavel de orgão dos monarchicos, pelo menos d'aquelles que obedecem ás inspirações e acatam as ordens do seu rei.

Posto isto, convem registar muito especialmente as affirmações que no seu artigo editoral, firmado pelo seu director, o *Diario Nacional* hoje faz o que constituem como que um programma, pelo menos na situação actual, dos partidarios do sr. D. Manuel.

O *Diario Nacional* encara o estado actual das coisas no nosso paiz sob o ponto de vista da guerra. Ella domina tudo, e, por isso os monarchicos, em sua opinião, tem de sobrepôr n'este momento á questão de mudança de regimen a questão da defeza nacional.

E' doutrina que sempre temos aconselhado, e só podemos congratular-nos por ver que o orgão monarchico a define e preconisa em iniludiveis termos. Como é tambem interessante notar que o *Diario Nacional* não vê na situação que estamos atravessando uma responsabilidade da Republica como o *Dia* tantas vezes tem insinuado. Não. Para o *Diario Nacional* pensar «que uma nacionalidade como a nossa poderia subsistir depois da victoria allemã é querer propositadamente cerrar os olhos á evidencia documentada.» A Allemanha, desde o principio do conflicto europeu, «levava em mira,—é ainda o *Diario Nacional* que o diz—estabelecer a hegamonia allemã sobre o mundo inteiro civilisado.»

Recorda o orgão monarchico, e recorda muito bem, que as colonias portuguezas eram de ha muito alvo da pertinaz ambição germanica, relembrando que já Bismarck impedira o tratado do Congo com a Grã-Bretanha e no congresso de Berlim creava um direito colonial especialmente dirigido contra nós. Estava ainda bem longe a implantação da Republica em Portugal, e já a attitude da Allemanha era contra nós aggressiva, denunciando o projecto de nos espoliar de um patrimonio que constitue a nossa principal razão de ser como nacionalidade moderna.

Os ataques á alliança anglo-lusa tambem merecem ao *Diario Nacional* a exposição d'um criterio absolutamente justo, que na experiencia historica se alicerça. E' com effeito verdade, «que sempre que se pretende aluir a nacionalidade portugueza se começa por atacar a alliança ingleza». O exemplo de Napoleão, exigindo-nos que fechassemos o nosso pacto com a poderosa nação britannica, depois de secretamente retalhar Portugal no tratado de Fontainebleau, exemplo que o sr. Ayres de Ornellas cita, não é o unico, e é todavia decisivo.

A declaração de guerra da Allemanha foi um acto propositado contra nós. A requisição dos navios allemães não o justifica, nem é sequer pretexto acceitavel. O *Diario Nacional* recorda que a Italia já procedera de identica fórma com os navios allemães que se encontravam nos seus portos, e a Allemanha não lhe declarou então a guerra, nem ainda a declarou, apesar de a Italia combater rijamente os seus alliados austriacos, introduzindo na campanha europeia um elemento que pode prejudicar todo o exito da guerra para a propria Allemanha.

Feitas estas considerações, o *Diario Nacional* define a sua attitude em relação á guerra e ao regimen. «Pertencemos com a nossa vida e fazenda á Patria Portugueza; basta-nos a honra de a servir. Para isso não se impõem condições». São as suas palavras,—que registamos e louvamos.

Quanto ellas teem de solemne e official, comprova-se com o seguinte trecho do artigo a que estamos fazendo estas referencias e annotações:

«Fal-o-hemos, porém, sem que a Politica Nacional que aqui vimos defender por ordem de Quem representa aquelles que crearam a nossa nacionalidade, possa jámais degenerar na politica de *quanto peior, melhor*. Jámais seremos na nossa patria, e mórmente em frente ao inimigo, um factor de desordem».

Esta politica do *quanto peior, melhor* é a mesma que «preferia Affonso XIII a Affonso Costa», phrase que o sr. Homem Christo, que andou com os monarchicos no exilio, ainda ha pouco declarou ter ouvido a monarchicos de cathegoria. O repudio que d'ella faz o *Diario Nacional* é a mais severa condemnação que tão abjecta doutrina podia receber.

Acaba o *Diario Nacional* por definir o que entende por servir, explicando assim o caracter dos serviços que offerece á patria n'esta hora grave. Para o sr. Ayres de Ornellas *servir* significa *servidão*. Não o pensamos assim. Não entendemos que servir uma causa signifique ser servo, e não cidadão, como o sr. Ayres de Ornellas o pretende affirmar dizendo que a servidão é tudo e a liberdade não é nada. Se n'esta definição o director do *Diario Nacional* procura affirmar que só se serve a patria sendo subdito, e assim preconisa o regimen monarchico, seria licito lembrar-lhe que a liberdade civica é a base do proprio regimen monarchico constitucional, que elle defende e deseja restaurar.

Para nós servir não é ser mercenariamente servo. Servir é ser prestavel, e ser prestavel a uma ideia não implica sujeições que o espirito da propria dignidade humana repelle.

Não é nosso intuito, porém, n'este momento travar discussões doutrinarias. Se nós voluntariamente, com toda a independencia do nosso sentir, estamos, e estaremos ao serviço da Patria, e os monarchicos o fazem forçados pelas circumstancias, o que se torna simplesmente indispensavel é que todos o façam com absoluta lealdade. Não temos o direito de duvidar que essa lealdade seja, por parte do *Diario Nacional*, absoluta. Só os factos poderão desmentil-a. Ninguem deixará de acreditar que são inteiramente sinceros os votos que fazemos para que tal não succeda.

BRUXOS, MAGOS E NIGROMANTES

A feira das intrujonas

A publicidade invadida pelo charlatanismo

Um leitor impaciente escreve-me meia duzia de laconicas linhas, acompanhando dez recortes de annuncios publicados hontem no «Diario de Noticias», e com as seguintes palavras de commentario:

Bruxas?... O seu silencio sobre este assumpto, depois do seu artigo na «Capital», leva-me quasi á convicção de que ellas algum poder teem.

No ultimo domingo, de facto, nada publiquei sobre a questão. Circumstancias alheias á minha vontade retiveram-me fóra de Lisboa, e só hontem, no regresso, pude passar os olhos pela vasta correspondencia que entretanto me fóra dirigida, já animando-me a proseguir, já fornecendo-me mais elementos para ella. Possuo cartas que não publicarei, tão intimos e melindrosos são os episodios n'ellas relatados, mas que constituem para o meu espirito outras tantas razões imperiosas de não abandonar a campanha. Póde, por isso, o leitor estar tranquillo: as bruxas não teem sobre mim poder algum, nem mesmo que recorram á decantada «projecção do astral», separando e enviando o «duplo» á minha presença, com o fim de me influenciar...

Vejamos agora os annuncios, antes de proseguir no estudo que encetei sobre o charlatanismo.

Temos uma madame Bellini, «somnambula com excepcionaes faculdades de visão» que, «sob a direcção de distincto profissional, dá consulta sobre todos os assumptos de interesses «sentimentaes e financeiros, judiciarios e militares, jogo de bolsa, casamentos, viagens, heranças, roubos e crimes». Diagnostica doenças e gravidez, desdobra o «astral». Não sei se os leitores percebem: Quem quizer influenciar terceira pessoa, tem a mulher ás ordens, mediante pecunia. Na linguagem singela das nossas provincias chamam a isto «quebranto» e «mau olhado». O reclamo accrescenta que os trabalhos da somnambula são rigorosamente scientificos, e que tambem se occupa do espiritismo. Adiante.

Madame Yaka, somnambula extralucida. A mesma cantilena: consultas sobre negocios, processos, heranças, roubos, amores, divorcios, viagens, crimes, o «diagnosticos exactos de doenças». Peço aos leitores para fixarem este pormenor. Dá tambem «conselhos e vaticinios seguros e incontestaveis».

Mademoiselle Roland. Esta é diplomada e com distincção. Especialista em coisas commerciaes. Evita fallencias, desastres no negocio, e põe as industrias a bom caminho.

Madame Lucy: outra somnambula, com especialidade... de suggestões electricas. Revela tudo e consegue tudo, por 500 réis!

Mademoiselle Aurea, dupla vidente, diplomada pelo «New-York Institute of Science» que é—quem o duvida?—um dos primeiros estabelecimentos scientificos do mundo. Esta, além de tudo o mais, ensina o magnetismo pessoal, «com o qual tudo se consegue, tal como influir de um modo poderoso no coração de quem se deseje possuir o affecto. Vê o interior do corpo humano, descrevendo os soffrimentos...»

Madame Wanda—espirito escrevente. Descobre tudo, como a anterior, por 50 réis de estampilhas!

Madame Solange, americana, cartomante, diz o passado, o presente, o futuro e tambem esclarece tudo.

Madame d'Orient: trabalhos scientificos de alta cartomancia, por 300 réis!

Uma anonyma cartomante que egualmente affirma: tudo se consegue!

Resta-me falar dos livros de madame Brouillard, que ensinam a adivinhar o passado, o presente e o futuro, tratando além d'isso da astrologia e chiromancia.

Ha muita gente que suppõe n'esta senhora uma franceza que emigrou do seu paiz na intenção de explorar a ignorancia e a credulidade dos lisboetas. Informam-nos que é portuguezissima e natural de Villa Real de Traz-os-Montes. Travando ha muitos annos relações com um tal mr. Brouillard, na companhia do mesmo partiu para Terras de Santa Cruz onde praticou com proveito durante bastante tempo, as complexas artes do occultismo. Hoje, á custa dos papalvos, é feliz proprietaria de predios em Lisboa e na terra da sua naturalidade.

E ficamos por aqui, no «Diario de Noticias» de hontem. Em outros numeros e outros jornaes, encontro ainda referencia a uma «Somnambula Ideal», que deve ser identica com a tal madame Lucy, uma «dupla vidente» no genero de madame Yaka e uma madame Violante, que, dispondo do dom natural da dupla visão, se dedica tambem a espiritismo, magnetismo e cartomancia e, reza o annuncio, cura por suggestão (note o leitor!) sem drogas nem mixordias... A «dupla vidente» é identica com uma madame Fatma, que se diz oriental e chegou a publicar retrato com os annuncios. Mas ha mais: ha uma «senhora» muito modesta que por 200 réis diz o passado, presente e o futuro, uma «chiromante», que falla em «frenologia, exoterismo e altas sciencias occultas com prophecias sobre a sina, caracter, propensão, destino, amores intimos ou qualquer coisa que desejarem saber com rapidez e satisfação...»

Esta, além de tudo, fornece «accumuladores mentaes» (!) ou sejam talismans egipcios, «com garantia e seriedade». Ha uma madame Olga, que afiança esclarecer tudo com a maxima exactidão, das 11 ás 21; duas cartomantes anonimas e finalmente uma «senhora» cartomante, que «vende um perfume que dá felicidade e consegue o que se deseja».

Pedi aos leitores para fixarem o pormenor dos diagnosticos. As intrujonas não se atrevem a annunciar tratamentos, com excepção de uma ingenua que «cura sem drogas nem mixordias». E' que ellas sabem que ha um Codigo Penal n'este paiz, e que n'elle foi previsto o exercicio illegal da medicina. Garanto-lhes que este ponto ha de ser debatido na devida altura.

Por hoje limito-me a constatar a existencia publica, em Lisboa, em pleno seculo XX e com a inexplicavel indifferença das auctoridades, de dez somnambulas, pelo menos, oito cartomantes, quatro chiromantes, duas espiritas e duas vendedeiras de remedios secretos. Refiro-me apenas ás profissionaes, com quem exclusivamente se entendem estes artigos. Mas póde-se affirmar, sem exaggero, que as occultistas clandestinas, bruxas, magas, espiritas, etc., attingem um numero cinco ou seis vezes mais elevado. A policia póde, sem necessidade de recorrer a meios sobrenaturaes, descobril-as quando quizer.

HERMANO NEVES

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta pa ginas

Navios allemães

O acto da apprehensão

Os navios allemães foram apprehendidos hoje, á ordem do governo, cumprindo-se as formalidades, tal como hontem noticiamos.

Requisitados em 23 de fevereiro e tendo a Allemanha, por esse motivo ou com esse pretexto, declarado a guerra a Portugal a 10 de março, dezoito dias depois ao acto da requisição, é forçoso confessar que nem deante de situações extremas os portuguezes recorrem aos processos summarios. Emfim, como mais vale tarde que nunca, felicitemo-nos pelo facto de se ter dado, ainda que ao cabo de uns mezes, uma situação legal a esses navios, conforme as leis da guerra. Permittem os fados que, sem decorrer um lapso de tempo superior á resistencia physica dos portuguezes, esses navios possam prestar o serviço para que premitivamente foram requisitados—o transporte necessario das subsistencias.

Era meio dia quando o sr. capitão de fragata Camara Leme, acompanhado por um guarda marinha, servindo de escrivão se dirigiu ao entreposto maritimo de Santos, a cujo caes se encontra atracado o *Prinz Henrich*, hoje denominado *Porto*. O illustre official foi recebido pelo commandante do navio sr. Abreu Camacho, fazendo-lhe a notificação do motivo que ali o levara e de que o official da marinha mercante estava informado por circular de ordem de serviço. O sr. capitão de fragata Camara Leme procedeu á apprehensão do navio, em companhia do capitão tenente Coriolano da Costa, representando a commissão de transportes maritimos de que é vogal. Assignado o termo de apprehensão, os mesmos officiaes dirigiram-se a bordo do *Ballow* que está fundeado junto do mesmo caes. Foram recebidos pelo respectivo commandante sr. Sousa Machado, repetindo-se o mesmo cerimonial no *Trafaria*, *Espinho*, *Lagos* etc.

O commandante do *Alemtejo* sr. José Ayres Ferreira dos Santos solemnisou o acto de apprehensão, mandando servir uma taça de *champagne*, terminada assignatura do auto.

Ainda as declarações do sr. Pinheiro Torres

Refere-se hoje *A Ordem* ás declarações publicadas pela *Capital* e feitas no nosso correspondente no Porto pelo sr. Pinheiro Torres. As affirmações d'este jornalista por nós publicadas não soffreram ainda qualquer desmentido, muito embora o sr. Pinheiro Torres viesse declarar posteriormente que as fizera em conversa particular e não com o intuito de que sahissem a lume.

Ora *A Ordem*, classificando de «pseudo-entrevista» de «entrevista apocrifa» e de «pretendida entrevista» as affirmações do sr. Pinheiro Torres, não consegue diminuir-lhes a significação e o alcance, comquanto pareça pretendel-o. Antes pelo contrario. Mas *A Ordem* vae mais longe. Dizendo que a publicação da «ligeira conversação» não foi auctorisada, o que «appareceu indiscreta e abusivamente amplificada e transformada em entrevista», ousa assim insinuar que estropeámos, torcemos, ou falsificámos o pensamento do sr. Pinheiro Torres. Que isso não succedeu, conclue-se do esclarecimento posterior d'este distincto jornalista que, por certo, não está arrependido de communicar ao nosso correspondente portuense as impressões que inscrimos pelo facto d'ellas virem á luz da publicidade. Com effeito, seria profundamente estranhavel que o sr. Pinheiro Torres pensasse uma coisa em particular e affirmasse outra diversa em publico.

Isso porém não succedeu, nem podia succeder. E, desde que assim é, pouco nos incommodam as classificações da *Ordem* e as suas piedosas insinuações tanto mais dignas de reparo quanto é certo virem n'um dia tão solemne para os nossos veneraveis collegas: o da Assumpção de Nossa Senhora...

Mas se lhes está nos habitos!

A politica no Brazil

RIO DE JANEIRO, 15.—O antigo partido republicano conservador e outros elementos politicos pretendem formar um partido para combater pela autonomia do districto federal.—(*Americana*).

Vem comprar tudo!

Lemos no «Seculo» de hontem (edição nocturna):

«Está em Lisboa o sr. Charles Sumb, importantissimo commerciante e financeiro de Londres, que vem de visita ao nosso paiz, onde tenciona adquirir propriedades, minas, etc.»

Vem comprar tudo!

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

"Atlantida,,

Mensario luso-brazileiro

O numero 10 do magnifico mensario luso-brazileiro «Atlantida», dirigido pelo distinctissimo poeta que é João de Barros e pelo admiravel jornalista Paulo Barreto, foi hoje posto á venda, podendo assegurar-se que em tudo continua a corresponder aos fins para que o fundaram e a honrar os intelligentes esforços do seu editor Pedro Bordallo Pinheiro.

São muito interessantes as entrevistas com os srs. Bernardino Machado e Norton de Mattos, a primeira sobre as relações luso-brazileiras e a segunda ácerca de Portugal perante a guerra. Subscreve ambas o nome de João de Barros. Digno de especial referencia o estudo de Anselmo de Andrade sobre a divida portugueza, e não menos apreciavel a collaboração de João do Rio, Cardoso Martha, Augusto de Castro, Coelho de Carvalho, Xavier Marques, José Soveriano de Rezende, Paulo Osorio, Delfim Guimarães, Nuno Simões, Vara Morgado, Jayme Cortezão, Joaquim Manso, Julio Brandão, Avelino de Almeida, etc.

A entrevista com o sr. presidente da Republica é acompanhada de um retrato devido ao lapis primoroso de Antonio Carneiro. A «Atlantida» insere tambem a reproducção d'um quadro de Roque Gameiro, desenhos de Raul Lino, Santos Silva, Manuel Gustavo, Almada Negreiros, Hipolito Colomb e F. Mesquita e photographias de Benoliel.

Terra Portugueza

Revista illustrada

Acha-se publicado o numero 6 da bella revista illustrada de archeologia artistica e ethnographica «Terra Portuguêsa».

Eis o summario:

«A Architectura pré-romanica em Portugal»—Balsemão (Continuação de pag. 54)—D. José Pessanha; «Duas imagens de Santa Maria» (Estudos do Alto Minho)—XVIII)—Dr. F. Alves Pereira; «Do album de um artista» (desenhos de José Queiroz)—J. P.; «Scenas das ruas de Lisboa» (1826)—Mattos Sequeira; «As tapeçarias do Paço da Ribeira»—José Queiroz; «Exposição de tapetes de Arroyollos»; «A mulher do Minho»—Alfredo Guimarães; «Chronica»: A nossa «pagina solta», Instituto Historico do Minho, Livros.

«Pagina solta»—Figuras isoladas em azulejos, com trajos populares do seculo XVIII; «Croquis» de Alberto de Sousa.

E' director litterario Virgilio Correia e director artistico Alberto Sousa.

Camara Portugueza de Commercio em Manaus

Constituiu-se em Manaus uma camara de commercio portugueza, por iniciativa do nosso consul n'aquella importante cidade brazileira. Dado o prestigio que reúnem as individualidades que formam o nucleo de propaganda commercial é de presumir que mais se desenvolverão as relações commerciaes luso-brazileiras no Amazonas.

A Camara de Commercio de Manaus nomeou seu representante em Lisboa o sr. Carlos Gomes e no Porto o sr. Antonio Silva Cunha.

DIPLOMATAS

RIO DE JANEIRO, 15. — O dr. Abelardo Roças, secretario da legação do Brazil em Londres, ultimamente chamado ao Rio de Janeiro, foi nomeado introductor diplomatico. — (*Americana*).

Presidencia da Republica

Foi o seguinte o telegramma que o sr. presidente da Republica enviou, em resposta, ao director de «Le Journal»:

Paris—«Le Journal»—Sr. senador Charles Humbert.—Agradeço vivamente os vossos sentimentos affectuosos para com a Republica Portugueza. Desde as primeiras horas tão inquietantes da guerra temos os nossos soldados na campanha d'Africa, solidariamente com a nossa inseparavel alliada a Inglaterra.

Apoz o voto de ante-hontem do parlamento portuguez, iremos bater-nos egualmente na frente europeia e estamos orgulhosos de poder tambem seguir-vos nos vossos combates gloriosos.

Perante tudo o que a França acaba de fazer n'estes dois annos de crueis provações, o seu nome tem entre nós um culto em todos os corações. Saudovos.—Bernardino Machado, presidente da Republica Portugueza.

A grande guerra

Como no Brazil se acompanha Portugal

RIO DE JANEIRO, 15. — O jornal «A Rua» publica a photographia do dr. Antonio José d'Almeida, transcrevendo a entrevista que o presidente do ministerio concedeu ao correspondente do jornal francez «L'Eclair», sobre a cooperação portugueza na grande guerra.—(*Americana*).

RIO DE JANEIRO, 15.—O «Jornal do Commercio» reproduz a conferencia de Paul Adam sobre a interferencia de Portugal e a importancia da sua cooperação.—(*Americana*).

Apreciações da imprensa brazileira

RIO DE JANEIRO, 15.—A imprensa commenta o avanço dos alliados, dizendo que a guerra está n'uma das ultimas phases.—(*Americana*).

Escolas de agricultura pratica

RIO DE JANEIRO, 15.—O deputado Costa Ribeiro apresentou ao parlamento um projecto de creação de escolas de agricultura pratica, nos diversos estados do Brazil, sendo as despezas cobertas com o imposto sobre o alcool.—(*Americana*).

Descobrimentos d'um jornalista monarchico

O redactor da «Nação» que foi a Cintra quando do almoço offerecido n'aquella formosa estancia aos marinheiros inglezes, descobriu grandes novidades no palacio da Pena. Esteve o jornalista monarchico de visita á capella e eis as suas impressões, na verdade curiosas, sobretudo no remate:

E' realmente, muito bonita. Estylo manuelino, tem dois corpos, um destinado ao povo e outro á familia real. Lá está o genuflexorio em que ajoelhava o Senhor Dom Manuel, ao lado d'outro para sua Mãe, e ainda um outro para o Senhor Duque do Porto. Os restantes serviam ás damas, aos vereadores aos officiaes de serviço. Ao topo uma cadeira de espaldar encimada pela Corôa, abre os seus braços á espera de que Alguem se vá n'elles abrigar.

Os dois corpos da capella descobertos pelo redactor do orgão miguelista, como sabe toda a gente de mediana illustração que tenha visitado a Pena, são o corpo, propriamente dito, da capella e o côro dos frades jeronymos. Era, com effeito, n'este côro, que a familia real assistia aos actos do culto. O genuflexorio para o sr. duque do Porto não passa de invenção ou fantasia. O sr. D. Affonso de Bragança nunca residiu no Palacio da Pena e ouvia missa na capella do paço da villa, onde costumava veranear com a sr.ª D. Maria Pia. A «cadeira de espaldar» é simplesmente a cadeira onde se sentava o superior do convento, quando presidia ao côro, cujas estallas magnificas passaram despercebidas ao jornalista, como o soberbissimo retabulo de alabastro do altar-mór. Se o redactor da «Nação» suppõe que o rei tinha o costume de se sentar na tal cadeira está enganado. Desde que acabaram os frades aquelles braços, se esperam alguem, não é, decerto, uma testa coroada...

Ou, quando voltar o senhor D. Miguel, sob o patrocinio do kaiser, e soar a hora das restituições, não tornam os religiosos jeronymos á posse de Nossa Senhora da Pena?!...

TERRAS DE PORTUGAL

As minas do Lousal

Trez horas debaixo da terra—A sessenta metros de profundidade

LOUSAL, 13.—A's sete horas já estamos a pé. E' hoje que vou fazer a minha descensão á mina. Confesso que não penso n'isso sem um pouco d'alvoroço a sacudir-me os nervos. Como será a vida a vinte, a quarenta, a sessenta, a duzentos metros de profundidade? Que influencia exercerá sobre o meu organismo a permanencia, por umas poucas de horas, em subterraneos labirinticos, de cuja segurança não tenho nem posso ter uma idéa perfeitamente exacta? Domina-me, todavia, o desejo absorvente de acabar com isto quanto antes. Já que a descida se torna necessaria, que ella se effectue o mais depressa possivel. O sr. Rollão Preto parece adivinhar o meu pensamento. Tambem elle quer conduzir-me sem demora até ao seu antro. Tambem o domina a elle a ancia irreprimivel de me mostrar a sua obra, de me guiar atravez dos emaranhados corredores da mina, onde algumas dezenas de homens passam encafuados a maior parte da sua existencia.

Reconfortados com uma chavena de café eu, o sr. Rollão Preto e o sr. engenheiro Freitas, que enceta agora a sua carreira de mineiro, partimos. Faz um sol esplendoroso, e apezar de não serem ainda nove horas, o calor é de rachar. Nos confins do horisonte erguem-se, como montões de pardacento algodão, algumas nuvens pesadas e compactas. Dir-se-hia que o tempo vae mudar e que vae pairar dentro em pouco, sobre as nossas cabeças, uma furiosa trovoada. Seguimos directamente para a «córta». O poço enorme, escancarado para o ar livre, parece sangrar aqui e alem. Das manchas vermelhas do rochedo dir-se-hia que escorre carmim turvo. A' entrada da «córta», pequeninos diabos enfarruscados malham, nas bigornas luzidias, o ferro em braza. São os afiadores e prepardores das brocas que na sua barraca, de malhos em punho, moldam o aço como quem, entre os dedos, dá formas ineditas a um docil pedaço de cera...

—Tudo isto vae fazer-se qualquer dia por meio de machinas—diz-me o sr. Rollão Preto. E' mais simples e mais barato, accrescenta.

E mais dois passos, estamos na mina...

* * *

O tunel escancara-se na minha frente. E' qualquer coisa de temeroso e de ameaçador. Do lado de cá, está o sol que queima, está o ar livre, está a vida. Do lado de lá, deve estar a morte, a angustia, a opressão. Lembra-me, sem querer, o verso celebre do Dante: «Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!» A «córta», duas duzias de metros percorridos, não é mais do que um vago ponto luminoso, com um pedaço de azul a servir-lhe de pupila, do qual me despeço com a dorida resignação d'um condemnado descendo para o segredo d'um carcere. O tunel desenvolve-se em rampa pouco accentuada. Com o meu candil de acetilene, em cujo bico o gaz sibila, illumino o caminho liso e facil. As paredes da contra-mina estão revestidas de madeira. O tecto tambem. Todos os desabamentos são impossiveis. Não ha duvida. Rasgar o ventre da terra é, pois, tudo o que ha de mais simples. Impedir que o rasgão alastre por si, que se transforme em chaga incuravel, semeadora da morte e propagadora da ruina, ainda o é mais. O homem assim o determina.

Caminhamos lentamente para o piso 45, que é o menos profundo. «Rails» de vagonetas. Buracos pelas paredes, disfarçados com taboas, mais ou menos tapados com pedra solta. São antigos jazigos de minerio, já esgotados e extinctos. Sinto, a penetrar-me todo, uma deliciosa impressão de frescura. Perdi quasi por completo a noção do sitio em que me encontro. Tanto posso estar a 45 metros abaixo do nivel da terra como a duzentos ou a mil. Tanto posso encontrar-me n'um subterraneo, como lá em cima, em qualquer ponto onde não haja calor nem luz natural. Só uma coisa me afflige—o silencio. A vida parou á minha roda. Se fosse sosinho, convencer-me-hia que ia atravessando uma catacumba, deslisando como uma sombra por entre duas filas de esqueletos.

Percorremos já parte do primeiro piso. Sinto que a fadiga se apodera, a pouco e pouco, de mim. Porquê? O esforço dispendido não é grande, por ora. As minhas alpercatas protegem-me excellentemente os pés. Não tenho encontrado obstaculos a transpôr. Por emquanto, este corredor não é mais do que um claustro illuminado a custo pelos nossos candis e pelas lampadas que de espaço a espaço nos olham como pupilas roidas pela ophtalmia. A temperatura conserva-se quasi constante. O ar é excellente. Nem denso nem carregado de gazes que o infectem. De quando em vez sinto como que o ruido de pequenos desmoronamentos. São as goteiras, que rasgam a parede da direita, a despejar minerio para as vagonetas de ferro. Passam sombras a curta distancia. O homem, na escuridão da catacumba, faz-se phantasma. Perde o uso da fala. Move-se apenas, sereno e rigido, como um espectro insensivel. E a galeria immensa, como se fosse um reptil de inconcebiveis dimensões, desenrosca-se, contorce-se, dobra-se sobre si mesma e vae terminar quasi onde principia, depois de ter descrito, á procura do minerio, as mais caprichosas curvas.

Planta da mina de Lousal

Torno a ver a pupila azul celeste da «córta». Mas em logar de subir, desço mais. A minha viagem subterranea vae, quando muito, em meio...

* * *

A meus pés rasga-se um poço, pelo qual se enfia uma escada. E' por ali que tenho de descer. O engenheiro Freitas dá-me o exemplo. O sr. Rollão Preto ensina-me a segurar o candil. E a descida inicia-se. A escada não tem fim. Não olho para baixo. Mas convenço-me de que cada degrau que transponho é um passo que dou para um abismo em que o misterio vive, furtando-se, obstinadamente, á curiosidade insaciavel dos homens. De repente, ponho pé em terra. Olho para cima. Nada. A treva impenetravel. A sombra que a vista não fura e na qual se aninham todos os receios, todos os terrores, todas as doentias phantasias que povoam os cerebros desafinados dos loucos. Estamos no piso sessenta, onde se faz já extracção de mineral. A vida interior da mina começa a animar-se. O silencio torna-se cada vez menor. Aqui e além, na extremidade dos tuneis, grupos de operarios obstinam-se em prolongar a sua loca, arrancando da rocha viva o denegrido pedregulho, que ha de transformar-se nas fabricas distantes, em enxofre, em acidos e em ferro.

A canalisação do ar comprimido, presa ao tecto da contra-mina, acompanha-me desde lá de fóra, da «córta» alada de luz. Vou ver applicar, a sessenta metros de profundidade, esse poderoso creador de movimento. Broca-se a rocha. Preparam-se tiros. D'aqui a pouco, a dinamite dar-me-ha a impressão de que toda a mina vae desabar sobre a minha cabeça. O sr. Rollão Preto convida-me a trabalhar com uma broca de mão. Acedo promptamente. Pego em dois manipulos e aponto a verruma potente á massa escura do minerio. Um capataz abre uma torneira. E a broca, principiando a girar com uma velocidade de espantosa, enterra-se com uma trepidação que me sacode todo, pela montanha dentro, como se tivesse de perfurar apenas um bloco de barro amassado de fresco. Em menos de cinco minutos, abre-se um furo com mais de meio metro de profundidade.

Retrocedemos. Entretanto, apezar de andarmos muito, persuado-me de que não saio do mesmo sitio. E' que o scenario não muda. Penumbra, fumo rarefeito, agua em poços, mineiros que passam como sombras a caminho de misteriosos destinos. Saudo-os e não me respondem. Ia jurar que n'este isolamento o homem se concentra tanto em si mesmo que até chega a perder a faculdade de se entender com o seu semelhante. Torneja-se um cotovelo quasi em angulo recto. Surge outra galeria. Estou fatigadissimo. E' que nunca vivi duas horas de vida tão intensa. Todos os meus nervos vibram como fios de arame retezados. Sinto uma grande impressão de esmagamento. Se pudesse, fugia sem demora para o sol que queima, para a charneca calcinada, a fim de restabelecer quanto antes o perdido equilibrio do meu organismo cançado.

* * *

O sr Rollão Preto quer, porém, que eu veja tudo. Agradeço-lh'o. E assim colloca-me deante d'um martello perfurador, e manda que o ponham em movimento. A broca, grossa como um pulso, é apertada a malho. A machina está fixa no solo e no tecto da galeria. O ar comprimido aciona-a. Os murros contra a rocha começam. São formidaveis. As faulhas de lume espadanam em cabelleira fulgurante, envolvendo os homens que trabaham com a machina e vindo alfinetar-me a pele, sobre a qual produzem a sensação caustica d'uma acerada ponta de fogo. Parece que a rocha já está, afinal, perfurada, e que, do lado de lá algeum enfiou um «valverde» aceso para reproduzir, sessenta metros abaixo do nivel do terreno, uma alegre e illuminada noite de S. João.

Affastamo-nos. Os buracos que vimos abrir estão já carregados de dinamite.

Vae ser-lhes pegado fogo. Abrigamo-nos apressadamente n'um recanto mais distante da galeria. Alguns minutos de espera. Juntam-se-nos dois ou tres mineiros.Os rastilhos vão-se consumindo lentamente. Insensivelmente, encostome mais á rocha. De repente, dá-se a primeira explosão. A mina treme. Do tecto, cahem pequenas pedras. O ruido é surdo, abafado, lugubre. Irrompem outros tiros. Rebentam, ao mesmo tempo, dois e tres. Ao todo doze. N'outras galerias, outras explosões se dão. E é assim que o homem vae abrindo caminho no interior da terra, para tirar de lá os thesouros que ella encerra e de que elle precisa para construir a machina, fonte de vida, e o canhão semeador de ruina, de destruição e de morte.

Fixo certas physionomias de mineiros. Não correspondem ao typo classico. Os escavadores de minerio na mina do Lousal não são, a final, mais do que auxiliares da machina. Todo o trabalho violento foi abolido. A extenuante canceira da perfuração não lhes compete. O mais pouco é. O mineiro do Lousal nem sequer tem trajo especial. Vae para o piso em que trabalha como iria cultivar uma horta ou plantar uma arvore. A divisão do trabalho é, além d'isso, absoluta. Cada um faz o que tem a fazer e mais nada. D'ahi, uma regularidade quasi chronometrica em tudo o que se passa n'estas galerias labirinticas, que principiam no desconhecido, e acabam no mysterio. Chegamos junto do poço que leva ao piso 110. Mas não descemos. E' que está innundado, estando a proceder-se activamente, por meio de bombas electricas ao seu rapido exgotamento. Voltamos, por isso, para o ar livre. Tomamos o elevador. Decorrem segundos. A treva vae-se desfazendo, cahindo de cima uma suave claridade, que de momento a momento se torna mais intensa. O ascensor pára. Estamos na embocadura do poço mestre. Esfrego os olhos como quem acorda e sorvo a longos haustos o ar quente que me bate no rosto.

...Resuscitei.

ADELINO MENDES.

Instrucção Militar Preparatoria

Sociedade n.º 5—Hoje ás 21 horas, ha instrucção de telegraphistas, signaleiros e maqueiros na séde da Sociedade, pedindo-se a comparencia de todos os alistados.

Está aberta a inscripção para estas aulas.

"Os meus delictos,,

O nosso presado camarada de imprensa Bourbon e Menezes, que no nosso meio litterario tão rapido nome alcançou pelas suas chronicas, apontamentos e impressões, condensou esses artigos dispersos n'um volume a que poz o titulo de «Os meus delictos» e que em breve deve apparecer.

Será a obra prefaciada—vá lá a indicação—pelo illustre escriptor Julio Dantas, o que irá augmentar o seu valor.

Uma cançonetista celebre no Republica

A famosa revista *Castellos no ar* que é a peça da moda e o grande exito do Theatro Republica está constantemente apresentando novidades e surpresas. Agora annuncia-se uma deveras sensacional. De pois de ámanhã quinta-feira estreia-se a celebre cançonetista franceza Nita Falzon, estrella do Scala de Paris, que tomará parte na revista, entrando nos quadros da «Estrada da vida», da «Montanha de oiro» e da «Encruzilhada dos moinhos» cantando varias cançonetas e canções, sendo a ultima uma canção patriotica franceza, cantada por todos os soldados nos campos da batalha. Nita Falzon é é uma artista fina, de rara distincção, lindas «toilettes», é uma «diseuse» encantadora, uma cançonetista de Salão. A recita de quinta feira é pois da moda e ponto de reunião da nossa sociedade.

Feiras e romarias

As festas em Aviz

Realisa-se no proximo dia 27, em Aviz, a romaria annual á Senhora Mãe dos Homens, havendo, além dos costumados concertos por uma banda de musica, illuminações, bazar, fogo d'artificio e os populares bailes e descantes alemtejanos, a distribuição d'enxovaes a creanças pobres.

Um grupo de meninas tomará parte na execução dos actos religiosos.

A feira franca que no mesmo dia se realisa no local da romaria attrahe grande concorrencia de povo não só do concelho d'Aviz, mas dos concelhos visinhos.

Uma commissão está preparando uma corrida de novilhos á antiga portugueza.

A crise da imprensa e a questão do papel

Falando com jornalistas, o sr. presidente do ministerio, por occasião do almoço da Pena em honra dos marinheiros inglezes, manifestou-lhes os seus escrupulos em conceder certos beneficios á imprensa, como o da franquia postal, por ter ligações com um periodico que é a *Republica*. Accrescentou que o ministro do interior desejaria muito ser util aos jornaes, mas que o do trabalho não está disposto áquella concessão da franquia por ir causar um prejuizo de setenta contos aos correios e telegraphos, que são autonomos.

A crise da imprensa, embora em certo modo e para alguns jornaes se attenuasse um pouco com a isenção de franquia, estava longe de resolver-se mercê de tal beneficio. A crise não é apenas nossa, attinge muitos outros paizes e constitue uma das lastimaveis consequencias da guerra. Agora mesmo, em Hespanha, se debate o problema, dividindo-se as opiniões sobre o modo de o resolver: querem uns que, sendo o periodico uma industria, elle tenha direito ás mesmas facilidades que o governo concedeu a outras industrias; querem outros que o problema não é para ser posto perante o governo mas para ser solucionado particularmente entre as empresas.

Com os primeiros está Cristobal de Castro, no *Heraldo de Madrid*. Do seu ultimo artigo sobre o assumpto transcrevemos estas passagens que offerecemos á meditação de quem tem o dever de se preoccupar com elle:

Dissemos, e repetiremos quantas vezes seja preciso, e vão ser muitissimas, que a intervenção do governo n'este assumpto, como nos do trigo, carvão e sulphato de cobre, offerece tres aspectos importantes: a diplomatico, o de transportes e o aduaneiro, e temos pedido reiteradamente aos srs. Gimeno, Gasset e Alba que cada qual se apresse a cumprir a sua missão.

A intervenção do ministro dos estrangeiros reduz-se a simples diligencias para obter informações e estatisticas. N'este momento, estando já o conflicto ha mais de dois annos sem solução, ignoramos de um modo authentico e official quaes são os paizes productores de pasta de madeira, as estatisticas de producção, preços, mercados principaes, etc., etc. Não é isto uma vergonha e uma iniquidade? Pois essas estatisticas podem e devem ser reclamadas pelo ministerio dos estrangeiros aos nossos diplomatas e consules.

Sem ellas, como falar de producção, nem de escassez, nem de encarecimento, nem de embaratecimento? Trata-se de um problema de importação e desconhece-se, de um modo authentico e official, a producção mundial de pastas, seus mercados e seu commercio. Como vamos entender-nos n'esta barafunda?

Quanto ao ministerio do fomento, tratando-se d'um problema florestal, como o da pasta de madeira, tão pouco conhecemos a producção nacional de pastas nem os meios de previsão que, com a necessaria urgencia, se tenham assentado com vista ao futuro. E a respeito de fretes reduzidos, premios de importação, etc., etc., estamos egualmente em jejum.

...A intervenção do ministro da fazenda sr. Alba reduz-se simplesmente a um regimen de porta aberta para a importação de papel e pastas de fabricação e a um regimen de porta fechada, mas fechada a pedra e cal, para a exportação do papel fabricado e ainda das pastas que pudessem exportar-se.

E Cristobal de Castro insiste em que se applique quanto ao papel uma politica identica a que se empregou para o trigo, o carvão e o sulphato de cobre, accrescentando:

E quando o governo nos disser que unicamente na Suecia ha pastas de madeira, dir-lhe-hemos ainda que o seu dever é compral-as ali por sua conta e vendel-as aqui, embora perdendo umas pesetas em kilo.

O redactor do *Heraldo* não comprehende que se favoreçam viticultores, moageiros e metalurgicos, abastecendo-os de sulphato, trigo e carvão a preços regulados, e que se não abasteçam do mesmo modo as empresas jornalisticas e editoriaes...

Nina Walky que hontem se estreou, é uma bailarina com escola, sendo um numero bom, que os que conhecem o que são bailados sabem apreciar e applaudir, como hontem aconteceu.

Amanhã faz a sua festa artistica o soprano ligeiro Stella Margarita, que escolheu um reportorio dos mais variados.

Veste, portanto, galas o Salão Foz ámanhã, para festejar a interessante artista.

«Historia de sempre»

A estreia do Condes

E' já superfluo affirmar que o Cinema Condes bate positivamente o «record» dos bons «films». Hoje temos ali mais uma estreia admiravel com a pelicula de arte, profundamente repassada de emoção, intitulada *Historia de sempre*, 8 partes.

O resto do programma é preenchido por numeros excellentes como a ultima *Revista Pathé*, palpitante de actualidade, *Borboleta de azas de ouro*, 2 partes, o irresistivel episodio comico *Salustiano vinga sua sogra*, interpretado pelo celebre humorista Prince; *A hora dos espectros*, 3 partes, *Monitor brazileiro*, etc.

E' difficil, como se vê, imaginar espectaculo cinematographico mais variado e attrahente do que este.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta no theatro occidental

PARIS, 15.—Communicação official das 15 horas:—Na linha do Somme houve grande actividade da artilharia franceza nos sectores ao norte do rio, ao sul de Belloy e de Estrées e ao norte do Lihons. Ao sul de Belloy foi disperso por fuzilaria um reconhecimento allemão. Na margem direita do Meuse houve uma serie de brilhantes acções á granada que permittiram aos francezes tomar elementos de trincheira na linha de combate e que abrangem 100 metros de profundidade. Os allemães tentaram reagir mas os nossos fogos de flanco anniquillaram-lhes o contra-ataque. No resto da linha a noite decorreu calma.—*(Havas)*.

As operações russas

PETROGRADO, 14.—Na região da povoação de Stobicha repelimos em Stobichva em 13 do corrente os ataques contra a margem occidental do Stockod. No Sereth superior continuamos a progredir; o inimigo retirou para oeste, para uma posição organisada, de onde um violento canhoneio impediu o nosso avanço. Na região do Strypa medio e no Koropetz continuamos a perseguição do inimigo e progredimos na direcção do oeste. Nos Carpathos, por toda a parte repelimos no mato, a offensiva parcial do inimigo. Na Persia tomámos uma parte das posições turcas.—*(Havas)*

Carne do Brasil para a Europa

BELLO HORIZONTE (MINAS GERAES, 15.—Durante os ultimos dias do mez de julho e os primeiros de agosto, a Companhia Oeste de Minas transportou com destino aos frigorificos grande quantidade de gado, d'este Estado, para a exportação para a Europa.—*(Americana)*.

As negociações germano-suissas

PARIS, 15.—Na proxima quinta-feira devem recomeçar as negociações entre a Suissa e a Allemanha. O Conselho federal nomeou negociadores Alfred Frey e Schmideimy, assim como o doutor Kaeppeli, chefe do departamento agricola.—*(Americana)*.

Lloyd George e o optimismo francez

PARIS, 15.—O sr. Lloyd George, após uma demorada conferencia com o general Haig, regressou a Londres profundamente impressionado com o optimismo francez.—*(Americana)*.

As rações de alimentação em Berlim

PARIS, 15.—As rações d'esta semana em Berlim foram assim fixados: carne 250 grammas, batatas 4 kilos, pão 1950 grammas, e manteiga 60 grammas.—*(Americana)*.

Operarios portuguezes para as fabricas francezas

Já se encontra em Lisboa o delegado do governo francez que vem contractar operarios para as fabricas de munições. Segundo nos consta, serão preferidos os simples trabalhadores, com mais de 32 annos. Os contractos far-se-hão por seis mezes e serão renovaveis. Os salarios oscilam entre cinco e doze francos, conforme as aptidões reveladas.

Calcula-se que irão assim para França uns 10.000 trabalhadores e não operarios feitos, como poderia suppor-se. Sendo a emigração annual para o Brazil de 30.000 a 40.000 individuos e achando-se ella agora suspensa, os braços que forem para França decerto não perturbarão, com a sua falta, os trabalhos a que se consagravam aqui.

O sr. Albert Thomas, sub-secretario de Estado das munições no gabinete francez, chegará a Lisboa brevemente.

Bens de inimigos

Foi hoje publicado no *Diario do Governo* o seguinte aviso:

Para os effeitos do disposto no § 1.º do artigo 1.º do decreto n.º 2.393, de 17 de maio de 1916, declara-se estarem habilitados a pagar as respectivas rendas os depositarios-administradores dos bens pertencentes aos subditos inimigos abaixo relacionados:

Guilherme Hoffneir, do Porto.

Otto Hummel, de Lisboa, com referencia á fabrica e suas dependencias, sita na travessa do Prior, 3.

Firma brazileira louvada

O governo portuguez mandou, pelo ministerio dos estrangeiros, sob proposta do consul de Portugal no Pará, louvar a firma brazileira d'aquella cidade Teixeira, Martins & C.ª, pela sua cooperação na propaganda de Portugal e da Cruz Vermelha Portugueza.

Carga dos navios apprehendidos

A' firma Tavares & C.ª, Limitada, como representante de Paul Brunon, foi concedida prorogação de 30 dias para levantamento de carga do antigo vapor allemão *Girgenti*, actualmente *Gaya*.

Officiaes medicos milicianos

Pela secretaria da guerra foi determinado que os alferes medicos milicianos só podem mudar de residencia com auctorisação dos commandantes das respectivas divisões, devendo taes mudanças ser communicadas á 5.ª repartição da 2.ª direcção geral da secretaria da guerra.

Uma conferencia

Na séde da Associação dos Medicos Portuguezes, realisa ámanhã, ás 21 e meia horas, o sr. dr. Reynaldo dos Santos uma conferencia sobre «O tratamento actual dos feridos da guerra».

Apprehensão de navios allemães

Por escassez de tempo não concluiram hoje os trabalhos de apprehensão dos navios allemães. Os restantes devem ser ámanhã submettidos á mesma formalidade.

QUESTÕES FINANCEIRAS

A situação fiduciaria

E' preciso economisar as notas e usar os cheques

Ha pouco tempo, o sr. Ribot, ministro das finanças da França, fez um appello nos cidadãos do seu paiz para que fizessem a economia das notas, empregando os cheques traçados («barrés») na liquidação das operações de credito. De facto, n'estes dois annos de guerra a circulação fiduciaria subiu espantosamente em França. Em fins de junho de 1914 era de 5.852 billiões de francos, com uma reserva metallica de 4.614 billiões, ou seja de 79 por cento; no principio d'este mez estava em 15.734 billiões, com uma reserva de 5.102 billiões, ou seja de 32 por cento.

A constatação d'este facto presta-se a varias considerações sobre a circulação fiduciaria portugueza. Em 1897 foi fixado o seu limite em 72.000 contos, o qual se mantinha ainda em 1910, á data da proclamação da Republica. E' bom dizer-se que já em setembro de 1910 se pensára auctorisar uma elevação d'aquelle limite, pois demonstrava-se que os 72.000 contos eram insufficientes para a capacidade attingida pelas transacções do mercado interno.

Proclamada a Republica, e havendo necessidade de satisfazer inadiaveis encargos do Estado, foi auctorisado o Banco de Portugal a emittir notas até ao duplo das reservas de moeda de prata que possuisse, ficando para ulterior estudo o augmento da circulação com a reserva de ouro. Evidentemente, a pessoa que aconselhou aquella reducção ao governo provisorio—que a aconselhou e que a tornou rapidamente possivel—suppoz que ella seria tomada como uma solução de momento, e nunca como uma formula a seguir para obviar a todas as difficuldades da situação financeira.

Deviam ser tomadas depois outras medidas que, nos seus effeitos de conjuncto, modificassem o mau aspecto que então apresentavam as finanças do Estado.

Actualmente, a circulação fiduciaria está em 121.000 contos, podendo ainda ser elevada a 145.000. A's despesas resultantes da guerra se deve attribuir uma grande parte do augmento. Demonstra-se facilmente com os numeros. Em agosto de 1914 a circulação de notas do Banco estava em 88.000 contos, o que representa, em relação a outubro de 1910, um augmento de 16.000 contos. Assim, o accrescimo feito desde agosto de 1914 até hoje, isto é, nos dois annos de guerra, é representado pela somma de 33.000 contos.

Se o augmento correspondesse á necessidades de transacções provocadas pelo desenvolvimento da riqueza publica, nada haveria a dizer contra os 121.000 contos que figuram hoje em circulação nem contra o limite dos 145.000 desde que a sua fixação correspondesse aos mesmos motivos. Mas não tem sido assim. Em primeiro logar, a circulação fiduciaria tem sido aggravada quasi exclusivamente pelas despezas do Estado, e não porque as transacções crescessem na mesma proporção em que ella augmenta. O Estado precisa de dinheiro e pede-o ao Banco, obtendo-o ao juro insignificante de um quarto por cento em virtude do imposto lançado sobre a circulação que exceda 72.000 contos. E' claro que os Bancos emissores devem ser tributados pela circulação que exceda um certo limite, para se impedir que a tentação, de grandes lucros conduza a especulações ruinosas e depreciativas da moeda; mas é preciso que o Estado não abuse do processo que procura coartar aos outros possiveis concorrentes dos cofres do Banco. Se o faz, ou forçado por despesas consideraveis e immediatas, ou por se convencer da difficuldade de contrahir emprestimos fundados, as consequencias d'esse abuso manifestam-se logo no encarecimento da vida.

A outra razão do grande augmento da circulação fiduciaria está no velho habito portuguez de amealhar dinheiro, de fazer um pé de meia absolutamente improductivo. As reservas da economia particular não devem ser hoje inferiores a 40.000 contos, que apenas servem para os seus possuidores se darem a candida illusão de que estão garantidos contra todos os imprevistos incidentes de natureza financeira que surjam na vida nacional. Quer dizer: esses 40.000 contos figuram indevidamente na circulação fiduciaria, visto que não circulam. Desde que os seus possuidores os depositassem no Banco de Portugal, e ninguem duvida de que os depositos estivessem ahi perfeitamente garantidos, a circulação diminuia n'aquella importancia, passando a ser hoje de 81.000 contos. E' possivel que isso venha a acontecer, ao menos em parte, logo que o Estado lance o emprestimo no mercado interno, podendo então pagar uma parte das suas dividas ao Banco e recolhendo este as notas representativas do debito liquidado.

Por ultimo, ha ainda um factor que contribue para que a circulação fiduciaria portugueza seja sempre elevada. E' o mesmo vicio do abuso das notas que o sr. Ribot procura combater em França. A liquidação das operações commerciaes devia ser feita, como na Inglaterra, por meio dos cheques traçados. Os industriaes e commerciantes teriam as suas quantias depositadas nos Bancos, pagando as facturas por meio de cheques. Os Bancos fariam o encontro dos cheques a pagar e a receber, poupando-se d'esse modo a circulação de importantes sommas. O dinheiro em deposito serviria para facilitar emprehendimentos do commercio e da industria, baixando a taxa de desconto visto que havia mais dinheiro disponivel para essas operações.

Quando se estabelecerá no nosso paiz o uso dos cheques?

Solipedes para o exercito

A requisição, que vae ser feita, de solipedes para o exercito, onde elles são muito necessarios, effectuar-se-ha por modo que não soffra alteração o serviço de transportes particulares.

Os solipedes a requisitar, dentro em breve, são mais de tres mil.

A questão das subsistencias

Apprehensão de assucar

Foi-nos enviada a seguinte nota officiosa:

Um empregado da secretaria da commissão districtal de subsistencias, acompanhado por dois guardas da mesma commissão, dirigiu-se esta tarde, por ordem superior, oa armazem de mercearia dos srs. Manuel Tavares & C.ª, rua da Prata, 282 a 288, e rua da Betesga, 47 a 49, apprehendendo ahi 53 caixas com assucar em quadrados, no pezo total de cêrca de 2.500 kilos.

A apprehensão foi feita, por a firma proprietaria do estabelecimento não ter dado o assucar ao manifesto segundo o edital ultimamente publicado pelo chefe do districto.

Um empregado superior da casa declarou que o assucar fôra fornecido pela firma Carlos Ribeiro, Limitada, da praça do Municipio, como sendo caixas de côco, para assim se furtar á devida fiscalisação.

A policia autuou hoje na multa de 2$53, por augmento do preço dos generos, os commerciantes Antonio Joaquim Faria, travessa do Rosario, 35; Mattos & Silva, da rua S. João da Matta, 18 e 20, Rodrigues Araujo, travessa do Pateo das Vaccas, 5 e 6 e Antonio Pereira, rua Maria Pia, 154. Em 6$32 foi auctua, por falta de tabella, a firma Santos & Vaqueiro, da rua da Alegria, 94.

No hospital de S. José

Tremenda bofetada — Desastre com arma de fogo e no trabalho

A' muralha do Caramujo, em Almada, estava hoje encostado o corticeiro José Viriato Martins Guerreiro, quando foi aggredido com uma bofetada por Arnaldo Pina, ali morador, dada com tal força que o fez cair á agua, sendo salvo a muito custo por varios populares que presencearam a scena. Trazido para Lisboa seguiu para o hospital de S. José onde foi pensado.

No banco foi pensada de um ferimento na mão Adelaide Abreu moradora na villa de Sete Rios, 1, 1.º, que foi mordida por um macaco no Jardim Zoologico.

Da Covilhã veiu para Lisboa e recolheu á enfermaria 4 José d'Almeida Figueiredo, criado de um armazem de lanificios d'aquella cidade, que no domingo estando a experimentar um revolver pertencente a um seu amigo, a arma disfechou indo a bala cravar-se-lhe no rosto. O ferimento apresenta uma certa gravidade.

Depois de operado recolheu á mesma enfermaria o operario Manuel Pires, morador na rua 24 de Julho, 102, 2.º, que na doca secca de Alcantara foi attingido pelos estilhaços de pedras, ficando com o craneo fracturado.

Em Alemquer foi attingido por um coice de uma muar Jorge da Silva, ficando ferido no baixo ventre. Como o seu estado fosse grave veiu para Lisboa e deu hoje entrada na enfermaria 1.

PEQUENAS NOTICIAS

A policia prendeu Manuel Gomes Ribeiro, de 28 annos, morador no Casalinho da Ajuda, 26, loja, por ter levado para a Serra de Monsanto a menor de 15 annos Maria da Conceição Assis, serviçal n'uma casa da rua Henrique Nogueira, 8, 1.º, na Amadora, abusando d'ella e abandonando-a em seguida. Como não tem familia, a policia tomou conta d'ella para lhe dar destino.

A policia procura o menor de 14 annos Joaquim Gomes da Silva, que desappareceu de casa de seu pae Manuel Gomes da Silva, morador na rua de Arroyos, 13, rez-do-chão.

—Foram presos e enviados para juizo Carlos Ferreira, morador na rua das Pedras Negras, 5, 6.º, e Antonio Augusto Andrade, na rua Barão de Sabrosa, 114, 3.º, accusados de furtarem a quantia de 200 escudos ao commerciante sr. Freire, da rua Aurea.

—Para juizo foi hoje enviado Antonio Rodriguez ou Fernando Fernandez, sem residencia conhecida, accusado de ter furtado uma carteira com dinheiro e documentos importantes a José Romão, morador na calçada dos Cesteiros, 15. O preso foi expulso de Portugal por 10 annos em 10 de março de 1913.

—Por ordem do sr. ministro do interior, foi reaberta, na Feira de Agosto, a barraca das tombolas do Albergue das Creanças Abandonadas.

A provincia n'A CAPITAL

VILLA NOVA DE FOZCOA, 14.—Recrudesceu o enthusiasmo entre a população d'esta villa para a acquisição de dinheiro para a construcção d'um edificio proprio onde se possa installar o hospital d'esta villa, ha muitos annos em projecto, mas infelizmente até hoje sem resultado satisfatorio. Um grupo de distinctos academicos nosso conterraneo está animado da melhor boa vontade para levar a effeito uma recita cujo producto reverterá em beneficio de tão boa ideia, a fundação do hospital. Só temos a felicitar os intelligentes academicos.

—A Camara Municipal d'este concelho, em sua ultima sessão prestou a homenagem condigna da alta admiração e respeito ás virtudes do delegado do Procurador da Republica n'esta comarca, sr. dr. José Luiz d'Almeida, lançando um voto de congratulação na acta pelo seu estado.

—Tomou posse de juiz d'esta comarca o sr. dr. Alexandre de Aragão que nos dizem um magistrado impoluto e sabedor e cuja posse foi brilhantemente concorrida.

No parlamento britannico

LONDRES, 15.—A Camara dos Communs approvou em primeira leitura o projecto do lei relativo ao parlamento.—*(Havas)*

O governo do Uruguay

MONTEVIDEU, 15.—O ministerio deu a sua demissão.—*(Havas)*

Quadros da historia de Portugal

Inauguração da exposição de aguarelias de Roque Gameiro e Alberto de Souza

No atrio do theatro Nacional realisou-se esta tarde a visita dos representantes da imprensa á exposição de quadros de aguarellas dos distinctos artistas Roque Gameiro e Alberto de Sousa, nosso presado collaborador, os quaes servem para os Quadros da Historia de Portugal, obra de grande valor dos illustres professores srs. Chagas Franco, governador civil de Lisboa, e João Soares, dos Pupillos do Exercito. De tarde estiveram ali, além dos srs. Chagas Franco, João Soares e dos dois aguarellistas, muitos artistas, escriptores e homens de lettras, tendo todos elles palavras de elogio para os expositores. Realmente tudo que ali se vê exposto é digno de louvores e que só n'uma demorada visita se pode apreciar. Espera-se que o sr. dr. Bernadino Machado visite amanhã ou depois a exposição.

Roubo de 9.000 escudos

A policia procura o proprietario d'uma casa de commissões que, tendo levantado a quantia de 9.000 escudos na casa bancaria Borges & Irmão, para pagamento de milho adquirido pela camara municipal do Porto, desappareceu, depois de ter gasto 3.000 escudos no jogo.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

NOTAS DIVERSAS

No palacio de Belem foi hoje recebido um telegramma do sr. ministro do trabalho noticiando que na Regoa foi feita uma grande manifestação á Republica, ao sr. dr. Bernardino Machado e aos vultos republicanos mais em evidencia, sendo a assistencia enormissima, composta dos lavradores mais importantes da região duriense e de industriaes e commerciantes, além do povo, que á Regoa acudiu em grande numero.

Foi mandado apresentar no quartel de cavallaria 4 o conductor de obras publicas, sr. Mario da Silva Pereira Albuquerque.

—A camara de commercio italo-portugueza cumprimentou hoje o sr. ministro de Italia.

A baixella Germain

Volta a falar-se da baixella Germain e mais uma vez com razão. A baixella, que é uma das grandes e authenticas preciosidades artisticas que possuimos, apparece agora com uma frequencia lamentavel nos banquetes officiaes. Dizem os entendidos que devia estar n'um museu. Pois não está. Anda n'um corropio das Necessidades para Belem e de Belem para as Necessidades, provavelmente tratada com aquelle especial carinho que os creados das pastelarias, aliás pessoas geitosas, podem consagrar ao que não é do patrão!

Referem-se já varias vicissitudes soffridas pela baixella Germain. Se continúa a servir á proposito de toda e qualquer festa, não tarda que, quando quizerem leval-a para o museu, a encontrem em lastimoso estado.

Mas não haverá quem olhe por isto?

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 15/16	34 13/16
Londres, 90 d/v	35 1/2	—
Paris, cheque	$73	$73,2
Hollanda, cheque	$58,5	$59,5
Madrid, cheque	1$44	1$45
Suisse, cheque	$81,5	$82,5
New York	1$44	1$45
Rio s/Londres	12 11/16	—
Libras	7$15	7$25
Agio do ouro	51 %	55 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,00	38,05
» » 500$	—	38,05
» » 100$	38,00	38,30

Externas: 1.ª serie 77$80 e 2.ª 77$.

Acções: Banco de Portugal, 163$; Banco Commercial do Lisboa, 163$; Lisboa & Açores, 122$; Ultramarino, assent. 180$20 e coup. 180$50; Tagus, 100$; Bonança, 140$; Assucar, 48$80; Credito Predial, 22$; Moagem (nova), 68$50; Phosphoros, coup. 51$50; Gaz, coup. 40$; Tabacos, coup. 86$60; Agricultura Colonial, 128$

Obrigações: Prediaes 6 p. c. 94$, 5 p. c. 9.$20 e serie A 96$; Ultramarino, hypothecarias 94$50; Beira Alta, 2.º grau, 19$70; Moagem (nova), 96$; Panificação, 50$40; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$.

ECHOS & NOTICIAS

(INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS)

Depois

Camões, voltando a Portugal, um dia
Foi ver essa janella rendilhada,
Onde aos beijos da lua apparecia,
Nos bons tempos d'amor a sua amada.

E, triste, em frente da janella fria,
Como um baixel ao sôpro da nortada,
O Poeta soluçava e estremecia,
Olhos no chão e fronte annuveada.

Isto foi ha tres seculos; no entanto,
Os corações d'agora andam cobertos
Da mesma dôr, das mesmas commoções.

Ah! quantos poetas, em amargo pranto
Não choram hoje nos balcões desertos,
Do mesmo modo que chorou Camões!

Eugenio de Castro.

DIPLOMATAS

Partiu hoje para o Mont'Estoril com sua esposa a sr.ª D. Silvia Belford Ramos, o actual encarregado de negocios do Brazil em Portugal, sr. dr. Belford Ramos.

—Continua experimentando algumas melhoras a filha mais velha do sr. D. Luiz de Miranda, encarregado de negocios de Cuba.

ANNIVERSARIOS

Fazem hoje annos as senhoras:

D. Rosa Abreu Peixoto da Cunha de Mascarenhas e D. Elisa Maria de Menezes Cardoso e Silva Famcirão (Vallado).

E os srs.:

Visconde de Maiorca, Antonio de Azevedo Coutinho e Antonio de Lencastre Moraes de Almeida Castello Novo e Horacio Malhado Ribeiro.

Amanhã as senhoras:

D. Maria José de Sande Magalhães Mexia Salema Vieira da Motta, D. Marianna Correia de Santhiago de Mello e Castro Seabra e D. Maria d'Assumpção.

E os srs.:

Francisco de Figueiredo Cabral e Ruy de Fontes Pereira de Mello Ferreira de Mesquita.

BAPTISADOS

Realisou-se na parochial egreja de Santos-o-Velho o baptisado d'uma filhinha da sr.ª D. Maria do Carmo da Costa de Sousa de Macedo Gambôa e do sr. dr. Thomaz de Gambôa Bandeira de Mello. Serviram de madrinha a sr.ª D. Anna da Camara Bandeira de Mello Gambôa, avó paterna, e de padrinho o sr. D. João Carlos da Costa de Sousa de Macedo (Villa Franca), tio materno. A gentil creança recebeu o nome de Anna Maria.

—Na egreja da Estrella realisou-se o baptisado do filhinho dos srs. condes de Monte Real. Serviram de madrinha a sr.ª D. Palmyra Diogo da Silva de Sommer, tia materna, e de padrinho o sr. dr. José Dionisio de Mello e Faro, tio paterno. O pequenino recebeu o nome de Jorge.

NO REPUBLICA

Assistencia elegante á recita da moda de hontem:

Viscondessa de Idanha e filha D. Maria José, D. Henriqueta de Oliveira Moreira de Almeida e filha D. Maria Heloiza, D. Palmyra Diogo da Silva de Araujo Sommer, D. Palmyra da Costa e Silva, D. Alice Tenreiro Ilham Vianna e filhas D. Maria Alice e D. Maria Isabel, D. Julieta da Costa e Silva de Brissac de Neves Ferreira, D. Clementina Dias Costa e filhas D. Anna e D. Branca, D. Albertina Nordeste Gomez Reyes de Côrte Real, D. Maria Eugenia de Oliveira Ilharco, etc., etc.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partem amanhã para a Suissa, com seus filhos, os srs. duques de Palmella.

—Já estão em Cascaes os srs. condes de Sabugosa.

—Regressou do Bussaco ao Estoril o sr. Driesel Schroeter, acompanhado de sua esposa.

—Vindos de Inglaterra, estão já em Cascaes, com seus filhos, os srs. condes das Galvêas.

—Partiu para o Minho, com sua esposa e filho, o activo emprezario do Chiado Terrasse, sr. Alberto do Valle Colaço.

—Partem amanhã para San Sebastian os srs. condes de Calhariz.

—Está em Cintra, em casa dos srs. barões da Areia Larga, a sr.ª D. Pilar Barrozo da Camara.

—Acompanhado de sua esposa e filhas, está na Trafaria o sr. Julio Pimenta Rodrigues, 1.º vice-inspector dos matadouros municipaes de Lisboa e secretario do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

Um grande "stock,, de assucar

A população de Lisboa vem sendo flagellada pela extrema falta de assucar e pela sua exhorbitante carestia. O assucar paga-se hoje pelo dobro do que se pagava antigamente, o que representa para as classes pobres um tributo pesadissimo. Acontece ainda que umas vezes não se encontra por preço nenhum e outras arranja-se uma pequena quantidade por muito favor do commerciante.

Calcule-se por isso o enthusiasmo que provocou a noticia, espalhada hoje, de que havia em Lisboa um grande «stock» de assucar que ia ser vendido a preços baratissimos. Numerosos commerciantes da Baixa foram importunados com perguntas a tal respeito. Afinal, averiguou-se que ha realmente em Lisboa um grande «stock» d'um producto que é vendido por preços muito inferiores aos preços correntes. Esse «stock», porém, não é de assucar, mas sim de calçado, e está no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290 a 290 B.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Muitos professores... e poucos professores

E por isso se tornou irregular o ensino da gymnastica

Voltamos ao assumpto do professorado de gymnastica sueca.

E continuamos a esclarecer que a nossa critica não abrange aquelles professores que estudaram as bases scientificas da educação physica e por ellas graduaram o seu ensino nem aquelles outros que moldaram os seus programmas de trabalho pelos esclarecimentos que receberam dos medicos hygienistas e dos physioterapeutas.

Falamos infelizmente da grande maioria, isto é, d'aquelles que sem averiguarem dos merecimentos proprios e dos recursos da sua competencia se atreveram a criticar os outros, n'um desprimor e n'um atrevimento que vae além do habitual «corla na casaca» de officiaes do mesmo officio.

Ora n'esses é que nos dirigimos apontando-lhe a sua incompetencia, não com palavras mas com factos e com argumentos pouco a pouco aclarados.

Já dissemos como prova de affirmações e em abono da these que estabelecemos:

—Que na Suecia os diplomados teem um curso de alguns annos, tres d'elles em Instituto de especialisação. Em Portugal a maioria dos mestres, dos taes que se «arvoram» em mentores, possue uma instrucção rudimentar em assumptos de conhecimento geral e, que consta á nossa investigação, uma ausencia de conhecimentos especiaes de mechanica de movimentos.

—Que os suecos até aos seus diplomados impõem a fiscalisação de medicos, quando se atrevem a tratar de therapeuticas e de massagens.

—Que a Suecia procura dia a dia melhorar o seu systema educativo, comprovando assim que elle não é «imutavel» nem de «absoluta impecabilidade».

—Que a gymnastica que não fôr adaptada ás condições mesologicas não dá resultado e por vezes póde ser nefasta e prejudicial. Assim aquelle que applicar em Portugal methodo de terras estrangeiras, que são de absoluta disparidade de viver social em relação ao nosso paiz, não só pratica um erro como póde ser cumplice de casos graves.

E hoje, seguindo a logica d'estes argumentos vamos responder ás observações que hontem alguem se permittiu fazer-nos.

Referem-se aos professores Awala, Monteiro, dr. Jorge Santos, este evidentemente um bom mestre de gymnastica sueca, aquelles dois excellentes mestres cuja obra fructifica formando uma geração de homens robustos.

Pois bem...

Esses trez homens foram na realidade de trez bons mestres que pessoalmente conhecemos, mas...

Luiz Monteiro, um velho pratico e d'uma pratica de meio seculo era ao mesmo tempo um illustrado, um investigador e um estudioso. Lia muito. Trabalhava muito. E tão fanatisado se manteve no seu sacerdocio de fazer a propaganda da gymnastica que não se susceptibilisou nem se julgou rebaixado quando o dr. Jorge Santos formou um curso demonstrativo do que era a gymnastica sueca fazendo-se alumno de esse curso. Depois, e dizemol-o para que conste para sempre, Luiz Monteiro conhecia a miologia e a osteotologia como qualquer bom alumno de medicina. Estava, portanto, fóra da nossa critica.

Walter Awala, além d'aquella prodigiosa faculdade de assimilação, quiz estudar anatomia. Estudou comnosco e taes progressos realisou e tantos conhecimentos adquiriu que conseguimos para elle—já lá vão muitos annos!—a amizade do douto professor Serrano e este consentiu-lhe que ao lado dos alumnos de medicina, Awala trabalhasse na sala de dissecções. Está, portanto, fóra da nossa critica.

Mas a respeito de Awala e de Monteiro ainda mais temos a dizer, comprovando que elles não se curvaram demasiado diante da gymnastica de Ling e que lhe fizeram uma adaptação, demonstrando que sabiam ser bons professores. E hoje poucos ha como elles eram, apesar do numero ser maior!...

Porque voltaremos a falar d'elles, aproveitaremos a opportunidade no momento em que falarmos do dr. Jorge Santos e da sua primeira classe.

J. P.

As leis da instrucção militar

Vae modificar-se a lei Cheron?

Lêmos nos jornaes francezes a seguinte noticia:

«A commissão do Exercito na Camara consagrou uma das suas ultimas sessões ao exame do projecto votado pelo Senado a proposito da preparação militar obrigatoria (projecto Cheron). O sr. Briquet foi nomeado relator.

Sabemos que o sr. Briquet, assim como outros collegas, reconhecem a necessidade de modificar sensivelmente o texto do Senado. Essas modificações vão fazer-se no sentido que desejam todos os homens do «sport».

A questão, porém, será definitivamente esclarecida em dois mezes».

Esta noticia indica que toma força aquelle argumento de que antes de se fazerem militares se devem formar homens.

LER A'MANHÃ NA "CAPITAL,,

um artigo dizendo, para elucidação de artigos seguintes,

Como se creou a gymnastica sueca em Portugal

Notas do dia

A primeira reunião da Direcção do Gymnasio Club na gerencia de 1916 17

A Direcção d'este velho Club, tomou hontem, na sua sessão, resoluções importantes, sabendo que se propõe levar a effeito um programma colossal.

Não podemos ainda dar noticia detalhada d'este programma, mas garantem-nos que o G. C. P. este anno organisará varias provas importantes entre Clubs, festas desportivas na sua séde, festas e provas de natação, etc., etc.

No mez de janeiro proximo realisar-se-ha o 1.º Campeonato de Portugal de Floreto (aberto a todas as salas d'armas do paiz).

O mez de abril é o destinado á recepção dos esgrimistas das varias salas d'armas portuguezas.

Em junho realisa-se o segundo anno do campeonato de sabre, que será aberto a todos os amadores.

Em março effectuar-se-ha a prova de pesos e alteres, aberta a todos os amadores portuguezes (levissimos, leves, medios e pesados).

Um communicado official do Club Naval

Realisam-se na proxima quinta feira 17 do corrente os seguintes desafios que fecham o Campeonato de Water-polo organisado pelo Club Naval de Lisboa:

A's 18 1|2 horas—Sport Lisboa e Bemfica contra Club Naval de Lisboa.

Arbitro: Bezzoni Bastos.

A's 19 horas—Sport Algés e Dafundo contra Gymnasio Club Portuguez.

Arbitro: Manuel Ryder da Costa.

Os desafios effectuar-se-hão defronte da séde do Club Naval.

A Taça Luiz de Camões

Realisa-se no proximo domingo 20, ás 18 1|2 horas, n'uma corrida de natação de 500 metros por équipes, a disputa da Taça Luiz de Camões offerecida pela Sociedade de Geographia de Lisboa.

A inscripção aberta a todos os clubs do paiz que por este meio são convidados, fecha na proxima quinta feira, ás 24 horas.

O jury reunirá no dia 18 ás 18 1|2 horas.

Os grandes records

Os «recordmen» dos aeroplanos allemães abatidos

A lista, que nos enviam e que se refere a aviadores francezes diz que o «quadro de honra» dos «recordmen» que dorrubavam mais aeroplanos allemães era, á data de 10 de agosto a seguinte:

Guynemez	—12 aeroplanos
Navarre	—12 »
Nungesser	—10 »
Chainat	— 8 »
Chaput	— 8 »
Lenoir	— 6 »
Letharet	— 5 »
De Rochofort	— 5 »

Algumas anecdotas

Como elle se calou!...

Entre homens que tratam de educação phisica:

—Então agora não diz coisas de mim?

—Não meu tenente-coronel.

—Porque?

—Tenho a rolha da «disciplina», mas peço-lhe que espere que volte a ser paisano...

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Club Naval de Lisboa

(Remo).—Realisou-se hontem a corrida da «Taça Azambuja», ao longo da muralha da Junqueira.

A corrida da «Taça» foi bem disputada tendo seguido sempre na frente a tripulação do Club Naval, que perto da meta foi alcançada pela Associação Naval que fez uma bella «emballagem», conseguindo ganhar pelo comprimento de uma jarda.

A tripulação vencedora era composta dos srs. Bernardo Pombeiro de Mello, voga, N. N., João Pedro da Silva, Eduardo David Martins e José Pedro da Silva, timoneiro.

A seguir teve logar a corrida entre duas tripulações de principiantes do Club Naval, regata que despertou o maximo interesse e em que todos os remadores, devido aos esforços dos seus instructores, Arthur Consolado e Henrique Telles, conseguiram uma esplendida forma.

A tripulação remadora era composta por Jorge Toscano Alves, voga, Henrique Goulart Marques, D. Laurinda Costa, Leopoldo Ludovice, José Maria Martins, Fernando Toscano Alves e Arthur Consolado, timoneiro.

Mostraram bellas qualidades de remadores e promettem de futuro se continuarem com a mesma persistencia e boa vontade, aliás mostrada tambem pelos da tripulação vencida que era formada por Henrique Telles, timoneiro, Jayme Rousado Santos, voga, Diamantino Tojal, Julio Rocha, Flavio de Carvalho Fonseca, Antonio Candido Simões e Severino Fernando Vogone.

A' regata assistiu a familia do sr. presidente da Republica e direcção da Cruzada das Mulheres Portuguezas, de bordo do yacht «Ida» do vice-comodoro do Club Naval, sr. Henrique de Seixas.

O torneio de lucta do Atheneu Commercial

Tem despertado grande interesse e enthusiasmo o campeonato de lucta individual que o Atheneu Commercial de Lisboa promove no dia 20 do corrente, entre os seus associados.

O numero dos inscriptos já é superior ao de todos os campeonatos que o Atheneu tem realisado. A inscripção continúa aberta na secretaria do Atheneu das 21 ás 24 horas e encerra-se no proximo dia 17.

Todos os concorrentes devem comparecer no dia 18 para serem pesados e divididos pelas respectivas cathegorias.

Luzitano Club Ciclista

Realisou-se no domingo e segunda-feira o passeio d'este Club, do Entroncamento a Thomar-Ourem-Batalha e Leiria.

Em Thomar visitaram o Convento de Christo e o Açude da Fabrica de Fiação e na Batalha o monumento.

No dia 27 de agosto deve correr-se o 6.º campeonato d'este Club, no percurso de Caldas-Azambuja-Lisboa.

A inscripção fecha no dia 22.

Torneio de «juniors» em Carcavellos

Os resultados finaes do grandioso torneio de tennis, «juniors», que se disputou em Carcavellos, nos Recreios, foram os seguintes:

Ladies'singles: 1.ª, miss Mary Bryant; 2.ª, D. Maria da Camara (Belmonte).

Mixed doubles, 1.º, Miss Wallich e N. T. Bramble; 2.º, D. Laura Chaves e dr. Teixeira.

Singles—A effectuar o desempate, entre os srs. Luiz Diogo da Silva e N. T. Bramble.

Doubles—A effectuar o desempate entre os srs. Antonio e Victor Springer contra Luiz Diogo da Silva e J. de Grey.

Desportos de Bemfica

Continuam animadissimos os preparativos para a grande festa de sport a que nos temos referido, e em que pela primeira vez fazem a sua apresentação as classes de gymnastica, de adultos e de creanças, creadas este anno pela Direcção, e que teem dado resultados magnificos. O professor Arthur dos Santos é incansavel na boa preparação d'esta festa.

Torneio da Taça de Carcavellos

Realisa-se no proximo domingo, nos modelares «courts» dos Recreios de Carcavellos, o torneio de «tennis» da Taça Recreios de Carcavellos, para o qual se inscreveram os distinctissimos sportmen srs. João Sassetti, Fernando de Beires Valle, Ernest Ryder, D. José Uerda, Antonio Sprin Pinto Coelho, Gomes da Silva, Vasco Galvão, Antonio Araujo Junior, N. T. Bramble, P. Taylor e Chardes Ryder.

A festa de natação do Club Naval

Com grande e selecta assistencia realisou-se no passado domingo a festa em favor da Cruzada das Mulheres Portuguezas, a qual teve a honra da presença do sr. presidente da Republica, do sr. ministro da guerra, e familias do sr. presidente da Republica, general Pereira d'Eça, etc.

O caes estava vistosamente enfeitado, trabalho do velho remador e prestimoso socio d'este club, Rogerio de Almeida.

A festa no caes começou ás 16 horas, com um desafio de «water-polo» entre o Sport Algés e Dafundo e o Club Naval de Lisboa, sahindo este vencedor por 2 goals a 0. O outro não se chegou a realisar por não comparecer o «team» do Gymnasio Club Portuguez.

A seguir começaram as corridas, realisando-se uma entre praças da armada e do exercito, sendo bastante para lastimar que houvesse tão poucos concorrentes.

Realisou-se a corrida de vendedores de jornaes, que foi sem duvida a que despertou mais enthusiasmo, sendo em numero de vinte os concorrentes.

Esta prova teve em mira a propaganda entre as classes populares do excellente exercicio de natação, sendo da iniciativa do sr. dr. José de Castro, illustre presidente honorario da secção de natação, sendo a verba de 5$00 offerecida por elle para premios.

O 1.º premio, 2$50, foi ganho por Antonio Pereira (Rabanilo), que fez uma corrida n'um bello estylo, mostrando ser um bom nadador; o 2.º, 1$50, Francisco Eça (Russo), e Antonio Traça, que ganhou o 3.º premio, 1$00.

A corrida de principiantes do Club Naval foi ganha por Julio Rocha, seguida por Jorge Toscano Alves.

Arnold Stocker brilhante nos saltos, tendo feito bonitos saltos o sr. Salazar Carneiro.

Depois de outros numeros de sensação realisou-se a corrida de caça ao pato, que despertou basta gargalhada, terminando com isto o certamen nautico que o Club Naval organisou com o fim altamente patriotico de auxiliar, dentro das suas forças, a benemerita Cruzada das Mulheres Portuguezas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Boletim das mulheres portuguezas.—Sahiu o n.º 7 do 1.º anno d'esta publicação do Conselho nacional das mulheres portuguezas, superiormente dirigida pela sr.ª D. Maria Clara Correia Alves.

Estatistica demographico-sanitaria da cidade do Porto.—Sahiu o boletim mensal correspondente a março de 1916. Da utilidade d'esta publicação dissemos já, bastando repetir que foi um util serviço prestado aos estudiosos.

ciaes achavam-se em Fairyhouse, quando de subito estalou a noticia de que a cidade se levantára, que a Republica havia sido proclamada e que uma serie de posições dominadoras na cidade estavam já nas mãos dos rebeldes!

O que se passou n'essa extraordinaria segunda feira de Paschoa póde já hoje contar-se pormenorisadamente. Não poude fazer-se isso n'essa occasião, devido ás ordens do poder executivo e ás restricções impostas pela censura, mas é necessario fazel-o, porque as narrativas dos rebeldes foram propositadamente tendenciosas, para mesmo nos paizes amigos dar a impressão de que uns disturbios relativamente pouco importantes foram reprimidos por um governo oppressor e cruel com torrentes de sangue.

Como já dissemos, o «commandante geral do exercito da Republica Irlandeza» falára d'um «combinado» plano para uma insurreição simultanea em todo o paiz e no facto d'elle e os seus amigos estarem escrevendo «a ferro e fogo» um novo capitulo na historia da Irlanda; e é necessario dizer que logo no principio, quando a policia foi repellida das ruas e antes dos soldados estarem em situação de poderem começar a obra de restabelecer a ordem e a auctoridade, o assassinio, o saque e o incendio eram a ordem do dia.

O facto d'alguns dirigentes tentarem impedir isso não póde modificar ou desculpar o seu criminoso procedimento em ter desencadeado as forças do crime e da desordem n'uma cidade notoriamente turbulenta.

E o derramamento de sangue e a destruição d'uma grande capital que se seguiu pesará sempre sobre elles, mesmo considerando a incapacidade d'um poder executivo que não cumpriu os deveres que lhe competiam.

Policias, soldados e civis desarmados e isolados foram assassinados no principio da rebellião tanto em Dublin como nos outros districtos do paiz e tal facto é a plena justificação da severidade empregada na repressão.

Como dissemos, os quatro batalhões de voluntarios da cidade receberam ordem para se apresentarem armados e equipados e com a ração de um dia, ás 10 horas da manhã, em Beresford Place. Essa praça fica em frente de Liberty Hall, o quartel general do exercito de civis, cujos membros se reuniram por completo ao mesmo tempo. E em Liberty Hall a proclamação da Republica Irlandeza havia já sido redigida e impressa, estando prompta para uma distribuição geral.

Dublin é uma cidade de edificios compactos, dividida em parte norte e parte sul pelo rio Liffey, cujas longas linhas de caes teem um aberto e continuo transito de oeste para leste. Os canaes com muitas pontes formam uma especie de limite ao norte e ao sul. A leste, abre para o mar e o caminho de ferro, com as suas estações terminaes, forma a ligação com o sul, oeste e norte da ilha.

O castello, a séde nominal do governo do paiz, fica no centro e todos os edificios que o cercam, como o dos correios, o do banco e o dos tribunaes judiciaes, ficam a poucos minutos de distancia.

Liberty Hall e Custom House estão um pouco a leste da rua de Sackville, cujo principal edificio é o dos correios, uma construcção imponente em frente exactamente da estatua de Nelson.

Todos os principaes «pontos estrategicos» são facilmente alcançados e um corpo resoluto de insurgentes, guiando-se por um plano bem organisado e favorecido pela incuria do poder executivo, podia em meia hora dominar a cidade.

Foi o que succedeu. A «parada» ou inspecção em Beresford Place transformou-se de subito n'um exercito insurrecto e antes do castello saber o que se estava passando o seu poder havia desapparecido, a desarmada policia da cidade era forçada a retirar á pressa e Dublin estava á mercê dos rebeldes.

Eram cêrca de 11 horas e meia da manhã de segunda feira de Pas-

mas quando estava a chegar á bahia hasteou a bandeira allemã, a tripulação tentou fugir nas embarcações de bordo, sendo aprisionada, ao passo que o navio ia pelos ares e se afundava. Quando os mergulhadores desceram, viu-se, como já se esperava, que a carga se compunha de armas e munições.

Entretanto, na costa davam-se certos acontecimentos. Outro camponez chamado MacCarthy sahiu antes de amanhecer na sexta feira Santa, dirigindo-se para Banna Strand e encontrou ahi, meio submerso e luctando com as ondas, um navio de construcção invulgar. Via-se que vinha carregado e que era embarcação de um submarino.

Ao que se deprehende da narrativa de Bailey, Casement, Monteith e elle proprio tinham feito os maiores esforços para chegar a terra com esse barco, mas não eram marinheiros e não puderam ganhar a costa n'elle, tendo de o abandonar.

Tinham alguns revolvers e uma consideravel quantidade de munições, que esconderam o melhor que puderam na areia, munições que eram destinadas á insurreição.

Se o «Aud» tivesse conseguido desembarcar o carregamento que trazia em Fenit ou n'outro qualquer ponto ainda elles poderiam ter alguma probabilidade de exito, porque Tralee e todo o districto tinham sido bem preparados pelos agentes e espiões allemães.

Lody, o espião allemão que foi executado na Torre de Londres, havia sido preso em Killarney, a poucas milhas de distancia d'ahi, e é indubitavel que tinha trabalhado bem o terreno. E' provavel, de facto, que se o barco tivesse chegado um dia ou dois depois teria achado uma «demonstração», que rapidamente se teria transformado em força armada.

Mas em Banna Strand não se sabia o que estava succedendo ao «Aud» e pouco conheciam das preparações dos seus amigos da costa. De manhã cedo foram vistos por uma creada vagueando nas dunas de areia e, mais tarde, Monteith e Bailey foram vistos seguir para Tralee, a algumas milhas de distancia.

Casement, naturalmente devido á fraqueza, ficára para traz, entre as colinas d'areia. N'esse momento, Monteith desapparece de scena, tendo conseguido, ao que se diz, fugir para a America com um companheiro que encontrou em Tralee. Bailey voltou sósinho para o Strand, mas não poude encontrar Casement.

No emtanto, o camponez que descobriu o barco na costa contou o que vira; os vizinhos reuniram-se para ir vêr o que se passava, os revolvers foram desenterrados da areia e outras descobertas que foram feitas suggeriram a idéa de ir prevenir a policia.

Quando os agentes chegaram de Ardfert, a aldeia mais proxima, novas buscas foram feitas, sendo Casement encontrado escondido n'um antigo forte de construcção prehistorica. Bailey foi tambem preso.

Foram levados para Tralee, onde foram effectuadas algumas prisões e a insurreição e a invasão terminaram assim no que respeita ao «Reino de Kerry».

Affirmou-se mais tarde que ahi e em Cork e em Kerry, assim como no estuario do Shannon no condado de Clare, que fica immediatamente ao norte de Kerry, houvera reuniões de homens na sexta feira e no sabbado esperando anciosamente alguns mensageiros, que não chegaram.

Eram voluntarios ou queriam sel-o, esperando armas que nunca foram entregues. Casement estava a caminho de Londres para esperar o seu julgamento por alta traição e a policia, que sabia cumprir o seu dever logo que lhe foi permittido fazel-o, vigiava os locaes suspeitos.

No acampamento da policia em Tralee, Casement soube alguma coisa do que se havia dado. Vendo que a caça estava levantada, pediu que mandassem chamar um padre, a quem supplicou que fizesse saber ao povo que elle era Roger Casement, que não havia sido bem succedido, que as armas e munições allemãs estavam no fundo do mar

O assassinio do capitão Fryatt

Um protesto da Liga dos Officiaes da Marinha Mercante

A Liga dos Officiaes da Marinha Mercante Portugueza enviou ao sr. ministro da Inglaterra em Lisboa o seguinte officio:

Ex.mo Sr. Ministro da Inglaterra junto da Republica Portugueza.—Tenho a honra de communicar a V. Ex.a, que perante o nefando attentado de leza-humanidade que representa o assassinato do capitão Fryatt do vapor inglez «Brussels» pela barbarie germanica, a Liga dos Officiaes de Marinha Mercante Portugueza reuniu em assembleia geral para protestar contra tal facto, dando a esse protesto a fórma de moção que segue e que foi approvada por acclamação:

A Liga dos Officiaes de Marinha Mercante Portugueza, em presença do nefando attentado que representa o assassinato do capitão Fryatt, do vapor inglez «Brussels».

Exprimindo o seu desdem por um povo onde os direitos do homem são calcados, reduzindo-o ao automatismo e á subserviencia indecorosa, ao poder despotico de uma classe dirigente fanatica e criminosa;

Exprimindo o seu horror pela guerra actual, o maior crime da historia da humanidade, provocada por essa casta, com o consentimento de um povo sem consciencia da sua dignidade e responsabilidades pessoal e collectiva;

Exprimindo a sua repulsa pela intriga soez que, como preparação e acompanhando o desenvolvimento do poder militar, a Allemanha lançou em todos os paizes condemnados pela sua prosapia guerreira;

Exprimindo o seu sentimento pela inconsciente acquiescencia de individuos estrangeiros á sua criminosa causa, que redundou de facto em casos de traição á patria e aos sãos principios que regem as nações liberaes;

Exprimindo a condemnação mais formal pelos crimes allemães tão crueis quanto cobardes contra propriedades e individuos sem defeza;

Exprimindo a sua revolta contra o abuso continuo dos preceitos que os imperios centraes tambem adoptaram e a que se ligam as leis da guerra, transformando esta em uma barbarie só digna de povos barbaros como os dos imperios centraes;

Protesta indignada contra a classificação de *franc-tireur*, dada ao capitão Fryatt para justificar o seu assassinato, porquanto fóra das aguas territoriaes, um capitão é o funccionario publico, representante dos poderes do seu paiz, e não um particular que faz guerra por sua conta;

Protesta mais contra o revoltante crime, porquanto Fryatt procurando cortar o submarino allemão com a proa obrou em legitima defeza contra a habitual pirataria germanica, atacante systematica e cobarde de todos os indefesos; e

Faz votos pelo rapido e completo esmagamento dos imperios centraes, vergonha da humanidade do seculo XX.

Com as nossas saudações á nação ingleza que V. Ex.a tão dignamente representa, receba V. Ex.a o testemunho da nossa mais subida estima e particular consideração.—Saude e Fraternidade—Ex.mo Sr. Ministro da Inglaterra junto da Republica Portugueza—Lisboa, 11 de agosto de 1916—Pela Direcção da Liga dos Officiaes de Marinha Mercante—O presidente, (a) *José Antonio Mil-homens.*

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A XABREGUENSE.—Reune hoje, ás 21 horas, a assembléa geral d'esta cooperativa.

INSCRIPTOS MARITIMOS PORTUGUEZES.—Para tratar de diversos assumptos de interesse para a classe, reune hoje, ás 21 horas, a assembléa geral.

O ABASTECIMENTO

Não chegam a accordo a Suissa e os alliados

Os motivos do malogro das negociações de Paris

A segunda phase das negociações entre a Suissa e os alliados foi tão curta como a primeira. Os delegados federaes chegaram a Paris a 1 d'agosto. A 2, tomavam contacto. A 3, apresentavam as suas propostas. A 8, os alliados respondiam com um *non possumus*. A 9, reconhecia-se a impossibilidade d'um entendimento.

Trata-se, d'esta vez, d'uma ruptura e não d'uma simples interrupção de negociações como no fim de junho. Um desaccordo fundamental domina o debate, desaccordo entre o ponto de vista dos neutros e dos belligerantes.

O leitor conhece a origem da questão. A 8 de junho, a Allemanha dirigia a Berne uma nota ameaçando suspender as exportações de carvão e de ferro, se o governo suisso não désse satisfação a duas reivindicações precisas. A primeira visava a entrega dos stocks constituidos na Suissa por agentes allemães e sequestrados pelo Conselho federal sob a accusação de açambarcamento. A segunda tendia á renovação e extensão do systema chamado das compensações, segundo o qual os imperios centraes exigem receber, em troca dos artigos fabricados que vendem á Suissa, artigos de que o bloqueio os priva.

As exigencias allemãs iam directamente ao encontro dos compromissos formaes tomados pela Suissa para com os alliados quando estes se comprometteram a facilitar na medida do possivel o abastecimento da Suissa, sob condição de um «contrôle» exercido por uma sociedade de vigilancia, a S. S. S. Foi por isso que uma delegação helvetica se dirigiu a Paris em 24 de junho, a fim de se procurar assentar n'uma formula de entendimento.

Esta primeira phase da negociação foi rapida e de conclusão abertamente negativa. Os alliados recusaram-se a consentir na menor concessão, que seria apenas um premio á chantagem allemã. O mais que puderam fazer consistiu em propôr facilidades para fornecer á Suissa os productos de que a Allemanha viesse a suspender a exportação.

A delegação suissa regressou a Berne. Dispunha-se a voltar a Paris nos primeiros dias de julho quando a Allemanha reabriu negociações com o Conselho federal sob um aspecto conciliador. Não faltaram os symptomas para despertar a desconfiança em torno d'esta evolução. Os factos justificam-na plenamente.

As propostas apresentadas em Paris em 3 de agosto apenas divergiam das combinações iniciaes em pormenores secundarios. Por exemplo, a entrega das materias-primas a titulo de compensação só devia fazer-se após o fornecimento dos productos fabricados e sob garantia distincta equivalente. Mas o principio das compensações devia ser consagrado e ampliado. Além d'isso os stocks disponiveis na Suissa deviam ser entregues á Allemanha.

Era impossivel aos alliados subscrever um tal projecto que tenderia a despertar o cinto do bloqueio. «Não é uma razão—diz Saint-Brice—para accusar os suissos de fazer o jogo da Allemanha. Os suissos são neutros e d'ahi o julgarem que não devem metter-se nas questões dos belligerantes e que podem continuar os seus negocios com os dois adversarios. Os alliados apenas teem uma preoccupação: o esmagamento do inimigo. A opposição d'estas duas tendencias causou já muitas difficuldades antes e mesmo depois da fundação da S. S. S. As duas partes devem considerar o novo conflicto serena e desapaixonadamente como a consequencia d'um impulso fatal, e procurar os meios de limitar o mal e de prevenir mais graves rupturas.»

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

QUINTA-FEIRA—*Apollo*—Recita offerecida a Chaby Pinheiro. *1916* em espectaculo inteiro: Numeros novos. Versos de Mario de Artagão.

INTERESSES REGIONAES

Na linha do Valle do Vouga

Povos mal servidos — Pedindo providencias

MACINHATA DA SEIXA, 12.—E' grande o descontentamento nos povos servidos pela linha do Valle do Vouga entre Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azemeis e S. João da Madeira, assim como nos da industrial região do Valle de Cambra, por os horarios estarem de tal fórma organisados que nenhum combolo segue directamente a Aveiro.

Pelo ultimo horario havia apenas um combolo ascendente e outro descendente para Aveiro, via Cernada, ligando, com pequena differença, em Aveiro com o rapido que de Lisboa sahe ás 8 e meia, passando o descendente ás 4 e meia em Travanca-Macinhata, trazendo não só os passageiros, como recovagens e jornaes de Lisboa e outras terras do sul. Pois esse unico combolo desappareceu tambem do horario, e agora quem quizer ir á séde do districto tratar de qualquer assumpto, tem que ir dar a volta a Espinho, o que, além de ser incommodo, é dispendioso, o mesmo succedendo com as recovagens procedentes de qualquer terra do sul, pois teem que transitar por Espinho, ficando assim mais caro o seu transporte.

Grande transtorno causa tambem ao publico d'estas importantes localidades o não receberem os jornaes que de Lisboa vinham de manhã, chegando no mesmo dia e relativamente cedo ás mãos dos agentes ou sendo adquiridos pelo publico que os comprava nas estações de caminho de ferro.

Estamos confiados em que o sr. ministro do trabalho dará immediato remedio a este mal, assim como determinará que os combolos do Valle do Vouga tenham ligação com os correios da Companhia Portugueza em Aveiro, não só para beneficiar o publico, commercio e industria, como para ser melhorado o serviço do correio, pois seguindo, como segue, por Espinho no sentido Lisboa, precisa sahir 3 a 4 horas mais cedo do que antes sahia, quando era feito em diligencia para Estarreja ou Ovar.

Em nome d'estes povos pedimos providencias.

O menino Antonio Augusto Nunes Junior

Falleceu

Antonio Augusto Nunes e Julia Adelaide Nunes, participam a todas as pessoas de sua amisade e relações, o fallecimento de seu querido e chorado filho, e que o seu enterro se realisará ámanhã, ás 17 horas, sahindo o prestito funebre da morgue para o cemiterio oriental.

LEQUE

Dão-se muito boas alviçaras na Avenida da Republica, 4, Cascaes, a quem entregar um leque de estimação em rendas brancas e madreperola, que foi perdido na semana passada, do comboio ao Casino Internacional do Monte-Estoril.

Monte-pio Commercial e Industrial

(Associação de soccorros mutuos)
210, Rua Augusta, 214
58, Rua d'Assumpção, 64

Concurso para admissão de um avaliador

Por ter vagado o logar de avaliador da Caixa Economica d'este Monte-pio, abre-se concurso, pelo prazo de trinta dias, para o preenchimento d'aquelle cargo. As condições e todos os esclarecimentos necessarios presta-os o chefe do escriptorio na séde da associação.

Lisboa, 8 de Agosto de 1916.

O secretario da direcção
Joaquim Pereira Jorge.

que auxilio algum devia esperar-se e que um levantamento não tinha probabilidades de exito.

Ainda um incidente se deu em Kerry, que vamos referir. Na noite de sexta feira Santa, um automovel a toda a velocidade passou por Killorglin, uma aldeia que ficava a oeste de Killarney e ao sul de Tralee. Fóra de Killorglin, na estrada de Tralee, o automovel voltou-se e cahiu com todos os que conduzia no rio Laune, que ahi começa a alargar no estuario da bahia de Dingle. Os tres passageiros que conduzia afogaram-se.

Dois dos corpos foram encontrados e viu-se que os homens traziam as insignias dos Sinn Fein. O terceiro cadaver foi arrastado para o mar. Eram esses homens que iam ter com Casement? Seria o terceiro homem Monteith que voltava a Tralee, para tomar a direcção do movimento ahi? Parece que este incidente dramatico ficará um mysterio até final.

Em Dublin reinava uma certa confusão, o exercito de civis caminhando para a insurreição, os Sinn Fein incertos nos seus planos e movimentos, as auctoridades no castello ainda sem nada saberem de seguro.

A noticia do desembarque e da prisão de Casement tornou-se conhecida no sabbado. A auctoridade superior deliberou, os «intellectuaes» do movimento dos Sinn Fein resolveram addiar o movimento, o exercito de civis deliberou ir para a frente e proceder mais vigorosamente do que nunca.

No fim de março, como vimos, o inspector geral do Real Constabulario Irlandez tinha dito que os voluntarios em todo o paiz eram «um montão de rebeldes» que apenas esperavam a opportunidade de proclamar a sua independencia.

Uma semana depois, o commissario geral de policia de Dublin dizia que elles estavam augmentando em numero, equipamento, disciplina e confiança em si proprios, e que devia tomar-se uma acção repressiva, nada, porém, se tendo feito no intervallo para fortalecer a guarnição ou para proteger a metropole e a séde do governo e da auctoridade militar, no paiz, sendo a policia de Dublin uma força desarmada.

Os canhões mais proximos que havia estavam em Athlone, onde quatro peças de campanha representavam a artilharia da Irlanda, e as guarnições ,incluindo a de Dublin, pouco mais eram do que depositos de exercicios.

A 22 d'abril, os Voluntarios Irlandezes annunciaram a realisação de uma «muito interessante serie de manobras» para a Paschoa, um movimento que «podia servir de modelo a outras areas».

N'essa tarde todas as auctoridades que puderam fazel-o reuniram em conselho no castello de Dublin. No dia seguinte, nova reunião houve e resolveu-se finalmente que a medida mais acertada era apoderar-se dos dirigentes do movimento.

Mas ao mesmo tempo surgia a pergunta: Como fazer isso? Não havia tropas sufficientes para passo tão serio e muito tempo antes, quando sir Neville Chamberlain, o inspector geral, havia avisado o governo de que a policia se encontraria em cada condado em frente de uma força superior, esse aviso não foi tomado na devida conta.

O poder executivo comprehendeu demasiado tarde, que esse aviso era mais que verdadeiro. Tinha uma insurreição armada á porta, sem força para a reprimir, e resolveu-se esperar até que houvesse força militar sufficiente. Não ha duvida de que o confirmou na idéa de que a demora era segura pelo mau exito de Casement em Kerry e pela resolução da secção moderada para addiar o movimento. Essa resolução foi tornada publica em Dublin no sabbado á tarde da seguinte fórma:

«Devido á situação deveras critica, todas as ordens dadas aos Voluntarios Irlandezes para amanhã, domingo de Paschoa, ficam sem effeito, não se effectuando qualquer parada, marcha ou outros movimentos dos Voluntarios Irlandezes.

Todos os voluntarios obedecerão a esta ordem restrictamente.

«Eoin MacNeill,
Chefe do estado maior dos Voluntarios Irlandezes».

O professor MacNeill, que era o fundador dos Voluntarios, tinha desencadeado um movimento de que não podia já ser senhor. Parada alguma, marcha ou qualquer outro movimento se effectuou no domingo de Paschoa, é certo, mas reuniões agitadas houve e a proclamação da «Republica Irlandeza» foi impressa em Liberty Hall e publicamente lida das escadas d'esse edificio pela condessa Markievicz, cercada do seu estado maior.

Não ha duvida de que a proclamação de MacNeill proporcionou a alguns dos membros mais timidos a opportunidade de ficarem em casa e não tomarem parte ás claras no levantamento, mas Liberty Hall, o exercito de civis, os fenianos e todos os signatarios da proclamação—ao todo sete, tendo sido o nome de MacNeill omittido—n'ella figuraram.

O unico commentario official á contra-ordem de MacNeill foi escripto cinco dias depois por P. H. Pearse, um mestre escola, que se denominou a si mesmo «Commandante em chefe do exercito da Republica Irlandeza e presidente do governo provisorio».

Isto foi escripto quando Pearse viu que o movimento estava irremediavelmente perdido e é deveras interessante para mostrar quão bem planeada havia sido a rebellião.

Depois de exalçar o facto de que elle e os seus amigos estavam «escrevendo a fogo e ferro o mais glorioso capitulo na historia dos ultimos tempos da Irlanda», dizia:

«Tenho a convicção de que teriamos feito mais, de que teriamos levado a cabo o implantar e proclamar a Republica Irlandeza como Estado soberano, se se tivesse feito o levantamento simultaneo de todo o paiz, como se combinára fazer segundo o plano assente em Dublin, no domingo de Paschoa. Da fatal ordem em contrario que impediu que esses planos se não executassem não devo falar mais.»

Essa ordem afinal não foi acatada por todos. No domingo de manhã uma porção de membros do exercito de civis, armados, assaltaram uma pedreira proximo de Dublin, onde se apoderaram de 250 arrateis de dynamite, que levaram em triumpho para Liberty Hall, e mais tarde, no mesmo dia, como já dissemos, a Republica foi proclamada da escada d'esse edificio.

Ao que parece, porém, semelhante passo foi apenas uma excentricidade da condessa Markievicz, porque a proclamação formal pelo governo provisorio por si proprio nomeado—do qual a condessa não fazia parte—só se effectuou no dia seguinte. E tão socegadamente foi essa primeira proclamação feita—ou era tal o estado de desorganisação em Dublin—que nem as auctoridades, nem os jornaes parece terem d'ella ouvido falar n'essa occasião.

Finalmente, contra a ordem formal de MacNeill, appareceu uma ordem á brigada de Dublin, assignada por Thomas MacDonagh e P. H. Pearse, ordenando que no dia seguinte os quatro batalhões da cidade comparecessem sem falta e completamente armados e equipados, em ordem de marcha e levando a ração de um dia, para lhes ser passada revista.

Tanto MacDonagh como Pearse haviam assignado o manifesto lido no dia anterior e elles e os seus companheiros tinham deliberado fazer a tentativa, apesar das ordens em contrario do seu chefe nominal.

Emquanto isto se passava, no castello, a poucas centenas de metros de distancia, estava-se ainda cogitando. Na segunda feira de manhã o secretario de Estado da Irlanda dera o seu apoio á proposta de prisão e internamento dos dirigentes dos Voluntarios. As auctoridades do paiz congratulavam-se pela boa obra d'um dia.

Estava-se em tempo de ferias: o commandante em chefe tinha ido para a Inglaterra e muitos dos offi-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.° 2157—7.° Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Quarta-feira, 16 de Agosto de 1916

Telephone n.° 2298—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.°
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

A Republica tem sido systematicamente accusada de levar Portugal á guerra. Desde o primeiro dia do conflicto europeu, essa accusação lhe foi formulada por monarchicos, mais ou menos abertamente, mas sempre com a mesma significativa insistencia. E nem mesmo depois de ter sido declarada a guerra ao nosso paiz, cessou essa campanha feita com o intuito de lançar todas as responsabilidades da guerra unica e exclusivamente sobre a Republica.

Assim que nas ruas de Lisboa se effectuaram as primeiras manifestações a favor dos alliados, manifestações que correspondiam ao sentimento nacional, logo se começou a dizer que a Republica, fazendo ou consentindo essas manifestações, arremessava Portugal para a guerra. Os monarchicos, homens sensatos, prudentes, cautelosos, não viam n'esse movimento tão expontaneo do coração de Portugal outra coisa que não fôssem os propositos da Republica, procurando lançar-nos n'uma aventura em que antevia a sua valorisação.

Mais tarde, quando o alferes Sereno, em Naulila, provou aos allemães, com um acto energico, que a soberania portugueza, no nosso territorio, devia ser respeitada, sobre a cabeça d'esse modesto official cahiu a accusação tremenda de que era elle que desencadeava a guerra entre Portugal e a Allemanha. Se fôssem governo, esses monarchicos teriam punido severamente o nobre official, que mostrára zelar a honra do seu paiz. Simplesmente esse castigo talvez não chegasse a ser imposto ao alferes Sereno, porque o alferes Sereno pouco depois perdia a vida pela sua patria, combatendo contra os allemães invasores do territorio nacional. Mas era sobretudo sobre a Republica que se lançava a responsabilidade do que se affirmava ter sido uma falta, senão um crime commettido pelo alferes Sereno, porque era sobre a Republica que se queria lançar toda a responsabilidade da guerra.

Mais tarde ainda, a requisição dos navios allemães, ancorados em portos portuguezes, requisição identica á realisada pela Italia em identicas circumstancias, deu azo a recrudescer a campanha dos monarchicos contra a Republica. Se essa requisição não houvesse sido feita, não teriamos a guerra. Manifestos monarchicos recentemente forjados pelos monarchicos em Hespanha, não duvidavam classificar de roubo essa requisição. Os allemães eram as victimas; nós os criminosos. A Allemanha era a roubada; a Republica Portugueza a ladra. Tudo para lançar sobre a Republica a completa, total, absoluta, exclusiva responsabilidade da guerra.

Se não fosse a Republica, isto é, se em Portugal continuasse dominando a monarchia a guerra não se teria desencadeado. Estariamos em paz, conservariamos a boa amisade da Allemanha que ainda agora se affirma que não declarou a guerra a Portugal, mas ao governo portuguez, affirmação tão estupida como infame porque nunca se desassociou n'estas questões um povo do Estado que o representa.

Emquanto os monarchicos lançavam toda a responsabilidade da guerra sobre a Republica, um partido republicano garantia que se tivesse dirigido a politica internacional nós teriamos chegado a uma solução honrosa, sem necessitarmos participar na guerra. Nunca esse partido disse que solução seria essa, nem que meios empregaria para a attingir, mas não é menos verdade que ainda ficava a Republica responsabilisada pela guerra, em virtude da orientação seguida pelos seus dirigentes n'esta grave conjuctura historica.

A tudo isto responde o sr. Ayres de Ornellas declarando que a ambição da Allemanha ha dezenas de annos alvejava Portugal, e que os seus propositos hostis a levaram a querer-nos malquistar com a Inglaterra, quebrando a secular alliança que une os dois paizes para mais facilmente poder esmagar o nosso.

Não ha pois responsabilidades portuguezas da guerra. Não as ha da Republica como as não haveria da monarchia. Ha uma situação que sob qualquer d'estes regimens havia de necessariamente levar a um resultado identico.

Estas affirmações do orgão monarchico, que se não compadecem, e ainda bem para elle, com as de tantos seus correligionarios, uns no paiz, outros na Galliza, nem com as insinuações e accusações do *Dia* e da *Nação*, merece ser archivada, não só como uma justificação dos actos da Republica, mas como um preito á verdade e á justiça que sempre acabam por prevalecer sobre todas as infamias e todas as mentiras.

TERRAS DE PORTUGAL

As minas do Lousal

As installações para tratamento e transporte de minerio

LOUSAL, 14.—O elevador deixa-me no «malacáte», que é a cupula de ferro do poço mestre. Estou como que n'uma plataforma, a meia duzia de metros acima do nivel do terreno. A herdade em que se descobriu este jazigo de pyrite desdobra-se para todos os lados. E' accidentada, e como está inculta dir-se-hia que não ha meio de a tornar fecunda. As azinheiras e os sobreiros bordando os caminhos, crescendo por valles e oiteiros, vistos assim, de cima para baixo, parecem mangericos prestes a florir. Lá no fundo, para o Sul, a albufeira recorta-se, entre os montes que a delimitam, em curvas inesperadas e caprichosas. Trago os pulmões saturados do ar da mina, impregnado de enxofre. A bocca sabe-me a acidos e tenho a impressão, nos primeiros minutos que passo ao ar livre, que tive deante de mim, a empestar tudo com as suas exhalações, um frasco enorme d'acido sulfurico.

Do «Malacáte» parte uma ponte sobre cujos pilares se assentou uma linha de vagonetes. O mineral vem de baixo e é entregue ao transportador, onde o separam de todo o «estéril» que com elle venha misturado. As vagonetas giram sobre os «rails», arrastadas por um cabo sem fim, que as leva do poço mestre para o crivo, onde despejam toda a carga, e as conduz novamente para o ponto de partida. No crivo, aparta-se o minerio que precisa de trituração d'aquelle que a dispensa. Fica tudo isso lá além, na outra extremidade do viaducto. Para lá me dirijo, transpondo com infinitas cautelas a ponte alta d'uns poucos de metros. Depois do crivo ficam os trituradores, grandes mós d'aço, cuja resistencia é espantosa, mas cuja vida é ephemera. E' que certos calháus de pyrite teem a rigidez do granito. Para os partir, é preciso empregar machinas ciclopicas, de cuja força só póde fazer idéa quem alguma vez, como eu, as tiver visto. Presentemente, os trituradores estão parados, como o estão os elevadores dos depositos. O minerio é exportado tal como sahe da mina.

Entretanto, as vagonetas não deixam de ir e vir, não interrompem o seu movimento de vae-vem, partindo vazias e regressando a transbordar, girando como se fossem organismos conscientes, perfeitamente identificados com o seu dever.

* * *

A seguir aos elevadores, fica outro crivo, com duas malhas, dando trez productos differentes. Cada um d'elles se recolhe no seu deposito especial, conforme a grossura que accusa. A installação póde tratar 50 toneladas por hora. Os depositos ficam em baixo. Em grandes montões, que parecem aterros côr de cinza zebrada, accumula-se o minerio prompto para a exportação. Como está exposto ao Sol, póde arder, por combustão expontanea. Evita-se isso conservando-o sempre molhado. Eis porque á superficie superior, os aterros colossaes de pyrite me parecem canteiros de arroz, prestes a nascer. A exportação continua. Todos os dias se carregam na estação do caminho de ferro dezenas de vagons, que seguem para o Barreiro. São ainda as vagonetas que transportam o minerio para o comboio. Como?

Dos depositos, as vagonetas carregadas sahem, em plano horisontal, arrastadas por um cabo sem fim. Depois, entram n'um plano inclinado, onde o systema de tracção é o mesmo e pelo qual pódem circular 72 toneladas por hora. Esses planos vão dar á linha do Valle do Sado, onde o minerio é despejado em caes apropriados e d'onde passa para os vagons que o conduzirão para o Barreiro. Mas além dos planos inclinados e das vagonetas, ha ainda uma linha ferrea da mina á estação, pela qual póde girar um minusculo comboio, arrastado por uma locomotiva liliputiana. Essa parcela da installação de transporte de minerio para o caminho de ferro não funcciona ainda. Funccionará, entretanto, dentro em pouco.

Do alto do viaducto, de junto dos trituradores, lanço o olhar em roda. As vagonetas, cheias de minerio, guiadas cada uma d'ellas pelo seu mineiro, deslisam vertiginosamente pelo plano inclinado e sómem-se, n'um abrir e fechar d'olhos, n'uma apertada curva, que as duas filas de «rails» contornam. Nos depositos grupos de operarios vão deitando abaixo os aterros, constituidos pelas entranhas da mina, destruidas a dinamite. As officinas, a casa das machinas, os motores, tudo isso fica a um tiro de chumbo. Reina por toda a parte uma actividade que não conhece desfallecimentos. A mina n'este momento, não é mais do que uma vastissima colmeia, onde cada qual, com o seu esforço ordenado e methodico, procura produzir o mais possivel.

* * *

Passa do meio dia. Calor abafadiço d'Africa. Nuvens afogueadas oscilando baixinho, como que para tornarem mais irrespiravel ainda a atmosphera cálida que nos envolve e nos extenua. Descemos do viaducto. O sr. Rollão Preto torna a conduzir-me ás officinas. Ha operarios que veem fazer pedidos e ... informações. Cada um diz o que tem a dizer no menor numero possivel de palavras. E' que, nas minas, toda a gente se habitua a falar pouco, como se a perpetua visão do perigo fosse uma irresistivel fonte de silencio. Experimentam-se varias machinas para eu as vêr funccionar. Uma d'ellas faz caixilhos. E' pequena e nervosa. A goiva gira sem cessar, lambendo a madeira, cavando-a á razão de 7.000 voltas por minuto...

Junto do escriptorio, n'um lago onde uma pequena locomotiva espera que a encham d'agua e de carvão para principiar a rodar, aguarda-nos a mesma charrette, puchada pelo mesmo cavallo em que tomei logar na madrugada em que cheguei á estação. Subimos para ella e regressamos a casa. Durante o curto trajecto, conversamos. O sr. Rollão Preto diz-me, sobretudo, com um ardente enthusiasmo a illuminar-lhe o olhar e a aquecer-lhe as palavras, que a sua mina, sahida ha pouco do periodo da preparação para uma exploração intensiva, vae entrar n'uma fase de grande desenvolvimento, que não tarda que venha a ser uma das mais ricas, das mais bem installadas e das mais importantes de Portugal.

—A casa Burnay, accrescenta elle, não se poupa nem a esforços nem a despezas para fazer da mina do Lousal uma mina modelo. O sr. Silva Pinto é o nosso mestre. E' elle quem anima, com a sua experiencia, com a sua sciencia e com a sua paixão por tudo o que respeita á industria mineira, todos estes emprehendimentos. A mina do Lousal vae soffrer uma transformação completa. Todas as suas installações serão modernisadas e actualisadas. Onde houver deficiencias, serão arredadas. Adquirir-se-ha tudo o que não temos. Construir-se-ha a casa da direcção, a qual, d'aqui a seis mezes, deve estar prompta. Reforçar-se-ha a ferramenta que necessite de reforço e a machina será, dentro de pouco tempo, a soberana dominadora em todos os trabalhos que se fizerem. Os nossos planos são vastos e creio que fecundos. Convido-o, por isso, a vir vêr como os realisamos no dia em que elles estiverem inteiramente postos em pratica.

E' esse, na verdade, o compromisso que tomo com o sr. Rollão Preto na hora em que abandono o Lousal. E emquanto, pela manhã clara e fresca, vou atravessando a charneca coberta de esteva, por onde esvoaçam as perdizes, não posso furtar-me á tentação de crear na minha imaginação o potentado mineiro que deve ser o Louzal, quando toda esta zona de pyrites estiver a ser explorada como o já é hoje o jazigo que primeiro se descobriu e para o qual convergem, presentemente, todos os cuidados dos que procuram valorisal-o mais e mais em cada dia que passa...

ADELINO MENDES.

O sr. Antonio Franco, a proposito d'uma das minhas cartas sobre a mina do Lousal, diz-me que a casa Burnay só tem uma participação na mina de walframio da matta da Rainha, na Beira Baixa. E accrescenta o sr. Franco que lhe estão concessionadas varias minas d'aquelle minerio na referida provincia, pedindo que se faça isso publico. Da melhor vontade. A aclaração ahi fica.—A. M.

ARGENTINA E BRAZIL

As carnes congeladas

RIO DE JANEIRO, 16.—Os criadores argentinos communicaram aos seus collegas brazileiros que era absolutamente necessario, n'este momento, estabelecer-se uma «entente» sobre o preço de venda das carnes congeladas, a fim de se evitar a depreciação pela concorrencia.—(*Americana*).

Bruxos, magos e nigromantes

As providencias officiaes contra a exploração da credulidade publica

Dizia hontem um jornal da tarde que o chefe Sarmento, da policia de investigação, está organisando um cadastro de todas as somnambulas e cartomantes que em Lisboa enxameiam, com o fim de as metter na ordem. Na verdade, esse *desideratum* só será attingido quando o Senado se occupar do projecto de lei sobre bruxas e curandeiros, que ali está pendente da discussão.

Quer-nos parecer, porém, que, no que respeita ao exercicio illegal da medicina, alguma coisa existe já na nossa legislação para justificar a intervenção das auctoridades, como nas columnas d'este jornal opportunamente se demonstrará.

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

Bento Carqueja

Recebemos e agradecemos o novo trabalho, verdadeiramente notavel, do sr. prof. Bento Carqueja, intitulado *O povo portuguez (aspectos sociaes e economicos)*. E' dos que merecem larga referencia que lhe consagraremos n'um dos proximos numeros da *Capital*.

Os japonezes no Brazil

SÃO PAULO, 16.—O dr. Candido Motta, Secretario da Agricultura, após uma longa conferencia com Y. Kaunia, delegado da camara de commercio de Tokio, determinou que fôssem iniciados os estudos de terrenos para a fundação de uma grande colonia agricola de japonezes.—(*Americana*)

OS PROGRESSOS RUSSOS

A conquista da Galicia

O que significa a perda d'esta provincia para os austro-hungaros e para os allemães

Os ultimos exitos russos—telegrammas de hoje annunciam a evacuação de Tarnopol—justificam algumas informações interessantes sobre a Galicia, que é uma das mais ricas e povoadas provincias da dupla monarchia.

Encostada, como a Bukovina, á cadeia dos Karpathos, a Galicia estende-se da Silesia prussiana aos confins da Bessarabia russa, n'uma extensão de 550 kilometros. Vasto planalto calcareo entrecortado de planicies ferteis, dirige as suas aguas para o Baltico e para o Mar Negro.

A sua historia e a sua população, como a sua geographia, não a ligam á Austria-Hungria, á qual veiu a caber em virtude da partilha da Polonia. A maioria dos seus habitantes são ruthenos (pequenos russos ou russos vermelhos) e polacos, contando-se apenas uns 200.000 allemães e uns 700.000 judeus. Estes ultimos exploravam a região, dominando sobretudo na orla oriental e nas cidades como Brody, Tarnopol, etc.

Em 1910, a população total excedia 8 milhões n'uma superficie de 78.496 kilometros quadrados. A densidade é, pois, de 103 habitantes por kilometro: a da França não attinge 74.

Situada n'uma das principaes encruzilhadas da Europa, no cruzamento das linhas que ligam o Baltico e o mar Negro ao Adriatico, a Galicia é um dos paizes europeus mais apreciaveis pela fertilidade do solo e pela riqueza dos minerios. Mas o seu desenvolvimento industrial, retardado pela administração rotineira dos Habsburgos, apenas data, na realidade, de alguns annos. A população de Lwow (Lemberg) mais do que duplicou de 1880 a 1910; a de Cracovia elevava-se, no mesmo periodo, de 66.000 a mais de 150.000 habitantes. Consoante a ultima estatistica official (1910) a producção mineira o industrial attingia 607 milhões de corôas, ou perto de 640 milhões de francos.

A producção do sal gemma (minas de Wieliczka e de Bochnia, perto de Cracovia) mantem-se quasi estacionaria, mas a extracção do carvão e sobretudo a do petroleo desenvolvem-se com rapidez. O petroleo é uma das riquezas nacionaes da Galicia. Apparece com abundancia na vertente oriental dos Karpathos, junto das grandes florestas de pinheiros. Verifica-se, porém uma diminuição n'estes ultimos annos, cuja causa é, em grande parte, a irrupção de agua salgada nos poços e nas camadas petroliferas.

A producção attingia, em 1910, dois milhões e cem mil toneladas quanto aos nove decimos, na região de Boryslav, ao sudoeste de Lemberg. A Allemanha, que era antes da guerra o principal importador do petroleo galiciano, reserva-o hoje para as suas necessidades militares. Comprehende-se, por isso, a importancia da perda da Galicia se outras razões não quizermos considerar.

Sob o ponto de vista da alimentação, desempenha tambem a dupla provincia um papel consideravel na resistencia dos imperios centraes contra o bloqueio.

Apezar de ser fraco o rendimento do hectare, resultado de methodos defeituosos, fornecia em 1913 quasi um terço do trigo colhido na Austria (exceptuada a Hungria) isto é cinco milhões de quintaes em dezaseis milhões.

Quanto a cevada, centeio e aveia, a proporção é sensivelmente mais fraca. Augmenta quanto ao gado. Accrescentemos que a situação, aggravada pela perda de todos esses recursos, se aggravará ainda mais com o exodo d'uma numerosa população. Já em 1914 e em 1915, a Hungria soffreu, não sem pavor, uma verdadeira invasão de «boccas inuteis».

Uma tempestade na Bahia

BAHIA, 16.—Cahiu sobre a cidade uma violenta tempestade, causando grandes prejuizos nas embarcações de pequena tonelagem surtas no porto, não havendo, porém, desastres pessoaes. As linhas telegraphicas ficaram avariadas n'uma grande extensão.—(*Americana*).

A MELHOR DAS PROPAGANDAS

O caixeiro viajante

ALLEMÃES E FRANCEZES

O que Lucien Descaves diz a respeito de uns e outros—O papel desempenhado antes, durante e depois da guerra

Os caixeiros viajantes queixaram-se ultimamente de alguns embaraços ao exercicio da sua profissão. O menor dos seus deslocamentos na zona das «étapes» estava sujeito a formalidades que não acabavam nunca. Perdiam n'isso o seu tempo e o seu dinheiro. Imaginem, por exemplo, que houve commissarios de policia que se recusaram a inscrever varias cidades n'um salvo-conducto, o que obrigou o caixeiro a voltar a Paris, a fim de obter um novo, sempre que precisava de se dirigir d'uma cidade para outra!

Foi necessario que a Camara syndical protestasse contra estas maçadas para que ellas terminassem ou, pelo menos, para que aquella se não repetisse... O representante commercial não encontra em França as facilidades de que o cumula a Allemanha.

Que erro não o tratarmos com mais alguma attenção! D'uma pequena viagem que fiz, ha dois mezes, ao estrangeiro, trouxe a convicção de que o caixeiro viajante é o melhor agente de toda a propaganda. Os nossos inimigos, que bem o sabem, procedem para com elles n'essa conformidade e recolhem o fructo dos seus incitamentos. Infelizmente, não acontece o mesmo do nosso lado. Que deveria ser o representante commercial? Tudo. O que é, na realidade? Nada.

E' certo que a Allemanha, desde o principio da guerra, inundou os paizes neutraes de publicações proclamando a sua superioridade. Mas inundou-os egualmente de caixeiros viajantes que continuaram a desempenhar com diligencia o mesmo officio. Propaganda pelo impresso, d'um lado; propaganda verbal, por outro. Estou persuadido de que esta é a mais fecunda. Os impressos voam, espalham-se, desapparecem; as palavras ficam. Uma brochura expulsa a outra e fal-a esquecer. Um caixeiro viajante allemão, longe de fazer esquecer o seu predecessor e compatriota, solidarisa-se com elle. Não toma apenas uma encommenda: realisa um acto de propaganda.

N'estas condições comprehende-se perfeitamente que o nosso adversario não tenha hesitado em gratificar com licenças os soldados que eram caixeiros de commercio no estrangeiro. Foram auctorisados a visitar a sua clientela, devendo, creio eu, corresponder a este favor com um zelo sincero e proficuo. Como não conceder o premio d'um prolongamento de ausencia ao caixeiro viajante que, de caminho, aproveita todas as occasiões de praticar a espionagem em beneficio da Allemanha?

Presta assim um duplo e até triplo serviço; colloca os productos do seu paiz, celebra a sua gloria e informa-o utilmente sobre as intenções dos seus visinhos e dos seus inimigos. Isso vale bem uma recompensa.

E recebe-a. No paiz neutro em que estive recentemente, impressionou-me o numero de caixeiros viajantes «jovens» que a Allemanha ali mantém, apesar da guerra. A verdade é que servem n'aquella frente como nas outras. Não seria para admirar que ali ganhassem batalhas. São laboriosos, insinuantes, tenazes, e as promessas que fazem são mantidas pelas casas em nome das quaes foram feitas. Veem e voltam como em tempo de paz. Teem os seus hoteis, os seus restaurantes, as suas cervejarias, os seus pontos de reunião. Prodigalisam-se e levam a complacencia até ao servilismo.

Não conquistam corações; impõem-se unicamente, em geral, porque fornecem com rapidez o que inutil e pacientemente se pediu a outrem. Opponde um a outro um viajante francez e um viajante allemão; todas as probabilidades são por que o francez receba a encommenda... mas é frequentissimamente o outro quem está em condições de a satisfazer...

Eis o que me disseram os neutros cujas sympathias por nós não offerecem duvidas.

Assombrei-os procurando o concurso, de que precisava, de alguns representantes de commercio francezes.

—Não os encontrará, responderam-me. Os mais idosos teem que fazer em França; os mais moços estão mobilisados. O senhor melhor o sabe que nós.

—Mas a Allemanha possue tambem caixeiros viajantes jovens e que, todavia, viajam...

—A quem o senhor o diz! Outro paiz, outra maneira de ver...

—Sem duvida! Os nossos representantes commerciaes, se os tivessemos n'este momento, não «veriam» á maneira allemã. A nossa aversão pela espionagem é invencivel, por nenhum preço se obteria...

Mas os nossos caixeiros viajantes, cujo feitio insinuante e cujo zelo desafiam toda a rivalidade, poderiam ser d'um grande auxilio para a influencia franceza no estrangeiro. Não se pensou n'isso.

—E' que não pululam, como os allemães.

—Razão de mais para conceder a um pequeno numero dos nossos compatriotas, que offereçam todas as garantias desejaveis essas licenças de propaganda que a Allemanha se não arrependerá de haver generosamente concedido.

Tratava-se, antes da guerra, da creação d'uma escola profissional de caixeiros viajantes. Ponderou-se até a possibilidade de admittir n'ella as dos mulheres, cuja actividade encontraria assim um novo emprego. Porque não? Que a lição, pelo menos, não seja perdida. Mais vale tarde do que nunca. Após a guerra é sem duvida o caixeiro viajante, homem ou mulher, o melhor qualificado para falar da França no estrangeiro e para até lá levar o fructo da victoria...

LUCIEN DESCAVES

O sr. Albert Thomas em Lisboa

Tendo retardado a publicação da entrevista do nosso collaborador sr. Edmundo Porto com o sr. Albert Thomas, sub-secretario de Estado das munições no gabinete francez, por aguardarmos um additamento á mesma entrevista, como se désse o caso d'este não chegar, trouxemos a lume no dia 7 as declarações do illustre homem publico. Esse additamento chegou apenas hoje, embora fosse expedido de Paris no dia 5. A' censura postal attribuimos a demora da recepção e comprehende-se o facto desde que se não ignora que é insufficiente o numero de funccionarios encarregados de semelhante serviço.

Quanto ao additamento, em nada altera a essencia das affirmações do sr. Albert Thomas cuja proxima visita a Portugal tem por principal objetivo o maior estreitamento de relações intellectuaes e affectivas entre a França e o nosso paiz.

A questão da ida de operarios portuguezes para as fabricas de munições, a que alludiu o sr. Thomas, é assumpto já resolvido, como dissemos hontem, pois que se encontra em Lisboa o sr. Gentil, delegado do governo francez, com a incumbencia de fazer os respectivos contractos.

A respeito do wolfram, o minerio que tão consideravel papel representa hoje no fabrico dos aços e que abunda em Portugal, cumpre dizer que a França o recebe em grandes quantidades da China e da Suecia, sendo tambem d'este ultimo paiz exportado para Inglaterra.

Já nos referimos aqui ao actual regimen de venda de wolfram entre nós. Appareceu em Lisboa recentemente um subdito inglez, o sr. Allers, se não estamos em erro, o qual compra o wolfram por um preço por elle estipulado. A ninguem mais póde ser vendido, porque a venda para os effeitos da exportação só tem validade com o visto das legações de Inglaterra e França. Assim se acautelam os alliados, pois impedem que o precioso minerio vá parar a mãos adversas e, ao mesmo tempo, assim se servem outros interesses, que não os nossos, com a fixação d'um preço ao arbitrio do subdito britannico que fiscalisa e regula o monopolio.

Ainda não está assente o dia em que o sr. Albert Thomaz chega a Lisboa. O illustre homem de Estado vae ter ensejo de apreciar directamente como o povo portuguez ama a França e ha de aqui, sem duvida, ser alvo das homenagens a que tem jus como representante do governo de Paris e ainda pelas suas prestigiosas qualidades pessoaes.

Migalhas

Bilhete a um amigo

Escreves-me da tua serra e pintas-me com o relevo da tua escripta elegante a serenidade da tua vida, frente a frente com a natureza explendorosa, longe do bulicio da cidade, em contacto com almas simples. Tu, o vivedor noctivago, sempre á cata de distracções que te façam passar com um menor enfado os interminaveis dias sempre eguaes da tua vida de desoccupado, acabas de descobrir o lazareto para os teus nervos cançados, o sanatorio para os teus pulmões ávidos de ar puro e em cada hora encontras uma nova surpreza para o teu espirito embotado pela futilidade da agitação citadina.

E' a eterna historia das «Cidades e Serras». Cada um de nós é um Jacintho de via reduzida. N'um momento da nossa existencia, um accaso ou uma resolução nos atira para o isolamento d'um recanto de provincia e, sem termos o hypercivilisado do grande Eça e sem termos abandonado os ultimos requintes da civilisação, ainda assim sentimos os beneficos influxos d'essas curas de tranquillidade e de solidão. Mas deixa-me dizer-te: eu acredito tanto na tua carta como no romance. A nostalgia das esquinas alfacinhas, das caixas de theatro, das ceias fóra de horas, ha de retomar-te, como a saudade dos grandes centros teria absorvido o Jacintho, se Eça tivesse querido escrever a continuação do seu livro primoroso. Logo que estejas refeito, assim que tenhas engordado um pouco e, mal se adivinhem os primeiros rebates do inverno, tu has-de voltar, com a gola do capote erguida, os olhos curiosos, a bocca ávida de perguntar o que ha de novo. Andarás n'uma dobadoura a visitar as egrejinhas onde te perdias ha um mez ainda e da tua linda provincia, de todos os encantos d'essa aguarella que me descreves na tua carta, trarás a impressão de que são um explendido pretexto para uma villegiatura, para um descanço, uma doce semana depois de uma navegação agitada. «Que vaes ficar ahi para sempre, cuidando do que é teu e tratando de amar as terras d'onde te vem os rendimentos e onde tem as suas raizes o nome fidalgo que usas...» Pois sim. Até outubro, meu caro.

ANDRÉ BRUN

A «Gota de Leite» de Recife

RECIFE (PERNAMBUCO), 16.—Chegou dos Estados Unidos da America do Norte todo o material para a «Instituição da «Gota de Leite», em construcção.—(*Americana*).

Feira de Lyon

Organisa-se uma commissão franco-portugueza para preparar o concurso de Portugal

A convite do sr. ministro da França em Portugal, o sr. Carlos Gomes, presidente honorario da Associação Commercial, foi incumbido de organisar um comité franco-portuguez com o fim de preparar a cooperação da actividade portugueza na Feira de Lyon, a realisar no proximo anno.

O certamen internacional de amostras, que constituiu um verdadeiro exito, este anno será grandemente ampliado quando se installar de novo. A commissão organisadora que funcciona sob o patronato do presidente da Republica e do ministro do commercio e industria elaborou o seu programma, dividindo os expositores em secções de fórma a poder-se avaliar das faculdades productivas dos paizes allia-

A grande guerra

Uma mensagem de Jorge V ao exercito britannico

LONDRES, 16.—O rei Jorge dirigiu uma mensagem ao exercito britannico em França, na qual manifesta a sua satisfação pelo estado de esplendida preparação que observou e pela resolução e confiança de que o exercito e a nação estão animados. Consigna tambem as boas relações entre os alliados, assegurando que a Inglaterra jámais esquecerá os pesados sacrificios feitos pelos alliados, os quaes luctarão até á victoria.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 16.—A noite decorreu calma na maior parte da linha. Os francezes dispersaram as patrulhas allemãs em Champagne, na direcção de Tahure, e em Argonne, para os lados de Haranzee. Na linha de Verdun houve vivissimo bombardeamento nos sectores de Thiaumont, Floury, Vaux e Chapitre.—(*Havas*).

Germanophilos brazileiros

FLORIANOPOLIS (ESTADO DE SANTA CATHARINA), 16.—Ficou sem effeito o movimento de protesto iniciado pelos germanophilos do estado contra a lista negra ingleza.—(*Americana*).

A situação militar de alguns estudantes de medicina

Recebemos a seguinte carta em que se expõe com muita clareza a situação de alguns estudantes de medicina perante a mobilisação. De esperar é que o sr. ministro da guerra resolva favoravelmente o assumpto:

«*Sr. director d'«A Capital.*»—Tenho lido ultimamente varias cartas e communicados tratando da situação de uns doze alumnos de medicina, que mais não serão, soldados ou cabos do 1.° grupo de companhias de saude e venho pedir a v. que me permitta tambem como pessoa de familia de um d'elles dizer duas palavras sobre o mesmo assumpto.

Esses rapazes que são cavalheiros correctissimos e militares disciplinados, não protestam nem reclamam contra qualquer disposição legal, como teem inconsideradamente escripto alguns seus defensores, seguramente os mais bem intencionados possivel.

Apenas sentem um desgosto bem comprehensivel, vendo-se n'uma situação excepcionalmente diversa das que os decretos ultimamente publicados crearam ou proporcionaram a todos os outros estudantes.

Elles de facto, além do curso complementar de sciencias, teem approvação nas quatro disciplinas F. Q. N. da Escola Polytechnica e, pelo menos, a frequencia no 1.° ou nos dois primeiros annos da Escola Medica, e veem antigos condiscipulos do 7.° anno dos lyceus, que além d'isso nada mais estudaram alcançarem o posto de alferes milicianos e até o de officiaes dos quadros activos do exercito, indo para a Escola de Guerra, onde desde a entrada gosam da consideração de cadetes e outras apreciaveis vantagens inherentes á graduação de sargentos alumnos.

Assim julgam proporcionado á sua cultura scientifica o posto de aspirante que já foi concedido aos seus collegas do 8.° anno e seguintes e esperam confiados no espirito altamente justo do sr. ministro da guerra uma solução que lhes seja favoravel.—De v., etc.—*Um constante leitor.*

O fabrico de munições em Portugal

As que se teem adquirido no estrangeiro não são superiores ás nossas—Do que precisamos é de materias primas

Sr. redactor.—Permitta-me que a proposito do artigo da «Capital» do dia 12, eu faça um pouco de historia. E' conveniente sempre elucidar a opinião publica e mostrar que os nossos operarios são tão habeis como os estrangeiros.

Em 1904 o então ministro da guerra, general Pimentel Pinto, reconhecendo a necessidade de se fabricarem em Portugal as munições, tanto para armas portateis como para boccas de fogo, fez um inquerito ao nosso Arsenal do Exercito e viu que em tempos passados se haviam feito nas officinas de Santa Clara (extincta Fabrica d'Armas) todas as munições para as espingardas Snider e Westley-Richard que então se usavam no exercito, e que na extincta Fundição de Canhões se haviam fabricado, não só peças d'artilharia de varios calibres até 15 centimetros, mas ainda as competentes munições, e que para as modernas espingardas se havia tentado o respectivo fabrico, estando porém muito longe do que era necessario, e para as peças d'artilharia de aço nada havia, isto é que todas as munições para artilharia vinham do estrangeiro e para as espingardas vinham quasi todas, sendo a producção nacional d'estas muito reduzida.

Viu esse ministro, e muito bem, que tal estado de coisas não devia continuar e n'este sentido consultou officiaes d'artilharia que lhe mereciam confiança.

D'essas consultas resultou ordenar a construcção da fabrica de Chellas, onde se havia de preparar não só a polvora, mas o cartuchame para armas portateis, encarregando d'estes serviços varios officiaes entre os quaes o então capitão Correia Barreto, que assumira a direcção dos trabalhos, isto é, desenvolver o fabrico de munições para as armas oprtateis em uso no exercito.

Pelo que dizia respeito ás munições d'artilharia o caso era mais difficil, pois que o material era completamente differente do que se havia feito na Fundição de Canhões para as peças de bronze.

A repartição competente da secretaria da guerra informou que no local onde estava a Fundição de Canhões era impossivel estabelecer o novo fabrico, não só por falta de espaço, mas pela posição da mesma fabrica em um ponto afastado do Tejo e dos caminhos de ferro e de difficil accesso, o que eram um dos maiores inconvenientes para uma fabrica moderna. Tratou-se de escolher outro local e por fim aproveitou-se o terreno occupado por uns velhos armazens nas proximidades da estação do caminho de ferro de Braço de Prata e adicionou-se-lhe outro que foi adquirido e que áquelle ficava adjacente.

Escolhido o terreno, faltava estabelecer a nova fabrica e para isso o ministro Pimentel Pinto nomeou uma commissão composta do major d'artilharia Francisco de Salles Ramos da Costa e dos capitães d'engenharia Hermano José d'Oliveira e Herculano Jorge Galhardo para formular o plano geral do novo estabelecimento fabril. Estes officiaes fizeram estudos detalhados do assumpto e apresentaram um plano completo, comprehendendo a planta geral dos edificios com os competentes detalhes e o orçamento das construcções e dos machinismos. O ministro entendeu que era conveniente, antes de dar começo ás obras, que a commissão fosse ao estrangeiro para melhor poder desempenhar-se da sua missão, que era da maior importancia.

Effectivamente a commissão foi a França, Allemanha, Austria e Suissa onde viu os diversos modos como se faziam as munições para as boccas de fogo d'aço e depois de aturado estudo adoptou o processo de estiragem a quente, e n'este sentido propoz a compra dos competentes machinismos. Para este effeito abriu concurso limitado ás casas mais importantes da Inglaterra, Italia, Allemanha, França e Suissa, optando por uma casa italiana para as machinas motoras e para as fabricas de munições uma das casas allemãs, que apresentaram as propostas mais vantajosas. O ministro approvou e fez-se a encommenda.

Passados alguns mezes e depois de se haver principiado a construcção dos edificios da nova fabrica em Braço de Prata foi nomeado o presidente da dita commissão para ir á Allemanha receber os machinismos especialmente destinados ao fabrico de munições e quando de regresso encontrou os edificios muito adeantados. Mais tarde principiaram a vir as machinas e para a sua montagem vieram alguns operarios allemães que comnosco montaram todos os machinismos, começando a funccionar dois annos depois de se haver resolvido montar esta nova fabrca e mais depressa se faria o serviço se não fosse a queda do ministerio, pois que sendo o ministro Pimentel Pinto substituido pelo ministro Sebastião Telles os trabalhos pararam por este julgar desnecessario o fabrico de munições em Portugal, preferindo adquiril-as no estrangeiro.

Finalmente todas as difficuldades se venceram e fundou-se a actual Fabrica de material de guerra, em Braço de Prata, sendo nomeado seu director o presidente da commissão alludida sr. coronel Ramos da Costa, que conseguiu, pela sua dedicação ao serviço de que o haviam encarregado e com o auxilio valioso prestado pelo pessoal operario, que aquelle official tão habilmente dirigiu, conseguindo-lhe ao mesmo tempo beneficios que jámais serão esquecidos, sendo um dos maiores a fundação de uma cantina-cooperativa que sem capita inicial e só com o seu nome chegou já a ter um desenvolvimento muito apreciavel, prestando assim um importante serviço ao operariado, levar a cabo uma tão valiosa emprezn.

Este official deixou a direcção da fabrica para ir commandar um regimento no Porto para effeitos de tirocinio, apesar do pessoal operario ter sollicitado do ministro da guerra a sua conservação á frente do estabelecimento de que foi o primeiro director.

Os productos sahidos da fabrica de Braço de Prata teem sido, experimentados no campo de tiro em Alcochete por diversas commissões de officiaes de artilharia e teem-se mostrado superiores aos que se teem adquirido no estrangeiro, o que mostra o cuidado com que são fabricados, e se não ha maior producção é por falta de materias primas, ás difficuldades burocraticas que infestam as repartições do Estado, onde o numero de «empatas» é enorme.

Como vê, sr. redactor, o fabrico de munições está estabelecido em Portugal e não é preciso vir um francez, como diz o seu jornal de sabbado ultimo, promover a installação da industria do fabrico de munições. Tudo está feito e sómente é preciso que se forneça materias primas em abundancia e se permitta que o pessoal operario trabalhe livremente e de modo que, sem prejuizo da sua saude, produza a maior somma de trabalho, o que será certamente um valioso auxilio para os alliados que luctam pela razão, pelo direito e pela liberdade.

Peço, sr. redactor, que me desculpe este mal alinhavado arrasoado, motivado pela noticia da «Capital» do dia 12 com o titulo «O fabrico de munições para os alliados», e bem assim que torne publico um facto que é ignorado por muita gente e que mostra que nem tudo o que temos é mau e que ha em Portugal quem trabalhe com vontade de produzir.

Desde já se confessa muito agradecido.—Um operario da fabrica de Braço de Prata.

Colyseu dos Recreios

O Colyseu deve ter hoje mais duas enchentes pois cada vez é maior o enthusiasmo pelo explendido «film» reproduzindo as manobras de Tancos e a parada de Montalvo. Para amanhã não ficará um logar vago e é quasi certo que já hoje se devem vender muitissimos bilhetes, porque se apresenta pela primeira vez além do «film» do exercito portuguez a explendida pellicula com o desfile dos contingentes dos exercitos alliados que tomaram parte na festa nacional de 14 de julho em Paris. Este «film» sensacional é uma verdadeira maravilha.

NO SALÃO FOZ

FESTA ARTISTICA DE

Stella Margarita

E' hoje que o Salão Foz veste galas, pois effectua-se a festa artistica do soprano ligeiro STELLA MARGARITA que tanto successo tem causado no magnifico Salão Foz.

Os annuncios da festa de hoje dizem o seguinte:

Festa artistica da eminente divette

Stella Margarita

Noite de festa! Noite de enthusiasmo!—em que todos os artistas apresentarão

Novos numeros

FADOS PELO EXIMIO PROFESSOR

PETROLINO

La Bella Lopez

E SEU EXCENTRICO

Nina Walky

Carmen Vicente

E SEU EXCENTRICO.

Bellos films — Magnifico programma de concerto

Não ha duvida portanto que é noite de festa hoje no Salão Foz e que a gente de bom gosto não faltará lá para apreciar e applaudir todos os artistas.

TOURADAS

Em Setubal

Na praça Carlos Relvas, de Setubal, realisa-se no proximo domingo uma magnifica tourada de beneficencia, revertendo o producto liquido para o Asylo Bocage e para a Misericordia d'aquella cidade. Os touros são offerecidos por diversos lavradores, succedendo outro tanto com o jogo dos cabrestos e com um touro, das manadas do sr. José Joaquim Pina, o qual será rifado em beneficio do Asylo Bocage. A praça tambem foi cedida gratuitamente, e do grupo de amadores que tomam parte na corrida fazem parte os srs. Brun da Silveira, Constantino José, Eduardo Perestrello, D. Carlos Mascarenhas, D. Antonio Mascarenhas, D. João Mascarenhas e Jayme Cadete, que terão a auxilial-os os artistas Jorge Cadete, Guilherme Thadeu, José da Costa e Punteret. A tourada será abrilhantada por 3 bandas de musica. De Lisboa ha comboios a preços reduzidos ás 8,15, 11,30 e 14,45. O ultimo comboio de Setubal para Lisboa e Aldegallega é ás 22,15.

Agentes de policia accusados de burla

Por determinação do sr. governador civil foram hoje suspensos os agentes Anibal Bernardo Pires e Antonio Ambrosio Santos Oliveira, da judiciaria, arguidos de terem tido connivencia n'uma burla importante commettida pelo famoso «conto do vigario», e na qual tiveram tambem interferencia os gatunos «Escurinho» e «Santinho da Facada».

O chefe dos serviços de investigação está tratando do caso, mas sobre elle guarda-se reserva.

O agente Pires fôra ha tempos castigado com mudança de secção por se ter envolvido n'um caso de falsificação de vigesimos da loteria de Hespanha.

Segundo parece, a burla foi de 1:000 escudos.

A victima foi um individuo de appellido Sequeira, commerciante em Aldeia Gallega.

OS BOATEIROS DA FINANÇA

E' fatal a descida do agio

E portanto inutil o retrahimento da libra que se está dando entre nós

A situação financeira de um paiz obedece a leis invariaveis, rigidas, fataes como as proprias leis da natureza. Abundam no entanto infelizmente as pessoas que não estão bem convencidas d'essa verdade. Uns, por mal contido despeito, outros, por excesso de paixão politica, outros ainda em virtude de inconfessaveis e mesquinhos interesses, todos á uma se comprazem malsinando intenções puramente patriotas e alimentando, o melhor que podem, o germen de um panico que não tem razão de existir e cujas pretendidas causas não resistem á mais ligeira analise.

O phenomeno desenvolve-se, actualmente, no nosso mundo financeiro. Em torno da viagem do titular da pasta das finanças a Inglaterra e a França, a phantasia de alguns negociantes de oiro bordou, durante um certo tempo, as mais inquietas e absurdas apprehensões. O seu desejo, a sua maior ancia consistia em pretender demonstrar a inanidade das negociações lá fóra entaboladas pelo sr. dr. Affonso Costa no sentido de melhorar o aspecto physionomico da nossa finança. Assim, antes que uma palavra esclarecesse os trabalhos do eminente homem publico, o Boato, entre financeiros, correu durante semanas com a mais licenciosa liberdade, e emquanto alguns banqueiros com levantado patriotismo e salutar confiança se esforçavam por manter a praça sob a tranquillisadora impressão de que alguma coisa de util e de grande se estava fazendo para os destinos da nossa terra, outros havia que persistiam em não abandonar a attitude alarmante das primeiras horas, insistindo sobre a existencia de imaginarios e pretendidos perigos que de perto nos espreitavam.

Subito, appareceu a noticia de que o nosso ministro das finanças conseguira realisar um emprestimo de 25 milhões esterlinos, e só com o susto, a libra baixou immediatamente ponto e meio. Era esta a solidez dos argumentos com que os anti-patriotas pretendiam alimentar o panico!

Regressou a Lisboa o sr. dr. Affonso Costa, e as suas negociações, onde a situação financeira de Portugal e a questão da nossa participação na guerra foram escrupulosamente tratadas em separado, esclareceram-se finalmente. O governo portuguez obterá do governo britannico não 25 milhões de libras, mas 30, 35, 40 milhões, os milhões que forem precisos para despezas de guerra ou «para aquellas que directamente com a guerra se relacionem». E ahi nasceu de novo uma outra fonte de boatos, insidiosa e envenenada, insistindo os maus patriotas da finança em que nenhum emprestimo fôra obtido mas tão sómente uma onerosa venda de carne humana, devendo as libras chegar á medida que fôsse sendo embarcada a carga de soldados, sistema que, na linguagem de negocios, costuma ser designado por —pagamento contra conhecimento.

Esta ignobil campanha clandestina em que tão covardemnete são achincalhados os brios nacionaes teve já como resultado um novo retrahimento do oiro. Capitalistas ha que, influenciados por ella, aferrolham milhares de libras na intenção de muito breve especularem com a «alta». Este insensato procedimento só póde explicar-se ou por uma lamentavel estreiteza de vistas ou por uma criminosa intenção de lesa-patria.

Na verdade, o agio do oiro ha de baixar, fatalmente, irresistivelmente. Os resultados colhidos na viagem do sr. dr. Affonso Costa não admittem duas interpretações. A sua proxima influencia sobre o cambio é tão manifesta, que só o desejo de esclarecer alguns espiritos obtusos me leva a salientar meia duzia de considerações deduzidas da impressão geral que em mim produziu a palestra com varias individualidades de destaque no nosso meio financeiro.

Em primeiro logar, o oiro que a Inglaterra nos vae fornecer não se destina apenas, creio bem, a despezas de guerra, mas a todas quantas se relacionem com ella. Já aqui o governo tem mais que sufficiente latitude para acudir a situações que, embora não sejam de natureza militar, directamente se prendem com o estado de guerra. Mas não é menos certo, depois da nota ingleza, que o Estado não virá de futuro, para despezas de guerra comprar libras ao mercado interno (e é bem não esquecer que o governo adquiria ultimamente n'esse mercado 400 a 500 mil libras por mez). De resto, a creação de uma secção especial no ministerio das finanças, que effectuará a compra e venda de cambiaes, não tem provavelmente outro fim senão o de regularisar o cambio com o emprego judicioso dos elementos citados.

Mas ha mais, muito mais ainda. A importação do paiz, desde o inicio da guerra europeia, tem diminuido consideravelmente, ao passo que tem augmentado a exportação em proporções imprevistas. Hoje, Portugal vende ao estrangeiro coisas em que nunca pensou. Quem sonhou jámais que as nossas fabricas de tecidos viessem um dia a trabalhar para a França? Quem suppoz alguma vez que a nossa pobre metallurgia pudesse exportar material de guerra para a Belgica, o paiz metallurgico por excellencia? Estes factos, que ha trez annos se afiguravam paradoxaes, são hoje realidade. «Portugal exporta menos oiro e importa mais oiro que antigamente»: eis uma verdade inconroversa que nenhuma habilidade do mundo poderá contrariar.

Poderia ainda referir-me ao anno agricola, que foi excellente e cuja influencia como factor do agio ninguem contesta; poderia alludir á exportação dos nossos vinhos para França, que prosegue constante e a preços altissimos, e á dos minerios de ferro, cobre e wolframio; fallar dos grandes «stocks» de cacau que entre nós existem e representam oiro; analisar a situação do Brazil, que sahe victoriosamente de uma longa e tremenda crise; adduzir emfim uma longa serie de argumentos que só escapam á vista dos que não querem vêr. Mas não vale a pena. A demonstração de que é puramente artificial a situação creada pelos maus patriotas da finança parece-me inabalavelmente feita.

O agio ha de baixar, haja o que houver e façam o que fizerem. O despeito, a má vontade, os interesses mesquinhos de alguns plutocratas podem tanto contrariar o curso natural das coisas como uma creança teimosa que pretendesse insensatamente desviar a corrente do Tejo.

HERMANO NEVES

Uma chanteuse franceza no Republica

A revista «Castellos no ar» está constantemente apresentando novidades e surprezas, sendo a de amanhã deveras sensacional. Trata-se da estreia da celebre chanteuse franceza Nita Falzon, estrella do Scala de Paris, que tomará parte na revista, entrando nos quadros da «Estrada da vida», da «Montanha de ouro» e da «Encruzilhada dos moinhos», cantando varias cançonetas e canções, sendo a ultima uma canção patriotica franceza, cantada por todos os soldados nos campos da batalha. Nita Falzon é uma artista fina, de rara distincção, lindas «toilettes», é uma «diseuse» encantadora, uma cançonetista de salão, e só toma parte em trez unicos espectaculos, amanhã, sabbado e domingo, não entrando no de sexta-feira por ser a recita do actor Joaquim Costa.

A questão das subsistencias

Os governadores civis de Coimbra e de Evora enviaram ao de Lisboa requisições de assucar para os seus districtos.

Os administradores dos concelhos da Lourinhã e de Setubal conferenciaram hoje com o chefe do districto ácerca da crise das subsistencias.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 2.—Conforme noticiámos, realisam-se no proximo domingo as provas finaes dos mancebos alistados n'esta sociedade; que terá logar no vasto Campo do Sport Lisboa Bemfica, em Sete Rios, ás 16 horas, devendo os alistados comparecer ás 14 horas prefixas no mesmo local.

Para esta festa já foram feitos convites a todo o ministerio, camara municipal, governador civil, general da 1.ª divisão, inspecção de infantaria, officiaes de terra e mar, etc.

Abrilhantará a festa a banda do regimento da infantaria 2. Os socios e os alistados podem requisitar na séde, rua do Guarda-Mór, 39, os bilhetes de entrada no campo, que são distribuidos mediante a apresentação do bilhete de identidade ou a ultima quota.

Os premios estão em exposição na séde, offerecidos pela camara, ministerio da guerra, instrucção, Fraternidade militar e diversas casas commerciaes.

Na séde está aberta a inscripção para mancebos da 1.ª secção, e maiores de 20 annos, 2.ª secção. A auxiliares que o desejem, todas as noutes se prestam todos os esclarecimentos.

ARTE DE FURTAR

N'um electrico furtaram a José Florencio Gomes, morador na rua de S. João da Praça, 18, 2.º, a carteira com 450$00 e papeis de importancia.

—Queixou-se Manuel de Moura, residente na rua Possidonio da Silva, 166, loja, de que os gatunos, tendo entrado em sua casa por uma janella, que arrombaram, subtrahiram petrechos de construcção civil no valor de 200$00.

A crise do papel

Foi distribuido profusamente um convite ás classes do livro e do jornal para reunirem em sessão magna amanhã, ás 21 horas, na séde federal, a fim de se tratar da crise do papel e do horario de trabalho.

ULTIMA HORA

Italia e Portugal

A entrega das credenciaes do novo ministro

O novo ministro de Italia em Portugal, commendador sr. Attilio Serra, fez hoje solennemente a entrega das credenciaes que o acreditam ministro d'aquella nação junto do governo da Republica. O novo diplomata seguiu para o palacio de Belem, acompanhado do 1.º secretario da legação e do sr. dr. Costa Cabral, chefe do protocolo do ministerio dos estrangeiros, sendo o «landau» escoltado por uma força de cavallaria da guarda republicana, indo á estribeira o tenente que commandava a força. A' frente dois soldados servindo de batedores. No pateo dos Bichos estava a guarda de honra, que era feita por uma companhia de infantaria da guarda republicana sob o commando do capitão sr. Ferreira, com a respectiva banda, a qual á chegada do novo ministro executou o hymno nacional. Em frente do palacio via-se numerosa multidão, que á passagem do cortejo se descobria com todo o respeito. O novo ministro foi introduzido na sala «Dourada», pelo sr. Barreto da Cruz, vendo-se na sala dos Bicos uma força de cavallaria da guarda republicana, desarmada. Na sala estavam os srs. presidente da Republica com os seus secretarios srs. Barreto da Cruz, Costa Lemc, officiaes ás ordens major Reis, capitão de fragata Newton, dr. Antonio José d'Almeida, presidente do governo e ministro das colonias, dr. Augusto Soares, ministro dos estrangeiros, dr. Mesquita de Carvalho, ministro da justiça, capitão de fragata Azevedo Coutinho, ministro da marinha, coronel Mousinho de Albuquerque, ministro do interior, chefe do gabinete do sr. ministro da guerra, secretarios dos ministros, officiaes de terra e mar, etc. O novo diplomata adeantando-se, leu o seguinte documento:

«Senhor Presidente:—Tenho a honra de entregar a V. Ex.ª a Carta Credencial com que o meu Augusto Soberano Sua Magestade o Rei de Italia me acreditou na qualidade de Enviado Estraordinario e Ministro Plenipotenciario junto da Republica Portugueza.

A's seguranças de alta estima e de constante amizade, aos votos pelas prosperidades da Republica de que sou portador da parte do meu Soberano, permitto juntar a expressão dos meus sentimentos pessoaes da profunda admiração e de viva sympathia pelo nobre povo portuguez.

No momento em que o povo italiano e o povo portuguez combatem lado a lado pelos mais elevados ideaes da justiça e da humanidade, no momento historico em que as côres communs das gloriosas bandeiras das duas nações latinas reflectem a confiança de todo o mundo civilisado no triumpho da civilisação e da egualdade, mais alta e mais agradavel se torna a missão do que fui encarregado, pelo que é grato assegurar a v. ex.ª que empregarei no seu desempenho os mais diligentes cuidados de modo a que resulte proficua aos dois paizes.

Por estas favoraveis circumstancias e por estes meus propositos confio que a minha missão merecerá o acolhimento e a plena confiança de v. ex.ª e confio por isso que o alto criterio de v. ex.ª e do seu illustre governo apreciando-a no seu justo valor, quererá favorecer-me com toda a sua benevolencia e apoio.»

O sr. dr. Bernardino Machado respondeu:

«Senhor Ministro:—Recebo com viva satisfação a Carta pela qual Sua Magestade o Rei de Italia vos acredita na qualidade de seu Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto da Republica Portugueza.

As seguranças de que sois portador, dos sentimentos de alta estima e amizade do vosso Augusto Soberano, os votos que da sua parte transmittis pela prosperidade da Republica, muitissimo me penhoram e encontrarão no paiz o mesmo sincero agradecimento que inspiram ao seu governo.

A comprehensão perfeita que mostraes das circumstancias do actual momento, em que o povo portuguez e o povo italiano combatem lado a lado na mesma harmonia de intuitos, irmanados em egual confiança no triumpho da causa commum, e confundido o verde-rubro dos seus gloriosos pavilhões nacionaes, assegura-me que desempenhareis da forma mais proveitosa para as duas nações a alta missão a que fostes chamado pela confiança do vosso rei e do vosso governo.

Podeis estar certo que aos esforços que vos propondes empregar para o maior estreitamento dos laços de cordealidade felizmente existentes entre Portugal e a Italia, corresponderão da parte do governo da Republica o mais leal concurso e a mais decidida boa vontade. O conhecimento que já tendes do meu paiz e do seu idioma, facilitando a vossa tarefa, realça os sentimentos de sympathia e admiração que exprimistes pela minha querida Patria, e as vossas distinctas qualidades garantem-vos, Senhor Ministro, todo o meu apoio e benevolencia.»

Terminada a cerimonia, o sr. dr. Bernardino Machado esteve conferenciando com o novo diplomata, havendo á sahida o mesmo cerimonial da entrada. A banda executou novamente a «Portugueza».

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro do trabalho regressa amanhã de manhã a Lisboa.

—O sr. ministro da guerra partiu esta manhã para o Porto, em visita aos quarteis da guarnição d'aquella cidade. O sr. Norton de Mattos deve regressar a Lisboa no proximo sabbado.

—O sr. ministro do fomento ainda se encontra na Figueira da Foz, um tanto incommodado, parecendo que só no principio da proxima semana regressará a Lisboa.

Juntas de parochia

DAS MERCÊS.—Na sua sessão de hoje tomou conhecimento d'um officio do administrador do legado Pina Rola; resolveu mandar imprimir uma circular-relatorio da subscripção patriotica e apresentar ao exame dos subscriptores as contas documentadas da receita e despeza da mesma commissão, installada na séde da junta; apreciou o actual crise de subsistencias, tendo o presidente da junta, sr. Raymundo Estrella, apresentado uma moção cujos pontos capitaes são os seguintes: Lamentar que as medidas até hoje tomadas pela commissão de subsistencias não tenham dado resultados apreciaveis, antes, pelo contrario, dão margem a perturbações pela desegualdade na confecção e applicação dos trabalhos incluindo n'ellas alguns generos, excluindo outros, dando isso logar ao desapparecimento completo d'esses productos nos mercados. A falta de carvão, tambem se faz sentir, havendo no entanto abundancia de lenha, sua materia prima. Na parte referente aos ovos, emquanto tiveram tabella desappareceram do mercado, apoz a resolução de os não mencionar nas referidas tabellas os ovos appareceram em abundancia. A junta, pois, convida o governo a suspender provisoriamente as tabellas, procedendo-se immediatamente a novos estudos, com elementos da Associação Commercial e Industrial e outros elementos que julgar conveniente, organisando-se novas tabellas, as quaes devem attingir todas as parochias do paiz. Outro sim lembrar ao governo e ás futuras commissões, procurar encontrar a causa dos aggravamentos de preços aos açambarcadores e nos pontos de origem, salvaguardando assim os interesses dos vendedores a retalho que são tão victimas como o consumidor.

A grande guerra

Os reforços russos

PARIS, 16.—Os exercitos russos que operam em Stokhod receberam numerosos reforços.—(Americana).

Combate naval não longe das costas da Suecia?

PARIS, 16.—Perto das costas da Suecia ouviu-se segunda feira um forte canhoneio. Crê-se que foi um recontro entre um comboio allemão escoltado por navios de guerra e navios russos.—(Americana).

Os italianos repellindo os austriacos até Tolmino

PARIS, 16.—Consta que as tropas italianas repelliram hontem os austriacos até Tolmino, tendo-se travado uma lucta formidavel nos arrabaldes da cidade.—(Americana).

Allemães aprisionados

No quartel da guarda republicana dos Paulistas estão detidos 12 allemães que chegaram de Africa, onde foram aprisionados quando do apresamento dos barcos allemães ali surtos.

O comicio na Batalha

Por subito incommodo do sr. presidente do ministerio, o comicio que devia realisar-se amanhã na Batalha ficou transferido para o dia 24.

Seguros de Guerra

A *Companhia Ultramarina* faz seguros terrestres de guerra e maritimos. *Rua da Prata, 1 e 8.*

Embaixador do Brazil

Inesperadamente, chegou hoje a Lisboa o novo embaixador do Brazil, sr. dr. Gastão da Cunha, que hoje mesmo esteve no consulado d'aquella nação.

O sr. dr. Gastão da Cunha foi hospedar-se no Avenida Palace.

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 1/8	35
Londres, 90 d/v. . .	35 3/4	—
Paris, cheque. . . .	$72,6	$73,1
Hollanda, cheque . .	$59	$59,5
Madrid, cheque . . .	1$43,5	1$44,5
Suissa, cheque . . .	$81	$82
New York	1$43	1$44
Rio s/Londres. . . .	12 11/16	—
Libras.	7$10	7$20
Agio do ouro. . . .	51 °/o	56 °/o

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$. . .	38,00	38,00
» » 500$. . .	—	38,00
» » 100$. . .	—	38,20

Obrigações d'Estado:—3 °/o 1905, 9$45; 4 1/2 1912, ouro, 93$20.

Externas:—1.ª serie 77$80 e 2.ª 77$.

Acções:—Banco de Portugal 183$; Lisboa & Açores 122$; Ultramarino, nominal 130$80 e coupon 130$60; Credito Predial 22$; Moçambique 8$45; Moagem 63$30; Phosphoros, coupon 51$80; Tabacos 86$20 Norte e Leste 31$80; Agricultura Colonial 120; Empreza Agricola Principe 5$45.

Obrigações: Prediaes 6 °/o, 94$ 5 °/o serie A, 45$50; Ambacas 97$; Norte e Leste, 2.º grao, 35$50; Moagem 96$; Caminhos de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$; Assucar 41$20.

ECHOS & NOTICIAS

(INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS)

VIAJANTES ILLUSTRES

Carmen de Burgos, a illustre redactora do «Heraldo» que ha dias se encontra em Portugal, regressou ante-hontem da Praia das Maçãs, onde esteve repoisando.

Hontem, assistiu, de uma friza, ao espectaculo no Republica, tendo-lhe sido enviado para aquelle theatro um formosissimo ramo de flores, offerta gentilissima da firma Lopes Limitada, da rua Garrett, a mais artistica casa de Lisboa, n'este genero, pelo apurado gosto que preside a todos os seus trabalhos, como ainda ha poucos dias se provou na decoração das salas do Paço de Belem, por occasião da recepção aos officiaes da armada ingleza.

NO CASINO DA PRAIA

Realisa-se brevemente, no elegante Casino da Praia, em Cascaes, um «cotillon» organisado por uma commissão de senhoras da colonia balnear. A direcção do Club tambem está organisando uma «matiné» infantil com premios para as creanças.

NO CINEMA DA PRAIA

Muito correcta a noite da moda de hontem n'este elegante salão animatographico. A vasta sala do Casino apresentava um dos mais bellos aspectos para, o que muito concorreu o grande numero de senhoras da nossa sociedade que ali deram «rendez-vous» e entre as quaes nos lembra ter visto as seguintes:

D. Vera Ferreira Pinto de Palma da Cunha, D. Alda de Sousa e Vasconcellos Alves e filha D. Maria Luiza, D. Maria Eugenia Freitas e Oliveira, D. Virginia Balthazar de Freitas, D. Maria Violante Segurado de Freitas, D. Marianna Victoria Pereira Castello Branco, D. Maria Rebello de Carvalho, D. Eugenia Avila e cunhada, madame Valle, D. Maria Alice Pereira da Costa e Silva e filhas D. Maria Eugenia e D. Maria de Lourdes, D. Maria do Rosario da Costa de Castro, D. Maria da Conceição Mattozo Pessanha, etc., etc.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos a sr.ª D. Maria Candida da Costa Pereira Peixoto e os srs. D. José da Cunha e Senna (S. Vicente) e dr. Arthur Leite de Amorim.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu hoje para Faro a sr.ª D. Joanna Hintze Ribeiro, viuva do conselheiro Hintze Ribeiro.

—Estão já em Cascaes o sr. Benjamim Cohen, sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmento Cohen e suas gentis filhas D. Dayre, D. Maria D. Vera e D. Manuela.

—Hospeda de seu irmão e cunhada, encontra-se em Cascaes a sr.ª D. Maria de Lourdes da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella).

—Com suas filhas D. Maria do Carmo e D. Ludovina, encontra-se nas Pedras Salgadas a sr.ª D. Sarah Roquette Costa Soares de Albergaria.

—Está em Cascaes com sua esposa a sr.ª D. Emilia Cardoso Pinheiro e suas gentis filhas D. Maria Sophia e D. Margarida, o sr. Julio Pinheiro.

—Para uso de aguas, partiu para Vidago o sr. Nuno de Freitas Queriol, director da Companhia de Moçambique.

LUTUOSA

Falleceu hoje a sr.ª D. Maria Beatriz Pereira da Silva Mendes, esposa do sr. Francisco Mendes, chefe de divisão dos correios e director interino da 2.ª divisão mãe do sr. Ruy Augusto da Silva Mendes, alumno da Escola de Guerra, e cunhada dos srs. tenente-coronel Moura Mendes, que se encontra em Kionga, e Julio Moura Teixeira, revisor do «Seculo», a quem, bem como á restante familia enlutada, enviamos os nossos pesames.

—Em Bellas falleceu a sr.ª D. Adelaide Figueiredo Fernandes, cujo funeral se effectua amanhã, sahindo da rua Candido dos Reis, d'aquella localidade, ás 15 horas, em direcção ao cemiterio oriental.

—Effectua-se amanhã o enterro do sr. Francisco Fernandes Gonçalves, sahindo o prestito funebre ás 15,30, da rua Oriental do Campo Grande, 180, 4.º, para o cemiterio oriental.

—A familia da sr.ª D. Maria Candida de Araujo Vasques manda amanhã celebrar uma missa commemorativa do trigesimo dia do fallecimento da bondosa senhora acto que se effectua ás 10,30 horas, na parochial do Soccorro.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Como nasceu a gymnastica de Ling em Portugal

Um breve esboço d'uma pagina de historia do sport em Portugal

Vá a noticia...

Tem o seu que de reclamo. Mas que importa? Podemos fazel-o com a consciencia de que falamos de nós, muito parcamente, o tanto temos adjectivado os outros, excessivamente.

Ha mezes que trabalhamos na compilação de documentos para formar um livro ao qual demos o titulo de «Memorias d'um propagandista», com o sub-titulo explicativo «Dezoito annos de vida de jornal».

N'esse trabalho, sem preoccupação litteraria, feito com a leveza e simplicidade que exigem as chronicas dos jornaes, não fazemos commentarios, não exploramos a critica de factos passados, não beliscamos ou adulamos a vaidade de qualquer. Fazemos o que um amigo nosso, que viu o esboço da publicação, disse ser a historia do «sport» em Portugal.

Amontoámos documentos, extractámos noticias de jornaes, reproduzimos actas e relatorios de clubs e servimo-nos de muitas cartas, centenas entre milhares que enchem o nosso archivo, para fazer melhor que em trabalho litterario, a historia dos ultimos annos de actividade sportiva. Para nós, o livro, tem uma apreciavel qualidade. E' a de destruir a ideia de que não temos espirito organisador, pois que tornamos publicos muitos documentos que a maioria julgava perdidos! Somos como se vê bastante previdentes, com feitio d'um paciente archivista.

Pois n'esses documentos... encontramos com que fazer a historia da introducção da gymnastica sueca entre nós. Para as columnas da «Capital» tentamos, agora, o mais preciso e esclarecedor resumo.

Foi ha já muitos annos...

Tinha chegado do estrangeiro um medico, o dr. Jorge Santos. Formára-se em Paris e estivera na Suecia estudando e praticando o methodo de Ling. Conhecido de gente do Gymnasio Club, tendo amigos entre aquelles que dirigiam n'esses tempos a prestimosa associação, resolveu depois de accordo e depois de Luiz Monteiro o sancionar, fazer um curso demonstrativo do que era essa gymnastica do norte.

Constituiu-se o curso. N'elle entraram, entre outros Luiz Monteiro, Walter Awata, João Roubeaud, Antonio Martins, etc. Nós tambem por lá andámos, tanto mais enthusiasmados quanto era certo que o saudoso Monteiro nos dera a direcção d'uma fracção de classe no club, arvorando-nos em «monitor», honra que ainda desvanecidos recordamos e que mantivemos durante uns cinco mezes.

Durou o curso o tempo preciso para se conhecer, muito superficialmente, o que era a gymnastica de Ling. Mas esse estudo, ephemero e rapido, se convenceu alguma coisa Luiz Monteiro, não o levou a abandonar de prompto, as suas theorias, bem antigas e muito queridas. Walter Awata, orientado pelo seu mestre, tambem não abdicou de tudo quanto sabia. O mesmo succedeu a outros dos alumnos, alguns dos quaes, ainda hoje, passados mais de 15 annos, conservam a intransigencia dos primeiros tempos.

Pois—e a esta conclusão queriamos chegar—tambem o dr. Jorge Santos se convenceu de argumentos contrarios! Intelligente e sem facciosismo, estudou o que lhe disseram. Tempos depois dirigia no mesmo Gymnasio Club uma classe de gymnastica sueca para meninas, a primeira que de «fundamento» sueco se abriu em Portugal e n'ella introduziu ligeirissimas modificações, apanhadas na sua anlyse medica, como necessarias para a creança portugueza.

Isto quer dizer que desde que nasceu em Portugal, a gymnastica sueca encontrou logo quem a reputasse, não má, mas precisando de adaptação.

Mas ha mais...

Para corresponder á ideia do curso que era de estudo para professores e para homens que dirigiam, n'essa epoca, a propaganda da educação physica, abrimos no Gymnasio Club uma aula de anatomia, sciencia medica que, então, conheciamos bem, como preparados, por necessidade, para as exigencias do velho Serrano, que, por amigo, mais longe levava a sua exigencia.

N'essa aula estiveram o proprio dr. Jorge Santos, recordando materia que lhe facilitasse os exames de repetição em Lisboa, Roubeaud, Awata, Martins, Luiz Monteiro. A aula tinha, por vezes, como ouvintes, o velho Dias, o coronel Avellar Telles, etc.

A uns ensinava materia nova, com outros estudava; com outros discutia-a. E d'esse estudo, d'essa discussão, mais arreigada ficava, em todos, a ideia de que a tal gymnastica de Ling era boa mas necessitava de adaptação: Isto já ha 15 ou 16 annos!

A aula teve tambem a ephemera duração de trez mezes. Deu para o estudo da osteologia do Serrano e resumo da miologia do Testut. Os alumnos ficaram reduzidos ao dr. Jorge Santos, Monteiro e Awata. Este foi o que resistiu mais.

Foi, como hontem dissémos, até á sala de dissecções da Escola Medica, onde verificou, no cadaver, a constituição e o valor funccional dos musculos. E porque chegou até lá e ouviu o professor Serrano falar de anomalias musculares, concluiu que se havia organismos differentes tambem a gymnastica tinha de ser differente.

Eis o motivo porque certos professores que são estudiosos e intelligentes, apresentam ainda «rotulada» como sueca uma gymnastica que não é sueca.

E, quer queiram ou não, havemos de chegar ao que futuramos—o arranjo d'uma gymnastica nacional—nacionalisada se quizerem—mas propria de gente portugueza.

Ler amanhã n'"A Capital,,:

Uma noticia de varias proezas de guerra de homens de «sport» e commentarios á organisação da instrucção militar da mocidade.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sport Lisboa e Bemfica

São convidados a comparecer no domingo, ás 18 horas, no Caes da Viscondessa, (a Santos), os seguintes nadadores effectivos e supplentes, que constituem a «equipe» representativa do club, no campeonato de 500 metros, para a disputa da «Taça Luiz de Camões»:

Carlos Sobral, Idelino Lima, Francisco Lima, Henrique Galvão, Antonio Soares, Rozendo Silva, F. Moraes e Mattos e A. Vinhas.

União Velocipedica Portugueza

Em virtude de não ter sido possivel a conclusão dos trabalhos do Congresso d'esta Federação, por falta de numero, foi convocada nova reunião para o proximo dia 18, pelas 21 horas.

Ha importancia nos assumptos a tratar que são de inadiavel resolução.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

Não ha assucar no Porto

Os manejos dos açambarcadores

PORTO, 14.—Deixou de vender-se nas esquadras o assucar que a commissão de subsistencias vinha fornecendo ao publico a 37 centavos o kilo. Desde hontem que este genero de primeira necessidade é apenas vendido nas regedorias e sédes das juntas de parochia, e não todos os dias, mas apenas dois por semana e em pequena quantidade, visto que já não é fornecido á camara um vagon diario, como até ha pouco acontecia.

Hoje, a carestia accentuou-se mais, dando-se ás portas das sédes das juntas pequenos conflictos por causa do enorme ajuntamento de povo que, todo ao mesmo tempo queria ser servido, não faltando censuras á commissão de subsistencias por se não ter prevenido — como aliás lhe foi aconselhado por um dos seus vogaes —contra a ganancia dos açambarcadores e negociantes pouco escrupulosos, que teem sido os maiores concorrentes, por emissarios que mandavam ás esquadras e agora ás juntas, recolhendo por dia algumas arrobas que armazenavam cuidadosamente, para agora, que o assucar municipal falta, o venderem, «o mesmo» e talvez «peor», pelas misturas que lhe fazem, a 70 e 80 centavos o kilo, isto é, pelo dobro e mais do que a camara o vendia ao povo.

A commissão de subsistencias sabia d'este jogo e não se previu contra elle. Agora, ahi tem o resultado. O povo consumidor, o operariado, as classes modestas atiram-lhe a culpa e a commissão mal pode deffender-se.

Porque não fez a distribuição, quando o assucar abundava, por meio de bilhetes de requisição domiciliaria,—não dando á cada familia mais do que o sufficiente, mais do que o necessario para um determinado periodo de tempo, e não lhe fornecendo mais, sem que esse praso terminasse?

Isto lhe foi aconselhado, e *A Capital* fez-se echo d'esta medida previdente. Não a tomou. Deixou que os açambarcadores esgotassem o «stock»; que a «corrida» ao assucar fosse constante; que a maior parte dos que precisavam ficassem sem elle e os açambarcadores se enchessem... Agora que soffra as consequencias da sua imprevidencia.

E' necessario que se tomem providencias serias e immediatas sobre o assumpto. O assucar é um genero de primeira necessidade, e não deve a auctoridade consentir n'esta exploração escandalosa da maior parte dos negociantes e estarem vendendo a 70 e 80 centavos o kilo. E já se diz que, assim que o assucar falte nas sédes das juntas, o que não tardará muito, o kilo custará um escudo.

O sr. governador civil tem demonstrado boa vontade, energia e intelligencia na questão das subsistencias publicas. Esperamos que mais uma vez se interesse por ella, e consiga que o povo tenha o assucar que precisa, sem que á sombra d'uma iniciativa benemerita, como foi a da Camara, os exploradores, os gananciosos, os açambarcadores façam um jogo ignobil e deshonesto, cravando na miseria publica as garras aduncas do seu egoismo e da sua insaciavel cupidez.

J. P.

AS ESCOLAS MOVEIS OFFICIAES

O que os seus professores reclamam

Se não forem attendidos, 244 servidores do Estado ficarão em precarias circumstancias

Publicamos a seguir a representação que os professores das Escolas Moveis do Estado apresentaram ao sr. ministro da instrucção, E' um documento que não deve passar despercebido aos srs. deputados e senadores. Eil-o:

Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro da Instrucção.—Os professores das Escolas Moveis do Estado, em sua reunião ultima, resolveram trazer perante V. Ex.ª, por meio d'esta commissão, as reclamações que da exposição que se segue constam.

As Escolas Moveis, criadas com o fim immediato do ataque ao analphabetismo, consistiam, pela sua lei organica, em cursos para adultos que teriam, por isso mesmo, de funccionar apenas de noite. Estabelecia essa lei o ordenado de 400$ annuaes aos professores e subsidio de residencia aos de Lisboa e Porto. Pelo artigo 15.º da lei orçamental de 1914-1915, logo no anno immediato, portanto, o ordenado dos professores ficou reduzido a 30$ mensaes durante os doze mezes do anno lectivo, não se referindo a lei orçamental aos mezes de agosto e setembro nem aos subsidios de residencia. Em compensação os professores eram por esse mesmo artigo 15.º da citada lei «obrigados a reger um curso diurno para creanças dos dois sexos e outro nocturno para adultos tambem dos dois sexos». Isto é, o trabalho e as responsabilidades cresciam na razão inversa da remuneração, para synthetisarmos tudo n'uma formula. A iniquidade era tão grande, Ex.mo Ministro, que o orçamento de 1915-1916 no artigo 19.º procurou remedial-a criando «os subsidios de ferias aos que, pelo seu bom serviço, devam ser reconduzidos». Consistiam na importancia de 50$ pelos dois mezes de agosto e setembro, e os professores, apezar de esse subsidio junto ao ordenado do anno lectivo os deixar em situação monetaria inferior á que tinham pela lei organica, renovaram os seus contractos confiados em que receberiam 350$ annuaes. E confiavam tanto mais quanto do artigo 19.º do orçamento de 1915-1916 ninguem pode lealmente inferir que o subsidio fosse estabelecido com um caracter de excepção. Depressa a sua boa fé foi illudida, aos professores das Escolas Moveis do Estado uma provocação mais estava destinada.

O orçamento para o anno 1916-1917 nem o subsidio já inclue, e em seu logar consigna um premio para os que mais se tenham salientado. Ora além do mais esse caracter de excepção magoa-nos profundamente. E' o esforço e a competencia que se quer distinguir? Mas como avalial-os?

Pelos resultados finaes? E' um methodo falso que só leva a injustiças. Se as missões começassem todas em egualdade de circumstancias poder-se-hia então, pelo aproveitamento final, calcular aproximadamente o merito do missionario, mas só aproximadamente pois que mesmo assim o feliz decorrer das missões depende de mil coisas independente até da vontade de professores e alumnos. A triste verdade, Sr. ministro, é que o Estado nas suas relações com o professorado das Escolas-Moveis tem procedido sempre da forma mais arbitraria. E' a primeira vez que se verifica este phenomeno: diminuição de regalias e de direitos com o decorrer do tempo, a par de um augmento de deveres e obrigações. O phenomeno inverso é vulgar e mais logico. As condições de vida tornam-se de anno para anno mais exigentes e mais difficeis. No periodo doloroso porque o Mundo passa, e principalmente em o nosso paiz, essas condições então aggravam-se sensivelmente quasi de dia para dia, E tanto, e de tal modo se aggravam que para os professores que teem familia o ordenado de 30$ serve apenas... para morrerem de fome lentamente.

Por que diz respeito ás professoras o que se passa é tão iniquo que nós, lembrando-nos que vivemos, para mais, n'uma Republica Democratica, só por engano podemos admittir que se tenha procedido tão injustamente com ellas. As professoras das Escolas-Moveis além dos damnos por que os professores teem passado ainda soffreram este anno uma reducção de 6$ mensaes nos seus ordenados.

E essas são as que regem as missões que figuram no orçamento com o nome de «femininas» designação que não corresponde á verdade porque se reconheceu pela experiencia que as missões puramente femininas em terras sem escolas para o sexo masculino eram quasi improficuas. Assim, essas missões sendo de facto para os dois sexos, exigindo-se ás suas professoras a mesma quantidade e qualidade de trabalho das que regem escolas que teem a designação de mixtas, são peor remuneradas que estas ultimas.

Repetimos, só por engano o auctor do orçamento podia ter estabelecido essa desigualdade.

Do que fica exposto, sr. ministro, vê v. ex.ª quanta razão nos assiste e quão digna é a nossa causa da attenção e da boa vontade de v. ex.ª. A situação dos professores das Escolas-Moveis necessita definir-se, precisar-se de uma vez para sempre. Não ha possibilidade de trabalho sereno e proveitoso quando se não sabe o que nos reserva o dia de amanhã. Tres annos de serviços prestados á Republica e á instrucção popular são garantia bastante da nossa dedicação. E porque assim é, porque temos por nós o direito e á justiça esperamos do alto espirito de v. ex.ª a reparação de todos esses agravos a satisfação das nossas reclamações que por emquanto se podem resumir assim:

1.º Concessão do subsidio de ferias nos termos do art, 19 da lei orçamental de 1915-1916 abrangendo os mezes de agosto e setembro.

2.º Identidade de ordenado, como até aqui, entre professores e professoras». (Seguem-se as assignaturas).

Feira de Agosto

A barraca-kermesse que tem funccionado na Feira de Agosto em proveito do cofre do Albergue das Creanças Abandonadas reabriu hontem á noite, tendo numerosa concorrencia.

A's extracções, que foram numerosas e correram animadas, assistiram dois directores d'aquella benemerita instituição e um grupo de albergadas, que venderam sortes.

De futuro presidirá ás extracções de premios o sr. Machado Correia, que faz parte dos corpos gerentes do Albergue.

Jardim Zoologico

E' realmente notavel a curiosidade que no publico desperta o curioso hippopotamo da Zambezia. O animal que ao chegar ao parque das Larangeiras vinha cançado de uma longa viagem de cincoenta e cinco dias, apezar do excellente tratamento a bordo do vapor e dos cuidados do pessoal da sempre sollicita Empreza Nacional de Navegação, hoje, tendo um grande tanque onde póde banhar-se á vontade e herva sempre fresca e tenra que elle muito aprecia apresenta-se com um bello aspecto, andando muitas vezes a brincar dentro d'agua. Acha-se quasi domesticado, obedecendo á voz do tratador a quem faz festas e seguindo-o dentro d'agua para qualquer lado que elle vá. A grande jaula em que veio o hipopotamo vae ser brevemente enviada para a Zambezia e ha todo o empenho e esperança em apanhar um hipopotamo macho para juntar á femea do Jardim Zoologico.

THEATROS

A festa de Chaby

A empreza do theatro Apollo promove ámanhã uma recita em homenagem a Chaby Pinheiro, que tem sido incontestavelmente a alma da revista *1916*. O illustre comediante, consagrado no theatro de comedia e drama prestou-se gentilmente a ser a primeira figura masculina da revista de André Brun e n'ella creou quatro typos que são, sem desprimor para os seus camaradas, o maior attractivo da peça. No merceiro do 2.º quadro, no *Optimista* do 3.º, no *Bom senso* do quadro da Censura e finalmente no *Penetra*, já hoje popular, Chaby affirma a maleabilidade do seu talento, a sua prodigiosa veia comica e a sua collaboração sempre intelligente. No novo quadro, estreado ha dias, creou Chaby *O pateta das luminarias*, synthese alfacinha a que dá o maior relevo.

Na festa de ámanhã, *1916* representa-se em espectaculo inteiro. Chaby, além de um novo episodio da fita do Penetra, que excepcionalmente será acompanhado pelos anteriores, dirá uns versos do poeta brazileiro Mario de Artagão. No quadro da Censura que reapparece pela unica vez, os camaradas de Chaby interpretarão varios numeros lyricos, alguns fados, monologos comicos, etc. A festa é dedicada á colonia brazileira e a ella assistem o pessoal da legação e do consulado. Chaby terá mais uma occasião de vêr quanto é estimado e devidamente apreciado pelo publico e a carreira de *1916* ficará assignalada com mais uma noite de festa e de alegria.

PEQUENAS NOTICIAS

No banco do hospital de S. José recebeu curativo Zulmira d'Abreu, moradora na rua Gomes Freire, 74, que tentou suicidar-se com sublimado. A' enfermaria 4 recolheu Luiz Antonio Cardoso, de 14 annos, residente no Valle Escuro, quinta do Meio, que encontrando no caminho uma bomba de dynamite com rastilho lhe deitou fogo, esphacelando-lhe a explosão trez dedos da mão esquerda.

—O menor de 3 annos Raul Bernardino Santos, morador em Cezimbra, foi attingido por um coice d'um burro, ficando muito ferido na cabeça. Vindo para Lisboa, depois de operado recolheu á enfermaria 1 do hospital Estephania.

Francisco Fernandes Gonçalves

FALLECEU

Francisco Fernandes Gonçalves e Francisco F. Gonçalves Junior, cumprem o doloroso dever de participar aos demais parentes e pessoas de suas relações o fallecimento de seu extremoso filho e irmão, cujo funeral terá logar ámanhã, quinta-feira, pelas 3 e meia horas da tarde, sahindo o prestito funebre da sua residencia, rua Oriental do Campo Grande, 180, 4.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

Desde já agradecem a todas as pessoas que assistirem a este piedoso acto.

guma, porém, n'esse primeiro dia causou maior horror e indignação do que o assassinio, a sangue frio, d'um certo numero de membros do corpo de Veteranos, homens que, não sendo já aptos para o serviço activo, servem comtudo para dar realce a algumas solemnidades e prestar o auxilio que lhes é possivel e que é compativel com as suas forças.

Esse corpo tinha sahido n'esse dia do seu quartel, em passeio, e voltava, com as armas descarregadas e sem levar cartuchos, como de costume, quando lhe foi feita uma emboscada na estrada de Hadington e sobre elle se fez fogo, sem um aviso prévio sequer.

Cinco morreram, quatro ficaram gravemente feridos, conseguindo os restantes chegar ao quartel.

Tudo isto se passava emquanto a systematica occupação da cidade e das suas immediações ia-se fazendo, mais ou menos segundo o plano assente. Que houvera um programma cuidadosamente pensado e que fôra transmittido aos varios districtos prova-o um livro de notas encontrado a um dos rebeldes de Wexford, contendo uma lista de todos os sitios que deviam ser occupados em Dublin logo que o movimento rebentasse.

Dublin, como já dissemos, está bem situada para tal operação, estando as estações de caminho de ferro e as pontes dos canaes todas n'uma area compacta. Os quarteis militares estão situados, como que para dominarem a entrada para Phœnix Park, para o Paiol e a Estação da Ponte do Rei, que leva ao acampamento de Cunagh—em Kildare, onde o grosso das tropas está geralmente concentrado.

Um pouco a oeste e mais proximo do Paiol, estão os quarteis da ponte de Island, pouco distante do hospital de Kilmainham, residencia do commandante irlandez em chefe. Cobrindo uma importante ponte na estrada que leva para sul ficam os quarteis de Portobello.

A ponte de Mount Street e a de Balls ficam na importante estrada de Kingstown, ficando os quarteis mais proximos em Beggar's Bush.

Não ha duvida que os rebeldes conheciam a fraqueza da guarnição de Dublin e que difficilmente havia tropas para occupar os edificios, de modo que podiam executar os seus planos sem receio de serem incommodados a valer emquanto não chegassem reforços.

A posição mais importante occupada sob o ponto de vista do derramamento de sangue que se seguiu foi a ponte de Mount Street, proximo do cruzamento das estradas de Pembroke e Northumberland. Dominava a principal estrada que vinha de Kingstown, estrada por onde deviam vir as tropas de Inglaterra, sendo impotentes os poucos soldados que havia em Beggar's Bush para prestar auxilio.

A ponte de Portobello ao sul e a de Cabra ao norte foram tambem occupadas, sendo a ultima conveniente para vigiar o Midland Great Western Railway, cuja estação terminal em Broadstone foi egualmente occupada.

Outros edificios foram ainda tomados, entre elles fabricas de pão e de milho, assim como de biscoitos, sem duvida para que não faltassem as provisões.

Além de se não terem apoderado do castello, cuja occupação teria constituido um grande successo moral e diplomatico, o deixarem de se apoderar de Trinity College foi egualmente um dos grandes erros dos rebeldes.

Era uma porta aberta deante d'elles e se tivessem tido a coragem de a tomar teriam obtido uma enorme vantagem, porque Trinity College tinha a dentro das suas paredes uma mancheia de officiaes do corpo de exercitamento.

Quando a cidade cahiu nas mãos dos rebeldes, a multidão, alguns soldados extraviados e policias encontraram abrigo no Collegio e, acima de todos, uma meia duzia de neo-zelandezes, que demonstraram ahi o maior valor.

Mas a principio não podia ser defendido e com o seu magnifico gru-

choa quando o «exercito» que estava em Beresford Place começou a dividir-se em secções que seguiram a occupar os logares que lhes haviam sido designados.

Um quarto de hora antes do meio dia, um automovel conduzindo o governo provisorio e seguido por uma força de uns duzentos homens bem armados, dirigiu-se de Beresford Place para Abbey Street e seguiu por essa rua em direcção ao edificio dos correios, onde se deliberára que fôsse estabelecido o quartel general da Republica.

O local não era mal escolhido, desde que se saiba que o edificio dos correios é, ou antes era, uma edificação isolada, de pedra massiça, dominando a principal rua da cidade.

Era tambem o local d'onde partiam todos os fios telegraphicos e cabos para as communicações com a Irlanda e a Inglaterra.

Grande numero de empregados estavam entendidos com os Sinn Fein, de modo que não houve difficuldade alguma em ser occupado todo o edificio antes de ser dado o alarme.

Tudo correu em conformidade com o plano combinado. Chegando ao edificio dos correios, os Voluntarios entraram com impeto, o publico foi expulso das salas do rez do chão e os empregados leaes receberam ordens sob a ameaça de revolvers apontados ao peito.

As janellas baixas foram barricadas, provisões foram requisitadas d'um hotel proximo e tudo foi preparado para uma prolongada occupação até o paiz se levantar e acclamar o seu novo governo.

A fim de não deixar duvidas quanto ás suas intenções, a grande bandeira da Republica Irlandeza Independente foi hasteada com todas as formalidades sobre o portico, emquanto os dirigentes appareciam com toda a solemnidade na rua e no sopé da estatua de Nelson liam a proclamação estabelecendo o «Governo provisorio da Republica Irlandeza».

As principaes passagens d'esse documento são dignas de ser reproduzidas para que as nações amigas e a posteridade possam conhecer e julgar do caracter do emprehendimento que terminou por um tal desastre.

Não se allegava nenhum aggravo nem erros de governo, assim como allusão alguma era feita ao Home Rule: apenas um brado contra uma raça odiada e a mania revolucionaria. A Inglaterra e o povo inglez eram uma potencia estrangeira que devia ser expulsa do paiz com o auxilio dos allemães—os «valentes alliados» da Irlanda—e os rebeldes eram convidados a apunhalar o imperio pelas costas quando elle estava envolvido n'uma lucta de vida ou morte com as forças do barbarismo e da selvageria na Europa.

Diziam essas passagens:

«Tendo organisado e exercitado os seus adeptos por meio da sua secreta organisação revolucionaria, a Fraternidade Republicana Irlandeza, e por meio das suas organisações militares ás claras, os Voluntarios Irlandezes e o Exercito Civil Irlandez, tendo pacientemente aperfeiçoado a sua disciplina, tendo resolutamente aguardado o momento proprio para se revelar, aproveita esse momento e, apoiada pelos seus filhos exilados na America e pelos seus valentes alliados na Europa, mas confiando principalmente na sua propria força, fere o golpe, plenamente confiada na victoria.

«Proclamamos o direito do povo da Irlanda ao dominio da Irlanda e a gerir os seus destinos. A longa usurpação d'esse direito por um povo e um governo estrangeiros não póde extinguir esse direito, só assim podendo succeder quando o povo irlandez fôr destruido.

«De geração em geração o povo irlandez tem affirmado o seu direito á liberdade e soberania nacionaes; por seis vezes no passado, durante trezentos annos, o tem elle affirmado com as armas na mão.

«Fundando-nos n'esse direito fundamental e de novo pegando em armas á face do mundo, proclamamos aqui a Republica Irlandeza como

Festas populares

As da Senhora da Nazareth

Realisam-se no domingo, na capellinha da Senhora do Porto, freguezia da Carvoeira, concelho de Mafra, com pompa, as tradicionaes festas da Senhora da Nazeth, que só ali se fazem de 17 em 17 annos.

Além das festividades religiosas ha fogo preso e do ar, illuminações á moda do Minho, bailes e arraial abrilhantado pelas philarmonicas da Ericeira e de S. João das Lampas, do concelho de Cintra.

A commissão que promove as festas e que tem sido incançavel para que ellas tenham o maior brilhantismo é composta dos srs. Manuel Lopes, Manuel Simões, A. Correia Pedroso, Adão Ignacio, Manuel Ladeira e José Regina.

O sitio onde as festas se realisam é lindo e pittoresco e fica a dois kilometros antes da Ericeira. Da estação de Cintra ha carreiras de automoveis ás 9 horas.

Protecção á infancia

Internato Infantil dr. Affonso Costa

A commissão promotora da fundação d'este internato pede a todas as pessoas que tenham em seu poder listas e bolotins da subscripção que os remettam, com a possivel urgencia, para a séde da commissão, rua da Lapa, 84, rez-do-chão, direito, visto desejar que todas as contas se liquidem antes da inauguração do internato na Paredo, que se realisará em 4 de outubro.

As obras de reparação, na casa do futuro internato, começaram esta semana e espera-se que muito em breve estejam concluidas.

Está aberto concurso para admissão de pessoal o futuros internados, terminando o praso para recebimento dos memoriaes e documentos respectivamente, nos dias 23 do corrente e 15 do proximo mez.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Associação do Registo Civil—Na séde associativa, Largo do Intendente, 45, 1.º, reune hoje a commissão de propaganda, pelas 21 horas, em sessão ordinaria, conjunctamente com os membros da commissão auxiliar da kermesse e com os delegados e representantes geraes que porventura em Lisboa se encontrem. Ha assumptos importantes a tratar, especialmente a kermesse do proximo mez de setembro e a correspondencia trocada a respeito da mudança de local do jazigo de Sára de Mattos, no cemiterio oriental, pelo que se pede que ninguem falte.

A arte de furtar

Queixou-se Domingos Maria, residente na rua de S. João da Matta, 92, loja, de que uma sua creada de nome Maria, que disse ser de Vizeu, lhe furtou um cordão de ouro no valor de 190 escudos, que tinha escondido debaixo do travesseiro. Tambem se queixou Francisco Luiz Rebello, residente na rua Latino Coelho, 35, 4.º, actualmente residindo no chalet Elvira, no Estoril, de que os gatunos entraram em sua casa e furtaram 3 tapetes e diversas de roupas no valor de 60 escudos.

Foi presa Maria da Fonseca, moradora no becco dos Clerigos, 6, 1.º, a pedido de Felismina Francisca, com ella moradora, que a accusa de lhe haver furtado uma cautella referente a um cordão de ouro no valor de 50 escudos, roupas e objectos de ouro no valor de 35 escudos.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 21—Recita de 1916—(Revista), homenagem a Chaby Pinheiro—

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

A'MANHà — *Apollo* — Recita offerecida a Chaby Pinheiro. *1916* em espectaculo inteiro. Numeros novos. Versos de Mario de Artagão.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista do Commercio—Está publicado o n.º 37 d'esta revista da Associação Academica do Instituto Superior de Commercio. Traz collaboração do professor sr. dr. Veiga Beirão e do sr. Sousa Marques.

BÉLAS

D. Adelaide Figueiredo Fernandes

Falleceu

Beatriz da Conceição Figueiredo Fernandes, Laura da Gloria Figueiredo Fernandes, Maria Luiza Figueiredo Fernandes Costa, Joaquim Adriano de Moraes Costa, Antonio Joaquim Abrantes e Idalina Maria Vieira Abrantes, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações o fallecimento de sua muito querida mãe, sogra, cunhada e tia, D. Adelaide Figueiredo Fernandes, e que o seu funeral se realisará ámanhã, 17 do corrente, pelas 15 horas, sahindo o prestimo da Avenida Candido dos Reis, Bélas, para o cemiterio oriental.

Não se fazem convites especiaes.

D. Maria Candida de Araujo Vasques

Missa do 30.º dia

Ricardo Pereira de Araujo Vasques, esposa e filho, Angelina Candida Vasques e filha, Hamilton de Araujo Vasques, esposa e filhos, Antonia Candida Vasques e filha, Elvira Candida Vasques Campos, marido e filha, Julio de Araujo Vasques e esposa e Maximiana Nogueira Vasques e filho, mandam resar ámanhã, 17 do corrente, pelas 10 e meia horas da manhã, na egreja parochial de N. S. do Soccorro, uma missa do trigessimo dia, suffragando a alma de sua sempre chorada e extremosa mãe, sogra e avó.

Desde já agradecem a todas as pessoas que assistirem a este piedoso acto.

Estado soberano independente e empenhamos as nossas vidas e as vidas dos nossos camaradas em armas á causa da sua liberdade, do seu bem estar e da sua elevação entre as nações...

«Até as nossas armas terem proporcionado o momento opportuno para o estabelecimento de um governo nacional permanente, representante de todo o povo da Irlanda e eleito pelos suffragios de todos os seus homens e mulheres, o governo provisorio aqui constituido administrará os negocios civis e militares da Republica em nome do povo.»

Este manifesto não tinha o apoio ou a assignatura d'um unico representante eleito por qualquer secção do povo irlandez ou de qualquer homem que tivesse adquirido influencia por serviços publicos prestados á Irlanda.

Os que o assignaram eram um convicto dynamitista, poetas, jornalistas e mestre-escolas pouco conhecidos, uma corporação official nova e um dirigente syndicalista que tinha por mais d'uma vez tido de ajustar contas com os tribunaes por offensas contra a ordem publica.

Todos foram mortos durante a lucta ou por sentença dos tribunaes marciaes, livrando-se assim do julgamento dos homens, mas póde alguem admirar-se da indignação com que o «leader» do partido parlamentar irlandez se referiu a taes homens, que falavam em nome da Irlanda e inundaram de sangue o seu paiz a instigações d'um inimigo estrangeiro?

O movimento—escreveu Redmond—era louco e anti-patriotico: «A Allemanha urdiu-o, a Allemanha organisou-o, a Allemanha deu dinheiro para elle. Tão longe quanto uma sombra da Allemanha ahi entrasse, uma invasão allemã da Irlanda seria tão brutal, tão cynica como a invasão allemã da Belgica».

O pretexto de invocar a Allemanha como protectora dos direitos soberanos de nações [illegible] foi assim apreciado pel[illegible] irlandez:

«O que soffreu a Irlanda no passado, em comparação com o que teem soffrido a Polonia, a Alsacia, a Belgica e a Servia nas mãos da Allemanha, podendo ainda accrescentar-se a parte do solo da França, a sua velha amiga e alliada, que está nas mãos dos allemães? O que tem feito a Allemanha senão supprimir a nacionalidade, a liberdade e a lingua, em poucas palavras a suppressão de todas as coisas pelas quaes a Irlanda tem luctado durante seculos, a victoria das quaes a Irlanda conseguiu?»

Ao dizer taes palavras, mr. Redmond podia ter accrescentado as palavras que Robert Emmet proferiu mais d'um seculo antes ao repellir a accusação de ser um emissario da França, e que eram as seguintes:

«E' falso, não sou um emissario... Ao contrario, é evidente do preambulo do documento do governo provisorio que tudo o que tenda a provocar o esforço de independencia é preferivel ao risco fatal de introduzir um exercito francez no paiz. Quando o espirito fluctuante da liberdade franceza não estava ainda fixo e limitado pelas cadeias d'um despota militar, podia ser uma politica desculpavel o ter pensado na alliança da França, como se fez em 1798.

«Podia não ter sido grande risco o acceitar o auxilio francez com um tratado garantido como o que Franklin obteve para a America. Mas no momento actual... olhando ao procedimento da França para com os outros paizes, vendo como ella tratou a Suissa, a Hollanda e a Italia, podiamos esperar que procedesse melhor comnosco? Não deixem homem algum ultrajar a minha memoria, acreditando que eu pudesse ter as esperanças de liberdade por intervenção do auxilio da França e insultasse a sagrada causa da liberdade confiando-a ao poder do seu mais encarniçado inimigo.»

A idéa d'uma revolução feita e paga pela Allemanha não trouxe

qualquer responsabilidade aos cidadãos de Dublin, embora, com a timida subserviencia que os caracterisa, nada fizessem para se lhe oppôrem ou a supprimirem.

A população ficou attonita ao presenciar o espectaculo d'uma meia duzia de homens, de muitos dos quaes nunca ouvira falar antes, declararem-se a si mesmos o governo da Irlanda, apoderarem-se dos edificios publicos e erguerem barricadas nas ruas em nome da Republica Irlandeza.

A Irlanda estava excepcionalmente prospera durante a guerra e devido á guerra e Dublin não pensava de modo algum em perturbar a ordem de coisas existente. N'essa segunda feira de Paschoa as ruas estavam cheias de gente, que não deu pelas marchas e contra-marchas dos Sinn Fein na sua cidade. Só quando as janellas do edificio dos correios começaram a ser derruidas, tiros disparados e carros electricos parados e voltados é que perceberam que alguma coisa de serio se estava passando. E ainda o lado negro do movimento se não revelára. Emquanto o edificio dos correios estava sendo aprovisionado e barricado como um quartel general fortificado, outros corpos de rebeldes eram mandados ocupar certas casas e posições, sendo immediatamente fuzilado quem quer que oppunha resistencia.

A primeira victima foi um indefeso policia, desarmado, na porta superior do castello, que foi morto a sangue frio quando se atreveu a contestar o direito d'uma multidão armada penetrar no parque.

Teria sido para os rebedes coisa facilima, tanto mais que eram em numero de trinta, entre elles duas mulheres armadas de revolvers, afastar o policia, prendel-o mesmo, mas preferiram assassinal-o. Não havia mesmo motivo militar que desculpasse o crime, porque tentativa alguma seria foi feita para tomar e occupar o castello.

Limitaram-se a disparar duas salvas de tiros contra as janellas, do parque do castello, e foram-se embora ao apparecer uma sentinella, que fechou a porta.

E' um dos mysterios da insurreição o motivo por que os rebeldes, tendo feito tantas coisas, não tiveram a coragem de ir até ao fim e apoderarem-se e occuparem o castello. A porta era facil de escalar ou ser arrombada. Havia poucos homens na casa de guarda e diz-se ainda que não tinham cartuchos para as espingardas!

Por outro lado, não tentaram matar. Além de que a praça d'armas, que é apenas um espaço rodeado de edificações de tijo vulgar, era indefensavel, por ser dia santo estava desoccupada. O sub-secretario de Estado estava na sua secretaria com alguns empregados e os aposentos do vice-rei, transformados em hospital, estavam occupados por feridos e enfermeiras.

O vasio City Hall, para onde se entrava pela porta do castello, foi occupado pelos rebeldes quando retinavam d'uma empreza mais seria, os escriptorios do «Daily Express» do outro lado da rua foram tambem tomados.

Foi esse o final do maior fiasco da rebellião, pois os insurgentes nada fizeram ahi e só permaneceram nos seus novos quarteis até ao dia seguinte, em que as forças militares d'ahi os desalojaram.

No edificio dos correios as coisas passavam-se de modo diverso. Fogo sem uma pontaria determinada começou das janellas e do telhado e muitos transeuntes civis foram mortos antes de comprehenderem o que estava succedendo. Os primeiros soldados a cahir foram alguns lanceiros, que tinham ido escoltar um comboio de vagons de munições ao paiol de Phoenix Park.

Quando d'ahi voltavam, de nada suspeitando, seguiram pela rua de Sackville. Ao passarem em frente do edificio dos correios, foi contra elles dada uma salva, que matou quatro homens, conseguindo os restantes fugir.

Houve tambem alguns soldados isolados mortos nas ruas quando recolhiam aos seus quarteis. Coisa al-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2158—7.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 17 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço telegr. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Em Africa

O *Seculo* inseriu hontem a seguinte nota, evidentemente officiosa:

«O nosso governo recebeu hontem um telegramma do general inglez Smuts, commandante das tropas britannicas que operam na Africa Oriental allemã, no qual diz esperar concluir a campanha no praso de dois mezes, com a derrota absoluta dos allemães e a conquista do seu territorio.»

Concebida n'estes termos, ésta noticia afigura-se incompleta, e d'ahi mesmo a impressão de estranheza com que ella foi acolhida pela opinião.

Com effeito, que quer dizer esta noticia?

Por que motivo se dirige o general Smuts ao governo portuguez annunciando-lhe para um praso curtissimo a conclusão da campanha contra os allemães?

Porventura pretende elle, general, significar que não necessitemos enviar mais tropas para atacarmos esses allemães, cuja colonia é limitrophe do territorio de Portugal—do Portugal, a quem a Allemanha declarou guerra e que não tem outro ponto no mundo onde possa passar a fronteira inimiga para fazer collocar o inimigo sob o fogo dos seus canhões? E será com effeito verdade que o governo portuguez para lá entende dever enviar mais tropas?

Ou, ainda n'outro caso, pretende o general Smuts accentuar por essa fórma que não devemos combater os allemães, mesmo com as forças que já estão n'aquelle ponto de Africa, deixando-o inteiramente só na campanha?

Entende o general Smuts que nós nos lêmos intrometter n'um assumpto com que nada tinhamos? N'esse caso, que pensa de Portugal, dos seus brios, dos seus interesses, da sua acção, esse mesmo general Smuts?

Todas estas perguntas estão no espirito publico, e se o general Smuts não é um general inglez, mas um general boer, como se nos afigura, a questão, não tendo nos dois casos a mesma significação, nem por isso deixa de apresentar um aspecto muito singular.

E' possivel, é natural, e mesmo de prever que o governo enviando esta noticia para a imprensa obedecesse a razões attendiveis. Mas sendo assim a noticia não devia ser desacompanhada de elucidações que certamente tranquilisariam a opinião nacional.

A guerra que estamos fazendo em Africa tem para nós a maior importancia. Portugal está em guerra com a Allemanha, e ao seu brio impõe-se que effectue essa guerra. Portugal foi victima de cobardissimas aggressões dos allemães em Africa; os mortos de Cuangar clamam vingança; temos que tomar a desforra das derrotas de Naulila. Como é que Portugal pode deixar de combater os allemães, emquanto houver allemães em Africa e a paz se não ajustar?

O telegramma do general Smuts merece pois toda a nossa attenção. Elle tem uma grave importancia sob diversos pontos de vista, não sendo decerto o menos serio o das nossas relações com a União Sul Africana, cuja politica é já um grande ponto de interrogação no horisonte internacional.

Por todos estes motivos, reputamos lamentavel que a noticia a que nos referimos fosse enviada á imprensa, com o extranho laconismo que frisámos. A opinião publica necessita ser esclarecida sobre o que se passa na guerra que está travada. Tem o direito de o saber, porque se jogam os proprios destinos da patria.

Por isso mesmo presumimos que este caso se esclareça. O patriotismo do governo é garantia de que o fará. Estamos n'um momento em que qualquer situação dubia pode prejudicar a confiança do povo portuguez na justiça que por todos lhe deve ser feita e na correcção e na lealdade com que, pela sua attitude nobre e decidida, tem incontestavel direito a ser tratado.

NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

O retrato de Nun'Alvares

Um novo benemerito serviço de José de Figueiredo
Uma vibrante, calorosa carta de Guerra Junqueiro

Lisboa vae desfilar, commovida e esperançada, perante a imagem quinhentista do grande heroe nacional

Encontra-se desde hoje, e durante um mez, exposto na sala Nuno Gonçalves, do Museu Nacional de Arte Antiga, o retrato authentico de Nuno Alvares Pereira.

A José de Figueiredo, o eminente e benemerito director d'aquelle estabelecimento do Estado, que a sua incomparavel actividade, o seu profundo saber, a sua inexcedivel dedicação totalmente transformaram, se deve a importantissima descoberta que em qualquer tempo seria digna de registo mas que n'este momento reveste um singular interesse artistico e patriotico.

Entre as primeiras pessoas que tiveram conhecimento do feliz resultado das diligencias e investigações de José de Figueiredo, com a collaboração de Luciano Freire que fez o indispensavel limpeza do quadro mediante os processos que lhe grangearam um nome illustre, conta-se Guerra Junqueiro, o poeta maravilhoso dos tercetos da *Patria*, em que a figura e o genio de Nun'Alvares depararam o immortal cantor.

A carta que em seguida inserimos, melhor do que quaesquer palavras nossas, exprime n'uma synthese admiravel o valor e a significação do novo emprehendimento de José de Figueiredo, a quem já deviamos entre outros trabalhos relevantes, de extraordinario merito, a identificação das taboas de Nuno Gonçalves e a salvação d'esse monumento da arte e da historia portuguezas. Eis o que escreveu Guerra Junqueiro:

Barca d'Alva, 25-6-916.—Querida amigo: A sua descoberta esplendida deu-me algumas horas do radiante alegria e de infinito sonho...

Já lhe contei as circumstancias extraordinarias em que descobri o retrato de Nun'Alvares n'um misero pateo de Sevilha.

E agora, ao entrarmos em guerra, apparece-nos de surpreza a imagem authentica e fiel do Padroeiro quasi divino da nossa raça e da nossa historia. Coincidencia apenas? Talvez não...

E' magnifica a sua ideia de expor no museu esse retrato, na capella heroica de Nuno Gonçalves, como um santo-sacramento nacional.

E, depois de reproduzido, devem distribuil-o por todas as escolas, para que entre visualmente e religiosamente na alma e no coração do nosso povo. Façamos de Nun'Alvares a eucaristia immortal da Patria portugueza. Muito amigo.—GUERRA JUNQUEIRO.

Que os votos de Guerra Junqueiro se realisem são, certamente, os desejos de todos os portuguezes e de todos os patriotas que na figura de Nun'Alvares contemplam a incarnação das virtudes da raça.

* *

José de Figueiredo, que vem estudando de ha muito a historia de pintura portugueza no seculo XVI, que elle proprio considera um «difficilimo problema», encontrou o retrato de Nun'Alvares na capella do palacio Pombal em Oeiras, ficando logo com a impressão de que não se tratava de qualquer copia do seculo XVII mas d'um «primitivo», quasi coevo do retrato que apenas algumas dezenas de annos antes fôra pintado no convento do Carmo, de ordem do duque Dom Affonso. O eruditissimo director do Museu, que á sua vasta cultura, especialista, em materia de historia e critica de arte, como nenhum outra entre nós, reune a paciencia e a tenacidade d'um benedictino e uma perspicacia larga e solidamente demonstrada, não tem duvidas sobre a auctoria do retrato que diz ser de um dos nossos maiores pintores quinhentistas, o mestre de São Bento que Haupt confundiu com Christovam de Figueiredo, mas que deve ser Gregorio Lopes, o pintor regio, segundo apurou José de Figueiredo que, analisando o painel, em extensa carta dirigida ao dr. Alfredo da Cunha, escreve:

A luz que lhe balla nos olhos, esses olhinhos tão caracteristicos e que decerto lhe vieram da mãe, porque os tinha eguaes o seu irmão germano Rodrigu'Alvares, é uma luz que se sente andar errando dentro do seu craneo que a calva e a tonsura tornaram mais visto, e que, dahi, mal pode escoar-se, tão maravilhosamente contida é a expressão quasi extatica da sua physionomia. E isto dado com o maior poder e sem prejuizo da sua compleição de authentico athleta, que dir-se-hia mais fortalecida dos grandes e excessivos trabalhos. Ainda vigoroso já menos esbelto, por mais pesado e atarracado dos annos, aquelle caracter do antigo guerreiro traduzia-o superiormente o pintor no pescoço que a gola, ampla e, em parte, derrubada, da murça deixa a descoberto, e que é bem o pescoço curto, grosso, verdadeiramente taurino, do homem excepcionalmente forte que foi o Condestabre, digno representante de uma raça de fortes que, como elle, passaram a vida nos campos de batalha e, como elle também, nasceram e foram creados no meio da natureza, então, bem mais que hoje, violenta das brenhas de Entre-Douro e Minho ou da ainda mais rude, brava e hostil, da arida charneca alemtejana.

E sendo perfeita a conservação da pintura, o retrato nos dá só o arqueado das sobrancelhas, a nariz afilado e agudo e a barba rompendo apenas forte no mento, pormenores estes que podiam constatar-se na gravura, mas dá-nos também, apesar de attenuado pela idade, o arruivado do cabello e com esses caracteres e com os olhinhos brilhantes e cheios de sonho, mas quasi cerrados para o mundo que mal os lobrigam, o tom transparente e roseo da pelle em que o sangue parece circular ainda com a frescura e a riqueza dos primeiros annos. E dando-nos tudo isso, que a monochromia da gravura não podia traduzir, o retrato faz-nos ainda outra revelação, confirmando traços d'aquella que, pela sua estranheza, mais pareciam erros do xilographo que a versão exacta do modelo. Referimo-nos á bocca. Desviada um pouco para a esquerda, exactamente como se vê na illustração da chronica, e sem que a respectiva face se resinta das consequencias de um ataque apopletico, alliaz naturalissimo em quem, como o Condestabre, tendo todos os caracteres de um congestivo e soffrendo de vertigens, tantas vezes estyvera em ponto de cayr em terra, essa deformação é um problema a resolver, visto ser inteiramente inadmissivel a hypothese de um erro d'essa natureza da parte de um artista com o poder de visão e realisação do auctor do painel.

O retrato de Nun'Alvares que, como dissémos, estava na capella da casa Pombal em Oeiras, parece, a José de Figueiredo, com graves razões, que substituiu no Carmo a antiga imagem do Condestavel desde meados do seculo XVI e que passou, após o grande terramoto, para a posse do marquez. Os seus possuidores são hoje os srs. condes de Oeiras e Francisco e Sebastião de Carvalho Daun e Lorena.

Durante um mez, toda a Lisboa culta, toda a Lisboa patriotica vae decerto desfilar perante o retrato do heroe nacional que morreu envolto no habito carmelita e que a piedade popular canonisou antes mesmo da Egreja se pronunciar sobre o heroismo das suas excelsas virtudes. Na hora presente, Nun'Alvares Pereira é um symbolo. Conformemo-nos para a lucta na contemplação da sua physionomia sonhadora e tambem na das gloriosas figuras que illuminam com ella a sala em que se encontra exposto: os guerreiros, os nautas, os doutores, os clerigos, os principes e os homens do povo das taboas incomparaveis de Nuno Gonçalves.

A José de Figueiredo saudamol-o com a admiração, o respeito e o reconhecimento que se devem aos homens que, como elle, sabem honrar o seu nome e servir e exaltecer o seu paiz.

* *

O retrato de Nun'Alvares que Guerra Junqueiro encontrou e comprou em Sevilha é uma das copias do seculo XVII, em tela, e foi pelo poeta offerecido ao Museu de Arte Antiga, onde existe outra copia analoga, que José de Figueiredo trouxe de um dos extinctos conventos.

MAGOS, BRUXOS E NIGROMANTES

Somnambulas e videntes

Perigos do exercicio profissional do mister occultista

Diz Renaudet, já mais do que uma vez citado no decurso d'estes artigos:

«Está averiguado que cêrca de metade das pessoas que se entregam ás sciencias occultas com noções vagamente scientificas, se tornam em breve desiquilibradas. O facto é facilmente explicavel, visto que não empregam nenhum dos methodos de observação que se usam nas sciencias physicas e naturaes. Estes methodos exigem estudos arduos que não agradariam áquelles que, se entregam ás diversões hypnoticas. E' preciso ardor pelo trabalho, espirito de ordem e de sequencia bem como uma força de raciocinio que são as qualidades caracteristicas dos verdadeiros sabios, desconhecidas das creaturas superficiaes.

«Em resumo, todos aquelles que, em consequencia de estudos insufficientes, não possuem estas qualidades, devem abster-se de tudo o que se relaciona com o hypnotismo, e com maioria de razão, com o espiritismo que não é mais que o charlatanismo do primeiro. De contrario, é de temer a loucura. De factos inexplicados a factos mais inexplicaveis ainda, chegar-se-hia a cabeça transtornada por completo. Conhecemos um casal encantador de que a mulher está no azilo de Ville-Evrard e o marido se encontra em Peray-Vaucluse, com a razão perdida em consequencia de experiencias feitas de uma maneira empirica».

Eis aqui, em synthese, os perigos das somnambulas profissionaes, a que no ultimo artigo me referi. Ao alcance de todos, visto que exercem um mister remunerado e divulgado pela publicidade, os espiritos fracos encontram-se litteralmente á mercê das suas machinações. Quer isto dizer que uma somnambula tenha a responsabilidade d'um accesso de loucura provocado n'um cliente seu por pretendidos factos que ella lhe revelou? Creio que não, porque o crime implica a idéa da intenção criminosa, e na maior parte dos casos trata-se evidentemente de uma simples imprudencia. Mas por isso mesmo, por exemplo, é que não é permittido a toda a gente manipular explosivos. Certos phenomenos psychicos, muito obscuros e muito mal estudados, ainda são para a maior parte do vulgo como cartuchos de dynamite nas mãos de uma creança.

Eu não nego a existencia do hypnotismo, como parecem suppor alguns leitores apaixonados que me escrevem. Nenhum medico pode negal-a. O que contesto é o direito de qualquer pessoa se occupar d'esse estudo praticamente sem que, pela sua cultura e espirito scientifico, offereça determinadas garantias. Não é preciso ter estudado profundamente a questão para conhecer a existencia do estado hypnotico, de somnambulismo e de catalepsia. Para um psychiatra não ha em tudo isso nada de extranho, mas, por muito facil que seja a qualquer adormecer uma pessoa de temperamento apropriado e provocar n'ella um estado propicio a suggestões diversas, só um medico especialista se encontra em condições de prevêr a apparição de perturbações varias que inesperadamente surgem e de acudir efficazmente a ellas. Ha casos averiguados de morte, succedidos no decurso de sessões hypnoticas conduzidas por ignorantes.

Eis o perigo das somnambulas, sem falar no aspecto charlatanesco da questão e na exploração dos papalvos, que é o que menos me interessa.

Quanto ás videntes profissionaes, está averiguado que não passam, em regra, de simuladoras habeis. Ha mesmo algumas habilissimas. Occorre-me agora uma sessão de transmissão de pensamento, a que assisti um dia no Winter Garten de Berlim, e que trouxe meio mundo intrigado. Tratava-se de um americano e d'uma mulher, a qual, de olhos vendados, escrevia n'um quadro negro uma phrase simples, uma data, um nome que o espectador, a distancia, confiava ao homem. Era tão perfeito e inexplicavel esse trabalho que o kaiser quiz assistir ás experiencias, e o mysterioso casal foi propositadamente ao palacio de Potsdam fazer as suas assombrosas exhibições. Logo dois sabios foram chamados por Guilherme II e incumbidos de estudarem o caso com a applicação de rigorosos methodos scientificos.

Um d'esses sabios era o meu amigo professor Max Dessoir, cathedratico da Universidade de Berlim, com quem mais de uma vez conversei sobre o assumpto. Sabem o que se averiguou? que era absolutamente certa a existencia de um «truc» engenhosissimo, embora no seu relatorio os dois homens de sciencia não podessem precisar-lhe a natureza.

Renaudet refere, nos seguintes termos, uma sessão de consulta a que assistiu em casa de Madame O..., que se intitulava professora de sciencias occultas:

«O *medium*, depois de adormecer a vidente, pediu-nos que lhe fizessemos algumas interrogações *directas*. A vidente respondeu com clareza e grande copia de pormenores. Tinhamos-lhe perguntado informações sobre a conferencia de Londres que se estava realisando para tratar da guerra balkanica. Certas perguntas eram até bastante difficeis para uma rapariga de vinte annos. Nem um só instante ella hesitou emquanto fallámos de coisas passadas.

«Mas apenas as questões se referiram ao futuro, a vidente respondeu: «Não vejo nada mais!... Estou fatigada...» Tivemos de nos contentar com esta resposta.

«Estavamos muito surprehendidos com a erudição da vidente sobre factos que me pareciam fóra da sua esphera de conhecimentos, quando de subito, tendo-se-lhe occasionalmente deslocado um pouco a saia, lhe vimos sob os pés um pequeno objecto brilhante. Inspeccionando então a parede, ornada com uma multidão de quadros emoldurados, convencemo-nos desde logo que havia um compère e que o telephone representava tambem ali o seu papel.

«Eis como as coisas se passavam: Na espessura das molduras havia orificios que deixavam vêr e ouvir no compartimento contiguo tudo quanto se passava na sala onde estavamos. A pessoa encarregada d'esta vigilancia era geralmente um pobre sabio desclassificado, ao qual, como a Pic de Mirandola, poucos assumptos eram extranhos.

«E' elle que prepara a resposta precisa e clara que a vidente pronuncia sem uma hesitação, depois de conservar um silencio meditativo emquanto recebe as instrucções. O telephone empregado pelo «compère» corresponde a uma placa metallica sobre a qual poisam os pés da vidente. As solas das botas teem umas rodellas de cobre, continuadas por conductores disfarçados sob o vestuario e ligados a dois pequenos receptores applicados aos ouvidos e disfarçados sob os bandós».

Vê-se por este exemplo, o grau de perfeição a que tem chegado o charlatanismo lá fóra. Entre nós, não me consta que se empreguem tão complicadas installações. E, a falar a verdade, não são precisas, se attendermos á mentalidade dos consulentes habituaes...

HERMANO NEVES

TERRAS DE PORTUGAL

S. Thiago do Cacem

As «Romeirinhas»—O emporio da cortiça

GRANDOLA, 15.—O meu amigo Diogo Peres, quando saí de Lisboa, disse-me:

—Se fôr a S. Thiago do Cacem, vá ás *Romeirinhas*. Olhe que não dará o tempo por mal empregado.

Fui a S. Thiago e fui ás Romeirinhas. E vim de lá encantado. Do Lousal até áquella villa, a estrada corre quasi ininterruptamente pelo meio de sobreiraes densissimos. Aqui e além cachoticos campos de milho. De onde em onde collinas com a esteva cortada de fresco e amontoada em pequeninas comoros puralelos á espera que os reduzam a cinzas. A manhã está d'outono. O ar perdeu a densidade habitual, para tomar aquella fluidez e aquella transparencia que lhe são peculiares sómente em certas manhãs illuminadas de outubro. Dir-xo-me levar no meu *charriot* ligeiro como quem segue n'um andor. Os altos montes de schisto succedem-se, encadeiam-se uns nos outros, regulares e quasi simetricos, cheios de placidez e de monotonia. Em certos pontos, os sobreiraes descortiçados parecem envoltos em chamas. Os troncos rubros são brazas que o sol incendeia.

Do Lousal a S. Thiago, são quasi trinta kilometros. Mas as quatro horas que a estrada leva a percorrer passam sem fadiga. Quando chego ao fim, tenho vontade de voltar para traz. Houve nevoeiro. Em certos pontos, na escuridão das valeiras, as arvores pingam e os matos altos esguios distillam perolas. Avanço lentamente para o Mar. A atmosphera adelgaça-se cada vez mais, tingindo-se progressivamente d'um azul que me traz á memoria o do ceu do Algarve. São, evidentemente, outras estas paragens. O Alemtejo, com o seu sol esbraseado, dir-se-hia que me fica já a dezenas de leguas de distancia. Officialmente, esta é a terra estremenha, com os seus arvoredos sem fim, com as suas serranias, com os seus campos de milho, com os seus vinhedos interminaveis, com os seus rios tranquillos e limpidos.

Mas a geographia official, como a chorographia official, como a sciencia official, tem as suas falhas e as suas irreflexões. S. Thiago do Cacem e Grandola não serão já Alemtejo. Mas tambem não são ainda Extremadura.

* * *

E' uma região á parte, esta, com o seu caracter, com o seu feitio, com o seu modo de ser especial. E' um recanto de Portugal que não se parece com nenhum outro. Tem vida differente e costumes differentes. A sobreira impéra por estes encostas e por estes plainos como senhora absolutamente indestronavel. E' ella que dá caracter á região, como a azinheira o dá ao parte norte do districto de Evora, como a alfarrobeira o imprime a quasi toda a terra algarvia. S. Thiago foi sempre um grande emporio de cortiça. Quasi não se fala por lá n'outra coisa. Onde se juntarem dois lavradores, discutem-se montados, fazem-se castellos de cortiça, estuda-se a melhor forma de os transformar em castellos de libras. O sobreiro deve render para todo o coelho, em annos abundantes de safra, para cima de 300 contos.

E' a opulencia. Mais: é uma opulencia que vem quasi sem trabalho. A cortiça cresce por si. Não precisa de amanho nem de cuidados. O sobreiro só exige uma coisa—que o deixem crescer livremente, tristemente, nos seus montes e valles, sem lhe tocarem, sem o podarem, sem o limparem. Tratal-o é matal-o. E' a arvore ideal, é a riqueza incomparavel que se colhe sem canceiras e que se desprende periodicamente dos troncos e das ramarias, como d'uma fonte jorra a agua corrente. E' por isso que não suscitam nunca grandes regiões de trabalho aquellas onde o sobreiro forma cerrada floresta. A cortiça dá para tudo e o dono d'ella, a maior parte das vezes, nem sequer tem o trabalho de despir os troncos que a criam. Ha quem o faça por elle, se o anno é bom e as fabricas onde se molda a rolha e se corta o disco anceiam por ella, para alimentarem as suas machinas.

A guerra veiu depreciar a cortiça. A Allemanha, que era a principal importadora de cortiça em espoleta, não recebe nem uma prancha. Os mercados da Russia e da Belgica tambem estão fechados. Os Estados Unidos saturaram-se e a Inglaterra tambem teve de diminuir as suas compras. De tudo isto resulta um certo mal estar para os productores de cortiça, que a não collocam com a facilidade d'outr'ora, apezar de não faltar, ainda assim, quem lhes offereça a nove e dez tostões a arroba.

* * *

S. Thiago poisa n'uma encosta, como uma varzea ridente a servir-lhe de avelludada moldura e o seu castello moirisco lá em cima, a coroal-a. A villa pouco tem que interesse. Nem monumentos nem delicadas recordações do passado. Na parte antiga abundam os brazões. Mas a velha casaria quasi desappareceu, para dar logar ao casebre sem caracter, refugio da pobreza, e ao predio moderno, banal e antipathico, que teve o condão de fazer esquecer a classica e linda casa portugueza. Do castello só restam as muralhas exteriores, que servem hoje de vedação ao cemiterio e á antiga mesquita, presentemente egreja matriz. Principio a contornar as muralhas, côr de oiro, pelo nascente. A povoação desenrola-se, em throno, a meus pés, com uma uniformidade e uma monotonia afflictivas. Na minha frente pequenos monticulos nús branquejam desolados, batidos pelo sol aspero do meio dia.

Nas muralhas do castello foram incrustados grandes pedaços de parede, caiada, rebocada, resplandecente. Para que? O que custava deixar os novos muros da côr dos antigos, para não se quebrar a harmonia do monumento em volta do qual tanta lenda e tanta tradição historica vivem e se agitam? O delirio da cal é bem uma doença de todo o sul do paiz. Mas não haveria meio de evitar que elle ferisse as velhas pedras dos velhos castellos medievaes, cuja belleza consiste, principalmente, na doirada capa com que o tempo as revestiu? Chego a ter inveja dos mortos que dormem do lado de lá das ameias da antiga fortaleza. E' que ficam tão longo dos homens, que as almas, ás noites, podem sem receio vir noivar n'esse campo de desolação, para tornarem menos fria a existencia nos sepulchros...

Só conheço, tão sereno, tão tranquillo, e tão isolado como este, outro cemiterio. E' o de Santo Antonio dos Olivaes, em Coimbra. Ali, a paz é tambem imperturbavel. Se me fosse possivel ir dormir n'essa mansão de esquecimento o somno de que não se desperta nunca, a morte horrorisar-me-hia menos...

* *

E agora, as *Romeirinhas*. A villa e o castello de S. Thiago occupam o alto de um monte e a encosta do nascente. Para o poente, não ha casaria. Uma estrada contorna o monte por esse lado, ligando-o com a povoação. Ensombram-na eucalyptos, principalmente. Essa estrada é o passeio publico de S. Thiago. O povo chama-lhe as *Romeirinhas*. Porquê? E' possivel que ninguem o saiba. Para mim, porém, é ponto de fé que o maravilhoso passeio se chama assim pela necessidade que houve de lhe dar um nome cheio de ternura. As *Romeirinhas* rasgam-se em semi-circulo, suavemente, amorosamente, como se pretendessem abraçar com paixão a terra vermelha atravez da qual correm. E são assim recatadas e solitarias para mais prenderem nos seus encantos aquelles que as visitam.

As *Romeirinhas* são, afinal, um mirante. Até onde a vista alcança não se vêem senão campos, hortas, pomares, planicies, vinhedos, arvoredos, verdura e frescura, ceu sereno e terra opulenta; com o Mar a desenhar-se em azul e em neblina, lá ao longe, muito ao fundo. A vista illude-se-me. Tenho a impressão de que a varzea de Collares viceja a meus pés e convenço-me de que do alto do monte de Santa Luzia estou admirando toda a belissima bacia do Lima. A campina está povoada de quintas. Nos mais altos dos arvoredos gemem as noras. Os pomares succedem-se ininterruptamente, para as bandas de Melides, a terra classica do arroz. Sines adivinha-se, seguindo a linha da estrada, um pouco para a esquerda. Para a direita, é a terra cultivada, inundada da mais enternecida luz que o sol, prodigo creador de prodigios, alguma vez tem deixado cahir da sua esbrazeada pupilla.

As *Romeirinhas* veem-se e não se esquecem mais. Ellas são o grande monumento de S. Thiago do Cacem, tão digno, pelo menos, da visita dos *touristes* como os imponentes cathedraes gothicas. Todas as canceiras da viagem se esquecem deante do espectaculo que não deslumbra, mas que enternece, que de lá se descobre. O que entristece é ficar tão longe esse maravilhoso mirante, debruçado para um dos mais bellos recantos de Portugal; o que magoa é ser preciso encher-se alguem da mais heroica das coragens para galgar não sei quantas dezenas de kilometros de pessimo macadame para se encantar com semelhante panorama. E' pelas *Romeirinhas* que os mortos dão a sua ultima jornada. Não ha, seguramente, mais linda estrada para o Paraizo...

ADELINO MENDES.

Commercio luso-brazileiro

RIO DE JANEIRO, 17.—A Camara Portugueza de Commercio e Industria vae publicar um boletim commercial destinado a Portugal, enumerando as industrias do Brazil, e mostrando as vantagens dos mercados brazileiros para os productos portuguezes.—(Americana).

Vêr noticiario diverso na terceira e quarta paginas

Marinha mercante paulista

S. PAULO, 17.—O governo estadoal pensa na creação de uma marinha mercante paulista para assegurar a exportação dos seus productos, principalmente para os paizes da America do Sul.—(Americana).

Os impostos no Brazil

RIO DE JANEIRO, 17.—Ficou transferida para amanhã, sexta feira, 18, a reunião do ministerio, que tem de resolver, definitivamente, sobre a questão de impostos para 1917.—(Americana).

Os vinhos do Porto em Inglaterra

LONDRES, 17.—A Camara dos Lords approvou em segunda leitura o projecto de lei relativo aos vinhos do Porto.—(Havas).

A grande guerra

As negociações anglo-italianas de caracter economico e industrial

ROMA, 17.—A Agencia Stefani publica a seguinte nota que recebeu de Turim:—Na tarde de 14 do corrente terminaram as conversações que se estavam realisando na «villa» Chaselieure, em Palenza, pelos ministros inglez, do Commercio, o embaixador sr. Rennel Rodd, e os ministros italianos do commercio, sr. Nava, e dos tranportes, sr. Arlota, com a assistencia dos funccionarios inglezes e italianos. As conferencias, que foram repassadas do mais intimo sentimento de cordealidade para alcançar os fins economicos communs aos dois paizes amigos e alliados, conduziram a um completo accordo sobre todos os pontos propostos e submettidos a exame. Graças a esse accordo, apesar das difficuldades dependentes do actual estado de guerra, as provisões de carvão ficam asseguradas á Italia nos li...

A lucta no theatro occidental

PARIS, 17.—Communicação official das 15 horas:—Os allemães não tentaram durante a noite nenhuma acção de relevo. Os francezes estão organisando as posições conquistadas. A lucta de artilharia continua particularmente violenta ao norte de Maurepas e no sector de Belloy-en-Santerre. No resto das linhas a noite passou-se tranquilla.—(Havas).

As operações russas

PETROGRADO, 16.—Official:—No Zolota-Lipa, onde occupámos muitos pontos da margem oeste, os contra-ataques do inimigo entravaram o nosso avanço. Entre o Zolota-Lipa e o Dniester estamos progredindo, apesar da resistencia encarniçada. Na direcção de Delatyn e Veroklita o inimigo bate em retirada.—(Havas).

...mites do que é indispensavel ao seu consumo e confia-se em que as providencias em que se assentou consigam attenuar o seu preço em relação aos transportes. Foram tambem objecto de aturado estudo os problemas relativos á provisão de productos de primeira necessidade para a vida nacional italiana, e para a prosecução da guerra, assim como para a industria maritima. Os representantes dos dois paizes comprometteram a fazer todo o possivel para que os respectivos governos adoptem as providencias necessarias, a fim de que o accordo celebrado na entrevista de Pallanza tenha a sua execução em breve espaço.—(Havas).

ASPECTOS DA GUERRA

Missões commerciaes

A associação nacional de expansão economica da França envia os seus delegados a Portugal

A guerra trouxe aos paizes que sentem a necessidade imperiosa de affirmar que os allemães não tinham razão, quando proclamavam o aniquilamento d'esses paizes representantes d'uma raça exgotada, essa espantosa lucta que vae no terceiro anno de maximo esforço collectivo, em que se affirma o espirito immortal do genio latino, sendo incontestavelmente um grande mal, offerece tambem um aspecto benefico, demonstrar a verdade de que «à quelque chose malheur est bon».

tes allemãs d'esses paizes, representantes d'uma raça exgotada, essa espantosa lucta que vae no terceiro anno de maximo esforço collectivo, em que se affirma o espirito immortal do genio latino, sendo incontestavelmente um grande mal, offerece tambem um aspecto benefico, demonstrar a verdade de que «à quelque chose malheur est bon».

Em França não se regista apenas o esforço sublime de Verdun, a ultima esperança do invasor teutonico. A grande republica, que é a primeira a dar ao mundo os grandes exemplos de abnegação e heroismo, sabe ao mesmo tempo cuidar dos interesses materiaes, para que, mesmo n'esse campo, possa a seu tempo vibrar o golpe de morte no inimigo. A' tenacidade do seu exercito deve juntar-se egualmente a acção infatigavel dos seus estadistas, dos representantes das forças vivas da nação, que, sem desfallecimentos, procuram salvaguardar o futuro da sua patria, para que, engrandecida do heroismo da hora presente, possa gosar na paz d'aquelle legitimo desenvolvimento material a que toda a canceira tem direito.

Entre os varios organismos a que a guerra deu origem, em França, tendo por escopo o progresso material da grande republica, o mais importante é, sem duvida, a associação nacional da expansão economica, instituição cujo programma de trabalhos se molda approximadamente no da nossa União de Agricultura Commercio e Industria. Orientada por um espirito mais pratico, essa aggremiação mereceu desde logo a cooperação do Estado e de todos os homens de boa vontade que não faltam em França. Não tendo ainda um anno de existencia, é assombrosa a tarefa que tem realisado para bem cumprir a sua patriotica missão. Devido á sua iniciativa organisou-se o inquerito official á producção franceza metropolitana e colonial, de fórma a poder-se fazer juizo seguro da productividade do paiz, em attenção ás necessidades proprias e na parte que essa producção póde beneficiar os alliados, buscando n'estes as materias e productos que escasseiam ali.

A fim de tornar mais proficuo este trabalho, cimentando em bases mais solidas as relações commerciaes entre os alliados, a Associação Nacional de Expansão Economica acaba de resolver a constituição immediata de tres missões especiaes que se dirijam aos paizes alliados, para o estudo das questões de intercambio e propaganda de relações mais intensas entre si. Essas tres missões destinam-se a primeira a Portugal, a segunda á Italia e a terceira á Russia, devendo a visita a esses paizes realisar-se simultaneamente.

O PROBLEMA DO ENSINO

São contraproducentes as economias com a instrucção

Ainda a triste situação dos professores das Escolas Moveis

A historia da instrucção popular em Portugal, é dos mais curiosos capitulos que se possam escrever sobre o desleixo, a estreiteza de vistas e incapacidade dos homens que de ha um seculo a esta parte teem governado este paiz.

Contrariando-a uns, desleixando-a outros, não a comprehendendo senão raros, a instrucção do povo foi durante o largo periodo da monarchia constitucional, por assim dizer, uma questão secundaria, uma banalidade de que não valia a pena cuidar por minima.

A reforma de Rodrigo da Fonseca Magalhães, proclamando a *liberdade de ensino* e a sua *generalidade e gratuidade*, durou apenas 4 mezes; o rotinoirismo não a soffreu mais tempo.

A reforma de Passos Manuel, consignando principios como o da obrigatoriedade do ensino, nunca se cumpriu inteiramente, porque os politicos não deixaram.

Costa Cabral, fazendo-se porta-voz do reaccionarismo derrubou-a em 1844 e d'ahi até 1870, epoca da criação do 1.º ministerio do instrucção publica, a instrucção popular, salvo generosas iniciativas de um ou outro benemerito, não dá um passo, não apresenta o minimo progresso, permanecendo abandonada como corpo morto ou coisa inutil. Para se avaliar do cuidado que aos governos mereciam as nossas escolas, basta dizer que as inspecções eram confiadas a inspectores de pesos e medidas ou a administradores de concelhos ou ainda a burocratas nomeados «ad hoc».

O decreto de 16 de agosto de 1870, obra prima de um alto espirito e de um nobilissimo caracter, durou só o tempo necessario para o celebre bispo de Vizeu poder impunemente e quasi sem opposição, rasgal-a em mil bocados não fosse ella occultar o diabo em suas paginas, restaurando a lei de Costa Cabral.

E d'ahi para cá—não vale a pena enumerar—as leis e os decretos succedem-se, inutilisando-se por mil formas em que o odio polititico, a paixão partidaria e o maximo desprezo pela escola do povo, transparecem nitidas e claras.

A Associação das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus, que em 34 annos de vida teria resolvido o problema do analphabetismo, arrasta vida humilde e quasi obscura, apesar dos incessantes appellos no paiz e aos poderes constituidos e dos extraordinarios serviços que á instrucção nacional já pelas missões, já pela nobre ideia dos Jardins-Escolas vem prestando. A Republica imitou-a creando uma instituição sua com a designação de Escolas-Moveis e uma legião de professores dedicados, promptos a todos os sacrificios em troco de uma remuneração insignificante, percorre o paiz do norte a sul, de leste a oeste ensinando as primeiras lotras a este bom povo, que só pela ignorancia péca.

O gesto dos homens da Republica foi bello e foi justo. Não ha ramo da administração em Portugal que tantos protestos de renovação merecesse da parte dos propagandistas republicanos como o da instrucção. A monarchia, dizia-se, só vivia da ignorancia do povo, por isso era necessario, uma vez proclamada a Republica, que esta combatesse o analphabetismo, que só pode convir aos governos reaccionarios e inimigos do progresso. Portugal era, e é, um dos paizes da Europa que mais elevada percentagem apresenta de analphabetos; d'ahi a causa do seu atrazo. A' Republica proclamada impunha-se uma grande tarefa; n'olla ia o seu proprio interesse.

O combate ao analphabetismo tinha que ser a base da reconstrucção da Patria Portugueza, a sua necessidade maxima, ou a Historia julgaria os homens da Republica pelos mesmos crimes dos da monarchia, com a aggravante da traição aos seus compromissos, á fé jurada nos ardores da propaganda. Creando as Escolas-Moveis, subsidiando a Associação pelo Metho do João de Deus e outras instituições particulares, embora tudo isso insignificantemente, mas, emfim, fazendo o que podia, a Republica mostrou comprehender as suas responsabilidades e o honroso empenho de as cumprir.

O que resta saber é se se mostrou consequente com a sua obra, se uma vez criadas as Escolas-Moveis estas não teem que tornar-se inviaveis pelas mesmas razões porque o foram as reformas de Rodrigo da Fonseca Magalhães, de Passos Manuel e tantas outras tentativas brilhantes. E é neste ponto que nós temos as mais fundadas e serias apprehensões. Em assumptos de instrucção, como do resto em qualquer outro, não basta criar um orgão mais de vida ou mesmo um corpo inteiramente novo, se alguma coisa inteiramente nova é possivel criar-se. E' preciso, e isto muito principalmente, amparar, dotar esse orgão ou corpo novo das condições de vida, de realisação pratica, emfim, sem as quaes a propria tentativa que os criou não passa do obra de... simples.

A representação dos professores ao sr. ministro da instrucção publica publicada n'este jornal revela até que ponto ainda hoje predomina o velho criterio de economias em assumptos de instrucção.

Desde a criação das Escolas-Moveis até hoje a linha dos vencimentos dos professores, não tem feito senão descer. A lei organica do dr. Sousa Junior era a unica que punha a questão nos seus verdadeiros termos. Os professores tinham o vencimento de 400$ e os de Lisboa e Porto, terras onde a vida tem mais exigencias tinham mais 100$ de residencia. Logo no anno immediato se lhes tirou 200$ aos de Lisboa e 150 aos do Porto e 100$ aos das outras terras. Nada menos. A coisa foi tão escandalosa que o orçamento seguinte incluia a titulo de subsidio de ferias 50$ para cada professor que tivesse de ser reconduzido. Este subsidio porém, foi-lho tambem tirado!

Parece até que se estabeleceu um cerco ás Escolas-Moveis para as render pela fome. E tudo isto se faz em nome da economia! Não sabemos porque fenomeno de associação lembra-nos aquelle diploma de 20 de fevereiro de 1829 em pleno absolutismo—que recommenda ás auctoridades a maior parcimonia com as despezas da instrucção «attenta a exiguidade dos fundos que lhe eram destinados.»

Agentes de policia accusados de burla

Como noticiámos foram suspensos os agentes da policia de investigação Annibal Bernardo Pires e Antonio Ambrosio dos Santos Oliveira, por estarem implicados no crime de burla de que foi victima um negociante de Aldegallega. Esse negociante chama-se Antonio Maximo Sequeira e encontra-se hospedado na rua da Magdalena, sendo a burla, como hontem dissemos, de mil escudos.

O burlado, vendo hontem passar na praça dos Restauradores um dos gatunos, chamou o guarda 1049 e mandou-o prender. Chama-se José Rodrigues Oliveira, morador na rua de S. Lazaro, 123, 2.º E' conhecido na policia pela alcunha de «Escorinho». No caso tomou parte um outro gatuno conhecido pelo «Santinhos», que ainda não foi preso. No acto da captura foram-lhe encontrados uma bolsa de prata com 6 escudos, uma carteira com 46$50, 14 cautelias de 5 centavos e sete letras.

O agente Joaquim de Figueiredo, em nome de todos os seus collegas da judiciaria, procurou hoje o sr. dr. Adolpho Coutinho, director da policia de investigação, de quem solicitou que os agentes accusados de connivencia sejam expulsos da corporação. O chefe Martinheira, da 2.ª secção, encarregado de pôr o caso a limpo, esteve hoje ouvindo varias testemunhas, entre as quaes o antigo agente Julio Patricio, que n'essa occasião apresentou queixa accusando o agente Pires de ha tempos lhe ter pedido para arranjar uma casa de cambio para rebater um vigesimo da loteria hespanhola que dizia estar premiado com a sorte grande, apurando-se depois que estava viciado, abusando assim da sua boa fé. A policia procura o «Santinhos» ou o «Santinhos da facada», contra quem foram já passados mandados de captura.

A questão das subsistencias

Tendo constado que no governo civil era hoje vendido assucar, occorreu ali grande numero de pessoas das classes menos abastadas e tambem muitos commerciantes. Como tal venda se não effectuasse houve enorme gritaria nos corredores do 1.º andar, sendo necessario a intervenção de varios guardas.

A gritaria voltou a repetir-se na rua, onde compareceu o piquete da policia, fazendo dispersar os agrupamentos.

A direcção da associação dos operarios confeiteiros, do Porto, solicitou providencias do sr. ministro do trabalho, para a crise do assucar que está affectando aquella numerosa classe pela absoluta falta d'esse genero.

Tambem uma commissão delegada dos operarios da fabrica União Fabril procurou hontem o sr. ministro do trabalho, para pedir que seja prohibida a exportação de sementes, destinadas á fabricação de oleos, pois a permittir-se tal exportação a sua classe ver-se-ha reduzida á miseria por falta de trabalho.

O presidente da associação commercial de Villa do Conde telegraphou ao sr. ministro do trabalho, pedindo providencias tendentes a que, aquelle concelho seja abastecido de assucar visto os estabelecimentos de mercearia ali existentes não terem para vender sequer um kilo d'esse genero.

O chefe do districto deu ordens urgentes para ser posta em vigor a nova tabella de preços do carvão já ha dias approvada pela commissão central e districtal de subsistencias.

EM VOLTA DA GUERRA

A bycicleta da "Victoria,,

dizem os francezes e russos que é a «Peugeot»

Estamos em pleno periodo de actividade de preparação de guerra e as minucias d'essa preparação interessam a todos os portuguezes. Se é necessario contribuir com o nosso esforço individual e collectivo para derrubar o militarismo germanico torna-se urgente conhecer e possuir os melhores recursos de lucta contra esses barbaros, empregando processos que garantam e antecipem a victoria definitiva.

E' por esse motivo que o ministro da guerra, n'uma rapida acção, energica e com proposito definido, ordenou a organisação de todos os serviços que tornem o nosso exercito um prestimoso cooperador dos exercitos da Victoria. Evidentemente, alguns d'esses serviços ainda não estão perfeitos, mas hão de melhorar sob o impulso do ministro e sob a imperiosa necessidade de momento, que é a de prevenir o melhor possivel para não ter do mal remediar de futuro.

Um dos mais importantes serviços de campanha é o de «ligações», nas quaes os inglezes e francezes utilisam pedestrianistas, ciclistas, motociclistas e automobilistas. Os generaes Petain, Cordonier, Foch, de Esperey, preferem nos seus estados maiores os mais resistentes pedestrianistas, utilisando o valor funcional de excellentes pulmões e d'um forte coração e os mais valorosos ciclistas, utilisando o valor d'uma excellente bicicleta, de bom fabrico. E' que não vale ser apenas um corredor pedestre, precisa-se que seja vigoroso e forte. E' que não vale ser apenas um corredor ciclista, precisa-se que monte uma machina resistente e portatil.

Ora estas considerações veem a proposito de hontem ter-mos visto o modelo d'uma bicyclete utilisada pelo exercito francez, uma «Peugeot pliante», a machina que os batalhões da frente de Verdun chamam a «rainha da estrada» e consideram um dos «talismans da victoria». E' uma bicyclete forte, de typo elegante, baixa, de «quadro simplificado», disposta a dobrar-se permittindo que o ciclista a conduza, sem difficuldade as costas ou sobre o hombro e sem incommodo porque pesa, equipada, apenas 16 kilos!

Veiu para Lisboa, com auctorisação do governo francez, consignada ao sr. Armando Crespo, que em Portugal representa a fabrica «Peugeot», que é uma das mais authenticas glorias da industria franceza.

Quando nos deram este ultimo esclarecimento exultámos, porque nos simplificou a investigação de reporter, estimulada pelo natural desejo de conhecer minucias sobre a possivel utilisação da *Peugeot* nos exercitos nacionaes, preparados para em breve se baterem pela causa da Civilisação. E' que somos velhos amigos do sr. Armando Crespo, ainda dos tempos aureos do cyclismo portuguez, de quando elle era um authentico campeão dos velodromos. E essa amizade mantem-se, apesar do rumo diverso das nossas occupações sociaes, sendo a d'elle a d'um laborioso negociante e honesto industrial, infiltrando pelo paiz os maravilhosos e modelares productos da laboração das officinas *Peugeot*.

Não nos enganámos. A velha amizade acceden a satisfazer a nossa curiosidade. Armando Crespo forneceu-nos as indicações que seguem e que são preciosas no momento actual e revelam nos dirigentes portuguezes uma formula simplificada de procurar o bom material de que necessitam. Se o exercito precisa de bicycletas, escusa de melhores informações para lhe guiar a compra.

Depois, não pode haver opiniões contrarias, porque, segundo nos informou o sr. Armando Crespo, elle não quer favoritismos nem auxilios. Concorre a todos os concursos que se abrirem e em todas as circumstancias, certo de que ha de obter a preferencia, pois que, na sua opinião, a *Peugeot* é a unica que corresponde ás necessidades da guerra moderna. Na sua opinião, e perante os argumentos que seguem:

—«As vantagens da *Peugeot pliante* reconhecem-se pela grande compra feita pelo exercito russo... Note que a Russia tem fabrica de bicycletas! O modelo adoptado é o do famoso capitão Gerard, aquelle pelo qual os francezes manifestam uma admiração que chega ao fanatismo e que motiva o conhecerem-n'a pela sua marca nacional. De resto, o valor da *Peugeot* já está demonstrado em Portugal. Não ha cyclista que o não confirme e não ha campeão que a não tivesse utilisado para obter os seus triumphos.

Fizemos notar ao nosso obsequioso e gentil informador que a *Peugeot* sportiva não nos preoccupava de momento, mas a *Peugeot* militar.

—«Bem... Pois direi apenas que o exercito francez emprega 40 mil e ainda ha dois mezes pediu á casa um novo fornecimento, e esse pedido coincidiu com outro do governo russo. Os portuguezes tem utilisado a bycicleta militar allemã *Adler* que não tendo nenhumas condições de superioridade, tem evidentemente de ser posta de parte. Não é egual, nem melhor e além d'isso é allemã. Hoje a lucta contra a Allemanha não deve ser exclusiva de militares mas no campo economico, commercial e industrial. Depois a *Peugeot* não lhe admitte confrontos. E mal avisado andou quem a preteriu!... E' que em campanha, não pode andar um arsenal de reparacões atraz d'uma columna de marcha e tambem não se pode estar sujeito a que uma simples peça partida ou deteriorada corresponda á inutilisação da byciclcta. Assim, se o exercito portuguez se bater em França, só a *Peugeot* dá vantagens pela ligação continua em que está com a fabrica hoje militarisada e em laboração fiscalisada e dirigida pelo governo francez...»

—«Mas sendo assim, não ha a certeza do v. as poder fornecer...

—«Puro engano. Já possuo essa auctorisação, que obtive quando disse que concorria ao concurso portuguez. A França não nega a Portugal os recursos de contribuir para a Victoria. E' foi este o motivo porque não assignei um protesto que o nosso governo recebeu a proposito do concurso.

E' que estou habilitado a fornecer de prompto todas as bycicletas que o exercito necessitar. Em 30 dias entrego-as em territorio francez e em 60 dias em territorio portuguez. E, pode ficar certo, que só a fabrica *Peugeot* pode fornecer em quantidade e rapidez...»

A' despedida, o antigo campeão e hoje importante industrial, descreveu minuciosamente o modelo que nos impressionara, accrescentando:

—«E' a bycicleta ideal. Atravessa todas as estradas. E' leve. Facilita as curvas nos caminhos mais estreitos. Vence todos os obstaculos.

E', como dizem os *poilus*:—a bycicleta da Victoria.

NO SALÃO FOZ

Uma estreia interessante para breve

Continuam sendo frequentadissimos os espectaculos do Salão Foz, onde ha sempre bons numeros e grandes novidades.

A festa de hontem de Stella Margarita, obteve um successo enorme, pois que os artistas souberam tirar dos seus numeros effeitos admiraveis que foram applaudidissimos.

Stella Margarita, que recebeu inumeras palmas, cantou alguns trechos de musica, lindos e fados, que hoje repete. Bella Lopez e o seu excentrico, que são gymnastas de raro merecimento, receberam applausos em barda assim como a bailarina Niva Walky e Carmen Vicente e seu irmão Julian.

O celebre guitarrista Petrolino que executou alguns fados, foi enormemente applaudido, vendo se na necessidade de bisar alguns fados.

Para breve, talvez segunda-feira, está annunciada a estreia da conçonetista Rosine e do seu Carlitos, que é um numero de enorme successo.

Contrabando de guerra

O governo, ao abrigo das auctorisações que lhe foram concedidas, publicou ha dias um decreto sobre o contrabando de guerra, determinando quaes os generos que é prohibido exportar, quer para a nação inimiga ou suas alliadas, quer para ás nações neutras susceptiveis de enviarem fornecimentos para os imperios centraes. E' claro que não figurava na lista o calçado vendido no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290 e 290 B, porque esse póde circular livremente em todo o mundo com manifesta vantagem para o nome portuguez. E isto porque em parte alguma se encontrará calçado tão bem feito e tão barato.

No hospital de S. José

Na enfermaria 3 deu entrada Rodrigo Lopes, trabalhador, morador na rua dos Serralheiros, em Sacavem, que na Rocha do Conde de Obidos foi colhido por uma barreira, ficando muito contuso no corpo; na enfermaria 1, José Franco Netto, trabalhador, residente no Torcifal, ali colhido por um carro, ficando com a perna esquerda fracturada; na n.º 4, Francisco Augusto da Fonseca, trabalhador, morador no Bombarral, colhido por um carro de ferro, ficando ferido no pé esquerdo.

No banco receberam tratamento Antonio Fortunato, morador na travessa do Terreirinho, 18, 1.º, que no largo da Annunciada foi aggredido com uma facada no rosto, e o menor de 8 annos Americo Carvalho Moreira, morador na rua de S. Vicente, 24, A, que na rua Vinte e Quatro de Julho foi colhido pelo automovel 1512, de que era «chauffeur» Joaquim de Silva, morador na rua da Praça da Figueira, 33, ficando contuso no corpo, e sendo o «chauffeur» preso.

ULTIMA HORA

A grande guerra

A campanha allemã a favor da paz é intensa

BERNE, 17.—Em toda a Allemanha as auctoridades fazem esforços para descobrir a origem dos pamphletos que aconselham a paz a todo o custo.

Semelhante propaganda tomou nos meios populares proporções alarmantes. As auctoridades militares consideram a situação interior grave.—(*Americana*).

Uma ameaça da Allemanha á Inglaterra

BERNE, 17.—A Allemanha annuncia officialmente que vae empregar sem contemplações de especie alguma os seus dirigiveis contra a Inglaterra, como reprezalias do caso do navio «Barolong». A imprensa suissa commenta indignadamente esta ameaça.—(*Americana*).

As relações anglo-portuguezas no Brazil

S. PAULO, 17.—Os commerciantes inglezes e portuguezes pensam na fundação de um centro commercial, sob a designação de «Fraternidade», cujo fim principal é a lucta economica, em beneficio dos dois povos alliados.—(Americana).

Um filho do sr. Salvador Levy ferido na frente ingleza

De Vidago partiram para França o sr. Salvador Levy, opulento agricultor em S. Thomé, e sua esposa a sr.ª D. Esther Pinto Levy, que vão visitar seu filho o sr. Mario Levy, o qual combatendo na frente ingleza occidental foi gravemente ferido na cabeça por estilhaços de granada.

O sr. Mario Levy é inglez, embora nascido em Lisboa, alistou-se no exercito britannico logo no começo da guerra. Pianista muito distincto, discipulo de Rey Colaço, deixou tudo para se bater pela causa do direito e da civilisação. Ha pouco ainda esteve em Londres, frequentando um curso militar, mas empregou todos os esforços, os mais vehementes, a fim de que o enviassem para a frente.

No exercito britannico abundam os hebreus como elle, espontaneamente alistados.

Vem a proposito dizer que os judeus portuguezes que não se encontram nas fileiras ou foram isentos na respectiva inspecção ou aguardam o momento de serem chamados.

Já ouvimos dizer, mas não acreditamos, que alguns procuram acobertar-se com a nacionalidade marroquina, como se lhes fosse possivel escapar assim ao cumprimento d'um dever sagrado.

Os navios apprehendidos

As condições em que é feito o seu aproveitamento commercial

O aproveitamento commercial dos navios apprehendidos não começou a fazer-se senão depois de um periodo de hesitações quanto á melhor formula a adoptar. Demonstra-se agora, com factos averiguados, que o sr. ministro do trabalho encontrou a solução mais pratica e mais vantajosa para os interesses do Estado, desde que as pessoas que obtiveram a concessão de navios, nas condições fixadas, saibam aproveital-os rapidamente e convenientemente no transporte das cargas commerciaes. Para isso é preciso dispôr de meios e de relações que não se improvisam, que não se adquirem pelo simples facto de se ter um navio destinado a uma hypothetica carga.

Indagando hoje dos resultados financeiros do aproveitamento commercial dos navios, soubemos que o *Sines*, na sua viagem a Bordeus, fez na ida 150.926 francos, e na volta 89.585 francos, o que dá um total, na nossa moeda, de cerca de 59 contos. Descontando-se a percentagem para a casa que tem a seu cargo a exploração d'esse navio e abatendo-se todas as despezas da viagem, o Estado deve ter ganho approximadamecte 50 contos com a ida e volta do *Sines* a Bordeus.

O *Horta*, que ainda não voltou, levou na ida para França fretes no valor de 166.766 francos. Os dois navios estão consignados á casa Burnay, que conseguiu realmente bater o *record* no melhor e mais rapido aproveitamento dos navios apprehendidos. O *Sines* deve chegar a Lisboa muito brevemente.

A utilisação dos navios constitue um factor muito apreciavel na melhoria da nossa vida economica, com um reflexo evidente na situação cambial. Por isso mesmo o governo se deve preoccupar com todos os problemas que directamente se relacionam com a venda de productos e artigos portuguezes ás nações alliadas. Fala-se em restricções e imposições de preços, sem se saber ao certo se ellas traduzem apenas interesses individuaes ou se são sancionadas e compensadas pelos governos dos paizes que carecem d'aquelles artigos e productos.

O pagamento adiantado, que será feito em relação a cada semestre, dos navios que cedemos á Inglaterra, significa para o Estado portuguez a garantia de que não precisará recorrer ao mercado para a acquisição de cambiaes destinadas ao pagamento do juro da divida externa. E' preciso, no emtanto, para que o agio possa descer e estabilisar-se n'um preço inferior ao actual, que a exportação continue a fazer-se sem peias e sem a imposição de condições lesivas dos interesses nacionaes. Isso procurará o governo conseguir, certamente, por todos os meios que pode desenvolver dentro da sua ampla esphera de acção.

ECHOS & NOTICIAS

(INFORMAÇÕES—COMMUNICADOS)

EXPOSIÇÃO de AGUARELLAS

No atrio do Theatro Nacional inaugurou-se hoje a expoição de aguarellas dos «Quadros da Historia de Portugal», a que assistiu o sr. pre!dente da Republica, que foi recebido pelos srs. ministros da justiça, interior e intrucção, capitão sr. Chagas Franco, governador civil de Lisboa, João Soares, Albert de Sousa e Paulo Guedes.

Entre muita soutras pessoas que ali se encontravam, vimos os srs. capitão Serras Machado, representando o sub-secretario da guerra, Arthur Costa, Henrique de Vasconcellos, André Brun, Augusto Pina, etc.

O sr. dr. Bernardino Machado teve palavras de caloroso elogio para os auctores e editor dos «Quadros».

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as: D. Clarisse Maria de Menezes Cardoso e Silva (Godim) e D. Margarida das Neves do Casal Ribeiro de Carvalho e mademoiselle Maria José Berquó de Faria, e os srs.: conde de Monte Real, dr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão, dr. Antonio Taveira de Carvalho, Antonio Gusmão Calheiros, João de Albuquerque de Mello Ferreira Caceres.

CASAMENTOS

Realisa-se em meados de setembro proximo, em Ponte de Lima, o enlace matrimonial do sr. dr. Pedro Vieira Lisboa, filho do sr. dr. Antonio M. Vieira Lisboa e da sr.ª D. Margarida de Lima Vieira Lisboa, com sua gentil prima a sr.ª D. Carolina Vieira Lisboa, filha do sr. Emilio Vieira Lisboa e da sr.ª D. Ritta Vieira Lisboa.

Na egreja de S. Sebastião da Pedreira, realisou-se hontem, com grande pompa, o enlace matrimonial da sr.ª D. Julia Adelaide Braz Caldeira, gentilissima filha do sr. Joaquim Borges Caldeira e da sr.ª D. Maria da Conceição Braz com o sr. dr. Antonio Salgado Senha, medico pela Faculdade do Rio de Janeiro e filho do sr. Francisco Salgado Senha e da sr.ª D. Rita de Coranjo Senha. Foram padrinhos, por parte do noivo, o sr. dr. Antonio Anstresigilo Rodrigues Lima, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que se fez representar pelo sr. dr. Manuel de Mattos, lente da Universida de Coimbra, e a sr.ª D. Rita de Coranjo Senha, mãe do nubente. Por parte da noiva, testemunharam o acto o sr. Manuel Salgado Senha, representado pelo sr. Manuel de Coranjo Salgado Senha, e a sr.ª D. Maria da Conceição Braz Caldeira.

O acto religioso foi celebrado pelo sr. arcebispo de Mytilene, sendo numerosamente concorrido por pesoas de familia e das relações intimas dos noivos.

Em todo o corpo da egreja se viam artisticamente alinhados vasos com preciosas plantas, ornamentados com formosissimos ramos de malmequeres.

No altar-mór e nos altares lateraes viase tambem grande profusão de flores e de fetos que tufos feitos em gaze branca faziam realçar n'um conjuncto de graça e de arte.

Todos os trabalhos de decoração foram enfiados á bella casa Lope Limitada, da rua Garrett.

MARIO TEIXEIRA BASTOS

Terminou brilhantemente o terceiro anno da Faculdade de Medicina o nosso amigo sr. Mario Teixeira Bastos, filho do distincto clinico sr. dr. Alberto Teixeira Bastos.

NO LUZO—BUSSACO

Na segunda feira realisou-se n'esta estancia, para inauguração das festas da temporada, uma ceia na matta do Bussaco, organisada por um grupo de meninas e rapazes da sociedade elegante que ali se encontram veraneando. O recinto onde teve logar a ceia achava-se illuminado com balões japonezes.

A festa decorreu animadissima tendo terminado perto das trez e meia da madrugada, por descantes e bailes.

Entre a assistencia vimos as sr.as: D. Sofia Burnay de Mello Breyner (Mafra) e filhas D. Maria Amelia e D. Thereza, D. Laura de Aguiar Peters e filha D. Maria Luiza, D. Maria Nepomuceno de Carvalho e filha D. Constança, madame Holden e filha, madame Mello e Sousa e filha D. Maria Amelia, D. Nanita Abecassis, D. Lyce Peruya, D. Marieta de Castro de Macedo Freitas Branco e filhas, D. Mercês Daun e Lorena de Freitas Branco, D. Maria Thereza Valdez Pinto da Cunha, D. Fernanda do Monterride (S. Gião) e filhas, D. Maria e D. Anna, D. Carlota de Saldanha e Menezes e filha, madame Bensaude Busaglo, etc.

E os srs.: D. Thomaz de Mello Breyner (Mafra), dr. Doria Nazareth, Mello e Sousa, Ayres Pinto da Cunha, dr. Antonio Alvares Pereira de Sampaio Forjás Pimentel, D. Gonçalo Burnay de Mello Breyner (Mafra), D. José Paulo de Monterride (S. Gião), Fernando de Mello Lobo, Carlos de Sampaio, Pedro Paulo de Freitas Branco, Caetano e Luiz Carneio, Charles Charleis, mr. de Kratz Holden, etc.

Brevemente realisa-se uma «gymkana».

PARTIDAS E CHEGADAS

Como dissémos, partiram hontem para a Suissa, seguindo d'alli para Londres, os srs. duques de Palmella e suas filhas mais novas. Tambem seguiram no mesmo comboio para San Sebastian, os srs. condes de Calhariz. Na «gare» do Rocio estiveram a despedir-se as sr.as condessas de Alferrarede, das Alcaçovas e filhas, e de Cuba, D. Anna de Sousa Coutinho, D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornellas, D. Thereza de Mello e Castro de Vilhena, D. Maria de Lencastre Van-Zeler, D. Anna Pinheiro de Mello de Arruela Ferreira, etc., e os srs.: condes de Sabugosa, de Cuba, das Galveias, de S. Lourenço, das Alcaçovas, da Ponte e da Arrochela, barão de Linhó, conselheiro Ayres de Ornellas, Fernando Eduardo de Serpa, D. Pedro Lobo de Almeida de Mello e Castro (Galveias), D. Jorge de Menezes, Manuel Figueira Freire da Camara Filippe de Vilhena, Simão Figueiredo Martel, D. Luiz de Lencastre (Alcaçovas), José Iglezias da Silveira Vianna, José Luiz de Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior), Hermano de Moser, rev. Silva Livramento, prior de S. Mamede, Victor Ribeiro, Eduardo Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha, Esteves de Freitas, Filippe da Silveira, rev. Cardoso, capellão da casa Palmella, Carlos de Vasconcellos e Sá, etc.

Fartiram: para San Sebastian, d'onde seguem para Madrid e Bearritz, o sr. José Leal Wintermantel; para a Figueira da Foz o sr. Francisco Hopffer, filho do sr. Frederico Hopffer; para o Mont'Estoril, a sr.ª D. Elisa Fletcher.

—Retirou de Vizella á sua casa em Lisboa, o sr. Alfredo Barbosa dos Santos.

—Estão já em Cascaes, a sr.ª D. Maria Leonor de Saldanha Oliveira e Daun (Rio Maior) e o sr. Guilherme Abranches de Carvalho (Chancelleiros).

—Parte brevemente para o Luso, o sr. Eduardo Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha.

Realisa-se brevemente o casamento do sr. Francisco Lopes de Oliveira com a sr.ª D. Delveira de Almeida.

ARTE DE FORTAR

Queixou-se Reynaldo Praxedes Rois Rebelo, morador na rua Marcos Portugal, 16, 3.º, de que Alberto Augusto da Silva, sem residencia, lhe furtou um piano no valor de 150 escudos, uma machina de costura no valor de 85 escudos, uma capa de borracha e um bule da India. A policia já prendeu o gatuno.

—Foi preso Augusto Carreira, morador na rua da Magdalena, 257, 4.º, a pedido de Joaquina da Costa Martins, residente na mesma casa, que o accusa de ter entrado no seu quarto por meio de chave falsa e furtar de uma commoda a quantia de 100 escudos e varias joias, que foram apprehendidas.

—A dois individuos que conseguiram fugir apprehendeu a policia duas saccas com grude no valor de 50 escudos, ignorando-se a quem foram furtadas.

—Antonio da Fonseca Pereira, morador na rua de Sant'Anna á Lapa, 60, padaria, queixou-se de que lhe furtaram uma corrente e medalha de ouro, relogio e bolsa de prata e algum dinheiro, tudo no valor de 60 escudos.

Dr. Cassiano Neves

Regressou hoje da Suissa, tendo reassumido já os trabalhos da sua clinica, o nosso illustre amigo sr. dr. Cassiano Neves.

NOTAS DIVERSAS

Está vago o logar de aspirante de finanças do concelho de Belmonte.

—Foi feito convite aos officiaes de reserva para desempenhar o cargo de instructores das Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria de Lisboa. Os que acceitam o convite devem enviar as suas declarações ao Quartel General da 1.ª Divisão do Exercito até ao dia 21 do corrente.

—Regressou a Lisboa, o sr. ministro do trabalho.

—Vão ser approvados os estatutos, do syndicato agricola de Santa Comba Dão, e da associação dos industriaes graphicos do norte, com séde no Porto.

A industria do frio

RIO DE JANEIRO, 17.—A fim de desenvolver a industria do frio, a «Coldstorage Swift Company» installará em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) gigantescos frigorificos, analogos aos de Chicago.—(Americana).

A ida de pessoal para França

Na *Capital* de hontem, alludindo á entrevista do sr. Albert Thomas, ministro das munições da França, escrevemos o seguinte:

A questão da ida de operarios portuguezes para as fabricas de munições, a que alludiu o sr. Thomas, é assumpto já resolvido, como dissemos hontem, pois que se encontra em Lisboa o sr. Gentil, delegado do governo francez, com a incumbencia de fazer os respectivos contractos.

Hoje, um jornal da manhã publicou este *suelto:*

Segundo nos informam, o primeiro tenente da marinha de guerra franceza, que se apresentou ao sr. ministro da marinha, conforme dissemos, não vem tratar de contractar pessoal fabril, mas sim de uma missão que diz respeito a material maritimo.

Parece que n'essas linhas está um desmentido á informação da *Capital*, mas não está. O sr. Gentil encontra-se de facto em Lisboa, como delegado do governo francez, para realisar os contractos de pessoal. Quem vem tratar de assumptos que se relacionam com material maritimo é o sr. Delleil, commandante do «Bellatrix».

Embaixador do Brazil

O sr. dr. Gastão da Cunha, novo embaixador do Brazil em Lisboa, recebeu hoje, no palacio da embaixada, á rua Antonio Maria Cardoso, muitos membros da colonia brazileira que lhe foram apresentar os cumprimentos de boas vindas.

O novo embaixador deve ser ámanhã recebido pelo sr. ministro dos estrangeiros.

O sr. dr. Gastão da Cunha recebeu tambem a direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa, que lhe pediu auctorisação para levar a effeito na praça do Campo Pequeno uma tourada de gala, em honra do illustre diplomata.

Tecidos de linho e juta

Como noticiámos que fôra resolvido na reunião havida na séde da Associação Industrial Portugueza, uma commissão de industriaes, representando 24 fabricas de tecidos de linho e de juta, procurou o sr. dr. Antonio José d'Almeida, a quem pediu que fôsse revogado o decreto que permitte a importação de saccaria extrangeira nas colonias sem pagamento de direitos.

Os srs. Henrique Taveira e Alfredo da Silva expuzeram a questão ao sr. ministro das colonias, mostrando-lhe o perigo que da applicação d'esse decreto advirá, pois que as fabricas da metropole se verão forçadas a suspender a laboração, dispensando assim 3.000 operarios, que tantos são os que d'essas industrias vivem.

Tambem para o mesmo fim um dos representantes da União Textil procurou o sr. presidente do ministerio, o qual ouviu com a maior attenção tanto uns como outros, promettendo estudar o assumpto, a fim de rapidamente o solucionar.

N'outro logar do nosso jornal publicamos a representação que foi entregue.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Homens de "sport,, e heroes da guerra

Gravier está prisioneiro; Emanuel Fillon morreu; Simon volta para as luctas do ar

O sympathico foot-ballista francez Gravier, que é um «internacional» de «foot-ball association» está actualmente preso na Allemanha. Foi capturado ha perto de trez mezes junto de Verdun. Os allemães recusaram o direito de lhe escrever e foi um dos seus companheiros que enviou noticias d'elle.

A França perdeu um excellente homem de «sport» na pessoa do Emmanuel Fillon, que iniciou ha muitos annos a sua vida athletica e era um fanatico pelo cyclismo. Foi um dos heroes, em epocas remotas, da tripleta. Depois dedicou-se ao «meio fundo» e ás corridas na estrada. Mais tarde fez-se corredor de velocidade, annos a seguir foot-ballista. Praticou egualmente o athletismo e revelou-se em saltos em altura, nos 400 e 800 metros.

Ha pouco tempo, Fillon, casado e pae de familia abandonou um pouco o «sport» activo para se entregar, com toda a sua alma, á sua propaganda e diffusão. Fez-se secretario geral d'uma Federação Cyclista, director d'um jornal sportivo regional, correspondente dos jornaes sportivos de Paris.

Fillon partiu para a guerra nos primeiros dias da mobilisação. Em setembro de 1914, uma bala atravessou-lhe a mão esquerda e uma coronhada enterrou-lhe duas costellas. Foi para o hospital do Vichy onde esteve dois mezes. Voltando para o seu «deposito» em Toulon, foi nomeado primeiro sargento n'um regimento de infantaria. Em 1915, entrou para a escola de officiaes e em janeiro de 1916 partiu para as linhas do fogo com a graduação de alferes. Não voltou mais. Em 21 de junho, n'uma trincheira de Thiaumont, um estilhaço de granada terminou, gloriosamente, a sua activa existencia. Tinha 30 annos.

Seis mezes de inactividade por motivo de ferimentos impediram que o mundo que avidamente lê os telegrammas da guerra, travasse conhecimento com o nome de Simon, que é um dos melhores e mais bravos aviadores francezes.

Simon, com effeito, deu sempre bellas contas do seu sangue frio, da sua coragem e d'uma habilidade excepcionaes.

Quando pilotava um Caudron, teve de sustentar, por diversas vezes, batalhas com aeroplanos allemães e sempre conseguiu salvar-se, utilisando a sua habilidade, em situações criticas. Effectuou tambem numerosos «reconhecimentos» nocturnos, delicados e perigosos.

O seu maior titulo de gloria foi ter descoberto, depois de longas pesquizas, o logar do canhão que, de longe, bombardeava Dunkerque. Uma citação na ordem do exercito, testemunhou esta grande proeza.

Ha seis mezes Simon andava em serviço de patrulha. De repente foi envolvido por 6 aeroplanos inimigos. Fugir era difficil, quasi impossivel. Resolutamente acceitou o combate e causou prejuizo aos adversarios. Entretanto, não sahiu indemne da batalha. Duas balas quebraram-lhe as pernas! Tres outras alojaram-se na sua algibeira!

Simon estava restabelecido Nolton. para a frente n'um Bébé Nieuport e, seguramente, vae maravilhar o mundo com novas proezas de guerra.

LER A'MANHÃ NA "CAPITAL,,
uma noticia sobre o valor do
"Sport" perante a guerra
reproduzindo a opinião de homens eminentes.

Notas do dia

O «foot-ball» na proxima epoca

Fomos particularmente informados que o Sport Lisboa e Bemfica já abriu a inscripção de jogadores que o representem, na epoca de 1916-1917, no campeonato da Associação de Foot-ball.

Quer dizer que o importante club, com um louvavel espirito de previdencia, vae preparando a sua epoca, não desejando que outro club lhe tire o titulo de campeão, de que é detentor.

* * *

As festas dos Recreios da Amadora

Volta a reunir, ainda esta semana, a grande commissão de senhoras e meninas da Amadora, que promovem os tres certamens de «gymkhana», marcados para os tres ultimos domingos de setembro. Com a commissão, reunirá a direcção dos Recreios Desportivos, que prometteu todo o auxilio á iniciativa das suas gentis cooperadoras na propaganda da terra da Amadora.

Isto equivale a dizer que as festas de setembro vão ser as melhores da Amadora. As melhores, quando todas teem sido magnificas? E' difficil!... Veremos, porém.

A festa d'armas na Trafaria

Vae ser um torneio brilhante o da Trafaria, que offerece uma «Taça» ao esgrimista de espada que a ganhar n'uma lucta regulamentada semelhantemente á «Taça Amadora».

E lá veremos, outra vez, os melhores esgrimistas nacionaes.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Gymnasio Club Portuguez

Está a direcção d'este Club organisando entre os seus socios um concurso de natação, que deve despertar bastante interesse, pois n'elle se disputam as seguintes provas:

100m corridas de 4 estilos.
200m velocidade, dando os melhores nadadores abonos aos mais fracos.
50m vestidos.

Haverá tambem provas de salvação, mergulhos, saltos em trampolin, etc.

Alem d'estas provas, realisa-se uma corrida de 500m para banheiros (profissionaes) e corridas entre banhistas, taes como 50m para senhoras, 100m para rapazes até 15 annos.

Os premios para estas provas serão offerecidos pelo Gymnasio Club.

Bravemente daremos mais detalhes sobre esta festa que se realisará no proximo mez de setembro em Pedrouços e para a qual já está aberta a inscripção na séde do Club.

A inscripção é gratuita.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.
EDEN — A's 20,30 e 22,30 — Maré de rosas.
APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — 1916 — (Revista).
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

HOJE — *Apollo* — Recita offerecida a Chaby Pinheiro. *1916* em espectaculo inteiro. Numeros novos. Versos de Mario de Artagão.

Noticias

Entre nós

A companhia do Theatro Nacional, sob a direcção do novo gerente, o sr. Luiz Galhardo, inaugura a sua nova epoca em outubro proximo, passando em revista, durante duas ou tres semanas, as peças do seu reportorio. A primeira peça nova a subir á scena, é «O escandalo,» de Henry Bataille, em quatro actos.

—Deixam de fazer parte da Companhia do Gymnasio, na proxima epoca, as actrizes Luiza Lopes e Esther de Mendonça. Foram escripturadas para o mesmo theatro as actrizes Pepita de Abreu e Marietta Mariz e o actor Antonio Sarmento.

—Está veraneando em S. João do Estoril a grande actriz Lucinda Simões.

—Deve regressar a Lisboa, na segunda quinzena de dezembro a companhia do Theatro Politeama, que foi reforçada com a actriz Cremilda de Oliveira e o actor Alexandre de Azevedo. Ouvimos que tambem fará parte d'essa companhia a actriz brazileira Lucilia Peres.

Entre as peças escolhidas para a proxima epoca contam-se a «Maman Colibri,» de Henry Bataille, e a «Emboscada», de Kistemaeckrs.

—Tendo corrido, ultimamente, boatos desagradaveis com respeito ao estado de saude da actriz Leonor Faria, podemos affirmar que elles são, em absoluto, destituidos de fundamento: A illustre artista está completamente restabelecida, gosando excellente saude em Bellas, onde passa as suas ferias de verão.

—Diz-se, nos centros theatraes que passará a fazer parte da companhia do Nacional, na proxima epoca, um actor que tem sido, nos ultimos annos, a primeira figura de um dos nossos theatros de operetta.

—Chagas Roquete concluiu a sua nova comedia original, que será representada na proxima epoca do theatro do Gymnasio,

—Consta-nos que ha negociações entaboladas para que seja representada em Lisboa, na proxima epoca, a peça do grande espectaculo, de Henry da Gorsse «Les exploits d'une petit française,» o ultimo grande successo do Theatro do Chatelet, de Paris, cujo entrecho é baseado em assumptos de actualidade, relativos á guerra europeia.

A peça de Henry de Gorsse tem 23 quadros e intitular-se-ha em portuguez «A polvora azul.»

—Deve ser representada em Lisboa, na proxima epoca, a comedia italiana, de Sebastino Lopez, «La buona figluola,» traduzida por João Soller com o titulo de «Boa rapariga.» Esta peça foi creada no Rio de Janeiro pela actriz Cremilda de Oliveira.

—A companhia de opereta italiana Sconamiglio-Caracciolo deve estreiar-se, no Coliseu dos Recreios, no sabado 26 do corrente.

Colyseu dos Recreios

A festa nacional da França

A revista militar do 14 de Julho, em Paris, teve uma grandiosidade e imponencia excepcionaes, pois n'ella figuraram contingentes dos exercitos alliados escolhidos entre os que mais provas de valor teem dado nos campos de batalha de França e da Belgica.

No Colyseu dos Recreios, estreia-se, nas duas sessões de hoje, um extraordinario «cine-film» em que se apresenta esse espectaculo admiravel e commovente do desfile, pelas ruas de Paris, de tropas francezas e inglezas, europeias e coloniaes, belgas e russas, por entre as acclamações delirantes da multidão.

O Coliseu terá duas grandes enchentes, tanto mais que se repete a sensacional fita com os exercicios pela divisão em Tancos e parada geral em Montalvo, que tem sido admirada por milhares de pessoas.

Festas associativas

Academia Recreativa de Lisboa

Uma commissão de socios organisou para o proximo domingo, na quinta de Bellas, obsequiosamente cedida pelos seus proprietarios, um «pic-nic», que promette ser animadissimo, havendo jogo da rosa, varias corridas a premios e baile abrilhantado por um grupo musical.

A partida é da estação do Rocio ás 9,30 e a entrada na quinta é por bilhetes distribuidos pela commissão.

Notas de arte

Metaloplastia applicada á decoração d'objectos massiços

Já vimos em capitulos anteriores como se trabalha o estanho, o cobre, a prata, o ouro, etc.

Mas o ensinamento dado, cingia-se apenas ao metal laminado, isto é, em folhas delgadas, maleavel e de facil modelação.

Este trabalho, já claramente demonstrado, só póde ser applicado ao revestimento de objectos que apresentem corpo solido, como molduras em madeira ou em vidro, caixas, porte-montre, jarras, jardineiras, etagéres, etc., nomenclatura extensissima que seria ocioso enumerar.

Hoje, porém, vou fallar sobre a metaloplastia applicada á decoração de objectos de estanho ou de cobre, mas massiços.

Aqui o methodo de trabalhar é differente da modelagem já ensinada, pois que a materia resistente não permitte dar os relevos com o modelador e mesmo na maior parte dos casos, tratando-se da ornamentação de jarras, amphoras e em geral qualquer objecto de bocca apertada, a mão não póde ser introduzida dentro para executar a modelação pelo avesso, mesmo que o metal seja molle.

Como se trabalha

Escolhe-se o objecto seja em estanho, em cobre, prata, ou ouro massiços.

Começaremos é claro, pelo estanho e depois de o sabermos trabalhar, teremos a certeza de poder substituir este metal por prata ou ouro, visto que o processo é sempre o mesmo.

Se o objecto fôr direito, como placa ou bandeja, collocaremos sob elle, uma chapa de metal maleavel para receber as martelladas.

Passa-se o desenho por meio do papel chimico ou de qualquer outra maneira que dê resultado.

Aqui a objectiva é abaixar o fundo, de modo que a parte martellada o marque bem, deixando em relevo o desenho.

As primeiras pancadas serão dadas com pouca força, augmentando á medida que o metal fôr alargando.

A elasticidade do estanho é mais sensivel do que a do cobre, prata ou ouro, por isso devemos começar o estudo por este metal.

Quando tivermos obtido os relevos todos, tira-se a chapa que serviu d'almofada e procede-se do seguinte modo:

Passa-se pelo avesso uma camada de azeite ou de qualquer gordura para impedir que fique adherida a massa de que serão cheias as cavidades.

Se o objecto fôr um vaso ou qualquer cousa de bocca apertada onde não caiba a mão, deita-se-lhe dentro a materia gordurosa, sacudindo para que fique bem impregnado.

Em seguida enchem-se as cavidades com um preparado, chamado «Cimento especial».

Se fôr vaso, será completamente cheio d'essa massa, derretida em banho-maria.

Logo que arrefece, ganha uma sezão que lhe dá uma consistencia enorme, como uma pedra, o que permitte a continuação do trabalho.

Agora temos o aperfeiçoamento do fundo, que continua a ser batido para melhor relevo do desenho.

Obtido este trabalho, procuram-se os detalhes da modelação, batendo sempre com o martello e o modelador e com o fundo accentuam-se os contornos pelo cimento conserva-se até ao fim.

A resistencia do relevo produzido pelo cimento conserva-se até no fim.

A expressão dos detalhes é obtida ou por meio d'um canivete, d'uma ponta de gravar, ou pelo buril.

No final do trabalho, é necessario retirar o cimento.

Para conseguir desaggregal-o basta collocar o objecto n'um recipiente com agua a ferver e deixar derreter em banho-maria.

Logo que o cimento fique liquido, facilmente sahe das cavidades, por encontrar a parte gordurosa de que foram revestidas no principio da operação.

Quando tivermos que decorar qualquer cousa sem fundo, como por exemplo uma argolla de guardanapo, colla-l-a-hemos sobre uma taboa e deitar-lhe-hemos o cimento em fusão.

Convem não esquecer de untar a taboa com azeite ou gordura. O cimento faz adherir fortemente a argolla.

E' necessario ter em vista que a massa em fusão queima, por isso segura-se e toca-se no trabalho pegando com um panno.

Logo que arrefeça, levanta-se o objecto e trabalha-se á vontade.

Depois de bem aperfeiçoado, dá-se-lhe o banho de «patine».

LUIZA DE SOUSA.

Consultorio de Arte

Castello Branco.—A pergunta que v. ex.ª me faz sobre a causa do apparecimento das manchas entre o vidro e a photographia das photominiaturas, é devido aos maus ingredientes, que infelizmente são todos.

Acontece o mesmo sempre. Logo apoz a collagem, fica tudo muito bem na apparencia e pouco a pouco vão-se accentuando uns pontos luminosos devidos á colla, até que a photographia se vae descollando e o oleo transparente introduzindo-se tambem entre o vidro.

Para obviar este desastre inevitavel, forneço ha 15 annos, as photominiaturas já colladas na maior perfeição, promptas de transparencia e inalteraveis, aos preços approximados seguintes:

Actuaes:
9 X 12, 1$800 réis.
13 X 18, com variedade de medida, segundo as exigencias dos assumptos, que ás vezes necessitam 1 centimetro mais ou menos, 2$500 réis.

Formato de meia folha de papel almasso, 3$500, 3$200, conforme os centimetros.

Formato folha inteira, approximado, 6$500 réis.

São garantidas e a sua perfeição é o seu reclame.

Mais vale pintar uma d'estas do que duas das outras preparadas com os productos á venda.

Póde v. ex.ª crêr que não ha melhor, nem se arrepende da experiencia.

As minhas discipulas só empregam estas.

Union Jack.—O preço do «Orthoramá» é de 5$000 réis, porte e emballagem á parte.

L. S.

Secção de linho e juta

Os industriaes dos tecidos de juta, reunidos na Associação Industrial Portugueza para tratarem da crise para esta industria, originada pelo decreto n.º 231, de 20 de Novembro de 1913, depois de larga discussão, approvaram, por unanimidade, a moção a seguir transcripta:

Moção de ordem

Considerando que os industriaes dos tecidos de juta montaram no paiz a sua industria confiados em que pautas discutidas e votadas pelo Parlamento só pelo Parlamento poderiam ser alteradas ou revogadas;

Considerando que pelo decreto n.º 231 de 20 de Novembro de 1913, se alterou uma lei do paiz, com grave perturbação para a economia nacional, dando livre entrada nas possessões ultramarinas portuguezas á saccaria estrangeira,

Considerando que a isenção de direito do sacco estrangeiro por aquelle decreto permittida collocou o sacco fabricado na metropole, por operarios portuguezes, em condições desvantajosas, visto o sacco nacional se achar aggravado em relação ao estrangeiro em 15 mil avos por kilo, ao passo que o sacco nacional paga além dos direitos de importação de materia prima 1 1|2 «por cento» ad valorem pelo despacho de exportação, o sacco estrangeiro apenas é onerado com 1 1|2 «por milhar» pelo sello de reexportação;

Considerando que aquella disposição tende a beneficiar o trabalho estrangeiro em prejuizo do nacional;

Considerando que a differencial que os industriaes portuguezes tinham a seu favor era por kilo de
$03,2 nas alfandegas de S. Thomé e Principe;
$02,4 nas alfandegas de Angola;

Considerando que tal beneficio representa uma protecção minima, pouco mais do que um direito estatistico a favor do producto nacional;

Considerando que a differença apontada representa nos saccos habitualmente usados:
Em S. Thomé $03 por sacco;
Em Angola $01,2 e $01,1 por sacco;

Considerando que cada sacco comporta geralmente 4 arrobas de mercadorias e que nenhum genero colonial, por muito pobre que seja, póde, ainda que levemente, ser aggravado com a differencial de $00,5 e $00,3 por arroba;

Considerando de que o argumento de que a livre entrada do sacco estrangeiro nas colonias era necessaria para auxiliar e proteger a exploração de productos pobres, não, têm como se deprehende do que fica exposto, nenhum fundamento;

Considerando que, ao passo que toda a agricultura colonial está, n'este momento, atravessando—com o que muito nos regosijamos—um periodo de prosperidade, auferindo todos os agricultores importantes lucros, tendo quasi todos os generos coloniaes duplicado e triplicado de valor, a industria dos tecidos está, pelo contrario, atravessando uma grande crise, crise que, de resto, tambem já se fez sentir nos mercados estrangeiros, devido aos fabulosos preços das materias primas;

Considerando que, emquanto uns auferem fartos lucros, outros, mais numerosos, se encontram nas proximidades de uma ruina certa, chega a ser pueril o andar-se em acesa discussão por causa de uns mesquinhos *mil avos*;

Considerando que, com a conservação de um tal decreto, se occasionará, a breve trecho, a ruina da industria dos tecidos de juta, a perda dos importantes capitaes n'ella imobilisados e a miseria de centenares de pessoas que na mesma ganham o seu sustento;

Considerando que tal decreto não sómente é improductivo, mas lesivo da economia nacional e colonial, representando ainda uma importante perda para a fazenda publica, pela consideravel receita de direitos de importação de materias primas e de saccos estrangeiros que deixará de receber, bem como pelas contribuições que com o anniquilamento d'esta industria o Estado deixará de cobrar;

Considerando que n'este momento, todos os paizes estão protegendo as suas industrias e que uma das resoluções da conferencia economica dos alliados, celebrada em Paris, foi:

> «Os Alliados resolvem adoptar sem demora as medidas necessarias para se emanciparem de qualquer dependencia dos paizes inimigos, relativamente ás materias primas e objectos fabricados essenciaes ao desenvolvimento normal da sua actividade economica».

E mais abaixo:

> «Entre outros meios, poderão recorrer, já ao das emprezas subvencionadas, dirigidas ou fiscalisadas pelos proprios governos, já a auxilios pecuniarios que sirvam de estimulo a pesquizas scientificas e technicas, ao desenvolvimento das industrias e dos recursos nacionaes, *já aos direitos alfandegarios*, ou a prohibições lançadas d'um modo temporario ou permanente, já, finalmente, a uma combinação d'estes diversos meios».

Considerando que o sr. Asquit, digno Presidente do conselho de ministros inglez, e um dos principaes adeptos do livre-cambismo, pronunciou na sessão do Parlamento Britannico de 2 do corrente, as seguintes palavras que submettemos ao judicioso criterio dos actuaes governantes:

> «A guerra veio abrir os nossos olhos ao significado e aos propositos do systema allemão de penetração economica e de *contrôle* commercial e financeiro das mais importantes industrias e o uso que de taes vantagens, adquiridas por esta fórma ella collocou ao serviço da guerra».

E mais:

> «E' evidente, como se deprehende dos jornaes commerciaes da Allemanha, que aquelle paiz conta com tres factores para impedir o resurgimento industrial e commercial dos paizes alliados e tanto assim que está organisando as suas industrias (não tenhamos illusões a tal respeito) para um assalto aos mercados alliados, e para uma concorrencia vigorosa, e, se possivel, victoriosa, nos mercados neutraes».

Considerando que póde reputar-se certo que será um paiz inimigo do nosso o que mais beneficiará com o decreto n.º 231, pois antes da guerra eram a Hollanda e a Allemanha que mais saccaria exportavam para as nossas colonias;

Considerando que é perigoso dar ao governador d'uma colonia a faculdade de conceder a entrada livre de mercadorias a quem muito bem entender dever outhorgar tal beneficio;

Considerando que o nosso paiz, como todos os outros, se deve preparar para a lucta economica que inevitavelmente se succederá á guerra, o que certamente não se consegue anniquilando industrias;

Considerando que os industriaes não pedem nenhum beneficio novo mas apenas a manutenção dos poucos que lhes haviam sido concedidos;

Considerando que o decreto n.º 231 póde ser interpretado de modo a lesar todas as industrias do paiz, visto o mesmo, pelo seu art. n.º 1, auctorisar:

> «os governadores das provincias ultramarinas a permittir a importação temporaria de *todos os objectos ou mercadorias* indispensaveis á *preparação* ou acondicionamento dos productos a exportar da agricultura ou da industria da propria provincia».

(O que é reforçada ainda com a opinião do proprio legislador nos preliminares do mencionado decreto, quando especifica):

> «a importação temporaria de materias primas que as colonias não produzem de ferramentas e utensilios destinados a facilitar os esforços das industrias, material de emballagem e de acondicionamento»;

Considerando que este decreto não é afinal mais do que o já tão famoso e tão atacado regimen da porta aberta nas nossas colonias;

Considerando que se começou pela industria da saccaria, por a reputarem talvez de somenos importancia, para em seguida, e depois de feita a experiencia, passarem a outras industrias de mais largo desenvolvimento, afigurando-se-nos que a industria metalurgica é a que, logo a seguir á nossa, em mais immediato perigo se encontra de ser attingida pelo referido decreto;

Considerando que os direitos adquiridos durante vinte e quatro annos pelos industriaes e pelos centenares de pessoas que se occupam n'este ramo de industria, teem mais jus á consideração dos poderes publicos do que os illegaes previlegios concedidos pelo decreto n.º 231 a meia duzia de firmas, regalias que, de resto, ainda nem poderão ter causado, para os concessionarios, os seus effeitos, porquanto as portarias concedendo a importação livre dos saccos são todas do anno corrente e algumas de ha dias apenas;

Considerando que a revogação do decreto e a annulação das respectivas portarias a ninguem prejudica e até representa uma medida de justiça e de louvavel patriotismo;

Considerando, finalmente, que se a agricultura colonial na metropole gosa do beneficio de 50 °|o, carece de qualquer protecção, não é justo nem razoavel que ella lhe seja concedida á custa e com o sacrificio de uma ou mais industrias da metropole;

A secção dos tecidos de juta da Associação Industrial Portugueza, representada pela totalidade dos industriaes d'este ramo do paiz, resolve:

1.º—Solicitar do governo a immediata revogação do decreto n.º 231, para o que tem na lei n.º 373, de 2 de setembro de 1915, os necessarios poderes;
2.º—A annulação das portarias que na doutrina do mesmo se baseiam;
3.º—Appelar para todas as outras classes industriaes, reclamando o seu apoio e solidariedade na questão que a todos ameaça affectar;
4.º—Dar conhecimento aos seus operarios dos trabalhos realisados, prevenindo-os desde já do perigo que correm, porquanto as fabricas, dentro em pouco, terão de reduzir a sua laboração, ao que se seguirá o encerramento da maior parte, se porventura lhes faltar o mercado colonial.

Lisboa, 14 de agosto de 1916.

Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas,
Companhia União Fabril, de Lisboa e Barreiro.
Calvente & Syder Limitada, de Lisboa.
Companhia Fabril Lisbonense, de Albandra e Lisboa.
Pimentas & C.ª, de Vianna do Castello.
Leites Sobrinhos & C.ª, de Lisboa.
Modesto Gomes Reys, de Faro.
Ramirez & C.ª, de Villa Real de Santo Antonio.
Fabrica de Tecidos Mixtos Limitada, de Torres Novas.
Manuel Joaquim Barreiros, de Loulé.
Manuel de Sousa Inez, de Loulé.
Augusto J. Barreiros, de Loulé.
Silva & Mattos, do Porto.
José Joaquim Barreiros, de Loulé.
José Baptista Ramos de Deus, de Torres Novas.
Vassalo, Vassalo & Carvalho, de Torres Novas.
Bento da Cunha Domingues, de Silves.
Antonio Murta, de Santa Barbara de Nexe.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 1.—A'manhã, sexta-feira, ás 21 e meia horas, funcciona a aula d'esgrima de espada, e ás 22, ha ensaio da banda de musica, ao qual teem de comparecer todos os executantes. No proximo domingo, ás 8 horas em ponto, todos os instructores e alistados da 1.ª e 2.ª secções teem de comparecer, no quartel de Sapadores, e o pelotão d'estafetas, ás mesmas horas, na séde. As faltas não justificadas por doença comprovada em attestado medico, reconhecido por notario, serão anotadas rigorosamente. Os alistados que foram á junta de recrutamento para serviço militar devem indicar na secretaria do conselho technico da Sociedade o resultado da junta, e os que foram apurados, qual a arma ou serviço para que foram destinados. Quatro alistados da 1.ª secção foram, no domingo passado, remettidos a infantaria 5, a fim de cumprirem 2 dias de prisão nos calabouços d'aquelle regimento, por ordem do coronel director da instrucção.

Continua aberta a inscripção para novos socios auxiliares e alistados da 1.ª e 2.ª secções, ou para os que desejem transferir-se d'outras para esta corporação, na séde respectiva, r. da Graça, 31 e 33, ou na rua da Prata, 242, (esquina de Santa Justa).

SOCIEDADE N.º 4.—Realisa no proximo domingo as suas provas finaes pelas 17 horas no Campo de jogos do Lyceu de Pedro Nunes, tendo sido convidados a assistir os srs. Presidente da Republica, presidente do ministerio, ministro da guerra, general commandante da 1.ª divisão do exercito, commandante da guarda republicana, camara municipal de Lisboa, governador civil e mais entidades militares e civis. Abrilhanta a patriotica festa a banda da Sociedade.

Todos os alistados da 1.ª e 2.ª secção devem comparecer n'esse dia no quartel de infanteria 2, ás 6 horas em ponto, afim de receberem armamento e o terno de corneteiros e tambores e ciclistas com suas machinas devem comparecer á mesma hora e no mesmo local.

A banda comparecerá na séde da sociedade ás 15,30 horas havendo no proximo sabado ás 21 horas ensaio ao qual devem comparecer todos os executantes.

Os bilhetes de convite principiam a ser distribuidos ámanhã, das 20 ás 24 horas, na secretaria, Rua das Amoreiras, 125, onde podem ser requisitados.

No mesmo local estarão a partir do proximo sabado em exposição os premios a distribuir pelos alistados que mais se distinguiram nas varias provas sportivas.

Carga de navios apprehendidos

Foi concedida a prorogação de trinta dias á firma Alberto B. Centeno & C.ª, para reclamação de carga do vapor «Mazagan», actualmente «Trafaria», e de noventa dias á firma Wiese & C.ª, quanto á carga do «Enos».

A provincia n'A CAPITAL

BARREIRO, 15.—Consta-nos que o sr. ministro da instrucção vae attender ás reclamações dos paes dos alumnos reprovados no exame de instrucção primaria do 1.º grau, na presente época, em numero de vinte e nove, mandando repetir esses exames e averiguar das causas que determinaram a má vontade do jury, manifestada na orientação que elle deu aos interrogatorios, que foram feitos de maneira a estabelecer confusões e a atemorisar os examinandos.

Oxalá que o jury que fôr escolhido para presidir aos novos exames seja consciencioso, para poder apreciar o grau de habilitações dos alumnos e alumnas reprovadas.

—Devendo começar, em 18 do corrente, os exames do 2.º grau, pedimos ao sr. ministro providencias para que esses exames sejam mais bem orientados do que os do 1.º grau, pois consta-nos que se preparam novos ataques ao professorado particular, com o firme proposito de se anniquilar todo o seu trabalho, o que poderá trazer consequencias desagradaveis.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2159—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 18 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Rosa, 71

Preço 2 centavos

A fé e a Egreja

Relataram os jornaes a substituição do nuncio apostolico na Belgica, que certamente tendo ficado ali para proteger quanto possivel, em face do despotismo do invasor, os catholicos belgas, a tal ponto exaggerara o caracter das suas relações com as auctoridades allemãs que chegava a comparecer em festas e banquetes dos oppressores do paiz para o qual fôra acreditado. O novo nuncio, recebeu instrucções do Vaticano para ir ao Havre apresentar os seus respeitos ao rei Alberto, instrucções que teriam em vista minorar o effeito deploravel do procedimento escandalo so do seu antecessor.

Esta debil manifestação da Egreja, realisada como preito á Belgica martyr, e onde os catholicos tiveram tanta preponderancia, não vinga desvanecer a impressão desoladora da duplicidade da Egreja. Na realidade, não se trata d'uma attitude decidida e nobre do Vaticano, mas sim do proseguimento d'uma politica dubia em que as condições terrenas prevalecem bem accentuadamente sobre a moral evangelica.

A Egreja Catholica procura apparentar imparcialidade, mas como o disse ha bem pouco ainda Ruy Barbosa, no seu formidavel discurso, não ha imparcialidade possivel entre a justiça e o crime. E muito menos poderia adaptar-se a essa imparcialidade, que no fundo não representa senão fraqueza ou cumplicidade, a Egreja catholica, ao tratar-se d'um paiz catholico, e onde tem florescido mais vivaz o espirito d'essa religião.

O momento que passa marca um resurreição admiravel da fé religiosa. Em face d'um cataclysmo que revolve as sociedades nos seus mais intimos fundamentos, quando a força se desentranha em prodigios de destruição, em presença d'um vulcão de paixões, d'um abysmo de ruinas e d'um oceano de lagrimas, quando a iniquidade substituiu a inspiração da bondade e da razão, quando se diria que a terra treme nos seus alicerces e o ceu ennegrece n'uma tempestade incessante, o coração humano sente a necessidade d'um apoio, a noção moral requer a forma d'uma visão do espirito, e para que não se trepide no sacrificio nem se esmoreça no heroismo alguma coisa de immaterial e eterno se torna necessaria á alma dos que combatem.

N'alguma ha-do ha de haver a serenidade do bem e um manancial do amor; n'alguma parte ha de haver justiça, n'alguma parte ha de haver um poder que não deixe exterminar a luz d'uma civilisação radiosa, que não permitta que o progresso pare, que não consinta que a liberdade, o direito, a razão pereçam de morte affrontosa!

A Egreja, o Papa, infallivel e sagrado, trepidam, não ousam arrostar a força d'um imperio sanguinario.

Fazem uma politica de transigencias, de habilidades, de sophismas, que já é vil tratando-se só dos interesses terrenos e que é criminosa tratando-se da causa do ceu. Não trepidam, nem hesitam, as multidões heroicas que affrontam a metralha nos combates, e que affirmam a fé, entre o furacão da batalha, multidões em cujo peito a fé refloresce, e que acceitam a fé precisamente como um novo e poderoso estimulo para não fraquejarem na sua lucta magnanima e bella. Esses não contam o numero dos seus inimigos, que reputam não só os seus inimigos, mas os inimigos do proprio Deus, que não concebem como possam manter-se imparciaes ante o espirito da malvadez e da ambição desencadeados como infernal flagello.

Assim, ao mesmo tempo que a Egreja não tem uma palavra para defender com indignação e nobreza a causa dos seus filhos, ao mesmo tempo que ella não formula um protesto que echoe por todo o mundo ao presenciar a selvageria allemã, arrancando do Norte da França invadida 25:000 rapazes e raparigas menores, para os arremessar a uma situação de escravos, mutilando corações e lacerando lares, a fé religiosa revive, cheia de ideal fervoroso e grande, uma fé identica á dos primeiros tempos do christianismo, em que homens, mulheres, creanças não duvidavam arrostar os mais atrozes supplicios para arremessar á face dos tyrannos e dos impios uma palavra de verdade luminosa e eterna.

Mas a revivescencia d'esta fé, que é tão poderosa e vivaz quanto o horror da maldade humana é formidavel e sombrio, estabelece como nunca o seu divorcio com a Egreja Romana, onde o espirito evangelico se perdeu, d'onde essa mesma fé fogo, horrorisada, com o espectaculo de tanta baixeza e egoismo, como a propria pomba do espirito sacudindo as azas brancas e symbolicas.

N'este momento em que se trava um combate assombroso entre o bem e o mal, entre a bondade e a ferocidade, entre o despotismo e a liberdade, entre a ambição e o ideal, a Egreja de Roma não tem uma attitude desassombrada e pura, e assim se distancia d'essa fé que a creou, o que equivale á sua propria fallencia.

D'este flagello que é a guerra, e a guerra maior da humanidade, vão surgir transformações profundas no mundo. A Egreja de Roma ha de sentil-o, quando vir os olhos dos crentes affastarem-se d'ella, por jánão lhe ser possivel consideral-a, mesmo com a mair candura ou indulgencia, o asylo inviolavel dos christãos. A fé não perece, a fé revive, e revive tão intensamente que até os que não crêem a respeitam, mas será essa mesma fé que vibrará o golpe decisivo na Egreja, que a falseia.

A GRANDE GUERRA

A questão dos capellães militares

Uma differença sensivel: o zelo sincero e pratico dos catholicos francezes e as meras reclamações (sic) platonicas dos catholicos portuguezes

Uma alta comprehensão dos deveres patrioticos e um generoso espirito de tolerancia levaram o governo, desde que a nação entrou em guerra, a não levantar obstaculos á pratica dos exercicios religiosos nas fileiras, a despeito da separação da Egreja e do Estado. A benevolencia e até o manifesto empenho com que os membros do gabinete, nomeadamente o presidente do conselho e o ministro da guerra, ambos livres-pensadores, facilitaram essa pratica merecem tão sinceros louvores como justificada admiração a espontaneidade dos crentes, acorrendo a offerecer os seus serviços, os seus obolos, o apoio da sua palavra e sobretudo do seu exemplo para que a assistencia espiritual não faltasse aos entes queridos nas horas culminantes em que a vida se consagra á salvação da patria no mais bello dos holocaustos.

Um homem illustre e prestigioso pelo seu caracter e pelo seu talento, verificando que só uma objecção grave—o problema orçamental—se oppunha a que capellães voluntarios seguissem as tropas, tomou um compromisso: os padres catholicos partem sem soldo. O presidente do conselho acquiesceu. Não escassearam os sacerdotes; não falharam os obolos, na sua maioria anonymos. A's mãos d'aquelle homem prestigioso e illustre chegam centenas de cartas respondendo ao seu appello. Todos os catholicos subscrevem: prelados, parochos, coadjutores, chefes de numerosa familia, fidalgos e plebeus, ricos e pobres, industriaes, commerciantes, operarios, creanças, irmãs, esposas, mães... principalmente mães. Affluem cheques anonymos de 100 escudos, 200 escudos, um conto... Em duas semanas os obolos reunidos ultrapassam vinte contos.

Uma circular fixou as tres condições para a admissão do capellão voluntario sem soldo: estar livre de todo o serviço militar, possuir auctorisação do seu bispo e gozar boa saude. Pensou-se em dirigir um appello aos prelados mas não foi necessario. Os offerecimentos surgem de todos os lados, em telegrammas, em cartas, pessoalmente.

Rivalisam de zelo padres seculares e padres regulares. Sacerdotes de todas as provincias, antigos missionarios, antigos professores disputam a sua admissão entre os capellães voluntarios. E' tão ardente a vontade com que muitos desejam ser admittidos que, embora pouco robustos, allegam aptidões physicas: a sua resistencia na marcha, a sua pratica de cyclismo, a sua permanencia de largos annos em regiões inhospitas, e sabérem andar a cavallo! Ha-os que affigam um titulo de recommendação serem filhos e netos de militares. Um pastor de almas quer dar um exemplo á sua parochia; outro, cuja familia tem fortuna, offerece tambem um automovel...

Mas nem todos são acceitos. Os que se imaginavam libertos de obrigações militares, e que de facto o não estavam ainda, foram contrangidos a aguardar a vez de servir a patria nos campos de batalha.

* * *

O que deixamos dito, pallida e summariamente, occorreu ha dois annos em França. Supporá porventura alguem que os catholicos procuraram entre nós, a sério, acudir ás necessidades espirituaes dos soldados em campanha? Essa illusão, se existiu, já se desvaneceu por certo...

Ao presidente da Republica teem sido, com effeito, endereçados numerosos telegrammas de collectividades e individuos reclamando (sic) a restauração dos capellães militares. Na imprensa catholica teem vindo a lume artigos reforçando essas reclamações e o sr. patriarcha de Lisboa, traduzindo o sentir dos seus collegas no episcopado, ponderou ao primeiro magistrado da nação quanto era necessario e justo fazer acompanhar os combatentes de ministros da religião que é a dominante no paiz.

E nada mais!

A iniciativa, o esforço, a piedade, a abnegação, a caridade dos reclamantes exgotaram-se n'essas affirmações, n'essas exigencias, n'essas lamentações meramente platonicas que dir-se-hiam feitas á sobre-posse, apenas *pro-forma*.

O conde de Mun, o illustre e prestigioso catholico, o grande patriota a quem acima nos referimos, não se dedignou de subir as escadas dos ministerios—em cadeirinha porque a sua combalida saude perigava!—a fim de expôr com a sua empolgante eloquencia, cheia de convicção e de ardor, a causa e as aspirações dos catholicos que Viviani e Millerand ouviram respeitosos e attentos. Fez-lhes notar como era insufficiente o decreto de 5 de maio de 1913 que regulava a questão dos capellães; tornou-se o portavoz vibrante e commovente de milhões de almas; foi o mais valioso, o mais tenaz, o mais energico dos cooperadores do cardeal arcebispo de Paris n'essa cruzada pelo conforto das almas na hora tremenda e suprema.

Após a conferencia nocturna de Alberto de Mun com o sr. Viviani, em 11 de agosto de 1914, o ministro da guerra era, pelo telephone, posto ao corrente do que se passára e fixava em 250 o numero de capellães voluntarios sem soldo, auctorisados a prestar nas fileiras serviços identicos aos dos capellães admittidos por lei. Já dissemos o que aconteceu em seguida: um appello lançado á cooperação d'uns, á generosidade de outros e logo correspondido com fervoroso enthusiasmo.

Novos capellães voluntarios appareceram e marcharam com os regimentos para as linhas de fogo. O governo pôde saber, por via dos informações dos commandantes e dos chefes do exercito, o valor dos serviços que prestavam os capellães e reconheceu-lh'os e premiou-lh'os. Primeiro, foi-lhes concedido um subsidio de alimentação; depois o sr. Millerand (circular de 12 de novembro de 1914) estabeleceu-lhes um soldo. A sua nomeação continuou a fazer-se, elegendo-se os capellães entre os inscriptos em listas de candidatos munidos da auctorisação episcopal, livres das obrigações militares. As vagas (mortos, feridos, doentes, prisioneiros, desapparecidos) foram preenchidas por elles em conformidade com o pedido do grande quartel general. A cruz de guerra, as citações na ordem do dia, a Legião de honra teem assignalado os nomes e as obras dos capellães, muitos dos quaes não só verteram o seu sangue pela patria, como tambem lhe sacrificaram a vida.

* * *

Estamos em guerra. Batemo-nos em Africa. Iremos ámanhã combater na Europa. Em França, no instante de se entrar em campanha, não havia capellães, mas a lei auctorisava-os em numero muito insufficiente. Admittamos, porém, que tal não succedia e que o governo ficava, até á ultima hora, indifferente ás reclamações que lhe dirigissem no sentido do restabelecimento dos capellanias militares. A attitude dos catholicos francezes nunca, em semelhante conjunctura, seria identica á que tomaram e manteem os da nossa terra.

O conde Albert de Mun nunca, em situação alguma, cruzaria os braços ou se intimidaria com as resistencias. Pelo contrario, os seus esforços intelligentes e sinceros haviam de redobrar até que, obtido o concurso de presbyteros dispostos a seguir as tropas e alcançados os fundos indispensaveis á sua manutenção, se removessem todos os obstaculos postos ao exercicio das funcções sacerdotaes em campanha.

Quem assegura aos dirigentes catholicos portuguezes, aos prelados, aos leaders, aos mentores leigos que alli prelecionam de cathedra, que seriam infructiferos os chamamentos que lhes fizessem no sentido de se realisar uma obra semelhante áquella que glorificou o nome de Albert de Mun? Se mais nada lograssem do que affirmar solemnemente o vigor e a intrepidez das suas crenças e os rasgos da sua religiosa solidariedade, muito, muitissimo haveriam feito...

Mas até agora, na imprensa, apenas temos visto, além dos telegrammas endereçados ao presidente da Republica, a organização de commissões districtaes, concelhias e parochiaes em que figuram invariavelmente nomes de clerigos... a fim de se recolherem auxilios em favor dos monarchicos em precarias circumstancias!

AVELINO DE ALMEIDA

TERRAS DE PORTUGAL

SINES

E' uma das mais lindas praias portuguezas

SINES, 16.—De S. Thiago até aqui a estrada é uma ininterrupta alameda, cortando quasi sempre em linha recta uma interminavel planicie. Grandes pinheiros tranquillos ramorejam á beira do macadam, como se á minha passagem ficassem, entre si, dizendo indiscretos segredos. O sobreiro retinto, o sobreiro triste, côr de ferro galvanisado, estende a medo, para o ar diaphano saturado de iodo, a ramaria espessa. Pelas terras, ha milharaes rachiticos que mal se erguem um palmo acima do chão. A duna, á medida que me approximo do Mar, vae invadindo tudo. A areia substitue-se á terra funda e fecunda. Por isso o pinheiro copado e robusto cresce assim, por estes sitios, como uma bemdita arvore de eleição. A' sahida de S. Thiago, principia a desenrolar-se me deante dos olhos, como um «film» visto de perto, o panorama enternecedor que se descortina lá de cima, do monte glorioso da Romeirinhas. O que era mancha passou a ser detalhe. O que era conjuncto, sombra, penumbra, paizagem indistincta diluida na neblina, é agora pormenor, recanto verdejante, pomar opulento, em que o fructo amadurece; vinha em que os cachos aloiram, seára que a mais doce luz que olhos humanos podem sorver, doira e espiritualisa.

Está uma santissima tarde de outomno. Muita frescura, muita alegria desfeita pelo ar, muita ternura a infiltrar-se-nos pela alma, muita paz a atirar-nos e a dizer-nos que nos deixemos ficar para aqui, esquecidos do que vae, em sangue, em miseria e em tragedia, por esse pobre mundo. Dir-se-hia que outubro vem perto, com os primeiros frios e com as primeiras rabujentas chuvas. O Alemtejo esbrazeado fica já não sei onde—talvez a poucos kilometros, talvez a milhares de leguas. Este paiz é outro, esta terra é differente. A agua sem fim canta perto a sua eterna symphonia dolorida, e basta ella, essa agua verde esmeralda, verde turqueza, azul celeste, azul ferrete e quasi roxada ás vezes, para dar a tudo indícios aspectos differentes. Nas vizinhanças co Mar, a natureza transmuda-se, humilha-se, recolhe-se, quasi se prosta perante o gigante insubmisso, que não pára de ameaçar e de rugir. Nunca me approximo do mar sem uma grande emoção a castigar-me os nervos. Desejo vêl-o e ao mesmo tempo tenho receio de enterrar na sua côma esverdeada e liquida o olhar que tanto a acaricia. Creio que com as arvores acontece outro tanto. O Mar não as seduz. Atemorisa-as.

O auto que me conduz deveria imperturbavel o caminho. O *chauffeur* dá-me complicadas lições de mechanica. Pelas fazendas pastam novilhos, de pelo fulvo, airosos e nutridos. De repente, a linha longinqua do horisonte como que se adelgaça. Anima-a outra luz. Vivo n'ella outra alma. E' o littoral que surge. E' o Mar que faz a sua apparição, enovelando-se e espreguiçando-se pela areia que lhe serve de fofo leito.

mulheres da região d'Aveiro. Tenho a impressão de que tambem em Sines ha tricanas. Mas o que ha, com certeza, é muita mulher bonita...

A garotada bravia precipita-se para o automovel. Quer tacteal-o, apalpal-o, vêr como elle é por fóra e por dentro. E por pouco o não conseguiu, mercê da nossa piedosa benevolencia.

* * *

E a bahia apparece. E' um deslumbramento. Tão longe, perdida nos confins da nossa terra, lembrada, quando muito, pelos legitimistas, por d'aqui ter partido para o exilio o sr. D. Miguel, suppunha eu que Sines era uma terra abandonada, que não merecera jámais aos governantes de Portugal uem um farrapo de attenção. Engano. Sines tem a sua doca de abrigo para os barcos de pesca, tem a sua muralha a proteger a doca cida para a praia, tem as suas rampas que conduzem até ao mar, e de quem vem de fóra a consoladora impressão de que o progresso a tomou um dia sob a protecção das suas grandes e beneficas azas, para tornar mais bellos os seus maravilhosos encantos.

A povoação fica sobranceira ao Oceano, poisando em cima, na escarpa alta, como á beira d'uma enorme taça. Batida pelo sol, a casaria emoldurada de branco a bahia pequenina, que se pousa em baixo como uma compacta toalha de anil, sem uma dobra nem uma ruga. Do lado norte, a rua vae até ao rochedo abrupto, passando por um arco que me traz á memoria certos recantos immundos de Fez. Em frente, para o Poente, fica o Mar, a perder de vista. Para o Sul, adivinham-se os pincaros de Monchique, afogados em neblina. Mil Montes, a Serra de Odemira, toda esta zona da costa que fica para lá de Sines, o que é a mais desconhecida de Portugal, como que se agacha sob a pressão de minha vista, para se não deixar despertar.

Não conheço na costa portugueza recanto mais adoravel do que este. Nunca vi agua mais azul nem Mar mais translucido. Sines é uma praia para se banharem sereias em noites innundadas de luar. E podia ser, a bahiasinha recatada e tranquilla, povoada de barcos de pesca, que me parecem, do alto do promontorio, brinquedos de creança, um porto internacional de primeira grandeza, sendo ao mesmo tempo o porto do Alemtejo. Para isso, bastava que se fizesse até aqui uma linha ferrea, que ligasse Sines com Moura, com Serpa e depois com a Hespanha. Far-se-ha isso um dia? O portuguez, principalmente o portuguez que governa, é um animal que vive, sobretudo, de chimeras. As soluções praticas aterram-no. Deem-lhe illusões. Devoral-as-ha como um faminto de pão. Façam-no sonhar. Delirará. Sonhará alto. Construirá, n'um segundo, phantasticos palacios, incendiados de pedrarias, onde a riqueza seja a Rainha e a alegria a fada creadora de todos os prazeres. Mas se lhe disserem que ha immensas coisas simples a fazer, das quaes depende o futuro da sua terra, abrirá os olhos tão desmedidamente que o espanto bem podo transformar-se em loucura.

Não. O portuguez não nasceu para entender as coisas pouco complicadas. E' uma machina com muitas engrenagens. D'ahi, oxidar-se com facilidade e girar quasi sempre com inconcebiveis intermittencias.

* * *

Ao largo, um vapor hespanhol está carregando os ultimos fardos de cortiça. No costado, as côres da bandeira castelhana estendem pela carcassa negra do monstro a sua hypotetica cortina de protecção. Quantos vapores como este podiam vir, por anno, a Sines, buscar minerio, cortiça, madeira, tudo emfim quanto o comboio, como incançavel formiga, arrastasse para este portosinho tão plaçido e tão abrigado? O que não se importaria e não se exportaria por este verdadeiro buraco aberto na costa portugueza e collocado á beira d'uma das mais opulentas faxas do territorio nacional? Não posso dizel-o. Mas ao vêr, do alto do meu poiso de observador, a graça com que a bahia se recórta na raiz da escarpa que a protege dos vendavaes, orlo sem esforço toda a opulencia de Sines, no dia em que o seu pôrto não fôr, como é hoje, quasi exclusivamente sulcado por minusculas vélas, que riscam, como azas, fugidias, de gaivotas, as rutilas aguas.

* * *

...E saúdo o Mar. A campina já não me interessa. Os pomares de S. Thiago, a estrada de Melides, bordada de quintas, que parecem pedaços da região de Collares collocados ao lado do Alemtejo fulgurante, as Romeirinhas, tudo, emfim, quanto de bello tenho visto nos ultimos quinze dias, se me varre da memoria no momento solemne em que o Mar apparece deante de mim. E' que a ancia de vêr agua, muita agua, de sentir a frescura mesclada das ondas acariciar-me a pelle tostada, de refrescar os olhos afflictos pela luz mais viva que podia queimal-os, era em mim já absolutamente irreprimivel. Andei quarenta e tantos kilometros para vir a Sines. Teria, de boa-mente, percorrido o dobro só para passar meia hora que fosse á beira do Oceano inquieto e tentador. Em dez minutos, toda a tragedia dos calores alemtejanos se dilue. Sou o peregrino que chegou ao oasis.

E o auto entra na villa, cuja rua principal vae direita á praia. Chega toda a gente á janella, para nos vêr passar. Os estabelecimentos despejam-se e as gentes admiradas querem á viva força vêr quem chega. Sinetrica perdida no fim do mundo. E' a terra portugueza que está mais longe do caminho de ferro. A civilisação só lá chega depois de longas, dolorosas e tormentosas viagens. Deve viver-se por aqui na Santa Paz do Senhor. Quem quizer ca-a par não pode ser bem visto. D'ahi, certos olhares pouco hospitaleiros que á minha passagem me fusilam, cheios de surpreza e de desconfiança. A villa é pequena e antiga. Ruas estreitas, com predios archaicos a lembrar o passado aqui e além. Carinhas lindas, debruçando-se das sacadas. Bustos esbeltos, de raparigas novas, incrustam, com as suas blusas brancas, engomadas de fresco, nas paredes bronzeadas, manchas de immaculada e resplandecente alvura. Ha em alguns d'elles a elegancia pudenica de certas

Sines foi a praia preferida pela gente rica do Alemtejo, nos tempos em que não havia comboios e em que as Estorias quasi não existiam. Hoje, quasi não vem aqui ninguem tomar banhos. E' por isso que me apetece ficar junto d'esse pedaço de Mar, que póde rivalisar, em bellezas e em serenidade, com os mais bellos e as mais serenos de Portugal. A tarde avança, e o Sol, que é o pintor deliciado de maravilhosas aguarellas quer baixam deante de mim pelo agua... pelas ravinas e pela clara povoação

Migalhas

A obcessão

O nosso velho amigo Praxedes, que ha tempos não figura n'estas chronicas, não porque não tenha feito por isso, mas porque, aproveitando umas curtas férias, tenho tratado de me isolar quanto possivel de todos os Praxedes das minhas relações, appareceu-me hoje com o ar de quem prenuncia alguma cousa de engraçado e, assim que lhe estendi a mão, apontou-me uma rosela de louça que tinha na botoeira e em que se lia no mais despanhol dos castelhanos:—«No me hable usted en la guerra...»

Encolhi os hombros, como se elle me tivesse dado um desgosto, e esperei que se explicasse.

—«Que me diz a isto, hein? Safa, que já estava farto de tanta maçada de guerra. Uns porque vamos, outros porque não deviamos ir, uns porque vão ser mobilisados, outros porque estão em riscos de o vir a ser... Que seringação! E, emquanto a gente anda por ahi a ouvir e a dizer disparates, a guerra não avança, dizem uns, anda a galopo, explicam outros. A acção dos russos é surprehendente, a reacção italiana é extraordinaria, Verdun é um prodigio e o Somme um assombro. Entretanto, ninguem faz ideia de quanto aquillo póde durar ainda, se um anno, se dois, se cem, como a tal guerra, em que chegaram a ser mobilisados antepassados... os meninos que estavam na massa dos impossiveis dos respectivas mamãs. Esperam-se grandes cousas de aquelle dia de ámanhã, que ha dois annos nos annunciam. A paz é uma questão de mezes, affirmam sabios illustres e bruxas ignorantes. Os jornaes não fallam de outra cousa. A guerra é o assumpto das conversas de toda a gente... Ora calcule o meu amigo...

Emfim, estive duas horas callado escutando o Praxedes. E o mariola, de rodinha de louça no peito, não me fallou n'outra cousa que não fosse a guerra. Calculem se elle não tivesse gasto aquelles seis centavos!

ANDRÉ BRUN

União Republicana

Realisa-se amanhã, pelas 21 horas, a primeira sessão do Congresso da União Republicana, effectuando-se depois d'amanhã, ás 14 horas, a segunda e ultima sessão.

Congresso da Republica

O *Diario do Governo* traz hoje o decreto convocando extraordinariamento o Congresso da Republica para o proximo dia 22, pelas 14 horas.

Tremor de terra em Italia

ROMA, 17.—A agencia Stefani confirma que em consequencia do tremor de terra d'esta manhã não houve victima alguma em Pesaro. Em Remini os prejuizos foram sérios: houve quatro victimas, uma trinta feridos, desabaram algumas casas e outras ficaram fortemente avariadas.

Foram tomadas todas as medidas necessarias para soccorrer as populações.

Ainda que, segundo as noticias recebidas, o alcance do desastre seja muito limitado em extensão e intensidade, todas as disposições estão tomadas para prover a todas as necessidades.—(*Havas*).

Ver noticiario diverso na 3.ª pagina

O kaiser e Eça de Queiroz

Recebemos hoje a seguinte carta:

Lisboa, 17 de agosto de 1916.—*Sr. redactor d'A Capital*.—Nos «Echos de Paris» do nosso grande Eça de Queiroz a folhas 85 sob a epigraphe «O imperador Guilherme» encontrará v. um estudo sobre esta já celebre individualidade feito pelo nosso laureado escriptor, cuja transcripção no tem toda a opportunidade no seu importante jornal.

O seu costante leitor—*J. F. O.*

Agradecemos a amabilidade da indicação, mas o nosso constante leitor, se folhear a collecção d'*A Capital* de 1914, encontrará essa transcripção no numero de 14 de agosto, ao alto da 3.ª pagina.

Brazil e Argentina

Como um germanophilo tenta provocar um conflicto entre os dois paizes

RIO DE JANEIRO, 18.—Estanislau Zeballos, antigo ministro dos estrangeiros da Republica Argentina, germanophilo muito conhecido pelo seu odio contra o Brazil, recomeçou a campanha que tão grandes desgraças occasionou no tempo do fallecido barão do Rio Branco. Agora atacou o discurso pronunciado pelo senador Ruy Barbosa, na sua recente viagem diplomatica a Buenos Ayres, offendendo a memoria de Floriano Peixoto e do general Pinheiro Machado.

Despeitado com as sympathias dos alliados para com o Brazil, tenta calumniar a Secretaria das Relações Exteriores do Brazil, fazendo com que o correspondente, no Rio de Janeiro, do jornal «La Prensa» telegraphasse para Buenos Ayres a noticia de que o governo brazileiro havia pago quarenta contos de réis de dividas de jogo, deixadas na capital da Republica Argentina pelo dr. Luiz de Sousa Dantas, ministro interino das Relações Exteriores. O ministro Sousa Dantas podiu ao dr. Wenceslau Braz, presidente da Republica, um largo inquerito e enviou aos jornaes da manhã uma carta explicativa. A opinião publica mostra-se excitada contra este homem fatal, que quer arrastar á guerra os dois paizes visinhos.

Alguns jornaes affirmam que o procedimento de Zeballos é influenciado pela Allemanha e que a Republica Argentina não póde ser responsavel pelos desequilibrios d'esse ex-ministro, inimigo eterno do Brazil. Tendo o dr. Sousa Dantas solicitado a sua demissão ao presidente da Republica,—o dr. Wenceslau Braz não a acceitou, e o governo não pode nos jornaes desmentindo as falsidades do jornal «La Prensa».—(*Americana*).

As operações italo-austriacas

ROMA, 18.—Communicação official do dia 17:—Na linha do Isonzo inferior continuaram hontem as acções das artilharias e dos morteiros contra as linhas adversas. No Carso foi repellida uma acção contra-offensiva do inimigo e fizemos uns cem prisioneiros, inclusivé quatro officiaes. Na zona de Tolmino as nossas artilharias bombardearam hontem a «gare» de Santa Lucia onde foram notados movimentos de comboios. No alto Condevole e no planalto de Tonezza contra-batemos efficazmente uma violenta acção de artilharia inimiga. As nossas esquadrilhas de «Voisins» bombardearam a «gare» de Reifenberg na linha de Gorizia Trieste com resultados efficacissimos. Os aviões regressaram indemnes. Os hydro-aviões inimigos lançaram a noite passada bombas sobre Veneza e a lagune de Grado, não causando nenhuma victima e apenas alguns estragos materiaes.—(*Havas*).

que; o merito da victoria de Gorizia pertence sobretudo ao duque de Aosta (vivissimos applausos). Os momentos arduos ainda não acabaram. Devemos chegar á conquista final das aspirações italianas; devemos manter-nos estreitamente concordes com os nossos alliados, pois com elles queremos o triumpho da civilisação, que não consiste unicamente na cultura, mas em tudo o que fórma a elevação do espirito e a pureza da alma nacional

Isto não é conforme á cultura d'esses paizes, onde de um lado se escreveu o progresso na sciencia e do outro lado se esquecem os direitos da humanidade (vivissimos applausos).

O sr. Bosselli exprimiu a sua plena confiança na victoria, pondo em destaque a concordia do paiz e preconisou o grande vôo economico da Italia depois da guerra. Insistiu sobre a necessidade de desenvolver mais o trabalho das mulheres na agricultura, na industria e no commercio, citando o exemplo dos paizes alliados fazendo realçar o que se passa nas provincias italianas e n'esses paizes onde o trabalho das mulheres permittiu vencer todas as difficuldades nas operações agricolas. O discurso do sr. Boselli foi longa e calorosamente applaudido—(*Havas*).

Prisão d'um chefe socialista allemão

PARIS, 18.—Adolpho Hoffmann, deputado ao Lanstag prussiano, presidente da commissão social democracia em Berlim, foi preso no momento em que expedia uma circular convidando os operarios a declararem a greve geral no imperio.—(*Americana*).

O patriotismo da imprensa italiana, proclamado pelo presidente do conselho

ROMA, 17—O presidente do conselho, sr. Boselli, que tomou parte na recepção intima da Associação da Imprensa, pronunciou um discurso, onde poz em relevo a obra patriotica da imprensa italiana. Hoje, disse, ella é o dia da victoria; esta secundou as nossas armas e continuará a secundal-as. Cadorna e os soldados merecem os maiores applausos d'esta cidade, patria do du-

Os hungaros zangados com os allemães

PARIS, 18.—Polonghi, deputado á camara hungara, censurou o governo por haver permittido a nomeação do generalissimo Hindenburgo que, não tendo jurado servir a Hungria, não pode commandar os hungaros, segundo a constituição.—(*Americana*).

A "Historia da Grande Guerra,,

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados bem contra nossa vontade, a deixar de quando em quando um ou outro numero do folhetim da *Historia da Grande Guerra*, pois nos recebemos com a devida regularidade as publicações inglezas e francesas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

acendeia agora a angra tentadora e arranca d'ella chispas de luz. Os olhos prendem-se irresistivelmente a este espectaculo de infinita seducção. Mas como é preciso partir, apartam-se d'elle. Subimos a rampa que leva á villa. Tomamos o auto e passamos pela casa onde nasceu Vasco da Gama. Fomos de visita ao derruido castello. Trepamos a um varandim e tornamos a olhar o porto. O Mar cada vez me encanta mais. Tiro o meu chapeu em signal de despedida e parto.

Se um dia, leitor, tiveres a nostalgia do socego e do esquecimento, se ao teu espirito cançado appetecer alhear-se de tudo o que puder atormental-o, se o Mar te atrahir e te seduzir, e prometter-te a paz que te tiver fugido, não hesites um instante e refugia-te em Sines. Eu farei outro tanto, tão certo é, das praias que conheço, não haver outra mais affavel nem que melhor possa reconcilliar-me com a vida, se andar de mal com ella...

ADELINO MENDES.

No artigo de hontem sahiu por lapso que a Allemanha era a primeira nação importadora de cortiça em quadros, quando devia ter sahido cortiça em pranchas.

BRUXOS, MAGOS, NIGROMANTES

EM CASA DAS BRUXAS...

Uma scena edificante passada ha doze annos e que parece de ha dois seculos

Ha doze annos visitei, em Lisboa, uma «mulher de virtude», muito afamada ao tempo. Parece-me opportuno recordar o que escrevi então sobre essa pittoresca reportagem, publicada n'«O Dia» de 15 de setembro de 1904:

Decididamente, o porgresso ainda não conseguiu destruir, de todos os preconceitos, as superstições e as cabalas medievaes.

Eis que no nosso tempo, em meio d'esta exhuberante civilisação, em pleno desabrochar de um seculo de maravilhosas descobertas, ainda não desappareceram de todo as ingenuas crendices do povo, que não duvida das artes chimericas de communicar com goromos, sylphides, duendes e toda a escala dos seres sobrenaturaes que, segundo elle, presidem aos destinos d'este mundo.

Constando-nos existir no juizo de instrucção criminal uma queixa contra certas mulheres, profissionaes em artes magicas, resolvemos assistir a uma d'essas mysteriosas praticas, e n'esse intuito nos puzemos em campo a fim de descobrir um dos locaes destinados a adivinhações cabalisticas e curas maravilhosas. Mais do que se póde imaginar abundam pela cidade, principalmente nos bairros escusos, menos frequentados pela policia, certas «mulheres de virtude», a quem diariamente recorrem creaturas com o «espirito no corpo», doenças incuraveis ou amores infelizes.

A troco de alguns tostões, essas creaturas interrogam os espiritos subtis, pedem-lhes remedios heroicos para os seus clientes, e, a fim de influirem melhor e exaltarem as imaginações, revestem as suas apparatosas cerimonias, de todo um cortejo de objectos com virtudes occultas, de reacções alchimicas, como se a civilisação tivesse retrogradado e nos encontrassemos em plena Edade Media.

Precisamente conhecemos uma boa velhinha dos seus setenta invernos, ingenuidade simples e ignorancia crassa. Relatamos-lhe um rosario absurdo de males que nos affligiam. Dissémos-lhe ter tido um avô, cuja alma andava em pena e cujo espirito se introduzira subrepticiamente no nosso corpo: ao dar da meia noite, era um inferno, todo o corpo nos tremia em convulsões, e uma voz, cá de dentro,—uma voz que não era a nossa—sybillava em nossos labios:

—Estou no inferno, filho... Ardo nas chammas do inferno!...

E a ingenua velhinha, assombrada, com a bocca entre-aberta, os olhos esgazeados, como se estivesse vendo as proprias labaredas que envolvem o caldeirão de Pero Botelho, escutava a historia com a maior boa fé d'este mundo.

Assim, terminámos por pedir-lhe que nos indicasse uma «mulher de virtude», pessoa seria e de confiança, porque n'estes assumptos os medicos não percebiam nada. Ella hesitou um instante.

—Segredo completo, accrescentámos.

A velhinha disse-nos então:

—Olhe, eu conheço umas senhoras, irmãs de um padre que morreu, e que talvez se encarregassem do senhor. Mas ha muito tempo que não sei onde ellas param, porque a policia perseguiu-as e as pobresinhas tiveram de mudar de casa. Moravam ahi para os lados da Graça. Agora aonde eu vou acompanhal-o é a casa de uma mulhersinha de grande saber e que ainda o outro dia fez a «reza» a um sujeito que andava com o «espirito» do irmão e parecia ter o inimigo no corpo. Aquillo parece que foi santidade. O homem ficou alliviado como se lhe tivessem tirado vinte arrobas de cima das costas...

—Pois vamos lá á mulhersinha...

—Aquillo, sim. Olhe que até tem um Senhor Crucificado no ceu da bocca... que eu nunca vi mas tenho ouvido dizer...

—E é sósinha?

—Vive com uma filhita pequena. A rapariga já vae aprendendo com a mãe. E' tem geito...

—Deve ganhar bom dinheiro, hein?

—Ganha, ganha. Todos os dias tem gente. E' uma casinha pequena, enche-se toda. O senhor verá.

Fomos com ella. Atravessámos as ruas estreitas de um bairro confuso; aqui e ali escancarava-se a porta de uma taberna, lá dentro, á luz frouxa do bico de gaz, faces lividas, mascaras alcoolicas, vozes roufenhas... Pelas janellas entreabertas irrompia um cheiro immundo. Seriam umas sete horas da noite. A velha ia um pouco adeante, guiando-nos n'aquelle labyrintho. A' parte o absurdo da comparação dos personagens, lembrámo-nos da visita de Dante ao Inferno.

De repente, a uma porta larga, a nossa decrepita companheira parou.

—E' aqui?

—E' n'este pateo.

E, como hesitassemos um instante:

—Escusa de se arrepender. Vem cá muito boa gente. Olhe, até senhoras finas aqui teem estado, de trem.

Não era necessario tanto. Bastava a nossa curiosidade insaciavel. Entrámos no pateo—uma especie de saguão infecto, e os nossos passos resoaram no lagedo. A velha subiu trez degraus de pedra e bateu a uma porta.

Immediatamente, ao postigo assoma uma cabeça. Não distinguimos feições, mas uma voz cristallina, uma vozita de anjo, com a graça e o timbre de uma creança linda, inquire das nossas pessoas. A nossa companheira responde pressurosa:

—Abre, abre, filhinha.

E voltando-se para nós:

—E' a pequena.

Estamos em casa da bruxa. A creança guia-nos á cosinha, que é ao mesmo tempo sala de jantar e sala de visitas. Ha na parede um mau candieiro de petroleo, que dá uma luz escassa e enche de fumo o aposento. Dos muros fuliginosos pendem objectos suspeitos, e ao fundo, encobrindo certamente uma porta ou um armario, uma velha cortina de ramagens.

Emquanto fazemos uma rapida inspecção, ouvimos em cima um ruido qualquer, e um pombo, um lindissimo pombo completamente negro, com reflexos irisados, esvoaça um instante e vae poisar no hombro da pequenita.

E' uma creança dos seus oito annos, muito branca e linda, e que, apesar de pobremente vestida, encanta ao primeiro olhar. Emoldurando-lhe o rosto digno de um pincel genial, cahem em ondas até os hombros os seus cabellos castanhos. Com a mão vae afagando o pombo, e explica:

—A mãe não póde tardar. Foi á botica.

—Tem vindo muita gente?—interrogámos.

—Agora já não é tanto, responde ingenuamente. O anno passado vinha mais.

—Tens fome?

—Não senhor, responde um pouco orgulhosa. Eu nunca passei fome. A minha mãe ganha bem para pão...

Mas batem á porta. A creança corre ao postigo e d'ahi a pouco entra uma mulher nova, com um chale pela cabeça, de fórma que mal se lhe consegue vêr o rosto. Adivinha-se n'um volume que traz sob o chale uma trouxa de roupa.

—Deixe vêr, diz a pequena.

Ella entrega-lhe a trouxa, e a creança corre ao fundo, entreabre a cortina, desapparece. De subito roça-nos pelas pernas um gato, um soberbo animal, todo preto, com uma fita encarnada a servir de colleira.

Batem novamente á porta. Será a bruxa? A nossa impaciencia cresce. Ouve-se uma voz:

—Rita, abre...

E a Rita, a pequena, vae abrir. A nossa companheira segreda-nos:

—Ahi está ella.

A bruxa entra, perguntando á filha, com preoccupação:

—Veiu ha muito tempo?

—Ha bocadinho.

Volta-se para nós. E' creatura dos seus quarenta annos. Não tem nada o aspecto que imaginavamos; á primeira vista parece uma vendedeira de hortaliça. Apenas os olhos, de um castanho escuro, possuem um brilho singular. Os braços teem sacudidellas nervosas, inquietas. Volta-se a miude para o lado da cortina: é sem duvida o quarto magico. E fitando a pequena, subitamente:

—Então Rita, este senhor fica de pé?

Trazem-nos uma cadeira. Ella fala, cheia de verbosidade.

—Imaginam lá... Fui á botica buscar um remedio para a cabeça. Já ha tempo que tenho picadas nos ouvidos, á noite, quando me vou deitar. Vem cá muita gente utilisar-se dos meus serviços, mas não se imagine o mal que isto me faz. E d'ahi, fui falar com o sr. Ribeiro, que é homem de muito saber e me disse que o que eu tinha era uma febre interior.

Perguntamos quem é o sr. Ribeiro. Uma creatura que faz tambem curas maravilhosas, velhote de barba esverdeada, com aspecto de propheta. A acreditar na bruxa, dispõe de uns especificos que curam todas as doenças e é possuidor da panacêa universal.

—Mas vocemecê não póde curar-se a si mesma?

—Não senhor. A minha arte não tem virtude para mim. E' só para as outras pessoas. A's vezes fico trez dias de cama, e quanto mais difficil é a «coisa», mais eu padeço...

—Que martyr...

—Quasi que não chego a ganhar para remedios...

—Eu vinha utilisar-me da sua arte...

E ella, sollicita:

—Vamos já.

A pequena declára:

—Olhe, a roupinha já está lá dentro.

A bruxa volta-se para a rapariga que trouxera a trouxa e diz:

—Agora póde estar descançada. E' negocio para oito dias, o mais tardar. Depois, volte.

Entrámos então no quarto afastando a cortina que pende sobre uma portinha estreita. Ao canto vê-se um miseravel catre; sobre uma cadeira, a trouxa da rapariga do chale, de onde a pequena Rita ia tirando uma camisa de homem, um saquito e umas botas.

A bruxa explica:

—E' muito infeliz aquella pequena... O marido passa as noites sem ir a casa, e quando apparece, já vae a cahir. Então bate-lhe e pede-lhe dinheiro para gastar com as amazias... Agora parece que já vae entrando em bom caminho, porque ha dois dias que anda triste, triste... Desde que bebeu o remedio que eu lhe mandei deitar no caldo...

Ah! Uma caveira. E' um verdadeiro craneo que vemos n'um armario mettido na parede, sem porta. Approximamo-nos. A bruxa recommenda:

—Não mexa...

Não mexemos, contentamo-nos em ver. Que objectos! Que irrisorias bugigangas! Uma ponta de veado, já raspada em parte, um passaro empalhado, de que é quasi impossivel reconhecer a especie, tão roido e velho está.

—E' um mocho...

... Uma enfiada de dentes, que faria a felicidade de qualquer charlatão de feira.

—Já m'os quiz comprar o sr. Ribeiro, acóde a bruxa. São bons de lei, e teem muita virtude para a sciatica...

... Folhas seccas de plantas, molhos de perpetuas, ossos, todo um muzeu abracadabrante de feitiços...

A pequena interrompe-nos o exame e pergunta, graciosa:

—Antes de fazer o seu remedio, quer que eu lhe deite as cartas?

Pois não! A nossa sina, proferida por aquelles pequeninos labios, deve ser deliciosa. As duas mulheres contemplam a scena, sorrindo; e a pequena vae estendendo sobre a coberta vermelha do catre um sujo baralho de cartas. Ao mesmo tempo, murmura rapidamente uma oração.

—«Deus me ajude e me auxilie durante esta sorte, e vós cartas, não escondais a verdade nem perturbeis os pensamentos...»

Depois de collocar devidamente todas as cartas, com as costas para cima, foi-as tirando uma por uma.

—Um az de copas: muito dinheiro com esta dama de copas que lhe deseja muito bem e mais este sete de oiros com melhoria de posição...

—Muito bem, muito bem, minha pequena Rita, é a melhor sorte que se póde desejar.

E dando algumas moedas á pequena, approximamo-nos da mãe. Está prompta para extrahir do nosso corpo o espirito mau. Manda-nos sentar n'uma cadeira, toma uns ares sibillinos, dá trez voltas em torno de nós, borrifando-nos com não sei que liquido contido n'uma caldeirinha. Depois, aspergo uma especie de caroço de pecego, que a pequena Rita nos collocára na mão direita, e ao mesmo tempo murmura as seguintes palavras:

> Eu te benzo carocinho,
> Em louvor do cordeirinho,
> Tão felpudo e tão mansinho
> Qual outro manso S. Manso;
> e que a santa pedra d'ara
> te dê a virtude rara
> de afastar a sorte avara
> que me tira o meu descenço.
> A quem me deseja mal
> Ou tem sido desleal
> levou longe do casal
> em que vivo socegada;
> E que não volte ao meu lar
> p'ra a minh'alma torturar
> quem não posso lobrigar
> dentro da minha morada.

Em seguida começa a tremer, a tremer, sentando-se na cama. A velhinha que nos acompanhou já está ao pé d'ella; vamos tambem a levantar-nos, mas a bruxa, entre dois esgares, recommenda:

—Deixe-se estar, deixe-se estar mais um bocadinho...

Então, já deitada sobre a enxerga, a mulher treme, range os dentes, convulsa, babeja um liquido espumacento, solta ais entrecortados.

A' velha explica:

—E' o «espirito» que está a passar para o corpo d'ella...

Agora o ataque é violento. Julgamos assistir a um caso typico de epilepsia. Quasi nos arrependemos de ter vindo. N'isto, a bruxa cahe n'uma prostração geral, parece ter perdido os sentidos. Aconselhamos o que ha a fazer, mas a pequena, sem nos escutar, vae ao armario, tira um pequeno objecto—ponta de unicornio, diz ella, e colloca-o sobre o peito da mãe. Ouve-se um longo suspiro, e a bruxa entreabre os olhos. A pallidez passou como por encanto. Agora está córada, mesmo bastante córada, e diz com voz fraca:

—Em toda a minha vida nunca o «espirito» me incommodou tanto.

E a velha, sempre sollicita:

—Então, custou a «passar»?!...

—Custou, mas agora póde ir descançado. Eu é que já me não levanto da cama tão cedo...

—Olhe, insinuámos, consulte o sr. Ribeiro...

A bruxa recommenda ainda:

—Se algum dia tiver infelicidade em amores, traga-me um punhado de terra pisada pelo pé esquerdo da rapariga e uma folha pisada pelo pé direito. Fica logo doidinha de todo...

Pagamos uns magros tostões e sahimos. O diabo não é tão feio como o pintam!

HERMANO NEVES.

A sorte grande

Do n.º 1892 que hoje sahiu com a sorte grande foi vendido no Travessos da rua dos Poyaes de S. Bento 57, meio bilhete em vigesimos e do restante uma parte em cautelas.

Tambem lá foram vendidas algumas facções da sorte immediata.

Policias accusados de burla

Como se arranjam gratificações de 50$00

A policia continúa investigando sobre o caso de burla de que foi victima o commerciante de Aldegallega, sr. Antonio Maximo do Sequeira, praticado pelo vigarista Antonio José Rodrigues Oliveira o «Escurinho», que já está preso, e um tal «Santinhos da facada», que a policia procura, e na qual são arguidos de connivencia os agentes da judiciaria Annibal Bernardo Pires e Ambrosio dos Santos Oliveira.

O chefe da 2.ª secção ouviu hoje algumas pessoas visinhas do agente Pires, as quaes fizeram declarações referentes á intimidade que elle mantem com os burlões. Contra os dois agentes foram hoje apresentadas novas queixas. Uma d'ellas diz que ha tempos, quando estava parado na «gare» do Rocio um individuo aguardando a chegada de um amigo, chegou-se junto d'elle um individuo, que depois se soube ser o «Escurinho», pedindo-lhe para guardar um pequeno embrulho. Como o viajante esperado não tivesse chegado e o desconhecido não voltasse a apparecer, o homem desceu a escadaria e quando chegava á rua appareceram-lhe os agentes Pires e Oliveira, os quaes o prenderam, levando-o para o governo civil, onde se verificou que o embrulho continha 8.000 escudos em notas falsas. O homem foi para a Boa Hora, d'ahi para o Limoeiro e mais tarde respondeu, sendo absolvido visto ter provado a sua innocencia. Por esse facto os agentes referidos foram gratificados pelo Banco de Portugal com 50 escudos cada um. Como o facto produzisse grande escandalo, passaram a ser vigiados por dois agentes. Diz-se ainda que vão ser presentes novas queixas.

ULTIMAS NOTICIAS

QUESTÕES FINANCEIRAS

O emprego do cheque

já é adoptado hoje pela Manutenção Militar

Vantagens na economia da moeda

Recordamos já o appello feito pelo sr. Ribot, ministro das finanças em França, a favor do uso do cheque. Mas foi mais longe ainda a acção d'aquelle estadista no sentido de levar os seus compatriotas á *épargne* da moeda: auctorisou o pagamento das contribuições em cheques traçados, nomeando ao mesmo tempo uma commissão encarregada de rever a lei de contabilidade de 1862, para ella ser alterada no sentido de permittir que os thesoureiros de finanças façam as suas liquidações pelo mesmo meio, isto é, com os cheques recebidos dos contribuintes. Outros pequenos embaraços surgiram para a effectivação da medida tomada pelo sr. Ribot, principalmente nas repartições de contabilidade, mas todos elles teem sido insistentemente removidos pelo trabalho intelligente e pertinaz d'aquelle homem publico.

Esses pequenos embaraços, de resto, são perfeitamente justificados dada a differença que existe, para effeitos d'uma rigorosa escripturação de contabilidade, entre a moeda e o cheque. Ao passo que a primeira exerce a funcção de pagamento immediato, o segundo representa uma promessa de pagamento dependente de qualquer praso. Por assim dizer, o cheque faz a liquidação de creditos transportando saldos d'um para o outro lado.

Exactamente como vem succedendo em França, talvez a legislação portugueza tenha de ser modificada quando se pensar a sério em promover e facilitar o uso do cheque no nosso meio. A Manutenção Militar já hoje paga aos seus fornecedores em cheques, e não temos duvida de que esse exemplo seria seguido em larga escala se o Codigo Commercial soffresse as alterações de que carece n'esse ponto e se um espirito organisador imprimisse a indispensavel unidade ás realisações que já se veem fazendo parcellarmente quanto ao uso do cheque.

E' certo que em Lisboa não existe uma Camara de Compensação de banqueiros. Faz-se já, todavia, uma pequena applicação d'esse systema no Banco de Portugal, onde dão entrada diariamente os cheques recebidos pelos cobradores de cada banco, afim de ser ali feita a sua liquidação. A applicação do systema é de facto muito reduzida porque o emprego dos cheques não tomou ainda o desenvolvimento que devia ter dentro da praça, podendo asseverar-se que os cheques que vão parar ao Banco de Portugal apenas traduzem uma simplificação do serviço das thesourarias das casas bancarias.

A Caixa Geral dos Depositos, que tomou dentro da Republica um desenvolvimento notavel, tendo duplicado os seus depositos, facilita muito as transferencias de dinheiro dentro do paiz com economia da moeda, sendo tambem avultado o numero de transferencias que se realisam por intermedio do Banco de Portugal, sobretudo depois que, ao fim de alguns annos de esforços, se conseguiu que o cheque nominativo tivesse o mesmo preço do cheque ao portador, isto é, de dois centavos. Mas, repetimos, a generalisação do seu uso só pode fazer-se desde que o publico comprehenda bem as vantagens do cheque, resolvendo-se a poupar a moeda.

Os dois paizes onde o uso do cheque entrou nos habitos da vida quotidiana são a Inglaterra e os Estados-Unidos. No Banco de França, a somma de debitos e creditos realisados em *virements*, isto é, tambem com economia da moeda, subia antes da guerra a 300 mil milhões de francos por anno. Em 1915 essa somma é representada apenas por 142 mil milhões de francos, devido a ter-se fechado a camara de compensações dos banqueiros de Paris e a ter-se alargado o uso da nota, que muitos francezes começaram a guardar para substituir o ouro que entregaram ao Estado. Foi por isso que o sr. Ribot, preoccupado com o excessivo augmento da circulação fiduciaria, fez o seu appelo para o emprego do cheque, tencionando reabrir agora a camara de compensações.

N'um paiz como o nosso, que só tem a moeda papel, são de louvar todas as facilidades que a Caixa Geral dos Depositos e a Caixa Economica Portugueza, as caixas postaes e o Banco de Portugal e o Thesouro publico possam fazer no sentido de popularisar o emprego do cheque, habituando os commerciantes e industriaes a terem para esse effeito os seus depositos nas casas bancarias. A economia das notas que não funccionam como moeda nem como adeantamento de valores com desconto em periodo certo tem como consequencia valorisar as reservas metallicas e destruir a depreciação, se porventura existe, no valor de poder de compra da nossa moeda.

Para terminar este artigo, combatendo certas illusões que ainda hoje se manifestam, diremos que não existe uma relação de dependencia entre a grandeza da circulação fiduciaria de um paiz e a sua depreciação cambial. Um e outro phenomenos teem causas distinctas.

Novo jornal da tarde

Da *Liberdade*, de hoje:

Consta, não sei com que fundamento, que um jornal da manhã, que se publica em Lisboa, e que não é republicano vae dar tambem uma edição á tarde, augmentando o numero dos seus collaboradores, sendo um d'elles um illustre publicista do norte que na sua passagem pelo parlamento deixou um luminoso rastro de talento e belleza moral.

Branco é, gallinha o põe: edição nocturna do *Diario Nacional* collaborada pelo sr. Pinheiro Torres...

A questão das subsistencias

A crise do assucar

O sr. governador civil forneceu hoje á imprensa a seguinte nota officiosa:

«Reuniram hoje extraordinariamente com o chefe do districto os representantes das commissões central e districtal de subsistencias, que se occuparam da crise do assucar e de outros assumptos da sua competencia. O governo, por proposta da commissão central, propoz-se importar, por intermedio da commissão official de Londres, um carregamento completo de assucar, que deve chegar nos primeiros dias de setembro. A commissão districtal ordenou a vinda de 4.000 saccos de assucar açoriano que começará a chegar dentro de alguns dias. Todo o assucar em rama que estava e está nos entrepostos vae entrar em refinação.

... o paquete «Portugal», traz 1.000:000 kilos provenientes da Africa Portugueza.

Não é exacto que se pense na suspensão das tabellas ou na tolerancia de preço livre para os generos de que ha carencia. A commissão central deve reunir em sessão plenaria na proxima segunda feira.»

Ao governo civil voltou hoje grande numero de pessoas e commerciantes a retalho, a fim de comprar assucar.

Com o sr. governador civil avistaram-se de tarde 43 commerciantes, os quaes solicitaram que a ordem dada hontem para que o resto do assucar anto-hontem apprehendido e que estava na «garage» do governo civil não fosse distribuido pelos asylos e casas de beneficencia. O sr. Chagas Franco accedeu ao pedido, sendo os 430 kilos, ali guardados, vendidos aos reclamantes, cabendo a cada um 10 kilos.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/8	35
Londres, 90 d/v.	35 11/16	—
Paris, cheque	$72,7	$73,2
Hollanda, cheque	$59	$59,5
Madrid, cheque	1$45	1$46
Suissa, cheque	$81	$82
New York	1$43	1$44
Rio s/Londres	12 5/8	—
Libras	7$14	7$24
Agio do ouro	50 %	56 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$	38,20	38,10
» » 500$	38,10	38,10
» » 100$	38,10	—

Certificadas de 50$, 39,10 0/0.

Externas: 1.ª serie 78$, 2.ª 77$ e 3.ª 79$50.

Acções: Lisboa e Açores 122$; Ilha do Principe 252$; Moagem (nova) 68$10; Phosphoros, coup. 51$86; Norte e Leste 83$; Tabacos, coup. 86$; Agricultura, Colonias 129$.

Obrigações: Prediaes 5 0/0, 90$; Municipaes ou Districtaes 5 0/0, 85$30; Ambacas 97$50; Carris de Ferro 10$10; C. de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$ e tit. 1, 79$30; Assucar 41$30.

A compra do wolfram

Declarações que nos são feitas da parte do sr. Ahlers

A proposito de referencias que fizemos ao modo como está sendo adquirido o wolfram no nosso paiz, recebemos hoje da parte do sr. Ahlers, o subdito britannico que está comprando aquelle minerio, as seguintes declarações:

1.ª—Portugal tem effectivamente uma producção muito consideravel de wolfram, estando comtudo longe de attingir o terço da producção mundial, conforme se tem dito ultimamente.

2.ª—A producção de Portugal tem sido quasi que totalmente enviada para os alliados, o que para elles é motivo de profunda gratidão. E' de facto enorme o emprego do wolfram no fabrico de armamento e munições. Comtudo a cessão que Portugal faz d'esse minerio não é gratuita, pois que o está vendendo por um preço approximadamente a 200 % mais alto do que antes da guerra.

3.ª—Com respeito ao preço actual por que se fazem essas compras não é o sr. Ahlers que o regula, como muita gente suppõe ou pode suppôr, por isso que esse preço é fixado por uma commissão de alliados, da qual o sr. Ahlers é o representante, não havendo portanto motivo para se affirmar que o sr. Ahlers tem n'este assumpto outros interesses que não sejam o de bem servir o seu paiz.

4.ª—O preço que vigora actualmente em Hespanha e Portugal é o mais elevado que se paga em qualquer parte do mundo.

5.ª—Toda a producção do wolfram vae para a França por intermedio do sr. Ahlers, com excepção do procedente da mina da Panasqueira, que vae para Inglaterra, em virtude d'um contracto anterior.

6.ª—Finalmente, a Companhia Americana não suspendeu a exploração do wolfram como affirma *A Liberdade*, do Porto, dependendo actualmente a sua exportação de negociações que estão entaboladas entre os governos alliados e o dos Estados Unidos da America.

Não pretendemos estabelecer discussão sobre as declarações que nos faz o sr. Ahlers. Simplesmente desejamos frisar por modo bem claro o ponto de vista que suppomos traduzir o interesse nacional n'essa questão da venda e compra do wolfram.

Evidentemente, Portugal só tem a lucrar com todos os auxilios que possa prestar aos paizes alliados. Defendemos uma causa commum e interessa-nos por egual a derrota do inimigo. Mas é preciso que esses auxilios tenham um caracter de reciprocidade. Não se comprehende que os alliados possam estabelecer preço para os artigos e productos portuguezes e Portugal não possa tambem marcar o preço d'aquillo que é obrigado a importar das nações alliadas.

E' essa a base essencial da questão, aquella em que fundamentamos os reparos que motivaram as declarações do sr. Ahlers. O preço do wolfram é hoje mais 200 por cento do que era antes da guerra? Mas o carvão subiu 6 e 7 vezes mais do que o seu preço normal e ninguem nos reconheceu o direito de reduzir o seu preço apenas ao duplo.

Temos pago os transportes por um preço exageradissimo. Os armadores inglezes puderam ganhar n'estes dois annos de guerra o sufficiente para a liberação das suas acções, construindo uma nova frota de 508 navios, de 12.000 toneladas cada um, em media. Fomos compensados por algum modo da contribuição que démos para esses fabulosos lucros? Não.

Entendemos sobretudo que é pessimo o precedente creado pela fixação do preço do wolfram. A'manhã acontecerá que a venda da nossa cortiça, do nosso vinho, dos generos de exportação colonial e de todos os outros que possamos fornecer ao estrangeiro ficará dependente dos preços que as commissões que funccionam em Londres e em Paris entendam dever fixar.

Porque se não dá então a Portugal o direito de reciprocidade, quanto ao custo dos artigos importados e exportados, dizendo nós a como nos convem comprar o carvão e todas as materias primas que importamos?

Accentuaremos ainda que, em relação ao wolfram, não se trata de um producto que as nações alliadas pretendam reservar directamente para as suas fabricas, visto que ha negociações entaboladas para a sua remessa se effectuar tambem para os Estados Unidos.

São estas as considerações que nos parecem traduzir, repetimos, o ponto de vista do interesse nacional.

NOTAS DIVERSAS

Por um decreto, hoje publicado na folha official, o quadro privativo das forças coloniaes passa a ser constituido por 150 subalternos e 36 capitães, podendo os subalternos d'esse quadro, provenientes das armas de artilharia e cavallaria, ser collocados nas unidades e serviços privativos d'aquellas armas, quando as necessidades do serviço assim o exijam.

—Entre diversas providencias tendentes a promover o desenvolvimento da agricultura na provincia de Cabo Verde e que constam do decreto hoje publicado no «Diario do Governo», figura a auctorisação da fundação de syndicatos agricolas.

—Pela 1.ª repartição da direcção geral de Previdencia Social foram enviados a todas as associações de classe do paiz os quesitos de um importante inquerito, destinado a habilitar o governo a introduzir na legislação social operaria as convenientes modificações, a fim de facilitar a essas collectividades, os meios de progredirem. As respostas devem dar entrada no ministerio do trabalho até ao dia 30 de outubro proximo, dando nota exata da população associativa, profissão e situação geral do operariado referentes a 31 de dezembro de 1913. Identico inquerito foi enviado ás associações de soccorros mutuos.

—O sr. ministro do fomento regressa a Lisboa amanhã de manhã, estando já quasi restabelecido dos seus encommodos de saude.

A ida de operarios para França

Segundo alguns jornaes, entre elles «A Capital», já noticiaram, calcula-se em 10.000 o numero de operarios que podem ser contractados pelo governo francez, afim de se tornar mais intensa a producção das suas fabricas de munições.

Ha quem entenda que esses 20.000 braços farão muita falta á nossa industria, mas tal não acontecerá se se tratar exclusivamente de trabalhadores destinados a serviços de cargas, descargas e carretos e não de operarios especialisados em qualquer ramo da actividade industrial.

Não ha duvida de que a falta seria extraordinaria e altamente sensivel se entre os operarios fossem os que trabalham na officinas do sr. J. A. Candeias, com estabelecimento de calçado na rua da Palma, 290, 290-B, porque está demonstrado que ninguem o eguala na perfeição do trabalho.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CINEMA GARRETT EM CINTRA

Assistencia elegante ás sessões da moda n'este explendido cinema:

Baroneza de Ortega, D. Rita de Sommer Viveiro Pereira, D. Maria do Carvalho Monteiro de Almeida, D. Christina Rezende da Silva e filha D. Amelia, madame Roma Machado, D. Alice Felix da Costa Monteiro, mesdames Pitta Pessôa, Radich, Cunha e Costa, Cintra e Cau da Costa, D. Amelia Roma Machado, D. Ida Quintella, D. Carmo, D. Anna, D. Maria Luiza Costa Lima, D. Efigenia Pitta Pessôa, D. Maria Amelia Castro e D. Elisa, D. Virginia Radich, D. Maria Pinto (Sacavem), D. Emma Ferreira d'Almeida, D. Maria Pinto de Magalhães, D. Eduarda Couto, D. Laura Moreira, D. Manuela Sampaio, etc.

DOENTES

Em Cascaes encontra-se doente, de um ataque de figado, a menina Margarida Cardoso Pedreira, gentil filha da sr.ª D. Emilia Cardoso Pedreira e do sr. Julio Pedreira.

—Foi hoje de manhã operado pelo sr. dr. Domingos Andrade o maestro Alves Coelho.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou a Lisboa, vinda da Curia, onde estava em tratamento, devendo seguir brevemente para a sua casa da Praia da Rocha, a sr.ª D. Maria Olimpia de Padua Franco, mãe do sr. Jayme de Padua Franco, illustre secretario director da Propaganda de Portugal.

—Está na sua casa de Parmachã (Ponte do Lima), com sua familia, o sr. dr. Alexandre de Vilhena (Mogadoro).

—Regressou de Vigo e partiu hontem para a sua casa de Amorim de Torre o sr. Manuel Figueira Freire da Camara.

—Regressaram das Pedras Salgadas o sr. Luiz da Silveira Estrella e sua esposa.

—Partem amanhã para o Bussaco o sr. Achilles Machado e sua esposa a sr.ª D. Mathilde Gonçalves de Freitas Machado.

—E' esperado no Luso com sua esposa e filho o sr. Francisco Patricio.

—Partiu para Olhalvo a sr.ª viscondessa de Alemquer.

—Partiu para a Guarda com sua familia o sr. dr. Antonio Osorio Sarmento de Figueiredo.

—Está em Paredes o sr. D. Fernando Pereira Coutinho (Soydos), distincto official de cavallaria e sua esposa a sr.ª D. Elvira de Castro Constancio Pereira Coutinho.

—Está no Mont'Estoril com sua familia o sr. D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito).

—Partem brevemente para a praia da Granja o sr. Octavio Leitão e sua esposa a sr.ª D. Amelia Burnay Morales de los Rios Leitão.

—Está em Lisboa o sr. marquez do Funchal.

—O sr. dr. Albino da Veiga Preto Pacheco parte amanhã para o Luso.

—Está em Lisboa o sr. conde de Agueda.

—Partiu de Melgaço para Ancora o sr. dr. Antonio Augusto Durães, advogado n'aquella villa.

—Com sua esposa, parte brevemente para a Ericeira o sr. João Nunes da Silva.

—Para Cintra, acompanhado de sua esposa, partiu o sr. Francisco Isidoro Nunes, commerciante da nossa praça.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

O valor do "sport" perante a guerra

As opiniões de intellectuaes e dirigentes francezes—Palavras para estudo dos que vão regulamentar a preparação militar

Os jornaes francezes, entre elles o «Sporting» abriram um inquerito interessante sobre o valor dos «sports» e a sua influencia sobre a educação moral e physica. Tem obtido muitas e preciosas respostas, das quaes destacamos as seguintes:

De Paul Escudier, antigo presidente do conselho municipal de Paris, presidente de honra da União das Sociedades Francezas de Sports Athleticos:

«... Em Sparta, a viril legislação de Lycurgo, impondo a todos os cidadãos «continuos exercicios» não tinha outro proposito senão preparar e fornecer á patria robustos defensores. E' preciso tambem evocar o valor militar da Legião Romana preparada pelos Sports.

E o maravilhoso treino dos ultimos annos preparou, soberbamente, os nossos soldados para o rude mister que realisam. A difusão dos sports, os exercicios permanentes, desenvolvendo os musculos, alargando os peitos, erguendo a cabeça, deram á nossa mocidade, a limpidez do olhar que fixa confiadamente no futuro...»

De Paul Doumer, senador da Corsega, antigo presidente da Camara dos Deputados de França, um dos mais considerados politicos da actualidade:

«... Não resta duvida que os sports constituem um dos elementos essenciaes da educação physica e moral para a preparação da guerra».

Do notabilissimo litterato Ernest La Jeunesse, cujas chronicas e livros tem publico certo e enthusiasta:

«... E' notorio que as novas classes estão, de cada vez melhores e aptas para entrar em campanha e que a pratica dos sports as formou absoluta e completamente. Na opinião de todos os generaes commandantes de corpos de exercito com quem conversei, as classes 15 e 16 valem mais que a classe 14 e se a progressão continua, no magnifico esforço da preparação da mocidade franceza, só haverá de futuro o que os senhores chamam os «as», isto é, os heroes. Que admiravel e rija muralha! Que tropas de resistencia e de assalto! O que ainda veremos?!...

Para mim é doloroso que a doença me inhiba de tomar parte n'esta gloria activa. Mas a pratica dos «sports» ter-me-hia curado?»

De M. A. Faillot, deputado pela cidade de Paris e homem de muita consideração no meio politico francez:

«... A minha opinião é que o sport é um agente de força moral e physica, que deve ter, dia a dia, mais e maior propaganda.

Pessoalmente, tenho encontrado exemplos na nossa mocidade dos ultimos annos, exemplos que se reflectem na ordem do dia dos exercitos».

Para o fim e propositadamente...

Deixamos a opinião d'um eminente homem de sciencia, o professor Chaput, cirurgião do Hospital Lariboisière de Paris e pae do famoso foot-ballista e hoje heroico aviador francez J. Chaput, aquelle valente a quem a «Capital» tem feito muitas referencias e que figura no quadro de honra dos aviadores que teem derrubado mais aeroplanos allemães, com um numero de 8 descidos nas linhas francezas:

«... O «sport» desenvolve a decisão, o vigor moral, o espirito de obediencia, de disciplina e de modestia...

«... O «sport» é a melhor preparação para o serviço militar. Fornece os conscritos, que em poucas semanas d'exercicios militares estão promptos a entrar em campanha.

A preparação militar sem «sport» forma os soldados insufficientemente treinados».

Leram?

Pois n'estas palavras d'um homem cathegorisado devem aprender aquelles que um dia, por obrigação ou por circumstancia occasional, foram chamados a regulamentar assumptos de preparação militar da mocidade.

E como veem, a formula é sempre a mesma:—Antes de se fabricarem soldados devem formar-se homens.

Ler amanhã n'"A Capital,,:

uma noticia interessante sobre experiencias feitas nos «depositos» francezes e que revela o valor da gymnastica sueca e a guerra.

Gymnastica sueca e a guerra

documentando-se que na gravidade d'um grande conflicto armado, a gymnastica tem de ser outra.

Notas do dia

As grandes festas da Amadora

A segunda reunião das senhoras e meninas que, em commissão, formam o nucleo organisador das proximas festas da Amadora, vae ser marcado para os primeiros dias da semana que segue. E' uma reunião importante, porque n'ella se discutirá o programma do «gymkhana» ao ar livre e do «gymkhana» da patinagem, aquelle marcado para o penultimo, este para o ultimo domingo de setembro. Tambem a commissão vae destinar o numero de premios que hão de corresponder a cada prova, n'este ponto, conformando-se com as indicações da direcção dos Recreios Desportivos e dos srs. Walter Alvarez, Luiz Roubeaud e Vyan, que melhor sabem, na Amadora, agrupar e enthusiasmar os amadores de «sports» athleticos.

Consta que grande numero de premios corresponde a lindas fitas bordadas pelas gentis meninas da povoação. Calcule-se, por este motivo, o interesse que hão de ter os rapazes em alcançar a victoria!...

D'esses premios ha já certeza da entrega de alguns. Entre elles os das duas gentis presidentas da commissão, sr.as D. Maria Herminia Gomes, D. Maria Julia de Brito Guimarães e mais d'outras graciosas e lindas meninas como D. Laurinda Roubeaud, D. Maria Luiza Gouveia Correia, D. Maria Luiza Santos Mattos, etc.

O campeonato militar de espada

O ultimo torneio de esgrima entre militares veio documentar que na guarnição de Lisboa ha excellentes jogadores de espada, verdadeiros campeões cujo merito é indiscutivel.

O campeonato entre officiaes, foi ganho pelo capitão Veiga Ventura, que já no anno passado ganhou o torneio. Com esta victoria, alcançada sem uma unica derrota, o notavel esgrimista obteve o respectivo premio pecuniario e a posse da «Taça» offerecida pelo sr. conde de Fontalva. Foi segundo classificado o alferes Mascarenhas, tambem um excellente jogador de espada e alumno do professor Ventura.

Para destacar o merecimento dos vencedores devemos dizer que entre os concorrentes havia varios mestres d'armas militares.

Algumas anecdotas

E ainda espero muito para acabar a guerra?

Ante-hontem tornaram a encontrar-se os dois propagandistas de educação physica que, por vezes teem tido opiniões divergentes e d'estas tem resultado discussões mal humoradas.

—Então v. deixou de me criticar, hein?

—Já ha dias me disse a mesma coisa, meu coronel.

—Apraz-me repetir-lh'o.

—Pois se v. ex.a me dá licença eu tambem respondo que aguarde o momento de voltar a ser paisano.

—Então tem que esperar!... Isto ainda dura muito tempo...

—Paciencia.

—Sim, agarre-se á paciencia e até lá rolha na bocca, hein... Que diz ainda?

—Vão accumulando material para a futura campanha comsigo. E' a guerra do «tempo de paz» que talvez seja peior!...

Os grandes records

Os maiores «vôos» em aeroplano

A maravilhosa proeza do guerra do alferes francez Marchal, percorrendo d'um unico «vôo» de aeroplano 1.300 kilometros, trouxe novamente á maxima publicidade o nome dos aviadores que realisaram os maiores «vôos» sem escala. São elles:

O italiano Beroye percorreu 784 kilometros em 17 de julho de 1915.

Brindejonc des Moulinais foi de Villacoublay a Varsovia, ou sejam 1.384 kilometros, mas com uma escala em Johamistal.

Gilbert, a 100 kilometros á hora, foi de Villacoublay a Pulnitz. Percorreu portanto 970 kilometros mas o «record» não foi homologado.

Em «circuito fechado», sem escala, Dancourt fez 852 kilometros e Guillaux 840.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Campeonato individual de lista do Atheneu

A pesagem dos concorrentes do campeonato de lucta do Atheneu Commercial de Lisboa, realisa-se hoje, das 21 ás 23 horas, na presença do jury. Todos os concorrentes devem de comparecer para não serem prejudicados com a sua exclusão do campeonato, conforme estipula o regulamento da Federação Portugueza de Sports, sobre o qual se disputa esta prova.

Sala de esgrima e sport

Bastantes frequentadores se retiraram já para o campo, termas e praias e as exigencias do serviço militar afastou outros pelo que a frequencia d'esta sala sob a direcção technica do professor Magalhães é diminuta. Todavia os poucos que apparecem trabalham a valer e não se poupam ao exigente «plastron» do professor, que acima de tudo procura fazer esgrimistas classicos e conhecedores da difficil e nobre «arte-sciencia» do jogo das armas.

Já se ausentaram para ferias os srs.: Albino Caldas, presidente da commissão administrativa da sala, Antonio Pinto dos Santos, Francisco Machado, Mario Móra, Augusto Teixeira, etc.; para o serviço militar os srs.: José d'Amorim, Carlos Seabra, Henrique Kohn, etc.

Inscreveu-se esta semana para frequentar a sala o sr. Manuel de Quadros. A inscripção continua aberta e faz-se na séde provisoria, rua Ferregial de Baixo, 34, 1.º, onde tambem estão patentes as condições. Durante a presente epocha dos torneios, o horario das lições é: Todos os dias uteis, das 11 ás 13 horas, das 17 ás 19 e das 22 ás 23 horas.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.
EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

THEATRO APOLLO—Recita da homenagem a Chaby Pinheiro.

Foi envolvida n'uma atmosphera de carinho e sympathia a recita de homenagem no Apollo, em homenagem ao actor Chaby Pinheiro, figura primacial no theatro portuguez, hoje dando por desfastio artistico o seu precioso concurso á revista «1916», que mereceu o maior successo theatral da estação calmosa.

O popular theatro da rua da Palma teve uma enchente, vendo-se nos camarotes, entre outras familias da sociedade elegante, os representantes da legação brazileira e consulado, pois o homenageado quiz ter para com o Brazil a gentileza de o associar á sua festa, visto que, disse-o no prologo o artista, não calhando ir, como costuma até lá n'esta época, entendeu que devia chamar o Brazil á rua da Palma.

O espectaculo decorreu extraordinariamente animado, recebendo Chaby Pinheiro inequivocas provas de quanto o publico aprecia as suas extraordinarias qualidades de comediante. Recebido com prolongadas salvas de palmas, desde que se apresentou a recitar o prologo escripto expressamente para a recita de hontem, Chaby Pinheiro teve, em todos os finaes d'acto, os mais calorosos applausos, de que compartilharam os principaes dos seus collaboradores.

O espectaculo foi constituido pela representação da engraçada revista de André Brun, accrescida com trechos lyricos pelos artistas da companhia, exhibição do numero que a actualisação da peça obriga a pôr de parte e a recitação pelo festejado dos versos de Maria d'Artagão «A profissão de fé», vibrantemente applaudidos pela assistencia, os quaes foram ditos admiravelmente por Chaby, que, na devida altura, provocou a mais franca gargalhada explicando os «films» da sua invenção.

Os promotores da homenagem a Chaby podem orgulhar-se de ter proporcionado ao publico uma festa em cheio.

Boatos e informações

Entre nós

Deve chegar a Lisboa nos primeiros dias de setembro a companhia Ruas de volta do Brazil e tendo embarcado em Santos depois de uma temporada feliz n'esta cidade, no Rio e em S. Paulo.

● Um grupo de artistas do theatro Nacional dará no começo do proximo mez uma serie de espectaculos no theatro Sá da Bandeira, do Porto.

● Está exercendo interinamente as funcções de commissario do governo junto do theatro Nacional, o sr. Gustavo Sequeira.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

1892	20:000$
2953	2:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
4570	600$	2100	100$
1505	200$	3475	100$
1651	200$	3350	100$
3640	200$	3616	100$
4614	200$	4325	100$
628	100$	4450	100$
965	10 $	4576	100$
1780	100$		

Instituto de Cegos do Porto

Terminou n'este instituto o anno lectivo, sendo o resultado dos exames o seguinte:

1.º grau—Manuel Moreira, distincto; Alfredo Henrique Lima, bom; Luiz Teixeira da Silva, sufficiente.

2.º grau—Armando Quintella Martins, distincto; Bernardino da Silva Marques, distincto; João Sant'Anna, bom.

Aos exames assistiu o inspector escolar, sr. Joaquim José da Trindade, que muito se tem interessado pelo ensino dos cegos, e grande numero de professores, que muito elogiaram o adeantamento dos alumnos, felicitando o director do Instituto, sr. Miguel Motta, pelo resultado obtido pelos alumnos.

Colyseu dos Recreios

As festas do 14 de julho em Paris

Foi no meio do maior enthusiasmo que hontem se realisou no Colyseu a estreia do sensacional «film» com a revista militar do 14 de Julho em Paris, na qual tomaram parte contingentes dos principaes exercitos alliados. Para as duas sessões venderam-se as lotações completas e o mesmo deve acontecer hoje, pois é a unica recita de accionistas. Além do «film» com a festa nacional da França exhibir-se-ha a admiravel pellicula portugueza com os exercicios de Tancos e a parada de Montalvo.

ARTE DE FURTAR

Foram presas Maria Julia, moradora no largo de Santa Cruz do Castello, 13, loja, e Judith da Conceição, no beco do Recolhimento, ao Castello, 3, 2.º, a pedido de Isabel da Silva, moradora na rua do Norte, 27, 3.º, que as accusa de juntamente com o amante da primeira, João Baptista ou Alberto da Silva, lhe furtarem objectos de ouro no valor de 51$50.

Foi presa Maria Augusta Teixeira, moradora na rua dos Remedios, 36, 3.º, a pedido de Anna da Silveira, residente na mesma rua, 47, que a accusa de lhe ter furtado da sua residencia objectos de ouro no valor de 160 escudos.

Emigração clandestina

No gabinete dos «reporters», no governo civil, esteve hoje o sr. Alberto Maria d'Oliveira, morador na rua Thomaz da Annunciação, «villa» Benites, 11, 1.º, acompanhado de outros individuos, queixando-se de que no vapor francez «Roma» embarcaram 30 emigrantes vestidos de ganga e com «bonets», fingindo serem machinistas, fogueiros e moços de bordo, quando afinal não passavam de individuos vindos de provincias, difficultando assim o embarque dos maritimos inscriptos e matriculados nas capitanias. Accrescentaram ainda os reclamantes que os engajadores foram o encarregado da 3.ª classe Thomaz Nunes d'Azevedo, Oliveira e João Calmona.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A TUTORIA.—Sahiu o numero correspondente a julho findo, trazendo collaboração dos srs. Adolpho Coelho, Alexandre Barbas, César da Silva, Correia Dias e Mendes Correia.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 2.—Realisam-se depois de ámanhã, ás 16 horas, as provas finaes, no campo do Sport Lisboa e Bemfica, em Sete Rios, sendo o programma o seguinte:

1.ª parte: Continencia; marcha em revista; lição de gymnastica em conjuncto; escola de pelotão; lição de gymnastica por um pelotão; corrida de velocidade, 100 metros, (1.ª eliminatoria); corrida de velocidade, 100 metros, (2.ª eliminatoria); lançamento de pêso; lucta de tracção (alistados do 1.º e 2.º anno); saltos em comprimento; demonstração de maqueiros e signaleiros.

2.ª parte: corrida de velocidade, 100 metros, (final); jogo de estafetas; saltos em altura; corrida de barreiras, 110 metros; lucta de tracção (final); corrida de estafetas, 300 metros; corrida de resistencia, 1.500 metros; desafio de «foot-ball» entre o «team» da Sociedade e um «team» do Grupo Sport Cruz Quebrada.

Depois d'ámanhã a Instrucção d'esta sociedade e do nucleo é no largo da Mina, em frente da estação, ás 10 e meia prefixas, devendo comparecer todos os alistados devidamente fardados e com o cabello cortado, como determina a nova ordem do exercito. O fardamento é como o do exercito, excepto o bonet que tem a lista cinzenta.

Continua aberta a inscripção para socios auxiliares e das 1.ª e 2.ª secções, na séde da Sociedade, rua 5 de Outubro, letra H.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

A troca dos nomes das ruas

Em nome d'um grupo de moradores no antigo bairro Braz Simões, escreve-nos «Um velho admirador da «A Capital» dizendo ter sido recebida com surpreza ali a noticia da resolução municipal, que manda substituir os nomes actuaes d'aquellas ruas pelos de personalidades e cidades inglezas. Essa surpreza, accrescenta o reclamante, não significa menospreso pela homenagem prestada ao nosso tradicional alliado. O reparo serve apenas para pôr em evidencia a circumstancia de não estarem ainda consagradas as figuras portuguezas de Nun'Alvares Pereira, Pedro Alvares Cabral, Diogo Cão, que sempre deviam estar presentes na nossa memoria, mas particularmente no momento em que se exige o maior sacrificio no altar da Patria.

Queixa-se tambem o signatario da carta de que as ruas se encontram em peor estado, desde que o bairro deixou de ser particular; que não chega lá o carro das regas e policia se apparece vae para descansar e não para fazer serviço.

Festas associativas

SOCIEDADE PROMOTORA DE INSTRUCÇÃO POPULAR.—Realisa-se ámanhã uma festa composta de recita e baile, dedicada á orchestra da Sociedade e ao seu regente, o sr. Hermenegildo Filippe. Sobe á scena a peça «O rei dos gatunos», desempenhada pela troupe dramatica Gil Vicente. O espectaculo começa ás 21 horas.

CONCENTRAÇÃO MUSICAL 5 D'OUTUBRO.—Depois de ámanhã realisa-se uma recita promovida pela commissão administrativa, subindo á scena o drama em 3 actos «Paixão de escravo», desempenhado por um grupo de amadores, sob a direcção do sr. Eduardo Moreira, e de que faz parte a amadora sr.ª D. Laura de Vasconcellos. Em seguida ha baile.

ACADEMIA INST. DO PES. DOS CAM. DE FERRO DO NORTE E LESTE.—Ha depois d'ámanhã recita promovida por uma commissão de socios com a peça historica «A favorita de Affonso VI», sendo o scenario do sr. José Cardim, o guarda-roupa de D. Antonia e cabelleiras de Victor Manuel.

disciplina dos homens e mulheres irlandezas estão proximos a conquistar para o nosso paiz um logar glorioso entre as nações.

«Todos os cidadãos de Dublin que crêem no direito que o seu paiz tem de ser livre devem dar o seu leal apoio e obediencia á Republica Irlandeza. Todo o irlandez e irlandeza digno d'esse nome deve auxiliar o seu paiz natal n'esta hora suprema.

«Os cidadãos validos podem prestar auxilio erguendo barricadas nas ruas para se opporem ao avanço das tropas britannicas. As tropas britannicas estão fazendo fogo sobre as nossas mulheres e a nossa Cruz Vermelha. Por outro lado, os regimentos irlandezes do exercito britannico recusaram-se a marchar contra os seus compatriotas.»

Esta ultima e audaciosa affirmativa teve a resposta antes da tinta com que fôra impressa a proclamação estar ainda bem enxuta. Como já dissemos, a Ponte de Cabra era uma posição fortificada dos rebeldes na parte mais ao norte, e ahi na terça feira á tarde os insurrectos tiveram o primeiro recontro a valer com as tropas—tropas irlandezas—e viram que era mais difficil entender-se com soldados a valêr do que com veteranos indefezos ou sentinellas e paizanos isolados.

Fortes barricadas haviam sido levantadas tanto em Park Road como em Cabra Road no ponto de cruzamento de Charleville Road e proximo da egreja de Phibsborough, tendo as casas que dominavam as barricadas sido occupadas em força por bandos bem armados.

Os visitantes que queriam ir para suas casas foram detidos ahi na segunda feira á tarde e os rebeldes fizeram fogo sobre todos os officiaes e homens com uniforme, apoderando-se dos carros em que seguiam.

Na terça feira, um corpo de Fuzileiros de Dublin, com os primeiros canhões que haviam chegado, recebeu ordem para varrer os rebeldes e abrir caminho para o centro da cidade. Logo que os soldados chegaram á vista da posição rebelde, uma ou duas granadas fizeram com que alguns dos defensores fugissem e os Fuzileiros tomaram a posição por uma brilhante carga, auxiliada pelo fogo de duas metralhadoras.

Assim terminou a lenda de que as tropas irlandezas, e, além de todas, os Fuzileiros de Dublin, não queriam prestar o seu auxilio para limpar a cidade da populaça armada que a desgraçára e manchára o seu nome aos olhos do mundo.

Uma tentativa foi feita para deter os Fuzileiros, fazendo ir pelos ares a Ponte de Cabra e a que atravessava o caminho de ferro de Midland, mas, como n'outras partes, as explosões não deram resultado; alguns dos rebeldes renderam-se, outros conseguiram fugir na direcção de Glasnevin e de Finglas, nunca mais se ouvindo falar n'elles.

Os soldados seguiram depois por Copel Street e juntaram-se aos seus camaradas que estavam no castello, indo depois tomar parte nas scenas finaes da retomada de City Hall e das officinas do «Daily Express».

Na segunda feira á noite, as tropas que haviam chegado ao castello, da Ponte do Rei, como parte do cordão que corria de Trinity College, tinham começado a tornar a posição pouco commoda da guarnição de City Hall, que foi atacada simultaneamente pela frente e pela retaguarda.

Uma metralhadora montada no telhado d'um dos edificios que faziam parte do parque do castello prestou magnificos serviços, varrendo os atiradores dos telhados de City Hall e do edificio do «Daily Express».

Uma outra metralhadora appareceu á porta do castello, onde, como dissemos, um policia havia sido assassinado no primeiro dia, e fez fogo sobre as janellas d'esse edificio, fazendo assim com que d'ahi, durante toda a noite, tudo se conservasse em socego.

Na terça feira, foram ambos esses «fortes» dos rebeldes tomados. O telhado de City Hall foi varrido, sendo ahi feitos vinte e cinco pri-

po de construcções e a sua posição dominante teria sido d'um valor inapreciavel.

Occupado como foi por fieis e com as suas janellas servindo a habeis atiradores, concorreu talvez mais do que qualquer outro posto militar para desorganisar e paralysar os planos dos rebeldes.

Emquanto Trinity College estivesse assim occupado, tentativa alguma era possivel para se apoderarem do edificio do Banco—o velho edificio do parlamento em College Green—cuja posse teria sido, como a do castello, de um grande alcance para o governo provisorio.

Além d'isso, Trinity College faz frente directamente a Dame Street, rua em cujo topo ficam as proximidades do castello, vindo da direcção de Four Courts. Finalmente, d'um outro ponto dos edificios de Trinity College era possivel fazer fogo sobre a ponte Carlisle e a parte inferior da rua de Sackville.

A propria ponte de Butt e a praça de Beresford podiam até certo ponto ser varridas pelo fogo d'ahi partido, de modo que as communicações directas com o edificio dos correios, City Hall, Liberty Hall e St. Stephen's Green tornavam-se perigosas, se não impossiveis.

Quanto a St. Stephen's Green em si mesma, a sua occupação para nada mais serviu do que para parar o serviço de «tramways» do sul e para matar ou prender alguns infelizes civis que não demonstravam o respeito devido ás auctoridades, que a si mesmas se haviam nomeado, da nova Republica.

Esse edificio é cercado de altas construcções, pelas quaes se podia entrar nas suas trazeiras, e a sua infortunada «guarnição» esteve durante todo o tempo debaixo do fogo partido das janellas e do telhado do hotel Selbourne, que domina toda a praça.

Ao que parece, mandava ali e no Collegio dos Cirurgiões a condessa Markievicz, fugindo a guarnição do ultimo quando a posição se tornou difficil de sustentar.

Um outro exemplo da pouca ou nenhuma preparação do poder executivo se póde mencionar entre os incidentes do primeiro dia da rebellião.

Embora o vice-rei e o sub-secretario de Estado estivessem conferenciando ácerca do grave perigo que a rebellião representava e das medidas que deviam ser tomadas, a Phœnix Park, onde ficava a residencia do vice-rei, e o paiol central foram deixados abertos e sem guarda.

O paiol foi tomado por um bando de rebeldes que para ahi se dirigiu em automoveis e em Dublin espalhou-se o boato de que a residencia do vice-rei fôra egualmente tomada e esse alto funccionario preso como refens.

E foi tomado sem resistencia. Em vez d'um commandante e d'uma forte guarnição, parece que o commandante Playfair havia sido mandado em serviço para a frente e que sua familia tinha apenas alguns soldados para a defenderem e ao paiol.

Os rebeldes entraram e dispararam sobre a sentinella, que tentava dirigir-se ao quartel de Island Bridge dar o grito de alarme. A esposa do commandante recebeu ordem para abandonar a sua habitação, o telephone foi cortado e o edificio incendiado.

O filho mais novo de mrs. Playfair, que tentava dirigir-se a uma casa proxima onde havia telephone, foi attingido por um tiro, morrendo na manhã seguinte. Felizmente, os rebeldes não encontraram o local onde os explosivos estavam guardados. O incendio foi extincto pelos soldados do quartel de Island Bridge antes de se ter communicado aos altos explosivos e os rebeldes foram-se embora, sem nada mais terem feito do que matar.

A esse tempo não houvera ainda lucta séria—os insurgentes haviam encontrado pouca ou nenhuma resistencia—e grande parte dos habitantes de Dublin não sabiam que estava succedendo qualquer coisa de anormal.

EXPLORAÇÃO DO PORTO DE LISBOA

Mercadorias desembarcadas dos navios ex-allemães

AVISO

Tendo a Administração do porto de Lisboa resolvido fazer excepcionalmente o seguro, contra risco de incendio, das mercadorias provenientes dos navios ex-allemães e que existem ou venham a existir nos armazens da Exploração do porto de Lisboa, são, por esta fórma, avisados todos os donos das ditas mercadorias ou os seus representantes para, até ao dia 15 do proximo mez de setembro, enviarem á Direcção da referida Exploração (Caes do Sodré) nota das mercadorias que estão seguras por sua conta ou o devam vir a estar quando descarregarem, com indicação das suas marcas, natureza, numero e qualidade de volumes e nome do navio em que se encontravam ou encontram, afim de, na occasião da sahida das ditas mercadorias dos armazens, não serem ellas oneradas com a quota parte das despezas feitas pela Exploração do porto com seguros, o que—pelo contrario—terá logar para todas aquellas mercadorias relativamente ás quaes não seja recebida a dita nota até á data acima indicada, ainda que, na occasião da sahida, os interessados declarem então estarem ellas seguras.

Chama-se a attenção dos interessados para a circumstancia de que os seguros feitos pela Exploração do porto de Lisboa relativamente ás mercadorias a que se refere este aviso, poderão deixar de corresponder ao valor real das mesmas mercadorias por insufficiencia dos elementos necessarios para fixar esse valor, não podendo, portanto, a Exploração do porto responsabilisar-se, em caso de sinistro, pelo integral reembolso dos prejuizos que possam ter tido logar, pelo que haverá toda a conveniencia, para os interessados, em fazerem o seguro de sua conta, fornecendo á Exploração a nota a que acima se faz referencia.

Lisboa, 16 de agosto de 1916.

O engenheiro director da Exploração do porto de Lisboa
F. Ramos Coelho

Como de costume em occasiões semelhantes, a maioria dos que seguiam pelas ruas eram pessoas que vinham dos arredores passar o dia junto com os seus amigos, e que só comprehenderam o que se passava ao chegarem ás estações do caminho de ferro á tarde para voltarem para suas casas e o não puderam fazer, pois muitas das estações estavam nas mãos dos rebeldes e os comboios não circulavam.

Os que viviam a pouca distancia de Dublin seguiram a pé para suas casas; muitos tiveram, porém, de ficar pelas ruas ou amontoarem-se nas egrejas, onde procuravam refugio.

Quando cahiu a noite, a população, vendo as ruas sem policia, começou a assaltar os estabelecimentos, levando tudo quanto podia levar. Os de mercearia foram os primeiros a ser assaltados, seguindo-se-lhes as alfaiatarias, sapatarias, chapelarias, etc.

Durante toda a noite, tiros foram disparados a esmo, que victimaram muitos soldados isolados e paizanos. Assim terminou o primeiro dia da «Liberdade Restaurada» de Dublin.

As auctoridades estavam ainda de braços cruzados, por falta de soldados. Lord Wimborne fez publicar uma proclamação avisando a população da tentativa «instigada e dirigida pelos inimigos estrangeiros do nosso rei e do nosso paiz para incitar a rebellião na Irlanda» e avisando-a de que «medidas convenientes estão sendo e serão tomadas para a rapida repressão das desordens existentes e para a restauração da ordem», e que ajuntamentos nas ruas deviam ser evitados.

As communicações com a Inglaterra eram difficeis. Alguns membros do parlamento, que eram do norte e se dirigiam a assistir á importante sessão secreta da Camara dos Communs que havia sido marcada para terça feira, viram-se forçados a seguir pela estrada da estação de Amiens Street, a estação terminal do Grande Caminho de Ferro do Norte, para Kingstown, onde tomaram o paquete, levando a noticia, que nenhum jornal dera ainda, a Westminster.

Mas havia-os precedido o almirante que estava no mar da Irlanda, o qual mandára um radiogramma com os poucos pormenores que pudera obter, avisando o governo por intermedio do almirantado.

O acampamento de Curragh mandou as tropas de que podia dispôr e as auctoridades em Belfast, cidade que se conservava no maior socego, puderam mandar toda a guarnição, além d'um consideravel contingente de policia.

Mas preciso era que com urgencia fôssem mandadas tropas de Inglaterra, pois aquellas de que se podia dispôr, depois de todos os reforços, apenas eram sufficientes para formar um fraco cordão atravez da cidade desde a Ponte do Rei até ao castello e d'ahi, por Dame Street, até Trinity College, e para collocar guarnições sufficientes n'esses pontos importantes, assim como na estação geradora de electricidade e no edificio dos telephones.

Esses pontos importantissimos tinham sido occupados pelos rebeldes, que viram as suas forças cortadas em duas por completo, não podendo Liberty Hall e o edificio dos correios communicar ou prestar auxilio a St. Stephen's Green e a City Hall, e vice-versa.

Na manhã seguinte, terça feira, 25 de abril, não tendo jornaes, distribuição de correio, comboios, electricos, leite e hortaliças, Dublin conheceu que alguma coisa de muito serio se estava passando.

Os peores boatos, como é natural, circularam: desembarques de allemães, todo o paiz em armas, o castello em poder dos rebeldes, o vice-rei feito prisioneiro em refens. Alguns de espirito aventuroso dirigiram-se para o centro da cidade a vêr o que se passava: os estabelecimentos estavam todos fechados, e os que eram mais pacificos, depois de terem sido mandados parar

uma ou duas vezes pelo cordão de soldados ou por uma das sentinellas dos rebeldes, voltaram para casa e aguardaram ahi o desenrolar dos acontecimentos.

Foi então, e ainda hoje é difficil obter uma narrativa chronologica dos factos, pois que umas testemunhas presenciaes dizem que um determinado facto se deu na terça feira, ao passo que outras affirmam que elle se deu no dia seguinte.

Lord Wimborne, fortalecido pela approximação de tropas idas da Inglaterra, munidas de artilharia, metralhadoras e carros blindados, na terça feira de manhã mandou affixar uma nova proclamação, em que se dizia:

«Porque na cidade de Dublin e no condado de Dublin determinadas pessoas e associações com a intenção de subverter a auctoridade da corôa na Irlanda commetteram diversos actos de violencia e atacaram com armas de fogo as forças da corôa e resistiram pela força armada á legal auctoridade da policia e das forças militares de sua magestade:

«E porque, por esse motivo, muitos dos subditos fieis de sua magestade foram mortos e outros gravemente feridos e muitos damnos a propriedades teem sido causados:

«E porque essa resistencia armada á auctoridade de sua magestade ainda continua:

«Nós, Ivor Churchill, barão de Wimborne, lord logar-tenente general e governador geral da Irlanda, em virtude dos poderes que nos foram conferidos, proclamamos aqui que desde a data d'esta proclamação e pelo periodo d'um mez a cidade de Dublin e o condado de Dublin ficam sujeitos á lei marcial, e appellamos para todos os leaes subditos da corôa para nos auxiliarem a sustentar e manter a paz do reino e a supremacia e a auctoridade da corôa.»

A proclamação continuava inserindo os habituaes avisos contra os perigos de andar nas ruas e a necessidade para todas as pessoas leaes de permanecerem em casa, concluindo do seguinte modo:

«E proclamamos aqui que todas as pessoas que fôrem encontradas portadoras de armas sem auctorisação legal teem de ser julgadas em virtude d'esta proclamação.»

A esse tempo, os insurrectos que podiam raciocinar tinham começado a avaliar a sua situação. Além dos que estavam compromettidos na conspiração ninguem em Dublin lhes prestára apoio e mesmo sem forças de policia e militares que se lhes pudessem oppôr efficazmente não tinham podido avançar uma pollegada além dos logares de que se haviam apoderado logo de principio.

O cordão de tropas atravez da cidade fôra reforçado e os seus exploradores levavam-lhes a inquietadora informação de que um cordão militar semelhante estava sendo formado ao norte da Ponte do Rei e ao longo da estrada de circumvallação até á estação de Amiens Street, entrando em contacto com as tropas que já estavam occupando Trinity College pela Ponte de Butt's e pela estação de Fire Brigade.

Os quarteis generaes no edificio dos correios, Liberty Hall e em Four Courts estavam agora inteiramente isolados e a sua tomada era apenas questão de tempo.

N'esta desesperada situação, o governo provisorio viu que a sua unica esperança estava em tentar convencer o povo de Dublin de que, como o paiz se estava levantando e a victoria se não podia demorar, era dever e interesse da capital adherir á Republica.

Em conformidade com isso, sahiu uma proclamação, alguns extractos da qual habilitarão os leitores a avaliar do seu theor geral:

«O paiz está-se levantando para responder ao appello de Dublin e o exito final da liberdade da Irlanda é agora, com ajuda de Deus, apenas questão de dias.

«O valor, o sacrificio proprio e a

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2160—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 19 de Agosto de 1916

Telephones n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Rosa, 71 — Preço 2 centavos

A dissolução

Reune no proximo dia 22 o Congresso da Republica. O motivo da convocação é apreciar a revisão constitucional. Segundo consta, serão apresentadas algumas modificações á Constituição, mas a questão magna, que é a da faculdade da dissolução, será addiada para occasião mais propria d'um exame attento e seguro.

Não podia em caso algum proceder-se a um debate sobre esse ponto essencialissimo no momento em que é preciso pensar acima de tudo na guerra, e evitar discussões que, pelas circumstancias da politica interna, podem provocar hostilidades partidarias que porventura quebrantariam gravemente a coherencia politica, sob o ponto de vista externo, que a guerra impõe e o patriotismo necessariamente deve inspirar.

Não somos dos que desejam que essa discussão se evite, visto que ha elementos que requerem a faculdade da dissolução como sendo uma garantia do equilibrio dos partidos e o meio de se obstar até ao perigo de revoluções. Já que a questão está posta n'este pé, só poder-se-hia suppôr que ha quem receie a discussão doutrinaria o debate politico d'essa questão affigurar-se-hia prova d'uma fraqueza que não existe nem pode existir.

A introducção da faculdade da dissolução na lei fundamental da Republica não resolveria a questão do fortalecimento dos partidos e seria um golpe de morte nos principios essenciaes e vitaes da Republica.

Quando se discutir essa questão, será facil provar que a faculdade da dissolução é attentatoria da soberania nacional, bem dos regimens representativos que no systema das democracias se fundam. Seria o reconhecimento do arbitrio, collocaria o mandatario acima do mandante que lhe conferiu o seu mandato precisamente para velar sobre a intangibilidade da soberania nacional. E não robusteceria os partidos que não tivessem força propria. Seria um mero artificio, que em toda a parte é perigoso, mas muito mais n'uma sociedade que ha pouco se livrou d'um regimen em que o arbitrio era a regra e a legalidade a excepção.

A monarchia suicidou-se politicamente em Portugal mercê da faculdade da dissolução, concedida ao rei. Foi ella que permittiu a defecção dos principios liberaes de homens como Rodrigues Sampaio e Oliveira Martins, que reconhecendo que o rei tinha esse poder, que annulava toda a repressão nacional, clamaram que o rei era a unica força e attribuindo-lhe o poder pessoal levaram a monarchia a apostatar do seu estatuto que garantia a soberania popular.

Em muitas dezenas de legislaturas, que durante o regimen constitucional se contaram no nosso paiz, só meia duzia o chegaram ao fim do seu mandato. Chegou-se ao extremo de dissolver um parlamento, que ainda não reunira!

O mal era tão profundo que, quando João Franco pretendeu, depois de ter reconhecido quanto fôra funesto á propria monarchia o periodo do engrandecimento do poder real, feito por meio de successivas dissoluções e dictaduras, regressar á normalidade constitucional, elle proprio acabou por voltar á dissolução parlamentar, inaugurando uma dictadura que acabou de dar cabo da realeza que elle servia!

Póde-se argumentar que o principio da dissolução se encontra estabelecido em regimens representativos como os da Inglaterra e da França. A França nunca fez uso d'elle, nem mesmo nos dias de tremenda convulsão politica da questão Dreyfus. A Inglaterra só excepcionalmente o tem utilisado, e sem vantagens reconhecidas.

Convem notar que a França e a Inglaterra são sociedades dotadas de uma educação civica muito differente da nossa, não florescendo n'esses paizes os vicios politicos que um regimen de constante arbitrio, como foi o monarchico em Portugal, deploravelmente desenvolveu na nação.

Só quem não quizer dizer a verdade, affirmará estar sinceramente convencido de que o principio da dissolução não faria com que se reproduzisse, mercê de costumes que triste sobrevivencia todos os dias se manifesta, a mesma situação que levou a monarchia á sua perda e esteve a ponto de subverter a patria.

Partidos que venham dizer que não podem ser governo se, por meio da dissolução parlamentar lhes não fôr garantido o poder, são partidos que confessam que não possuem forças proprias nem contam com os movimentos da opinião. São partidos que ainda não teem uma verdadeira existencia organica, e que desistem de lutar para adquirir a expansão da sua vitalidade.

O partido republicano portuguez fez-se á custa da sua propaganda intensa, organisou-se modelarmente, estabeleceu no paiz inteiro a rêde das suas commissões e dos seus centros, emquanto os partidos da monarchia desouravam inteiramente a propaganda e a organisação. E apezar de serem os sustentaculos do regimen; apezar de, por meio da faculdade da dissolução, o rei lhes conceder alternativamente o bolo do poder, elles foram vencidos pelo partido republicano que era o unico partido a valer que existia em Portugal. E foram elles que deram as maiores machadadas no regimen que serviam, no rei que consideravam seu senhor, quando, movidos pela soffreguidão do poder, o accusavam de ser parcial, porque não usava tão frequentemente como elles desejavam da faculdade da dissolução. Assim se abalou o prestigio do proprio rei, constantemente intimado pelos partidos que estavam fóra do poder a pôr fóra o seu competidor.

Se ámanhã a faculdade de dissolução fosse consignada na lei fundamental do Estado, a suprema magistratura da Republica seria logo, com grave damno, collocada em fóco na arena das luctas politicas. Não tinha a faculdade de dissolver o Parlamento o sr. Manuel de Arriaga, e bastantes vezes foi intimado a sahir fóra dos seus deveres para servir determinados interesses politicos, chegando-se a accusal-o de cumplicidade com o governo que dispunha da maioria parlamentar.

O estabelecimento da faculdade de dissolução seria a morte a praso da Republica. Não será difficil demonstral-o quando essa questão se debater, logo que a situação internacional permitta que a politica interna possa occupar todas as nossas attenções. Discutir-se-ha; é necessario que se discuta, para que a ninguem seja licito acreditar sinceramente nas vantagens ou na justiça d'essa perigosissima modificação constitucional.

Migalhas

Subsistencias

Varias pessoas teem estranhado que eu não tenha dado ainda o meu parecer sobre a momentosa questão das subsistencias. Hoje que, á mingua absoluta de assucar, me vi forçado a adoçar o meu café matutino com doce de ginja, que tinha em reserva felizmente, aqui venho chamar a attenção dos poderes publicos para o caso. E se o faço é porque tenho a impressão de que até agora o interesse do governo por tão grande problema tem sido bastante platonico e dentro do campo da phantasia. Responder-me-hão que, quando os indigenas se chegam em alta grita á Perfeitura reclamando carvão ou assucar, o chefe do districto manda immediatamente apprehender trez saccas do Poço do Bispo e distribuil-as em cartuchos de trez centavos cada, ás populações irritadas.

Infelizmente para ella, a auctoridade superior da capital não dispõe d'outros meios para resolver o problema. Parece-me—e, se porventura, estou em erro, dou antecipadamente as mãos á palmatoria—que o supracitado problema requer outras soluções de mais larga envergadura.

Na Allemanha ha um dictador—reparem bem na palavra—dos viveres, «herr» Batocki, que, sob os seus planos poderes curva todos os açambarcadores, importadores, fornecedores, revendedores e tambem os consumidores. Em paizes menos apertados no que respeita á distribuição de comestiveis, como sejam os paizes alliados, grandes medidas geraes, applicaveis a todo o paiz, teem sido promulgadas e felizmente executadas.

Entre nós tem-se procedido por tentativas, organisando-se providencias de momento e gisando tabellas, algumas das quaes são sophismaveis e outras inexequiveis. Não se tratou ainda de apurar quaes os consumos e de estudar a forma de os prover. Estamos sempre á espera de naus que hão de chegar dos varios orientes e, quando o tendeiro se declara impossibilitado de nos vender uma quarta de assucar, os jornaes dizem-nos sempre que para a semana deve chegar um paquete com trinta e oito mil toneladas d'elle. Não haveria forma d'esses vapores chegarem sempre hontem? Deve haver. O caso é que talvez se não tenha pensado n'isso...

ANDRÉ BRUN.

Dr. Sousa Costa

Para S. João da Pesqueira, onde vae passar o tempo de ferias, parte hoje, acompanhado da sua familia, o nosso prezado amigo o distincto escriptor dr. Sousa Costa.

A "Historia da Grande Guerra„

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos com regularidade as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

A GRANDE GUERRA

RUA DE LORD BYRON? NÃO DEVE SER!

O grande poeta foi um detractor de portuguezes e inglezes—Não faltam entre os inglêzes as figuras representativas merecedoras da nossa consagração

Dois membros da camara municipal de Lisboa propuzeram em sessão que o bairro Braz Simões passe a denominar-se de Inglaterra e que quatro das ruas do mesmo bairro se denominem, d'ora avante, cidade de Liverpool, cidade de Cardiff, cidade de Manchester, lord Byron e poeta Milton. A proposta foi approvada por unanimidade.

A nomenclatura de praças e arruamentos e suas alterações teem dado ensejo quasi sempre a reparos mais ou menos justificados. Tarefa semelhante, ao parecer facil, exige, no entanto, uma grave ponderação para que a homenagem seja justa, merecida e opportuna, dentro do sentir geral, e não corra o risco da ephemera existencia a que estará sujeita sempre que se não fundamente em sólidas razões, alheias a todo o espirito de casta, de partidarismo ou de seita...

Bem está que se honre a Inglaterra, a alliada de seculos, a cujos destinos n'esta hora, unica na vida das nações, se unem os nossos. Bem está! Não regatearemos louvores á camara municipal de Lisboa pela sua iniciativa, mas permittimo-nos discordar n'um ponto quanto á escolha das designações das ruas: o nome de lord Byron não significa, com effeito, uma preferencia feliz, porque denuncia ignorancia litteraria pouco abonatoria da cultura da camara ou, o que é peor, o perdão e o esquecimento de affrontosos aggravos que o poeta perpetuou em versos immortaes.

Foi o auctor de *Childe Harold's Pilgrimage*, depois de Shakespeare, a primeira figura que deitou a Inglaterra entre os cultores da poesia? Não o pretendemos negar, nem sequer de longe pôl-o em duvida. Proclamou esse a quem Gœthe chamou «um bello moço» que Camões é um «verdadeiro poeta»? Não fez mais que comesinha justiça. Devemos-lhe a celebre, lisongeira exclamação

> Lo! Cintras' glorious Eden

em virtude da qual aqui lhe conhecem geralmente o nome? Antes e depois d'elle nacionaes e estrangeiros se curvaram no mesmo preito contemplando o adoravel canto da terra que, n'uma carta particular, o mesmo Byron considerava «talvez o mais formoso do mundo».

Não basta, isso, porém, para que esmaltemos as esquinas d'uma rua da capital com o seu nobre appelido. As injurias de que nos cumulou, como as que por elle não foram poupadas aos seus proprios compatriotas, impõem melindres e reservas a que apenas a inconsciencia ou uma longanimidade roçando pela falta de pundonor lograriam furtar-nos. Eis o que, sem grande canceira, demonstraremos aos ignorantes ou aos amnesicos.

* * *

Byron escreveu que caracterisou os portuguezes taes como os havia achado. Visitando-nos n'uma epoca de vergonhosa decadencia, deslumbraram-no as bellezas naturaes de Cintra, o porto magnifico de Lisboa, a cidade a espelhar-se donairosa nas aguas do Tejo que levam areias de oiro, mas os homens e os costumes só lhe inspiraram vituperios e sarcasmos, sem sombra de indulgencia. Foi nullo o seu interesse por um passado em que haverá sombras, mas em que o heroismo e a gloria fulgem. Calumniou-nos e cobriu-nos de lama...

Em que consistiu a maior fineza que nos rendeu? Em nos averbar de «nação impando de ignorancia e orgulho», hypocrita e ingrata. Como nos descreveu? Assim:

> Palacio e cabana são egualmente immundos. Seus morenos habitantes educados sem aceio, e ninguem, fidalgo ou plebeu, cuida da limpeza do casaco ou da camisa. Até quando os castigasse a peste do Egypto os verieis com os cabellos por pentear, mal aceados, indifferentes.

E n'outro lance:

> Escravos torpes e vis, bem nascidos nas pompas da creação! Porque desbarataste, ó natureza, as tuas maravilhas com semelhante gente?

E ainda n'outro ponto:

> Terra sanguinaria em que as leis não bastam para proteger a vida!

Em Cintra, não apurou a significação da palavra Pena e, suppondo que ella exprimia a ideia de castigo, observou: «Homens impios foram castigados aqui...» «E, como reparasse nas cruzes que, n'aquella serra, onde não faltavam as casas religiosas, se erguiam á beira dos caminhos, escreveu:

> ... Não as tomeis por devotos testemunhos de piedade; são fracas memorias de ferozes matadores... E cheios d'ellas se encontram a cada passo bosques e valles n'esta sanguinaria terra...

Na sua correspondencia epistolar, lord Byron, que era um desbocado como referiu um seu necrologista que Camillo menciona nos *Echos humoristicos do Minho*, gabava-se de saber praguejar á portugueza e archivava, muito estropeados, os palavrões que, segundo á sua propria affirmação, lhe mereciam ser «universalmente considerado como pessoa de porte e mestre de linguas». Consoante o testemunho do poeta, as «pessoas finas» já n'esse tempo falavam em calão. Frequentando a sua sociedade, trazia, porém, «as pistolas na algibeira»...

Em nota ao *Childe Harold*, dizia que «os assassinios commettidos nas ruas e proximidades de Lisboa pelos portuguezes não se limitavam aos seus conterraneos» e contou como houve de se defender, armado, quando com um amigo se dirigia de carruagem, certa vez, ao theatro. E' evidente allusão á sova que lhe applicou, junto de S. Carlos, segundo a voz tradicional, um marido zeloso cuja mulher—incorrigivel D. Juan—pretendera possuir... Foram, na phrase de Herculano, «uns cachações com que o massacraram».

Como poderia ser amavel comnosco quem nem sempre o soube ser com a sua propria patria? Byron, o escocez de genio, maltratou os inglêzes. Odiava a sua terra? E' possivel que não e que os biographos se excedam quando o affirmam. Talvez que só por humorismo transcrevesse a curiosa passagem de *Le Cosmopolite* que precede o prefacio de *Childe Harold*. Lembram-se d'esse trecho do conde de Montbron?

> L'univers est une espèce de livre, dont on n'a lu que la première page quand on n'a vu que son pays. J'en ai feuilleté un assez grand nombre, que j'ai trouvé également mauvaises. Cet examen ne m'a point été infructueux... Je haïssais ma patrie. Toutes les impertinences des peuples divers parmi lesquels j'ai vécu m'ont réconcilié avec elle. Quand je n'aurais tiré d'autre bénéfice de mes voyages que celui là, je n'en regretterais ni les frais ni les fatigues..

Vem na primeira pagina de *The Poetical Works of lord Byron* (London, 1859).

Mas o humorista não se ficou por aqui. Outro exemplo, arrancado ás *Poesias diversas*:

> Que é o mundo? Um molho de palha,
> E a gente que n'elle vês
> Burros que levam quanto pilham:
> Mas o maior é o inglez.

Gentil com os seus a esse ponto!

* * *

Haverá na camara municipal quem com Almeida Garrett entenda que «não é muito grande a injustiça do nobre lord» para comnosco, embora o que escreveu a nosso respeito seja coisa «não muito para lisongear o amor proprio nacional». Haverá quem com Alberto Telles, o traductor da *Peregrinação de Childe Harold*, diga que não é comnosco que se entendem as referencias de lord Byron mas com os subditos do principe regente D. João, e que elle até foi «moderado nas suas expressões». Haverá quem recorde que Manuel de Sousa Coutinho, em *Frei Luiz de Sousa*, a proposito da oppressão castelhana, fala de uma lição a dar «a este escravo d'este povo» que aguentava e soffria os hespanhoes não se lembrando de que Manuel de Sousa era portuguez da melhor tempera e se expandia em sua casa e com os seus, emquanto Byron foi apenas um estrangeiro nosso hospede... E' certo que Alberto Telles, brilhante espirito, ainda vivo, de uma geração quasi extincta, escreveu um eruditissimo volume para aliviar lord Byron porque, como elle escreveu, «não se justificam injurias». Não haverá, porém, quem nos convença que honramos a Inglaterra e nos honraremos simultaneamente a nós galardoando a memoria do nosso depreciador com a fixação do seu illustre nome n'uma placa publica!

* * *

As reminiscencias de *Childe Harold* levaram Herculano a annotar uma passagem de *O parocho da aldeia*, em que se dizia que «em Inglaterra não ha nenhum tolo que não faça um livro de *tourist*, nenhum archiparvo que não o faça sobre Portugal», com as seguintes considerações:

> Não me persuado de que nenhum leitor tome ao pé da letra este brinco litterario. A Inglaterra é uma grande nação e possue no seu gremio muitos homens honestos, sabios e por todos os modos respeitaveis. Mas a essa classe não pertencem por certo aquelles que, propondo-se illustrar o povo, escrevem ácerca d'uma pobre nação, que nunca os offendeu, toda a casta de absurdos e mentiras insulsas.

Herculano não quiz decerto chamar tolo ou architolo ao insigne poeta. Mas n'aquella occasião pensava em Byron, traduzia-o e reputava mentirosas e absurdas as suas allegações. E' possivel que totalmente o não fossem. Mas exaggeradas e malevolas sem contestação o eram...

Deixemos aos litteratos que o admirem; ás mulheres—de que elle foi o cortejador impenitente—que o adorem e se deleitem na contemplação da sua mascula formosura classica; á Grecia, que o venere,—mas abstenhamo-nos de lhe levantar em Lisboa um monumento, embora se resuma á lapide marmorea d'uma esquina ou á simples e feia placa de ferro esmaltado. Reclama-o a nossa illustração e a nossa dignidade.

Para testemunharmos o affecto e o culto que consagramos á Inglaterra e ás suas representativas figuras, não precisamos de nos cançar em busca de nomes laureados. Porque a lord Byron não havemos de preferir lord Kitchener ou então miss Cavell, personificação do mais ardente patriotismo e da mais pura bondade feminina, e que no vasto e commovedor martyrologio da guerra se nimba da aureola das santas?

AVELINO DE ALMEIDA

BRUXOS, MAGOS, NIGROMANTES

Carta a uma senhora

que me pede explicações sobre as maniganclas das somnambulas

Minha excellente senhora:—Destaquei a sua carta de entre tantas que diariamente recebo, porque n'ella transparece uma rara e notavel sinceridade. A maior parte de quantos sobre este lamentavel e miseravel assumpto me escrevem, limitam-se uns a applaudir a minha «nobre» attitude, outros a contar-me como foram victimas, alguns a insinuar puerilmente que me acautelle, «porque ha bruxas que não são boas» e raros anonymos ingenuos a ameaçar formalmente a integridade das minhas costellas. Só falta ainda proporem-me comprar o meu silencio. Honra lhes seja.

A sua carta, não. V. Ex.ª pede apenas que a elucide, porque no seu cantinho tranquillo de Aveiro não se percebe bem o que seja a projecção do «astral» e o desdobramento do «duplo». Não sei se V. Ex.ª ouviu alguma vez fallar dos pós de «perlim-pimpim». E' tudo a mesma coisa. Eu não sou bruxo, minha senhora, nada sei de bruxarias e as poucas luzes que tenho não excedem os limites da chamada sciencia official, tão desdenhosamente tratada pelos sabios cultores do occultismo. Para a minha ignorancia, «astral» e «duplo» são palavras cujo sentido escapa totalmente aos que nunca tiveram tempo, nem paciencia, nem interesse de se compenetrar das extranhas theorias d'essa gente. E' a mascara scientifica de uma trapalhada em que todos os methodos se empregam menos o methodo scientifico. Como quer V. Ex.ª, pois, que eu lhe explique uma coisa que principia por não ter explicação.

Somnambulas e videntes dizem o passado, o presente e o futuro como as pythonizas e os oraculos da Grecia antiga: em phrases imprecisas, em noções tão vagas e tão accomodaveis que é sempre facil adaptar-lhe uma determinada interpretação. Ha um dictado francez que reza assim: é facil acreditar n'aquillo que se deseja. Desde que uma prophecia, pela sua natureza indefinida, possa interpretar-se conforme os nossos desejos, a imaginação, naturalmente propensa ao maravilhoso, extasia-se como em face de um milagre. E' assim que nascem os convencidos.

Mas eu não fallo aos convencidos. Escrevo para os incautos e para os que duvidam. E escrevo especialmente para os que teem a missão de legislar n'este paiz, visto que me parece urgente limitar o mais possivel os males occasionados pelo charlatanismo, que em Lisboa está tomando uma forma assustadoramente epidemica.

De resto, a clientella d'esses especuladores da credulidade humana não vale, em muitos casos, mais do que elles proprios. Ha raros, como V. Ex.ª, que lá foram por simples curiosidade, e que de lá voltam na profunda convicção de que se trata de um ardil. Outros, vão por ignorancia, tanta vez indigna da profissão que exercem, e assim, se eu quizesse, poderia citar-lhe nomes de medicos e advogados que não tratam um doente nem tomam conta de um processo sem previamente consultarem as somnambulas. A grande maioria, porém, pretende n'essas casas realisar designios que chegam a entrar na alçada do Codigo Penal.

A bruxa com quem V. Ex.ª um dia conversou fallou-lhe a verdade quando lhe disse:

—Não faz ideia do numero de senhoras que diariamente me sobem as escadas. De trinta, apparece uma que vem para um caso honesto. Na maior parte, pretendem roubar os maridos a outras mulheres, porque são ricos ou possuem bellas figuras; outras ainda, porque alliam a isso o serem homens de alto talento e altas posições. Isto é um sudario de miserias, mas é o nosso pão...

A bruxa disse-lhe a verdade, minha senhora. Tudo isto é um bem amargo symptoma de miseria. N'esse confortavel interior que V. Ex.ª viu passam-se quotidianamente lugubres tragedias, cujo epilogo se desenrola—quanta vez!—no instante allucinado do suicidio ou no desterro lugubre de um manicomio.

A bruxa disse-lhe a verdade. Entre a clientella habitual das casas de occultismo, de trinta consulentes apparece uma que vae para um caso honesto. Pouco mais de tres por cento de pessoas de bem! O resto, é vasa. E' a lama endinheirada dos grandes centros, mas é tambem a estupidez e a ignorancia que muita vez deixa os filhos a soluçar com fome para poder pagar os miseros cobres que a cartomante exige n'um caso de amor ou de ciume. Está V. Ex.ª vendo a desaggregação social favorecida pelo desplante com que se annunciam impossiveis!

E' curioso constatar em muitas cartas que me são dirigidas o proposito formal de prejudicar nomeadamente um ou outro profissional do occultismo. São em regra victimas que tiveram a illusão de fazerem de mim um instrumento de vingança. Pessoas de minha inteira confiança me teem affirmado haver «consultorios» onde se applaude a minha attitude calorosamente.

Isto, porque não me referi a ellas, e porque, em regra, para uma bruxa todas as outras bruxas não passam de intrujonas. E' uma forma habil de inutilisar a concorrencia. Não me referi a todas em especial, primeiro porque o papel de averiguar ácerca dos charlatães que d'este genero existem em Lisboa ha de competir em breve á policia de investigação, e em seguido logar porque me não move o menor sentimento de odio ou de vingança. Entendo, e vejo-me na necessidade de o declarar muito formalmente, que todos os somnambulas, videntes, adivinhos, bruxas e congeneres são por egual prejudiciaes, quer adoptem pomposos nomes estrangeiros, quer se apresentem com o caracter mais simples e popular. No caso especial do exercicio illicito da medicina, então, parece-me urgente applicar todo o rigor da lei—lei que não é preciso fabricar, porque já existe. E, ouso accrescental-o, é acto legitimo de justiça não alcançar nas malhas da rêde apenas os charlatães, mas, em muitos casos, tambem os que os procuram na intenção de os tornarem cumplices ou consentidores de praticas viciosas e criminosas.

Aqui está, minha senhora, o que se me offerece responder á sua carta. Termino por apetecer-lhe, no remanso do seu lar de provincia, toda a ventura de que o seu bom senso a torna indiscutivelmente merecedora.

HERMANO NEVES

Cesar Batisti

Um martyr da fé patriotica

As cem cidades da Italia celebram manifestações em sua honra

ROMA, 18.—Continuam a celebrar-se nas cem cidades de Italia manifestações em honra de Cesar Batisti. Organisam-se cortejos, dedicam-se-lhe ruas, sauda-se o seu nome como martyr da causa italiana. Até ha pouco tempo a sua nomeada era muito mais limitada. Sabia-se nos grandes centros que Batisti era deputado por Trento que não obstante ser socialista, ao contrario de certos companheiros seus de Trieste, pugnava pela causa nacional italiana, e que, logo que rebentou o conflicto europeu tinha entrado na Italia e se collocára á frente dos intervencionistas affirmando em todos os tons que havia soado a hora da libertação dos italianos subditos da casa dos Absburgos. Quando a Italia passou o Rubicon, Cesar Batisti offereceu o seu braço para a libertação da patria como tantos outros companheiros seus de Trento, mas, apesar da sua attitude patriotica, nada o havia distinguido particularmente para a veneração por parte dos italianos.

Chegou porém um dia o boato difuso de que Batisti havia cahido bravamente quando incitava os seus soldados sobre o caminho que conduz á Trento. Dias depois soube-se pela imprensa suissa que Batisti tinha sido feito prisioneiro, que fôra encontrado gravemente ferido, e que levado para Trento ahi fôra enforcado pela mão do verdugo Lang chamado telegraphicamente de Vienna. Outros deputados eslavos, subditos da Austria que se encontram perante a monarchia austriaca em identicas circumstancias, ou haviam sido perdoados ou pelo menos retardada a sua execução. Com Cesar Batisti, gravemente ferido, era necessario proceder-se de outra forma. Era preciso acabar de prompto com elle, leval-o á forca para dar um grande exemplo no interior e fazer sentir aos italianos o odio que se alimenta contra elles. A parte os pormenores macabros que acompanharam a execução de Batisti, a Austria pode invocar em seu favor todos os respeitos juridicos.

Um subdito seu constituido na alta dignidade de representante havia acclamado a guerra e tomado as armas contra a Austria; o seu proprio codigo como os demais dos outros paizes o tornava reu de morte, e a Austria não fazia mais do que cingir-se á lei cumprindo-a mas com gosto, com ferocidade. Só esta é uma prova mais da desordem em que se acham os Estados que governam nacionalidades alheias e que não sabem captal-as por bons tractos; são forçados a repressões que poderão concordar com a lei, mas promovem um protesto dos sentimentos universaes, por não ter em linha de conta o contraste natural que existe entre a Fidelidade e o patriotismo, e por isso classificam o delicto com normas artificiaes de sedicioso. Depois do seu tragico fim, Cesar Batisti deixou de ser um homem de partido com as suas qualidades e defeitos, para se tornar n'um martyr da causa italiana e evoca cincoenta annos de Historia fazendo reviver todo o odio contra o jugo austriaco. O *Journal des Debats* gravou a situação dizendo: «Uma semelhante morte com as circumstancias que a rodeiam constitue uma data da guerra italiana, e na historia das relações entre a Italia e a Austria, Batisti une-se depois de 60 annos á série dos martyres de Mantua e Belfiore, para citar sómente as mais celebres victimas da barbaria que nunca mais soffreu alteração. Contra a Austria Battisti, pendente da forca gloriosa, é o mais vivo symbolo, é a bandeira que augmenta todos os odios, todos os rancores.

Por isso se vão recolhendo nas cem cidades de Italia os fundos para um monumento que se ha de levantar na sua de Trento. A Austria que não mudou, que é agora a mesma Austria de Matternich formou em volta da fronte d'aquelle que queria anniquilar, uma aureola, enalteceu toda a Italia, deu mais um motivo aos patriotas italianos para continuarem até ao fim, para bater-se até ao dia da victoria final. Diz-se que a prisão é a ante-sala do Throno; dos martyres pode dizer-se que são os precursores da Victoria. A execução de Cezar Battisti por parte da Austria é para esta, sem exaggero, uma grande batalha perdida.—(*Havas*).

A lucta é renhida na frente occidental

PARIS, 19.—Communicação official das 15 horas:—Ao norte do Somme os allemães lançaram durante a noite violentos contra-ataques sobre as novas posições desde o norte de Maurepas até Clery. As nossas energicas contra offensivas destruiram as suas tentativas excepto em um ponto ao norte de Maurepas onde os allemães penetraram n'um pequeno elemento de trincheira. Os francezes fizeram durante a noite 50 prisioneiros. Ao sul do Somme a lucta de artilharia foi extremamente viva ao sul de Belloy e Estrées. Na margem esquerda do Meuse ao fim da tarde os allemães atacaram por duas vezes o saliente a nordeste do reducto de Avocourt e as trincheiras da cota 304 não podendo em nenhum ponto abordar as nossas linhas. Na margem direita os combates travados hontem continuaram encarniçados; os francezes conquistaram palmo a palmo a povoação em ruinas que os allemães occupavam ainda na orla oriental de Fleury. Os francezes occupam actualmente toda a aldeia apesar dos violentos contra-ataques que custam aos allemães perdas sangrentas. Na região oriental da estrada do forte de Vaux-Chapitre a lucta á granada continuou nas immediações da estrada do forte de Vaux: as vivissimas reacções allemãs não trouxeram nenhuma mudança apreciavel. O numero de prisioneiros validos feitos na margem direita de 17 para 18 passa de 300. O bombardeamento tem sido muito violento d'uma e d'outra parte na região dos ataques. No resto da linha a noite decorreu relativamente calma.—(Havas).

A guerra submarina e o presidente Wilson

PARIS, 19.—Diz-se que o presidente Wilson considera o facto dos allemães voltarem á guerra submarina como um desafio que poderia produzir o rompimento de relações diplomaticas.—(*America*).

Em favor da Cruz Vermelha

Acha-se patente ao publico, ámanhã, na rua Occidental do Campo Grande, 382, das 15 ás 19 horas, o Muzeu Bordallo Pinheiro, custando a entrada dez centavos, quantia que, como se sabe, reverte a favor da Cruz Vermelha Portugueza.

Bens dos inimigos

Para reclamar sobre bens dos inimigos foi concedida á Companhia Geral de Credito Predial Portuguez prorogação por trinta dias do prazo estabelecido no artigo 32.º do decreto n.º 2.350 de 20 de abril findo.

Navios apprehendidos

A todos os proprietarios de mercadorias que fazem parte das cargas dos navios apprehendidos na India Portugueza, foi concedida a prorogação, por 90 dias, do praso estabelecido para apresentar as suas reclamações.

A ida de operarios para a França

Pede-nos, em carta, o torneiro mechanico sr. Raul Pereira que lhe dêmos algumas informações sobre as condições da ida para França de operarios nossos para o fabrico de munições. Por ora, nada mais sabemos além do que «A Capital» já disse, mas estamos convencidos de que o governo se apressará a tornar publico o que sobre o assumpto se tiver resolvido, pois que ha centenas de operarios—e a nossa redacção teem já vindo alguns—desejosos de conhecer o que ha

TERRAS DE PORTUGAL

Os ciganos

O Alemtejo é o grande campo d'acção dos zingaros que vivem pelo paiz

REDONDO, 18.—O cigano nem sempre é o parasita a devastar as terras por onde passa. As tribus de zingaros que infestam diversas regiões do paiz tambem são por vezes elementos de trabalho que merece a pena tornar conhecidos. Quasi todas as provincias de Portugal teem sentido o contacto pouco sympathico com o cigano. Poucas povoações haverá onde esse vagabundo, representante d'uma raça nomada oriunda não se sabe d'onde, porque se propaga por toda a parte, não haja deixado signaes evidentes da sua passagem. O povo olha sempre o cigano com receio e com desprezo—com o receio de ser por elle roubado, com o despreso que lhe merece todo aquelle que, para viver, recorre a expedientes que não se justificam facilmente e que no fundo não passam de estratagemas mais ou menos habilidosos, destinados a illudir os incautos. O cigano é, por isso, perseguido como um ente perigoso e como um inimigo que convem conservar, o mais possivel, afastado. Um dia, já lá vão seis ou quantos annos, poisou nos arredores de Leiria uma grande e densa caravana de ciganos. O terror que se apossou das povoações visinhas foi immenso. A expulsão dos vagabundos foi reclamada. E uma tarde, quasi ao cahir da noite, partiu para o sitio onde a tribu acampára uma força militar, que a obrigou a levantar vôo. Lá pela cidade do Liz ainda hoje se fala n'isso.

No Alemtejo, as proezas dos ciganos andam de bocca em bocca. Todos falam d'ellas. Não ha quem as não cite, umas vezes com admiração e outras com repulsa, quer para exaltar o espirito de traficancia que reside em todo o zingaro, quer para mostrar até que ponto vão as habilidades tortuosas d'aquelles a quem se convencionou de ha muito, entre certa gente, dar o nome de hungaros. O cigano é, principalmente, um feirante eximio. E', acima de tudo, um negociante de gado como não ha outro. Trocar um burro velho por outro novo e receber ainda por cima dinheiro, é para elle a coisa mais simples d'este mundo. O seu palavreado fascina o camponio bisonho; e até o proprietario rico, que não tem por habito ser ingenuo, se deixa embalar sem difficuldade pelo canto d'essa sereia traiçoeira, que lhe cobiça a bolsa e que tem uma grande ambição—esvasiar-lh'a. O Alemtejo é a terra classica das grandes feiras de gado. O lavrador concorre a ellas com o alvoroço com que se vae aos grandes espectaculos originaes e sensacionaes. E' que as feiras, além de serem certamens excellentes, onde cada um apresenta os melhores exemplares dos seus rebanhos e das suas manadas, são tambem a feeria que deslumbra, a apotheose á luz, á côr e á riqueza que tudo então sem fadiga. E são ainda o grande campo de acção dos ciganos, que n'ellas exercem as suas artes de traficantes com uma habilidade rara. D'uma vez, em Extremoz, um grande lavrador vendeu a um cigano uma parelha de mulas já um pouco desvalorisadas pela idade. No dia seguinte, voltou á feira para comprar outra parelha. E comprou-a.

Mas uma vez na cavalariça em que as recolheu, o creado sentiu-se mordido pela desconfiança. Ou se enganava muito, ou a parelha que o patrão adquirira era a mesma que tinha vendido na vespera. Foi para o dono das muares e deu-lhe parte das suas desconfianças. Elle que fosse ver. E foi e reconheceu, não sem algum custo, que as mulas eram as mesmas que os ciganos lhe haviam comprado na vespera. Estavam, simplesmente, tosquiadas a capricho, o que as fazia remoçar e lhes dava a apparencia de muito mais novas. E não foi sem grande custo que conseguiu desfazer a trapalhada. O cigano, porém, tambem se transforma, por vezes, em salteador. Rouba, defrauda, explora, pratica violencias. Em certo anno já longinquo, tres ciganos, nas visinhanças d'esta villa de Redondo assaltaram o monte d'um lavrador e pretenderam, depois da dona da casa lhes dar tudo o que elles exigiram, exercer contra ella toda a casta de violencias. Não o conseguiram, mercê da intervenção opportuna d'um visinho, que os obrigou a fugir. Não tardou, porém, que o proprietario regressasse, acompanhado por um creado. E saber o que se tinha passado e tornar a montar e partir em busca dos bandidos foi coisa que se fez n'um abrir e fechar d'olhos. Os ciganos tinham seguido em direcção a Villa Viçosa e extenuados pela jornada, haviam-se deitado, perto da ribeira de Lucefece, junto d'uns penedos ali passarem a noite.

O marido offendido, ancioso por vingança, appareceu. Dá com os salteadores e manda-os ajoelhar. Mette á cara caçadeira de dois canos e dispara. Ao mesmo tempo, o creado fazia outro tanto. E é por isso que ainda hoje, no costado dos tres penedos que furam o chão como se fossem laminas colossaes, todos os annos alguem, que não se sabe quem seja, vae renovar tres cruzes brancas que o viajante vê quando passa e que ficam, por momentos, a avivar-lhe na memoria recordações funebres de tragedias.

Além do cigano chatim, da cigana que lê signas, que deita cartas e que recorre a todos os meios para ludibriar quem lhe der quartel, ha outro que a provincia inteira estima. E' o cigano opulento, negociante de gado, com ricos alamares de prata a collarem-lhe na jaleca de estimação, com grossos grilhões de oiro a cortarem-lhe o pelo alto do colete, com esporas de prata a desenharem-lhe os rebordos dos saltos de meia prateleira. Esses são os ciganos ricos, que negoceiam em gados em grande escala, que giram com capitaes abundantes e que gosam da confiança e da amisade dos mais ricos proprietarios. Não trafficam, não recorrem a maus processos commerciaes, zelam quasi com ferocidade o seu credito e impedem que os seus irmãos de raça tambem expoliem, ou pratiquem actos vergonhosos. Só gosam de plena liberdade nas feiras. Ali, o cigano pobre póde fazer tudo menos roubar. Póde impingir gato por lebre, apanhar um burro bom em troca d'outro que não preste para nada e receber ainda torna. Póde levar ao ultimo extremo a arte de illudir. Póde, á força de piruetas, fazer passar um misero bucephalo lazarento por outro vinte vezes mais sadio, porque nada d'isso lhe fica mal. Se rouba é como se lavrasse a sua sentença de morte. O cigano rico não lhe perdoa, abandona-o, põe-n'o de lado, repudia-o como se repudia um ente desprezivel.

Os ciganos vivem pelo Alemtejo como em terra sua. A provincia é rica e dá para todos. Os montados são compactos e á sombra das azinheiras e dos sobreiros seculares passam-se bem as esbrazeadas noites de suão. Os gados são muitos e ha-os de toda a raça. O aprovisionamento para as feiras faz-se com facilidade. Não admira por isso que as tribus hungaras, que os ciganos da Andaluzia e os gitanos bronzeados de Triana com os seus lenços de ramagens cahidos pelos hombros, tenham uma intensa predilecção peloAlemtejo, tanto esta provincia se presta ao exercicio das suas malas-artes de troca-burros habilidosos, de mulheres de virtude, de leitores de sinas e de exploradores insensaveis de incautos. Assistir ao drama da venda d'um burro por um cigano—é ver representar um episodio cheio de pittoresco, de côr e de vida. Ainda ha dias presenceei em Extremoz esse espectaculo pittoresco. D'um lado, o cigano, dono do burro, do outro, o comprador, pobre creatura boçal, que acreditava em quantas lampanas o cigano lhe impingia, como os crentes acreditam no evangelho. Ao primeiro cigano outros se reuniram. Fala tudo ao mesmo tempo — o homem que quer vender e o que quer comprar. E o camponio que o destino impelira para a astucia invencivel dos ciganos, não póde resistir, compra o burro, paga-o e abala com elle emquanto a ciganada deslavada se fica rindo, exaltando mais aquella retumbante victoria.

Nas feiras, as ciganas são, principalmente, quem, com os seus trajes berrantes, dão a nota viva da alegria e da côr. As suas saias de chita vermelha, quando lhes dá o vento, enfunam-se no ar quente como balões policromos prestes a furar o espaço, quasi a prumo. Nos olhos bailam-lhes todas as sensualidades criminosas das raças primitivas; e das cintas esbeltas, gingando ao movimento rythmico dos passos largos, veem-se sahir cabos recurvos de cochilas.

Quando ellas passam, é a vida nomada, com toda a sua exhuberancia e com a sua selvageria rubra, que passa. Uma cigana rica, de vestes novas e amplas, em que a seda e os oiros, abrem sulcos de opulencia, é como que uma papoila enorme, estendendo ao sol, pelas searas a aloirar, as petalas macias e vermelhas. D'essas, porem, ha poucas. E as outras, se algum dia leitor, o acaso de levar para junto d'ellas, n'estas feiras alemtejanas, talvez faças bem em fugir, por causa das cochiladas e do mau cheiro...

ADELINO MENDES.

Festas associativas

Club Simões Carneiro—Promovida por um grupo de amigos do actor Eduardo Neves, realisa-se ámanhã no elegante theatro d'este Club uma recita com o drama «Amor de perdição», de Henrique de Macedo. Na recita toma parte o actor A. Mesquita.

Lisboa-Club—Promovida pela direcção ha ámanhã recita com as comedias «Uma teima» e «O nariz do Monterosos» e um acto de «Folies bergéres», seguindo-se baile.

União dos empregados barbeiros de Lisboa—Para inauguração da bandeira, ha ámanhã festa, começando por sessão solemne ás 20 e meia horas, seguindo um acto de variedades e terminando por baile.

Descarregador afogado

Na noite de ante-hontem para hontem, quando andava a proceder á descarga de vinho dos vapores atracados á ponte n.º 2 da estação de Santa Apolonia, desappareceu o descarregador Albino Soares, de 24 annos, morador na estrada de Chellas, 7, 1.º, não tornando a ser visto nem em casa nem no trabalho, pelo que se suppõe que tenha cahido ao rio, morrendo afogado.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

EDEN—A's 20,30 e 22,30—Maré de rosas.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Uma carta

Do sr. Ricardo Covões recebemos a seguinte carta:

Sr. *redactor*:—Peço-lhe a publicação da seguinte carta: Um jornal que se publica á tarde, diz que deixou de ser feito nas officinas do *Povo* devido a uma *cabala* por mim feita. Tudo quanto diz o mesmo jornal *é absolutamente falso*. Esse jornal deixou de ser executado nas officinas d'*O Povo* unica e simplesmente por falta de pagamento, conforme o estipulado, e a prova é esta carta que foi dirigida ao seu director, em 11 do corrente:

«Para os devidos effeitos lhe participo que devido á falta de pagamento não permitto, desde hoje, que o jornal *A Tarde* seja feito nas installações do jornal *O Povo*. Se o meu amigo quizer fazer ainda o pagamento poderá fazelo ao portador, que vae munido com o competente recibo e com a minha auctorisação, caso o pagamento se effectue, para permittir que nas installações de *O Povo* continue a ser feito o jornal *A Tarde*.»

Não pagou n'esse dia. Mas, por tolerancia, deixei fazer o jornal, enviando, todavia, nova carta em que dizia que: *não pagando no dia seguinte a casa da redacção do Povo seria fechada*. Chegado que foi esse dia, não liquidou, como tinha promettido, compromettendo-se, porém, a fazel-o, em parte no domingo. Não pagou. Na segunda e terça feiras, como não pagasse, dei ordem para que na quarta feira o jornal se não fizesse sem que o seu director pagasse o que havia promettido, e que me era devido.

Assim é que fica restabelecida a verdade.

Qualquer pessoa póde fazer nas officinas do *Povo* o jornal que entender. Para isso simplesmente se torna necessario fazer o pagamento devido. Sobre as injurias que o mesmo jornal me dirige tratarei de as liquidar pessoalmente e nos tribunaes. Muito obrigado lhe fica pela publicação d'estas linhas o de v. etc.

(a) *Ricardo Covões*

PROGRESSOS LISBONENSES

Uma nova firma commercial

Ha estabelecimentos antiquissimos em Lisboa que, atravez de muitos annos de negocio, mantiveram a fama de honestissimos nas suas transacções e com isso conseguiram extrema e sympatica popularidade. Uma d'essas casas era a do commerciante Joaquim Rodrigues Moreira, que dirigiu um importante estabelecimento de ferragens, na rua do Amparo 17 a 21. E' este o mesmo estabelecimento que acaba de passar por uma transformação commercial, a de ser agora dirigido pela firma Joaquim Rodrigues Moreira Limitada, que manterá a tradição de honradez de seriedade, de deferencia gentil para com os clientes e de rapidez de transacções. O credito está-lhe mantido por uma reputação de muitos annos. A popularidade continua a favorecel-a. De resto, assim estava previsto desde que se tornasse publico, como agora o fazemos, que o sr. Moreira associou na referida casa o seu filho e nosso amigo João Duarte Antunes Moreira e o seu antigo empregado sr. Narciso Costa.

A forma correcta como no importante estabelecimento são tratados todos os negocios; o bello fornecimento de todos os artigos de ferragens e ainda as condições de trabalho dos novos socios, em especial do nosso amigo João Moreira, são segura garantia de um grande desenvolvimento futuro da nova sociedade, á qual desejamos carreira prospera e felicissima.

Salão Foz

Festa artistica de Carmen Vicente

Veste galas hoje o Salão Foz porque se effectua ali a festa da bailarina Carmen Vicente e seu irmão Julian. O publico, que tanto os tem apreciado e victoriado não deixará por certo de ali acorrer hoje para mais uma vez os applaudir pois que o seu trabalho bem o merece.

Por espirito de boa camaradagem todos os restantes artistas que trabalham no Salão Foz exhibirão hoje nos dois espectaculos os seus melhores numeros e assim teremos o soprano Stella Margarita a cantar as suas mais lindas canções; La Bella Lopes e o seu excentrico a executar os seus melhores trabalhos de trapezio e barra fixa; Nina Walky apresentará as suas melhores danças e entre ellas o «can-can» que hontem tanto successo obteve e Petrolino, o celebre guitarrista tocará as mais lindas variações de fados do seu vasto repertorio.

E' como se vê, um espectaculo completo e a que ninguem de bom gosto deve faltar.

Segunda feira a estreia de Rosine com o seu Carlitos, numero celebre e de valor que já tantos successos obteve quando da sua premeira apresentação no Salão Foz.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

São atterradoras as perdas austriacas

PARIS, 19.—As perdas austriacas na frente italiana são aterradores. Parte das guarnições de Vienna, Budapest, Servia, Montenegro e Albania foram enviadas para a frente italiana, afim de preencher as vagas.—(*Americana*).

A Liga brazileira a favor dos alliados

RIO DE JANEIRO, 19.—A Liga Brazileira a favor dos alliados prepara uma affectuosa recepção ao seu vice-presidente, o dr. Sá Vianna, que regressa, ámanhã, de Buenos-Ayres.—(*Americana*).

A autonomia da Polonia

PARIS, 19.—O governador de Varsovia, von Besseler, annuncia que os governos allemão e austriaco reconheceram a autonomia da Polonia. A noticia não causou enthusiasmo algum na população.—(*Americana*).

Explicações da Allemanha ao Brazil

RIO DE JANEIRO, 19.—A proposito do incidente com o navio hollandez «Bondoeng», o ministro da Allemanha enviou uma nota ao dr. Sousa Dantas, ministro interino das relações exteriores, explicando que os navios mercantes devem obedecer ao signal para parar, e nunca devem marchar em direcção ao navio de guerra.

O publico commenta com azedume esta nota da Allemanha.—(Americana).

Seguros de Guerra

A *Companhia Ultramarina* faz seguros terrestres de guerra e maritimos. *Rua da Prata, 1 e 8.*

Para os filhos dos mobilisados

Termina ámanhã com o leilão de prendas existentes, havendo entre ellas algumas de subido valor, a «kermesse» que a Associação Popular de Beneficencia de S. Christovam e S. Lourenço promoveu a favor dos filhos dos mobilisados pertencentes a estas freguezias, no atrio da Escola Central n.º 10, Costa do Castello, 31. Haverá varias surprezas, e uma banda de musica executará as melhores peças do seu repertorio das 18 ás 21 horas.

Operarios italianos que regressam á patria

Na 1.ª repartição do governo civil foram hoje postos 21 vistos em passaportes de operarios italianos que trabalhavam nas fabricas de conservas de Villa Real de Santo Antonio e que vão seguir para Italia.

Voluntario que se offerece

O empregado da nossa administração sr. José Francisco Longueiro, tendo ido á inspecção e ficado esperado para o anno, mas desejando, como bom patriota que se preza de ser, partir com a primeira expedição que siga para os campos de batalha, offerece-se ao ministerio da guerra como voluntario. Pede-nos para fazermos essa declaração, por estar ausente de Lisboa, onde, logo que regresse, tratará de dar os passos necessarios para effectivar o seu desejo.

O telegramma do general Smuts

Pela «Republica» de hoje verificamos que não tem fundamento o telegramma que um jornal da manhã attribuia ao general Smuts. Folgamos que assim seja.

Expedição ao Sul d'Angola

Junta de confraternisação

Realisa-se ámanhã, pelas 19 e meia horas, no hotel de Inglaterra um jantar de confraternisação entre os officiaes que tomaram parte na expedição ao sul d'Angola em 1914-1915.

Os officiaes que desejarem tomar parte na festa devem comparecer ali a essa hora, fazendo uso do uniforme de passeio.

"A Tarde,,

Apoz dois dias de suspensão, reappareceu este nosso presado collega, que se apresenta, como anteriormente, redigido d'um modo brilhante.

VAPORES ALLEMÃES

O desapparecimento de mercadorias

de bordo do actual navio «Amarante»

Sobre a queixa do furto de barras de estanho, no valor de 140.000$00 de bordo do vapor «Amarante» (antigo «Wurtemberg»), feita á policia de investigação em 18 de julho ultimo, caso a que a imprensa se referiu, apurou-se não ter havido crime, pois que as barras foram despachadas em 6 de março de 1915 pela delegação da Alfandega do Caes dos Soldados, precedente auctorisação superior, a favor de O. Jaeger, cidadão suisso, de Zurich, seguindo para ali.

Tanto nos conhecimentos como na ordem de entrega se acha a assignatura da firma Marcus & Harting, agente da companhia de vapores Hamburg America, reconhecida pelo consul suisso n'esta cidade com a sua responsabilidade ligada ao despacho, visto ter conhecimento do individuo a favor de quem se fez o despacho.

No processo do despacho existente na Alfandega de Lisboa consta a ordem de entrega passada pelos representantes da companhia Hamburg America, ordem essa que substitue o jogo completo de conhecimentos.

Os conhecimentos, porém, foram parar á companhia ingleza Kleinwart Sons & C.ª, de Londres, e por esta firma remettidos ao Banco Inglez d'esta cidade, que por sua vez os entregou á The Lisbone Import And Export Agency, sendo o representante d'esta firma, o sr. Motta Marques, que apresentou a queixa na policia, queixa que se reconhece carecer de fundamento.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

DIPLOMATAS

Partiu hoje para a praia da Granja madame Botkine, esposa do illustre ministro da Russia em Lisboa.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.ªs: condessa da Louzã (D. Amelia), D. Augusta Xavier de Almeida, D. Branca de Athouguia Ferreira Pinto Basto, D. Helena Velloso de Pina Cabral, D. Henriqueta Freitas da Costa Lima, D. Julia Amelia Xavier de Almeida, D. Maria José Falcão Cota e Menezes Ariscado de Lacerda (Azevedo) e D. Laura Muller.

E os srs.: dr. Antonio de Castro Pereira e Solla, dr. Raul Pinheiro Chagas, Ignacio Pereira de Lacerda, Rodrigo Antonio de Almeida Guimarães e Sebastião José de Carvalho.

CASAMENTOS

Consorciou-se na Serra d'El-rei o sr. João Marques Castanheira com a sr.ª D. Francisca Gama Leal, gentil filha do sr. Faustino Gama Leal e da sr.ª D. Maria Gama M. Leal.

Testemunharam o acto, por parte do noivo, os srs. Abel Augusto Garção e Rolario Celso Damasio, e os srs. João Marques e Casimiro Marques por parte da noiva.

Na «corbeille» viam-se numerosas prendas de valor e gosto artistico.

Os noivos fixaram residencia no Porto.

—Pelo sr. João Ramos Lourenço e sua esposa a sr.ª D. Maria de Freitas Ramos foi pedida em casamento para seu filho sr. Ramiro Lino Ramos a sr.ª D. Hortense Nunes de Carvalho, neta do sr. José Joaquim Nunes de Carvalho. O casamento realisa-se brevemente.

—Realisou-se o casamento da sr.ª D. Olga Christina Campello de Andrade, interessante filha da sr.ª D. Christina Campello de Andrade e do sr. Nuno Campello de Andrade, já fallecidos, com o sr. Guilherme de Almeida. Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Sophia de Padua Nunes e o sr. dr. Carlos Augusto Campello, irmão da noiva, e por parte do noivo, a sr.ª D. Francisca Gavoia Mendes e seu marido o sr. Casimiro Mendes, primos do noivo.

Findo o acto religioso foi servido em casa da mãe da noiva um fino «lunch».

—Na parochial egreja da Estrella realisou-se hoje o casamento da sr.ª D. Maria Deolinda Domingues de Almeida Abranches, gentil filha da sr.ª D. Delphina Domingues de Almeida Abranches, com o sr. Raul Carlos dos Santos, alferes de infantaria 15, filho da sr.ª D. Maria da Gloria Gonçalves Santos, já fallecida, e do sr. Carlos Henriques dos Santos. Serviram de madrinhas as sr.as D. Elvira Andrade de Brito da Silva Passos e D. Sophia Pepullés e de padrinhos os srs. dr. João Carregal da Silva Passos e Eurico Eduardo Rodrigues Nogueira.

EXAMES

Ficaram approvados no exame do 2.º grau a menina Carolina Capella Torres e o menino João Capella Torres, filhos do sr. H. H. Torres, proprietario da empreza editora Bibliotheca do Povo.

PARTIDAS E CHEGADAS

Estiveram na Figueira da Foz e seguiram para o Luzo o sr. José Bernardes Rosa e sua esposa a sr.ª D. Fernanda Emygdio da Silva Bastos Rosa.

—Chegaram ao Bussaco, vindos de Entre-os-Rios, o sr. dr. Alfredo Iglesias Mendes da Silva, sua esposa e filho.

—Do Paço d'Arcos parte no principio do mez para a Quinta do Vejo, perto da Figueira da Foz, com sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição Borja Trindade de Serra e Moura e seu filho, o sr. Thomaz de Serra e Moura.

—Partem brevemente para Cascaes as sr.as D. Carlota e D. Violante Carvalhal de França.

—Parte na proxima semana para Cascaes o sr. Fernando Barbosa.

—Parte amanhã para o Funchal o sr. Julio São Martinho Gonçalves.

—Com suas filhas D. Leonor e D. Maria Adelaide, parte por estes dias para o Gerez a sr.ª D. Palmyra de Azevedo da Camara Leme.

—Parte hoje para Madrid, Paris e Londres, com sua esposa, o sr. José de Ornellas de Mattos.

—Partiu para Vidago o sr. dr. Martinho Nobre de Mello, director da Faculdade de Direito.

—Partiram para a Curia a sr.ª D. Paulina de Sousa Clemente Pinto e sua irmã.

—Partiu para o Estoril, com sua filha, a sr.ª D. Ernestina Vaz de Oliveira Soares.

LUTUOSA

O funeral do sr. Jorge Fernandes Gonçalves, ante-hontem realisado para o cemiterio oriental, foi muito concorrido por amigos e collegas do pae do extincto.

Finanças brazileiras

Reducção geral das despezas

RIO DE JANEIRO, 19.—Terminou tarde a reunião do ministerio, ficando resolvido, por unanimidade, uma reducção geral das despezas. A commissão de finanças da Camara reduziu de 6.000 contos a proposta do governo, ficando combinado que cada ministro estude um plano de economias, de accordo com a commissão de finanças, de maneira a fazer-se uma nova reducção de 6.000 contos de réis, por occasião da terceira discussão. O ministerio da viação fará uma grande reducção em todas as obras publicas, suspendendo por completo os serviços que não forem considerados absolutamente indispensaveis, para assim diminuir as despezas, equilibrando definitivamente o orçamento.—(Americana).

Alterações á revisão constitucional

O governo apresentará ao Congresso uma proposta com as alterações á Constituição que julga necessarias. Consta que, em virtude d'uma d'essas alterações, será introduzida no Codigo de Justiça Militar uma nova disposição para vigorar apenas em tempo de guerra. Diz-se que será tambem restabelecida a concessão de medalhas militares.

União republicana

Effectua-se hoje a sessão inaugural

Realisa-se hoje, pelas 21 horas e meia, no theatro de S. Carlos, a sessão inaugural do 2.º Congresso da União Republicana, para o qual se inscreveram cerca de 1.200 congressistas. Durante o dia, na séde d'aquelle agrupamento partidario, ao Calhariz, houve grande concorrencia, notando-se principalmente os delegados da provincia que iam fazer a sua apresentação.

Os trabalhos da sessão nocturna são constituidos pela apresentação dos relatorios: o do Directorio será feito pelo sr. dr. Brito Camacho; o da commissão administrativa, de que se incumbiu o sr. José Barbosa e o parlamentar que está redigido pelo sr. Aresta Branco.

N'essa sessão devem tambem ser apresentadas varias moções, em nome do partido.

Vida militar

Ratificação do juramento de recrutas em Mafra

Effectua-se amanhã, em Mafra, uma interessante festa militar—a ractificação do juramento dos recrutas do batalhão d'instrucção da 1.ª divisão do exercito, havendo provas sportivas militares, assaltos d'esgrima, corridas, provas militares, etc., terminando a festa com o jantar aos 1.400 recrutas, que se realisará na linda alameda do aquartelamento.

UM CASO A RESOLVER

A COMPRA DO WOLFRAM

Uma fixação de preço que só favorece intermediarios

Publicámos hontem as declarações que nos foram feitas da parte do sr. Ahlers sobre a compra do wolfram no nosso paiz, acompanhando-as dos commentarios que se nos afiguraram justos sob o ponto de vista do interesse nacional. Não se comprehende que Portugal tenha de fazer beneficios sem obter compensações proporcionaes. Não faz sentido que os industriaes e commerciantes inglezes e francezes possam fixar o preço dos productos que nós possuimos e de que elles carecem e nós não tenhamos o direito de regular o preço do carvão e das materias primas que importamos. E' esta a base essencial da questão, muito grave sobretudo pelas desastrosas consequencias que o precedente póde acarretar á nossa economia.

Hoje recebemos novas informações que reforçam os commentarios que fizemos no numero de hontem. Declarou o sr. Ahlers que é o representante d'uma commissão de alliados, não havendo por isso motivo para se affirmar que elle tenha n'este assumpto «outros interesses que não sejam o de bem servir o seu paiz». Mesmo que assim fosse, subsistiam inteiramente os nossos commentarios. Mas não é assim.

O sr. Alvaro Augusto Dias, proprietario d'uma mina de Arouca, requereu ha tempo ao governo auctorisação para exportar, em varias quantidades de cada vez, 100 toneladas de wolfram. O seu requerimento foi indeferido, com a nota de que devia entender-se com o sr. Ahlers. O sr. Dias assim fez, perguntando a esse subdito britannico o preço por que lhe convinha realisar a compra. O sr. Ahlers respondeu que a 85 shillings por unidade, reservando-se o direito de cobrar 5 por cento de corretagem sobre a importancia da compra.

Já isso demonstraria que o sr. Ahlers não se encontra em Lisboa apenas para servir os interesses do seu paiz. Mas ha mais. O sr. Alvaro Augusto Dias não se conformou com aquelle preço e escreveu para a casa franceza Schneider-Canet, que fabrica em alta escala material de artilharia, perguntando se ella mantinha o preço de 95 shillings estipulado em contractos anteriores. A casa respondeu immediatamente que sim. O sr. Alvaro Augusto Dias que vendesse o seu wolfram ao sr. Ahlers por 85 shillings que ella o indemnisaria da differença de 10 shillings por unidade.

Esses factos não offerecem contestação porque a pessoa que nos forneceu hoje essas informações declarou-nos que o sr. Alvaro Augusto Dias não tem duvida em pôr á nossa disposição toda a correspondencia sobre o assumpto.

Vê-se que a tal commissão de alliados a que o sr. Ahlers alludiu, inculcando-se seu representante, não é mais que um syndicato financeiro que procura tirar grossos beneficios dos fornecimentos adquiridos no nosso paiz. A diminuição de preço do wolfram nem sequer favorece os governos das nações alliadas, visto que as fabricas o pagam muito mais caro que o representante da tal commissão. Evidentemente, se a casa Schneider-Canet o recebesse do sr. Ahlers a 85 shillings não se sujeitaria a pagal-o a 95 ao sr. Alvaro Augusto Dias.

Já dissemos que a grande procura do wolfram é justificada pelas colossaes quantidades do aço que se fabricam hoje nas nações em guerra. O wolfram entra n'uma percentagem de 10 a 15 por cento na composição do aço, augmentando consideravelmente a sua resistencia.

A fixação de preço que o sr. Ahlers faz de nada valeria se o governo não puzesse entraves á exportação d'aquelle minerio, porque os seus possuidores teem recebido pedidos de venda para a Italia e até para a Russia. Mas, como só o sr. Ahlers o pode comprar, não ha meio de se lhe fixar o valor que resultasse da offerta e da procura, muito embora, como é natural, a concorrencia apenas fosse estabelecida entre as nações alliadas.

Os Estados Unidos pagavam-no a 95 shillings, mas a tal commissão de alliados pretende garantir-lhe a sua venda desde que aquelle paiz acceite a combinação dos 85. Os industriaes americanos só teem a lucrar com isso desde que lhes sejam garantidas as quantidades de que carecem para as suas fabricas. O accordo está em marcha, e com a sua realisação ficarão prejudicados os paizes productores do wolfram sem que, certamente, nada lucrem as nações alliadas, porque o syndicato ainda melhor se aproveitará da situação vendendo-o ás fabricas pelo preço que entender.

Todos estes factores devem merecer uma cuidadosa attenção da parte do governo, porque auxiliar os alliados não é prescindir de lucros que se destinam a quaesquer intermediarios, seja qual fôr a sua nacionalidade.

A questão das subsistencias

A falta de assucar e de carvão

Apesar das esperanças feitas nascer pela nota officiosa hontem fornecida á imprensa pelo sr. governador civil de que em breve haveria assucar e carvão em quantidade sufficiente para o abastecimento da cidade, essa falta continua a fazer-se sentir, estando os animos bastante exaltados.

Hoje, por causa do assucar, voltou a haver grande movimento nos corredores do governo civil, onde constou que eram distribuidas senhas. Como o boato fôsse falso, tornou-se necessario chamar o piquete da policia, que fez evacuar o edificio, ficando os corredores e escadarias guardados.

A gente que ali accorreu veiu para a rua, onde se formaram grupos, não tardando a correr o boato de que na esquadra da rua do Commercio estava sendo vendido assucar. A multidão correu para ali, vendo-se que isso era tambem falso.

A casa commercial Jayme de Freitas, da rua da Magdalena, esteve hoje vendendo assucar em pacotes de 5 kilos e mais tarde, como a agglomeração fosse grande, passou a vender em pequenas porções, conforme as senhas passadas pelo sr. José Benedy, da commissão de subsistencias.

Como á tarde já não houvesse esse genero e a multidão fôsse cada vez maior, sendo a gritaria medonha, foi requisitado o auxilio da policia e de uma força de cavallaria da guarda republicana, que dispersou a muito custo a multidão.

Sobre a falta de carvão tambem os animos não estão menos exaltados. Assim, os populares no bairro de Campo de Ourique, arrancaram as taboas dos tapumes das obras, a fim de as queimarem visto não terem carvão. A policia não interveiu.

Uma commissão de negociantes e retalhistas de carvão esteve conferenciando com o sr. governador civil a quem pediu que o carvão que se encontra nas fragatas na doca do Jardim do Tabaco e nos vagons do caes da Madre de Deus seja descarregado e vendido e que d'ali fossem mandados retirar alguns carvoeiros que impedem a descarga.

O chefe do districto attendeu o pedido e solicitou que o commando da guarda republicana mandasse para ali forças a fim de acompanhar as carroças e evitar desordens.

O governador civil de Braga teve hoje larga conferencia com o sr. ministro do trabalho sobre a questão das subsistencias n'aquelle districto. Tambem o administrador do concelho de Oliveira de Azemeis telegraphou ao mesmo ministro, pedindo que áquelle concelho seja fornecido milho *sufficiente* para o seu consumo.

O commerciante sr. Antonio Ferreira da Silva, membro da commissão districtal de subsistencias, enviou hoje uma longa carta ao sr. governador civil, na qual aponta alguns factos que em seu entender julga illegaes e declara que deixa de fazer parte d'essa commissão.

NOTAS DIVERSAS

Com o sr. ministro da justiça conferenciaram os srs. Figueiredo Sobrinho, Basilio Veiga, Augusto Gonçalves e Silva, Eduardo Taborda, Pires de Lima, reitor do lyceu do Porto, e João de Valensia.

—Consta que no fim do corrente mez serão mandados recolher aos corpos os officiaes do activo que actualmente fazem serviço nas repartições do ministerio da guerra, indo para esses logares officiaes reformados ou da reserva.

—Varios officiaes reformados dos quadros do ultramar, que desejam voltar ao serviço activo, vão pedir ao respectivo ministro para serem submettidos a uma junta de revisão, a fim de poderem novamente prestar serviço nas fileiras.

Sport

Torneio de «tennis»

A'manhã, no Lumiar, realisa-se um torneio de «tennis» entre os Recreios Desportivos da Amadora e o Sporting Club de Portugal. O torneio começa ás 8 horas.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35 1/8	35
Londres, 90 d/v	35 5/8	—
Paris, cheque	$72,7	$73,2
Hollanda, cheque	$58,5	$59,5
Madrid, cheque	1$44,5	1$45,5
Suissa, cheque	$81	$82
New York	1$43,5	1$44,5
Rio s/Londres	12 5/8	
Libras	7$10	7$20
Agio do ouro	50 %	55 %

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

A gymnastica sueca e a guerra

Os francezes, mesmo os maiores enthusiastas, modificaram-a em face da gravidade do momento

Não resta duvida que a gymnastica é uma excellente preparação para robustecer o corpo.

Não resta duvida que a gymnastica representa o mais poderoso elemento para a creança se tornar n'um homem forte.

E tambem não resta duvida que a gymnastica muito contribue para o homem forte.

E tambem não resta duvida que a gymnastica muito contribue para o homem forte se adaptar, rapidamente, ás rudezas da vida militar.

Mas que gymnastica?

Ora a esta pergunta respondemos com uma convicção: Aquella que melhor se conformar ás condições anatomo-physiologicas do individuo em relatividade do meio e condições em que vive. E os argumentos apparecem comprovados nos tragicos incidentes da guerra actual.

Como todos sabem, a França foi surprehendida pela barbara invasão do seu territorio. De toda a parte, para sustar o avanço do invasor, appareceram os bravos soldados que estão maravilhando o mundo com a sua tenaz resistencia, os seus arrancos heroicos e a sua fé inquebrantavel na victoria.

N'essa onda de sublimes defensores da causa do Direito e da Civilisação, foram os homens de «sport», foram os athletas e foram os regimentos que ha muito preparavam a sua gente com trabalhos gymnasticos.

N'essa maravilhosa avalanche havia um punhado de bravos, que a Portugal e a portuguezes dedicavam amizade e com elle trocavam, em assidua correspondencia, esclarecimentos e cooperação em trabalhos de propaganda e de vulgarisação da gymnastica e «sports». E' d'elles ainda que, passados os primeiros mezes da guerra, que foram d'um inquietante silencio, começamos recebendo identicos esclarecimentos, relatorios, livros e estatisticas, dos quaes e das quaes nos aproveitaremos para deducções que importem interesse para a nossa terra.

E assim ficamos sabendo...

Que os regimentos que foram instruidos segundo o methodo sueco, aquelle methodo rigorosamente sueco do coronel Coste, tiveram serias difficuldades nos primeiros tempos, que foram dos mais asperos da campanha, pois que lhe faltava a necessaria energia e elasticidade muscular para se aclimatarem ás exigencias do serviço. Assim, os exercicios chamados de «reptação» sobre o terreno e os da marcha a «quatro-patas»—(permittam o termo, que é explicativo)—eram difficilmente executados. Os movimentos que exigiam escaladas rapidas, faziam-se com menor celeridade do que era para desejar. Tão evidentes foram estes prejuizos, que os antigos instructores de Joinville, os que foram tão fanatisados pela sueca como o seu antigo commandanet, volveram os olhos para outros exercicios e começaram a executal-os porque a necessidade do momento a tal os constrangera. Um d'elles affirmou a um seu camarada que havia feito a sua aprendizagem gymnastica em Lorient e não em Joinville: «Vocês teem razão. A nossa gymnastica dava-nos mais elegancia e mais correcção de movimentos, mas a de vocês virilisa mais esses movimentos e dá-lhes melhor feição pratica».

E foi por isso que nos «depositos» francezes, onde se preparam os soldados que hão de ir para a linha de fogo, se iniciaram os exercicios gymnasticos, segundo processos que melhor se adaptassem ao espirito, temperamento e condições physicas dos francezes. Quer dizer, que foram as condições imperiosas do momento actual, que levaram a uma conclusão que, de resto, é intuitiva.

Qualquer gymnastica póde ser boa; mas póde ser má se não se accomodar ao meio, aos individuos e á raça.

J. P.

Notas do dia

Na Amadora vae organisar-se um torneio de tennis

Os Recreios Desportivos da Amadora continuam por todas as formas, fazendo a maior das propagandas pelos desportos.

Para o mez de setembro está marcado o campeonato de tennis para a disputa da «Taça Amadora», e cujo regulamento é o seguinte:

2.° Campeonato de Tennis de mens' singles para disputa da «Taça Amadora». (Esta Taça será propriedade definitiva de quem a ganhar 3 annos consecutivos).

A inscripção para o dito encontra-se desde já aberta n'esta séde, fecha no dia 24 do corrente, á meia noite e é de $50 pagos no acto da inscripção.

Será dividido em 3 cathegorias formadas depois de fechada a inscripção, e, se algum jogador não concordar com a sua collocação n'uma certa cathegoria, pode, querendo, passar para a immediata superior.

A 1.ª será formada por jogadores que tenham entrado em torneios de grande importancia.

A 2.ª tomando-se por base, principalmente, a classificação alcançada no ultimo torneio para escolha de jogadores que representaram os R. D. A. no seu recente encontro com o Sporting.

A 3.ª idem.

Cada uma d'estas cathegorias fará uma «poule» entre si.

Estas «poules» effectuar-se-hão:

A da 3.ª em 27 do corrente, das 10 ás 15 horas.

A da 2.ª em 9 de setembro, das 8 ás 10 horas.

A da 1.ª em 10 de setembro, das 10 ás 15 horas.

Caso não haja tempo para jogar todos os jogos d'uma poule, marcar-se-ha dia para o terminar.

Este campeonato será disputado no melhor de 3 partidas com todas as vantagens.

Todo o que faltar no dia ou hora marcada, dará uma victoria a cada um dos seus adversarios.

O mesmo succederá ao que desista, «mesmo que tenha tido alguma victoria, a qual ficará sem effeito».

Premios: Ao campeão ser-lhe-ha dada uma medalha de vermeil onde inscreverá o titulo de Campeão da Taça Amadora de 1916 (Tennis) e será detentor da Taça por um anno.

Ao 1.° da 2.ª cathegoria, uma medalha de prata onde inscreverá: «1.° premio, 2.ª cathegoria, Campeonato Taça Amadora 1916 (Tennis)».

Ao 1.° da 3.ª cathegoria, uma medalha de prata onde inscreverá: «1.° premio, 3.ª cathegoria, Campeonato Taça Amadora 1916 (Tennis)».

Em cada cathegoria haverá por cada grupo de 5 jogadores, ou fracção, uma medalha de prata e cada cathegoria não pode funccionar com menos de dois jogadores.

A este campeonato só podem concorrer socios dos Recreios Desportivos da Amadora.

Os tennistas da Amadora vão hoje ao Sporting pagar a visita aos seus collegas do Lumiar que lhes offerecem um almoço de confraternisação e a que assistem as direcções dos Recreios e Sporting.—*N.*

Campeonato de lucta do Atheneu

Encerrou-se hontem a inscripção para o campeonato individual de lucta do Atheneu Commercial de Lisboa, ficando isentos os srs.:

Carlos Simões, Fabiano Santos, Carlos Lourenço, José Gomes Silva, Abel Ferreira, José Ribeiro Junior, Eduardo da Silva, Antonio Montez, José Cortez, Basilio d'Oliveira, Antonio Silva, Arthur Trindade, José da Silva Carvalho e Antonio Silva. Pelo numero dos concorrentes e do seu valor se verifica o enthusiasmo entre os amadores de lucta do Atheneu.

Basilio d'Oliveira e A. Montez, que já alguns annos estavam retirados da pratica d'este «sport», concorrem este anno e espera-se que oporão grande resistencia aos novos. O campeonato começa ás 14 horas prefixas. A Commissão de Educação Physica, tem trabalhado para que esta prova se effectue com toda a regularidade.

Para as senhoras dos socios e convidados são reservados logares. O jury é formado pelos srs.: Francisco Cordeiro, Vasques Ribeiro e Alvaro d'Oliveira.

Arbitra o campeão de Portugal de todas as cathegorias, A. Noves.

Natação no Club Naval de Lisboa

A'manhã realisa-se o campeonato de natação de 500 metros por equipes de 5 nadadores para disputa da taça «Luiz de Camões», que a benemerita e prestimosa «Sociedade de Geographia de Lisboa» offereceu ao Club Naval.

Esta taça é mais uma justa homenagem á memoria do immortal cantor da nossa epopêa maritima, pois muitos portuguezes ignoram que foi devido aos grandes recursos de nadador do nosso maior poeta que se salvaram os «Luziadas» a mais preciosa obra da nossa litteratura, quando do naufragio das nossas costas de Camboja, da nau em que Camões regressava á sua querida e por elle, tão bem cantada patria.

Foi a esta iniciativa do Club Naval que a Sociedade de Geographia se associou offerecendo a «Taça» que, pela primeira vez, o anno passado foi disputada, sahindo vencedora a «equipe» do Club Naval, organisador da prova.

Este anno é ella, de novo, disputada estando inscriptos quatro dos nossos principaes clubs. São elles o Sport Algés e Dafundo, o Sport Lisboa e Bemfica, o Gymnasio Club Portuguez e o Club Naval de Lisboa.

Por elles correm os melhores nadadores de Lisboa devendo a prova ser rijamente disputada, havendo muito interesse da parte do publico a assistir a tão emocionante lucta de nadadores na conquista d'um trophéu que encha de gloria o pavilhão do seu Club.

A corrida começa ás 18,30 horas, havendo antes o desafio-desforra de «water-polo», entre os 2.os «teams» do Sport Algés e do Club Naval.

O Presidente do jury será como manda o regulamento, um director da Sociedade doadora da taça, estando indicado o sr. Ernesto de Vasconcellos, Secretario Perpetuo d'aquella casa, um dos homens que mais tem defendido a nobre e humanitaria causa da natação.

O Club Naval abrirá os seus portões a todos os socios dos clubs de Lisboa, sendo reservado no caes, logares para todos os senhores.—R.

Algumas anedotas

Pratique o «water-polo»

Um conhecido homem de «sport» é director d'um club foi procurado por um seu consocio para receber um conselho.

—O senhor não me dirá que exercicio hei de praticar no verão, emquanto não chega a epoca de «foot-ball»?

O «sportsman» olhou para o perguntador, mal arranjado, e peior do que isso, muito sujo, «farruscado» na cara e nas mãos.

—Olhe, meu amigo. Pratique o «sport» da moda, que é o «water-polo». Vá para a agua... O que v. precisa é lavar-se...

A Covilhã e a instrucção profissional

Crie-se um lyceu, mas dote-se primeiro a escola industrial de tudo quanto necessita

Circumstancias varias fizeram com que só hoje tenha lido o ultimo artigo do sr. Pinto Teixeira, sobre a Escola Industrial Campos Mello, na Covilhã, artigo que é a resposta ás considerações por mim publicadas em «A Capital». Ora, esse artigo do sr. Pinto Teixeira, sendo de uma extrema delicadeza para comigo, encerra pontos que me obrigam novamente a vir a publico, não com um artigo de critica ou accusação, mas sim com uma serie de explicações que talvez venham a fazer muita luz n'essas trevas em que se encontra a Escola Industrial da Covilhã. Assim, pois, antes de cumprir o que prometti no meu ultimo artigo, isto é, occupar-me detalhadamente do ensino profissional, vou hoje simplesmente responder ao sr. Pinto Teixeira.

Realmente tive conhecimento dos compromissos tomados pelo sr. dr. Affonso Costa de reformar a escola da Covilhã, porém egualmente soube que por parte de alguns funccionarios do ministerio das finanças foram postos entraves ao inicio d'essa reforma, isto é, difficultaram a construcção do novo edificio escolar, cujo projecto tem ha mais de dois annos approvação do Conselho Superior de Obras Publicas e Minas. Estes entraves deram em resultado haverem-se perdido todos os trabalhos feitos no sentido de se conseguir dotar a Covilhã com um bom edificio escolar, sem o qual impossivel se torna haver uma escola capaz de ministrar uma sã instrucção.

A par das difficuldades levantadas pelo ministerio das finanças, difficuldades estas que não teem justificação alguma, pois que se reclama do ministerio da instrucção 3.500 escudos por um terreno que o Estado recebeu sem haver dispendido um só centavo, houve da parte dos deputados pela Covilhã uma indifferença grande e até me parece que conhecimento algum tiveram do assumpto. Tudo isto fez com que nada se houvesse conseguido e a escola continuar a viver mal, pessimamente mesmo.

Aqui está, pois, em que deram os compromissos tomados.

Diz o sr. Pinto Teixeira que está certo que já na proxima sessão parlamentar algum projecto de lei será apresentado sobre a escola da Covilhã. Faço os mais ardentes votos para que isso seja um facto e folgarei bem que o parlamento dê o seu voto ás medidas propostas e da melhor vontade me colloco á disposição não só dos deputados pela Covilhã, como qualquer outro parlamentar, que entenda que os meus modestos estudos lhe podem servir de utilidade.

Sobre o inquerito feito por determinação do sr. Ferreira de Simas, muito e muito se teria de dizer, mas limito-me a lamentar que apenas se syndicassem dois professores, os quaes embora sejam culpados, não o são tanto como aquelle que consentiu e até encobriu as suas faltas. Era ao antigo dirigente da escola que se devia e deve fazer uma syndicancia rigorosa, pois é elle o unico culpado do vergonhoso estado a que chegou um estabelecimento do Estado, que devia ter o condão de transformar a industria e infelizmente apenas tem servido para alguem receber os ordenados e nada produzir. Antigamente a escola era uma verdadeira conezia e hoje está, com a actual direcção, uma anarchia.

A Escola Industrial da Covilhã não necessita só reformada sob o ponto de vista pedagogico, muito e muito mais tem de se fazer; é indispensavel uma limpeza radical ou talvez mesmo só com uma desinfecção pelo vapor a alta pressão seja possivel exterminar por completo os parasitas e microbios antigos e modernos que a infectam e definham de uma maneira tal que a morte sem duvida não se fará esperar.

Urge, pois, desviar para bem longe a terrivel garra da morte, para assim se poder evitar mais uma calamidade para a Covilhã e para a sua industria. Appellemos, pois, todos que temos um pouco de amor patrio, para o sr. ministro da instrucção, a fim de que se salve de uma morte certa a primeira escola industrial que se creou em Portugal, aquella que está localisada em um centro industrial tão importante, que alguem lhe chamou e o vulgo hoje o conhece pela denominação de—«Manchester portugueza».

Um outro ponto do artigo do sr. Pinto Teixeira, que me merece reparos, é o que se refere ao lyceu: Sei bem que um lyceu não serviria só para a cidade, mas a crear-se um lyceu na Covilhã, a sua industria, logo a sua unica fonte de receita, nada teria a lucrar com que muita gente, que não se dedica á industria, fosse á Covilhã cursar o lyceu. O que a Covilhã necessita é justamente que «essa muita gente» que hoje não se dedica á industria, especialmente por não ter onde possa adquirir os elementos indispensaveis para se instruir, desvie a sua attenção para a industria e reconheça que um paiz como o nosso, que dizem ser essencialmente agricola, tem tambem de ser profundamente industrial, pois só assim é possivel valorisar os productos que a terra nos dá.

Como conseguiram a sua prosperidade a maior parte dos paizes do universo e nomeadamente a Inglaterra, a America do Norte, a França e a Allemanha, senão com o desenvolvimento pasmoso das industrias?

Mas como conseguiram a França, a Belgica, a Inglaterra, a Italia, a Allemanha, a America e até o Japão e a Russia, que as suas industrias attingissem o grau de superioridade em que actualmente se encontram, senão com o estabelecimento de boas escolas technicas e escrupulosa escolha de professores?

Não foi com lyceus que se fizeram as industrias, nem se desenvolveu o commercio mundial; siga-se, pois, a orientação dos paizes mais adeantados do que nós e trate-se de valorisar o que existe para assim podermos ver em breve Portugal occupar entre as nações industriaes o logar que por direito lhe compete e a que a sua privilegiada situação geographica lhe dá jus.

Crie-se um lyceu na Covilhã, mas dote-se primeiro a escola industrial de tudo quanto ella necessita e só então se deve pensar em alargar mais a instrucção d'aquelles que não querem dedicar-se á industria.

Pelo que fica dito poderá parecer que sou contrario á creação de um lyceu na Covilhã; não o podia ser quem tanto deseja tem que a instrucção em Portugal seja coisa pratica e util, mas a verdade é que, salvo melhor opinião, parece-nos que o estabelecimento de ensino que mais convém á Covilhã não é um lyceu, mas sim uma verdadeira escola technica; não quer, porém, isto dizer que a par d'ella não haja outras escolas que habilitem a mocidade estudiosa e lhe proporcionem os meios de se instruir e bem servir a Patria.

Impossivel é concordar com a opinião do sr. Pinto Teixeira, de que o lyceu poderia servir de auxiliar e simplificaria a organisação da escola industrial, e isto simplesmente porque a orientação que se dá ao ensino lyceal é diametralmente opposta á que se deve seguir em uma boa escola technica. Sob o ponto de vista pedagogico, um lyceu, tal como elle é e querem que seja em Portugal, e uma escola industrial como nós ambicionamos e existe lá fóra, a differença é tamanha que nem sabemos como a comparar. Ficamos, porém, n'isto: um lyceu é um estabelecimento de instrucção preparatoria e uma escola industrial deve ser um verdadeiro templo da industria.

Para finalisar este artigo, tenho ainda de pedir licença ao sr. Pinto Teixeira para insistir em que labora em erro quando diz existir difficuldade em estabelecer um regimen especial para a Escola Industrial da Covilhã. Esteja o sr. Pinto Teixeira convencido de que de haver-se seguido o systema de remodelar e reorganisar o ensino todo pelo mesmo molde em vez de o especialisar e de se fazer para cada escola um programma e regulamento especial, é que tem resultado o nenhum aproveitamento que o ensino profissional tem tido em o nosso paiz. Varios exemplos poderiamos citar, mas um facto basta para confirmar o que acabamos de dizer.—As escolas industriaes das Caldas da Rainha e da Covilhã regem-se actualmente pelo mesmo regulamento e pelo mesmo horario; ora as industrias que predominam n'estas duas localidades não teem semelhança alguma entre si, na primeira é a olaria artistica em que a materia prima base é o barro, na segunda só existe a industria dos lanificios, que emprega a lã, producto que em nada se pode comparar com o barro. As necessidades d'estas industrias são diametralmente oppostas, as operações de que se compõe o seu fabrico differem grandemente, os fins para que se destinam os productos manufacturados bem diversos são, como é possivel, pois, que as escolas onde se ministra a instrucção d'essas industrias se rejam pelo mesmo diploma?

Isto chega a ser um absurdo, mas infelizmente é um facto verdadeiro e que triste é dizel-o só no nosso paiz se pratica, e para prova citaremos o que se faz n'essa pequena mas hoje grande e nobre nação—a Belgica.

Para não fatigar o leitor com citações indicarei apenas duas escolas—a de Charleroi e a de Verviers.

A primeira regia-se antes da guerra por um programma e regulamentos elaborados pelo «Conseil provincial de Hainaut», de collaboração com industriaes mineiros, metallurgicos e vidreiros; a segunda tinha os seus regulamentos e programmas feitos por uma commissão em que entrava: E. Peltzer, grande industrial de lanificios e senador, Joseph Lang, fabricante de lanificios, L. Zurstrassen, engenheiro industrial e director de uma das mais importantes fabricas de tecidos de Verviers, André Simonis, doutor em direito e grande industrial de lanificios, Fernand Hougel, engenheiro e director da maior fabrica de machinas para industria de tecidos que existia em Verviers, Jean Jortay, commerciante e conselheiro municipal, J. Nison, perito contabilista; isto é, technicos das especialidades e cidadãos residentes nas localidades onde estão estabelecidas as escolas, logo conhecedores das necessidades da industria que a escola deve beneficiar. Assim é facil obter-se alguma coisa de bom, porém seguindo-se o systema portuguez de tudo ser feito no Terreiro do Paço, os resultados são os que todos nós estamos vendo.

E' indispensavel mudar de processos em tudo, mas muito especialmente essa mudança se deve fazer no que respeita á instrucção profissional, quando isso se praticar teremos resolvido o grave problema e feito uma conquista não inferior á dos nossos antepassados.

E agora o resto fica para outro dia.

CAMPOS MELLO.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.° 5.—A'manhã, ás 8 horas prefixas, instrucção no quartel de infantaria 16, devendo comparecer todos os alistados. O pelotão de telegraphistas fórma á mesma hora.

Encerrou-se hontem a epocha dos exames do curso commercial d'esta Sociedade, sendo todos os alumnos approvados, alguns com distincção.

SOCIEDADE N.° 1.—Todos os instructores e alistados da 1.ª e 2.ª secções teem de apresentar-se ámanhã, domingo, ás 8 horas em ponto, no quartel de sapadores, sendo apontados os que faltarem, bem como os que não forem pontuaes, nem satisfizerem as suas quotas em dia. O pelotão d'estafetas fórma ás mesmas horas, na séde da corporação. O «Manual da Instrucção Militar», de que é auctor o sr. Miguel Garcia, é um livro muito util e necessario a todos os instructores e alistados, e encontra-se á venda, ao preço de 32 centavos, na séde da Sociedade, e na rua da Prata, 242.

SOCIEDADE N.° 2.—Como já noticiámos, realisam-se ámanhã, pelas 16 horas, no vasto campo do Sport Lisboa e Bemfica, em Sete Rios, as provas finaes dos mancebos alistados n'esta sociedade. Abrilhantará a festa a banda do regimento de infantaria 2, tendo sido convidados a assistir os srs. presidente da Republica, todo o ministerio, general da 1.ª divisão, Camara Municipal de Lisboa, inspecção de infantaria, officiaes de terra e mar, Sociedades de Instrucção Militar Preparatoria. A formatura é no referido campo ás 14 horas prefixas; aos alistados que faltarem serão marcadas 3 faltas.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Boletim da Camara Brazileira de Commercio e Industria.—Sahiu o n.° 1 d'este «Boletim», que vem preencher uma lacuna importante e que é orgão d'uma associação destinada a estreitar cada vez mais as relações entre as duas nações irmãs. Trazendo na primeira pagina a reproducção de um bello grupo representando a direcção da util instituição, magnificamente redigido e orientado, com uma secção desenvolvida sobre o movimento commercial do Brazil, o «Boletim» terá segura uma larga acceitação.

Commercio internacional de Portugal—Um breve estudo do sr. Arnaldo Brazão, estudante da faculdade de direito de Lisboa, com dados interessantes e muito uteis, sobretudo no momento presente, em que o problema economico attinge a maior importancia.

TOURADAS

PRAÇA D'ALGÉS.—Realisa-se ámanhã, pelas 18 horas, a festa artistica do estimado bandarilheiro Luciano Moreira, com uma corrida á antiga portugueza com todo o apparato e rigor e na qual tomam parte o cavalleiro amador D. Alexandre de Mascarenhas e os apreciados cavalleiros Casimiros.

Dadas as sympathias de que Luciano Moreira gosa, certa é uma enchente.

SETUBAL, 19.—Realisa-se ámanhã, na praça de touros Carlos Relvas, a corrida em beneficio do hospital da Misericordia e do Asylo Bocage, para pobres e invalidos. O fim humanitario a que se destina é digno de que o publico setubalense aflua em grande numero á praça.

A corrida principia ás 17,45, com a seguinte distribuição: 1.° touro, para cavalleiro Brun da Silveira; 2.°, Ed. Perestrello e D. Carlos Mascarenhas; 3.°, Jayme Cadete e D. Antonio Mascarenhas; 4.°, cavalleiro Constantino José; 5.°, D. Carlos, D. Antonio e D. João Mascarenhas; 6.°, para cavalleiro Brun da Silveira; 7.°, Jayme Cadete e Eduardo Perestrello; 8.°, Jorge Cadete e Guilherme Thadeu; 9.°, cavalleiro Constantino José; 10.°, José Costa e Punteret; 11.°, todos.

MOVIMENTO A'SSOCIATIVO

EMPREGADOS MENORES DOS CORREIOS E TELEGRAPHOS.—Na rua da Magdalena, 91, 2.°, realisa-se ámanhã, ás 14 horas, uma reunião magna, para a qual são convidados socios e não socios, a fim da commissão eleita em 27 de fevereiro para tratar do augmento de vencimentos, dar conta dos resultados da sua missão e se resolver o caminho a seguir.

LACTARIO DA PAROCHIA DE S. JOSÉ.—Previnem-se os srs. subscriptores de que, segundo o disposto nos estatutos no capitulo 5.°, artigo 7.°, numero 1.°, é convocada a assembléa geral para o dia 24 do corrente, pelas 21 horas e meia, e havendo falta de numero e segundo dispõe o paragrapho 2.° do numero 2.° do artigo 7.°, é addiada para o dia 31 do corrente, á mesma hora.

Egualmente se previne que as contas da gerencia transacta estão expostas á apreciação dos subscriptores nos dias 21, 22, 25 e 28 do corrente, das 20 horas e meia ás 22 horas e meia.

ASSEMBLEIA COMMERCIAL PORTUENSE.—O relatorio d'esta importante aggremiação do Porto, que será presente á assembleia geral que ámanhã se realisa, demonstra claramente o grau de desenvolvimento que ella attingiu. A receita do anno economico findo em 31 de julho foi de 1.434$814 e a despeza de 1.394$851,5, havendo portanto um saldo de 39,62,5. O numero de socios existentes é de 386.

NA CAPITAL DO NORTE

A obra da camara municipal

é digna de todo o applauso e incitamento

PORTO, 18.—Não é sómente nas horas grandiosas da transformação architectonica da cidade que a camara desenvolve toda a sua actividade e energia. Não é apenas na Avenida da Praça da Liberdade á Trindade, delineada e traçada pelo grande engenheiro inglez mr. Parcker, que os trabalhos das demolições progridem intensamente.

Em varios pontos da cidade está ainda a camara procedendo a diversas obras de aformoseamento e de hygiene, respondendo assim, por factos incontestaveis, porque são reaes, á campanha dos «empatas», que a accusam de nada construir e só deitar abaixo.

E' evidente que—sem derruir a velha casaria, inesthetica,—se não póde proceder ás novas construcções, elegantes, grandiosas, dignas do progresso e da importancia d'esta Barcelona portugueza, chave e emporio de todo o commercio do norte áquem-Mondego e que mais importancia e intensidade de trafego ha de ter depois da conclusão do porto commercial de Leixões.

Assim, juntamente com as obras preparatorias para a transformação da parte central da cidade, a camara está ajardinando o Largo da Lapa; está construindo na Praça da Republica um grande mictorio, com retretes, subterraneo, de forma a não tirar áquella grande praça a sumptuosidade e a elegancia que lhe deu depois de a ajardinar, semeando-a de «squares» e canteiros arborisados; está procedendo ao terrapleno e balisagem do Largo de Santa Clara, que era uma pedreira feissima em frente ao governo civil e ao Aljube; continua no arranjo dos passeios da maior parte das ruas, transformando-lhes o piso,—que era detestavel,—e dando-lhes um ar de asseio e de commodidade, para que a gente os possa percorrer sem ficar com as botas rasgadas e os pés quasi em sangue. Mas não só isto. Na Foz teem-se feito obras de grande importancia em melhoramentos de ruas, em traçados de avenidas, na canalisação da agua e na hygiene da linda praia, que é, póde dizer-se, a continuação do Porto—até ao mar, até Mattosinhos e Leça e Leixões.

Ainda mais. Os bairros operarios da Prelada e do Monte Aventino estão quasi concluidos, ficando magnificos, lavados de luz, cheios de ar resinoso, especialmente o do Monte Aventino, que se ergue n'uma das eminencias mais bellas e hygienicas da cidade. Não se póde dizer, portanto, que a camara só pensa em derruir.

Não. Tambem edifica. E edifica e trabalha, dispendendo uma energia como ha muitos annos se não via nas outras camaras. Porque não exerce a sua actividade sómente em obras materiaes, mas leva o seu cuidado ás grandes obras de educação e de assistencia. Ainda nenhum outro municipio do paiz a eguala, nem se lhe approxima, no afan com que tem trabalhado pela instrucção popular, não creando centenas de escolas, mas subsidiando-lhes as cantinas escolares, seleccionando o professorado, creando colonias sanatoriaes para os seus alumnos pobres e doentes, n'um interesse e n'um carinho verdadeiramente paternal e social digno do maior applauso.

Festas associativas

CLUB RECREATIVO LUSITANO.—N'este club ha ámanhã baile, abrilhantado pelo pianista sr. Jacintho Izidro.

A situação dos estudantes de medicina

O que se passa no 3.° grupo de companhias de saude

Sr. director da «Capital».—Tendo a do no seu conceituado jornal de 17 do corrente um artigo intitulado «A situação militar d'alguns estudantes de medicina» pedia a v., como pae d'um alumno e assiduo leitor do seu diario, a publicação d'estas linhas.

Ha rapazes aqui, no Porto, que, tendo as disciplinas de Physica e Chimica biologica e Sciencias Naturaes da Faculdade de Sciencias a a frequencia das cadeiras aconselhadas pela Faculdade de Medicina para o 3.° anno (periodo ordinario), e alguns possuindo um ou mais exames do 1.°, 2.° ou 3.° anno, não podem ser promovidos a aspirantes, visto ultimamente lhes terem exigido as certidões do 1.° e 2.° exames para a promoção áquelle posto. A estes alumnos foi-lhes dito no 3.° grupo das companhias de saude que a não apresentação d'estes documentos os obrigava a frequentar uma escola de segundos sargentos enfermeiros.

Outros ha, que tendo tido a infelicidade de ficarem excluidos nos dois exames requeridos para a promoção, vêem-se, como os estudantes acima mencionados, em condições muito inferiores á d'aquelles que possuem os dois referidos exames, visto que são obrigados, como acima ficou dito, a frequentar uma escola de segundos sargentos, quando alumnos do curso P. C. N. da Faculdade de Sciencias, que ainda não deram entrada na Faculdade de Medicina, podem ou são obrigados a frequentar a escola de officiaes milicianos.

E' bem de vêr que esta situação é deprimente para aquelles alumnos, que esperam confiados no espirito altamente justiceiro do ex.mo ministro da guerra a sua promoção a aspirante, como já foi concedido aos que possuiam os dois referidos exames.

Agradecendo a publicação d'estas linhas, subscrevo-me de v., etc.—O pae d'um dos interessados.

Jardim Zoologico

A concorrencia no domingo passado, ao bello parque das Laranjeiras, a vêr o hippopotamo, foi de 12.305 visitantes, não contando os accionistas e suas familias.

A'manhã a concorrencia deve ser muito importante, pois é grande a curiosidade em vêr um dos animaes mais raros das nossas collecções.

Como nos domingos anteriores haverá carreiras continuas de electricos e combolos do Rocio para Sete Rios, que fica muito proximo do Jardim.

Praias e thermas

TRAFARIA, 19—Continua sendo grande a affluencia de banhistas a esta praia, notando-se já grande animação. O club abriu já as suas salas, achando-se inscriptos muitos socios.

No proximo sabbado realisa-se um torneio de esgrima para disputa da taça «Trafaria» instituida para esse fim e para o qual se inscreveram grande numero dos nossos melhores esgrimistas.

No dia 2 de setembro, por deferencia da direcção do Gymnasio Club, e a convite do Club Balnear, realisar-se-ha um sarau desportivo que certamente será brilhante, a avaliar pelo valor dos seus cooperadores.

N'esta praia já se encontram desde os principios do mez corrente grande numero de familias, contando-se entre ellas as seguintes: Torres, Noronha, Pimenta Rodrigues, Costa, Vasques, Sousa, Caldeira, Las Cazas, Moutinho, Bucci, Guedes Coelho, Brazão, Baptista Ribeiro, Silva, Moraes Sarmento, Alberto Costa, Castanheira, Garcia da Silva, Gaspar, Pinha, Ferreira, etc., esperando-se em breve a chegada de muitas outras.

Os festivaes em Bemfica

Como ha dias noticiámos é ámanhã pelas 14 horas que começam os deslumbrantes festivaes no Parque Silva Porto em Bemfica a favor da Cruzada das Mulheres Portuguezas e da Cantina Escolar Flores de Bemfica.

Além de muitos outros attractivos haverá kermesse, tombola, pim-pam-pum, theatro ao ar livre, concertos musicaes com o concurso da distincta banda da Casa de Correcção de Caxias, bandas regimentaes e sociedades musicaes de Bemfica e Lisboa, destacando-se do vasto programma a apresentação do gracioso rancho feminino da Cruz da Pedra com as suas originaes canções e fados.

Para as brilhantes illuminações distribuem-se pelo recinto milhares de lampadas electricas e balões venezianos que pela sua artistica disposição, devem produzir um effeito lindissimo.

O recinto das festas será devidamente policiado, havendo consecutivos carros electricos e omnibus.

Colyseu dos Recreios

O Colyseu é uma das casas de espectaculos de Lisboa onde n'este tempo calmoso se póde passar agradavelmente um pedaço de noite.

Se a este facto juntarmos a belleza do espectaculo, constituido pelo magnifico «film» da revista militar de 14 de julho d'este anno em Paris e pela pelicula dos exercicios de Tancos e Parada de Montalvo, teem sido consecutivos e o motivo porque já hontem ficou vendido grande numero de bilhetes para as duas sessões de hoje.

Ordens que se não comprehendem

Por ordem do sr. commandante da policia, de ámanhã em deante as praças da policia não podem intervir em qualquer occorrencia que se dê no Tejo, embora seja solicitada a sua intervenção.

Esta é a ordem dada. Por nossa parte, confessamos que não a comprehendemos e, ainda mais, que não nos parece admissivel que tenha sido dada.

Gostariamos de ler a decifração da charada, porque o é e verdadeira.

Junção do Bem

Banhos ás creanças

Seguiu hoje para Caxias o segundo grupo de creanças da Junção do Bem, que ali permanecerão 20 dias, tendo regressado o primeiro turno que para ali foi no dia 30 do mez findo.

Agentes de policia burlões

Pelo chefe da 2.ª secção da policia judiciaria, que mandou reduzir a autos as respectivas declarações, foram hoje ouvidos ácerca das graves accusações que sobre elles pezam, os agentes policiaes Annibal Bernardo Pires e Antonio Ambrosio Santos Oliveira, arguidos de, como noticiámos, serem connivenles em importantes burlas pelo processo do «conto do vigario».

Durante o dia, realisaram-se varias conferencias entre os srs. dr. Adolpho Coutinho, director da policia, e o chefe Murtinheira, correndo pelos corredores que o caso é mais grave do que se tem dito.

O «Santinhos» ainda anda em liberdade, devendo o «Escurinho» ser enviado para juizo juntamente com uma declaração da policia de que se anda procedendo a outras investigações a proposito de outros crimes. O agente Oliveira, ao que nos dizem, confessou que o Pires é que o metteu em tal embrulhada.

EXPLORAÇÃO DO PORTO DE LISBOA

Mercadorias desembarcadas dos navios ex-allemães

AVISO

Tendo a Administração do porto de Lisboa resolvido fazer excepcionalmente o seguro, contra risco de incendio, das mercadorias provenientes dos navios ex-allemães e que existem ou venham a existir nos armazens da Exploração do porto de Lisboa, são, por esta fórma, avisados todos os donos das ditas mercadorias ou os seus representantes para, até ao dia 15 do proximo mez de setembro, enviarem á Direcção da referida Exploração (Caes do Sodré) nota das mercadorias que estão seguras por sua conta ou o devam vir a estar quando descarregarem, com indicação das suas marcas, natureza, numero e qualidade de volumes e nome do navio em que se encontravam ou encontram, afim de, na occasião da sahida das ditas mercadorias dos armazens, não serem ellas oneradas com a quota parte das despezas feitas pela Exploração do porto com seguros, o que—pelo contrario—terá logar para todas aquellas mercadorias relativamente ás quaes não seja recebida a dita nota até á data acima indicada, ainda que, na occasião da sahida, os interessados declarem então estarem ellas seguras.

Chama-se a attenção dos interessados para a circumstancia de que os seguros feitos pela Exploração do porto de Lisboa relativamente ás mercadorias a que se refere este aviso, poderão deixar de corresponder ao valor real das mesmas mercadorias por insufficiencia dos elementos necessarios para fixar esse valor, não podendo, portanto, a Exploração do porto responsabilisar-se, em caso de sinistro, pelo integral reembolso dos prejuizos que possam ter tido logar, pelo que haverá toda a conveniencia, para os interessados, em fazerem o seguro de sua conta, fornecendo á Exploração a nota a que acima se faz referencia.

Lisboa, 16 de agosto de 1916.

O engenheiro director da Exploração do porto de Lisboa

F. Ramos Coelho

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2161—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 20 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Os effeitos economicos da guerra

Dos effeitos economicos da guerra, que não são certamente dos menos dolorosos e graves, dois se estão já sentindo em Portugal, e de fórma que torna necessario que a elles se preste, por parte do Estado, a mais solicita attenção.

O primeiro d'esses effeitos é o que se refere á alimentação publica. E se bem o examinarmos veremos que elle incide sobretudo sobre as classes da nossa sociedade que são precisamente as mais numerosas e as mais necessitadas.

O almoço, embora frugal, das classes trabalhadoras, não dispensa o café, que é um estimulante das suas energias. Nos lares dos operarios, nas casas dos pequenos empregados, o café é não só uma necessidade como um habito. Quasi o podemos denominar uma tradição, que chega a implicar com o sentimento do povo. A chavena de café é para muita gente imprescindivel, e não é mesmo sem dôr de alma que d'ella se verá privada. Pois bem. A falta do assucar já não permittia que o homem do povo, o operario, o pequeno empregado, a dona da casa, as creanças e os velhos possam beber uma chavena de café. E não tardará que o mal estar que esta privação provoca se generalise e accentue.

Mas não é só o assucar que falta. Falta o carvão. Todo o carvão? Sem duvida. Mas as emprezas ainda o conseguem, embora por preços excessivos, alcançar o carvão de pedra para a laboração das suas industrias. As familias mais abastadas ainda podem alcançar o carvão de coke para as suas cozinhas, embora o seu custo já esteja extraordinariamente aggravado. O carvão que totalmente falta é o carvão vegetal, é o vulgar carvão de sobro que se queima em casas pobres, e essa falta affecta a alimentação em geral, é gravissima, chega a ser angustiosa. Em mais um caso, os effeitos economicos da guerra vão incidir sobre a grande massa da população, sobre as classes mais numerosas, mais trabalhadoras, mais necessitadas. E' a pobreza que principalmente experimenta o rigor d'estes flagellos.

Por outro lado, é já inegavel que se começa a sentir uma especie de bloqueio á nossa importação e á nossa exportação, sujeitando-nos porventura a situações vexatorias. Este facto affecta o nosso commercio, inflige-nos prejuizos e limitações cujo resultado influe em toda a vida economica da nação. E' mais uma consequencia da guerra, que não vem acompanhada de metralha, mas que é grave, e cuja gravidade tende a augmentar.

Afigura-se-nos urgente que o Estado attenda a estes assumptos, d'uma maneira rapida e efficaz. Nós temos perante nós o problema da guerra, mas o problema da guerra não tem só o aspecto militar e o aspecto financeiro. A administração d'um Estado não se reduz a esses aspectos, muito embora em determinados assumptos a sua importancia esteja em foco. Ha no governo portuguez nove pastas, todas confiadas a ministros cujos desejos de bem servir a sociedade portugueza não é licito pôr em duvida. Nas pastas que teem interferencia directa na questão da guerra e das despezas d'ella resultantes, trabalha-se activamente, febrilmente mesmo, procurando-se resolver o problema da nossa situação militar. E' excellente; mas ha mais ministros além dos titulares d'essas pastas. E' d'esses que ha o direito a esperar um trabalho não menos activo, não menos constante, não menos patriotico no sentido de alliviar as pessimas condições economicas da sociedade portugueza e de garantir á nossa industria e ao nosso commercio a situação de independencia, a que a sua dignidade tem jus, e de que necessita para aproveitar as fontes da riqueza nacional.

A "Historia da Grande Guerra,,

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos a tempo as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

Economias brazileiras

RIO DE JANEIRO, 20.—A attitude do governo, reduzindo 6.000 contos nas despezas geraes, provocou grandes elogios da imprensa e da opinião publica.—(*Americana*).

MACEIÓ (ESTADO DE ALAGOAS), 20.—Por motivo de economia, o governo do Estado de Alagôas pensa em supprimir, transitoriamente, certos logares considerados dispensaveis, á medida que se forem dando as vagas por motivo de morte ou de transferencia.—(*Americana*.)

O assucar de Campos

CAMPOS (ESTADO DO RIO DE JANEIRO), 20.—O assucar d'esta região é avaliado em 2.000 contos de réis.—(*Americana*).

NO BRAZIL

Os maus estrangeiros

RIO DE JANEIRO, 20.—Os jornaes julgam necessaria uma censura telegraphica, a fim de evitar campanhas diffamatorias contra o Brazil, em geral feitas por correspondentes estrangeiros pouco escrupulosos. Alguns jornaes aventam a idéa da expulsão de certos estrangeiros quando se tornem indignos da hospitalidade brazileira.—(*Americana*).

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Coisas minhas,,

por V. Chagas Roquette

O distincto humorista que é Chagas Roquette reuniu n'um elegante volume, edição da casa Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, os contos e chronicas que appareceram ha tempos n'*A Capital*.

Se, publicados em jornal, n'esta lufa-lufa diaria, esses contos e chronicas despertaram o maior interesse, agora, que melhor podem ser apreciados em livro, esse agrado mais se accentua. E bem fez Chagas Roquette em os colligir, porque o exito da edição está assegurado.

Das qualidades do escriptor desnecessario será falar. Graça genuinamente portugueza, estylo leve e ferindo sempre a nota exacta do ridiculo, observação justa, são qualidades que impõem Chagas Roquette, quer no livro, quer no theatro.

Coisas minhas é livro para ficar e n'isso está o seu melhor elogio.

Um sorriso para tudo

por Alvaro Moreyra

E' um escriptor brazileiro Alvaro Moreyra, que no livro que acabamos de receber se revela um bom prosador e um fino observador.

Pequenos trechos, observações contidas por vezes em meia duzia de linhas, mas exactas, por vezes impregnadas d'uma ligeira sentimentalidade, por vezes ferindo a nota crua do realismo da vida, mas sempre justas, tornam «Um sorriso para tudo» um livro que se lê sem fadiga o que nos agrada plenamente.

Ao nosso collega brazileiro os nossos agradecimentos pela amabilidade da sua offerta.

A GRANDE GUERRA

A MEDICINA CASTRENSE

Os medicos civis e a cirurgia de guerra—Ouvindo a opinião do cirurgião militar sr. dr. Vasconcellos Dias

A primeira conferencia realisada no anphitheatro da Faculdade de Medicina, pelo illustre homem de sciencia, sr. dr. Ricardo Jorge produziu no nosso meio militar uma serie de discussões, provocadas por algumas das asserções taxativamente formuladas pelo prestigioso professor.

O habil conferente começou por negar a utilidade do ensino da equitação aos medicos militares, fundado em que, o automobilismo na guerra actual é o unico meio de conducção aproveitado no serviço do transporte de feridos. Ora esta affirmação não póde ser feita por uma forma absoluta, quando se tenha em vista um theatro de operações como os que se apresentam em determinadas regiões de Portugal ou da Servia, ou em qualquer outra fronteira de um paiz montanhoso. O medico terá de aproveitar o meio de transporte que lhe seja facultado no exercito de um paiz que possua fracos recursos financeiros incompativeis com o custo de avultado numero de viaturas automoveis, ou ainda nos terrenos accidentados onde este meio veloz de communicação tenha de ser posto de parte. Não poderá deixar de recorrer á montada, que o conduza o mais rapidamente possivel ao local que a ordem de operações lhe marcou na formação sanitaria. E' principio de ha muito assente, que não se póde condemnar absolutamente o que se applica n'um determinado meio, sem attender ás circumstancias que n'elle actuam.

Não queremos comtudo dizer com isto, que se caia no exaggero de se exigir do medico conhecimentos de picarias, como se alguem pensasse habilital-os para tomarem parte n'um concurso hippico. Bastam as noções mais elementares que o habilitem a saber conduzir a montada.

Tambem o sr. dr. Ricardo Jorge, quando teve occasião de se referir ao nosso regulamento do serviço de saude em campanha depreciou o que entre nós estava preceituado, lamentando que ainda existissem os *hospitaes de sangue*. Não foi justo o illustre professor n'esta critica, que só se explica pelo desconhecimento das disposições regulamentares. O regulamento do serviço de saude do nosso exercito constitue um grande titulo de gloria para os seus auctores, pois basta dizer-se que tudo quanto se tem feito em França obedece ás mesmas normas do que entre nós está legislado. O hospital de sangue é uma formação sanitaria constituida, entre nós, por uma ambulancia e por uma columna de hospitalisação e destina-se a soccorrer os feridos intransportaveis. E' o mesmo que se faz em França, onde se empregam ambulancias e os centros hospitalares, dos quaes tem havido 3 na zona de Chalons. Todo o serviço destinado á nossa zona da rectaguarda é perfeitamente analogo ao que funcciona em França.

Tambem não foi feliz um ponto capital, sobre o que o conferente divagou com largo enthusiasmo, quando affirmou que a medicina castrense tinha já feito a sua epocha e que por isso tinha os seus dias contados. A enthusiastica apotheose feita á medicina civil tem de soffrer algumas restricções. E assim vejamos o que tem succedido. Toda a perturbação soffrida pelos serviços medicos militares, em França, foi devida, em grande parte, á falta de medicos militares, do que resultou ter necessidade de lançar mão de medicos civis. Dos 14.000 medicos civis chamados a prestar o seu concurso nas operações em França, se elles não puderam a tempo prestar serviços valiosos, foi porque a guerra em França apresenta uma caracteristica de excepcional immobilidade, que não pode ser considerada como normal em todos os theatros de operações como por exemplo na Russia. O medico militar tem de ser conductor de centenas de homens nas formações sanitarias, tem de se orientar com uma carta para os conduzir acertadamente sem quebra de prestigio resultante de ordem e contra-ordens.

E a pratica para commandar e conduzir homens adquire-se no tempo de paz, n'um treino aturado do serviço militar. Na fronte occidental franceza os medicos dirigem-se immeditamente aos postos de soccorros e ás ambulancias, sem receio de se extraviarem, porque a immobilidade das formações sanitarias assim o tem permittido; mas quando a offensiva geral permitta a manobra e a ruptura da linha em determinados pontos, já os medicos civis hão de fazer sentir as consequencias da sua deficiente preparação militar. Da falsa doutrina apresentada pelo sr. dr. Ricardo Jorge, n'um paiz onde facilmente se fórma opinião, póde resultar um tremendo perigo: não se dar a devida instrucção militar aos medicos, que ámanhã podem causar milhares de victimas n'uma guerra de movimento, por não saberem orientar-se nem conduzir as suas formações de fórma a installar-se a tempo de desempenharem os seus serviços.

A'cerca da cirurgia de guerra ser ou não differente da cirurgia do tempo de paz, ouvimos a opinião do illustre cirurgião militar sr. dr. Vasconcellos Dias, que regressou ha pouco tempo de França, onde foi fazendo parte da commissão de medicos enviados pelo ministerio da guerra.

—A medicina de guerra é completamente differente da medicina em tempo de paz, diz-nos o nosso interlocutor.

«E' preciso attender a um estado moral, a uma forte impressão de choque, que nem sempre permitte a intervenção immediata do operador.

«Esta questão tem sido muito debatida em França e, a proposito, vale a pena lêr um artigo admiravel de Cathelin, cirurgião civil especialista em vias urinarias, publicado no *Paris Medical*. Este operador confessa, que durante a guerra reconheceu que a cirurgia já não é a mesma nos dois casos.

—«Mas que differença póde haver quando se abre a barriga a um individuo no tempo de paz ou debaixo de fogo?

—A sciencia é evidentemente a mesma, mas a questão está em se conhecer o momento em que se ha de abrir.

—E a respeito do serviço de saude, parece-lhe que deve fazer-se alteração ao que está regulamentado nos nossos serviços de campanha?

—Não senhor. Para se fazer um confronto temos de attender ao capitulo do nosso regulamento, que trata do ataque e defeza de praças, e n'este está preceituado tudo quanto vi fazer em França, pois como se sabe, a guerra actual no occidente da Europa tem apresentado a caracteristica de operações do sitio.

J. S.

O balanço da victoria russa

A 12 de agosto, a retirada de Bothmer consumava a queda de todo o systema de defezas austro-allemão entre o Pripet e os Carpathos. Os resultados geographicos d'esta primeira phase da lucta foram apparecendo dia a dia. Uma provincia conquistada, a Bukovina; a linha dos Carpathos abordada n'uma frente de 200 kilometros; os valles do Strypa, do Sereth e do Styr occupados: eis o balanço territorial d'um avanço cuja media não é de menos de 100 kilometros de profundidade n'uma extensão de 400 kilometros.

De 4 de junho a 12 de agosto, os exercitos de Brussilof registaram o numero colossal de 358.603 prisioneiros, sendo 7.757 officiaes. Tomaram 405 canhões, 1326 metralhadoras, 338 lança-bombas, além d'um immenso material. A eloquencia d'estes algarismos é ainda mais expressiva, se reflectirmos que os effectivos que os austro-allemães empregaram n'esta frente oriental não iam decerto além de 1.200.000 homens. A proporção é esmagadora.

Outro aspecto não menos significativo: os presos de guerra distribuem-se, com bastante egualdade, entre os differentes exercitos. O exercito Kaledine figura á cabeça com 110.273 prisioneiros. Coube-lhe a dura missão de conter os formidaveis esforços de Linsingen, a este de Kovel. Segue-se Letchitsky com 102.657 officiaes e soldados. Sakharoff, cuja entrada em linha não vae além de um mez, reivindicou 89.915 cabeças. E Tcherbatcheff encontrou meio, em menos de quinze dias, de capturar 57.061 austro-allemães.

Veem muito a proposito estes numeros para illustrar a lenda verdadeiramente ingenua que se pretende fazer acreditar á opinião publica dos imperios centraes. Quem ousa falar de derrota? Recua-se para attrahir melhor o inimigo. Esperae um pouco e vereis o magnifico golpe que prepara Hindenburg... á maneira de Tannenberg.

Uma retirada estrategica que custa a quarta parte do effectivo seria já uma despendiosa manobra, mesmo que se obtivessem resultados. Mas os resultados ainda se não obtiveram e corre-se o enorme risco de que se não obtenham.

Todo o talento de Hindenbrug não poderá reconduzir a Allemanha ao mez de agosto de 1914. Nenhuma analogia é possivel entre a *poussée* mathematica de Brussilof e o raid audacioso até á temeridade de Rennenkampf.

A attitude da Romania

A' um jornalista faz o sr. Tako Jonesco as seguintes declarações:

«Creio que a participação da Romania ao lado da Russia é um facto inevitavel e proximo.

«A opinião russa não é muito favoravel á Romania e não sem alguma razão. Mas os russos esquecem-se de que no começo da guerra a Romania era alliada da Allemanha, da Austria-Hungria e da Italia havia trinta e um annos. Os russos esquecem-se tambem de que não só os romaicos houveram de subtrahir-se a essa alliança, mas que, desde então, navegaram sempre nas aguas da Quadrupla-«Entente». Esperemos que no dia em que a Romania entrar em acção ao lado da Russia, os velhos mal-entendidos se esqueçam e se substituam pela fraternidade de armas assignada com o sangue.

«A situação actual da Romania é tal que ella deve intervir sem demora. Apenas a guerra actual póde dar-lhe a unidade nacional e a possibilidade de viver como paiz livre e independente. A guerra será longa para nós tambem e difficil, particularmente na Hungria. Precisamos vencer difficuldades enormes. Os autro-allemães não alimentam illusões sobre a intervenção romaica, mas confiam ainda n'uma grande victoria dos seus exercitos n'um ou n'outro dos theatros da guerra. Mas sobre esse ponto enganam-se; não conheço o plano de guerra romaico, mas sem duvida a nossa entrada em campanha abreviará de alguns mezes o termo da guerra. Parece-me que uma rapida e completa derrota da Bulgaria bastaria para apressar a solução do conflicto.

«Sou de opinião que os alliados devem atacar os bulgaros com forças esmagadoras para os aniquilar. Significaria isso, entre parenthesis, o isolamento da Turquia, a queda de Constantinopla, a reabertura dos Dardanelos e a victoria final.»

Acabamos de receber: «A criminalidade germanica»; «Finanças da Grã-Bretanha e da Allemanha», «A's direitas e ás avessas» e «La guerre illustrée», pequenos opusculos em que bem se demonstra a posição dos imperios centraes e a dos alliados, cuja victoria é infallivel. O resultado do sonho allemão de dominar todo o mundo terminará por trazer a ruina financeira e economica dos imperios centraes. «La guerre illustrée» é uma bella collecção de photogravuras a côres.

TERRAS DE PORTUGAL

OS TRILHOS

E' com esses apparelhos que se fazem as pequenas debulhas

REDONDO, 19. — A debulhadora é um luxo de lavradores ricos. Só as grandes herdades podem alimental-a. Só os lavradores opulentos podem colher o trigo necessario para saciar a sua voracidade. Os outros não. Os que apenas semeiam algumas leiras modestas, os que só cultivam algumas courelas com algumas geiras de terra, teem de debulhar o seu trigo por processos mais primitivos, mais morosos e mais difficeis. A debulhadora, nas eiras d'essa gente, cuja fortuna não vae alem de uma duzia de moios de trigo, cede o logar ao *trilho*. E' o passado a impôr-se ainda e a dizer-nos que nem tudo o que d'elle nos vem deve ser arremessado fóra. Ha certas coisas que ganham pergaminhos verdadeiramente inabalaveis. Não tentemos destruil-os. O *trilho* possue os seus. A debulha a sangue não é, por isso, merecedora de que a esqueçam.

Redondo poisa n'um alto. A antiga cidadela ainda se encontra perfeitamente demarcada, com as suas fortalezas, as suas muralhas e, aqui e além, com um ou outro pedaço de torre a sair do conjuncto denegrido das antigas defezas. Enfia-se para a villa antiga, onde fica o hospital, por um arco com o escudo dos condes de Redondo no fecho. A povoação estende-se, em grande parte, para o poente. O Sardoal, agachado ao longe, fulgurando ao sol, descobre-se sem difficuldade. Aqui e alem, mais povoações, mais *montes*, cujos nomes alguem que me acompanha vae pronunciando a meu lado, e que eu não fixo por não ter por essa especie de exercicio de memoria, a minima sympathia. A tarefa ardua da recolha do trigo vae no seu periodo de maior intensidade. De uma herdade ergue-se, furando lentamente o espaço, um penacho esbranquiçado de fumo. E' uma debulhadora que está devorando palha. Mais ao pé, em eiras pequeninas, cercadas de medas altas, os *trilhos* andam no seu giro continuo, para fazerem n'um dia o que a presteza infalivel da machina faz em pouco mais de um minuto.

Deixo o velho burgo de Redondo. Volto com o meu companheiro para a villa. Passamos por varias ruas novas e por outras antigas. Estas, com a casaria baixa ostentando á frente as chaminés quasi monstruosas, dão ao povoado um aspecto ao mesmo tempo exotico e original. Quero vêr ao pé os *trilhos* trabalhando. A tarde vae em meio. O calor é espantoso. O ar quente quasi não se póde respirar. Não corre a menor viração. Se não fôsse o guarda-sol protector com que me resguarda a pessoa que caminha a meu lado, teriamos fatalmente de voltar para traz. Chegamos ao Calvario. As eiras da gente pobre ficam em baixo, a meia duzia de metros, com um grande renque de eucalyptus pomposos a servir-lhes de fundo. Alargamos o olhar fatigado pelos campos desolados do Alemtejo. Dir-se-hia que em cada *monte* arde uma fogueira e que tudo o que junto d'essa fogueira existe vae ficar esbrazeado e torrado.

Começamos a descer a ladeira que leva ás eiras. O sol arde cada vez mais. As médas sentem-se estalar sob a acção calcinante do calor que as tórra, que as mirra, que as sécca ao maximo. Os *trilhos* giram, andam á roda, arrastam-se com um grande tinido de ferro sobre a palha macia e quente. Cada *trilho*, especie de zorra com cylindros moveis, nos quaes se cravam dentes de ferro, é puxado por uma parelha. A' frente, n'uma almofada rudimentar, senta-se um homem que é quem dirige as muares e as guia, e as estimula com o chicote de correia, que de vez em quando faz girar sobre a cabeça coberta por um chapeirão d'abas descommunaes. A palha crepita sob a pressão do *trilho*. E' uma musica estranha essa, constituida por estalidos seccos, continuos, que se parecem ora com o trinar das azas de certos insectos, ora com o vibrar metallico d'uma lamina d'aço, batendo de encontro á outra lamina, sacudida com força.

O homem que dirige o trilho, ao dar por nós, faz parar o gado e tira respeitosamente o chapeu. O suor cae-lhe em bica. A poeira e a moinha recobrem-lhe o rosto e as mãos em camadas compactas e pardacentas. Deve ser um martyrio passar assim, horas e horas, á torreira, respirando pó, bebendo sol, absorvendo até ao fundo dos pulmões toda a afflictiva pulverisação das praganas, que são asperas como cardos e arranham como afiadas cerdeiras. As muares offegam apressadamente. Parecem suffocadas, extenuadas, incapazes de dar mais uma volta, de esborracharem, sob as patas solidas, mais um roleiro de trigo, sequer. O homem ri-se sem que se veja de quê. Mas ri-se. E' que para elle, a aspereza inconcebivel da debulha quasi lhe passa desapercebida. Está acostumado áquillo; e Deus sabe ha quantos annos, por esta mesma epocha, elle calca trigo n'este mesmo sitio.

N'outra eira ao lado, a debulha já terminou. Vae principiar a tarefa, que não é menos ardua nem menos violenta, da separação do trigo da palha. Homens em fila, com grandes forcados, atacam o calcadoiro. A palha é arremessada ao ar e o vento arrasta-a para um dos lados da eira. O grão, mais pesado, fica, misturado ainda com a moinha. O ar agora é de oiro, as arvores são de oiro, os homens andam cobertos de uma grande camada de poalha de oiro, que lhes amortece as fórmas e os transforma em vultos indistinctos, se os olharmos de encontro ao sol, que começa a tingir-se de vermelho. As forquilhas são substituidas pelas pás. E d'este momento em deante, a moinha, as praganas quasi pulverisadas, o trigo, os resto de palha que ainda estão misturados com o grão loiro, arrastados pelo vento, que sopra mais forte, espalham-se por toda a parte, envolvem tudo, impregnam-se em tudo, tal e qual como o pó do carvão, em roda de um navio, em dia de abastecimento de combustivel.

E passam-se horas n'isto. Padejado e repadejado, baldeado uma e muitas vezes, o pão lindo forma monte e continua a ser revolvido sem descanço, para que todas as impurezas o abandonem. Agora, a moinha quasi não vagueia já pelo espaço e o ar, livre d'esse tormento, readquire a sua habitual transparencia. O trigo começa a ser medido para os saccos de linhagem. O celeiro espera-o, como o esperam os cylindros luzidios da moagem, que hão de transformal-o em farinha, e da qual, por sua vez, ha de sahir o pão saboroso e fino. Da debulhadôra, o trigo cae como a agua limpida da larga bica d'uma fonte. Na debulha a *trilho*, o grão separa-se lentamente da palha e repoisa sobre o pavimento da eira, em camada mais ou menos densa, conforme o rendimento do calcadoiro. A debulhadôra é a rapidez, é a vertigem. O *trilho* é a placidez que não conhece pressas e que só tritura em muitas horas um calcadoiro que pouco mais pode dar que um moio de trigo. A primeira é, seguramente, mais pratica. Mas o segundo tem um pittoresco que a machina de debulhar não possue. E' mais cenographico, faz mais vista e realisa, com uma exuberancia que fascina, a mais extraordinaria apotheose que pode dispensar-se ao trigo novo.

Quando o ultimo alqueire de trigo se some no ultimo sacco a encher, e

Folhetim de A CAPITAL—20-8-1916

O mar

Da pequena aldeia, tão proxima de Lisboa, e que todavia tão distante d'ella a diriamos, ao observar o cunho agreste dos seus aspectos, pequeno ponto da terra em que a natureza domina e em que algumas horas me é dado aspirar uma lufada de ar puro e uma claridade desassombrada e forte, eu gosto sobretudo de fitar o mar e sinto que o meu maior enlevo seria contemplal-o sempre. Vejo n'elle uma imagem da vida, na sua luz, na côr das suas vagas, na tranquilidade com que se espraia, no desespero em que se debate, na faina em que eternamente se obstina. Vejo-o constantemente o mesmo e constantemente diverso; admiro-o, amo-o e temo-o. Como é bello e como é terrivel. E ha porventura coisa mais bella e mais terrivel do que a vida?

Mas o que sobretudo me encanta é o seu infinito. Está aqui, enrosca-se na onda que chega, em nada é diverso da gotta de agua que a areia absorve. E, todavia, onde acaba elle, onde é que as suas ondas se distinguem d'outras ondas que já decidimos pertencerem a um outro mar? O immenso lençol liquido banha as costas da Europa, as da Africa, as da America, beija ilhas e continentes, é um lago infindavel, e comtudo a breve distancia dir-se-hia que confunde a côr de esmeralda das suas aguas com os tons de opala da abobada celeste. Fecha-se a cupola assombrosa. Encerra-se n'uma redoma. Divide a esphera. E é tudo vida, movimento, murmurio e cantico, rugido e prece. Em torno da sua superficie ha um mundo vivo, por cima d'essa superficie ha um mundo vivo, debaixo d'essa superficie ha um mundo vivo. Não conheço nada mais formidavelmente palpitante. A cada mollecula corresponde um ser. A cada gotta corresponde um fremito. O dedo d'uma creança rasga a sua couraça. A ponta d'uma aza trespassa-a. E não ha maior força do que a d'essa agua transparente que mal beija a terra se volatilisa e desapparece.

Passaria toda a existencia a vêr esse mar, de que Michelet tirou lições magnanimas e cujas ladainhas Richepin cantou com um fervor devoto. Amo-o porque é inquieto como a minha alma, insatisfeito como o meu espirito, infinito como o meu ideal; amo-o porque está n'elle a gloria da minha patria; amo-o porque está n'elle o segredo das perfeições humanas. Se não fosse o mar, o genio do homem encontrar-se-hia singularmente diminuido. Amo-o porque elle creou costumes puros e virtudes fortes. Amo-o porque é bravo e porque é piedoso, porque desfez a Invencivel Armada e respeita o pequenino barco em que o pescador vae ganhar o humilde pão do seu lar. Amo-o porque é bello, porque reflecte nas suas ondulações o rthymo da poesia, porque nos seus murmurios traduz harmonias sonhadas, porque nos cambiantes da sua luz constantemente pinta uma tela immensa. Mas tambem o temo porque é a paixão alluoinada, que a nada attende quando um sopro de delirio conturba e agita as suas pacificações sublimes.

E' a vida,—a vida que seria tão boa se a não convulsionassem as tempestades da alma a que damos o nome de paixões, paixões freneticas empenhadas em brutalmente prevalecer. E' a vida constantemente modificando-se e alterando-se, onde os incidentes surgem como relampagos que cruzam o espaço, onde o imprevisto é a lei, o desconhecido a norma. Enganam-se os que falam na monotonia da vida. A vida no que é monotona. Não ha um dia que seja identico a outro dia. Que digo eu? Não ha uma hora, não ha um minuto. O dia que amanheceu com uma promessa de segurança mais firme, é por vezes precisamente aquelle que acaba na maior incerteza ou afflicção. Raiou a aurora sobre um idyllio; quem sabe se o crepusculo já envolverá nas suas sombras uma elegia?

Tambem o mar não póde contar com os sopros das brisas. Inopinadamente, de Zephyro converte-se em Aquilão. A imaginação antiga povoava o Oceano de dragões ferozes que combatiam encarniçadamente em profundos abysmos. Esses dragões ainda existem. Uma ferocidade selvagem por vezes se presente procurando servir uma intima maldade. Esse mar tão encantador, cantado pelos poetas, thema de epopeias, e berço de madrigaes, esse mar que é da côr da esperança quando não é da côr do luto, esse mar é selvagem, é feroz, é traiçoeiro. E não o será a vida tambem? A par das bellezas mais admiraveis, das inspirações d'uma moral superior ou dos fremitos d'um sentimento angelico, ella dá-nos o espectaculo de furores e perversões, de luctas e de ciladas em que perece a innocencia, em que o amor se lacera, em que a pureza se degrada e em que a belleza se macula. E deixará por isso a vida de ser bella, de ser grande, de ser sublime?

No extase que a sua grandeza provoca incessantemente me cantam na imaginação os versos de Baudelaire:

Homme libre, toujours tu chériras la mer.
La mer est ton miroir; tu contemples ton âme
dans le déroulement infini de la lame,
et ton âme n'est pas un gouffre moins amer.

e pergunto a mim mesmo se, sendo uma imagem da liberdade, esse mar não é tambem uma imagem da divindade. Se as suas bellezas são magestosas, se os seus beneficios são patentes, se a sua graça é manifesta, porventura não são tambem reaes, e dolorosamente reaes, os seus obscuros tormentos, a ceifa continua de vidas, em que se não distingue a maldade da innocencia, a força da fraqueza, a gloria da humildade? Tambem a noção de Deus é infinita, e com ella vem a do poder supremo que parece entregar-se a um jogo singular e cruel com os minusculos seres que povoam o globo animado. Tão pueril como cruel se nos affigura esse jogo, em que tão depressa se salva como se sacrifica, capricho singular, o mais perturbante de todos os problemas que a mente humana pode conceber. Para que se não subverta na nossa consciencia a noção da justiça, nós respondemos á formula do enygma com esta palavra não menos enygmatica: Mysterio. O mysterio rodeia-nos na vida e envolve-nos na morte, como paira constantemente sobre a nossa alma. E d'esse mysterio faremos uma razão, uma razão divina, um razão sobrenatural, uma razão superior á propria razão. Temos de creal-a para que essa razão humana ou não esbarre na negrura da Sphinge ou não cegue com os fulgores do Sinay.

Deus? Mysterio. O mar? Mysterio. A vida? Mysterio. Tudo mysterio como o nosso espirito o é tambem. Tudo qualquer coisa de vago e de secreto, sujeito a todas as contingencias, a todos os imprevistos, dando hoje os heroes e os martyres, amanhã os perversos e os fracos, creando hoje uma emoção mais pura e amanhã uma degradação mais abjecta; enchendo hoje de assombro e gratidão a nossa alma e arremessando-a amanhã nas duvidas pungentes das bondades divinas. Cantamos, agitamo-nos, revolvemo-nos, crepitamos, desfazemo-nos como uma onda, como uma esperança, como um dogma. E n'essa agitação permanente, n'esse brilho incessante, n'essa anciedade infinita, o que eu encontro sempre são os cambiantes do mar.

Mayer Garção

tarde vae quasi no fim. O vento ronda um pouco para o norte, e onde havia calor, suffocação, quasi angustia, começa a haver frescura, refrigerio, bem estar quasi. Volto para a villa e torno a mergulhar a vista no panorama magnifico que se disfructa do alto do Calvario. Evora na raiz do horisonte, é uma mancha que mal se distingue. As povoações disseminadas pela campina, affogam-se lentamente na penumbra do crepusculo. Respiro con ancia uma lufada de norte que passa por mim, como um sopro de vida. E o passeio ás eiras terminou...

ADELINO MENDES

Os capellães militares

Escreve o sr. conego Moita, na *Ordem*:

Não é possivel.—E' mister que o governo, ao abrir agora o parlamento resolva este grave problema de assegurar aos soldados a respectiva assistencia religiosa, de maneira analoga áquella por que o resolveram os paizes alliados.

Consta-nos que, muito embora o governo não nomeie capellães para o exercito, o sr. conego Moita e outros sacerdotes estão dispostos a iniciar um movimento no sentido de obter auctorisação para que capellães voluntarios sigam as tropas, á custa dos catholicos, cuja generosidade não faltará n'esta solemne occasião.

Parece que o sr. conego Moita é dos primeiros a offerecer-se como capellão voluntario e que a *Ordem*, dentro em breves dias, abrirá, não só uma inscripção de sacerdotes, livres do serviço militar, que se dispõem a acompanhar as tropas, mas tambem uma subscripção para se recolherem fundos destinados a cobrir as despesas.

A *Liberdade* e outros periodicos secundarão os esforços da *Ordem*.

Entre os catholicos, assegura-se que o movimento, embora se inicie muito tarde, demonstrará, no entanto, a enorme vitalidade da fé catholica em Portugal e como um grande numero de sacerdotes está resolvido a todos os sacrificios em bem das almas e para honra dos seus creditos de patriotas...

Instrucção Militar Preparatoria

As provas finaes da Sociedade n.º 2

No campo do Sport Lisboa e Bemfica, em Sete Rios, effectuaram esta tarde as provas finaes, cerca de 200 alumnos da Sociedade n.º 2.

A's 16 horas estava representada a repartição da I. M. P. da secretaria da guerra pelo sr. major Ferraz e a inspecção de infantaria pelo sr. tenente coronel Quirino Pacheco.

O sr. ministro do interior fez-se representar pelo sr. tenente Narciso de Sousa.

Nas tribunas era numerosa a assistencia, que com o maior interesse acompanhava a sequencia dos exercicios, que se iniciaram após a continencia á bandeira.

Depois da continencia, executou-se a marcha em revista, na qual os alumnos formaram 8 pelotões, que desfilaram com um garbo e enthusiasmo de soldados aguerridos, sob o commando do sr. capitão Lourenço d'Almeida.

Os exercicios de gymnastica sueca em conjuncto foram executados primorosamente á voz do sr. alferes miliciano Ribeiro, que é tambem instructor da sociedade n.º 15 e que sabe impulsionar a execução dos exercicios com um «entrain» admiravel.

Seguiram-se os exercicios da escola de pelotão, sem armas, em que as secções manobraram correctamente.

No exercicio de lançamento de peso ganhou o premio o alumno n.º 1 Julio Rocha; nos saltos em comprimento ganhou o 1.º premio o alumno Floriano Bigodes.

Seguiram-se os exercicios de maqueiros e signaleiros, as corridas de velocidade de 100 metros, lucta de tracção, terminando as provas sportivas por um desafio de «foot-ball» entre o «team» da Sociedade e o do grupo Sport Cruz Quebrada.

Durante o exercicio, a banda de infantaria 2 executou alguns trechos do seu repertoio.

As provas finaes da Sociedade n.º 4

No campo de jogos do lyceu Pedro Nunes realisaram-se esta tarde as provas finaes da Sociedade n.º 4, com a assistencia do inspector de infantaria sr. coronel Verissimo d'Almeida.

Os resultados foram os seguintes:

Corrida de bicycletes, 1.000 metros, ganhou o 1.º premio o alistado n.º 110, o 2.º o n.º 406, o 3.º o n.º 415.

Corridas pedestres de 100 metros: 1.º premio, n.º 105; 2.º, 455.

Corrida de resistencia, 1.500 metros: 1.º premio, n.º 384; 2.º, n.º 142.

Box, vencedor o alistado Marques.

Corridas de estafetas: ganhou o grupo composto dos alistados n.os 29, 294 e 36.

Saltos em altura: n.º 29, 1,40; n.º 36, 1,35.

Saltos em comprimento: n.º 29, 4,75; n.º 115, 4,20.

Lucta de tracção: ganhou o grupo composto dos alistados n.os 79, 277, 209, 25, 485, 236 e 210.

BRUXOS, MAGOS, NIGROMANTES

Nas minhas memorias e para avolumar o inquerito de Hermano Neves

Das sessões de espiritismo a um monstruoso crime

...N'uma madrugada pallida e transparente de primavera, dias depois de eu chegar ao Rio de Janeiro, o director do jornal onde eu trabalhava, chamava-me inesperadamente ao seu gabinete e dizia-me á queima-roupa:

—E' preciso que parta immediatamente para Nictheroy. Acaba de se commetter ali um crime sensacional e conto comsigo para a noticia...

Era uma ordem secca, fria, terminante que não permittia sequer uma replica. E todavia confesso que a espectativa de ir percorrer á aventura uma terra que mal conhecia e de ir tentar um genero de reportagem em que não estava absolutamente treinada, não me podia de modo algum seduzir nem sorrir. Não era possivel, porém, desistir. O jornal contava commigo e necessario se tornava eu corresponder á sua confiança para consolidar no quadro dos reporters o meu modesto logar.

Feito rapidamente este raciocinio, saltei para um «taxi» que, em poucos segundos, me deixava no Caes Pharoux, onde devia esperar a barca que me levasse ao outro lado da bahia, onde a pequena cidade e capital do Estado do Rio ostenta a sua belleza aristocratica e garrida. A manhã abria-se em ondas de luz de um oiro suave como a corolla de um crysanthemo. As aguas da bahia, ligeiramente estremecidas por um sopro doce de viração, desdobravam-se em pequenos sulcos scintillantes como lascas de esmeraldas.

Esqueço toda a má impressão que ha pouco ainda feria o meu espirito. A minha alma, embevecida, abraça todo aquelle scenario de côr, de vida, de deslumbramento que a travessia do Guanabara proporciona. A barca, de linhas simples e airosas, deslisa mansamente, como uma gondola nos canaes de Veneza. Dir-se-hia que aquella jornada é um vôo, um sonho...

Nictheroy já apparece com a sua casaria bizarramente colorida, com o arco gracioso do seu caes, lembrando a entrada de um templo. Havia ido a Nictheroy apenas uma vez: para entrevistar o dr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica do Brazil. Mas era á noite e o espectaculo que gosára então fôra muito differente.

Um estremecimento brusco, um movimento desusado... e a barca atraca. Posso ainda lançar os olhos extasiados para os pequenos «chalets» rendilhados que dormitam á beira da praia, para as ruas rasgadas e lavadas que cortam a cidade em toda a direcção para os jardins engrinaldados de fetos de rosas e de gardenias, mas... depois, de tudo isso me despeço com tristeza e com saudade e passo a ser o reporter do crime sensacional d'aquella noite.

* * *

—Quem fôra o assassino?

—João Barreto, redactor da camara dos deputados, poeta de alta inspiração, auctor dos «Ceus e Selvas», livro que marcava um nome e um successo na moderna geração de escriptores brazileiros.

—Quem fôra a victima?

—A esposa de João Barreto, D. Annita Levy, uma das mais formosas senhoras da sociedade do Rio de Janeiro, pertencente a uma familia judaica muito conhecida e considerada.

Era tudo quanto conseguia saber logo ao desembarcar. Todas as outras minhas perguntas ficavam sem resposta, embora fossem acompanhadas sempre de um côro de exclamações de pesar e de indignação levantado pela multidão de populares que me cercava. Annita Levy tinha incontestavelmente uma atmosphera de ternura n'aquella gente simples e bôa. Casára havia dois annos—tinha então 17—e a sua silhueta delicada, ondulante, gentil como a haste de uma roseira, passeava nas avenidas formosas de Nictheroy, deixando um rastro de admiração. Mas, em toda a parte, e talvez mais accentuadamente no Brazil, a formosura não é a unica nem a principal condição para uma mulher se engrandecer e se divinisar. E' a rectidão serena do seu caracter, a expressão olympica da sua virtude que a levanta e a superiorisa no conceito geral. Annita Levy para ser assim querida era porque indiscutivelmente devia ser honesta, muito honesta mesmo... Pode falhar uma observação sobre uma psycologia individual; porém, não falhará nunca uma que se estenda á psycologia das multidões.

Effectivamente, todos falavam pela mesma bocca e sentiam pelo mesmo coração. Nunca a calumnia se lembrára de roçar nem ao de leve a reputação da esposa de João Barreto.

Mas aquelle assassinio? Aquelle scenario de sangue desenrolado pela calada da noite, sem testemunhas e sómente confirmado pelo depoimento do proprio assassino e pela brutalidade em si do facto?

E n'aquella manhã, cheia de galas de oiro do sol eu tive a sensação de que em volta de mim se apertava um circulo de trevas de que não mais poderia sahir.

Foi assim que caminhei quasi automaticamente para a linda casa á beira mar que habitava João Barreto e onde se havia perpetrado o monstruoso crime. Transpuz o seu gradeamento nikelado que fechava a area de um pequeno jardim verdejante e carinhosamente tratado e... entrei pallida e fria, como se a algidez do espectaculo da morte que ia presencear, já me tivesse tocado.

Era o primeiro crime que eu ia reportar e as circumstancias tragicas, pavorosas de que se rodeava, não podiam deixar de me produzir a mais profunda emoção. Entrei... O scenario não podia ser na verdade mais emocionante. E' uma sala de jantar mobiliada luxuosamente. Todo aquelle mobiliario, porém, parece partilhar n'aquelle momento a atmosphera de sangue que ali se respira. A um canto mal coberta com uma camisa de cassa delicada, manchada de sangue, está ainda a victima, esperando que se acabem de colher elementos para o corpo de delicto. N'aquelle cadaver frio, inerte, que cabellos de reflexo de oiro, empastados de sangue tambem, pudicamente cobrem, consigo ainda admirar uma das formosuras mais impeccaveis e impressionantes que teem passado ante os meus olhos. Tem as mãos crispadas, horrivelmente torcidas, dolorosamente apertadas... Todo o drama de surpreza, de dôr, de brutalidade d'aquella noite, se lêem na attitude afflictiva d'essas mãos que deviam ser esguias, bellas, helenicas, como as que Vinci reproduz nas suas telas. Como se commettera o crime? João Barreto batera quasi de madrugada á porta. A esposa erguera-se do leito e fôra abrir e logo viu o revolver que lhe apontava. Calcula rapidamente o perigo e recua sempre perseguida pelo assassino, até chegar áquelle canto da sala de onde não poude mais sahir.

E qual fôra o motivo d'esse monstruoso crime?

... Eu sahi d'ali com os nervos magoados, cançados, profundamente commovida e, cá fóra em volta de mim, as mesmas trevas n'essa manhã gloriosa de primavera: o mais completo enygma, o mais cerrado mysterio na minha estreia como reporter de crime.

* * *

João Barreto, depois do assassinio, fôra a casa de um seu tio, o academico Silvio Romero, para o communicar e, em seguida, desapparecia na escuridão da noite, não se sabendo qual o destino que havia seguido. Por largos mezes a policia e a reportagem—que no Rio de Janeiro é intelligentissima e habilissima, devendo-se-lhe «golpes» cheios de astucia e de talento—se empenharam em saber o paradeiro do assassino. Affirmava-se que estava refugiado em uma fazenda nos arredores do Rio, mas esta affirmação era tão vaga, tão nebulosa que o mesmo manto de mysterio a continuava a cobrir.

Finalmente, decorridos que são uns dez mezes, João Barreto apresenta-se expontaneamente ás auctoridades para fazer a defeza do seu crime. E' uma sombra fluctuante do que foi... O seu olhar negro e profundo, que irradiava chammas, são dois tumulos. Deixou crescer a barba e o seu rosto livido e descarnado parece não pertencer já á vida terrena. Quando se apresenta ás auctoridades veste de negro e as suas mãos nervosas e febris estendem-lhes um caderno de papel, onde está escripta a tragedia d'aquella horrivel noite de primavera.

Começa por exaltar as qualidades da esposa por fazer côro com as homenagens que se levantam á sua honestidade, á sua immaculada virtude. Confessa o crime, mas affirma tel-o praticado fóra da sua acção consciente. Dera-se por ultimo a frequentar sessões de espiritismo, todo aquelle meio o cegava e o desvairava. Sahia d'essas sessões sob um estado hypnotico, pensando differentemente do que em si era normal, do que formava a sua consciencia, a sua vontade, a sua individualidade.

Fôra assim que se tornára criminoso. Quando despertou já era tarde... Tinha na sua frente o cadaver de uma mulher honesta e bôa, linda e carinhosa, que havia amado apaixonadamente e que não sabia por que tinha matado...

VIRGINIA QUARESMA.

ULTIMAS NOTICIAS

ASSEMBLEIAS PARTIDARIAS

Congresso da União Republicana

Discute-se a attitude do partido perante a guerra—O que diz o sr. dr. Brito Camacho

Cerca da uma hora e meia, o sr. Forbes Bessa annuncia o começo dos trabalhos, propondo para lhes presidir o sr. Aresta Branco. A assembleia acolhe com manifestações de enthusiasmo a indicação do nome d'aquelle marechal do unionismo. O sr. Aresta Branco agradecendo essas manifestações, pede que no exercicio das suas funcções, lhe não tomem a mal se as circumstancias o obrigarem a restringir o uso da palavra aos oradores, dada a escassez do tempo para serem versados todos os assumptos marcados para ordem do dia.

O sr. José Barbosa convida, em nome do Directorio, para secretariar os srs. José da Costa Carreiro, do Algarve, dr. Ferreira Coelho, de Beja, Affonso Miranda, de Braga e Virgilio José, de Vianna do Castello. Na ausencia do sr. dr. Ferreira Coelho, foi este substituido pelo sr. dr. Arnaldo Sacadura, da Guarda.

Começa-se pela leitura da proposta do sr. Jacintho Nunes, apresentada na sessão inaugural, sobre diversas duvidas de caracter constitucional. O persidente declara desde logo que a discussão d'esse assumpto, não occupará a assembleia mais d'uma hora. Falla em primeiro logar o sr. Jacintho Nunes que faz a pergunta: deve a lei de separação ser profundamente modificada, approximando-a do direito commum? Sobre as varias interrogações formuladas pelo velho republicano, falla o sr. José Barbosa, que inicia as suas considerações sobre as duvidas relativas á capacidade eleitoral do cidadão portuguez. Votou, como deputado, a lei eleitoral mas reconhece que as suas disposições, contrariam, de facto, as determinações da Constituição e por isso entende que o partido unionista deve reclamar o suffragio universal.

O sr. Forbes Bessa pergunta se o voto se torna extensivo ás mulheres. O facto não lhe repugna, mas deseja simplesmente ser elucidado. O sr. Jacintho Nunes esclarece. Apresentou no parlamento um projecto que, de facto, incluia as mulheres, mas, de momento, não tem duvida em acceitar a excepção. O sr. João de Menezes declara entender que o voto deve ser dado a todos os cidadãos maiores de 21 annos, tanto mais que presentemente se não exige saber lêr para que todos os portuguezes offereçam á Patria os maiores sacrificios, como é o da sua vida. O sr. Moreira Pinto clamou hontem «poenitet peccata» por ter votado a restricção de voto. Está hoje convencido que essa restricção não é necessaria á defeza do regimen, nada valendo a classe lettrada que parece apenas saber ler as noticias de vacaturas de logares publicos, para se atirar a elles com furia espantosa, pouco se importando com os interesses vitaes da nação. N'essa conformidade, entende que tendo falhado os alphabetos se recorra os analphabetos. Termina propondo que o congresso incumba o directorio da parte de estudar os pontos duvidosos apresentados pelo sr. Jacintho Nunes.

O sr. José Barbosa, em nome do directorio declara acceitar gostosamente o encargo, desejando apenas que o congresso desde já affirme a sua concordancia com os principios indicados na referida proposta. A assembleia manifesta-se favoravelmente ao additamento proposto pelo sr. José Barbosa. O orador, continuando no uso da palavra, diz que se torna necessario á União Republicana fazer affirmações sobre os restantes pontos. Quer no parlamento, quer na imprensa, tem affirmado claramente a sua opinião.

O sr. José Barbosa conclue por fazer considerações sobre a censura previa.

A assembleia vota por acclamação a attitude do partido em face da censura.

O sr. Francisco José da Silva propõe que todos os actos praticados pelo directorio sejam approvados por acclamação.

Discute-se por ultimo o additamenot do sr. Jacintho Nunes á sua proposta o qual se refere á lei da separação. Falla o sr. Alexandre de Barros, em primeiro logar, affirmando que essa lei não foi sufficientemente estud. no parlamento, tendo-se tornado na pratica, um sentimento de perseguição. O sr. Moura Pinto affirma ser o partido unionista o unico que póde tratar da questão religiosa, sendo, como é, aquelle que revela menos facciosismo.

Conclue propondo que o congresso habilite o directorio com uma moção de confiança, pela qual elle possa offerecer aos catholicos a maxima tolerancia. Acceito por acclamação.

* * *

Ao entrar na segunda parte da ordem do dia, o sr. Aresta Barnco, annuncia ao congresso que uma commissão composta dos srs. general Encarnação Ribeiro, deputado Sousa e senador Azevedo Gomes, tinham-se desempenhado da missão d'esta assembleia, communicando ao chefe do Estado o voto ali formulado, na sessão anterior. O sr. presidente transmitte egualmente ao congresso as expressões do sr. presidente da Republica para com a gentileza da assembleia.

Os secretarios são substituidos pelos srs. Alho Rogado, de Beja, Francisco Germano de Moura Borges, de Castello Branco, Manuel Marques da Cunha, de Villa Real, e Carlos da Costa Pinto, de Portalegre. Entretanto, a sessão, é suspensa por dez minutos. Reabre, sob a presidencia do coronel Abel Hypolito, sob proposta do sr. Aresta Branco. Agradecendo a manifestação, o novo presidente affirma que como portuguez, como official do exercito, como commandante de artilharia da divisão, que certamente irá bater-se junto dos alliados, se sente bem n'aquelle logar.

O sr. Alexandre de Barros apresenta uma moção d'ordem, contra o possivel addiamento da eleição dos corpos administrativos sob pretexto da situação da guerra. O sr. José Barbosa, como secretario do directorio, declara acceitar essa moção. O sr. Aboim Inglez occupa-se da crise economica que Portugal n'este momento atravessa, crise que teria sido muito attenuada se outra fosse a gerencia dos negocios publicos.

O sr. dr. Ferreira de Mira, em nome das commissões politicas, apresenta uma proposta atendente a alterar disposições do estatuto porque se rege a União. O sr. Ludovico de Menezes faz considerações sobre a vantagem na approvação d'essa proposta. O sr. José Barbosa propõe que uma commissão nomeada pelo directorio se incumba de fazer as alterações necessarias ao estatuto politico. O sr. David da Silva apresenta uma moção de solidariedade para com o chefe politico, protestando contra os aggravos que lhe teem sido dirigidos pela sua conducta partidaria e outra de censura ao governo por não ter tomado as providencias precisas para evitar ou pelo menos attenuar a crise das subsistencias.

Estava concluida a segunda parte dos trabalhos da sessão, sendo convidado para presidir á seguinte o sr. Silvestre Falcão, que é recebido com vibrantes acclamações.

* * *

Substituem-se de novo os secretarios, sendo chamados a occupar esses logares os srs. Ribeiro d'Almeida, de Aveiro, Julio Mourão, do Porto, Germano Arnaud Furtado, de S. Miguel, dr. Fructuoso da Silva, de Faro.

Falla o sr. Rodrigues Acabado, de Moura, que se occupa largamente da situação actual, affirma que se tem feito uma propaganda em termos que se não compadecem com o nosso verdadeiro valimento. Entende que a União Republicana, só tem um caminho a seguir n'esta conjunctura: manter-se na sua attitude.

O sr. David da Silva apresenta uma moção de confiança ao directorio para orientar a sua conducta, em relação ao actual momento.

N'esta altura fala o sr. Brito Camacho. Como a sessão vae longa, promette não ser extenso, tanto mais que na vespera tivera occasião de versar devidamente varios assumptos. Voltando a fallar na existencia do governo Pimenta de Castro, affirma ter-se perdido a melhor occasião, talvez a unica, de se estabelecer uma situação de equilibrio nacional sob o ponto de vista politico. Não se chegou a esse resultado por inhabilidade d'esse governo e pela illusão dos monarchicos, suppondo ser facil fazer uma restauração, atravez d'um ministerio republicano.

Essa funcção equilibradora, que os partidos politicos deviam exercer no paiz, não a preconisou sómente depois de implantada a Republica. Defendeu-a em tempos distantes, quando julgára necessaria a organisação d'um partido socialista, que, no tempo da monarchia, auxiliaria a marcha da Republica e, na Republica, elle constituisse um elemento que obrigasse a instituição a ser uma verdadeira Republica.

Sobre qual deva ser a attitude da União republicana, emquanto durar o estado de guerra, thema a versar n'esta parte da ordem do dia, declara que o directorio já deu uma resposta, não tendo tempo material para se munir do voto do Congresso. Essa attitude é conhecida. Ao partido não póde ser attribuida a responsabilidade da situação. Comprehende, porém, que não é legitimo eximir-se a cooperar no governo, desde que se organise um governo verdadeiramente nacional. Todos por todos. Se, por acaso, as circumstancias levassem á destituição do actual governo, a União Republicana não tem duvida alguma em assumir o poder, mas só. N'essa hora não procuraria Cyrineu que o ajudasse na tarefa.

Qual será o tempo que reclama a situação actual? Não o sabemos. Mas é de presumir que os alliados necessitam ainda muito tempo para que se modifique essa situação.

Occupa-se da situação economica, affirmando que tudo se tem feito ao acaso. Por isso não sabe o que será de Portugal, feita a paz, com as difficuldades financeiras e os nossos parcos recursos.

Já era tempo de saber o que motivou as primeiras expedições á Africa, quanto custaram e o que d'ahi nos adveiu. Se a União Republicana tivesse sido governo ter-se-hiam evitado muitas circumstancias que hoje pesam sobre a nacionalidade. Não teria consentido que a União Sul Africana tivesse tomado a colonia allemã do Occidente africano, sem o concurso dos portuguezes, cujos limites com essa colonia estavam indicando essa nossa participação. Esse nosso concurso, que seria valioso para os alliados talvez nos dispensasse de o dar na Europa. E dirá, talvez, propositadamente, porque é tão criminoso falar em paz n'um paiz, cujas circumstancias o põem em condições de ter de ir para a guerra, como falar em guerra n'um paiz que póde viver em paz. Se a União tivesse sido governo cumpriria honradamente os seus deveres para com a Inglaterra. Assim o affirmou n'uma entrevista realisada com um jornalista estrangeiro. Respeitando os tratados, não recusaria nenhum auxilio á nossa alliada, dentro das nossas forças. Mas teria ponderado sempre quaes os nossos recursos economicos, a nossa quasi miseria e nenhuma preparação. Mas, não offereceria nada...

O sr. dr. Brito Camacho lê artigos da «Lucta», provando que não foi só n'esse jornal que se fez a campanha dos «adhesivos». O orador occupa-se ainda da situação economica do paiz, lendo um artigo publicado em 1912, em que preconisára a realisação d'um emprestimo de liquidação, valorisando com elle as riquezas inexploradas do solo patrio.

Sobre o thema proposto para a reunião de hoje, disse o que julgou necessario e conveniente dizer. O Congresso dirá se foi boa a obra realisada e se lhe merece confiança o organismo que a realisou.

Affirma que a União Republicana nunca entrou em conspirações revolucionarias, nunca teve ao seu serviço os sicarios baratos que apunhalam pelas costas ou pela frente.

A União Republicana não acceitará o poder como favor de ninguem. Se a sua acção governativa não é precisa, o paiz ficará privado d'ella. Mas, se ella se tornar necessaria, chegará o momento, atravez de todas as vicissitudes, de realisar no poder os seus compromissos.

O orador é muito applaudido.

Fala a seguir o sr. Alexandre de Barros, que apresenta uma moção no sentido da União Republicana só formar governo, quando a isso convidada, com elementos do seu partido, a não ser que se trate da organisação d'um gabinete retintamente nacional.

E' approvada por acclamação.

O sr. José Barbosa, em nome do directorio, agradece as manifestações feitas a esse corpo dirigente, propondo um voto de louvor, que é approvado, á commissão organisadora do Congresso.

O sr. Balduino Seabra lembra que se faça a mais vasta divulgação de todas as affirmações feitas no Congresso.

O sr. Affonso Miranda exprime o seu contentamento pela fórma como o Congresso decorreu e propõe uma saudação á imprensa unionista, destacando os nomes dos srs. Brito Camacho, José Barbosa e Mattos Cid.

O sr. presidente encerra a sessão erguendo vivas á Patria, á Republica e á União Republicana que são calorosamente correspondidos.

A grande guerra

As operações nos Balkans

SALONICA, 19.—A leste de Kavala os bulgaros transpuzeram o Nestos com fracas forças, levando as suas patrulhas em direcção de Kavala na região do Struma. O inimigo occupou os fortes gregos de Lifestorka. Na margem esquerda alguns elementos avançaram até ás proximidades do rio. A oeste do Struma os ataques bulgaros sobre Boroj e Knita foram detidos. Proximo do lago Doiran os inglezes repelliram um ataque bulgaro sobre Totjeli. Na margem occidental do Vardar houve vivo canhoneio. Na região ao sul de Monastir prosegue o combate nas proximidades de Barnica, entre os elementos da guarda avançada dos servios e as forças bulgaras que desembocam de Florina.—(Havas).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 20.—Communicado official das 15 horas.—Na linha do Somme noite calma. Na margem direita do Mosa os allemães manifestaram de noite grande actividade. Depois de intenso bombardeamento, que durou algumas horas, tentaram por varias vezes retomar Fleury, mas todos os ataques foram inutilisados; soffrendo elles perdas elevadas e sendo-lhes feitos alguns prisioneiros. Outro ataque allemão a noroeste da fortificação de Thiaumont foi detido pelos nossos tiros de enfiada. Na Lorena uma manobra dos allemães contra o pequeno posto de Debo foi facilmente repellida.—(Havas).

Os socialistas continuam a ser perseguidos na Allemanha

PARIS, 20.—Confirma-se a noticia da prisão do deputado Mehring, redactor em chefe da «Gazeta Popular de Leipzig». O deputado vae ser internado em nome da segurança da defeza nacional.

A prisão de Mehring causou grande descontentamento entre os socialistas, muitos dos quaes continuam a ser presos em toda a Allemanha.—(Americana).

A attitude dos jornaes allemães

PARIS, 20.—Os jornaes allemães dizem, com a maior das insolencias, que matarão tantos Fryatts quantos puderem apanhar e que, se as relações com a nação ingleza se não restabelecerem, o facto provirá da resolução da Allemanha «boycottar» a perfida Inglaterra.—(Americana).

A favor da Cruzada das Mulheres Portuguezas

RIO DE JANEIRO, 20.—A grande commissão portugueza «Pró Patria» organisou um «comité» de senhoras, que vãe promover uma serie de festas, a favor da Cruzada das Mulheres Portuguezas.—(Americana).

O Brazil e a Italia

RIO DE JANEIRO, 20.—A Liga Brazileira a favor dos Alliados telegraphou ao governo italiano, fazendo votos pela proxima libertação das provincias irridentas.—(Americana).

Sob o titulo «A assistencia a menores na guerra actual» publicou o sr. João Rosa, empregado superior da Assistencia Publica, um opusculo em que versa o problema do auxilio a prestar aos que ficarem desamparados devido á guerra actual. E um estudo que se nos afigura importante a solução que o sr. João Rosa preconisa muito acceitavel.

Um voluntario de 76 annos no exercito francez

A folha official franceza já falou d'este valente voluntario de 76 annos, Charles Surugue, que se alistou na engenharia o anno passado, tendo dado tão magnificas provas de dedicação que merece as mais bellas citações. Já condecorado com a Cruz de guerra, Surugue fôra feito cavalleiro da Legião d'Honra em 1890, a titulo civil naturalmente. Por proposta do general Roques, ministro da guerra, o presidente Poincaré acaba de assignar o decreto que admitte o velho sargento entre os pensionistas da Legião d'Honra.

Eis em que termos elogiosos são definidos os titulos de Charles Surugue, sargento do sexto regimento de engenharia:

«Antigo combatente de 1870, alistado voluntariamente na edade de 76 annos e na frente desde junho de 1915, tomou corajosamente parte em todos os difficeis e perigosos trabalhos executados de dia e de noite pela sua companhia. Declinando todos os offerecimentos de emprego em relação com a sua grande edade, solicitou constantemente a honra de occupar os postos mais arriscados, dando assim um magnifico exemplo de vigor physico, de energia e de patriotismo.»

Presidencia da Republica

O Congresso da União Republicana nomeou uma commissão composta dos srs. general Encarnação Ribeiro e officiaes de marinha Azevedo Gomes e Sousa Dias para apresentar as saudações do congresso ao sr. presidente da Republica.

Recebidos os commissionados, o sr. dr. Bernardino Machado agradeceu os cumprimentos, significando o apreço em que tinha tal manifestação.

Tambem o chefe do Estado recebeu hoje o sr. ministro do fomento, com quem ainda não estivera desde que o sr. Fernandes Costa regressára da Figueira da Foz.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

No cemiterio

Altas horas, o marmore nevado
Das velhas sepulturas esquecidas,
Toma formas fantasticas, doridas,
Em que o luar se alastra, macerado.

O vento, como um doido abandonado,
Soluça nas ramagens estendidas,
E as rosas brancas tombam, doloridas,
Sobre o triste caminho desolado.

Ao fundo um bronzeo Christo silencioso
Pende da cruz, immovel, mysterioso,
Os grandes olhos, humidos, celestes...

E a lua, a eterna virgem macilenta,
Põe um lençol de luz amarellenta,
No verde escuro dos finaes cipprestes.

Eduardo Coimbra.

CASAMENTOS

Realisou-se hontem em Setubal o casamento da sr.ª D. Margarida de Moraes Sarmento, cunhada do sr. Gabriel G. G. Guimarães, com o sr. José do Nascimento e Silva.

Entre os convivas vimos as sr.as D. Laura Simas, D. Julia de Moraes Sarmento, D. Ermelinda de Moraes Sarmento Guimarães, D. Sophia Cança Sarmento, D. Maria Gertrudes de Moraes Sarmento e os srs. capitão Mello e Simas e José do Nascimento.

Finda a cerimonia foi servido em casa dos noivos um delicado «lunch».

—Hontem, com grande pompa, realisou-se na parochial egreja de S. Domingos o casamento da sr.ª D. Maria Dagmar Amado da Cunha Seixas, gentil filha da sr.ª D. Lourenciana Amelia Amado da Cunha Seixas e do sr. João Victor da Cunha Seixas, já fallecido, com o sr. Armando Helder Reixa de Mendonça da Costa Neves.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Sophia Adelaide Reixa de Mendonça da Costa Neves e D. Esther do Carmo Pereira da Cunha Seixas e de padrinhos os srs. Victor Eugenio Amado da Cunha Seixas e Augusto Maria da Costa Neves.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residencia dos noivos um finissimo «lunch».

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Os noivos partiram para as suas propriedades no norte, onde vão passar a lua de mel.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as senhoras:

Viscondessas de Valongo e Villa Nova de Ourem, D. Maria Emilia Infante da Camara de Trigueiros de Martel, D. Sarah Roquette Soares de Albergaria, D. Otilia Pinto Leite de Bessa, D. Maria Alexandrina de Lima Oom, D. Maria Ferreira Pinto Castro e D. Laura Ramos.

E os srs.:

Francisco Xavier de Sousa, Julio Candido Furtado d'Antas e João d'Alpoim Agorreta.

NAS PEDRAS SALGADAS

A temporada nas Pedras Salgadas continua decorrendo animadissima; na quinta feira passada realisou-se no lago uma explendida festa nocturna, sendo os barcos illuminados a balões venezianos. Seguiu-se uma primorosa ceia, offerecida pela sr.ª D. Maria Rodrigues. Antes da ceia, houve descantes á guitarra e côros populares.

A companhia do Gymnasio, á frente da qual se encontram os distinctos actores Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, deu no casino tres espectaculos, com enorme concorrencia, representando as peças «Commissario de Policia», «Senhor Roubado» e «Pae do Regimento».

Entre outros ultimamente ahi chegados, vimos os srs.:

Dr. Gomes Teixeira, esposa e filha, Luiz Terra Vianna, dr. Antonio Mourão e familia, Antonio Francisco Nogueira, esposa e filho, baroneza de Fragozelha e filha, dr. D. Vicente da Camara (Ribeira Grande) e esposa D. Maria Ignez de Sedbra Zarco da Camara (Ribeira Grande), viscondessa da Abrigada, Alfredo Moraes Pinto, o eminente actor Eduardo Brazão, esposa e filho, dr. Godinho de Faria, Antonio da Costa, etc.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou do norte o sr. conde de Almendra.

—Encontra-se em Vichy o sr. dr. Macario de Castro.

—Com sua mãe encontra-se já em Cascaes o sr. Carlos Figueira.

—Regressou hoje a Lisboa, vindo da estancia do Seixoso, onde foi acompanhar suas gentis irmãs D. Maria e D. Fernanda, o sr. D. João Affonso de Lencastre (Louzã).

—Parte brevemente para o seu chalet em Parede com suas gentis filhas D. Maria Innocencia, D. Eliziaria, D. Fernanda, D. Joanna e D. Stella, a sr.ª D. Maria Isabel de Lencastre Sobreiro Fiuza.

—Encontram-se no Bussaco o sr. Alfredo Mendes da Silva, sua esposa e filho.

—Com sua esposa a sr.ª D. Alda de Sousa e Vasconcellos Alves e sua gentil filha D. Maria Luiza, encontra-se em Cascaes o sr. Julio Alves.

—Partem em breve para Cascaes as sr.as D. Violante e D. Carlota Carvalhal de França.

—Partiu hoje para a praia da Granja o sr. conde de Paraty, seguindo depois para o norte.

—Da Figueira da Foz seguiram para o Luzo o sr. José Bernardes Rosa e sua esposa a sr.ª D. Fernanda Enygdio da Silva Bastos Rosa.

—Com seus filhos partiu para a sua quinta da Malaposta, na Mealhada, a sr.ª D. Maria da Conceição de Mello Ferreira da Nobrega Araujo, esposa do sr. dr. João da Nobrega Araujo.

—De Entre-os-Rios regressaram o sr. Antonio Elyseu de Lacerda de Macede (S. Cosme) e sua esposa.

—Segue amanhã para o Funchal o nosso presado amigo sr. João Candido Canal, director da «The Madeira Supply C.º».

LUTUOS

Victimada por uma enterite e meningite falleceu hoje a menina Halia Marques Ferreira, filha do sr. Manuel Caetano Ferreira, escrivão-ajudante do 3.º juizo de investigação criminal, realisando-se o funeral amanhã, ás 17 horas, sahindo o prestito da rua da Bella Vista, á Graça, 98, 1.º, para o cemiterio oriental.

Notas de arte

Modelação em cobre

Embora a modelação em cobre já fosse demonstrada em capitulo anterior, vou hoje, satisfazendo o desejo manifestado por algumas leitoras, ampliar os meus conselhos sobre o trabalho do cobre.

Acontece ás vezes que um bocado d'este metal, por ter sido modelado em demasia, torna-se duro, rompendo facilmente, não sendo possivel continuar a sua execução, sobretudo quando se deseja obter um forte relevo.

Remedeia-se este mal, fazendo «recozer» o cobre.

Eis como se procede: Pega-se na placa do metal com uma pinça, passando-a muito lentamente sobre a chamma d'uma lampada d'alcool ou d'um fornilho do gaz, até ficar completamente rubra.

Mergulha-se então n'um recipiente contendo agua fria addicionada d'um pouco de acido sulphurico.

Nunca se deita agua n'um frasco d'este acido, porque produz explosão.

Em seguida, enxuga-se com muito cuidado a placa que volta a ter a maleabilidade primitiva.

Já tive occasião de vêr com verdadeiro prazer os resultados obtidos em trabalhos executados com as indicações aqui dadas, mas alguns peccam necessariamente, por falta de mais amplas demonstrações.

E' por isso que peço a quem desejar uma explicação mais concreta, a franqueza de expôr as suas duvidas, que eu, com muito gosto, procurarei esclarecer n'estas columnas.

Não é necessario trabalhar o cobre em demasia e ás vezes por querer fazer bem de mais, faz-se asneira ou, pelo menos, um acabamento sem arte.

E' preferivel um traço artistico a um aperfeiçoamento «gauche», sem graça.

Vale mais um «flou» harmonioso do que uma perfeição «raide» com traços duros.

O cobre, quando é modelado pelo avêsso, com o ferro de bola, deve ser feito d'uma só vez para evitar rasgar este metal que não é tão ductil como o estanho e cede nos sitios dos traços.

"Patines" do cobre

Para bem «patiner» o cobre é indispensavel passal-o com acido chlorydrico primeiro, o que se obtem deitando na agua um terço d'este acido e empregal-o com um pincel duro ou com um panno.

Limpa-se logo em seguida e dá-se a «patine» com uma flanella, esfregando muito para atacar bem o metal.

Se empregarmos a «Patine verte», deixaremos seccar um instante até apparecer um tom verde e sem deitar mais «patine» continúa-se a esfregar para tirar este verde dos relêvos, deixando-o apenas no modelado e nos fundos.

Se o trabalho fôr bem executado, obtem-se um tom perfeitamente liso e d'um lindo colorido.

Para a «Patine brune» sobre cobre amarello emprega-se o mesmo processo, mas quando se consegue o tom, esfregam-se os relêvos com pasta «Amor» ou com «Solarina».

A unica dificuldade é saber parar o trabalho a tempo.

Para o cobre encarnado, pode-se «patiner» com «verde», como demonstrei, ou com «patine» negro ardosia.

Esta «patine» obtem-se depois da applicação do acido chlorydrico e applicando-a com um terço de agua, esfregando com força.

Limpa-se com uma flanella e com solarina.

Luiza de Sousa

Consultorio de Arte

M. F.—Para a decoração das cadeiras que indica acho as fructas pesadas de mais, por necessitarem grandes relevos. Aconselho antes ornatos e chimeras. Quanto maior fôr o relevo mais depressa se estragará.

O estylo Henrique II exige tons mais escuros.

Posso fornecer-lhe modelos para as cadeiras, como pede, mas são necessarias as medidas certas.

Madame A. D... Horta.—Para obter o tom de marfim sobre o couro branco, dá-se-lhe uma camada com pyrolignito de ferro com bastante agua, em seguida passa-se o descorante acido chlorydrico, dando uma demão de encollagem. Deixar seccar e passar sobre o couro uma lêve tinta com sepia, que se limpa immediatamente com uma esponja limpa.

Maria Rosa—Os dois volumes da «Arte Feminina», contendo todos os trabalhos modernos, custam 1$200 réis cada, fóra portes.

Muguette. Não interrompo os meus cursos, embora saia de Lisboa, vindo dois dias na semana ao meu «Studio». Para tratar é melhor procurar-me este mez, mas combinando comigo pelo telephone norte 267, o dia e hora em que a poderei attender por não opuder fixar com antecedencia, devido aos muitos affazeres e pedidos de consultas.

Assignante.

Consigno o seu nome para a assignatura do supplemento, assim como tomo nota do risco que me pede, registando as medidas.

Todas as marcas de tintas indeleveis são boas, mas especifico as do Artisan Pratique.

Uma fiel d'«A Capital». Já comecei os desenhos para o biombo Luiz XV, mas por ser de responsabilidade, só lh'os poderei mandar no sabbado ou segunda feira.

Um pae. Pelo correio envio o prospecto dos preços dos diversos cursos que dirijo, garantindo com attestados o rapido aproveitamento. As linguas são: Francez, Inglez, Allemão e Italiano.

Artes: Piano, violino, violoncello, Harpa. Pinturas diversas, incluindo toda a Arte Decorativa.

Bordados, rendas e bordado á machina. Os preços são tão diminutos que nenhum pae sensato deixará de os approvar.

Uma provinciana. E' preferivel vir agora que a poderei attender melhor por as minhas discipulas estarem na maioria em villegiatura.

Póde tomar lições de duas horas e todos os dias se preciso fôr, mas tem que ser estes 20 dias.

Poderá escolher os trabalhos que mais gostar, pelas amostras que aqui encontra.

L. S.

A QUESTÃO DAS SUBSISTENCIAS

Não ha assucar no Porto

A tabella deve ser abolida ficando o mercado abastecido e a concorrencia livre

PORTO, 19—Um velho negociante da praça do Porto disse-nos ha pouco:

—E' injusta a campanha que se faz aos negociantes retalhistas, mesmo até aos armazenistas, accusando-os de açambarcadores e apontando-os ao publico como pessoas sem cotação moral, creaturas que exploram com a miseria publica. Não é bem assim. O commercio não póde vender ao publico por dez aquillo que lhe custa doze. E ainda que um ou outro se approveite das circumstancias do momento, com ganancia, não é isso motivo para que se enxovalhe e torne odiosa toda a classe. A prova de que a commissão de subsistencias não tem demonstrado idoneidade para «commerciante por grosso», é que não soube, ou não quiz fazer a distribuição do assucar com criterio commercial, sem lhe aggravar a incompetencia pelas facilidades que tinha e pelas regalias especiaes de que gosava. O assucar abundou. Toda a gente o sabe. Pois o publico foi sempre servido mal e tarde.

«Porquê? Porque das esquadras, onde primeiro começou a venda, sahiram arrobas e arrobas para amigos, para os ricos que tinham lampada em Mecca—antes de se servir o publico—que estava horas e horas á torreira do sol, em frente á janella por onde os pacotes sahiam, o pessoal das mesmas esquadras e respectivas familias e terceiros—sem ser dos «franciscanos»—já tinham apartadas e armazenadas as suas requisições.

«Para uma fabrica das proximidades das Antas iam semanalmente quantidades abundantes que davam para distribuir a cada operario dois kilos por semana. No ultimo dia em que appareceu assucar á venda em algumas juntas de parochia, aos quartos de kilo, que não chegou nem para a terça parte dos reclamantes, foi para a Camara Municipal um automovel carregado d'aquelle genero. Para vender ao publico? Não. Para ser distribuido pelo pessoal—que hoje é quasi immenso—das varias repartições. Ora, isto, diga-se o que se disser, é uma especie de favoritismo. Para os hospitaes e para as casas de beneficencia, vá lá que houvesse distribuição especial. Mas, para empregados publicos... Elles serão mais que os consumidores particulares?

«Em resumo. Se no commercio tem havido alguns abusos, a commissão de subsistencias não póde tambem lavar as mãos innocentes como Pilatos. A unica maneira de resolver o problema seria acabar-se com a tabella de preços e abastecer o mercado; porque, havendo assucar no mercado e deixando ao commercio a livre concorrencia, immediatamente os que vendessem por preços excessivos teriam de os baixar, porque outros com elles competiam.

«Emquanto assim se não fizer, estamos n'um regimen de monopolio, tanto mais injustificado, quanto é certo que com elle não póde o commercio retalhista luctar, por isso que é um monopolio montado e defendido pelas proprias auctoridades, sem que o publico, nem ninguem tenha lucrado, a não ser os «protegidos» e os que se empregam na nova repartição camararia... da rua do Bomfim.

Livre pensamento

O III Congresso Nacional

Na séde da Federação Portugueza do Livre Pensamento, largo do Intendente, 45, 1.º, está aberta todos os dias uteis, das 12 ás 16 e das 21 ás 23 horas, a inscripção de congressistas e de aggremiações liberaes ou livres pensadores. O preço da inscripção é de 1$50 por aggremiação não federada, e $50 por collectividade não federada ou congressista não aggremiado. O secretario da commissão administrativa da Federação, sr. Carlos de Almeida e Vasconcellos, dará todos os esclarecimentos que lhe forem solicitados, verbalmente ou por escripto.

Centro Escolar dos Voluntarios d'Arroyos

Alumnos apresentados a exame do 1.º grau: Malaquias de Carvalho, distincto; Manuel Alvaro Marques, Victor Calais, Augusto Silva, Julio da Cunha Arneiro, Alfredo Ribeiro, approvados.

2.º grau: Fernanda Infardina da Silva, distincta; José Dias, José Lage, Malaquias de Carvalho e Victor Calais, approvados.

Os alumnos Malaquias de Carvalho e Victor Calais, conseguiram n'um anno fazer os dois exames.

O premio instituido pela casa Abel d'Oliveira & C.ª, foi conferido á alumna Fernanda Silva; e o premio offerecido pela casa Assis Baptista L.ª coube ao alumno Malaquias de Carvalho.

QUESTÕES DE ENSINO

O futuro das Escolas Moveis

Um contracto que o Estado não cumpre — Como é possivel obter bons professores — O caminho a seguir

Affirmámos que tinhamos os mais fundados receios de que as Escolas Moveis abortassem pelas mesmas razões por que abortaram outras tentativas generosas em prol da instrucção. E facil é demonstrar e justificar o nosso receio. As Escolas Moveis, pagando mal aos seus professores, não lhes garantindo por isso uma situação embora modesta, mas estavel e desafogada, nunca disporão de bom pessoal docente e o seu descredito é certo e fatal. Mal pago é todo o professorado portuguez, sabemos bem. Nem só o professor primario tem razões de queixa, e até se quizermos fazer um confronto entre as diversas cathegorias de professores dos diversos graus de ensino o professor primario não perderia pelo confronto. Mas o que se não admitte é que se dê pouco e incerto, o que se não tolera é que uma classe de perto de 300 individuos esteja á mercê da sympathia ou antipathia seja de quem fôr, resultando d'ahi uma incerteza e um desanimo que se traduzem em males de toda a ordem. Não abundam n'este paiz as creaturas competentes e dedicadas.

Que o Estado pague mal póde ter uma justificação. Pobre, individado, para mais, com uma obra collossal deante de si a realisar de multiplas e instantes necessidades, comprehende-se que não possa pagar muito bem a quem o serve. Mas o que não tem justificação possivel é que um anno os professores ganhem um tanto que se suppõe ser equitativo e no anno seguinte se reduza esse tanto, naturalmente porque já o não é. De duas uma, ou se estabelece um ordenado que se reputa justo e n'esse caso commette-se uma injustiça alterando-o, ou estabelece-se um ordenado que depois se reconhece ser excessivo e n'esse caso a capacidade dos nossos estadistas não tem nada de invejavel. Ora a chamada lei organica das Escolas Moveis attribuindo aos professores o vencimento de 400$ foi, dissemol-o já, a unica que encarou o problema com largueza e justiça. Teve, porém, um defeito—não se cumpriu.

Exceptuando os professores da Associação pelo Methodo João de Deus, que se garantiu com um contracto, dizia-se—não garantimos que seja verdade—nenhum professor ou professora recebeu o ordenado que a lei terminante e claramente estabelecia. Deu-se até este fenomeno extraordinario: de quasi se não encontrarem dois professores com o mesmo vencimento! Qual seria o criterio que presidiu a essa gradação de ordenados?

Pois que! Andamos todos nós os que nos sentimos na obrigação moral de orientar e dirigir por um modo ou outro a sociedade em que vivemos, andamos todos nós a prégar a religião da honra, da palavra empenhada, da fidelidade aos compromissos, e é o proprio Estado o primeiro a dar-nos o exemplo de desrespeito pelos seus contractos e deveres!

Mas não foi só com a lei creadora da instituição que tratamos que esse caso se deu, tão certo é que nunca um facto mau deixa de encontrar quem o repita. Os professores assignaram os seus contractos confiados no subsidio de ferias. E este anno em nome da necessidade de fazer economias recusa-se-lhes esse subsidio!

Se o Estado nem sempre se póde reger pela mesma moral dos individuos, o que elle não póde é offender esa moral em nome seja de que necessidade fôr. Perca-se tudo, mas salvem-se os principios. Dir-nos-hão que o professor tem a liberdade de não continuar ao serviço do Estado e que a este não faltará quem o sirva. E' bem verdade isso; mas é precisamente ahi que o maior perigo está. Continua a servir o Estado quem não tem aptidões para mais nada e que, ganhando pouco, ainda se considera feliz por ganhar esse pouco. Os melhores, os mais aptos, aquelles que conveem procuram outro campo para a sua actividade. Se se resignam é só até encontrarem opportunidade para sahir, e d'este modo a discontinuidade nos serviços do ensino tão condemnada pela pedagogia moderna, a instabilidade do pessoal com prejuizo dos proveitos adquiridos pela sua pratica são outros tantos males a comprometterem uma instituição que é indispensavel, dada a impossibilidade de creação de tantas escolas fixas quantas são as exigidas pelas necessidades da nossa população. Positivamente, o caminho a seguir não é esse. Acarinhem os professores, sejam os primeiros a dar o exemplo do cumprimento exacto e escrupuloso dos deveres que o Estado tem para com elles, que então teem auctoridade para lhes exigir o cumprimento dos d'elles para com o Estado e até para os seleccionar. Mas só então.

Colyseu dos Recreios

E' hoje e ámanhã que pela ultima vez o publico de Lisboa pode aproveitar o esplendido *film* com os exercicios de Tancos e a parada de Montalvo, o qual tem chamado ao Colyseu milhares de pessoas que no maior enthusiasmo applaudem a esplendida pellicula.

Hoje e ámanhã vae o Colyseu ter duas das suas maiores enchentes.

A companhia de opera-comica e operetta Carraciolo-Scognamiglio parte hoje de Torim para Lisboa, fazendo a sua estreia no Colyseu definitivamente no dia 26 do corrente.

A obra realisada pelos arsenaes inglezes

Uma exposição do ministro Montagu

A producção de armas e munições—Algumas palavras significativas sobre o concurso das mulheres

Lord Montagu, ministro das munições, fez na camara dos lords declarações do mais alto interesse ácerca do trabalho realisado pelo seu ministerio, declarações que são de algum modo o complemento das que o sr. Lloyd George fez não ha muito, quando presidia aos destinos da mesma pasta.

O ministro começou por declarar:

«Seria impossivel, á semelhança do que se fez em alguns paizes, estabelecer uma percentagem entre a producção actual das granadas e a do inicio da guerra, porque os algarismos da hora presente são tão formidavelmente superiores aos de outr'ora que tal comparação daria resultados phantasticos. Assim, a producção de projecteis para os canhões de campanha é 170 vezes maior do que a de setembro de 1914. Quanto á producção de grandes granadas é 2.650 vezes maior.

«A producção de munições durante 1915-1916 foi seis vezes e meia superior á do periodo precedente. A producção durante a semana que terminou em 1 de junho de 1916 foi dezeseis vezes e meia superior á producção media do anno precedente.

«No que respeita aos obuzes de campanha, a producção em munições, em 1915-1916, foi oito vezes superior á producção de 1914-1915. N'este momento a superioridade é de 27 vezes.

«A producção de munições para a artilharia media é actualmente 34 vezes superior á producção media de junho de 1915. O progresso é ainda maior no fabrico das grandes granadas que é agora 14 vezes mais elevado do que em 1914. Mas não foi apenas quanto ás quantidades produzidas que se realisaram importantes progressos. O fabrico opera-se hoje com uma rapidez infinitamente maior que outr'ora. Certo material cuja producção exigia doze mezes, no principio da guerra, é agora concluido n'um prazo que varia entre quatro dias e tres semanas.»

Lord Montagu fez outra comparação que impressionou muito os seus ouvintes:

«A Gran-Bretanha fabrica actualmente e envia para França, todas as semanas, uma quantidade de munições quasi equivalente ao stock que existia no Reino Unido antes da guerra.

«Fabricaram-se n'um só mez, na Gran-Bretanha, quasi duas vezes tantas peças de artilharia de grosso calibre quantas existiam para o serviço da metropole quando foi creado o ministerio das munições.

«Este fabrico, que póde parecer formidavel, é simplesmente adequado ás necessidades actuaes. A este respeito, como prova, basta citar um unico numero. O consumo hebdomadario dos explosivos necessarios para as munições é superior 11 ou 12.000 vezes á quantidade que era necessaria para o fabrico das munições do exercito da metropole no principio da guerra.»

Lord Montagu fez, em seguida, esta importante declaração:

«A despeito das necessidades augmentarem grandemente, poderemos, dentro d'um prazo muito breve, ter satisfeito todas as necessidades dos exercitos britannicos e occupar-nos exclusivamente das dos nossos alliados.»

Lord Montagu recebeu recentemente uma carta do sr. Albert Thomas, subsecretario de Estado das munições em França, contendo uma communicação do chefe technico do sub-secretariado que visitou ultimamente a frente ingleza e que louva com calor os canhões pezados e obuzes britannicos.

Outras affirmações de lord Montagu:

«Metade dos nossos recursos em machinas é occupado pela marinha, mas muito proximamente estará concluido todo o fornecimento que nos é necessario; e pelo que respeita ás metralhadoras, estaremos em condições de prover exclusivamente ás necessidades dos nossos alliados.

«Os recentes acontecimentos da frente mostraram que precioso concurso prestára, sob todos os pontos de vista, o material de artilharia. A par e passo que a guerra se prolonga, prova mais e mais o valor dos canhões de longo alcance. Aproveitaremos novas experiencias adquiridas constantemente por nós. Com um inimigo tal como a Allemanha, o progresso deve ser continuo. Assim, o consumo de munições de artilharia grossa durante o mez passado (julho) foi o dobro do que suppunhamos dever ser sufficiente ha oito mezes.»

O ministro deu em seguida alguns esclarecimentos sobre as fabricas de munições.

Lord Montagu prestou uma vibrante homenagem ao zelo patriotico de que teem dado provas os operarios de ambos os sexos, collaborando assim para a victoria commum. E accrescentou estas palavras significativas:

«Pelo que respeita ás mulheres, os seus esforços são admiraveis. Quem será hoje capaz de recusar á mulher os direitos civis que ella ganhou?»

Atropelladas por automoveis

No hospital de S. José falleceu hoje a septuagenaria Maria Vieira, residente em Oeiras, que hontem foi atropellada proximo de Paço d'Arcos por um automovel do ministerio da guerra.

Na enfermaria 6 do mesmo hospital deu entrada Januaria Pinto, de 50 annos, moradora na rua Capello, 18, 3.º, que na rua do Carmo foi hoje atropellada pelo automovel 290, guiado pelo «chauffeur» Armando d'Almeida, morador na rua Garrett, 16, 5.º Ficou muito contusa no corpo.

SPORT

Club Naval de Lisboa

Realisa-se no proximo domingo a corrida de natação para disputa da taça «Luiz de Camões» offerta da benemerita Sociedade de Geographia ao Club Naval que com ella organisou um campeonato de 500 metros por equipes de 5 nadadores aberta a todos os clubs do paiz.

A prova começa ás 18,30 horas, havendo antes um desafio de water-polo entre os 2.os teams do Sport Algés e do Club Naval.

A equipe do Sport Algés e Dafundo é constituida pelos distinctos nadadores Rodrigo Bessone Bastos, (captain) João Duarte Holbeche, Fernando Costa Duarte, Boaventura Bello e Manuel Moniz, pelo Sport Lisboa e Bemfica, os srs. Carlos Sobral (captain) Idalino Ferreira Leme, Henrique Galvão, Francisco Lima e Antonio Soares, pelo Gymnasio Club Portuguez, os srs. João Formosinho (captain) Antonio Pala, Francisco Marçal, Sousa Brandão e Humberto Reis, pelo Club Naval os srs. Manuel Stoker (captain) Joaquim de Oliveira Duarte, Carlos Moura, Thomaz de Aquino e Manuel Ryder da Costa.

O presidente do jury é o sr. conselheiro Ernesto de Vasconcellos, vogaes os srs. José Formosinho e Abilio de Campos Junior, pelo S. C. B., Eugenio Picardo e Raul Cordeiro pelo S. A. D. Avila e Mello e Cosme Damião pelo S. L. B. e Arthur Consolado e Henrique Telles pelo C. N. L.

Gymnasio Club Portuguez,

Esgrima—E' no mez de janeiro proximo que este Club organisa o primeiro campeonato de Florete, aberto a todos as salas d'armas do Paiz prova que ha annos se pensa fazer, e que a actual direcção já está elaborando regulamento etc.

PEQUENAS NOTICIAS

O semanario *Quatorze de Maio* recomeça na proxima semana a sua publicação, que esteve suspensa devido á reorganisação dos serviços de administração que acaba de ser feita.

—Para apreciar as provas policiaes adquiridas no serviço provisorio reune amanhã, ás 9 horas, a commissão de exames, presidindo o 2.º commandante sr. major Penha Coutinho, servindo de vogaes o capitão sr. Bruno do Carmo e o chefe Antunes. Está detido o guarda n.º 1518 José Antunes Simões que se achava ausente sem licença. A seu pedido foi demittido o guarda n.º 1679 José Antonio Caçorinho.

—O 2.º sargento da guarda fiscal Gezar Augusto Gamboa prendeu e entregou á policia Florindo da Luz, morador no becco dos Biguinhos, 3, loja, Mario de Carvalho, no largo do Menino de Deus, 13, 2.º, Idalicio da Silva, na calçada de S. João da Praça, 63, pateo, e Antonio Rodrigues, no largo do Chafariz de Dentro, 21, accusados da pratica de actos immoraes na pessoa do ultimo preso.

—No banco do hospital receberam curativo Angelina Santos, moradora nas escadinhas da Saude, 3, que na rua da Veronica foi aggredida á paulada, ficando muito ferida na cabeça, e José d'Almeida Tavares, bagageiro, residente no beco dos Biguinhos, 32, 1.º, que n'uma taberna da rua dos Canos foi aggredido com uma facada no pescoço por Alfredo Ourique.

—Deram entrada no hospital de S. José: na enfermaria 4, Leonardo Luiz Martha, empregado dos caminhos de ferro, que na estação de Santa Apolonia foi colhido por um vagon, ficando ferido, e Isaura Anna de Castro, de 19 annos, alumna da Academia de Bellas Artes, residente no Pension Hotel, que se atirou da janella do 1.º andar, ficando muito contusa no corpo.

ARTE DE FURTAR

Foi preso Manuel Lopes, morador na rua dos Sapateiros, 152, a pedido do proprietario do Café Montanha, que o accusa de lhe haver furtado por varias vezes a quantia de 155 escudos.

Queixou-se Maria Isabel, moradora na rua Eugenio dos Santos, 29, 1.º, de que tendo confiado as chaves do seu domicilio a Antonio Fernandes Evangelista, morador na rua da Alegria, 16, para proceder a umas obras, quando as terminou levou comsigo objectos no valor de 52 escudos.

Para juizo foram enviados Francisco Martins Corrêa ou Raul dos Santos Ramos, o «Pé descalço», e Francisco Simões, o «Chico Padeirinho», ambos do Casal Ventoso de Baixo, accusados de arrombarem a porta da residencia de Prudencio d'Almeida, no mesmo casal, e furtarem dinheiro e objectos de ouro no valor de 100 escudos.

Tambem foi enviada a juizo Maria Augusta Teixeira, moradora na rua dos Remedios, 36, 3.º, accusada de ter furtado um cofre com joias de ouro e prata a Anna Silvina, residente na mesma rua, 47.

"Commercio internacional de Portugal"

O que é preciso fazer para o desenvolver

Na nossa secção «Publicações» démos hontem uma ligeira noticia de um opusculo intitulado «Commercio internacional de Portugal», estudo do sr. Arnaldo Brazão, estudante da faculdade de direito de Lisboa.

N'esse estudo passa o auctor em revista a producção de cereaes, de farinha de trigo, de arroz, de legumes, favas, batatas, cebolas, fructas, vinhos, aguardente, assucar, cortiça, azeite, gados, conservas e pescarias, com os competentes quadros de importação e exportação, terminando com as seguintes conclusões:

I—Necessidade de estabelecer uma grande rêde de canaes para irrigação de terrenos seccos, principalmente para os campos do Alemtejo.

II—Desenvolver o ensino agricola elementar e estabelecer escolas moveis agricolas com mostruarios.

III—Collocar pequenos muzeus (mostruarios, afinal) nos estações dos caminhos de ferro, com os principaes productos da região e se possivel fôsse com os preços.

IV—Incutir no espirito de todos os productores, o uso da honestidade em todos os seus negocios, para assim poderem captivar o consumidor, quer nacional, quer estrangeiro.

V—Organisar um corpo de agentes consulares capazes de escolherem e prepararem mercados em boas condições para os negociantes portuguezes.

VI—Enviar ao estrangeiro commissões formadas por representantes das forças vivas da nação, para fazerem propaganda dos productos nacionaes proprios para exportação.

VII—Auxiliar, debaixo de todos os pontos de vista, inclusivé, subsidiar rasgadas iniciativas para não estacionar o fomento do paiz.

VIII—Desenvolver o credito agricola, estimulando assim, o desenvolvimento da agricultura.

IX—Canalisar grande parte do commercio de importação para as colonias, evitando assim a sahida de ouro para o estrangeiro, ao mesmo tempo que o fomento colonial se desenvolveria, isto é, procurar substituir os mercados estrangeiros fornecedores de Portugal, pelos mercados coloniaes.

X—Crear uma marinha mercante com todas as exigencias modernas, ainda que, para isso, o orçamento fôsse sobrecarregado com algumas centenas de contos.

XI—Celebrar tratados de commercio nas melhores condições possiveis para o desenvolvimento economico do paiz.

XII—Estabelecer zonas francas, para que os productos soffram as operações necessarias antes de se apresentarem ao consumidor.

XIII—Organisar tarifas minimas e combinadas para que o custo das mercadorias não seja muito elevado.

XIV—Organisar repartições alfandegarias estrangeiras em territorio nacional, para que o producto não soffra demora e prejuizos nas alfandegas dos paizes a que é destinado.

XV—Fundar camaras de commercio.

XVI—Organisar Bancos de exportação como auxiliar poderoso do commercio externo.

XVII—Levar a effeito exposições, quer nacionaes, quer estrangeiras.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Centro Escolar Republicano L.·. V.·.—Realisou-se uma reunião, sendo approvada por acclamação a commissão organisadora d'este novo Centro, cuja séde provisoria é na rua Saraiva de Carvalho, 88, 1.º Proseguem os trabalhos, sendo grande o numero de adhesões.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Festas no Bombarral

Em beneficio do cofre da sub-commissão da Cruzada das Mulheres Portuguezas no Bombarral, realisam-se hoje, amanhã e no dia 28, brilhantes festejos, com o seguinte programma:

Hoje. A's 15 horas, abertura do festival por uma alocução feita pela sub-commissão da Cruzada, no pavilhão do rancho; canticos á moda de Coimbra, com trajes typicos, pelas sr.as D. Albertina Ferreira, D. Alda Pimentel e Silva, D. Beatriz Franco, D. Belmira Jeronymo Ferreira, D. Carlota da Silva Nunes, D. Celeste Simões, D. Clementina Pimentel e Silva, D. Chrystina Jeronymo Ferreira, D. Ilda da Silva Motta Feliz, D. Izaura Mil-Homens, D. Laurinda Gomes, D. Maria Marques, D. Maria Rodrigues, D. Marianna Mil-Homens, D. Olympia Rodrigues, D. Rosalina Narciso e 16 socios do Sport-Club, proficientemente ensaiados pelo sr. Americo Monteiro; abertura do bazar de sortes e de varias barracas, fazendo um gurpo de gentis meninas a venda ambulante de flôres e diversas curiosidades; á noite brilhante illuminação e continuação de todos os festejos da tarde, que terminarão á uma hora.

Amanhã. Das 12 ás 21 horas, continuação dos festejos do dia 20, com grandes surprezas.

Dia 28—A's 21 horas, recita no Sport Club Bombarrelense, por um grupo de amadores, tomando parte, gratuitamente, as sr.as D. Prazeres dos Santos Gomes, D. Amelia da Encarnação Santos e D. Albertina Ferreira, representando-se a comedia «As alegrias do lar» e a recitação da poesia «A guerra», de Joaquim dos Anjos.

O sr. Joaquim Camillo Pereira Soares offereceu generosamente a bella e espaçosa matta do seu palacio, onde se realisarão todas as festas, sendo a entrada pela port aprincipal e a sahida pela porta na praça da Republica. O preço da entrada é de 10 centavos.

CONTRA A SIPHILIS: Depuratol!

(REGISTADO EM 14 PAIZES)

O purificador do sangue por excellencia e o depurativo mais energico e inofensivo!

Sem diet. nem resguardo! não exige o auxilio de outros tratamentos secundarios!

O depuratol encontra-se á venda nas boas pharmacias e drogarias. Cada tubo (uma semana de tratamento), réis, 1$950; 6 tubos (tratamento regular), 5$300 reis. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Pedir o livro de instrucções em todos os depositos. Deposito geral para Portugal e Colonias:

PHARMACIA J. NOBRE
Praça de D. Pedro (Rocio), 109, 110
LISBOA
(Por baixo do Francfort Hotel)

Antonio Balbino Rego
Cirurgião dos hospitaes
CLINICA GERAL
Doenças dos rins e vias urinarias
Doenças das senhoras e partos

Consultas das 16 ás 18 horas
TELEPHONE 2930
R. do Mundo, 81, 1.º

Venda de terrenos NA AMADORA

Em boas condições, vendem-se terrenos no bairro da Mina, dotado já de amplas avenidas e magnificas canalisações, fronteiro á estação do caminho de ferro. Tem agua abundante da Mina.

Para informações e tratar, na Amadora, com H. Lopes, ou em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 156, 2.º.

Empreza Nacional de Navegação

Para New-York

Sabirá brevemente o vapor **Angola**. Para carga trata-se nos escriptorios da Empreza Nacional de Navegação — Rua do Commercio, 85.

CALÇADO BARATO

Fabrico manual só nos Grandes Armazens de Calçado, R. da Palma, 290 a 290-B, T. do Bomformoso, 4 a 18 (em frente do Coliseu de Lisboa).—Botas para homem a 3$400!!! Sapatos para senhora a 1$400!!!

Um colossal sortimento em todos os generos para homem senhora e creança

Telephone: No te 1289—**J. A. Candeias**

Casa dos Espartilhos

Santos Mattos & C.ª
Rua do Ouro, 193

José Antunes
Medico dos hospitaes
Doenças do estomago
Rectoscopia
Esophagoscopia
tinos
Consulta da 1 ás 2 e 4 ás 7
Largo do Camões, 4, 1.º

ANTONIO AURELIO
Clinica geral
Doenças das senhoras — Massagens
CONSULTAS:
Consultorio: Das 14 ás 16—Rua Garrett, 74, sobre-loja, direito

---

C.ª DE SEGUROS **PROBIDADE** LISBOA 1881

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL: E. 600:000$00

SÉDE—RUA DO COMMERCIO, 93 1.º
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: Probidade,—Lisboa
NUMERO TELEPHONICO: 1993
USA-SE O COD. TELEG.: RIBEIRO

Fundos de reserva Esc. 105:000$00

Prejuizos terrestres e maritimos pagos até 31 de dezembro de 1914:

Esc. 790:696$42

Effectua seguros terrestres, contra fogo casual ou precedido de raio, sobre predios, estabelecimentos e mobilias, e maritimos contra avaria grossa e particular.

Agencias em todas as cidades e nas principaes villas e povoações do continente, ilhas e ultramar.

Do 10 escudos a 50 escudos por semana

POR UMA HORA DE TRABALHO DIARIO

Com uma ideia na cabeça e 10 Escudos em dinheiro para começar, fiz 25.000 Escudos em dois annos

Se o vosso emprego vos traz preso sobre um jogo de livros de contabilidade, ou por de traz d'um balcão, ou agarrado á machina d'escrever, ou guiando um bom tiro de cavalos, ou sobre o tramway, ou n'uma qualquer officina, ou onde quer que seja que o vosso trabalho vos detenha, eu posso mostrar-vos a estrada real, rapida e segura de obter mil vezes melhor. Demonstrar-vos-hei por que modo iniciar um negocio, absolutamente vosso, com um pequeno capital, e só durante as vossas horas livres. Podeis de facto cooperar comigo no negociar por meio de vales do correio (venda de generos por correio), e correr com o negocio da vossa propria morada, e como propriedade exclusivamente vossa. Se estaes fazendo por anno 600 escudos, ou 1.000 escudos, ou 1.500 escudos, e deveras precisaes fazer em cada anno 2.500 escudos, ou 5.000 escudos ou mais, eu posso mostrar-vos como.

Nada importa quem vós sejaes, ou em que vos occupeis; nem a exiguidade do vosso salario, ou a pobreza das vossas expectativas; nem tão pouco que estejaes descontente ou desalentado; ou que os vossos amigos e parentes vos considerem incapaz de bem succeder—o facto é que podeis de vez, vir a ser socio do maior promotor no mundo de todas as emprezas por ordens postaes. Podereis assim, e talvez pela vez primeira, começar a ver o dinheiro rodar em torno de vós a cada visita do Correio, sem ralardes corpo e alma por cada tostão adquirido. Mui abertamente aqui vos offereço a opportunidade, talvez unica na vossa existencia, de fazerdes uma grande fortuna, sem vos pedir que me hypotequeis a vossa vida, e sem vos entralhar em contracto leonino, de fria usura, com um escorchador como Shylock.

Eu principiei com 10 escudos e recolhi um lucro de 2.500 escudos em dois annos no negocio de «ordens pelo correio». Eu dizer-vos-hei muito depressa o verdadeiro segredo de ganhar dinheiro rapidamente; e de o conseguir limpa, legitima e honestamente, de modo que podeis encarar o mundo todo na face, sem nunca perguntar donde vos vieram os vossos mil réis. O meu novo livro, que tem por titulo «Opportunidades de ganhar dinheiro no negocio de Ordens pelo Correio», cabalmente explica tudo. Esse livro so vos custará o pedil-o. Não é preciso remetter dinheiro algum. Querendo cobrir a verba de portes, pode-se enviar sellos (mesmo do seu proprio paiz) do valor de 15 Centavos Portuguezes. A direcção é: Hugh McKean, Suite 5.003 N.º 260, Westminster Bridge Road, Londres, S. E., Inglaterra.

Silva Ramos
Medico do Posto da Misericordia e da Assistencia Nacional aos Tuberculosos
Syphilis, doenças dos rins e vias urinarias

CLINICA GERAL
CHIADO, 61 2.º

A AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS

FORTEMENTE RADIO-ACTIVA E MUITO RICA EM SILICA

CURA ULCERAS, ECZEMAS, EMPIGENS, DARTROS, PSORIASIS, ETC. ETC.

A AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS

Tomada ás refeições e fora d'ellas, limpa o rim, figado, estomago e intestinos desembaraçando-os dos crystaes uricos, bilis, e todas as toxinas e impurezas que se accumulam no organismo, etc.
Alimentação diuretica—Infallivel em todas as doenças da pelle

PEDIR O LIVRO DESCRIPTIVO

DEPOSITARIO GERAL: MARIO DE LIMA NETTO — DEPOSITARIOS NO PORTO: DOURADO, CARVALHO, IRMÃOS, L.da

DEPOSITARIO GERAL
Mario de Lima Netto
L. de S. Julião, 12, 1.º
Telephone 246 Central

DEPOSITARIOS NO PORTO
Dourado, Carvalho & Irmãos
P. da Liberdade, 133
Telephone 1241

Tambem se vende a copo garrafas e garrafões, nas boas casas d'aguas pharmacias e restaurantes.

KORTI

Producto chimico para tornar inrompivel e impermeavel

A sola do calçado

KORTI
- Endurece e impermeabilisa a sola.
- Dá-lhe a fortaleza e a consistencia do ferro.
- Não perde a flexibilidade precisa e necessaria.
- Faz augmentar a sua duração consideravelmente.
- Evita meias solas e tacões no calçado.
- Não prejudica o material nem incommoda o andar.
- E' o melhor preservativo de doenças rheumaticas.
- E' util, pratico, hygienico, necessario e economico.
- Suprime as galochas em dias de chuva

Latinha para preparar 2 pares de calçado 350 réis
Vende-se em todos os estabelecimentos e no deposito geral

DESCONTO AOS REVENDEDORES
Jeronymo Martins & Filho
Chiado, 13 a 19 — Lisboa

A RECEITA

mais simples e facil para ter **nenés robustos** *e de* **perfeita saude** *é dar-lhes a*

FARINHA LACTEA NESTLÉ

com base ao excellente leite Suisso.

Lithinés do dr. Gustin

Tão efficazes como as melhores aguas mineraes bebidas na origem

Basta dissolver n'um litro de agua um pacote de Lithinés do dr. Gustin para obter instantaneamente uma agua mineral alcalina e lithinada, ligeiramente gazoza, deliciosa para beber, mesmo pura, que se mistura com todas as bebidas e principalmente com vinho, ao qual dá um sabor agradabilissimo.

Lithinés do dr. Gustin

Contra todas as doenças dos Rins, Bexiga, figado, Estomago, Articulações

12 pacotes fazem 12 litros de agua mineral por 500 réis

A' venda em todas as pharmacias, drogarias, mercearias boas e nos depositos geraes: Lisboa, Jeronymo Martins & Filho, rua Garrett, 13 a 19; Porto: Januario Duarte d'Azevedo, rua de Santa Catharina, 232.

A melhor tintura instantanea ALBINA

A marca franceza, para o cabelo ou barba. E' a unica que não suja a roupa nem a pele, ficando o cabelo macio e formoso. Preço 1$800. As melhores tinturas para o cabelo.

Vende-se na Cabeleireira
Rua do Norte, 34, 1.º

NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Fabricas a vapor de moagem de trigo, descasque de arroz, massas alimenticias, bolachas e biscoitos em Lisboa, Coimbra, Xabregas, Sacavem, Povoa de Santa Iria, Barreiro e Seixal.

Farinha especial para exportação, em barricas, caixas ou saccos—Farinhas n.os 1, 2 e 3—Farinhas sem marca—Semeas superfina, fina e grossa—*Alimpadura*—*Arroz descascado*—*Massinhas de luxo*—Massas de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades—Massa e bolachas especiaes para exportação—Cereaes e legumes

Preços sem competencia

Telegrapho: FARINHAS—Telephones: Administração 4224; Expediente 4222; Thesouraria 4223

Codigos A. B. C., 4.ª e 5.ª edições e Ribeiro

ESCRIPTORIO
Rua do Jardim do Tabaco, 82 — LISBOA

H. SANGUINETTI
Gynecologia—Partos
Das 14 ás 15 horas

Freitas Esmeraldo
Doenças das creanças
Das 16 ás 18 horas
Travessa do Carmo, 1, 1.º

COSTA SANTOS
Medico especialista
DOENÇAS DE OLHOS

Consultas das 15 ás 17

R. Nova do Almada, 95, 1.º, Esquerdo

ASSIS DE BRITO
Medico dos Hospitaes e Facultativo da Misericordia de Lisboa—Medicina geral
Doenças do apparelho respiratorio e do coração—Consultas das 15 ás 17 horas.
TELEPHONE 419 (Norte).
11—Rua Infanteria 16—11

EXPLORAÇÃO DO PORTO DE LISBOA

Mercadorias desembarcadas dos navios ex-allemães

AVISO

Tendo a Administração do porto de Lisboa resolvido fazer excepcionalmente o seguro, contra risco de incendio, das mercadorias provenientes dos navios ex-allemães e que existem ou venham a existir nos armazens da Exploração do porto de Lisboa, são, por esta fórma, avisados todos os donos das ditas mercadorias ou os seus representantes para, até ao dia 15 do proximo mez de setembro, enviarem á Direcção da referida Exploração (Caes do Sodré) nota das mercadorias que estão seguras por sua conta ou o devam vir a estar quando descarregarem, com indicação das suas marcas, natureza, numero e qualidade de volumes e nome do navio em que se encontravam ou encontram, afim de, na occasião da sahida das ditas mercadorias dos armazens, não serem ellas oneradas com a quota parte das despezas feitas pela Exploração do porto com seguros, o que—pelo contrario—terá logar para todas aquellas mercadorias relativamente ás quaes não seja recebida a dita nota até á data acima indicada, ainda que, na occasião da sahida, os interessados declarem então estarem ellas seguras.

Chama-se a attenção dos interessados para a circumstancia de que os seguros feitos pela Exploração do porto de Lisboa relativamente ás mercadorias a que se refere este aviso, poderão deixar de corresponder ao valor real das mesmas mercadorias por insufficiencia dos elementos necessarios para fixar esse valor, não podendo, portanto, a Exploração do porto responsabilisar-se, em caso de sinistro, pelo integral reembolso dos prejuizos que possam ter tido logar, pelo que haverá toda a conveniencia, para os interessados, em fazerem o seguro de sua conta, fornecendo á Exploração a nota a que acima se faz referencia.

Lisboa, 16 de agosto de 1916.

O engenheiro director da Exploração do porto de Lisboa

F. Ramos Coelho

DYNAMITE

Explosivos da Fabrica da Trafaria

DYNAMITES
Diversas, caixas de 25 kilos.
CAPSULAS
Diversas, caixas de 100.
RASTILHOS
medidas de 7m,2.

AGENTES — *Em Lisboa:*—Lima Mayer & C.ª, rua da Prata, 59. *No Porto:*—José Rodrigues Pinto e Pinho, rua do Almada, 239.

AZULEJOS

Brancos e com desenho nacionaes e estrangeiros

Grande quantidade em deposito

GOARMON & C.A

Travessa do Corpo Santo, 17—Telephone 1244

LAVAGEM DE FATOS

FEITOS OU DESMANCHADOS

Tinturaria Cambournac
Largo da Annunciada, 10, 11 e 12
Rua de S. Bento, 175
Telephone 562 (Central)

Contra roubo e contra incendio

Grande economia—Seguro de mobiliario

Por $20 por cada 100$00 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo A MUNDIAL segura n'uma só apolice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E tão necessario o seguro de ROUBO como o de FOGO.

"A MUNDIAL"
COMPANHIA DE SEGUROS

Capital: 500.000$000
Reserva em 1915: 102,007$47,1

SÉDE EM LISBOA
95, Rua Garrett, 95
Tel.: 4084
Telegrapho. MUNDIAL

DELEGAÇÃO NO PORTO
Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

Companhia de Seguros A NACIONAL

Séde na sua propriedade: Avenida da Liberdade, 14—LISBOA

Soc. an. resp. lim.

FUNDADA em 17-4-1906

CAPITAL 500.000$ escudos

RESERVAS 380.518$ escudos

Seguros sobre a vida humana
e contra acidentes no trabalho, incendios e avarias maritimas

---

"Olsina,,

Tintas a agua (Wather Paints) Lavaveis — hygienicas — permanentes fabricadas por Mander Brothers (England).

Unico agente para o sul de Portugal e colonias **Miguel Gomes**

R. dos Retrozeiros, 113, 2.º—Lisboa
TELEPHONE 1:422

Casa dos Espartilhos
Santos Mattos & C.ª—R. do Ouro. 123

Mozaicos—Azulejos

Cal hydraulica—Cimento Luzo

GOARMON & C.A

T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—Telephone n.º 1244—Lisboa

Pomada do dr. Queiroz

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle

Vende-se nas Principaes Pharmacias. — Deposito Geral: **Pharmacia ROSA & VIEGAS**

R. de S. Vicente, 31 e 33—LISBOA

Cuidado com os falsificadores! Só é verdadeira que tiver a nossa marca registada.

TEL. 2428

Officina de reparações

Mais de 3.000 installações feitas por este antigo e conceituado estabelecimento a saber:

Luz electrica, agua, gaz, acetilene, campainhas, telephones domesticos e a distancia, avisos, fechaduras e signaes electricos.

CASA TRIUMPHO

Rua Augusta, 72, 74, (frente ao Banco Crédit)

Virgilio Ribeiro & Gonçalves, L.da

Sortido moderno em Lustres candieiros, placas, pendentes, plafoniers, etc.

Fogões, ventiladores, tinas esmaltadas, retretes, lavatorios, etc.

UNICOS DEPOSITARIOS dos filtros «DELPHIN» para aguas mortas ou de presas

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2162—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Segunda-feira, 21 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

A aviação em Portugal

Atravessaram hoje a cidade, pilotando os seus apparelhos, dois aviadores portuguezes. São dois officiaes que foram enviados pelo ministerio da guerra, alcançar o seu «brevet» em escolas de aviação estrangeiras. Outros officiaes se encontram nas mesmas condições, lá fóra, e tão adeantados nas suas experiencias que podemos contar como certo que em breve o exercito portuguez disporá d'um numero sufficiente de aeroplanos e de aviadores nacionaes para constituir a quinta arma do nosso exercito.

Ainda não se pensava na guerra, e já nos propugnavamos, com todos os recursos que a nossa logica nos facultava, pela creação da aviação militar em Portugal, sustentando n'esse sentido verdadeiras campanhas que, lamentavel é dizel-o, esbarravam ou na rotina de velhos costumes ou em rodas emperradas d'uma engrenagem que deveria facilitar a execução d'esse designio.

Estiveram durante annos encaixotados apparelhos que mercê do patriotismo de cidadãos portuguezes haviam sido facultados ao Estado para o inicio d'essa innovação tão necessaria e urgente. Pessoal não faltava, e agora se demonstra que não era essa falta que podia impedir o inicio e o progresso da aviação em Portugal. O que faltava era o estimulo que os dirigentes deviam dar para que se chegasse rapidamente ao «desideratum» desejado.

O sr. ministro da guerra alcaçou uma victoria. A aviação militar vae sêr um facto, e bastou que uma vontade decidida se empenhasse em creal-a, para que n'um lapso relativamente breve de tempo, officiaes portuguezes se habilitassem, nas melhores escolas estrangeiras, a dirigirem os seus apparelhos, em condições de poderem rivalisar, no uso d'essa arma, com os seus camaradas lá de fóra.

O que é agora necessario é continuar esse impulso. A quinta arma tem hoje nos exercitos modernos uma importancia excepcional. Todos os dias os boletins da guerra assignalam feitos dos aviadores. Exercito que os não possuisse, seria agora um exercito destinado a soffrer as mais fulminantes surpresas.

Creando-se uma escola de aviação em Portugal, como suppômos que se creará, e admittindo a essa escola todos os que se sintam impellidos á conquista do ar, tanto militares como civis, essa escola, orientada n'um sentido pratico e creando uma generosa emulação, em breve fornecerá um numero avultado de aviadores, e Portugal occupará, sob esse ponto de vista, como sob outros pontos de vista vae occupar tambem, o logar que pode e deve ter na civilisação a que pertence.

Não faltam homens, como não faltam para o exercito, nem para a marinha. O essencial é saber aproveital-os, animando as suas aspirações patrioticas e favorecendo o nobre designio que tem de salientar a sua destreza e a sua bravura.

O povo portuguez verá, com prazer, sulcarem os ares os aviadores portuguezes, e com o legitimo orgulho que as faculdades da raça lhe despertarão, terá a impressão de mais uma garantia da patria.

Migalhas

Minhas senhoras, meus senhores:

Participo a V. Ex.as que o primeiro volume das minhas memorias, compiladas com o titulo «Praxedes, mulher e filhos» pelo abalisado escriptor da nossa praça e meu particular amigo André Brun, será posto á venda depois de amanhã em todas as livrarias do continente e ilhas adjacentes.

José da Silva Praxedes.

Funccionario publico e homem de bem

Por ser verdade, o confirmo.

ANDRÉ BRUN.

A "Historia da Grande Guerra,"

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos a tempo as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

Accidente de automovel

RIO DE JANEIRO, 21—Hontem, de noite, quando o sr. Carlos Maximiliano, ministro do interior, regressava á sua casa na praia do Flamengo, o automovel voltou-se, em virtude de uma manobra errada do chauffeur, ficando o ministro levemente ferido.—(*Americana*)

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LE

"O conflicto internacional,"

por José de Macedo

Constituindo um grosso volume de 440 paginas, acaba de publicar José de Macedo, o erudito professor e escriptor, um estudo politico e economico intitulado *O conflicto internacional sob o ponto de vista portuguez*.

Dividiu José de Macedo esse seu estudo em cinco partes, cuja enunciação dará uma ideia approximada do alto valor do seu livro. São ellas: «O conflicto das nações»; «A politica economica de Portugal e a sua orientação»; «O problema colonial e as influencias internacionaes»; «As despezas militares na paz e na guerra e as circumstancias financeiras de Portugal»; «Portugal e as suas relações internacionaes». Cada uma d'essas partes é dividida em capitulos, em que o auctor estuda minuciosamente e com verdadeiro saber as condições em que se encontravam as nações hoje envolvidas no grande conflicto. No final da primeira parte, depois de estudar as condições em que a Turquia foi arrastada para a guerra —o que na opinião de José de Macedo foi um erro dos imperios centraes e mais uma partida ganha para os alliados—e referindo-se á entrada de Portugal na grande lucta que se está dirimindo, diz:

Para nós, portuguezes, este exemplo da Turquia tem raros ensinamentos. Como a vertigem da loucura arrasta os povos para os precipicios onde desapparecem para sempre...

Não ha duvida de que, na hora que decorrer, ha apenas duas condições de vida honrosa e de perfeito accordo com os interesses nacionaes: ou uma neutralidade prudente ou uma belligerancia declarada ao lado das nações que luctam pela civilisação occidental.

A neutralidade prudente, todavia, só a póde manter quem tenha recursos sufficientes para isso e saiba impôr no instante tragico em que o inimigo dissimulado lhe fórma o salto para o esmagar. O que vale a neutralidade para uma nação que não tem escrupulos provou-o a invasão do Luxemburgo e da Belgica. Uma, submettendo-se, impotente, á força brutal dos exercitos germanicos; outra, resistindo, de uma maneira que não será jámais sufficientemente glorificada, á força traiçoeira do kaiser.

O que vale essa neutralidade prudente provou-o o intuito do imperador em devassar a Suissa nas suas fronteiras allemã e franceza; provou-o do mesmo modo a Hollanda, que, pelas proprias palavras do secretario dos negocios estrangeiros teutonico, está seriamente ameaçada na sua independencia. Elle dizia:

«Está claro que não poderiamos proveitosamente annexar o territorio belga sem no mesmo tempo fazermos acquisições á custa da Hollanda. (Correspondencia do governo britannico—pag. 90).»

O que significa que, se a Hollanda não tivesse em pé de guerra os seus 500.000 homens e se não fosse o exemplo tremendo da Belgica, o territorio dos Paizes Baixos já teria sido invadido, pelo menos para o dividir em dois, apoderando-se da foz do Escalda para o aproveitamento de Antuerpia.

A propria neutralidade da Italia, que foi mantida á custa de serios desgostos para o governo de Victor Manuel, foi rompida em face da attitude da Turquia e da necessidade da revanche. A attitude das nações balkanicas, Grecia e Bulgaria, foi tudo quanto ha de mais contradictorio com os interesses proprios.

Ficarão neutraes os escandinavos? Pelo menos a Dinamarca não terá ensejo de um desforço por causa do Schleswig, que, dadas outras condições, corresponde á Alsacia e Lorena dinamarquezas?

Ficarão neutraes os estados americanos, em face do perigo da dominação germanica, visto que alguns estados do Brazil estão ameaçados, e nos do norte ha cerca de 3 milhões de teutões?

E' possivel que, portanto, em breve todo o mundo se esteja batendo, n'uma guerra medonha de aniquilamento.

Pouco importa isso, visto que soou a hora tragica da liquidação. Não póde ficar ninguem indifferente, e os sacrificios inauditos que se estão fazendo n'esta altura, de uma lucta sem exemplos precedentes que de longe se possam comparar, hão de ser compensados, no futuro, para que uma paz duradoura se firme e para que os povos tenham, finalmente, o socego que é exigido para a labutação proficua de uma civilisação altamente moralisadora e fecunda.

Não é agora que se deve olhar para traz. Todos teem o seu logar marcado na lucta que se está travando. Nenhuma parcela de esforço se deve rejeitar; nenhuma individualidade deve apagar-se, antes, em face d'esse estado, todos necessitam affirmar-se com coragem.

Em Portugal, a não serem alguns obcecados pela politica de retrocesso, a não serem alguns choramingas, que teem medo do papão, tudo está convencido de que é preferivel morrer n'um combate grandioso, em prol da civilisação e da justiça, a termos de ficar eternamente escravos, vis escravos da horda teutonica, que vem impôr a cultura allemã pela bocca dos seus collossaes canhões de 42.

Oh! Mas a vida dignificada pela liberdade conquistada vale mais do que a abjecção suprema de uma existencia de humilhações.

N'esta complicada politica internacional Portugal teve a sua funcção a cumprir. Pertencendo a um grupo de nações as mais progressivas, tendo desempenhado na historia uma missão inolvidavel, Portugal foi o paiz que com os seus descobrimentos e colonisação maior amplitude deu á civilisação occidental, pela qual lucta no presente.

A propaganda de generos portuguezes

RIO DE JANEIRO, 21—A Camara Portugueza de Commercio e Industria distribuiu circulares, convidando os industriaes e commerciantes portuguezes a concorrerem para a propaganda dos generos do seu paiz com a distribuição de amostras de artigos de facil consumo nos mercados brazileiros.—(*Americana*).

Uma carta de André Brun

Meu caro Manuel Guimarães:—Os jornaes «Ultima Hora» e «Diario Nacional», de Lisboa, «Jornal de Noticias», do Porto, este ultimo nas suas noticias politicas da capital, referem-se com mais ou menos graça, com mais ou menos insidia, ao facto de eu ter sido transferido, para effeitos de mobilisação, de Infantaria 2, de Lisboa, a que pertencia, para Infantaria 32, de Penafiel. O correspondente lisboeta da gazeta portuense accrescenta mais o esclarecimento verdadeiramente sensacional que o regimento de Penafiel «nunca» mobilisará.

Devo esclarecer dois pontos:

1.º—Não só não tive a menor interferencia na minha transferencia, mas contra ella protestei junto de alguns officiaes do gabinete quando ella me foi annunciada.

2.º—O facto de estar mobilisavel n'esse Penafiel que «nunca» mobilisará na opinião acima citada, não me impedirá de tomar o logar que julgo pertencer-me nas fileiras dos soldados portuguezes, que vão combater na frente occidental.

Nada mais.—Seu,—André Brun.

Bancos Agricolas no Brazil

BELLO HORISONTE (ESTADO DE MINAS GERAES), 21—Um syndicato de Bancos Norte-Americanos apresentou um projecto de creação de Bancos Agricolas em todos os Estados do Brazil, exigindo, porém, que os productos das propiedadades soccorridas por esses bancos sejam vendidos nos diversos paizes da America.—(*Americana*).

Vêr noticiario diverso na terceira pagina

Vaccina contra a febre aphtosa

RIO DE JANEIRO, 21—O grande creador argentino Raul Echeverry communicou á Sociedade de Agricultura do Rio de Janeiro que tinha descoberto uma vaccina contra a febre aphtosa, tendo colhido excellentes resultados nas primeiras experiencias.—(*Americana*).

A grande guerra

Novo combate no mar do Norte

Perda de dois cruzadores ligeiros inglezes e de dois submarinos allemães

LONDRES, 21—Official.—O inimigo mostrou grande actividade no mar do Norte no dia 19 do corrente. A esquadra allemã sahiu, mas sabendo que as unidades inglezas estavam em grande força, regressou ao porto.

Procurando o inimigo, perdemos dois cruzadores ligeiros, o «Nottingham» e o «Falmouth». Desappareceram os marinheiros do «Nottingham». A tripulação do «Falmouth» salvou-se.

Foi destruido um submarino inimigo e outro esporoado, presumivelmente afundado.

O relatorio allemão annunciando que um destroyer inglez foi mettido no fundo e um couraçado avariado, é destituido de fundamento.—(Havas).

A attitude da Italia perante os imperios centraes

A guerra contra a Allemanha seria hoje popular

ROMA, 19.—O general Cadorna entrevistado por um redactor do *Matin* sobre os sentimentos que lhe desperta o passado e as esperanças que no seu espirito perspicaz se concentram para o futuro, respondeu:—«A fé immutavel, a unidade dos exforços, e a communidade do espirito de sacrificio activam a segurança do triumpho d'esta causa, com a plenitude da victoria das armas alliadas».

O *Matin* põe a seguir este commentario:—A guerra com que a Italia subjuga nas suas fronteiras mais de um milhão de austriacos, é a guerra mais ardua que póde imaginar-se; não é uma guerra em que tão somente se lucta contra os exercitos, mas tambem contra a natureza... Graças ao trabalho pertinaz dos alliados, approxima-se o momento em que os italianos poderão atacar o inimigo com armas eguaes e então as novas offensivas lançadas contra a Austria pelo sul, juntarão ás victorias russas um impulso que marcará o exterminio dos Absburgos. O illustre chefe do estado maior italiano pôde pois baseando-se no valor que tão bem conhece dos soldados italianos e no trabalho do paiz, dizer com conhecimento de causa, que contempla o futuro com inteira confiança. Tal confiança é além d'isso commum a todos os italianos. São concordes em affirmar que a victoria final poderá tardar, mas tambem que não falhará. E observa-se uma evolução completa em toda a peninsula. Quando a Italia entrou em guerra queria-se por todos os meios limitar o conflicto á chamada «nossa guerra», ao inimigo tradicional, a Austria.

A Allemanha apparecia então n'uma situação mais airosa. Se ella tivesse declarado guerra á Italia por motivo de solidariedade com o imperio dos Absburgos, e os italianos achado que tudo isto era natural e estava previsto; mas faltando essa declaração de guerra da parte da Allemanha, os italianos crêem que o governo tem feito bem portando-se como se tem portado.

A Allemanha estava decahindo na estima popular, pelo martyrio de que havia feito victima a heroica Belgica; isto, porém, não justificava a grande guerra contra Vienna e contra Berlim.

Hoje, as coisas variaram muito. Hoje até o mais leigo conhece que o grande conflicto fôra abertamente desejado em Berlim; que a monarchia danubiana não é mais do que um satellitte da Allemanha e que uma victoria italiana sobre a Austria nada significaria se não fôsse tambem vencido o povo teutonico.

Estes modos de vêr a politica, que não admittem discussão, encontram pleno assentimento popular, por razões de elevada moralidade que excedem a politica. A execução de Cesar Battisti por parte da Austria, o assassinio do capitão Fryatt e de miss Cavel por parte da Allemanha, a pirataria dos submarinos, o rapto das donzellas de Lille e de Roubaix, teem contribuido para tornar immensamente impopular a Allemanha na Italia. N'este momento os imperios centraes — Austria e Allemanha—são justamente condemnados na Italia, ao contrario do que succedia ha um anno, quando a Italia vinha a campo para realisar as suas aspirações nacionaes. Não demonstram aperceber-se sufficientemente d'isto os allemães, que crêem que a declaração de guerra á Allemanha seria impopular na Italia. Nada mais erroneo.

Não sei se o governo nacional italiano tardará em passar o Rubicon com relação á Allemanha; isto dependerá de um conjuncto de circumstancias que podem retardar o que parece cada vez mais inevitavel. Ha, porém, uma coisa que é indiscutivel, e é que se o sr. Sonino, ajudado por todos os seus companheiros do ministerio nacional, julgasse opportuno tirar as consequencias que derivam dos factos, todos os italianos apoiariam a obra do governo nacional. As polemicas entre as agencias Wolff e Stefani teem um relativo valor. A Italia tem-se mostrado sempre com a maxima prudencia desejando evitar tudo aquillo que pela sua parte poderia tornar mais complicada a situação; isto, porém não dava direito a ninguem para abusos de tal longanimidade. Naturalmente a questão diplomatica e militar andam juntas, e nós podemos opinar que as palavras do general Cadorna — sempre egualmente circumspecto, quer falando em publico quer em particular—só alcançam o *Statu quo* nas relações italo-allemãs e provêem tambem em geral, succeda o que succeder, o triumpho certo da justa causa com a victoria plena das armas alliadas.—(*Havas*).

Os crimes dos allemães

Pelo governo francez acaba de ser publicado um volume abrangendo o terceiro e o quarto relatorios da commissão que foi nomeada para averiguar os actos commettidos pelo inimigo attentatorios do direito das gentes.

E' uma documentação completa dos crimes praticados pelos allemães, abrangendo: o emprego de prisioneiros civis e militares forçados a avançarem em frente das tropas allemãs, para assim se cobrirem; o uso de armas e projecteis prohibidos pelas convenções internacionaes; os massacres de prisioneiros e de feridos; os attentados contra o pessoal sanitario e os bombardeamentos de ambulancias; o primeiro emprego pelos allemães de gazes asfixiantes como meio de combate e, finalmente, os attentados commettidos por feridos allemães contra francezes que os estavam soccorrendo.

A documentação é copiosa e insuspeita, vindo o volume acompanhado de numerosas gravuras, reproducções photographicas não só de documentos apprehendidos a prisioneiros allemães, como das balas explosivas por estes empregadas e dos ferimentos por ellas causados.

A barbarie dos allemães fica bem demonstrada n'esses curiosos e elucidativos relatorios.

NA DINAMARCA

A questão das Antilhas

Uma grave crise—A nova lei eleitoral e o suffragio das mulheres—Os americanos e a ideia de força

A questão da venda das Antilhas dinamarquezas colloca em singular relevo uma crise cuja importancia ultrapassa em muito todas as consequencias possiveis da queda de um ministerio dinamarquez.

A opinião publica dinamarqueza encontrou-se em presença de um projecto de alienação das colonias de um modo absolutamente inesperado. Protestou. Segundo numerosos precedentes, o que havia a fazer era suspender o negocio.

Em vez de adoptar esta solução, o gabinete Zahle-Scavenius obstina-se. Não levanta o véu do mysterio, mas o que disse foi bastante para deixar antevêr que a sua decisão não fôra livre.

No meio do espanto d'essa advertencia, a maioria radical da camara baixa, o Folkething, votou a venda, mas sob a condição de confirmação por um plesbicito.

A camara alta, o Landsthing, onde os elementos da direita dominam, recusou a ratificação, a despeito da ameaça de uma dissolução. Grave ameaça, no emtanto, para os conservadores, porque a dissolução significa a entrada em vigor de uma nova lei eleitoral democratica, com todo o imprevisto da introducção do suffragio das mulheres.

E eis que, á beira do fosso, a ameaça se devanece. O gabinete Zahle não dissolve mas dá a demissão. Fala-se na necessidade de addiar as eleições e de fazer regular o conflicto por meio de um gabinete de união sagrada. Que significa tudo isto?

Significa, muito simplesmente, que os americanos querem uma solução rapida. Querem Saint-Thomas e já. Os americanos preconisam a ideia de força. Leiam-se os discursos eleitoraes do sr. Hughes.

Precisamente, a camara americana acaba de votar um credito de 1.600 milhões para a construcção, em trez annos, de oito superdreadnoughts, além d'um importante numero de torpedeiros e submarinos. Estranho esforço no momento em que se fala de inaugurar o reinado da paz.

Contra quem são esses armamentos? Contra a Allemanha, declaram os que proclamam em alta voz que a guerra assignalará o anniquilamento do poderio allemão. Nem contra a Allemanha, nem contra os alliados, nem contra ninguem. Em verdade, applicação strictamente logica dos ensinamentos da crise europeia. Os americanos que sonhavam, acordados, com a fraternisação, descobriram que os conflictos de interesses podem acabar a tiros de canhão e que o unico meio de evitar o peor é estar preparado para tudo. Conflictos existem por toda a parte em germen. Cumpre, então, estar preparado para elles. Um Gibraltar e uma esquadra.—*Saint-Brice*.

TERRAS DE PORTUGAL

GRANDOLA

E' n'esta região que se cria a mais fina cortiça portugueza

GRANDOLA, 20—De regresso de Sines, fico uma noite em S. Thiago. Torno a vêr as «Romeirinhas», mergulhadas na doce penumbra do escurecer. Os velhos eucalyptos que bordam o passeio, erguendo para o espaço azul escuro as braçadas quasi decrépitas, dão-me a impressão de moribundos supplicando afflictivamente mais umas horas de vida. Pelo velho Castello dir-se-hia que erram phantasmas. Certa sombra mais forte, que se escôa lentamente junto d'um baluarte desmantelado, traz-me á lembrança um lendario frade secularisado, que, á força de fazer todos os dias, milhares de vezes, o giro da explanada, deixou cavado no chão que seus pés deliram um sulco de mais de meio metro de profundidade... Em S. Thiago faz-se uma intensa vida de club. Exactamente como em Elvas. No club, que está installado n'um palacio, com um grande terraço a dar sobre a villa, tendo as cumiadas, com os seus moinhos de vento, por panno de fundo, reune-se toda a gente de cathegoria. A politica não transpõe os humbraes d'esse campo neutro, onde todas as opiniões se dão bem e os homens parecem mais afaveis e mais tolerantes. Fui ao club e passei lá algumas horas, que foram, n'esta minha longa peregrinação pelo sul, das que mais me encantaram. E' ali, n'essa cathedral da melhor gente de S. Thiago, que se avaliam bem a riqueza e o caracter dos habitantes da região. A cortiça é a grande semeadora d'opulencia. Quasi não se cuida d'outra coisa. E como a cortiça cresce sem exigir canceiras, esta gente tem um ar feliz que seduz quem chega e que não permitte que o forasteiro abandone S. Thiago sem saudades.

Manhã cedo, partimos. O sr. Baptista Limpo, que é a pessoa mais serenamente amavel d'este mundo, conduz-me no seu automovel para esta villa. Subimos, com o Sol a illuminar-nos de chapa, a rampa ingreme que conduz até ás Cumiadas. S. Thiago, em baixo, recostada na collina que tem o castello e a coroal-a, dorme ainda o primeiro somno. A luz da manhã prateia exhuberantemente toda a villa. S. Thiago rejuvenesce. As suas paredes brancas dão-me a sensação da cegueira. Volto, instinctivamente, o olhar fatigado e dorido para a terra, accidentada que começa a desenrolar-se d'um e outro lado da estrada. Os monticulos schistosos, que lá ao longe se alteiam em serra abrupta e em montanha escalvada, estão cobertos de esteva, que fórma espessos e esguios matagaes. A sobreira cobre as valeiras, fixa-se pelas encostas, e misturando-se, aqui e além, com o pinheiro, cria uma paisagem de tons bizarros e severos, em que o verde denegrido e o verde avelludado e fino das ramarias novas se confundem para estenderem, deante de meus olhos maravilhados, um tapete interminavel ao qual a esmeralda e o carbunculo fornecem as principaes tintas...

E é assim até Grandola. Florestas de sobreiros, descortiçados de fresco uns, creando lentamente a cortiça outros. A estrada corre nos zig-zags por esta região em que schisto predomina. Mas a paisagem é monotona e pesada. Se não fosse o Sol que a aquece e lhe amortece os tons seccos e rigidos, nem eu sei se alguem poderia olhal-a com prazer...

* * *

Mais uns kilometros transpostos e Grandola surge n'uma esplanada em que a arvore cresce exuberantemente. Grandola é o dr. Jacinto Nunes, que ha mais de cincoenta annos ali fundou a sua pequenina Andorra, e por ella tem vivido e combatido, para a fazer progredir, para fazer d'ella um municipio modelo. Vou direito a casa d'esse grande e admiravel portuguez. A sua velha amisade espera-me ha uns poucos de dias. A ella me acolho. Toda a casa, desde a primeira hora, me fica pertencendo. A hospitalidade, n'este paiz, não foi nunca levada mais longe. Irrequieto, falador, sempre estranho, sempre moço e sempre pittoresco, tenho a illusão de que o dr. Jacintho Nunes quer que em sua casa tudo o que lá existe fique sabendo da minha chegada. O «Gorge», como elle chama ao filho, tem de abandonar as delicias do somno da manhã para nos fazer companhia ao almoço. Os netos tambem saltam fóra da cama, e dentro em pouco o velho solar, com o seu aspecto tão severo, tão nobre e tão portuguez, não é mais do que uma republica de estudantes, onde cada um faz o que quer e fala o mais alto que póde, para que as suas palavras não se percam no ruido alegre que as acolhe, para as apagar...

Depois do almoço, eu e «O Gorge», sahimos. Damos uma rapida volta pela povoação, que é grande, mas sem interesse. Visitamos algumas quintas dos arredores. Conversamos de mil e uma coisa differentes e deixamo-nos, a pouco e pouco, penetrar pela magestosa imponencia da arvore. E' que em parte nenhuma, n'esta terra transtagana, em que o montado cobre leguas e leguas, a vi crescer ainda com tanta exuberancia. A sobreira vive por toda a parte. Cobre as planicies e reveste todas as encostas. Quasi cresce pelos jardins. Na vasta campina cultivada, em que a vinha, o milho e as hortas fazem lembrar certas regiões minhotas, a sobreira é ainda e sempre a arvore que se estima e se respeita como se ella fosse, afinal, a melhor de todas as arvores. E que admira isso desde que se saiba que é em Grandola que se cria a mais fina cortiça de Portugal e que, dos seus sobreiraes, recebe todo o concelho, em cada anno, mais de cento e cincoenta contos? A sobreira é a riqueza que se offerece, como ao viandante que passa, em certos paizes lendarios do Oriente, se offerecem os mais capitosos fructos. O homem pouco mais tem que fazer do que alongar os braços para a colher. Eis porque a sobreira, por estes sitios, é a intangivel arvore sagrada, tão apreciada como as minas d'oiro.

Entretanto, os grandes productores de cortiça queixam-se. Esse producto, que começou a industriar-se ha de haver cincoenta annos, está agora em manifesta decadencia, por causa da guerra. A Allemanha, grande importadora de cortiça em prancha, não recebe agora nem um metro quadrado. Os outros paizes consumidores tambem reduziram as suas importações. E' a crise que se avisinha? Por ora não. Será, porém, conveniente impedir que essa crise que se desenha ao longe chegue a produzir resultados que não podiam deixar de ser funestos.

* * *

Depois da cortiça, Grandola tem nos cereaes, no azeite, no gado bovino e no gado suino as suas principaes fontes de riqueza agricola. Os cereaes chegam para o concelho e crescem. O gado bovino é o melhor de Portugal. Tenho-o admirado por toda a parte, quer trabalhando, quer pastando, quer deslisando pachorrentamente pelas estradas. E' corpulento e é forte. E' nutrido, é bem proporcionado. A côr do seu pello é quasi deslumbradora. O oiro mistura-se com o rubi e produz os mais quentes e admiraveis tons. Quando o Sol lhes dá de chapa, dir-se-hia que os dorsos se incendiam e que dos costados amplos cahem pequeninas e rubras brazas. E' fulva a pellagem fina dos bois de S. Thiago e Grandola. Tem reflexos que acariciam e ha nas manadas que pastam pelos campos que deram trigo e pelas charnecas onde a relva não seccou ainda de todo, certos exemplares dignos do pincel d'um genial pintor de animaes. Depois do boi, o porco. E' outra grande riqueza. Essa, porém, tem a devastal-a doenças e epidemias que em certos annos a reduzem cruelmente. Grandola, quando o mal rubro, que se evita com vacina de Lesclanche, e a pneumo-enterite ou peste porcina, para a qual não ha remedio conhecido, não devastam as suas varas de porcos, arrecada em cada anno, da venda do gado suino, ruivo e quasi espherico, para cima de cem contos. Mas quando a peste irrompe a devastar as varas que engordam pelos montados, o lavrador treme como se sobre elle cahisse o mais espantoso dos flagellos. E' que muitas vezes de trezentos e quatrocentos porcos á engorda chega a não escapar, quando a peste surge, nem um só.

Grandola, em pleno sul, emoldurada em montados de sobro, com o pinheiro crescendo, em tufos compactos, pela campina raza que se desenrola a perder de vista para o Nascente e para o Sul, tambem tem o seu grande panorama tentador. Fica lá em cima, no alto da Senhora da Penha, onde uma capellinha triste espera resignada a visita dos fieis, no dia da romaria, uma vez por anno. O sr. Jorge Nunes, que foi em Grandola o meu amabillissimo «cicerone», leva-me a poisar, no alto d'esse monte, que domina a paisagem, uma admiravel tarde de domingo. Chegamos á Penha por volta das quatro horas. O Sol inunda, prodigo e sorridente, com a sua luz ao mesmo tempo enternecida e crua, todo o campo e todas as serranias. As cupulas redondas das sobreiras parecem de prata fosca. Nas depressões do terreno, nos espaços esguios que ficam entre os montes de schisto, que parecem espheras enfiadas umas nas outras, cresce o castanheiro. A paisagem alegra-se se voltarmos o olhar das serranias do Poente, afogadas em sombra e em neblina, para a campina que se alarga para Leste, direita ao Torrão, a mais rica freguezia de Portugal, e na qual pequeninos casaes de agricultores, modestos, broncos de neve, parecem enormes cegonhas dispostas a levantar vôo. Adivinha-se o Sado, cortando a Lezíria, e a curta distancia uma immensa mancha negra faz recordar um incendio recente, que por pouco não saltou para os montados e podia causar incalculaveis prejuizos. A Arrabida, lá longe, traçando no espaço azul cobalto uma facha denegrida, traz-me á lembrança o mar e faz-me recordar o Paraizo que é a bahia fulgurante de Setubal, quando a incendeia um sol como este que está cahindo, a esta hora adormecida, sobre este pedaço de terra transtagana. Grandola, em baixo, parece-me mais pequena, mais attrahente, mais feliz. Quasi concluida, a sua estação do caminho de ferro aguarda que, lá para o fim do mez, chegue o primeiro combolo. A avenida que ha de ligal-a com a villa será, dentro em poucos annos, a mais bella da povoação.

Quando a tarde declina, descemos da Penha e voltamos a Grandola. O caminho parece-me agora mais pittoresco, como as velhas arvores que o bordam me parecem mais moças e mais lindas. E' que a luz que as envolve perdeu toda a crueza d'aquella que, quando o Sol vae a pino, queima e devasta as paisagens que ficam da banda de cá do Tejo. O dr. Jacintho Nunes espera-nos, faminto, para o jantar. A sua eterna alegria tilinta de novo ao ver-nos. Depois são algumas horas de vivissimo prazer ouvindo esse velho rapaz de setenta e cinco annos falar de coisas que lá vão e que trazem indelevelmente marcado o cunho pessoalissimo de aquelle que as viveu. Bem certo é que a politica nem sempre consegue ser a grande devoradora de corações.

ADELINO MENDES.

A organisação das forças em França

Porque é necessario crear grandes stocks de madeira

Seria difficil calcular o formidavel consumo de madeira que custará esta guerra. E' sem duvida alguma phantastico. Em França este assumpto preoccupa, porque o despovoamento florestal nunca foi tamanho como hoje e póde ter consequencias graves.

Os serviços da engenharia, pelo que respeita á madeira de obra, absorveram a maior parte dos produtos florestaes necessarios á construcção das pontes, abrigos, galerias, abarracamentos, travessas, etc., e ainda á protecção das trincheiras.

Essas necessidades são constantes porque, a par e passo que a frente se desloca, novos trabalhos se impõem que exigem um novo fornecimento immediato de madeira.

Veem, em seguida, as minas de carvão e de ferro, que para assegurar a exploração do seu sub-solo e corresponder assim ao espantoso consumo industrial e particular, devem dispor de stocks consideraveis de madeira para estacaria.

Depois os arsenaes, as companhias de construcção de navios, de caminhos de ferro, etc., aos quaes é necessario fornecer grandes quantidades de madeira, de dimensões especiaes e de qualidades diversas.

Compre accrescentar ainda as obras publicas, os serviços telegraphicos e telephonicos, grandes consumidores de postes de transmissão; as fabricas de cofres para transporte de cartuchos, granadas, essencia de motor, etc. As fabricas de pasta para papel são talvez as que devoram mais madeira.

Finalmente, a intendencia consome quantidades enormes para cosimento do pão dos exercitos; as padarias civis e todas as populações das cidades e campos para as necessidades de cosinha, aquecimento, etc. N'esta enumeração não se fala, por exemplo, na industria do movel.

N'este momento, em França, pelo que respeita ao abastecimento de madeira, foram tomadas providencias especiaes para assegurar os fornecimentos indispensaveis ao exercito e crearam-se para isso determinados centros dirigidos pela engenharia e pela intendencia com o concurso de chefes florestaes de exploração. Mas esse abastecimento, praticado por meio de requisições locaes e de negociações directas com os productores, apenas tem por fim o fornecimento exclusivo dos exercitos e não comprehende o, não menos importante, da marinha, da artilharia, dos estabelecimentos industriaes que trabalham para o exercito, das grandes companhias de caminhos de ferro e de construcção, das minas, dos serviços telegraphicos e telephonicos e, em geral, dos estabelecimentos e administrações que concorrem para as necessidades da defeza nacional.

Ora, como a quasi totalidade das madeiras exploradas se destina ás administrações da engenharia e da intendencia, resultam d'ahi, para todos os outros «clientes», graves difficuldades. Como remedial-as?

Eis o que se pergunta em França e, ao mesmo tempo, se não conviria primeiro centralisar, em cada districto florestal da engenharia, todos os pedidos de madeira, tendo uma relação directa ou indirecta com as necessidades militares e navaes, e assim reunir, sob uma direcção unica, os productos florestaes de toda a natureza, a fim de se repartirem pelos varios serviços interessados, e depois agrupar, por intermedio das intendencias, toda a madeira de aquecimento, indispensavel ao consumo particular.

São grandes as difficuldades para tamanhas explorações. E' mister encontrar a mão de obra necessaria, classificar as especies, preparar, cortar as madeiras d'um modo especial e apropriado, etc.

Ora trata-se, ao mesmo tempo, de acudir de prompto ás requisições e fazer a entrega em prasos prescriptos. E, pensando-se um instante na extensão das necessidades actuaes e futuras de madeira de toda a especie, ficar-se-ha surprehendido perante a obra a realisar, porque centenas de milhares de metros cubicos de madeiras para obra e para forno são e serão indispensaveis. A constituição dos grandes stoks impõe-se, pois, a fim de se attender ás exigencias immediatas e proximas, bem como ainda um recenseamento geral das possibilidades de producção, um inventario dos mesmos stoks, a facilitação dos transportes ferro-viarios, etc.

Crê-se em França que semelhantes medidas permittiriam satisfazer as necessidades mais urgentes sem recorrer demasiadas vezes ao estrangeiro. Os francezes estão convencidos de que assim conservariam centenas de milhões de oiro de que precisam agora como nunca.

Os "Amigos do Museu"

Quando, em fevereiro d'este anno, esteve em Lisboa o sr. D. Aureliano de Bernete y Moret, illustre academico hespanhol; membro do Real Patronato do Museu do Prado, e que aqui veiu, a convite dos «Amigos do Museu» fazer tres conferencias sobre Goya, pintor de retratos, foi-lhe, como noticiou a imprensa, offerecido um banquete pelos mesmos «Amigos do Museu».

N'esse banquete discursaram o honorificado e o sr. dr. José de Figueiredo, eminente director do Museu de Arte Antiga. Os dois discursos foram agora publicados n'uma elegantissima «plaquette», procedidos d'estas palavras de Affonso Lopes Vieira:

N'estas nobres palavras que vão ser lidas e que os «Amigos do Museu» quizeram archivar para honra da nossa Arte, revela-se um facto do maximo alcance para Portugal:—pela primeira vez, após um tam largo e confuso mal-entendido, Portuguezes e Hespanhoes, pelas boccas de dois dos seus mais patrioticos e auctorisados representantes, definiram e limitaram os campos das suas respectivas Escolas de Pintura. O paiz de Velasquez e de Goya reconhece e admira como um irmão mais velho na arte de pintar, o paiz de Nuno Gonçalves—«com quem ninguem se parece»—e dos outros Primitivos da beira do Atlantico. E' este facto magnifico, reconhecido e declarado por um dos mais eruditos criticos de arte hespanhoes, que os «Amigos do Museu» archivam n'estas paginas, e fazem-no com a calma e poderosa satisfação de verem tambem affirmada a sua Patria na belleza e no caracter da pintura que os mestres de Portugal produziram, influenciados pelos «ethos» da Raça e pela luz amoravel d'este ceu.

De toda a parte

O grande explorador Dieulafoy, viuvo da nossa conhecida escriptora do mesmo appelido, que trajava de homem, requereu que o mandassem para a linha de fogo. Dieulafoy tem o posto de coronel e conta 72 annos.

Chegaram a Lyon uns cem japonezes que vão alistar-se na legião estrangeira.

Marselha acaba de ser designada como base para a nova marinha mercante belga.

O parlamento servio vae reunir-se no theatro municipal de Corfu.

O celebre Charlot em Lisboa

Depois de ámanhã, quarta-feira, no theatro da Republica o celebre e authentico Charlot, o famoso comico da casa cinematographica «Studio Film» com a sua troupe de 6 artistas que com elle costumam figurar nas fitas animatographicas e que por ellas já são nossos conhecidos. Charlot chega na terça-feira a Lisboa, fazendo n'essa occasião uma fita na estação do Rocio, no Rocio e no Chiado até ao theatro Republica, fita que depois será exibida.

Charlot estreia-se no engraçado «Sketch», intitulado Charlot enamorado.

Representa-se, tambem, a festejada revista «Castellos no ar», o que torna uma noite excepcionalmente divertida.

Pelo Salão Foz

(Uma estreia sensacional)

Rosine e o seu Carlitos

E' hoje que se effectua no Salão Foz a estreia da celebre «pareja» de bailes internacionaes Rosino e o seu Carlitos.

O que é este numero?

Uma maravilha, dizem os que já o viram trabalhar. Rosine é uma admiravel bailarina «doublé» de cançonetista, mas de grande valor nos dois trabalhos; todas as suas danças são executadas com elegancia com rythmo sendo admiravelmente acompanhada por Carlitos, elle tambem um bello bailarino.

E' portanto um numero magnifico para ser hoje estreiado em recita dedicada á nossa sociedade elegante.

Stella Margarita o soprano ligeiro que tanto tem agradado, está dando os seus ultimos espectaculos e hoje lá o teremos com as suas melhores canções.

Bella Lopes e o seu excentrico são dois gymnastas com tanto valor gymnastico como comico. Sabem fazer rir e sabem trabalhar.

Carmem Vicente que tem sido sempre muito applaudida faz hoje a sua despedida do publico em que tão grandes sympathias creou.

E' portanto um espectaculo de festa hoje no Saloz Foz onde as noites se passam alegremente.

O problema da navegação

As viagens dos ex-allemães

De vagar se vae ao longe continúa a ser a norma official

O problema dos navios allemães está embaraçadissimo, não havendo maneira de fazer com que elles cumpram a missão para que foram requisitados e depois apprehendidos. A crise de subsistencias continúa cada vez mais aggravada e as estancias superiores não se dão pressa em arrumar este caso, do qual ha a certeza de que semelhante crise seria attenuada. Mas, para que ha de haver pressa, se, como diz o dictado, Roma e Pavia não se fizeram no mesmo dia!

Os commandantes dos barcos que estavam sendo reparados, á medida que esses trabalhos vão terminando, veem-se em embaraços para que as cargas sejam retiradas de bordo. São canceiras inuteis. Passam-se dias em «demarches», em promessas vagas, continuando tudo na mesma. E' assim que o «Gaya», commandado pelo capitão Vicente Aguiar, não consegue ver-se livre da importante carga que traz e com a qual não póde realisar as necessarias experiencias. Outro tanto acontece ao ex-«Bullow» cujas reparações estão prestes a terminar. Não ha maneira de descobrir armazenagem. Pede-se uma dependencia das installações do Lazareto, mas baldadamente. E assim andam os commandantes de Herodes para Pilatos, sem que os barcos que commandam possam prestar para qualquer coisa. O governo tambem cedeu o «Espozende» a uma empreza algarvia, a qual, por falta de carga, conserva ainda esse navio amarrado.

E são ou não muitos os barcos, que estão navegando já? Perguntamos a alguem que conhece intimamente este caso.

São bastantes, responde-nos, sem hesitar. A companhia nacional de navegação foi contemplada com 16 barcos. D'esses, apenas 7, se conservam parados: O «Congo», e o «Porto Alexandre», em Loanda, o «Fernão Velloso», o «Moçambique», o «Lourenço Marques», o «Inhambane» e «Quilimane», no porto de Lourenço Marques aonde devem estar chegando as respectivas equipagens. A companhia, porém, tem feito os fretes que mais lhe convem e é certamente por isso que deixou pelos portos coloniaes o assucar, pouco se importando que elle escasseasse ou não por cá.

E' a firma Pinto Basto que tem batido o «record» da utilisação dos barcos que lhe foram confiados. São quatro: o «Vianna», o «Figueira», o «Setubal» e o «Cavado». O primeiro fez a sua primeira viagem, tendo concluido as reparações a 15 de julho. No dia 1 de agosto partiu para Cardiff, onde actualmente se encontra. O «Figueira» é a terceira viagem que faz, levando toros de pinheiro para Cardiff e devendo trazer de lá carvão.

O «Setubal», de que é commandante o sr. Noé Domingues, effectua a sua primeira viagem, com destino a Genova, para onde conduzia carga diversa. Já lá chegou, depois de ter encalhado á entrada do Mediterraneo por motivo de grande cerração. Felizmente conseguiu safar-se sem nenhum prejuizo material. O «Cavado» vae tambem a caminho, tendo sahido d'aqui a 5 do corrente.

A casa Mascarenhas angaria fretes para trez barcos, o «Sagres», que hontem entrou no Tejo, vindo de Cardiff, com 4.600 toneladas de carvão para os caminhos de ferro do Estado, tendo levado vinho para Bordeus e Rouen; o «Ponta Delgada», que sahe pela terceira vez para Casa Blanca e o «Caminha», que segue o mesmo rumo, outros com carga diversa.

Hontem tambem chegou a Lisboa o «Sines», que está confiado á firma Burnay.

Volta de Rouen, onde foi levar vinho, e traz cascaria. Sahiu de Lisboa em 18 de julho. Soube-se, pela sua tripulação, que o serviço de descarga n'aquelle porto francez está sendo desempenhado pelos prisioneiros allemães. Ao serviço da mesma firma encontra-se o «Horta», que, tendo effectuado a sua primeira viagem, chegou hontem a Rouen, com um importante carregamento de vinho.

Estes são os barcos que andam em serviço, não tendo sido entregues, como muita gente suppõe, os navios destinados a Petra Vianna, Norton & C.ª e Gama & Marinho, porque os que lhes eram destinados não se concluiram ainda e tambem porque se assentou que outro deveria ser o seu destino.

Quando vão os navios para Inglaterra?

Como se fará a administração ou que destino vão ter os que ficam na posse do governo?

Eis ahi, conclue o nosso amigo, duas perguntas que toda a gente faz e que o governo não mostra pressa alguma em responder, convencido de que devagar tambem se vae longe...

PEQUENAS NOTICIAS

—Foi enviado para juizo Anastacio Augusto Lucas, residente na rua das Farinhas, 13, 4.°, accusado de furtar duas bicicletes a Arthur Rodrigues, morador na rua do Sol a Santa Catharina, 11.

A questão das subsistencias

Chega ao Tejo um importante carregamento d'assucar colonial

Com um importante carregamento de assucar e outros generos coloniaes chegou hoje ao Tejo, procedente dos portos de Africa, o paquete «Moçambique», da Empreza Nacional de Navegação.

O Congresso da União Republicana

Hontem e ante-hontem realisou-se o Congresso da União Republicana, fazendo o sr. dr. Brito Camacho largas considerações sobre o problema da guerra e occupando-se tambem demoradamente das condições em que o seu partido appoiou o governo da dictadura.

O Congresso votou varias conclusões que representam a orientação unionista dentro da politica portugueza. No emtanto, não votou a conclusão que mais utilidade encerrava para os congressistas: a de todos se comprometterem a comprar calçado no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290, 290 B.

Castellos no ar --- Surprezas ---Despedida de Nita Falzon

A'manhã é a ultima apresentação no Republica da celebre «chanteuse» parisiense «Nita Falzon» na linda revista «Castellos no ar», uma artista fina, de rara distincção que tem sido um grande exito. Ha tambem dois novos numeros de sensação, que hontem alcançaram caloroso enthusiasmo, «O marinheiro portuguez» pela joven actriz Judith de Castro, que com a sua irmã Rachel farão uma engraçada parodia ao popular duetto dos «Olhos falsos».

A'manhã ninguem falta ao Republica.

Sinistro no Tejo

Homem que se afoga, por se ter voltado o barco em que seguia

Na noite de ante-hontem deu-se no Tejo um sinistro, de que resultou a morte de um homem salvando-se outro a muito custo.

Ao escurecer metteram-se n'um pequeno bote o seu proprietario, de nome Luiz, morador com sua mulher e tres filhos na rua do Olival, e Joaquim Dias, residente na travessa da Amoreira, 1, onde vive com uma mulher. Os dois seguiram para Cacilhas, afim de ahi comprarem carvão.

Cêrca das 22 horas embarcaram, de regresso a Lisboa, não trazendo o pequeno barco luz alguma. A meio do rio avançava um dos vapores da Parceria em direcção á Trafaria, onde ia atracar, o qual apanhando o barco, o fez voltar.

A muito custo o Joquim Dias poude salvar-se a nado, não acontecendo o mesmo ao Luiz, que não sabia nadar. O Dias ainda tentou salval-o, mas todos os seus esforços foram baldados, conseguindo somente apanhar o chapeu de palha todo partido, o que o leva a acreditar que o Luiz foi apanhado pelas pás da helice.

O cadaver não appareceu ainda.

ULTIMA HORA

A grande guerra

O Brazil e as industrias dos alliados

CURITYBA (ESTADO DO PARANA'), 21—Apesar dos esforços empregados pelos negociantes allemães estabelecidos no Paraná, a industria dos paizes alliados faz grandes progressos n'este Estado.—*(Americana)*.

Os allemães de 17 annos recrutados

PARIS, 21.—Segundo informam de Lausanne, os allemães de 17 annos devem inscrever-se nos postos de recrutamento.—(Americana).

As operações nos Balkans

PARIS, 21.—Na frente de Salonica, os servios occupam uma linha de dez kilometros na vanguarda dos franco-inglezes.

O governo grego auctorisou a evacuação de 18 povoações na região de Florina, a pedido do commando servio.

A Italia coopera nas operações da frente oriental enviando importantes contingentes.—(Americana).

NOTAS DIVERSAS

Como noticiámos, o sr. presidente da Republica, acompanhado do sr. ministro da justiça, dr. Germano Martins, dr. Affonso de Mello Gassana e Vasco de Vasconcellos, foi hoje, pelas 16 horas, a Cintra visitar a Colonia Penal Agricola, por motivo do primeiro anniversario do seu funccionamento.

O presidente do Tribunal de Arbitros Avindores do Porto solicitou providencias do ministerio do trabalho ácerca da eleição para a substituição dos membros do mesmo tribunal e do regular andamento dos respectivos processos.

—As commissões politicas, a junta de parochia e a commissão municipal do Partido Republicano Portuguez, de Aldeia Gallega, enviaram hoje um telegramma ao sr. governador civil, solicitando-lhe que continue como administrador do concelho o sr. Eurico de Campos.

Agentes de policia burlões

Sobre o caso de burla de 1:000 escudos de que foi victima o negociante de Aldeia Gallega sr. Antonio Maximo Sequeira e levada a effeito pelos vigaristas José Rodrigues Oliveira, o «Escurinho», e o «Santinhos da Facada» e em que se encontram envolvidos os agentes Annibal Pires e Antonio dos Santos Oliveira, temos a accrescentar o seguinte:

O director, da policia de investigação terminou hoje as suas diligencias, apurando que os dois agentes estão effectivamente envolvidos no caso, motivo por que o processo disciplinar foi já enviado ao sr. commandante da policia.

O processo que diz respeito á burla foi hoje para a Boa Hora, para onde tambem foi enviado o «Escurinho».

Reclamações operarias

Uma commissão delegada da Associação de Classe dos Descarregadores de Mar e Terra voltou hoje a conferenciar com o chefe do districto pedindo que os contractos do engajamento do pessoal sejam feitos nas praças do Caes do Sodré, Terreiro do Trigo e Santos.

O sr. Chagas Franco prometteu tratar do caso e para isso pediu ao sr. Pistachni, como representante das emprezas maritimas, para ter com elle uma conferencia. Effectivamente, esse senhor esteve á tarde no governo civil conferenciando com o sr. governador civil.

Uma commissão de descarregadores, do sexo feminino, de carvão da Companhia do Gaz, acompanhada de grande numero de collegas, procurou hoje o sr. ministro do trabalho, para reclamar providencias no sentido de lhe ser garantido o trabalho de que estão encarregados e a contento da Companhia, visto que os descarregadores chamados alcochetanos, que quando foi da ultima gréve abandonaram o trabalho, sendo então chamadas as mulheres para os substituir, pretendem agora á força retomar o trabalho.

A commissão foi recebida pelo sr. Jorge Teixeira, secretario do ministro, que ficou de lhe transmittir o assumpto e dar uma resposta na proxima quinta feira.

Uma serie de desastres

Na enfermaria do hospital de S. José deram entrada Antonio Antão, de 14 annos, morador em Alemquer e ali aggredido com uma facada nas costas; Raul Ramos, de 12 annos, que cahiu nos claustros do Asylo Maria Pia, ficando com fractura do craneo; Daniel Luiz de Mello, morador na Junqueira, que cahiu de um carro electrico ficando com a perna esquerda fracturada e Carlos Carvalho, de Panoas, Alcochete, onde foi colhido por uma prensa que lhe esmagou o pé direito.

No banco foi pensado e seguiu para casa Luiz Rodrigues, morador na calçada da Boa Hora, 38, que bateu com a cabeça n'um poste electrico, fazendo um pequeno ferimento.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Soneto

N'esta vida d'enganos, descuidoso,
Ando já eu ha muito d'enganado,
Sabendo que o engano é o meu fado
N'elle vivendo vou como n'um goso.

Demais sei eu que estou muito amoroso
E que ella não quer ver o meu cuidado,
Mas deixo-me levar sempre embalado
N'essa visão de sonho vaporoso.

Se não posso nem sequer refrear
Este amor meu, que é todo o meu soffrer,
E que deixa de ser é meu findar,

Vivo pois no doce erro de viver
N'esta pena que mata sem matar,
N'esta illusão que alenta e faz morrer.

Mario Teixeira Bastos

CASAMENTOS

Realisam-se na proxima quarta feira em Montelavar (Cintra) os casamentos de uma filha e de um filho do sr. Antonio Duarte Cortegaça e de uma filha do sr. Manuel Christovam Arranque.

BAPTISADOS

Realisou-se na parochial egreja de Cascaes o baptisado da filhinha da sr.ª D. Odette Ribeiro Leal de Faria e do sr. Theophilo Leal de Faria, tenente de engenharia. Serviram de madrinha a sr.ª D. Gertrudes Ribeiro da Costa e do padrinho o sr. dr. Antonio Nogueira. A gentil creança recebeu o nome de Marianna Clara.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as senhoras:

Condessas de Mafra e dos Cavalleiros D. Maria Saldanha da Gama de Miranda e Vasconcellos, D. Alice Piate Leite Salusse, D. Maria Victoria da Costa Lima, D. Christina Lieibermeister, D. Maria Luiza de Chaliiton Sanches de Portugal e D. Julia Maria de Brito da Cunha, e os srs. dr. Antonio Candido Correia da Cunha, José Luiz Pereira Machacho de Castro, Antonio Reynolds, Arthur Nogueira Bastos, Alfredo da Silva e Ruy Ferreira da Silva.

—Tambem fazem amanhã annos o sr. Eduardo Affonso dos Reis, o menino Theodoro Pereira Salsa e a sr.ª D. Elvira Gomes Nunes, esposa do sr. Joaquim José Nunes, commerciante da nossa praça.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou de Caneças a sr.ª D. Antonieta Patricio Campos Henriques.

—Retirou de Paço d'Arcos para Cintra o sr. Conde de Cuba.

—Partiu do Bom Jesus do Monte para Fermude a sr.ª D. Maria Alexandrina Matta Dias.

—Partiu da Curia para a Figueira da Foz o sr. Alfredo Alves Martins.

—Foi para Saint-Nectaire (Puy de Dôme) e não para Saint-Victoire, que ante-hontem partiram, via Madrid, as sr.as D. Amelia de Castro Lemos e D. Luiza de Almeida e Albuquerque.

—Partiram para Azambuja os srs. drs. Motta Cabral e Mario Cardoso.

—Regressou de Entre-os-Rios e encontra-se no Estoril a sr.ª D. Palmira Paulos Rebello Alves.

Ver noticiario diverso na 4.ª pagina

AINDA O WOLFRAM

A organisação estrangeira

que pretende influir nas transacções do nosso mercado com a fixação de preços

Todos os dias nos chegam novas informações sobre o que se está passando com a compra do wolfram, todas ellas concordes na demonstração de que os industriaes e commerciantes portuguezes não podem continuar sujeitos ao «contrôle» que os syndicatos estrangeiros lhes pretendem impor.

A União da Agricultura Commercio e Industria e a Associação Commercial de Lisboa vão occupar-se do caso tencionando interferir junto do governo para que desappareça a fiscalisação dos taes delegados que se encontram no nosso meio.

O pretexto invocado para que essa fiscalisação se exerça é o da necessidade de se impedir que se faça contrabando do wolfram e de todos os outros artigos e productos nacionaes de que carecem os paizes alliados. E' indispensavel, de facto, evitar aquelle contrabando, mas todas as medidas n'esse sentido devem ser tomadas pelo ministerio dos negocios estrangeiros e pelo ministerio das finanças, não se justificando a existencia de qualquer organisação estrangeira com aquelle fim.

O sr. Ahlers, o delegado da tal commissão dos alliados, é socio da casa Mak Allens, com séde em Londres, um dos mais importantes estabelecimentos inglezes que se destinam á compra de minerios. E' curioso notar que, para a pesagem do minerio de wolfram que adquire no nosso paiz, o sr. Ahlers não acceita nem as balanças das alfandegas nem as dos caminhos de ferro, regulando-se apenas pelas que possue nos seus depositos.

Tambm não acceita as analyses feitas pelo sr. Charles Lepierre. O minerio é enviado para Londres afim de ser analysado por um technico de nome Benedict Kitto.

Parece que os pagamentos das quantidades que o sr. Ahlers adquire deviam ser feitos em libras ou em francos, visto que ellas seguem para a Inglaterra ou para a França. Não acontece assim. O sr. Ahlers paga em moeda portugueza.

Não é menos curioso dizer-se que nem todas as minas de wolfram estão sujeitas, para a fixação de preço, á tal organisação financeira que o sr. Ahlers representa. As da Borralha, francezas, as da Panasqueira, inglezas, e as de Vizeu, americanas, fornecem directamente o minerio ás fabricas transformadoras, a pretexto de que já tinham contractos anteriores a preço mais elevado. No emtanto, essa mesma razão, que colhe para francezes, inglezes e americanos, não é admittida pelo sr. Ahlers sempre que se trata de portuguezes, porque o sr. Alvaro Augusto Dias, proprietario d'uma mina de Arouca, tambem tinha contractos anteriores, a preço muito mais elevado, e isso de nada lhe serviu porque o governo não lhe consentiu a exportação e recommendou-lhe que se entendesse com o sr. Ahlers.

Devemos esclarecer que em Arouca ha varias minas, de diversos possuidores, e não apenas uma.

O wolfram tanto é explorado em jazigos como apanhado em terrenos de alluvião. Nas provincias do norte e centro do paiz, Minho, Douro, Traz-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa empregam-se hoje mais de 30.000 pessoas na apanha do wolfram.

* * *

Recebemos hoje as seguintes indicações, que demonstram bem como são avultados os lucros dos compradores do wolfram, sem vantagem alguma para os governos das nações alliadas:

Quando o wolfram valia antes da guerra 35 shillings a unidade, o preço do aço especial contendo 8 a 15 de tungstenio valia 4 a 6 francos o kilo.

Agora que o wolfram se vende a 85 e 90 shillings a unidade, o aço especial vale 15 a 30 francos o kilo.

Pode-se portanto estabelecer da maneira abaixo mencionada o preço do custo do fabricante, tendo-se em conta que a 35 shillings a unidade o tungsenio fica por 50 centimos o kilo e que a 90 shilings fica por francos 1,50 o kilo.

O preço era: antes da guerra: 90 por cento aço, 1 franco por kilo; 10 por cento tungstenio, 50 centimos por kilo; despezas de transformação, 50 centimos por kilo; despezas geraes e venda, 1 franco—Total, 3 francos.

Preço de venda, 4 a 6 francos; beneficio minimo, 2 francos por kilo.

Actualmente: 90 por cento aço, 2 francos e 50 centimos; 10 por cento tungstenio, 1 franco e 50 centimos; despezas de transformação, 1 franco—Total, 6 francos.

Preço de venda, 15 a 30 francos—Beneficio minimo, 9 francos por kilo.

O beneficio do transformador tem-se tornado enorme e o productor do wolfram é que é o sacrificado.

Que Portugal venda a 85, 90 ou 100 shillings, não são os governos alliados que ganham com isso, são unicamente os transformadores syndicados que augmentam escandalosamente os seus beneficios.

Se Portugal augmentar a sua producção de wolfram presta um serviço consideravel aos alliados.

Se diminuir o preço do wolfram não faz mais que augmentar o beneficio escandaloso d'alguns transformadores syndicados.

Não se pode augmentar a producção do wolfram sem elevar os preços d'este minerio durante um certo espaço de tempo sufficientemente longo.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu esta tarde no ministerio das colonias, demorando a reunião das 15 ás 18 horas e meia. No fim do conselho reuniram em conferencia os srs. presidente do ministerio, ministro das finanças, ministro dos estrangeiros, ministro do trabalho e sub-secretario das colonias.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque. . .	35 1/2	34 7/8
Londres, 90 d/v. . .	35 9	
Paris, cheque. . . .	$7	$76,4
Hollanda, cheque . .	$5,2	$59,7
Madrid, cheque . . .	1$45	1$46
Suissa, cheque . . .	$81,5	$82,8
New York	1$44	1$46
Rio s/Londres. . . .	12 17/32	
Libras.	7$15	7$20
Agio do ouro. . . .	51 %	56 %

BOLSA — As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	Coup.
Tit. de 1:000$. . .	38,15	38,10
» » 500$. . .	38,15	38,10
» » 100$. . .	38,15	38,20

Obrigações do Estado: 4 0|0 1890, coup. 51$; 4 1|2 88-89, assent., 57$50.

Externas: 1.ª serie 78$ e 3.ª 79$80.

Acções: Aguas 93$50; Ilha do Principe 250$50; Norte e Leste 32$40; Agricultura Colonial 129$50.

Obrigações: Aguas, coup., 81$80; Prediaes, 6 0|0, 93$70 e 4 1|2 84$20; Municipaes ou Districtaes, 5 0|0, 85$10; Norte e Leste, 2.° grau, 85$; C. de Ferro 10$10; Moagem 96$; C. de Ferro de Benguella 79$.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

O general Cordonier no Oriente

A rapida e gloriosa carreira de guerra d'um militar sportivo

Um dos communicados officiaes francezes dava a seguinte informação:

> O general Sarrail, estando encarregado de coordenar as operações de conjuncto das forças alliadas na região de Salonica, o general Cordonnier foi nomeado seu adjuncto, a seu pedido, para commandar directamente as divisões francezas. O general Cordonnier já partiu a tomar o seu posto.

Esta noticia deve ser agradavelmente recebida por todos os homens de «sport». E' que o general francez Cordonnier é um fanatico pelo athletismo e a «Capital», com frequencia, se tem referido a elle.

O general Cordonnier é um propagandista da «velha guarda». E' um dos que apregoava as excellencias dos exercicios physicos nos tempos em que a gymnastica era tida como coisa de saltimbancos.

Quando em França commandava o 119.º de infantaria que na guerra actual se tem coberto de gloria, dava ao sport a consagração official, sendo elle o proprio organisador de provas sportivas entre os seus soldados. Regulamentava e fiscalisava. Dava premios aos vencedores, que comprava com dinheiro seu.

«O «sport»—dizia elle, com frequencia—ha de dar á França admiraveis soldados». Este prognostico confirmou-se.

Quando rebentaram as hostilidades, Cordonnier foi para a guerra como coronel. Por feitos militares e provas de capacidade foi, immediatamente, nomeado commandante d'um exercito. Agora, a nomeação para o Oriente, consagra o seu valor.

No principio da campanha, Cordonnier affirmou-se logo e a sua primeira citação na ordem do exercito foi a seguinte:

> «No combate de Margiennes, em 10 d'agosto, lançou, com muita opportunidade, um contra-ataque no qual o inimigo abandonou, no terreno, quatro metralhadoras.
> Distinguiu-se particularmente nos combates travados de 4 a 10 d'agosto.»

LER A'MANHÃ NA "CAPITAL,,

mais um artigo sobre o palpitante assumpto da

Preparação militar da mocidade

em que se informa que, em França, o projecto Cheron-Beranger está sendo vivamente atacado pelos parlamentares e pelos hygienistas.

Notas do dia

Um domingo de «sport»

A nota mais palpitante do dia de hontem, que, entre outras provas de «sport», tinha as da Sociedade de Instrucção Militar Preparatoria n.º 2, foi a da festa do Club Naval. Disputou-se «water-polo» e a importante corrida de natação por «equipes» para a «Taça Luiz de Camões». Esta foi ganha pela «equipe» do Club Naval de Lisboa, seguida da do Sport Algés e Dafundo e do Sport Lisboa e Bemfica. Os 500 metros foram percorridos em «tempos» magnificos, principalmente por Bessone Bastos e Carlos Sobral, que foram d'alguns segundos a mais de oito minutos!

No Lumiar houve um pequeno torneio de «tennis», que serviu para os tennistas dos Recreios Desportivos da Amadora pagarem a visita que lhes tinham feito os tennistas do Sporting Club de Portugal.

Os grandes records

O «record» dos aeroplanos allemães abatidos

Vamos dando e conformemente ás informações que formos recebendo, as alterações da lista dos «recordmen», isto é, dos aviadores francezes que maior numero de aviões allemães tiverem derrubado.

N'essa lista, o ajudante Lenoir figurava com 6 aeroplanos. Agora o bravo aviador entra para a lista com mais outro avião derrubado, perto de Guicrey, no Mosa.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sport Lisboa e Bemfica

(Communicado official)—A direcção previne os seus jogadores de que se encontra aberta, desde já, na sede, a inscripção para a formação dos «teams» que hão de representar o club no proximo campeonato de «foot-ball» da epocha 1916-1917.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — Ás 21,45 — Castellos no ar.
APOLLO—Ás 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES
Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

O theatro de S. João no Porto

Já para este inverno o theatro de S. João do Porto, poderá abrir as suas portas.

O que falta ainda realisar é bem pouco. Exteriormente ha muito que as fachadas estão quasi concluidas. Apenas faltavam as grades das sacadas que estão presentemente a ser collocadas.

O novo, interiormente que as obras do theatro maior desenvolvimento teem tido. A sala de espectaculo está já a receber a ultima demão de pintura na sua parte inferior, visto que a mais elevada se acha prompta.

A decoração dourada, de um bello effeito, sobretudo quando sobre ella incidir a luz, já abrange os camarotes de 2.ª ordem. E a toda a volta ostentam-se as graciosas figuras ornamentaes de grande relevo.

As lampadas electricas que ornam o annel da cupula tambem se acham promptas a funccionar.

Quanto ao palco acha-se egualmente muito adeantado, trabalhando-se operarios nos accessorios do machinismo scenico. Os camarins ha muito que estão promptos.

O principal elemento de trabalho, porém, está agora empregado em toda a parte do theatro anterior á sala de espectaculo e a serem cortes partes do vestibulo pode considerar-se terminado toda a obra em relevo. Assim o pequeno *foyer* está a receber os ultimos toques e o grande quasi que já ostenta toda a sua decoração em relevo.

As escadas tambem já teem grades, procedendo-se no acabamento dos estuques.

Os corredores e *toilettes* estão por assim dizer apenas dependentes dos pavimentos que serão feitos em ultimo logar.

Com o assentamento d'estes ultimos e do *parquet* dos salões e marmores das escadas e vestibulos, ostentará o novo theatro a sua final decoração.

Entre nós

A primeira operetta que a companhia italiana que se estreia brevemente no Colyseu dos Recreios representará, do maestro Leon Bard, é «La duchessa del bal Tabarin». Aqui deixamos, com tempo, para os amadores que o não conhecem, o respectivo entrecho:

O primeiro acto passa-se na «cabine» central dos telephones, de Paris, onde as telephonistas se encontram firmes junto aos seus apparelhos de communicação, que depois abandonam, para rirem e conversarem alegremente.

O ministro dos Correios e Telegraphos, duque de Pontarcy, vem a perceber na «cabine» central que o joven e galante sr. Octavio de Chantal, que ama apaixonadamente a telephonista Edi, dispensa nas horas vagas os seus galanteios á leviana duqueza de Pontarcy, por quem Chantal nutre um violento mas caprichoso amor sensual. A duqueza de Pontarcy já fóra a «Frou-frou» do «Bal Tabarin», e comprehende-se a sua leviandade, a sua quasi mania bohemia.

A duqueza, surprehendida em flagrante contrabando conjugal por seu proprio esposo, promette-lhe, para obter uma ampla amnistia, conduzir-se na existencia com a maior castidade, durante 6 mezes. Mas quando mal havia começado ainda a decorrer este prazo, abandona-se de novo ao natural impulso do seu temperamento e reapparece no «Bal Tabarin».

O marido vae encontral-a por acaso no mesmo «Bal», precisamente quando a «Frou-frou» tomava parte em uma dança de «apaches». E encontra-a por acaso porque o duque de Pontarcy recentemente acceite logar de orgia nocturna com a telephonista Edi, que o duque estava cortejando, a qual por seu turno, tinha o maior desejo de desesperar o seu namorado Octavio, para assim o castigar da sua volubilidade de affecto.

Tudo, porém, se accommoda pelo melhor... e o duque volta a perdoar á esposa, que por sua vez promette ter «como unica amiga» «Sophia» (nome feminino de um dos mais complexos typos de «viveur» que possa conceber-se) fiscal do imposto, tendo a seu cargo os estabelecimentos onde a alegria domina). Octavio volta, por fim, ao sincero amor de Edi.

ESTRANGEIRO

No Rio de Janeiro estão actualmente duas companhias estrangeiras: a de Guitry, no theatro Municipal e a de Vitale, no Palace-Theatre.

—A companhia Adelina e Aura Abranches á data das ultimas noticias recebidas do Brazil, achava-se no Recife, Pernambuco, dando no theatro do Parque, com grande exito, «A garota».

—Vae estreiar-se no Rio de Janeiro uma companhia israelita.

—Os jornaes recentemente chegados da capital do Brazil noticiam a proxima estreia ali da actriz Judith de Mello, na companhia dirigida pelo actor Alexandre de Azevedo.

QUESTÕES DE INSTRUCÇÃO

As escolas moveis officiaes

A situação dos professores—O sr. ministro da instrucção está no proposito de lhe accudir

O professorado das Escolas Moveis compõe-se, como de todos é sabido, de professores e de professoras. Desde a fundação d'aquellas escolas que as professoras teem sido perfeitamente equiparadas em vencimentos aos professores. Perfeitamente não é bem exacto, nós explicamos porquê. O diploma organico das Escolas Moveis, a que já nos temos referido por varias vezes, não collocou no mesmo plano, quanto á remuneração, professores e professoras, mas como a lei se não cumpriu, seguiu-se que havia professoras ganhando menos, umas, e outras mais que os professores.

Foi uma novidade pouco amavel, mesmo perigosa, mas, novidade enfim, essa deseguldade dentro da historia do ensino portuguez. O primeiro ramo novo de ensino creado pela Republica ficou assignalado d'esse modo. A monarchia, que nós saibamos, por uma estranha contradição, não ousou desvalorisar o trabalho das professoras em relação aos professores. Hoje, porém, que se dignificou a mulher no dominio da legislação civil, n'um assumpto em que a superioridade da mulher é já hoje incontestada, inferiosaram-na?

As Escolas Moveis dirigindo-se nos seus cursos diurnos a creanças em edade escolar, obteem, e nem admira que obtenham, vantagens incontestadas utilisando as mulheres para esses cursos. O ensino das primeiras letras é do conjuncto dos diversos graus do ensino o mais difficil de ministrar. De todo o systema pedagogico é esse o ramo que mais qualidades nativas exige. Difficilmente se adquirem. A erudição, o saber, a systematisação dos conhecimentos, a exposição mais ou menos lucida e clara pode obter-se pela continuidade e pela disciplina mental, mas o que difficilmente ou nunca se conseguirá é transformar um temperamento nervoso, irrequieto, na creatura amavel, simples, plena de sympathia intellectual e de ternura que em regra são as mulheres.

Os casos de homens como João de Deus, Froebel e Pestalozi se notabilisarem precisamente no ensino infantil, são excepções que só provam a regra.

João de Deus era um santo e um poeta. Talvez poeta porque era um santo. Froebel e Pestalozi são phenomenos de virilidade maternal. «Para educar a infancia, dizia Paulo Janet, é mister comprehendel-a e amal-a. Mas para lhe querer muito, cumpre saber o que ha n'ella de verdadeiramente bello e de verdadeiramente amavel». Essa afinidade entre a mulher e a creança por todos reconhecida torna-a insubstituivel no ensino infantil. Dizia D. Antonio da Costa: «A mulher nasceu para ensinar, e o ensino é n'ella a segunda funcção da maternidade. Eu quizera que nas escolas elementares não houvesse professores: só professoras. O homem causa enfado ás creanças e conhece pouco a natureza d'ellas. O ensino, passando pelos labios da mulher tornase quasi maternal». As Escolas Moveis, pois, asseguram-se de uma importante vantagem empregando as mulheres nas missões.

E como reconheceu o legislador essas vantagens? Subalternisando-a em relação ao homem! Pelo orçamento para 1916-1917 os miseros 30 escudos que as professoras ganhavam foram reduzidos a 24$. De modo que emquanto os professores recebem 30$ por dois cursos—um diurno e outro nocturno—ellas recebem menos 6$ pelos mesmos dois cursos. Mas não é tudo. Ha professoras nas Escolas Moveis que teem os mesmos vencimentos dos professores fazendo a mesma quantidade de trabalhos das que tem apenas os taes vinte e quatro escudos! Alguem é capaz de perceber isto? Dizem os professores das Escolas Moveis que se o auctor do orçamento soubesse que essas professoras teem os mesmos encargos que as outras não teria commettido essa deseguldade. O auctor do orçamento pensou pela designação de «femininas» de certas missões que estas eram destinadas só a creaturas do sexo feminino, quando a verdade é que são mixtas. Ora havendo tambem professoras nas taes missões que o orçamento designa por mixtas segue-se d'ahi que ha professoras ganhando 30$ e ha-as ganhando 24$ só porque o orçamento chama «femininas» ás suas escolas.

A explicação dos professores é verosimil. Mas o que n'esse caso é censuravel e grandemente censuravel é que se não tenha evitado esse erro.

De resto, engano ou proposito as responsabilidades nem por isso são atenuadas. Então só porque as missões femininas, dado que estas existissem, são regidas por mulheres estas hão-de ganhar menos? Repugna-nos esse criterio. A Hespanha, desde 1883 (lei de 6 de julho), que nivelou os vencimentos aos professores dos dois sexos.

Certo que nem em todos os paizes da Europa isso acontece na pratica embora em «principio» todos reconheçam, que assim deve ser. E a razão dal-a-iamos nós se não nos levase muito longe.

Comtudo, praticam esse principio certos estados da Allemanha como o de Saxe, o de Wurtemberg (quanto ás professoras provisorias) em Baden, Saxe-Altenbourg, etc. Pratica-o a Suecia e a Austria em certas regiões—Bohemia, Praga, Bukovina, Galicia, Carniola, Moravia, Viena, etc. Pratica-o a democratica Suissa nos seus cantões mais civilisados como Zurich e Soleure e pratica-o tambem o nosso paiz com os professores primarios das Escolas fixas.

E é precisamente essa tradição já forte em Portugal que se não respeitou agora que mais avoluma essa deseguldade que assume o caracter de uma offensa. Ainda bem que o sr. ministro da instrucção está no proposito de apresentar ao Congressos as medidas que reputa necessarias para remediar todos esses males. A sua resolução é digna de todos os applausos. Bem haja por isso.

Colyseu dos Recreios

Hoje no Colyseu não fica um bilhete por vender, pois é o ultimo espectaculo em que o publico póde apreciar o sensacional «film» com os exercicios de Tancos e a Parada de Montalvo.

A'manhã realisa-se ainda uma apresentação d'esta pellicula mas gratuita e apenas para o elemento militar de terra e mar.

A companhia de opera-comica e operetta Caracciolo-Scognamiglio fará a sua estreia definitivamente no dia 26 com a lindissima operetta do Leon Bard «A Duqueza do Bal Tabarin», absolutamente nova para Portugal.

PEQUENAS NOTICIAS

Os gatunos entraram por meio de arrombamento em casa do sr. Manuel Assumpção, na rua de S. Paulo, 194, 1.º, e ahi praticaram um importante roubo, cuja importancia ainda não póde ser avaliada. Por egual processo entraram em casa de Antonio Moniz Ramos, na avenida Almirante Reis, 85, 1.º A policia ficou de guarda á casa sendo expedido um telegramma para S. Pedro do Sul, onde aquelle senhor se encontra.

—De casa de Adelino Gomes, morador na Azinhaga da Coboleira, villa Antunes, 2, desappareceu um homem de edade bastante avançada chamado José Bento Rosa, que ali vivia por caridade. Tambem de casa de Maria da Gloria Baptista, moradora no largo das Olarias, 14, 2.º, desappareceu a sua creada Margarida Mello, de 13 annos, ignorando-se o seu paradeiro. A policia procura os desapparecidos.

—Por mandados de captura do 3.º juizo de investigação criminal foi preso Arthur dos Santos, morador na villa Sant'Anna, letra J.

Internato Infantil Dr. Affonso Costa

A commissão promotora da fundação d'este internato tem recebido nos ultimos dias mais alguns donativos de differentes cidadãos e collectividades.

A commissão vae novamente officiar a todos os que teem em seu poder listas e boletins da subscripção, para lhes pedir que os remettam, com a possivel urgencia, para a séde da commissão, rua da Lapa, 84, rez-do-chão, visto desejar dar começo á elaboração do relatorio, que será presente na sessão inaugural do internato, em que se mencionarão os nomes de todos os subscriptores.

Vão bastante adiantadas as obras de reparação da casa da Parede, onde será inaugurado no proximo dia 5 de outubro o internato infantil para creanças do sexo masculino com a idade de 18 mezes aos 7 annos incompletos.

ALVITRES e RECLAMAÇÕES

Um perigo para a saude publica

Queixam-se-nos de que no quartel dos Paulistas, onde está installada uma companhia da guarda republicana, parte da canalisação de despejos está em tão mau estado que deixa passar as materias fecaes, o que é um perigo para a saude publica, sem contar com os prejuizos que d'ahi adveem. Para exemplo, bastará dizer que no antigo estabelecimento de vinhos e comidas conhecido pelo nome de «Estucador», sito por baixo do quartel occasiões ha em que todos os que ali estão teem de sahir, tal o cheiro que se espalha.

Para a delegação de saude já foi participado o facto ha um mez, mas não foram ainda dadas providencias. Porque se não tomam immediatamente, como o caso requer?

Uma semana de operações britannicas

Na Europa e na Africa

LONDRES, 21.—Summario das operações militares britannicas realisadas na semana terminada em 18 do corrente, compilado por um escriptor militar muito conhecido:

Na linha occidental a semana foi gasta principalmente em consolidar a nossa linha desde Pozieres para o lado do oriente, onde conseguimos todos os objectivos locaes.

Houve uma serie de decididos contra-ataques allemães, sendo o inimigo repellido em todos elles com grandes perdas.

Estes contra-ataques foram mais violentos nas proximidades de Pozieres, onde, comtudo, ampliamos consideravelmente a nossa linha para noroeste.

Na noite de domingo, 13, o inimigo retomou uma parte insignificante de Pozieres, mas foi-lhe retomada por nós em 16. N'essa noite entrámos nas trincheiras allemãs da herdade de Mouquet, uma milha a noroeste de Pozieres e a cerca da mesma distancia de Thiepval.

Na tarde de 16, emquanto os francezes avançavam em Maurepas, nós faziamos avançar a nossa linha a oeste e ao sul de Guillemont, ganhando 300 metros n'um ponto a oeste do bosque Alto.

No dia 17 os allemães atacaram violentamente Pozieres com seis linhas de infantaria, mas não obtiveram resultado.

A situação agora é a seguinte:

Entre cada um dos fortes pontos da terceira linha allemã: Thiepval, Martinpuich, Guilleront e Maurepas estabelecemos salientes, de maneira que estes pontos estão sob o nosso fogo por tres lados.

Estamos a 2.000 metros de Thiepval e Courcelette, na esquerda; a 1.500 metros de Martinpuich, no centro, e na direita a 1.000 metros de Guinchy e das extremidades de Guillemont.

A tomada de Pozieres e do terreno elevado que fica ao norte d'esta posição, era uma das mais difficeis operações da batalha: era um ponto vital para os allemães, que o julgavam inexpugnavel.

A situação do lado allemão pode ser deduzida da seguinte carta apprehendida e escripta por um official do 19.º corpo allemão:—«Hontem, o acto da rendição foi incrivel. De Courcelette partimos para esse effeito atravez do campo descoberto. A nossa situação era, portanto, completamente differente da que nos tinha sido descripta. A nossa companhia ia só, render um batalhão completo, apezar de nos terem dito que iamos render uma companhia de 50 homens, enfraquecida pelas perdas. Os homens que fomos render não tinham a menor noção da situação do inimigo, nem a que distancia se encontrava, ou se na frente d'elles havia algumas tropas nossas. Foi somente ás sete horas da tarde que soubemos que os inglezes estavam a 400 metros de distancia, n'um moinho de vento que se encontra n'uma collina. Não tinhamos trincheiras nem abrigos; pudemos apenas occultar-nos nas escavações produzidas pelas granadas onde nos deitámos e apanhámos rheumatismo. Como alimento e bebida cada homem recebeu hontem trez garrafas de agua e trez rações frias, e isto devia chegar-nos até sermos rendidos. O troar incessante dos canhões enlouquecia-nos e muitos dos nossos homens estavam incapazes para a acção».

Na Africa Oriental foi occupada pelas nossas forças navaes, no dia 15, a importante estação militar do Bagamoyo, 36 milhas ao norte de Dar-es-Salam. O general Van Deventer está operando ao longo da linha central do caminho de ferro, e as principaes forças do general Smuth estão proximas d'esta linha. Entretanto, o general Northey está actuando ao sul e cérca o inimigo entre as suas columnas e o exercito principal.—(Havas).

As faculdades concedidas aos padres mobilisados

Como se sabe, no exercito portuguez encontram-se já prestando serviço como soldados alguns sacerdotes cujo numero irá naturalmente crescendo á medida que a mobilisação se generalisar.

Muito embora se não restabeleçam com o caracter official os capellães castrenses, problema ainda não resolvido, as providencias tomadas pelo pontifice romano quanto aos sacerdotes alistados nos exercitos em campanha estendem-se tambem aos portuguezes.

O sr. arcebispo de Braga, recentemente, concedeu aos varios sacerdotes da sua archidiocese mobilisados as faculdades excepcionaes auctorisadas por Bento XV.

A titulo de informação curiosa, passamos a resumil-as:

Os sacerdotes, emquanto acompanharem os exercitos, e tendo para isso jurisdicção da auctoridade ecclesiastica competente, podem ouvir de confissão os militares e os prisioneiros. Podem absolver por uma formula geral ou absolvição commum, sem confissão precedente, os soldados devidamente contrictos, quando não possam ser ouvidos um a um. Qualquer sacerdote póde absolver todo o soldado em estado de mobilisação, pois é como se estivesse (e de facto está) em perigo de morte.

Os sacerdotes que andam com armas nas mãos podem celebrar missa aos domingos e dias de preceito, a não ser que se opponha outro impedimento canonico. Os que forem capellães do exercito ou da armada podem binar, sendo necessario, isto é, dizer duas missas por dia, e, durante a guerra, ainda que não estejam em jejum.

Os soldados podem receber a communhão por modo de viatico.

Os sacerdotes podem ser dispensados de recitar o Breviario, substituindo-se essa obrigação pela do terço.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Revista de turismo—Sahiu o numero 4 d'esta publicação quinzenal, que se apresenta muito bem illustrada e muito bem redigida, o que a valorisa extraordinariamente. O summario do presente numero é o seguinte:

«Navegação para o Brazil»—«A nossa terra e a nossa gente»—«A casa portugueza»—«Praias e banhistas»—«O turismo em Portugal»—«Serra bemdita»—Uma reclamação digna de ser attendida».

Na Africa Oriental allemã

A cooperação dos belgas

Do Havre communicam em data de 18:

> Deve inscrever-se uma nova victoria no activo das tropas belgas, cuja marcha atravez da Africa Oriental allemã é verdadeiramente rapida. A brigada Olsen acaba de occupar Karema, um dos portos mais importantes da margem oriental do lago Tanganyika.
> Karema é um porto arabe situado a 200 kilometros ao sul de Udjudji, tomado pelas tropas belgas ha quinze dias. O dominio do lago pertence aos belgas. Karema foi investido e conquistado após um desembarque.

Como se sabe, o Havre, d'onde procedem estas informações, é a séde actual do governo belga.

Quando será que o governo portuguez, a exemplo do governo belga, nos dará mais frequentes noticias da acção das tropas portuguezas na Africa Oriental?

O stock de cereaes dos alliados

O stock de cereaes de que dispõem os alliados é muito superior ao do anno anterior. Possuem elles, com effeito, no Reino-Unido, em armazem, 2.750:000 quintaes contra 2.180:000 o anno passado. Em viagem tem 1.800:000 quintaes contra 2 milhões. Acham-se egualmente a caminho para França e Italia 3.750:000 quintaes contra 700:000. Somma isto um total de 8.300:000 quintaes contra 4.800:000.

Os tres grandes paizes consumidores iniciarão em 1 de setembro um novo anno de cereaes com 3.420:000 quintaes a mais que no anno anterior. E' difficil determinar qual seja, por outro lado, a situação exacta nos imperios centraes, mas não ha duvida de que se torna cada vez peor.

A amizade russo-japoneza

Lê-se no jornal russo «Birjevia Viedomosti»:

> «O accordo com a Inglaterra que será, n'um proximo futuro, o ponto de partida de toda a politica russa, mostra-se-nos, pelo que respeita aos interesses russo-japonezes, como offerecendo todas as garantias quanto aos nossos direitos e possessões na Asia.
> «Cedemos voluntariamente aos japonezes uma parte do caminho de ferro oriente-chinez entre Konontchen e o Sungari, assim como o direito de navegação sobre esse rio.
> «Foi a justa recompensa do Japão aos inestimaveis serviços que nos prestou durante a guerra, fornecendo-nos munições e consagrando os seus barcos ao transporte da America para a Russia de todas as mercadorias de que precisávamos.
> «Convem notar que o Japão se interessa cada vez mais pela litteratura, pela arte e pela sciencia russas e d'aqui o termos fundas razões para esperar que as sympathias russo-japonezas se transformem dentro em breve n'uma indefectivel alliança.»

Bens de inimigos

Foi concedida prorogação de 10 dias a J. M. Pereira Costa e de 5 dias a Rivera, Alvarez & C.ª, para satisfazerem ao disposto no artigo 19.º do decreto n.º 2.350 de 20 d'abril ultimo.

CALÇADO BARATO

Fabrico manual só nos Grandes Armazens de Calçado, R. da Palma, 290 a 290-B, T. do Bomformoso, 4 a 18 (em frente do Colyseu de Lisboa).—Botas para homem a 3$400!!! Sapatos para senhora a 1$400!!!

Um colossal sortimento em todos os generos para homem senhora e creança

Telephone: Norte 1289—**J. A. Candeias**

Casa dos Espartilhos

Santos Mattos & C.ª
Rua do Ouro, 193

José Antunes
Medico dos hospitaes
Doenças do estomago
Rectoscopia
Esophagoscopia
(intestinos)
Consulta da 1 ás 2 e 4 ás 7
Largo do Camões, 4, 1.º

ANTONIO AURELIO
Clinica geral
Doenças das senhoras — Massagens
CONSULTAS:
Consultorio: Das 14 ás 16—Rua Garrett, 74, sobre-loja, direito

---

DE SEGUROS
PROBIDADE
LISBOA 1881

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL: E. 600:000$00

SÉDE—RUA DO COMMERCIO, 93, 1.º
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: **Probidade,—Lisboa**
NUMERO TELEPHONICO: 1935
USA-SE O COD. TELEG.: RIBEIRO

Fundos de reserva Esc. 105:000$00

Prejuizos terrestres e maritimos pagos até 31 de dezembro de 1914:

Esc. 790:696$42

Effectua seguros terrestres, contra fogo casual ou precedido de raio, sobre predios, estabelecimentos e mobilias, e maritimos contra avaria grossa e particular.

Agencias em todas as cidades e nas principaes villas e povoações do continente, ilhas e ultramar.

Contra roubo e contra incendio
Grande economia—Seguro de mobiliario

Por $20 por cada 100$00 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo A MUNDIAL segura n'uma só apolice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E' tão necessario o seguro de ROUBO como o do FOGO.

„A MUNDIAL"
COMPANHIA DE SEGUROS
Capital: 500.000$000
Reserva em 1915: 102,007$47,1

SÉDE EM LISBOA
95, Rua Garrett, 95
Tel.: 4084
Telegrapho. MUNDIAL

DELEGAÇÃO NO PORTO
Pinto da Fonseca & Irmão
Praça da Liberdade, 138

KORTI

Producto chimico para tornar incrompivel e impermeavel
A sola do calçado

KORTI
Endurece e impermeabilisa a sola.
Dá-lhe a fortaleza e a consistencia do ferro.
Não perde a flexibilidade precisa e necessaria.
Faz augmentar a sua duração consideravelmente.
Evita molas solas e tacões no calçado.
Não prejudica o material nem incommoda o andar.
E' o melhor preservativo de doenças rheumaticas.
E' util, pratico, hygienico, necessario e economico.
Suprime as galochas em dias de chuva.

Latinha para preparar 2 pares de calçado 350 réis
Vende-se em todos os estabelecimentos e no deposito geral

DESCONTO AOS REVENDEDORES
Jeronymo Martins & Filho
Chiado, 13 a 19 — Lisboa

Iodo em empolas

Para obter a tintura de iodo instantanea preparada pela pessoa que tem de a empregar. Deposito Pharmacia Azevedo, Filhos, Rocio, 31, Lisboa.

Empreza Nacional de Navegação
Para New-York

Sahirá brevemente o vapor **Angola**. Para carga trata-se nos escriptorios da Empreza Nacional de Navegação — Rua do Commercio, 85.

H. SANGUINETTI
Gynecologia—Partos
Das 14 ás 15 horas

Freitas Esmeraldo
Doenças das creanças
Das 16 ás 18 horas
Travessa do Carmo, 1, 1.º

A RECEITA

mais simples e facil para ter **nenés robustos e de perfeita saude** *é dar-lhes a*

FARINHA LACTEA NESTLÉ

com base do excellente leite Suisso.

Tão efficazes como as melhores aguas mineraes bebidas na origem

Basta dissolver n'um litro de agua um pacote de Lithinés do dr. Gustin para obter instantaneamente uma agua mineral alcalina e lithinada, ligeiramente gazoza, deliciosa para beber, mesmo pura, que se mistura com todas as bebidas e principalmente com vinho, ao qual dá um sabor agradabilissimo.

Lithinés do dr. Gustin

Contra todas as doenças dos Rins, Bexiga, figado, Estomago, Articulações

12 pacotes fazem 12 litros de agua mineral por 500 rèis

A' venda em todas as pharmacias, drogarias, mercearias boas e nos depositos geraes: Lisboa, Jeronymo Martins & Filho, rua Garrett, 13 a 19; Porto: Januario Duarte d'Azevedo, rua de Santa Catharina, 232.

LAVAGEM DE FATOS
FEITOS OU DESMANCHADOS
Tinturaria **Cambournac**
Largo da Annunciada, 10, 11 e 12
Rua de S. Bento, 175
Telephone 562 (Central)

Dias Amado

A confusão que ainda existe no espirito de muita gente, no nome que nos serve do titulo, tem originado certos casos que muito lamentamos, e isto, sómente por se terem dado com pessoas que de um modo escrupuloso e intencional, só a nós desejavam dirigir-se, mas que foram bater á outra porta, por engano, ou... enganados. De appelido Dias Amado parece-nos que são trez os individuos que ha em Lisboa, e por isso, recommendamos a todos para gravar bem na memoria o nome do *Antonio*, que deve ser exigido em todos os frascos e caixas, todas as vezes que desejarem obter o afamado Depurativo que tem o seu nome, o unico que está registado em todos os paizes da Convenção Internacional de Marcas. Um preparado que não pode ser registado, é decerto a imitar outro — o verdadeiro.

CONTRA A SIPHILIS:

Depuratol!

(REGISTADO EM 14 PAIZES)

O purificador do sangue por excellencia e o depurativo mais energico e inofensivo!

Sem dieta nem resguardo! Não exige o auxilio de outros tratamentos secundarios!

O depuratol encontra-se á venda nas boas pharmacias e drogarias. Cada tubo (uma semana de tratamento), réis, 1$050; 6 tubos (tratamento regular), 5$300 reis. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Pedir o livro de instrucções em todos os depositos. Deposito geral para Portugal e Colonias:

PHARMACIA J. NOBRE
Praça de D. Pedro (Rocio), 109, 110
LISBOA
(Por baixo do Francfort Hotel)

AZULEJOS

Brancos e com desenho nacionaes e estrangeiros
Grande quantidade em deposito
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17—Telephone 1244

A melhor tintura instantanea

ALBINA

A marca franceza, para o cabelo ou barba. E' a unica que não suja a roupa nem a pelle, ficando o cabelo macio e formoso. Preço 1$800. As melhores tinturas para o cabelo.

Vende-se na Cabeleireira
Rua do Norte, 34, 1.º

Aviso importante

E' na pharmacia Luso Brazileira, sita na praça de S. Paulo, o deposito geral do verdadeiro Depurativo Dias Amado. Antonio Dias Amado não pode ser encontrado n'outra pharmacia. Além do nome ha tambem o phisico de pessoas muito parecidas, e para bom entendedor...

O soberbo Depurativo Dias Amado, Antonio, o auctor, que radicalmente cura a siphilis, as doenças do utero e ovarios, as chagas, varizes, lepra, tuberculose, cutaneas e ossos, rheumatismo, as ulceras, fistulas, os tumores, as doenças do pelo, grande variedade de doenças nos olhos e demais causadas pela impureza do sangue vende-se no DEPOSITO GERAL—Casa do auctor—Pharmacia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulo, 20, 21 e 22—esquina da rua Nova do Carvalho, Lisboa—Teleph. n.º 1:667. PORTO—Pharmacia Almeida Cunha, á rua Formosa, 327.

ASSIS DE BRITO
Medico dos Hospitaes e Facultativo da Misericordia de Lisboa—Medicina geral
Doenças do apparelho respiratorio e do coração—Consultas das 15 ás 17 horas.
TELEPHONE 410 (Norte).
11—Rua Infanteria 16—11

Antonio Balbino Rego
Cirurgião dos hospitaes
CLINICA GERAL
Doenças dos rins e vias urinarias
Doenças das senhoras e partos

Consultas das 16 ás 18 horas
TELEPHONE 2930
R. do Mundo, 81, 1.º

COSTA SANTOS
Medico especialista
DOENÇAS DE OLHOS
Consultas das 15 ás 17
R. Nova do Almada, 95, 1.º, Esquerdo

Seguros de Guerra

A *Companhia Ultramarina* faz seguros terrestres de guerra e maritimos. *Rua da Prata, 1 e 8.*

«A Capital»
Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

José Pontes
MEDICO-CIRURGIÃO
Massagem manual—
Clinica infantil Ginastica
RUA DO CARMO, 69, 2.º—Teleph. 3317

Papel de embrulho
Vende-se em pequenas quantidades na rua do Norte, 5.

Casino S. José de Ribamar (ALGÉS)
Todos os dias jantares-concertos
Variedades todas as noites

A AGUA CALDAS SANTAS DE CARVALHELHOS

FORTEMENTE RADIO-ACTIVA E MUITO RICA EM SILICA

LAVA O RIM, FIGADO, INTESTINOS, ESTOMAGO, ETC.

CURA ULCERAS, ECZEMAS, EMPIGENS, DARTROS, ETC., ETC.

A AGUA CALDAS SANTAS DE CARVALHELHOS

limpa o rim, figado, estomago e intestinos desembaraçando-os dos crystaes uricos, bilis, e todas as toxinas e impurezas que se accumulam no organismo.

Infalivel em todas as doenças da pelle

Esta agua pode ser usada internamente com assiduidade, por não conter mineralisação pesada.

DEPOSITARIO GERAL
Mario de Lima Netto
T. de S. Julião, 12, 1.º
Telephone 246 Central

DEPOSITARIOS NO PORTO
Dourado, Carvalho & Irmãos
P. da Liberdade, 133
Telephone 1241

Tambem se vende a copo garrafas e garrafões, nas boas casas d'aguas pharmacias e restaurantes.

Companhia de Seguros A NACIONAL

Séde na sua propriedade: Avenida da Liberdade, 14—LISBOA

Soc. an. resp. lim. — FUNDADA em 17-4-1906

CAPITAL	RESERVAS
500.000$ escudos	380.518$ escudos

Seguros sobre a vida humana
e contra acidentes no trabalho, incendios e avarias maritimas

---

Sacadura Falcão
MEDICO ESPECIALISTA
Doenças de bocca e dentes
Dentes artificiaes
ROCIO, 74, 2.º—TEL. 2166

Peçam em toda a parte perfumarias da importantissima casa
Ed. Pinaud de Paris
Agentes exclusivos Tel. 4102
Silvas & C.ta
Rua dos Correeiros, 71, 2.º

Grande Casino Internacional Mont'Estoril

Epoca de verão

Está aberto. Todas as noites concertos pelo notavel sextetto dirigido pelo distincto maestro Conrado del Campo.

Apresentação dos duettistas Santo Ferry.

Pede-se aos ex.mos socios a fineza de requisitarem os seus bilhetes de identidade.

Matinées aos domingos e quintas-feiras.

DESTRUIÇÃO COMPLETA DAS FORMIGAS
ROSENE

Frasco 200 reis
Notto, Natividade & C.ª
Rua Jardim do Regedor, 19

TOVAR DE LEMOS
Doenças venereas e syphilis
CLINICA GERAL
RUA DA EMENDA, 110, 2.º

Agua dos Pedrógãos

Infallivel nas doenças do estomago, notavel para rins, figado, bexiga, arthritismo e albuminuria.

Silva Ramos
Medico do Posto da Misericordia e da Assistencia Nacional aos Tuberculosos
Syphilis, doenças dos rins e vias urinarias
CLINICA GERAL
CHIADO, 61, 2.º

Agua da Foz da Certã

A Agua mineromedicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com seguras vantagem nas Diabetes—Dyspepsia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc. etc.

Mostra a analise bacteriologica que a Agua Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como *microbicamente pura*, não contendo *colibacillo*, nem nenhuma das especies pathogeneas que pódem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida, O *B. Tiphico*, *Diphterico*, e *Vibrião cholerico* em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebido pura, quer misturado com vinho.

DEPOSITO GERAL
Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º
Telephone 2168

NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Fabricas a vapor de moagem de trigo, descasque de arroz, massas alimenticias, bolachas e biscoitos em Lisboa, Coimbra, Xabregas, Sacavem, Povoa de Santa Iria, Barreiro e Seixal.

Farinha especial para exportação, em barricas, caixas ou saccos—Farinhas n.os 1, 2 e 3—Farinhas sem marca—Someas superfina, fina e grossa—Alimpadura—Arroz descascado—Massinhas de luxo—Massas de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades—Massa e bolachas especiaes para exportação—Cereaes e legumes

Preços sem competencia

Telegrapho: FARINHAS—Telephones: Administração 4224; Expediente 4222; Thesouraria 4223

Codigos A. B. C, 4.ª e 5.ª edições e Ribeiro

ESCRIPTORIO
Rua do Jardim do Tabaco, 82—LISBOA

Pomada do dr. Queiroz

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle
Vende-se nas Principaes Pharmacias.—Deposito Geral:
Pharmacia ROSA & VIEGAS
R. de S. Vicente, 31 e 33—LISBOA
Cuidado com os falsificadores! Só é verdadeira a que tiver a nossa marca registada.

DYNAMITE

Explosivos da Fabrica da Trafaria

DYNAMITES
Diversas, caixa de 25 kilos.
CAPSULAS
Diversas, caixas de 100.
RASTILHOS
meadas de 7m,2.

AGENTES: *Em Lisboa:*—Lima Mayer & C.ª, rua da Prata, 5.
No Porto:—José Rodrigues Pinto e Pinho, rua do Almada, 230.

Balneario—Casino
Santo Amaro — Oeiras
Aberto até 8 de outubro
Banhos salgados, quentes, simples, duches, etc.
Installações de primeira ordem.

Mozaicos—Azulejos
Cal hydraulica—Cimento Luzo
GOARMON & C.ª
T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—Telephone n.º 1244—Lisboa

CHOCOLATE, CACAUS, BOMBONS, DROPS, AMENDOAS E CAFES

MEDALHA DE HONRA NA *Exposição Panamá-Pacifico*

UNIÃO

Prefiram esta marca

MEDALHA DE OURO NA *Sociedade de Geographia de Lisboa*

A mais importante fabrica do genero em Portugal

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2163—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça-feira, 22 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5,1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

Um dever

O *Seculo* publica hoje uma triste noticia. Essa noticia é do que o pintor Gyrão, o distinctissimo animalista que creou um genero na arte portugueza, se encontra na mais absoluta miseria, precisamente quando já entrou na extrema velhice. Não ha pão na casa d'um desventurado artista, e os seus ultimos trabalhos, porque continúa trabalhando intrepidamente, não tiveram comprador.

Será, porque como disse outro grande artista, colorista da palavra como o velho pintor é um colorista da tela, que «a miseria affugenta tudo?» O certo é que o pintor Gyrão morre ao desamparo, na capital do seu paiz, e se seria já estranhavel que se não procurasse saber da sua sorte, muito mais o será que, revelada e conhecida a sua miseria, que o punge em plena Lisboa, a dois passos de nós, não lhe seja estendida mão valedora.

O poeta a que nos referimos, companheiro na desgraça do Gyrão, é Gomes Leal, porventura o espirito poetico de maior envergadura que, no seu tempo, resplandeceu na Peninsula. Tambem elle se encontra a braços com a miseria, e para maior desventura o soffrimento, os clarões do seu genio singular, as dores moraes que tem soffrido, morgulharam em livores crepusculares a sua razão.

E' já tambem um velho, que uma candida emoção pela belleza ainda nos faz suppor moço e radiante. E' já um velho, e não tem familia, e não tem pão! Elle, o glorioso lyrico da *Historia de Jesus*: elle, o revolucionario da *Traição*! Bastaria ser um artista de tão alto merito para que todos carinhosamente o admirassemos; mas é incomprehensivel que, feita a Republica, a Republica que elle annunciou com a tuba sonora dos seus cantos, ainda essa Republica não tivesse ido depor no limiar da sua porta, como um preito, uma homenagem, um testemunho de gratidão, e uma prova de que os seus generosos cantos não foram somente perdidos, o pão de cada dia, dizendo como Victor Hugo ás creanças pobres de Guernesey: «Isto não é esmola: é fraternidade».

Quem poderia oppôr um protesto a esta resolução da Republica? Não seriam aquelles que hoje o reivindicam como um dos seus, pelo caminho a que o levaram as incertezas do seu espirito, enfraquecido pelos maiores e mais respeitaveis soffrimentos. Não o devem ser tambem os republicanos porque a obra de Gomes Leal, a obra gloriosa, a obra forte, a obra sã,—é nossa. E ella contribuiu poderosamente para formar a legião de combatentes que redimiu esta nação implantando a Republica.

Se os republicanos pensassem em abandonar este velho poeta, que tantas vezes fez estremecer os seus corações, que em estrophes doiradas lhes apontou as sendas asperas da revolta redemptora, esses republicanos desmenteriam mais os seus principios, em plena integridade mental, do que o auctor do *Herege* se contradisse, no crepusculo da sua razão. Seria a ingratidão no que ella tem de mais antipathico, a falta de generosidade no que ella tem de mais arido e repugnante, a vingança no seu aspecto mais odioso, porque se exerceria sobre a fraqueza, sobre a miseria e sobre a desgraça.

Este é o aspecto politico do caso. O seu aspecto nacional não é menos importante, porque um paiz que deixe morrer á fome os artistas que o honraram com o seu talento, a sua emoção e o seu brilho, não só se deshonraria, como marcaria a sua propria decadencia.

Não acreditamos que o paiz e a Republica deixem morrer á mingua Gomes Leal e Gyrão.

N'UMA SEMANA!

E' bico ou cabeça?

Os monarchicos e a guerra, ou de como elles já se não entendem dentro do «Diario Nacional»

No seu primeiro numero, que veiu a lume em 15 do corrente, o *Diario Nacional*, o orgão monarchico dirigido pelo sr. Ayres de Ornellas, terminava as affirmações do seu artigo de fundo com estas solemnes palavras:

Contra o que representa n'este mundo a essencia de nós mesmos, contra a civilisação creada e nascida da Egreja, levantou-se com o nome barbaro de *kultur*, alguma coisa ainda mais barbara, uma raça inteira tornada uma raça de presa. Não só levava em mira, n'esta guerra formidavel, estabelecer a hegemonia allemã sobre o mundo inteiro civilisado, mas aniquillar *pelo terror até a propria faculdade de pensar, tornando assim esses seres desvirilisados aptos a receber o cunho brutal* do germanismo. Pensar que uma nacionalidade como a nossa poderia subsistir depois da victoria allemã é querer propositadamente cerrar os olhos á evidencia documentada. Perante a doutrina allemã o direito desapparece: só a força o cria. E como a força é o attributo essencial da Allemanha, a vontade allemã faz lei. E' a salvaguarda do interesse Nacional, na vinda do seu nome moral, religioso e territorial que colloca forçosamente Portugal ao lado dos alliados. E' uma attitude imposta pelo futuro da nacionalidade: *porque queremos viver!*

Volvidos sete dias, o mesmissimo *Diario Nacional*, egualmente em artigo de fundo, escreve:

Se existisse a Monarchia em Portugal, teria a politica da guerra sido a mesma? Não conhecemos senão muito por alto as negociações diplomaticas effectuadas, mas, pelo pouco que se sabe, estamos profundamente convencidos de que a politica da Monarchia teria sido outra, embora e sempre fielmente subordinada á salvação pontual dos nossos compromissos com a Inglaterra.

Se existisse a monarchia em Portugal ter-se-hia chegado ao mesmo fim a que se vae chegando com a Republica? Estamos profundamente convencidos de que não.

O que quer isto dizer?

Que, se existisse a monarchia, Portugal não pegava em armas para lutar ao lado dos alliados?

Mas como salvar a nacionalidade de um perigo, segundo a propria confissão do sr. Ayres de Ornellas, sem chegar a este «fim» que é a comparticipação na guerra europeia?

As opiniões dividem-se, sem duvida, dentro do *Diario Nacional*, cujos articulistas nem todos pensam, evidentemente, como o sr. Ayres de Ornellas.

Suppor possivel a «satisfação pontual dos compromissos da «alliança» e o cumprimento de todos os nossos deveres perante o perigo allemão com outra «politica da guerra», diversa da que adoptou a Republica, será fugir á guerra, contrarial-a, deservir os alliados, deshonrando-nos e prejudicando a nossa propria causa em risco.

Não afinam, pois, dentro do *Diario Nacional*, As correntes adversas entre monarchicos sobre a guerra estão por assim dizer, representadas nas suas columnas. Ou o sr. Ayres de Ornellas crê tambem que, sem accedermos ao convite da Inglaterra, poderiamos cooperar dignamente com os alliados contra a Allemanha?

Esperemos que o *Diario Nacional* satisfaça a nossa curiosidade dizendo como é que a monarchia, em conjunctura semelhante, procederia com honra e brio. O sr. Ayres de Ornellas, que firma os seus artigos, está de pleno accordo com o articulista de hoje, ou não? No caso negativo, quem é que orienta e dirije o novo orgão monarchico? Eis outras tantas perguntas que é pena ficarem sem resposta. Para desfastio...

Ver noticiario diverso na 3.ª pagina

Migalhas

Emboscado

—Ah! Seu calita! dizia-me hoje Frexedes ameaçando-me o umbigo com a ponteira do guarda-sol. Com que então emboscado em Penafiel! E não dizia nada á gente...

—E' verdade, meu amigo. Desmancharam-me a egrejinha. Você comprehende bem o caso. Ponha-o em si. Emquanto os coisas estavam duvidosas, toca de armar em papelão, de escrever artigos intervencionistas e cantar de gallo. Assim que a partida de tropas foi um assumpto resolvido, pernas para que vos quero... Tratei de procurar o buraco onde me havia de esconder. Hesitei entre Feixo de espada á cinta, Molmenta da Serra e Alcabideche. Finalmente optei por Penafiel. Como você sabe agora pela indiscreção do misterioso correspondente do «Jornal de Noticias», Penafiel é o unico ponto do universo, cuja guarnição não mobilisa.

—Sério? Então deve estar a cunha!...

—Qual historia! Ninguem o sabia se não eu e a bruxa que m'o revelou ás escondidas do Hermano Neves. As tropas partiam ... eu continuava em Lisboa dando arranjo á vida e permanecendo invisivel, porque outra qualidade dos soldados de Penafiel é serem invisiveis a olho nu em tempo de guerra. Afinal todo este plano desfê-lo o olho arguto e sagaz dos gazeteiros lisbonenses. Eu tinha sido transferido ha mezes, quando só eu e a bruxa sabiamos se ella chegar que mobilisavam. Note que ainda hoje se não sabe definitiva e officialmente se partirá a primeira divisão, de Lisboa, se a terceira, do Porto, a que pertence o meu Penafiel, se a quinta, se a oitava, se retalhos de todas, etc. Entretanto eu sabia que, refugiando-me n'aquellas paragens, estava seguro. A distancia e pelo meu poder hypnotico, suggestionei então a repartição do gabinete e fiz com que me transferisse bem como alguns dos officiaes. E, quando eu estava descançadissimo, egrejinha em terra. Desemboscaram-me. Não sei o que hei-de fazer agora á minha vida.

—Se quer tem uma carvoeira ás suas ordens em minha casa, na rua de S. João dos Bemcasados.

—Oh! que ideia! Vou pedir para ser nomeado addido militar para lá.

ANDRÉ BRUN.

A GRANDE GUERRA

EM VOLTA DA MEDICINA CASTRENSE

O professor Ricardo Jorge responde ao nosso collaborador J. S.

Que a minha conferencia provocasse «no nosso meio militar uma serie de discussões», honra é essa não esperada pelo conferente; se porém taes discussões são do theor da que está presente, declinaria essa honra de bom grado, sem offensa aos discutidores. Melhor fôra até que a lingua se me tivesse paralysado, porque se falei para ser assim entendido e contestado, muito bem teria andado remettendo-me ao silencio. O que é pena, é que já não esteja a tempo de mandar coser a bocca a posponto.

Não neguei a «utilidade do ensino da equitação a medicos militares» nem a não militares, quando mais não fôsse porque o saber não occupa logar; acho até que a montada assenta bem nos jovens representantes dos velhos phisicos de mula de gualdrapa, e ajudo-os por signal a aguentar o chanfalho. Não, o que eu disse é que o corcel das batalhas, desde o bucefalo d'Alexandre ao cavallo branco de Napoleão, passara á figura de rethorica—que o automovel imprimira a sua acção na guerra actual, quer como arma de combate, quer como arma de soccorro—que toda a assistencia medica de campanha era dominada, não pelo cavallo, mas pelo Horse Power. E entretanto na instrucção consagrada para medicos militares, não sei se para officiaes, preferia-se a velha arte da gineta á nova arte do volante. Eis o que notei a bem da ensinança militar; tal como notei, a bem do porte militar, esta obsoleta praxe d'um official, e peor ainda d'um medico, andar amarrado a um espadagão—traste que não divisei lá fóra, mas que passeia, faisca e tilinta ás duzias rua do Oiro acima.

Não depreciei tal o regulamento do serviço de saude em campanha, pelo contrario referi-me com palavras de apreço ao esforço posto pelos seus coordenadores. Mal faz o sr. J. S. em insinuar o meu «desconhecimento das disposições regulamentares»; suppunha a minha probidade intellectual a coberto de tal suspeita, que me faz apenas encolher philosophicamente os hombros.

Ao ver a relativa simplicidade do esquema tactico-medico inglez, fallei da complexidade do nosso, e observei que a cathegoria entre nós apelidada «hopitaes de sangue» tinha desapparecido. Tal como em França onde a formatura correspondente dos «hospitaux de campagne» já não tem existencia regulamentar. Aqui está singelamente o que eu disse, o que assim é. O sr. J. S. vem-me com o emprego francez «das ambulancias e dos centros hospitalares dos quaes tem havido 3 em Chalons», mas não tive a fortuna de enxergar direitamente o que n'este passo quereria argumentar sua ex.ª.

Tenho o espirito por natureza avesso ao excesso de formalismos, e não ha ramo publico que mais soffra de essa pecha do que a gerencia e a pragmatica militares. Asperas campanhas se lhes teem movido em França, onde os protocollos imperavam tiranicamente; salvem-se os dogmas regulamentares, erre-se, muito embora, com tanto que os artigos codificados se cumpram estreitamente com todas as lettras e ritos. A guerra passou como um cylindro d'estrada sobre essas rimas de papelada. Tem o sr. J. S. a candura de imaginar que os regulamentos vigentes resistiram ou resistirão a essa prova? As normas turgidas de papel estoiram como bolhas de sabão. Não são essas afinal as que mais demandam correcção; são os preceitos de ordem technica, articulados como mandamentos profissionaes. Esses sim, que podem influir na pratica, e ha-os com vicio tal de fundo e fórma que estão a clamar emenda.

Os meus dizeres sobre a evolução actual da medicina castrense appareram com transformados, mas mais transformados sahem os dizeres do meu contradictor que mais uma vez traz adducções a que não encontro congruencia logica. Não percebo porque é que os 14 mil medicos civis chamados em França não puderam prestar logo serviços valiosos, em virtude da guerra apresentar «uma caracteristica excepcional immobilidade». E logo a do deante diz que por causa da tal immobilidade, os medicos vão direitos como fusos para as ambulancias «sem receio de se extraviarem».

A medicina entrou nas armas de guerra sem mudar de finalidade, sempre substancialmente a mesma:—curar e prevenir doenças. Tudo o mais só vale na parte que importa para a sua realisação ultima. A' medicina militar propriamente dita compete estabelecer o suporte organico indispensavel para as operações da technica e dos technicos, principalmente supridos na quantidade e qualidade necessarias pela medicina civil. Ninguem pretendeu, nem podia pretender destruir esse papel, que a propria metamorphose da medicina em campanha veiu avultar.

Socegue o sr. J. S. que não pretendo destruir nem subverter a instrucção militar dos medicos milicianos pelo ensino dos internos. Somente a faria por outras normas mais chegadas á utilidade real; tão, pouco as faria uniformes para todos. De nada d'isto me occupei; porque me investem?

Abona-se emfim o sr. J. S. com assertos de rubrica do sr. dr. Vasconcellos Dias, meu companheiro na missão a França.

Que a medicina de guerra é completamente differente da medicina de paz por causa do estado moral, da forte impressão do choque;

Que toda a sciencia está em saber o momento em que se ha de abrir uma barriga em tempo de paz ou debaixo de fogo;

Que, a respeito de serviços de saude, tudo quanto importa, e tudo quanto vi em França, está no capitulo do nosso regulamento que trata do ataque e da defeza das praças.

O que tudo me deixou estupidificado: Mas vim logo a mim do pasmo. E' que o sr. J. S. ainda tratou com certeza por o meu collega do que a mim, desvirtuando-lhe sem querer as ideias. Quem é que ha de pensar, dizer ou escrever qualquer das proposições, quanto mais as trez somadas? Discutil-as com a auctoria d'aquelle senhor, seria aggraval-o como medico, maxime como medico militar. E tanto mais que para taes materias não é este o theatro azado.

E ponho ponto, esperando ter dissipado os mal-entendidos e reparos feitos, mas lastimando deveras que questões d'estas sejam assim postas e tratadas.

21-8-1916.

RICARDO JORGE

A "Historia da Grande Guerra"

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos a tempo as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

A offensiva italiana

Gorizia, o "Verdun austriaco"

ROMA, 22.—Toda a Italia se regosija com a entrada das tropas italianas em Gorizia. A cidade sonhada que sorridente apparecia encerrada n'um circulo de forro como centro da resistencia inimiga, o Verdun austriaco, está occupada pelos italianos. O local onde está estabelecida a cidade, defendido por uma poderosa corôa de montes, está protegida antes d'isso pelo rio rapido e profundo, para além do qual se extende uma solida barreira de alturas que se unem por salientes lateraes. Os austriacos tinham estabelecido a sua resistencia n'estas cumieiras para além do rio appoiando-a dos lados nas alturas do Carso que olham ao sul, e no triangulo: Sabotino-Kuk-Monte Santo, até ao ponte.

Uma situação defensiva, portanto, de grandissimo valor, que requeria umas investidas methodicas, ordenadas e prudentes como o foram as realisadas por Luiz Cadorna. Do principio foi o assalto dirigido especialmente contra os pilares lateraes, protegendo a passagem do rio, conduzindo as tropas italianas á rapida conquista do Sabotino e do Monte S. Miguel. Os austriacos foram surprehendidos pela rapida e fulminante offensiva dos italianos no Isonzo. Tem toda a razão o correspondente do *Times* em Milão quando diz que Cadorna se aproveitou dos seus profundos conhecimentos sobre a mentalidade do inimigo para preparar-lhe a derrota e não ha duvida que os austriacos com a illusão de que haviam paralysado no Trentino a iniciativa italiana, se deixaram apanhar de surpreza. Isto demonstra que não só os imperios centraes perderam a iniciativa, mas tambem que não dispõem (á dos adequados meios para a defensiva, e que se tentam defender-se a leste soffrem uma derrota a oeste e que se enviam tropas para o norte isso será um mal no sul. Nas margens do Isonzo desvaneceram-se-lhes as illusões a respeito do esgotamento italiano no Trentino, assim como nas da Somme se desfizeram as allemãs de haverem extenuado os francezes em Verdun.

A importancia da victoria

Os criticos italianos põem, sobretudo, em relevo a abolição da fronteira injusta. Desde o Stelvio assim como do Tonale, desde o valle da Lagarina como dos planaltos, desde o Brenta, como desde o Piave, da passagem do Monte Croce como desde o Colle de Folla, assim como desde o caminho do Cormons como desde o de Cervignano a S. Gregorio de Nogaro, os austriacos estavam preparando mais favoraveis condições para a invasão do territorio italiano. Portanto impunha-se á Italia uma ardua tarefa quando entrou na guerra: a mais grave do quantas haja tido qualquer estado europeu a resolver ao tomar parte no conflicto. Ella devia defender-se contra uma eventual e facil invasão, pelo caminho da fronteira oriental, a famosa fronteira de oporotta, aberta através do um campo de prados e adornada por um innocentissimo parno mechanico.

E se quizesse tomar a defensiva devia realisal-a sobre o Isonzo contra fortissimas posições que muitas vezes o estado maior inimigo havia declarado inexpugnaveis. Gorizia não está na fronteira, está dentro do corpo do imperio e sobre a arteria directa que conduz a Lubiana e a Gratz, e a Vienna.

Gorizia é o appoio da defeza do Isonzo: a linha defensiva do Isonzo não tem, não póde ter efficacia quando, uma vez tomada Gorizia, o valle do Vipacco esteja livre ao invasor.

A obra de Luiz Cadorna

Eis aqui porque a vista penetrante de Luiz Cadorna não se desviou nunca do seu objectivo. Luiz Cadorna tinha sempre posta a vista em Gorizia.

Os austriacos pretenderam distrahil-o d'esta attenção, chamando-a para outros pontos, ameaçando, se atacar.

A ameaça foi inutil. A tenacidade de Luiz Cadorna ficou obstinadamente fixa n'aquella direcção do caminho de Gorizia. Era a logica e alem d'isso a boa visão.

Como era de esperar deu-se o abandono «voluntario» das posições: «Com o fim de conservar a valente guarnição da testa da ponte de Gorizia—assim diz o boletim official austriaco contra a qual são dirigidos furiosos e incessantes ataques italianos, pelo que foi mandado retirar para a margem oriental do rio».

Não se póde ser mais divertido. Outro tanto se havia feito por occasião da tomada de Czernowitz pelos russos.

«Tendo o fogo inimigo destruido as trincheiras da testa de ponte sobre o lado norte telegraphou então o quartel general austriaco o correspondente da «Zurcher Post»—a travessia do Pruth por parte do inimigo não podia ser impedida por taes *considerações foi decidida a evacuação militar da cidade*». E' bem conhecido o enthusiasmo com que depois de ter sido corrido do territorio italiano o inimigo annunciava o encurtamento da sua frente de combate.

Os italianos sem illusões

Quando se tem necessidade de recorrer a estes meios, a situação não devo ser briosa, na verdade. Não é diversidade em relação aos italianos, os tocadores de bandurra que tem demonstrado que tambem sabem fazer soar os espingardas e os canhões, como disse Gustavo Hervé na «Victoire»; não é alegre com relação aos russos, que apesar da intervenção de Hindenburg, progridem no Stockhod e no Sereth.

Os italianos lançaram no oeste da Austria-Hungria um incendio que faz «pendant» ao lançado pelos russos a leste. As forças da dupla monarchia consomem-se ali.

O regosijo do povo italiano é, pois, legitimo. Todavia os italianos não se criam illusões. Sabem que a hora da victoria final não soou ainda, mas repletos de fé estão certos que a victoria não faltará. Gorizia é a primeira étape. O resto poderá tardar, mas não poderá faltar.—(Havas).

O tratado de commercio anglo-portuguez

LONDRES, 21.—A camara dos lords approvou o tratado de commercio anglo-portuguez. Foi a ultima leitura.—(Havas).

MAGOS, BRUXOS, NIGROMANTES

O charlatanismo profissional

devidamente refreado pela legislação

Vou interromper durante algum tempo os meus artigos sobre occultismo. Vencido? Não. E ainda menos convencido. Continúo pensando, cada vez mais firmemente, que o Estado tem, não só o dever de combater o charlatanismo, mas a possibilidade de o reduzir senão á impotencia, pelo menos a infimas proporções. Basta que na Camara se discuta um projecto de lei que em tempos foi apresentado, e que, posto em execução após o devido exame, obstará por certo a essa vergonha da publicidade occultista que todos os dias se exhibe por ahi.

Antes que a Camara tome tal resolução, é inutil insistir. Para quê? Não está porventura o publico já elucidado ácerca do que são e do que valem todos esses consultorios de somnambulas, videntes, magnetisadores e quejandos? Podem-me objectar que tambem innumeras vezes se tem relatado, nos *faits divers* da imprensa quotidiana, o artificio do *conto do vigario*, e no emtanto ha sempre novos papalvos que são ludibriados com elle. Mas isso não obsta a que a vulgarisação do ardil se deva considerar salutar. Não creio que uma pessoa de honestas intenções seja enganada por vigaristas; regra geral, intrujão e intrujado equivalem-se e a policia deveria começar por metter n'um calaboiço todo o que se vae queixar por ter sido roubado d'essa fórma. O que adquire por infima quantia uma corrente que suppõe ser oiro não tem o direito de recorrer á assistencia policial só porque verificou mais tarde que era latão.

Mas a policia acode, prende o vigarista e deixa a victima seguir em paz. E' o que ha de succeder quando legalmente houver contra os charlatães do occultismo uma base de procedimento. Annunciam-n'a para breve. Esperemos.

E entretanto deixem-me dizer alguns raros leitores, que comigo pretendem estabelecer polemica sobre o assumpto, que está longe do meu espirito o occupar-me da realidade ou não realidade de certos phenomenos psychicos, cujo existencia não discuto e em cujo estudo não pretendo entrar. Louvo-lhes as boas intenções, mas é-me totalmente indifferente que em Lisboa se crie um Instituto de caracter official especialmente destinado ao espiritismo. Quiz apenas verberar os charlatães e abrir os olhos a muita gente que póde cahir-lhe nas garras, quiz contestar o direito de se abrir casa, pôr-se taboleta ou annunciar-se por qualquer fórma adivinhações sobre o passado, presente e futuro a tanto por cabeça. Demonstrei que recorrer a taes creaturas é tão indigno de um homem de bom senso como, em regra, de uma pessoa de bem. E nada mais.

Da curiosa e notavel collecção dos *Excentricos* de Champfleury faz parte um raro typo de desiquilibrado chamado Lucas, ao qual o celebre chronista da bohemia parisiense dedica uma boa duzia de paginas deliciosamente espirituaes. Lucas achou a quadratura do circulo, e não deseja outra coisa mais que demonstral-o. Como se vê, é simples, mas infelizmente a Europa sabia nega a quadratura do circulo—e *não admitte provas*. A epidemia de geometras do mesmo genero que durante a primeira metade do seculo passado publicou em vão montanhas de memorias e de brochuras, o que levou um dia Arago a observar que o *movimento perpetuo* e a *quadratura do circulo* vem sempre com a primavera, como certas manifestações morbidas, não conseguiu desviar do seu caminho a sciencia, apezar da indulgente espectativa dos Monge, do Laplace e dos Légendre.

O professor Dupin, no Conservatorio de Artes e Misteres, areagava assim uma vez aos seus alumnos:

—Prohibo-lhes expressamente que se occupem da solução da quadratura do circulo, porque é uma coisa inutil e prejudicial, e os sabios possuem a prova de que essa solução é impossivel. Previno-os além d'isso que, se mais tarde entre os senhores se encontrar algum que não faça caso d'essa prohibição, o porei immediatamente fóra da aula, e que não poderá sequer ser admittido nos outros cursos publicos.

Esta prophylexia é um tanto violenta, mas uma certa percentagem da população dos manicomios justifica-a plenamente, a meu vêr. Outro tanto poderão fazer ácerca das sciencias occultas os paes que amam os seus filhos. Não se trata de meios de combate, mas apenas de armas de defesa que nunca são demais.

HERMANO NEVES

P. S.—Esta tarde tive o prazer de conversar sobre o assumpto das minhas chronicas com o notavel professor e eminente psychiatra sr. dr. Julio de Mattos.

Dirigiu-me palavras amigas de incitamento e de applauso, accentuando o aspecto que na questão pretendi destacar, isto é, o verdadeiro perigo social que representa a existencia de somnambulas, videntes, magnetisadores, etc.

Não são infelizmente raros os casos de alienação mental determinados por essas creaturas. O sr. dr. Julio de Mattos, a proposito, refere-me o seguinte facto occorrido ha dias:

—F... que durante os seus estudos no liceu manifestára especial predilecção pela philosophia, e a quem eram particularmente sympathicas as doutrinas negativistas do Nirvana e do «não-ser», tem amores com uma prima que habita um recanto longinquo da provincia. Um dia occorre-lhe a hypothese de que a namorada possa trocal-o por outro. Corre a casa de uma adivinha conhecida por Madame Brouillard, e esta tranqua-a a tal respeito. Que sim, que ha um rival e que esse rival pretende raptar-lhe a namorada.

No auge da excitação, parte para a provincia, procura por toda a parte o pretendido rival, a familia consegue trazel-o de novo ao lar, evitando uma tragedia. Está louco.

Esperemos agora que, em face de documentos d'esta natureza, o Parlamento se occupe do projecto de lei que aí foi apresentado em tempos e cuja opportunidade de discussão parece ter chegado.

H. N.

TERRAS DE PORTUGAL

A MINA DA CAVEIRA

E' abundante em pyrite de ferro cuprifero e tem dado bastante oiro

GRANDOLA, 21.—O filão cuprico que attinge a sua maxima intensidade em Rio Tinto, na provincia de Huelva, dá em Portugal, entre outras, as minas de S. Domingos, d'Aljustrel, do Louzal e da Caveira. Esta fica a cerca de oito kilometros de Grandola e é, certamente, a mais antiga. Não quiz deixar de a visitar, já que o acaso, se benevolo inspirador dos homens da minha profissão, quiz guiar-me até aqui. E fiz bem. E' que a exploração mineira da Serra da Caveira é das mais importantes e ao mesmo tempo das mais curiosas de Portugal. Pesquiza-se, colhe-se ali o oiro, e a prata, quando a installação necessaria para extrahir os dois metaes funccionava tambem; não desdenhava fazer a sua apparição. Os romanos doram pela existencia do oiro na Serra da Caveira e exploraram-no. D'ahi, surgirem ainda hoje, furando a barreira avermelhada em todos os sentidos, verdadeiros buracos de toupeiras, por onde os escravos dos Cezares andaram, por milagre, buscando o metal que até hoje mais tem fascinado o homem, insaciavel conquistador de riquezas. Quem vem de Grandola para a Caveira atravessa fazendas bem cultivadas, hortas cujas raizes mergulham na terra abeberada d'agua; vinhas contorcidas ao peso dos cachos, sobreiras extensos e olivaes cuja folhagem, por tão clara estar, parece coberta de alva farinha de trigo. Depois, a estrada empina-se bruscamente e principia a galgar a serra até lá acima, parando quasi ao pé do poço mestre.

E á medida que a estrada trépa, a paizagem alarga-se, engrandece-se, ennobrece-se. O Louzal fica em plena charneca. A planura não se congestiona em charnecas de terreno, que desafoguem a vista e deem, aos seus olhos de ar livre, um rasgão de infinito. Na caveira succede o contrario. A mina fica quasi no alto da serra, desafogada, livre de obstaculos que lhe delimitem o horisonte, dominando a planicie com imponencia pertinaz e altiva. Batemos, em primeiro logar, á porta do director. Não está. Procuramol-o por toda a parte e o telephone vae, afinal, desencantal-o junto do poço mestre. Acompanha-me o sr. Jorge Nunes, a quem não sei como pagar todas as gentilezas que a sua amizade me tem dispensado. Deante d'elle todas as portas se abrem. E o sr. Thomaz Mackenzie, um escossez fleugmatico e rubicundo, em cujos olhos azes não é difficil ver boiar a sombra d'um grande desgosto, depois de nos ouvir, põe toda a nossa disposição. Pósso ver a mina por dentro e por fóra. Nada do que existe no alto da Serra da Caveira me será occultado. E é o proprio sr. Mackenzie quem, chupando tranquillamente o seu quasimodo cachimbo de cerejeira, nos serve de guia e nos conduz, serenamente affavel, com simplicidade

britannica, a todas as officinas, a todas as installações, a todas as dependencias da mina.

De vez em quando, a minha curiosidade esbarra contra o portuguez do sr. Mackenzie. Elle fala-me d'uma coisa e eu entendo outra. Mas quando o equivoco se desfaz, o sr. Mackenzie, ficando-me desolado, diz-me invariavelmente:

—Peço desculpa, ser muito difficil o portuguez. Já ter desistido de aprender.

* * *

A casa dos motores, com os seus dois duzentos e cincoenta cavallos, onde se produz toda a energia electrica; as officinas de serralheiro e de carpinteiro, a serração mechanica, os escriptorios, os laboratorios, tudo, emfim, quanto representa um orgão essencial n'este corpo immenso, cuja vida se vive principalmente no interior da Terra, passa deante de mim. O homem, para dominar a natureza hostil, tem feito por aqui maravilhas, como as faz de resto onde quer que a sua curiosidade descubra uma parcella de interesse. Mas de tudo o que a mina da Caveira possue, o que mais espanta é a installação que foi preciso realisar para extrahir da terra vil o oiro lindo e precioso. No'ar, suspensas em estacarias, ha duas filas de tinas enormes, umas de madeira e outras de ferro. Cada uma d'essas tinas levaria dezenas de pipas. Vagonetas por toda a parte, ferro entrecusando-se, madeira aguentando com o peso dos monstros cheios de terra e agua. A terra é o que teve oiro. A agua serve para lavar, para arrastar o cubiçado pó, d'um amarello fosco, para outras tinas mais pequenas e situadas n'um plano inferior. D'essas tinas, por processos simples e por virtude de vulgares transformações chimicas, o oiro separa-se da agua, e emquanto esta sahe, despojada da sua riqueza, essa mesma riqueza fixa-se e offerece-se á avida cupidez dos que, para a colher, comprometteram fortunas. A prata e o mercurio arrancam-se da agua e da terra quasi por processos eguaes. Foi um engenheiro da Africa do Sul que veiu aqui montar esta complicada installação. Quem vier á Caveira póde, por isso, dar-se a illusão de que está n'um pequenino Rand, onde o oiro mal se mostra, mas d'onde se extrahiram já para cima de trezentas mil libras... E o sr. Macktenzie, no seu portuguez arrevesado, no qual o hespanhol faz frequentemente a sua apparição, diz-me aonde se encontrava o filão aurifero.

—A mina da Caveira, esclarece-me elle, está sendo explorada pela actual empreza, constituida pelos srs. Crookston Brothers, desde 1870. Os minerales que n'ella se encontram são pyrites de ferro cuprifero. Mas em cima d'esses mineraes, na zona de oxidação, deparou-se-nos o chamado «chapeu de ferro», que tem sido tratado para extracção de oiro, prata e algum mercurio, que sae junto com aquelles metaes. O «chapeu de ferro» tem, em algumas partes, a profundidade de grossura de 40 metros e foi muito explorado pelos romanos. Para prata e oiro, teem sido tratadas até hoje, em quatro annos, duzentas e quarenta mil toneladas, approximadamente, ou sejam sessenta mil toneladas por anno. Presentemente, a extracção do oiro e da prata está suspensa, devendo, porém, recomeçar, com maior intensidade, qualquer dia. Estamos a proceder, para isso, a varios estudos e pesquizas em cujos resultados confiamos plenamente.

As duzentas e quarenta mil toneladas de minerio de que se extrahiu o oiro formam, ao fim das duas filas de tinas enormes, um immenso aterro avermelhado. A agua das chuvas abriu, nas barreiras, que me parecem de algodão em rama mettido n'um banho de carmim, sulcos profundos. Onde é pisada e remoida, essa terra sangrenta pulverisa-se. Deixe passar uma rabanada de vento. Tudo o que a nuvem que se levanta tocar ficará côr de tijolo.

* * *

E o sr. Macktenzie, emquanto nos dirigimos para o palacio da direcção, onde temos de fazer a «toilete» propria para descermos á mina, fornece-me, a respeito da empreza que dirige, varios esclarecimentos. Diz-me, por exemplo, que actualmente o numero de operarios que trabalha na mina sobe a 360, devendo a população total da Caveira ir além de 1.200 individuos. Os mineiros, accrescenta, ganhavam outr'ora $60; os estivadores, $70, e os safreiros $45, por dia de 10 horas de trabalho. Hoje, quasi tudo, o pessoal, trabalhando 8 horas, está contractado, ganhando mais. O pessoal da superficie, como é constituido por artistas, recebe conforme as suas aptidões. A mina produz cerca de 50 toneladas de cobre por mez, o que é exportado por Alcacer em saccos de 50 kilos. Da Caveira a Alcacer, onde tambem ha pessoal da mina como o ha em Grandola, cada tonelada paga 1$50 de transporte. Em Alcacer paga $30 de embarque e d'ali até Lisboa, por mar, e pelo rio o transporte custa 1$00. De futuro o transporte far-se-ha pelo caminho de ferro do Vale do Sado, o que irá baratear sensivelmente os actuaes fretes. O minerio, no piso mais alto, tem uma percentagem de cobre de 2 a 2 1/2 %, mas nos pisos inferiores essa percentagem diminue bastante, não indo em certos pontos além de 0,60 %. Por seu turno, a percentagem de enxofre sóbe. O preço do cobre antes da guerra, regulava por 60 libras a tonelada. O mez passado, porém, chegou a vender-se a 150 libras, para baixar logo a 140, que é o que se paga agora.

Fala-se propriamente da mina, e sei que as galerias, nos differentes pisos, teem uma extensão de 5830 metros, que para escoar o contraminas se gastam por mez 160 metros cubicos de madeira; que dos poços se extrahem 800 toneladas d'agua por mez e que em pagamentos de salarios e em compras na região gasta a empreza, cerca de dezoito mil escudos mensalmente. Razão teem, pois, aquelles que dizem que para se explorar uma mina é preciso ter outra mina, onde o dinheiro se cave em abundancia e appareça a rodo. Oiro produz oiro. E' por isso, com certeza, que nos paizes adeantados e nos povos emprehendedores não falta nunca quem appareça com o seu dinheiro a valorisar riquezas que, embora hypotheticas, não deixam de attrahir. O capital que ha de utilisal-as ou sumir-se inutilmente atraz d'uma doirada chimera.

Damos ainda uma larga volta pela cimentação, que é a grande officina ao ar livre, onde a rocha que vem da mina é tratada para se lhe extrahir o cobre. E' a agua que faz o milagre. Os blocos de pyrite desfazem-se, inundados. E a agua que os esborôa, filtrando-se pelos aterros, é recolhida lá em baixo n'uma grande albufeira, d'onde sae por meio de syphões, esverdeada e saturada de cobre, precipitando-se para longos canaes de madeira, cheios de sucata de ferro. Ali realisa-se a conhecida reação. O sulphato de cobre, ligando-se com o ferro, dá origem ao sulphato de ferro e deixa livre o cobre, que é devidamente colhido, posto a secar, pesado, ensacado e exportado. Quanto mais rico é o mineral lavado, menos ferro é preciso para o fixar. N'essas condições, cada kilo de cobre custa kilo e meio de ferro. Actualmente, porém, a fixação só se obtem gastando se para cada kilo de cobre trez de ferro.

* * *

A extensão dos canaes depende tambem da maior ou menor quantidade de cobre que as aguas trazem comsigo. E depois de passarem atravez d'uma espessa camada de sucata, que a mina adquire a vintem o kilo, ou seja o dobro do que lhe custava n'outros tempos, e na qual se descobrem os mais estranhos objectos, as aguas, ainda esverdeadas e saturadas de elementos nocivos, correm pela encosta até á ribeira, que passa lá em baixo, no vale, onde se precipitam e desapparecem. Tinha ouvido dizer em tempos, e creio mesmo que chegou a falar-se d'isso em S. Bento, que estas aguas haviam inutilisado terras excellentes, que n'outros tempos eram fertilissimas e que, n'esto momento, não produziam coisa nenhuma. Recordei-me da asserção e fui verificar, com os meus proprios olhos, até onde ella era verdadeira. E fiquei desolado. E' que a realidade vae muito além d'aquillo que eu ouvira. As aguas da Caveira são um flagello que tudo queima, que tudo devasta e que torna árida toda a terra que com ellas tenha contacto. Por onde ellas passam, é como se passasse a maldição. Por onde ellas correm é como se corresso fogo.

O terreno resequido, tostado, torrado, abre grandes gretas, cobrindo-se d'uma substancia branca e rugosa que parece sal e que é, segundo creio, sulfato de ferro. E' essa substancia que não permitto a vegetação. E' ella que leva a morte comsigo e que não consente que as aguas que a conduzem possam vivificar, nos dias esbraseados do verão, as raizes das hortas e dos milharaes. E como, sem agua, o terreno por onde o ribeiro deslisa não póde ser aproveitado, a agua que lá em cima extrahiu o cobre e produziu riqueza, não passo, cá em baixo, d'uma desolação implacavel, que se compraz em semear a morte e a ruina. E não podia evitar-se semelhante calamidade? Creio bem que não, a não ser que a mina deixasse de tratar o seu minerio ou que a empreza que o explora indemnisasse devidamente todos aquelles a que as suas aguas envenenadas causem tão grandes prejuizos. Assim, o espectaculo que a ribeira offerece angustia e constrange. Dir-se-hia que pesa sobre ella um eterno e implacavel anathema, a impedir que as suas aguas refresquem e fecundem.

A tarde vae em mais de meio e a descensão á mina não pode retardar-se. Visto um velho casacão que me desce quasi até aos pés, calço umas botas grossas, tento encaixar na cabeça um chapeu usado e parto para o poço mestre, acompanhado pelo sr. Mackenzie e pelo sr. Jorge Nunes. Dentro em pouco, sepultar-me-hei em vida. Mas como será, a final, esta mina lá por baixo?

ADELINO MENDES

Cardo as Charlot em Lisboa

E' ámanhã, quarta feira, no Republica, no intervallo da linda revista *Castellos no ar*, a estreia do celebre Cardo as Charlot, considerado o mais notavel comico de todo o mundo, e da sua *troupe*, que fará o *sketch* intitulado *Charlot enamorado*. Cardo as Charlot, ámanhã, á sua chegada, fará na estação do caminho de ferro, no Rocio, no Chiado e á entrada do theatro Republica uma engraçada «fita» cinematographica que diligenciará exhibir o mais cedo possivel.

O de ámanhã é pois um espectaculo excepcional, a famosa revista *Castellos no ar* e ainda a troupe Cardo as Charlot. Apesar dos encargos que este espectaculo traz á empreza, os preços não são alterados, continuando os mesmos preços populares. E' o que se chama um ovo por um real.

Uma estreia que fez sensação

Rosine e o seu Carlitos constituem um bello numero

Os bons numeros são sempre bem acolhidos pelo publico, e a prova está no agrado que hontem causou no Salão Foz a estreia da bella cançonetista e bailarina Rosine e o seu Carlitos.

Nos dois espectaculos a casa esteve á cunha, chegando a deixar de se vender bilhetes. Isto, assim o crêmos, é significativo; o publico, que já conhecia Rosine, acorreu para a applaudir e pensava que os seus numeros fossem eguaes aos já apresentados, ficou portanto muito melhor impressionado quando viu que todos os numeros de Rosine eram novos; danças, canções e equilibrios, porque Rosine, além de bailarina eximia e de cançonetista, dizendo com graça, é tambem uma bellissima gymnasta, trabalhando em equilibrios na escada, trabalho de que foram creadores os portuguezes «Os Silvas», numero que tanto successo fez no mundo inteiro.

Não ha duvida que o numero é dos que fazi cartaz.

O espectaculo é completado com Nina Walky, bella bailarina, com La Bella Lopes e o seu excentrico, numero gymnastico de valor, e com Petrolino, o nosso celebre guitarrista portuguez, isto não contando com «fitas» e com concerto do sextetto.

Classes que reclamam

Os empregados menores dos correios e telegraphos que estavam disponiveis compareceram hoje no Parlamento onde uma commissão de seis membros entregou ao sr. dr. Manuel Monteiro, presidente da Camara dos Deputados, uma representação em que pedem melhoria de situação devido á crise que estão atravessando.

A mesma commissão entregou ao deputado sr. dr. Costa Junior um projecto de lei, que vae ser entregue ao Parlamento, pedindo augmento de vencimento e melhoria de situação.

O sr. ministro do trabalho continúa estudando a questão das subsistencias

Assucar, milho, farinha, etc.

Estiveram hoje com o sr. ministro do trabalho:

O sr. Antonio Teixeira de Mello, representante da classe de mercearia junto da direcção da associação Commercial do Porto, tratando da livre distribuição do assucar a todos os commerciantes d'aquella cidade;

O sr. João Baptista de Barros, presidente da direcção da associação de classe dos industriaes de panificação independente, tratando da exportação de farinhas;

O administrador do conselho de Anadia solicitando providencias no sentido de aquelle concelho ser abastecido de milho.

O sr. ministro do trabalho ficou de estudar todas estas questões e muitas outras, a que está dedicando a sua actividade proverbial, sempre na excellente e louvavel intenção de conseguir o barateamento dos generos alimenticios de primeira necessidade, nomeadamente do assucar.

Fazemos votos por que o sr. ministro estude e resolva depressa, como é seu costume, a contento dos prejudicados que é a enorme maioria da população.

A Sociedade Portugueza de Assucares Limitada já recebeu 350 toneladas de assucar vindo pelos vapores «Moçambique» e «Peninsular» garantindo-lhes uma laboração para 10 dias.

Parte de'ste assucar seguiu para a Lisboa. A firma J. Nogueira C. de Lima recebeu pelos mesmos barcos 70 toneladas e espera poder principiar a sua laboração na proxima segunda-feira.

A Refinaria Colonial, da firma Horwing & C.ª, entra brevemente em laboração e espera receber 1.000 toneladas de assucar garantindo uma producção de 50 toneladas durante 20 dias, ou quasi 30 para o norte e 20 para Lisboa.

—Carriças de assucar que estavam «garage» da policia foram distribuidas por ordem do sr. governador civil á Cooperativa dos Vendedores de Viveres a Retalho.

O sr. governador civil conferenciaram Loja com os srs. Alves Nunes e Alberto de Araujo, da commissão central do ...

ULTIMAS NOTICIAS

A reunião do Congresso

Nos Deputados

Falta um quarto para as 5 quando começa a chamada para a reunião conjuncta das duas camaras. Preside o sr. Correia Barreto, secretariado pelos srs. Balthazar Teixeira e Paes Abranches. Respondem 136 congressistas. E' lida a moção do sr. Alexandre Braga, approvada na camara dos deputados. Em seguida, esse deputado faz diversas considerações sobre a revisão, lembra o momento excepcional em que Portugal se encontra e diz que a revisão tem de presidir a maior ponderação e uma serenidade e escrupulos inalteraveis. Ha disposições que o actual estado de guerra não permitte desde já discutir. Ha outras que, por causa d'esse mesmo estado de guerra, teem de ser modificadas quanto antes. As primeiras ficam para depois da paz. As segundas devem ser discutidas agora, por assim o exigir a nossa situação de guerra com a Allemanha. Apresenta uma moção, resumindo as suas considerações, a qual é admittida. O sr. Ferreira da Fonseca, em questão prévia, diz que a iniciativa da revisão constitucional pertence á camara dos deputados, não podendo ser feita em sessão conjuncta. Cita varias disposições constitucionaes, nas quaes fundamenta o seu modo de vêr.

O sr. presidente do ministerio declara que o governo está inteiramente d'accordo com a proposta do sr. Alexandre Braga, perfilhando-a; e o sr. José Barbosa, apoiando a questão prévia do sr. Ferreira da Fonseca, apresenta uma outra, pela qual o Congresso delibera fazer uso da faculdade que a Constituição lhe confere no paragrapho 1.º do seu artigo 82.º Justificando essa moção, o orador mostra-se contrario ao estabelecimento da pena de morte, o qual vae fazer-se, ao que se diz, contra os sentimentos generosos do povo portuguez. A Constituição não póde ser revista aos poucos. Tem de sel-o d'uma vez. Acha, porém, estranho que se torne preciso fazer fluctuar a lei fundamental da Republica ao sabor dos acontecimentos, por mais graves que elles sejam. Se isso se admittisse, admittir-se-hia tambem que o regimen, mercê de erros de toda a natureza, não lograria até agora firmar-se inabalavelmente.

Deputados e senadores principiam a chegar cedo. A's duas e trinta ha já bastantes legisladores no Palacio do Congresso. No atrio, nos Passos Perdidos e no largo das Côrtes, os curiosos que pretendem assistir á sessão são tambem muitos, sem que, todavia, a concorrencia se pareça com as dos outros dias, em que as camaras reuniram extraordinariamente. Correm varios boatos sobre os trabalhos que as camaras vão ser chamadas a realisar. Mas até onde serão verdadeiros esses rumores? Só se sabe, ao certo, os que estiveram no segredo dos deuses. Do governo, é o sr. presidente do ministerio o primeiro a chegar. Seguem-se-lhe os srs. ministros do interior e dos estrangeiros. O sr. dr. Brito Camacho entra na sala poucos minutos antes das tres, que é quando principia a chamada. Preside o sr. Manuel Monteiro. Secretarios, os srs. Balthazar Teixeira e Alfredo Soares. Estão presentes 68 deputados, que são os que approvam a acta, e todos os que apparecem depois. O expediente, que é volumoso, leva largo tempo a ler. A destacar, uma representação dos carteiros e boletineiros de Lisboa, pedindo augmento de vencimentos.

O sr. presidente do ministerio diz que o governo convocou o Congresso, para ella se occupar da revisão da Constituição. E como a iniciativa d'essa revisão pertence á camara dos deputados, ella que tome, sobre o assumpto, as deliberações que julgar convenientes. O sr. Alexandre Braga propõe que a camara dos deputados tome a iniciativa da referida revisão, devendo officiar-se ao presidente do Senado, para que elle convoque a reunião conjuncta das duas camaras, a fim de se apreciar definitivamente a questão. O sr. José Barbosa, reconhecendo que só o Congresso póde deliberar sobre a revisão constitucional, declara que dá o seu voto á proposta do sr. Alexandre Braga, a qual é, em seguida, approvada.

O sr. Costa Junior manda para a mesa um projecto de lei augmentando os vencimentos ao pessoal menor dos correios e telegraphos, creando para esse augmento de despeza a necessaria receita. Aproveitando o ensejo, o orador refere-se a outros assumptos e insta por varios documentos que, opportunamente, requereu por varios ministerios. O projecto é admittido com urgencia. O sr. Eduardo de Sousa refere-se largamente á tutela do sr. José Orey, que, apesar de ser republicano, foi expulso de Portugal em 1910, e que, não obstante, ser vogal da commissão «Pró Patria» organisada no Rio de Janeiro, para acudir ás victimas de Portugal na guerra. O sr. ministro dos estrangeiros responde que os documentos justificativos da situação do sr. José Orey só hontem, por motivos que não conhece, deram entrada no seu ministerio. O conselho de ministros apreciál-os-ha e tomará as providencias que forem julgadas justas. O sr. Velhinho Correia manda para a mesa um projecto de lei alterando algumas bases das cartas organicas das colonias e faz commentarios pouco agradaveis aos serviços de instrucção em Macau. O sr. Aresta Branco diz que a lei sobre os cereaes não tem sido cumprida na parte que diz respeito aos seareiros, pedindo, sobre o assumpto, varios esclarecimentos ao sr. ministro do trabalho, que não lh'os regateia, dando-lhe as explicações que o caso exigia.

O sr. João Gonçalves ataca o sr. ministro do trabalho por causa da crise das subsistencias, dizendo que não se comprehende como, havendo assucar em abundancia nas colonias, elle falte na metropole. O carvão tambem falta, não se admittindo que tal aconteça depois de requisitados os navios allemães. O sr. ministro do trabalho responde que o governo tem tomado todas as providencias para occorrer á crise das subsistencias e accrescenta que, se o commercio tem açambarcado assucar, o publico tem feito outro tanto. E, para concluir, o sr. ministro do trabalho diz que devem estar a chegar ao Tejo varios barcos com assucar colonial, ficando assim remediada a falta que ha d'esse genero. Em seguida, encerra-se a sessão da camara dos deputados.

No Senado

Abriu a sessão ás 14,50, estando na presidencia o sr. Correia Barreto.

Respondem á chamada 31 senadores, que approvam a acta sem discussão.

Lido o expediente e entrando-se na ordem do dia, tem a palavra o sr. coronel Alberto da Silveira.

Mas uma vez se vae referir á censura preventiva.

Hontem pola quinta vez se usou de um «truc» para prejudicar o jornal «A Lucta», orgão do partido União Republicana. Este jornal foi apprehendido pela policia, depois de ir á censura, e isso evidentemente para que não tivesse larga circulação esse numero, que trazia o que se passou no Congresso da União Republicana. Assim esse jornal perdeu os correios e prejudicou a sua venda em Lisboa. Isto que só se faz com «A Lucta», propositadamente, é um acto ignobil, que é o que mais uma vez, embora inutilmente, lavra o seu energico protesto.

O sr. dr. João de Menezes, dirigindo-se ao sr. presidente, observa-lhe que s. ex.ª não tem que chamar á ordem o sr. coronel Silveira.

Pois bem: se o discurso de s. ex.ª for reproduzido nos jornaes, a censura cortal-o-ha. O que se está passando aqui, nem na Russia se passa. Teem-se cortado na «Lucta» telegrammas publicados n'outros jornaes, reproducções de outros, etc.

O «Seculo» tambem hontem appareceu sem o seu artigo de fundo, em que tratava de subsistencias. A censura chegou até a cortar parte d'uma entrevista que o sr. ministro do interior concedeu a um jornal de Lisboa. Não póde deixar de protestar contra o que a censura está fazendo, e que é uma vergonha.

O sr. Paes Gomes chama a attenção do sr. ministro da guerra para os serviços de mobilisação, que estão prejudicando a região do centro, ao passo que poupam a do norte, onde nem um só trabalhador foi mobilisado.

N'esta altura, entra o sr. ministro do interior, a quem é concedida a palavra.

Diz que não sabe em que circumstancias se deu a apprehensão da «Lucta». Vae esclarecer-se todo, e pode o sr. coronel Silveira ter a certeza de que procederá com o justiça.

O sr. coronel Silveira explica como se deu o facto acintosamente praticado contra «A Lucta», e o sr. ministro do interior renova a sua promessa de fazer justiça, accrescentando que com todos os jornaes procede de egual forma, não tendo filiação partidaria, mas amigos em todos os partidos.

O sr. dr. João de Menezes repete ao sr. ministro do interior as considerações que, antes fizera, accentuando que, no caso da entrevista, s. ex.ª deve ir mettir-se o que admittir a censura, de que s. ex.ª é o chefe.

O sr. ministro do interior explica que o que a censura cortou, da sua entrevista, era coisa insignificante, pois não podia ter dito ao jornalista que o entrevistou, palavras offensivas ou prejudiciaes ao regimen, a quem tem dado provas de lealdade.

O sr. Silva Gonçalves entende que é preciso mais criterio com a mobilisação. E' preciso defender a Patria, tambem é necessario não deixar o povo morrer á fome, roubando todos os braços á agricultura.

O sr. presidente do ministerio fala em providenciar n'esse sentido.

O sr. dr. João de Menezes diz ao sr. Silva Gonçalves que não deve preoccupar-se com o assumpto, pois o governo certamente se encarregará de traduzir os decretos publicados em 1913 pelo ministro da guerra da Republica franceza, sr. Etienne.

O sr. Pina Lopes pede urgencia e dispensa do regimento para o projecto de lei dispensando a idade, até aos dez annos, para os exames do segundo grau.

O sr. Agostinho Fortes protesta energicamente contra esse projecto, que declara servir apenas para com empenhos se fazerem meninos prodigios.

O sr. ministro da instrucção que entra n'este momento, declara que não se manifesta nem a favor nem contra o projecto.

O sr. Estevam de Vasconcellos defende em parte o projecto, que o sr. Silva Barbosa acha inacceitavel.

Falam ainda sobre este o sr. Pina Lopes e Antonio Maria Baptista, este ultimo entendendo que o Collegio Militar não tem razão de existir e em seguida o projecto é approvado.

O sr. presidente diz que em virtude de um officio vindo da outra camara, pedindo a convocação do Congresso, marca a sessão para as 16,30. Está-se precisamente n'essa hora e é encerrada a sessão.

A reunião conjuncta

As moções apresentadas e admittidas

Na reunião do Congresso, o sr. Alexandre Braga apresentou a seguinte moção:

«O Congresso da Republica, usando da faculdade que lhe confere o § 1.º do artigo 82.º da Constituição, resolve antecipar a revisão constitucional, no intuito de apreciar diversas propostas de alteração já apresentadas ou que o sejam, incluindo as relativas a composição, duração e prorogativas do poder legislativo e attribuições e relações do poder executivo com aquelle; mas attendendo ao estado de guerra com a Allemanha delibera tambem que a revisão se effectue immediatamente depois de terminadas as operações militares, salvo quanto ás modificações da Constituição, que sejam exigidas pelo estado de guerra. O deputado,—*Alexandre Braga*.

A questão prévia do sr. Ferreira da Fonseca, é assim concebida:

«O Congresso, considerando que a revisão constitucional, cuja iniciativa é privativa da Camara dos Deputados (artigo 23.º, a) da Constituição), deve ser feita pelo processo legislativo estabelecido pelo codigo fundamental da Republica, para a *iniciativa, formulação e promulgação* das leis, e não em sessão conjuncta das duas camaras, apenas lhe competindo resolver sobre a antecipação da revisão da Constituição, nos termos do seu artigo 82.º § unico e passa á ordem do dia.

A moção do sr. José Barbosa é redigida n'estes termos:

«O Congresso, considerando opportuna e necessaria a revisão da Constituição da Republica, resolve fazer uso da faculdade que a mesma Constituição lhe confere no § 1.º do seu artigo 82.º—a) *José Barbosa*.

O sr. Alexandre Braga rebate as affirmações do sr. Ferreira da Fonseca, demonstrando que a sessão do Congresso está bem convocada, podendo occupar-se dos assumptos constantes da sua proposta. Entre o orador e o auctor da questão prévia trocam-se explicações, falando a seguir o sr. Moura Pinto, que protesta contra a invasão das galerias nos trabalhos parlamentares e abunda nas mesmas idéas do sr. Ferreira da Fonseca.

A sessão, ás 18,30 continua, promettendo prolongar-se.

A grande guerra

O ultimo combate no Mar do Norte

Como o aprecia o redactor naval do «Times»

LONDRES, 22.—O correspondente naval do «Times» commentando o recontro do Mar do Norte, escreve o seguinte:

«A sahida da esquadra allemã do mar alto não deve admirar, porque está provado pela guerra japoneza que os navios não avariados vitalmente, são rapidamente concertados. Ora Vonscheer que dispõe de numerosos pessoal e de vastos estaleiros, desejava mostrar-se o mais cedo possivel por razões de politica. Era preciso que os allemães sustentassem a fabula do pretenso successo do 31 de maio, e principalmente porque estando proximo do campo de minas e protegidos por avisos aereos, os allemães corriam pouco risco. A esquadra allemã decidiu-se para o sul esperava talvez encontrar uma parte não apoiada da esquadra britannica.

«A retirada rapida da esquadra allemã do mar alto faz parte da sua estrategica e prova irrefutavelmente que o dominio dos mares pertence á esquadra de Jellicoe. Os allemães ficaram tão pouco satisfeitos com os resultados obtidos que julgaram ser necessario juntar aos dois cruzadores infelizmente perdidos, um couraçado.—(Havas).

Um donativo dos portuguezes de Minas

BELLO HORISONTE (Estado de Minas Geraes), 22.—A colonia portugueza, do estado de Minas Geraes, vae enviar 1.500 francos para os orphãos dos soldados portuguezes mortos nas recentes campanhas de Africa.—(*Americana*).

Allemães que seguem para Hespanha

No comboio da noite seguem hoje para Badajoz os doze allemães que ha dias se encontram no quartel dos Paulistas e que chegaram de Africa, onde eram tripulantes dos barcos ali surtos.

As finanças brazileiras

RIO DE JANEIRO, 22.—Continua a discussão do orçamento nas duas casas do parlamento.

O deficit em papel, equivalente a 1 milhão de libras, será coberto por novos impostos.

O parlamento está resolvido a fazer uma nova reducção das despezas, respeitando, porém, as indicações do governo.

A commissão de finanças estuda o modo de cobrir o deficit provavel do orçamento de 1918, o qual é calculado em seis milhões de libras sterlinas, incluindo o pagamento integral do funding e dos outros titulos da divida externa.

Na opinião dos deputados e senadores, membros da commissão de finanças, a situação financeira do paiz está normalisada, apoz a guerra, com o augmento forçado das receitas, devendo o deficit desapparecer por completo.—(*Americana*).

Policias burlões

O «vigarista» José Rodrigues d'Oliveira o «Escurinho», que hontem recolheu ao Limoeiro, voltou hoje á Boa-Hora a fim de ser ouvido pelo respectivo juiz acerca do conto do vigario, que sucede com todos os presos o «Escurinho» não o se confessou ao contrario do que succede com todos da calaboiço, ficando cá fóra sustado n'um banco e ahi esteve até cerca das 18 horas. O caso provocou grande escandalo. O agente Pires, que também está comprometido na burla, já hoje entregou a sua pistola e cartão de identidade. O seu collega Oliveira negou-se a fazel-o, motivo porque o sua casa, na calçada do Combro, 55, 2.º, o antigo agente Felisberto d'Oliveira buscar a pistola e o cartão. Os dois agentes burlões devem ser amanhã expulsos, pedindo-nos os seus antigos collegas para dizermos que os expulsos teem porque tempo na corporação sendo desde o principio mal vistos por todos.

Situação politica

O governo proporá a pena de morte em campanha—O Parlamento será convocado todos os mezes

Os trabalhos da sessão conjuncta embaraçaram-se n'uma questão de constitucionalidade ou inconstitucionalidade da formula adoptada na moção do sr. dr. Alexandre Braga. Proferiram-se discursos brilhantes, houve replicas incisivas e calorosas, mas nada se resolveu quanto aos fins que motivaram a convocação do Congresso.

Entendemos que a rigorosa interpretação da doutrina constitucional manda que a revisão se faça separadamente nas duas camaras, só devendo realisar-se as sessões conjunctas necessarias para se votarem as deliberações approvadas n'uma camara e rejeitadas na outra.

Para se estabelecer o principio da revisão se fazer em sessões conjunctas tornava-se indispensavel interpretar o artigo 13.º na sua phrase «salvo deliberação em contrario». Depois ver-se-hia se as duas camaras podem deixar de funccionar separadamente, além das sessões conjunctas indicadas na Constituição.

A verdade porém, é que nada ficou assente na sessão de hoje. Amanhã vota-se a moção do sr. dr. Alexandre Braga. Seguidamente o sr. presidente do ministerio apresentará, em nome do governo, uma proposta estabelecendo a pena de morte em campanha e fixando a concessão de medalhas militares.

Já na sessão de hoje alguns unionistas se referiram á alteração constitucional relativa á pena de morte, combatendo-a. Será approvada, porém, por evolucionistas e democraticos.

Consta que o sr. presidente do ministerio, nas declarações que fará amanhã, annunciará que o governo convocará todos os mezes o parlamento, para estar frequentemente em contacto com o poder legislativo podendo submetter á sua approvação as mais importantes medidas da administração publica.

NOTAS DIVERSAS

A commissão parlamentar de commercio reune sexta-feira, ás 21 e meia horas no ministerio dos estrangeiros.

Em volta da medicina castrense

No artigo do distincto professor sr. dr. Ricardo Jorge, que demos na nossa primeira pagina sob este titulo, na segunda columna, no periodo onde se lê: «As normas turgidas do papel estoiram como bolhas de sabão», deve lêr-se: «As normas turgidas de formaturas de papel estoiram como bolhas de sabão».

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

EM ABRANTES

Realisou-se no sabbado ultimo no elegante Club de Abrantes, uma esplendida «soirée» organisada por um grupo de senhoras, o qual decorreu animadissimo, dançando-se com verdadeiro «entrain» até perto das seis horas da manhã. O aspecto da sala era encantador, vendo-se ahi reunidas as principaes familias d'aquella cidade, entre as quaes as sr.as D. Virginia Almada e Mello, D. Sofia da Cunha Guedes, D. Amelia Almada e Albuquerque, D. Adelaide Correia de Campos, D. Adelaide Campos Mello, D. Maxima Santos, D. Maria e D. Maria Luiza d'Almada e Albuquerque, D. Maria Elisa de Almada e Albuquerque, D. Flora Cunha, D. Christina Bastos, D. Jacintha e D. Amelia Beja, D. Maria Elisa C. de Campos Albuquerque, D. Joaquina Padilha de Castro, D. Maria de Carmo Mendes d'Albuquerque, D. Miquelina e D. Maria Concordia Beja, D. Elisa Falcão dos Santos, D. Maria Celeste Gonzaga, D. Alice Brito, D. Adelaide Gracio, D. Maria e D. Virginia Beja, D. Joanna Villar, D. Maria Virginia M. Neves, etc.

E os srs.:

João Pedro Quintella Saldanha (Ferrobo), dr. Arthur de Mello, Joaquim Santos Luiz d'Albuquerque, Raul Abreu, D. Antonio de Mello, Raul Pereira, dr. Ernesto Silva, Jayme Padilha de Castro Guedes, Ramiro Correia de Campos, Luiz Guedes, Egydio dos Santos, Luiz Bombeiro Motta, capitão Cunha, Oswaldo Bastos, Virgilio Silva, Manuel d'Almeida Beja, dr. Campos Mello, dr. Correia de Campos, Barbosa de Magalhães, Luiz d'Almeida e Albuquerque, S. Terrão, José Guedes, C. de Campos, Arthur d'Almada e Mello, José Moura Neves, aspirante Mayer, etc.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as sr.as:

Marqueza do Funchal, D. Camilla de Castello Branco de Carvalho Cardoso e Silva, D. Maria Candida Vieira e Mello, D. Victoria da Horta Machado (Alte), D. Izabel de Mello Falcão Trigoso.

E os srs.:

Viscónde de Moraes (José), dr. Bernardo Pinheiro de Arriaga, João Ayres de Campos (Ameal), Fernando Manuel de Almeida Motta Marques.

—Fazem amanhã annos a sr.ª D. Carlota Martins Valdez, esposa do sr. Alberto Valdez.

DE VIAGEM

Cidade do Cabo, 22.—Os passageiros de 1.ª classe do «Beira» chegaram bem.—(a) *Abreu Ferreira*.

LUTUOSA

Falleceu o sr. Antonio Appleton de Noronha Cordeiro Feio, cujo funeral se realisa amanhã, ás 10 horas e meia, do hospital de S. José para o cemiterio dos Prazeres.

A OPINIÃO DE UM NEUTRO

Como pensa da situação um visinho da Allemanha

Do que depende a victoria dos alliados —A lenta queda austro-allemã

De um importante jornal da Haya, *La Gazette de Hollande*, de 9 do corrente, reproduzimos o seguinte curioso artigo:

Entre o pão quotidiano dos communicados divergentes e dos jornaes que se contradizem, nós, neutros, somos—salvo o respeito que nos devemos a nós proprios—como o burro de Buridan hesitante entre a celha de agua e a ração de aveia.

A qual dos belligerantes devemos prestar, em ultima analyse, a homenagem da nossa fé? Dizemos da «nossa fé» e não da «nossa sympathia». As nossas sympathias, a nossa amizade démol-as, e ainda nos não arrependemos, á Quadrupla-Entente, como sendo o unico belligerante que lucta pelo direito, a justiça e a liberdade dos pequenos Estados.

Mas porque a Quadrpola-Entente incarna a mais bella causa, está essa causa segura de vencer? Um grande poeta, que era allemão, Frederico Schiller, disse que a historia universal era o juizo universal; mas o espectaculo dos grandes factos historicos torna esta esta phrase de um poeta idealista bastante difficil de admittir. Viram-se causas magnificas succumbir na sua lucta contra um inimigo mais poderoso. Attribuir ao bom direito uma força mystica que o faz triumphar, n'este mundo, da violencia, é acariciar uma esperança que os fastos do mundo não justificam. Tudo se paga, sem duvida, e o triumpho do pangermanismo não poderia ser eterno, mas embora a boa fortuna da Austro-Allemanha representasse o mais doloroso recuo soffrido pela civilisação europeia, uma catastrophe mais pavorosa ainda que os exitos dos turcos e dos serracenos na edade média, seria temerario concluir d'ahi que o mundo devia ser poupado a semelhante desgraça. Quando rebentou a guerra, tudo se podia recear.

Após dois annos de lucta, sob que aspecto se apresenta a situação? Desde que os dois adversarios em presença ainda affirmam, um e outro, a sua confiança na victoria, em qual d'elles devemos confiar, em qual d'elles ha de fixar-se a nossa *fé?* Respondemos sem hesitar: «Na Quadrupla-Entente... desde que ella se *aguente* emquanto fôr preciso *aguentar-se*».

O anno de 1915, ha que concordar, admittindo o que a tal respeito escreveu a *Gazette de Lausanne*, não deixou os Alliados em boa postura. Quando os russos começaram a bater em retirada, perseguidos, a Austro-Allemanha triumphou e com motivos para isso. O partido allemão, tão numeroso e na vespera ainda tão poderoso em Petrogrado, não iria dominar á sombra d'esses cheques? Sob este aspecto devia recear-se tudo e cremos saber, com effeito, que a «paz separada» esteve menos longe de se concluir do que o disse a imprensa dos paizes alliados. Mas a Russia leal, a do Paesinho e do seu grande povo, triumphou da outra. E produziu-se então um espectaculo que os seculos hão de recordar com admiração. N'um arranco de enthusiasmo nacional, a Russia refez os seus exercitos, tratou de arrenjar armas e munições e voltou á carga, n'um assalto furioso. Após a Armenia, a Galicia, ámanhã, sem duvida a planicie hungara. D'ora avante, os exercitos do czar pódem acalentar as mais vastas esperanças.

O mesmo espectaculo glorioso offerece o exercito inglez. O que dizia d'elle o defunto Bismarck? A esta pergunta indiscreta: «Que farieis se um exercito inglez desembarcasse em Hamburgo?» respondera elle: «Fal-o-hia prender pela minha policia.» Hoje, o que se quer saber é se o proprio exercito allemão prenderá o exercito inglez, hontem «despresivel», hoje «formidavel» e decidido.

Em França, a situação não é menos boa. Foi a França que forneceu á Quadrupla-Entente o seu grande chefe civil, o sr. Aristides Briand, o organisador da frente unica, o homem de Estado que soube coordenar esforços durante demasiado tempo dispersos. Graças a elle, reina a melhor harmonia entre os Alliados. E quanto ao exercito francez, não seria superfluo tecer-lhe o elogio? A sua força de resistencia não diminuiu desde o Marne e mantem-se á altura da sua pesada missão.

O exercito italiano, finalmente, não mostra o menor vestigio de fadiga. Quem sabe se o futuro nos provará que o governo de Roma deu provas d'uma extrema prudencia, poupando as suas forças militares. Em frente d'um adversario que caminha para um rapido esgotamento, a Italia mantem-se em condições de ser capaz ainda, no momento decisivo, de lançar na balança um peso consideravel.

Se passamos a attentar no nosso visinho da frente, um espectaculo evidentemente menos satisfatorio impressionará os nossos olhos. A potencia militar allemã declina: não offerece isso sombra de duvida, comquanto devamos desde já accrescentar que ella se conserva imponente. Quando ouvimos dizer que a resistencia allemã será quebrada antes do outomno, não podemos reprimir um encolher de hombros; mas, perante o que se passa em Verdun e na Picardia, como crêr ainda a Allemanha invencivel? Tudo permitte aos alliados esperar a victoria, se elles estiverem resolvidos a esperar e resignados aos sacrificios necessarios.

A queda allemã torna-se mais provavel se considerarmos o estado dos seus alliados. A Turquia deixa-se derrotar totalmente na Armenia e outro tanto está succedendo á Austria-Hungria.

A offensiva no Trentino falhou e os italianos recomeçam a affirmar a sua superioridade. Na frente oriental, os russos avançam com uma rapidez que causa em todo o imperio as mais vivas angustias. Se os romenos entram na lucta ao lado d'elles, a situação tornar-se-ha a breve trecho desesperada. Arrogante, desprezativamente, Berlim dispõe, cada vez mais a seu talante, de Vienna e Budapest. E, diga-se o que se disser, entre todos os symptomas da lenta queda austro-allemã esse não é o menos significativo.

Berlim não enviou Hindenburg á Austria sem perguntar á Austria a sua opinião? Hindenburg vae tentar a salvação suprema. Se o não consegue, que golpe para o prestigio allemão! Se o consegue, que golpe applicado á independencia austro-hungara! Os governos de Vienna e Budapest tentam salvar o que arriscaram, aceitando da Allemanha as mais dolorosas humilhações.

TOURADAS

Daniel do Nascimento

Tudo se congrega para que resulte brilhante a vaccada á hespanhola, á porta fechada, que uma commissão de amigos e aficionados organisou, para depois de amanhã em favor do estimado bandarilheiro Daniel do Nascimento que se encontra doente e tem de se sujeitar a um rigoroso tratamento. Além de varios amadores e da lide ser coadjuvada por artistas, toma parte por especial deferencia para com a commissão e para com Daniel do Nascimento o considerado «espada» «Bienvenida» que retardou a sua ida para Hespanha, a fim de dar o seu concurso a esta festa de benemerencia.

Para maior attractivo haverá a lide equestre á portugueza, de tres touros, por um amador que ha muito não toureia entre nós, e pelo cavalleiro José Casimiro d'Almeida.

Acceitam-se pedidos de bilhetes na casa Havaneza, no Chiado.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

ESTOFADORES E DECORADORES DE LISBOA.—Para discussão do relatorio e contas da direcção, parecer do conselho fiscal e eleição de corpos gerentes, reune amanhã, ás 21 horas, a assembléa geral, funcionando com qualquer numero de socios, por ser a terceira convocação.

Jardim Zoologico

Para dar idéa do interesse que o publico tem mostrado pelo curioso exemplar de hipopotamo recentemente chegado e apezar do grande numero de divertimentos que houve em Lisboa e arredores as entradas ante-hontem no parque das Laranjeiras foram em numero de 3158 visitantes, não contando com os accionistas e suas familias.

Era deveras interessante ver o publico, em grande numero, á roda da installação, e nos terraços annexos, examinando o curioso pachyderme.

Companhia de opereta italiana

No proximo sabbado realisa-se no Colyseu a estreia da companhia de opera comica e opereta Cariola Scognamiglio que já vem a caminho de Lisboa.

A estreia realisa-se com a linda opereta de Leon Bard «A duqueza do Bal Tabarin, absolutamente nova para Portugal e um dos grandes exitos da ultima temporada em Italia.

SPORT

Os grandes records

Que os portuguezes devem lêr para comparar

Ha a preoccupação entre os nossos homens de «sport» de que os hespanhoes nos são inferiores em todos os jogos de destreza ao ar livre, como «foot-ball», athletismo, corridas, etc. E' bom não levar muito longe essa persuasão. E para evitar tal ideia illusoria e falsa, vamos e iremos publicando n'esta secção os resultados que conhecemos de torneios hespanhoes.

Vejam para exemplo alguns resultados obtidos no ultimo torneio do campeonato da Catalunha, uns inferiores mas a maioria eguaes e superiores aos nossos:

«Lançamento do peso»: 1.º Soler (Taragona) com 10m,37; 2.º Massana (Barcelona) 10m,17; Niri (Tarragona) com 9m,49.

«Saltos em comprimento sem balanço»: 1.º Soler (Tarragona) com 2,85; 2.º Artigon (Barcelona) com 2,70; 3.º Vidal (Barcelona) com 2,63.

«Saltos em comprimento com balanço»: 1.º Vidal (Barcelona) com 5,80; 2.º Massana (Barcelona) com 5,41; 3.º Blasco (Cirera) com 5,18.

«1.500 metros»: 1.º Garcia (Barcelona) em 4 minutos e 32 segundos; 2.º Sibila em 5 minutos e 15 segundos.

«400 metros»: 1.º Coll (Barcelona) em 56 segundos e 2/5; 2.º Ozores (Cortés) em 1'0" 1/5.

«Barreiras 110 metros»: 1.º Vidal (Barcelona) em 17" 3/10 (record de Hespanha); 2.º Massena; 3.º Ozores.

«800 metros»: 1.º Calvet (Barcelona) em 2'28" 1/5; 2.º Salvador.

«Triplo salto»: 1.º Massana (Barcelona) com 10m,77; 2.º Vidal com 10m,30; 3.º Pous com 9m,90.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Cyclismo do Grupo Sportting Nacional

Para a abertura da epoca vae o Sporting Nacional promover uma importante prova velocipedica de 50 kilometros com itenerario de ida e volta a Cintra, no proximo domingo 30 de setembro.

E' permittida a inscripção a todos os corredores licenceados pela U. V. P., encontrando-se a dita inscripção aberta na séde da referida federação ciclista todos os dias uteis das 21 ás 24 horas, e na séde do grupo promotor, calçada de Arroyos, 38, 1.º

«Idealista G. Sport»

O capitão geral d'este grupo pede a comparencia dos seguintes srs., no Terreiro do Paço ás 7,30 da manhã no proximo domingo 27 afim de irem jogar um desafio de «foot-ball» á Amora: J. Mesquita, Tancredo A. Cruz, J. Calado, Franklim, Seraphim, Pacheco (cp), Barros, F. Santos, Sobral, Marques e Pires.

Associação de Foot-ball de Lisboa (Communicações officiaes)

Sportmen portuenses

De visita á capital estiveram no domingo em Lisboa os srs. Antonio Martins Ribeiro e Antonio Pinto das Neves Junior respectivamente presidente e vice-presidente do Foot-ball Club do Porto, o mais importante club do norte do paiz e tambem directores da Associação de Fott-ball d'aquella cidade.

Tendo tratado de varios assumptos que se prendem com as proximas provas de natação, «water polo» e regatas que se realisam no proximo dia 27 no Porto, e com um «match» de «box» a realisar muito brevemente entre dois distinctos «sportsmen» e apreciados «boxeurs» visitaram acompanhados pelo sr. Raul Nunse da Associação de Foot-ball de Lisboa as sédes do Bemfica, do Gymnasio Club, da Associação de Fott-ball, do Atheneu Commercial, assistindo aqui ao desafio de «water polo» e á prova de natação.

Gymnasio Club Portuguez

A direcção do Club, está elaborando o programma do anno corrente ao qual tem dedicado a sua maior attenção.

Entre as resoluções tomadas na reunião de hontem ficou assente a organisação de uma prova, á semelhança do que se tem feito no extrangeiro a do athleta completo que será aberta a todos os amadores portuguezes. O regulamento está sendo elaborado.

A vontade do povo em se instruir

Uma obra que o governo deve immediatamente coadjuvar

GEREZ, 20.—Devido ao amavel convite que nos foi feito pelo administrador do concelho de Terras do Bouro, sr. Ivo Ribeiro, fomos hoje em visita á povoação de Villarinho com o sr. dr. João de Barros director geral do ministerio da instrucção, e o professor d'aquella freguezia, sr. Manuel Barrozo.

A viagem fez-se a cavallo, unico meio de conducção n'estas serras tão fragosas mas tão ferteis e cheias de attractivos.

Villarinho é uma pequena povoação no sopé da serra Portella do Homem, com umas casas genuinamente portuguezas mas com uma população escolar de 60 creanças e uma frequencia média de 40. A' entrada do pequeno burgo esperavam-nos 50 alumnos da escola com a bandeira nacional e o professor sr. Domingos Jesus Lourenço e quasi todos os moradores de tão encantadora povoação. Apoz os cumprimentos dirigimo-nos ao edificio onde funcciona, provisoriamente, a escola acompanhados pelas creanças e povo que nos havia aguardado.

O sr. Domingos Jesus Lourenço deu as boas vindas ao sr. dr. João de Barros agradecendo em nome das creanças e do povo a creação da escola. O director geral do ministerio da instrucção agradeceu os cumprimentos dizendo que aquella obra se devia unicamente ao administrador do concelho sr. Ivo Ribeiro que é um dos maiores amigos da instrucção. Foram levantados vivas á Patria á Republica e aos srs. dr. João de Barros e Ivo Ribeiro.

Seguiu-se depois a visita ao novo edificio, em construcção destinado á escola e que fica a meio da encosta, dominando a povoação e o fertil valle em que corre o rio Homem. O edificio que ainda só tem as paredes e madeiramento do telhado assenta sobre a rocha. O que está feito deve-se apenas aos moradores de Villarinho, uns dos quaes dão o trabalho outros a madeira, e ainda outros a pedra. N'uma palavra, é uma obra do povo e pelo povo feita. Para o concluir bastaria que o governo concedesse um pequeno subsidio, porquanto a parte mais importante está feita, faltando-lhe apenas o ser rebocado e pôr telha e madeiramento para o soalho, tecto, portas e janellas, havendo já o mobiliario, que é novo e moderno e que foi egualmente adquirido pelo povo da localidade. Parece-nos que era de todo o ponto justo que o governo se encarregasse de mandar concluir immediatamente as obras.

Em casa do sr. Manuel Barroso foi depois offerecido um chá aos visitantes.

Carga dos navios apprehendidos

Foi concedida prorogação de sessenta dias á Sociedade Torlades, Limitada, como representante da companhia ingleza The Florestal Land, Timber & Railways C.º, para reclamação de carga dos vapores ex-allemães «S. Nicolau» e «Desertas», e de trinta dias á firma Henry Burnay & C.º, em representação da La Banque Belge pour l'E'tranger, sociedade anonyma com séde em Bruxellas, e actualmente em Londres, para reclamação de mercadorias embarcadas no vapor ex-allemão «Bulow», hoje «Traz-os-Montes».

QUESTÕES DE ENSINO

Como fala um professor das Escolas Moveis

Deve o congresso olhar para ellas —Uma situação insustentavel

Tem a *Capital* numerosissimas vezes occupado as attenções dos seus leitores com problemas de ensino, e ultimamente consagrou uma serie de artigos ao caso das Escolas Moveis officiaes, que lhe merecem toda a sympathia, quer por serem uma obra da Republica, quer pelos fins a que visam, quer ainda pelos serviços prestados por quasi todos os seus benemeritos professores, bem dignos de mais solicitude por parte dos poderes publicos.

Vae reunir-se o Congresso e, embora seja extraordinariamente, decerto não perderá o ensejo de accudir á situação lamentavel dos professores das Escolas Moveis. E' de necessidade immediata attender ás suas reclamações. O que pedem elles? Que se lhes continue a dar o subsidio de férias e a equiparação dos vencimentos das professoras aos professores. Ha lá nada mais justo!

Quizemos, porém, hoje reforçar a nossa campanha com a opinião de um professor das ditas Escolas, perfeitamente ao corrente das reivindicações da sua classe e de uma particular auctoridade. Interrogámol-o.

—Não são as professoras obrigadas á mesma quantidade e qualidade de trabalho dos professores? Sim, senhor.

—Perfeitamente a mesma. Mas não é esse o aspecto mais grave da questão. Professoras ha que fruem os mesmos vencimentos dos professores, emquanto outras ganham menos seis escudos sem que a essa differença de ordenado corresponda differença de trabalho. E' esse o aspecto mais censuravel do caso.

—A que attribue essa desigualdade?

—A engano do sr. ministro das finanças. Viu no orçamento a designação de escolas «mixtas» e escolas puramente «femininas» e, pensando que aquellas eram exclusivamente regidas por homens e estas por mulheres, reduziu os vencimentos a estas ultimas. Ora a verdade é que um grande numero de «escolas mixtas» são regidas por senhoras que vencem, portanto, o mesmo que os homens, e as escolas com a designação de femininas, sendo tambem para os dois sexos, são de facto «mixtas», e portanto com direito a serem igualmente remuneradas.

«Mas deixe-me dizer-lhe que o facto de se poder attribuir a engano, não invalida nenhum dos argumentos da *Capital* apresentados no seu artigo de hontem sobre a situação das professoras dentro do ensino primario. Exigem-se-lhes as mesmas habilitações, os mesmos cursos e as mesmas horas de trabalho, porque se lhes não havia de pagar igualmente? Só por espirito de reaccionarismo affrontoso. Imagine o seguinte. As professoras das Escolas Moveis fazem contractos com o Estado pelos 10 mezes do anno lectivo.

«Ora tendo sido contractadas para o anno lectivo ha pouco findo, por 300$ não contando com o subsidio de férias, que esse devia estar garantido por lei e estabelecendo o orçamento d'este anno o ordenado de 240$ pelos taes 10 mezes, já em julho d'este anno se teve de reduzir esses 240$ a 234$ para se poder cumprir o contracto feito o anno passado, sabido como é que o anno social começa em julho. Quer dizer que a situação das professoras ainda é peor do que se pinta. O orçamento destina-lhes 240$ mas só receberão 234$.

—Falou ha pouco no subsidio de férias e disse que devia estar garantido por lei; porquê?

—Mas é axiomatico! Primeiro porque o orçamento lh'o concedeu já o anno passado; segundo, porque é um meio de segurar nas Escolas Moveis os bons professores; e terceiro, finalmente, porque o ordenado sendo de si tão pequeno que só por ironia se pode pensar em economias, os professores precisamente nos mezes em que deviam refazer-se do trabalho violento do anno, são mais atormentados. Mas essa questão, a meu vêr, prende-se com a incorporação dos professores no quadro do pessoal effectivo do Estado. Pelo menos só ficaria racional e logicamente tratada encarando-a por esse lado.

—Mas não teem os seus collegas pensado já em conseguir essa situação definitiva?

—Teem. O proprio inspector das Escolas Moveis se pronuncia por isso no seu relatorio de 1913-1914 e 1914-1915. Seria um acto acertado por multiplas razões. Se esse genero de escolas estivesse destinado a desapparecer dentro em pouco, ainda se comprehendia que o Estado não quizesse contrahir compromissos e encargos, mas se ellas nem por estes 20 ou 30 annos mais proximos poderão ser dispensadas e substituidas por escolas fixas?

«Impõe-se, portanto, ao Estado, a necessidade de organisar um quadro definitivo dos professores das Escolas Moveis. Certamente que só entraria para esse quadro quem obedecesse a certas condições que oportunamente se assentariam.

—Comtudo, diz-se, se os professores passassem a ser considerados definitivamente pessoal do Estado nas mesmas condições dos professores das escolas fixas, havia o perigo de elles perderem o seu provado zelo e ardor no trabalho. Que lhe parece?

—Conheço o argumento; não é novo, e já alguem muito affeiçoado á instituição appôs á protecção dos professores; mas por analogia se vê que não tem fundamento. Então teriamos que admittir que todos os professores do Estado em numero de alguns milhares—e não só os professores mas todos os empregados do Estado—são *relaxados*. Não, isso é um argumento que não resiste á analyse. Todas essas questões encontrarão no actual ministro estudo e vontade de as resolver em bom sentido. Muito ha a esperar da sua intelligencia. Sei que elle anda empenhado na regulamentação das Escolas Moveis. Esperemos, pois.

A provincia n'A CAPITAL

MACIEIRA DE CAMBRA, 21. — Urge que as instancias superiores defiram o requerimento que o sr. Luiz Bernardo de Almeida enviou ha tempo ao ministerio do fomento pedindo auctorisação para á sua custa construir e conservar a estrada da praça de Macieira a Algeris, aonde liga com a de Arouca, ficando assim em communicação os dois concelhos por via mais curta.

Este tão util melhoramento que junto a outros, tambem de alta importancia, como seja uma escola para os dois sexos que importou em 15 mil escudos e um hospital Azylo que anda em construcção, devem-se á iniciativa e benemerencia do sr. Bernardo de Almeida a quem este concelho muito deve e a quem, por tal motivo, os povos estão muito gratos.

Esperamos que em breve comecem os trabalhos da citada estrada, não só porque é de grande utilidade para a séde do concelho, como porque darão que fazer ás classes trabalhadoras, a quem vae escasseando o trabalho.

A LUCTA ECONOMICA

Os trabalhos da commissão parlamentar de commercio

Discute-se, desde já, o problema dos reseguros, cuja solução deve ser apresentada ao proximo congresso de Londres

A grande maioria do publico desconhece a importancia, na realidade excepcional da questão que a commissão parlamentar de commercio está tratando em these a defender na proxima conferencia de Londres pelo presidente da delegação sr. dr. Antonio Macieira. Trata-se do problema do reseguro, operação importantissima, com que as companhias de seguros acobertam os maiores riscos dos seus negocios.

Os imperios centraes conseguiram n'esse campo uma situação previlegiada. Eram os detentores da mais avultada receita mundial do reseguro e, comprehende-se n'esta hora de lucta decisiva em todos os campos, os alliados reconhecendo as desvantagens da sua situação, estudam a maneira de mudar o aspecto da questão passando de desfavoravel a benefica para os seus interesses.

A these que trata d'este assumpto, foi confiada ao presidente da delegação portugueza ás conferencias internacionaes de commercio mas o antigo ministro dos estrangeiros e illustre jurisconsulto não quiz redigir definitivamente o seu estudo sem que d'elle se occupassem os restantes vogaes da commissão. D'ahi as reuniões no ministerio dos negocios estrangeiros, ás quaes tem presidido o titular d'aquella pasta.

Podemos informar que a referida these já se encontra impressa em francez, nas officinas da Imprensa Nacional, constituindo um trabalho sobremaneira interessante sob multiplos aspectos. N'elle se faz larga referencia á legislação republicana, a que estão sujeitas as companhias de seguros, com as determinações que salvaguardam os legitimos interesses do Estado expondo-se, ao mesmo tempo, algumas considerações sobre a forma de impedir que importantes caudaes vão enriquecer o thesouro inimigo.

Comprehender-se-ha mais nitidamente o valor d'essa desnacionalisação de capitaes apontando, como o demonstra a these em discussão, as cifras que os reseguros alcançam nos imperios centraes.

Pelo boletim de agosto, publicado pelo conselho imperial de Berlim, em 1913, verifica-se que a essa data existiam no imperio 35 sociedades explorando o ramo de reseguros. Tinham realisado a totalidade de 487.306.980 marks de premios e o lucro liquido de marks 19.203.324.

Esta importante operação movia-nos em torno d'um capital ainda inferior ao dobro d'aquella importancia de lucro. Não se citam os dados relativos ao imperio austro-hungaro, onde o reseguro conquistou egualmente, em relação aos restantes paizes, uma grande preponderancia, mas attribue-se aos dois qualquer coisa como 605 milhões de marks.

A importancia d'este problema torna-se tanto mais saliente quanto se aprecia a situação em que este apparece nos paizes da «Entente». A França, por exemplo, conta apenas com quatro companhias d'essa natureza e, mesmo assim, duas d'ellas foram instituidas já depois de ter explodido a grande conflagração. Essas companhias effectuaram 25 milhões de francos de premios apenas. Em Portugal existem apenas duas companhias que operam sobre reseguros, uma das quaes está ainda procedendo á sua installação.

Avalia-se em mil contos a importancia de premios realisados por aquella companhia.

Das rapidas notas, que ahi deixamos registadas, se pode bem avaliar a magnitude da questão dos reseguros e consequentemente do interesse que lhe dedicam aquelles que tomaram a peito defender os seus paizes contra a ganancia germanica, a que todo o mundo servia de pasto.

A mesma distancia a que o problema está sendo posto—a tantos mezes da realisação da conferencia, para a sociedade que os povos alliados se preparam com as melhores armas e com a maior tenacidade e previsão para atacar o inimigo em todos os reductos em que elle se encontre, quando a paz gloriosa se assignar, affirmando o triumpho da civilisação occidental.

Oxalá Portugal se animasse do mesmo espirito de previdencia, cuidando egualmente de preparar o seu futuro, compensação legitima e nobre, a que deve aspirar o sacrificio de seus filhos, levados a tomar parte na lucta commum.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—1916—(Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Colyseu dos Recreios, Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

SABBADO.—*Apolo*.—100.ª representação da revista *1916*.—Recita do auctor.

A ultima semana de "1916"

Completa no proximo sabbado as suas 100 representações no theatro Apolo a revista de André Brun.

Poucas mais recitas dará em Lisboa, pois, conforme temos annunciado, a companhia se estreia no theatro Eden, do Porto, na sexta feira, 1 de setembro.

A temporada na capital do norte será constituida pela revista que agora se despede do Lisboa e por outra do mesmo auctor, «Não desfazendo», que depois de ter feito a epoca do verão passado no theatro Polytheama, foi ultimamente o maior exito da companhia Figueirôa no Brazil.

Ambas as peças se recommendam pela ausencia absoluta de pornographia, pela actualidade da sua critica, pelo seu espirito patriotico e por seguirem as tradições classicas da revista do anno.

No desempenho de ambas as peças salienta-se Chaby Pinheiro, grande artista n'este genero como em qualquer outro. Acompanham-n'o Jesuina Saraiva, Flora Dyson, Georgina Gonçalves, Angelica Victor, Duarte Silva, Alfredo Silva, Pinto Ramos, Antonio Garcia e as demais figuras da companhia, n'um equilibrado conjuncto, bem preferivel para o exito de uma peça do que a presença de espalhafatosas estrellas, quando não se subordinem aos necessarios principios de methodo e de disciplina.

A revista «1916» despede-se, pois, esta semana do publico de Lisboa, que tão amavelmente a tem acompanhado e durante as noites de espectaculo que ainda restam exhibir-se-ha com o quadro e numeros novos com que ultimamente foi ampliada.

Contra roubo e contra incendio

Grande economia--Seguro de mobiliario

Por $20 por cada 100$00 de valor, isto é pelo que se pagava só pelo risco de fogo A MUNDIAL segura n'uma só apolice os riscos de INCENDIO e ROUBO. E' tão necessario o seguro de ROUBO como o do FOGO.

„A MUNDIAL"

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital: 500.000$000

Reserva em 1915: 102,007$47,1

SÉDE EM LISBOA — 95, Rua Garrett, 95 — Tel.: 4084 — Telegrapho. MUNDIAL

DELEGAÇÃO NO PORTO — Pinto da Fonseca & Irmão — Praça da Liberdade, 138

A melhor tintura instantanea

ALBINA

A marca franceza, para o cabelo ou barba. E' a unica que não suja a roupa nem a pele, ficando o cabelo macio e formoso. Preço 1$800. As melhores tinturas para o cabelo.

Vende-se na Cabeleireira

Rua do Norte, 34, 1.º

Tão efficazes como as melhores aguas mineraes bebidas na origem

Basta dissolver n'um litro de agua um pacote de Lithinés do dr. Gustin para obter instantaneamente uma agua mineral alcalina e lithinada, ligeiramente gazoza, deliciosa para beber, mesmo pura, que se mistura com todas as bebidas e principalmente com vinho, ao qual dá um sabor agradabilissimo.

Lithinés do dr. Gustin

Contra todas as doenças dos Rins, Bexiga, figado, Estomago, Articulações

12 pacotes fazem 12 litros de agua mineral por 500 réis

A' venda em todas as pharmacias, drogarias, mercearias boas e nos depositos geraes: Lisboa, Jeronymo Martins & Filho, rua Garrett, 13 a 19. Porto: Januario Duarte d'Azevedo, rua de Santa Catharina, 232.

KORTI

Producto chimico para tornar impermeavel e impermeavel

A sola do calçado

KORTI

- Endurece e impermeabilisa a sola.
- Dá-lhe a fortaleza e a consistencia do ferro.
- Não perde a flexibilidade precisa e necessaria.
- Faz augmentar a sua duração consideravelmente.
- Evita meias solas e tacões no calçado.
- Não prejudica o material nem incommoda o andar.
- E' o melhor preservativo de doenças rheumaticas.
- E' util, pratico, hygienico, necessario e economico.
- Suprime as galochas em dias de chuva

Latinha para preparar 2 pares de calçado 350 réis

Vende-se em todos os estabelecimentos e no deposito geral

DESCONTO AOS REVENDEDORES

Jeronymo Martins & Filho

Chiado, 13 a 19 — Lisboa

Empreza Nacional de Navegação

Para New-York

Sahirá brevemente o vapor Angola. Para carga trata-se nos escriptorios da Empreza Nacional de Navegação — Rua do Commercio, 85.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Venda de terrenos NA AMADORA

Em boas condições, vendem-se terrenos no bairro da Mina, dotado já de amplas avenidas e magnificas canalisações, fronteiro á estação do caminho de ferro. Tem agua abundante da Mina.

Para informações e tratar, na Amadora, com H. Lopes, ou em Lisboa, rua dos Fanqueiros, 156, 2.º

A RECEITA

mais simples e facil

para ter **nenés robustos e de perfeita saude** *é dar-lhes a*

FARINHA LACTEA NESTLÉ

com base do excellente leite Suisso.

Casa dos Espartilhos

Santos Mattos & C.ª

Rua do Ouro, 133

José Antunes

Medico dos hospitaes

Doenças do estomago

Rectoscopia

Esophagoscopia

Consulta da 1 ás 2 e 4 ás 7

Largo do Camões, 4, 1.º

C.ª DE SEGUROS

PROBIDADE

LISBOA 1881

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

CAPITAL: E. 600:000$00

SÉDE—RUA DO COMMERCIO, 99, 1.º

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: Probidade,—Lisboa

NUMERO TELEPHONICO: 1995

USA-SE O COD. TELEG.: RIBEIRO

Fundos de reserva Esc. 105:000$00

Prejuizos terrestres e maritimos pagos até 31 de dezembro de 1914:

Esc. 790:696$42

Effectua seguros terrestres, contra fogo casual ou procedido de raio, sobre predios, estabelecimentos mobilias, e maritimos contra avaria grossa e particular.

Agencias em todas as cidades e nas principaes villas e povoações do continente, ilhas e ultramar.

CONTRA A SIPHILIS:

Depuratol!

(REGISTADO EM 14 PAIZES)

O purificador do sangue por excellencia e o depurativo mais energico e inofensivo!

Sem dieta nem resguardo! Não exige o auxilio de outros tratamentos secundarios!

O depuratol encontra-se á venda nas boas pharmacias e drogarias. Cada tubo (uma semana de tratamento), réis, 1$050; 6 tubos (tratamento regular), 5$300 reis. Pelo correio, porte gratis para toda a parte.

Pedir o livro de instrucções em todos os depositos. Deposito geral para Portugal e Colonias:

PHARMACIA J. NOBRE

Praça de D. Pedro (Rocio), 109, 110

LISBOA

(Por baixo do Francfort Hotel)

Pomada do dr. Queiroz

Experimentada ha mais de 40 annos, para curar empigens e outras doenças de pelle

Vende-se nas Principaes Pharmacias. — Deposito Geral:

Pharmacia ROSA & VIEGAS

R. de S. Vicente, 31 e 33—LISBOA

Cuidado com os falsificadores! Só é verdadeira a que tiver a nossa marca registada.

AZULEJOS

Brancos e com desenho nacionaes e estrangeiros

Grande quantidade em deposito

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17---Telephone 1244

Antonio Appleton de Noronha Cordeiro Feio

Falleceu

Edith Appleton, Maria Leonor Appleton de Noronha Cordeiro Feio, Maria Carlota de Noronha e seu marido D. Antonio de Noronha e Carlos Appleton de Noronha Cordeiro Feio, participam a todos os seus parentes e amigos que foi Deus servido levar da vida presente seu muito querido filho, irmão e cunhado, realisando-se o seu funeral amanhã, 23, pelas 16 h. e 30 m., sahindo o prestito funebre do hospital de S. José para o Cemiterio Occidental.

ANTONIO AURELIO

Clinica geral

Doenças das senhoras — Massagens

CONSULTAS: Consultorio: Das 14 ás 16—Rua Garrett, 74, sobre-loja, direito

---

NOVA COMPANHIA NACIONAL DE MOAGEM

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Fabricas a vapor de moagem de trigo, descasque de arroz, massas alimenticias, bolachas e biscoitos em Lisboa, Coimbra, Xabregas, Sacavem, Povoa de Santa Iria, Barreiro e Seixal.

Farinha especial para exportação, em barricas, caixas ou saccos—Farinhas n.º 1, 2 e 3—Farinhas sem marca—Semeas superfina, fina e grossa—Alimpadura—Arroz descascado—Massinhas de luxo—Massas de 1.ª, 2.ª e 3.ª qualidades—Massa e bolachas especiaes para exportação—Cereaes e legumes

Preços sem competencia

Telegrapho: FARINHAS—Telephones: Administração 4224; Expediente 4222; Thesouraria 4223

Codigos A. B. C, 4.ª e 5.ª edições e Ribeiro

ESCRIPTORIO

Rua do Jardim do Tabaco, 82 — LISBOA

ASSIS DE BRITO

Medico dos Hospitaes e Facultativo da Misericordia de Lisboa—Medicina geral. Doenças do apparelho respiratorio e do coração—Consultas das 15 ás 17 horas. TELEPHONE 419 (Norte). 11—Rua Infanteria 16—11

Agua da Foz da Certã

A Agua mineromedicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes—Dyspesia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos esgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analise bacteriologica que a Agua Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como *microbicamente pura*, não contendo *colibacillo*, nem nenhuma das especies pathogeneas que pódem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida, O *B. Tiphico, Diphterico*, e *Vibrão cholerico* em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebido pura, quer misturada com vinho.

DEPOSITO GERAL

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º

Telephone 2168

Grande Casino Internacional Mont'Estoril

Epoca de verão

Está aberto. Todas as noites concertos pelo notavel sextetto dirigido pelo distincto maestro Conrado del Campo.

Apresentação dos duettistas Santo Ferry.

Pede-se aos ex.mos socios a fineza de requisitarem os seus bilhetes de identidade.

Matinées aos domingos e quintas-feiras.

Companhia de Seguros A NACIONAL

Séde na sua propriedade: Avenida da Liberdade, 14—LISBOA

Soc. an. resp. lim.

FUNDADA em 17-4-1906

CAPITAL 500.000$ escudos

RESERVAS 380.518$ escudos

Seguros sobre a vida humana

e contra acidentes no trabalho, incendios e avarias maritimas

---

Iodo em empolas

Para obter a tintura de iodo instantanea preparada pela pessoa que tem de a empregar. Deposito Pharmacia Azevedo, Filhos, Rocio, 31, Lisboa.

TOVAR DE LEMOS

Doenças venereas e syphilis

CLINICA GERAL

RUA DA EMENDA, 110, 2.º

PIANOS

das celebres fabricas

Strohmenger e Bell

Solidez—Resistencia—Belleza de som

Pianos inglezes, allemães e francezes novos e usados. Venda, troca aluguer, concertos, afinações.

Valentim de Carvalho

37, R. da Assumpção, 39 LISBOA

A AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS

FORTEMENTE RADIO-ACTIVA E MUITO RICA EM SILICA

CURA

ULCERAS, ECZEMAS, EMPIGENS, DARTROS, PSORIASIS, ETC. ETC.

A AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS

Tomada ás refeições e fóra d'ellas, limpa o rim, figado, estomago e intestinos desembaraçando-os dos crystaes uricos, bilis, e todas as toxinas e impurezas que se accumulam no organismo, etc., etc.

Altamente diuretica—Infallivel em todas as doenças da pelle

PEDIR O LIVRO DESCRIPTIVO

DEPOSITARIO GERAL: MARIO DE LIMA NETTO, Largo de S. Julião, 12, 1.º—LISBOA

DEPOSITARIOS NO PORTO: DOURADO, CARVALHO, IRMÃOS, L.da, Praça da Liberdade, 133, 1.º—Porto

Esta agua pode ser usada internamente com acidulidade, por não contêr mineralisação gazosa.

DYNAMITE

Explosivos da Fabrica da Trafaria

DYNAMITES — Diversas, caixa de 25 kilos.

CAPSULAS — Diversas, caixas de 100.

RASTILHOS — meadas de 7m,2.

AGENTES — *Em Lisboa*:—Lima Mayor & C.ª, rua da Prata, 59. *No Porto*:—José Rodrigues Pinto e Pinho, rua do Almada, 259.

CALÇADO BARATO

Fabrico manual só nos Grandes Armazens de Calçado, R. da Palma, 290 a 290-B, T. do Bemformoso, 4 a 18 (em frente do Coliseu de Lisboa).—Botas para homem a 3$400!!! Sapatos para senhora a 1$400!!!

Um colossal sortimento em todos os generos para homem senhora e creança

Telephone: No te 1289—**J. A. Candeias**

„Olsina,,

Tintas a agua (Wather Paints) Lavaveis — hygienicas — permanentes fabricadas por Mander Brothers (England).

Unico agente para o sul de Portugal e colonias **Miguel Gomes**

R. dos Retrozeiros, 113, 2.º—Lisboa

TELEPHONE 1:422

AGUA DA AMIEIRA

Unica conhecida com RADIO de constituição

A sua radio actividade mantem-se constante, embora engarrafada, transportada ou fervida.

Optimos resultados nas molestias de pelle, lesões ulcerosas, doenças do estomago, etc.

Escriptorio—Rua Augusta, 23

50 réis o litro em garrafões

SIMÕES FERREIRA

Director do Dispensario da Assistencia aos Tuberculosos—Medico dos Hospitaes e do Posto da Mizericordia

Doenças dos pulmões e do apparelho cardio-vascular

CLINICA GERAL

Telephone 3391

R. do Alecrim, 33, 2.º, E.—Das 4 ás 5

A cura das **Doenças de pelle PELO DERMOGENOL**

PHARMACIA GUERRA

Rua Andrade, 36

Mozaicos—Azulejos

Cal hydraulica—Cimento Luzo

GOARMON & C.ª

T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—Telephone n.º 1244—Lisboa

DEPOSITARIO GERAL — Mario de Lima Netto — *L. de S. Julião, 12, 1.º* — *Telephone 216 Central*

DEPOSITARIOS NO PORTO — Dourado, Carvalho & Irmãos — *P. da Liberdade, 133* — *Telephone 1241*

Tambem se vende a copo garrafas e garrafões, nas boas casas d'aguas pharmacias e restaurantes.

TEL. 2428

Officina de reparações

Mais de 3.000 installações feitas por este antigo e conceituado estabelecimento a saber:

Luz electrica, agua, gaz, acetilene, campainhas, telephones domesticos e a distancia, avisos, fechaduras e signaes electricos.

CASA TRIUMPHO

Rua Augusta, 72, 74, (frente ao Banco Crédit)

Virgilio Ribeiro & Gonçalves, L.da

Sortido moderno em Lustres candieiros, placas, pendentes, plafoniers, etc.

Fogões, ventiladores, tinas esmaltadas, retretes, lavatorios, etc.

UNICOS DEPOSITARIOS dos filtros **«DELPHIN»** para aguas mortas ou de presas

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2164—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Editor—Camillo Sousa e Almeida | Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quarta-feira, 23 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL | Composição—Rua do Norte, 5, 1.º | Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

RESOLUÇÕES URGENTES

Sem duvida que as boas intenções devem ser sempre apreciadas, mas tambem não é menos certo que, na grande maioria dos casos, e sobretudo quando se trata de realisações praticas, é aos resultados que cumpre essencialmente attender.

A questão da falta de determinados artigos que são indispensaveis á vida é uma d'aquellas em que só podem satisfazer esses resultados praticos e efficazes.

Actualmente em Lisboa, e em todo o paiz, faltam dois artigos de primeira necessidade, e essa falta vae-se accentuando. Cada dia que passa aggrava a questão, e não são elucidações, por certo muito interessantes, mas que em nada alliviam a situação, que darão em resultado extinguir ou sequer eliminar a gravidade d'essa questão.

Faltam, sobretudo, o assucar e o carvão. Dão-se explicações sobre essa falta, fazem-se antever miragens de remedio para ella, mas a dura realidade é que continuamos sem assucar e sem carvão.

Que importa que nos informem de que em Moçambique ha muito assucar, de que no Brazil tambem em grande quantidade existe esse genero? O facto é que os dias vão passando, e continuamos a não ter assucar. Mais ainda: quando se sabe que alguma quantidade d'elle existe em Lisboa, reconhece-se pouco depois que essa quantidade desappareceu, sem nenhum allivio apreciavel da situação.

O que importa ao publico não é saber que ha assucar a alguns milhares de leguas de distancia. O que lhe importa saber é se esse assucar vem ou não na quantidade precisa, e como os dias passam sem que elle appareça debalde se cogita na razão porque elle não é mandado vir para Portugal.

Em relação ao carvão, que tanta falta está fazendo sobretudo nos lares pobres, explica-se que as fabricas, não tendo carvão de pedra nem coke em sufficiente quantidade, estão consumindo grande porção de lenha, e como a pagam por preços avultados não admira que ella não seja queimada para fazer o vulgar carvão de sobro. Não são essas explicações que solucionam o problema instante. O que o publico quer saber é qual a razão porque se não providenciou ou não se providencia de fórma a que não seja consentido que toda a lenha vá para as fabricas, não sendo nenhuma queimada em quantidade bastante para assegurar o carvão indispensavel nas cozinhas da parte mais numerosa da população portugueza.

N'uma palavra: do que se necessita, não é de palavras; é de actos. Actos que rapidamente modifiquem uma situação intoleravel e insustentavel.

O papel dos governos não é o de explicar como certos factos se puderam produzir. A sua missão consiste em prever situações que logicamente se hão de apresentar e em tomar as medidas necessarias para as evitar ou attenuar quando, como no caso sujeito, as suas consequencias não podem ser mais graves porque implicam com a propria vida.

Mas se essas situações não foram previstas, pelo menos que não se perca um instante em divagações inuteis. A questão é essencialmente pratica. Tem de ser praticamente resolvida, e não póde fallecer a um governo, armado dos mais latitudinarios poderes, o meio de a remediar dentro dos limites do possivel.

A GRANDE GUERRA

Os serviços de hygiene na campanha actual

O nosso collaborador J. S. responde ao sr. dr. Ricardo Jorge

Nas considerações que fizemos á conferencia do sr. dr. Ricardo Jorge de forma alguma pensámos em destruir o maravilhoso effeito causado pela sua exposição brilhante ácerca do que viu em Inglaterra pôr em pratica, com o fim de «prevenir doenças»; isto é, na parte relativa á hygiene dos serviços em campanha. Intendemos porém, que não deviamos deixar sem reparo algumas das suas ligeiras estocadas, que por incidente iá vibrando com uma tal galhardia, que davam a impressão de querer demolir o que deve ser tratado com mais algum carinho, como é por exemplo o nosso regulamento do serviço de saude em campanha.

Sua ex.ª declara que não negou a utilidade do ensino da equitação a medicos militares. Fomos pois nós que interpretámos mal as suas suas palavras.

Affirma o illustre professor, que o cavallo foi substituido pelo *Horse Power*, mas a nossa objecção fica de pé, quando lembrámos que se deve attender á natureza do territorio, para assim se avaliar qual póde ser o meio empregado no transporte dos serviços clinicos.

Tambem a «obsoleta praxe do official e do medico terem de andar amarrados a um espadagão, o qual no dizer pitoresco de sua ex.ª,—quando tiver os copos quebrados não serve nem para metter medo ao demonio,—é uma consequencia do meio e da educção e do respeito havido para com os militares.

O sr. dr. Ricardo Jorge sabe com certeza, que houve tempos em que a tropa passeia sem deixar ouvir o tilintar da espada; mas como lhe faltava um meio de defeza, tilintavam-lhe os ossos. E foi necessario pois adoptar a medida de armar os militares, considerada incommoda, mas julgada de necessidade absoluta.

Diz s. ex.ª que não depreciou o nosso regulamento de serviço medico em campanha. Muito estimamos ter dada ensejo a essa rectificação, que foi—e com toda a franqueza lh'o dizemos—que produziu alguns reparos em parte da selecta assistencia. E não vemos motivo para melindres na insinuação ao desconhecimento de disposições regulamentares, nem que elle represente um ataque á probidade intellectual de quem, pela sua situação não é obrigado a conhecer as alterações produzidas em um regulamento de publicação muito recente. Seria justo o reparo, se tivessemos feito supôr que o conferente desconhecia, por exemplo, o regulamento do serviço de hygiene publica.

Não comprehendemos, porém, como se chegou á conclusão de que o nosso sisthema tactico medico é mais complexo que o inglez, quando é certo, que as disposições do nosso regulamento de 1915 são muito simplificadas. Não é possivel eliminar qualquer dos escalões que ali se encontram estabelecidos. E tanto assim é que sendo o nosso sisthema muito analogo ao do regulamento posto agora em execução em França, ali se reconheceu a necessidade de crear um outro posto de soccorros nas trincheiras da linha de fogo, do qual faz parte um medico auxiliar e um enfermeiro. Quer dizer, o nosso regulamento tem de ser ainda mais ampliado nas suas disposições.

A nomenclatura adoptada para o nosso hospital de sangue, que tanto deu no gôtto do illustre mestre, não era caso para reparos, visto que se trata de uma formação sanitaria, destinada a soccorrer os feridos, que pelo seu estado grave, se consideram como intransportaveis para a zona da rectaguarda.

Tambem s. ex.ª não encontrou congruencia logica na nossa objecção feita a proposito da metamorphose soffrida pela medicina castrense na guerra actual. Procuremos explicar. O caso passou-se em França da fórma seguinte: no inicio da campanha, por occasião da inopportuna intervenção do ministro da guerra M.er Mossimy, que contribuiu para o desguarnecimento da fronteira do Norte, a guerra apresentou a caracteristica inversa da que se succedeu á batalha do Marne, isto é, havia então grande mobilidade das massas de tropas, desde a batalha de Mons-Charloy.

N'esta phase notaram-se perturbações lamentaveis nos serviços sanitarios e sobretudo causados pela deficiente preparação da medicina castrense, a qual se manifestava no seguinte: serviço retardado, pela hesitação na escolha dos locaes de postos de soccorro e ambulancias, confusão na montagem das formações sanitarias, má distribuição dos cirurgiões pelas diversas linhas da frente e rectaguarda, etc.

Mais tarde, devido á immobilidade da guerra de sitio, os medicos civis já não sentiam tanto a falta da sua preparação militar, por isso que eram conduzidos ás formações sanitarias, installadas com bastante antecedencia em locaes conhecidos e por isso sem se correr o risco de se extraviarem no percurso.

Sua ex.ª continúa insistindo na metamorphose apresentada pela medicina em campanha. Apesar de encararmos em campo onde devemos ser considerado um profano, todavia não comprehendemos onde se apresentou uma tal transformação.

As armas de fogo actuaes produzem ferimentos analogos aos da campanha russo-japoneza á dos Balkans, com processos de intervenção cirurgica de ha muito estudados e bem definidos.

Poderá ser discutivel o facto de ser a cirurgia de guerra diversa da cirurgia civil; mas esse assumpto não deve ser tratado n'este campo e os assertos a que por incidente nos referimos, apoiado n'uma opinião bastante auctorisada de um seu illustre collega, serão certamente justificados em theatro mais azado.

S. ex.ª, por ultimo, lastima, que sejam postas e tratadas por tal fórma questões d'estas. Não conhecemos outro meio de tratar os assumptos, senão citando factos e contrapondo argumentos. E fizemol-o por fórma a evitar a falsa interpretação, de querermos hostilisar o prestigioso vulto da Faculdade de Medicina, que de ha muito admiramos e prezamos. Entendemos que questões d'esta natureza não se devem deixar sem reparo, surjam ellas d'onde surgirem e sobretudo quando só haja vantagem em as esclarecer, para o bem da defeza nacional.

J. S.

TERRAS DE PORTUGAL

A MINA DA CAVEIRA

Como ella é por dentro—A agua e o fogo, dois grandes inimigos do mineiro

GRANDOLA, 22—A plataforma do ascensor espéra-nos. Accendem-se os candis de petroleo. Cada um de nós toma o seu. O sr. Jorge Nunes, o sr. Mackenzie e eu installamo-nos n'aquella especie de prato de balança que estabelece a communicação entre o interior e o exterior da mina; os grandes tambores onde se enróla o cabo metalico começam a girar e a descida principia. A luz diurna apaga-se em dois ou trez segundos. Olho para cima e mal descubro um decimetro quadrado de azul. A guella da mina devorou-nos. O mundo quasi deixou de existir para nós. Todas as nossas faculdades se restringiram. O olhar mal descortina o que nos cerca. O ouvido endureceu. Para nos orientarmos, para não perdermos a noção do sitio onde nos encontramos, temos de fazer esforços extenuantes. A descida no Louzal foi mais suave. Entrei para a mina como se entra para uma catacumba—com vagar, com serenidade, quasi com respeito. Aqui, não. A machina pegou em mim e fez-me penetrar rapidamente, como se me despenhasse para um abismo, no interior da Terra. Não houve transição entre o ar livre e a escuridão. D repente, quasi ceguei e quasi ensurdeci. A improvisada *cabine* deslisa entre vigas grossas como troncos humanos. E' um perigo fazer movimentos. Não se deve olhar para cima, d'onde cahem grossos pingos d'agua, que ao desfazerem-se, quasi rebentam com estridor. O elevador parou com infinita suavidade. Nem solavancos, nem choques, nem empuchões. Dir-se-hia que no sitio onde elle interrompeu a descensão havia a aguardal-o uma espessa camada de algodão em rama...

Saltamos para a frente. Estamos no piso 60. Agua por toda a parte. Lama pejando o pavimento da galeria e difficultando a passagem. A illuminação é electrica. Passam vagonetas carregadas. Temos de encolher-nos de encontro ás paredes do tunel, para não sermos atropellados. Principio a sentir calor, mais do que lá fóra, á superficie. Os mineiros teem caracter. Não são trabalhadores adventicios, momentaneamente empregados n'esta faina horrivel. A mina do Louzal, comparada com esta, é um salão. Quasi não tem agua. O calor não atormenta ninguem. Ha lá pisos que parecem rendilhados claustros gothicos. Falta-lhe scenographia. E' simples e é modelar. Pelo contrario, a mina da Caveira é uma espantosa officina que o fogo, em certas regiões, quasi torna inhabitavel, e que a agua encharca abundantemente. Tem soffrimento e tem dôr. O mineiro é já ali—um mineiro. As suas roupas são rudimentares. As carnes núas soffrem por toda a parte a acção corrosiva dos acidos e o castigo caustico do fogo. No piso sessenta, a vida é, ainda assim, supportavel. De vez em quando, veem até mim grandes baforadas de enxofre queimado. Em certa altura, o calor augmenta. E' quasi a suffocação. Estranho o facto e pergunto a que attribuil-o.

—E' o incendio, responde-me um capataz. O piso inferior arde ha muito tempo n'este sitio. Temos de o apagar. Estamos, por tal motivo, tratando de inundar a galeria.

* * *

Damos uma larga volta, dobramos e contornamos galerias em todos os sentidos, chapinhamos pela agua e mergulhamos n'uma atmosphera quente e humida que me dá a impressão de mergulhar n'um banho de vapor a trinta e tantos graus. Temos, frequentemente, de transpôr bocarras de poços, que algumas taboas denegridas difficilmente cobrem. São *piéges* terriveis essas. Ao mais leve descuido, póde-se ir por ali abaixo, de roldão, despenhado, como quem se precipita n'um poço. O capataz que me acompanha não se cança de me fazer prevenções. Mal o oiço, mal o entendo. Só por uns restos de instincto tomo conta no que elle me diz. Para mim, o grande tormento é a agua, que escorre, viscosa e acida, de todos os lados, que mólha o cavername dos tuneis e constitue, pelas galerias fóra, largos e innumeros regatos. N'este piso sessenta, a actividade é reduzida. Apenas, de encontro a alguma rocha escura, no topo da contra-mina, homens enfarruscados, nús da cintura para cima, se obstinam em vibrar pancadas sobre pancadas, como se os dominasse a ancia de abrirem passagem atravez da montanha, para lhe arrancarem das entranhas tudo o que á sua ambição possa servir. Nos rostos negros, as pupilas fulguram. Tenho medo da estranha luz que ellas despedem. Parece-me que essa luz vem saturada de ameaças, pletoricas d'odios, trasbordante de vinganças...

Todo este piso está cheio d'um ruido confuso, no qual não é possivel distinguir nem um som articulado. E' a pedreira do mineral que desaba aqui e além, com fragor; são as vagonetas que giram pelos *rails* polidos, batendo umas de encontro ás outras, e é o mineral cahindo dentro d'essas mesmas vagonetas, com impeto e d'alto, como que se o enraivecesse o desejo de destruir tudo aquillo que foi arrancal-o ao seu socegado refugio secular. O ruido da mina tem para mim uma significação bem estranha. E' feito de imprecações e de lamentos. E' a dôr e é o soffrimento, que por aqui se geram, que se exteriorisam assim, consubstanciando-se em sons difusos, em queixumes, em gemidos, em ais que irrompem dos corações e formam, todos reunidos, a mais dorida symphonia que até hoje me tem roçado pelos ouvidos. O mineiro, na Caveira, é quasi um espectro. As suas linhas mal se distinguem na penumbra e os seus bustos curvilineos, deformados pelo habito de andarem inclinados, teem qualquer coisa de selvagem que, uma vez adivinhada, jámais se esquece.

Ha mineiros novos e muitos d'elles viram de ha muito sumir-se na curva do passado a mocidade despreoccupada. Mas não ha mineiros velhos. E' que para se trabalhar assim, a dezenas de metros de profundidade, é preciso ser forte, destemido, robusto. E não é a velhice, certamente, que poderá fazer penetrar na rocha, á marreta, uma afiada broca...

* * *

Cincoenta metros mais abaixo. O ascensor deixa-nos no piso 110. A agua cae em maior quantidade. Dir-se-hia que acaba de desabar uma grande chuvada. A galeria tem tambem mais lama. Principiamos a percorrel-a. Os candis de cobre apagam-se frequentemente. Tornamos a accendel-os e continuamos a marchar. Para onde? Não sei. Para a frente. Para o desconhecido. Para o mysterio. Cada vez se acentuam mais as differenças entre esta mina e a do Lousal. A Caveira é uma empreza antiga e portanto pouco uniforme. A machinaria ainda ali não é usada em larga escala. O mineiro continúa sobrecarregado de

Migalhas

Processos de guerra

N'um discurso de um dos seus primeiros homens de Estado, pronunciado em pleno parlamento, a Ingaterra fez saber a sua intenção de não reatar relações diplomaticas com os imperios centraes antes que certos casos, como o do capitão Friatt, tivessem sido tirados a limpo e recebido as sancções necessarias.

E' justo e natural que no final ajuste de contas se separem o que são actos de guerra, admittidos nas convenções, do que representa a selvageria de um povo envernisado á pressa.

Um allemão de polpa escrevia, ha pouco tempo, que a guerra mais selvagem era a mais humana, pois que o terror semeado contribuia para abrviar as hostilidades. Este elegante paradoxo foi arvorado em doutrina e, á mingua de exitos guerreiros que lhes tragam a victoria ambicionada, os germanos e os seus discipulos, austriacos, bulgaros e turcos, teem procurado basear no terror uma superioridade que os contrarios parecem não estar dispostos a reconhecer. A moral d'elles não separa um soldado de um assassino e, quer nos seus processos geraes de guerra, quer nos actos isolados que cada dia nos são revelados, demonstram uma ferocidade, que carece d'outros correctivos que não sejam um simples tratado de paz.

E' necessario que depois da guerra se procurem e se castiguem os assassinos de Miss Cavell, do capitão Friatt, os carrascos das populações armenias, os torpedeadores de paquetes desarmados, os tyrannos da Belgica e do Norte da França, fazendo-lhes pagar caro os actos da sua feroz iniciativa.

Contam os jornaes que, apoz o discurso do estadista inglez, um deputado trabalhista se levantou e perguntou se Guilherme II não podia ser incriminado perante os tribunaes como assassino.

E porque não?

ANDRÉ BRUN.

LITTERATURA ALEGRE

"Praxedes, mulher e filhos"

O novo livro de André Brun

Quem é o leitor d'*A Capital* que não conhece Praxedes, que não se riu com as suas facecias, que não pasmou perante as suas cogitações politicas, litterarias, scientificas e philosophicas? Quem não conhece a esposa, a filha, o filho mais velho, o filho mais novo d'esse typo symbolico do lisboeta pretenciosamente esperto e profundamente estupido, com uma opinião feita sobre todos os assumptos, uma sentença engatilhada a proposito de cada facto, uma solução prompta para todos os problemas, um disparate sempre antigo e sobre novo, como a immortal e divina belleza, sobre os maximos e minimos incidentes da vida? O leitor das *Migalhas*—e quantos uma vez leram André Brun procuram-no interessadamente em cada numero e deleitam-se com o seu humorismo inexgotavel—já se encontrou com Praxedes e com os membros da sua familia, já os teve como visinhos de rua e predio ou companheiros de viagem, já os descobriu no theatro ou em villegiatura, já se acotovelou com elles em dias de cortejo ou parada, no apertão do povileu, á beira dos passeios, durante longas horas, sob a chapa faiscante do sol...

O vinco grosso da caricatura risonha traçada por André Brun, os exaggeros da sua fecunda phantasia, a somma prodigiosa de extravagantes aspectos que caracterisam a figura de Praxedes constituem, afinal, uma synthese admiravel de typos verdadeiros e vulgares, d'uma fauna riquissima, que o humorista fixou, com o seu inconfundivel talento é a sua sagaz observação, em chronicas escriptas dia a dia, ao sabor dos acontecimentos e inspirando-se n'elles.

O belo volume, que a casa editora Guimarães & C.ª lança hoje no mercado e que tem como subtitulo «Cadastro d'uma familia lisboeta», é a collectanea d'essas chronicas encantadoras de André Brun, precedidas de muitas paginas inteiramente novas, em que nos retrata cada uma das pessoas da familia Praxedes, e ainda «o pessoal menor» composto da criada, o gato, o papagaio e o canario, e em que nos descreve tambem a casa em que habitam.

O comediographo distinctissimo que em trabalhos theatraes consagrados pelo publico esboçou esplendidos quadros da existencia alfacinha colhida em flagrante nos seus curiosos costumes domesticos, nos seus eternos ridiculos sociaes, confirma na creação de Praxedes os authenticos predicados que lhe grangearam em todos os generos litterarios, cuja nota dominante é a do espirito, uma solida e justa reputação.

Praxedes, mulher e filhos é livro que aproveitará summamente aos melancolicos n'este longo e tenebroso periodo de preoccupações e tristezas e os mesmos psychologos lucrarão com a sua leitura porque André Brun, a rir e tendo apenas em mira fazer desopilar, realisa um trabalho de psychologia nada dispiciendo...

Ao voltarem dos campos, das praias e das thermas, os leitores de *Praxedes* hão de, sem duvida alguma, collocar entre os volumes dilectos, para remedio nas crises de abatimento moral, este «cadastro d'uma familia lisboeta», que é o de muitas outras, e que lhes ha de ter proporcionado agradabilissimos momentos nos ocios de ferias...

A. de A.

Serviço telegraphico

Um telegramma, para o «Primeiro de Janeiro», entregue hontem ás 19,15 na estação telegraphica das Côrtes, com a noticia da reunião do Congresso, só chegou á redacção d'aquelle nosso collega do Porto depois das duas horas. Semelhante demora não se comprehende. Será ella devido á censura? Se é, não nos parece que as pessoas encarregadas de tal serviço possam prejudicar, com a demora na revisão dos telegrammas para a imprensa, interesses tão respeitaveis como são os d'um jornal, que não se poupa, como o «Primeiro de Janeiro», a nenhuma especie de sacrificio, para informar devidamente os seus leitores. Recommendamos o caso estranho a quem, no governo, tiver por obrigação olhar por estas coisas, para que o «record» da... celeridade não seja, de futuro, batido com telegrammas semelhantes...

Emprestimos brazileiros

RIO DE JANEIRO, 23.—Os jornaes de hontem occuparam-se das negociações americanas sobre emprestimos brazileiros, ha dias annunciados. Parece pouco provavel que a operação se realise. O caso limita-se a offertas feitas pelos banqueiros europeus, mediante garantias de impostos e sellos sobre moratorias.

Os banqueiros americanos ficariam sem essas garantias até ao maximo de oito milhões esterlinas, mas o governo não pretende, n'este momento de economias, tomar qualquer compromisso no estrangeiro.—(Americana).

Folhetim de A CAPITAL—23-8-1916

S. CARLOS

A plateia de S. Carlos foi sempre um oceano revolto. Na historia d'este theatro lyrico, mais do que em nenhum outro, surgem, a cada passo, tremendos conflictos, pateadas infernaes, todo um tumultuar ardente que se escapa pelas portas do theatro, alastra nas mezas dos cafés e ruge nos semanarios de segunda ordem. Duas mulheres formam dois partidos que se degladiam. Houve, em 1827 a guerra dos «Siccardistas» e dos «Pietralistas», quebrando lanças com o mesmo furor descabelado a favor da Siccard e da Pietralia; em 1841 rebentou, com ira, o conflicto dos «Basilistas» e dos «Boccabadattistas» e 51 renovou as furibundas manifestações d'outros tempos, já degeneradas, na polémica entre «Stolzistas» e «Novellistas». Entre estas trez grandes conflictos, está toda a historia tumultuosa do theatro de S. Carlos.

O mundo que se diverte teve a mais alta expressão da sua descuidosa elegancia no velho theatro. Todos os elegantes do tempo, todos os leões do romantismo patearam em S. Carlos e amaram em S. Carlos. Era a epoca em que todas as mulheres da sala affectavam a intriga espirituosa de madame Du Deffend e todas as mulheres da scena tinham os requintes livres da Camargo ou de Sophia Arnoult. O romantismo, em Portugal, vasou-se um pouco nos moldes d'aquella outra sociedade que viveu nos fins do seculo XVIII, saboreando a philosophia sensual de Condillac entre os arremeços dos encyclopedistas, gravitando em torno do caduco Richelieu, sem presentir os primeiros estremeções d'uma revolução formidavel. Eram uma exhuberancia de vida, uma exhuberancia d'alegria proprias de quem tem um futuro incerto. S. Carlos foi a grande arteria onde a cidade sentiu pulsar o seu irrequieto sangue; nas primeiras, nas noites de conflicto, Lisboa contava-se no velho theatro, reunia na sua maxima força, affirmava estrepitosamente, muito mais as suas ideias sobre barulho do que as suas ideias sobre arte. Defenir a guerra dos «Boccabadattistas» e dos «Basilistas» é defenir a Lisboa leviana de 1840. O palco e a sala tinham affinidades intimas e ambos viviam da mesma vida. Os homens passavam a existencia nos camarins das cantoras, os tenores cantavam para determinados camarotes e a todos os envolvia uma espessa nuvem de pó d'arroz, de onde sahiam gritos confusos, entrecortados, rugindo uns pela Boccabadatti, ciciando outros pela Barili. Os pelotões formavam na sala, enfileirados nas cadeiras de palhinha, irreconciliaveis, jogando as ultimas, impacientes pelo fogo. Foi o bello tempo do Fidié, enleado nos seus amores com a Fabricca, de Domingos Ardisson, do Salema, um extranho capitão da guarda nacional, que entrava no theatro de botas altas, rangedouras e de esporas tilintantes, esperando a occasião da Barili gorgear, expressamente para a pôr fóra de si—porque era um «boccabadattista» intransigente; foi então que fulguraram, pela sua insubmissão, Luiz Mendes de Vasconcellos, que tinha amores com a famosa Luiza Mathey, a mais extraordinaria «Norma» que Bellini jámais poderia desejar, Lopes de Mendonça, o brilhante folhetinista da regeneração litteraria portugueza, o marquez de Niza, o irreprehensivel «avô dos janotas», D. José Coutinho de Lencastre, girando já em torno dos cincoenta mas ainda elegante como Byron e amoroso como Musset. E *sobre* toda esta gente preparando em hostes cerradas as turbulencias mais delirantes, agitava-se um homemsinho baixo e calvo, o capitão *Lemos Bittencourt, indifferente* a todas as Barilis do mundo porque tivera uma paixão pela Siccard, quinze annos antes, trazendo sempre comsigo um sapato da cantora que mostrava a toda a gente com os mais fogosos transportes de enthusiasmo...

Aquella que foi a mãe de Adelina Patti e rival da Malibran, a Barili, era um abril miraculoso; a Boccabadatti um setembro explendido e dourado. Farrobo, entre homens pretendia que eram ambas dois magnificos agostos; abril desafinava mas setembro tinha uma voz divina—e decotava-se ás avessas. O Salema capitaneava os «boccabadattistas», Freitas Jacome dirigia os «barilistas» com um luxuoso estado maior onde figuravam entre muitos Lucotte, o visconde de S. Luiz e o relojoeiro Plantier. Estes ultimos individuos planoavam os «crimes» que á noite commettiam, no Marrare das Sete Portas—segundo affirmava a «Revista Theatral», orgão dos «boccabadattistas»; mas o «Entreacto», que era «barilista», chamava-lhes os unicos homens de gosto «que havia n'este desgraçado paiz.» (Portugal era um paiz desgraçado em 1840). A' noite, com effeito, as pateadas rebentavam furiosamente sem pretexto, reforçadas com uma Babel de gritos discordantes, imitações de vozes d'animaes, ladrido espantoso de cães, miar plangente de gatos, sobrelevando a todos um estrepitoso coaxar de rãs de pantano fornecido com «entrain» pela bella garganta de Pimenta Araujo. Em scena, os artistas esperavam, estoicos e Coletti aproveitava esses momentos de furor—para namorar com descáro.

A pateada fôra, de facto, elevada ás alturas d'uma religião. Havia profissionaes. Pouco antes, para deitar abaixo o emprezario Antonio Porto e substituil-o pelo Farrobo, o marquez de Niza e outros «discolos» tinham organisado a mais formidavel de todas. «O grupo do marquez teve artes de metter no theatro a tripulação da fragata «Diana», previamente disfarçada em algibebes e adélos e de collocar em plena plateia a bigorna do Daniel, ferreiro da rua da Figueira. A meio do espectaculo rebenta uma pateada infernal applicada pelas botas d'agua dos marinheiros, malhava-se furiosamente na bigorna e das alturas das torrinhas viam-se apontados fóra dos peitoris enormes bancos, emquanto vozes cavernosas mas convictas gritavam:—Guarda abaixo!—Uma companhia da guarda municipal, no salão, contemplava em silencio este transe angustioso.»

Entretanto Farrobo fazia prodigios; em dois annos perdeu quarenta contos de réis. Foi o apogeu. A musica allemã, banida de S. Carlos desde 1806, reapparece com «Roberto o Diabo», de Meyerbeer e o «D. João», de Mozart. Um gosto d'artista muito argulo e muito emprehendedor presidia. Vieram as duas Ferlotti, a velha e a pequena. Tamberlick e Frondoni vieram—este ultimo em competencia com Verdi que, felizmente para elle, nunca se decidiu a expatriar-se; Manuel Innocencio Camacho vê, brilhantemente cantado o seu «Cêrco de Diu»; o corpo de baile deslumbrou uma geração inteira e os bailados mais phantasticos offuscavam pelo luxo prodigo com que eram apresentados. Por entre a barulheira dos irrequietos o velho theatro remoçava. O branco e o ouro das antigas paredes reflectiam as innumeraveis luzes do grande lustre d'azeite que pendia do tecto, de entre o systema planetario pintado em lona. Os bancos tôscos de madeira, com as costas verdes, que então existiam nos camarotes foram substituidos lentamente pelas cadeiras de largo espaldar, servindo de fundo aos cabellos negros das lisboetas onde se emaranhavam raynunculos e rosas-chá.

A costumada negligencia dos portuguezes nas salas d'espectaculo corrigia-se devagar—mas o clamor das ruas pairava muito carregado no ambiente para deixar expandir-se qualquer tendencia comedida. Dentro do seu requinte, brigando singularmente com elle e, todavia, completando-o, o velho theatro viu scenas deploraveis. S. Carlos, theatro da côrte—foi uma praça de touros. Emquanto a plateia, bracejando, evocava os «parterres» delirantes do antigo palacio de Borgonha nos tempos do «Cid» ou da «Astartéa», nos camarotes fileiras de cabeças miudinhas inclinavam-se, attentas ao rumor de baixo, um ou outro dedo apontado forçava a attenção, as exclamações trocavam-se—e a grande sala decorativa e soturna tomava o aspecto desleixado d'uma assembleia de moços de forcado onde, por anthitese, as expansivas almas de campinos se recobriam com a casaca irreductivel de Tom Olivier e com a gravata flamejante de «lord» Sandrick. Ainda em S. Carlos como no paço, como na rua, como no parlamento se encontravam as mesmas caracteristicas de intolerancia e de insubmissão. A polidez estalava, como um verniz mal posto, no conflicto das paixões e uma brutalidade espessa era a custo contida por uma delgada camada de «dillettantismo». Nem este publico se podia comparar áquelle outro que fizera, annos antes, as temerosas noites do «Antony», do «Henrique III» e do «Hernani»; ahi—era o facciosismo ao serviço da arte; entre nós era má educação pura e simples. Ha mysteriosas afinidades entre certas noites de S. Carlos e certas manhãs do «Collete Encarnado». Eram os mesmos homens, com os mesmos gracejos e com os mesmos processos. A velhice, educada nos placidos saraus de D. João VI, não comprehendia aquillo, repudiava com tedio, tamanha exaltação. O octogenario Martins Nogueira, que foi depois um dos muitos barões que fez D. Maria II, não ia a S. Carlos desde 1818, desde os remotos tempos de Luiz Chiari. Voltou lá a ouvir a «Muda de Portici» em 39 ou 40. Ouviu zurrar, grunhir, coaxar, ouviu rugidos selvagens, uivos dilacerantes, roncos estrepitosos—e sahiu anniquilado. Ao outro dia encontra um amigo:

—Então, barão, que tal foi encontrar S. Carlos?

O velho homem deixa cahir os braços com desanimo, alça um dedo com severidade—e resume:

—E' uma arca de Noé!

(Do livro em preparo «Lisboa antes da Regeneração»).

MARIO DE ALMEIDA

trabalhos forçados, que o extenuam. Assim, emquanto no Lousal a perfuração da rocha é feita com brocas d'ar comprimido, aqui obtem-se pelo processo manual, extremamente fatigante. Um mineiro aponta a broca ao sitio onde é preciso perfurar, outro péga n'um malho e despede rythmicas pancadas contra a vara de aço que ha de atravessar o rochedo. Cada pancada é acompanhada de um gemido que chega até mim saturado de tragedia. Dir-se-hia que os nervos e os musculos e o coração e a propria alma de quem maneja o martelo pesadissimo se fazem em estilhas. E é esse gemido e é esse lamento que saturam o ar que se respira n'este piso e que nos passa atravez dos bronchios como se viesse de um immenso laboratorio, onde se amalgamassem e vaporisassem o desespero e a amargura...

Sinto, de momento a momento, mais calor. O cheiro a enxofre é cada vez mais penetrante. A agua evapora-se e a galeria está como que a transbordar d'uma neblina pardacenta que nos mostra os mineiros como que envoltos n'um expesso novoeiro, que a luz electrica adelgaça. Chegamos ao ponto em que a mina arde. E' aqui, do lado de lá d'esta galeria, que o mineral se incendiou e se deixa devorar pelo fogo. Transpiro por todos os póros. Tenho a impressão dolorosissima de que as mãos e o rosto estão sendo fustigados por crueis rajadas de ar quente, que pretendem levar-lhes a pelle. Sofro. O enxofre queimado sufoca-me. Os mineiros offegam. Olham-me desvairados. Adivinho-lhes nos olhares doloridas supplicas. Chega a causar tristeza que para se avançar um passo no caminho do progresso seja necessario submetter creaturas que teem nervos que teem sensibilidade, que pódem amar e sofrer como quaesquer outras, a este torturante supplicio.

Lembra-me, sem querer, a concepção que um padre do meu conhecimento tinha do inferno catholico. Queimavam-se ali as almas em enormes caldeiros cheios de enxofre derretido. O calor, n'esse antro, era abrazador. O fogo devorava tudo. Pois se o creador d'esta horripilante phantasia descesse alguma vez á mina da Caveira, não hesitaria decerto em affirmar, d'ahi em deante, que o seu inferno se encontrava na extremidade da galeria principal do piso cento e dez...

* * *

Outra vez no elevador. Piso cento e trinta. Cada vez mais agua, cada vez mais lama. Estou encharcado. Cheira-me por toda a parte a ferro, a enxofre, a acido sulphurico. A' medida que se desce, a vida da mina intensifica-se. E' que o mineral, presentemente, quasi não se encontra senão nos pisos inferiores. Os poços teem, por esse motivo, de ser aprofundados incessantemente. Mal se abre um piso e se descobre um filão, urge encetar novos trabalhos para a abertura d'outros pisos e para a descoberta de novos filões. A attenção do homem, n'estas profundidades e n'essas cavernas tem, pois de andar sempre bem desperta. E' d'ella que depende tudo. O minerio tem de ser perseguido como se persegue, atravez d'um denso matagal, uma peça de caça. Não podem realisar-se trabalhos inuteis. Tem de se ir, logo de entrada, direito ao fim. Senão, quanto esforço, quantas canceiras, quanto dinheiro não se dispenderiam sem proveito? O bom mineiro tem, a final de possuir excellente faro. Senão, bem pode ser que passe ao lado de thesouros riquissimos sem dar por elles. Este piso 130, é mais habitavel do que o anterior. Quasi não tem calor. O incendio arde agora sobre as nossas cabeças. E' em cima que a chamma lambe a rocha. A meus pés, tudo é solido, tudo se mantem absolutamente normal. Os mineiros apparecem agora em grupos, derruindo a montanha, brocando o minerio, preparando a exploração. Parecem-me menos fatigados. Mas são, com certeza, mais taciturnos.

Saúdo-os. Não me respondem. O isolamento tornou-os agrestes. Fel-os silenciosos. Se me aproximo d'elles, largam a trabalhar com mais furia, como se procurassem descarregar contra o minerio que os desafia o seu desespero. Fala-se quasi em segredo. E que paira sobre tudo o que nos cerca, homens ou coisas inertes, uma tamanha dose de tragedia que ninguem se atreve a despertar a desgraça, que todos julgamos ver a nossos pés, alapardada e adormecida. Retrocedemos. No buraco do elevador a agua cae como d'um beiral antigo em momentos de desabalada invernia. Depois d'este piso ha ainda outro. E' o 150. Não desço até lá. E' que a agua que cae aqui em grossas bagadas apenas, attinge ali as proporções de continuo chuveiro. Por isso, em logar de se descer mais, sahimos. Tornamos a instalar-nos no prato do ascensor. Para baixo, o poço rasga-se até ao piso 170, que principiará a ser explorado ainda este anno. Para cima, fica o Sol, fica o ar livre. Quero olhar para o alto e não me atrevo. A chuva cega-me. Começa a ascensão lenta, suave, serena. São dois ou tres minutos apenas.

Torno a ver o dia. Os montados, as serras e os campos de Grandola voltam a desenrolar-se deante de mim, com os seus arvoredos, os seus vinhedos e as suas searas de milho. Sorvo o ar a grandes haustos, para desoprimir o peito do enxofre que o morde. Voltamos ao palacio da direcção. Despojo-me do meu balandrau e das botifarras que levei á mina, e tomo, antes de partir, um delicioso copo de *wisky*, que o sr. Mackengie me offerece. E foi n'esse momento da despedida, em que as almas se juntam mais, que eu soube que especie de amargura corroe o coração d'aquelle que tão fidalgamente me acolheu. Não ha ninguem, afinal, que não traga dentro de uma atormentadora tragedia...

ADELINO MENDES

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.
APOLLO—A's 20,30 e 22,30—916 —(Revista).
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

SABBADO.—*Apolo*.—100.ª representação da revista *1916*.—Recita do auctor.

NA CAPITAL DO NORTE

A Assistencia infantil escolar

Uma obra que dia a dia é mais intensa

PORTO, 22

A camara creou este anno as colonias sanatoriaes maritimas para as creanças pobres e doentes, fracas, escrophulosos ou anemicas, das suas escolas. Cada colonia compõe-se de 60 creancinhas que ficam alojadas com todo o conforto no magnifico edificio da Escola Infantil n.º 2, na Foz, ali demorando 20 dias. Este anno serão quatro essas estações de saude, dando conforto e portanto alegria e rejuvenescendo o organismo a 120 meninas e 120 meninos.

Já n'*A Capital* puzemos em relevo a benemerencia d'esta obra paternal, d'esta iniciativa social. Se todas as camaras do paiz assim fizessem, principalmente nas cidades e villas mais populosas, onde a vida das classes pobres é difficil, onde pululam os germens de varios stygmas, onde as creanças de hoje—que hão de ser os cidadãos de amanhã—na maior parte são doentes—umas por mal alimentadas, outras porque são victimas de taras herdadas, se todas as camaras assim cuidassem da sua população escolar, em poucos annos a juventude apresentaria um outro aspecto, o corpo mais robusto,cores mais sadias, o organismo sufficientemente forte para poder luctar e arcar com o trabalho, que, amanhã, e cada vez tem de ser mais rude, mais intenso e exigindo maiores energias.

A camara, especialmente o presidente da sua commissão executiva, sr. dr. Santos Silva, que tem sido a alma de todo o aperfeiçoamento pedagogico no Porto e de toda esta luarada protecção e assistencia escolar infantil, merece o applauso e a gratidão de todos, porque a sua obra é obra do futuro. Mais tarde é que se ha de reconhecer o seu alto alcance social e patriotico.

Ora, juntando a este esforço tambem o seu esforço, as juntas de parochia, não podendo por emquanto sustentar colonias sanatorias maritimas fixas, como a camara faz, levam ao mar, á Foz, todos os dias, em carros electricos «reservados», centenas e centenas de creanças e ali lhes é dado o banho salgado e, apoz elle, uma refeição que consta de um copo de leite quente e um pão e bolachas.

Para esta colonias sanatoriaes volantes são escolhidas as creanças mais pobres e que mais necessitam do mar. Além do banho e da refeição, são-lhes prestados medicamentos ou curativos—ás que os precisam—pelo pessoal da Cruz da Cruz Vermelha, sempre prompto em secundar e partilhar de obras de benemerencia.

A junta de parochia que mais creanças trata, que mais pequeninos leva todas as manhãs á Foz, é a de Santo Ildefonso; honra lhe seja.

E' suggestivo vêl-os voltar, cantando e rindo, como aves que fugissem da gaiola, alacres, parece já com outra vida...

Se ellas, coitaditas, estão todo o anno mettidas nas alfurjas das *ilhas*, quasi sem vêr o sol e agora vêem com as pupillas alagadas de luz e os pulmões cheios e abarrotados do ar do mar e dos campos que a linha electrica atravessa, onde sussuram quedas d'agua, rebanhos pascem, moinhos gemem!... O desconhecido é para ellas, como para todos, o encanto...

Estreia de Cardo as Charlot hoje no Republica

O grande acontecimento é a estreia hoje no Republica do celebre comico inglez «Cardo as Charlot», o famoso artista da casa animatographica «Studio film», que com a sua troupe representará a engraçada pantomima «Charlot enamorado». Representa-se tambem a festejada revista «Castellos no ar», sendo pois um espectaculo excepcional.

«Cardo as Charlot» chegou hoje a Lisboa e fez desde a estação do Rocio até ao theatro Republica uma fita animatographica.

E' raro apresentar-se um espectaculo tão extraordinario e o que é mais ainda, por preços populares ao alcance de todos, pois que apesar dos encargos que traz a apresentação de «Cardo as Charlot» e dos seus artistas, os preços não são alterados.

A questão das subsistencias

A Associação Commercial de Vizeu solicitou providencias do governo no sentido d'aquela cidade ser abastecida de assucar. Tambem a Associação de classe commercial do Beato e Olivaes, solicitou egualmente do sr. ministro do trabalho que a area da sua associação seja abastecida de assucar e carvão.

A ordem do corpo de policia hoje distribuida determina que, tendo constado que em algumas mercearias de Lisboa e seus arredores se teem vendido e vendem actualmente diversos typos de assucar por um preço superior á tabella, o que representa uma dupla infracção das leis fiscaes e sanitarias, taes abusos se não permittam e se proceda contra os delinquentes nos termos da lei.

Entre o sr. governador civil e uma commissão de armazenistas e retalhistas d ecarvão houve hoje uma reunião, assentando-se no preço da venda do carvão e ficando garantida a venda.

Modificação na moda feminina

Os jornaes parisienses, nas suas secções de modas, trazem a noticia sensacional de que a moda feminina vae soffrer profundas alterações na proxima estação de inverno. Os impermeaveis serão usados em larga escala nas *toilettes* das senhoras, apontando-se tambem como provavel o uso dos chapeus com abas ainda mais largas do que as actuaes.

Quanto ao calçado manteem-se os modelos hoje em voga e de que ha um largo sortido no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290 a 290-B.

TOURADAS

Daniel do Nascimento

E' amanhã, como dissemos, que no Campo Pequeno, pelas 18,30 horas, se realisa a vaccada á hespanhola, promovida por uma commissão, a favor do estimado bandarilheiro Daniel do Nascimento, que se encontra gravemente enfermo.

As vaccas são puras e de lindas estampas, cedidas generosamente pelo lavrador sr. Alfredo Paulo de Carvalho.

Haverá tambem lide equestre de tres touros, puros, aingados á ganaderia Mendonça & Irmão, de Cartaxo, por um amador que ha muito não apparece nas nossas arenas, e pelo cavalleiro José Casimiro de Almeida.

Por especial deferencia para com a commissão toma parte o distincto «diestro» «Bienvenida», que retardou a sua partida para Sevilha afim de tomar parte n'esta festa de benemerencia.

Dirige a corrida o conhecido aficionado sr. Arthur Telles.

Acceitam-se ainda pedidos de bilhetes de convite na Casa Havaneza, no Chiado.

Algés—Espectaculo de franca gargalhada a corrida que no proximo domingo se realisa n'esta popular praça. Haverá varios intervallos comicos sendo o mais interessante aquelle em que farão a sua estreia os artistas comicos «Bolamir» «Charlot» e «Lapizeira», que a todos farão rir pela sua graça e excentricidade. Lidam-se dez rezes e toureia a cavallo o amador José Casimiro Gomes. A lide de pé está confiada a bons amadores, apresentando-se tambem dois grupos de forcados, um dos quaes formado por empregados publicos.

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A lucta na frente occidental: em terra e no ar

PARIS, 21.—Ao norte do Somme a actividade da artilharia continua em grande parte da linha. Os francezes realisaram alguns progressos nas immediações de Clery. Tomaram mais duas peças de 77 no bosque conquistado entre Guillemont e Maurepas. Ao sul do Somme, os francezes conseguiram por meio de operações parciaes tomar elementos de trincheira ao sudoeste de Estrées e a leste de Soyecourt. Surtiram effeito umas manobras executadas por um destacamento francez no planalto de Vingre a nordeste de Soissons.

Aviação:—Um aviador francez abateu hoje um «albatros» proximo de Longuevoisin. Os aviões francezes desmantelaram quatro biplanos allemães a sueste de Sesles. Na noite passada uma esquadrilha franceza lançou 79 granadas sobre as «gares» e vias ferreas de Tergnier, e sobre os entroncamentos e «gare» d'Eau, de Pont l'Eveque e estação d'Appely, observando-se violentos incendios. A esquadrilha regressou indemne.—(Havas).

PARIS, 23.—Ao norte do Somme a artilharia allemã energicamente contrabatida pela franceza bombardeou violentamente durante a noite as primeiras linhas e vias de communicação ao norte e ao sul de Maurepas. Não houve acção de infantaria. Ao sul do Somme depois de intensa preparação pela artilharia os allemães atacaram ao anoitecer o sul de Estrées e o oeste de Soyecourt e penetraram em alguns pontos nas trincheiras que haviam perdido no dia 21. A lucta de artilharia foi bastante activa nos sectores de Belloy, Assevillers e Lihons. Nos Vosges os francezes anniquilaram as manobras allemãs ao sul de Hartmannwillerkopf. Nos restantes sectores a noite decorreu relativamente calma.—(Havas).

Navio de guerra allemão afundado por um submarino britannico

LONDRES, 23—O almirantado britannico communica officialmente que o submarino britannico E-23, voltando hontem ao porto vindo do Mar do Norte, declarou ter na madrugada de 19 torpedeado com exito um navio de guerra allemão do typo do «Nassau».

O official commandante do E-23 accrescenta que quando o navio allemão era escoltado para o porto por cinco destroyers allemães visivelmente avariado, o atacou de novo, attingindo-o com um segundo torpedo.

Crê-se que o navio allemão se tenha afundado.—(*Havas*).

LONDRES, 23.—O submarino inglez n.º 23, que afundou o couraçado allemão do typo «Nassau» regressou ao porto a que pertence no meio de acclamações que soltaram as tripulações dos outros navios.

A' noite houve brilhante recepção em hora do tenente Robert Turner, commandante do submarino.—(Americana).

Sete zepellins destruidos

LONDRES, 23—Camara dos Communs. O major Baird, representante da direcção de Aviação, declarou que foram destruidos, segundo informações officiaes, sete zepellins, crendo-se que foram irreparavelmente avariados mais cinco. Os alliados teem destruido um total de 35 zepellins.—(*Havas*).

LONDRES, 23—O major Baird, membro da commissão aerea, declarou na camara dos communs que os alliados destruiram ja trinta e cinco zeppelins.—(*Americana*.)

O Canadá hospeda solemnemente o chanceller brazileiro

RIO DE JANEIRO, 23.—O dr. Lauro Muller, ministro das relações exteriores do Brazil, partiu dos Estados Unidos da America do Norte para o Canadá, onde vae ser hospede do governo inglez e do duque de Connaught, governador d'essa grande colonia ingleza.

O duque de Connaught addiou a sua partida para Halifax, a fim de receber o dr. Lauro Muller, a quem vae ser offerecido um grande banquete.

As noticias dos preparativos para a recepção ao ministro das relações exteriores do Brazil causaram sensação em New-York, onde, no principio do mez passado, o dr. Lauro Muller tambem foi recebido com a maior cordealidade.—(*Americana*).

A campanha italo-austriaca

ROMA, 22. — Communicação official:

Continuam as acções das duas artilharias, tendentes a prejudicarem reciprocamente as obras de reforço.

As baterias inimigas attingiram o hospital de Gorizia, ferindo alguns militares sanitarios.—(*Havas*).

Os submarinos allemães no Mediterraneo

RIO DE JANEIRO, 23.—O commandante do paquete *Principe Udine* da Navigazione Generale Italiana chegado hontem a este porto, declara que, duas vezes, os submarinos austro-allemães tentaram afundar o seu navio no mediterraneo.—(*Americana*).

Mina de cobre

LONDRES, 23.—A casa Krupp comprou a mina de cobre de Witterberg.—(Americana).

Um convite do arcebispo de Colonia

PARIS, 22.—O arcebispo de Colonia convidou o clero e os fieis a fazerem grande propaganda do quinto emprestimo de guerra, cuja collocação parece difficil.—(Americana).

A offensiva russa

PARIS, 22.—A offensiva russa na Bukovina assume grande violencia, tendo o exercito de Letchinsky, consideravelmente reforçado, obtido exitos brilhantes.—(Americana).

Comicio patriotico

E' effectivamente amanhã que se realisa na Batalha o annunciado comicio patriotico, ao qual presidirá o chefe do governo, devendo usar da palavra os mais brilhantes oradores dos partidos democratico e evolucionista. A partida faz-se da estação do Rocio, ás 8,10.

Bens dos inimigos

Para satisfazerem ao disposto no artigo 19.º do decreto 2:350 de 20 de abril ultimo, foi concedida prorogação de prazo, por 5 dias, a Manuel José Nogueira, e por 10 dias a Angela dos Santos Canhoto.

Allemão para Angra do Heroismo

Do hospital de S. José sahiu hoje com alta o allemão Carlos Hager, de 40 annos, que ha tempos veiu de Angra e recolheu ao quartel dos Paulistas, onde adoeceu. Devido á sua edade, vae seguir para o campo de concentração em Angra.

Trabalhadores para França

O sr. governador civil de Evora communicou ao governo que grande numero de trabalhadores ruraes do concelho de Redondo, desejam ir trabalhar para França e que n'este sentido lhe sejam dadas instrucções.

—Durante o mez findo foram passados no governo civil 214 passaportes e visados 755, tirando-se tambem 2 bilhetes de identidade.

Cruz Vermelha

A subscripção de guerra da benemerita Sociedade da Cruz Portugueza ficou hoje em 66.589$20.

Um "film" em plena rua

A chegada de Charlot attrahe ao Rocio enorme multidão

Lisboa assistiu hoje, pela segunda vez, a um espectaculo deveras interessante: a fórma como é tirada uma 'fita animatographica por artistas estrangeiros. Da primeira vez foi feita pelo celebre comico Max Linder e hoje por Cardo as Charlot e a sua «troupe».

Muito antes da hora marcada para a chegada do comboio das Caldas, 12 horas, já na «gare» da estação do Rocio, escadarias e largo do Camões se via uma multidão extraordinaria. As janellas dos predios fronteiros á estação e a varanda do theatro Nacionla estavam cheias de curiosos, entre elles muitas senhoras. Junto do Café da «gare» estava o sr. Albuquerque com a respectiva machina para apanhar o «film». Alguns civicos tentavam conter a multidão, mas todos os seus esforços foram baldados. Quinze minutos depois da hora marcada chegou á estação o comboio e d'elle se apeou o artista. A multidão corre em todas as direcções para examinar de perto Charlot, que é homem baixo, um pouco trigueiro, cabelleira comprida e com pequeno bigode. Vestia frack de um feitio exquisito, calça curta e botas pretas. Na mão uma «badine» de volta.

Charlot tenta romper, mas não póde avançar. Cá em baixo o povo é cada vez em maior numero, tornando-se necessario requisitar mais policia. Nada se consegue. Então o secretario do theatro Republica, sr. Luiz Cardoso, que se vê em palpos d'aranha, resolve chamar o auxilio da guarda republicana. Comparecem 8 soldados e um 2.º sargento, os quaes rapidamente conseguem limpar o largo. Junto da porta da estação estaciona um «landau» aberto. Charlot, no meio de uma onda humana, desce a escadaria e chega ao largo. Pára, como admirado, descobre-se, verga as pernas e a «badine» e rapidamente sobe para o carro.

Então entre elle e os seus collegas trava-se desordem, cahindo do trem, levantando-se. E dá-se então um episodio deveras interessante e que provoca geraes gargalhadas. Um civico, vendo dois homens a rebolar no chão e ignorando que pertenciam á «fita», quiz prendel-os.

Terminou assim a primeira parte. Charlot, com a sua gente e os actores Grave e Rocha, segue no «landau» e n'outro o operador e ajudantes. A segunda parte foi no Rocio, em frente da succursal do «Seculo». Charlot finge lêr um jornal quando um individuo lhe dá um pontapé. Nova desordem, trambulhões, etc. Sóbem depois o Chiado, vindo parar em frente do theatro da Republica onde Charlot terminou a fita no meio de grande numero de pessoas que fingiram aggredil-o á bengalada. E assim terminou o divertimento que fez movimentar á baixa.

Caixa Economica Portugueza

O movimento da Caixa Economica Portugueza durante o mez de julho findo foi de 14:013.316$26 na sua totalidade, sendo 7:565.519$28 de entradas e 6:447.796$98 de saidas, de que resulta um saldo positivo de 1:117.722$30.

Policias burlões

O capitão sr. Bruno do Carmo foi encarregado da organisação do processo disciplinar referente aos agentes Annibal Bernardo Pires e Antonio Ambrosio Santos Oliveira, arguidos de burlões, *vigaristas* e passadores de notas falsas.

Aos accusados foi feito convite para apresentarem a sua defeza por escripto no commando policial, visto que os outros relativos ás diligencias transitaram, em cópia, para ali.

Emilio Cardoso, um individuo que ha tempo tinha affiançado em 8:000 escudos o cumplice dos agentes, actualmente preso, o *Escurinho*, esteve hoje na Boa Hora a levantar essa fiança que se refere ao furto de umas medalhas feito a uma filha do sr. dr. Manuel de Arriaga.

Congresso nacional

Não se fazem votações por falta de numero

Apezar de marcada para as 2 horas da tarde, ás 3,15 não ha ainda presidente, motivo porque não se faz a chamada. Na sala, os congressistas são poucos. Das bancadas unionistas, os protestos irrompem tumultuosos, tomando larga parte no ruido que se estabelece as tampas das carteiras, que ameaçam fazer-se em estilhas. Afinal, é uma tempestade que se acalma depressa, apezar de não faltarem áapartes vivos e contundentes, como estes:

—Basta de combinações! A noite deve chegar para todas ellas!
—Isto é troça!
—Já lá vae mais d'uma hora!
—Queremos um presidente!

Lembra-nos a fabula das rãs, pedindo um rei, e emquanto recordamos a má sorte que tiveram os monarchicos bichinhos, o sr. Correia Barreto sóbe á presidencia, installa-se na sua commoda poltrona, aguarda que os secretarios srs. Balthazar Teixeira e Paes Abranches tomem os seus logares e a chamada principia. Os animos, lá para a extrema direita serenam, e a normalidade restabelece-se. Ainda bem. Porque não ha de a paz, portas a dentro de S. Bente, reinar sempre entre os homens?

Presentes 106 congressistas e quasi todo o governo. Approva-se a acta e lê-se o expediente. A discussão da moção do sr. Alexandre Braga, para a antecipação da revisão constitucional, continúa. Fala em primeiro logar o sr. Celorico Gil cuja oração vehemente e violenta occupa largo espaço de tempo. O orador accusa todos os partidos politicos de torcerem tudo ás suas conveniencias, refere-se a varios factos succedidos nos ultimos tempos, condemna asperamente a censura previa, classificando-a de authentica *vergonha*, faz referencias especiaes a alguns dos vogaes d'essa mesma censura, que não considera idoneos para o exercicio dos seus cargos, mostra-se adverso a fórma como se pretende fazer a revisão e diz que a dissolução não lhe serve para coisa nenhuma. Mostra-se favoravelmente a essa dissolução e declara que não pertence aos partidos existentes nem provavelmente se filiará em nenhum que venha a apparecer. Mas entende que esse principio é indispensavel, tanto se teem incompatibilisado com a opinião publica os homens que occupam as cadeiras do poder.

O sr. Costa Junior diz que a moção do sr. Alexandre Braga não é constitucional motivo porque não a vota, sanccionando, por sua vez, a doutrina da questão previa do sr. Antonio da Fonseca. Nota contradições entre varias affirmações que, a respeito da dissolução, ouviu ao sr. ministro da justiça, e dirigindo-se ao sr. presidente do ministerio, diz que lamenta, com tristeza, que seja elle quem venha trazer ao Congresso um projecto que vae contra as suas conhecidas ideias humanitarias e contra affirmações de vultos dos mais eminentes da Republica.

O *chefe do governo*.—V. ex.ª lamenta o quê?

—Que seja v. ex.ª, como dizem os jornaes, que venha trazer ao Congresso o restabelecimento da pena de morte.

O *chefe do governo*.—Eu sei o que os jornaes dizem e sei quem lh'o manda dizer.

—Muito folgo por saber isso.

—E póde accrescentar que folgo por saber que nem trarei nada á camara n'esse sentido nem tive nunca intenção de o trazer.

O sr. Silva Gonçalves apresenta uma moção pela qual insta por uma revisão constitucional que garanta aos catholicos todas as liberdades a que elles teem direito, como sejam a de culto, a de ensino, etc. A Camara não admitte, sequer, semilhante moção. O sr. Mesquita de Carvalho, commentando as affirmações do sr. Costa Junior, diz que nunca teve, a respeito das attribuições do Congresso, senão uma opinião, muito embora, de palavras proferidas em sessões anteriores, possa depreender-se o contrario. O sr. José Barbosa põe em relevo a inconstitucionalidade da moção do sr. Alexandre Braga e diz que ella não será votada na presença dos parlamentares unionistas. E terminando, pergunta ao sr. presidente quantos congressistas ha presentes, dizendo que a votação não póde fazer-se com menos de dois terços dos congressistas. Em seguida, o orador acaba o seu discurso, sendo muito cumprimentado pelos seus correligionarios. Passa-se á votação, sendo lida a questão previa do sr. Antonio Fonseca. O sr. José Barbosa requer a contagem, retirando-se n'essa occasião todos os seus correligionarios, com excepção dos srs. João de Menezes e Aresta Branco. Não ha numero e procede-se á chamada. Respondem 107 congressistas, motivo porque se encerra a sessão, marcando-se a seguinte para sexta-feira.

Uma informação

O sr. presidente do ministerio declarou hoje na sessão do Congresso que nunca fôra intenção sua apresentar uma proposta a que se referira o sr. Costa Junior, objectando este deputado que vira a noticia nos jornaes. A isto respondeu o sr. dr. Antonio José d'Almeida que bem sabia, como sabia quem dava essas noticias para os jornaes.

Acontece que a informação que motivou essa replica do sr. presidente do ministerio veio publicada na «Capital» antes de qualquer outro jornal lhe fazer referencia. Ora, não sabe, com certeza, o sr. dr. Antonio José d'Almeida como essa informação chegou ao nosso conhecimento. Se o soubesse, não teria s. ex.ª reparos a oppôr á garantia de verdade que a rodeava.

De resto, nós sabemos muito bem quaes são os termos em que se encontra redigida a proposta a que o sr. Costa Junior fez referencia. Para deixar de ser apresentada seria necessario que o governo reconsiderasse na resolução que tomou. Mas, pelo menos até ao momento em que traçamos estas linhas, nada se resolveu em tal sentido.

Todo o «erro» da nossa informação consistirá, certamente, em que a alteração ou a annulação do n.º 22 do artigo 3.º da Constituição não será proposta pelo sr. presidente do ministerio mas sim pelo sr. ministro da guerra ou por qualquer membro da maioria.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

A' Lingua Portugueza

«Ultima flôr do Lacio, inculta e bella,
E's a um tempo explendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura:
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrolo da saude e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, oh rude e doloroso idioma.

Em que da voz materna ouvi: «meu filho!»
E em que Camões chorou no exilio amargo
O genio sem ventura e o amor sem brilho.

Olavo Bilac.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as sr.as:

D. Alice Pinto da Fonseca, D. Maria da Conceição Sommer Vianna, D. Emilia Adelaide de Mello e Sampaio, D. Julia Leonor Pinheiro (Pindella), D. Bertha Goulart de Sousa Caldas Forte, D. Carlota Maria Thereza Saldanha Oliveira Daun.

E os srs.:

Conde de Lumbrales, D. Carlos Sotto Maior e Avila (Esmoriz), João Velez Caldeira, Wenceslau Dias Leite de Sousa e Vasconcellos, Bartholomeu Severino de Sousa Lobo, Antonio Guimarães, Pestana de Guimarães, José Augusto Teixeira de Sousa Alcoforado (Villa Pouca), e Domingos Pinto Martins.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou a Evora o sr. Mario Cardoso Ramos.

—Partiu para o Luzo o sr. dr. Carlos Santos, filho, e sua esposa.

—Partiu hontem para o Monte Estoril com sua esposa, o sr. Henrique Machado.

—Partiu para Castello de Paiva, com seu interessante filho, a sr.ª condessa de Arrochella.

—Encontra-se nas Caldas da Rainha o sr. visconde de Mercéana.

—Partiu para Cascaes o sr. José Pedro Folque.

—Partiram para o norte os srs. condes de Villa Real.

—Partiu de Lisboa para o hotel da Torre, Entre-os-Rios, o sr. Adalberto Soares do Amaral Pereira.

A revisão constitucional

Ainda nada se resolveu hoje sobre os motivos que determinaram a convocação do Congresso. Quando ia votar-se a questão prévia do sr. deputado Antonio da Fonseca os unionistas sahiram quasi todos da sala e deixou de haver numero.

Parece-nos, porém, que a presença dos parlamentares d'aquelle partido não bastava para se effectuar a votação da moção do sr. dr. Alexandre Braga, visto que o paragrapho 1.º do artigo 82.º da Constituição diz que a sua revisão «poderá ser antecipada de cinco annos se fôr approvada por dois terços dos membros do Congresso em sessão conjuncta das duas camaras».

N'esses termos, seria necessaria a presença de dois terços do numero que constitue o Congresso, descontando-se, de harmonia com o esclarecimento votado a proposito do artigo 13.º, os deputados e senadores em goso de licença.

Parece, no emtanto, que se entende o artigo 82.º como referindo-se a dois terços dos membros presentes na sessão conjuncta.

NOTAS DIVERSAS

A camara municipal do concelho de Aviz, officiou ao sr. ministro do fomento, agradecendo o ter dotado as estradas d'aquelle concelho e bem assim o estudo que vae ser feito da ponte do Ervedal.

—A camara municipal de Penela, representou ao sr. ministro do fomento pedindo que seja dotada a estrada de serviço de Vallongo á estação de caminho de ferro de Miranda do Corvo.

—O sr. senador Jeronymo de Mattos esteve hoje com o sr. ministro do trabalho tratando de importantes melhoramentos a realisar no concelho de Braga e da questão das subsistencias, especialmente do fornecimento de milho e assucar para o referido concelho.

—As commissões politicas do Partido Republicano Portuguez de Oeiras conferenciaram hoje com o sr. governador civil, a quem pediram a conservação como administrador do concelho do sr. Carlos Paredes.

—Com o chefe do districto conferenciaram os administradores dos concelhos de Torres Vedras, Azambuja e Alcacer do Sal.

Notas de arte

Resposta a uma leitora d'«A Capital»

E' com o maior interesse que vou responder a uma pergunta que aliás me tem sido dirigida por varias vezes, o que demonstra a grande utilidade d'um esclarecimento geral

Porque é que todas as photominiaturas apparecem manchadas pouco tempo depois de pintadas?

Eis um problema, cuja solução vou resolver.

A photominiatura, cuja execução simples póde ser confiada a uma creança, é uma pintura facil para a qual não são precisos conhecimentos de desenho nem de pintura.

A belleza d'este processo tem enthusiasmado muitos amadores, que, não podendo chegar ás culminancias da Arte, veem n'este genero de decoração, o meio de poder ornamentar as suas casas com quadros lindos, copias de bons auctores.

Mas se a pintura assim executada, tem tentado tantos, todos desanimam e perdem o primeiro enthusiasmo que os levou a produzir grande numero d'obras que bem depressa foram postas de parte e eliminadas do pedestal onde tinham sido collocadas pelos amadores, no auge do seu primeiro fervor.

Após uns mezes de terminar o trabalho, o amador nota com desgosto umas pequenas manchas brilhantes, que se avolumam á medida que o tempo decorre e pouco a pouco a photographia começa a descollar-se do vidro concavo onde foi adherida.

E á medida que as manchas se desenvolvem, a photographia tão perfeita de principio, torna-se amarella e feia, perdendo a graça primitiva.

O amador desconcertado, olha-a com magua e impotente para a fazer voltar á sua primeira belleza, desanima e inutilisa-a com desgosto.

Dos photominiaturistas que me fizem quanto me pódem contradizer?

Apenas aquelles que, conhecedores das photominiaturas que eu forneço diretamente, as empregam sempre, sem que uma unica mancha ou fique amarella.

Porque mancha a photominiatura?

Para fazermos uma photominiatura, temos necessariamente que conseguir por tornal-a transparente, visto que a pintura, que imita uma miniatura antiga, é pintada pelo avesso.

As que forneço estão já colladas e transparentes, promptas a serem pintadas; mas as que se compram soltas, teem que ser colladas ao vidro.

Para este effeito, ha no mercado uma colla propria, chamada «adherencia».

E' um combinado de colla de peixe e por isso mesmo reflecte um certo brilho ao seccar.

Quando se colla a photographia, esta é humedecida, para facilitar a collagem, por isso só olhando do lado o vidro é que veremos apparecer umas manchas, por assim dizer «prateadas».

Essas bôlhas d'ar onde se vê a colla, são escorregando para as extremidades até sahirem por completo e depois da mais severa raspagem feita com a espatula, protegida a photographia com um bocado de pergaminho humido, não se consegue observar uma unica mancha de «adherencia».

Secca a photographia, o que se produz rapidamente, já vemos terem pontos prateados, ou em bollinhas ou em riscos irregulares.

E' a colla que se manifesta.

Primeira causa d'insuccesso.

Depois da collagem assim terminada, deita-se o preparado chamado «transparencia» e assim se deixa o trabalho transparecer por si, o que succede em mais ou menos dias, segundo a qualidade da photographia.

Segue-se a operação da applicação de «preservativo» que deve servir como verniz que vae proteger o papel no estado transparente.

Mas passados mezes a «transparencia» falhou e principia a ser opaca por partes; a «colla» já perdeu as suas propriedades e permitte a descollagem parcial; o «preservativo» já não preserva e tudo deixa estragar.

D'onde provem tantos defeitos?

Da má qualidade da fabricação.

A «colla», passado pouco tempo, deteriora-se no proprio frasco e apresenta-se dessorada, boa para deitar fóra.

A «transparencia» amarellece no frasco, porque razão não havia tambem de perder a sua côr clara de principio e tornar a photographia amarella e velha?

O «preservativo», esse só tem o titulo, sem lhe possuir a qualidade.

Busque-se qualquer fabricante e por mais perfeitos que sejam os productos são sempre oleos e o oleo no papel, só pode produzir nodoa amarella.

Como remediar o mal?

Só lhe conheço um. E' empregar apenas a photominiatura já preparada e inalteravel, que tão perfeita e nitida está no dia em que é comprada, como passados annos.

Não valerá a pena gastar mais uns tantos reis e ter-se a certeza que se efectua um trabalho irreprehensivel, que durará intacto para sempre?

Basta olhar para uma d'estas photographias, perfeita de detalhes, apoz a transparencia e comparal-a com as que em geral são preparadas com os oleos.

Ha-as de todos os formatos e em todos os estylos e experimentar uma é adoptalas para sempre.

Não julguem os meus leitores que isto é um «reclame», é apenas o desejo que tenho de ser util aos photominiaturistas desolados pelos insuccessos.

LUIZA DE SOUSA

Jardim Zoologico

Está quasi concluida a installação destinada ao hippopotamo, trabalho do considerado architecto sr. Raul Lino o que é dotado de todas as condições proprias para n'elle poder passar o inverno, com um espaçoso tanque, sem o seu morador estar sujeito ás intemperies do tempo.

O curioso pachyderme tem continuado a attrahir grande affluencia ao bello parque das Laranjeiras.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Congresso de Educação Physica

São distribuidos alguns dos votos do Congresso

Sobre a nossa banca de trabalho encontramos hoje um resumo dos «votos» emittidos pelo 1.º Congresso de Educação Phisica Nacional, organisado pelo Gymnasio Club Portuguez e que foi uma excellente manifestação de interesse pedagogico.

Devemos acentuar, porém, que não dizemos «votos», mas um seu resumo, regularmente e o melhor possivel condensado por alguma intelligente redacção do commissão, escolhida «extra-congresso». Nem se refere a todos os «votos» emittidos em todas as secções do congresso. A explicação do facto deve ser facil. E' que o Gymnasio Club, sobrecarregado com essa primeira reunião de technicos, talvez não podesse com novo e pesado encargo d'uma larga publicação. D'ahi omissões, lamentaveis mas justificadas por esse facto. D'ahi um «resumo» e não conclusões tal qual foram votadas. Mas pelo trabalho que segue se verifica que o Congresso se occupou de muitos e variados assumptos.

Em todo o caso, se o Gymnasio Club não puder publicar todas as conclusões—partindo da hypothese de difficuldades financeiras—entendemos que deve o mesmo Club utilisar a imprensa, que tão dedicada e desinteressadamente o tem auxiliado, para fazer essa publicação, que será feita ao Gymnasio administração dos jornaes, tal qual tem succedido ha dezaseis annos, isto é, desde que a imprensa lisbonense se costumar a fazer, diariamente, a propaganda da educação phisica. A publicidade dos «votos» emittidos pelo Congresso não onera, portanto, o cofre associativo; a imprensa e os seus redactores não esperam mais do que aquella amavel deferencia que, por vezes, roça pela ingratidão; o publico, porém, ficará conhecendo que «communicações» houve que deram «votos» acceitaveis e que «theses» houve que foram discutidas e soffreram alterações nos seus «votos».

O alvitre ahi fica. Por hoje, apresentamos o resumo, que o Gymnasio Club chama «votos» do seu Congresso,—essa primeira reunião technica onde se apresentou e discutiu muito e bom trabalho e que honrou os organisadores.

O 1.º Congresso Nacional de Educação Physica, reunido em Lisboa, por iniciativa do Gymnasio Club Portuguez, em 9, 10, 11 e 12 de Junho de 1916, apóz discussão e votação das theses apresentadas, emitto os seguintes votos:

1.º—Que seja urgentemente creado um Instituto Normal de Gymnastica, entidade orientadora da educação e cultura physica e de estudo das condições physicas da creança portugueza, methodos de gymnastica, etc.

2.º—Que a par da educação physica obrigatoria desde a escola primaria se estabeleça com rigor a inspecção medica permanente, sendo para desejar que n'este serviço haja collaboração do otorrinolaringologistas, oftalmologistas, dermatologistas, odontologistas e psychiatras.

3.º—Que na escola primaria seja obrigatorio o ensino de natação.

4.º—Que desde já as Camaras Municipaes incluam nos seus orçamentos as verbas necessarias para estabelecer e manter campos de jogos, pistas de obstaculos, piscinas de natação e carreiras de tiro devendo para estas o Ministerio da Guerra concorrer com a verba possivel.

5.º—Que o Estado isento desde já e durante doz annos do pagamento de quaesquer contribuições ou impostos as associações que se dediquem á pratica dos exercicios physicos, incluindo as associações, que dão, com o fim de propaganda, espectaculos publicos, todo a vez que o producto d'esses espectaculos reverta para o seu cofre.

6.º—Que desde já em todas as escolas e lyceus seja obrigatoria a cadeira de educação physica, mais completa do que a que é actualmente usada facultativamente.

7.º—Que a todos os individuos que sigam a carreira das armas se exija o conhecimento de natação sujeitando-os a uma prova de resistencia e velocidade, segundo plano previamente estudado. Como estimulo para as praças do exercito e da armada os Ministerios da Guerra e da Marinha façam disputar annualmente um certo numero de provas classicas de velocidade, resistencia, mergulho e salvação.

8.º—Que se organisem as repartições de educação pedagogica que existem no Ministerio da Instrucção Publica de modo que possam promover a cultura physica da creança portugueza até aos 16 annos de idade e d'ahi por deante tudo que pertencendo essa funcção ao Ministerio da Guerra.

9.º—Que estes dois organismos devem manter a mais constante e intima ligação para garantia segura do grande principio da «nação armada», de forma que os professores e instructores, caminhando de mãos dadas incutam no espirito publico «que a caserna é hoje a continuação da escola».

10.º—Que em todas as Universidades, lyceus e mais institutos officiaes e particulares e especiaes e particulares seja desde já obrigatoria a organisação de uma Instrucção Militar Preparatoria; que para esse effeito o mesmo emquanto se não fundam as sociedades ou nucleos, sejam os officiaes do exercito auctorisados a desempenhar o cargo de professor de educação physica e instructor da I. M. P., pelo menos nas escolas officiaes, cumulativamente com o serviço regimental ou outro de que estejam encarregados.

11.º—Que sendo a gymnastica uma escola educadora da vontade e formadora da coragem, com o proposito exclusivo de crear a força «bruta», haja todo o cuidado na especialisação do que vulgarmente se chama gymnastica athletica, athletismo de força e desportos combativos. A cultura physica devendo ser consecutiva a uma cuidada, rigorosa e apropriada educação physica tem de ser orientada pelos ensinamentos do hygiene e da phisiologia humana; procurando-se sempre a harmonia das formas para a constituição do typo normal, deve fazer-se rigorosa selecção para permittir a cultura physica, apenas aquellos que já *educaram* o corpo segundo prescripções da sciencia e arte de crear o homem.

Notas do cia

Vilegeatura do Club Naval de Lisboa

Parte na proxima sexta feira no rapido da manhã para o Porto a equipe de remo que vae tomar parte nas grandes regatas organisadas pelo Sport Club do Porto.

A equipe é formada pelos srs. Augusto Salgado, «timoneiro», José Possolo, «voga», Eloy Soares Franco, Mario Fernandes e Carlos Alves Miguel, substitutos, Augusto Vieira «timoneiro» e Arnold Stocker e Henrique Telles.

E' digna de todo o elogio a tripulação que á sua custa vae ao Porto para o que muito contribuiu a sempre boa vontado do distincto sportman Arnold Stocker.

O «team» de «water-polo» vae jogar um desafio com o sport Algés o Dafundo que segue no mesmo comboio.

E' devido ao prestimo de um digno socio do Club Naval que a secção de natação conseguiu levar ao Porto, como tenciona levar a todo o paiz a propaganda pela natação.

O Club Naval trabalha pela natação, não só para Lisboa como para todo o paiz onde esta causa vae tendo dia a dia muitos o numerosos adeptos.

O «team» do Club Naval é formado por Arnold Stocker, Oliveira Duarte, Thomaz de Aquino. Carlos Moura, Henrique Telles, Augusto Dias da Silva e N. N.

Ao «team» do Club Naval falta-lhe o «full-back», o nadador Ryder da Costa por motivo de frequencia da escola de officiaes milicianos não lhe foi possivel alcançar licença para estes dias.

O «team» do Sport Algés o Dafundo é composto por Bessone Bastos, Costa Duarte, Julio Baptista. Antonio Pala, Manuel Moniz, Duarte Holbeche o Norton Nogueira. Arbitra o desafio o sr. João Formosinho que acompanha os nadadores bem como as direcções dos dois clubs representadas, o Sport Algés, por Eugenio Ricardo e o Club Naval por Arthur Consalado, Augusto Neuparth Vieira, Estevão da Silva, J. J. d'Almeida, Manuel Victor, João Pessoa etc.

E' uma verdadeira vilegiatura de propaganda sportiva.—*R.*

* * *

Campeonatos de lucta greco-romana

Enviaram-nos a seguinte carta que a seguir publicamos:

«Sr. redactor:—Foi o organisador do primeiro campeonato de lucta entre os nossos amadores e sempre defendeu este desporto como um dos mais combativos e em que é necessario empregar-se a força como a sciencia, a energia e a «souplesse», convindo por isso que elle se desenvolva n'este paiz.

Vejo n'ella apresentar-lhe a minha ideia de se organisar na Amadora um torneio de lucta entre os amadores do todos os clubs. Como v. sabe devido a controversias politicas entre os clubs, nos ultimos campeonatos só teem concorrido amadores do Athenou o Progresso.

Se v. conseguir-se organisar na Amadora um torneio de lucta entre os nossos amadores, creia que satisfaria uma ambição de muitos d'elles, e estou certo que uma prova d'estas não deixaria de ter o brilho que sempre teem voltado ás festas desportivas realisadas na Amadora. Desculpe a minha ousadia e creia-me de v. etc.—Um amador.

*

Uma linda festa de tennis

Um velho amigo, companheiro de tempos idos, da Escola e do Gymnasio Club, envia-nos a seguinte informação sobre uma linda festa, que se organisou em Bellas, na tradicional quinta:

«No domingo passado e com selecta assistencia, realisou-se em Bellas no «court» de «tennis» do dr. Borges de Almeida, o 2.º torneio de «doubles» d'esta epocha.

As «equipes» a defrontarem-se foram organisadas segundo o criterio d'aquelle notavel medico e «sportsmen», sem protesto dos jogadores e assim formadas:

Abilim, Jorge Fonseca—Antonio Costa, Antonio Ferreira—Tavares, Fernandes—Coelho, Brito—Aboim, Fernando Fonseca—Conceição e Silva, João Basios.

Cada «equipe» tinha de bater-se successivamente com as outras e a vencedora seria a que fizesse maior numero de jogos.

A's 14, sendo o dr. Borges d'Almeida «umpire», começou o torneio, havendo phases de esplendido jogo, com decidida resistencia, levantando a assistencia vivos applausos. Todos jogaram energicamente mas com todo registemos: Coelho e Antonio Costa que foram bellos na opportunidade das «respostas» collocando bem as bolas, e Aboim, felicissimo, com magnificas bolas á rede.

Este desafio terminou ás 20 horas, havendo sempre grande animação, provocada pela anciedade, não duvida em que se estava, qual seria a «equipe» vencedora. Foi esta, a Aboim-Fernando Fonseca, com 30 jogos, seguindo-se lhe em 2.º logar a «equipe» Tavares-Fernandes com 25 jogos.

Este torneio foi organisado pelo nosso amigo Arthur Manso Tavares que offereceu aos vencedores 2 magnificos estojos com carteiras de fino gosto artistico. A's assistencia assim como aos «tennistas» foi offerecido pelo nosso senhor, um magnifico chá e cuja boa organisação se deve ás sr.as D. Silvia Manso Tavares e D. Marcenna Moreira Pinto.

Foi uma bella festa desportiva que a todos satisfez, deixando gratas recordações.

No primeiro domingo de setembro far-se-ha o torneio de «singles», organisado pelo dr. Borges d'Almeida».

Campeonato de tennis na Amadora

Fecha amanhã a inscripção para o campeonato de «tennis» organisado pelos Recreios Desportivos da Amadora.

Este campeonato é exclusivo aos socios dos Recreios Sportivos e serve para disputar a «Taça Amadora», que será propriedade definitiva de quem a ganhar tres annos consecutivos.

O interessante torneio é dividido em tres cathegorias, formadas havendo uma medalha para cada grupo de cinco jogadores por cathegoria.

O campeão da 1.ª cathegoria será o detentor da «Taça Amadora» até ao proximo anno, e receberá uma medalha de «vermeil» a titulo de campeão da 1.ª cathegoria da Amadora.

As provas começam no proximo domingo, 27.

E' grande o interesse por este torneio, sendo já grande a inscripção que, entre outros nomes, conta com os dos srs. dr. Borges de Sousa, Placido Duro, Eduardo Villaça, Antonio Casanova, Arthur Nogueira, Jayme Costa, Venancio, A. Del-Negro, D. Eugenio Noronha, Freitas, Bakley Fragoso, etc.

Algumas anedotas

Como se annuncia o começo da epoca de «foot-ball»

—Então onde está o Pereira?...
—Em infantaria X...
—E o Chico?
—Na artilharia da costa...
—E o Augusto?
—No Bom Successo...
—E este? E aquelle? E aquelle outro?
—Todos na tropa...
—Então para a epoca em que grupo jogam e contra quem se batem?
—Ora essa!! Estão no 1.º divisão e talvez se batam contra «internacionaes»! Queriam melhor começo?

Os grandes recordes

Um club sportivo e de heroes

Entre as collectividades sportivas que se honram de melhor figura teem no seu actual guerra conta-se a Associação Sportive Française. Figura no «Quadro de Honra» com 387 citações e 21 Cruzes de Guerra. E' um numero bonito para um club que possue 1.200 socios.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Sport Lisboa e Bemfica

A ultima assembleia geral d'este Club elegeu para os seus corpos gerentes os seguintes srs.:—Assembleia geral: presidente, dr. João Carlos Mascarenhas de Mello; vice-presidente, dr. Alberto Lima; 1.º secretario, João Carvalho Perseno; 2.º secretario, Julio Ribeiro da Costa.—Direcção presidente, Felix Bermudes; vice-presidente, Alfredo Alexandre Luiz da Silva; thesoureiro, Alberto dos Santos; 1.º secretario, Eduardo Martins Pereira; 2.º secretario, Henrique Jayme Ferreira de Sousa; vogaes, Eduardo Coquet da Silva e Eduardo Cerveira Serra; conselho fiscal presidente, Julio Mario da Silva Nascimento; relator, Alfredo Silveira Avilla de Mello; vogal, Antonio Ribeiro.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Para discussão dos novos estatutos reune na proxima sexta feira a assembleia geral da União dos atiradores Civis Portuguezes.

Pela magnitude do assumpto a tratar e pelo interesse que elle vem despertando na população associativa da importante agremiação espera-se que a assembleia seja concorridissima não faltando a ella os elementos mais preponderantes do Tiro Nacional.

Torneio de esgrima da «Taça Trafaria»

E' amanhã que fecha a inscripção para o torneio de espada da «Taça «Trafaria», que se effectua, no proximo sabbado, nos salões do Club Balnear da linda praia. Esperam-se concorrentes de cinco salas lisbonenses.

Festas em Bemfica

No parque Silva Porto

Continuam amanhã, das 21 ás 24 horas, as festes n'este lindissimo recinto e que todos os que a ellas assistiram no domingo passado tanto agradaram.

Tocam duas bandas regimentaes, uma das quaes é a da Guarda Republicana e as bandas das Sociedades da localidade, Progresso de Bemfica e Academia Almeida Grandella.

O rancho feminino da Cruz da Pedra cantará as suas lindas canções populares e fados, que tanto enthusiasmaram o publico.

Espera-se grande concorrencia, pois o local é delicioso e a illuminação electrica e a veneziana produzem um brante effeito.

Ambos esses edificios foram violentamente occupados pelos rebeldes, sendo os que ahi estavam ameaçados sem ceremonia; e como d'ahi se dominava por completo as communicações com Dublin de Kingstown e eram edificios construidos solidamente, á moda da architectura da capital da Irlanda, constituiam uma posição verdadeiramente forte, difficil de d'ella se approximarem ou de ser tomada sem artilharia.

Por essa estrada, pouco se importando com as emboscadas que porventura lhe houvessem sido preparadas, veiu terça feira á tarde o primeiro contingente de reforços da Inglaterra, o 7.º Batalhão de Sherwood Foresters (Territoriaes), tropas novas que estavam ainda no periodo de exercitamento.

O fogo partiu primeiro de Carisbrooke House e muitos cahiram ao principio, arrostando os jovens soldados as balas com grande coragem, mas não podendo luctar efficazmente com atiradores que estavam nos telhados e por detraz de janellas em edificios inaccessiveis.

O quartel de Beggar Bush, que fica proximo e onde os sobreviventes do corpo de veteranos e varios fugitivos se haviam refugiado, estava cercado, não podendo portanto prestar auxilio algum efficaz.

O quartel e o seu parque eram constantemente alvejados da fabrica Bolland e d'outros edificios occupados pelos rebeldes, dando-se muitas mortes. Isto prolongou-se até quarta feira á tarde, em que a guarnição foi reforçada por um destacamento de territoriaes de Notts e Derby, que desembarcou em Kingstown e seguiu para Ballsbridge, d'onde chegou ao quartel pela estrada de Shelbourne, evitando assim o passar pela area perigosa.

Se os Sherwoods e os Staffords, que iam á frente—sendo-lhes, como era, estranha a região e não conhecendo sequer o local dos quartéis—tivessem sido avisados a tempo e levados pela mesma estrada, muito sangue derramado podia ter sido poupado.

Uma senhora descreve assim, no seu «Diario», o que se passou:

«As horas da manhã decorreram tranquillamente, mas ao meio dia a detonação d'um tiro de espingarda quebra de subito o silencio. Corro á janella. Homens vestidos de khaki estão rastejando d'ambos os lados da estrada, procurando todos os abrigos que lhes proporcionam as pedras das paredes que suportam os «railss» do caminho de ferro.

«Fecho á pressa tudo, receiando uma repetição das scenas de segunda feira (a do fuzilamento dos veteranos), mas são soldados que chegam, o que nos alegra. Tomamos posição nos degraus da cozinha, como sendo o local mais seguro e por mais d'uma hora ouvimos o ruido da batalha. Parecia que eram muitos os homens envolvidos em combate: parece-nos que alguns estão no nosso jardim ou nos degraus.

«Os soldados estão atacando as duas casas do canto, a de numero 25 em frente e a de numeros 26 e 28 do nosso lado da estrada de Northumberland. Receiamos que estivessem recuando, porque ouvi uma voz murmurando «Não podemos recuar agora, rapazes».

«Quasi immediatamente bateram á porta do lado. Corremos a abril-a. «Podem os feridos ser trazidos para aqui?» Recebemol-os com o melhor agrado e apressâmo-nos a prestar o pouco auxilio que nos era possivel, trazendo agua, toalhas e almofadas para lhes pôr debaixo das pobres cabeças.

«Os dois que foram trazidos—muito mal feridos—o ajudante dos Sherwood Foresters em estado comatoso e um pobre joven tenente muito doente. O medico do regimento e alguns homens da Cruz Vermelha estão junto d'elles, mas foram tão á pressa enviados para a França que ainda não chegaram remedios alguns e soccorros medicos e levou algum tempo a arranjar anesthesicos.

«O tempo passou-nos despercebido e até nos esquecemos da comida, excepto de arranjar chá e pão para

sioneiros, entre os quaes algumas mulheres.

Depois, o edificio do «Daily Express» foi tomado á bayoneta, sendo encontrados muitos cadaveres no telhado, terminando assim o perigo que para o forro em que ficava o castello podia porventura haver.

Alguns outros incidentes d'esse dia, o segundo da historia da «infeliz» Republica devem ser mencionados.

Os assaltos nas ruas que não estavam occupadas militarmente prosseguiram, desordenadamente e como que tendo apenas por objectivo a destruição.

A rua de Sackville, onde a lucta ainda não havia chegado, soffreu muito e tanto homens como mulheres ahi foram vistos levando o que podiam debaixo dos braços e ás costas. Toda a especie de estabelecimentos servia aos assaltantes, que saqueavam tudo e a quem tudo fazia conta.

Alguem houve em Dublin a quem semelhante modo de proceder não agradou. Esse alguem foi mr. Francis Sheehy Skeffington, bem conhecido pelas suas opiniões radicaes e extremamente popular, que affixou na base do monumento a Smith O'Brien uma proclamação em que convidava a população de Dublin a policiar por si mesma as ruas da cidade e não consentir que se dessem assaltos, o que deshonrava a joven Republica.

Emquanto isto se estava passando, tropas estavam desembarcando em Kingstown, promptas a marcharem sobre Dublin, visto que o transporte por caminho de ferro estava momentaneamente interrompido, com cavallaria, tropas de pé e artilharia e, o que para os rebeldes era o peior de tudo, com canhões navaes.

E do mar ia tambem cahir sobre os conspiradores uma chuva de ferro, porque a pequena canhoneira «Helga» estava na foz do Liffey, porpta a subir o rio na manhã seguinte e a enviar sobre Liberty Hall algumas granadas, que não erraríam o alvo.

A manhã de 26 de abril rompeu tristemente para os rebeldes. Dublin, excepção feita dos que se entregarem ao saque e á pilhagem, não dera signal de si. Nem uma unica collectividade operaria, collectividade politica ou organisação municipal de qualquer especie adherira ao governo provisorio da Republica Irlandeza.

Não se haviam apoderado do castello e haviam sido repellidos de City Hall e dos edificios circumvisinhos á ponta da bayoneta. A sua tentativa de interromper as communicações entre o oeste e o sul e o norte não dera resultado na Ponte do Rei, em Broadstone e na rua de Amiens, apesar de terem feito ir pelos ares a linha ferrea do Great Northern numa certa area por estarem senhores do districto de Fairview, occuparem Lacknite e se terem revoltado Swords e Donabate.

Estavam senhores ainda das communicações tanto por estrada como por caminho de ferro para Kingstown em Westland Row e para além da estação da estrada de Lansdowne; as suas posições, na fabrica Boland, a velha refinaria na ponte de Mount Street e no cruzamento das estradas de Pembroke, Northumberland e Lansdowne não tinham ainda mudado.

Mas as suas posições sul, incluindo St. Stephen's Green e as do South Dublin Union, estavam cortadas pelo bem estabelecido cordão militar que ia desde a Ponte do Rei, pelo rua Thomas, passando pelo castello, até Trinity College, á ponte de Butt e á Custom House.

O cordão militar ao norte desde o Parque até á rua de Amiens pela estrada de circumvallação estava tambem fortemente estabelecido, de modo que as forças dos rebeldes estavam divididas em duas e completamente isoladas, apesar de terem montado uma estação de telegraphia sem fios n'um telhado em frente do edificio dos correios.

Além do cordão militar ao norte do rio, o edificio dos correios, os dos Tribunaes—Four Courts—

caes e edificios na base da rua de Sackville, e Liberty Hall eram os seus principaes pontos d'apoio.

Pearse, no seu ultimo manifesto, tinha appellado para Dublin dar o seu apoio e auxilio á Republica Irlandeza. Tanto a cidade como os arredores não deram o minimo passo para irem para o quartel general dos rebeldes.

O relatorio do general Maxwell, escripto a 25 de maio, quando a rebellião estava dominada e todo o perigo estava arredado, mostrou que n'essa fatal segunda feira de Paschoa apenas havia na area de Dublin, de que se pudesse lançar mão, 1.465 homens de infantaria (Atiradores Reaes Irlandezes, Regimento Real Irlandez e Fuzileiros de Dublin) com 76 officiaes, e 851 de cavallaria (67.º Regimento de Cavallaria de Reserva) com 35 officiaes.

E tinham essas forças, antes de mais nada, de proteger cinco acampamentos, o castello de Dublin, a morada do vice-rei, o paiol, o hospital real e o Banco.

Havia ainda a columna movel (3.ª Brigada de Cavallaria de Reserva), sob o commando do coronel Portal, em Curragh, a quarenta e oito kilometros de distancia, uma bateria de quatro canhões de 18 em Athlone, a cento e vinte e cinco kilometros, e alguns soldados, que se não sabia se podiam ou não ser empregados, em Templemor, a cento e vinte e oito kilometros, e em Belfast, a cento e oitenta kilometros.

Se os rebeldes tivessem a mais ligeira probabilidade de exito, embora momentaneo, era para elles necessario assegurar o dominio de toda a cidade de Dublin antes de começarem a chegar reforços, e, não o tendo conseguido, o seu insuccesso era mais que certo.

Comtudo, no dia 26 de abril, era mais que certo que o governo provisorio não tinha uma idéa clara do desesperado da sua situação.

Os rebeldes tinham abundancia de armas, munições e alimentação e nos dois dias de lucta nas ruas haviam provavelmente infligido tantas perdas—policias, civis e soldados—como elles proprios haviam soffrido.

Na sua assombrosa e infantil ignorancia do que se passava no mundo em que viviam, imaginaram, ou persuadiram-se de que todo o exercito inglez estava na guerra, que a policia seria cercada e aprisionada pelos rebeldes ruraes e que os submarinos allemães impediriam a chgada de reforços.

Haviam tambem emittido a theoria—seria incrivel se não fôsse assegurado por testemunhas fidedignas—de que, se se pudessem manter durante tres dias tornar-se-hiam, «ipso facto», belligerantes e, portanto, poderiam tomar parte na Conferencia da Paz, no fim da guerra, e discutir as condições em que ficariam, de egual para egual.

Mas o peor engano de todos foi o de que se haviam esquecido da existencia da armada britannica, cuja menor unidade de combate podia reduzir o seu mais formidavel reducto a um montão de ruinas em poucos minutos.

Em Cork e em Kingstown canhões e homens haviam já desembarcado da armada, alguns [illegible] vam já mesmo em Dublin e de manhã cedo Liberty Hall viu a sua sorte dependente da «Helga», uma canhoneira de patrulha, que estava ao largo de Custom House e a alcance do quartel general de Larkinite, onde tres dias antes o primeiro desafio formal á Inglaterra havia sido lançado pela condessa Markievicz.

A's oito horas da manhã, a «Helga» abriu fogo e então, como um chronista local escreveu, «Dublin ouviu pela primeira vez na sua historia o troar dos canhões navaes no coração da cidade».

O exercito de civis não esperou por mais. Sem disparar um tiro, os que o formavam fugiram para a rua da Abbadia e para a relativamente segura rua de Sackville. Os artilheiros da «Helga», como um d'elles disse, tinham «a vida d'elles na mão». Dispararam alguns tiros que, sem fazerem grandes damnos

no exterior do edificio, attingiram tão bem o alvo que, entrando pelo telhado e explodindo, demoliram por completo o interior.

Ao mesmo tempo e a fim de completar a obra, duas peças de artilharia de campanha, que tinham acabado de chegar, e da porta de Trinity College que deitava para a rua de Great Brunswick, varreram com algumas granadas bem apontadas o caes até ao extremo da rua de Tara.

Os rebeldes que levaram essa noticia ao edificio dos correios e que presenciaram o que se havia passado do «Forte de Kelly», no extremo do passeio de Bachelor, parece terem visto n'isso o desabar das suas ultimas esperanças.

Reforços da 59.ª divisão haviam começado a chegar de Inglaterra, tendo até ahi todo o trabalho de Dublin pesado sobre a columna movel de Curragh.

N'esse dia, Dublin viu duas novas proclamações, uma do rei e outra do general Friend, commandante em chefe das forças na Irlanda. A primeira era de caracter puramente technico e legal, em harmonia com o que dispunha o Acto da Defeza do Reino de 1915. Por esse Acto, o julgamento dos tribunaes civis póde ser substituido dados certos casos, como por exemplo havendo uma levantamento militar, motivo por que essa disposição era applicada á Irlanda.

A proclamação do general Friend ordenava que todos os cidadãos leaes da cidade e do condado de Dublin ficassem em casa entre as 7 horas e meia da tarde e as 5 e meia da manhã, a não ser que tivessem passes da auctoridade militar.

Esta sentia-se já sufficientemente forte para estender os tentaculos, o que demonstrava reforçando o cordão militar destinado a isolar ainda mais as posições dos rebeldes.

Desnecessario será dizer que os restantes edificios podiam ter sido reduzidos a ruinas como Liberty Hall o fôra, mas, a fim de evitar tanto quanto pudesse ser a desnecessaria destruição de propriedades, outro methodo foi empregado. Varrer os edificios em roda do dos correios era a primeira coisa a fazer, o que foi levado a cabo por tres columnas sahidas do edificio do governo no lado sul do rio.

A primeira sahiu do castello e, atravessando a ponte de Essex, pôz-se em movimento pela rua Capel, que corre parallelamente á de Sackville; a outra, sahindo de Trinity College, atravessou a ponte Butt e foi pela rua Gardiner, que fica quasi á mesma distancia a leste. Chegando á rua da Gran-Bretanha—que fôra denominada rua Parnell—as duas forças juntaram-se no cimo da rua Sackville, onde fica a estatua de Parnell.

A terceira columna, pela ponte do Rei, seguiu a rua da Rainha para a rua Norte do Rei, por onde passou, indo juntar-se com a columna da rua Capel. O edificio dos correios e o dos tribunaes estavam assim isolados definitivamente do resto da cidade e um do outro tambem.

Esse imortante movimento foi operado pelo 5.º de Leinsters, uma companhia do Sherwood Foresters, o 3.º do Real Regimento Irlandez e o Batalhão Mixto do Ulster, sob o commando do coronel Portal.

Emquanto estas precauções necessarias estavam sendo tomadas, uma lucta feroz se dava no lado sul no mesmo districto onde os veteranos tinham sido fuzilados na segunda feira de Paschoa.

Essa posição era notavelmente bem escolhida. Estava em intima connexão com a posição de Ringsend, comprehendendo a fabrica de Bolland, a refinação e a fabrica de gaz. D'ahi, os rebeldes avançaram pela bacia do canal para a praça Clanwilliam, que fica em frente e domina a ponte de Mount Street e a estrada de Northumberland.

No cruzamento das estradas de Northumberland e Haddington fica Clanwilliam House e mais abaixo, onde se encontram as estradas de Pembroke, de Northumberland e de Landswone, fica Carisbrooke House

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2165—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 24 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço telegr. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

A attitude do Vaticano

A *Liberdade*, pela penna do sr. Pinheiro Torres, não concorda com que, n'estas mesmas columnas escrevemos ácerca da attitude do Vaticano perante o facto brutal de terem os allemães arrancado aos seus lares, no norte da França, um grande numero de rapazes e raparigas para os arremessar a uma situação de escravos, em que o soffrimento e a miseria moral atrozmente os aguardavam.

Entende o antigo director d'*A Liberdade* que não é certo o que nós acentuamos, ou seja que se está revelando, provocada pelas reacções da guerra, uma reflorescencia da fé christã, mas que essa fé não encontra no Vaticano aquella correspondencia a que tinha o direito de legitimamente aspirar. Para esse fim, o sr. Pinheiro Torres recorda que o cardeal Mercier protestou admiravelmente contra as atrocidades commettidas na Belgica e que de egual modo procedeu monsenhor Charost, bispo de Lille, protestando contra as atrocidades commettidas no norte da França e a que fizemos mais acima referencia.

Veneramos como o sr. Pinheiro Torres a figura do cardeal Mercier. Se o antigo director d'*A Liberdade* folhear a collecção d'*A Capital* encontrará frequentes homenagens á sua alta figura moral. Mas o cardeal Mercier, que é um prelado belga, e que defendendo as suas ovelhas defendeu os seus concidadãos, foi a Roma, depois de ter exposto a liberdade e a vida ás vindictas germanicas, e a verdade é que não encontrou no Vaticano aquelle apoio, aquella força que deveriam corresponder á sua indignação justissima e dolorosa. Elle continuou e continúa no seu protesto mas o que se vê é elle, o cardeal Mercier, guia e defensor dos fieis como os apostolos das primeiras eras do christianismo. Não se vê o Papa, não se vê a Curia Romana, que deveria inspirar-se dos mesmos sentimentos affrontando tudo, como o cardeal Mercier tem affrontado, para defender os direitos dos innocentes, dos fracos, dos opprimidos, dos que tem fome e sede de justiça.

Por seu lado, monsenhor Charost é um prelado francez. Elle lavrou o seu protesto contra a ordem relativa aos adolescentes e ás raparigas do norte da França perante a auctoridade allemã. O Vaticano ordenou um inquerito, e a quem encarregou d'esse inquerito? A um allemão, o cardeal Hartmann, e as conclusões a que chegou esse cardeal foram, como não era difficil de prevêr, de tal natureza que o Vaticano as não perfilhou.

Dir-se-ha que, mercê da sua hierarchia, os protestos do bispo de Lille, como os do cardeal Mercier, reflectiam o criterio da Egreja. Isso não dispensaria o protesto formal do Vaticano. Foi a falta d'esse protesto que nós assignalámos, e tanta razão tinhamos nas nossas observações, aqui exaradas no dia 18, que hontem, mas só hontem, o *Seculo* publicava um telegramma de Roma, em data de 22, annunciando que um orgão semi-officioso do Vaticano, *La Corresponденza*, affirmava que o Papa protestára energicamente contra o facto de os allemães terem arrancado do norte da França os rapazes e as raparigas para os forçar a trabalhos agricolas no estrangeiro.

Os protestos contra as violações de direitos, feitos pelos representantes d'um poder superior, não invalidam, no caso de não serem attendidos, os protestos, revestidos de maior força e solemnidade, que esse poder formúla. Contra o facto occorrido no norte da França protestou o representante da Hespanha na Allemanha, por ser o encarregado da defeza dos interesses francezes. Mas já foi reclamado pelos alliados o protesto do proprio governo hespanhol, e as ultimas noticias dizem que essa reclamação está sendo estudada pelo gabinete Romanones, pronunciando-se a imprensa de Madrid no sentido de que ella seja deferida.

A attitude dubia do Vaticano não se compadece com a reflorescencia heroica da fé. Ella é toda sentimento puro, razão indignada, consciencia fremente. E não é só entre os catholicos romanos que se manifesta. E' egual na Russia, onde a religião é do rito grego; na Inglaterra, onde o protestantismo existe. E' a fé que leva o homem, pela convicção nas noções fundamentaes do direito, a acreditar que ha uma justiça imminente que não pode deixar de julgar os despotas e os algozes e que essa justiça possue um poder que a tornará inevitavelmente triumphante. Amargamente reconhecerão os que n'essa fé se abraçam, e que catholicos se confessam, que na Egreja que devia ser o seu asylo e a sua egide não encontram o apoio que a magnanimidade divina lhes deveria inspirar.

Estamos n'este ponto de accordo com o *Tempo*? Não nos desperta por forma alguma essa companhia. Tambem o sr. Pinheiro Torres nos poderia considerar identificados n'este ponto com o *Figaro*, onde o insigne escriptor catholico, insuspeita auctoridade para esse articulista e o seu jornal, o sr. Julien de Narfon, inseriu a accusação do nuncio apostolico na Belgica, que reproduzimos, e segundo a qual elle chegara a banquetear-se com os oppressores do paiz para o qual fôra acreditado.

Os factos parecem mais altos do que os sophismas com que se procurarvarias acobertar a attitude d'uma Egreja que deixa a religião, na pessoa dos seus crentes, ser duramente affrontada, e que deixa a justiça ser espesinhada pelo ferro, mutilando a humanidade e ultrajando Deus sem se collocar desassombradamente ao lado dos martyres contra os seus algozes.

Succursal de um banco

BELLO HORIZONTE (MINAS GERAES) 24.—O Banco Hypothecario e Agricola do Estado de Minas Geraes estabeleceu uma succursal em São Sebastião do Paraizo.—(*Americana*).

Ver noticiario diverso na 3.ª pagina

LEIA-SE NA TERCEIRA PAGINA:

D. FILIPPA DE VILHENA E UMA FILHA por M. CARDOSO MARTHA

CAPELLÃES MILITARES

A' "Liberdade„

A *Liberdade*, em artigo do sr. Pinheiro Torres, analysando largamente o fundo publicado pela *Capital* com o titulo *A fé e a Egreja*, parece insinuar ser elle da inspiração, ou da auctoria litteraria, pelo menos, do nosso collega sr. Avelino de Almeida. Nem uma coisa nem outra. Os artigos de fundo da *Capital* não assignados exprimem a opinião e o sentir de quem dirige este diario, o que não quer dizer que não traduzam correntes de opinião.

O sr. Avelino de Almeida responde pelas affirmações que subscreve com o seu nome e não receia que lhe faltem bons argumentos para as sustentar.

Querem lanchar bem e cear melhor? Vão á Argentina. R. 1.º de Dezembro, 75

Uma torre girante em S. Paulo

SÃO PAULO, 24.—O architecto Victor Lucci podiu á municipalidade uma concessão para construir uma gigantesca torre girante com trez andares acima do solo e um subterraneo para restaurant. No primeiro andar serão construidas salas de theatro e cinematographo e no segundo andar, to do em crystal, haverá um salão de dansa e musica e installações para valetudinarios.—(*Americana*).

Os grandes rasgos de humanidade

Um gesto magnifico de Rockefeller

O sr. Rockefeller, o grande millionario americano, mandou entregar ás auctoridades do cantão de Friburgo a importancia de 380 mil francos para custear as despesas com a hospitalisação de quinhentas creanças belgas até o fim da guerra. Se a somma for insufficiente, cobrirá o deficit.

O sr. Grimm, em nome de Rockefeller, partiu para Varsovia, a fim de fazer o mesmo gesto em favor de quinhentas creanças polacas. Irá em seguida a Belgrado com identica proposta em beneficio de quinhentas creanças servias.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

Edições da "Renascença„

A «Renascença Portugueza», arrostando com malquerenças de toda a ordem, luctando contra o espesso rotineirismo do meio, pouco propenso a beneficiar as iniciativas intelligentes e ousadas, continúa a lançar no nosso mercado litterario as suas edições, na realisação d'um programma que não se inspira exclusivamente em intuitos mercantis, antes principalmente obedece aos mais nobres propositos de vulgarisação litteraria e de educação social.

Ainda ha pouco mandou para as livrarias a traducção do celebre livro do dr. P. Good, *Hygiene e moral*, em que se compendiam noções e conselhos do mais salutar alcance para a formação d'uma juventude forte de corpo e alma, preparando-a a triumphar de todas as tentações que deprimem as suas energias physicas e pervertem o seu caracter. Pode discordar-se, e ha quem discorde, de algumas proposições que o dr. Good sustenta, apoiando-se em principios derivados da observação e do estudo de alguns homens de sciencia. Mas, tirando-lhes o exagero proprio de todos os dogmatismos, dando-lhes o exacto *valor de relatividade* que ellas conteem, as doutrinas do dr. Good devem exercer uma funcção util na morigeração dos costumes, sob o duplo ponto de vista por que elle os encara, de higiene e de moral.

Um outro livro notavel, recentemente editado pela «Renascença» e para o qual desejamos chamar a attenção dos nossos leitores, é um coriosissimo album que os seus auctores designaram *Grandes de Portugal*. Folheando-o, vemos passar ante os nossos olhos as figuras que nas ultimas dezenas de annos imprimiram á arte e á litteratura portugueza todos os fulgores do seu genio, da sua belleza, da sua graça, da divina e cantante harmonia do seu espirito. Os desenhos de Antonio Carneiro, quasi todos admiraveis, d'um grande poder de expressão, são acompanhados por rubricas de Villa-Moura: meia duzia de linhas a retratar a feição intima dos *Grandes de Portugal*, o seu preciosismo galante ou a sua alma attribulada.

A Rapsodia do Sol-Nado seguida do *Ritual de Amor* é bem a obra de um poeta, sem que possamos dizer, no emtanto, que são impeccaveis todas as poesias que elle agrupou n'aquellas duas symbolicas designações. Affonso Duarte não é um principiante nas letras, a quem se possa dirigir, a titulo de incitamento, meia duzia de elogios banaes. Creou já hoje um nome com responsabilidades dentro da sua geração. N'este seu livro sente-se, por vezes, que o poeta se repete, vestindo a mesma ideia de imagens semelhante, desmaiada pouco a pouco a inspiração que poderia produzir meia duzia de telas bem coloridas.

Para fechar esta rapida resenha, mencionaremos uma outra edição da «Renascença»: *Duas conferencias*, do Oldemiro Cesar, nosso camarada na imprensa. Intitula-se uma «O theatro e o actor», proferida no Gymnasio em 25 de fevereiro de 1916; a outra «A guerra anecdotica», realisada no Polytheama em 12 de março do mesmo anno. N'ellas demonstra o seu auctor *mais uma vez* as brilhantes qualidades litterarias que o distinguem.

Hygiene de campanha no seculo XVIII

A's prescripções minuciosas que estabeleceu, na hora actual, armado de todas as acquisições da sciencia moderna, o serviço de saude, e relativos á hygiene do soldado em campanha, é curioso comparar os conselhos que dava, em 1712, aos chefes do exercito, um medico militar suisso, Jean de Muralt e de que a *Neue Zürcher Zeitung* nos relata um instructivo resumo. Verifica-se, com effeito, que se ha notaveis semelhanças entre as armas de outr'ora e as de hoje, muita noção que consideramos como actual era egualmente conhecida já dos homens do seculo XVIII. O homem é sempre o mesmo e os remedios preventivos dos seus soffrimentos pouco mudaram.

Passemos rapidamente sobre os conselhos geraes, a escolha dos locaes de acampamento, que não devem ser pantanosos nem doentios, nem onde se respirem vapores mephiticos ou onde a agua seja impura e perigosa. São tantas as qualidades que Jean de Muralt exige quanto aos logares proprios para acampamento que seria difficil encontral-as reunidas. Mais pratico é pelo que respeita á hygiene do vestuario, recommendando os capotes quentes, as meias secas, etc. O soldado que sentir muito calor não deve beber agua fria; se o fizer não deve parar, mas fazer um exercicio salutar.

Uma das coisas mais interessantes consiste na recommendação de fornecer sempre abundantemente tabaco á tropa: o «nobre» tabaco. Possue este todas as virtudes: expulsa o veneno do sangue e restitue-lhe a placidez que o *frio lhe fizera perder*. Mas sobretudo é um admiravel preservativo contra as doenças contagiosas e nomeadamente contra a peste. Os exemplos que o auctor fornece d'isso são curiosissimos.

Ensina-nos que em Amsterdam, alguns annos antes, reinou uma peste maligna durante a qual nenhum negociante de tabaco foi atacado; fortes fumadores, já doentes, restabeleceram-se rapidamente. Não foi tambem outr'ora que se descobriu que a meningite cerebro-espinal poupava em consideraveis proporções os apaixonados do cachimbo e do cigarro?

Os banhos-duches tambem não são uma novidade para os soldados em campanha. Jean de Muralt recommenda vivamente esses processos hygienicos, que limpam os póros da pelle e os desembaraçam das impurezas que tantos males diversos causam. Taz-nos ver o homem ao sahir do banho vivo, leve, agil, como se renascesse para a vida. Consagra depois uma attenção especial *ao fogo* para seccar o soldado transido, ao aceio da roupa, e finalmente fala em abundancia de tendas e abrigos. Reprova o costume de dormir sob varias sobre a mesma cobertura e aconselha cada soldado a construir o seu abrigo. Faz vêr todas as vantagens d'uma cabana secca e bem feita e como ella preserva do vento, do frio, etc.

A GRANDE GUERRA

Como o Canadá coadjuva os alliados

O que diz sir Samuel Hughes

Está em Paris o general sir Sam Hughes ministro da milicia e da defeza no Canadá, como se disséssemos ministro da guerra e das munições porque o é de ambas as pastas.

O general Hughes nasceu no Antario, provincia meridional do Canadá, de pae irlandez e de mãe franco-escoceza. E' neto do general francez Saint-Pierre, que combateu em Waterloo, nas fileiras do exercito francez. E' de apparencia mais franceza do que ingleza.

Quando se romperam as hostilidades, sir Sam Hughes conseguiu recrutar em trez semanas 30.000 homens. Ao cabo de seis semanas, esses 30.000 homens achavam-se promptos para seguir a caminho de Inglaterra. Desde então não deixou de ser a alma da propaganda activa que fez surgir do solo canadiano o heroico exercito que se cobriu de gloria em Ypres e em La Bassée. E' prohibido citar as cifras dos effectivos canadianos, mas é licito dizer que só em Inglaterra se encontram agora com mil homens do Canadá promptos a transpor a Mancha.

Contando sessenta annos, o general Hughes conserva uma surprehendente juventude. E', de resto, um dos maiores athletas do Canadá e foi na sua mocidade campeão de boxe e de corrida. Seu filho unico é o mais novo general de brigada do exercito britannico e encontra-se n'este momento na frente de batalha.

Interrogado por um jornalista de Paris, sir Samuel Hughes começou por falar da frente britannica do Somme, que acabava de visitar e d'onde trouxe excellentes impressões. A artilharia allemã continúa ser violenta, mas a infantaria mostra-se desanimada.

Como lhe perguntassem o que o publico canadiano pensava do exercito francez e da defeza de Verdun, sir Samuel Hughes respondeu:

«No Canadá reputamos esplendida essa defeza. No principio da offensiva allemã, sobretudo nos ultimos dias, tão criticos e fervorosos, foi grande a nossa inquietação. Affirmei entre comparticipamento á minha confiança inabalavel e posso declarar que as minhas affirmações produziram grande effeito na opinião canadiana. E' que, por trez vezes antes da guerra, e nomeadamente em 1912 e 1913, visitei Verdun e a vista das tropas francezas inspirou-me uma confiança absoluta.

«De resto, no Canadá conhecem-se os serviços prestados pela França á causa dos alliados com a esplendida defeza de Verdun. Posso dizer-lhe que os canadianos partiram em defeza do imperio, mas é certo que elles tambem não queriam que a França fosse aniquilada, visto que a republica franceza representa, a seus olhos, o proprio espirito da liberdade. D'est'arte as tentativas de propanda em contrario tiveram pouco exito. Os canadianos de origem germanica mostraram-se muito leaes. Detestam o kaiser e alistaram-se em grande numero. Combatem na nossa frente.»

Como o interrogassem sobre a contribuição do Canadá quanto ao fabrico de munições, sir Samuel Hughes respondeu:

«A nossa contribuição é muito importante. Começamos em fins de agosto de 1914. Não tendo arsenaes, foram os nossos industriaes que metteram mãos á obra. Fornecemos já vinte milhões de granadas de todos os calibres e a nossa producção tende a augmentar.»

E ácerca do fim da guerra:

«A guerra não deve terminar por um compromisso. E' a opinião de todos os canadianos. Mas quanto a fixar uma data para a ruptura da frente, prefiro tomar parte n'esta a profetisar...»

Uma estatistica interessante

O *Boletim dos exercitos da Republica*, redigido pelos soldados e distribuido gratuitamente na frente franceza, no seu numero commemorativo do segundo anniversario da guerra insere estatistica original que em seguida uma publicamos. Como se sabe, o *Boletim dos exercitos* tem a collaboração dos maiores litteratos francezes e já publicou varios artigos do presidente da Republica.

O que consome um soldado

Cada soldado deve ter comido desde o principio da guerra 504 kilos de pão para fazer o qual foram precisos 497 kilos de trigo. Para produzir este trigo foi preciso uma extensão de terra de 20 a 25 ares.

O soldado comeu com o seu pão 330 kilos de carne, o que equivale a um boi de França, pezando vivo 440 kilos, ou a meio boi congelado, vindo de alem-mar.

Consumiu mais:

22 kilos de toucinho ou banha, 130 de batatas, 36 de legumes seccos, 7 de massas, 2 de queijo, 18 de sal, 43 de assucar, 29 de café torrado.

Fumou 11 kilos de tabaco, ou seja 110 maços de 100 grammas.

Finalmente, bebeu 360 litros de vinho.

O que vestiu

Em dois annos, o soldado inutilisou 3 ou 4 capotes, 4 pares de calças, 4 pares de calçado.

Desde o inicio das hostilidades até 1 de maio de 1916, empregaram-se mais de 75 milhões de panno com 140 de largo, ou seja duas vezes a volta da terra.

Admittindo que o panno custou de 8 a 10 francos o metro, este forneci-mento representa perto de 700 milhões de francos.

Para o fabrico dos capotes e calças necessario a um effectivo de 100.000 homens é precisa a lã de 75.000 carneiros.

Cumpre notar que, graças aos esforços da intendencia, todo o panno militar é agora fabricado em França; assim como o calçado cuja materia prima se importa da America.

O custo do armamento

O armamento que o soldado de infantaria transporta, incluindo munições, representa um valor que se pode calcular em cerca de 200 francos.

Uma metralhadora vale dez ou quinze vezes mais, sem contar as munições necessarias á sua alimentação. Ora a metralhadora pode consumir em menos de cinco minutos o que o infante, em media, consome durante um anno de guerra.

Cada kilo de metal para um canhão moderno custa 20 francos, de sorte que um canhão pezado representa uns cincoenta mil francos; um canhão de campanha 20.000 a 30.000 francos, e um material de artilharia de grande potencia 150.000, 200.000 francos e mesmo mais.

O que custa o soldado

O sustento d'um combatente custa mais de 2 francos por dia, não comprehendendo o premio de alimentação de 0 fr. 242 que se destina á melhoria dos ranchos ordinarios.

O vestuario e equipamento custa por dia 2 fr. na frente e 0 fr. 40 na retaguarda. O capote custa 30 francos, a calça 12 fr., o par de calçado 21 francos.

A correspondencia do soldado

A repartição central militar recebe diariamente 4 milhões de cartas e 300.000 pacotes que deve fazer distribuir pelos differentes sectores. Para a zona dos exercitos são egualmente enviadas todos os dias 60.000 encommendas postaes.

A producção das fabricas

As fabricas de guerra produzem actualmente 135 vezes mais metralhadoras que em agosto de 1914; 300 vezes mais espingardas e 27 vezes mais canhões de 75; 6 vezes mais polvora e 28 vezes mais granadas.

O que consome um cavallo

Um cavallo da frente de batalha consome 4.000 kilos de aveia ou milho, ou seja 57 saccos de 70 kilos e 1825 kilos de feno.

Na frente occidental: a lucta em terra e no ar

PARIS, 24.—Communicação official das 15 horas:—Ao sul do Somme quando começava a anoitecer os allemães depois de vivissimo bombardeamento sobre o bosque de Soyecourt fizeram uma tentativa de ataque á granada que foi immediatamente dominada pelos nossos fogos. Um pouco mais tarde a sueste do mesmo bosque um ataque que sahisse das trincheiras uma força de ataque allemã que foi apanhada pelos nossos fogos de flanco. Em Champagne foram facilmente repellidas varias manobras allemãs sobre os nossos pequenos postos na região de Tahure. Na margem direita do Meuse os allemães bombardearam violentamente as posições conquistadas hontem pelos francezes entre Fleury e o entrincheiramento de Thiaumont. O numero de prisioneiros feitos pelos francezes nos ultimos ataques passa de 250, entre elles tres officiaes. Na região de Chenois foi vivissima a lucta de artilharia. Em todos os outros pontos da linha a noite decorreu calma.

Aviação:—Um aviador francez atacado no dia 22 por trez adversarios conseguiu desembaraçar-se d'elles e abater um proximo de Athis (região de Ham). Hontem foi abatido um albatroz para os lados de Epoye (nordeste de Reims), havendo outros que afocinharam bruscamente depois de combates, sendo um em Champagne e outro nos Vosges.—(*Havas*).

O algodão do Brasil

RECIFE (PERNAMBUCO) 24.—O dr. Manuel Borba, presidente do Estado visitou as zonas de cultura do algodão do Altinho para estudar as vantagens do caminho de ferro, que se projecta construir para serviço da dita zona.—(*Americana*).

HORISONTES NOVOS

A navegação para o Oriente

constitue a solução de alguns dos nossos mais importantes problemas economicos, diz-nos o sr. Velhinho Correia

Nos Paços Perdidos, depois das trez da tarde. Phisionomias habituaes. Calor. Grupos onde se conversa, onde se discute, onde se ri. Sentados, aqui e além, pretendentes eternos. Lá dentro, na sala, o sr. Celorico Gil verbera asperamente o governo, e pela porta entreaberta distingue-se-lhe o vulto no alto do amphitheatro, passeando e falando, falando, falando sempre...

—Estará para muito tempo?—ouvimos segredar junto de nós.

—Hm... Ahi, meia hora segura!—respondem.

Ouve-se um suspiro abafado, como replica. De repente, alguem toca-nos delicadamente no hombro. E' um velho amigo, o sr. Velhinho Correia, deputado por Macau, que ha pouco regressou de uma prolongada permanencia no Extremo Oriente, e percorreu em estações mais ou menos prolongadas, todas as nossas possessões do ultramar. Não nos viamos ha annos. E logo ali, procurando um recanto mais tranquillo, isolados do meio do bulicio e do vae-vem da politica, nos dispuzemos a ouvir as suas impressões recentes, o seu juizo critico sobre os problemas coloniaes mais palpitantes, a nota viva e flagrante da sua observação pessoal.

A certa altura, o nosso illustre interlocutor viu-nos tirar do bolso o «block-notes» do reporter e rabiscar á pressa alguns apontamentos.

—Estou então a ser entrevistado?—interrogou, n'um sorriso.

Confessamos que o intuito de jornalista exerce sobre nós permanente dominio. E não resistiamos á tentação de reproduzir, em uma despretenciosa «interview», as lucidas opiniões do novo deputado.

Fallava-se da navegação para o Oriente, que, no entender do sr. Velhinho Correia não tem menos importancia, para a economia nacional que a fallada e desejada carreira do Brazil.

—Não tenha duvidas a esse respeito, accentua o estudioso deputado. Eu documentei-me largamente sobre o assumpto. Veja...

E exhibe-nos avultado recheio da sua pasta, uma infinidade de papeis relatorios, numeros, estatisticas, memorias, tudo alinhado com o espirito de ordem de quem prepara serenamente uma obra e se dispõe a exgotar uma questão. Logo, proseguindo:

—A navegação para o Oriente, além de manter um contacto directo com as nossas colonias mais longinquas, realisando este ambicionado sonho de estreitarmos com as possessões portuguezas da Asia relações maritimas sob a bandeira portugueza, tem a inestimavel virtude de solucionar, em muitos casos, os problemas economicos que pesam sobre nós.

—Mas parece que o governo se occupou já um dia do estabelecimento das taes carreiras...

—Com effeito. Em 1914, o governo pôz a concurso a navegação para o Oriente e para o Brazil. Apesar do promettido subsidio, porém, os nossos armadores recusaram-se a enviadar os seus esforços n'esse sentido.

—Não havia navios...

—Não havia. Mas temol-os hoje. As carreiras fazem-se por via do Sul da Africa emquanto durasse a guerra e normalmente pelo canal de Suez, logo que fosse terminado. As vantagens seriam enormes. Damais a mais, fazendo parte do bloco economico dos alliados que tende a impedir a expansão futura do commercio germanico, temos o dever de estudar cuidadosamente o assumpto, procurando novos horisontes para a nossa actividade de trafico, novos fornecedores, novas fontes de producção nas mais favoraveis condições que for possivel. Os exemplos abundam. Antes da guerra importavamos da Allemanha centenas de contos em arroz. O mais curioso porém é que esse producto não era allemão, era, na sua quasi totalidade, importado da Indo-China para Bremen, onde se limitavam a polil-o. Porque não havemos de o importar directamente? E como elle, muitos outros casos: as lãs da Australia poderiamos obtel-as no grande mercado de Singapura; as pelles, os coiros, os cereaes, produtos a China em abundancia; o assucar, temos quanto quizermos nas Indias neerlandezas, e assim passa...

—Não ha duvida. Mas—objectamos—ha ainda em todo o caso muitos productos que o Extremo Oriente nos não poderia fornecer, e que a Allemanha nos vendia em optimas condições: productos chimicos e pharmaceuticos, drogas de tinturaria, bijouterias, etc.

—Puro engano, replica o sr. Velhinho Correia. Sob o ponto de vista industrial, o Japão pode sem favor considerar-se a Allemanha do Oriente. Todas essas coisas se produzem ali em condições extremamente vantajosas. Precisamente em productos chimicos e pharmaceuticos, o Japão pode rivalisar hoje com os paizes mais intensamente industriaes do mundo. A propria Allemanha recorria a elle, o que não só nesse ramo como até em muitos outros. Quer um exemplo, ao acaso? Imagine que as redes de pesca que os nossos industriaes adquiriam na Allemanha eram de proveniencia japoneza ... e ninguem o suspeitava!

«Mas vejo que o assumpto o interessa, e não ha forma de o esquivar em meia duzia de ideias geraes. Se quizer, voltaremos a fallar d'elle com a precisão que merece e com o apoio dos numeros, que constituem sempre os mais irresponsaveis dos argumentos. Por hoje, pelo-lhe apenas que registe a affirmação peremptoria que lhe acabo de fazer: Tudo quanto da Allemanha importavamos nos pode ser fornecido, talvez em melhores condições, pelo Oriente, e a navegação portugueza para lá é uma necessidade, e, do nosso, saria é urgente, como até incontestavelmente remuneradora.»

TERRAS DE PORTUGAL

A colmatagem de Claros-Montes

Não foi nunca visitada pela agronomia official.—A da aldeia de Rebocho não pode ser apontada como modelo

Sou absolutamente avesso a discussões. Nunca tive a pretensão impertinente de fazer mudar os outros de opinião, como não me submetti jámais do bom grado ás opiniões alheias. D'ahi, a relutancia que me inspiram certas birras com que no meu caminho de «reporter», topo de vez em quando. Ellas só me servem para me levar tempo e para me moer a paciencia. Entretanto, casos ha em que não tenho remedio senão acudir á chamada, quanto mais não seja para restabelecer a verdade, que se pretenda escurecer para a tornar menos aspera e menos crúa. Disse eu, n'uma das minhas cartas sobre a colmatagem do Claros Montes, que a agronomia official e que os alumnos do Instituto de Agronomia jámais ali tinham posto os pés E disse-o com magua, fazendo a proposito certas considerações que não eram mais do que o extracto seco de tudo o que pelo Alemtejo se diz da burocracia agronomica, a qual, segundo affirma toda a gente, não fez até agora coisa que mereça grandes louvores, visto não abandonar senão de raro em raro o remanso das secretarias para, no campo, dar aos lavradores e aos agricultores as lições praticas de que elles precisam para o bom aproveitamento das suas terras.

Pois em resposta ás minhas asserções, veio o sr. Raul Paiva e diz-me a mim, que o accusava e a todos os seus collegas, do não terem estado nunca em Claros Montes, que já tinha estado com o seu curso, o anno passado, na colmatagem da Aldeia de Rebocho, como se as duas grandes herdades fossem uma só, que se designasse indifferentemente por um nome ou por outro. O sr. Silva Rosa, por sua vez, reforçou as informações que me prestou aquelle seu antigo discipulo, para me illucidar, e disse-me, n'uma prosa que denota da parte do seu auctor as mais notaveis qualidades de estilista, que a visita se fizera n'um dia quentissimo, que a *Colmatagem* para se tirarem umas duvidas referentes ao seu tamanho e não por mera curiosidade profissional ou scientifica, fôra percorrida em toda a sua extensão, que nos olhares dos discipulos lêra recriminações doridas por os ter obrigado áquelle passeio sob uma soalheira de torrar e que, ao contrario do que muitos julgam o ensino agronomico é já hoje qualquer coisa de muito pratico, que convém tornar conhecido.

O que os srs. Raul Paiva e Silva Rosa não disseram, porém, foi que tinham ido a Claros Montes algum dia. Não o disseram nem o poderiam dizer, simplesmente porque nunca ali poz os pés nem um representante da agronomia official, d'essa agronomia que os alaparda pelas circumscripções, pelas delegações e por outros egrejinhas de egual utilidade, nem um professor ou alumno do Instituto agronomico, de maneira que a minha affirmativa ficou inteiramente de pé.

Dir-se-ha que a agronomia que o Estado paga ficou absolvida só por ter ido á Colmatagem de Rebocho. Parece. Mas não ficou, nem coisa que se aproxime. E já que assim é preciso, vou dizer porquê. A colmatagem de Claros Montes é a unica grande colmatagem modelar existente no Alemtejo. Ali tudo se faz a tempo e horas e pelos processos classicos devi-

mente modernisados e adaptados ao terreno que se pretende aproveitar. Eis porque a immensa seara de milho cresce, no fundo do vale onde ha cincoenta annos estão a accumular-se preciosos nateiros e admiraveis terrenos de aluvião, com um vigor só comparavel aos dos milharaes de regadio, que revestem, por este tempo os campos de Leiria e os terrenos das margens do Mondego. N'esse vale immenso não se vê um pé de milho adormecido. Não se descobre nem um só que não nos dê a impressão de que a seiva lhe vem da terra aos borbotões, para o fazer explodir em espigas magnificas. Com o feijão acontece outro tanto. Com o meloal, o facto repete-se, a demonstrar que se o terreno é optimo, o homem que o semeia que o aproveita, que o explora e que o desfructa, é um lavrador competentissimo, que trata d'aquella sua propriedade como um jardineiro culto trata do seu jardim, sem deixar de cuidar desveladamente de tirar da sua colmatagem todo o proveito que ella pode dar-lhe.

E na aldeia de Rebochos acontecerá outro tanto? Não acontece. Não é inferior em area á de Claros Montes essa ribeira, semeada de milho. Estive lá, á hora do meio dia antigo, com um sol de rachar.

E se o sr. Silva Rosa e os seus alumnos a percorreram uma vez, eu percorri-a duas, desde cá de cima, do valado coberto de salgueiros que a delimita, até lá abaixo, á Albufeira insufficiente que a fecha, e vice-versa. O milho que por ella crescia era rachitico e estava, na sua maior parte, *á sésta*. As raizes não encontravam a humidade necessaria para a planta se desenvolver. Por não a haver n'aquella terra excellente? Engano. Simplesmente por as sementeiras terem sido feitas demasiado tarde e os calores fortes terem surgido antes das plantas haverem lançado bem fundo as suas raizes. Quer dizer: emquanto a colmatagem de Claros Montes n'um deslumbramento de verdura e de frescura, mettida entre montes resequidos, a da Aldeia de Rebochos é apenas qualquer coisa como uma tentativa pouco feliz, que começasse n'este momento a produzir os primeiros fructos. E todavia, as suas colmatagens teem edade pouco mais ou menos egual. O que não teem a fazel-as produzir são os mesmos disvelados cuidados. N'uma, tudo se faz quando devo fazer-se. Na outra aguardam-se circumstancias favoraveis, que podem apparecer tarde, como este anno, e sacrificam-se os resultados d'uma boa cultura e de um excellente amanho a considerações economicas de effeitos contraproducentes.

Digo isto sem nenhuma especie de censura para o proprietario de Aldeia de Rebochos. Mas tenho de o dizer para demonstrar que essa colmatagem não pode ser apontada como modelo de culturas intermedias, dado o seu fraco e incompleto aproveitamento. Aldeia de Rebochos está para Claros Montes como a Sé d'Evora para o convento da Batalha. De maneira que, apesar da torreira que o sr. Silva Rosa e os seus alumnos apanharam para se informarem, *de visú*, do valor das colmatagens, continuo a lamentar que os agronomos, os alumnos e os professores de agronomia não tenham ido nunca a Claros Montes observar de perto um dos maiores prodigios agricolas que se tem effectuado em Portugal. Alli, sim, é que ha que aprender.

Ali é que se verifica com enthusiasmo o que podia ser o Alemtejo no dia em que n'elle se construissem todos os colmatagens, que elle comporta. D'esse soberbo campo de milho é que os alumnos do sr. Silva Rosa e os agronomos que presentemente pouco mais fazem do que redigir officios, fixariam exemplos dignos de serem seguidos e colheriam indicações que os habilitariam a fazer a cruzada dos colmatagens, seguros de que, contribuindo para ellas se multiplicarem, bem mereceriam do seu Paiz. Claros-Montes, porém, fica mais longe que a Aldeia de Rebochos. Para se chegar a esse verdadeiro e deslumbardor oasis encravado na secura dos restolhos, na tristeza pungente dos montados e na aridez afflictiva da terras núas, é preciso aguentar muito mais sol do que para percorrer, de baixo acima, a colmatagem de Rebochos, a dois passos da linha ferrea e da estrada nova...

Mas já que o sr. Silva Rosa e aquelle seu alumno que foi o primeiro a sacudir a agua do capote se mostram tão interessados pelas culturas intermedias, que se revistam de toda a coragem que é precisa para se atravessar o Alemtejo em julho, e que vão, com os seus discipulos e com os seus collegas, até Claros-Montes. Perante o campo de verdura retinta que se lhes desenrolará deante dos olhos, toda a sua admiração ha de vibrar, e por mais calor que apanhem, hão dal-o por bem empregado. E' que, na terra Alemtejana, maravilhas como essa são, pelo menos, tão raras como os cravos brancos. Ora é para que ellas sejam numerosissimas que eu quereria que todos os agronomos do meu Paiz e que todos aquelles que andam para o ser, passassem por essa verdadeira cathedral de verdura, que o genio do homem creou, para arrancar d'um vale onde só havia pedra e areia, qualquer coisa parecida com cem moios de milho...

ADELINO MENDES

Temos recebido varias perguntas sobre quem é Rosine.

Dentro de pouco tempo lhes responderemos, mas para adiantar vamos dizendo que é uma boa artista, mas boa artista, sem favor; tudo quanto faz, só ou com o seu Carlitos, é agradavel de ver.

A'manhã, em recita dedicada á sociedade elegante uma estreia.

Uma creada infiel

A requisição da policia de Lisboa foi presa em Tondella, d'onde é natural, e veio para Lisboa, dando entrada no governo civil, uma mulher de nome Amelia da Costa que, tendo estado a servir em casa da sr.ª Domingas Maria, moradora na rua de S. João da Matta, 92, furtou á sua patrôa um cordão de ouro no valor de 190$00.

A' creada gatuna foi apprehendido o cordão, assim como a quantia de 26$00, um par de brincos e uma barra de ouro com o peso de 300 grammas.

A audacia d'um gatuno

Quando hoje, ás 2 horas da tarde, no largo das Duas Egrejas, passava o menor João Quaresma, marçano da mercearia da rua da Industria, 19 e 21, acercou-se d'elle um individuo que lhe arrancou a corrente e o relogio, de ouro.

O rapaz gritou e o gatuno foi preso, sendo-lhe encontrado um cartão d'identidade das obras da camara municipal de Lisboa com o nome de Alfredo da Costa Silva.

PEQUENAS NOTICIAS

O sr. Luiz Alberto de Pinho, residente na rua Conselheiro Pereira Carrilho, J. B., 1.º, queixou-se á policia de que lhe furtaram um alfinete de ouro com brilhantes, no valor de 120$00.

—A repartição da fiscalisação das industrias vae mandar autoar e multar os estabelecimentos de chacinaria de Aldegallega que não tenham o respectivo alvará de licença, como determina a lei de 21 de outubro de 1863.

—Foi hoje presa pela judiciaria a celebre gatuna Maria Augusta, amante do gatuno «José Rato», que se encontra preso no Limoeiro, pelo roubo feito nos navios surtos no Tejo.

—O recaptador José Rodrigues de Oliveira, o «Escurinho», que está preso como implicado nas burlas de que são arguidos os agentes da judiciaria Anibal Bernardo Pires e Antonio Ambrosio Santos Oliveira, foi hoje pronunciado no 2.º juizo de investigação criminal.

Os agentes estiveram esta tarde no governo civil onde, segundo consta, entregaram a sua defeza, por escripto, ao commando da policia.

—Por occasião das festas da Atalaya, a Parceria dos Vapores Lisbonenses faz carreiras nos dias 26, 27 e 28 do corrente, partindo os vapores de Lisboa ás 11 e ás 17 e 50 horas e de Aldegallega ás 8,30 e 16.

Para o estrangeiro

Partiu hontem para Londres, Paris e Suissa o sr. Guilherme Duarte Rodrigues, socio technico da «Empreza Electrica Eletrozia».

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — 916 — (Revista).

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

SABBADO. — *Apolo.* — 100.ª representação da revista *1916.* — Recita do auctor.

Paço d'Arcos — Grande Casino da Praia

Brevemente abertura d'este bem situado Casino com todas as commodidades hygienicas. A empreza está contractando varios dos melhores numeros de variedades da actualidade, devendo a estreia, que ve effectuar-se no proximo sabbado, ser de molde a deixar satisfeita a selecta assistencia para a qual se está distribuindo convites. Abrilhanta o espectaculo um magnifico sextetto seguindo-se-lhe baile que deve decorrer animadissimo.

Associação Commercial do Porto

O movimento da praça do Porto em 1914

Constituindo um grosso volume, em que minuciosamente se dá conta do movimento d'essa importante collectividade, acaba de ser distribuido o relatorio da direcção da Associação Commercial do Porto, no anno de 1915.

Dos diversos dados, fornecidos por esse curioso e elucidativo documento, transcrevemos parte do capitulo em que elle se refere ao commercio internacional, relativos a 1914.

Analysando as sommas totaes dos valores apurados nos quatro periodos triennaes do decennio de 1905 a 1914, diz o relatorio:

Dos valores totaes da importação e exportação de mercadorias deveremos deduzir as importancias do *oiro e da prata e em moeda*, que não se podem considerar propriamente como fazendo parte do movimento commercial, e liquidaremos assim para a importação, as quantias de 69:333 contos no movimento geral do paiz no anno de 1914, e 26:686 para o movimento parcial da praça do Porto.

A exportação representa-se respectivamente por 27:146 e 9:278 contos.

A importação geral, que no relatorio anterior deixaramos registada em 88:977 contos com relação ao anno de 1913, soffreu portanto a diminuição de 19:644 contos em 1914, e a da praça do Porto, que se fixará em 32:957 contos, teve tambem a diminuição de 6:271 contos.

Quanto á exportação, houve no mesmo periodo a diminuição de 8:139 contos no movimento geral e 2:035 contos no movimento parcial.

Em 1914, a participação da praça do Porto no commercio geral representou-se pelas percentagens de 38 0|0 na importação, e 34 0|0 na exportação.

Considerando os pontos extremos do decennio abrangido pelo quadro que acima fica, vêmos que a importação geral do paiz, que em 1915 se fixou no valor de 60:678 contos, teve desde então até 1914 o augmento de 8:655 contos; e, bem assim, que a importação parcial pela praça do Porto subiu de 22:103 para 26:686 contos, com o augmento, portante, de 4:583 contos.

Do mesmo modo, houve na exportação, no mesmo periodo, uma baixa de 1:823 contos, movimento geral, e de 554 contos, movimento parcial da nossa praça.

O movimento dos portos do Douro e de Leixões foi, respectivamente, de 685 e 633 embarcações com 874.542 e 1.772.606 toneladas.

O furto d'um collar de perolas

Mysterio em volta d'um nome

O director da policia de investigação esteve uma grande parte do dia de hoje occupado no caso do furto de um collar de perolas no valor de 2.000$00 á sr.ª condessa de Cuba.

O gatuo, cujo nome a policia entende dever reservar, está preso no Porto, tendo-lhe sido apprehendidas algumas das perolas.

A'cêrca do assumpto conferenciaram hoje com o referido magistrado o chefe da judiciaria do Porto, sr. Manuel de Carvalho, e um joalheiro da rua do Ouro.

Diz-se que o gatuno é muito conhecido em Lisboa, onde gosava de bom nome.

As divergencias entre politicos

Estes dois dias de reunião do Congresso vieram demonstrar mais uma vez, lamentavelmente, que não ha meio de os politicos da nossa terra se entenderem. Todas as questões são postas entre nós n'um pé de irreductibilidade que torna impossivel qualquer transigencia digna entre as facções que sustentam opiniões oppostas, mesmo quando, como n'este momento, se jogam os destinos da Patria Portugueza.

E', de facto, lamentavel, que assim seja, porque isso só póde contribuir para uma perigosa depressão do espirito publico, sufficientemente cançado já das luctas partidarias. Onde não ha divergencias é entre as pessoas que compram o seu calçado no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290 a 290 B, porque todos proclamam que em parte alguma se vende tão barato.

ULTIMAS NOTICIAS

TRIBUNAES MILITARES

O julgamento de hoje

Os insubordinados da Trafaria, alguns dos quaes são réus d'outros crimes

No 1.º tribunal territorial de guerra em Santa Clara começou hoje a ser debatida uma causa como ha muitos annos não apparece tendo em vista a qualidade dos reus e dos crimes de que muitos d'elles são accusados.

A audiencia estava marcada para o meio dia mas devido a não poderem comparecer os vogaes do jury srs. Tenentes Llorente e Pires Monteiro, só duas horas e meia depois poude abrir. Presidiu o coronel sr. Jesué d'Oliveira Duque, sendo juiz auditor o sr. dr. Costa Gonçalves; promotor de justiça o sr. capitão Xavier Adrião, defensor o sr. tenente coronel Alvaro Camara e secretario o sr. tenente Olympio de Mello. O jury é composto pelos tenentes srs. José Henriques Nogueira, Espirito Santo, Costa Monteiro, José Salvação Barreto e alferes Coutinho Gouveia e Raul Crespo.

Aberta a audiencia, os reus dão entrada na sala e sentam-se em dois compridos bancos. Uma força de infantaria 5, sob o commando de um subalterno, faz a policia do tribunal, sendo dadas ás praças as mais rigorosas ordens. São postadas sentinellas por todos os lados. A sala está repleta.

O secretario sr. Olympio de Mello faz a chamada das testemunhas, verificando-se faltarem muitas, principalmente soldados reclusos.

Os reus são:

José Pires, soldado n.º 261 da 6.ª companhia do regimento de infantaria 1; Francisco Pissárra, corneteiro n.º 12 do Presidio Militar; Joaquim Nunes, clarim n.º 2:219 do Deposito de Deportados; Izidoro da Cruz, soldado n.º 463 do 1.º esquadrão de cavallaria 4; Francisco Pereira, corneteiro n.º 35 da 9.ª companhia de infantaria 5; Boaventura Ferreira Peixe, idem n.º 37 de infantaria 16; Francisco Elias, soldado n.º 44 da 8.ª companhia de infantaria 17; Joaquim Romão, idem n.º 409 da 1.ª companhia do batalhão de telegraphistas de Campanha; Edmundo Subidet, idem n.º 384 do 1.º esquadrão de cavallaria 2; Angelo Justino Scheidecher, idem n.º 225 da 8.ª companhia de infantaria 1; Joaquim Baptista, idem n.º 301 da 5.ª companhia de infantaria 4; Carlos Augusto Carneiro, idem n.º 1:081 da 2.ª divisão do Deposito de Praças do Ultramar; João de Jesus, corneteiro n.º 292 da 5.ª companhia de infantaria.

Pedro Pereira da Silva, soldado n.º 70 da 3.ª secção do Deposito de Deportados; Antonio Rodrigues Faria Junior, idem n.º 99 da 9.ª companhia de infantaria 5; Benjamim Ferreira, aprendiz do clarim n.º 256 do 3.º esquadrão de cavallaria 3; Antonio Mario Ferreira, soldado n.º 340 do 1.º batalhão de Telegraphistas de campanha; Rodrigo Vieira, idem do regimento de infantaria 32; Evaristo Augusto Cordeiro, 1.º cabo n.º 581 da 2.ª divisão do Deposito de Praças do Ultramar; Polycarpo Lopes, soldado n.º 262 da 1.ª companhia de Equipagens do 1.º grupo de companhia de Administração Militar; João Baptista, idem n.º 71 da 1.ª companhia do batalhão n.º 3 da Guarda Nacional Republicana; Manuel Joaquim Moreira, soldado n.º 96 do 1.º esquadrão da Escola de Equitação; Alexandre Cardoso, soldado n.º 179 da 1.ª companhia do 1.º grupo da Companhia de Saude e Julio Costa, soldado n.º 229 da 10.ª companhia de infantaria 5.

O tenente Mello passa a fazer a leitura do volumoso processo, vendo-se pelo libello accusatorio que os 25 reus são accusados do crime de insubordinação no mez de fevereiro de 1915 quando se encontravam no presidio da Trafaria. Alguns dos reus são ainda accusados de outros crimes e entre esses os seguintes: Angelo Scheidecker, extravio, previsto e punido pelo n.º 2 do artigo 143 do C. J. M.; Joaquim Baptista, infracções dos seus deveres 1.º 5.º e 24.º do art. 4.º do R. D. E. e do crime previsto no art. 71, n.º 1 do C. J. M.; Pedro Pereira da Silva 3 crimes artigo 115 n.º 421, n.º 1, 359 do C. J. M.; Manuel dos Santos, infracção dos deveres n.º 22, artigo 4 do R. D. E. e do crime n.º 2 do artigo 152 do C. J. M.; Antonio Maria Ferreira, infracção dos deveres 2, artigo 4.º do R. D. E., e dos crimes artigo 271 n.º 1 do C. J. M.; e 421 n.º 8 do C. P.; Evaristo Augusto Cordeiro, crime 233 do C. P.; Polycarpo Lopes, crimes paragrapho unico artigo 141; n.º 1 artigo 176; n.º 7 artigo 171; n.º 1 artigo 71 e n.º 37 do C. J. M.

Severo Monteiro Antunes, crimes artigo 273 do C. P. artigo 428 n.º 2 punido pelo 421 do C. P., e artigo 146 do C. J. M.; Julio Costa, infracção dos deveres 22, 15, 24 do artigo 4 do R. D. E. crimes artigo 420 do C. P., artigos 152 n.º 2; 112 paragraphos 2.º; 7 n.º 2; 6 n.º 3 do C. J. M.

Por este sudario, se póde avaliar dos reus. Estes apresentam-se com os fatos de linho e no rosto de alguns nota-se um ar zombeteiro. Terminada a leitura do processo e de varias peças apensas requerida pelo sr. promotor de justiça, verifica-se que estão todos incursos pelo crime de rebelião, no artigo 82, n.º 3, paragrapho 2.º n.º 1 do Codigo de Justiça Militar.

O promotor de justiça, depois da identificação dos reus, requer que sejam amnistiados varios delictos imputados a alguns dos arguidos e que as testemunhas se retirem para comparecerem ámanhã, visto os interrogatorios dos reus serem longos. O requerimento é deferido.

Os reus sahem da sala ficando apenas José Pires. Diz que foi uma vez preso pelo crime de abuso de confiança, em 1911, sendo condemnado em 2 annos e 4 mezes de prisão. Diz mais que está innocente de toda a accusação e que está preso por se ter apresentado voluntariamente para defender a patria e que tambem se encontra ali por vingança do official que levantou o auto. Esteve preso apenas ha 15 dias e não conhecia nenhum dos seus camaradas. Que o movimento foi feito depois da distribuição do rancho da tarde, partindo-se portas e janellas com ferros da cama, garrafas e tudo quanto apanhavam, com o fim de alcançarem as chaves e fugirem. A combinação era feita por meio de bilhetes trocados de sala para sala.

A's 17 horas e 45 minutos, a audiencia é interrompida por 15 minutos. Reaberta a audiencia foi interrogado o segundo reu que nega egualmente toda a accusação, declarando que assistiu a tudo mas que ignorava o que se passava. O interrogatorio é longo e ás 19 horas e meia a audiencia foi suspensa para continuar ámanhã ao meio dia.

A REVISÃO CONSTITUCIONAL

QUE FARÁ O CONGRESSO?

Uma palestra sobre a questão levantada e discutida n'estes ultimos dois dias

Abordamos hoje um impenitente cavaqueador de coisas politicas para que elle nos dissesse a sua opinião, isenta de contactos partidaristas, sobre o debate travado no congresso a proposito da revisão constitucional. Eis, muito em resumo, o que elle nos disse:

—Não ha meio de interpretar as disposições constitucionaes no sentido de concluir pela revisão feita em sessões conjunctas. O artigo 23.º diz que é privativa da camara dos deputados a iniciativa sobre a revisão da Constituição. O numero 21 do artigo 26.º diz que compete privativamente ao Congresso da Republica deliberar sobre a revisão da Constituição, antes de decorrido o decennio, nos termos do § 1.º do artigo 82.º. Este paragrapho diz que a revisão poderá ser antecipada de cinco annos se fôr approvada por dois terços dos membros do Congresso em sessão conjunnota das duas camaras.

«N'estes termos, o que o Congresso tem de approvar ou de regeitar, em sessão conjuncta, é a antecipação da revisão. Mais nada. Feito isso, e supponde-se que a antecipação é approvada, o Congresso passa a funccionar separadamente, regendo-se pelas disposições dos artigos 28.º e 35.º, que tratam da iniciativa, formação e promulgação das leis e resoluções.

«Repito que não ha razão para se estabelecerem duvidas sobre esse ponto. O n.º 21 do artigo 26.º é bem claro quando diz *deliberar sobre a revisão* da Constituição. Essa phrase define muito precisamente a ideia do legislador. *Deliberar sobre a revisão* não é *fazer a revisão*; é deliberar se ella deve ou não ser antecipada, *nos termos do § 1.º do artigo 82.º*, como o mesmo n.º 21 determina.

«A designação «Congresso da Republica» não pode ter o sentido que cada um lhe queira emprestar, á mercê de opiniões de momento. Não. Está explicada no artigo 7.º, que diz que «o poder legislativo é exercido pelo Congresso da Republica, *formado por duas Camaras*, que se denominam Camara dos deputados e Senado». Mais adiante, o artigo 13.º completa essa definição quando diz que «as duas Camaras, cujas sessões de abertura e de encerramento serão nos mesmos dias, *funccionarão separadamente* e em sessões publicas, salvo deliberação em contrario.

«E' isso o que a Constituição determina e que não póde ser objecto de duvidas justificaveis. Só se realisam as sessões conjunctas que a Constituição marca. Ora, a Constituição não fala, como já demonstrei, em sessões conjunctas «para se fazer» a revisão constitucional.

«Dir-se-ha que o «salvo deliberação em contrario» do artigo 13.º se refere não só ás sessões publicas, mas tambem ao facto de as duas Camaras funccionarem ou não separadamente, e, sendo assim, que ellas podem resolver effectuar a revisão constitucional em sessões conjunctas. Para isso seria necessario interpretar o artigo 13.º n'esse sentido, o que se não fez. E não se diga que o actual Congresso, porque tem poderes constituintes, está livre de praticar infracções constitucionaes, pretextando-se que aquelles poderes dão legitimidade a todas as suas deliberações. Não é assim. Sustentar essa doutrina equivale a concluir que a Constituição fica suspensa durante a sua revisão. Seria um erro e seria um perigo. Tanto a Constituição não fica suspensa que a revisão tem de fazer-se segundo os termos que ella indica. Lá está o paragrapho 2.º do artigo 82.º, que é bem claro quando diz que «não poderão ser admittidas como objecto de deliberação propostas de revisão constitucional que não definam precisamente as alterações projectadas nem aquellas cujo intuito seja abolir a forma republicana de governo».

«Já n'essa disposição *está um limite* dos poderes constituintes que o Congresso possue. Não sei, de resto, como a pretendida duvida será solucionada. O que sei é que a moção do sr. deputado Alexandre Braga devia limitar-se a indicar a antecipação da revisão constitucional. Approvada essa moção, os senhores senadores voltariam para a sua sala e a Camara dos Deputados passaria a apreciar as propostas de alteração que lhe fossem apresentadas e que não podiam affastar-se do disposto no § 2.º do artigo 82.º, isto é, *teriam de definir precisamente as alterações projectadas*.

»Approvadas essas propostas iriam para o Senado. Este approvava-as? Eram leis do paiz, leis constitucionaes. O Senado alterava-as ou rejeitava-as? Reunir-se-hia o Congresso em sessão conjuncta, nos termos dos artigos 33.º e 34.º

«Quanto aos dois terços de que fala o paragrapho 1.º do artigo 82.º tambem não tenho duvidas de que se trata dos dois terços dos membros do Congresso e não de dois terços dos membros presentes na sessão conjuncta. Vejo nos jornaes o *quorum*. fixado segundo o esclarecimento do artigo 13.º E' de 222 para as sessões conjunctas. Logo a antecipação tem de ser approvada por 148 congressistas, sem o que a resolução não terá validade porque o numero 2 do artigo 3.º diz que a lei é egual para todos, *mas só obriga aquella que fôr promulgada nos termos da Constituição*.

«A admittir-se o principio de que os dois terços se referem aos membros presentes succederia que, podendo o Congresso funccionar com 112 membros, bastaria que 75 approvassem a antecipação da revisão para esta se effectuar. Quer dizer: *os votos de menos de um terço do numero total* dos membros do Congresso decidiam a sua antecipação. Ora, o que o legislador pretendeu foi rodear essa deliberação das maiores garantias, *não a tornando apenas dependente dos votos de um partido em maioria no Congresso.*

«E' isto o que eu penso. E, porque o penso, claramente lh'o digo, na convicção de que não é preciso possuir uma grande sciencia juridica para deduzir estas mesmas conclusões».

D'esse modo se exprimiu o impenitente cavaqueador de coisas politicas que abordamos hoje. Haverá argumentos para combater a sua argumentação intelligente e firme? Certamente, visto que nem os bachareis em direito se fizeram para outra coisa que não seja dar ás leis todas as interpretações possiveis ou impossiveis...

A grande guerra

Um chronista de guerra

RIO DE JANEIRO, 24.—O jornalista brazileiro Theophilo Filho, que enviava chronicas de guerra da Europa para a «Gazeta de Noticias», vae reunir todos esses escriptos n'um volume intitulado «Meu carnet de guerra», com prefacio do conde de Darieu.—(Americana).

Hospital Veterinario Militar

E' chamada a nossa attenção para a situação irregular em que se encontram os alumnos do primeiro e do segundo anno da Escola de Medicina Veterinaria, actualmente chamados a prestar serviço no Hospital Veterinario Militar. Não lhes é fornecido alojamento, e os que quizerem o rancho a que teem direito são obrigados a ir do Campo Grande, onde está installado o hospital, até ao quartel de artilharia 1, em Campolide.

Evidentemente, trata-se d'uma situação altamente prejudicial para aquelles alumnos, sendo de toda a justiça fornecer-lhes o mesmo tratamento a que teem direito as praças em todos os quarteis.

Os antigos navios allemães

Começa a ser feita ámanhã a entrega dos antigos navios allemães que alugámos á Inglaterra. Recebe-os, como representante da companhia ingleza, a casa Torlades.

O antigo «Bulow» vae ser transformado em navio hospital.

A questão das subsistencias

Os srs. governador civil de Beja e Alfredo da Silva, director da Companhia União Fabril, estiveram hoje com o sr. ministro do trabalho tratando da questão das subsistencias.

O sr. dr. Guilherme Arriaga, como representante do Gremio dos importadores coloniaes entregou hoje ao sr. ministro do trabalho uma extensa exposição ácerca do assucar a exportar das nossas colonias.

O sr. Antonio Teixeira de Mello, que se encontra em Lisboa, é director da Associação Commercial, e não delegado da classe commercial da Merceana, junto da mesma associação, como por lapeso foi noticiado.

O sr. Teixeira de Mello tratou com o sr. ministro do trabalho da questão do assucar.

NOTAS DIVERSAS

O sr. ministro do fomento determinou que se mande proceder ás reparações de que carece o taboleiro superior da ponte D. Luiz 1.º, no Porto.

—O sr. ministro do fomento auctorisou as verbas necessarias para o proseguimento das obras de adaptação da enfermaria n.º 1 do hospital da Estephania a consulta externa de creanças e bem assim para a ampliação da enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José.

—A direcção do Banco Nacional Ultramarino teve hoje larga conferencia com o sr. ministro do trabalho.

—Regressou a Lisboa e reassumiu as funcções do cargo de secretario do sr. ministro do fomento o sr. deputado Antonio Mantas.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

GARDEN PARTY EM CINTRA

Realisa-se no sabbado em Cintra, na Quinta do Platanos, na Estephania, linda propriedade da sr.ª viscondessa de Champalimaud Duff, um elegante garden party, organisado por uma commissão de senhoras da nossa aristocracia.

Nas barracas das sortes e do chá venderão as sr.ªs baroneza de Horlega, D. Maria do Carmo Castro Pereira, D. Magdalena Castro Pereira, D. Carolina Pereira, D. Amelia Silva, D. Magdalena Collares Pereira, D. Maria Emilia Collares Pereira, D. Maria Rita Paes do Amaral (Anadia), D. Ida Quintella, D. Bertha Freire, D. Helena Freire, D. Maria Anna Roma Machado, D. Maria do Carmo Costa Lima, D. Maria Victorina Costa Lima e irmãs.

Flores e tabaco serão vendidos pelas gentis meninas D. Maria da Nazareth de Almeida e Roma Machado.

Depois do chá haverá dança.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as:

Viscondessa de Asseca (D. Maria Rita), D. Beatriz Figueira Freire da Camara, D. Guilhermina Julia de Brito e Cunha, D. Isabel Maria da Cunha Menezes, D. Carlota Lobo de Albuquerque e D. Laura de Guimarães.

E os srs.:

José Tavares de Macedo, Alvaro da Costa e Silva, Jayme Luiz da Silva Fernandes e Manuel Jorge Forbes Bessa.

NO REPUBLICA

Resultou brilhantissima a estreia de «Cardo as Charlot» hontem, no Republica.

Entre a numerosa assistencia, conseguimos notar as seguintes senhoras:

Marqueza do Funchal e filha, D. Henriqueta de Oliveira Moreira de Almeida e filha D. Maria Heloisa, D. Maria Joanna de Carvalho e filha D. Carlota, D. Carolina de Carvalho Pereira de Mello, D. Maria Bertha Ortigão Ramos de Castello Branco, D. Beatriz de Menezes Moreira Ressano Garcia e enteada, D. Lea Cohen Zagury e filha, D. Damira Borges Horta e Costa, madame Miranda e Sousa e filha D. Alda; D. Maria Adelaide Vianna da Costa de Lemos Salema Ascensão, D. Elvira de Navarro, mesdemoiselles Sommer e Silva, etc., etc.

PARTIDAS E CHEGADAS

Chegou a Lisboa e regressa amanhã a Moledo o sr. conde de Marin.

—Partiu para Santa Cruz do Douro o sr. conselheiro Antonio Cabral.

—Encontram-se ha dias em Lisboa o sr. Frederico Ferreira Pinto Básto e sua esposa a sr.ª D. Emilia Pinheiro Ferreira Pinto.

—Parte brevemente para Vidago o sr. dr. Camozza Saldanha.

—Encontram-se nas aguas de Melgaço os srs. drs. Machado Vilela e Francisco Ribeiro Ferreira.

—Parte brevemente do Bussaco para a Figueira, a sr.ª D. Olga Bussaglo.

—Regressaram do Bussaco o sr. Antonio Sergio de Sousa e sua esposa.

—Chegou a Lisboa, onde tem curta demora, o sr. D. José Gil Borja Macedo de Menezes.

—Regressou á sua casa de Idanha o sr. dr. Antonio Augusto de Senna Bello.

—Está em Lisboa o illustre advogado sr. dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo.

—Partiram do Bom Jesus para a Povoa de Varzim o sr. José Nogueira Pinto e sua esposa a sr.ª D. Emilia de Carvalho Cobbaldo Nogueira.

—Partiu para Cintra a sr.ª baroneza de Almeida.

O comicio da Batalha

Decorre com enthusiasmo — Um desastre de automovel

BATALHA, 24.—O comicio patriotico está decorrendo com grande enthusiasmo. Preside o chefe do governo, tendo falado os srs. Norton de Mattos, Affonso Costa, Alexandre Braga, Antonio José de Almeida e Herculano Galhardo, além d'outros. A concorrencia é muito numerosa.

Deu-se um desastre de automovel no Alto Vieiro, a caminho da Batalha, e ficaram feridos os srs. João da Rocha e José Ferreira, continuo da Camara dos Deputados. Foram tratados em Leiria.

O regresso faz-se por Alcobaça.

Guarda Republicana

Por decreto de hoje, é auctorisada a organisação immediata das companhias da guarda nacional republicana destinadas a Villa Real e Leiria, com séde n'estas localidades, respectivamente pertencentes aos batalhões n.os 6 e 2, de conformidade com a tabella n.º 1 da lei de 1 de julho de 1913, e pela fórma constante nas tabellas annexas ao mesmo.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	35	34 7|8
Londres, 90 d|v	35 1|2	—
Paris, cheque	$73	$73,5
Hollanda, cheque	$59	$59,5
Madrid, cheque	1$45	1$46
Suissa, cheque	$81	$82
New York	1$44	1$45
Rio s|Londres	12 17|32	—
Libras	7$15	7$21
Agio do ouro	50 %	56 %

Victimas de desastres

Vindo de Aljustrel recolheu hoje á enfermaria do hospital de S. José, o mineiro Antonio Guerreiro, que estando a trabalhar n'umas minas d'aquella localidade, foi colhido por uma pedra, ficando ferido na cabeça.

—A' enfermaria 4 do mesmo hospital recolheu o surdo-mudo Thomaz Feliz, residente no Seixal, tripulante do barco de pesca «O Pardal», que hontem á noite ao regressar da faina e ao entrar a barra caiu do mastro, parecendo ter soffrido fractura da base do craneo. O seu estado é grave.

—Na enfermaria 8 falleceu hoje o estivador Nuno Garrido que em 31 de julho ultimo estando a trabalhar a bordo do vapor «Insulano» caiu a um dos porões.

Capellães militares

O que uma folha catholica chama «casquinada do insulto ás crenças sinceras»!

Como tomal-os a sério?

Ha quatro dias, com a epigraphe «Capellães militares», *A Capital* publicou o seguinte:

Escreve o sr. conego Moita, na *Ordem*:

«Não é possivel.—E' mister que o governo, ao abrir agora o parlamento, resolva este grave problema de assegurar ao soldado a respectiva assistencia religiosa, de maneira analoga áquella por que o resolveram os paizes alliados.»

Consta-nos que, muito embora o governo não nomeie capellães para o exercito, o sr. conego Moita e outros sacerdotes estão dispostos a iniciar um movimento no sentido de obter auctorisação para que capellães voluntarios sigam as tropas, á custa dos catholicos, cuja generosidade não falhará n'esta solemne occasião.

Parece que o sr. conego Moita é dos primeiros a offerecer-se como capellão voluntario e que a *Ordem*, dentro em breves dias, abrirá não só uma inscripção de sacerdotes, livres do serviço militar, que se dispõem a acompanhar as tropas, mas tambem uma subscripção para se recolherem fundos destinados a cobrir as despezas.

A *Liberdade* e outros periodicos secundarão os esforços da *Ordem*.

Entre os catholicos, assegura-se que o movimento, embora só inicie muito tarde, demonstrará, no entanto, a enorme vitalidade da fé catholica em Portugal e como um grande numero de sacerdotes está resolvido a todos os sacrificios em bem das almas e para honra dos seus creditos de patriotas...

A *Ordem* transcreve hoje estas informações da *Capital* e mostra-se tão irritada que perde a linha e classifica o que escrevemos de: «humorismo facil de botequim vulgar», «facecias», «insidias», «casquinada do insulto ás crenças sinceras», «maledicencia», etc.

Repare bem o leitor: é, segundo o sr. conego Moita, fazer graça de taberna, maldizer e insultar crenças, o registar o boato de que ha sacerdotes catholicos dispostos a prestar serviço como capellães voluntarios junto do exercito em campanha e fieis que subscreverão para accudir ás despezas que esses capellães sejam obrigados a fazer...

Já se viu uma coisa assim?!

Mas a *Ordem* não se contentou com aquelles singularissimos commentarios feitos aos boatos por nós registados, e que suppunhamos absolutamente verosimeis, e transcreve d'uma folha da tarde, a proposito tambem da nossa noticia, uma serie de hilariantes remoques do mesmo theor: «brincadeira de mau gosto», menoscabo das crenças alheias, «faceis ironias», etc.

Ora aquillo que nós dissemos que ia acontecer em Portugal foi o que succedeu em França. Não faltaram os capellães voluntarios, não faltaram os donativos para custear as suas despezas e o que aqui se disse que iriam fazer a *Ordem* e a *Liberdade* fel-o em França o *Echo de Paris* que se não fundou precisamente para defender as crenças catholicas e os interesses da religião e dos crentes.

Onde está então o insulto?! Onde está a graça de taberna?!

A *Ordem* termina por fazer votos por que possamos regressar a «sentimentos melhores».

Pelo visto, possue *maus sentimentos* quem admitte a possibilidade, e até a probabilidade, de haver sacerdotes portuguezes, livres do serviço militar, que queiram acompanhar as tropas em campanha, e crentes que os subvencionem!

Não ha meio, por mais esforços que façamos, de tomar a serio estes mentores catholicos?

Colyseu dos Recreios

Parte hoje de Madrid, devendo chegar a Lisboa amanhã á tarde, a esplendida companhia de opera comica e opereta Caracciolo-Scognamiglio, que fará a sua estreia no sabbado com a festejada opereta de Leon Bard, «A duqueza do Bal Tabaine», absolutamente nova para Portugal e que nos principaes theatros de Italia tem alcançado um exito sem precedentes.

Apesar dos enormes encargos originados pela guerra, pela alta extraordinaria do cambio e dos preços excessivos do papel e das tarifas ferro-viarias, a empreza resolveu não augmentar os preços do Colyseu.

Attendendo á anciedade do publico por esta esplendida companhia, é de esperar uma serie de enchentes collossaes.

TEMPOS IDOS

D. Filippa de Vilhena e uma filha

Declaro desconhecer livro impresso ou manuscripto, artigo de jornal ou revista que diga da vida e feitos da mulher que mais altamente personificou em Portugal a abnegação e o patriotismo—a condessa de Athouguia D. Filippa de Vilhena. E como não sei se os ha, egualmente ignoro se o golpe de caracter que vou referir se encontra já reproduzido n'algumas d'essas possiveis biographias.

Adoecera seriamente sua filha D. Maria de Athayde, dama do paço da rainha Luiza de Gusmão. A condessa de Atouguia estava então longe da côrte, cuidando do infante D. Affonso, o 6.° futuro rei d'aquelle nome, a quem os physicos palatinos preceituaram banhos do mar. Cresceu a gravidade da doença de D. Maria, e com ella o desengano das esperanças que dar-se pudessem. E mandando-se recado á mãe para que viesse visital-a, a condessa repisou no intimo do coração os impulsos maternaes trahidos pelas lagrimas que lhe afogavam os olhos, para só se lembrar dos deveres lhe impunha o seu cargo. «Favor que recusou, diz um raro livro da época, mais fiel ás obrigações do officio que ás maternaes. Gratificou el Rey esta fineza com honras maiores que seu titulo» (1).

D. Maria de Athayde falleceu dias depois, a 22 de agosto de 1649, com 24 annos de edade, sem ter visto sua mãe á cabeceira do leito, a dar-lhe no momento extremo o beijo da despedida.

* * *

Já que tenho a mão sobre o caso, que por certo alguns capitularão de dureza ou indifferença, mas que em meu entender bem se ajusta á mulher que na véspera da revolução contra o estrangeiro distribuiu a seus dois filhos as espadas libertadoras, escreverei mais duas linhas á modo de elogio funeral da formosa dama seiscentista.

Formosa lhe chamei eu, seguro no dizer do livro que citei, e que tambem a chama «formosa com tal descuido, como se o não quizera ser, discreta como se o não soubera. Os applausos da côrte não parecia que os amava, senão que os permittia.» Notavel era tambem por suas lettras, resuscitando na côrte severa de D. João IV o luzimento litterario das damas erudítas da nossa Renascença, que tamanho lustre deram aos saraus da infanta D. Maria. «Frequentava a lição dos livros—é ainda o prefacio d'aquelle livro que o assegura; n'aquella idade das linguas entendeu a Latina, e Toscana com tanta brevidade, que não esperou o ingenho a tardança dos annos».

Da sua discrição e boa presença testemunha tambem este verso do epitáfio latino que lhe compôz o sabio Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo:

> Ne si diu apud nos esset,
> ad nos sydera descenderent.

(Se mais tempo ficára n'este mundo, desceriam á terra as estrellas...)

A especie de «In Memoriam» publicada depois do seu passamento, foi menos um acto de lisonja cortesan do que um preito de sincera estima e saudade á que fôra em tão curta vida exemplo de talentos e virtudes. N'essas paginas cujo titulo atraz dou em nota, escreveram versos alguns dos mais afamados engenhos da época—D. Francisco Manuel de Mello, Antonio Barbosa Bacellar, a freira poetisa Violante do Céu. Concluirei com duas amostras: a 1.ª estrofe d'uma ode de D. Francisco Manuel, que é lindissima:

> Donde te foste, donde
> querida saudade?
> que Amor he que te aprova essa partida
> saudade querida?
> Que mar? Que terra? Que ar? Que fogo esconde
> aquelle Sol, aquella claridade
> logo pela manhãa anoitecida?

e um sentido soneto em francez, em fórma de epitafio, de Manuel Fernandes Vilareal:

> Ce que l'Amour avoit de plus rare, & divin,
> ce que la terre avoit de charmant, & d'aymable,
> eloisgné de nos yeux, pour un fatal destin
> mit dans ce tombeau la Parque inexorable.
>
> O toy, passant, qui vois la perte irreparable,
> qui nous cause l'aspect de cet Astre malin,
> par larmes, par sanglotz, & par sonspirs sans fin,
> temoigne la douleur d'un mal inconsolable.
>
> Mais non, ne pleures point la rigueur de nos maux,
> puis q les plus grands pleurs ne sçauroient estre egaux
> estant infinement au dessoubs de leur sort:
>
> Car le ciel, envieux de nous, l'ayant ravie,
> elle jouit en fin, quoy qu'auprès de sa mort,
> dans l'Empire Azuré d'une eternelle vie.

Vamos lá que os alexandrinos do celebre judeu não são das peores cousas do livro n'uma época em que o sentimento dos factos, se o havia, morria abafado ou confuso nos maravalhas do preciosismo.

Agosto de 1916.

M. CARDOSO MARTHA

(1) Memorias fonebres... na morte da Senhora Dona Maria de Atayde... Lisboa, 1650.

A questão das subsistencias

Por causa da crise das subsistencias realisaram-se hoje varias conferencias com o sr. governador civil, tomando parte n'uma d'ellas o administrador do concelho de Aldegallega.

Por augmento de preços dos generos e falta de afixação de tabellas foram hoje autoados os commerciantes Justino Pereira Pinto, da rua do Arco do Limoeiro, 6; José Francisco, da rua do Cabo, 12, e Carlos José de Lima, da rua Nova da Piedade, 21.

Instrução Militar Preparatoria

Sociedade n.° 1—A'manhã, sexta-feira, ás duas e meia horas, funcciona a aula de esgrima de espada, e ás vinte e duas ha ensaio da banda de musica, ao qual teem de comparecer todos os executantes, sendo eliminados d'esta aula os que faltarem aos ensaios. No proximo domingo ás oito horas em ponto, teem de apresentar-se no quartel de sapadores todos os instructores, alistados da 1.ª e 2.ª secções e corneteiros, devendo o pelotão de estafetas comparecer ás mesmas horas, na séde da Sociedade. A ausencia só póde ser justificada por doença comprovada com attestado medico, reconhecido por notario, servindo este documento para justificar apenas 50 faltas seguidas. Os que não se apresentarem pontualmente ás horas marcadas, nem satisfaçam as suas quotas com pontualidade serão tambem autoados.

Alistaram-se ante-hontem n'esta patriotica corporação mais 33 mancebos que foram inspeccionados no posto medico da Sociedade, em cuja séde, na Rua da Graça, 31 e 33 e na rua da Prata, 242.

Continúa aberta a inscripção para novos socios auxiliares e alistados da 1.ª e 2.ª secções. Os alistados que ainda não entregaram no quartel, ou ao cobrador, uma nota com o seu nome, numero, morada e local em que estão empregados teem de o fazer no proximo domingo.

O ensino primario

SÃO PAULO, 24.—O dr. Oscar Rodrigues Alves, secretario do interior, visitou as escolas primarias da cidade com o fim de lhes introduzir os aperfeiçoamentos hygienicos mais modernos.—(Americana).

Industria em perigo

A «União Textil» que, na qualidade de representante de uma enorme legião de operarios, tomou a peito a defeza dos seus camaradas da industria dos tecidos de linho e juta, ameaçados pelo decreto n.° 231 que, como se sabe, permitte a importação nas colonias portuguezas da sacaria estrangeira, sem pagamento de direitos, tendo visto que uma associação pomposamente denominada **Commercial, Industrial e Agricola da Provincia de Angola** forceja pela conservação do referido decreto, e bem assim das auctorisações já concedidas n'esse sentido a algumas firmas commerciaes, entendeu dever inquirir da importancia da citada aggremiação, vindo assim a saber que a tal associação, que diz representar a totalidade das forças vivas d'aquella provincia, conta apenas umas semanas de fundada, tem a séde nas dependencias d'um predio na rua dos Bacalhoeiros, possue pouco mais de dez associados, (cotados a cinco escudos por cabeça), e nem sequer tem ainda os seus estatutos approvados!! Parecendo pela extensão do titulo ser uma aggremiação poderosa, é sómente um grupelho, em que figuram os maiores e mais directos interessados na negociata da sacaria estrangeira sem pagamento de direitos. Ora aqui é que está o microbio...

A associação «União Textil» torna publico este interessante detalhe para que as estações officiaes, a quem a questão se acha affecta, e tambem o publico, possam ajuizar do peso moral e do valor collectivo da ainda tão pequena e já tão empertigada e prosapiosa associação.

De resto, se ella representasse, como pretensamente inculca, a **totalidade** do honesto e laborioso commercio, industria e agricultura da provincia de Angola, não ousaria, sobre um assumpto que briga com o vital interesse de milhares de trabalhadores, e na presente hora critica desdenhosamente affirmar, como já affirmou em publico, que tal decreto a **ninguem fez mal e a muitos faz bem**, o que representa uma manifestação do mais descaroavel egoismo, para não dizer antipatriotismo.

Isto posto, o publico e o governo, que tirem do caso os merecidos corolarios.

Lisboa, 24 de agosto de 1916.

O presidente da Direcção
José da Cruz Belchior

Francisco Alves Casquilho
Falleceu

Sua esposa Marianna Nogueira Alves Casquilho, seus irmãos, seus sogros, seus cunhados e sobrinhos, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações este fatal desenlace e que o seu funeral se realisa ámanhã pelas 16 horas, sahindo o prestito funebre da sua casa, rua da Esperança, 150 para o cemiterio dos Prazeres.

«A Capital» Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Tivemos de retirar. Eram 9 horas da manhã de sabbado.»

A esse tempo, os que podem chamar-se os insurrectos «regulares» pensaram em render-se e não podiam tornar-se responsaveis por essa obra dos incendiarios digna da Communa de Paris.

Os atiradores eram provavelmente desde principio agentes mais ou menos irresponsaveis e como viam approximar-se a crise final parece terem-se deixado dominar pelas suas más paixões para a destruição de vidas e de propriedades. O capitão Purcell resumiu assim a sua historia:

«A's 3,40' da tarde de sabbado o official commandante das tropas em Dublin mandou-me um officio em que me dizia que tinha os dirigentes dos rebeldes em seu poder, que as operações militares iam terminar, que a vida na cidade estava retomando o seu curso normal e que eu podia fazer um esforço para extinguir os incendios das ruas Sackville e da Abbadia. Immediatamente mandei sahir toda a corporação...

«Estavamos fazendo excellentes progressos para extinguir o incendio em ambos os lados da rua da Abbadia, quando as balas começaram a voar contra nós. Tive homens que escaparam milagrosamente, tendo as suas escadas sido attingidas pelas balas. As nossas bombas foram espingardeadas da direcção da rua de Westmoreland e do caes de Aston.

«Abandonei as bombas nas ruas e mandei os homens em automoveis para as suas estações. Então, vimos o incendio espraiar-se para oeste ao longo da rua da Abbadia e da rua Henrique.»

O capitão Purcell avalia o valor approximado dos edificios e dos armazens destruidos em 2.500.000 libras, sendo os edificios destruidos mais de 200.

A fim de não interrompermos a narrativa do incendio chegámos até sabbado. Preciso é voltarmos alguns dias atraz para seguirmos a rebellião n'esse intervallo. O governo em Londres, que a principio, devido talvez á falta de informações por causa das communicações irregulares com Dublin, mostrára certa tendencia a apoucar o perigo da Irlanda, alarmou-se mais e mais, á medida que as noticias do verdadeiro alcance da insurreição começaram a chegar a Inglaterra.

Na terça feira, pouco ou nada era conhecido em Westminster; na quarta feira, o primeiro ministro concordava em que a lei marcial tinha de ser applicada a Dublin e accrescentava que medidas repressivas iam ahi ser tomadas, mas assegurava á Camara que «excepto em Dublin o paiz está tranquillo, tendo apenas havido tres casos de disturbios sem importancia.»

Ao receberem-se novas noticias, houve, porém, um conselho de ministros, em que se resolveu proclamar a lei marcial em toda a Irlanda e enviar ali o general sir John Maxwell com plenos poderes para a applicar, como commandante em chefe.

Essa medida foi annunciada á Camara dos Communs no dia seguinte pelo primeiro ministro, o qual accrescentou que havia «indicações do movimento se estender, especialmente a oeste».

Grandes reforços, annunciou-se egualmente, haviam chegado de Inglaterra e estavam promptos a intervir onde necessario fôsse. Ao mesmo tempo, o general Maxwell partia e chegava a Dublin na manhã seguinte—28 de abril—e mandou affixar uma proclamação, cujos topicos principaes eram os seguintes:

«As mais rigorosas medidas serão por mim tomadas para fazer terminar a perda de vidas e propriedades que certas pessoas mal orientadas estão causando com a sua resistencia armada á lei. Se necessario fôr, não hesitarei em destruir todos os edificios que se encontrem na area occupada pelos rebeldes e aviso todas as pessoas

os soldados, que ainda não comeram bem desde que sahiram dos quarteis.

«Durante todo o dia a batalha continua—o ruido é terrivel, revolvers, espingardas e metralhadoras estão levando a cabo a sua terrivel obra. Mais feridos estão lá fóra, mas apenas podem ser retirados a coberto da escuridão.

«O ajudante continua ainda em estado comatoso na nossa sala de jantar, no rez do chão: um homem da Cruz Vermelha está a seu lado. O medico aconselha-nos a levarmos minha mãe para outra sala. Levamol-a para uma outra, mas uma bala entra pela janella, indo despedaçar o espelho, ficando o chão cheio de pedaços de vidro. O local não é seguro. Trazemos de novo minha mãe: o pobre ajudante está morto, levam-no para o hall.

«De subito, dá-se um tremendo abalo. Uma bomba foi arremessada para expulsar os rebeldes d'uma casa a poucos metros de distancia. O alvo é attingido. As vidraças da porta do hall são despedaçadas pelo abalo. No quarto de cama de minha mãe entra outra bala, mas não causa prejuizo algum.

«Cêrca das 8 horas e meia da noite o fogo cessa; dizem-nos que as casas proximas das nossas estão já em poder dos soldados; os feridos foram removidos e deixam-nos finalmente tomar um pouco de repouso. Durante toda a noite ouvimos o passo cadenciado de tropas em marcha: nem uma unica palavra se profere, apenas esse som cadenciado e de quando em quando a detonação de um tiro.

«O medico diz-me que uma divisão inteira, composta de mais de 15.000 homens, vem em nosso soccorro—graças a Deus!

«27—Ruido de grande tiroteio desde manhã cedo até perto das 6 horas da tarde. Mais casas na vizinhança são tomadas por soldados. Um canhão naval é trazido, n'um carro, de Kingstown, o qual entra em acção, fazendo grandes destroços. Soldados postam-se nos telhados das casas entre nós e a ponte sobre o canal (ponte de Mount Street). Fazem continuamente fogo para a ponte do caminho de ferro, que é ainda uma posição dos rebeldes. Estão começando a faltar-nos as provisões: o padeiro e o leiteiro não nos veem trazer os seus generos e ninguem se atreve a ir á rua buscal-os.

«28—Chegam ainda mais soldados! Fazem alto antes de chegar á encruzilhada da estrada, uma salva é disparada e dividem-se em destacamentos de 25 pouco mais ou menos. Pobres rapazes! Vi-os cahir nas fileiras, quando estavam á espera, e comtudo nem um unico abandonou o seu logar. Agora, estão chegando os vagons de munições, puxados por cavallos magnificos, cobertos de suor, mas que, apesar d'isso, seguem a galope.

«O terrivel ruido do tiroteio continúa em volta de nós durante todo o dia e até alta noite.

«Um estranho contraste: as tropas que avançam para a cidade são recebidas de modo diverso; das casas que foram tomadas pelos Sinn Feiners um mortifero fogo de espingardas e revolvers cahe sobre ellas; das outras, que não estão na linha de fogo, sahem senhoras e as suas creadas levando chavenas de chá e fatias de pão com presunto para darem aos homens esfomeados, o que produzia uma scena festiva sob o brilho do sol que illuminou alguns dos dias da semana tragica.»

A lucta n'esse bairo foi prolongada e desesperada. Os soldados reunidos á pressa e levados através da Inglaterra, muitas vezes com um equipamento deficiente, e conhecendo alguns d'elles ainda mal o manejo das espingardas, comportaram-se esplendidamente n'uma situação a que só veteranos podiam fazer frente.

Sob um persistente e bem dirigido fogo, avançaram lentamente, e á tarde, auxiliados pelas granadas, conseguiram varrer os rebeldes de Carisbrook House e Clanwilliam

House successivamente. Lucta deveras violenta foi necessaria antes da ponte de Mount Street e praça de Clanwilliam no lado opposto serem tomadas e por fim a artilharia teve de intervir para ajudar a varrer a area de Ringsend.

Ahi, como em toda a parte, os medicos e enfermeiros comportaram-se com a maior bravura e dedicação. O hospital de sir Patrick Dun fica por detraz da praça de Clanwilliam e perto da padaria Roland, por isso quasi na linha de fogo. Gente foi morta em frente do hospital—onde foram tratados 142 feridos—sahindo o pessoal debaixo do intenso fogo a ir levantar e buscar os feridos.

O relatorio do general Maxwell quanto á lucta ali dada antes d'elle ter chegado diz que logo a principio o ajudante capitão Dietrichsen e um outro official foram mortos e sete officiaes feridos, e quando á tarde d'ahi a columna, com partidos de metralhadoras, avançou em ondas successivas, quatro officiaes foram mortos e quatorze feridos, sendo 216 [illegible] entre soldados e officiaes inferiores mortos e feridos.

O relatorio menciona do seguinte modo o auxilio prestado pelos civis:

«Tratando da lucta na ponte de Mount Street, onde houve as maiores perdas, é-me agradavel mencionar o auxilio prestado por um certo numero de medicos, senhoras e enfermeiras, assim como creadas, que com grande risco iam levantar e soccorriam os feridos, não affrouxando o seu zelo ainda sob o mais violento fogo dos rebeldes.»

Na outra posição ao norte houve tambem violenta lucta, mas as perdas ahi foram muito mais ligeiras, pois, devido á posição ser mais aberta, os assaltantes não estavam expostos a um fogo tão cerrado. Fairview fica a pouca distancia do Grande Caminho de Ferro do Norte no districto de Clontarf—famoso pela sua batalha na quinta feira Santa, quasi mil annos antes, quando Brian Boru combateu o rei dinamarquez de Dublin.

Os rebeldes a principio occuparam a ponte da linha ferrea na estrada de Clontarf e o talude contiguo, mas terça feira á noite foram repellidos, embora só quatro dias mais tarde toda a resistencia armada n'esse perigoso bairro fôsse dominada.

Apesar de tão proximo de Dublin, esse suburbio esteve isolado durante a maior parte da semana e esteve em perigo de se vêr esfomeado, emquanto um comboio com mantimentos enviados de Belfast não chegou no sabbado de manhã.

Na cidade, as coisas continuavam desesperadas para os rebeldes. Carros blindados, com orificios para atiradores, construidos pela engenharia com a maior rapidez e simplicidade e montados em autos, nos quaes, em cada um, podiam seguir uma duzia de homens, eram levados de um lado para outro, podendo assim responder ao fogo dos atiradores especiaes em melhores condições.

St. Stephen's Green, o forte dos rebeldes, foi cercado até chegarem tropas para se poder dar um assalto em regra. A guarnição tentou excavar trincheiras, mas os soldados com metralhadoras das janellas superiores do hotel Shelbourne puzeram-nos em cheque.

O guarda d'esse lindo pequeno parque, que se conservou ahi durante toda a lucta, contou mais tarde que pouco os incommodavam as balas que lhes voavam por sobre as cabeças.

Além de St. Stephen's Green, o Collegio Cirurgico havia sido tambem occupado e ahi os insurrectos encontraram-se muito melhor protegidos das balas do que no «square». A fabrica de biscoitos Jacob e a União do Sul de Dublin foram tambem occupadas, mas essas posições tinham pouca importancia estrategica.

Ao norte do rio o edificio dos correios e o dos quatro tribunaes juntamente com os dois edificios no principio da rua Sackville—o «For-

te de Kelly» e o de Hopkins na extremidade opposta—causaram grandes prejuizos, embora o ultimo fôsse dominado por completo de Trinity College e das ruas Westmoreland e D'Olier.

Os canhões entraram ahi tambem em acção e o edificio dos correios foi bombardeado tanto do lado opposto do rio, como do cimo da rua Sackville.

N'esse ponto começaram os incendios e com o auxilio do relatorio do capitão Purcell, commandante dos bombeiros de Dublin, póde reconstituir-se o que se passou.

Na noite de segunda feira os soccorros foram chamados duas vezes á rua Sackville, para estabelecimentos que haviam sido assaltados e a que a populaça puzera fogo. Esses incendios foram facilmente extinctos, mas foram seguidos por um terceiro na rua do Conde, distante da rua Sackville.

Na terça feira de tarde rebentou um violento incendio no estabelecimento de brinquedos do bem conhecido photographo Lawrence e na quarta feira ao meio dia foi seguido de outro n'um armazem da rua Henrique, por detraz do edificio dos correios, que tambem fôra saqueado.

Em todos esses casos, os incendios não haviam sido produzidos por granadas, só podendo attribuir-se á falta de cuidado ou á malvadez dos assaltantes. Os bombeiros facilmente extinguiram esses incendios ou os dominaram, morrendo dois bombeiros, espingardeados no recanto da rua Henrique, o que fez com que o corpo de salvação publica deixasse a rua Sackville e proximas entregues á sua sorte.

Na quarta feira de manhã houve um grande incendio na rua Harcourt, proximo de St. Stephen's Green, e ao entrarem os bombeiros ahi encontraram um rebelde morto, armado de espingarda, uma bolsa de cartuchos e dois revolvers.

O incendio mais terrivel foi, porém, o que destruiu grande numero de edificios, no valor de alguns milhões, e que, se tivesse soprado vento, podia ter destruido metade da cidade. O edificio dos correios estava a esse tempo sendo bombardeado e é possivel que o fogo pudesse ter sido originado por uma granada mal dirigida, mas coisa alguma indica que assim fôsse.

Por um lado, houve muitos casos durante a semana de edificios destruidos pelas granadas, sem mais consequencias; por outro lado, houve muitos fogos causados directamente pelos assaltantes de estabelecimentos.

O que tornava maior o perigo era o facto de, devido ao tiroteio dos atiradores especiaes, o corpo de bombeiros não poder acudir de prompto aos principios de incendio, onde elles se manifestavam.

O grande incendio começou na rua da Abbadia, no extremo da rua Sackville. Tinha ahi sido levantada uma barricada pelos rebeldes, do mesmo modelo d'uma meia duzia de outras, embora não tivessem sido empregadas, n'outras partes da cidade.

Era composta de moveis velhos, de bycicletas e de fardos de papel e destinada a tornar mais intenso o fogo pela rua da Abbadia. Foi na officina de impressão do «Irish Times», a esse tempo desoccupada, que o fogo começou.

O fogo foi observado da estação central pouco depois do meio dia e o capitão Purcell diz que «como essa area estava sendo o theatro d'um terrivel fogo de fuzilaria, não podia permittir que os meus homens acudissem.» O commandante fala da sua angustia ao vêr-se impotente em frente d'um tal incendio, e mais tarde, quando o tiroteio afrouxou, elle e os seus homens fizeram um esforço para ali chegarem, indo pela rua de Malborough.

Conseguiram ahi algum resultado, mas devido ao tiroteio não puderam fazer o que esperavam. Por ultimo, diz o capitão Purcell, «a vida d'alguns dos meus homens foi ameaçada pelos Sinn Feiners, que lhes disseram que, se se não retirassem, fariam fogo sobre elles.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2166—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sexta-feira, 25 de Agosto de 1916

Telephones, n.º 2293—Endereço telegr. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina da impressão—71, Rua da Rosa, 71 — Preço 2 centavos

Porque se faz a guerra

Os scepticos, os sophistas, os hesitantes, os egoistas, aquelles que pertencem a essa cathegoria de «fruits secs» que nem uma alta razão esclarece nem um vivo sentimento domina, creaturas que infelizmente ainda enxameiam na sociedade portugueza, não deixam, com uma obstinação incessante, de tentar enfraquecer as energias da nossa raça, perguntando incidiosamente: «Afinal de contas, que podemos nós lucrar com esta guerra?»

Poder-se-lhes-hia responder allegando simplesmente a satisfação do dever cumprido, visto que vamos cumprir um dever a que só nos poderiamos eximir pela cobardia e a infamia. Mas, sendo certo, que todos os paizes que luctam com a Allemanha esperam retirar do seu triumpho justas vantagens, não ha razão para que não seja licito a Portugal aspirar a vantagens tambem.

A Inglaterra espera garantir a sua segurança como um grande paiz de civilisação e de trabalho que é, sem ter incessantemente que pensar na sua defeza contra uma aggressão formidavel, inspirada pelo intuito de a deprimir e despojar. A França espera repellir o invasor do seu solo, reconquistar a Alsacia e a Lorena e ter em algumas colonias allemãs compensações para os seus sacrificios, como a Inglaterra egualmente as ha de ter. A Russia espera definir a situação balkanica, procura sahidas para o mar, apoderando-se do estreito dos Dardanellos e sonha com Constantinopla. A Italia quer readquirir o Trentino. O Japão pretende valorisar a sua situação politica, affirmando-se um valor com que a propria Europa tem de contar. A Belgica quer reconquistar a sua independencia, como o quer a Servia, como o Montenegro o quer.

E Portugal? Portugal deseja firmar, mais solida do que nunca, a alliança que o liga á Inglaterra, e os robustecimentos d'estes laços faz-se por meio de actos decisivos e lenes. Portugal sente, ao mesmo tempo, a necessidade de garantir a posse das suas colonias, e o direito que tem de possuir um vasto imperio ultramarino só póde justificar-o e firmal-o mostrando que tem o culto d'uma civilisação e a força precisa para a defender.

Este é o aspecto material da questão. Mas ha tambem o aspecto espiritual, de que se não póde nem se deve abstrahir. A lucta que se está desenrolando é uma lucta das forças moraes da humanidade reagindo contra o despotismo e a violencia bruta. Não se póde ficar de braços cruzados, sem que essa attitude seja a d'uma passividade que resvala pela cumplicidade tacita, perante o espectaculo de processos de guerra que só na antiguidade barbara se concebem. A Allemanha rasgando tratados, fuzilando velhos e creanças, procurando destruir a cathedral de Reims, já nos provára o seu espirito de repressão a processos medievaes. Agora, arrancando rapazes e creanças dos departamentos invadidos da França, destinando-os a escravos, polluindo as outras, faz-nos recuar para além da propria edade média. Sem os orientaes, do tempo dos satrapas ferozes e ensanguentados. E além d'isso procura povoar de monstros os ares. Já annuncia que vae construir Zeppelins gigantescos, aves negras como abutres porque vôam, desconformes como cetaceos porque no seu bojo levam, ás toneladas, os engenhos de morte. Recuamos mais ainda. Dir-se-hia que estamos nos tempos prehistoricos, em que o globo era dominio de monstros tão formidaveis, que necessario foi que desapparecessem as suas especies para que a humanidade pudesse viver sobre a terra.

Contra este espirito de ferocidade e tyrannia, que põe a sciencia que redime e liberta, que salva e resplandece, ao serviço de instinctos brutaes, os povos luctam, como verdadeiros paladinos do espirito immortal que anceia pela paz, pela liberdade e pela harmonia da vida!

PARA A GUERRA!

A jornada da Batalha

Foi uma romaria admiravel, em que os sentimentos patrioticos do povo se manifestaram exhuberantemente

Pela manhã nublada e tepida sahimos de Lisboa. Cabeços escalvados de Campolide e da Amadora, Queluz com o seu palacio e com a mancha negra do seu parque a quebrar a secura agreste das suas encostas sem arvores; o Cacem rumoroso e animado, por onde passam, a cada instante, comboios; toda a linha de serranias cobertas de matto que vae d'ali até Torres, não são mais, na neblina diaphana que adoça a paisagem, do que simples e vagas recordações. Principia a animar-se a viagem. Em Torres ha gente na estação, ha foguetes, ha vivas, ha acclamações, ha ruido. Ouço os primeiros vivas á guerra, e d'entre a multidão que enche a gare, sahem, quasi incessantemente, imprecações contra a Allemanha, que só um grande e inabalavel amor patrio pode inspirar. Um patriota exaltado, de chapeu no ar, brandindo-o como um pavilhão de desafio, brada, delirante:

—Vivam os alliados! Viva a Rrrrepublica!

Gente do povo, sobretudo. E é isso o que principia a surprehender-me e a encantar-me. E' então errado o juizo que certas creaturas fazem sobre os sentimentos que, perante a guerra, animam os portuguezes? E'. Deve ser. Porque, se succedesse o contrario, eu não veria, n'esta manhã meio velada de verão, a applaudir os homens que dirigem a politica internacional do meu paiz, tanta gente simples e, principalmente, tanta mulher do povo...

E de Torres em deante, a viagem continúa sempre assim, com manifestações cada vez mais enthusiasticas em todas as estações, sem esquecer as Caldas, onde ha uma banda de musica, uma força militar e centenas de pessoas acclamando o governo, a Republica, a guerra e tudo, emfim, quanto para os portuguezes representa uma garantia de independencia ou uma grande esperança, promettedôra de melhores e mais gloriosos dias.

A bahia de S. Martinho resplandece, batida pelo sol obliquo da manhã. A villa é um bando colossal de pisnes que tenta as azas e se prepara para tomar banho. Da praia veem grupos de banhistas para assistirem á passagem do comboio. Mais foguetes, mais saudações, que se repetem na Cela e no Valado. A estação da Martingança está ornamentada com plantas e bandeiras. Uma philharmonica executa o hymno nacional. Na Marinha, outra manifestação. O Castello de Leiria, no alto do seu morro denegrido, irrompe, no coração d'uma paisagem d'encanto, á nossa deslumbrada vista. Apeamo-nos. Partimos para a cidade. O governador civil effectivo, sr. dr. João Salema, e o seu substituto, sr. general Honorato Estrella, acompanham os ministros desde o Bombarral. Os automoveis poem-se em marcha atravessando, entre nuvens de pó, o feracissimo campos do Liz, coberto pelo tapete verde-claro dos milharaes. A cidade está engalanada. Colchas pelas janellas. Passa-se pela praça e pelo Terreiro, um recanto tranquillo, em que a casaria archaica imprime uma grande nota de nobreza e de fidalguia.

Paços do Concelho. Uma bella edificação, no Alto da Portella, dominando a cidade. Ao lado, o grande edificio dos varatojanos, que a Republica veio surprehender por concluir. Sessão solene. O presidente da camara, sr. dr. João Correia Matheus, dá as boas vindas aos representantes do governo. Estão presentes os srs. drs. Antonio José d'Almeida e Affonso Costa, e os srs. Norton de Mattos e Azevedo Coutinho. O presidente da camara esmalta o seu discurso com affirmações patrioticas. O povo é portuguez. Logo, defendêra sempre, e em todas as circumstancias, o seu Paiz. A sala está cheia. Ha publico pelas escadarias a baixo, quasi até á rua, onde uma companhia de infantaria 7 faz a guarda d'honra. O sr. Presidente do Ministerio responde. A sua curta oração é cheia de patriotismo e de enthusiasmo. Recorda os sentimentos nobilissimos do povo, de Leiria. Ali se reuniram côrtes no tempo de D. João I. Este povo que foi sempre heroico, não póde agora que a patria atravessa uma tão grave crise, desmerecer das suas nobilissimas tradições. Vivas á Republica e ao exercito. O tempo urge. Não é prudente desperdiçal-o.

Hotel Liz. Um almoço, que é um opiparo banquete, offerecido pela camara. Alegria, confraternisação, enthusiasmo. Brindes do sr. dr. Correia Matheus e do sr. dr. Antonio José d'Almeida. Novas affirmações patrioticas. Partida, no grande largo, a banda do 7 executa varios trechos de musica. Por volta das treze horas, parte-se para a Batalha. O Mosteiro, com os seus corocheus gothicos, com as suas agulhas finas, surge, como um immortal padrão da gloria d'uma raça, da cova profunda em que artistas de genio o construiram. A luz da tarde doira com carinho os rendilhados calcareos, côr de goma d'ovo. Os vitraes polichromos incendeiam-se. Do poema de pedra, que marca o nascimento e a consolidação definitiva da nossa nacionalidade, parece desprender-se agora, n'este momento em que o Sol cae sobre elle, mais poesia e mais harmonia.

Junto da escadaria do atrio, com um pedaço da grade de pedra a servir de teia, armou-se um pavilhão com folhas de palma, verdura e bandeiras. E' d'ali que os oradores falam. Em baixo, no adro, muito povo, homens e mulheres, gente do campo, pequenos proprietarios, toda uma multidão de simples e bons montanhezes, para quem a politica é um mito antipathico e para quem a Patria é tudo o que ha de sagrado. E é em frente do Mosteiro de mestre Affonso Domingues, o cego genial, que o comicio principia.

O sr. Herculano Galhardo, senador pelo districto, apresenta os oradores e propõe para presidir o sr. Presidente do Ministerio. Depois falam os srs. ministro da guerra, que enverga a sua farda de major; ministro da marinha, ministro das finanças, Alexandre Braga e Simões Raposo, deputado por Lisboa. O sr. dr. Antonio José d'Almeida é quem toma, em ultimo logar, a palavra. A sua eloquencia exuberante exalta-se, sublima-se, torna-se mais idealista e mais sentimental do que nunca. As suas palavras veem cheias de fé e impregnadas de poesia. E se a fé é a grande remodeladora dos mundos e a forte creadora de maravilhas, a poesia é alma e sem alma não ha nada que vingue ou que perdure. A guerra precisa dos poetas, porque sem elles ella não seria mais do que uma horrivel chacina, devastadora dos povos, arrasadora de nações. E a palavra do sr. dr. Antonio José d'Almeida, ao mesmo tempo prophetica e evocadora, relembra ali, deante do portico preciosissimo, que se recobriu já de poesia e de sonho, o que foram os homens d'Aljubarrota, que nos deixaram, juntamente com uma Patria livre, este deslumbramento que se ergue e nossos olhos, e é neste momento de angustia, como um farol que destrae todas as trevas e que, atravez de todas as procellas, nos levará á terra gloriosa onde os nossos soldados, batendo-se como os portuguezos antigos, saberão levar com o seu sangue todas as affrontas soffridas.

O povo applaude. Ha lagrimas escorrendo pelas faces curtidas de rudes cavadores. E o sr. dr. Antonio José d'Almeida, cada vez mais eloquente, continúa erguendo, á raça que lhe confiou os seus destinos, o mais ardente hymno de louvor que alguem póde conceber para exaltar heroes e dignificar, entre phrases commovidas, o sacrificio divino dos santos que morrem pela Patria. Quando termina, o povo irrompe em manifestações calorosissimas. O hymno nacional domina o côro apaixonado dos vivas e das acclamações. O Sol córa todo o Mosteiro com o diadema fulvo da luz enternecida dos poentes. E emquanto a multidão debanda, o sr. Antonio José d'Almeida, descendo da tribuna, vae de visita á Capella do Fundador, para por alguns instantes junto dos tumulos dos infantes, e parte ao cahir da tarde para Alcobaça, com os outros ministros. A viagem é rapida. Cinco leguas que se transpõem em meia hora.

A grande e rica e civilisada villa estremenha está em festa. Muita gente na rua e nos Paços Municipaes, onde se realisa uma rapida sessão solemne. Novas affirmações patrioticas. Phrases rapidas, curtas, incisivas e expressivas. E' que não ha tempo para mais. Foguetes, morteiros, vivas, exclamações de enthusiasmo. Os ministros da guerra e das finanças seguem para Lisboa em automovel. Os srs. dr. Antonio José d'Almeida e Azevedo Coutinho vão tomar o comboio ao Valado. Despedidas affectuosissimas. Mais manifestações no regresso, em quasi todas as estações, até Torres Vedras. Uma menos um quarto. Gare do Rocio. E terminou a viagem. Não é, porém, sem saudade que a recordo umas poucas d'horas depois. E' que d'ella deve resultar para a Patria mais do que treze annos successivos de Parlamento. Assim é que o regimen se consolida, indo levar ao povo a palavra patriotica, que o obrigue a ter esperança e a ter fé...

Para echar, duas palavras de justiça. Hontem, eu e os meus collegas fomos tratados com as attenções que os representantes da imprensa são devidas em toda a parte e em todas as circumstancias. Se isto se fizesse sempre, não ouvira preciso frisal-o. Mas assim... O facto mostra apenas que a viagem á Batalha teve a dirigil-a alguem que muito presa, por a exercer com brilho a minha profissão, e não creaturas que por ella passaram como meteoros, que só se descortinem com os seus mais poderosos telescopio.

AVELINO MENDES.

Ver noticiario diverso na 3.ª pagina

A resurreição das construcções navaes

Uma industria portugueza que deve desenvolver-se e ser patrocinada

Portugal foi outr'ora um grande constructor naval. Paiz de navegadores de mares desconhecidos e de descobridores de novos mundos, banhado pelo oceano que o limita ao sul e ao occidente em toda a sua largura e em todo o seu comprimento, não admira que a industria da construcção de barcos attrahisse os habitantes do littoral e ainda os do interior e que n'ella grangeassem justificada reputação os portuguezes.

Como tantas outras, porém, ella decahiu, de ha muito, quasi desapparecendo; e se as aptidões dos operarios constructores constituem ainda agora uma tradição exemplificada em factos, os estaleiros foram-se reduzindo em numero e importancia e n'este momento apenas se contam seis em toda a costa: um no Algarve, um em Sines, um em Espozende, um em Famalicão e dois na Figueira da Foz.

As boas iniciativas nem sempre faltam, embora não abundem tanto como seria para desejar. Recentemente, fundou-se a Sociedade Portugueza de Navegação Limitada com o fim de construir grandes barcos mercantes, á vela e a motor, um dos quaes se encontra muito adeantado na Figueira da Foz. Os fundadores d'esta sociedade, tendo uma perfeita comprehensão do momento e mostrando uma segura previsão do futuro, veem, ao mesmo tempo, dar patriotico impulso a uma industria que póde e deve desenvolver-se com grande proveito entre nós e constituir uma riqueza nacional.

Todo o auxilio que o Estado dispense á realisação e á expansão de iniciativas identicas affigura-se-nos rasoavel e justo. Facilitar o caminho ás emprezas que já metteram hombros ao apreciabilissimo trabalho de restaurar a decahida industria das construcções navaes é quasi, uma obrigação dos poderes publicos que não raro difficultam em vez de coadjuvar.

Apresenta-se, n'este instante, ao governo um ensejo de patentear o seu interesse pelo esforço que representa a obra em que está empenhada a Sociedade Portugueza de Navegação. O mestre-constructor ao seu serviço é um rapaz de excepcional competencia a quem os deveres militares chamaram a Tancos e que, depois dos exercicios ali effectuados, está, como os seus camaradas, no goso d'uma licença. Finda esta, recolherá ao corpo a que pertence. Interinamente substitue-o um irmão, por assim dizer uma creança, cuja notavel habilidade não suppre, todavia, a falta do ausente.

Concluido o barco de 900 toneladas, agora em construcção, a sociedade está resolvida a construir simultaneamente, mais dois da mesma tonelagem, mas para isso é mister que se removam e evitem contrariedades como aquella que deixamos referida.

Em França, em Inglaterra, na Italia, os governos teem demonstrado um alto senso pratico e patriotico, permittindo que individuos sujeitos a deveres militares gosem d'uma dispensa quando se reconheça imprescindivel a sua direcção, a sua presença, a sua collaboração em determinados trabalhos considerados de verdadeiro interesse nacional. E não pertencerá a este numero o das construcções da marinha mercante a que estamos alludindo?

Os operarios que trabalham nos estaleiros da Figueira da Foz já ultrapassaram, segundo cremos, a edade militar e os operarios, em geral, sempre encontram quem melhor ou peor os substitua. O mesmo se não pode dizer do mestre-constructor. Trata-se d'uma valiosa industria que renasce e que, ao terminar a guerra, convem que esteja em pleno e fecundo rejuvenescimento. Os bons mestres estão longe de se deparar entre nós. Porque não consentir, pois, que o mestre constructor, de quem nos occupamos, continue no exercicio da sua profissão que, sendo sem duvida menos arriscada que a lucta na frente de batalha, não é menos vantajosa e proficua? Porque?

A rua de lord Byron chamar-se-ha rua Newton

Uma reconsideração plausivel da camara municipal

Do minucioso extracto que o «Diario de Noticias» insere da sessão de hontem na camara municipal de Lisboa reproduzimos o seguinte:

«O sr. Ribeiro da Silva diz que a camara resolvera dar a denominação de Bairro da Inglaterra ao bairro Braz Simões, e incumbira a sua commissão executiva de, ás ruas do mesmo bairro, dar a denominação de cidades e homens illustres de Inglaterra. Na sessão anterior deliberára-se por proposta dos srs. Santos Netto e Feliciano de Sousa quaes os nomes a dar ás ditas vias publicas. Um dos nomes, porém, que tinham sido escolhidos fôra o de Lord Byron, que sendo uma gloria da Inglaterra é um dos cantores das bellezas de Cintra e da propria capital do nosso paiz, tinha sido comtudo, devido ao seu temperamento, um poeta que aggravára os portuguezes, como aliás havia procedido da mesma fórma para com os proprios inglezes. Por esse motivo a resolução da Commissão Executiva soffrera reparos por parte de alguns municipes e de um jornal importante da capital. Sendo o desejo da camara proceder em harmonia com os desejos dos municipes, apresentava a proposta seguinte:

«Proponho que em reconsideração da deliberação tomada na sessão de 17 do corrente, seja dada á rua que particularmente se denominava Aurora, no bairro da Inglaterra, a denominação de rua Newton em logar do que n'aquella sessão lhe foi dada.»

O proponente mostra o que fôra Newton, como astronomo, e declara que a homenagem áquelle sabio era merecida.

O sr. Santos Netto diz que quando apresentára a proposta sobre a denominação das ruas do bairro de Inglaterra tivera em attenção o cumprimento da resolução da camara, fazendo homenagem á sua fiel e secular alliada e ao mesmo tempo a facilidade da pronuncia e da escripta dos nomes a adoptar. Como a escolha do nome d'aquelle grande poeta levantára alguma celeuma, não tinha duvida em votar a proposta do sr. Ribeiro da Silva. De facto, Byron ao mesmo tempo que cantava as bellezas de Cintra, offendia os portuguezes devido ao seu temperamento azedo. Concluo dizendo que a reconsideração podia ter logar visto não haver prejuizos de terceiros.

O sr. Feliciano de Sousa declára que tambem não tinha duvida alguma em dar o seu voto á proposta do sr. Ribeiro da Silva, visto, facto que ignorava quando firmou a proposta, os portuguezes terem aggravos do grande poeta que tão bem soubera cantar as bellezas de Cintra e de Lisboa, fazendo, assim, lá fôra uma propaganda que ao nosso paiz deveria ter trazido muitos estrangeiros. Folgava que a escolha do nome de Lord Byron para uma das ruas do bairro de Inglaterra, tivesse dado origem a que se escrevesse n'um jornal importante da capital, um artigo litterario e cheio de erudição. Conclue o orador por declarar que, não era requisito essencial para ser bom administrador, o conhecimento profundo da litteratura.

A proposta do sr. Ribeiro da Silva é approvada por unanimidade.»

Como o leitor vê, não foi inutil o brado que o nosso collega Avelino d'Almeida lançou nas columnas da «Capital» para que ao nome do auctor do «Childe Harold» se preferisse outro, entre tantos nomes illustres que glorificam a Inglaterra. Se alguma coisa ha a sentir é que a camara não aproveitasse o ensejo para prestar homenagem a qualquer das grandes figuras britannicas da guerra, como lord Kitchener, o organisador do exercito e amigo de Portugal, ou miss Cavell, a martyr da sua dedicação pela patria.

Para a outra vez será!

Dr. Magalhães Lima

O illustre democrata sr. dr. Magalhães Lima, que interrompera a sua missão de propaganda no estrangeiro para fazer uma cura de repouso em Lausanne, prepara-se para recomeçar a sua patriotica tarefa, devendo encontrar-se de novo em Paris, nos primeiros dias do proximo mez.

A "Historia da Grande Guerra"

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos a tempo as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

De toda a parte

Vinte e quatro mulheres acabam de entrar, d'uma unica fornada, no parlamento da Finlandia. Na Dinamarca, as mulheres já teem voto. As francezas e as inglezas esperam poder votar depois da guerra.

D'uma estatistica organisada agora em Hespanha conclue-se que os capitaes francezes, inglezes e belgas empregados nas industrias hespanholas se elevam a 1.808 milhões de pesetas, ao passo que os capitães allemães não chegam a 25 milhões.

De Petrogrado deve partir para França uma delegação especial que vae entregar ao «maire» de Verdun, como representação da gloriosa cidade, a cruz de S. Jorge, que é concede apenas por altos feitos militares.

As auctoridades de Colonia offerecem mil marcos de recompensa a quem lhe indicar o nome do caricaturista auctor do desenho que appareceu affixado nos muros da cidade e que representa o rei Jorge com um sacco de moedas de oiro, o sr. Poincaré com um sacco de trigo, o rei Alberto com um gordo suino e Guilherme II com um bolso de dôce, vasio.

A redacção da «Gazeta popular de Colonia» publicou em 19 do corrente um appello convidando com insistencia todos os allemães a levar os suas joias de oiro ao Banco do Imperio. O jornal informa que se encarrega de recolher essas joias e que publicará os nomes de todos os que as entregarem com o valor minimo de 50 marcos.

NAVIOS ALLEMÃES

O problema da navegação

Emquanto não se estabelecer a concorrencia não póde haver transporte barato

O dominio do mar é a primeira condição de prosperidade d'um povo. Desde que uma nação descuida esse precioso instrumento de riqueza e de vitalidade, immediatamente vae cavando a sua propria ruina. Portugal offerece a esse respeito exemplo frisante. Emquanto foi senhor da navegação, durante o periodo, em que as suas naus sulcavam os oceanos, a miseria andou arredada d'esta terra porque o commercio prosperava. A navegação a vapor, relegando a um plano secundario, o transporte maritimo á vella, feriu rudemente o nosso bem-estar. Durante muito tempo deixamos avançar as outras nações, deixando o nosso commercio, ao passo que progrediam as relações commerciaes d'outros paizes possuidores de mais recursos do que nós.

O problema da navegação em Portugal quasi foi posto de parte, tornando-se o commercio dependente dos caprichos e exigencias estranhas.

Se é facto que as estatisticas accusam um desenvolvimento annual da nossa navegação mechanica, esse desenvolvimento está longe de preparação que os economistas indicam para que um paiz não affirme a sua decadencia.

O movimento maritimo nos portos da metropole, incluindo as ilhas, era representado, ao rebentar a conflagração europeia, por quarenta milhões de toneladas. Noventa e oito por cento contribuia para a prosperidade da navegação estrangeira, sendo o subsidio principal recolhido pela frota mercante allemã.

Ao declarar-se o conflicto internacional, para o qual o nosso paiz era fatalmente arrastado pela força das circumstancias, o povo, que tem uma admiravel intuição das coisas, viu nos barcos allemães que estacionavam em portos portuguezes, a solução d'esse problema vital da sua prosperidade.

A crise dos transportes maritimos decidiu o governo a requisitar esses barcos e o estado de guerra, entre Portugal e a Allemanha, tornou-os propriedade do paiz. Uma grande parte d'esses navios foram alugados á Inglaterra, não tendo faltado quem dissesse que lh'os podiamos dispensar porque d'elles todos não tinhamos necessidade. Quem fez semelhante affirmação despreciа evidentemente um serviço que prestamos á nossa secular alliada, parecendo até que a Inglaterra nos fazia favor livrando-nos d'um encargo pesado como seria a conservação d'esses transportes. Basta considerar um pouco para se vêr o absurdo de semelhante affirmação. A marinha mercante portugueza, tão exigua que marcava a decadencia do paiz, com a totalidade dos navios allemães podia collocar-se em situação vantajosa, correspondente ás suas necessidades. Cedendo a maioria d'essas embarcações, foz evidentemente um sacrificio de muito boa vontade e certo, mas essa circumstancia mais deve valorisar o seu gesto. Ficaram a Portugal vinte e um dos navios apresados, 4 dos quaes adstrictos á divisão naval. Isto é; a marinha mercante só póde contar com 17 navios e o problema da navegação, na melhor das hipotheses, tem de ser resolvido, com esse numero de barcos. Com tão diminutos meios de acção é facil comprehender que as nossas necessidades levem tempo a ser satisfeitas. Continuará o paiz a braços com a crise de transportes maritimos, quanto mais embaraçoso quanto menos acertada fôr a administração dos referidos barcos.

Não se sentiu ainda a menor differença na situação do nosso mercado. Continúa a não haver «praça» para o norte e sul da America; as colonias manteem-se privadas de transportes para os seus productos, que a Empreza Nacional não quer carregar. Por lá ficam a casca de mangui, as sementes, as madeiras e tantos outros productos, cuja venda levaria a prosperidade a essa colonia.

Na metropole a situação é ainda a mesma.

A crise de subsistencias continúa, porque o transporte é hojo tão caro como o era antes da posse dos navios. E os factos são assim, porque se teima em não promover a concorrencia que certamente provocaria o barateamento do frete.

A unica solução possivel é, pois, entregar por concurso esses navios, entregando-os á companhia portugueza que se formar para a sua exploração. Não é de crer que em Portugal faltem, n'esta hora, homens de boa vontade e de recursos para essa exploração, cujos resultados materiaes estão antecipadamente assegurados.

TRIBUNAL MILITAR

A insubordinação no presidio da Trafaria

Terminou o interrogatorio dos réus—Começam a depôr as testemunhas d'accusação

A audiencia abriu pouco depois das 13 horas, sendo a constituição do tribunal a mesma de hontem. A sala está quasi repleta. Uma força de infantaria, de pequeno uniforme, faz o serviço do tribunal e na sala e corredores uma outra de grande uniforme sob o commando de um subalterno faz o policiamento. As ordens continuam a ser rigorosas. O tenente sr. Olympio de Mello manda entrar os reus e faz-se a chamada das testemunhas. O sr. promotor de justiça não dispensa a comparencia de duas testemunhas, embora mandassem attestado medico devidamente reconhecido.

Continua o interrogatorio dos reus. O 1.º cabo Evaristo Augusto Cordeiro diz que não tomou parte no movimento nem d'elle tinha conhecimento e que não pensou em fugir. Se o quizesse fazer, tinha-o realisado quando foi levado não só ao quartel general na companhia de um cabo que o deixou só á porta da secretaria, sendo até mandado retirar de onde estava por um soldado, visto estar n'essa occasião vestido á paisana. Não se recorda do que se passou e isso deve-o á sua doença. E' facto ter mudado de nome, mas se o fez foi para evitar o seu castigo sendo innocente. Era conhecido por «Tavares» mas nunca foi chefe do movimento.

O soldado Ricardo Lopes declara que na noite do movimento ouviu barulho, mas que não sabia do que se tratava. Estando doente, não podia passar pelo tal buraco que appareceu na sala n.º 4. Confessa os crimes de ausencia illegitima dois dias e o extravio de um calça e um casaco, mas nega o de roubo de uma peça de cassa n'um estabelecimento de Coimbra.

Segue-se o soldado Baptista, n.º 774, que affirma não ter tomado parte no movimento. Alargou, é certo, o buraco que fôra feito na parede, mas se assim procedeu foi para evitar a agua que estava cahindo do aqueduto que se achava são esbangalhado. E' facto ter aggredido na calçada do Combro com uma bofetada um seu camarada, mas isso bastante lhe pesa porque era seu amigo. Tambem confessa ter dado uma bofetada no capitão sr. Bernardo Ferreira e puxar para elle o sabre, não sendo completado o seu gesto por ter sido agarrado. Confessa ainda ter desrespeitado o alferes Amorim e ter aggredido os seus camaradas, mas se os não procedeu foi por estar desvairado.

O soldado 96, Manuel Joaquim Moreira, confessa ter batido n'um sargento, mas por ter ouvido dizer que o sr. tenente Lapa estava aggredindo um seu camarada contra o qual tambem apontára o revolver. E' conhecido pelo «Bolcata», porque é esse o nome que se dá aos individuos que assentam praça mais de uma vez e elle já o fez por treze vezes, embora da ultima com pouca vontade. Não dirá que está innocente. Foi na uma janella e nada mais. Não deu vozes de commando para o tal barulho que parecia artilharia. Se o nomearam chefe não tinha d'isso conhecimento e tinindo assim que eram chefes, porque se fazia o que se queria. Já se tinha dado outra revolta e se o official fosse mais energico nada se passaria do que se passou. Não tem que declarar. Havia entendimentos com o «Manga lavada», o «Galinha», o «Meudo» ou outros seus camaradas. Sentou praça aos 15 annos e sahiu com baixa 4 annos e meio depois. Não tendo meios, voltou a sentar praça com outro nome e quando tentou emigrar para o Rio de Janeiro deu terceiro nome. Esperava que ainda assim, perante o civil. Nega o crime de roubo e confessa o ter andado com as divisas de sargento, mas que ellas eram de papel e fôra pelo carnaval.

Passa a ser interrogado o soldado 179, Alexandre Cardoso. Na sala onde estava, que era a n.º 2, nada se passou e não ser um soldado de cavallaria 3 haver com os pés, não conseguindo, por ter sido reprehendido pelo chefe. O buraco que appareceu feito foi de baixo para cima, ignorando por isso quem seja o seus auctores. Ainda hoje o ignora, embora esteja preso juntamente com os accusados.

E' chamado o ultimo accusado. Chama-se Julio Costa, soldado n.º 229 de infantaria 5. Quando se passaram esteve preso por emprestar uma mulher, mas foi absolvido. Dias antes do movimento ouviu falar n'isso, mas não fez caso e não se importou com o movimento quando elle se declarou. Estava na sala 2 e não tomou parte na insubordinação. Confessa outros crimes de que é accusado, embora tivesse ouvido a narrativa a uma senhora que seguia com um filho e estava ausente sem licença, e nega os que é accusado allegando encontrar-se sempre embriagado.

Apoz um descanço de 15 minutos é chamada a primeira testemunha de accusação, Aleixo Francisco Xavier da Silva, 2.º sargento de engenharia. Diz que o movimento se deu dois ou tres dias depois da entrada dos officiaes que tomaram parte no chamado «movimento das espadas».

Estava ali preso como conspirador juntamente com um sargento de nome Miranda. Ouviu barulho, partir vidros, gritaria, etc. E' falso que tivesse instigado alguem á revolta e que lhe tivessem enviado as paredes viu inscripções pintadas com ameaças, «viva a monarchia», etc. A testemunha pouco ou nada adeanta sobre o movimento, sabendo-se apenas que o tenente Lapa era alcunhado de «formiga branca». Não sabe quem são os seus camaradas, nem se os factos de alguns dos réus foram fazendo alguma coisa de que se achasse deante nem se os perderam cigarros, sendo alguns abusos seus fachinas.

O sr. promotor de justiça faz outras instancias á testemunha dizendo que o processo dá a entender que a testemunha estava comprometida no movimento, o que elle nega, dizendo que em algumas paredes viu inscripções pintadas com vivas á monarchia, «viva a monarchia», etc.

A segunda testemunha, um soldado recluso, pouco adeanta. Refere-se ao movimento, apenas dizendo que ouviu barulho e partir vidros.

A testemunha José Maria Ferreira, soldado da companhia de saude, ao tempo preso como desertor e depois amnistiado, diz que estando na mesma sala com alguns dos reus mostrou desejos de mudar de prisão. A's muitas instancias do sr. promotor de justiça diz que o desejo de mudar de sala era motivado por alguns d'elles furtarem tabaco e se reunirem á noite junto da cama do «Falcata», notando n'elles que alguma coisa se tramava. A testemunha vae mostrando alguns dos reus que mais se salientaram na insubordinação e que quem fez o buraco na parede fôra o «Falcata». O peor de todos era o Paixão. Instada pelo defensor, sr. Alvaro Camara, a testemunha diz que viu o «Besiga» partir os vidros da janella com um ferro. A testemunha é muito instada tanto pelo sr. promotor de justiça como pela defeza. E' tambem instada por um dos membros da jury. Segue-se o capitão de infantaria 5 sr. Oliveira, no tempo preso por entrar no «movimento das espadas». Notou que o barulho era ensurdecedor, partindo-se vidros e batendo com ferros. Nada mais sabe do que se passou. O tenente sr. Olympio de Mello lê em seguida os depoimentos de Raul Antonio da Silva e outras testemunhas que figuram no processo. Essa leitura leva bastante tempo e não desperta curiosidade. A's 18 horas a audiencia continua, devendo terminar pelas 20, para recomeçar ámanhã ao meio dia.

Liga Economica Nacional

A commissão executiva da Liga Economica Nacional, na sua ultima sessão deliberou escolher os vogaes srs. Freire de Andrade, Ramos da Costa e O'Neill Pedroso, para entrevistarem os srs. ministros das colonias, finanças e fomento para tratar do credito agricola, assucar betteraba, industria do ferro em Portugal e da construcção do ramal de Sines. Nomeou os membros srs. Ramos da Costa, O'Neill Pedroso, Cesar Machado, Joaquim de Sousa, Oliver e Soares Franco, para estudarem e promoverem o estabelecimento de carreiras de navegação para o Brazil e tomar conhecimento das queixas dirigidas á Liga contra a administração dos caminhos de ferro do Estado.

Foi discutida a necessidade de pelo ministerio do fomento, se dar andamento ás representações da Liga e instar com o sr. Fernandes Costa para que o engenheiro sr. Moraes Sarmento seja auctorisado a estudar a rectificação do traçado ramal de Sines.

A Liga recebeu officios de algumas camaras municipaes adherindo aos trabalhos já feitos sobre a cultura da betterraba e da fabricação do respectivo assucar.

Paço d'Arcos
Grande Casino da Praia

Brevemente abertura d'este bem situado Casino com todas as commodidades hygienicas. A empreza está contractando varios dos melhores numeros de variedades da actualidade, devendo a estreia, que se effectuar-se no proximo sabbado, ser de molde a deixar satisfeita a selecta assistencia para a qual se está distribuindo convites. Abrilhanta o espectaculo um magnifico sextetto seguindo-se-lhe baile que deve decorrer animadissimo.

A fita da chegada de Cardo as Charlot a Lisboa

Tem sido um dos maiores successos dos ultimos tempos os espectaculos de Cardo as Charlot em Lisboa e da sua troupe no Theatro Republica, juntamente com a linda e festejada revista *Castellos no ar*. Hoje o celebre artista comico apresenta-se na engraçada pantomima *Charlot enamorado* e ámanhã é a estreia da famosa fita que *Cardo as Charlot* tirou na estação do Rocio, no Rocio e a caminho do Theatro Republica, que ha-de causar grande successo e enorme hilaridade e fazer as delicias do publico, tanto mais que n'ella apparecerão figuras conhecidas, não faltando o ingenuo policia que queria levar o artista para o governo civil.

A revista *Castellos no ar* continúa a sua gloriosa carreira com Joaquim Costa, Angela Pinto, a fazer rir os espectadores e com o famoso successo da joven actriz Judith de Castro nos seus varios papeis e especialmente no *Marinheiro* e com a sua irmã Rachel na engraçada parodia ao popular duetto dos *Olhos falsos*. Um espectaculo extraordinario que todos devem vêr

A falta de trigo e de milho

O sr. dr. Manuel Alegre, governador civil de Santarem, esteve hoje com o sr. ministro do trabalho tratando da questão dos trigos.

O sr. governador civil de Aveiro tambem solicitou do mesmo ministro providencias no sentido do concelho d'Agueda ser abastecido de milho.

A falta de assucar

Parece que, finalmente, a falta de assucar será consideravelmente attenuada com a chegada de algumas centenas de toneladas d'aquelle genero vindas das nossas colonias. Já não é sem tempo...

E' de lamentar, porém, que a acção do Estado se não fizesse sentir mais rapidamente n'um problema tão grave e que tanto affectou a população de todo o paiz. Havendo, como ha, tanto assucar colonial, ninguem comprehende que se passe o que se está passando: a raridade do assucar e o seu preço [illegible].

Felizmente [illegible] coisas semelhantes com [illegible] particulares. E' ir por exemplo, ao estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290 a 290-B, e nunca lá falta o assucar por um preço baratissimo, não obstante a sua boa qualidade e a perfeição do fabrico.

Policias accusados de burla

Como tivessem terminado as investigações referentes aos casos em que estão envolvidos, foram hontem passadas ordens de captura contra os agentes da judiciaria Annibal Bernardo Pires e Antonio Ambrosio Santos Oliveira.

Hoje de manhã foram ambos presos em suas casas e depois d'alguma permanencia no governo civil seguiram para juizo, onde lhes arbitraram a fiança de 2.500$00.

Antonio Maximo Sequeira, proposto do recebedor da fazenda de Aldegallega, um dos queixosos contra os agentes, tambem foi pronunciado como burlão, por se saber que chegára a entabolar negociações com os policias e cumplices d'estes, servindo-se para isso do dinheiro que tirou da recebedoria. O mesmo aconteceu a duas testemunhas.

Os agentes deram entrada no Limoeiro, por não terem prestado fiança.

Como é natural, não sabem os nossos leitores o que é o Trio Rosegina. Mas nós, sempre indiscretos, vamos dizer-lhes. Nem mais nem menos que trez artistas com duetos e tercetos em portuguez, bons fados cantados por um dos do Trio e muitas coisas mais, interessantes.

Isto é, um bom numero e na lingua de Camões, para todos nós percebermos.

Rosine e o seu Carlitos continuam com as suas exhibições, sempre bem recebidas pelo publico, como não podia deixar de ser. La Bella Lopez e o seu excentrico, tambem recebem os seus applausos assim como o guitarrista Petrolino.

Caracciolo-Scognamiglio

Chegou hoje esta esplendida companhia de opereta

Chegou hoje a Lisboa a esplendida companhia de opera-comica e operetta Caacciolo-Scognamiglio, a melhor e mais completa que existe actualmente a sem contestação a mais bem organisada de quantas teem vindo a Lisboa. O trazer n'este momento a Lisboa uma companhia constituida por artistas de tão alto valor representa um grande arrojo da parte do sr. commendador Antonio Santos e um desejo evidente de corresponder á boa vontade que o publico tem tido sempre pelo Colyseu. O augmento de tarifas ferro-viarias de todos os paizes, o extraordinario aggravamento do cambio e o preço fabuloso que teem attingido o papel e o reclame tornou difficilima a defeza de qualquer exploração theatral. Essa defeza só é possivel com a apresentação de companhias com o valor da que se estreia ámanhã no Colyseu.

A concorrencia ás bilheteiras tem sido enorme, tendo ficado já hoje vendida quasi toda a lotação.

A operetta escolhida para a inauguração dos espectaculos que se realisam ámanhã é a celebre partitura de Leon Bard «A duqueza do Bal Tabarin», o exito mais enthusiastico dos principaes theatros italianos.

Cinema Condes

Uma deliciosa comedia estreada na sessão de hoje

No Cinema Condes as estreias succedem-se, mas os exitos ficam a consolidar a reputação magnifica que este bello salão conseguiu entre o publico habitual dos cinematographos. Pergunte-se ao mais imparcial dos espectadores qual é uma das melhores casas de espectaculos d'este genero e elle responderá sem hesitação que nenhuma, como o Condes, corresponde ás preferencias manifestadas pelo publico. De facto, não é possivel imaginarem-se programmas mais variados nem mais completos. Ainda hoje, por exemplo, se exhibe ali em primeira apresentação uma deliciosa comedia em dois actos *A fuga do tio Ignacio*, que é uma «charge» magnifica e cheia de humorismo, destinada a um incontestavel exito.

Além d'esta estreia, convem accrescentar que se repetem os lindissimos «films» de arte *Perola da Tribu* e *Sonho de um dia*.

ULTIMAS NOTICIAS

UM ESCANDALO

Os monarchicos portuguezes germanophilos do Rio

Içam, ás janellas do Lyceu Litterario Portuguez, a bandeira azul e branca ao lado da bandeira allemã — Energicos protestos

RIO DE JANEIRO, 25. — Commemorando o 48.º anniversario da fundação do Lyceu Litterario Portuguez, appareceu, esta manhã a fachada do edificio completamente embandeirada, ostentando uma bandeira portugueza monarchica, ao lado do pavilhão allemã. Uma multidão composta de membros da colonia portugueza e de outras colonias alliadas, tentou apedrejar as janellas, sendo impedida pela policia. Está convocada uma reunião da colonia para esta noite, com o fim de protestar contra o procedimento da direcção do Lyceu. As auctoridades policiaes tomaram as suas providencias para evitar qualquer conflicto.—(Americana).

Finanças brazileiras

RIO DE JANEIRO, 25.—O deputado Carlos Peixoto, relator das finanças na camara dos deputados, declarou ser absolutamente necessario o augmento da taxa dos direitos sobre a importação.

Provavelmente a exportação não será tributada por causa da grande opposição das associações agrarias dos estados agricolas, fortemente representadas no congresso.

Os cortes no orçamento de 1917 attingem já 13 milhões e meio de libras sterlinas.

O relator pede o augmento da quota ouro nos direitos alfandegarios, e a equiparação das tabellas de fretes de todos os caminhos de ferro do governo e particulares, dizendo que a Central Brazil dará um beneficio de quatro milhões sterlinos se se adoptar a tarifa dos caminhos de ferro paulistas.—(*Americana*).

Censura postal

O *Diario do Governo* de hoje insere o seguinte decreto:

Afim de poder dar-se cabal cumprimento ao que dispõem o decreto n.º 2352, de 20 de abril ultimo, publicado no *Diario do Governo* n.º 77, e a lei n.º 545, de 20 de maio tambem ultimo, publicado no *Diario do Governo* n.º 99, sobre censura ás correspondencias postaes vindas do extrangeiro ou para o extrangeiro destinadas: hei por bem, sob proposta do governo e usando da faculdade conferida ao poder executivo pela lei n.º 491, de 12 de março de 1916, decretar o seguinte:

Artigo 1.º Não podem transitar pelo correio as correspondencias procedentes ou destinadas ao extrangeiro e colonias, que não forem escriptas em qualquer das linguas ingleza, franceza, italiana, hespanhola ou portugueza.

Art. 2.º As correspondencias que entrarem no correio, quer com destino ao extrangeiro ou colonias, quer d'ali procedentes, que não vierem escriptas em qualquer d'estas linguas, ou cujo texto não seja claro e legivel, serão apprehendidas pelas respectivas commissões de censura.

§ unico. As correspondencias que, embora escriptas em qualquer das linguas indicadas, contenham palavras ou phrases n'outras linguas differentes d'aquellas, poderão seguir ao seu destino, depois de eliminadas por completo as referidas palavras ou phrases.

Art. 3.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

2711	12:000$
6923	1:000$

Numero	Premio	Numero	Premio
23 1	400$	8497	100$
1243	200$	4226	100$
6145	200$	6262	100$
6853	200$	6462	100$
122	100$	6803	100$
251	100$	6880	100$
1748	10 $	7168	100$
2316	100$	7472	100$
3208	100$	8196	100$
8494	100$		

CONGRESSO NACIONAL

Ha tumultos, interrompe-se a sessão

Respondem á chamada 131 congressistas. Preside o sr. Correia Barreto, que tem por secretarios os srs. Bathazar Teixeira e Paes Abranches. A uma pergunta do sr. Moura Pinto, responde o sr. presidente que eram 213 congressistas em exercicio, sendo, portanto, o *quorum* de 112. O sr. Moura Pinto replica que esse *quorum* vae baixando sem que se saiba porquê, parecendo-lhe que anda em tudo isto uma trapalhada que não percebe. O presidente, depois de terem apellado para os seus cabellos brancos, diz que não encobriu nem encobrirá nunca illegalidades. Ao numero, abatem-se os que estão de licença. Ahi está porque o seu numero desceu. A secretaria abateu congressistas que pediram licença telegraphicamente e sem o seu conhecimento. Averiguará se o fez com razão. O sr. José Barbosa invoca o § unico do artigo 13.º da Constituição, o qual regula o funccionamento das camaras. O sr. Jorge Nunes diz que as licenças a deputados teem sido concedidas sempre depois de consultada a Camara. Pelo telegrapho só agora. E' uma habilidade para se forçar a votação. O presidente responde que, sem descontar os congressistas que tiveram licença telegraphica, o *quorum* é de 112. Logo, o Congresso pode funccionar. Approva-se a acta. A questão prévia do sr. Ferreira da Fonseca é posta á votação e regeitada. Estão na sala 142 congressistas. O sr. Ferreira da Fonseca diz que se a moção Alexandre Braga fôr dividida em duas partes—uma relativa á antecipação e outra ao adiamento da revisão para depois da guerra—votaria a primeira parte. Requerida essa divisão da moção, é regeitada. Em seguida o sr. José Barbosa declara que os parlamentares unionistas não tomarão parte na votação, motivo porque a moção não pode ser approvada senão por dois terços dos congressistas em exercicio, ou sejam 143. Em seguida, os unionistas sahem da sala, ficando apenas os srs. João de Menezes, Jorge Nunes e José Barbosa.

O sr. Costa Junior requer votação nominal para a moção Alexandre Braga. E' approvado. O sr. José Barbosa requer prioridade para a sua moção. Rejeitado. Faz-se a chamada para a votação nominal. Approvam 126 congressistas e regeitam 9. O sr. Jorge Nunes invoca o paragrapho 1.º do artigo 82.º da Constituição, o qual determina que a antecipação só pode ser feita desde que a approvem dois terços dos congressistas, em sessão conjunta. O presidente responde que bastam para approvar a moção 112. O sr. Jorge Nunes continuando no uso da palavra, declara que aquelles que querem fazer votar a moção Braga só pelos dois terços dos presentes, e que são os que fizeram o 14 de maio, infringem uma vez mais a Constituição. O sr. Affonso Costa pode rir-se com sobranceria, porque tem ao seu dispôr a força do numero sem ter a da razão.

O sr. Moura Pinto.—E' uma infamia!

O sr. Aresta Branco.—Que nós não consentiremos!

O sr. Jorge Nunes continúa usando da palavra com grande vehemencia. A votação não é valida, porque não ha numero necessario para que ella se faça. O Paiz avaliará da razão que assiste a quem assim pretende evitar que a Constituição seja esfrangalhada.

O tumulto inicia-se. Da estrema direita, os protestos são cada vez mais intensos. O sr. Francisco Cruz brada:

—Puzeram o Paiz a saque! Agora, querem acabar com a Constituição!

Ha murros nas carteiras e a gritaria ensurdece. Voam carteiras em estilhas. O sr. Costa Junior pergunta:

—Sr. presidente, a moção está approvada ou regeitada?

—Está approvado!

—Approvado? Não pode ser, não ha numero, é uma infamia!

E aos que protestam só da estrema direita, reune-se a voz do sr. Costa Junior, que é quem mais protesta e quem mais se indigna. O tumulto é então enorme, dominador, impossivel de dominar. E por o ser, e como as exclamações violentas redobram a cada momento de intensidade, o sr. Correia Barreto põe o chapeu e interrompe a sessão. O relogio marca 16,40.

A's 17,10 a sessão reabre. E o barulho começa acto continuo. O sr. Correia Barreto, interrogado pelo sr. Costa Junior, volta a declarar que a moção Alexandre Braga está approvada. E' o morrão chegado ao rastilho. O sr. Costa Junior, com a sua voz de stentor, brada:

—Não ha numero! A sessão não pode continuar!

E a phrase é repetida, como uma *scie*, no mesmo tom, durante largos e largos minutos. Da direita, o sr. José Barbosa exclama:

—Abaixo o dictador Antonio José d'Almeida!

E outras exclamações parecidas cortam o ar, as quaes, juntas com o ruido das carteiras, produzem um tumulto espantoso. O sr. Costa Junior não afrouxa no rosario interminavel dos seus protestos. Os unionistas fazem outro tanto e procedem de egual modo. O sr. Moura Pinto, armado com um sarrafo—um bocado de carteira—bate constantemente na sua banca. O sr. Aresta Branco é dos que mais se exaltam e dos que gritam:

—Viva a dictadura! Vivam os dictadores!

E passam-se mais dez, mais quinze minutos de tumulto, de indiscritivel barulheira. Ha muito que em S. Bento não se passa coisa parecida. O sr. Faustino da Fonseca pretende amortecer as iras do sr. Costa Junior, contradizendo-o. Impossivel. Os seus protestos proseguem. O sr. Domingos Pereira tambem dirige ao deputado socialista algumas palavras indignadas. Tudo em vão. A *scie* continua sempre.

—Sr. presidente, tem de encerrar a sessão, que não póde continuar por falta de numero.

Impossivel, o sr. Correia Barreto parece não dar por nada e o tumulto continua com a mesma intensidade, redobrando sempre que o persidente agita a campainha. A situação não póde, evidentemente, prolongar-se por demasiado tempo. A maioria, porém, e com ella o governo, querem que a sessão continue. E por isso, fazem de conta que não ha tumulto, que tudo corre no melhor dos mundos, que os animos estão tranquillos, ou, pelo menos, estão convencidos de que tudo acabará pelo cansaço.

Engano. A gritaria não amortece. As irritadas exclamações encadeiam-se umas nas outras, cada vez com mais vigor.

—Vivam os dictadores!

—Viva a dictadura!

—Respeite-se a Constituição!

São estes e outros os gritos enfurecidos que dominam tudo, que se ouvem acima de tudo, que pairam sobre o som irritante das tampas das carteiras, batidas com força. Principia a estar toda a gente enervada. Ha já quem não se contenha. O sr. Agostinho Fortes põe o chapeu, tenta sahir, mas os correligionarios detêem-n'o. Aqui e além surgem protestos isolados, nas bancadas da maioria. Mas a disciplina partidaria remedeia tudo.

A certa altura, o sr. Affonso Costa e o sr. presidente do ministerio trocam ligeiras palavras. Em seguida, o sr. dr. Antonio José d'Almeida abandona a sua poltrona e vae até á presidencia, dizendo ao sr. Correia Barreto qualquer coisa que não se ouve. Acto continuo a sessão fecha.

N'esse instante, as galerias interveem, dirigindo-se, em grita, para as bancadas unionistas, ameaçando, de punhos cerrados, aquelles que ali se encontram. A berraria é estupenda, e na sala os animos começam tambem a perder a serenidade. Esboçam-se conflictos na extrema esquerda. O sr. Costa Junior é invectivado por alguns democraticos. O sr. Domingos Pereira, que está n'uma cochia, dirige ao representante dos socialistas palavras que não se percebem.

A proxima sessão do Congresso

Hoje, na sessão conjuncta, o sr. presidente não poude marcar o dia da proxima sessão, dado o tumulto que havia na sala quando se deu a interrupção pela segunda vez. Consta, no emtanto, que a proxima sessão será na quinta-feira, publicando o governo para esse effeito um novo decreto de convocação na folha official.

Embaixador do Brazil

E' ámanhã que o sr. presidente da Republica, recebe em audiencia, para entrega de credenciaes, o sr. dr. Gastão da Cunha, novo embaixador do Brazil.

A grande guerra

A lucta na frente accidental

PARIS, 25.—Communicação official das 15 horas:

Ao norte do Somme as tropas francezas consolidaram-se durante a noite ao norte e a nordeste de Maurepas. Os allemães deram um violento contra-ataque á parte sul da aldeia estabelecida no cabeço de 121 de cota, sendo dizimados pelos fogos da nossa artilharia e metralhadoras, não podendo abordar em nenhum ponto as nossas trincheiras, soffrendo elevadas perdas.

Foram feitos prisioneiros 60 allemães, incluindo dois officiaes.

O total dos prisioneiros validos feitos pelos francezes desde hontem n'este sector passa de 530.

Na margem direita do Meuse houve grande actividade das duas artilharias na região do entrincheiramento de Thiaumont. Na floresta de Apremont, o bombardeamento das trincheiras francezas foi seguido de um ataque allemão que foi completamente entravado pelo nosso fogo de enfiada.

Proximo de Chauvoncourt os nossos fogos mallograram completamente umas manobras allemãs contra um dos nossos pequenos postos. Um piloto francez abateu hontem um apparelho allemão proximo de Gremecey (nordeste de Nancy).—(*Havas*).

O commercio dos alliados em Minas Geraes

BELLO HORISONTE (Minas Geraes), 25. — O commercio portuguez do estado procura um accordo com o commercio dos alliados para fazer uma activa campanha contra as casas commerciaes que teem relações com a Allemanha.

O publico brazileiro acompanha os alliados com a sua sympathia, manifestando a necessidade da «boycottage» aos artigos de proveniencia allemã.—(*Americana*).

A campanha russa

PETROGRADO, 24.—Os russos reoccuparam a cidade de Mousch.—(*Havas*)

Operarios para França

A Associação Industrial Portugueza voltou a officiar ao governo sobre a projectada ida para França dos operarios portuguezes.

Offerecendo-se para a aviação

Procurou-nos hoje o sr. Manuel Fernandes Carvalho, morador na rua Vicente Borga, 7, 1.º, pedindo-nos que nos façamos interpretes junto do sr. ministro da guerra, do seu pedido de seguir a aviação. Offereceu-se já por trez vezes e fez um requerimento, mas até hoje não obteve resposta alguma.

Como é grande o seu desejo de frequentar a escola de aviação, tal o motivo por que nos veiu procurar. Ao sr. Norton de Mattos endereçamos o pedido.

Medicos veterinarios

São avisados para se apresentarem, sem perda de tempo, nas sédes das divisões do exercito a que pertencem ou na 6.ª repartição da 2.ª direcção geral da secretaria da guerra, para regularisarem a sua situação militar, os medicos veterinarios seguintes:

Joaquim Antonio da Cunha e Souto, José Antonio de Faria Pimentel, José Coelho da Rocha, Maximiano da Costa Junior, Manuel de Sousa Pereira Sequeira, Antonio Nunes Ribeiro, Manuel Marques Lavado, Justo Garcia Pereira de Agrela, Armando Carvalho, Romeu Candido de Mattos Valerio, Guilherme Godinho Gonçalves e Ricardo Xavier Correia Mendes.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

Victimas de desastres

A' enfermaria 3 do hospital de S. José recolheu hoje José Maria Mascarenhas, de 10 annos, de Olhão, no Algarve, que alli foi colhido por um ferro, soffrendo fractura da perna esquerda.

Na mesma enfermaria deu entrada José Alves Monteiro, do becco dos Biguinhos, 86, servente do Instituto de Agronomia, que ali foi victima de queda, ferindo-se na cabeça.

O menor João Castanheira de Moura, de 15 annos, alfaiate, residente na rua Maria Andrade, 34, caiu na travessa do Forno aos Anjos, ficando contuso pelo corpo. Foi pensado no banco do hospital, onde egualmente foi soccorrido Francisco Duarte Victorino, conductor n.º 1236 da companhia dos electricos, da Azinhaga da Ceboleira, rua da Videira 8, que seguindo no electrico 201, pela rua da Junqueira, caiu ferindo-se na cabeça.

No hospital falleceu hoje o maritimo Thomaz Felix, surdo-mudo, tripulante do barco de pesca «Pardal», que hontem, á entrada da barra, caiu do mastro, soffrendo fractura da base do craneo, e Francisco Augusto Fonseca trabalhador, residente na Roliça, que em 17 do corrente foi colhido por um carro, na freguezia do Carvalhal

NOTA POLITICA

Uma sessão lamentavel

O que se passou hoje no Congresso da Republica

O Congresso escreveu hoje uma pagina triste na vida politica da Republica. Não ha attenuantes para tudo quanto se fez, para tudo quanto se passou. A consciencia publica ha de sentir-se possuida da mais justa e clamorosa indignação para condemnar aquelles que, na hora melindrosa e grave que passa, não sabem mostrar-se á altura das responsabilidades enormes que pesam sobre os seus hombros.

Quem são os culpados? Todos. A maioria, que não comparece em massa, como era seu dever, quando se trata de um assumpto que fundamentalmente interessa á vida da nação, e a minoria, a reduzida minoria que tem assento nas duas casas do Congresso e que á violencia do numero pretendeu oppôr uma violencia ainda mais condemnavel: a da desordem, a da barafunda.

Se a sessão proseguisse no meio d'essa desordem, se as votações se fizessem entre o alarido que sahia das bancadas unionistas, os membros d'esse partido não teriam o direito de balbuciar um protesto, de esboçar uma queixa. Ha pouco mais de tres annos, realisou-se na Camara uma sessão que os deputados evolucionistas tentaram fazer encerrar da mesma fórma: batendo nas carteiras com estrondo. Os democraticos e *unionistas* approvaram um projecto de lei n'essas condições, sem que se ouvisse na sala uma palavra do que era lido na meza. Como justificaram esse procedimento? Dizendo que a maioria tinha o direito de resistir contra o obstrucionismo das opposições. Se assim não fosse, os regimens parlamentares passariam a ser governador pelas minorias.

Hoje, se o sr. general Correia Barreto não procedesse com extremos escrupulos de correcção, se s. ex.ª quizesse que, apezar de tudo, a sessão proseguisse, a sessão proseguiria, effectuando-se todas as votações que a maioria quizesse effectuar. E toda a gente teria o direito de erguer um protesto contra esse atropello do regimento—toda a gente, menos os parlamentares da União Republicana.

Que lucravam elles, pois, no seu ponto de vista politico, com a desordem que faziam? Em que podia ella contribuir para o prestigio do seu partido?

Entendemos—já o dissemos—que a revisão constitucional deve ser feita separadamente pelas duas camaras; parece-nos, já o dissemos tambem, que os dois terços de que fala o paragrapho 1.º do artigo 82.º da Constituição se referem á totalidade dos membros do Congresso.

Por isso mesmo temos toda a auctoridade para condemnar os exageros praticados hoje pela opposição, que bem podia affirmar com serenidade o seu protesto, dada principalmente a gravidade do momento, na convicção de que nada podia contra a superioridade esmagadora do numero.

O paiz a todos julgará. Na situação que atravessamos, batida de perigos que até os mais optimistas adivinham no horisonte da nossa nacionalidade, espectaculos como o que se passou hoje no Congresso não teem justificação possivel.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA. — A's 21,45 — Castellos no ar.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—916—(Revista).

COLYSEU DOS RECREIOS —A's 21—La duchesse do Bal Tabarin.

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Agenda da semana

A'MANHÃ.—*Apolo.*—100.ª representação da revista *1916.*—Recita do auctor.

Coliseu dos Recreios—Estreia da companhia de operetta—La duchesse de Bal Tabarin.

SPORT

As equipes de «water-polo» e de remo vão ao Porto

Partiram esta manhã para o Porto as «equipes» de remo e de «water-polo» que vão ali disputar as provas organisadas pelo Sport Club do Porto.

A' despedida appareceram immensos socios do club, havendo grande enthusiasmo á partida do comboio.

O Club Naval começa assim a sua propaganda pela provincia a favor do mais util exercicio.

A sua acção de propaganda que em Lisboa tem alcançado os mais lisonjeiros resultados vae enfim sentir-se na segunda capital do paiz onde o «sport» e principalmente o «sport» nautico, devido aos esforços de Pedro de Araujo, Alberto Barbosa, José de Magalhães, e do distincto jornalista sportivo Manuel Camando da Matta Junior, muito tem progredido nos ultimos tempos.

O Sport Algés e Dafundo, o segundo classificado no campeonato de «water-polo» faz tambem, animado d'um bello espirito desportivo, o seu passeio de propaganda jogando com o Club Naval.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

A proxima epoca de Foot-ball

Na séde do Atheneu Commercial de Lisboa, na rua Eugenio dos Santos, 140, 1.º, encontra-se aberta a inscripção para a formação dos «teams» que hão de representar esta collectividade no campeonato de «foot-ball», na epocha de 1916-1917.

Grupo n. 31 dos Escoteiros de Portugal

Continua sendo grande a affluencia de socios a este grupo, os quaes se teem exercitado activamente em signaes de bandeiras e apitos.

No proximo domingo ha exercicios na explanada da séde, devendo todos os escoteiros comparecer fardados e equipados, os que não teem ainda fardamento devem tambem comparecer.

Todos os escoteiros que faltarem a este exercicio, se marcará falta para effeitos disciplinares.

Na séde, rua da Gloria, 73, 1.º, continua aberta a inscripção de novos socios, sendo a quota mensal de 10 centavos.

Um desafio com o Foot-ball Club

O capitão geral d'este club pede a comparencia de todos os seus jogadores no proximo domingo, pelas 13 horas, no campo do Atheneu Commercial de Lisboa para jogar em desafio contra o Sport Club Encarnação.

Foot-ball entre Caixeiros de Lisboa

O capitão geral do Grupo Sportivo d'esta collectividade, pede a comparencia dos jogadores abaixo indicados no campo dos Desportos de Bemfica, no domingo 27, pelas 13 horas, a fim de jogarem contra os «teams» de «foot-ball» da Troupe de Bandolinistas 10 de Junho. Grupo A: Araujo, Gonçalves, Teixeira, Americo, Almeida, Martins, Saraiva, Villarinho, Soares, Almeida, Antunes. Grupo B: Thomaz, Quintino, Dias, Frazão, Braz, Souto, Americo, Portuguez, Augusto, Costa, Ferreira.

Sports Athleticos

O Grupo Sporting Nacional promove no seu recinto, na calçada d'Arroyos, 38, 1.º, no proximo domingo, 27 do corrente, pelas 16 horas, um sarau sportivo constando de saltos em altura e comprimento com e sem balanço, saltos á vara, subir a pulso um mastro com 6 metros, corridas de pucaras e negativas em bicicleta e lucta de tracção á corda. Disputar-se-hão objectos d'arte.

Campeonato de «tennis» na Amadora

Começa depois d'ámanhã o campeonato de «tennis» para a disputa da «Taça Amadora», e titulo de campeão dos Recreios Desportivos.

O campeonato é feito em 3 cathegorias, despertando assim mais interesse desportivo, porque cada grupo disputa uma cathegoria, e não obriga os principiantes a baterem-se com velhos tennistas, pois tinham poucas probabilidades de vencerem quem gosa já de nome consagrado em torneios identicos.

O campeonato começa no domingo, pelo grupo da 3.ª cathegoria, continuando nos dias de semana e domingos seguintes.

Ao vencedor de cada grupo será conferida uma medalha, e ao vencedor da 1.ª cathegoria será o detentor da «Taça Amadora» por um anno, ficando de posse definitiva, sendo ganha 3 annos consecutivos pelo mesmo. Tambem receberá uma medalha de «vermeil» e o titulo de titulo de campeão da Amadora 1916-1917.

Estão inscriptos n'este torneio os distinctos «tennistas» todos socios dos Recreios Desportivos:

Dr. Borges de Sousa, Pedro Del-Negro, Jayme Costa, Arthur Nogueira, Augusto Freitas, Placido Duro, Adelino do Val Fragoso, Clyde Barley, Raul Venancio, Marcello Oliveira Beirão, Arnaldo de Carvalho Vieira, Eduardo Villaça, Antonio Casanóvas, Eugenio de Noronha, Walter Alvarez, Luiz Roubaud, C. Soveral, Antonio Henriques d'Almeida, José Aprigio Gomes Junior, Arnaldo Malta Gomes, Alfredo de Azevedo e Victor Carriço.

Natação do Gimnasio Club Portuguez

E' no proximo domingo 3 de setembro, pelas 16 horas, que este Club organisa uma festa de natação na praia de Pedrouços em que se disputam varias provas e premios.

O programma da festa é o seguinte: 1.º corrida de 100m (4 estilos); 2.º corrida de 200m (velocidade com abonos); 3.º corrida de 50m vestidos); 4.º provas de salvação; 5.º provas finaes da classe de natação da Casa Pia de Lisboa, corrida de 50m (2 estilos bruços e costas), corrida de 50m (velocidade); 6.º corrida 50m para senhoras; 7.º corrida 50m para banhistas; 8.º 100m para vendedores de jornaes e filhos de maritimos; 9.º corrida 500m para banheiros.

A inscripção para estas provas fecha no dia 2 de setembro pelas 23 horas, na séde do Club, rua Serpa Pinto, 4.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«DESABAFOS D'ALMA».—E' a estreia d'um novo escriptor, Reynaldo das Neves Ribeiro, que se apresenta bem, com um fundo um pouco philosophico talvez em demasia, mas reproduzindo impressões intimas e em que transparece mais a reflexão do que a phantasia. O enredo romantico será pouco, mas em compensação tem o livro de que nos estamos occupando um estylo bem do auctor e uma grande elegancia litteraria, qualidades que resgatam de sobejo os poucos defeitos que porventura tenha.

Em trabalho de maior folego deve o novo escriptor affirmar com maior brilho as qualidades que lhe não faltam.

A edição é da casa Figueirinhas, do Porto.

Questões militares

Consultas, respostas, alvitres

PERGUNTA N.º 575.—Era favor que precisaria á classe pharmaceutica respondendo no seu brilhante jornal á seguinte pergunta: Em que condições se encontram perante as leis militares, ultimamente publicadas, os pharmaceuticos que nos mezes do maio e junho ultimos foram mandados apresentar ás juntas de inspecção das divisões e pelas mesmas juntas foram julgados aptos para o serviço militar?—*Um pharmaceutico.*

RESPOSTA.—Encontram-se nas mesmas condições em que estavam antes de serem inspeccionados. A promoção de pharmaceuticos está suspensa por determinação ministerial.

PERGUNTA N.º 576.—Mancebo da provincia, completando 20 annos em setembro, deseja saber se pode deixar de se apresentar ás inspecções sanitarias militares, e se pode apresentar-se a cumprir o serviço militar em janeiro ou maio.—*Um assiduo leitor.*

RESPOSTA.—Se não se apresentar á junta de recrutamento é considerado apto para infanteria e destinado á 1.ª ou 2.ª encorporação em janeiro ou maio de 1917. Nada mais lhe acontece, não devendo de forma alguma faltar á encorporação, pois se faltar será classificado refractario.

PERGUNTA N.º 577.—Pertencia-me ir para a Africa n'esta ultima expedição, mas, devido a encontrar-me doente n'um hospital militar, não fui, assim como para Tancos, pela mesma razão.

Sou professor primario e a camara a que a minha escola pertence declarou pagar-me caso do regimento informem que sou praça mobilisada.

Ora eu não fui para Africa mas não fui licenceado e estou no activo devido á *mobilisação naturalmente* porque, *sendo* encorporado no anno de 1915 e sendo licenceado em setembro do mesmo anno, fui chamado ao serviço em fevereiro do anno corrente.

Terei direito ao vencimento?—*Um professor.*

RESPOSTA.—Estando mobilisado tem direito aos seus vencimentos nos termos da lei.

PERGUNTA N.º 578.—Tendo concorrido á Escola de Guerra e sido classificado com um numero superior aos das vagas, tendo como *soldado licenciado* da classe de 1918 as minhas habilitações registadas no regimento a que pertenço, porque não seria chamado para a escola de officiaes milicianos, não o tendo sido para a 1.ª?

Serei ainda chamado sem que precise de requerer a alguma entidade ou fazer qualquer apresentação?—Estremoz—*Moraes Namorado.*

RESPOSTA.—E' muito possivel que seja chamado para frequentar a Escola Preparatoria de Officiaes Milicianos.

PERGUNTA N.º 579.—Já fui a trez inspecções militares, todas ellas no periodo de cerca d'um anno, tendo das duas ultimas ficado isento definitivamente. Tenho de ir em dezembro a uma 4.ª inspecção.

Porém, segundo as «observações», alinea 6 do decreto n.º 2.570 do «Diario do Governo», de hoje, 15 de agosto, os mancebos que tenham sido adiados durante trez annos consecutivos, estão isentos definitivamente. Esta observação abrange-me? Em caso affirmativo como legaliso a minha situação, pois que entreguei já a minha resalva definitiva?—Um leitor.

RESPOSTA.—A disposição do decreto 2.570 que indica só é applicavel aos individuos que sendo presentes á junta pela primeira vez são isentos temporariamente durante dois annos devendo no terceiro anno ser isentos definitivamente caso o seu estado de saude assim o indique.

Este principio póde ser-lhe applicavel se por acaso na proxima junta a que vae ser submettido fôr isento temporariamente e se tal acontecer nas duas seguintes a que fôr mandado apresentar.

PERGUNTA N.º 580.—Durante o mez de maio passado sahiu um decreto que dizia o seguinte:—«Serão promovidos a alferes milicianos que tendo prestado, nos seus respectivos corpos, dois mezes do serviço activo, ou tenham mostrado zelo militar, bom comportamento moral e civil, e aptidões para a vida militar, para o que os commandantes das unidades respectivas fornecerão uma nota, informando a esse respeito para o ministerio da guerra.

Não garanto a exactidão da redacção do decreto, mas tenho a certeza que a sua interpretação é a mesma da copia acima exposta.

Pergunto agora: porque razão é, que eu e outros meus collegas, tendo já 3 e 4 mezes de serviço e tendo sido ao fim dos dois mezes de serviço a respectiva informação para o ministerio da guerra, dada pelo commandante do nosso regimento, ainda não fomos promovidos a «alferes milicianos» conforme o decreto citado?—Eduardo A. d'Almeida, aspirante a official miliciano d'infantaria.

RESPOSTA.—A proxima ordem do exercito deve publicar uma larga promoção a alferes milicianos de todas as armas e serviços; é muito provavel que seja incluido n'essa promoção.

PERGUNTA N.º 581.—Escreve-me um amigo meu pedindo-me para me informar em Portugal do caso que passo a expôr a v., dada a tão util secção do jornal de v. destinada ás questões militares. Trata-se de um bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra, com menos de 30 annos de idade, que reside em Toulouse (França), onde está cursando e para onde foi com as respectivas licenças militares e passaporte. Terminará para o proximo anno os seus estudos, que não deseja interromper e queria vir a férias (um mez) a Portugal. Nas circumstancias em que está, foi informado pela auctoridade consular que não tinha de frequentar as escolas de officiaes milicianos por residir no estrangeiro, o que não aconteceria se estivesse em Portugal. Pergunta se perde o direito que lhe dá a sua residencia lá, vindo um mez a Portugal e se não haverá difficuldades de seguir de novo para França ao terminar as ferias. Deseja saber o que lhe póde garantir o regresso no caso de não perder esse direito, quaes os passaportes, licenças ou documentos de que precisa munir-se para as auctoridades portuguezas o deixarem sahir livremente, sem que se levantem difficuldades originadas pelo simples facto de vir cá, estando com todos os seus papeis em ordem.—Eduardo Antunes Motta.

RESPOSTA.—Para poder responder a esta pergunta torna-se necessario conhecer qual a situação militar d'este individuo e em que condições se encontra no estrangeiro. [illegible]

PERGUNTA N.º 582.—Tendo em 1900, 36 annos de idade, sei que devo esperar que appareçam editaes chamando ás reinspecções todos os que estejam nas minhas condições. A causa da minha isenção desappareceu: Obesidade. Devo portanto ficar apurado. Tendo absoluta necessidade de me ausentar para o estrangeiro mas por espaço relativamente grande, 8 a 10 mezes. Caso requeira agora a reinspecção, apurado ou não, essa licença tem probabilidades de ser deferida ou indeferida? Em caso affirmativo, quanto terei de pagar como taxa?—J. Corteção.

RESPOSTA.—A licença poder-lhe-ha ser concedida caso não seja a *primeira* que vá ao estrangeiro. A caução a pagar será de 150$00 se ficar apurado e no caso contrario terá de pagar 20 annuidades da parte fixa e outras tantas da variavel da taxa militar.

PERGUNTA N.º 583—Tendo tido aproveitamento n'uma escola de sargentos milicianos e *tendo ficado mal* na prova oral qual a minha situação agora?—Assumpção.

RESPOSTA.—Deve repetir a frequencia da escola de sargentos.

PERGUNTA N.º 584.—Um medico municipal, de 33 annos de idade, isento definitivamente do serviço militar, foi informado no quartel *general* da respectiva divisão, quando da publicação dos decretos sobre medicos, que *nada tinha a fazer* enquanto não fossem affixados editaes sobre reinspecções no concelho onde está domiciliado, o que devia aguardar para seu governo. Pergunta-se: será assim ou deveria ter-se *apresentado* na sede do Districto de Recrutamento e Reserva para effeitos da reinspecção?—Um leitor assiduo.

RESPOSTA.—Deve aguardar a *publicação* de editaes convocando os individuos nas suas condições residentes na sua *parochia* e apresentar-se na sede do concelho ou bairro no dia indicado no edital.

PERGUNTA N.º 585—Fui militar durante quinze semanas em 1912. Em 30 de abril ultimo fui convocado para frequentar durante um periodo de tres semanas a escola de sargentos. Em 20 de maio fui promovido a segundo sargento miliciano. Baseados n'um artigo da lei do Exercito Metropolitano que diz: «o mancebo que fôr promovido a 2.º sargento miliciano terá que frequentar «pelo menos» duas *semanas* a escola de recrutas», passei a impedido na escola de recrutas (contingente de maio) onde me tenho conservado.

Estando a terminar a referida instrucção de recrutas pergunto: Tenho direito a ser licenceado? Em caso affirmativo a quem devo *fazer* a petição?

Sou industrial e v. comprehende bem o transtorno que tal *situação* me tem causado quando havendo tantos militares do meu anno nas minhas condições andam passeando muito regaladamente, rindo-se até d'aquelles que, como eu, mais teem advogado a nossa participação na guerra.—Porto—*Julio Augusto.*

RESPOSTA—Se pertence á uma unidade mobilisada ou a mobilisar não pode ser licenceado.

PERGUNTA N.º 586—Servi o exercito como voluntario, assentando praça no dia 12 de julho de 1908, passei á 1.ª reserva em egual mez de 1910, fui chamado em 1911, para ir para a fronteira, licenceiaram-me no meu regresso, quando nos declarou guerra a Allemanha, apresentei-me no regimento para me informarem, qual a minha situação militar—informaram-me, que pertencia á classe de licenceados de 1916.

Pedia a v. a subida fineza, para que por meio da secção me dissesse se pertenço á dita classe, ou não, pois que se me afigura ter já terminado o tempo de licenceado em 12 de julho do corrente anno.

Para seu conhecimento, mais informo que fui ao meu regimento no fim do mez passado, e me disseram que eu devia passar ao 2.º escalão do exercito, mas em face de uma circular do ministerio da guerra, ficava na mesma situação.

Pode uma circular da guerra alterar a lei geral do Paiz?...

Não vá v. julgar que estes factos não são verdadeiros, pois posso provar.—*Americo Lopes.*

RESPOSTA—Pertence pela nova forma de classificar as classes, á de 1908 (á maneira antiga pertencia á classe de 1916)

devendo passar no corrente anno á reserva, mas como estão suspensas essas passagens emquanto durar o estado de guerra, deve conservar-se na mesma situação.

O Esperanto na policia

A direcção do Lisboa Esperantista Societo conferenciou com o sr. governador civil que achou interessantissimo o Esperanto, informando-se do movimento extraordinario que já tem no estrangeiro.

Brevemente começará um curso na policia.

Festas associativas

GRUPO DRAMATICO LISBONENSE.—Realisa-se depois de ámanhã, n'este florescente grupo, uma recita promovida pela commissão administrativa, subindo á scena as peças «Os degenerados», «Uma teima» e «Os creançolas», cujo desempenho está a cargo dos amadores da collectividade. Em seguida ha «soirée» dançante abrilhantando a festa a troupe de bandolinistas «Os Lisbonenses» e a pianista D. Maria Candida da Costa Ribeiro.

Entrou tambem em ensaios a peça em 3 actos «A colleira de cabedal», original de Wenceslau d'Oliveira, parodia á peça «O collar de perolas», que sóbe á scena no dia 3 de setembro.

Instrucção Militar Preparatoria

Uma ordem do ministerio da guerra

A Inspecção de Infantaria da 1.ª divisão do exercito dirigiu ás Sociedades de I. M. P. a seguinte ordem que recebeu do ministerio da guerra, e que foi publicada na «Ordem do Exercito» de esta semana:

Encarrega-me s. ex.ª o sub-secretario de Estado, por despacho de 17 do corrente, de dizer a v. ex.ª que, succedendo alguns mancebos das S. I. M. P., depois de admoestados ou punidos por faltas disciplinares commettidas, passarem de seguida a outras sociedades, como protesto contra as punições, e ainda outros procederem de egual fórma, apoz o commettimento de grande numero de faltas sujeitas a multa, deixando préviamente de dar conhecimento de tal modo de proceder, com esquecimento completo da mais leve consideração para com as Sociedades a que pertencem, o que uma e outra coisa fortemente affectam a disciplina que por todos os meios ao alcance da lei deve e será rigorosamente mantida, determina que as transferencias effectuadas n'aquellas condições, ou que de futuro venham a effectuar-se, sejam reconhecidas nullas.

As transferencias devem ser solicitadas ás inspecções a que aquellas sociedades estejam subordinadas requerendo os interessados pelas vias competentes, justificando devidamente a necessidade d'ellas que, em qualquer caso, só terão logar no principio de cada anno de instrucção, quando, porventura, a pretenção seja attendivel salvo razão extraordinaria devidamente comprovada.—O director geral (a) João Crysostomo Pereira Franco, general».

Caminhos de Ferro Portuguezes

Leilão de remessas não levantadas

No dia 6 de setembro realisa-se na estação de Santa Apolonia, ás 11 horas, o leilão de remessas com data anterior a 6 de julho, assim como d'outros volumes não reclamados.

Os consignatarios que quizerem evitar a venda podem ainda fazel-o, pagando o seu debito á Companhia, devendo para isso dirigir-se á repartição de reclamações e investigações, até ao dia 5 de setembro, das 10 ás 16 horas.

embarque de Casement e da sahida da Allemanha do «Aud», e, em consequencia d'isso, os navios que estavam patrulhando a costa andavam mais vigilantes do que nunca.

Inebriados pelas suas faceis victorias terrestres, os insurrectos avançavam sobre Galway pela estrada que costeia as praias da bahia, quando inesperadamente cahiu sobre elles o fogo dos canhões d'um destroyer, que sahira da bahia logo que o aviso do que se estava passando chegára ás auctoridades. Não estava isso previsto nos seus planos, pelo que os rebeldes se dispersaram rapidamente e fugiram na maior das confusões.

A cidade, como mais tarde se soube, estava bem preparada para receber os invasores. Havia ahi quarteis militares solidamente edificados, bem situados para dominarem a aproximação da cidade, tanto pela estrada como pelo caminho de ferro.

A policia estava tambem armada e prompta e, para cumulo de tudo isso, os cidadãos, incluindo os Voluntarios de Redmond, declararam a sua lealdade e prepararam-se para se defrontar com todos os perturbadores da ordem.

Não só Galway se protegia, como promptamente organisou um movimento de perseguição. A policia, sob o commando do seu inspector, chegou a Oranmore a tempo de libertar os policias que haviam sido presos no seu quartel e a apressar a fuga dos rebeldes pela estrada de Athenry.

Mesmo n'esta localidade, a cêrca de vinte kilometros, os Sinn Feiners não se sentiram em segurança contra os canhões. Apoz uma tentativa para occuparem a quinta experimental estabelecida pela repartição de agricultura para servir de escola no districto, continuaram a retirada e voltaram para os seus quarteis, na força de 1.200 homens, no castello de Moyode, entre Craughwell e Athenry.

Estiveram ahi dois dias, requisitando provisões da vizinhança. Não recebendo noticias animadoras de Dublin e encontrando poucos adherentes locaes dispersaram finalmente, apressando essa dispersão a chegada a Loughrea e Athenry de pequenas forças militares que haviam desembarcado em Galway ou tinham seguido de Limerick em automoveis.

A policia esteve occupada durante algum tempo, depois d'isso, em prender os dirigentes mais em evidencia, alguns dos quaes eram homens bem collocados em Galway.

Esse pequeno episodio—que se passou n'uma cidade a doze horas de distancia de Londres—attrahiu pouco a attenção mesmo em Dublin, onde os jornaes vinham cheios de descripções do que se estava passando a dentro dos seus muros.

A unica narrativa que appareceu foi enviada por um correspondente especial do «Times», cujas passagens principaes são as seguintes:

«A aldeia de Athenry, o centro de muitas perturbações nos antigos dias turbulentos, onde os Fenianos «Invenciveis» encontraram o seu ultimo reducto, limitou-se a representar um simples papel no drama dos ultimos dez dias, mas não se póde imaginar quão estranho esse papel foi.

«Bandidos n'um castello abandonado, o roubo em alta escala, a lucta pela vida entre cyclistas e automobilistas e uma cabana para os que estavam fóra da lei entre as montanhas—taes são os principaes capitulos d'uma historia que, se a não soubesse de fonte fidedigna, a teria como incrivel.

«Os Sinn Feiners passaram a segunda feira de Paschoa a fazer bombas. Na terça feira á noite, na força d'uns 1.000 homens, sahiram de Town Hall, armados com toda a especie de armas, indo apenas os «officiaes» uniformisados. A' frente seguia o «capitão» Mellowes, que fôra deportado um mez antes para a Inglaterra como organisador de sedição, mas que conseguira d'ahi fugir. Diz-se que voltou vestido de sacerdote.

«De Town Hall, os rebeldes marcharam para uma quinta agricola de cêrca de 600 acres, não longe

que estejam dentro d'essas areas, agora cercadas pelas tropas de sua magestade, a sahirem d'ali sob as seguintes condições:

«(a) As mulheres e as creanças podem sahir da area por qualquer dos postos para esse fim estabelecidos, dando-se-lhes sahida livre.

«(b) Os homens podem sahir pelos mesmos postos e dar-se-lhes-ha sahida livre desde que o official encarregado da verificação fique convencido de que elles não tomaram parte nos tumultos occorridos.

«(c) Todos os homens que se apresentarem nos ditos postos, a fim de se renderem incondicionalmente, trazendo as armas e munições que tiverem em seu poder.»

Como é natural, um soldado experiente como sir John Maxwell não assumiria um tal commando sem plenas garantias quanto á sua posição e aos poderes que lhe haviam sido conferidos.

N'um paiz onde, antes da rebellião, a auctoridade quasi que não existia e onde havia ainda um vice-rei munido theoricamente de todos os poderes da coroa, mas na pratica reduzido ao papel de um automato encarregado de pôr em execução os decretos dos outros, era necessario, primeiro que tudo, que alguns homens ou um só homem tivesse completa e absoluta auctoridade.

As instrucções dadas a sir John Maxwell pelo conselho superior do exercito como representante do governo de sua magestade haviam-no sido nos seguintes termos:

«O governo de sua magestade deseja que sir John Maxwell tome todas as medidas que em seu entender fôrem necessarias para a prompta repressão da insurreição na Irlanda e dá-lhe plena liberdade para poder dispôr das tropas que estão actualmente na Irlanda ou que possam ser collocadas de futuro sob o seu commando, assim como relativamente ás medidas que lhe pareçam convenientes relacionadas com a proclamação de 26 de abril do Acto da Defeza do Reino.»

E' um facto caracteristico da confusão dos poderes e das duvidas que havia com respeito á lei na Irlanda o ter sido necessario, mesmo depois de todas essas proclamações real, vice-real e militar, o publicar dois dias depois (29 de abril) uma nova proclamação vice-real nos mesmos termos da de 25 de abril, com a differença de que a palavra «Dublin» na primeira foi substituida pelas palavras «a parte do Reino Unido chamada Irlanda» na segunda.

Essa nova proclamação, como a anterior, limitava o estado de sitio a um mez, embora tal limite se não contivesse na proclamação real de 26 de abril ou na que conferia plenos poderes a sir John Maxwell como commandante em chefe na Irlanda.

Devemos desde já dizer que, tanto quanto as limitadas forças sob o seu commando o permittiam, o commandante em chefe irlandez e os seus officiaes, o brigadeiro general Lowe, o coronel Kennard e o major H. F. Somerville, procederam desde o principio da rebellião com rapidez e decisão e que o systema que empregaram de cordões militares foram o melhor que podiam adoptar e era o mais efficaz para limitar e debellar a rebellião em Dublin, assim como para impedir que o movimento se estendesse aos districtos contiguos á capital.

A real commissão de inquerito no seu relatorio illiba por completo as auctoridades militares «de qualquer responsabilidade na rebellião ou nos seus resultados». «Emquanto a Irlanda esteve sob o governo das auctoridades civis—accrescenta o relatorio—essas auctoridades nada fizeram para reprimir a rebellião. Os seus deveres limitavam-se a assegurar a efficiencia entre os seus e a promoverem o recrutamento e mal podiam auxiliar a repressão das desordens quando estas rebentaram.

«O perigo geral da situação foi claramente apontado ao governo irlandez pelas auctoridades militares por iniciativa propria em fevereiro

ultimo, mas o aviso cahiu em ouvidos surdos.»

A necessidade da nomeação de sir John Maxwell provém, portanto, d'um conjuncto de circumstancias. Não havia virtualmente governo na Irlanda. A rebellião, embora dominada em Dublin, deu signaes de se estender a alguns districtos do paiz; o exercito, a armada e o real constabulario irlandez empenharam-se na tarefa da repressão e todos, como a commissão disse no seu relatorio, recebiam ordens de differentes auctoridades. E, além d'essas considerações militares, sir John Maxwell tinha de superintender em grande parte das attribuições da administração civil do paiz.

Era essencial, por isso, que um official que havia occupado outras elevadas posições de responsabilidade—como succedera na Africa do Sul e no Egypto—assumisse o commando supremo na Irlanda. A escolha foi admiravel e não só em Dublin, mas em todo o paiz a influencia de sir John Maxwell começou a fazer-se sentir simultaneamente.

Necessario era prestar uma certa attenção ao estado em que se encontrava o paiz desde o desembarque de Casement e do rebentar da revolta em Dublin—situação que fez sahir o governo da sua complacencia e levou á nomeação do general Maxwell para dictador militar.

Como já vimos, Pearse, o commandante em chefe e presidente do governo provisorio, na proclamação em que se referia á «fatal ordem em contrario» de MacNeill, dizia:

«Estou certo de que teriamos feito mais, de que teriamos levado a cabo a tarefa de estabelecer e de proclamar a Republica Irlandeza como um Estado Soberano se os nossos planos d'um levantamento simultaneo em todo o paiz, como havia sido combinado em Dublin, tivessem sido postos em execução no domingo de Paschoa.»

Quanto ao valor do plano de Dublin demonstra-o plenamente a narrativa que já fizemos.

Conta-se d'um conspirador que, depois de expôr todos os seus planos e ter aconselhado os seus compatriotas a seguil-o, sendo immediatamente preso, exclamára amargamente: «Sempre disse que a policia era a maldição da Irlanda».

Não ha duvida, egualmente, de que os planos do governo provisorio da Republica Irlandeza, ao decretar a expulsão pela força das armas do governo inglez na Irlanda, não eram «profundos», pois se haviam esquecido de tomar em consideração a existencia do imperio britannico e da sua força armada por mar e por terra.

A «fatal ordem em contrario» não ha duvida de que proporcionou a muitos mancebos opportunidade de ficarem socegadamente em casa em vez de perderem a vida ou a liberdade. Mas ainda que todos os batalhões de Voluntarios Irlandezes tivessem cumprido as ordens primitivas e se tivessem apresentado «completamente armados e equipados e com a ração de um dia», não teriam impedido—difficilmente poderiam mesmo ter retardado—o inevitavel resultado.

Em primeiro logar, mesmo dando-se o que mr. Birell chamava o «odio pelo jugo britannico latente em todas as classes e em todos os logares», o paiz, prospero, não estava preparado para um levantamento.

Mesmo que a carga de armas do «Aud» tivesse sido desembarcada na quinta feira Santa, as populações de Clare, Kerry e Cork mostraram que tinham pouco a peito fazer uso d'ellas no sentido em que alguns oradores desconhecidos haviam aconselhado os cidadãos de Dublin a reunirem-se para apoiarem a bandeira verde que tremulava no edificio dos correios.

E mesmo para esse desembarque de armas tinha de suppôr-se que não existia a armada britannica. Só a policia, se a deixassem proceder, em vez de ter as mãos atadas e os olhos vendados por um poder executivo incompetente, teria muito antes vigiado os organisadores e evitaria uma insurreição armada nos districtos do paiz, onde os varios levantamentos só puderam ser dominados por forças superiores.

Cabe aqui a narrativa d'uma testemunha presencial ácerca do «plano» n'um condado do norte (que se dizia ter sido particularmente bem organisado pelo professor MacNeill e pelos seus amigos), antes da noticia da «fatal contra ordem» ter sido recebida:

«Esse districto foi theatro de grande excitação no sabbado á tarde e no domingo em consequencia da chegada de grandes forças de Sinn Feiners de... e d'outros centros. Um certo numero d'elles traziam armas. A's 12,45' de sabbado, chegou o primeiro grupo de representantes de Dublin pelo comboio ordinario e dirigiu-se para..., onde se foi encontrar com os dirigentes locaes.

«O primeiro contingente chegou ás 7 horas da tarde, acompanhado de tocadores de gaita de folles, e dirigiu-se para... Um contingente maior, chegado pela meia noite no comboio correio, depois de ter sido passado em revista na praça do mercado, dirigiu-se para...

«Durante a noite, operações de signaes e movimentos de campo foram feitos em roda de... e no domingo novos contingentes continuaram a chegar a...

«Uma conferencia se deu ao meio dia, e á uma hora e um quarto da tarde um automovel chegou de Dublin. A mensagem que os que n'elle vinham traziam produziu um effeito depressivo nos que conferenciavam, os quaes immediatamente se separaram. Combinára-se acampar durante a noite e marchar para..., uma posição das principaes do movimento, ao romper do dia de segunda feira.

«Ao receber as noticias de Dublin, os contingentes marcharam para... a uma distancia de cêrca de treze kilometros. Ahi tiveram uma recepção muito fria da parte dos outros ramos do movimento nacionalista e um dos Sinn Feiners disparou alguns tiros de revolver.

«Foi immediatamente preso e a custo se evitou uma séria escaramuça. Os Sinn Feiners dirigiram-se para a estação, deixando o delinquente em poder da policia.»

Ahi, tambem, como o caso de Killarney, a respeito do qual sir Morgan O'Connell depôz perante a commissão de inquerito, o abortamento do «levantamento» parece ter sido produzido pela noticia, trazida em comboio, de que as grandes cidades não tinham dado o apoio que se esperava.

Dós levantamentos que se deram e que duraram alguns dias, emquanto não chegou a noticia de que o de Dublin havia sido dominado, ha tres ou quatro dignos de menção—dois d'elles, como Liberty Hall, tendo um fim prematuro devido ao inesperado apparecimento d'uma pequena unidade da armada britannica.

O condado de Galway parece ter sido o primeiro a pôr-se em campo. Havia ahi um nucleo bem conhecido da policia. Houve um levantamento no districto na noite de segunda feira de Paschoa. Na terça feira, as povoações de Craughwell e Athenry foram tomadas e os quarteis da policia cercados.

As linhas ferreas pelas quaes podiam vir soccorros de Limerick ou de Athlone foram cortadas e um contingente avançando para oeste apoderou-se de Oranmore e seguiu a occupar a cidade de Galway, a seis kilometros e meio de distancia.

Não ha duvida de que a posse da capital de Connaught com a sua magnifica bahia e os seus armazens teria sido de grande alcance para o governo provisorio e teria proporcionado uma porta aberta á armada da Allemanha—«a sua valente alliada».

Mas, ahi, de novo, não se havia contado com a presença da armada britannica. Como já dissemos, o almirantado recebera noticias do

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2167—7.º Anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabbado, 26 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2298—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de Impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

Os barbaros

Já por diversas vezes nos temos referido nas columnas d'*A Capital*, ao facto revoltante praticado pelos allemães nas regiões do norte da França que invadiram, arrancando toda a população valida dos seus lares para os obrigar a trabalhos agricolas n'outros pontos. Uma nota da França aos paizes neutros, appelando para a sua intervenção, como unica possibilidade de levar a Allemanha a reconsiderar na sua barbara decisão, expõe d'uma maneira clara o que foi um acto que não se diria possivel na actualidade e as condições durissimas em que se exerceu.

O resumo dos factos é este, segundo consta d'um artigo do *Imparcial* de Madrid que a *Republica* de hoje reproduz: Por ordem do general von Groevenitz e com o concurso do regimento de infantaria 64, enviado pelo Quartel General Allemão, 25:000 francezes, jovens de 16 a 20 annos; mulheres e homens até 55, sem distincção de condição social, foram arrancados dos seus lares em Roubaix, Tourcoing e Lille; separados sem piedade de suas familias e forçados a trabalhos agricolas nos departamentos do Aisne e das Ardennes. A propria nota recorda que em 1885, por occasião da conferencia africana de Berlim, cuja iniciativa partiu da Allemanha, esta se comprometteu, relativamente aos territorios de Africa em que exercem a sua soberania, a sua influencia, a conservar as populações indigenas e a melhorar material e moralmente a existencia d'essas populações.

O processo seguido pelos allemães para a deportação em massa da população valida, civil, de Roubaix, Tourcoing e Lille, foi a seguinte: Nos primeiros dias de abril foram collocados avisos nas esquinas offerecendo ás familias sem trabalho installal-as no campo, nos departamentos do norte, para trabalharem na lavoura ou no corte de arvores. Como o resultado fôra nullo, appareceu no dia 3 este edital monstruoso:

«Todos os habitantes das casas, excepto os menores de 14 annos e suas mães, e bem assim os velhos, devem preparar-se para ser transportados dentro de hora e meia.

Um official decidirá definitivamente quaes as pessoas que devem ser conduzidas aos campos de concentração. Para esse fim, todos os habitantes das casas se deverão collocar deante das respectivas portas. Em caso de mau tempo, ser-lhes-ha concedido permanecerem nos corredores. A porta da casa deverá estar aberta. Toda a reclamação será inutil. Nenhum habitante, nem mesmo os que não devam ser transportados, poderá sahir antes das 8 da manhã (hora allemã). Cada pessoa terá direito a trinta kilos de bagagens. Se se verificar excesso de peso, todas as bagagens d'essa pessoa serão regeitadas sem contemplação. Os volumes serão feitos separadamente para cada pessoa e levarão um lettreiro legivel e solidamente fixado. Esse lettreiro deverá conter o nome, o appellido e o numero de identidade da pessoa a quem o volume pertencer.

E' absolutamente necessario que todas as pessoas de que se trata se munam, no seu proprio interesse, de utensilios para comer e beber, bem como d'uma manta de lã, bom calçado e roupa. Cada pessoa deverá levar comsigo o seu bilhete de identidade. Quem procurar esquivar-se ao transporte será implacavelmente castigado. — *Elappau-Kommandantur*.»

Em presença d'esta brutalidade, que attingiu dezenas de milhares de creaturas, entre ellas 25:000 rapazes e raparigas de 16 a 20 annos, o mundo inteiro estremeceu de indignação e espanto. A França reclamou por meio do embaixador hespanhol em Berlim, encarregado de velar pelos interesses francezes. Mas como nem os protestos individuaes, nem a reclamação do embaixador hespanhol, dessem qualquer resultado, a França appella para os neutraes, e como o grande brazileiro Ruy Barbosa disse que neutralidade não significa uma indifferença que toma o aspecto d'uma cumplicidade, o *Imparcial*, de Madrid, declara que a neutralidade hespanhola não pode ter synonimo de impassibilidade. Ha porém um poder que de forma alguma pode ser neutral. E' a Egreja de Roma tratando-se de catholicos. Todavia, a Egreja não se commoveu, como toda a gente se commoveu, ás primeiras noticias d'este facto inaudito. Só ao fim de mezes se sabe que um jornal semi-officioso de Roma, que não é mesmo o *Observatore Romano*, vagamente annuncia que o Papa decidiu protestar contra esse facto, e os dias passam ainda sem que essa noticia tenha uma confirmação mais fidedigna. Revolta-se o coração dos neutros, indigna-se a humanidade, com a sorte d'essas populações catholicas, e o Vaticano não tem uma palavra alta e sonora de piedade e de indignação, em que se revele a propria essencia da justiça divina!

INSPECÇÃO DAS BIBLIOTHECAS

A nova bibliotheca de Leiria

E' creado, na mesma cidade, o primeiro Archivo Districtal do paiz

Foi hontem publicado no *Diario do Governo* o decreto creando uma bibliotheca erudita e um archivo districtal em Leiria. E' um diploma que honra o sr. ministro da instrucção, que o referendou. Este melhoramento, que se deve á iniciativa do inspector das bibliothecas eruditas e archivos, e que não se teria conseguido sem a acção patriotica e intelligente da commissão executiva do municipio leiriense, permittirá á bella cidade do Liz, de tão nobres tradições litterarias, a conservação das suas collecções bibliographicas e das suas riquezas documentaes que, sem esta providencia e nos termos da lei, seriam removidas para Lisboa e recolhidas no archivo geral do paiz,—a *Torre do Tombo*. A nova bibliotheca e o archivo annexo, o primeiro archivo districtal que entre nós se cria, ficarão installados no bello edificio do antigo paço episcopal de Leiria e serão dependentes do ministerio de instrucção por intermedio da Inspecção das Bibliothecas Eruditas e Archivos custeando o municipio todas as despezas de installação, organisação, expediente e pessoal, e dando o Estado uma verba para catalogação e inventarios. A commissão executiva do municipio de Leiria, a cuja frente está o illustre professor e advogado dr. João Correia Matheus, deu, pela nobre maneira por que se integrou no espirito e na acção da Inspeção das Bibliothecas, um exemplo que deve fortificar. Dos esforços conjugados dos municipios e da Inspecção resultará decerto, de futuro, a creação de novos archivos districtaes nas mais importantes sédes de districtos, permittindo assim conciliar as tendencias descentralisadoras e regionalistas com a affirmação do principio de propriedade do Estado sobre as riquezas bibliographicas e paleographicas nacionaes e com a necessaria superintendencia e acção coordenadora do ministerio da instrucção, exercida pelas corporações e repartições technicas de que dispõe o poder central.

A cidade de Leiria possue, desde hoje, a sua bibliotheca. O districto de Leiria possue, desde hoje, o seu archivo. Aos eruditos interessa, decerto, saber de que collecção foram constituidos inicialmente os seus fundos. O fundo inicial da bibliotheca é constituido pela livraria do antigo paço episcopal de Leiria; pela livraria do extincto seminario diocesano; pela livraria e collecção numismatica da supprimida casa congreganista da Portella e pela livraria offerecida á camara municipal pelo erudito archeologo sr. Tito Benevenuto de Sousa Larcher, que passou a ser propriedade do Estado. O archivo é destinado a recolher, mediante os processos legaes necessarios: os documentos provenientes da mitra e do seminario; os documentos originarios dos conventos supprimidos da extincta diocese, depositados na Inspecção de Finanças do Districto; os cartorios parochiaes do districto, nos termos do decreto de 9 de junho de 1915; os cartorios parochiaes do extincto bispado de Leiria, removidos para Coimbra; os cartorios notariaes; o archivo da camara; os archivos dos hospitaes, confrarias e misericordias do districto; os archivos dos estabelecimentos fabris estaduaes de creação pombalina existentes na região (fabrica da Marinha Grande, engenho da Machuca); o archivo da casa da Nazareth; os processos crimes julgados, prescriptos e archivados; todos os processos e documentos provenientes de repartições extinctas e serviços cessantes do districto. A bibliotheca terá uma secção popular, que expedirá bibliothecas moveis para os varios concelhos.

Por decreto da mesma data foi nomeado bibliothecario archivista da bibliotheca erudita e archivo districtal de Leiria o sr. Tito Benevenuto Larcher, que tem prestado bons serviços á causa da instrucção publica no districto de Leiria, e que novo serviço presta agora desempenhando este importante logar sem encargos para o municipio ou para o Estado.

A "Historia da Grande Guerra,"

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos a tempo as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

UMA DOENÇA PERIGOSA

A paralysia infantil

Dos Estados Unidos passou a Inglaterra—As providencias francezas

Communicam de Londres, em data de 22 do corrente:

Manifestou-se nos ultimos dias em Inglaterra a terrivel epidemia que está fazendo grandes estragos nos Estados Unidos, especialmente em New-York. O dr. Maltew Hay, director do serviço medico em Aberdeen, assignala 62 casos; em Londres acabam de descobrir quatro.

Em França, estas informações londrinas produziram alguma impressão e ha quem pregunte se a perigosa doença não passará para o continente.

Trata-se da chamada paralysia infantil, designação que parece ser impropria. Com effeito se as creanças são especialmente attingidas, os adultos não estão livres de ser atacados. O seu verdadeiro nome é «polyomyelite aguda». O seu ataque é brusco. Após um periodo de incubação muito curto, a pessoa atacada soffre, durante dois dias, uma intensa febre. Em seguida, os membros tornam-se um após outro inertes. N'esta altura produz-se um periodo de acalmia logo seguido d'uma nova crise. Se a doença se attenua, o enfermo póde vir a restabelecer-se, conservando por muito tempo os membros semi-paralysados. Se ataca o cerebro, é a paralysia total e a breve trecho a morte.

Que providencias tomar?

Questão difficil de resolver pela rasão capital de que *não se conhece o microbio pathogenico da doença, nem o seu modo de transmissão*.

Alguns auctores americanos suppuzeram que essa transmissão se fazia pelas moscas, mosquitos, pulgas e percevejos. Não é exacto. As investigações recentes dos drs. Welter e Levaditi demonstraram que o homem era o unico depositario do microbio e que era pelo contacto humano que se fazia a contaminação.

A paralysia infantil, frequente na America, nunca se desenvolveu na Europa até agora.

Para prevenir qualquer eventualidade, a direcção da hygiene em França dirigiu aos medicos sanitarios dos differentes postos instrucções para que redobrem de vigilancia á chegada dos paquetes americanos.

O QUE SE ESCREVE E O QUE SE LÊ

"Genealogia d'uma escola"

por *Eduardo Lopes*

O melhor elogio que d'esta obra, em que o auctor se occupa da origem e tradições da Academia Polytechnica, actual faculdade de sciencias da Universidade do Porto, se pode fazer é transcrever a seguinte carta do eminente historiador Theophilo Braga:

«Lisboa, 22 de agosto de 1916.—Ex.mo Sr.—A offerta do seu bello trabalho *Genealogia de uma Escola* foi-me vivamente agradavel pelo interesse que tenho por esta ordem de estudos da Historia da Pedagogia portugueza, que é a melhor documentação da evolução do Ensino e Instrucção Publica na Europa. E' esta monographia um excellente e bem trabalhado capitulo d'essa Historia pedagogica, em que as Polytechnicas surgem no seculo XVIII, quebrando o quadro fechado das Faculdades Universitarias. Desde o seculo XVI estacionaram as Universidades na sua estructura medieval; o mundo cosmico alargou-se e prestava-se a novos conhecimentos, e cadeiras especiaes foram creadas successivamente e agrupadas. Faltava agora coroar a obra pedagogica: separar em corpo de doutrinas as Sciencias fundamentaes (abstractas e geraes). E' o que exige a evolução mental subjectiva. Por isso mais me confesso apreciador do seu valioso trabalho, como seu admirador e obrig.º—*Theophilo Braga*.»

Assassinos em liberdade

Reclamando providencias

TAVIRA, 24.—Sobre uns ciganos de nome Manuel Viturina e seus filhos Pedro, João, Francisco e Antonio pesa a accusação tremenda de terem commettido uns poucos de crimes, sem que até hoje tenham sido presos, o que urge fazer.

Mataram n'esta cidade o filho do cigano Francisco, como noticiámos; com dois tiros, em Benavente, assassinaram a cigana Maria Gata; em Castro Verde, com uma facada, mataram o cigano Francisco Negrão e um irmão d'este com uma facada no ventre. Pedro Viturina, ha dois annos, na Corredoura, d'esta cidade, deu um tiro n'um irmão.

Pois estes criminosos ainda ha dias foram vistos na rua do Ouro, em Lisboa. Preciso é que as auctoridades os mandem á sua prisão.

A grande guerra

O escandalo do Lyceu Litterario Portuguez — Manifestações alliadophilas no Rio — As más desculpas de Joaquim Freire

RIO DE JANEIRO, 26.—Hontem de noite os republicanos portuguezes fizeram uma grande manifestação de protesto contra a direcção do Lyceu Litterario Portuguez, tendo havido alguns conflictos nas immediações do edificio. Ficaram feridos bastantes portuguezes monarchicos e republicanos. Serenados os animos, uma grande multidão de portuguezes, empunhando bandeiras republicanas, percorreu as ruas principaes, soltando vivas aos paizes alliados e ao Brazil.

Joaquim Freire, vice-presidente do Lyceu Litterario Portuguez, declarou á policia que esta questão da bandeira monarchica, arvorada na fachada do edificio, foi obra de qualquer inimigo, com o fim de o incompatibilisar com a colonia e, assim, o prejudicar nos seus negocios.—(*Americana*).

A campanha russa

PETROGRADO, 25. — Official — Na linha occidental os allemães na noite de 23 lançaram gazes sobre nós na região da aldeia de Sabilka. Na região ao sul de Tsirin o inimigo tomou a offensiva, mas repelimol-o assim como na direcção de Kovel. Na linha do Caucaso, a oeste do lago Van, perseguimos na direcção de Mossul, os restos da divisão turca derrotada.—(*Havas*).

Aviadores portuguezes

Chegaram esta madrugada a Lisboa os srs. tenentes de cavallaria Oscar Torres, Antonio Maia e Portella, que em Inglaterra obtiveram brilhantemente o *brevet* de aviadores.

Consta que serão encorporodos na divisão que mobilisa.

A questão do papel em Hespanha

O governo pensa a serio no assumpto

Lê-se, com estes titulos, no *Diario de Noticias* de hoje:

MADRID, 25.—Parece que o ultimo conselho de ministros em San Sebastian occupou-se da questão do papel para jornaes, sendo approvada a seguinte formula: O governo adquirirá o papel necessario como artigo de primeira necessidade intellectual, vendendo-o aos jornaes pelo preço anterior á guerra. A fim de compensar o Estado de tal prejuizo, será lançada uma contribuição sobre publicações, depois da guerra.—(Correspondente).

Como commentario, limitar-nos-hemos a accentuar que entre nós, o papel para jornaes, antes da guerra, custava ás grandes empresas 7 centavos e meio o kilo, ou sejam 75 réis, custando agora o mesmo kilo entre 20 centavos e 21 centavos e meio, isto é 200 réis e 215 réis...

UM INCIDENTE EM VICHY

O sr. Caillaux apupado

Como o antigo presidente do conselho e sua esposa escaparam ás iras populares

Na terça feira passada, a *Action française*, conhecida folha parisiense, muito conservadora, deu a noticia de que, tendo-se installado em Vichy o antigo ministro Caillaux e sua esposa, quando, no domingo anterior, passeavam no parque foram reconhecidos e apupados por uma centena de pessoas, metade das quaes eram *poilus*. Foram taes os apupos que se viram obrigados a refugiar-se n'um palacio. Por uma curiosa coincidencia, encontravam-se tambem em Vichy o sr. Georges Prestat, sogro de Gastão Calmette, e o jovem Henri Calmette, filho do fallecido director do *Figaro*.

O *Figaro* reproduziu a noticia da *Action française*, accrescentando-lhe pormenores e commentarios. Na manifestação contra o sr. Caillaux tomaram parte cerca de trez mil pessoas. Os manifestantes estacionaram demorada e tumultuosamente em frente da casa do prefeito onde o casal se refugiou. A multidão era tamanha que o sr. Caillaux telephonou para o ministerio do interior, em Paris, a pedir que se dessem ordens á gendarmeria local, o que se fez.

A *Liberté* contou assim o incidente de Vichy:

«O sr. Joseph Caillaux e sua esposa haviam alugado na rua Saint-Dominique, 9, uma bonita *villa* mobilada, conforto moderno, etc., que occupavam desde quinta feira ultima. A sua permanencia passou a principio despercebida, sem que nada lhe perturbasse a serenidade. Sahiam por assim dizer apenas par ir á nascente Chomel cujos beneficios estavam experimentando. No emtanto, o boato da sua chegada não tardou a espalhar-se e dizia-se que foram ter a Vichy depois de varias tentativas mal succedidas em outras estações balneares.

No domingo, pelas seis horas, quando o parque e a galeria das nascentes regorgitavam de gente, alguem, reconhecendo o antigo presidente do conselho, gritou: «Olha! Mas é Caillaux!» O tom da exclamação não era muito cordeal. Sempre prompto para a réplica, o antigo ministro, com o monoculo cravado no olho, replicou vivamente. Estava acceso o rastilho. O homem [illegible] pegou e a explosão produziu-se logo, formidavel.

Um murmurio, um rugido da multidão: *Hou! hou!* e depois a colera, o turbilhão irresistivel.

N'esto momento encontra-se em Vichy um grande numero de soldados feridos, doentes, convalescentes ou reformados. Misturaram-se com os banhistas e com os habitantes. Os poucos agentes de policia que velavam pelos acquistas, gente habitualmente pacifica, foram empurrados. A situação do sr. Caillaux e de sua esposa, apupados, sacudidos, aos encontrões, tornava-se realmente critica. As bengalas e as sombrinhas erguiam-se no ar, soldados mutilados brandiam as muletas e alguns milhares de pessoas manifestavam-se ardentemente.

Um amigo do sr. Caillaux, agente ou amigo pessoal, figura de hercules, aparava os golpes, mas começava a fraquejar; ja uma muleta havia apanhado o chapeu de palha do sr. Caillaux. Este e sua esposa tentavam inutilmente libertar-se. Felizmente para elles, o commissariado do governo junto da estação thermal ficava a dois passos da tabacaria da «Grande Grille». As portas abriram-se-lhes e fecharam-se precipitadamente após a sua entrada. A multidão, cada vez mais exaltada, cercou esse refugio: voaram pedras, quebrando as vidraças do primeiro andar do commissariado do governo. Finalmento, brigadas de gendarmeria a pé e a cavallo, mobilisadas a toda a pressa nas immediações, o o perfeito de Moulins, as auctoridades civis e militares compareceram no local.

Só no cabo de algumas horas e depois de se effectuarem prisões foi possivel restabelecer a ordem. Apenas ás duas horas da madrugada, um automovel official conseguiu transportar o sr. Caillaux e sua esposa para a sua *villa* da rua de Saint-Dominique, de que retiraram n'essa mesma noite em direcção a Moulins.

Assegura-se aqui que o sr. Caillaux, querendo affirmar o seu direito ás aguas, estava disposto a voltar a Vichy. A sobreexcitação dos espiritos é tal na região, que esse regresso poderia provocar tumultos graves.

A *Presse* tambem forneceu pormenores curiosos. Este jornal, frisando a arrogancia do antigo ministro e attribuindo a esse facto as proporções que assumiu o tumulto, lamenta os excessos dos que apedrejaram as janellas e informa que as prisões foram em numero de seis.

O *maire* de Vichy fez affixar a seguinte proclamação:

«Aos habitantes de Vichy: Hontem á noite produziu-se inopinadamente um incidente muito lamentavel. Deram se tumultos a proposito da presença na nossa cidade d'um conhecido politico. Estou convencido de que os habitantes de Vichy são absolutamente estranhos a semelhantes factos. O sentimento dos deveres da hospitalidade é n'elles demasiado para que se deixem arrastar a excessos que todos devem comprehender como rapidamente se voltam contra os seus auctores.

Convido todos os habitantes e todos os hospedes de Vichy ao socego, á dignidade, á moderação. Quando o inimigo conspurca ainda o territorio nacional, não é o momento para que se excite no odio entre os francezes, animados todos do mesmo anceio patriotico.»

Este edital appareceu lacerado, segundo a *Liberté*. O mesmo jornal informa que nem o sr. Prestat nem pessoa da familia de Gaston Calmette se envolveram no incidente. O filho mais velho do antigo director do *Figaro* presta serviço no exercito. Em Vichy apenas estão o filho mais novo e seu avô.

Uma manifestação

Consta que varios amigos e correligionarios do sr. dr. Costa Junior, deputado socialista, o vão cumprimentar ámanhã como manifestação de solidariedade por causa d'um incidente pessoal que se passou hontem na Camara.

A loteria da Cruzada das Mulheres Portuguezas

Teem tido muita procura os bilhetes, decimos, vigesimos e quadragesimos da grande loteria da Cruzada das Mulheres Portuguezas. O fim altamente patriotico e beneficente que se tem em vista e a importancia dos premios justificam, de sobra, semelhante exito que registamos com sincero prazer. Como se sabe, a venda faz-se em todos os cambistas e na Santa Casa da Misericordia.

NO "ATELIER" DE UM GRANDE MESTRE

O mais recente trabalho de Columbano

não será, infelizmente, exposto ao publico

Vale bem affirmar que a obra de arte é patrimonio da Humanidade, e que a todos deve aproveitar o producto do labor intellectual e artistico... De que servem as grandes phrases, os ideaes generosos, a diffusão de noções de cultura e de belleza? Ha leis moraes que se não cumprem, e a triste verdade é que ninguem se incommoda a formular um timido protesto. Pois valeria a pena, porventura?...

Entendo abertamente que sim. Um grande pintor, como um grande musico, como qualquer interprete das fortes emoções espirituaes não tem a meu ver, o direito moral de subtrahir a sua obra á commovida admiração das pessoas cultas.

Perdôe-me Columbano, e perdôe-me tambem a feliz aquiridora do seu trabalho mais recente: o notabilissimo retrato que, mercê de uma particular distincção do Mestre, me foi dado contemplar durante alguns minutos no seu *atelier*, não devia deixar de figurar n'uma exposição publica. Por muito respeitaveis que sejam—e estou bem longe de o contestar,—os melindres de quem encommendou essa maravilhosa tela, estou certo de que não é menos respeitavel nem menos legitimo o desejo de a admirar em todos os que, n'este paiz, vêem na obra de arte um prodigioso factor da civilisação e de cultura.

Estive, com effeito, no *atelier* do eminente director do Museu Nacional de Arte Contemporanea. Já a maior das telas que encontrei ali me não eram desconhecidas: desde os pequeninos quadros de natureza morta, tão expressivamente melancholicos, até os grandes retratos em que o Mestre se affirmou não só um pintor verdadeiramente excepcional como um notavel e perspicaz psychologo.

A obra artistica de Columbano é tambem a sua obra philosophica, e, na realidade, não sei que extranho sentimento, que misteriosa e indefinivel emoção me domina os nervos quando contemplo qualquer dos seus trabalhos. A atmosphera, a luz, a suprema arte de fazer convergir a attenção para determinados detalhes, a perfeição e a leveza da technica que lhe permitte gerar sem esforço apparente, tudo isso impressiona como poderia fazel-o uma pagina de prosa lapidar. Em frente de um quadro de Columbano, o espirito sente mais tendencia de concentrar-se, em meditação, do que expandir-se em commentarios. E' uma impressão contemplativa e quasi religiosa.

Mas além d'esses trabalhos, consagrados de ha muito pela critica e pelo unanime consenso dos entendidos, existe desde pouco tempo ali uma tela de grandes dimensões que marca evidentemente qualquer coisa de novo na obra de Columbano. Poucos são, creio eu, os priveligiados que a teem contemplado. E' o retrato de uma senhora sentada ao canto do sofá, illuminado o rosto pensativo pela luz extranha das lampadas de incandescencia, e envolta por tranquillo ambiente de tenue melancolia que por si só evoca uma indefinivel e rara impressão de arte. Tudo ali é magistral, desde a maneira como são resolvidas as difficuldades tremendas da luz ao cuidado com que o artista soube fazer viver o seu modelo, que constitue no retrato a mais rara e a mais admiravel das virtudes.

...Não será exposto este quadro de Columbano. O *veto* formal da sua aquiridora oppoz-se tenazmente, e a obra transitará do *atelier* do Mestre para os salões da illustre dama sem que ao publico se proporcione a occasião de a ver. Pois, eu não duvido fazer, ao terminar estas linhas, um sincerissimo apello ao seu alto espirito, pedindo-lhe que revogue a decisão tomada e permitta a exposição d'essa notavel obra prima na primeira opportunidade que se offereça, já que o Estado não pode, nas salas de um museu, facultal-a á perpetua admiração de contemporaneos e vindouros.

HERMANO NEVES

A SESSÃO DE HONTEM

BREVES COMMENTARIOS

O desprestigio das instituições parlamentares dá força ao governo para dispensar a collaboração do Congresso

Analysemos mais detidamente o que se passou na lamentavel sessão realisada hontem no Congresso da Republica, para que o publico imparcial possa formar o seu juizo sem quaesquer preoccupações sectaristas.

Ia votar-se a moção do sr. dr. Alexandre Braga. Os parlamentares unionistas sahiram da sala, com excepção de trez dos seus membros que ficaram a fiscalisar os trabalhos. Fez-se votação nominal e a moção foi approvada por 126 congressistas contra 9. Começaram n'esta altura os protestos nas bancadas da União Republicana, aos quaes se associou o deputado socialista sr. Costa Junior bradando com insistencia que *a sessão não podia continuar porque não havia numero*.

A algazarra era, além de tudo o mais, illogica. Dentro da propria doutrina defendida pelos unionistas e pelo sr. Costa Junior, *havia numero mais que sufficiente para a sessão continuar*. Não o tinha havido, isso sim, para se votar a parte da moção do sr. dr. Alexandre Braga, em que se propunha a antecipação da revisão constitucional. Mas então o que a logica indicava, dentro dos processos do obstruccionismo barulhento, era que a minoria não deixasse votar aquella parte da moção, pois os representantes do unionismo já sabiam que não estavam na sala 148 congressistas que a votassem. Feita a votação, a sua attitude passava a ser incomprehensivel, sobretudo aos gritos de que a sessão não podia continuar por falta de numero, porque havia numero mais que sufficiente para os trabalhos proseguem.

Dentro do processo do obstruccionismo barulhento, escrevemos nós: Mas será o momento opportuno para as opposições lançarem mão d'esse recurso? As suas responsabilidades não ficariam bem salvaguardadas, no caso de hontem, enviando para a meza declarações de voto em que affirmassem a inconstitucionalidade da votação effectuada?

Quem vae responder a estas perguntas é o sr. dr. Brito Camacho, chefe do partido unionista, que na sessão de 16 de março, em que o actual governo se apresentou ao Congresso, definiu d'este modo a attitude do seu partido:

A União Republicana empenhar-se-ha em tornar facil ao governo a sua missão difficil. Se o Parlamento se conservar aberto, os parlamentares unionistas collaborarão pela discussão em todos os assumptos que não sejam de natureza politica, e quanto a estes, limitar-se-hão a affirmar principios e a destrinçar responsabilidades por meio de declarações. Fóra do Parlamento procurarão robustecer o sentimento patrio, de tal modo que lá fóra se veja que ha aqui a unidade moral d'uma nacionalidade que tem direito a vida, e pretende que contem com ella no concerto das Nações.

Era assim que o sr. dr. Brito Camacho pensava ha cinco mezes. Não é assim que s. ex.ª pensa agora, porque assistiu impassivel a todo o tumulto que os seus correligionarios fizeram.

Poderá objectar-se que se tratava de uma inconstitucionalidade e que em face de golpes dados á Constituição, todos os protestos são legitimos. No emtanto, mais de uma vez os unionistas teem apreciado na Camara actos que reputam inconstitucionaes e limitam-se a protestos de oratoria, deixando á maioria a responsabilidade de os praticar. Porque não procederam hontem do mesmo modo, elles, os defensores da ordem, os inimigos da indisciplina, e antes preferiram lançar mão da violencia da desordem para a contrapôrem á violencia do numero?

E teem os unionistas auctoridade para se arvorarem em paladinos da Constituição? Ha cerca de anno e meio foi ao poder, levado na ponta das espadas, um governo a que presidia um general. Esse governo serviu-se da força publica para impedir a reunião do Parlamento, publicou decretos dictatoriaes, demittiu funccionarios publicos, dissolveu corporações administrativas. Onde estavam os paladinos da Constituição que hontem surgiram no Congresso? Apoiavam todos os actos d'aquelle governo, diziam-se com a alma alegre, o coração risonho, sustentavam que a Republica estava livre de perigos, que tinham desapparecido os pesadellos encastellados pouco antes no horisonte da Patria... Possuem os unionistas auctoridade politica para se sentirem escandalisados, para vibrarem de indignação com erradas interpretações do texto constitucional? A consciencia de todos elles, já não diremos só a consciencia publica, responderá que não.

Melhor seria que a revisão constitucional se fizesse em sessões separadas das duas camaras; não encontramos na Constituição disposição alguma que auctorise a revisão em sessões conjunctas. Seria preferivel que a moção do sr. dr. Alexandre

ULTIMAS NOTICIAS

Braga, propondo a antecipação, fosse votada por dois terços da totalidade dos membros do Congresso; suppomos que é esse o espirito da respectiva disposição constitucional. Mas a interpretação, a nosso ver errada, que a maioria dá ás disposições constitucionaes applicaveis ao thema debatido, não absolve o unionismo das scenas tumultuosas que praticou hontem e que só pódem contribuir para o desprestigio das instituições parlamentares, dando força ao governo para dispensar quanto possivel a collaboração do Congresso.

Colyseu dos Recreios

A noite de hoje no Colyseu deve ficar memoravel na historia d'aquelle theatro pois é a estreia da mais completa companhia de opera comica e operetta que nos tem visitado.

Pela primeira vez em Portugal será cantada a explendida partitura de Leon Bard «A Duqueza do Bal Tabarin» o maior e mais extraordinario exito dos theatros estrangeiros e que entre nós vae ter exito egual.

E' a seguinte a distribuição da «Duqueza do Bal Tabarin»:

«Edi telephonista», Nella Regini; «Frou Frou, Duqueza de Pontarcy», Letizia Casellini, «A sr.ª Morol» Alba de Rubeis, «Atonside», Maria Miselli; «Alina», Carmen Camozzi; «Grigri», Maria Romano; «La Vallière», Adele Scala; «Octavio», principe de Chantal, Raimondo De Angelis; «Duque de Pontarcy, ministro dos correios e telegraphos», Edoardo Favi; «Sofia Weber», Mario Grilli; «Granbec», Manfredo Miselli; «Conde Borel», Guiseppe Campili; «Couchard», Carlo Ostengo; «Um creado», Guelfo Bertocchi. Telephonistas, Aristocratas, Mascaras, Apaches, etc. 1.º acto: Na central telephonica de Paris.—2.º acto: No «Baile Tabarin» em Montmartre.—3.º acto: N'um parque dos arredores de Paris.

PEQUENAS NOTICIAS

Foram expulsos da policia os ex-agentes Antonio Ambrozio Santos Oliveira e Anibal Bernardo Pires, implicados no caso de burla de que temos dado larga noticia.

—Os gatunos entraram, por meio de arrombamento, no 4.º andar do predio 166 da rua do Ouro, roubando um cordão de ouro, um relogio cravejado de brilhantes, uma pulseira e 30 escudos ao locatario Antonio José da Silva, e um relogio, uma bolsa de prata, duas correntes, dois pares de punhos com brilhantes e 50 escudos ao hospede italiano Ibaliano Armando Sisso.

—Queixou-se Antonio da Silva Oliveira, residente na rua da Oliveira ao Carmo, 15, loja, de que n'um carro da empreza Eduardo Jorge, desde o Rocio ao Corpo Santo, lhe furtaram a carteira com a quantia de 182$00 e varios documentos.

—Na praça do Brazil foi hoje atropelado por uma carroça Manuel Santos, de 14 annos, vendedor ambulante, da rua Thomaz da Annunciação, Villa Benita, 4, que soffreu fractura da perna direita. Recolheu á enfermaria 4 do hospital de S. José.

—Na enfermaria 1 do hospital de S. José falleceu hoje Thomazia da Silva, da travessa do Carmo da Penha, que em 28 de março ultimo alli foi victima de queda.

—Tentou hoje suicidar-se ingerindo tintura de iodo, Carolina Cardoso, da Calçada de Garcia, 6, 2.º Recolheu á enfermaria 13 do hospital de S. José

Tribunal militar

A insubordinação no presidio da Trafaria

Proseguiu hoje no 1.º tribunal territorial de guerra, em Santa Clara, o julgamento das 25 praças arguidas de organisadores dos tumultos praticados em fevereiro de 1915 quando se encontravam presos no presidio da Trafaria. As ordens são identicas ás dos dias anteriores, apresentando-se os reus na mesma attitude. A sala repleta.

Passava das 13 horas quando a audiencia foi aberta, proseguindo-se na inquirição das testemunhas. São ellas Abilio Horta, Ruy Nunes, Maria da Encarnação Affonso, Filippe Oliveira, guarda civico n.º 1196, Augusto Clemente, Antonio Lopes, Joaquim Ganhão Teixeira, Antonio Teixeira Rego e o civico n.º 1235.

N'esta altura o sr. capitão Adrião, promotor de justiça, requer a leitura dos depoimentos de varias testemunhas que faltaram. Logo que terminou essa leitura, depuzeram ainda Joaquim Simões, Manuel de Sousa, Decio Maximo Ferreira, Francisco de Campos, 2.os sargentos João Antonio das Neves, Manuel da Silva Gaspar, agente Julio de Sousa, etc. Todas as testemunhas referiram casos puniveis em que os reus, segundo esses depoimentos, tiveram interferencia, accusando-os firmemente.

A's 18 horas a audiencia continúa, devendo, como nos dias anteriores, ser suspensa ás 20 horas para recomeçar na proxima segunda feira, ás 12, iniciando-se os trabalhos pelos debates.

A sentença a ser lida n'esse dia deve ser proferida bastante tarde.

A navegação para o Brazil

Funda-se uma sociedade com esse fim

Organisou-se uma sociedade denominada Brasilusa para o estabelecimento d'uma carreira de navegação para o Brazil, a qual conta poder reduzir o preço dos fretes e instalar na zona franca do porto de Lisboa armazens e officinas.

A sociedade fundou-se com o capital de cem contos assim distribuido: Eduardo Guedes, vinte; Adriano Telles e Manuel dos Santos Consciencia e A. Telles & C.ª, do Porto, dez; Manuel Taboada, de Macahe, A. de Oliveira, de Sul de Minas, Innocencio Qairão, do Vizeu, Mario Telles, do Rio de Janeiro, Telles & C.ª, do Porto, Antonio Abranches, do Rio de Janeiro, Antonio J. M. Cabral, do Pará, Teixeira Rocha & C.ª, de Lisboa, M. Saldanha & C.ª, idem, e dr. Julio C. Q. Guimarães, de Minas Geraes, cada um com cinco contos.

Essa sociedade projecta estabelecer succursaes no Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo.

Uma scena de pugilato

Espalhou-se hoje pela Baixa que tinha havido, ao começo da tarde, uma violesta scena de pugilato entre politicos muito em evidencia.

Segundo a versão que corria com mais insistencia, a scena tinha começado por uma violenta troca de bengaladas, generalisando-se depois entre as pessoas que quizeram intervir e que se mostravam partidarias dos dois contendores.

Afinal, o boato não tinha sombra de fundamento, ao contrario do que acontece com as noticias relativas á perfeição do trabalho e modicidade de preço do calçado vendido no estabelecimento do sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290 a 293, porque toda a gente sabe que essas noticias são verdadeiras.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

A fita da chegada de Cardo as Charlot a Lisboa

Vae hoje ser satisfeita a curiosidade do publico que ha dias está esperando ancisamente vêr reproduzidas as scenas a que assistiu no meio da rua. E' hoje que no theatro Republica se estreia a famosa fita que o celebre comico «Cardo as Charlot» tirou á sua chegada a Lisboa, na estação do Rocio e pelas ruas até ao Theatro Republica, e que constituiu um grande successo de gargalhada para quem assistiu. Todos os que não presencearam o tirar da fita e as peripecias de «Cardo as Charlot» pelo meio da rua, vão hoje vêr a fita da Republica. O gracioso comico faz com a sua «troupe» a engraçadissima pantomima «Charlot enamorado», e representa-se tambem a festejada revista «Castellos no ar», a peça da moda que em cada noite accentúa o seu incomparavel exito, augmentado agora com «O marinheiro» pela joven actriz Judith de Castro e a parodia ao popular duetto dos «Olhos falsos» por ella e por sua irmã Rachel. E' uma noite cheia de gargalhadas. A'manhã repete-se a exhibição da famosa fita e o mesmo espectaculo, estando já vendidos muitos bilhetes para amanhã, unico domingo em que apparece «Cardo as Charlot».

PORTUGAL E BRAZIL

A entrega de credenciaes do novo embaixador

Affirmando os laços de solidariedade entre as duas Republicas irmãs

Revestiu grande imponencia a solemnidade que hoje se realisou no palacio de Belem para a entrega de credenciaes do sr. dr. Gastão da Cunha, novo embaixador do Brazil junto da Republica Portugueza. Pela rampa que vae do portão até á entrada da porta do palacio estendia-se um batalhão de infantaria da guarda republicana, de grande uniforme, sob o commando do major sr. Cabrita, com a respectiva banda de musica. Na escadaria uma força de cavallaria da mesma guarda, a pé, fazia o serviço de policia. Em frente do palacio enorme multidão. Os ministros vão entrando a pouco e pouco. Chega em primeiro logar o sr. dr. Antonio José d'Almeida e quasi a seguir os ministros dos estrangeiros, interior, justiça, guerra e instrucção.

A's 4 horas e 20 minutos entra no palacio o novo embaixador, que se faz acompanhar pelo sr. dr. Costa Cabral, chefe do protocolo do ministerio das estrangeiros.

N'outro «landau» veem os srs. dr. Belford Ramos e 2.º secretario da embaixada. A força apresenta armas e a banda executa a «Portugueza». Os «landaus» são escoltados por dois esquadrões da guarda republicana, indo á estribeira o major sr. Mardel.

Ao encontro do sr. dr. Gastão da Cunha vem os srs. Barreto da Cruz e Costa Leme e demais pessoas presentes, sendo o novo embaixador introduzido na sala onde se realisou a cerimonia. O sr. dr. Gastão da Cunha, adeantando-se leu o seguinte discurso.

Senhor Presidente—Tenho a honra de apresentar a v. ex.ª a carta que me acredita embaixador do Brazil junto a v. ex.ª; e, ao mesmo tempo, cumpro um grato dever transmittindo os votos do Presidente e do Governo do Brazil pela ventura pessoal de v. ex.ª e pela prosperidade crescente da Republica Portugueza, votos que são egualmente os meus e de todo o povo brazileiro.

Não me poderia ser confiada missão mais conforme a meus sentimentos pessoaes; recebi-a do meu Governo com especial agrado e foi com enternecido respeito que me acerquei d'estes paços, defrontando o momento votivo da maior empreza humana, erguido na praia historica onde se abriu á vocação maritima de Portugal a róta luminosa dos descobrimentos.

A ufania de haver gerado novas nações podem tombem sentil-a outros povos; só os nossos maiores, porém, puderam, sem extranha cooperação, descobrir, desbravar, occupar e defender aquelle infinito de terras, senhoreando-as com heroismo e tenacidade taes que, no arrojo da expansão conquistadora, derogaram os titulos de soberania da epoca e recuaram para o occidente a linha divisoria do continente brazileiro, dilatando-o do littoral Atlantico ás vertentes do Pacifico. E n'aquellas entradas epicas pelos sertees do no mundo, ia a ousada gente lusitana semeando nucleos colonisadores tão homogeneos e cohosos em seus elementos ethnicos, que n'elles se perpetuariam com a lingua commum, as tradições, os sentimentos e os ideaes da raça fundadora.

Eis porque, chegado o momento da separação politica, não se rompeu a união de dois povos, que continuaram a viver em contacto permanente, collaboração constante e intima solidariedade espiritual:

Assim é bem certo, Senhor Presidente, que entre Brazil e Portugal não ha simplesmente as relações de amizade internacional que os interesses reciprocos fundamentam, a diplomacia tem como officio seu cultivar e a civilisação a um tempo reclama e facilita. Razões mais profundas, que derivam da historia commum dos dois povos e que vivem na alma de brazileiros e portuguezes sob a fórma indestructivel de sentimentos affectivos e da consciencia do mesmo destino cultural, crearam e nutrem a constancia da nossa cordealidade.

O dever dos Governos é manter e desenvolver por uma de leal amizade, esses vinculos tradiccionaes de affectuosa sympathia, sincero apreço e mutua confiança que unem as nossas nações. Esta situação moral, que imprime uma situação particular ás missões diplomaticas do Brazil em Portugal, tornará facil a minha tarefa desde que eu possa contar, como espero, com o appoio de v. ex.ª e do Governo da Republica Portugueza.

* * *

O sr. dr. Bernardino Machado respondeu o seguinte:

Senhor Embaixador—Recebo com muito particular satisfação a Carta que acredita a v. ex.ª na qualidade de Embaixador do Brazil junto do Governo da Republica Portugueza e peço-lhe que seja para com o sr. Presidente da Republica Brazileira o interprete dos nossos mais penhorados agradecimentos pelos votos que se dignou enviar-nos, expressando-lhe quanto desejamos a felicidade pessoal de S. Ex.ª e a grande prosperidade do Brazil.

A escolha de v. ex.ª para o alto cargo de embaixador do Brazil em Portugal é-nos deveras grata, porque, neto de portuguezes, v. ex.ª, que tão grandes qualidades tem sabido affirmar, é por isso em si mesmo o symbolo perfeito da communidade de ideas, tradições e interesses que ligam os dois povos desde a hora sagrada para ambos, em que a boa fortuna e ousadia dos nossos navegadores fez fluctuar o escudo portuguez na terra que havia de ser um dos maiores, mais bellos e mais auspiciosos Estados do mundo.

Seguindo o destino que lhe foi apontado pela visinhança do mar, o genio portuguez desde o infante D. Henrique ajuntou novos «mundos ao mundo», chegando até á constituição de um grande imperio ultramarino que deu ao povo lusitano as proporções de um povo de heroes quasi mythologico.

O Brazil ahi está para demonstrar o que foi essa obra de titans. Portugal mais pelo amor do que pela conquista soube fazer d'esse paiz maravilhoso em que cada Estado é o esplendido scenario de um conto de fadas, uma creação do seu espirito em cujo engrandecimento e força todo elle se reflecte e revê com orgulho e esperança.

Separados politicamente, Portugal e Brazil continuaram amigos, cimentando dia a dia a intensidade das suas relações e melhor e mais completo conhecimento mutuo, conhecimento que, mostrando-lhes a nobreza do passado commum, lhes vaticina a perpetuidade da sua solidaria missão no futuro. O desenvolvimento d'esses laços moraes e materiaes que tão felizmente existem entre as duas Republica irmãs merece ao governo portuguez o mais constante disvello e constitue um dos seus mais caros deveres. Posso portanto, e n'isto sinto immenso prazer, assegurar-lhe, sr. embaixador, que encontrará sempre da nossa parte todo o apoio e sympathia para lhe facilitar o desempenho da alta e honrosa missão de que v. ex.ª está incumbido.

Eram 17 horas quando a cerimonia terminou, demorando-se o sr. Gastão da Cunha a conversar durante algum tempo com o sr. dr. Bernardino Machado.

A' sahida houve o mesmo cerimonial da entrada.

A grande guerra

Um "raid,, de dirigiveis sobre a costa ingleza

LONDRES, 25.—Official: Seis dirigiveis effectuaram a noite passada um raid sobre a costa de leste e sueste, entre a meia noite e as tres horas. Os estragos causados foram pouco importantes. Houve alguns predios destruidos ou avariados e ha noticia de nove pessoas feridas, algumas das quaes mortalmente; os canhões de defeza aerea entraram em acção e um avião conseguiu romper fogo a curta distancia contra os dirigiveis que conseguiram escapar-se entre as nuvens. Será publicado um outro communicado.—(Havas).

LONDRES, 26.—Os jornaes de Londres dizem apenas que um dirigivel se approximára a noite passada de Londres. O communicado de Berlim dá mais uma vez, a proposito d'esta incursão aerea, pormenores da mais elevada fantasia, nomeadamente que a city de Londres fôra copiosamente bombardeada. Isto é tanto mais ridiculo que ninguem na city, nem mesmo em Londres propriamente dita, ouviu qualquer canhoneio, inclusivé o da defeza aerea.—(Havas).

O accordo financeiro dos alliados

PARIS, 25.—Os srs. Briand, Ribot, Pallain, governador do Banco de França, foram hontem a Calais conferenciar com os srs. Asquith, Mackenna e lords Reading, Cunliffe e governador do Banco de Inglaterra. Os representantes dos dois governos consignaram o seu perfeito accordo sobre todas as questões que constituiam o objectivo d'esta conferencia. Celebrou-se, pois, um contracto para assegurar os pagamentos no estrangeiro e a conservar o cambio entre os dois paizes.—(Havas).

Um hospital franco-brazileiro em Paris

PARIS, 26.—A Liga dos Alliados organisa uma grande festa em favor da fundação de um hospital franco-brazileiro em Paris no proximo mez de outubro. Ruy Barbosa usará da palavra n'essa festa.—(Americana).

Incedio a bordo d'um submarino

CHERBOURGO, 26.—Manifestou-se incendio a bordo do submarino «Gustave Zede», sendo immediatamente extincto.—(Havas).

Os intervencionistas romenos

PARIS, 26—A imprensa russophila da Romenia pede com enthusiasmo a intervenção ao lado dos alliados.—(*Americana*).

O descontentamento operario na Allemanha—Os socialistas e a paz

PARIS, 26.—Os mineiros syndicatos da Westphalia pensam em abandonar o trabalho em virtude das difficuldades da vida. Os comités dos syndicatos appelam para o patriotismo, a fim de impedirem a greve.

O deputado socialista Bock, querendo, n'uma assembléa popular, falar na paz, foi mandado calar pelas auctoridades, que dissolveram a assembléa.—(Americana).

A lucta nos Balkans

PARIS, 26.—Os servios retomaram Pateli Aster após encarniçado combate.—(*Americana*).

E' preso um supposto espião

Foi preso em Vianna do Castello e veiu para Lisboa, dando entrada no governo civil, Manuel Pereira Guimarães e Silva, de 30 annos, nascido em Wolfsberg, Austria, filho de um portuguez.

Foi detido como suspeito de espionagem, mas declarou á policia que vinha offerecer-se como engenheiro ao governo portuguez.

De toda a parte

Os enfermeiros annamitas

Descobriu-se uma nova utilisação nos excellentes soldadinhos enviados pelo Annam para a França. Um certo numero d'elles foram collocados como maqueiros em formações sanitarias onde os seus serviços são muito apreciados. As primeiras experiencias effectuaram-se em Nice. Doceis, intelligentes, attentos e dedicados, os novos enfermeiros annamitas substituirão os mobilisados francezes que partem para a frente.

A Suissa sem ovos

A Suissa não produz os ovos bastantes para o seu consumo. Importava antes da guerra todos os annos 1.500 vagons. As remessas provinham da Hungria, da Russia, de todos os paizes balkanicos e da Italia. Este ultimo paiz é o unico que continua a forneceI-a. Da Hollanda recebem-se pouquissimos. Não ha que recear que os ovos passem para a Allemanha, pois que a Suissa recebe presentemente uma quantidade muito inferior á que recebia antes da guerra.

Uma "Semana da Moda,,

As allemãs, que não teem consciencia do ridiculo, concorrem, ao que parece, em grande numero a visitar uma exposição da moda que acaba de se abrir em Francfort. Trata-se d'uma «Semana da Moda» nacional e puramente «boche», cuja inovação tentam os costureiros do além-Rheno. Pretendem elles mostrar que a Allemanha pode dispensar, sob o ponto de vista da elegancia, toda a influencia estrangeira. Cre-se, porém, que o fim pratico consiste sobretudo em provar que se podem fazer vestidos decentes com pouca fazenda.

A população da Romenia

A ultima estatistica official da população da Romenia, agora publicada em Bucarest, diz ser esta pouco mais ou menos de 7.900:000 almas em 1915. Se se accrescentar o numero bastante elevado dos refugiados romenos da Transylvania, a população da Romenia vae além de 8 milhões.

A questão das subsistencias

A policia civica autuou hoje por falta de tabella e por augmento do preço os seguintes commerciantes: Luiz Alves Bento, da rua do Seculo, 7; Serra Fernandes & Irmão, da rua Nova de S. Domingos, 26, e Marques & Saptista, da rua de Campo d'Ourique, 62.

Nas thermas do Gerez

Sarau em favor dos pobres e da cantina escolar

GEREZ, 24.—No Salão Casino d'estas thermas realisa-se hoje um sarau de beneficencia cujo producto reverte a favor dos pobres e da cantina escolar do Gerez, que fornece comida diariamente a 40 creanças.

A iniciativa partiu dos srs. dr. J. Duarte Silva, medico distincto; e Ivo Ribeiro, administrador do concelho de Terras do Bouro, velho republicano, que tem prestado relevantes serviços á Republica e á instrucção.

O programma, organisado a capricho e cheio de attractivos, tomando parte no espectaculo grande numero de acquistas, senhoras e cavalheiros que gentilmente se prestaram a collaborar n'uma festa tão altruista e simpathica.

Do programma fazem parte os seguintes numeros: 1.ª parte: solo de piano, pelo sr. Luiz de Albuquerque Couto dos Santos; versos, pela menina Eugenia Guimarães; «Momento musical n.º 3», Schubert, pela sr.ª D. Lydia Osorio; versos pelo sr. dr. J. Duarte da Silva; canções portuguezas, pela sr.ª D. Carolina Santos; «Almas d'anjos» (comedia) por cinco alumnas da Cantina Escolar.

2.ª parte—Dialogo infantil, meninas Helena e Eugenia; «Valsa», Oscar da Silva, sr.ª D. Beatriz Amelia Ferraz Cambeze; «Composições classicas», sr. Dargallo Collar; «Romanzas», sr.ª D. Collar; «Fados de Coimbra», sr.as D. Carolina Adelaide Rodrigues Santos e D. Felismina de Figueirôa Silva Nunes; «Canções portuguezas», côros em que gentilmente tomam parte distinctas amadoras e amadores.

No final haverá baile.

Grande numero de senhoras percorrem os hoteis vendendo os bilhetes pelos maiores preços possiveis, a fim de que a receita attinja algumas dezenas de escudos.

O salão do Casino está sendo vistosamente ornamentado, esperando-se que a festa revista o maior brilhantismo.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Ideal

Foge-me a dôr da Vida quando encaro
O traço etereo d'esse teu semblante:
Bôca entre-aberta n'um sorriso claro,
Olhar banhado d'uma paz confiante...

Vae-se-me a amarga dôr da Vida. Saro
D'esta infinita angustia torturante
Que torna o pensamento sempre amaro
E a curiosidade um mal constante.

Basta-me olhar-lhe e logo o sonho teço
De uma casinha entre arvoredo espesso
(P'ra de lá vêr unicamente o ceu...)

E dentro d'ella a tua imagem branda
Como n'um thema de pintor da Hollanda,
—Adormecendo ao peito um filho meu...

Augusto Gil.

DIPLOMATAS

Parte amanhã para o Mont'Estoril, com sua esposa a sr.ª D. Nieres Ramos Montero e suas gentis filhas e filho, o sr. D. Dionisio Ramos Montero, illustre encarregado dos negocios do Uruguay em Lisboa.

NO REPUBLICA

Assistencia elegante á recita de hontem:

D. Epomina Zenha Mackee, D. Maria Amelia de Burnay de Macedo de Sande e Castro, D. Thereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria Lobo de Avellar de Lima Waddington, D. Helena Mauperrin dos Santos Basilio de Castello Branco, madame Santos Moreira Antunes, D. Ondine Berneaud Lobo de Avellar de Lima, madame Freitas Simões, D. Maria Simões, D. Fernanda de Almeida d'Orey, D. Assumpção Perestrello d'Orey, etc., etc.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as:

Marqueza de Pombal, viscondesa de Vallongo, D. Marianna de Mendonça, D. Maria Thereza Saldanha de Castro, D. Camilla de Carvalho Cardoso e Silva, D. Adelaide Marques Teixeira Carneiro Loureiro, D. Marianna Amelia de Magalhães Valente, D. Olympia Faria de Abreu e D. Rita Leal Chaves de Almeida.

D. Maria Eugenia d'Orey Correira, D. Laura de Freitas Branco Sassetti, D. Maria Carolina Lima da Cunha, D. Carolina Augusta de Azevedo e Cunha, D. Francisca Gloria Alen Brandão, D. Maria Augusta de Sá Vasconcellos Castro Guedes, D. Mathilde Augusta de Caceres Moraes, D. Maria do Carmo Forbes Costa, D. Maria Thereza da Conceição da Rocha, Paris de Vasconcellos e os srs. general Luiz Augusto de Vasconcellos e Sá, dr. Alberto de Castro Pereira Almeida Navarro, Francisco Maria de Oliveira e Silva, Mario Placido, João Maria G. de Lacerda, José Francisco de Noronha Wasconcellos Porto e Alberto Ferreira da Silva Brito (Ermida).

E os srs.:

Visconde de Alvellos, Duarte Manuel Gorjão Henriques, João de Vasconcellos e Sá Guerreiro Nuno, Antonio Telles Pereira de Vasconcellos Pimentel, Arnaldo Augusto de Sousa Queiroz, Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos, Alfredo de Andrada e José Ribeiro da Silva.

NO CINEMA GARRETT EM CINTRA

Assistencia elegante ás sessões da moda n'este elegante «cine»:

Baroneza da Areia Larga, D. Christina Rezende da Silva e filha D. Amelia D. Markel Roma Machado, D. Clarisse d'Abreu Reis, D. Gabriela d'Abreu Reis, D. Laura Reis Ferreira, madame Pitta Pessôa, D. Carmo, D. Anna e D. Virginia Costa Lima, D. Ida Quintella, D. Maria do Carmo Vanzeller de Castro Pereira, D. Maria de Castro Pereira, D. Manuela Sampaio, D. Maria Amelia, D. Elisa Castro, D. Manuela Vaz Preto, D. Efigenia Pitta Pessôa, D. Maria Luiza Arriaga, D. Eduarda Couto, etc., etc.

NO CINEMA DA PRAIA CASCAES

Assistencia á «soirée» da moda de hontem:

D. Alice Ferreira Ilharco Vianna e filhas D. Maria Alice e D. Maria Isabel, D. Maria Eugenia de Freitas Oliveira, D. Virginia Paula de Freitas, D. Maria de Oliveira, madame Cruz, D. Lydia Allen de Brito Valle, madame Ferin, D. Laura Cruz, madame Pessôa, D. Celeste Brito, D. Feliciana Raposo, D. Maria de Lourdes Pereira da Silva e Castro e filhas D. Maria Leonor e D. Maria da Conceição, D. Maria Carolina Teixeira e Cunha e sobrinha mademoiselle Costa, etc., etc.

NASCIMENTOS

Teve hontem a sua *delivrance*, a sr.ª D. Bertha Braz Fernandes Nobrega Lima, esposa do sr. dr. Luiz Nobrega de Lima. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

—Teve a sua *delivrance*, a esposa do sr. João Higino de Barros.

Mãe e filha estão felizmente bem.

EM CASTELLO NOVO

Realisa-se brevemente um elegante *picnic* á Serra da Guadiana, vulgarmente conhecida pela Serra da Senhora da Penha, e levado a effeito pelos hospedes do Alardo Hotel.

FESTA DE CARIDADE EM CINTRA

Realisam-se nas noites de terça e quarta-feira, no Palacio Gandarinha, em Cintra, duas recitas de caridade por distinctos amadores, organisadas por uma commissão de senhoras da nossa sociedade elegante actualmente ahi veraneando, cujo producto reverte para as victimas da guerra.

Representar-se-hão as comedias «Ajuste de contas», um acto da sr.ª D. Eliza de Castro; «Lo fise o'clock de Madame Chrysantème e «Quem desdenha...», um acto de Manuel Pinheiro Chagas e varios quadros vivos.

Os ensaios teem sido dirigidos pelo distincto actor Augusto Mello.

As noites de terça e quarta-feira no Palacio Gandarinha serão, pois, o ponto de reunião de tudo quanto ha de melhor na sociedade elegante, que actualmente se encontra veraneando em Cascaes, Estoril e Cintra.

PARTIDAS E CHEGADAS

Parte amanhã para o norte o sr. D. Jorge de Menezes.

—Partiu para o Luzo, com sua filho, o sr. coronel Waddington.

—Regressou ao Porto o sr. Pedro de Araujo.

—Regressou do Rio de Janeiro com sua esposa e filhos o sr. Eduardo Fiuza.

—Está no Bussaco a sr.ª D. Gardiana Andressen Leitão.

—Parte amanhã para Vizeu o sr. Simão Trigueiros Martel.

—Partiu hoje para a Gollegã o sr. Alfredo de Saldanha Marreca.

—Com sua mãe, parte amanhã para as Caldas da Rainha o sr. Carlos Mendes, secretario do Cyclo Theatral.

—Está no Monte Estoril, com sua gentil filha D. Albertina e seu filho Armando, a sr.ª D. Edeltrudes da Camara Rodrigues.

—São esperados no fim do corrente mez na sua casa de Cascaes o sr. dr. Francisco da Silveira Vianna e sua esposa sr.ª D. Eugenia Lemos da Silveira Vianna.

—Encontra-se já em Cascaes a sr.ª D. Anna Deslandes Caldeira Marques Soares.

—Com sua mãe sr.ª D. Thereza Deslandes Caldeira Coelho e suas gentilissimas irmãs D. Maria José e D. Irene, está em Cascaes o sr. dr. Antonio Deslandes Caldeira Coelho.

—São esperadas nas Caldas da Rainha a sr.ª D. Justina de Mello Lobo da Silveira Sepulveda, suas interessantes filhas e filho.

—Com seus filhos D. Bartholomeu e D. Luiz, partiram para a sua herdade do Paço do Conde, de onde seguirão para a sua Quinta das Boiças, em Trancoso, os srs. Condes de S. Miguel.

—Parte por estes dias para o Luso e de ali seguirá para a praia da Granja o sr. Eduardo de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunha.

DOENTES

Foi ha dias operado no Porto, o sr. conselheiro Wenceslau Pinto, sendo felizmente muito satisfatorio o seu estado.

CASAMENTOS

Em Guimarães foi pedida em casamento pelo sr. dr. Alfredo de Mattos Chaves, para seu filho o sr. dr. Fernando de Mattos Chaves, a sr.ª D. Maria da Conceição Flores, filha do sr. general Antonio Emilio do Quadros Flores.

—Pelo sr. Carlos M. C. Lopes, foi pedida em casamento a sr.ª D. Maria Fernanda Lacerda Pereira, gentil filha do sr. João M. Pereira.

—No Funchal, foi pedida em casamento, pelo sr. A. B. C. de Sampaio, para o sr. Eduardo Alves Junior, filho do sr. Eduardo Alves, a sr.ª D. Maria Emma Salles Caldeira, gentil filha do sr. dr. Pedro Salles Caldeira.

No Brazil

O trabalho em Minas Geraes—Os direitos sobre exportação—O novo ministro da Russia

BELLO HORIZONTE (MINAS GERAES), 26.—A prosperidade industrial do Estado tem attrahido a esta cidade numerosos operarios nacionaes e estrangeiros.—(Americana).

S. PAULO, 26.—O commercio mostra-se preoccupado com a tendencia de alguns deputados no congresso federal advogando o augmento dos direitos sobre a exportação. A imprensa do Estado protesta contra esta corrente do parlamento, demonstrando o perigo d'esta medida para o desenvolvimento economico dos estados agricolas.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 26.—O presidente da Republica deve receber, no proximo sabbado, o novo ministro plenipotenciario da Russia.—(Americana).

NOTAS DIVERSAS

Após a recepção solemne para apresentação de credenciaes, do novo embaixador do Brazil sr. dr. Gastão da Cunha, realisou-se em Belem a assignatura presidencial, seguindo-se uma conferencia entre os ministros e o sr. presidente da Republica.

O sr. dr. Germano Martins, director geral do ministerio da justiça, parte ámanhã para o Porto, onde se demorará alguns dias.

—O sr. ministro do fomento parte ámanhã para a Figueira da Foz, regressando a Lisboa depois d'ámanhã.

—A camara municipal de Coimbra agradeceu ao sr. ministro do trabalho a sua intervenção para a mesma camara poder retirar da estação d'aquella cidade a hulha que ali tinha depositado.

—O sr. deputado Malva do Valle teve hoje uma larga conferencia com o sr. ministro do trabalho sobre assumptos politicos. O sr. Malva do Valle procurou tambem o sr. ministro das finanças para o mesmo fim.

TOURADAS

Algés—Na corrida que ámanhã, pelas 18 horas, se realisa n'esta praça tomam parte os comicos *Charlot, Bolanier* e *Lapiteira*, alternando com a *troupe* de Antonio Preto. Lidam-se dez rezes sendo cavalleiro o applaudido amador José Carneiro Gomes. Apresentam-se pela 1.ª vez dois grupos de valentes forcados, sendo um de empregados publicos.

Sport

Uma «gimkana» de patinagem

Os Recreios de Carcavelos, importante e elegantissimo centro sportivo, realisa ámanhã no seu excellente «rink» uma «gimkana» de patinagem que desperta grande interesse pelo programma que tem e na qual serão conferidos valiosos premios, cuja distribuição se fará em setembro conjunctamente com a dos premios dos torneios de «tennis» ha pouco disputados.

A «gimkana» começa ás 21,30 e tem o seguinte programma:

Corrida de velocidade para cavalheiros; corrida de velocidade para senhoras; corridas de guias, para senhoras e cavalheiros; corridas de obstaculos para cavalheiros; corridas de burros, tambem em patins, para cavalheiros.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 15|16	34 13|16
Londres, 90 div.	35 7|16	
Paris, cheque	$73	$73,5
Hollanda, cheque	$59,1	$59,6
Madrid, cheque	1$45,5	1$46,6
Suissa, cheque	$81	$82
New York	1$44	1$45
Rio s|Londres	12 17|32	
Libras	7$15	7$25
Agio do ouro	51 %	56 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	coup.
Tit. de 1:000$	38,20	—
» » 500$	—	—
» » 100$	—	—

Obrigações d'Estado: 4 1|2 1905, coup. 8$.

Externas: 1.ª serie 78$.

Acções: Lisboa e Açores 123$; Assucar 48$90; Credito Predial 21$90; Moçambique 38$40.

Obrigações: Prediaes 5 0|0 serie A, 90$; C. Nacional dos Caminhos de Ferro, 2.ª serie, 67$60; Moagem (nova) 98$; C. de Ferro da Benguella, tit. 5 79$.

SPORT

Ler na «Capital»

nas proximas secções do *sport* e de educação physica uma serie de artigos sobre assumptos de actualidade como

Preparação da Mocidade

e

Gymnasticas

nas quaes se analysarão os differentes methodos de educação physica, criticando os utilisados em Portugal e noticiando a campanha que os francezes estão travando contra o projecto Cheron-Berenger.

Esses artigos serão intercalados n'outros, que a opportunidade indicar que mereçam publicação.

Notas do dia

Um torneio na Amadora

Mais uma vez se vae animar o bello recinto dos Recreios Desportivos da Amadora.

Amanhã inaugura-se ali o campeonato de «tennis» e effectuam-se sessões de patinagem e de tiro ao alvo e um espectaculo no Salão de Festas.

O campeonato de «tennis» começa ás 8 horas da manhã para os concorrentes da 3.ª categoria.

As sessões de patinagem realisam-se durante a tarde e noite, com assistencia de centenares de pessoas.

As «poules» de tiro com treino para o proximo concurso começam ás 3 horas da tarde, e o espectaculo no Salão de Festas principia ás 9 da noite.

Ficou assente na ultima reunião da commissão de senhoras que promove as grandes festas desportivas no proximo mez de setembro, que os festivaes se realisem na patinagem dos Recreios Desportivos, ficando para o mez de outubro a festa da aviação, que tem logar no Campo de Foot-Ball, onde se vão modificando para o grande certamen aeronautico.

* * *

O torneio de espada na Trafaria

Ficou adiado para o fim de setembro o torneio de esgrima de espada para a «Taça Trafaria».

O que motivou a transferencia? Uma razoavel e justificada resolução do Club Balnear, que deseja obter o maior numero de concorrentes, representando o maior numero de salas de armas e ao mesmo tempo que os espectadores sejam de muitas centenas. E' que, na Trafaria, o mez de setembro é sempre o mais movimentado...

D'ahi um adiamento com que não discordamos, nós que tanto antipatisamos com transferencias...

* * *

Water-polo e remo no Porto

Jogam ámanhã no Porto os dois não primeiro classificados no campeonato de water-polo organisado pelo Club Naval de Lisboa.

O team do Club Naval que foi o vencedor, foi assim constituido: Arnold Stocker, Ryder da Costa, Oliveira Duarte, Thomaz de Aquino, Henrique Telles, Dias da Silva e Carlos Mourão, e do sport Algés e Dafundo, novo e florescente club, segundo classificado ao campeonato de 1916, foi constituido por Bessoni Bastos, Antonio Pala, Julio Mesquita, Norton Nogueira, Francisco Baptista, Manuel Moniz e N. N.

O match promette, dado o valor dos teams e das cordeaes relações de camaradagem, ser interessante, deveras movimentado e muito bem orientado, o que constituirá uma boa lição para aquelles que dispõem de uma grande boa vontade em o tornar querido e praticado pelos nadadores do Porto.

Consta que haverá além do programma do Sport Club do Port, organisador do tão importante certamen nautico, uma prova de natação de iniciativa do brilhante jornalista sportivo d'aquella cidade sr. Manuel Camanho, a qual será disputada entre nadadores do Porto em competencia com os de Lisboa.

Do Club Naval correm Ryder da Costa, Arnold Stocker, Oliveira Duarte e João Formosinho e pelo Sport Algés e Dafundo, Bessoni Bastos e João Norton Nogueira.

Antes da corrida haverá a regata de remos entre dois Clubs de Lisboa e dois do Porto.

Pelo Sport Algés correm José Possolo (voga,) Mario Fernandes, Carlos Alves Miguel e Eloy Soares Franco, sendo timoneiro o sr. Augusto Neuparth Vieira.

Alem de muitos socios que acompanharam os remadores e nadadores, seguiram tambem para o Porto as direcções do Club Naval e do Sport Algés e Dafundo.

Representam o primeiro os srs.: Arthur Consolado, Ryder da Costa, Estevão da Silva, Henrique Telles e Augusto Vieira e o segundo os srs. Eugenio Picard, Antonio Pala e Cordeiro.—R.

Algumas anecdotas

Dialogo apressado

D'um cavalheiro n'um passeio do Rocio, para um passageiro d'um carro electrico, aproveitando os instantes de uma passagem:

—O' doutor dizem que o sr. lhes chama «poderneiras» e que não perceberam...

—Coitados d'elles!...Não teem culpa de nascer assim!... Mas eu hei-de fazer com que comprehendam...

—Como?

—E' que certas «poderneiras» tambem «abrem». E eu hei de aproveitar uma d'essas «aberturas» craneanas para lhe fazer ver a boa doutrina. De resto, são bons rapazes... Falta lhes conhecimentos mas quando os possuirem, hão de ser uns sabios e sabios persistentes porque são teimosos e cabeçudos...

Os grandes records

Desfazendo uma má noticia

Os jornaes disseram que Duke Kabanomoku se ia tornar profissional.

Não é verdade.

O celebre amador continúa na situação em que estava, orgulhoso do seu titulo de campeão do mundo olympico nos Jogos de Stockolmo em 1912.

Agora, já que falamos do extraordinario nadador, dissemos que:

Recentemente, percorreu 100 jardas em 53 segundos e 2|5, tempo que representa o novo «record» do mundo, da natação.

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Desportos de Bemfica

O novo grupo pedestrianista realisa amanhã mais uma grande excursão. No vasto rink de patinagem, o mais vasto que ha entre nós, effectua-se á noite a habitual reunião de patinagem. Os recintos de tennis, sports athleticos etc., devem estar animadissimos, muito principalmente pela proximidade da grande festa do sport a que nós temos referido, e que está motivando exercicios preparatorios do maior interesse.

Associação Naval de Lisboa

Partiram no rapido de hoje e não hontem, como préviamente se tinha annunciado, os remadores da Associação Naval de Lisboa, que a convite do S. C. P. vão á capital do norte disputar a taça «Sport Club do Porto, ámanhã, em uma importante regata de remos em aut-rigger (typo moderno) em que tomam parte os mais importantes clubs do norte e a Associação Naval de Lisboa.

Quem vencerá? Será a pergunta feita pelos enthusiastas do remo de todo o paiz.

Alguns clubs do Porto já ha perto de 2 mezes que se andavam treinando.

De Lisboa vão duas «équipes». Uma do Club e outra da Associação Naval de Lisboa, a mais antiga das associações nauticas da peninsula e a vencedora de quasi todas as regatas.

A sua tripulação é formada pelos srs. José Serra Pereira, João Penha Lopes, Augusto Talone e José Duarte — voga, tendo como timoneiro o sr. Luiz Serra Pereira, director da mesma associação. E' a nossa «élite» em remo.

Remadores da velha guarda e conhecedores dos segredos do remo, não quererão deixar perder os seus creditos alcançados em tantas victorias.

Acompanha a tripulação o sr. Henrique de Aragão, delegado da A. N. L. e commandante da sua secção de remos.

A Associação Naval tem ganho este anno todas as regatas de remo que tem havido e em que tem tomado parte.

No Porto encontra-se já ha dias o outro seu delegado, o sr. Alvaro Gaia, que é muito conhecido e apreciado no meio nautico.

PEQUENAS NOTICIAS

Queixou-se José Duarte, residente em Cintra, de que dois individuos que não conhece o burlaram, pelo processo do «conto do vigario», apanhando-lhe a quantia de 150 escudos.

—Foi preso Luiz Gonçalves, morador na rua do Poço dos Mouros, 33, 1.º, a pedido de Antonio Mórnes, residente na rua de Campolide, «villa» Alves, 9, que o accusa de o ter burlado pelo «conto do vigario» em 50 escudos.

Festas associativas

ACADEMIA RECREATIVA DE LISBOA.—A'manhã, ás 22 horas, recita com a peça em 2 actos, adaptação do sr. João Madeira, «O sr. corregedor», seguindo-se baile. N'um dos intervallos serão distribuidos os premios aos vencedores das corridas realisadas no «pic-nic» de 20 do corrente.

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO.—A'manhã, ás 14 horas, «matinée» em que toma parte o sextetto Cyriaco, que tocará durante o baile. A's 21 horas, continuação da «kermesse» e baile.

POETAS FRANCEZES

Um curioso plagio

Como Louis Marsolleau se aproveitou de Victor Hugo, sem dar cavaco

No *Figaro* de 6 do corrente, deparamos uma poesia de Louis Marsolleau, collaborador do importante jornal, que dir-se-hia inspirada na presente guerra. Ora o poeta não fez mais do que plagiar Victor Hugo, como o leitor vae ter occasião de verificar. Perdoe-se-lhe a má acção pela intenção patriotica de flagellar os teutões. Muito peor do que aquillo que fez o hespanhol de Hugo mudado em boche pelo collaborador do *Figaro* teem feito os allemães n'estes dois annos de guerra!

Autres temps, autres mœurs

Mon père ce héros qui n'est pas un tyran,
Suivi d'un seul poilu qu'il aimait por son cran,
Parcourait, aprés l'arrosage, en fin d'averse,
Ce qui restait debout d'une tranchée adverse,
Abris et murs croulants sur qui tombait la nuit.
Il lui sembla dans l'ombre entendre un faible bruit:
C'était un officier laissé là par mégarde,
Un prussien, d'un des régiments de la Garde,
Râlant, sanglant, livide et mort plus qu'à moitié
Et qui criait: «A boire! á boire, par pitié!»
Mon pére avait du rhum dans un flacon de poche...
Il dit à son bonhomme, en regardant le Boche:
«Donne-lui tout de même á boire: il est blessé!»
Tout á coup, au moment ou le poilu baissé
Se penchait sur lui, l'homme, un grand lieutenant maigre,
Saisit son revolver, éclate d'un rire aigre
Et vise au front mon père en criant: «Tiens! prens ça!»
Le coup passa si prés que le casque en grinça;
Et comme le poilu jurait: «Oh! la vipére!»
—«Casse-lui simplement la gueule», dit mon pére.

Louis Marsolleau

Après la bataille

Mon pére, ce héros au sourire si doux,
Suivi d'un seul houssard qu'il aimait entre touts
Pour sa grande bravoure et pour sa haute taille,
Parcourit à cheval, le soir d'une bataille,
Le champ couvert de morts, sur qui tombait la nuit.
Il lui sembla dans l'ombre entendre un faible bruit,
C'etait un espagnol de l'armée en déroute
Qui se trainait, sanglant, sur le bord de la route,
Râlant, brisé, livide et mort plus qu'à moitié,
Et qui disait: — «A boire, à boire par pitiè!—
Mon père, ému, tendit à son houssard fidèle
Une gourde de rhum qui pendait à sa selle,
Et dit: — «Tiens, donne à boire à ce pauvre blessé» —
Tout à coup, au moment où le houssard baissé
Se penchait vers lui, l'homme, une espéce de mauve,
Saisit un pistolet qu'il étreignait encore,
Et vise, au front, mon père, en criant: — «Caramba!»
Le coup passa si prés que le chapeau tomba,
Et que le cheval fit un écart en arriére
—«Donne lui, tout de même, à boire»—dit mon pére.

Victor Hugo

A provincia n'A CAPITAL

TAVIRA, 24.—No campo de Santo Estevão, d'este concelho, dois homens que iam varejar alfarroba encontraram escondida n'uma moita uma pistola automatica. Puzeram-se a examinal-a, mas com tão pouco cuidado que um d'elles disparou a arma, ficando o outro gravemente ferido, pelo que deu entrada no hospital civil d'esta cidade.

Instrução Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 5.—Os alistados teem de apresentar-se amanhã, ás 8 horas prefixas, no quartel de infantaria 16, bem como o grupo de telegraphistas, signaleiros e maqueiros. Não são admittidas licenças. Aos que não compareçam á hora indicada ser-lhes-ha marcada falta.

As partes de doente são só admittidas quando comprovadas com attestado medico.

Festas em Bemfica

Continuam ámanhã, no parque Silva Porto, as festas que com tanto brilho ali se veem realisando.

De dia e á noite canta as suas lindas canções populares o Rancho Feminino da Cruz da Pedra e tocam das 15 ás 24 horas as bandas da Guarda Republicana e de infantaria 1 e duas das bandas da localidade.

E' deslumbrante o effeito que produz a illuminação electrica e á veneziana, sendo lindas as barracas das kermesses, tombolas, garrafas, theatro da natureza, etc.

A concorrencia ámanhã ao magnifico parque deve ser extraordinaria.

Jardim Zoologico

Desde a fundação do Jardim no parque de S. Sebastião, nunca a affluencia do publico foi tão grande áquelle estabelecimento como n'estas ultimas quatro semanas.

O facto deve-se principalmente a nunca ter vindo a Portugal um hippopotamo vivo e nem mesmo a Hespanha.

O animal tem attrahido ao Jardim uma concorrencia nunca vista. As entradas nos ultimos domingos teem sido em media 4.000 e nos dias de semana 350.

A'manhã é, pois, de esperar enorme concorrencia, tendo sido tomadas as providencias para que o publico tenha a circulação garantida para chegar ao recinto do curioso pachyderme.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

APOLLO—A's 20,30 e 22,30—9|6—(Revista).

COLYSEU DOS RECREIOS —A's 21—La duchesse do Bal Tabarin.

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Praias e thermas

TRAFARIA, 25.—No Club Balnear da Trafaria realisou-se hontem um pequeno sarau que deixou gratas impressões a todas as pessoas que a elle assistiram.

A menina Maria Soares Sarmento disse algumas poesias com uma graça e correcção inegualaveis, enthusiasmando a assistencia com a sua graciosidade infantil.

Tivemos tambem o prazer d'ouvir ao piano o distincto amador Las Casas que foi impeccavel na execução de alguns trechos d'operas sobretudo na «Cavalleria Rusticana», que arrancou fartos e merecidos applausos.

Seguiu-se o baile, que esteve animado, dançando-se com «entrain». A'manhã realisar-se-ha uma nova festa.

e tentaram responder, apesar de apanhados de surpreza e de serem em numero inferior.

Os rebeldes intimaram-nos a render-se, mas elles recusaram-se a fazêl-o e uma lucta desesperada se travou durante mais de quatro horas até os dois inspectores cahirem e a policia ter descarregado os ultimos cartuchos.

Os dois inspectores, dois sargentos e seis policias foram mortos. Dois inoffensivos viajantes que passaram por ali em automovel durante a lucta foram tambem mortos e quatorze policias foram feridos.

Enthusiasmados com essa victoria, os rebeldes bivacaram nas cercanias de Ashbourne. Quando souberam que o levantamento em Dublin fôra mal succedido, fugiram á pressa, como os confederados de Lusk e Swords.

No oeste, ao sul de Athenry e no districto de Craughwell, as coisas decorreram mais pacificamente, embora tivesse havido durante a semana grande anciedade. Houve, é facto, algumas reuniões, mas um energico inspector dominava bem o districto e coisa alguma de perigoso succedeu.

Póde tal facto ser considerado como especialmente digno de nota, desde que se saiba que Clare tinha sido distinguida pelos allemães durante a phase preparatoria do movimento e que haviam corrido boatos de que mais d'um submarino inimigo conseguira chegar á costa e pôr-se em communicação com os dirigentes locaes.

Como se sabe, Athlone e Limerick dominam as pontes sobre o Shannon e por meio d'ellas todo o Connaught. Athlone foi rapidamente reforçada mandando para lá um batalhão dos Sherwood Foresters, não dando portanto mais cuidados.

Limerick foi sempre considerada como um ponto perigoso, contendo, como a sua visinha do outro lado do Shannon, grande porção de elementos perturbadores. Qualquer tentativa para uma juncção de forças tinha, por isso, de ser cuidadosamente vigiada.

A um visitante, Limerick offerecia n'essa occasião o aspecto de uma cidade na fronte da linha de combate. Ambas as pontes estavam barricadas com reductos de terra e arame farpado, sendo a approximação defendida com metralhadoras. Destacamentos de dois regimentos irlandezes—o Leinsters e os Atiradores Reaes Irlandezes—occupavam o seu posto de honra e guardavam tambem a estação de caminho de ferro, promptos a darem boa conta de si, se preciso fôsse.

Mas os descontentes de Clare e de Galway não appareceram. A cidade de Limerick conservou-se em socego, apesar de muitos perturbadores terem sido vistos nas suas ruas. O «mayor», na sexta feira, 28, mandou affixar uma proclamação em que appellava para os cidadãos, «com toda a força e poder que as minhas palavras podem ter», para se absterem de «tudo o que pudesse dar em resultado expôr as vidas e as propriedades da população a perigo ou a destruição».

N'essa proclamação expressava ainda o «mayor» a sua confiança em que elles e os seus administrados atravessariam esse tempo de difficuldades com a sua reputação intacta. Poder-se-hia criticar algumas das palavras por elle empregadas n'essa proclamação, como por exemplo o «sacrificio» e «prohibição», mas, como coisa alguma se deu, póde attribuir-se á vontade de fazer rhetorica.

Kerry e Cork, devido ao insuccesso de Casement e ao desastre dos Sinn Feiners em Killorglin, conservaram-se em socego, excepto em um ou dois locaes onde foram assassinados policias desarmados.

Em Castlegregory na bahia de Tralee, uns trinta Sinn Feiners armados appareceram na segunda feira de Paschoa, mas depois de esperarem durante algum tempo e não vendo nenhum outro signal da Republica Irlandeza recolheram a suas casas, sendo os dirigentes presos e o seu armamento appre-

de Athenry, mantida pela repartição de agricultura. Passaram ahi a noite e quando d'ahi sahiram na tarde do dia seguinte levaram os cavallos e os carros carregados com tudo o que encontraram.

«Sem encontrarem resistencia séria da parte da policia do districto marcharam para o castello de Moyode, a uns seis kilometros a sudeste da aldeia e apoderaram-se d'elle.

«O castello, que fica no meio d'um parque com uns 1.000 acres, é uma pittoresca reproducção moderna d'uma residencia estylo Tudor. Pertencia a lord Ardilaun, que morreu o anno passado, mas durante pelo menos trinta annos apenas n'elle viviam os creados encarregados da sua guarda.

«Um sacerdote, que é conhecido pelo nome de Padre Freeney, acompanhava-os e confessava-os. Quatro policias, que levavam com elles como prisioneiros, foram encerrados n'uma sala que dava para o pateo das aves domesticas. Dezeseis ou dezesete raparigas os acompanhavam, cozinhavam a sua comida e dormiam nas dependencias dos guardas do castello.

«Quando chegaram ao castello, os rebeldes destacaram patrulhas de exploração e collocaram sentinellas nas proximidades do parque. De quando em quando as patrulhas vinham fazer o seu relatorio e receber ordens. Bandos se espalharam pelas herdades proximas, d'onde trouxeram uma duzia de vaccas leiteiras; outros arrancaram batatas dos campos e finalmente outros foram aguardar os viajantes nas estradas.

«Quatro automoveis foram requisitados e viajantes foram compellidos sob a ameaça de morte a dar o que os rebeldes cobiçavam. Na terça feira, uns seis policias montados em bicycletas approximaram-se do parque, apesar do fogo das sentinellas. Desmontaram, abrigaram-se e responderam ao fogo.

«Poucos momentos depois, viram tres automoveis preparando-se para lhes dar caça. Montando nas bicycletas, trataram de salvar as vidas, dirigindo-se para Athenry. Os que iam nos automoveis faziam constantemente fogo sobre os cyclistas fugitivos, mas sem lhes acertar.

«Na maior parte dos cinco kilometros, que tanta era a distancia a que estavam, a estrada descia ligeiramente. Auxiliados por esse facto e incitados pelo perigo que os ameaçava, os policias corriam nas suas machinas, como até então nunca lhes succedera. Como conseguiram não ser victimas de um accidente não o sabem dizer. O que sabem apenas é que chegaram a Athenry a são e salvo, ao tempo em que os rebeldes voltaram para traz, a toda a pressa, a uns oitocentos metros da povoação.

«Na sexta feira á tarde uma grande força de Sherwood Foresters e algumas centenas de policias chegaram a Loughrea, a uns dez kilometros do castello de Moyode. A noticia da sua chegada foi levada ao castello, diz-se, por um sacerdote. N'essa tarde os rebeldes reuniram-se em frente do castello e afastaram-se.

«A uns dez kilometros de distancia encontraram outra habitação desoccupada, Lime Park, propriedade d'um membro da familia Persse. Pararam ahi e resolveram dispersar. A esse tempo, as deserções haviam reduzido o seu numero a cêrca de metade da sua primitiva força.

«Dividindo-se em pequenos bandos, dirigiram-se para suas casas, tendo a esperança de escapar ao castigo dos seus crimes. Essas esperanças foram illudidas. A policia conhecia-os um por um e mais tarde poude cercar-lhes as casas e prendel-os um a um. Os seus dirigentes fugiram para as montanhas de Gort, uma das ramificações dos montes Slieve Aughty, que correm para a bahia de Galway perto de Kinvara.»

A outra vez em que, para destroçar dos rebeldes, a armada bri-

tannica appareceu inesperadamente foi em Skerries, na costa a uns vinte e quatro kilometros ao norte de Dublin, onde havia uma estação de telegraphia sem fios do almirantado.

Skerries fica no condado norte de Dublin, sendo representada no parlamento por mr. John Clancy, um nacionalista bem conhecido, adepto de mr. John Redmond, que havia prestado excellentes serviços na causa do alistamento desde o principio da guerra.

Mas, embora o grosso da população fôsse o mais leal e pacifica que se pudesse desejar, havia uma «má» região que ficava ao sul d'ahi, na estrada de Dublin. Swords, Lusk e Donabate eram centros Sinn Feiners e ahi o levantamento deu-se na segunda feira de Paschoa, em conformidade com o programma assente.

Em Donabate uma tentativa foi feita para cortar a linha ferrea na ponte, mas apenas alguns «rails» foram deslocados—falhando a «repartição de explosivos» do exercito do governo provisorio, ahi, como em outras partes, miseravelmente.

Depois d'essa façanha, os rebeldes adoptaram uma attitude de expectativa durante algum tempo, aguardando sem duvida noticias e indicações de Dublin, onde, como já dissemos, o caminho de ferro foi tambem cortado no districto de Fairview.

Entretanto, um incidente occorrera em Swords, onde mr. Clancy e alguns amigos de Dublin deviam dirigir-se na segunda feira de Paschoa, a fim de realisar um «meeting» advogando o alistamento, ou antes uma «demonstração de guerra», como se chamava, porque Skerries fôra uma das localidades que mais concorrera para a guerra, pois sendo, como era, uma pequena aldeia de pescadores, dera uma centena de alistados.

Skerries estava em festa e todas as celebridades locaes, civis e militares, foram esperar os que deviam chegar de Dublin, preparando-se para ouvir a leitura das menções de honra dos bravos que estavam combatendo em França.

A multidão estava reunida para assistir ao «meeting», mas em vez dos oradores annunciados appareceu um mensageiro de Job com a noticia de que o paiz estava revoltado, a linha ferrea cortada, os rebeldes de posse da estação de Donabate e o comboio em que vinham mr. Clancy e os oradores detido não se sabia onde.

Nem por isso, porém, o «meeting» deixou de se fazer. Alguns officiaes do exercito reformados discursaram e as menções de honra foram apresentadas á assembléa.

No dia seguinte, as coisas tomaram peior feição, porque as communicações, tanto com o norte como com o sul, foram interrompidas e nem cartas, nem jornaes foram recebidos. Boatos, que se avolumavam á medida que se espalhavam, diziam que os rebeldes estavam senhores de Dublin e avançavam em força sobre Skerries, para se apoderarem da povoação e, acima de tudo, da estação de telegraphia sem fios.

Sete soldados e alguns policias era toda a força armada de que se podia lançar mão, porque os homens validos estavam na fronte, mas Skerries cumpriu o seu dever. Organisou-se um corpo de voluntarios, a quem foi dada instrucção pelo capitão Battersby; o sargento Burke, do Real Constabulario Irlandez, occupou os quarteis e pôz em ordem os homens, as carabinas e as bayonetas, a estação de telegraphia sem fios foi guarnecida.

O dr. Healy e algumas senhoras prepararam a livraria Carnegie para servir de hospital da Cruz Vermelha, caso fôsse necessario. A palavra d'ordem em Skerries era: «Não se renderem!»

Mas exactamente quando a tensão estava no auge, os vigias que estavam n'um outeiro viram uma columna de fumo no horizonte e em breve avistaram a insignia, as chaminés e o tombadilho cheio de tropas d'um destroyer avançando a toda a velocidade.

Um pequeno navio bastára para deitar por terra os planos do governo provisorio, porque, antes das machinas terem parado, os botes eram arriados e no espaço de meia hora duzentos homens do North Staffordshires guarnecia a estação de telegraphia sem fios.

Mais duas canhoneiras appareceram e vigiaram a estrada que de Skerries e da costa seguia para Donabate. Os Sinn Feiners entenderam que não estavam de melhor partido e não se atreveram a approximar-se.

O levantamento no districto ao norte de Dublin foi, porém, um dos mais serios e dos que mais alastrou. Em Castle Bellingham, no condado de Louth, entre Drogheda e Dundalk, um bando de Sinn Feiners armados chegou em automoveis e tomou posse da povoação pelas sete horas da tarde de segunda feira de Paschoa.

Havia ahi apenas tres policias, que foram rapidamente feitos prisioneiros. Era na estrada principal entre Belfast e Dublin e muitos automoveis, conduzindo pacificos cidadãos que voltavam do norte depois de ter assistido ás corridas em Fairyhouse, foram detidos e confiscado o que lhes pertencia, permittindo-se na maioria dos casos aos que n'elles vinham que continuassem a sua jornada a pé.

Um d'elles, porém, que vinha uniformisado, o tenente Dunville, foi encostado ao talude da estrada e espingardeado, sendo gravemente ferido, mas escapando, felizmente. Um dos policias, o constable McGee, de Donegal, não foi tão feliz, porque foi morto. Por qualquer razão os rebeldes ahi parece terem sido espantados e não puderam levar ao fim a sua obra.

Os assassinos do policia foram identificados e depois do levantamento julgados pelo tribunal marcial.

Não houve a mais ligeira desculpa para o que se fez em Castle Bellingham, porque não houve ahi resistencia alguma e os invasores da pacifica aldeia não encontraram quem quer que fôsse a oppôr-se-lhes.

Ainda mais ao norte, no condado de Tyrone, houve symptomas de levantamento, que foi promptamente reprimido por uma columna volante de trezentos homens, que chegou de Belfast em automoveis, exactamente a tempo. O brigadeiro-general Hackett-Pain, que assumira o commando em Belfast, poude não só mandar 1.200 homens em auxilio de Dublin, mas impedir qualquer tentativa de levantamento na provincia leal.

Os cidadãos immediatamente puzeram 100 automoveis com conductores ao dispôr da auctoridade militar para onde quer que fôssem necessarios.

Um pouco mais proximo de Dublin do que de Skerries—n'um ponto não longe de Ashbourne na estrada de Slane—deu-se um dos crimes mais crueis de todo o levantamento. Crê-se que pertenciam a um bando de Sinn Feiners do norte de Dublin os assassinos.

Entraram em Ashbourne e cercaram o quartel da policia, que se defendeu com valentia. Tendo sido dado o alarme, forças de policia de Slane, Navan e Drogheda partiram em automoveis para virem soccorrer o quartel cercado. Toda a força vinha sob o commando do inspector do condado Gray e do inspector do districto Smith.

Como os policias e os «chauffeurs» eram estranhos á região tinham de recorrer a um guia local e não ha duvida de que foram victimas d'uma emboscada d'antemão planeada. Tencionava a força deixar os autos fóra de Ashbourne e avançar depois sobre a povoação. A policia foi, porém, apanhada desprevenida ao atravessar um pequeno bosque n'um local chamado Rathgate.

Um fogo mortifero foi ahi aberto sobre a força, d'ambos os lados da estrada, quando os automoveis iam a subir um outeiro. Muitos policias foram attingidos á primeira descarga, os outros apearam-se

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2168—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 27 de Agosto de 1916

Telephones: 2233—Endereço teleg. CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officinas de impressão—71, Rua da Bica, 71 — Preço 2 centavos

NA GRECIA

E' critica a situação da Grecia, dizem os telegrammas publicados nos jornaes da manhã. Em Salonica estão os alliados que já emprehenderam a sua offensiva contra os bulgaros. Por seu lado, os bulgaros invadem o territorio da Grecia, e batem-se contra as forças gregas. Perante a gravidade dos acontecimentos, o gabinete Zaimis, ao que parece, vae apresentar a sua demissão. E o rei da Grecia, o cunhado de Guilherme II, o homem que poz o seu sceptro na balança, fazendo-a pender para o lado da Allemanha, e procurando lançar no ostracismo Venizelos, o partidario da intervenção a favor dos alliados, recebeu em audiencia o primeiro ministro da Servia, essa alliada da Grecia que a Allemanha invadiu, sem conseguir dominar os seus heroicos impulsos.

A situação da Grecia é extremamente interessante sob o ponto de vista internacional.

Ao rebentar o conflicto europeu toda a gente esperava que a Grecia se puzesse ao lado da Servia, sua alliada na campanha balkanica; da Inglaterra e da França a quem devia a sua independencia. O primeiro homem publico da Grecia abertamente propugnava pela intervenção logica do seu paiz n'esse sentido. Esse homem publico era o sr. Venizelos, o grande estadista a quem a sua patria devia a excellente situação que conquistara na campanha contra a Turquia, de que elle fôra a alma. Por momentos se julgou que essa politica, a que mais convinha aos interesses da Grecia, a que mais honrava o seu espirito, a mais digna da admiravel tradição da civilisação hellenica, seria a que triumpharia, conduzindo a Grecia a admiraveis destinos.

Mas a Grecia é uma monarchia. O seu rei é casado com uma irmã do kaiser, e este parentesco dynastico, porventura tambem tendencias conservadoras, orientadas no culto d'uma aristocracia que o imperio germanico mais fielmente symbolisa, fizeram com que o rei da Grecia se pronunciasse, na impossibilidade d'uma intervenção a favor da Allemanha, pela absoluta neutralidade do seu paiz. Venizelos caiu, moveu-se contra elle uma perseguição feroz, creou-se no paiz uma corrente germanophila que teve por seu dirigente o sr. Gounaris, e a neutralidade parecia assente, procurando o governo, sob a presidencia do sr. Zaimis, um equilibrista politico, satisfazer os designios do rei contra os verdadeiros interesses da propria Grecia.

O resultado, eil-o. A Grecia, que não queria entrar na guerra, vê a guerra surgir, por todos os lados, no seu solo. Soffreu todas as humilhações, ameaçaram-na todos os perigos, e o seu sangue já corre. E a situação é tão critica que o sr. Zaimis já perdeu o equilibrio, o paiz volta para Venizelos vistas anciosas, e o proprio rei trepida, vendo o seu throno em risco por que pensou mais no irmão de sua mulher do que no povo que tinha de dirigir e honrar.

Semelhante situação faz-nos acudir á mente aquella phrase recente, verdadeira «boutade» politica, com que o chefe unionista, do alto da sua intellectualidade transcendente, pretendeu deslumbrar uma opinião, que elle se obstina em considerar composta de papalvos. «Se é um crime falar em paz n'um paiz que está em guerra, tambem é crime falar em guerra n'um paiz que póde estar em paz.» A Grecia parecia estar muito mais em condições de se manter na paz, do que Portugal, ligado por uma velha alliança á Inglaterra, alliança que sempre se manteve inquebrantavel entre os dois paizes. Mas a Grecia não pôde evitar que a guerra viesse ter com ella, a Grecia tinha pontos do seu solo occupados por estrangeiros, as suas proprias forças são constituidas pelos que ella não queria combater. Verdadeiro crime foi fazer a propaganda da paz n'esse paiz, que não podia eximir-se a ser envolvido na conflagração europeia.

Muito menos se poderia eximir Portugal, e por isso a phrase do sr. Camacho não representa mais do que uma verdade de mr. de la Palisse. Não ha duvida que se póde considerar um crime falar em guerra n'um paiz que póde estar em paz. Mas primeiro do que tudo seria necessario saber se esse paiz podia estar em paz. Se a Grecia não poude manter-se na paz, muito menos o poderia fazer Portugal.

Na Africa Oriental

Que noticias ha das nossas tropas?

Como toda a gente sabe, encontram-se na costa oriental da Africa alguns milhares de soldados portuguezes que para ali partiram a fim de cooperar na campanha contra os allemães.

Amiudadas vezes deparamos nos jornaes estrangeiros noticias do que teem feito e estão fazendo os inglezes e os belgas para a conquista da colonia allemã e, uma vez por outra, por intermedio de Londres lá vem qualquer vaga referencia—mas não nos boletins officiaes—ácerca das tropas portuguezas.

Como explicar a parcimonia do governo portuguez em informar o paiz sobre o que se passa com os nossos expedicionarios? Chamemos parcimonia a esta falta de noticias, mas talvez lhe devessemos chamar outra coisa. O general Ferreira Gil, que commanda as tropas, emmudeceu, ou é o governo que não considera o paiz digno de saber aquillo que os inglezes e os belgas não occultam ao mundo?

O caso que se removam os motivos, se os ha, que obstam ao conhecimento da uma situação que dir-se-hia mysteriosa...

A "Historia da Grande Guerra,

Devido á demora que se está dando na censura postal, vemo-nos forçados, bem contra nossa vontade, a deixar de dar com a devida regularidade o folhetim da *Historia da Grande Guerra*, por não recebermos a tempo as publicações inglezas e francezas de que nos servimos para a compilação d'essa obra.

Habilidades diplomaticas

Como se serve a alliança, sem desagradar aos inimigos do paiz alliado...

O sr. Teixeira de Sousa diz hoje de sua justiça, n'uma carta ao «Seculo», sobre o que os governos monarchicos fizeram para fortalecer a alliança ingleza. Ha, porém, na sua interessante carta, uma passagem que queremos frisar. Eil-a:

Talvez seja justo registar que Portugal procedeu por fórma que, sem faltar aos deveres de amizade e de alliança com a Inglaterra, não ficou impedido de estar em boa situação perante a União, apezar dos importantes problemas de caracter economico que ali existem e dividem as nossas colonias sul-africanas.

Refere-se o sr. Teixeira de Sousa ao modo como procedemos quando da guerra anglo-transvaliana. Aquellas habilidades para agradar e servir a Deus sem desagradar ao demonio ainda teem hoje os seus cultores em pleno regimen republicano. Pois não houve quem ahi affirmasse que podiamos, na presente guerra, ter prestado todo o auxilio á Inglaterra, imposto pela alliança, sem, comtudo, nos indispormos com a Allemanha? Não iremos agora esmiuçar o que essas habilidades diplomaticas recordadas com prazer e orgulho pelo sr. Teixeira de Sousa. Basta que accentuemos terem ellas, na Republica, quem as cultive com muito amor, julgando talvez havel-as inventado... E trata-se apenas d'uma herança da monarchia!

A GRANDE GUERRA

O romance de Lloyd George

Os gallezes, que tanto parentesco teem com os bretões, gozam actualmente em Inglaterra d'um enorme prestigio, devido aos dois ministros mais populares do imperio: David Lloyd George, ministro da guerra, e William Morris Hughes, primeiro ministro da Australia.

A vida do gallez David Lloyd George é um milagre de obstinação, de intelligencia e d'argucia.

Todas as vezes que nos inglezes se depara uma existencia prospera ao sahir da pobreza, qualificam-na de romanesca. Applicado ás arduas lutas coroadas de exito do ministro das «coisas de que mais se necessita», como cognominam Lloyd George, esse termo «romance» é exacto.

A sua carreira, a sua fortuna, a possibilidade dos innumeros serviços que tem prestado ao seu paiz, o ministro da guerra do Reino Unido deve tudo á maravilhosa dedicação d'um pobre sapateiro d'aldeia, seu tio, Richard Lloyd, que o recolheu orphão com sua mãe e seu irmão e que o creou e educou. O joven David passou a infancia n'essa pequena aldeia de Llanystyndy, junto d'esse homem admiravel, de profundos sentimentos religiosos (era o chefe d'uma seita de baptistas) e insuflou em seu sobrinho, com um enorme idealismo, uma verdadeira vontade mystica do triumphar.

A Biblia e o Direito, o livro de Deus e o das convenções humanas, o estudo d'estas duas moraes, de que uma é apenas um modo imperfeito de realisar a outra, tal foi a base da instrucção do sobrinho de Richard Lloyd, que conservou sempre o cunho egualitario da seita religiosa dos baptistas (muitas vezes elle proprio nos domingos presidiu ao culto), ao mesmo tempo que o conhecimento e a pratica das leis lhe deram uma visão real do mundo e das suas necessidades. Realisou-se assim um equilibrio curioso.

Lloyd George está por completo n'essas duas tendencias d'um pastor d'almas que se tivesse tornado *solicitor*, ou, se se prefere, d'um estudante de theologia que houvesse evoluido para a carreira do direito.

D'ahi, desde principio, a sua eloquencia revolucionaria, a sua intransigencia que não conhece obstaculos e esses ataques furiosos nos quaes se reconhece immediatamente o não conformista em revolta contra a Alta Egreja e o legista defensor dos humildes em lucta contra o *squire*, o grande proprietario rural que fecha as veredas e que prohibe a caça nas suas terras.

Lloyd George cresceu no meio d'essa lucta contra a Egreja de Inglaterra e contra o pariato. Pertenceu á União dos Rendeiros e á «Liga contra o dizimo». Combater por um Home Rule gallez. Eleito por Carnarvon, por uma pequena maioria, assustava não só esses adversarios, mas até os seus proprios eleitores. Comtudo, um experiente parlamentar dizia a seu respeito: «Nada receiem, Lloyd George perderá mais de metade do seu radicalismo nacionalista na Camara dos Communs».

Perdeu, com effeito, um pouco d'essa intransigencia, mas apoz que combates, que campanhas, contra mr. Gladstone, contra lord Rosebery, contra mr. Balfour, contra sir Henry Campbell Bannerman, contra os chefes do seu partido, assim como contra os seus adversarios. Lloyd George, em politica como em religião, era um não conformista resoluto, intransigente, absoluto.

Comtudo, o homem de lei, o contemplador objectivo dos individuos e das coisas, não podia evoluir. Apoz as polemicas apaixonadas e proposições das egrejas gallezas e da obrigação dos não conformistas mandarem seus filhos ás escolas da Alta Egreja, outras preoccupações vieram. Presidente do ministerio do commercio, difficuldades mais comezinhas deviam prender a attenção de Lloyd George e, como chanceller do thesouro, punha finalmente de parte o problema religioso para abordar o problema social e governamental. Conseguiu-o em parte: os Communs tiraram á Camara Alta muitos dos seus privilegios e supprimiram o principio hereditario.

Ao mesmo tempo, aspirações menos ambiciosas do que a subversão dos poderes da Egreja official e da aristocracia ingleza levaram-no a ser o promotor de «Old age pensions act» e «Health and unemployment insurance act», leis favorecendo a velhice e tornando obrigatoria a hygiene. Lloyd George evolucionava.

* * *

Evolucionou no que respeita ao maior acontecimento do tempo presente: a guerra. Pacifista extremo outr'ora, eil-o hoje ministro d'uma das mais formidaveis machinas militares da Europa. Contrario ao serviço obrigatorio, partidario absoluto da liberdade de alistamento no exercito, foi o primeiro dos membros do actual gabinete a encarar a necessidade do serviço militar obrigatorio.

Não sendo partidario de dar liberdade aos operarios para se envenenarem com bebidas espirituosas, mas receiando limitar o perigo do alcool, respondeu publicamente a uma proposta de lei contra o alcool: «Todos os governos que tocaram no alcool queimaram os dedos na sua chamma diabolica».

E comtudo, quando foi necessario, tocou n'essa chamma diabolica, e para a extinguir rudemente, tirando aos operarios até o direito de offerecerem beber uns aos outros, pelo «No treating act». Nada de abancar na taberna.

Que flexibilidade adquirida, que presciencia da necessidade, que tacto superior que se curvam perante os acontecimentos!...

Lloyd George parece improvisar-se a si mesmo a cada momento e com uma facilidade surprehendente. Revelemos um segredo que lhe não causará prejuizo algum. Essa flexibilidade e esse tacto são o resultado de longas reflexões e de hesitações que o eminente estadista a ninguem conta. Um exemplo entre muitos outros: quando estava confeccionando o seu orçamento, dormia, é o termo litteral, com elle, emendando e tornando a fazer de novo o seu trabalho. Alta noite acordava o seu secretario para fazer novos projectos, tomar novas decisões.

No que diz respeito á sua conversão do serviço obrigatorio, sabe-se qual foi o ministro francez que o convenceu da sua inevitavel urgencia, e como Lloyd George amadureceu no espirito a idéa d'esse serviço, que a principio se recusava energicamente a aceitar.

Adversarios, concorrentes, teem-lhe em algumas occasiões censurado a sua lentidão. Não são justos. As suas concepções não são nunca absolutamente espontaneas. Examina-as, adapta-as, porque não segue immediatamente o seu primeiro impulso e quer aproveitar as suggestões de outrem, aperfeiçoal-as e tornal-as realisaveis no momento propicio. Assim, já se disse de Lloyd George: «E' o homem que se atreve a executar o que os outros receiam fazer ou que não podem emprehender».

* *

Inutil será dizer que Lloyd George teve sempre uma grande sympathia pela França e pelas idéas francezas.

Aprecia os escriptores francezes e em especial o espirituoso e mordaz satyrico de costumes Abel Hermant agrada-lhe e diverte-o. Ha n'elle ainda um pouco do revoltado, mas o constructor tomou o logar do revoltado e domina cada vez mais as suas acções. Queria outr'ora o Home Rule para os gallezes. O seu primitivo projecto tornou-se mais amplo e sonha agora com uma federação immensa do imperio e das colonias reunidos n'um parlamento imperial. Idéa grandiosa, que levará talvez a Europa a uma transformação cuja hora talvez sôe em breve.

Um pintor que lhe fez o retrato representa-o enorme, musculoso, dominador, n'uma palavra, exactamente o contrario do seu aspecto physico. E como observassem a mr. Augustin John, o pintor, que o retrato não correspondia de modo algum ás parecenças do ministro, o artista respondeu que era assim que via Lloyd George, uma figura consideravel, uma figura balzaciana.

Ha algo de verdadeiro n'esta affirmativa. E Lloyd George tem, além d'isso, a dentro de si um genio que attinge tudo, que tudo comprehende e que póde humanamente realisar quasi tudo. Esse gallez cuja carreira dia a dia se torna mais brilhante tem, como o illustre Tourangeau, uma physionomia poderosa. N'esse sentido, é, tambem balzaciano.

A lucta nos Balkans

PARIS, 26.—Communicação de Salonica: Na nossa ala direita actividade intermitente das duas artilharias; na região de Jenikoj, margem direita do Struma, a artilharia ingleza bombardeou sem cessar as posições adversas. O canhoneio foi muito vivo a oeste do Vardar. Na linha servia, a oeste de Kukuruz, os bulgaros pronunciaram seis contra-ataques em direcção a Vetrenik, mas foram repellidos em toda a linha, soffreram um sanguinolento cheque e recuaram sob a pressão continua das tropas servias, oppondo entretanto porfiada resistencia. Na nossa ala esquerda continuam encarniçados os combates na região de Ostrovo. Ao norte da estrada de Ostrovo os servios colheram sob os seus fogos os destacamentos de ataque bulgaros, que se tinham approximado até 150 metros das nossas linhas e infligiram-lhes perdas muito elevadas; só deante de uma trincheira foram encontrados 200 cadaveres bulgaros. A oeste do lago Ostrovo os nossos elementos avançados progrediram ligeiramente. Ao sul do lago houve combates parciaes que terminaram com vantagem para os servios. No dizer dos prisioneiros as perdas soffridas pelos bulgaros nos ultimos combates na região de Ostrovo teem sido consideraveis.—(Havas).

A emigração para o Brazil

S. PAULO, 27.—Foi hontem publicada a estatistica da emigração. De 1850 a 1915, entraram, n'este estado, emigrantes 1.728.620, dos quaes 845.818 italianos, 293.916 portuguezes, e 260.533 hespanhoes. Os allemães não figuram em grande quantidade.—(Americana).

O DRAMA DOS CAPELLÃES

Quem não sabe o que diz e quem não sabe o que faz

Os dirigentes catholicos esperam que o governo fale claramente para depois tratarem da assistencia espiritual ás tropas

O sr. conego Moita publicou em *A Ordem* dois extensos artigos com o fim de contradictar o que escrevemos no dia 18, n'este jornal, sobre a questão dos capellães militares. O primeiro artigo do sr. conego Moita soffreu duros golpes da censura que lhe suppriniu quasi metade. No que escapou não encontrei um unico argumento que desfizesse o que *A Capital* havia affirmado e ainda agora sustenta sobre o assumpto. Ao estalar a guerra, os catholicos francezes não só se empenharam por que a lei se cumprisse quanto ao que ella dispunha sobre a assistencia religiosa ás tropas em mobilisação, mas trataram immediatamente de prover de remedio a sua insufficiencia. *Numerosissimos* sacerdotes, e muitos d'elles carregados de serviços e não poucos dotados de excepcionaes merecimentos, offereceram-se para seguir as tropas como capellães voluntarios e a subscripção aberta pelo *Echo de Paris*, por iniciativa do grande e prestigioso catholico que foi Alberto de Mun, para cobrir as despezas com esses capellães, attingiu em duas semanas a somma de vinte contos. O governo francez, as auctoridades militares francezas attenderam benevolamente as aspirações dos catholicos, coadjuvaram-os, satisfizeram os seus desejos formulados não em laconicos telegrammas arrogantemente redigidos mas em diligencias pessoaes como as do conde de Mun, enfermo, a dois passos da sepultura... Supponhamos, porém, que, por parte do governo, haviam surgido difficuldades ácerca da admissão, junto das tropas, de capellães voluntarios: as manifestações de piedade, patriotismo e generosidade dos sacerdotes e dos fieis não se retrahiriam ainda mesmo n'essa para elles dolorosa conjunctura. Os offerecimentos de toda a ordem, espontaneos, abundantes, eloquentes, viriam, a despeito de tudo, attestar a intensidade exemplar da fé catholica no povo francez. Duvida alguma poderia subsistir sobre a atitude d'esses crentes admiraveis, cheia de abnegação e do espirito de sacrificio. O governo não consentia que maior numero de sacerdotes prestasse auxilio espiritual ás tropas em campanha? Quando essa decisão governativa se tornasse publica, já o seriam tambem os solemnes testemunhos da grandeza de animo dos catholicos, quer dos sacerdotes resolvidos a correr todos os riscos da guerra em prol da salvação das almas, quer dos simples fieis promptos a concorrer com o seu obolo para que a sagrada empreza pudesse levar-se a cabo... E os proprios adversarios, aquelles mesmos que não compartilhassem as suas convicções religiosas, tirariam o seu chapeu diante d'esses homens.

* *

Assegura, amavelmente, o sr. conego Moita que não sei o que digo. Mas o que disse eu? Que os catholicos portuguezes se teem até agora limitado a reclamações platonicas e que entre nós nada se fez ainda de comparavel ao que aconteceu em França, ou que se approxime, sequer, d'esse movimento que em Alberto de Mun encontrou o mais illustre propugnador. Eu não sei o que digo, na phrase gentilissima de sua reverencia, mas a situação legal dos capellães militares em França conheceram-na muitos dos leitores da *Ordem*, de que é redactor o sr. conego Moita, pelo artigo que publiquei na *Capital* sobre o assumpto e que a folha catholica se dignou transcrever. Eu não sei o que digo, mas foi da *Capital* que *A Ordem* transcreveu textualmente o extracto das concessões feitas pelo sr. arcebispo de Braga aos padres mobilisados da sua diocese, segundo as faculdades auctorisadas por Bento XV, e o interessante documento pontificio até hoje, que me conste, não foi ainda publicado pela folha catholica! Eu não sei o que digo, mas é o proprio sr. conego Moita quem se apressa a tentar uma explicação do procedimento da classe sacerdotal n'estas poucas e pouco felizes palavras:

> O clero portuguez tem sabido cumprir nobremente o seu dever, cumpril-o-ha até ao fim.
>
> Se elle não accorreu já, numeroso, a offerecer os seus serviços, não lhe faltam para isso razões ponderosas.
>
> Antes de mais nada é necessario que a esphinge governamental fale claramente, reduzindo a lei as suas promessas um tanto sybillinas.
>
> O paiz carece de conhecer em que condições será auctorisada a ida de capellães para os campos de batalha, na certeza de que tudo quanto fôr sophismar a propria lei franceza sobre o assumpto era mystificar, não, insultar gravemente o paiz.

Ha, pois, «razões ponderosas» que impedem que o clero accorra, numeroso, a offerecer os seus serviços e a primeira d'ellas, ao que parece, é o não haver ainda o governo falado claramente. Mas, se o governo se demora em pronunciar-se com clareza, porque procedem os catholicos de identico modo, abstendo-se de patentear a força do seu zelo, a sinceridade dos seus sentimentos, o ardor do seu empenho pelo bem das almas e limitando quasi a sua acção, n'este lance excepcional da vida religiosa, a telegrammas e representações aos poderes publicos d'um regimen que perseguem o mais descaroavelmente perseguidor da Egreja? Eu não ignoro que entre o clero portuguez, em todos os graus da hierarchia, existem sacerdotes capazes de rasgos de heroicidade christã: alguns conheço que estimo, respeito e venero profundamente. Tambem não desconheço as vicissitudes atravessadas nos ultimos annos pela Egreja n'este paiz. Mas de quem a maxima culpa? Das instituições republicanas e d'aquelles que por ellas se deixaram surprehender, n'uma decadencia, n'uma desorganisação, n'um relaxamento sobre que a Historia pronunciará, senão pronunciou já, o seu severo e inappelavel juizo? Por muito fundos que sejam os aggravos, por muito pesada que seja a oppressão, por muito vastos e intensos que sejam os males resultantes, podem elles porventura invocar-se, nas circumstancias unicas que o paiz atravessa, como justificação da extranha espectativa em que declaram manter-se os que asseveram constituir a sua enorme maioria? Ou não seria este o momento opportuno, o mais adequado de todos, para exteriorisar uma robusta solidariedade religiosa inilludivel, antecipando-se ás promettidas concessões officiaes, cuja natureza, cuja forma e cujo alcance só não provêem, com um gesto semelhante ao de Alberto de Mun, isto é com um appello ao voluntariado d'uns e ao obolo de outros? Para o não fazer, além das «razões ponde-

---

Folhetim de A CAPITAL—27-8-1916

Analphabetos

Entre os voluntarios portuguezes que na linha occidental se teem batido contra a Allemanha, ha um, chamado José Proença, que actualmente se encontra n'um hospital, em via de se restabelecer de ferimentos recebidos em combate. José Proença, que abandonou lar, familia e amigos, para se bater ao lado dos defensores do direito, é analphabeto.

Eis uma circumstancia que merece justificadas anotações, pelo significado que contem, e que é o de uma lição no ponto de vista do ideal e no ponto de vista da raça.

Este homem, com effeito, dá-nos, mercê da sua attitude, uma esperança vigorosa no progresso moral da especie. Elle é de todos os homens um dos que apparentemente menos se presumiriam susceptiveis de semelhantes impulsos. E' um analphabeto, pertencia, quando tomou a sua resolução magnanima, a um paiz que ainda não entrára na guerra. Dir-se-hia que todos os estimulos lhe falleciam. O solo da sua patria não fôra talado, nem sequer o seu paiz estava em guerra. Ao mesmo tempo, como crear a consciencia da atrocidade que ensanguentára o mundo? Elle não sabia lêr, elle não conhecia a historia. Elle não sabia as determinantes da guerra. E todavia, eil-o que parte, abandonando patria, familia, lar, amigos, a tranquillidade e a segurança da vida, para a jogar nos mais arriscados lances. Evidentemente n'esse homem inculto manifestou-se uma intuição superior. Elle teve a noção de um grande dever, e executou-o com intrepidez e simplicidade.

Não podem existir estas intuições? Joanna de Arc era uma camponeza inculta. Era pobre, era innocente, era humilde. E um dia sente-se possuida d'uma grande fé e fortalece-se com uma grande coragem. Tambem ella teve a noção d'um alto dever a cumprir. Esse dever era libertar a patria, salvar o prestigio da sua raça, affirmar a existencia d'um Deus todo bondoso e justo. Para essa empreza sublime necessitava-se do seu esforço? Ella assim o julgou. Quiz participar d'esse esforço. As circumstancias collocaram-a á frente da obra libertadora. Tão grande é o poder da fé, a sinceridade do sentimento, a generosidade da alma! Ella, a pastorinha de Domremy, inculta, pobre, analphabeta, vê-se collocada á frente d'um povo. Havia na corte de Carlos VII um enxame de espiritos brilhantes, havia homens sabedores, havia creaturas experientes. Em brilho, em saber, essa experiencia só tinham produzido o egoismo pessoal, a sede do prazer, a indifferença pelos males da patria. A inculta de Joanna de Arc fez uma heroina e fez uma santa. Salvou a França. Afirmou a liberdade, e Deus.

Se a historia se fizesse com uma absoluta veracidade, nós teriamos ocasião de reconhecer que d'estes entes obscuros brotam as claridades mais redemptoras. Aqui mesmo, em Portugal, as iniciativas da independencia da patria e da emancipação civica teem sido servidas pelos humildes, pelos pobres, pelos analphabetos. Já o Mestre de Aviz se retirava de Lisboa, abandonando os seus projectos de que devia resultar a resurreição nacional, e o povo não desistia, e com a sua fé obrigava-o a regressar á cidade—onde deviam decidir-se os destinos da patria. Ainda ha pouco, na madrugada de 4 de outubro de 1910, é um obscuro marinheiro que, a bordo do *Adamastor*, dá o signal percursor da aurora da Republica.

Eram analphabetos, estes homens, e, todavia, isso não os impedia de vêr claro nos problemas politicos que se debatiam. Elles podiam não saber lêr, mas o que não podiam era desinteressar-se do futuro da sua patria ou desconhecer os beneficios da liberdade. Porventura não serão precisamente os humildes, os pobres, os que pela modestia da sua condição menor instrucção possuem, aquelles que melhor sabem o valor da independencia da patria e da liberdade civica? Quando um paiz perde a sua independencia, os poderosos, os ricos, continuam vivendo com largueza, não se sentem cerceados nas regalias dos prazeres da vida. Os fidalgos do tempo do cardeal D. Henrique, com o seu ignobil Christovão de Moura á frente, não só não sentiam a perda da independencia da patria, como para ella contribuiram, vendendo-se ao rei estrangeiro. O povo, que se bateu na ponte d'Alcantara, já anteviu os horrores da servidão; o povo, sessenta annos escravo, não fraquejou nas suas premeditações de resgate, e acudindo immediatamente ao appello dos conjurados de 1640 transformou n'uma revolução victoriosa o que poderia ter sido sómente uma loucura heroica.

* *

José Proença é um analphabeto. Mas esse facto não impede que elle tenha a consciencia de que é um homem. E o mundo está cheio de homens como José Proença. Eram todos doutores, os homens que em 5 de outubro de 1910 derrubaram um throno de sete seculos, e que em 14 de maio de 1915, correram a tiro uma dictadura de imbecis ou de traidores? São todos doutores os admiraveis legionarios que, na Europa em fogo, perseguem a aguia germanica, obrigando-a a recuar em toda a parte? Dir-se-ha que a maioria d'esses homens marcha em virtude do recrutamento obrigatorio. Mas nada nos auctorisa a suppor que essa obrigação seja para elles uma cadeia oppressiva. Pelo contrario: a obrigação de defenderem as suas patrias, surgindo, porventura não fez mais do que antecipar-se ao gesto expontaneo que o seu espirito requeria.

Mas ha os voluntarios, elles são aos milhares. São aos milhares, e entre elles não será José Proença o unico analphabeto, como não é o unico que, vindo d'uma patria estrangeira, defende no solo d'outra patria a causa permanente e immortal da humanidade inteira, que é a do direito, a da justiça, a da liberdade. Ainda a Italia não estava em guerra e já uma legião de italianos, commandada por um filho de Garibaldi, ia defender na França essa causa tres vezes santa. O mesmo fizera seu pae, quando a Allemanha, em 1870, proseguia contra a Republica Franceza uma lucta iniciada contra o Imperio. O culto pelo ideal inspira estas iniciativas sublimes.

* *

Orgulhosos nos devemos sentir ao verificar que em Portugal esse ideal tem egual culto, e que n'elle se abraça o espirito das mais humildes classes sociaes. A liberdade é amada, com fervoroso anceio, nas mais profundas camadas populares. E como a luminosa intuição d'este povo suppriu! José Proença é o typo militante d'este povo de homens livres e heroicos. Analphabeto, elle não ignora que uma lucta se trava no mundo, lucta em que a liberdade, em resultado de tantos sacrificios, de tantos soffrimentos, cimentada com tanto sangue, está em risco, senão de morrer totalmente, por que isso é impossivel á luz dos seus, pelo menos de padecer os resultados de uma regressão ao espirito medieval. Elle sabe que d'essa liberdade do mundo depende a independencia da sua Patria. E sabe-o, porque o sente, porque uma intima voz o adverte d'este perigo tremendo. E eil-o que parte, abandonando tudo para melhor tudo servir: a patria cuja existencia vae procurar garantir, a familia cuja tranquillidade vae procurar assegurar; o futuro dos seus filhos que vae procurar salvaguardar á dignidade, a honra do seu lar que vae procurar pôr ao abrigo das selvagerias das hordas d'um despotismo sanguinario e brutal.

O ideal pelo qual este analphabeto lucta é um grande ideal e a raça a que elle pertence é uma grande raça.

Mayer Garção

rosas» do sr. conego Moita, o que é que se receou? Que não fosse correspondido? Mas tal hypothese repugna, decerto, a sua reverencia, porque «dizer—assim escreve na *Ordem*—que os catholicos portuguezes não serão capazes de igual abnegação e generosidade é uma offensa intempestiva a gratuita». Ser correspondido o appelo e não serem aproveitados os seus fructos por o impedir o governo? Mas, se tal succedesse, não havia que lastimar a posição dos catholicos. O seu procedimento apenas os teria engrandecido e imposto ás homenagens que se devem a quem honra os seus principios e por elles se deixa conduzir aos mais nobres rasgos.

Imaginemos os catholicos partindo da supposição de que não se restaurariam os capellães militares, com caracter official, para o tempo de guerra,—a supposição mais logica a adoptar por aquelles que ácerca da attitude do governo da Republica perante a Egreja formam os peores juizos. Os catholicos diziam a esse governo: «Para acudir ás necessidades espirituaes dos soldados catholicos em campanha pomos nós tantos sacerdotes livres de todas as obrigações militares. Custearemos todas as despezas que elles fizerem. Contentar-nos-hemos com que os chefes do exercito lhes facilitem o exercicio do seu ministerio, assegurando-lhes toda a liberdade compativel com as operações de guerra, a elles e aos crentes.» O governo recusava-se a acquiescer? Se, o que não creio, assim procedessem as espheras governativas, aos catholicos restavam a a gloria e a satisfação do dever cumprido—e a mais ninguem!

*
* *

Teem partido para Africa successivas expedições militares. Alguns milhares de homens encontram-se na costa oriental, para onde foram a fim de cooperar nas operações contra os allemães. Seguiram sem capellães, lá estão sem assistencia religiosa. E quem d'entre esses chefes, esses leaders, esses mentores catholicos ahi se moveu para que, fóra da intervenção official, ella lhes fosse prestada? E' que esperam que a «esphinge governamental fale claramente» para então apparecerem ... os suffragios, que será talvez a unica assistencia que se lhes reserva!

E quem não sabe o que diz sou eu e quem sabe o que faz são elles...

AVELINO DE ALMEIDA

A paralysia infantil

Não tem sido até hoje uma doença perigosa, segundo dizem alguns medicos

Démos hontem noticia do apparecimento d'alguns casos, em Inglaterra, da epidemia da paralysia infantil, que está preoccupando a attenção do mundo medico e do publico, a quem não é indifferente vêr alastrar uma doença que se suppunha quasi que exclusiva dos Estados Unidos.

Não é, porém, assim. A paralysia infantil é uma affecção conhecida e que já muitas vezes se manifestou. Foi estudada especialmente por um medico, Médin. E, felizmente, segundo affirmam alguns medicos, não ha motivos para susto.

Em França houve já algumas epidemias. A primeira foi estudada, em 1888, em Ste-Foi-l'Argentière, por mr. Cordier, de Lyon. Depois, outras epidemias foram estudadas, em Toulose, em 1895, e em Paris, ha uns dez annos, o dr. Netter reconheceu a frequencia com que ella se manifestava na região leste de Paris.

Muito frequente egualmente nos Estados do norte da Europa, Suecia e Noruega, foi estudada cuidadosamente pelos medicos d'esses paizes.

Apparecendo apoz um periodo de incubação de dois ou tres dias, ataca principalmente as creanças de edade inferior a quatro annos e principia por phenomenos de um mal estar geral semelhante ao da grippe, com tendencia, porém, para as manifestações meningeas; em seguida vem a paralysia que, em geral, retrocede bastante rapidamente.

A mortalidade causada por essa doença é muito pouco elevada e as paralysias por ella causadas melhoram em geral consideravelmente com a electricidade e com as massagens.

Recentemente, ainda, mr. Netter, medico do hospital Trousseau e membro da Academia de Medicina, estudou a acção de sermus que deram os melhores resultados. Foram os sermus empregados o do macaco immunisado e o d'um convalescente de paralysia infantil.

Tambem, segundo dizem alguns medicos, é conhecido o microbio da doença, que já ha annos se conseguiu isolar.

Em resumo, e para terminar, a paralysia infantil, na opinião dos medicos a que nos estamos referindo, é uma doença que exige muitos cuidados, mas que se não apresenta com a gravidade que se lhe attribue.

Assim seja.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

APOLLO — A's 20,30 e 22,30 — 916—(Revista).

COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21 — Recita da moda — Geisha.

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

O escandalo do Rio

A obra de Joaquim Freire, com quem está Paiva Couceiro

Joaquim Freire, o famoso monarchico director do Lyceu Litterario Portuguez, no Rio de Janeiro, dimittiu se do cargo depois dos violentos protestos a que deu logar o facto estupendo de haverem apparecido nas janellas d'aquelle estabelecimento lado a lado a bandeira azul e branca e a bandeira allemã. O homem, quanto á bandeira azul e branca, diz que foi partida que lhe fizeram; quanto á bandeira allemã parece que entupiu.

Ora a verdade é que Joaquim Freire foi o chefe da dissidencia monarchica no Rio, quando da declaração de guerra da Allemanha a Portugal. Os monarchicos dividiram-se. Uns, como bons portuguezes, não puzeram condições para se associarem ao governo do seu paiz em semelhante conjunctura; outros, como Joaquim Freire, poz condições, affirmando o seu odio á Republica portugueza. Semelhante attitude valeu-lhe os applausos de Paiva Couceiro.

Ainda haverá alguem que nutra illusões ácerca d'este Nunalvares de via reduzida, que tem como amigo e socio em tão graves questões como a da guerra, o homem do Lyceu Litterario Portuguez onde se içaram, lado a lado a bandeira azul e branca e a bandeira allemã?

A fita da chegada de Cardo as Charlot a Lisboa

Foi um famoso exito a exhibição da fita de «Cardo as Charlot» na sua chegada a Lisboa e que tanto deu que falar. E' uma das mais interessantes que temos visto. Hoje é o unico domingo em que apparece «Cardos as Charlot» e a sua «troupe», e representa-se tambem a festejadissima revista «Castellos no ar», no Republica.

Amanhã é a unica recita da moda em que se exhibe «Cardo as Charlot» e a sua «troupe».

Desastres com arma de fogo

Na enfermaria n.º 3 do hospital de S. José deu entrada Antonio Gonçalves Fulgencio, residente em Pelmella, que ali foi victima d'um desastre com arma de fogo caçadeira, tendo ficado muito ferido no braço esquerdo.

Tambem no banco do hospital recebeu curativo, seguindo depois para sua casa, o alumno do Collegio Militar Mario Pereira de Lemos Mattos dos Santos, residente em Carcavellos, que foi egualmente victima de um desastre com arma de fogo, ficando ferido no rosto.

PEQUENAS NOTICIAS

Antonio Moreira, morador na Azinhaga do Pires, barraca do José Paulo, foi preso no largo das Fonsecas por ser portador de um revolver.

—No Caes do Sodré appareceu o cadaver de um homem em adeantado estado de putrefacção, dizendo algumas pessoas que se trata de Constantino Gonçalves. O cadaver foi para a Morgue.

—Emilia de Jesus Gomes, moradora em Torres Vedras, tentou suicidar-se, disparando um tiro de revolver no ouvido esquerdo. Depois de curada no banco do hospital recolheu a sua casa.

—A menor de 8 annos Adelina Lopes dos Santos, moradora na rua Capitão Leitão, cahiu no Poço do Bispo, fracturando a perna direita. Ficou na enfermaria 3 do hospital de S. José.

Colyseu dos Recreios

Canta-se amanhã a «Geisha»

A estreia da festejada operetta «A duqueza do Baile Tabarin» hontem no Colyseu dos Recreios, confirmou plenamente o reclamo feito á companhia.

Amanhã realisa-se a primeira recita da moda dedicada á sociedade elegante, isto é, o Colyseu vae reunir tudo quanto de mais distincto ha.

Estreia-se a deliciosa operetta japoneza «Geisha» cuja musica tipica, original e caracteristica lhe tem obtido triumphos admiraveis. A companhia de opera comica e operetta Caracciolo-Scognamiglio apresenta-a, porem, com verdeiras novidades e surprehendentes effeitos de luz, vincando, ainda mais o seu exotismo.

Estreiam-se na «Geisha» cinco artistas de grande nomeada, um dos quaes já o publico de Lisboa conhece pelo seu talento e consciencia com que desempenha os papeis que lhe entregam. Referimo-nos a Antonio de Rubeis. A parte de protagonista foi confiada á sr.ª Eglea Alcardi, que possue uma voz deliciosa.

Os restantes artistas são o tenor Sante Grassi, o baritono Rafaele de Ferran e o actor caracteristico Emilio Marangoni, que intrepretam, respectivamente, os papeis de «Katana», Cuminghan» e «Marquez Inari».

Menores que fogem

Julia da Assumpção, moradora na rua da Boa Vista, 176, 2.º apresentou queixa á policia de que sua filha Armanda da Assumpção, de 16 annos, desappareceu de casa, ignorando o seu paradeiro.

—Tambem se queixou D. Josephina Perestrello, moradora na rua do Loreto, 61, de que tendo uma sua creada, de nome Octavia de Souza, de côr, ido fazer umas compras, não tornou a apparecer.

ARTE DE FURTAR

Manuel Fernandes, morador na rua da Conceição da Gloria, 46, 2.º, queixou-se de que uma sua creada, quando andava a proceder a limpezas, deixou a porta aberta, entrando ali os gatunos e furtando objectos de valor, não podendo por emquanto avaliar a importancia do roubo.

—Tambem se queixou Maria Augusta moradora na rua do Teixeira, 9, 1.º, de que os gatunos entraram na sua residencia, por meio de chave falsa, e furtaram anneis, relogios, bolsa de prata e outros objectos, cujo valor não pode precisar.

—Na rua Luciano Cardoso, A. J., reside uma familia que se encontra em Portimão. Hoje de manhã um filho do dono da casa, de nome Luiz, encontrou as portas arrombadas, tendo participado o caso á policia.

—Rosa Ramalho Reis, residente na rua Antonio Pedro, 90, 1.º, queixou-se de que os gatunos entraram na sua residencia e furtaram d cima de uma «toilette» dois anneis com brilhantes no valor de 90$00.

Marinheiros perdidos

SANTIAGO DO CHILI, 27.—O governo chileno deu a Shackleton o navio «Yelcho» para fazer novos ensaios para salvação dos seus camaradas na ilha Lephant.—(Americana).

A aviação em Portugal

Os nossos aviadores—Curiosos esclarecimentos sobre a obra a fazer

Alguns dos officiaes que foram ao estrangeiro tirar o seu *brevet* de aviadores estão já em Portugal, devendo em breve chegar os restantes. São ao todo onze, pertencendo dois á marinha, um a infantaria sete a cavallaria e um a artilharia.

Todos elles deram provas brilhantes da sua aptidão, formando-se assim um nucleo de bons aviadores, havendo a notar que o ultimo, o pertencente á arma de artilharia, embora official muito habil e de real valor, não poderá proseguir na aviação, por d'isso o inhibir a sua accentuada myopia.

Na Suissa, está de ha muito um official de engenharia, encarregado, ao que nos consta, de estudar a construcção de motores, mas, ao que tambem nos consta, o governo vae maudal-o d'ali regressar, em virtude da inutilidade da sua missão no momento actual.

A proposito da aviação e do que é necessario para o nosso exercito, recebemos a seguinte carta, que contem curiosos esclarecimentos:

Sr. redactor—Agora, que se pensa a serio na organisação, entre nós, da aviação, permitta-me v. que faça algumas ligeiras observações, que não são de certo descabidas.

Para uma organisação pratica, temos de assentar as bases necessarias e não fazermos, como de costume, as coisas no ar, sem *calembourg*, visto tratar-se de coisas aereas.

Supponđo que mobilisamos quatro divisões, precisamos, para cada uma d'ellas, o seguinte: 30 apparelhos, 36 aviadores, 10 observadores e 15 mechanicos.

A classificação que possam, saibam e queiram dar aos que seguirem a aviação tem de ser: 1.º, aviador; 2.º, aviador chefe de grupo; 3.º, aviador chefe de esquadrilha; 4.º, aviador chefe de parque; 5.º, aviador chefe de escola.

Salvo erro ou omissão, é esta a classificação que tem de seguir-se.

Ha ainda a considerar a divisão naval, para a qual necessitamos de trez apparelhos, 5 aviadores, 3 observadores e 3 mechanicos.

Isto, pelo minimo.

Na situação e quanto aos vencimentos a dar aos futuros aviadores, urge tomar em consideração a equiparação para esse effeito, de todas as armas, pois nos não parece justo que os officiaes de uma determinada arma vão auferir mais proventos do que os seu camaradas de egual patente.

Para os civis que se dediquem á aviação escusado será dizel-o, tem se crear uma uma situação especial.

Todas estas considerações, sr. redactor, veem principalmente para dizer que se deve trabalhar desde já e com afinco no problema da aviação, que não é de tão pouca monta, como a muitos se poderá afigurar á primeira vista.

Estamos convencidos de que o sr. ministro da guerra, com a boa vontade e energia de que tem dado tão manifestas provas, metterá hombros resolutamente á em preza.

Agradecendo a publicação d'estas linhas, sou do v., etc.—*J. G.*

ULTIMAS NOTICIAS

A grande guerra

A situação na Grecia

O ataque bulgaro — A opinião publica exaltada

PARIS, 27. — Logo que officialmente se conheceu em Athenas a resistencia offerecida aos bulgaros pelos fortes gregos, reuniu o governo e effectuaram-se successivas conferencias entre os srs. Dusmanis, Zelmis e general Collaris, ministro da guerra. Ignoram-se as decisões tomadas, mas affirma-se que não se procederá contra os officiaes que não procederam em conformidade com as instrucções do estado maior.

A opinião publica mostra-se muito exaltada contra os bulgaros.

A imprensa pede uma acção immediata para se salvar a honra do paiz.—(Americana).

A lucta na frente occidental

PARIS, 27.—No Somme, noite relativamente calma. O mau tempo continúa a prejudicar as operações. Na margem direita do Mosa os allemães dirigiram esta noite tres ataques contra o bosque de VauxChapele, mas foram detidos pelos nossos tiros. Na Lorena varias manobras allemãs contra os nossos pequenos postos, entre Azancourt e Andremenil, foram facilmente repellidos. Na floresta de Apremont, os granadeiros francezes dispersaram as patrulhas allemãs. Os allemães atacaram por volta das 22 horas n'uma frente de 800 metros na direcção de Croix de S. Jeam; colhidos sob os nossos tiros soffreram um cheque completo. Nenhum acontecimento de importancia no resto da linha.

A mobilisação da Romenia

PARIS, 27.—Os ultimos reservistas romenos estão mobilisados. O general Popovic foi nomeado commandante do primeiro exercito e collocado em Aversescho.—Americana).

Praças mandadas apresentar

São avisadas a apresentarem-se immediatamente no regimento de infantaria n.º 2, afim de receberem guia para o Nucleo Automobilista de Lisboa as seguintes praças: Alberto Fernandes Rodrigues, soldado n.º 169 da 3.ª companhia, e n.º 218 da 7.ª companhia, Arsenio dos Santos.

Em Matto Grosso

RIO DE JANEIRO, 27. São absolutamente inexactas as ultimos noticias sobre revolução em Matto Grosso.—(Americana).

As relações entre os paizes sul-americanos

RIO DE JANEIRO, 27.—O dr. Tavares de Lyra, ministro da viação, respondendo a um pedido de informações, feito pela Camara dos Deputados, disse que o congresso financeiro de Buenos Ayres, tinha resolvido a applicação da tarifa minima aos telegrammas transmittidos entre os paizes sul-americanos, unificação das redes dos differentes paizes, annulação das redes particulares, recusa formal para novas concessões intra-continentes, intervenção dos governos junto das companhias dos cabos submarinos para um augmento de linhas transoceanicas, reducção das tarifas e exploração radiotelegraphica directamente pelos governos.—(Americana).

Commemoração historica

RIO DE JANEIRO, 27.—O jornal «O Paiz» publicou um longo artigo commemorando o anniversario da batalha de Alcantara em 1850.—(Americana).

EM CINTRA

Commemoração do 25.º anniversario da morte de Latino Coelho

A Exposição Agricola Regional

Começaram hoje em Cintra as festas do concelho que coincidem, como se sabe, com o anniversario da morte de Latino Coelho n'aquella villa. No edificio dos Paços do Concelho realisou-se hoje, pelas 11 horas da manhã, a inauguração da Exposição Agricola Regional, que resultou o maior e mais completo certamen d'este genero que se tem ali realisado.

N'uma rapida visita pelas salas do municipio, deliciosamente ornamentadas, tomamos nota dos seguintes expositores.

Atrio: Exposição de floricultura e plantas ornamentaes:—Quinta das Tilias, do sr. Adriano Coelho. Lindissima collecção de begonias, tuberosas, avencas, etc.

Quinta do relogio, da sr.ª D. Capitolina Vianna da Fonseca: Camelias e plantas de jardim.

Quinta da sr.ª D. Elisa Julia de Castro Ferreira (S. Pedro). Begonias, tuberosas, suspensões lindissimas de avencas raras.

Quinta do Cruzeiro (Valle de S. Martinho), do sr. Antonio Cunha. Begonias, fetos e tuberosas, de surprehendente effeito decorativo.

Antonio Rosa, jardineiro. Begonias.

Sala nobre: Exposição de vinhos de Collares, plantas ornamentaes e madeiras exoticas.—A decoração d'esta sala é feita com exemplares preciosos do parque da Pena, do Chalet Biester e outros jardins. Algumas photographias magnificas da Pena ornamentam as paredes. Vinhos dos seguintes expositores:

Visconde de Salreu, Viuva Gomes, Henrique da Silva Soares & C.ª, Francisco Costa, quinta do Vinagre (do velho solar do morgado do Vinagre, hoje pertencente á sr.ª D. Maria José Duarte Bandeira Nobre), José Antunes dos Santos, quinta do Mazziott. (Dr. Carlos França), Viuva Valerio José Vicente e Filhos (Almaçageme), Viuva João Nunes & Filhos, João Antonio Pires, (Almocageme), Antonio Bernardino da Silva Chitas (Azenha do Mar) e Augusto Gregorio Tavares, da mesma localidade.

N'esta sala vê-se tambem uma «vitrine» com um interessante mostruario de ceramica saloia do sr. Antonio da Cunha. Notam-se tambem ainda entre a profusão de avencas monumentaes, draesenas e begonias, dois admiraveis fetos arboreos do sr. Carvalho Monteiro e uma linda collecção de tuberosas e coleos do sr. José Faria.

Claustro—Exposição de fructas e outros productos agricolas.—Expõem:

Dr. Carlos França (quinta do Mazzioti) Collares). Bellos exemplares de maçãs, limões, peras, pecegos, etc. Duas especis de feijão *roi des verts* (branco). Uma enorme abobora muganga.

José Joaquim Migueis (Collares) — Um enorme exemplar de beterraba e fructas varias.

João Duarte de Castro—Duas aboboras gigantes.

D. Rosa Saraiva (Quinta da Sanfanha) Pecegos e peras.

Joaquim dos Santos Nabo (Nafarros) Pecegos.

Antonio Mathias, rendeiro da Quinta do Vinagre (Collares) Pecegos e peras.

Dr. Brandão de Vasconcellos (Quinta da Sarrazola) Melões, pecegos e peras.

Valentim Braz Rilhas (Mocifal) Aboboras e melancias.

José Lopes Miranda (Agueirão) Aboboras e melancias.

Antonio de Almeida Guimarães (Quinta do Cosme) Maçãs pecegos peras tomates e cebolas.

Sebastião Dias da Costa Ramos (Ribeiro de Cintra) Abobora de corôa.

Bernardino Gomes da Silva (quinta do Murraçal, Collares) Milho, assar ocas phenomenos, maçãs, peras, pecegos e batatas.

Domingos Dias Coelho (Mocifal), aboboras.

Joaquim Duarte de Castro (Collares) aboboras porqueiras.

Antonio Miguel Pintasilgo (Collares) tres admiraveis plantas de milho.

Julio Sebastião Dias (Collares) Pecegos e peras.

Antonio da Cunha (quinta do Cruzeiro, Valle de S. Martinho) 11 variedades de feijão, chicharos, ervilhas, grão, cebolas, batatas etc.

Antonio José Gomes Netto Junior (Casal de Santo Antonio, Ranholas) Batatas, cebolas, peras, pecegos, melões, cerenes e manteiga, tomate, melancias e bellos exemplares de aboboras.

José Antonio Carretas (Quinta do Lumarinho, Montelavar)—Pepinos, peras, maçãs, pecegos, legumes, cereses, melões e melancias, etc.

Verissimo da Silva Rosa (Penedo de Collares)—Fructas diversas.

José Pedro (Mocifal)—Fructas e batatas.

Domingos Camarão (Collares)—Favos de mel.

Expõem tambem no claustro os seus variadissimos productos agricolas, entre os quaes avultam soberbos exemplares, a Escola Pratica de Agricultura de Queluz e a Colonia Penal Agricola (antiga escola colonial dos padres do Espirito Santo), onde nos prendem particularmente a attenção os trabalhos do João da Silva Netto, extremamente curiosos.

O Largo do Municipio encontra-se lindamente ornamentado e á noite haverá vistosas illuminações.

Segue o programma dos festejos que se prolongam até terça-feira e para os quaes a Companhia Portugueza dos Caminhos de Ferro creou uma tarifa reduzida em extremo.

PROGRAMMA

Homenagem a Latino Coelho pelo 25.º anniversario da sua morte. 29 de Agosto de 1916.

Dia 27.—*Exposição Agricola Regional* nos «Paços do Concelho de Cintra». Abertura ás 11 horas, entrada $05.

A's 14 horas—Chegada á estação do Caminho de Ferro das corporações de Bombeiros Voluntarios do Districto de Lisboa, e da Cidade do Porto.

A's 14,30—Recepção nos Paços do Concelho, dos representantes das corporações de Bombeiros Voluntarios.

A's 15 horas—Formação do cortejo de Bombeiros, na Avenida Garrett, e desfile no quartel dos Voluntarios de Cintra, onde se inaugurará a lapide dando ao quartel o nome do benemerito bombeiro «Guilherme Gomes Fernandes». Inaugurar-se-ha tambem a bandeira da delegação da Cruz Vermelha, alli installada, provisoriamente. Seguidamente desfile do cortejo até ao Largo Affonso d'Albuquerque, onde se inaugurará a nova estação no Bairro Estefania dos Voluntarios de Cintra. Inauguração official da «Rua Guilherme Gomes Fernandes». Regresso ao quartel onde será offerecido um copo d'agua as corporações e bandas, encorporados no cortejo.

A's 17 horas — Desafio de Foot-Ball no Campo de Seteais. «Cintra Foot-Ball Club» contra «Sport Lisboa e Seixal».

A' noite—Illuminação electrica e veneziana no Largo do Municipio e Rua Visconde de Monserrate, junto do quartel dos Voluntarios.

Dia 28. — Continua aberta a exposição nos Paços do Concelho.

A's 16 horas—Desafio de Foot-Ball no Campo de Seteais. «Cintra Foot-Ball Club» contra «Grupo Desportivo Cintrense».

A' noite—Illuminações e musica.

Dia 29—Continua a exposição nos paços do concelho.

A's 14 horas—Sessão solemne nos paços do concelho, a que se digna assistir s. ex.ª o presidente da Republica.

A's 16 horas—Formação do grande cortejo civico, em que tomam parte todas as corporações do concelho, em carros allegoricos, e desfile até á casa onde falleceu Latino Coelho.

A' noite—Musica e illuminações.

Todos os dias musica no recinto da exposição.

Livro de homenagem a Latino Coelho—Exposição á venda do «Livro de Homenagem» a Latino Coelho, collaborado por A. Braamcamp Freire, Affonso Lopes Vieira, Alberto Pimentel, Alfredo A. Schiappa Monteiro de Carvalho, Alfredo Ansur, Alfredo da Cunha, D. Anna de Castro Osorio, Anthero de Figueiredo, Antonio da Cunha, Antonio Joaquim das Neves, Augusto Barreto, Bulhão Pato, Carneiro de Moura, Chagas Franco, Gomes Leal, Gregorio R. da Silva e Almeida, Henrique de Vasconcellos, Hermano Neves, Jayme de Magalhães Lima, José Caldas, Julio Telles Pereira, Luiz da Camara Reys, Luiz Feliciano Marrecas Ferreira, Sebastião de Magalhães Lima, Manuel d'Arriaga, Maximiliano de Azevedo e Oliveira Passos.

A' venda no recinto da Exposição.—Preço $80.

O Centro Republicano de Cintra, em homenagem á memoria de Latino Coelho, distribue livros ás creanças pobres das escolas officiaes.

Viva a Patria!

Um manifesto dos estudantes de Santarem

Damos na integra o manifesto que os estudantes das tres ultimas classes do lyceu de Santarem fizeram distribuir por occasião do anniversario da batalha de Aljubarrota.

E' sem duvida interessante a affirmação de amor patrio que n'elle se faz, mas as referencias nos generaes que se estão batendo na França são, em nosso entender, não só desnecessarias, como contraproducentes. E para o provar basta dizer que, ao contrario do que no manifesto se affirma, o generalissimo Joffre não é um catholico militante.

Folgamos em todo o caso em que a mocidade academica affirme o seu amor pela Patria.

O manifesto é o seguinte:

N'este momento de excepcional gravidade para o nosso querido Portugal, em vesperas, talvez, de darmos uma effectiva collaboração guerreira aos nossos alliados de velha data, não podiam os estudantes do lyceu de Santarem deixar passar despercebida a data historica de 14 de agosto, uma das que mais enaltecem a tradição gloriosa d'um povo, cioso da sua independencia, consciu da sua missão e desejoso de a continuar atravez de todos os perigos e difficuldades.

Foi em 14 de agosto que Nunalvares se cobriu de louros na batalha de Aljubarrota, garantindo a independencia da Patria contra o inimigo invasor do seu territorio.

Nunalvares e Aljubarrota são dois nomes cuja evocação faz vibrar intensamente as cordas da nossa alma, faz estremecer de jubilo os nossos corações de patriotas e de crentes.

Aljubarrota é uma epopêa de gloria e de triumphos.

O Santo Condestavel é a mais pura consubstanciação da alma portugueza.

Veneramos como santo, diz Oliveira Martins, divinisando-o como heroe, Portugal mostrou que tinha em si a chamma d'onde nasceram em cinco gerações successivas os homens que nos tornaram o nome immortal na historia dos tempos modernos da Europa.

A apotheose de Nunalvares é o nosso attestado de baptismo!

N'esta hora amarga e difficil, torna-se preciso evocar a lembrança d'estes portuguezes heroicos de outras eras, para que nós nos animemos a seguir-lhes os exemplos e a imitar-lhes as virtudes.

Por isso entendemos dever commemorar a data de 14 de agosto, anniversario da batalha de Aljubarrota com uma missa resada, a que assistiram muitos estudantes que ainda se encontravam n'esta cidade, e outros que propositadamente a ella nos deram o prazer de virem assistir.

Era a maneira mais singela e ao mesmo tempo mais adequada, de honrar esse glorioso espirito que se preparava para a batalha de Aljubarrota confessando-se e commungando devotamente, exactamente como o fez o general Joffre, na vespera da batalha do Marne, como o fez o ministro da guerra da Belgica, ao decidir a resistencia ao formidavel ataque da Allemanha, como o teem feito tantas vezes Castelnau e Petain, os heroes d'essa famosa defeza de Verdun, que tem assombrado o mundo inteiro.

Na guerra de hoje o factor moral é importantissimo, mais importante sem duvida do que qualquer outro.

E hoje como hontem, como sempre, a fé religiosa é a fonte de todas as dedicações, de todos os heroismos.

Todos os generaes de alguem nome na guerra actual, são religiosos e a maior parte d'elles catholicos praticantes, que vão á missa, que se confessam e que commungam.

Aepnas um, Serrail, é atheu; e esse mesmo dizia não ha muito a um jornalista—que a fé religiosa é uma alavanca tão potente, que um chefe, muito embora a não partilhe, não deve contrariar a insensatez de a reprimir».

Por isso Nunalvares é para nós, rapazes, o symbolo completo do nosso ideal, synthetisando e reunindo em si os dois amores sacrosantos, capazes de fazer pulsar com força o coração da juventude: o amor da Patria e o amor de Deus.

Companheiros!

Talvez que dentro em pouco a Patria reclame o nosso esforço. Preparemo-nos corajosamente para na medida das nossas forças, auxiliarmos a Patria Portugueza a honrar os seus compromissos, a defender a sua independencia e as suas gloriosas tradições.

Formemos a nova—ala dos namorados!

Tomemos Nunalvares por guia, como mestre, como padroeiro!

Que a sua coragem contra os inimigos alliemos a piedade que lhe alentava o animo; e, sem tibiezas, sem desfallecimentos, sem discussões, estereis e inopportunas, vamos onde quer que a Patria nos chame, levando um coração puro dentro dos nossos peitos e Deus dentro dos nossos corações.

Alexandre Telhada da Silva, Gregorio de Antunes Menezes d'Almeida Cassamo, Joaquim Mendes Bello Fernandes Correia, Luiz Espinola Martins, Manuel Monteiro Grillo, Ricardo Carlos da Motta, José Pereira dos Santos, José Chedas Bogarim, Pedro Paulo de Mendonça Soares, José de Oliveira Reis, D. Antonio Xavier Manuel (Atalaya), Carlos Marques Pereira da Silva, Augusto Monteiro Frazão, José da Silva Rato, João Loureiro Gomes Vianna, Ernesto Ferreira da Costa, Ramiro Ribeiro Seixas, Manuel Martins d'Oliveira, Pedro da Silva Canavarro Guimarães, Abel da Silva Gameiro, Raul Collaço de Souza Carvalho, João Muñoz Cardoso, Jorge de Carvalho Malato Fino, Pedro d'Almeida Schiappa Pietra, Francisco de Paula Geraldes Lobo d'Avila, José d'Ornellas Bruges d'Oliveira, Mario Guimarães Nobre, Julio Raymundo da Silva Cordeiro, Francisco José de Figueiredo, Manuel Cordeiro Veiga, Antonio Bernardo de Carvalho e Vasconcellos da Costa Cabral, Ramiro da Silva Caldas, Antonio Gonçalves da Luz, Columbano Libano Monteiro, Joaquim da Silva Neves, Manuel Lopes d'Almeida, Jorge Muñoz Cardoso, Hugo Ricardo Muñoz Cardoso, Amilcar Delgado da Silva, José Ignacio Ferreira do Rosario, João Affonso Amado da Cunha e Vasconcellos, Jeronymo Carlos da Silveira, Bernardino Francisco Henriques, Joaquim José Barreiros Cardoso, Raphael Duarte, João Carlos de Carvalho Reis e Silva, Manuel da Conceição Gomes, Ignacio Mello Duque, João Herberto Guimarães Fonte, Antonio Egydio Leitão Martins, José Nunes dos Santos, Americo José da Costa, Gastão Duarte de Menezes Pimentel, Alvaro Victorino da Ponte e Souza, Fernando Falcão de Vasconcellos, Carlos de Loureiro Gomes Vianna, Joaquim Serrano Lima Monteiro, Nuno Infante da Camara Junior, Antonio Monteiro Peste, Alfredo Assis Cardoso, Augusto Maria da Cunha Serra, José Ribeiro Monteiro Neves.

Este manifesto é assignado só por alumnos das tres ultimas classes.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Andorinhas

A's andorinhas de agosto
Pedi que em tardes serenas,
Ao passar junto ao teu rosto
Falassem das minhas penas.

Mas veio o outomno, abalaram
Pelo vasto azul dos ceus
E o que te ouviram calaram...
Nem me disseram adeus!

Talvez alguma dissesse
Já muito longe voando:
—«Melhor que elle o não soubesse,
Que ficaria chorando!...»

Julio Brandão.

CASAMENTOS

Realisou-se hontem o casamento da sr.ª D. Sophia Julio Guedes Deronet filha da sr.ª D. Sophia Guedes Derouet e do sr. Julio Derouet, com o sr. Antonio Ferreira Gomes. Serviram de padrinhos por parte da noiva os srs. Julio e Luiz Derouet e por parte dos noivos os srs. Moreira da Silva e Julio Antonio Guedes Derouet.

Finda a economia, que revestiu um caracter muito intimo, pois a ella assistiram apenas as pessoas das familias dos noivos foi servido em caes dos paes da noiva um delicioso «lunch».

Os noivos patiram hoje para Vianna do Castello, onde vão passar a lua de mel.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as senhoras:

Condessa do Porto Covo da Bandeira, D. Clementina Augusta Ferreira Velho de Cordovil, Caldeira Didier, D. Maria Fernanda de Paiva Faria Leite Brandão, D. Beatriz Soares Barreto, D. Idalina Pinto de Oliveira Castro, D. Maria de Vasconcellos Ribeiro do Quental, D. Maria do Carmo de Oliveira Ferraz, D. Rachel Pinto de Campos, D. Conceição Amelia Alves de Jesus, D. Maria Isabel Meyrelles de Noronha.

E os srs:

Conde de Castro Guimarães, visconde de Alvellos, barão de Valladо, general Luiz Augusto de Vasconcellos e Sá, Roberto Esteban Reynolds, Fernando de Vasconcellos Mousinho d'Albuquerque, Aveline da Silva Guimarães.

NASCIMENTOS

Teve a sua *délivrance* a sr.ª D. Palmira da Cunha Bettencourt Borges da Cruz, esposa do sr. Eduardo Borges da Cruz.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou do norte o sr. Marques de Sousa Holstein.

—Regressaram hontem de Cintra, partindo brevemente para o Monte Estoril, o sr. Antonio Ferreira Marques e sua esposa a sr.ª D. Sarah da Motta Ferreira Marques.

—Partiu para a sua casa da Parede a sr.ª condessa de Edla.

—Partiram hontem para a Granja a sr.ª D. Sophia Gomes Benjamim Pinto e suas gentis filhas. Seu filho, o sr. Gastão Benjamim Pinto, só parte no principio do mez para aquella praia do norte.

—Partiu para Paredes o sr. D. Ruy de Siqueira (S. Martinho).

—Partiram para o Monte Estoril o sr. dr. Egas Moniz, sua esposa e sobrinha D. Maria Candida.

—De regresso de Melgaço estão no Porto o sr. Libanio Augusto Affonso e sua familia.

—Estão em Vianna do Castello os srs. viscondes de Maiorca.

—Regressaram de Braga a sr.ª D. Eugenia Telles da Silva (Tarouca) e seu irmão D. Nuno Telles da Silva (Tarouca).

—Regressou do norte o sr. general Luiz Augusto Ferreira de Castro, com sua esposa e filha D. Alda.

—A passar a temporada de banhos partiu para a Povoa de Varzim, para casa de sua avó e tios, a sr.ª D. Maria Guilhermina M. S. Magalhães, gentil filha do mestre d'armas sr. A. de Sousa Magalhães.

—Vindo do estrangeiro, regressou o sr. dr. Antonio Centeno.

Notas de arte

Pintura sobre marmore

A pintura sobre marmore do que vou fallar não é apenas a applicação das tintas de oleo sobre qualquer pedra marmore, mas sim a pintura gravada, por processo especial.

Como se opera

Escolhe-se um marmore bonito, com veios artisticos ou então unicolar.

O desenho deve ser adequado ao que destinamos o marmore, por isso ha a observar n'estas lições, baseadas sobre conselhos de Arte, que devemos ter sempre o maior cuidado na escolha do desenho ou risco, que na maioria é defeituoso (desculpem-me a observação justa).

Para o passarmos poderemos servirmos de qualquer processo.

Feita esta parte do trabalho, circumda-se o esboço de cera que vae servir de parede.

Em seguida enche-se o fundo do desenho com cera liquida, deixando a descoberto o traço, que será emendado com perfeição nos sitios em que ficar defeituoso.

Deita-se sobre a cera acido sulfurico para gravar o desenho; quanto mais funda fôr a pintura, mais cavada será a incrustação que a deve receber, por isso é necessario deitar o acido com intervallo, para que profunde bem o marmore.

O frasco que contem o acido deve ter um bico e deita-se gotta a gotta, voltando mais vezes aos sitios em que a gravura se deve accentuar mais.

Deixa-se o acido actuar uns 3 a 4 minutos e em seguida lava-se o marmore umas seis vezes com uma esponja e só depois d'isto é que se tira a cera, derretendo-a ou com qualquer instrumento.

Quando o marmore estiver bem limpo, applicam-se as tintas com essencia de terebenthina rectificada, com oleo de cravo e essencia gorda.

Apoz a pintura, teremos que collocar o marmore n'um secador disposto em calor moderado, para secar convenientemente a pintura e quando esta attinge a sua completa temperatura, applicam-se umas camadas de verniz.

Para este fim empregam-se pinceis macios e deixa-se secar cada demão.

Passa-se a pedra pomes, para bem nivelar e reabrir os poros para receber nova camada, e egual trabalho se executa até obter quatro applicações de verniz.

Em seguida passa-se de novo com uma flanella e encera-se para dar á quarta demão o brilho que a pedra pomes lhe tirou.

Para dourar ou pratear o desenho em vez de o pintar, basta empregar estes dois tons metallicos em lugar das tintas.

Pode-se obter o ouro polido ou mate, segundo o preparo que se empregue.

Para a douradura mate, enchem-se as incrustações com uma massa dura, composta de branco de ceruzita e oleo gordo.

Introduz-se a massa nas cavidades do desenho e passa-se na parte que deve ficar dourada ou prateada com um verniz composto de gomma-laca e espirito de vinho.

Applica-se uma mistura feita com oleo gordo e oleos velhos addicionados de gomma de resina e depois de seccar este preparado, colloca-se a folha dourada ou prateada com um pincel especial chamado «putois» e termina-se envernisando.

Para o segundo processo, ouro brunido, enchem-se as cavidades com um ouro encarnado, chamado «pasta de dourador», composta de pó de Hespanha e de colla de pellica.

Dão-se trez camadas d'este preparado sobre as incrustações, carrega-se sobre o desenho e molha-se simplesmente o trabalho.

Ao seccar apparece o ouro brunido.

Luiza de Sousa

Consultorio de Arte

Stella.—Os desenhos fornecidos por assignatura, são feitos expressamente a pedido de cada assignante que os requisitar, dando as dimensões que desejar.

E' um melhoramento importante com que lucram certamente todas as amadoras de Arte Decorativa.

Os pedidos são registados e sahirão por numero de ordem, conforme os pedidos feitos.

Brevemente, talvez amanhã mesmo, lhe posa enviar o monogramma que me pedia para os lenços.

Toujours.—Enviei hoje a encommenda da photominiatura e o tratado que me pediu. Não é preciso comprar tintas especiaes, as de oleo servem, o que não pode é empregar agua-raz. Logo que receba o Trocknoel enviar-lhe-hei um frasco. Basta applicar um pouco de este oleo sobre a photominiatura nos sitios das manchas e logo desaparecem.

Adyl.—Os meus tratados são a 200 reis cada, sobre pyrogravura em todos os generos, incluindo a pyrogravura incrustada; photominiatura e photopintura, metaloplastia e choreoplastia e finalmente a publicação «Arte Feminina» a 120 reis o fasciculo, havendo 24 publicados. Os 12 numeros seguidos custam 1200 reis, porte á parte.

Do tratado de pintura á pena já está exgotada a primeira edição, estando já a editar segunda mais detalhada e com gravuras.

Odette.—A assignatura dos desenhos está sendo arranjada de modo a agradar a todos, não só pelo lado artistico, como tambem pelo lado economico.

L. S.

Instrução Militar Preparatoria

SOCIEDADE, N.º 5.—Os telegraphistas e signaleiros que entram no concurso teem instrucção todos os dias, devendo todos comparecer ás 21 horas prefixas, e os restantes na quinta-feira ás mesmas horas.

Feiras e romarias

AVELLAR, 26.—Nos dias 1, 2 e 3 de setembro proximo realisa-se n'esta villa a romaria e feira annual da Senhora da Guia.

Trabalha-se já e activamente nos serviços de ornamentação e illuminação. Espera-se uma força da guarda republicana para manter a ordem.

Praias e thermas

Sarau de beneficencia no Gerez

GEREZ, 25.—No salão Casino-Gerez, realisou-se hontem, como haviamos noticiado, o sarau de beneficencia, cujo producto se destina aos pobres e á cantina escolar d'esta localidade e no qual tomou parte grande numero de aquistas.

Encontrando-se o salão repleto, o sr. dr. Duarte Silva em breves palavras referiu o fim altruista da festa, começando em seguida o programma, que «A Capital» já publicou, em todos os numeros muito applaudidos, especialmente a comedia desempenhada pelos alumnos da escola da cantina e as romanzas cantadas por madame Collar, que tambem disse versos do sr. dr. João de Barros.

Hoje foi entregue ao sr. Ivo Ribeiro, administrador do concelho, a importancia liquida da festa, que será repartida em partes eguaes pela commissão de beneficencia e pela direcção da Cantina escolar pela referida auctoridade, que foi um trabalhador incançavel na organisação da festa e a quem todo o concelho muito deve pelos seus serviços.

A importancia a entregar ás referidas collectividades é de 12$800 pertencendo 6$800 a cada.

A distribuição aos pobres far-se-ha na proxima semana.

A' festa que decorreu com grande brilhantismo e que terminou com um baile que se prolongou até depois das duas horas, assistiram os sr. dr. João de Barros, director geral do ministerio da instrucção, acompanhado do sr. João Amado, inspector do circulo, e do sr. Ribeiro.

Grande Norte até além de Dundalk e estão operando contra os comboios do Midland Great Western.

«Dundalk forneceu 200 homens para avançarem sobre Dublin e n'outras partes do Norte as nossas forças estão em actividade e augmentando.

«Em Galway, o capitão Mellowes, retemperado apoz a sua fuga d'uma prisão irlandeza, está em campo comnosco; Wexford e Wicklow estão reforçadas e Cork e Kerry estão egualmente comportando-se esplendidamente.

«Temos toda a confiança em que os nossos alliados na Allemanha e os nossos compatriotas na America estão empregando todos os esforços para virem em nosso auxilio.

«Coragem, rapazes, estamos vencendo e na hora da victoria não nos esqueçamos das valentes mulheres que nos teem auxiliado em toda a parte e nos teem animado. Nunca uma mulher teve maior causa e nunca uma causa foi melhor servida.

James Connolly,
Commandante geral
Divisão de Dublin».

No dia seguinte, estando o edificio do correio em chammas, Pearse mandou um mensageiro dizer que estava prompto a render-se. Houve, como era natural, alguma demora em communicar com as auctoridades e em obter o consentimento por escripto dos outros dirigentes rebeldes no quartel general.

Finalmente, ás duas horas da tarde, Pearse rendeu-se incondicionalmente e foi conduzido á presença do general Maxwell, assignando ahi a capitulação.

A's sete horas, uma sombria fileira de homens desarmados e exhaustos com uma bandeira branca á frente appareceu na rua Sackville e foi recebida por uma escolta armada. Caminharam pela arruinada e ainda fumegante rua e desappareceram na rua de Westmoreland em direcção a Trinity College, em cujo parque eram separados ou para a prisão, ou para a deportação.

Os termos da rendição, assignada na presença do general commandante, foram os seguintes:

«A fim de evitar a carnificina dos cidadãos de Dublin e na esperança de salvar a vida dos nossos compatriotas actualmente cercados e dominados pelo numero os membros do governo provisorio agora presentes no quartel general accordaram n'uma rendição incondicional, e os commandantes dos varios distritos na cidade e no paiz ordenarão aos seus commandos que deponham as armas.

P. H. Pearse,
29 d'Abril, 1916,
3,45' da tarde».

Esta rendição foi escripta á machina n'uma larga folha de papel. Connolly e MacDonagh escreveram a sua rendição de seu proprio punho, mais abaixo, na mesma folha.

«Acceito estas condições só para os homens sob o meu commando no districto da rua Moore e para os homens do commando de Stephen's Green.

James Connolly».

«Tendo consultado o commandante Ceannt (Kent) e outros officiaes resolvi acceitar tambem a rendição incondicional.

Thomas MacDonagh».

De Valera, que commandava na fabrica de moagem Boland (o districto de Ringsend) e que se queixava amargamente de que «se o povo tivesse sahido para a rua só com facas e garfos» podiam ter vencido, só se rendeu no dia seguinte, e os edificios dos Quatro Tribunaes, da União do Sul de Dublin, de Jacob e do Collegio Medico seguiram o exemplo. Houve ainda lucta aqui e ali e tiroteio dos telhados durante alguns dias.

A parte na retaguarda do edificio dos Quatro Tribunaes—onde havia alguns dos peores antros de

hendido pela policia na mesma noite.

Na cidade de Cork, a situação era muito especial. Havia tres corpos principaes de nacionalistas na capital do sul—O'Brienitas, Redmonditas e Sinn Feiners. Não havia laço algum de amizade entre elles e quando havia qualquer agitação só a vigilancia da policia impedia que elles viessem ás mãos uns com os outros.

Em taes circumstancias, os Sinn Feiners, pouco seguros do terreno que pisavam, quer quanto á policia, quer quanto aos seus compatriotas nacionalistas, viram-se em difficuldades e por isso retiraram-se para o seu «arsenal», e, com as portas fechadas, esperaram os acontecimentos.

Haviam planeado muitas coisas, entre ellas o apoderarem-se do edificio dos correios e marcharem para Mallow, para se juntarem com os seus amigos de Killarney, de Tralee e da selvatica região que ficava a oeste.

Mas o entroncamento do caminho de ferro de Mallow foi occupado fortemente pela auctoridade militar e na bahia de Cork estava uma esquadra, sendo portanto uma attitude de socego a mais segura.

O bispo e o lord mayor falaram-lhes á porta do seu arsenal e aconselharam-nos a ter juizo, mas elles recusaram-se a obedecer fôssem quaes fôssem as circumstancias, mesmo sob a ameaça dos maiores castigos ecclesiasticos. Por fim, como a Republica não ia ter com elles e elles não podiam ir ter com a Republica, aproveitando o escuridão da noite dirigiram-se socegadamente para suas casas e a policia apoderou-se do «arsenal» e do seu armamento.

Ao sul de Dublin, em toda a extensão da linha do Caminho de Ferro Sudeste, desde Westland Row até Wexford, houve ameaças de sérias perturbações, mas, exceptuando o districto de Ringsend, não houve perigo verdadeiro a não ser em Gorey-Ferns-Enniscorthy, parte de Wexford.

E' realmente um prospero e industrial districto; que póde dar honra a qualquer paiz, mas tem «tradições «patrioticas» que datam de Vinegar Hill e de 1798 e ao que parece entendeu-se ser necessario fazr um esforço para lhes dar vida.

O condado de Wexford é um d'aquelles onde foi posta completamente em execução a lei da compra de terras e o resultado é, como dizemos, ter elle adquirido uma grande prosperidade.

O conselho do condado, composto de nacionalistas moderados, póde ser considerado como modelo de taes collectividades, gerindo os negocios locaes d'um modo pratico, e nenhum dos seus membros ou dos homens mais em evidencia no condado adheriu á rebellião.

As desordens ahi havidas foram obra de ociosos e de rapazes, sendo tudo planeado em Dublin. Muitos voluntarios dos redmondistas em Enniscorthy e nos districtos da região diz-se que se juntaram aos Sinn Feiners por a tal terem sido obrigados e n'um districto um joven sacerdote exerceu nefasta influencia.

Mas o official commandante dos voluntarios do condado não só pôz os seus homens em Wexford ao dispôr das auctoridades para a manutenção da ordem, mas publicou uma prohibição, dirigida ao corpo nos districtos convizinhos de tomaram parte no «louco movimento rebelde».

E o «mayor» de Wexford, na primeira sessão que houve do senado municipal, declarou publicamente que todas as secções da communidade—armazenistas, commerciantes e artistas—foram «promptos em auxiliar a policia e as auctoridades militares em manterem o socego e protegerem a propriedade».

Seria, podia assegurar, «o meio de unir ainda mais nacionalistas e unionistas na sua resolução de esmagar qualquer espirito de germanismo na Irlanda ou em qualquer parte do imperio».

E os Novos Guardas Ross, outra divisão dos nacionalistas approva-

ram por unanimidade uma moção considerando a acção dos Sinn Feiners como «insultante, desgraçada e contraproducente», e accrescentavam que «consideramos o seu procedimento presente como um insulto aos nossos bravos e valentes irlandezes que sellaram o pacto commum entre a Ingaterra e a Irlanda, derramando o seu sangue nos campos de batalha da Flandres e n'outras partes».

Tão espontaneas demonstrações n'um dos pontos mais nacionalistas da Irlanda constituiram resposta sufficiente á acção d'alguns incendiarios cujos dirigentes não eram do condado e agiam em proveito do rei da Prussia.

Desde Enniscorthy e no caminho de ferro para Gorey tentativas foram feitas para destruir a linha ferrea e as pontes, mas sem resultado apreciavel. Ferns foi occupado, apoderando-se os rebeldes das provisões que ahi encontraram, e entre Ferns e Enniscorthy o telegrapho foi cortado, as estradas interceptadas e arvores cortadas e empregadas em barricadas.

Enniscorthy foi occupada por uma grande força e ahi, ao contrario do que succedera em Wexford, alguns dos habitantes da localidade deram «auxilio e conforto» aos rebeldes.

Mas a rebellião apenas durou quatro dias e os damnos causados não foram grandes. A policia, cercada no seu quartel, manteve-se ahi durante todo o tempo, como o inspector do condado declarou á commissão de inquerito.

Logo que as tropas começaram a chegar a Rosslare e Waterford, a scena mudou e a rebellião foi dominada. O coronel French, que commandava a força militar, procedeu simultaneamente com firmeza e tacto, evitando assim o derramamento de sangue.

Quando se sentiu com forças sufficientes, enviou uma mensagem aos rebeldes, dando-lhes noticia do que se passára em Dublin e concedendo-lhes um prazo para se renderem. Alguns dos dirigentes duvidaram dos factos e inclinavam-se a esperar auxilio; o coronel French, desejando evitar o vêr-se na necessidade de bombardear a cidade, consentiu em enviar um delegado a Dubin em automovel, a fim de verificar por si mesmo o que se passava e vil-o contar aos seus companheiros de infortunio.

Quando o mensageiro voltou, os rebeldes que, como preceituavam as recordações historicas, haviam occupado a Elevação de Vinegar, mostraram ainda uma certa hesitação, mas uma unica granada enviada contra essa elevação fez com que a capitulação fôsse rapida.

A narrativa d'essa scena final, enviada por um correspondente especial do «Daily Mail», deu uma idéa vivida do que ahi se passou. Canhões haviam sido postos em acção e um comboio blindado fôra preparado á pressa para servir de protecção contra os atiradores. Afinal de nada lhes serviram esses preparativos.

Os rebeldes renderam-se, seis dos dirigentes foram presos e os restantes mandados para suas casas. E o reatorio official de Enniscorthy termina com as palavras: «Não houve perda de vidas!»

Emquanto isto se passava, em Dublin o general Maxwell estava lançando a sua garra aos rebeldes que ainda occupavam o edificio dos correios, o dos Quatro Tribunaes, Ringsend, a fabrica de biscoitos Jacob, a União de Dublin do Sul e o Collegio Medico em St. Stephen's Green.

O grande incendio na rua Sackville rebentou na tarde de quinta feira, 27 de abril: o forte de Kelly, na extremidade d'essa rua, tivera a sorte de Liberty Hall e granadas estavam começando a explodir no edificio dos correios e na fabrica de moagens Boland.

Não havia esperança em bairro algum. Pearse, como commandante em chefe e presidente do governo provisorio, parece ter conservado esperanças até então, mas na manhã de sexta feira, 28, fez apparecer a proclamação a que já por mais d'uma vez nos referimos, na qual se falava da «fatal ordem em contrario».

Era uma confissão de competa derrota. «Estamos—dizia elle—occupados em completar os preparativos para a defeza final do quartel general e estamos resolvidos a mantel-o até o edificio estar de pé».

Por outro lado, Connolly, o «commandante geral da divisão de Dublin», apesar de estar já ferido, fez no mesmo dia uma outra tentativa desesperada, n'um boletim contando victorias imaginarias e proclamando rapidos exitos para convencer as posições que restavam a um ultimo esforço.

Esse boletim não chegou a ser entregue, porque O'Rahilly, que tentava atravessar o cordão para o espalhar, foi morto.

Para completar a narrativa da situação das posições rebeldes e como demonstração da mentalidade do dirigente do exercito de civis, um dos mais illustrados membros dos Sinn Feiners, são dignas de nota as principaes passagens da ultima ordem do dia, antes da rendição. Essa ordem do dia rezava assim:

«Quartel general—Abril, 28, 1916—Aos soldados:

«E' o quinto dia do estabelecimento da Republica Irlandeza e a bandeira do nosso paiz fluctúa ainda sobre os mais importantes edificios de Dublin e é valentemente protegida pelos officiaes e soldados irlandezes que estão em armas em todo o paiz. Não se passa um unico dia em que se não vejam novas inscripções de soldados irlandezes promptos a batalharem pela velha causa.

«Apesar da maxima vigilancia do inimigo, pudemos obter informações que nos dizem que a população da Irlanda, inspirada pelas nossas esplendidas acções, se está concentrando para offerecer a sua vida, se necessario fôr, pela mesma causa santa. Estamos sendo cercados no G. P. O. porque o inimigo sente que n'esse edificio se encontra o coração e a inspiração d'este grande movimento.

«O exercito britannico, cujas façanhas teem sido exalçadas aos nossos ouvidos com louvores de terem arrazado os Dardanellos e as linhas allemãs no Marne, atraz da sua artilharia e metralhadoras sente-se assustado ao atacar ou tomar qualquer posição occupada pelas nossas forças.

«As perdas que soffreu nos primeiros dias enervou totalmente os soldados, que não se atrevem a tentar um novo ataque de infantaria contra as nossas posições.

«Os nossos commandantes estão praticando verdadeiras façanhas. E' bem conhecida a praticada pelo commandante Daly, apoderando-se dos quarteis de Linen Hall. Sabem tambem que toda a população, tanto o clero como a secular, d'este districto louva o seu valor. O commandante MacDonagh está estabelecido n'uma posição inexpugnavel que se estende das muralhas do castello de Dublin ao outeiro de Redmond e da rua do Bispo a Stepen's Green.

«Em Stephen's Green, o commandante Mallin occupa o Collegio Medico, um dos lados do «square», parte do outro lado e domina todo o parque e todas as suas entradas.

«O commandante de Valera estende-se n'uma posição desde a fabrica do gaz até Westland Row, occupando a padaria Boland, a fabrica de moagens da mesma firma, os edificios do caminho de ferro de Dublin e Sudeste e domina Merrion Square.

«O commandante Kent occupa os edificios da União do Sul de Dublin e de Guinness até Marrowbone Lane e domina a distillação Jameson e o districto. Por duas vezes o inimigo conseguiu ahi penetrar, mas foi repellido com grandes perdas.

«Os habitantes do condado ao norte de Dublin estão em campo, occuparam todos os quarteis da policia do districto, destruiram todo o telegrapho do caminho de ferro

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2169—7.º Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Editor—Camillo Sousa e Almeida — Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA—Segunda-feira, 28 de Agosto de 1916 | Telephone n.º 2293—Endereço telegraphico: CAPITAL — Composição—Rua do Norte, 5, 1.º — Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

O começo do fim

Quem observar attentamente a evolução da guerra não poderá deixar de chegar á conclusão de que os acontecimentos se precipitam. Estamos indubitavelmente no começo do fim. Tudo quanto se podia esperar que favorecesse a causa dos imperios centraes, já se realisou. Por sua vez, os alliados estão a ponto de receber os ultimos concursos com que presumivelmente podiam contar.

A grande noticia do dia é a declaração de guerra feita pela Italia á Allemanha. E' natural que a breve trecho ella seja seguida pela entrada da Romania na guerra a favor dos alliados. São dois elementos importantissimos para o desfecho da longa contenda que está ensanguentando o mundo.

O facto de a Italia ter enviado contingentes para Salonica era o prenuncio do inevitavel rompimento com a Allemanha. Como inevitavel era que este acto de guerra fôsse executado pela Italia. Não ha situações verdadeiras fóra da logica. A logica impunha a guerra entre a Italia e o imperio allemão.

Era um mero artificio a alliança que ligava a Italia á Austria. Como podiam estimar-se duas nações que tão rudemente se tinham combatido? Na Italia tudo falla do despotismo da Austria, e para que esse estado de animadversão proseguisse, ainda a Austria retinha em seu poder uma vasta porção do territorio italiano.

Roto o pacto com a Austria, desencadeiada a guerra entre italianos e austriacos, não podia manter-se sequer um simulacro de boas relações com a Allemanha. Esta guerra não permitte expedientes nem subtilezas diplomaticas, que são pueris e ridiculas quando o sangue corre a jorros e estão em letigio tão elevados interesses. Fazer a guerra á Austria, empenhada com a Allemanha n'uma lucta titanica, era de facto tomar uma attitude hostil ao imperio germanico. O estado de guerra entre a Italia e a Allemanha era inevitavel. De ámanhã em diante, onde estiverem italianos e allemães estarão dois inimigos que se combaterão até á morte.

A Italia tem prestado altos serviços aos alliados, sob o ponto de vista de conjuncto da guerra. D'aqui em diante prestal-os-ha muito maiores. Não combaterá só ao lado dos francezes, seus irmãos de raça e de ideal, em Salonica. Cumbaterá ao lado d'elles n'essa frente occidental onde a victoria definitiva dos alliados ha de um dia abrir as azas, entre um tropheu de bandeiras, empunhadas por soldados de nações livres!

A' declaração de guerra da Italia á Allemanha succederá—tudo o indica,—a entrada da Romania na guerra. A Romania possue um admiravel exercito; é de todos os povos balkanicos o menos cançado por luctas guerreiras. A sua mobilisação geral póde ir até a um milhão de soldados. Será um novo peso na balança, que ha tanto pende já para o lado dos alliados.

Marchar! Marchar! Vae soar o grande *hallali* da caçada que os povos livres teem de fazer, perseguindo até aos seus mais reconditos antros, a fera imperial! Nunca o mundo presenciou uma crozada como esta, ao pó da qual as que se destinavam a libertar o tumulo de Christo se affiguram brinquedos de creanças. Vae-se libertar a humanidade, acabando com o poder despotico que pretende dominal-a, em pleno seculo XX, como um rebanho de escravos. E ella sahirá d'esta guerra indestructivelmente couraçada pelo direito e pela justiça.

Precisamente porque estamos no começo do fim, e já não é licita a sombra de uma duvida sobre o desfecho da guerra, não ha razão para o desanimo nem para o scepticismo, nem para a indifferença, como não póde ser licita nenhuma expressão que não venha reflectir a certeza da victoria, ou não traduza plenamente a necessidade e a justiça da causa que ella ha de fulgurantemente coroar.

E' preciso marchar, com o coração cheio de esperança, a alma cheia de fé, com os olhos fitos na liberdade e no direito; é preciso marchar para as derradeiras batalhas, que podem ser gigantescas, mas que serão as ultimas, as mais bellas, as mais heroicas, as mais sublimes!

A REBOQUE...

A LIBERDADE faz côro com a ORDEM a proposito do que escrevemos sobre capellães militares

Para que os leitores avaliem como certa imprensa, que se decora com o titulo de catholica, aprecia, analysa e combate aquillo que sobre capellães militares tem vindo a lume na *Capital*, transcrevemos o seguinte publicado hontem com a epigraphe de «Nojento» na *Liberdade* do Porto:

«A *Capital*, com aquella sua delicadeza famosa, não achou melhor correctivo ao artigo injustissimo e infelicissimo que lá publicou o sr. Avelino d'Almeida sobre capellães militares do que chocarrear ácerca da abnegação dos padres portuguezes, insinuando que nenhum apparecerá occupando o seu posto de capellão militar. O auctor da local, que não a assignou por modestia dos seus *bravissimos feitos* como soldado alistado ou voluntario, preza bem pouco a dignidade alheia, e a propria descendo a usar de taes processos, que definem um caracter.

Aggredia elle violentamente o sr. conego Moita, assistente ecclesiastico da «Ordem». Affirmando a s. ex.ª a nossa admiração pelas suas bellas qualidades como padre e como patriota, protestamos contra a repugnante insidia bolsada pelo fundibulario anonymo, e fazemos nossas as palavras do querido collega de Lisboa:

Em seguida, a *Liberdade* estampa os exaltados e descompostos commentarios que a *Ordem* fez a um «conseja» da *Capital* que passamos a reproduzir mais uma vez para que os leitores avaliem bem da justiça com que nos applicam esses bons e bem educados catholicos os epithetos de nojentos, chocarreiros e insidiosos.

O que tanto enfurecen a *Ordem* e agora a *Liberdade* foi apenas isto:

«Consta-nos que, muito embora o governo não nomeie capellães para o exercito, o sr. conego Moita e outros sacerdotes estão dispostos a iniciar um movimento no sentido de obter auctorisação para que capellães voluntarios sigam as tropas, sendo os catholicos, cuja generosidade não falhará n'esta solemne occasião.

Parece que o sr. conego Moita é dos primeiros a offerecer-se como capellão voluntario e que a *Ordem*, dentro em breves dias, abrirá não só uma inscripção de sacerdotes, livres do serviço militar, que se disponham a acompanhar as tropas, mas tambem uma subscripção para se recolherem fundos destinados a cobrir as despezas.

A *Liberdade* e outros periodicos secundarão os esforços da *Ordem*.

Entre os catholicos, assegura-se que o movimento, a que se iniciou muito tarde, demonstrará, no entanto, a enorme vitalidade da fé catholica em Portugal e como um grande numero de sacerdotes está resolvido a todos os sacrificios em bem das almas e para honra dos seus creditos de patriotas.»

Onde está aqui a insinuação de que nenhum padre portuguez apparecerá occupando o seu posto de capellão militar?!

Onde está aqui o «insulto ás crenças sinceras», o «humorismo facil de botequim vulgar», a «maledicencia», no dizer da *Ordem*, ou, nas phrases da *Liberdade*, o «chocarrear», a falta de respeito pela «dignidade alheia», a «repugnante insidia»?!

O que nós dissemos que constava ir fazer-se em Portugal fez-se em França, como já narrámos com alguns pormenores, a que juntaremos outros não menos interessantes quando fôr preciso.

Não escrevemos uma unica palavra offensiva ou mal soante a respeito de seja quem fôr, o que não impediu a *Ordem* e a *Liberdade* de regressarem ao emprego da terminologia que immortalisou folhas como o *Petardo* e jornalistas como o padre Benevenuto. Pelo visto, volta-se, em certa imprensa chamada catholica, ao uso d'aquella linguagem que a collocou em especial evidencia nos agitados tempos que precederam a queda da monarchia. Vão bem por esse caminho, mas, se suppõem que intimidam ou emmudecem alguem, estão totalmente enganados... Com irritações semelhantes, apenas provam que não andamos longe da verdade ao affirmar que entre os catholicos francezes e os catholicos portuguezes medeia uma enorme, quasi invencivel distancia!

NO RIO DE JANEIRO

Uma conferencia sobre o estilo manuelino

RIO DE JANEIRO, 28.—O dr. Pinto da Rocha, grande amigo de Portugal, fez hontem uma conferencia no edificio da Escola das Bellas Artes, a proposito do 1.º centenario da inauguração dos cursos.

O conferencista fallou sobre o estylo manuelino, as suas origens, a sua influencia em Portugal e a sua applicação no Brazil.—(*Americana*).

Presidencia da Republica

Recepção no Paço de Belem

O sr. presidente da Republica dá ámanhã, ás 22 horas, recepção no paço de Belem aos officiaes da 1.ª divisão do exercito, aos que fizeram parte da divisão de manobras de Tancos e aos officiaes da divisão naval.

Foram convidados os membros do ministerio, auctoridades superiores, muitas outras pessoas de elevada posição social e representantes da imprensa.

Congresso da Republica

O «Diario do Governo» insere hoje o aviso de que a proxima sessão do Congresso se realisa, como «A Capital» já tinha dito, na proxima quinta-feira, ás 14 horas.

A GRANDE GUERRA

A canhoneira portugueza "Ibo", atacada por um submarino inimigo

Como este foi posto em fuga a tiros de canhão

O ministerio da marinha forneceu hoje á imprensa a seguinte nota officiosa:

Foi atacada de noite por um submarino inimigo a canhoneira «Ibo», da marinha de guerra portugueza. O torpedo não attingiu o alvo, passando, comtudo, a poucos metros da prôa. Ao contra-ataque da canhoneira, fazendo uso da sua artilharia, o submarino emergiu, não tornando a ser visto. O ministro da marinha, em nome do governo, louvou a guarnição da canhoneira pela sua firme attitude.

A esta nota podemos accrescentar os seguintes pormenores:

O ataque deu-se pelas 10 horas da noite de quinta-feira passada, a 60 milhas da costa de Portugal, quando a *Ibo* seguia com todos os pharoes apagados, com a sua maxima velocidade. Comquanto não houvesse luar, a noite estava muito clara e o mar completamente chão. Inopinadamente, a curta distancia, foi avistada a torre d'um submarino e logo a seguir viu-se o sulco phosphorescente de um torpedo, que passou a 20 metros da prôa.

De bordo, immediatamente os canhões de tiro rapido romperam fogo. O submarino mergulhou rapidamente, vendo os nossos marinheiros então passar distinctamente por baixo da *Ibo* o casco phosphorescente do submarino, o qual, a algumas centenas de metros tornou a vir a lume d'agua, mostrando por um momento a claridade das suas escotilhas, para a breve trecho tornar a desapparecer.

A canhoneira seguiu então o seu destino, sem qualquer outro incidente.

O sr. ministro da marinha, assim que teve conhecimento do facto, felicitou telegraphicamente o commandante da *Ibo* e o commandante da divisão naval enviou egualmente um radiogramma a esse official, o 1.º tenente sr. Correia da Silva (Paço d'Arcos), saudando-o calorosamente em seu nome e no de todos os camaradas da divisão naval.

A *Ibo*, que tem uma tripulação de 70 homens e armada com quatro canhões de tiro rapido, é um dos novos navios construidos no nosso Arsenal, pertencendo a uma classe que tem prestado grandes serviços, tanto nas colonias, como na fiscalisação da pesca. Tem muito boas qualidades nauticas e bom armamento. Foi n'esse navio que o anno passado, em Cabo Verde, se deu uma explosão no paiol da gazolina, ficando muito avariado, mas conseguindo vir com os seus proprios recursos para Lisboa. Concluira agora as suas reparações.

Um outro navio do mesmo typo, a *Save*, está ha quatro mezes exercendo a vigilancia no archipelago de Cabo Verde, serviço arduo, pois basta dizer que ali estavam, pertencentes aos navios que foram apprehendidos, mais de trezentos allemães. No Arsenal de Marinha estão sendo actualmente construidos mais trez navios do mesmo typo.

O comandante da *Ibo*, como acima dissemos, é o 1.º tenente sr. Correia da Silva, filho do velho almirante conde de Paço d'Arcos. Official distincto e escriptor não menos distincto, tendo por vezes honrado as columnas d'*A Capital*, quando governador de Mossamedes prestou relevantes serviços, sendo um dos novos a quem está reservado um brilhante futuro. E' um propugnador acerrimo do resurgimento da nossa marinha...

O immediato da *Ibo* é o 2.º tenente sr. Owen Pinto, official de valor, que se distinguiu na campanha dos Cuamatas, em que tomou parte na columna de marinha.

E já agora, que estamos falando d'um acto que honra a nossa marinha de guerra, accrescentemos alguns pormenores que não deixam de ser curiosos. Os allemães teem espalhado na nossa barra dezenas de minas, mas o nosso serviço de dragagens é tão perfeito que, até hoje, nem uma unica vez conseguiu o inimigo o seu objectivo.

Só d'uma vez, no canal principal da barra, foram rocegadas duas, das do maior typo conhecido, e isso no proprio dia em que sahia o paquete *Moçambique*, levando a seu bordo 1.500 homens.

A Romania declara guerra á Austria

PARIS, 28.—A Romania declarou esta manhã guerra á Austria.—(Americana).

Um jornal romaico, o *Adeverul*, escrevia, ha dias:

«O novo offerecimento allemão e a pressão diplomatica não pódem ter influencia. Rompemos definitivamente com as potencias centraes após o ultimo conselho da corôa. Em seguida, a Allemanha ganhou á sua causa a Bulgaria que mereceu o reconhecimento das potencias centraes. Quanto á Romania, nenhum interesse nacional ou politico a liga a esse grupo.

«Não podemos acquiescer a marchar ao lado da Bulgaria, quaesquer que sejam as compensações que nos offereçam a troco da nossa neutralidade, pois que o resultado seria o isolamento da Romania após a guerra. Uma unica politica é d'ora avante possivel: a conquista da Transylvania e da Bukovina pelas armas, o que só podemos fazer ao lado da *Entente*.»

O dr. Lederer, correspondente do *Berliner Tageblatt*, sempre muito bem informado, deixou perceber na sua ultima correspondencia um certo mal estar quanto á attitude da Romania.

A vida de Bucarest sobretudo a vida exterior, mudou muito. De alegre passou a grave e a imminencia da guerra denunciava-se em minimos factos.

Nos ultimos dias, como se sabe, constou nos meios diplomaticos que o kaiser escrevera ao rei da Romania para lhe fazer conhecer a sua intenção de lhe enviar o duque Albrecht de Mecklemburgo, encarregado d'uma missão especial relativa á situação da Romania. O rei respondeu que considerava a visita do duque como inopportuna porque, sendo um monarcha constitucional, ver-se-hia obrigado a fazer receber o enviado do imperador pelos ministros. N'essas condições preferia receber as communicações do governo allemão pela via diplomatica habitual.

O *Minerva*, jornal romaico germanophilo, escreveu ha poucos dias:

«Não se póde negar que na Romania se fazem actualmente grandes preparativos sob o ponto de vista militar. Não podemos crer que a Romania seja poupada pela guerra e a sua espectativa neutral não significa de modo algum que o paiz deve conservar uma neutralidade eterna. Devemos esperar que a nossa hora sôe dentro em pouco. Todavia essa hora decisiva ainda não está fixada: depende da situação nas outras frentes».

Os conservadores romaicos esforçaram-se, até á ultima, por obstar a que a Romania sahisse da neutralidade para se bater contra os imperios centraes. Pedro Carp, no *Moldawa*, escrevia ultimamente—já no corrente mez—poder affirmar com segurança que todos os boatos de adhesão romaica á *Entente* eram infundados e que a intervenção não se produziria. Pedro Carp é um germanophilo exaltado. A sua propaganda não se fez apenas com palavras, mas tambem com factos. Por vezes esteve em Vianna e Budapest afim de expôr, em certos circulos, o que entendia como sendo a verdadeira situação politica da Romania.

Não se imagine, porem, que todos os conservadores romaicos pensam do mesmo modo, embora alguns excluissem o perigo immediato de guerra. O senador Dogtan, n'uma entrevista reproduzida por alguns jornaes viennenses, disse crer que Bratiano havia concluido uma convenção verbal com a *Entente*, com quanto lhe não fosse possivel traduzil-a desde já em obras.

Ao que se vê, tanto uns como outros conservadores se enganaram. A partida foi ganha pelos patriotas intervencionistas, sempre activos.

O enviado especial do *Berliner Tageblatt* a Bucarest viu ali, em maio ultimo, coisas que lhe desagradaram summamente: nos animatographos, o publico applaudia os soldados francezes e assobiava os prisioneiros allemães e quando apparecia no *écran* o czar punha-se de pé; nos cafés-concertos cantavam-se cançonetas de troça ao rei da Bulgaria. A 10 de maio, assistiu a uma grande revista militar. Viu os soldados com os seus novos e flamantes uniformes, bellos cavallos, destacamentos de granadeiros de mão, cães sanitarios, aeroplanos transportados em automoveis, companhias de cyclistas levando á frente o principe herdeiro, canhões anti-aereos, material sanitario novissimo, metralhadoras tiradas por cães etc. Um verdadeiro ensaio de preparação romena.

Nos ultimos mezes, a Romania tem recebido da Russia importantes remessas de munições.

A vigilancia romaica na fronteira hungara estava-se exercendo por uma fórma activissima. Ao longo de toda a fronteira, a cem metros de distancia uma da outra, havia sentinellas n'uma linha em zig-zag. Na fronteira russa, a vigilancia era menos numerosa, podendo dizer-se que a da Bucovina estava aberta. As auctoridades da fronteira russa mostravam-se sempre muito gentis para com os romaicos.

Homens politicos hungaros, entre elles Apponyi, entrevistados pelo jornal *Az Est*, declararam confiar na prudencia da Romania, mas accrescentaram que, se esta declarasse a guerra, a Hungria se defenderia por todos os meios.

As relações franco-romaicas

A manifestação parisiense de janeiro do anno passado—O que então se disse

A 9 de janeiro de 1915, por iniciativa da *Revue hebdomadaire* e da commissão franco-romaica, effectuou-se sob a presidencia do sr. Paul Deschanel, uma recepção á missão romaica em Paris, composta dos srs. Diamandy e Costinesco, deputados, e do sr. Cantacuzéne, medico. A manifestação, assumiu um caracter imponente.

Entre os 142 convivas figuravam celebridades nas sciencias, nas lettras e na diplomacia, cuja presença representava uma replica ao famoso manifesto dos intellectuaes allemães. Destacava-se a presença do sr. Lahovary, ministro do Romania.

A uma allocução do sr. Lacour-gayet respondeu o sr. Cantacuzéne, professor da faculdade de medicina em Bucarest, pronunciando um discurso. O sr. Diamandy fez allusão ás atrocidades praticadas pelas tropas allemãs na Belgica e na França, verberando-as, e disse:

«Ao abrigo da sua neutralidade, proseguiu a Romania nos seus preparativos diplomaticos e militares; no momento actual, vespera de gravissimos acontecimentos, estamos certos da victoria porque temos a convicção da justiça da nossa causa. Ninguem pode desinteressar-se por completo dos resultados immediatos de uma guerra que no fundo é apenas o embate gigantesco de dois principios: a hegemonia da raça germano-madgyar, e o principio da nacionalidade, consequencia logica do principio dos direitos do homem.

Soffrerá amargas decepções quem se deixar embalar pela esperança de que os povos neutraes serão poupados pela guerra actual; se conseguirem fugir aos sacrificios das batalhas sangrentas, não evitarão, no caso da hegemonia allemã, a escravidão economica, e principalmente a perda da liberdade nacional, tão preciosa como o sangue derramado.

Por isso, o problema do equilibrio europeu impõe-se imperativamente a todos os povos da Europa. Pela parte que nos diz respeito, tenho a convicção de que a entrada do exercito romaico em campanha porá termo a esta guerra monstruosa. Sem ter outra auctoridade para dizel-o deque a da simples logica, não se pode admittir que uma grande potencia como é a Italia não deseje como a Romania estabelecer o equilibrio europeu. Tem reivindicações a formular contra á Austria-Hungria, tem, como nós, humilhações a vingar, mas começou já falando pelos labios das feridas por onde o sangue de Garibaldi fugiu, como sempre derramado pelas causas generosas e justas. Aquelle sangue cahiu sobre todo o mundo latino, e o mais bello monumento que se pode levantar áquelles heroes, filhos de uma familia de heroes, é a libertação dos italianos e romaicos do jugo austro-hungaro, e a libertação do territorio francez».

Por fim, o sr. Dimandy brindou pela victoria das armas francezas, e pela victoria da *Triple-Entente* tocando-se em seguida o hymno romaico que toda a assistencia ouviu de pé.

Usou depois da palavra o sr. Deschanel, presidente da Camara dos Deputados, que disse não poder esquecer nunca o acolhimento que na Romania, em 1912, recebera. Desde logo, sentiu a evolução da politica romaica. Agora, como em 1877, a Romania está vivendo uma hora decisiva.

Saudando os ministros balkanicos o sr. Deschanel exprimiu-se assim:

Entendemos que no leste da Europa ha logar para todos os interesses, para todos os direitos, para todas as aspirações legitimas de cada uma das nacionalidades que ali se desenvolvem, mas sob a condição de nenhum ligar o seu destino aos dos Estados que a todo o momento procuravam dividil-as e excital-as umas contra as outras no intuito de se aproveitarem das suas discordias para dominal-as.

O interesse da dupla alliança foi sempre e continúa sendo fomentar entre ellas a desharmonia, ao passo que o da *Triple Entente* é exactamente opposto: que estejam unidas.

A guerra actual apresenta problemas que ninguem ainda no anno passado se atreveria a encarar. Que cada um diga franca e lealmente, sem ideias reservadas, o que quer e com quem vae. A ninguem podem estes povos e os seus governos falar com mais liberdade do que á França, absolutamente desinteressada, e que, como todos sabem, só traz em vista uma paz duradoura e equitativa.

E' por esta politica baseada sobre o direito das nações que levanto um brinde: brindo pelos nossos eminentes hospedes e pelo bom exito da sua missão; brindo por sua Magestade a rainha Elizabeth, por sua magestade o rei, por sua magestade a rainha da Romania e pelo seu representante entre nós, o sr. Lahovary. Brindo pela amisade franco-romaica e, para empregar a propria expressão do rei Fernando, «pela realisação dos nossos destinos nacionaes, pela prosperidade e pelo engrandecimento da gloriosa Romania».

Findo o discurso, tocou-se a *Marselheza*, que foi ouvida de pé.

Como a intervenção eventual da Romania era apreciada ha vinte mezes

Em janeiro de 1915, o «Times» apreciava assim a intervenção eventual da Romania e as suas consequencias:

E' manifesto que a apparição da Romania na Bukovina e na Transylvania será um golpe terrivel para a Austria-Hungria, talvez mesmo um golpe fatal. O exercito romaico é numeroso e bem equipado, tendo adquirido uma grande reputação de bravura e disciplina na campanha de 1877. Tudo leva a crêr que hoje as suas qualidades sejam melhores do que então, e que n'uma lucta empenhada para a libertação de quatro milhões de individuos que são do seu sangue e que falam a mesma lingua, o exercito romaico seja apoiado pelo sentimento nacional. A má administração dos magyares fez diminuir muito o lealismo dos romaicos da Transylvania para com os Habsburg, lealismo de que em meados do seculo passado ninguem poderia duvidar. Póde ser que a presença dos russo em Bukovina, onde já estão senhores das estradas que conduzem á Transylvania, tenha levado os romaicos a apressarem a sua resolução. Seria injurioso para o seu prestigio e fatal para as suas aspirações que a obra da libertação dos seus irmãos fôsse levada a effeito por outro povo que não o romaico.

A intervenção da Grecia está imminente?

PARIS, 28. — O novo chefe do estado maior grego oppôr-se-ha ao avanço bulgaro, consoante os desejos da opinião publica.—(Americana).

A Grecia intervirá fatalmente na guerra, contra a vontade dos officiaes germanophilos, que até hoje teem conseguido oppôr-se a toda a politica salvadora que se personifica na figura prestigiosissima de Venizelos. A revolução, segundo informações auctorisadas, parece, porém, já agora inevitavel, não sendo para admirar que o rei seja deposto, apesar da aura que lhe creou a ultima guerra balkanica e que a sua attitude ora dubia e hesitante, ora manifestamente germanophila, logrou diminuir e apagar. O movimento na Grecia em favor da entrada do paiz na guerra ao lado dos alliados assumiu já proporções extraordinarias. Os soldados recentemente desmobilisados ardem em desejos de defender a patria. No comicio anti-bulgaro realisado no dia 24 em Salonica, nomeou-se uma commissão encarregada de organisar uma legião de voluntarios gregos. Esses voluntarios, enquadrados por officiaes do exercito activo e da reserva, propõem-se combater o inimigo hereditario, e em algumas horas attingiam o numero de 600. Se o governo trepidasse um momento em cumprir a vontade nacional, multiplicar-se-hiam, decerto, esses batalhões de vountarios e os resultados de semelhante attitude não podiam, de modo algum, ser favoraveis ás instituições e aos altos representantes. Muito embora o governo adopte, em face da situação, o procedimento mais conforme com ella, não será para assombrar que os gregos patriotas e liberaes punam os governantes que impediram a nação de cumprir a tempo os deveres que lhe impõem a sua segurança, a sua honra e o seu futuro.

Uma semana de operações militares britannicas

LONDRES, 28.—Summario das operações militares britannicas effectuadas durante o periodo de oito dias terminados em 25 d'agosto, compillado por um escriptor militar muito conhecido:—

—Este periodo foi de firme avanço. Na tarde de sexta-feira, 18 do corrente, atacámos toda a linha de Thiepval até ao Somme. Ao sul de Thiepval depois de um tremendo bombardeamento, dois batalhões britannicos tomaram uma area solidamente fortificada e defendida por uns dois mil allemães. Um contra-ataque inimigo foi promptamente desbaratado pelas nossas peças. Avançámos tambem na direcção de Martinpuich e desde a Floresta alta em direcção ao sul avançámos a nossa linha n'uma extensão de mais de duas milhas e cuja profundidade variava de 200 a 600 metros. Tomámos uma pedreira no extremo de Guillemont depois de um combate corpo a corpo que durou algumas horas. Estes successos deram-nos uma posição n'uma grande extensão que domina o estaleiro. No dia 20 os allemães bombardearam violentamente a nossa linha e cerca do meio dia atacaram as nossas novas linhas do lado occidental da Floresta alta, conseguindo occupar uma parte das nossas trincheiras mas foram immediatamente repellidos pela nossa infantaria. No dia seguinte na Floresta alta e na herdade de Mouquet o inimigo atacou varias vezes á granada mas nada conseguiu. No dia 22 avançámos firmemente na nossa ala esquerda adeantando a nossa linha para o proprio limite da herdade de Mouquet, succedendo o mesmo a nordeste d'ella e approximando-nos a 1.000 metros de Thiepval. Na quarta-feira os allemães fizeram grandes esforços para nos desalojar do terreno elevado ao sul de Thiepval, mas resultaram completamente vãos soffrendo importantes perdas com a sua tentativa.

Os nossos aviões deram muitos combates: não perdemos um unico apparelho mas destruimos quatro apparelhos inimigos e forçamos muitos outros a aterrar com grande avaria. Um periodo extrahido de uma carta apprehendida presta homenagem á efficiencia dos aviadores britannicos:—«Os aviadores estão circulando sobre nós mas são simplesmente os inglezes, porque os nossos não se atrevem a vir proximo das linhas. Na rectaguarda das nossas linhas ha grande numero dos nossos apparelhos mas aqui sobre a trincheira nenhum se digna apparecer».

Na quarta-feira á noite e na quinta-feira de manhã foi dado com grande impeto um contra-ataque ás nossas trincheiras de Guillemont, mas não conseguiu ganhar nenhum terreno. Na tarde de 24 do corrente avançámos para mais proximo de Thiepval estabelecendo-nos n'um ponto distante 500 metros da praça. As posições allemães em Thiepval, em resultado dos combates dados durante esta semana, encontram-se n'um agudo saliente que nós dominamos das alturas, e Guillemont está sob a nossa pressão por trez lados.—(Havas).

A lucta na frente occidental

PARIS, 28.—Communicação official das 15 horas:—Foram facilmente repellidos pelos granadeiros varias tentativas allemãs contra as posições francezas em frente de Fleury. Nos demais pontos da linha a noite decorreu calma.—*Havas*.

A camara hungara

PARIS, 28.—A camara hungara foi adiada para 5 de setembro.—*Americana*.

ULTIMAS NOTICIAS

Francisco Joaquim Martins

O seu fallecimento

Em Bemfica, para onde havia retirado a conselho dos medicos, a fim de ver se encontrava allivios aos seus soffrimentos falleceu hontem o sr. Francisco Joaquim Martins, antigo negociante da nossa praça, um verdadeiro homem de bem, muito trabalhador e excellente chefe de familia.

O seu funeral, para que se não fizeram convites por expressa determinação do finado, realisou-se hoje para o cemiterio dos Prazeres, onde o feretro ficou em jazigo de familia, indo a urna funeraria coberta de flôres.

A' familia enlutada e em especial ao nosso amigo e collega na imprensa sr. Machado Vieira, seu genro, os nossos pesames.

TOURADAS

Setubal, 27.—No domingo realisa na praça Carlos Relvas a sua festa artistica o bandarilheiro José da Costa, com um programma magnifico no qual tomam parte tres distinctos cavalleiros amadores, dois dos quaes são Alfredo Maia Lima e Ricardo Teixeira, e um grupo de bandarilheiros amadores e forcados, capitaneados pelo Chico de Beja.

Os touros, todos puros, foram generosamente offerecidos pelo lavrador dr. Gouveia. As senhoras teem abatimento de 50 0/0 nos logares de sombra e sol.

Montemor-o-Novo, 27.—Na nossa praça realisa-se no domingo, a primeira corrida da epoca, por occasião da grande feira annual da Luz, lidando-se touros do lavrador sr. Joaquim Miguel dos Santos, sendo cavalleiro José Casimiro e toureando alguns dos melhores bandarilheiros do Campo Pequeno, entre elles Theodoro, Thadeu, Vital Mendes, Custodio Domingos, Leopoldo Alves e Antonio Vieira.

Leitaria Ideal

64, R. dos Retrozeiros, 66

Ao commercio e ao publico

Eu abaixo assignado, venho declarar ao Commercio e ao publico em geral, em vista do aviso publicado nos jornaes «A Capital», de 25: «O Seculo», e «Mundo», de 26 corrente, sob a epigrafe «LEITARIA IDEAL, que, tendo sido transpassado o mesmo estabelecimento pelo seu antigo proprietario sr. José Alves Dias Guimarães, ao sr. Joaquim Vaz Junior, eu o tomei de arrendamento a este ultimo senhor, seu actual proprietario, e só como arrendamento o tenho estado a explorar e que por isso nada tenho que ver com as transacções commerciaes havidas entre aquelles dois senhores.

N'estas circumstancias sempre que os meus credores queiram liquidar contas comigo o podem fazer todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas.

Lisboa, 26 de agosto de 1916.

Antonio Alves

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Compendio Fiscal—Sahiu o fasciculo 12.º d'esta obra, cuidadosamente organisada e compilada pelo sargento sr. Francisco Marques e que tantos serviços deve prestar ás praças da guarda fiscal.

Revista Odontologica—Iniciou a sua publicação esta revista, orgão da Sociedade Odontologica Portugueza.

Apresenta-se bem redigida e trazendo um curioso e interessante estudo sobre a cirurgia dentaria na guerra, com gravuras das difficeis operações a que se tem procedido nos hospitaes francezes, inglezes e americanos. Abre com um retrato do fallecido cirurgião dentista Cesar A. Paiva, a quem assim presta homenagem. E' director da nova revista o sr. Antonio Emilio da Silva.

ARTE DE FURTAR

Antonio Joaquim Felix, residente na rua dos Luziadas, 48, rez-do-chão, queixou-se de que os galunos entraram na sua residencia e furtaram objectos no valor de 68$50.

Para juizo foram enviados Antonio Pereira, morador na rua Marcos Portugal, 45, loja, e Antonio Diamantino, na rua do Alto de Sete Moinhos, 27, 1.º, presos na rua do Campo de Ourique, pelo guarda 1152 a pedido do José Fernandes, morador na rua do Campo de Ourique, 121, rez-do-chão, que os accusa de terem furtado uma porção de chumbo no valor de 500 escudos, que estava no reservatorio da Companhia das Aguas.

Tambem foi enviada para juizo Antonia Antunes Alves, moradora nas escadinhas da Barroca, 1, loja, accusada de furtar objectos de ouro e brilhantes no valor de 101 escudos a Palmira Rodrigues, moradora na travessa de Santo Antonio da Graça, 63, 1.º, e a Judith Almada, na rua do Mirante, 47, 4.º

Os galunos entraram por meio de arrombamento no 1.º andar do predio 62 da rua Antonio Pedro, onde tem residencia o sr. Henrique Mousinho de Albuquerque, que actualmente se encontra em Mafra, e roubaram tudo quanto era de facil transporte. E' importante o valor do roubo.

Queixou-se João Antonio Alves, morador na rua da Silva, 8, loja, de que sua mulher, Maria do Nascimento, com quem é casado ha 16 annos, lhe fugiu de casa com a quantia de 340 escudos e que, mais tarde, sabendo que o marido fôra a Cascaes, voltára a casa, onde entrou por meio de arrombamento, levando a mobilia, as roupas e mais 160 escudos.

A questão das subsistencias

No matadouro municipal foram hoje abatidas para o abastecimento dos talhos municipaes e particulares, 64 rezes bovinas adultas com o peso limpo de 13.320 kilos, 23 rezes bovinas adolescentes com o peso limpo de 1.271 e 389 carneiros pesando em limpo 3.737 kilos.

Nas abegoarias ficaram gradne numero de cabeças para a matança de amanhã.

Mulher ferida com dois tiros

disparados pelo amante

Na rua do Arco da Graça, 72, 2.º, vivem maritalmente, ha 5 annos, Maria da Gloria, de 38 annos, que trabalha a dias nos salões Central e Foz, e Narciso Vianna, solteiro, de 28 annos, carpinteiro n'uma officina na rua do Crucifixo. Bem comportado, o Vianna entregava todos os sabbados tres escudos á Gloria, mas esta, no sabbado ultimo, exigiu-lhe mais 50 centavos, pedido a que elle não accedeu. Ella, levando a sua roupa, desappareceu, andando o dia de hontem na pandega. Hoje voltou para casa. O Vianna vestiu-se e convidou a amante para ir dar um passeio, convite que ella acceitou de bom grado, mas minutos depois de estar vestida arrependia-se e declarou não querer sahir.

O Vianna, exasperado, puxou por um revolver hespanhol, ordinario, e disparou dois tiros contra a amante, attingindo-a as balas na cabeça. Ao ruido das detonações compareceram varios populares, que conduziram a ferida ao hospital de S. José, onde foi pensada, devendo amanhã alli voltar, a fim de ser radiographada. O seu estado é satisfatorio.

O Vianna foi preso e veiu para o governo civil, sendo ali interrogado pelo agente Bernardino Luiz.

A GRANDE GUERRA

A OBRA DAS MULHERES PORTUGUEZAS

A hospitalisação para os feridos da guerra

As palavras de Madame Affonso Costa a um reporter de "A Capital,,

A silhueta dos Estoris emerge já entre um immenso açafate de verdura, atravez a neblina debilmente doirada do dia de hoje hysterico e torturado...

Um companheiro d'esta pequena e deliciosa viagem acha a proposito dizer-me:

—Ha muitos annos que costumo veranear na linha de Cascaes: conheço todas estas lindas praias palmo a palmo e com carinho, pois assisti ao seu desenvolvimento, á marcha gradual do seu esplendor... Posso, portanto, affirmar-lhe que a sua animação d'este anno excede tudo o que até então me foi dado presencear.

—A proficuidade do mar, o tão apregoado perigo dos submarinos não alarmaram então as nossas gentis veraneantes?—retorquimos sorrindo.

—Absolutamente não...

Mas eis que se ouve um silvo mais estridente, uma trepidação mais brusca, uma viração mais perfumada. O comboio pára no Mont'Estoril, é o seu perfil calcante e garrido indolentemente recostado em face do mar que o beija com as suas vagas imptuosas.

A estação enche-se de passageiros, as carruagens approximam-se, o movimento que noto traduz evidentemente as paavras do meu interlocutor. A nossa Côte d'Azur começa a triumphar... E, atravessando agora as suas estradas poeirentas e seccas, os seus caminhos estreitos e incommodos, embora espreitados por hastes em flôr, vou pensando no futuro não muito longiquo em que o Estoril transformado em um verdadeiro oasis mundial pela iniciativa intelligente e fecunda dos homens que n'isso se empenham, ha de triumphar, emfim, completamente...

Mas não é o Estoril em si, nem na sua natural belleza, nem nos seus antegosados progressos, que n'este momento me interessa. Digam-me que madame Affonso Costa se encontra hospedada no Grande Hotel Estrada e é para aqui que dirijo os meus passos, na esperança de que a illustre senhora falará a este jornal sobre os planos da hospitalisação para os portuguezes feridos na guerra. A sr.ª D. Alzira Costa, presidente de uma das secções da Cruzada das Mulheres Portuguezas, tem affirmado a grande bondade da sua alma e o seu intelligentissimo espirito no estudo d'essa amoravel obra. As palavras, por consequencia, que vamos escutar são verdadeiramente preciosas... A esposa do sr. ministro das finanças, requintadamente gentil, manda-nos logo para a sala dos aposentos que a familia do grande estadista occupa n'aquelle hotel.

Apresento os cumprimentos de «A Capital», do generoso emprehendimento das mulheres portuguezas n'esta grave situação do paiz. Madame Affonso Costa agradece com extrema simplicidade, com um enternecedor sorriso, quasi confusa e admirada pelas homenagens dispensadas a uma obra que ella julga ser apenas o cumprimento de um dever.

—Qual é presentemente o que mais preoccupa as attenções da secção de que V. Ex.ª é presidente?—pergunto em seguida.

—A loteria destinada a adquirir meios sufficientes para mettermos hombros á construcção de um grande hospital.

—Aqui?

—Sim, em Lisboa. E' o dr. Francisco Gentil que está encarregado de estudar e dirigir este projecto o que equivale a dizer que será uma obra grandiosa, modelo dos melhores hospitaes que existem lá fóra, destinados ao mesmo fim, que existem lá fóra, estinados ao mesmo fim.

—E será só hospital?...

—Será tambem uma escola de enfermagem, de modo que possamos habilitar pessoal enfermeiro á acompanhar as nossas forças para os pontos em que forem prestar o seu auxilio á guerra.

—E tem fé de que os resultados d'esta loteria correspondam aos fins que a Cruzada tem em vista?

—Ah! Sim... uma fé quasi absoluta. O acolhimento que nos tem sido dispensado em todo o paiz, garante-m'a. Além d'isso, nós contamos com o Brazil, de onde dia a dia nos veem provas de solidariedade e de carinho iniludiveis.

Por intermedio do nosso ministro n'aquelle paiz, solicitamos do governo brazileiro a auctorisação necessaria para que os bilhetes d'essa loteria com fins tão levantados, tão humanitarios, possam ali ser vendidos. Fazendo isto, correspondemos evidentemente a um desejo da colonia portugueza em terras de Santa Cruz, sempre impusionada pelo estremecido amor que lhe merece a Patria.

Devo accrescentar-lhe que todas as senhoras que commigo trabalham são collaboradoras valiosas da Cruzada, a que dedicam o melhor do seu esforço e toda a sua boa vontade.

São horas de retirar o comboio para Lisboa. Os meus agradecimentos á illustre senhora que me acaba de transmittir estas gentilissimas affirmações.

... As sombras da tarde caliem sobre a linha aristocratica do Estoril. A atmosphera está electrisada, mas o mar descobre-se quasi aos meus pés tranquillo, limpido, como um immenso espelho.

N'aquella serenidade imperturbavel das aguas sob este ambiente febril e enervante, eu evoco com commoção a grandeza da serenidade além da profunda calma e doçura com que estão trabalhando as mulheres da nossa terra n'este grave momento.

Na Turquia asiatica

PARIS, 28. — A contra-offensiva na Turquia da Asia está definitivamente quebrada, segundo a opinião dos militares russos.—*Americana.*

A intervenção da Romania

As consequencias immediatas da sua acção militar ao lado dos alliados

A politica externa da Romania, como a de tantos outros povos neutraes, esteve sujeita n'estes dois annos de guerra a fluctuações constantes, derivadas do choque das duas correntes: a alliadophila e a germanophila.

Mais de uma vez a Romania demonstrou publicamente sympathias pelos alliados, chegando a annunciar-se como muito breve, ha mais d'um anno, a sua participação na guerra. Mas os partidarios d'um «bom entendimento» com os imperios centraes, embora fossem um reduzido numero, conseguiram sempre impedir que a politica alliadophila se accentuasse nas altas regiões por modo firme e decidido.

Por outro lado, os interesses meramente commerciaes da Romania favoreciam o triumpho momentaneo d'essa politica de neutralidade. Os commerciantes e industriaes romenos abasteciam egualmente a Austria e Allemanha e as nações alliadas; ainda ha pouco seguiram da Romania alguns comboios carregados de cereaes que se destinavam a Berlim.

Mas essa politica de indecisão não podia continuar, sem grave prejuizo do futuro da nacionalidade romaica. O seu caminho não podia ser outro: ao lado dos alliados, contra as ambições da Bulgaria e contra o seu inimigo natural, a Austria, que domina uma região habitada por centenas de milhares de romenos, a Transylvania.

Sob o ponto de vista militar, a entrada da Romania vem facilitar consideravelmente a investida russa contra os exercitos austriacos, na sua ala direita. A descida dos Carpathos, accidentadissima e perigosa por estar dependente de toda a casta de surprezas preparadas pelo inimigo, póde ser substituida pela penetração na Hungria feita pela fronteira romaica.

A offensiva do general Sarrail garante á Romania que a Bulgaria não poderá invadil-a pelo sul, estando a sua fronteira norte sufficientemente protegida pelos movimentos dos exercitos de Brussilof.

Assim, o problema balkanico, que chegou a ser para os allemães uma base de triumpho, é resolvido definitivamente a favor dos alliados. A Grecia já não poderá manter por muito tempo a estranha attitude que vem sendo o espanto de todo o mundo. Tem de seguir um caminho claro: e aquelle que o povo grego deseja e que a sua honra e os seus interesses lhe indicam é declarar-se em guerra contra a Bulgaria. E' fatal que assim aconteça. Se o rei, atravez de tudo, quizer manter a situação degradante que se tem esforçado por conservar, o povo grego ha de fazer-lhe sentir qual é o seu dever.

Como consequencia do novo aspecto que o problema balkanico tomou, os austro-allemães ver-se-hão obrigados a deslocar para essa região novos exercitos, enfraquecendo as suas linhas do occidente e restituindo o territorio russo que ainda hoje occupam, para concentrarem o esforço maximo na defeza do territorio austro-hungaro.

Se o não fizerem, as tropas russas, italianas e romaicas marcarão rapidamente e com firmeza a sua investida, collocando a Hungria em condições de não offerecer resistencia séria e espalhando o desalento e o terror entre as populações que a habitam, de raças e religiões diversas, n'uma amalgama que bem póde favorecer um dia uma tentativa de desmembramento.

A Romania pretende uma parte da Transylvania. Ha de empregar todos os esforços por a obter. Póde mobilisar até 600 ou 800.000 homens, apresentando em tropas de «élite» 400 ou 500.000, que se deslocam com a maior facilidade, por meio de um grande numero de linhas ferreas, para qualquer ponto da fronteira. Uma estatistica anterior a 1914 dá á Romania cinco corpos de exercito de primeira linha, uma divisão de cavallaria independente, uma brigada da mesma arma 80 baterias de artilharia de tiro rapido Schneider-Canet, 2 regimentos de artilharia de guarnição e 8 batalhões de caçadores. E' fóra de duvida que o seu material de guerra foi muito augmentado desde aquella data, tornando-se mais intensivos os trabalhos de preparação do exercito.

Como nota final, é curioso registar que a industria particular portugueza tem fabricado activamente nos ultimos tempos munições de guerra encommendadas pela Romania.

A lucta italo-austriaca

ROMA, 27.—Communicação official de 27—Ao longo da linha de Trentino o inimigo fez em varios pontos violentos tiros de artilharia, de bombardas e de fusilaria, sem comtudo effectuar quaesquer ataques de infantaria. As nossas artilharias contrabateram-o com efficacia e destruiram os trabalhos de approximação do inimigo nas vertentes septentrionaes do monte Cimone (vale do Astico). Na testa da torrente de Digon (alto Piava) as nossas tropas alargaram para o norte a posse das posições do cume de Vallene. Na zona de Gorizia e no Carso grande actividade das artilharias inimigas sobre as pontes do Isonzo e o centro da linha de Vallene; algumas granadas cahiram em Gorizia e Romasn.—(*Havas*).

O escandalo do Lyceu Litterario Portuguez

BAHIA, 28.—A colonia portugueza d'esta cidade fez uma representação pedindo que os auctores do incidente do Lyceu Litterario Portuguez do Rio de Janeiro sejam perseguidos judicialmente, como responsaveis indirectos pelos acontecimentos do dia 25.—(*Americana*).

Italia e Allemanha

O sr. ministro da Italia foi hoje ao nosso ministerio dos estrangeiros communicar officialmente a declaração de guerra da Italia á Allemanha.

Addido militar portuguez em Hespanha

O addido militar portuguez junto da embaixada de Portugal em Hespanha, capitão do estado maior sr. Carlos Maria Pereira dos Santos, esteve na semana passada na Corunha, seguido d'ali em visita ás fabricas de armas de Oviedo e de Trubia depois do que partiu para o norte.

O capitão Pereira dos Santos tem sido recebido em todas as locolidades que tem visitado com as maiores provas de sympathia e com as maiores attenções, tanto de parte das auctoridades, como das populações.

Os boateiros da finança

A proposito dos boatos que malevolamente teem sio lançados, insinuando que o governo tenciona onerar com qualquer imposto os depositos que existem nos bancos, estamos auctorisados a declarar formalmente que não passam de insidiosas phantasias sem o mais ligeiro fundamento.

Carga dos navios apprehendidos

Foi concedida prorogação, por cem dias, do prazo estabelecido no artigo 32.º do decreto numero 2.350, de 20 de abril, aos cidadãos cubanos, para levantamento de carga do vapor «Ponta Delgada».

Por trinta, dias foi concedida prorogação a Paul du Roveray, para levantamento de carga do vapor «Maillaud», e por noventa dias á firma Garland Laiddley & C.ª, Limited, para levantamento de carga do vapor «Horta».

NOTAS DIVERSAS

No «Diario do Governo» de hoje veiu publicada a carta de confirmação e ratificação do tratado de commercio e navegação entre Portugal e a Gran-Bretanha celebrado em 12 de agosto de 1914 e confirmado em 20 de maio findo, como então noticiámos.

—O conselho de ministros reune ámanhã, ás 14 horas.

—O sr. ministro da guerra teve hoje larga conferencia com o seu collega do trabalho sobre assumptos respeitantes ás subsistencias.

—Pelo ministerio do trabalho foi solicitado ao da justiça que seja communicado a todas as repartições d'este ministerio, para enviar-se á direcção geral do trabalho as participações de desastres no trabalho e os respectivos autos de conciliação ou não conciliação, a que se refere o artigo 21.º do decreto de 9 de outubro de 1914.

—Os srs. ministros da instrucção e do interior regressaram hoje a Lisboa.

—A commissão dos operarios das fabricas de tecidos de juta, existentes na villa de Torres Novas enviaram a todos os membros do governo, copia da representação entregue ao sr. ministro das colonias, protestando contra as licenças dadas pelos governadores das provincias ultramarinas para importação temporaria, nas mesmas provincias, de saccaria estrangeira sem pagamento de direitos.

—A Camara Municipal de Rio Maior representou ao sr. ministro do fomento, secundando a representação da sua congenere de Elvas, em que pede a reparação das estradas que conduzem de uma a outra localidade.

O Banco do Brazil

RIO DE JANEIRO, 28.—O director do *bureau* de cambio do Banco do Brazil apresentou a sua demissão ao ministro da fazenda. O dr. Pandiá Calogeras não acceitou o pedido de demissão, insistindo em que o Banco do Brazil não deve influenciar a alta ou a baixa do cambio com risco dos capitaes confiados, mas sim trabalhar como intermediario serio do commercio do paiz.—(*Americana*).

TRIBUNAL MILITAR

A insubordinação no presidio da Trafaria

Concluiu hoje o julgamento

A's 13 horas, o coronel sr. Oliveira Duque declara aberta a audiencia. Os espectadores que são em maior numero do que nos dias anteriores, entram de roldão na sala. Os reus entram pouco depois, occupando dois bancos compridos.

No edificio ha trez forças de infantaria 1, 2 e 16, a fim de manter a ordem e fazer o policiamento do tribunal. As ordens são rigorosas.

Os trabalhos começam pela treplica feita pelo defensor officioso, tenente-coronel sr. Alvaro Camara. Durante mais de uma hora o illustre official tenta rebater as affirmações feitas pelo sr. capitão Adrião, promotor de justiça. A's 14 horas e um quarto o sr. dr. Costa Gonçalves, juiz auditor, lê os quesitos respeitantes a cada um dos reus. O tenente sr. Olympio de Mello, secretario, repete a leitura d'esses quesitos, o que demora uma hora. Antes o coronel presidente perguntára aos reus se tinham alguma coisa a allegar em sua defeza. Todos elles declararam estar innocentes do crime de insubordinação e de terem colligação uns com os outros, confessando porém alguns que effectivamente partiram os vidros e fizeram algazarra, visto que um dos seus collegas estava sendo aggredido. Todos elles terminam por pedir que seja feita justiça e que os jurados tenham dó d'elles, porque para castigo já basta o estarem presos desde fevereiro de 1915, tendo alguns familia a sustentar.

A's 15 horas e meia a causa foi dada por terminada, recolhendo o jury para deliberar. A sentença deve ser lida já de noite.

PEQUENAS NOTICIAS

Alberto Heitor, morador na rua Martin Vaz, 26, 2.º, foi ali aggredido com uma facada no pescoço, tendo ido curar-se ao hospital de S. José.

No mesmo hospital curou-se de uns ferimentos no rosto José dos Santos, morador na rua João do Outeiro, 22, aggredido por um individuo que se evadiu.

—Como implicado no caso de burla de que foi victima o negociante de Aldeia Gallega sr. Antonio Maximo Sequeira e em que tomaram parte o gatuno «Escurinho» e os agentes da policia Oliveira e Pires, foi hoje preso Carlos Ferreira Cara, residente em Aldeia Gallega e que figurava no processo como testemunha do Sequeira.

—Accusados de se entregarem á vadiagem e de viverem do producto de roubos foram presos Porfirio Bonifacio, o «Tigre», Anthero da Silva, o «Marujinho», e Daniel David, todos sem residencia conhecida.

—A policia procura Laurentino da Costa Leal, de 12 annos, que fugiu de casa de seus paes na rua do Sol ao 22, pateo dos Cantares.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Um grande nomem

Esse homem—bem sabeis! E' tólo... Todavia
Um amigo, que é d'elle e meu, disse-me um dia:
—Tenho-o visto sentado á banca do trabalho
Com a frente em suor, n'um cruciante orvalho,
Curvado sobre a mesa o degraçado ancela!
E' o galgo Talento atraz da lebre Ideia!
Elle assim afinal de esforços impotentes,
Vae cahir no torpôr imbecil dos dementes,
Esfalfado a arquejar n'uma postura mésta
Quando d'uma palmada estridula na testa
Espirra uma centelha!...
E eu disse-lhe:—Acredito,
Porque a palma é de ferro e a testa de granito!

João Saraiva.

CASAMENTOS

Realisou-e hoje o casamento da sr.ª D. Isabel Baptista, filha da sr.ª D. Maria Baptista e do sr. Antonio Baptista, com o sr. Alberto Gonçalves da Silva.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Alice Abrantes e Alfredo Abrantes e por parte do noivo seus paes.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as sr.as:

D. Maria Helena de Castro e Silva de Besa Pinto, D. Maria de Lima de Sousa Rego, D. Guilhermina Castello Branco, D. Alice Pinheiro da Motta Coelho, D. Anna Kendall de Castro Lemos e D. Emilia Carlota Paes Monteverde.

E os srs.: Manuel Falcão Cota Pinheiro de Azevedo Velho de Barbosa e Bourbon (Azevedo), Libanio Augusto Affonso, Antonio Cirne de Sousa Madureira, Antonio Pinheiro de Sousa Pinto, Francisco Xavier de Castro Figueiredo Faria e Alfredo da Fonseca Meneres.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu hoje para o Alemtejo o sr. Eduardo Scariatti Quadrio Raposo.

—Regressaram: de Entre-os-Rios, o sr. Joaquim Lobo d'Avila Graça, sua filha madame Van-Zeller e sua neta; das Pedras Salgadas a sr.ª condessa de Santar, e da Figueira da Foz o sr. Alfredo Alves Martins.

—Retiraram das Pedras Salgada para Entre-os-Rios os srs. Francisco Antonio Patricio e dr. Jeronymo Ribas, seu cunhado.

—Estão: no Luzo o sr. capitão de mar e guerra Carceres Fronteira, sua esposa e filho; em Espinho a sr.ª D. Alice Munró dos Anjos e o sr. Henrique Anjos e esposa.

—Partiram: para o Mont'Estoril o sr. D. Fernando de Almeida e para Paço do Conde os srs. condes de S. Miguel e seus filhos.

—Regressaram do norte os srs. Luiz Nobre, Julio Macedo, dr. Pedro de Sousa, Alfredo de Sá Morgado e Adriano Saraiva.

—Partiu para a Figueira da Foz, com sua esposa e filho, o sr. Francisco de Abreu Castello Branco Correia de Lacerda.

—Seguiu para Monsão o sr. Pedro de Araujo.

—Encontra-se já na sua casa em Lisboa o distincto medico e senador sr. dr. Bernardino Roque.

—Vindo de Vizella, já se acha em Portalegre o sr. João Brito.

—Partiu de Evora para Villa Viçosa o sr. João Maria Espancá.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 15/16	34 13/16
Londres, 90 d/v.	35 7/16	—
Paris, cheque	$78	$78,5
Hollanda, cheque	$59	$59,6
Madrid, cheque	1$45,5	1$46,6
Suissa, cheque	$81	$82
New York	1$44	1$45
Rio s/Londres	12 17/32	—
Libras	7$15	7$25
Agio do ouro	51 %	56 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	coup.
Tit. de 1:000$	38,30	38,20
» » 500$	—	—
» » 100$	—	38,65

Certificados de 50$ 39$30.

Obrigações d'Estado: 3 0/0 1905, 9$45; 4 0/0 1888, 22$40; 4 1/2, 88$80, assent., 75$50.

Externas: 1.ª serie, 78$ e 3.ª 80$.

Acções: B. de Portugal, 182$; Lisboa & Açores 123$; Ultramarino, assent., 130$50 e coup. 131$; Aguas, 92$80; Credito Predial, 21$90; Norte e Leste 38$50; Zambezia, 2$30; Agricultura Colonial, 128$.

Obrigações: Prediaes, 6 0/0, 93$30 e 5 0/0 90$; Ultramarino, coup. ouro, 95$; Comp. N. dos Cam. de Ferro, 1.ª serie, 79$ e 2.ª 67$70; Norte e Leste, 2.º grau, 35$50; Caris de Ferro 10$10; Moagem (nova) 96$; C. de Ferro de Benguela, tit. 1, 81$ e tit. 5,79$50.

NA CAPITAL DO NORTE

O hospital da cidade é de necessidade urgente

A assistencia no Porto é precaria

Porto, 26—Não se comprehende—diz-nos ha dias um medico muito distincto—por que razão, por que motivo, tendo já «figurado» nos registos das «inaugurações» officiaes o Hospital da Cidade, tal Hospital, que é de uma necessidade urgente para acudir á precaria assistencia hospitalar da segunda capital do Paiz,—não se pode explicar, por que é que tal estabelecimento ainda continúa apagado e invisivel, nas pratelleiras das secretarias, como se as doenças e o ensino medico a que elle se destina se possam archivar... em massos de papelada, em officios e contra-officios das respeitabilissimas repartições do Estado.

«De nada valeu a iniciativa da proposta do sr. dr. Adriano Gomes Pimenta, approvada pela lei n.º 269, de 24 de julho de 1914.

«A miseria augmenta na capital do norte. A assistencia é cada vez mais deficiente. A Santa Casa da Misericordia está ameaçada de ver-se obrigada a restringir os seus soccorros hospitalares no grande Hospital de Santo Antonio,—talvez o maior do Paiz, com uma media de 500 doentes por mez.

«Não é isto,—insiste o medico distincto—caminhar para um abysmo de desconforto, desattender um dos primeiros deveres de humanidade, de philantropia social? Não é isto um verdadeiro crime?

«Porque, — continúa—o Hospital da Santa Casa da Misericordia é um Instituto particular. Nada recebe do Estado, nada percebe em quotas ou dadivas das estações officiaes, nem do governo nem da Commissão Central de beneficencia publica. E, gastando o Estado centenas, milhares de milhares de escudos com os hospitaes de Lisboa e do resto do Paiz, para o Porto não dispensa o mesmo carinho, não o dispensou nunca.

O Hospital da Cidade seria o primeiro gesto do poder central em beneficio da assistencia do Porto e do norte do Paiz. E não só em prol dos infelizes, dos doentes que morrem sem abrigo, sem remedios, sem tratamento, mas ainda em beneficio do ensino, como escola de aprendizagem pratica para os estudantes da Faculdade de Medicina, visto que,—sendo um hospital de polyclinica,—n'elle devem ter as suas cathedras e os seus laboratorios os nossos especialistas, as summidades scientificas que, á custa do seu trabalho intenso, da sua pratica de clinica, se destacaram e crearam nome no Paiz.

Sem que o Hospital da Cidade seja um facto, nem a assistencia é sufficiente, nem o ensino medico pode ser caracteristicamente serio e scientifico. A Faculdade de Medicina dispõe apenas e graciosamente de 180 leitos—para o ensino dos estudantes — no Hospital de Santo Antonio. E' isto o sufficiente?

«Ninguem dirá que sim. De mais a mais, essa concessão da Santa Casa está a terminar.

«Poderá continuar? Infelizmente, tudo leva a crer que não, porque a Santa Casa lucta com extremas difficuldades financeiras e já por varias vezes tem ponderado ao governo que,—a não lhe ser dado o subsidio de 3:000 escudos mensaes, emquanto a crise subsistir, terá de limitar a sua acção beneficente. Quer dizer: acabará com a consulta e medicamentos do banco,—e deixará de conceder á Faculdade de Medicina os 180 leitos para estudo, se não fôr mais álem, até diminuir o numero de entradas de doentes nas enfermarias e o de velhos e velhas nos seus azylos de invalidos.

E' triste o futuro reservado á assistencia, se o Hospital da Cidade se não fizer immediatamente.

«Ainda ha dias a Associação Medica Luzitana telegraphou ao chefe do governo expondo-lhe a gravidade d'esta situação. O sr. governador civil, a camara e outras entidades teem feito o mesmo appello. Pois até agora, o hospital nem sequer tem alicerces. Ainda se anda em questões para saber os terrenos que deve ter.

«E, o que é mais grave, sendo de lei que as despezas para a sua construcção seriam feitas pela Commissão Central de Beneficencia, esta, por um simples despacho, endossou á commissão de beneficencia do districto esses encargos, o do capital e o dos juros de amortisação do emprestimo feito á Caixa Geral de Depositos. Contra este despacho illegal protestou digna e altivamente o sr. governador civil, mas até agora nenhumas providencias governamentaes foram tomadas.

«Querem—dizia-me ha dias o sr. governador civil—que o Porto faça o hospital á sua custa?

«Sim é muito capaz de o fazer. Tem energia, altruismo e competencia para o levantar. Mas, então, que se diga bem alto que é o Porto que o faz, e não queira o Estado escolher terrenos, nem projectos, nem interferir na nossa obra.

«Mas, «constar» da *lei* que é obra do governo central, e ser o Porto a *pagal-o*, pela sua Commissão de Beneficencia, isso não. Porque seria uma burla.

«Mas não. A lei n.º 269 ainda não foi revogada. Os deputados pelo porto devem ter todo o interesse—até o interesse politico—em que ella se cumpra. Essa lei determina que o Hospital da Cidade seja pago pelas verbas da Beneficencia publica, e não sómente e exclusivamente pela Beneficencia do districto. E «favor» nenhum o Porto recebe, porque não é uma questão de favor, mas de inteira e inconcusa justiça.

«Pois—terminou—ha de o governo gastar centenas, milhares de contos com a assistencia publica em todo o paiz, e só no Porto não ha de distribuir um centavo? Então o Porto não faz parte da familia portugueza?

«Só elle é que ha de cuidar, «á sua custa», dos seus pobres e dos seus doentes?

«Não póde ser. Não deve ser.

Casino de S. José de Ribamar

Continua a ser enorme a affluencia a este magnifico casino, em Algés, devido aos admiraveis espectaculos que todas as noites se realisam na sua encantadora explanada.

Brevemente, estreiam-se verdadeiras notabilidades.

Festejos em Sacavem

No proximo domingo, isto é, no mesmo dia em que era costume realisar-se ali a grande romaria á Senhora da Saude, effectuaram-se em Sacavem importantes festejos organisados pela Associação dos Bombeiros Voluntarios d'aquella localidade.

O programma, que é muito vasto e deve chamar grande concorrencia de forasteiros, inclue arraial, venda de fogaças, concertos por diversas bandas de musica, «kermesse», peditorio em cortejo, com carro de incendios ornamentado, exposição do velho templo da Senhora da Saude, bodo aos pobres, simulacro de incendio, illuminações á veneziana, etc.

E' notavel o enthusiasmo pela grandiosidade dos annunciados festejos, os quaes se repetirão no domingo seguinte, com novos elementos.

Especiaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.
COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21 — Geisha.
ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

CENTRO 27 D'ABRIL.—Reuniu a assembléa geral sob a presidencia do cidadão Henrique Pereira da Trindade, secretariado por Narciso dos Santos e Francisco Pedro dos Santos, sendo resolvido que, em vista da importancia do assumpto, se conserve em sessão permanente até quarta-feira, 30 do corrente, dia em que se realisa a grande sessão magna, convidando-se para ella todo o povo de Lisboa.

Foi, pelo sr. José Lourenço Flores, apresentada uma proposta, que foi approvada, para que n'essa reunião se trate sómente do assumpto para que foi convocada, que é a alteração do n.º 22 do artigo 3.º da Constituição—restabelecimento da pena de morte.

GREMIO POPULAR.—A fim de discutir o relatorio da gerencia finda e o parecer da commissão revisora de contos e proceder á eleição da direcção, reune a assembléa geral no dia 30, ás 21 horas.

Instrucção Militar Preparatoria

Sociedade n.º 1.—A aula d'esgrima d'espada funcciona ámanhã, ás 21 1|2 horas, e ás 22 horas ha ensaio da banda de musica ao qual teem de comparecer todos os executantes, por motivo do novo repertorio. Na rua da Prata, 242, e na séde da Sociedade, rua da Graça, 31 e 33, continúa aberta a inscripção para novos socios auxiliares e alistados da 1.ª e 2.ª secções. A prohibição de transferencias d'alistados entre as sociedades foi reclamada pela Sociedade n.º 1.

Colyseu dos Recreios

Realisa-se hoje a primeira recita da moda, o que quer dizer que o Colyseu vae reunir tudo quanto de mais distincto ha.

Estreia-se a deliciosa operetta japoneza «Geisha», que tem obtido triumphos admiraveis. A companhia de opera-comica e operetta Caracciolo-Scognamiglio apresenta-a com verdadeiras novidades e surprehendentes effeitos de luz, vincando, ainda mais, o seu exotismo.

Estreiam-se na «Geisha» cinco artistas de grande nomeada, um dos quaes já o publico de Lisboa conhece, Antonio de Rubeis. A parte de protagonista foi confiada á sr.ª Egléa Alcardi, que possue uma voz deliciosa.

Os restantes artistas são o tenor Sante Grassi, o baritono Rafaele de Ferran e o actor caracteristico Emilio Marangoni, que interpretam, respectivamente, os papeis de «Kalaná», «Cuminghan» e «Marquez Inari».

A'manhã repete-se a magnifica operetta.

Uma festa militar

Em infantaria 11 (Setubal) — A presença d'um francez que se bateu em Verdun—Discursos enthusiascos

No quartel de infantaria 11, em Setubal, realisou-se hontem a ratificação do juramento de bandeiras pelos recrutas ultimamente encorporados, assistindo todas as auctoridades locaes e muito povo.

O commandante sr. Xavier Libanio usou da palavra, discreteando com brilho sobre alguns factos dos mais notaveis da historia patria. A proposito da guerra, alludiu ao procedimento da Allemanha para comnosco em Angola, affronta que saberemos vingar. Ha muito que a Allemanha cubiçava o nosso patrimonio colonial, e ante essa ameaça e a declaração de guerra, agora como em todos os tempos, Portugal saberá manter bem alto a sua honra, a sua dignidade, o seu brio e a sua tradições heroicas.

Como estivesse assistindo á festa o sr. André Blanc, sargento do 18 de infantaria franceza, com séde em Pau, que em Setubal se encontra em convalescença, fez a sua apresentação aos soldados do seu regimento, como um heroe, pois que Blanc tomou parte nas batalhas do Marne, da Champagne e ultimamente em Verdun, no forte de Diaumont, tendo sido ferido por cinco vezes, e mais gravemente no ataque a este forte, onde alguns estilhaços de granada o puzeram fóra de combate. O sr. André Blanc nasceu em Portugal, é filho de pae francez e mãe portugueza, e n'este paiz se educou e manteve até ao rebentar da guerra. Prestou por fim homenagem aos exercitos alliados terminando por um viva a Portugal.

Fallou, em seguida, o sr. Alves Catharino, tomando por tema da sua oração a Patria e a bandeira e produzindo um excellente discurso em que evocou as paginas da nossa historia que são o orgulho de Portugal.

Usou por ultimo da palavra o aspirante miliciano sr. Soares Victor, que em palavras repassadas de patriotico enthusiasmo, disse sentir-se orgulhoso por ter trocado a sua toga de advogado pela farda militar. Terminou com vivas a Portugal.

As casernas da companhia achavam-se ornamentadas com arbustos e bandeiras, e foram durante o dia muito visitadas. Na parada do quartel tocou a banda regimental durante o jantar das praças, que foi melhorado.

Um protesto

A Lisboa Esperanto Societo convida todos os esperantistas de Portugal a manifestarem-se individual e collectivamente, por carta dirigida á rua do Mundo, 20, 1.º, Lisboa, n'um protesto contra o facto da grande lingua auxiliar internacional Esperanto não ter sido incluida nas permittidas pela censura postal.

(2) Muitos rebeldes não estavam uniformisados e misturando-se com pacificos cidadãos tornaram quasi impossivel para as tropas o distinguir entre amigos e inimigos até o fogo começar.

(3) Em muitos casos, quando as tropas iam passando por ruas occupadas por povo desarmado, foi de subito feito fogo sobre ellas de detraz das janellas e de cima dos telhados. Taes eram as condições quando os reforços começaram a chegar a Dublin.

(4) Emquanto a lucta proseguia em condições tão confusas e tão difficeis, é possivel que algumas pessoas innocentes fôssem mortas. Deve recordar-se que a lucta em muitos casos foi de casa em casa, que o tiroteio era continuo e muito persistente e que era muitas vezes extremamente difficil distinguir entre os que tinham atirado ou estavam atirando sobre as tropas e os que por varios motivos tinham querido ficar no theatro da lucta, em vez de sahirem das casas e passarem para além dos cordões de tropa.

....

(7) Houve numerosos incidentes de tiroteio premeditado sobre ambulancias e as pessoas corajosas que voluntariamente se apresentaram para tratar dos feridos. O corpo de bombeiros, quando compareceu para extinguir os fogos deitados por incendiarios, foi recebido a tiro, tendo, por isso, de retirar.

....

(10) O fogo da artilharia apenas foi empregado contra as barricadas ou contra as casas particulares que se sabia serem fortes reductos.

....

(14) Não posso imaginar situação mais difficil do que aquella em que as tropas estavam collocadas, pois muitos dos batalhões empregados eram jovens territoriaes da Inglaterra que não conheciam Dublin.

N'essas circumstancias considero que as tropas procederam com o maior acerto e cumpriram o seu desagradavel dever d'um modo que acredita grandemente a sua disciplina.

....

(19) Desejo pôr bem em evidencia que a responsabilidade da perda de vidas, a destruição de propriedades e outras perdas pertence aos que machinaram a revolta e que, na occasião em que o imperio está envolvido n'uma lucta gigantesca, pediram o auxilio e a cooperação dos allemães».

Havia ainda um prisioneiro implicado no levantamento que não havia comparecido perante o tribunal marcial, entendendo-se que era melhor que fôsse jugado com todas as formalidades pelo Supremo Tribunal de Londres.

A 15 de maio, tres semanas depois do seu desembarque em Kerry, sir Roger Casement comparecia perante o tribunal de policia de Bow Street e era accusado de traição. Com elle comparecia o prisioneiro Bailey, que o acompanhára de Limburgo a Berlim e de Wilhelmshaven no seu percurso em submarino á costa de Kerry.

As peças de convicção eram de natureza mais simples e directa: que Casement era subdito britannico; que fôra ter com os prisioneiros irlandezes no campo de detenção de Limburgo e tentára seduzil-os para obter o seu apoio e formar uma «Brigada Irlandeza» para luctar contra a Inglaterra com armas e equipamentos allemães; que no proseguimento do que se propuzera desembarcára na Irlanda provido de armas, mappas de guerra, apparelhos de signaes e um codigo secreto, e acompanhado de um navio carregado de armamento e de explosivos mandado pelo governo allemão para provocar e auxiliar uma insurreição.

Quanto a Bailey, referia-se o depoimento assignado que fizera a um inspector de policia em Kerry, no qual confessava os factos materiaes, negando, porém, todo e qualquer intento de traição.

Foram ambos remettidos a um tribunal composto de lord-chefe da justiça da Inglaterra, do attorney geral, do «solicitor» geral, e de mr. Serjeant Sullivan e mr. Artemus

Dublin—era ainda um fóco de perturbações e ainda muito sangue foi derramado antes de se restabelecer a ordem. Mas a rebellião estava dominada.

Quantos mortos e feridos resultaram do levantamento nunca se saberá com exactidão: os hospitaes estavam atulhados, não ha estatistica exacta, embora a dos cemiterios fale, porque muitos ficaram sepultados entre as ruinas e outros foram enterrados secretamente.

Da policia e dos soldados, as perdas dadas officialmente foram em numero de 479: 127 mortos e 352 feridos. Entre as pessoas classificadas como «civis» houve 1.930 perdas, morrendo 200.

Quantos eram rebeldes, d'armas na mão, e quantos foram victimas innocentes das balas d'um e d'outro lado não ha meio de o saber, porque em muitos casos não se poude fazer a identificação.

Muitos civis, policias e soldados, como vimos, foram mortos durante os primeiros dois dias, antes de começar a systematica repressão militar. Os prejuizos causados pelo incendio foram avaliados pelo corpo de bombeiros em 2.500.000 libras, mas essa quantia não incluia negocios que ficaram arruinados e o tempo que decorreu antes de tudo voltar á normalidade.

A rendição do governo provisorio no edificio dos correios, envolvendo as do commando de MacDonagh—Kent na fabrica Jacob e na União do Sul de Dublin, a de Valera em Ringsend e a do edificio dos Quatro Tribunaes e do Collegio Medico, era o fim da rebellião, e a 1 de maio, exactamente uma semana apoz o primeiro levantamento, o feld-marechal French, como commandante em chefe das Forças Territoriaes, podia annunciar que «todos os rebeldes em Dublin se tinham rendido e a cidade se conservava em socego».

«Os rebeldes no paiz—accrescentava elle—estão-se rendendo ás columnas moveis».

A esse tempo havia mais d'um milhar de prisioneiros só em Dublin, metade dos quaes foram rapidamente mandados para os campos de detenção na Inglaterra. No mesmo dia o commando irlandez publicou a seguinte noticia:

«Os rebeldes que se entendeu deverem ser submettidos a julgamento estão sendo julgados pelos tribunaes marciaes. Logo que as sentenças fôrem pronunciadas, o publico será informado dos resultados do julgamento. Os prisioneiros que não foram entregues immediatamente aos tribunaes marciaes estão sendo mandados para campos de detenção na Inglaterra. O seu caso será apreciado mais tarde.

«Tambem está sendo apreciado o caso das mulheres que foram aprisionadas. Os julgamentos são deveras importantes e está-se procedendo a elles com toda a urgencia».

O publico não esperou muito tempo pelo resultado d'esses julgamentos, procedendo-se d'esta vez de modo muito differente do que se dera por occasião das rebelliões da Joven Irlanda e dos Fenianos, em que as sentenças só foram conhecidas mezes depois d'ellos terem sido pronunciadas.

No prazo d'uma semana, soube-se que os sete signatarios do manifesto incitando á rebellião tinham sido condemnados á morte.

Esses sete signatarios eram: Clarke, Macdermott, Macdonagh, P. H. Pearse, E. Kent, Connolly e J. Punkett. Outros sete que haviam tomado parte importante na rebellião ou nos verdadeiros crimes—chamemos-lhe assim—que a acompanhavam—E. Daly, W. Pearse, M. O'Hanrahan, Colbert, MacBride, Mallin e Heuston—foram condemnados a egual pena.

Vinte e cinco rebeldes, incluindo a condessa Markievicz, foram condemnados á morte, sendo a sentença depois commutada na pena de trabalhos forçados para uns, de prisão simples para outros.

Um outro rebelde, William Kent,

Henrique Julio Milheiro

A secção Luz e Verdade do Gremio Lusitano participa aos seus associados o fallecimento do seu prestimoso consocio, Henrique Julio Milheiro cujo funeral, se realiza ámanhã, Terça feira, ás 11 horas da manhã, sahindo da Calçada do Forno do Tijo, n.º 20, 2.º para o Cemiterio Oriental. Roga-se a comparencia de todos os associados

O presidente
Annibal Breia

que se provou ter assassinado um chefe de policia proximo de Fermoy, no condado de Cork, foi fuzilado.

Dos restantes, sete foram absolvidos, quarenta e sete condemnados a trabalhos forçados por pouco tempo e muitos condemnados a prisão por periodos variando de um a tres annos.

A 11 de maio, o general Maxwell dizia officialmente que «os julgamentos pelos tribunaes marciaes dos que tomaram parte no levantamento de Dublin estão terminados». E accrescentava que:

«Em vista da gravidade da rebellião e da sua ligação com a propaganda e intriga allemãs, e em vista da grande perda de vidas e destruição de propriedades que d'ahi resultaram, o general commandante em chefe entendeu necessario infligir as penas mais severas aos organisadores d'esse detestavel levantamento e aos que exerceram commandos e parte activa na lucta que se deu.

«Espera-se que esses exemplos sejam sufficientes para actuar como lição aos intriguistas e para mostrar que o assassinio dos vassallos fieis de sua magestade e de outros actos que ponham em perigo a salvação do reino não serão tolerados».

«Uma commissão foi nomeada para examinar os processos dos outros presos e como se provou que muitos d'elles que haviam tomado parte no jugamento acreditavam que apenas haviam sido chamados «para uma marcha», quasi uns mil foram soltos sem soffrerem penalidade alguma.

Como os tribunaes marciaes funccionavam á porta fechada e não appareceu relatorio algum publico, houve, como era natural que succedesse, uma certa agitação nos circulos politicos e exageros se disseram ácerca da repressão da rebellião em «torrentes de sangue».

Mas nunca se disse que alguem deixára de pelo tribunal marcial ser convicto de ter tomado parte na rebellião ou nos preparativos para ella. Quanto aos que foram condemnados á morte não houve discussão alguma—o crime era flagrante e confessado.

Houve, porém, dois casos em que se fizeram sérias queixas e em que se reconheceu que se tinha de proceder a um inquerito mais minucioso. O primeiro d'esses casos foi o que se deu com mr. Sheehy Skeffington, a que já alludimos.

Como dissemos, Skeffington, que estivera no edificio dos correios, séde do governo rebelde, sahiu d'ahi na terça feira á tarde e affixou uma proclamação convidando os cidadãos a policiarem as ruas da cidade e a reprimirem os assaltos e os saques.

Quando estava affixando essa proclamação foi preso e com dois companheiros conduzido ao quartel de Portobello, em roda do qual a lucta havia sido violenta. Esse quartel estava occupado por uma pequena guarnição dos Reaes Atiradores Irlandezes, que ahi se mantiveram com a maior coragem e valentia.

Na manhã seguinte, os tres prisioneiros foram tirados das cellas por ordem do official commandante e fuzilados sem serem julgados. Esse official continuou durante alguns dias no commando que exercia, mas tendo transpirado o que se passára foi detido e por fim julgado em conselho de guerra.

Os factos não puderam ser negados e o infeliz official—que viera da fronte em virtude de ter sido ferido e que tinha agido sem duvida possivel sob o impulso d'uma grande excitação mental—foi julgado culpado de assassinio com a circumstancia attenuante de não estar no pleno goso das suas faculdades mentaes. Foi encerrado n'um manicomio de criminosos á ordem do rei.

Mais tarde, em vista de novas queixas dos amigos de mr. Skeffington, o primeiro ministro declarou que se ia proceder a um inquerito sobre todas as circumstancias do caso.

No segundo caso, as forças militares foram accusadas de desnecessaria violencia e derramamento de sangue quando seguiam pela Rua Norte do Rei, a fim de completarem o cordão que cercava a posição rebelde no edificio dos Quatro Tribunaes.

Allegou-se que n'um determinado estabelecimento haviam sido fuzilados homens que não envergavam o uniforme dos rebeldes e que não haviam tomado parte na lucta.

Tendo sido feita queixa no parlamento, o primeiro ministro mandou proceder a uma cuidadosa investigação, cujo resultado foi annunciado á Camara dos Communs nos seguintes termos:

«A conclusão a que se chegou depois de ouvir as testemunhas foi a de que as mortes occorreram durante a desesperada lucta que houve nas ruas e de casa em casa, a qual durou quasi dois dias e em que os soldados estiveram constantemente expostos ao tiroteio das janellas e dos telhados das casas.

«Não ha duvida de que alguns homens, que não tomaram parte na lucta, foram mortos durante o decorrer dos acontecimentos tanto pelos rebeldes, como pelas tropas regulares. Mas, apoz um cuidadoso inquerito, é impossivel attribuir responsabilidade a qualquer pessoa em especial ou a qualquer entidade».

Instado, mr. Asquith accrescentou que, tendo experiencia do que se dava quasi sempre em tempos anteriores quanto a inqueritos, examinára com cuidado os depoimentos recolhidos e lhe parecia que não havia em todos elles a menor sombra de parcialidade.

Todas as pessoas citadas haviam sido convidadas a depôr. Se pensasse que um novo inquerito levaria á conclusão de averiguar qualquer responsabilidade, elle mandaria proceder immediatamente, mas parecia-lhe que a nenhuma concusão se chegaria além da que havia enunciado.

Podia ainda accrescentar que as auctoridades militares diziam alto e bom som que nunca na historia houvera uma rebellião tão sangrenta reprimida com menos violencia e punida com menos rigor.

No seu relatorio official ao feld-marechal French, a 25 de maio de 1916, sir John Maxwell tinha a satisfação de dizer:

«Estou habilitado a dizer que o procedimento das tropas foi admiravel; a sua alegria, coragem e boa disciplina, nas mais extraordinarias condições, foi excellente. Apesar de portas e janellas de estabelecimentos terem de ser arrombadas, caso algum de saque me foi referido, o que dá a maior honra a todo o exercito».

E depois de se referir ao grande auxilio que recebeu do clero de todas as seitas religiosas, de medicos, enfermeiros e empregados telegraphicos e telephonicos que haviam cumprido plenamente os seus deveres, muitas vezes mesmo arriscados ao maior perigo, o general Maxwell concluia:

«Apraz-me recordar a minha opinião de que os sentimentos da maioria dos cidadãos de Dublin sendo contra os Sinn Feiners influiram materialmente para o fracasso da rebellião».

N'um relatorio separado dirigido ao secretario de Estado da guerra, o general Maxwell dizia que entendia dever prestar-se attenção ás difficeis condições em que as tropas tinham sido obrigadas a proceder:

«(1) A rebellião começou pelos Sinn Feiners, provavelmente procedendo segundo ordens recebidas, matando a sangue frio alguns soldados e policias: simultaneamente occuparam casas nas ruas e ao longo das estradas da cidade de Dublin, que era para n'ellas as tropas occuparem postos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2170—7.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Terça-feira, 29 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica,71

Preço 2 centavos

A ROMANIA NA GUERRA

A Romania declarou a guerra á Austria. Com ella, são já dez as nações que luctam contra os imperios centraes, e os seus alliados que são a Bulgaria e a Turquia. O seu poder militar é conhecido. A Romania ha annos que se prepara para ser uma grande força militar. Preparou-se para manter a sua independencia nas continuadas agitações da politica balkanica. Preparou-se ainda mais para poder fazer valer os seus direitos quando, apoz a campanha balkanica, se distribuiram os despojos da Turquia, e conseguiu-o quasi sem dar um tiro, o que o mesmo é dizer que manteve intacta a sua preparação. Ha dois annos que ainda mais se prepara para uma intervenção no conflicto europeu, que desde o dia em que elle rebentou se reconheceu inevitavel.

A seguir á Romania, affirma-se já que a Grecia intervirá tambem, depois d'um periodo de indecisões e passos em falso que não fizeram senão prejudical-a e deprimil-a. Se esse concurso fôr dado á causa dos alliados, serão onze as nações que procuraram esmagar o imperialismo germanico.

Os jornaes publicam hoje os pontos essenciaes da nota de declaração de guerra da Romania á Austria. Entre elles figura este, convem reter e analysar: «Pela sua intervenção, julga a Romania apressar o termo da guerra mundial».

Esta asserção, invocada como um motivo sufficientemente poderoso para lançar um paiz na guerra, marca uma nova phase da situação internacional. Ella corresponde a uma necessidade urgente que o mundo inteiro reconhece. A guerra prolonga-se já demasiado; fere interesses de povos que originariamente não eram forçados a tomar parte no conflicto. A guerra tem de acabar, porque é necessario que a humanidade inteira não soffra as suas consequencias terriveis. E' necessario regressar á normalidade da paz, do trabalho, do esforço humano labutando para a abundancia, para a tranquillidade, para o progresso, para o conforto, para a conquista d'uma existencia cada vez mais livre, mais desafogada, mais prospera.

A guerra exerce-se em condições de ninguem se eximir aos seus flagicios. A guerra gera difficuldades que dia a dia se vão aggravando; produz a miseria e a afflição; choca o sentimento moral e causa os maiores prejuizos materiaes; sacrifica innocentes, destróe a belleza do mundo, é já inconciliavel com as noções do nosso tempo. Poderia passar como um episodio da vida geral da humanidade, como outras guerras tem passado; mas a verdade é que o seu caracter de conflagração ante as maiores potencias do globo a tornou um flagello geral.

Que ha a fazer para acabar com essa guerra?

O sonho dos candidatos a medianeiros, como o presidente Wilson, o rei Affonso XIII e o Papa Bento XV, já se deve ter esvaido. Tudo quanto o sentimento e a razão podiam ponderar para fazer cessar a guerra, todas as invocações á philosophia e ao direito, á bondade e á intelligencia, ao espirito religioso e ao proprio espirito positivo dos povos em lucta, tudo tem sido expresso com o generoso empenho de persuadir, de acalmar, ou pelo menos de attenuar os horrores da guerra. Tudo tem sido baldado.

Que ha a fazer, portanto?

Posuem as nações que no conflicto se não acham envolvidas a força sufficiente para o fazer cessar? Podem realisar uma especie de acção de policia, separando os adversarios encarniçados na sua lucta? Não podem. Elles teem mais força do que esses paizes. Não ha maneira de desapartar, como vulgarmente se diz.

A unica maneira de apressar o fim da guerra é pesar sobre um dos pratos da balança. E' o unico processo de servir a humanidade. Todos os mais são fallazes como chimeras. A Romania assim o comprehendeu, e não hesitou em empregar esse motivo como uma formula de direito, de razão e de justiça.

NOTA POLITICA

A REUNIÃO DO CONGRESSO

Nem a maioria nem a minoria podem abdicar das suas opiniões, mas ha uma formula que facilmente soluciona o incidente

E' depois de amanhã que o Congresso reune para a continuação dos trabalhos interrompidos tumultuosamente pelas opposições na ultima sessão.

O problema não mudou nem podia mudar de aspecto. A maioria continua na supposição que interpreta com rigor e verdade o paragrapho 1.º do artigo 82.º da Constituição, considerando como numero sufficiente para se approvar a moção do sr. dr. Alexandre Braga dois terços dos congressistas presentes; as opposições entendem que, falando a Constituição em dois terços dos membros do Congresso, é indispensavel que a moção seja approvada por 148 votos, que tantos são os que representam dois terços da totalidade de deputados e senadores actuamente em funcções.

Evidentemente, se a maioria consentisse em submetter a nova votação a moção do sr. dr. Alexandre Braga confessaria que tinha praticado na sessão anterior, uma infracção constitucional, o que redundaria n'um grave desprestigio politico dos dois partidos, dementicos e evolucionista. A maioria não pode seguir esse caminho, tanto mais que se mostra convencida de que está dentro da boa doutrina. Mas os unionistas e o deputado socialista tambem não podem reconhecer a validade da votação effectuada, sob pena de mostrarem que não passou de uma mera especulação politica todo o tumulto que fizeram na sessão de sexta-feira.

Teremos então depois de amanhã a repetição das lamentaveis scenas que deixaram tristemente assignalada a ultima reunião do parlamento?

Não pode ser, e temos a esperança de que não será. As opposições, considerando errada a interpretação da maioria, não são obrigadas por esse motivo a converter a sala da Camara n'um arraial em dia de desordem. Discutindo-se a questão, o que compete aos unionistas e ao deputado socialista é mostrar o valor dos seus argumentos, fazer ver que os dois terços de que se trata são os terços da totalidade dos membros do Congresso e não dos presentes. Os seus argumentos não colhem? A maioria não se dá por convencida? N'esse caso, o que as opposições não podem é multiplicar o numero dos seus votos por modo a fazer prevalecer a interpretação que sustentam. As maioras decidem — e n'isso estão as virtudes e os defeitos dos regimens democraticos.

As opposições poderão adoptar ainda o recurso de sahir da sala, considerando inconstitucional a antecipação da revisão, votada sem os dois terços da totalidade, e deixando á maioria a responsabilidade das deliberações que tomar.

* * *

Quer-nos parecer, no emtanto, que o problema mudaria de aspecto, que se procurasse uma formula capaz de evitar que se levantassem novamente as divergencias que surgiram n'outro dia por forma tão inglória e tão lamentavel. Não seria difficil encontral-a, com um pouco de boa vontade de ambos os lados.

Por exemplo:

Aberta a sessão, um deputado da minoria usaria da palavra para explicações, expondo os seus argumentos sobre a interpretação do paragrapho 1. do artigo 82.º. Responder-lhe-hia um deputado da maioria, sustentando a interpretação diversa, quanto aos dois terços, e terminando por mandar para a meza uma moção concebida, mais ou menos, n'estes termos:

O Congresso da Republica, considerando que a votação da moção Alexandre Braga, effectuada na sessão anterior, obedeceu a todos os preceitos constitucionaes; e, por isso, considerando que é indispensavel fazer-se a antecipação da revisão, continúa na ordem do dia.

Dividida essa moção em duas partes, a segunda parte, a partir do segundo considerando, podia ser votada egualmente pela maioria e pela minoria, reunindo-se d'esse modo facilmente 148 votos que a approvassem. A partir d'esse momento, as opposições consideraram-se satisfeitas com a votação da antecipação feita pelo Congresso rigorosamente votada pelo Congresso a antecipação da revisão, pois que se houvesse quebra nas opiniões anteriormente sustentadas, quer da sua parte, quer da parte da maioria. Esta insistia na sua opinião de que a moção Alexandre Braga foi votada segundo os preceitos constitucionaes; as opposições regeitavam essa primeira parte da moção e approvavam a segunda, visto que tambem consideram indispensavel antecipar-se a revisão constitucional. Gra, com os votos unionistas e com mais um ou outro membro da maioria que

VINTE E CINCO ANNOS DEPOIS...

NO ANNIVERSARIO FUNEBRE DE LATINO

Quem acode ao desconforto e á penuria de seu nonagenario irmão Francisco Xavier?

Les morts vont vite... Se o municipio cintrense, prestando homenagem á memoria insigne de Latino Coelho, que preferiu para sua villegiatura durante successivos annos a encantadora villa onde exhalou o espirito gentilissimo, não fizesse coincidir a festa annual do concelho com a data do fallecimento d'esse portuguez illustre entre os illustres, provavel era, senão quasi certo, que tal anniversario passasse despercebido, ou se relembrasse no meio d'uma triste, gélida e confrangedora indifferença. Com effeito, excluida a modesta commemoração de Cintra, paga d'um merecido tributo a quem na sua prosa opulenta e vernacula lhe cantou as immortaes bellezas, não sei que outra suscitassem os vinte e cinco annos transcorridos depois que os fulgores d'aquella privilegiada intelligencia se extinguiram, por uma cálida madrugada, no modesto e desguarnecido rez-do-chão do largo de El Conde, que hoje tem o seu nome.

Na manhã de 29 de agosto de 1891, o *Seculo*, já então uma grande folha popular, e que contava Latino Coelho como o seu collaborador mais prestigioso pelo talento e pelas virtudes moraes e civicas, pela aura que lhe crearam as suas obras scientificas e litterarias e pelo apoio que com a sua penna de oiro e a sua palavra demosthenica trouxera ás novas ideias, transmittiu ao paiz inteiro a noticia da perda que este acabava de soffrer com a morte d'um homem que era, na exacta expressão do mesmo jornal, «uma das glorias de nossa terra». Baqueara, consoante o dizer do *Seculo*, o «venerando chefe do partido republicano»; cerrara para sempre os olhos, o «apostolo», o «mestre da democracia portugueza», dotado d'um «coração de espartano». Morrera, na verdade, alguem que em todas as provincias do saber fôra notavel. Polyglotta, polygrapho, encyclopedico; mathematico, naturalista, litterario, historiador, jornalista; orador academico e orador parlamentar, estylista e cultor da lingua, segundo os modelos classicos; tão brilhante na tribuna como na cathedra, tão seductor na palestra intima como dominador nas assembleias de sabios ou de politicos,—Latino Coelho, physicamente debil, franzino, neurasthenico, valetudinario, legou-nos, a despeito da pecha de indolencia que falsamente lhe attribuiram, alguns milhares de paginas cuja leitura constituirá sempre lição e delicia, desde os *Elogios academicos* e o monumental estudo que precede a *Oração da Corôa*, desde a *Historia politica e militar de Portugal no seculo XVIII*, até os artigos dominicaes do *Seculo*, o ultimo, redigido nas vesperas do adoecer, versando o que elle classificava de «decrepitude parlamentar» e em que faria a analyse da degradação vertiginosa das camaras, a partir de 1851, facto que considerou naturalissimo e filiado nos antecedentes historicos.

* * *

A occasião e o logar não são propicios para digressões inspiradas em obra de tão multiplas e luminosas faces como a de Latino, em que as galas do estylo sumptuoso pompeiam a par das refulgencias do saber omnimodo. Nem eu, que o contemplei no leito mortuario e que com os rapazes do meu tempo e da minha villa depuz sobre o seu esquife as flores symbolicas da nossa admiração e da nossa saudade por aquelle a quem, desde creanças, nos costumáramos a ver, a ouvir e a ler nas selectas das escolas quando ellas eram organisadas com criterio e com gosto,—nem eu outra coisa pretendo agora se não frizar o doloroso contraste entre os preitos de que cercaram o vulto egregio na hora do trespasse e do funeral e o frio esquecimento a que o votam um quarto de seculo volvido. Ha vinte e cinco annos, tarjavam-se de luto as gazetas que defendiam e apostolavam os principios republicanos que a revolução concretisou em factos; movimentava-se toda uma cidade para, compungidamente, abrir alas á passagem do feretro do concidadão glorioso; proferiam-se á beira da sua sepultura os adeuses sentidos de correligionarios, de amigos, de companheiros, de confrades. Hoje, implantada a Republica de que elle foi o arauto, o evangelisador, o coripheu, a sua memoria—exceptuada a homenagem de Cintra—não desperta interesse, a sua fructuosa actividade doutrinaria não se reconhece em algumas linhas de singela recordação, e, peor do que tudo isso, o seu melhor amigo, o seu irmão, o seu inseparavel, o seu confidente, o seu auxiliar, o seu enfermeiro, aquelle em que se extingue a familia de que foi, desde verdes annos, o chefe modelar,—vive rés-vés com a penuria, vergado ao peso de quasi um seculo!

Estive, ha trez dias, com Francisco Xavier Latino Coelho na sua humilde residencia da rua da Vinha, de onde a edade, a falta de vista, a miseria de ha muito não consentem que elle sáia. As devastações do tempo e as desventuras domesticas em nada alteraram a distincção da sua linha, a delicadeza das suas maneiras, a correcção da sua palavra em que não ha um queixume, uma recriminação, um desespero. Aguarda serena e resignadamente o instante libertador. Quando José Maria falleceu em Cintra, Francisco Xavier contava sessenta e sete annos e com ambos viviam suas irmãs D. Gertrudes Petronilla e D. Maria Emilia, todos celibatarios. As senhoras partiram, por sua vez, para a eterna viagem, e Francisco Xavier Latino Coelho encontrou-se, por assim dizer, só no mundo. Absolutamente só, não! Uma creada, que o fôra já de sua mãe, acompanhava-o e acompanha-o ainda, exemplo vivo e commovente de dedicação e de affecto. Desde os onze annos ao serviço dos Latinos, velha, quasi cega também, a ponto de não se abalançar a ir á rua sem grave risco e de se soccorrer do tacto para as mais simples voltas da casa, Marianna Marques consagra ao decidido ancião maternaes cuidados. São duas senectudes que se amparam e que mutuamente se suavisam as horas de tedio e de desgraça que os conturbam. Para servas do estofo singular de Marianna Marques tem a Academia Franceza premios pecuniarios e o elogio, sob a cupula, proferido por um immortal escutado com ternura e com desvanecimento pela França que apreciou o respeito á virtude. Para angustiosos transes como os de Francisco Xavier Latino Coelho não teve o parlamento portuguez, que seu irmão alumiou com os clarões de um verbo deslumbrante, a magnanimidade do voto d'uma pensão de trinta escudos mensaes!

A' medida que os annos decorreram e os meios escassearam, Francisco Xavier viu-se forçado a desfazer-se do recheio da casa herdada: moveis, porcelanas, bibelots, livros, roupas, tudo se foi sumindo e apenas ficaram os objectos indispensaveis e os que apenas possuiam algum valor estimativo. N'essa casinha de jantar e de visitas—onde estão ellas?!—em que falei com o pobre nonagenario, tremulo de frio em pleno agosto, dependuram-se tres pequenos retratos, lembranças de melhores dias: Latino, ainda moço; Rodrigo da Fonseca Magalhães, o estadista e o orador de quem elle teceu o primoroso elogio academico em 1859, e Borges Carneiro, heroe de 20, homem de leis, que tanto padeceu pela liberdade e a quem servia tambem um criado excepcional,—Manuel Luiz que pelo amo se expoz aos maiores perigos, devendo-se-lhe a salvação e a guarda dos seus manuscriptos. E mais nada. A meza em que o velho toma as frugaes refeições teria já seguido o destino dos outros moveis, se o piedoso desvelo de alguem o não impedisse. Como vive e de que vive, pois, este par de indigentes? De dois pequenos subsidios, um da Misericordia e outro da camara municipal de Lisboa. Paga a renda da casa, pouquissimo lhes resta para o seu passadio e ainda para remunerar alguns serviços que a sua idade e a sua impossibilidade physica lhes não permittem dispensar.

* * *

Em março de 1915, por intermedio da *Capital* e accudindo, de bom grado, ao appello de um amigo meu, o sr. Antunes Vianna, acontecu que praticaria uma acção generosa quem adquirisse um exemplar da terceira edição da *Oração da Corôa*, preferindo comprar os exemplares que a Academia das Sciencias remettera a Francisco Xavier Latino Coelho, como herdeiro do traductor de Demosthenes. Houve quem vendel-os por metade do preço porque, de contrario, nunca o beneficiado tiraria qualquer proveito d'esse offerecimento!

Dilatar-se-ha ainda por alguns annos a provecta existencia d'este infeliz ancião? Pode ser que assim succeda, mas o que não deve manter-se, sem vergonha e opprobrio para muita gente, é o abandono a que o relegou quem tinha obrigação de o collocar, por honra do appellido que usa, ao abrigo da miseria em que jaz. Onde estão os amigos, os correligionarios, os discipulos de Latino Coelho? Para que serve, ao menos, essa entidade que a Republica instituiu e que tem o nome de Assistencia? Eis duas perguntas que a commemoração do dia de hoje me suggere e que para dignidade de todos convinha que não ficassem sem resposta.

AVELINO DE ALMEIDA

estivesse presente á sessão facilmente se reuniriam 148 votos.

E não haveria necessidade de grandes discursos nem de novas apostrophes indignadas e violentas.

Depositarios-administradores de bens inimigos

Foram nomeados os seguintes:

Ayres Augusto Machado de Azevedo, em Santo Thyrso, de Viejor Schalck, de Lisboa.

Manuel Alves Rodrigues, de Carlos Augusto Mayer, de Torres Novas.

Antonio Rodrigues Pinto, no Cartaxo, de Kurt Margenstern, de Lisboa.

João Ferreira da Silva, de Alcobaça, de Julio Biel, do Porto.

Francisco Freire Simões, de Odemira, de Wilhelm Walcenigg & Hummer, de Lisboa.

Francisco Faria Tenorio, de Villa Real de Santo Antonio, de Johannes Stibl, de Albufeira.

Francisco Gomes Sanches, de Villa Real de Santo Antonio, de Mascarenhas Judice, Limitada, de Villa Nova de Portimão.

Manuel Luiz Figueiredo, do Barreiro, da casa O. Herold & C.ª

Luciano Mont'Alverne de Sequeira, de Lisboa, de Carlos Julio Steglich, da Amora, do concelho do Seixal.

João Silva, do Barreiro, de Frits Dolger, do Barreiro.

Antonio Mauricio da Silva, de Arrentela, de Ruy de Albuquerque de Orey, de Arrentela, concelho do Seixal.

Damião Valdez Mendes, da Amora, de Georg Kunb e Heinrich Krauss, da Amora, concelho do Seixal, e tambem de Augusto Bunding.

Adriano Vilhena Pereira da Cruz (Dr.), de Setubal, de J. Wimmer & C.ª, de Lisboa, de Marcus & Harding, tambem de Lisboa, e Emilio Edelhein & C.ª, do Porto.

Antonio Lopes Ribeiro, de Guardão, de John Zaplatal, de Paredes de Guardão, concelho de Tondella.

Antonio José Correia, de Lisboa, de Hermann Adolph Satler, de Lisboa.

Antonio Nunes Quinta, de Lisboa, de Martin Weinstein & C.ª e dos socios.

Arthur Nascimento Carvalho, do Porto, de Chr. Brucher & Commandito, do Porto.

Frederico Sequeira Lopes, de Lisboa, da sociedade Reis, Fernandes & Baptista, de Lisboa.

Caetano Augusto Rego, de Lisboa, da Companhia Portugueza de Electricidade, Siemens-Schuckert Werke, Limitada, de Lisboa.

Manuel de Moura, do Porto, em substituição de José Anthero de Sá, dos bens de Camilla Malbeiro Katzenstein, do Porto.

Manuel Lopes, de Thomar, de Julio Robert Herman Schultz, de Thomar.

José Crespiano Alves Casquilho, de Thomar, de Dias & Costa, Successores, de Lisboa.

Em Minas Geraes

BELLO - HORIZONTE (Minas Geraes), 9.—A Camara concedeu os creditos necessarios para a construcção de uma grande ponte em Patrocinio para a ligação das estradas de rodagem.—(*Americana*).

O Brazil e o Uruguay

PORTO ALEGRE (Rio Grande do Sul), 29.—Como homenagem á Republica Oriental do Uruguay, o municipio de Porto Alegre decidiu dar o nome de Montevideo á grande praça, em frente do palacio da Intendencia, passando tambem a rua do Commercio a intitular-se rua do Uruguay.—(*Americana*).

Um pintor brazileiro

RIO DE JANEIRO, 9.—O pintor Dias Junior, premiado com a viagem da Europa, escolheu a cidade de Paris para sede dos seus estudos.—(*Americana*).

Conselho de ministros

O conselho de ministros que fôra convocado para reunir hoje pelas 14 horas, foi transferido para amanhã ás 17, no Paço de Belem, sob a presidencia do sr. presidente do conselho.

Supremo Conselho de Defeza Nacional

Reune amanhã o Supremo Conselho de Defeza Nacional, sob a presidencia do chefe do governo.

A GRANDE GUERRA

Uma vista de olhos sobre a Romania

Quasi uma vez e meia maior que Portugal em superficie, pois possue uma area exacta de 131.353 kilometros quadrados, a Romania não tem hoje menos de 6.600.000 habitantes, que tanto attingiu o censo de 1906. A densidade da população é pois de 51 habitantes por kilometro quadrado. Ha 78 por cento de analphabetos.

Cinco sextas partes da população é composta de rumenos ou valaquios, que são os descendentes dos antigos dacios e thracios romanisados por Trajano e mais tarde intimamente misturados com os slavos. As affinidades são pois todas russas e latinas, seguem a egreja orthodoxa, e além d'esses ha 270.000 judeus, que são considerados estrangeiros e muitos ciganos, bulgaros, magyares, russos, gregos, allemães, etc.

A situação economica da Romania é florescente porque o solo é maravilhosamente rico. Mas o paiz é quasi exclusivamente explorado por estrangeiros, que dominam os negocios, o commercio e a industria. Grande parte do trabalho agricola é feito por bulgaros emigrados. Na Dubrudja, região littoral que a Bulgaria considera irredenta, existem dez colonias allemãs que vivem especialmente da agricultura.

Paiz florestal por excellencia, a Romania possue nada menos de 2.282:000 hectares cobertos de pinheiros, faias, carvalhos, freixos e ulmeiros. A terra productiva attinge 68 por cento da superficie total; 29 por cento d'esses terrenos são utilisados em culturas, 21 por cento em pastagens, 17 por cento occupados por florestas. Existem em todo o reino 1.058:000 proprietarios com bens de raiz, mas, d'este numero, 4.500 possuem por si só 3.800:000 hectares ou seja 48 por cento do total.

A cultura dos cereaes é a predominante, por ser a mais facil e a mão de obra barata.

O milho é consumido na maior parte pelos camponezes, que d'elle fazem uma massa chamada *mamaliga*. Na Dobrudja é geral o uso do pão. Ha 87:000 hectares de terreno que produzem 1.500:000 hectolitros de vinho. Em 1900 existiam 2.590:000 cabeças de gado vaccum, 864:000 cavallos, 5.655:000 carneiros, 1.710:000 porcos e 230:000 cabras.

A exportação de gallinaceos e ovos é enorme.

A pesca, regulamentada e protegida desde 1895, é para a Romania um grande factor de riqueza. Tem-se realisado n'este assumpto grandes progressos, sobretudo em Vilkovo, no braço norte do Delta do Danubio. O principal centro piscatorio é a bocca de Kilia, inaccessivel á grande navegação, mas abundantissimo em carpas e esturjões, de cujas ovas se fabrica o precioso *caviar*. Mas ha outros centros importantes. Em S. Jorge pescam-se por anno, termo medio, 475:000 kilos de esturjões e 225:000 de outros peixes. Vilkovo tem annos de produzir mais de um milhão de kilos de pescado, que era na sua quasi totalidade exportado para a Austria.

Existe, em muitas regiões do paiz, a hulha, sendo Lainitchi o principal centro carbonifero. Além d'isso ha minas de mercurio, chumbo, ferro, ouro, pedreiras e argilla plastica. Nas vertentes meridionaes dos Carpathos existem numerosas fontes de petroleo. São muito abundantes as minas de sal gemma, exploradas pelo Estado. A producção de petroleo foi de 887:000 toneladas em 1907 e a da hulha de 141:000 toneladas no anno anterior. A producção de sal é de 180 mil toneladas.

Apezar de a industria não ter ainda attingido pleno desenvolvimento, a população operaria attinge 100:000 trabalhadores. A Romania dispõe de 3:500 kilometros de linhas ferreas. Mas o Danubio é a via de communicação por excellencia.

Quanto ao commercio, que em 1905 se cifrava em 800 milhões de francos era quasi todo feito com a Austria, Allemanha, Inglaterra e Belgica.

Com a declaração de guerra, os imperios centraes ficam privados de grandes quantidades de madeira, petroleo e cereaes que até ha pouco importavam da Romania.

A lucta italo-austriaca

ROMA, 28—Communicação official.—Na linha do Trentino o adversario pronunciou pequenos ataques contra as nossas posições, assim como no pequeno vale de Fargerida (Adamello) nas vertentes do monte Zelle (planalto de Asiago) na zona de Fassa (Avisio) e no vale de Viodento (Alto Piavel).

O ataque ao monte Zebio foi precedido pelo lançamento de gazes asphixiantes, completamente inefficazes, graças ao emprego, em devido tempo, de mascaras protectoras.

O inimigo foi em toda a parte repellido com perdas sensiveis e deixou em nosso poder algumas dezenas de prisioneiros. No alto Bot actividade intensa dos canhões de grande calibre inimigos. Na zona de Gorizia e no Carso fogo lento mas persistente das artilharias adversas contra o centro e os arredores da cidade, as pontes do Isonzo e a linha do Vallone.

As nossas artilharias responderam energicamente e estorvaram as obras de reforço do inimigo.—(*Havas*).

A lucta na frente occidental e no oriente

PARIS, 28.—Communicação official das 23 horas:

Na linha do Somme a actividade da artilharia foi bastante viva na região d'Estrées, Belloy-en-Santerre e Lihons. Na margem direita do Meuse os allemães dirigiram um ataque sobre as nossas posições a leste de Fleury, não obtendo nenhum resultado. A artilharia allemã foi violentamente contrabatida pela nossa quando bombardeavam as nossas posições dos bosques de Vaux-Chapitre. Nos demais pontos da linha houve socego.

Exercito do Oriente:—De Struma até á região de Lumnica houve reciproco bombardeamento. A este de Cerna os servios realisaram verdadeiros progressos na cota Veternik. Na estrada de Banica a Ostrovo foram repellidos tres ataques dados pelos bulgaros contra as posições servias, soffrendo o inimigo importes perdas. Ao contrario das affirmações do communicado bulgaro do dia 26 as tropas servias realisaram na região de Kukuruz um importante avanço tendo derrotado o inimigo por varias vezes.

PARIS, 29.—Um communicado supplementar hebdomadario dá a recapitulação da situação na linha franceza de 21 a 27 do corrente e termina assim:

Em resumo: as acções que projectamos estão sendo levadas a cabo apezar da resistencia ou reacção do inimigo. Tanto no Somme como em Verdun, somos nós que estamos na offensiva e dominamos o adversario. Não ha já um unico ponto do theatro geral da guerra em que o inimigo não esteja actualmente reduzido á defensiva.—(Havas).

A recepção brazileira aos deputados belgas

RIO DE JANEIRO, 29.—A Liga Brazileira a favor dos Alliados nomeou, hontem, a commissão que representará esta collectividade nas festas da recepção dos parlamentares belgas. Estão preparadas outras manifestações. A recepção na legação da Belgica deve revestir uma grande imponencia.—Americana).

O Tribunal de Presas

O Tribunal de presas já apreciou a apprehensão de tres dos navios primitivamente requisitados pelo Estado, considerando-os boas presas.

Ainda esta semana devem ser entregues á commissão ingleza alguns dos navios que o Estado cedeu por aluguel á nação alliada.

Vapores apprehendidos

A' firma Octavio B. Ferreira da Cunha foi concedida prorogação, por trinta dias, do prazo estabelecido no artigo 32.º do decreto 2.350, de 20 d'abril, para levantamento de carga do vapor «Porto Santo» (ex-«Guahiba»).

Alferes interprete

Vae ser nomeado alferes interprete do nosso exercito o sr. Henri Navel, jardineiro chefe da Escola Polytechica, que já serviu no exercito francez no começo da guerra.

Em opusculo editado pela Associação de Propaganda Feminista e revertendo o producto a favor da Cruzada das Mulheres Portuguezas, foi publicada a conferencia que a sr.ª D. Beatriz Pinheiro realisou no lyceu de Maria Pia no dia 8 de junho findo sob o titulo «A mulher portugueza e a guerra europeia».

Do que é e do que foi essa bella conferencia disse-se já em occasião opportuna. Foi não só uma peça litteraria magnifica, mas um caloroso brado e não menos calorosa defeza da entrada de Portugal na guerra.

No porto franco de Lisboa

O tratamento do cacau e do café

Dissemos no nosso numero de sabbado que se havia fundado uma sociedade composta dos srs. Eduardo de Guedes, Adriano Telles, Manuel dos Santos Consciencia e A. Telles & C.ª, do Porto; Manuel Taboada, de Macahé, A. de Oliveira, de Sul de Minas, Innocencio Qalrão, de Vizeu, Mario Telles, do Rio de Janeiro, Telles & C.ª, do Porto, Antonio Abranches, do Rio de Janeiro, Antonio J. M. Cabral, do Pará, Teixeira Rocha & C.ª, de Lisboa, M. Saldanha & C.ª, idem, e Dr. Julio C. Q. Guimarães, de Minas Geraes, para o estabelecimento d'uma carreira de navegação para o Brazil.

Não foi para tal fim que se organisou essa sociedade, pois ella propõe-se apenas o tratamento do cacau e do café nos armazens do porto franco de Lisboa, beneficiando assim esses productos e promovendo a sua maior exportação.

SPORT

Ler amanhã n'«A Capital»:

na secção de «sports» e educação physica, que volta a ter a normalidade e regularidade antigas, um artigo da serie sobre assumptos de actualidade como

Preparação da Mocidade e Gymnasticas

nas quaes se analysarão os differentes methodos de educação physica, criticando os utilisados em Portugal e noticiando a campanha que os francezes estão travando contra o projecto Cheron-Berenger.

Esses artigos serão intercalados n'outros, que a opportunidade indicar que mereçam publicação.

Tambem amanhã publicaremos varias noticias sobre trabalhos na Amadora, Trafaria, do Sport Benefica, da festa do Porto e sobre a realisação de grandes «records».

O submarino allemão contra a "Ibo,,

O ataque do submarino allemão contra a canhoneira «Ibo» serviu para se demonstrar mais uma vez a coragem e a serenidade dos nossos marinheiros, que todos os dias correm tremendos riscos no seu papel de defensores da Patria.

Emquanto a população de Lisboa se entrega aos seus affazeres ou dorme tranquillamente, os marinheiros, sem um momento de repouso, ora em vigilancia no alto mar, ora em defeza da costa, pensam exclusivamente em livrar-nos de surprezas terriveis do inimigo.

Tambem o sr. J. A. Candeias, da rua da Palma, 290, 290 B, tem uma unica e constante preoccupação: é a de vender o mais barato possivel e o mais barato que se encontra em toda a cidade de Lisboa.

A arte de roubar

Queixou-se Antonio Madeira, morador no Ribeiro de Alcantara, «villa» Franca, fabrica de cortumes, de que na estação dos caminhos de ferro de Queluz lhe furtaram um cordão de ouro com uma libra servindo de medalha e um relogio de aço, tudo no valor de 55 escudos.

—Foi preso Manuel da Silva, morador na travessa dos Pescadores, 29, 2.º, a pedido de Eugenio Fernandes Valles, morador na rua da Atalaya, 142, loja, que o accusa de lhe ter furtado a quantia de 50 escudos.

—Tambem se queixou Manuel Affonso Lopes, morador no Dafundo, de que vivendo em companhia de Isaura de Sousa, cuja residencia ignora, ella se ausentou de sua casa levando-lhe objectos de ouro, roupas e uma cama e ainda a quantia de 40 escudos.

—Valentina Loureiro, moradora na rua Antonio Pedro, 62, 1.º, queixou-se de que os gatunos entraram na sua residencia por meio de arrombamento e furtaram objectos de ouro e prata no valor de 91$50.

—Foi preso Antonio Maria, morador na rua do Valle Formoso de Cima, 76, a pedido de José Duarte Pereira, morador na mesma rua, 77, loja, que o accusa de lhe ter furtado a quantia de 10 escudos que tinha n'uma mala no seu quarto, onde entrou por meio de arrombamento.

—Para juizo foram enviados Annibal Christiano da Silva Franco, de 15 annos, morador na rua dos Alamos, 15, 2.º, e Casimiro Rodrigues, de 14 annos, da rua João do Outeiro, 74, 1.º, accusados de na avenida da Liberdade terem assaltado Olinda Ribeiro, residente na mesma avenida, 174, 1.º, tendo-lhe deitado a mão ao pescoço para a roubar o que não conseguiram por ter apparecido o guarda n.º 1044, que os prendeu.

—Francisco José Miranda, empregado na exploração do Porto de Lisboa, morador no Bairro Ermida, rua B, lettras B, B, queixou-se de que tendo vivido durante 6 annos na companhia de Maria da Conceição, ella desappareceu de casa levando toda a mobilia no valor de 500 escudos e bem assim a quantia de 1.300 escudos em dinheiro.

Foi encarregado de descobrir a gatuna o agente Joaquim de Figueiredo.

—Tambem se queixou Joaquim Alves Garcia, com mercearia na rua do Seculo, 23, A, de que o seu empregado Antonio, ao abrir hoje a porta do estabelecimento, notou que os gatunos lhe tinham ali entrado e furtado tabaco, chá, outros generos e um relogio de ouro, tudo no valor approximado de 100 escudos.

—Para juizo devem seguir amanhã as gatunas de forasteiros Rachel da Conceição e Virginia Augusta, a «Traiheira», e o amante d'esta, José Antonio dos Reis, accusados de terem praticado um roubo no valor de 400 escudos a um individuo de Castello Branco, fallando por conter a vigarista Alvaro Sebastião, o «Ravachol». Este devia hoje responder no Tribunal da Boa-Hora onde não compareceu, motivo porque foram passados contra elle mandados de captura.

UM NUMERO INTERESSANTE

ROSINE E O SEU CARLITOS

Ha alguns annos, uns quatro approximadamente, appareceu no Colyseu dos Recreios um numero de acrobacia, que causou interesse. Duas gentis raparigas, bem constituidas, insinuantes, executavam na escada vertical exercicios difficeis, exercicios esses que tinham tornado celebres os artistas portuguezes «Os Bombeiros» que foram os creadores d'esse difficil exercicio e que ainda hoje, para se apresentarem, se fazem pagar caros.

Essas duas gentis acrobatas eram nem mais nem menos que a Rosine, que actualmente se exhibe no Salão Foz e uma sua irmã.

Esta mudança de trabalho pois que Rosine apresenta agora um numero completamente novo levou-nos a procurar a engraçada artista.

O entrar nos bastidores do Salão Foz é coisa difficil; ali a ordem é rigorosa e portanto foi preciso servir-nos da amisade antiga de um dos socios para podermos penetrar a pequenina porta que dá ingresso ao palco do interessante Salão.

Foi ainda servindo-nos d'essa amisade que conseguimos ser apresentados a Rosine.

Figura insinuante, manejando com a mesma facilidade o idioma de Cervantes, como o idioma de Voltaire, é espirituosa e fina de trato. Dissemos-lhe ao que iamos e Rosine promptificou-se a dizer-nos o que queriamos saber.

—Desde os oito annos—começou a interessante bailarina—que trabalho em publico; comecei como acrobata, tendo trabalhado em quasi todos os melhores circos do mundo. Meu pae era artista e eu continuei a sua vida. Agradou-me sempre o viajar; é um prazer desconhecido para os senhores jornalistas o receber dos varios publicos, os applausos ao nosso trabalho.

—Mas creio que o seu numero não era este; nós já a viramos aqui em Lisboa com um outro numero.

O rosto cheio de alegria da gentil bailarina, anuviou-se immediatamente e os seus olhos onde as suas 22 primaveras resplandecem cheios de vida, toldaram-se vendo-se brilhar duas lagrimas que correram lestas pelas suas faces purpurinas e Rosine disse-nos:

—Effectivamente, quando vim ao Colyseu trabalhava na escada vertical com minha irmã Ivone, que a morte nos arrebatou.

Comprehendemos a imprudencia commettida e quizemos mudar de assumpto immediatamente e assim é que perguntámos á interessante bailarina, se lhe agradava o publico portuguez.

—Muito, é gentil e correcto e em todas as vezes que tenho vindo a Portugal tenho levado sempre gratas recordações.

—E o seu numero actual ha quanto tempo o faz?

—Ha uns dois annos approximadamente e com todos os lados onde me tenho apresentado tenho sempre recebido os maiores applausos; Carlitos, no seu genero é um bello elemento.

—Conta demorar-se no Salão Foz muito tempo?

—Ha isso não sei; a empreza e o publico é que o dirão, isto já se sabe até á occasião dos novos contractos que tenho firmados.

Uma campainha fez ouvir o seu som estridente e Rosine com um lindo sorriso despediu-se dizendo-nos:

—A segunda sessão vae começar e eu tenho que me arranjar; uma artista para apparecer ante milhares de olhos tem que se arranjar.

OS BASTIDORES DA GUERRA

Que pedirão ámanhã os nossos soldados que se vão bater?

A correspondencia com «madrinhas» carinhosas e alegres

Lisboa apresenta um aspecto fóra do vulgar: uma linha de garbo, uma compostura marcial que evidentemente faz pensar-nos nossos proximos triunfos bellicos. A mocidade das escolas—essa mocidade que conhecemos fazendo florir a vida em um eterno sorriso—tornava-se de um dia para o outro grave e profunda, dentro d'aquelles uniformes de cotim agaloados que lhes indicam novos deveres e novos direitos...

A gentilissima alfacinha que os vê assim passar nas ruas da Baixa—sustendo na mão elegantemente enluvada a espada reluzente—examina-os primeiro com curiosidade e alvoroço, e depois, estremece ao lembrar-se das horas de incerteza e do perigo que lhe de ser vencidas pela sua bravura e pelo seu heroismo... E nunca, como agora, essa multidão de rapazes foi tão bella e tão sympathica aos olhos das mulheres portuguezas, cujas tradições de coragem e de affectividade a Historia escreve em algumas das suas paginas mais empolgantes.

Os nossos «poilus» partirão ámanhã para a guerra n'essa convicção e deverão voltar com gloria para que mãos patricias desfolhem sobre as suas cabeças bem levantadas as flôres que são symbolos da sua admiração e da sua ternura.

Como sucede na França, na Inglaterra, entre todos os povos que se estão batendo, em todos os paizes que estão soffrendo a calamidade da guerra, as mulheres da nossa terra, essas flores gentis de bondade e de sentimento, estão destinadas a guiar espiritualmente os destinos dos nossos soldados, esses defensores da villissação e da liberdade contra o aniquilamento e o barbarismo teutonico.

Leitora: quando passeardes a vossa silhueta elegante pelas ruas da Baixa, não deixeis nunca de olhar, de envolver n'um sorriso carinhoso, esses belos e bravos rapazes que trocaram os habitos das escolas ou as suas variadas profissões, pelo dever de terem de empunhar aquella espada... Esse olhar, esse sorriso, esse estremecimento de carinho serão na atmosphera infernal do campo de batalha uma recordação cheia de doçura e de estimulo.

Depois, não deixeis tambem de serdes nossas madrinhas. Sabeis o que é ser madrinha dos soldados que se batem pela integridade sagrada do solo da Patria? Eu volo digo... ou, antes, um d'estes jornaes francezes que publicam sobre a minha secretaria de trabalho, o vae dizer. Tem uma pagina, só duas paginas quasi, cobertas de annuncios repletos e incisivos. Eis um:

«Gentil «poilu», com 34 annos, muito correcto, desejaria corresponder-se com gentil madrinha, affectuosa. Escrever para André, posta restante, Meudon».

Outro diz assim:

«Espirito! Alegria! Ah, sim? No theatro! Gentis artistas, qual de vós escutará M. Chenu? Escadrille C. 17, por Toul».

E outros, ainda outros, outro ainda que pede n'estes termos termos:

«Dois sargentos tenentes desejam corresponder-se com madrinhas parisienses alegres e interessantes. Escrever: E. Tronquille 6.º grupo, 105 de artilharia».

E' isto que nos pedirão ámanhã tambem os nossos soldados que se vão incorporar na guerra.

A continuação dos nossos olhares e dos nossos sorrisos atravez uma carta carinhosa e alegre. E não sereis vós decerto que nos negareis a fazer-lh'o!

PEQUENAS NOTICIAS

Na Morgue foi hoje reconhecida a identidade do homem cujo cadaver foi encontrado á tona d'agua em frente do Caes do Sodré. Chamava-se Abilio Soares Albino.

—Na morgue foi hoje autopsiado Antonio José d'Almeida, que ha dias falleceu subitamente quando passava pela rua do Arco do Marquez de Alegrete.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Historia universal»

Sahiu o tomo n.º 65 d'esta obra de Guilherme Oncken, traduzida por um grupo de professores, sob a direcção do sr. Oliveira Ramos. Edição magnificamente illustrada, representa um commettimento audacioso da livraria Aillaud, antiga casa Bertrand.

«Em tempo de guerra»

O nosso antigo e distincto collega de imprensa Alberto Bessa entendeu—e muito bem—que o momento era opportuno para fazer vibrar a nota patriotica—e por isso colligiu uma serie de contos, episodios e narrativas da vida militar, de diversos auctores, a que pôz o titulo de «Em tempo de guerra». Compilação cuidada, o pequeno volume é deveras interessante, fazendo-nos bem a sua leitura.

ULTIMAS NOTICIAS

A missão anglo-franceza

A sua chegada a Lisboa

Chega effectivamente ámanhã a Lisboa, pelo *rapido* de Madrid, a missão militar anglo-franceza, que será esperada pelo governo, auctoridades civis e militares, etc.

Os membros da missão, que são o tenente coronel Paris, commandante Grandin de l'Espervier e alferes Giraudoux, francezes, e major general Barnardiston, tenente Gough Carlthron e alferes J. A. Robinson, inglezes, hospedar-se-hão no Avenida Palace, onde o governo lhes mandou reservar aposentos.

As festas de Cintra

A sessão solemne—O cortejo—Os premios da exposição

(Pelo telephone)

CINTRA, 29.—A villa está animadissima, contando-se por milhares os forasteiros.

O sr. presidente da Republica chegou pelas 14 horas e meia, sendo recebido por muito povo que o saudou respeitosamente.

No edificio dos paços do concelho aguardavam o chefe do Estado os membros da vereação, auctoridades e muitas pessoas de representação, realisando-se, findos os cumprimentos, a sessão solemne que decorreu brilhantemente.

O sr. dr. Virgilio Horta agradeceu a presença do sr. dr. Bernardino Machado, a quem saudou em nome do povo de Cintra.

Assumiu a presidencia o chefe do Estado, achando-se presentes os srs. ministro da justiça, governador civil e alguns deputados.

Dada a palavra ao sr. Agostinho Fortes, este distincto professor da faculdade de letras, depois de justificar o facto de Cintra escolher Latino Coelho para seu patrono, fez o caloroso panegyrico do grande escriptor e grande vulto republicano. Foi enthusiasticamente applaudido.

N'este momento começa o desfile do cortejo que sabe da avenida Alda em direcção ao largo Latino Coelho onde será decorada com flores a lapide commemorativa ali existente.

No cortejo, que o sr. presidente da Republica está presenciando das janellas, tomam parte seis lindos carros allegoricos, e varias bandas de musica.

O jury da exposição está procedendo á classificação dos expositores da secção de pomologia, tendo já feito as seguintes classificações:

Floricultura:—Fóra do concurso, por serem estabelecimentos do Estado: parque da Pena e Escola Agricola de Queluz. Foram concedidos diplomas «de honra», da parque da Pena pela sua collecção de plantas ornamentaes, á Escola de Queluz pelas suas dhalias cortadas.

Os outros premios foram assim distribuidos: 1.º, medalha de prata, D. Amelia de Carvalho; 2.º, medalha de «vermeil», D. Elisa Julia de Castro Ferreira; 3.º, objecto d'arte, Adriano Coelho, da quinta das Tilias; 4.º, objecto d'arte, Antonio da Cunha; 5.º, Quinta do Relogio.

A todos os restantes expositores foram concedidos diplomas de honra.

Viticultura:—O jury, tendo reconhecido que os vinhos apresentados eram todos excellentes, resolveu conferir os premios adoptando o criterio de os classificar por antiguidade na producção e assim conferiu os premios:

1.º, medalha de prata, Mazziotti, Successores (Dr. Carlos França); 2.º, medalha de «vermeil», Francisco Costa, Successores; 3.º, objecto d'arte, Viuva Gomes; 4.º, objecto d'arte, Henrique Tavares, Herdeiros; 5.º, Quinta do Vinagre.

Aos restantes expositores foram concedidos diplomas de honra.

A apresentação obrigatoria da caderneta militar

Um alvitre para se evitarem incommodos e vexames

«Sr. director de «A' Capital»:—Foram publicados uns avisos, segundo os quaes todos os cidadãos que não tenham qualquer documento comprovativo de terem cumprido as leis do recrutamento militar devem, até ao dia 31 do corrente, obter esses documentos e obrigando «todos», desde 1 de setembro em deante, a andar «sempre» munidos com elles, sob a ameaça d'uma pena pesada para os que assim não procedam.

Está muito bem a primeira parte, porque, estando o paiz em estado de guerra, necessario é que se saiba ao certo com o que se pode contar em homens. A segunda parte é, necessariamente, o tecido creado para fiscalisação do cumprimento da primeira, mas é preciso concordar em que d'ahi advirão incommodos e vexames que muito bem se poderiam evitar.

Todos os cidadãos que teem a sua caderneta militar em ordem não precisam de outro documento comprovativo de terem cumprido as leis do recrutamento. Mas hoje de esses cidadãos, que são a maioria, ser obrigados a andar sempre munidos com ellas? Essas cadernetas, principalmente as grandes, não são coisa que se possa metter no fundo d'uma algibeira para, opportunamente, se mostrar a qualquer auctoridade que por ellas pergunte.

Segundo a letra d'esses avisos, de sexta-feira por deante, não ha cidadão que, por mal dos seus pecados, tenha sido contemplado com uma d'essas incommodas cadernetas, que possa ir sem ella para a sua repartição, para o escriptorio, para a fabrica, para a officina, para os trabalhos agricolas, para o café, para o theatro, para o animatographo, para qualquer parte, emfim. E, como não a pode metter no bolso, tem que a levar na mão, embrulhada em papel, sujeitando-se a perdel-a, a estragal-a com o uso diario, a não ser que a use a tiracolo n'um canudo de lata.

E' necessario que se pense em remediar estes inconvenientes, que podem apenas servir para crear mais vontades. Todos os portuguezes, estou certo, se encontram em excellentes disposições de bem servir a sua patria e de honrar a sua historia. Dê-se-lhes, ao menos, a compensação de não serem incommodados inutilmente.

De resto, a maneira pratica de tudo se harmonisar é tudo o que ha de mais facil realisação. Basta que se crie um bilhete de identidade, com o retrato do portador, para todos os cidadãos que provem ter cumprido as leis do recrutamento militar e que esse bilhete, para os effeitos de fiscalisação, substitua para todos os effeitos qualquer outro documento. Feito isto, estabeleça-se um praso para que todos os que prefiram esse documento, embora pago, a andar munidos das incommodas cadernetas, o requisitem ás auctoridades competentes e, findo esse praso, proceda-se então, rigorosamente, contra os que forem encontrados sem o bilhete de identidade ou sem qualquer outro documento comprovativo de ter cumprido as leis do recrutamento militar. Assim entende-se.

Pela publicação do presente se confessa muito grato o que é—Velho leitor assiduo—Francisco d'Almeida.

A questão das subsistencias

No matadouro municipal foram hoje abatidas para abastecimento dos talhos municipaes e particulares 60 rezes bovinas adultas, pesando em limpo 13.503 kilos, 25 rezes bovinas adolescentes com o de 1.587 e 387 carneiros. Nas abegoarias do matadouro e no mercado geral de gados ficaram grande quantidade de cabeças para serem abatidas nas matanças seguintes.

Uma numerosa commissão de merceeiros esteve esta tarde no ministerio do trabalho a fim de pedir providencias para a grande crise da falta de assucar. Essa mesma commissão esteve mais tarde no governo civil percorrendo depois as redacções dos jornaes. Com os merceeiros andaram muitas pessoas.

Movimento associativo

Cantina Escolar d'Alcantara—Reune depois d'ámanhã, pelas 21 horas, a assembléa geral d'esta importante instituição de beneficencia infantil, para apreciar o relatorio e contas da gerencia de 1815-16 e respectivo parecer do conselho fiscal.

O conselho de administração está tratando de dotar a cantina com magnificas installações para o fim benemerito a que se destina.

Associação do Registo Civil—Por ser a ultima quarta-feira do mez, reunem ámanhã em sessão geral, em sessão conjuncta, ás 21 horas, na séde associativa, largo do Intendente, 45, 1.º, para tomarem conhecimento do que fez cada um e elles no corrente mez e do que projecta para o proximo setembro.

Jardim Zoologico

O Jardim pode orgulhar-se de ter na sua collecção o curioso e raro hippopotamo, pois em Madrid e Barcelona jámais houve esse exemplar e sendo só os melhores que possuem essa especie zoologica, já hoje rara e bastante difficil de apanhar.

Os numerosos forasteiros hespanhoes que chegam a Lisboa de passagem para as praias, teem ido ao Parque das Laranjeiras vêr o curioso animal.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

As fivelas grandes

Em curto Josesinho rebuçado
Louro paralta a rua passeava;
Seus volos pelo adufa lhe accoitava
Com brando riso um rosto delicado:

O pae da moça, que era ginja honrado,
E o caso havia dias espreitava,
De membrudo cajeiro se cercava
Com bengala na mão, chambre traçado.

Fugira o moço, qual ligeira péla,
Se as fivelas da marca agigantada
Deixassem navegar a nau á vela;

Mas viu uma entre esquinas entalada;
E se ninguem comprou maior fivela,
Tambem ninguem levou maior massada.

Nicolau Tolentino.

DIPLOMATAS

E' esperado brevemente de passagem em Lisboa, para o Rio de Janeiro, com sua esposa e filhos, o sr. dr. Oscar de Teffé, antigo ministro do Brazil em Portugal.

—Partiu hontem para o Rio de Janeiro, madame Regina Régis de Oliveira, filha do fallecido embaixador do Brazil, sr. dr. Régis de Oliveira.

CASAMENTOS

Realisou-se na parochial egreja de S. Sebastião da Pedreira o casamento da sr.ª D. Maria Isabel Machado, filha do sr. Francisco Machado, com o sr. Casimiro de Azevedo.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Irene Martins e D. Luiza Pereira e de padrinhos os srs. Henrique Antonio Martins e Francisco Machado.

Finda a ceremonia religiosa foi offerecido, pelo pae da noiva, em casa da sr.ª D. Eliza Vargas Pereira, um finissimo «lunch». Os noivos partiram para a sua casa no Cacem onde foram passar a lua de mel.

—Pelo sr. Cruz Braz, foi pedida em casamento, para seu irmão o sr. Antonio Damião Braz, a sr.ª D. Hebe Neves Castro, gentil filha do sr. José Maria Neves Castro.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as senhoras:

D. Maria Emilia Alão de Moraes de Albuquerque, D. Maria do Carmo Correia de Magalhães e Menezes Villoboas Villar, D. Emilia Henriqueta Bandeira de Castro e Sousa Ferreira, D. Maria Luiza da Motta Cardoso de Sousa e D. Maria Constancia de Magalhães, D. Maria Ernestina Freire de Andrade e D. Amelia de Faria Leitão e os srs. D. Pedro de Lencastre (Louzã), Libanio Antonio Netto Affonso, Antonio Filippe Pereira da Silva e Menezes (Bentandes) e Antonio A. de Sousa Pinto.

PARTIDAS E CHEGADAS

Regressou a Lisboa o sr. dr. José Maria d'Alpoim.

—O sr. Pedro da Silva e sua esposa partiram para Royat.

—O sr. Antonio de Lyra obteve licença de 50 dias para ir a França.

—Regressaram hontem das Caldas da Rainha e seguem por estes dias para o Monte Estoril a sr.ª D. Constança Pacini da Camara e sua familia.

—Partiu para Caldellas o sr. Jorge Graça. Sua esposa e filhos já se encontram na sua casa da Foz do Arelho.

—Com seus netos partiu para a Figueira da Foz a sr.ª marqueza de Belas.

—Está em Cascaes, hospeda de seus tios, os srs. viscondes de Mairos, a senhorita Lolitta Brull.

—Encontra-se em Cascaes com sua esposa a sr.ª D. Maria Isabel de Sousa Rego Campos Henriques e sua filha Maria Thereza o sr. Arthur Meyrelles de Campos Henriques.

—Regressou da Figueira da Foz o sr. conde de Monsaraz.

—Partiram de Lisboa no sabbado, á tarde, depois de alguns dias de demora, para as suas propriedades de Leiria o sr. Manuel de Oliveira Jordão e sua esposa a sr.ª D. Julia Candida Nogueira Jordão.

UM ALMOÇO DE MEDICOS

A mobilisação dos medicos portuguezes tornou a juntar velhos amigos e camaradas de escola. Reviveu, portanto, a antiga camaradagem, com a nota alegre das festas em commum, expressivas na sua amizade firme, todas animadas, algumas de enthusiasmo vibrante e communicativo. E o mesmo pretexto serve para se organisar uma d'essas festas. Hontem, por exemplo, aproveitando um exercicio no campo, no qual o major Correia dos Santos ensinou aos medicos, praticamente, a ler uma carta topographica e a servir-se d'ella, os medicos após a lição, juntaram-se, por iniciativa d'alguns d'elles, —a citar, para exemplo, os irrequietos e intelligentes Alberto Sousa, Leonel Amaral—n'um almoço intimo, n'um nobre restaurante de Amadora. E durante duas horas, conversou-se animadamente; lembraram-se os tempos da Escola, saudaram-se os camaradas e não se esqueceram os mestres. Fizeram-se brindes interessantes, alguns de extravagante e bizarra eloquencia, que os assistentes sublinharam com gargalhadas. E, no final, combinou-se que não se desprezaria um momento, que a instrucção e a clinica deixassem livres, sem se promoverem festas identicas intimas, festa de camaradagem firmada nos bancos da escola e que se perpetuará, inalteravel, atravez da vida.

NOTAS DIVERSAS

Foi exonerado a seu pedido de official do registo civil de Rio Maior o sr. dr. Francisco Luiz Salgueiro Garção.

—O sr. dr. João d'Almeida Tojeiro, conservador do registo predial, em Cuba, foi declarado nos termos de ser substituido, por incapacidade physica.

—O sr. ministro do fomento regressou hoje a Lisboa.

—Os consules de Portugal em Glasgow, Barcelona, Ciudad Rodrigo, Huelva e Teneriffe, informaram o governo ser satisfatorio o estado sanitario dos paizes n'aquelles districtos consulares.

No hospital

Victimas de desastres—Tentativa de suicidio

Na enfermaria 11 do hospital de S. José, deu hoje entrada, em estado grave, a menor de 6 annos Natividade de Oliveira, moradora na rua Luz Soriano, 116, loja, que n'essa rua foi colhida por um tijolo que lhe fracturou o craneo.

Na enfermaria 2, ficou Maria da Piedade, da rua Maria Pia, 128, que tentou suicidar-se com sublimado.

Depois de operado, recolheu em estado grave á enfermaria 4 Joaquim Nunes da Silva, descarregador, que ali Alhandra caiu do comboio, ficando com o braço direito esmagado e muito ferido na cabeça.

Na enfermaria 4 falleceu Joaquim Rodrigues Castelhano, estrada de Sacavem, que ha dias foi colhido pela engrenagem de uma machina na Quinta do Folle.

Praias e thermas

ERICEIRA, 29.—Está animadissima a epocha balnear n'esta praia. Os comboios de Cintra e Lumiar veem todos os dias cheios de familias, que já aqui teem casas alugadas. As praias da Baleia e Algodio, de manhã, á hora do banho, apresentam magnifico aspecto. Já abriu o club, que todas as noites está muito concorrido, assim como o cinematographo. Pena é que a camara não mande regar as principaes ruas da villa, onde a poeira é de fazer fugir toda a gente. Em compensação, as estradas são regadas devido ao zeloso empregado sr. Pinto, que tem prestado optimos serviços.

A concorrencia ao parque das Aguas de Santa Martha tambem são grande.

Está sendo muito commentado o caso da firma Candido Rodrigues & Rosa em levantar uma armação de pesca em Santa Martha.

TRAFARIA, 29.—Realisou-se no dia 26, no Club Balnear d'esta linda praia, uma interessante festa que faz parte do extenso programma que a direcção d'aquelle club se propoz realisar.

A couplelista «La Tempranita» cantou com muita graça alguns «couplets» do seu vasto repertorio, fazendo-se tambem admirar nos seus magnificos bailados.

Tambem tivemos o prazer de ouvir o distincto barytono portuguez Antonio Caldeira, que dia a dia faz sensiveis progressos.

Cantou com muita correcção e sentimento varios trechos d'opera e disse d'uma forma explendida a linda valsa «Manhã d'Abril», que arrancou fartos e longos applausos á distincta assistencia.

Na proxima quinta-feira realisar-se-ha um sarau musical com trechos executados por banhistas d'esta praia que conta distinctos amadores.

No sabbado «Les Bellinos» executarão alguns numeros do seu variado repertorio.

Todas as noites se dança com enthusiasmo, não se tendo poupado a direcção do Club Balnear a esforços para proporcionar á colonia uma temporada de recreio e divertimento.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 7/8	34 3/4
Londres, 90 dias	35 3/8	
Paris, cheque	$782	$786
Hollanda, cheque	$592	$598
Madrid, cheque	1$482	1$46,5
Suissa, cheque	$81,5	$82,5
New York	1$44,5	1$55,5
Rio a|Londres	12 17|32	
Libras	7$20	7$80
Agio do ouro	51 %	56 %

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	coup.
Tit. de 1:000$	38,80	38,20
» » 500$		
» » 100$		

Obrigações d'Estado: 4 1/2 88-89, assent., 57$, e coup. 56$40; 5 0|0 1909, coup., 80$.

Externas: 78$10, e 2.ª 77$.

Divida publica de Angola, 65$.

Acções: Lisboa e Açores, 123$; Ultramarino, 131$40, e coup., 132$; Aguas 93$; Credito Predial, 22$; Ilha do Principe, 255$; Lezirias, 1.165$; Companhia Nacional de Caminhos de Ferro, 48$20, Moagem (nova), 63$60; Norte e Leste, 24$; Tabacos, coup., 85$80; Zambezia, 2$50, Agricultura Colonial, 128$50.

Obrigações: Atheneu, 97$; Norte e Leste, 2.º grau, 85$50; Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 80$.

Notas de arte

Modelação simples por meio da "Falsa Barbotine"

A falsa Barbotine, que serve para a imitação de objectos modelados, é uma massa branca de modelar e que endurece facilmente ao ar.

Emprega-se como o barro e substitue-o perfeitamente, pela sua maleabilidade e solidez.

Amassa-se com agua, embora ella se venda em pacotes já preparada.

Para a trabalhar é necessario que esteja humedecida, conservando-a n'este estado por meio de pannos molhados, como se faz para o barro na modelação. Se o objecto fôr pequeno e por isso requeira apenas pouca porção de «Barbotine» pode-se mergulhar completamente em agua.

A modelação é feita simplesmente como já ficou demonstrado no capitulo da «Modelação simples».

Para fazer adherir cada petala ou cada peça de ornato ao objecto que vae receber a decoração da «falsa Barbotine», emprega-se a mesma massa dissolvida como cimento, isto é, mais liquida.

Antes porém de collocar os fragmentos modelados, deve-se passar sobre o dito objecto uma demão de oleo cozido se fôr louça porosa ou gesso.

Ha umas tintas especiaes chamadas tintas para a Chrysalida, mas tambem se pode empregar a pintura a oleo, envernizando em seguida bastante, dando a preferencia ao verniz chamado «para Faiança».

Este genero de decoração, que dá lindos resultados, tem a vantagem de dispensar a forma para cozer o barro, dando no emtanto a perfeita illusão da ceramica.

Temos tambem para tapar os poros da louça o preparado que se emprega na pintura d'esmalte, chamada «Majolica», que se vende em frascos e que se denomina: «preparado para os ojectos porosos», superior ao «oleo cozido» que dá um tom mais escuro, sendo de grande vantagem para os fundos brancos.

A «falsa Barbotine» é impermeavel.

Se as minhas leitoras comprarem um jarrão, ou mesmo um simples vaso de barro de boas dimensões para o trabalho brilhar e lhe adherir uma artistica papoula, bem lançada, executada com esta massa e a pintarem e envernizarem terão com pouco trabalho e pouquissimo dispendio uma obra deveras interessante, que as levarão a produzir verdadeiros encantos.

Conselhos diversos

A pyrogravura, que se tornou quasi fastidiosa, por todos quererem pyrogravar, attendendo á relativa facilidade d'execução, necessita no emtanto ser estudada com attenção e cuidado, para não se produzirem trabalhos carbonizados, cheios de erros de desenho, ou pelo menos d'incorrecções devidas á falta de firmeza, seja sobre madeira, couro, velludo, etc.

A madeira, primeiro campo d'exercicio, deve ser pyragravada com o traço sempre egual, servindo-nos para isso do «Guia Cabanis» já apontado e descripto em numero anterior.

Para os primeiros trabalhos, que serão sempre incertos de traço, com linhas indecisas e curvas exoticas, poderão as principiantes desfarçar as suas torturas por meio d'um fundo completamente executado. Esses fundos fazem-se ora com o bico da ponta de platina, ora com a parte mais bojuda; ora ponteando, ora sobrepondo traços, ou então desenhando um fundo encanastrado ou ás ondas.

Esta parte do trabalho deve sempre ser feita um tanto profunda para obter um desenho para relevo.

Se a pyrogravura fôr sobre couro, deve este ficar bem esticado com as «punaises» e pyrogravar-se-hão os contornos com o bico do lapis para baixo. Se quizermos tambem obter um fundo queimado, o mais bonito é o que é executado com o mesmo bico identica posição, produzindo um picotado miudo e certo, como nós chamamos em termo technico «perlé».

Para o velludo, é necessario evitar o que se vê exposto em tantas «vitrines».

Isto é uma carbonisação deploravel, que pouco honra a assignatura que quasi sempre não falta a estes verdadeiros «assassinatos da Arte».

Mão leve, traço firme e certo, esboço perfeito, convencendo-se as principiantes que não devem pensar em pyrogravar figura, senão quando se sintam aptas em consciencia para tal executarem.

Assim não se verão mais em exposição uns horriveis monos, que nem graça ao menos teem; figuras vistas de frente, cuja linha das sobrancelhas é ininterrupta até ás extremedidades das narinas!

Faz dó vêr tanta asneira e vêr afixado um preço muito convidativo para o comprador! apenas uns 12$000 réis.

Pela avalanche do genero é que me permitto fazer estas observações, embora apenas costume ter palavras de incitamento, mas é necessario acabar com o que se não sabe fazer e pouco a pouco elevar-se a regiões mais sublimes, depois de um tirocinio mais modesto.

Luiza de Sousa

Consultorio de Arte

Wild Rose.—Não tenho tratado do «Stencelling» nem ha nada mais detalhado do que eu escrevi na «Capital» sobre o assumpto.

O preço da assignatura do futuro proximo supplemento, não está ainda definitivamente assente, mas será muito em conta.

L. S.

Os tecidos de linho e de juta

A representação dos operarios das fabricas de Torres Novas

Como nas nossas «Notas da arcada» hontem dissémos, aos membros do ministerio foi enviada copia da representação feita ao sr. ministro das colonias pelos operarios das fabricas de tecidos de juta de Torres Novas. Essa representação é do seguinte teor:

Ex.mo Sr. Presidente do Ministerio e Ministro das Colonias:—Os operarios das fabricas de tecidos de juta existentes n'esta villa de Torres Novas surprehendidos pelas noticias publicadas na imprensa da capital com relação ás licenças dadas pelos governadores das provincias ultramarinas para importação temporaria nas mesmas provincias de saccaria estrangeira sem pagamento de direitos, veem respeitosamente reclamar perante V. Ex.ª contra o decreto n.º 231 de 20 de novembro de 1913, que autorisou os mesmos governadores a permittirem essa importação.

Os operarios teem seguido attentamente, com todo o natural interesse, a discussão que na imprensa periodica da capital se vem travando sobre este importante assumpto, e tendo por esta forma tomado conhecimento da representação a V. Ex. entregue pelos industriaes, declaram-se com elles solidarios, dispensando-se de reproduzir aqui as considerações na mesma representação feitas para não fatigar V. Ex.ª com uma desnecessaria repetição.

Antes de approvada pelo Parlamento a pauta de 1892, o operario empregado n'estas fabricas passou largo periodo de privações, por isso que, não podendo as fabricas concorrer com os productos similares estrangeiros, os industriaes viam-se obrigados a limitar a sua producção, e assim reduzir o trabalho nas suas officinas por fórma a que, ainda com sacrificio dos mesmos industriaes, chegámos a trabalhar apenas 3 dias por semana!

D'aquelle anno em deante, e graças a essa pauta temos visto augmentar o numero de machinas e com ellas a producção, de maneira que, salvos pequenos periodos de tempo que se pódem considerar excepcionaes, temos tido trabalho constante para todos os dias da semana.

Se, porém, o decreto, contra que reclamamos, não for revogado e annuladas as concessões já feitas, certa será a ruina da industria e com ella a fome e a miseria com todos os seus horrores para alguns centos de nós, e para as nossas familias, que d'esta industria vivemos.

Tão certos estamos de que o espirito ponderado de V. Ex.ª se convencerá da razão que nos assiste, que só para elle apelamos porque se carecêssemos de o fazer para o coração bondoso de V. Ex.ª, seguros estamos de que, perante o espectro da fóme que nos ameaça, nenhuma hesitação V. Ex.ª teria no prompto deferimento do nosso justo pedido.

Pelos operarios da Fabrica da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. A commissão: Manuel Rodrigues Sentieiro,—Antonio Faria, João Cesar Lince, José Hernandez, Francisco da Silva, José das Neves, Bernardo Roque da Silva.—Pelos operarios da Fabrica Vassalo, Vassalo & Carvalho, Eduardo Martins Franco, Antonio Rodrigues Aguas,—Pela Fabrica de Tecipos Mixtos Limitada, João Rodrigues Sentieiro, José dos Santos Brites, Joaquim Pereira

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

Laciario da parochia de S. José—Em segunda convocação, reune depois de ámanhã, ás 21 e meia horas, a assembleia geral.

Do relatorio, agora publicado, vê-se que a receita no anno economico de 1915-1916 foi de 1.175$54,5 e a despeza de 946$75.

«A Capital»

Vende-se nos Recreios Desportivos da Amadora.

PEQUENAS NOTICIAS

Para juizo foi hoje enviado o carpinteiro Narciso Vianna, morador na travessa do Collegio, 10, que hontem disparou dois tiros de revolver contra a sua amante Maria da Gloria, caso a que nos referimos. Recolheu á cadeia do Limoeiro.

—A policia procura Raul Octavio d'Almeida e Sousa, de 14 annos, que se ausentou da rua do Loreto, 61, sobre-loja.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21 — A duqueza do Baile Tabarin.

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

TOURADAS

No Sport Taurino, installado na Quinta da Conceição, na Amadora, realisa-se no proximo domingo, pelas 17,30, um festival taurino organisado por uma commissão de officiaes de ourives e dedicada a essa classe. São corridas 8 vaccas estando a lide a cargo dos amadores João da Cruz, Augusto Sant'Anna, Manuel Marques, Alvaro Pereira, Affonso Hub, Antonio Augusto Soares, Luiz Alves e Antonio Castanheira, bandarilheiros, sendo o grupo de forcados constituido pelos srs. Antonio Saraiva (cabo), Alfredo Marques, Joaquim Albino, Victor Costa, Antonio dos Santos e João Amorim.

A lide será coadjuvada pelo antigo matador de novilhos Antonio Lósada (Néne) e pelo bandarilheiro Adolfo Pis (Landier). Haverá salto de vara e sorte de cadeira. Dirige a corrida o aficionado Paulo Brandão.

Os bilhetes encontram-se á venda na rua do Norte, 64.

As festas de Sacavem

Na fabrica de louça de Sacavem está sendo ornamentada, sob a direcção do habil gravador e desenhador sr. Agostinho do Souto, a viatura dos bombeiros voluntarios que figurará no bando do proximo domingo, destinado a angariar donativos para custear as despezas das festas populares que n'esse dia começam n'aquella localidade, e que se repetirão no domingo seguinte.

No cortejo incorporar-se-hão gentis senhoras d'aquella localidade que, auxiliadas pelo pessoal de incendios, recolherão donativos.

Instrução Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 5.—Hoje continuam as aulas para os telegraphistas que vão a concurso, assim como ha instrucção de signaleiros, pedindo-se portanto a comparencia de todos os signaleiros e telegraphistas.

Está aberta a instrucção para maqueiros; todos os alistados que se quizerem inscrever, peçam a proposta no Central Sport Lisboa ou na rua do Alecrim, 119.

Colyseu dos Recreios

Foi um verdadeiro acontecimento theatral e lyrico a recita da moda de hontem no Colyseu. Jámais a «Geisha» teve entre nós tão magnifico desempenho. A sr.ª Egla Alcardi foi uma grande artista e cantora, arrebatando a plateia que lhe testemunhou o seu immenso agrado em applausos phreneticos e constantes. Na romanza do final do 2.º acto foi collossal, bisando-a a pedido do publico. Os demais artistas muito bem, salientando-se o barytono Ferran, que possue uma voz admiravel, e a sr.ª Luiígia Cavallini na gentil «miss Moleuy».

Scenario e guarda roupa esplendidos e superiores a quanto temos visto. A orchestra muito afinada. Hoje repete-se a deliciosa operetta.

cezas e belgas na esquerda estavam fazendo frente apenas o corpo naval com duas divisões e meia da landwehr e da essartz.

Todas as forças restantes allemãs n'aquella parte do theatro da guera estavam fazendo frente aos inglezes emquanto uma divisão de cavallaria e oito divisões de infantaria, na reserva, podiam ser rapidamente deslocadas para qualquer ponto da fronte allemã, quer para ataque, quer para defeza.

Era tambem significativo que, com excepção de uma divisão de landwehr, incluindo as divisões de reserva, que oppunham ás tropas inglezas eram «boas formações do activo e da reserva»—tropas, na opinião do correspondente militar do «Times», «pelo menos tão boas como as que estavam atacando Verdun e melhores de que qualquer outras no occidente ou no oriente».

O fazer frente a esse alto exercito—em numero muito maior do que todo o exercito levado por Napoleão para a Russia em 1812 e infinitamente melhor equipado e municiado do que essa hoste historica—não era tarefa facil. Em termos geraes, sir Douglas Haig descreveu assim a natureza da lucta:

«Na fronte britannica acção alguma em grande escala, como a de Verdun, se deu durante os ultimos cinco mezes, apezar das nossas tropas não terem estado ociosas ou inactivas. Embora a lucta, n'um sentido geral, não tenha sido intensa, tem sido em toda a parte continua e tem havido muitas acções locaes muito vivas.

«Só a manutenção e reparação das nossas defezas, especialmente no inverno, exigem um trabalho fatigante e persistente. O mau tempo e o inimigo inundaram e destruiram trincheiras, abrigos e communicações; todas as avarias tinham de ser reparadas rapidamente; debaixo de fogo e quasi completamente de noite.

«A artilharia e os atiradores especiaes nunca estiveram silenciosos, patrulhas percorrem a fronte das linhas todas as noites e violentos bombardeamentos pela artilharia de um ou d'ambos os lados se dão diariamente em varios pontos da linha.

«Por baixo da terra ha continuas obras de sapa e de contra sapa que, pela ameaça sempre presente de uma subita explosão e pela incerteza de quando e aonde ella se dará, causa talvez mais constante impressão do que outra qualquer fórma de guerrear.

«No ar raro é o dia, apezar do mau tempo, em que os apparelhos aereos não estejam occupados em reconhecimentos, tirar photographias e observar o fogo.

«Tudo isto se dá a todas as horas do dia e da noite e em todas as partes da linha.

«Em resumo, embora não tenha havido grandes incidentes de importancia historica para recordar na fronte britannica durante o periodo que estou passando em revista, uma violenta e continua lucta se deu, de dia e de noite, por cima e por baixo da terra.

«A relativa monotonia d'esta lucta affrouxou a pequenos intervallos por violentas acções locaes, algumas das quaes, embora individualmente insignificantes n'uma guera em tão immensa escala, seriam dignas d'um relatorio especial em condições differentes, pois o seu effeito, apezar de difficil de louvar pelo seu verdadeiro valor agora, provaria sem duvida quão consideraveis teem sido.

«Uma fórma de menor actividade merece menção especial, especialmente os «raids» que são feitos pelo menos duas ou tres vezes contra a linha do inimigo. Consistem n'um breve ataque, com algum objectivo especial, n'uma secção de trincheiras oppostas, habitualmente dado de noite por um pequeno corpo.

«O caracter d'essas operações—a preparação d'uma estrada atravez das nossas vedações de arame farpado e das do inimigo, o atravessar o terreno aberto sem ser visto, a penetração das trincheiras do inimigo e lucta corpo a corpo na

Jones. Os advogados professor J. H. Morgan e mr. W. F. Doyle, do tribunal de Philadelphia, tinham licença para defender o prisioneiro. A defeza que Bailey apresentava foi aceite e o jury absolveu-o.

O julgamento de Casement, que foi o primeiro, levou quatro dias, sendo a maior parte do tempo occupada pelos discursos e pela apresentação dos argumentos legaes, pois não houve discussão ácerca dos factos e testemunha alguma presencial se apresentou a defendel-o.

A defeza tentou ainda provar que o desembarque não continha offensa alguma á lei e que o julgamento se não devia effectuar perante aquelle tribunal.

Casement negou que tivesse recebido «ouro allemão» e que tivesse aconselhado irlandezes a luctar com allemães ou a favor de allemães. «Um irlandez—disse elle—não tem obrigação de combater por outra terra que não seja a Irlanda».

De nada valeram esses argumentos e outros que sir Roger Casement apresentou. A evidencia era esmagadora. O traidor foi condemnado á morte e executado, tendo antes, porém, sido degradado da ordem de S. Miguel e S. Jorge.

Foi a sua execução, podemos assim exprimir-nos, o ultimo acto da rebellião da Irlanda, rebellião que tantas esperanças fizera nascer na Allemanha.

Guilhermina Newton Franco

Falleceu

Mariana Newton Franco (ausente) Guilhermina Dias Newton, Judit Franco Newton e seu marido Arthur Dias Newton (ausentes), Carlos Newton Franco (ausente), Roberto Newton Franco (ausente), Mariana Franco Maia (ausente), Alfredo Newton Franco, Maria Magdalena Newton Dias da Silva e seu marido Silvestre Thomé Dias da Silva (ausentes), e filho Isaias Dias Newton e filho, Carmina Newton de Macedo e filhos, Hersilia Newton Santos e filha, Guilhermina Dias Newton, Suzana dias Newton, Sophia Franco, João Luciano dos Santos (ausente), cumprem o doloroso dever de participar aos seus parentes e pessoas das suas relações que falleceu em S. Thomé no dia 17 de julho, a sua muito querida e chorada filha, neta, irmã, cunhada, sobrinha, prima e noiva Guilhermina Newton Franco, que o seu funeral se realisa ámanhã, 30 do corrente, pelas 11 horas, da Egreja de S. Miguel para o cemiterio oriental, havendo previamente uma missa de corpo presente, pelas 10 horas. Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem assistir a este acto com a sua presença.

CAPITULO III

Na fronte occidental durante a batalha de Verdun

Tratámos já das duas primeiras phases da batalha de Verdun, até ao fim de abril de 1916. Essa batalha epica, que ainda, no momento em que escrevemos, continúa, embora sem os resultados que d'ella esperavam os allemães, bem ao contrario, não deve fazer esquecer que a oeste, noroeste e sul, desde a Suissa até ao mar, a artilharia pesada e a de campanha raras vezes estavam silenciosas por longos intervallos, ao mesmo tempo que proseguiam as operações de lança-bombas e de sapa, travando-se tambem luctas e duellos aereos.

A lista das perdas diarias, se não era em grande numero mostrava pelo menos que eram frequentes os recontros com os allemães, apesar de nenhum d'elles assumir grande importancia.

Entre 21 de fevereiro e o fim de abril de 1916, os allemães não se atreveram a tomar a offensiva em larga escala, excepto na região de Verdun, e os alliados, que tinham aprendido nas batalhas de Champagne Ponilleuse e Loos a não atacaram seriamente emquanto não tivessem abastecimento de munições e tropas em numero sufficiente, contentaram-se com obstar aos esforços do kronprinz contra Verdun e a fazer com que não houvesse sérias investidas contra as posições francezas na Champagne.

O tempo era um factor a favor dos alliados. Os seus recursos nacionaes em homens e material tornavam-se maiores do que os das potencias centraes e não havia razão que os levasse a uma offensiva prematura que, se fôsse mal succedida, podia fazer diminuir o seu prestigio entre os neutraes e causar desapontamento na Inglaterra, na França e na Italia.

Devido á efficiencia, que augmentava dia a dia, da artilharia ingleza e franceza, o defensor não estava tão favoravelmente collocado como até ahi, mas a offensiva é em geral uma operação muito mais custosa do que a defensiva e o plano de Joffre era deixar os allemães exgotarem-se em continuas escaramuças, que, desde que haviam sido repellidos na batalha do

Marne, haviam sempre terminado desfavoravelmente para a Allemanha.

Cada hora augmentava a brecha do tempo entre os dias em que as hordas teutonicas, animadas pelas memorias de Gravelotte e de Sedan, haviam chegado aos arredores de Paris. Psychologicamente, as tropas do kaiser estavam enfraquecendo e a pressão das armadas alliadas estava, gradual mas inevitavelmente, diminuindo a força physica e os recursos materiaes dos exercitos e dos povos dos imperios allemão e austro-hungaro.

Como dissemos, incidente algum de grande importancia occorreu na fronte occidental durante os ultimos dias de fevereiro e em março e abril de 1916, excepto em Verdun, onde o exito dos ataques allemães era pequeno e completamente insignificante se se tomar em consideração o preço por elles pago.

Essa falta de incidentes espectaculosos produziu uma falsa impressão, especialmente na França, onde começou a circular o boato, provavelmente nascido na Allemanha, de que o exercito inglez nada estava fazendo. Sir Douglas Haig, no seu communicado de 19 de maio de 1916, diz a tal respeito o seguinte:

«O unico esforço offensivo feito pelo inimigo em grande escala foi dirigido contra os nossos alliados francezes proximo de Verdun. A lucta n'essa area tem sido prolongada e violenta. Os resultados teem sido dignos das altas tradições do exercito francez e um alto serviço á causa dos alliados. Os esforços feitos pelo inimigo teem-lhe custado grandes perdas tanto em homens como em prestigio e faz esses sacrificios sem alcançar qualquer vantagem que os contrabalance.

«Durante essa lucta as minhas tropas teem estado sempre promptas a cooperar onde quer que d'ellas se necessite, mas o unico auxilio pedido pelos nossos alliados foi de natureza indirecta, por exemplo para substituir tropas francezas n'uma parte da sua fronte defensiva. Essa substituição foi immediatamente feita.

«A sua execução n'uma fronte consideravel, em toda a parte em intimo contacto com o inimigo, foi uma operação algo delicada, mas levada a cabo com exito completo, mercê da cordeal cooperação e da boa-vontade das tropas e á falta de emprehendimento mostrado pelo inimigo durante essa substituição».

Emquanto a batalha de Verdun proseguia, os inglezes, que haviam já substituido os francezes desde um ponto ao norte de Hébuterne, atravessando Albert até ás alturas ao norte do Somme, tomaram posição no saliente de Arras e occuparam Loos, o planalto de Notre Dame de Lorette, Souchez, o Labyrintho, a propria cidade de Arras e as trincheiras ao sul d'ella até aos arredores de Hébuterne.

Em março de 1916, os exercitos commandados por si Douglas Haig estendiam-se do canal de Yperlee, ao norte de Ypres, até ás margens do Somme. Que as tropas francezas assim substituidas desde o saliente de Arras tiveram influencia material na batalha de Verdun mostra-o a resposta de Joffre ao telegramma de felicitações que lhe dirigiu sir Douglas Haig.

«O exercito francez—diz Joffre—confia em que obterá resultados (em Verdun) de que todos os alliados alcançarão vantagem. Lembra tambem que o seu recente appello á camaradagem do exercito inglez obteve immediata e completa resposta».

Desde o Somme ao Mar do Norte, o alto commando allemão havia disposto, além de mais de 3.000 canhões, 40 divisões allemãs (excluindo a cavallaria), subindo segundo todas as probabilidades a não menos de 500.000 homens de infantaria, que juntos aos de outras armas perfazem pelo menos 800.000.

O correspondente militar do «Times», n'um mappa que acompanhava uma carta sua publicada n'aquelle grande jornal a 17 de maio, mostrava que ás tropas fran-

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2171—7.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5,1.º

LISBOA—Quarta-feira, 30 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2299—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5,1.º
Officina de impressão—71, Rua da Rosa,71

Preço 2 centavos

A neutralidade grega

Continuam a ser muito interessantes as noticias que o telegrapho nos communica ácerca da situação da Grecia. Ellas mostram que se caminha apressadamente para uma solução que representará o repudio d'uma politica que não trouxe á Grecia senão os prejuizos da guerra sem nenhuma probabilidade das suas vantagens.

Como já aqui o accentuámos, a politica do rei era a de fugir da guerra, a todo o custo, deixando mesmo o brio e a lealdade do paiz em deprimentes condições, manifestando mesmo uma ingratidão vergonhosa pelos beneficios recebidos das nações europeias, como a França e a Inglaterra, que deram a independencia á sua patria. O resultado d'essa politica dubia, incerta, cheia de sophismas e hesitações, de estratagemas e duplicidades, foi, não a paz, mas a guerra, a guerra que, por todos os lados, irrompe no solo grego.

E com a guerra vem os fermentos da revolução. Já não se póde considerar um governo de facto aquelle que, não tendo nenhuma ordem para resistir á invasão bulgara, vê que o exercito, o povo a ella resistem, com a heroicidade de quem defende a patria, ao mesmo tempo que as multidões reclamam uma nova attitude perante o conflicto internacional.

Chegou a hora da verdade, da logica e da justiça. O sr. Venizelos, o grande estadista, o grande patriota, o homem que se procurou eliminar, annulando de facto a constituição do paiz, é levantado nos hombros do povo e o seu prestigio cresce tanto quanto diminue o prestigio do cunhado de Guilherme II que impunha o sceptro real.

O povo grego acóde aos comicios em que o nome de Venizelos é exaltado, em que se exige o seu regresso ao poder, em que os alliados são alvo de frementes acclamações. A causa dos alliados é já a causa da Grecia, que vê um paiz ligado á fortuna da Allemanha invadir o seu territorio e trucidar os seus filhos.

Ao mesmo tempo, os alliados não consentem que por mais tempo o rei da Grecia e o seu servidor Zaimis, chefe do governo, continuem n'uma situação indecisa. Os representantes das nações já procuraram os sr. Zaimis e o intimaram a declarar-lhes até que ponto o governo grego está disposto a tolerar o avanço dos bulgaros. O sr. Zaimis foi logo conferenciar com o seu rei. A *démarche* dos alliados tem todo o caracter cominativo d'um *ultimatum*.

Os acontecimentos precipitam-se, as circumstancias impõem-se, e não são os interesses, necessariamente secundarios, das affeições dynasticas que conseguirão tolher as iniciativas d'um povo. Os povos é que decidem, os povos é que mandam. Nobre foi a resposta do rei da Romania ao embaixador allemão que lhe supplicava que a Romania não entrasse na guerra: «E' a vontade omnipotente do meu povo perante a qual só me cumpre curvar-me.»

A attitude da Grecia vae definir-se d'uma maneira absolutamente clara e cathegorica, e tudo leva a crer que essa modificação se fará correspondendo á vontade popular. Em todo o caso, os alliados só pódem considerar a Grecia como amiga ou inimiga.

A lição da Grecia é decisiva. Foi esse paiz o que levou mais longe o systema da neutralidade a todo o custo. O resultado foi os francezes tomarem posse de Salonica, fazendo d'essa cidade a base das suas operações no Oriente, e foi os bulgaros entrarem pelo territorio grego como por terra conquistada. Chegou-se ao fim, depois de se tragar o fel de todas as vergonhas. E' preciso que o povo grego intervenha, redimindo com a sua attitude firme, desassombrada e digna, a ignominia dos dias que passaram, em que se procurou servir a Allemanha sem desagradar aos alliados.

A missão militar dos alliados

Chega a Lisboa, vinda no rapido de Madrid

Os srs. capitães Mathias da Costa e Thomaz Fernandes tinham sido superiormente encarregados de ir á fronteira de Marvão esperar a missão militar franco-britannica, que esta tarde chegou com effeito a Lisboa, pelas 3 horas e vinte e um minutos. Havia anciedade, na estação do Rocio. Dentro da *gare*, entre as multiplas pessoas que ali se encontravam com o fim de saudar os officiaes alliados, tomámos indistinctamente nota dos seguintes nomes:

William Seeds, secretario da legação de Inglaterra, William Bieck, ajudante do almirante inglez do Salis, Urbano Rodrigues, representando o sr. dr. Affonso Costa; dr. Vasco de Vasconcellos, representando o sr. ministro da justiça, e os parlamentares evolucionistas, H. Beauvalet, senador Vera Cruz, mr. Thierry, secretario da legação de França, Ernest Guillon, chefe da missão da Intendencia militar em Portugal, tenente Augusto Casimiro, dr. Jayme Cortezão, tenente Palhoto, mr. Chatin, agente do governo francez, Miguel Paxinto, dr. Paul Pompei, dr. Abilio Marçal, Augusto Pina, etc.

A missão militar é, como já se disse composta pelos officiaes do exercito britannico major general Barnardiston, tenente Calthorpe e alferes J. A. Robinson, e pelos officiaes francezes tenente coronel Paris, major l'Eprovier e alferes Girandoux. Envergavam todos, como é natural tendo de viajar atravez do um paiz neutro, o trajo civil.

Ao sahirem do recinto da gare, muitos populares que se tinham já agglomerado no atrio, proromperam n'uma ovação calorosa e enthusiastica, saudando a França, a Inglaterra, os alliados e soltando varios morras á Allemanha. Foi entre palmas e vivas que os officiaes estrangeiros desceram a escadaria da estação do Rocio, em direcção ao Avenida Palace, onde ficaram installados.

Ahi tivemos occasião de trocar com o alferes Robinson algumas rapidas impressões, tanto mais agradaveis quanto é certo esse official fallar um portuguez correctissimo. E' natural do Rio de Janeiro e algumas vezes passou em Lisboa, de viagem para Inglaterra. Como todos os seus camaradas vem encantado com a viagem desde a fronteira, tendo admirado a exhuberante vegetação da nossa paizagem e guardado uma grata recordação da silhueta do Castello de Almourol, que entreviram do combolo na estação de Tancos.

O tenente-coronel Paris já conhecia um pouco a nossa terra de rapidas excursões feitas a Portugal no tempo em que foi addido militar francez em Madrid. Quanto ao general inglez, ha uma nota interessante a frisar: foi o primeiro official da sua patente que durante esta guerra pisou territorio allemão, visto ter assistido á tomada de Tonig-Tao.

Junto ao hotel, uma vendedeira de flores offereceu cravos á todos os officiaes estrangeiros, que, sorrindo, com elles enfeitaram a lapella.

Pelas 6 horas, já uniformisados, os membros da missão alliada, foram apresentar os seus cumprimentos aos srs. presidente do ministerio, ministro da guerra e ministro dos estrangeiros, dirigindo-se em seguida ás respectivas legações. Acompanha-os, como official ás ordens, o sr. capitão Thomaz Fernandes, ajudante do sr. ministro da guerra, e ainda o sr. capitão Mathias de Castro, como membro da missão militar portugueza, de que fazem parte o chefe do estado maior general, general Tamagnini Barbosa, majores do estado maior Roberto Baptista e Ivens Ferraz, e capitão do estado maior Freiria. Como se sabe estes dois ultimos officiaes constituiram a missão militar portugueza que foi a Inglaterra e França quando era ministro da guerra o sr. general Pereira d'Eça.

A cultura do algodão

PARAHYBA, 30—O Secretario da Agricultura enviou uma circular a todas as Sociedades Agricolas, incitando os productores a desenvolver a cultura do algodão, cujos resultados tem sido magnificos para a economia do Estado.—(*Americana*).

Conferencias de medicos militares

Vão realisar-se em Lisboa varias conferencias de medicos militares sobre «Hygiene de campanha e serviços de saude no exercito». Essas conferencias serão feitas por muitos dos notaveis clinicos que honram o quadro permanente e talvez por alguns dos novos milicianos. Estas conferencias serão um complemento das lições que os medicos em tirocinio estão recebendo, nas quaes os assumptos de hygiene foram particularmente recommendados pelo sr. ministro da guerra.

Morte de um pintor celebre

PARIS, 20—Falleceu o pintor Harpignies.—(*Havas*)

Henri Harpignies, notavel paizagista francez, nascera em Valenciennes, em 1819.

A grande guerra

O general Iliesco e o exercito romaico

A *Gazeta de Colonia* e varios outros jornaes allemães põem em relevo a personalidade do general Iliesco, chefe do estado maior general do ministerio da guerra romaico e na realidade ministro até ha pouco, pois que o sr. João Bratiano dirigia este ministerio em certo modo interinamente. A imprensa allemã reconhece na pessoa do general Iliesco uma força de primeira ordem de quem muito ha a esperar. Foi elle que reorganisou o exercito e promoveu os seus importantes progressos. E' por assim dizer, a alma do movimento militar romaico e da sua adaptação technica aos mais altos problemas da guerra.

O general Iliesco, que conta 45 annos de edade, pertence á arma de artilharia da qual passou para o estado maior e desde ha dois annos é o collaborador immediato do ministro Bratiano.

O general Iliesco reorganisou inteiramente o exercito romaico segundo os principios mais modernos. De 1902 a 1904, dotou a artilharia de canhões do tiro rapido; devem-se-lhe até notaveis melhoramentos introduzidos no modelo Krupp que foi adoptado. Desde o inicio da guerra europeia, o general Iliesco consagrou-se á multiplicação dos parques de artilharia pesada. Ao entrar para o ministerio encontrára apenas meio regimento d'esta artilharia; agora existem quatro e mais tres em formação. Quanto á artilharia de campanha, augmentou-a com cinco regimentos e os cinco meios-regimentos de granadeiros já possuem o effectivo de regimentos inteiros. O meio regimento da artilharia de montanha é agora um regimento inteiro e as antigas peças receberam os aperfeiçoamentos do tiro rapido.

A cavallaria foi augmentada com duas novas divisões e artilharia montada. A grande preoccupação da administração militar foi sempre o aprovisionamento de munições. O general Iliesco esforçou-se por augmentar os meios de abastecimento de munições na propria Romania. Existem actualmente um arsenal e duas fabricas de munições: uma em Dudesti e outra em Cotroceni. Em ambas se produziram nos ultimos tempos accidentes.

Os jornaes allemães consideravam a obra do general Iliesco como um factor capital na eventualidade d'uma intervenção romaica.

Nos termos da lei de 29 de março de 1908, todos os romaicos devem cumprir o serviço obrigatorio e pessoal dos 21 aos 46 annos. A massa dos homens susceptiveis de serem utilisados a qualquer titulo pelo exercito approxima-se de 800:000. Convem, no emtanto, observar que, sendo recentes as disposições legaes, um certo numero de homens não recebeu anteriormente instrucção militar.

Em principio, o exercito activo e a reserva destinam-se a formar os corpos de operações; a milicia é encarregada da defeza do paiz e da vigilancia das fronteiras. Todos os homens em condições de combater são successivamente chamados para reforçar as unidades em campanha.

Em 1913, os batalhões activos e de reserva eram em numero de 210.

A infantaria é armada da espingarda Mannlicher, do calibre de 6mm,5 com punhal-bayoneta; a cavallaria tem uma carabina semelhante, sabre e lança.

A artilharia, cujas baterias são de quatro peças, atrella canhões de tiro rapido do calibre de 76mm, e obuses de 105 e de 120mm.

Duplicando-se os cinco corpos de exercito do tempo de paz, a Romania está em condições de collocar em primeira linha 20 divisões, representando um effectivo global de cerca de 500:000 homens, apoiados por excellente artilharia.

O jornalista Harden e a attitude da Romania

Nas vesperas da ruptura romaico-austriaca, o celebre jornalista e pamphletario llemão Maximiliano Harden escreveu o seguinte no seu periodico *Zukunft*:

Sem duvida, a Bukovina, a Transylvania, o Banat e outras provincias hungaras—cuja superficie total representa 150.000 kilometros quadrados e um accrescimo de população de sete milhões de habitantes—se fossem annexadas á Romania constituiriam para ella um augmento consideravel de poderio. E realisar sem risco sério um tal ganho é muito tentador. Esse ganho, a Russia, se os seus exercitos tivessem avançado o bastante para isso, poderia talvez offerecer-lh'o, em troca da faculdade de deixar passar as tropas russas atravez da Bukovina e da Transylvania.

Mas actualmente a força allemã continúa a erguer-se em frente dos que falam em libertar a «Romania escravisada». E, por outro lado, os romaicos acham-se fortemente impregnados da declaração que, na primavera de 1868, Bismarck fazia a seu respeito:

«A Romania deve vir a ser a Belgica do sueste da Europa; deve manter relações tão boas quanto possivel com todos os seus visinhos e esperar com paciencia que os fructos maduros cáiam por si mesmos no seu avental. E' lhe defeso colher por si mesma esses fructos, sobretudo se não estiverem maduros. Deve estar em tão boas relações como uma potencia como com outra e, á ultima hora, se tudo aluir, deverá associar-se á potencia cuja victoria parecer certa.»

Estas phases são a ultima palavra do enigma politico romaico. Com quem irá ella? Resposta: com o vencedor porque só elle tem razão.

Pio X e Francisco José

O *Osservatore romano*, orgão officioso da curia romana, desmentiu que o papa defunto houvesse tomado a iniciativa de se dirigir ao imperador da Austria para conjurar a guerra. Um prelado que pertenceu ao *entourage* directo do papa Pio X communica, porém, a um correspondente da *Tribuna* novos pormenores que corroboram o que se disse sobre a attitude e as diligencias do pontifice.

Logo que foi conhecido o ultimatum á Servia, Pio X mandou chamar o embaixador da Austria junto do Vaticano e disse-lhe: «Quero continuar a crer que o seu governo não pensa em desencadear uma guerra mundial. O imperador está perto do seu «dia supremo». Não vae decerto manchar de sangue o fim da sua vida».

O embaixador respondeu, embaraçado, com algumas phrases banaes e observou que a situação era grave. O papa ordenou ao nuncio em Vienna que procurasse avistar-se com Francisco José. O prelado passou um dia inteiro na ante-camara, falou com numerosos ajudantes de campo e officiaes que entravam e sahiam do gabinete imperial, mas não foi recebido. Os telegrammas que dirigiu sobre o caso ao Vaticano foram interceptados. Conseguiu apenas annunciar a declaração de guerra com a palavra *Janus* cujo sentido a censura não comprehendeu e do que nem sequer desconfiou.

Quando o embaixador austriaco junto do Vaticano annunciou ao papa o facto consummado e lhe pediu, em nome de Francisco José, que abençoasse os exercitos austriacos, Pio X respondeu serenamente: «Diga ao imperador que eu não posso abençoar a guerra nem os que quizeram a guerra».

E, como o embaixador insistisse por uma benção especial para Francisco José, o papa declarou: «Só poderei pedir a Deus que lhe perdoe!»

A crise hungara

Do *Neueste Leipziger Nachrichten*:

O partido da opposição na Hungria recomeçou, mais ardente do que nunca, a sua lucta contra o governo. Na camara de Budapest inicia-se uma nova era de pugnas violentas. As sessões agora duram até ás quatro horas da manhã e terminam constantemente por discussões tumultuosas. As scenas lastimaveis succedidas antes da guerra reproduzem-se de novo.

Representará uma verdadeira necessidade que nas circumstancias presentes a opposição entenda dever rasgar o tratado de paz que havia feito com o governo? Esquecerá ella que toda a disputa entre nós equivale quasi a uma batalha perdida? Já não será possivel um accordo, ainda que para isso cada adversario houvesse de fazer algumas concessões? Será necessario mostrar esta crise interna ao inimigo attento a todos os nossos dissentimentos?

Com um pouco de boa vontade, estas graves complicações poderiam ter-se evitado, embora sejamos forçados a confessar que eram grandes as difficuldades para manter o accordo entre o governo e a opposição. Essas difficuldades augmentaram no dia em que se decidiu a discussão publica de todas as questões politicas.

Esta lastimavel discussão começou em seguida á apresentação de vinte e duas interpellações, um grandissimo numero das quaes ainda não entraram na ordem do dia. E' natural prever que a discussão d'essas interpellações provocará serios conflictos entre a opposição e o governo...

... Porque não constituir na Hungria um gabinete de colligação que permittisse aos membros da opposição collaborar com o governo?

Regulamento da mobilisação do exercito

O «Diario do Governo» publicou hoje o seguinte decreto:

Attendendo ao que me representou o ministro da guerra sobre a necessidade de ser em parte alterado o disposto no artigo 13.º do regulamento de mobilisação (parte III) e usando das auctorisações concedidas pelas leis n.º 373, de 2 de setembro de 1915, e n.º 491, de 12 de março de 1916; hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º—O artigo 13.º do regulamento de mobilisação (parte III), approvado por decreto de 18 de dezembro de 1915, e seus paragraphos passam a ser substituidos pelo seguinte:

«Militares que, por exercerem certo cargos, são dispensados de se apresentar immediatamente em caso de mobilisação extraordinaria.—Ficam sujeitos ás leis e regulamentos militares, em caso de mobilisação extraordinaria, mas são dispensados de se apresentarem immediatamente nas unidades, os militares que, trez mezes antes da ordem da mobilisação, estiveram registados nos commandos das unidades a que pertencem, como alistados nos corpos de bombeiros municipaes, como patrões ou tripulantes dos barcos salva-vidas das estações do Instituto de Soccorros a Naufragos, empregados nas linhas de caminhos de ferro ou das brigadas de caminhos de ferro, nos telegraphos, pharoes, semafóros correios, capitanias dos portos, estabelecimentos militares productores do exercito e da armada, ou como pertencentes a sociedades de soccorros a feridos em campanha, auctorisadas a acompanhar o exercito.

«Paragrapho 1.º Para que os militares em taes condições possam ser dispensados nos termos do disposto no presente artigo, deverão as auctoridades e funccionarios, que superintendam em taes serviços, fazer as necessarias participações aos commandantes das respectivas unidades logo que os referidos militares sejam nomeados ou admittidos para aquelles serviços.

«Paragrapho 2.º Nas unidades conservar-se-ha sempre em dia a relação d'estes militares e estarão separadas em pastas especiaes, as respectivas folhas de matricula.

«Paragrapho 3.º Todo o pessoal das brigadas de caminhos de ferro ficará sujeito ao regimen militar desde a data da publicação do decreto de mobilisação, considerando-se immediatamente constituidas as brigadas, sem que o pessoal interrompa o desempenho das suas funcções ferro-viarias; os militares pertencentes ás companhias de sapadores de caminhos de ferro, quando pela inspecção do serviço militar de caminhos de ferro, sob proposta das companhias e direcções de caminhos de ferro, não tenham sido previamente considerados indispensaveis ao serviço d'aquellas companhias e direcções, apresentar-se-hão, conforme lhes fôr determinado pela ordem de mobilisação, na companhia de sapadores de caminhos de ferro.

«Paragrapho 4.º Os militares pertencentes á companhia de sapadores de caminhos de ferro, emquanto forem julgados indispensaveis ao serviço das companhias e direcções de caminhos de ferro e nas condições do paragrapho anterior, serão transferidos para as brigadas de caminhos de ferro».

Artigo 2.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Assistencia ás familias dos mobilisados

Como se sabe, a commissão parochial republicana da freguezia dos Anjos, organisou uma commissão de assistencia ás familias dos mobilisados d'esta freguezia. Para esse fim dirigiu-se a diversos parochianos tendo recebido da grande maioira uma resposta deveras animadora, ficando por fim constituida a commissão com 52 membros. Como era porém necessario dar uma maior expansão aos trabalhos a effectuar, foi resolvido formarem-se trez sub-commissões que teem a seu cargo a propaganda, administração, etc. Essas subcommissões compõem-se dos seguintes cidadãos: Administrativa: Manuel Martinho, Manuel Vicente Gabirro, Joaquim Henriques, José Nunes Pinto e José Nunes Calinas—Propaganda: Antonio Vasques Gonçalves, Bernardino Marques, Carlos Fernandes Reis, Eduardo Duarte Nunes e José Maria Barros Leitão.—Recitas e outros espectaculos: Antonio Luiz Ceia, Francisco José Fitas, Manuel Ferrão d'Oliveira, Martinho Mendes Barata e Sebastião Antunes Gasparinho.

Essas sub-commissões encetaram já os seus trabalhos.

Advertencias d'uma folha grega

No *Astyr*, folha atheniense, vieram publicadas estas palavras cuja leitura e cuja meditação n'este extremo occidental da Europa não deixam de ser opportunas:

Fechemos os nossos theatros, supprimamos os nossos prazeres. Seria vergonhoso continuar a occupar os nossos ocios com divertimentos quando os bulgaros calcam o solo da Macedonia ainda humido do sangue dos nossos soldados.

Os primeiros combates na fronteira hungaro-austriaca

GENEBRA, 29.—Dizem de Vienna, que depois de combates na fronteira hungaro-romaica, os destacamentos austro-hungaros occuparam as posições mais á rectaguarda das que lhes estavam designadas.—(*Havas*).

PARIS, 29. — Segundo telegrammas recebidos de Genebra, que os jornaes publicam, na noite de domingo e segunda feira destacamentos de caçadores romaicos transpuzeram a fronteira, travando-se combates n'um grande numero de pontos. Segundo informações officiaes, dizem tambem os jornaes que na visinhança immediata das fronteiras se fizeram grandes concentrações de forças romaicas. A emoção é enorme em toda a Austria.—(*Havas*).

Manifestações alliadophilas no Rio

RIO DE JANEIRO, 30—O povo brazileiro recebeu com sympathia a noticia da declaração de guerra da Romania á Austria. As colonias alliadas embandeiraram as fachadas das sédes das suas aggremiações patrioticas.

A imprensa das colonias alliadas acolheu com enthusiasmo a entrada da Romania na guerra, declarando alguns criticos que o dia 28 de Agosto marcou o inicio da ultima phase da grande conflagração, podendo-se considerar, desde já, vencedor o agrupamento dos alliados.—(*Americana*).

Grande manifestação italiana em honra da Romania

ROMA, 29.—Esta tarde uma imponente manifestação com musica e um grande numero de bandeiras italianas e dos alliados formou na praça de Colonna entre alas de publico e acclamações á Romania e á victoria dos alliados, dirigiu-se á legação da Romania e acclamou longamente a nação irmã. Uma delegação da sociedade latina de homens de lettras foi recebida pelo ministro da Romania, principe de Ghika, ao qual trouxe a saudação dos latinos e do povo romaico, por sua irmã balkanica ter descido ao campo a affirmar o seu direito ás terras usurpadas e pelo triumpho da liberdade e da civilisação. O principe respondeu agradecendo e preconisando a victoria dos alliados e da Romania; em seguida o principe, cercado do pessoal da legação, appareceu á janella e foi objecto de manifestações enthusiasticas da multidão. Um representante da sociedade latina fallou da janella, fazendo votos para que o eco da imponente manifestação chegue até aos irmãos romaicos que estão em armas. Depois o cortejo desfilou deante da bandeira romaica, dando vivas á Romania e foi fazer uma calorosa manifestação de sympathia deante da embaixada de França e voltou ao centro da cidade, onde se dissolveu. De todas as cidades da Italia chegam noticias de calorosas manifestações em honra da Romania.—(Havas).

A attitude do governo suisso

BERNE, 29.—A proposito da declaração de guerra da Italia á Allemanha e da intervenção da Romania, o conselho federal confirmou as declarações anteriores de estricta neutralidade a respeito dos belligerantes e notificou esta resolução aos governos estrangeiros.—(*Havas*).

A mobilisação romaica

BUCAREST, 29.—O rei determinou a mobilisação geral. Ha grande enthusiasmo.—(*Havas*).

O Brazil pensa em fechar-se aos emboscados

RIO DE JANEIRO, 30—Um grupo de deputados vae apresentar ao parlamento um projecto modificando os regulamentos actuaes sobre a entrada dos estrangeiros no Brazil, durante a guerra, attendendo a que os bons elementos estão nos campos de batalha, e, portanto, impossibilitados de sahirem dos respectivos paizes.

Na opinião d'estes deputados torna-se necessario affastar do Brazil os desertores, individuos animados de sentimentos equivocos, susceptiveis de crear graves perturbações no interior do paiz.—(*Americana*).

A lucta italo-austriaca

ROMA, 30.—Communicação official.—Ao longo da linha do Trentino, apesar da persistencia do mau tempo, as nossas tropas realisaram mais alguns brilhantes successos. Em um recontro de destacamentos nas vertentes a nordeste do monte Maio, no valle de Posina, os nossos destacamentos repelliram o adversario, infligindo-lhe perdas e fazendo uns vinte prisioneiros, entre elles um official. No monte Cimone o fogo efficaz dos nossos morteiros obrigou o inimigo a recuar uma parte da sua linha ao norte de cume do referido monte. Na zona de Fassa (Avisio) os alpinos depois de encarniçada lucta conquistaram no áspero cume do Cauriol que se eleva sobre escarpados rochedos a 2.495 metros. Esta posição foi immediatamente reforçada e encontra-se em nosso seguro poder. Fizemos ao inimigo uns trinta prisioneiros, incluindo um official. A artilharia adversa esteve bastante activa contra as nossas posições no Sief (alto Cordevole) de Castelletto (Toffana) e nos altos valles de But e Fella. No Isonzo inferior no termo de Gorizia e Gradisca batemos o inimigo por varias vezes. Um avião inimigo lançou bombas e flechas na bacia de Cortina e de Ampezza, não causando victimas nem estragos. As nossas tropas das trincheiras da primeira linha acclamaram hontem toda a extensão da frente de batalha, os soldados da Romania, respondendo ao inimigo com tiros furiosos de artilharia, morteiros e metralhadoras que foram feitos cessar pela prompta intervenção das nossas baterias.—(*Havas*).

O annunciado emprestimo á Russia

PARIS, 29.—O emprestimo que a Russia contrahirá em Inglaterra e França não será de seis biliões de francos, como a imprensa annunciou, mas muito mais reduzido e destinado apenas ao pagamento das encommendas militares feitas pela Russia no estrangeiro.—(Americana).

O sr. Venizelos e a situação na Grecia

ROMA, 29.—Nos meios politicos crê-se que os acontecimentos da Grecia levarão de novo ao poder o sr. Venizelos, dentro de pouco tempo.—(Americana).

Refractario preso

Como refractario, foi hoje preso, a requisição do commandante do regimento de infantaria 5, José Maria Antunes, de 21 annos, sapateiro, morador na rua das Beatas, 21, loja.

Cruz Vermelha

A subscripção de guerra da benemerita Sociedade da Cruz Vermelha Portugueza está actualmente em 67.105$95,5.

Original de A. A. de L. D. (antigo voluntario do exercito) foi distribuida, em folha solta, uma inspirada poesia patriotica intitulada «Na hora da partida» e dedicada aos bravos portuguezes expedicionarios.

Migalhas

A manhã de S. Bartholomeu

Já tinha ouvido relatar os horrores da noite de S. Bartholomeu e as angustias pardas em que se viram os pobres huguenotes até por musica m'as tinham contado. Soube hoje o que se padece na manhã do mesmo santo. Tinha adormecido ao som do marulhar do oceano e dormia a duodecima hora do meu somno de creança quando, ao bater das onze da madrugada, desperto ao som de um Zé Pereira terrivel. Deus do Ceu! Que será isto? Uma manifestação pela minha chegada? Mas eu cheguei modesto e incognito.. Vou á janella e com o sol explendoroso, entra-me a explicação. Na minha praia ha uma romaria. Defronte da minha casa, ao som da musica infernal rodopia um carrossel. Ha barracas de bugigangas por toda a parte, logares de melancias ao ar livre, photographos instantaneos e um formigar de gente acotovellando-se na avenida, pelas ruas, sobre a areia, installando-se para almoçar, estiraçando-se á sombra. Os electricos chegam da cidade proxima com cincoenta pessoas sentadas, trinta de pé, quinze em cada plataforma, seis em cada estribo e quatro na grelha.

Tocam cornetas, retinem ferrinhos, soam guitarras e sobre o fogo mouco da vozearia e das musicas, paira a artilharia grossa dos zabumbas, que troa sem descanço. Senhoras de chapeu acotovelam pequenas de chinéla no pé e aventalinho bordado. Ha botas de polaina democraticamente misturadas com sócos ou corvetas de bezerro e duas sólas. E' uma romaria do Norte com toda a sua côr, a sua agitação e principalmente com todo o seu barulho. Indago. Explicam-me que é dia de S. Bartholomeu e, vendo que não ha fórma de um huguenote tornar a metter-se pelo somno, visto-me e abalo para a cidade. Só voltarei á praia quando tiverem desmanchado a feira.

ANDRÉ BRUN.

EM PROL DA INSTRUCÇÃO

Os quadros da Historia de Portugal

são um alto beneficio que o sr. Paulo Guedes presta ao ensino portuguez

«Os Quadros da Historia de Portugal», editados pelos srs. Paulo Guedes & Saraiva, os conceituados livreiros e papeleiros da rua do Ouro são o inicio d'uma revolução pedagogica, bemfazeja para a população portugueza, até agora apertada nos moldes d'uma antiquada e infeliz orientação de ensino e de estudo.

A historia da nossa Patria, nos seus cyclos, e no seu caminhar progressivo atravez de oito seculos de existencia, vive animada, documentada, vibrante, n'esses «Quadros de Historia de Portugal», que dois historiadores intelligentemente compilaram e que dois grandes artistas exteriorisaram em desenhos e aguarelas de grande valor esthetico.

E' d'essa forma que se deve ensinar a historia aos nossos pequenitos estudantes, obrigando os seus pequeninos cerebros a fixar com nitidez, com perfeita visão e com adequada apropriação, os factos mais notaveis da nossa vida de povo livre.

E' d'essa forma, tambem, que se deve ensinar historia ao nosso povo, dizendo-lhe como foram grandes os portuguezes de todos os tempos, vibrando pela sua independencia, aventurosos na descoberta de novos mundos, temerarios e energicos na consolidação das suas conquistas, bravos na lucta, magnanimos de alma e d

coração, ideias na defeza do solio patrio, idealissimos no juramento e firmes na hora do dever.

E porque é assim que melhor se podem ensinar aos homens do futuro as lições d'um passado heroico; e porque é assim que melhor se podem despertar as energias do nosso povo pela exposição de actos e tradições gloriosas—é que bom merecem do conceito e elogio nacional aquelles que se abalançaram á edição d'uma obra, que para ser grande e util e para corresponder ás excellencias d'uma impeccavel pedagogia, trouxe pesados encargos, enormes, que são excepcionaes para o nosso minguado mercado de livraria.

Mas... o exito está garantido.

A exposição de aguarelas, no atrio do Theatro Nacional, que se encerra na proxima quinta feira affirma, mais uma vez e de maneira incontestavel, o merecimento de dois mestres da aguarela em Portugal: Alberto de Sousa, primoroso no seu desenho,—Roque Gameiro, o inimitavel artista de sempre, rigoroso no detalhe, forte no «ensemble» da composição, talentoso nos motivos interpretados, fidelissimo á verdade historica, exteriorisando o que o talento de João Soares e Chagas Franco, intelligentemente, architectaram,—illustrados e proficientes historiadores como são,—do que mais frisante, mais emotivo, mais accentuadamente guerreiro e mais vibrantemente patriotico ha pela historia da terra e povo portuguez.

Ao exito obtido pelos auctores e pelos aguarelistas, correspondeu o exito obtido pelo arrojado industrial, que editou os Quadros da Historia de Portugal. E é esse, evidentemente, que devem corresponder os maiores elogios. Sem elle, não teria unidade, nem execução a ideia dos srs. Chagas Franco e João Soares. Sem elle não havia occasião para o alto valor artistico de Alberto de Sousa e Roque Gameiro moldarem os famosos quadros que hão de ensinar a alma do povo, como foi e tem sido grande e heroico o povo da nossa terra. E' portanto, um benemerito, um amigo da instrucção e um grande portuguez, o sr. Paulo Guedes.

Mas... esse altissimo serviço que Paulo Guedes presta ao ensino de Historia Portugueza, estava previsto. Desde muito novo que o considerado e honradissimo industrial se preoccupa com os problemas educativos, mórmente os das nossas escolas primarias. E' incessante o seu trabalho para valorisar e simplificar o ensino dos pequenitos da Escola. Vem a occasião d'um moderno e intelligente pedagogo. Consequentemente... havia de ser Paulo Guedes quem forneceria á creança e ao povo portuguez a maneira pratica, simples e viva de apprender a nossa historia.

Questões militares

Consultas, respostas, alvitres

PERGUNTA N.º 587.—Esclarecendo a pergunta n.º 581, vou dizer qual a situação militar e as condições em que se encontra no estrangeiro o meu amigo. Entrou no recenseamento em 1903 e remiu o serviço activo e a primeira reserva, ficando na segunda reserva (creio que actualmente territorial). Foi ha annos para França com licença militar (depositou a garantia e cumpriu as mais formalidades em 1913), sendo-lhe a seguir dado passaporte pelo governo civil, cujo requerimento foi acompanhado da licença do districto de recrutamento de reserva.

Apresentou-se no consulado tendo a sua caderneta com os vistos de cada anno que se apresenta segundo o regulamento, dos praças ausentes com licença no estrangeiro. Está inscripto no consulado desde a chegada. Emfim, nunca esteve em Portugal estava nas escolas de officiaes milicianos. Não foi chamado por estar no estrangeiro. Quer vir a Portugal passar um mez de ferias. Pergunta se o póde fazer sem ser chamado immediatamente e se no fim d'esse mez poderá seguir para França, onde reside, sem haver impedimento. Qual a garantia de que isso assim póde acontecer.—Eduardo Motta.

RESPOSTA.—O regulamento de emigração de 1901, ao abrigo do qual seu amigo deve estar no estrangeiro, ainda se revogado, não contendo, a lei que o revogou disposição alguma transitoria que lhe seja applicavel.

N'estas condições vindo a Portugal é muito provavel que o não deixem voltar ao estrangeiro sem cumprir com a obrigações do serviço militar.

PERGUNTA N.º 588.—Estando eu incurso nos termos da alinea b) do artigo 11 do decreto n.º 2367 de maio ultimo que me obriga á frequencia da escola preparatoria de officiaes milicianos, porque razão não serei ainda chamado, quando individuos do meu regimento e nas mesmas condições se encontram já a cursar a referida escola?—Portalegre —Luiz Costa.

RESPOSTA.—Só na sua unidade o poderão informar do motivo porque ainda não foi chamado, sendo muito possivel que esteja designado para qualquer outra turma da escola para officiaes milicianos.

PERGUNTA N.º 589.—No dia 30 do corrente mez completo 45 annos de idade. O ultimo decreto sobre reinspecções tambem me abrange?—Rocio d'Abrantes.—Barnabé Soslo.

RESPOSTA.—Já não deve ser obrigado a reinspecção; logo que complete 45 annos caduca-lhe qualquer obrigação.

PERGUNTA N.º 590.—Nasci em 1882. Sentei praça como voluntario em 1898, com 16 annos, para servir por 12 annos. Fui promovido a 2.º sargento. Tempos depois destaquei para Moçambique onde estive perto de um anno, com a expedição. Tive baixa da 2.ª reserva por acabar o tempo em 1909, ficando sujeito á defeza local até aos 45 annos de idade. Desejo saber o seguinte:—Em que situação estou? Tenho de ser presente á junta de revisão? Se for apurado fico na reserva ou nas tropas territoriaes? Se for isento tenho de pagar taxa militar? Actualmente tenho 34 annos de idade.—Constante leitor.

RESPOSTA.—Está sómente inscripto nos registos militares, até completar 45 annos para em caso de guerra poder ser utilisado na defeza local. Não tem que ser presente á junta de revisão.

PERGUNTA N.º 591.—Fui recenseado pelo districto de recrutamento n.º 16 no presente anno, e já devidamente inspeccionado fiquei apurado definitivamente para infanteria.

Succede porém eu preferir a arma de artilharia e desejava ficar collocado no regimento em Alcobaça, onde estou residindo.

Será possivel, conseguir esta minha petição? Que meios tenho a fazer e em que epocha?

Em caso contrario como sou empregado no commercio poderei requerer para ficar na companhia de subsistencias?—A. S. G.

RESPOSTA.—A secretaria da guerra indeferiu todas as pretensões d'este genero por isso é escusado requerer.

PERGUNTA N.º 592.—Informando a «Capital» de sabbado passado, que todos os cidadãos portuguezes, dos 20 aos 45 annos de idade a partir de 1 de setembro de 1916, que são obrigados a andar munidos da resalva ou caderneta, queira informar qual o meio de substituir a resalva ou a caderneta, pois que, tendo caderneta antiga, não poderei andar com ella na algibeira pelo seu tamanho.—Jorge Mendes Matos.

RESPOSTA.—Já por mais de uma vez aqui temos dito que se torna necessario andar constantemente na algibeira com os documentos comprovativos de terem cumprido com as obrigações do serviço militar (caderneta, resalva, cedula modelo 4, etc.), basta possuir qualquer d'estes documentos, segundo os casos, devidamente escripturado e em dia, em sua casa, onde os irão buscar sempre que tenham que comprovar a sua situação militar.

E' já muito antiga a legislação individual e não me consta que até hoje os interessados tenham andado constantemente acompanhados dos seus documentos, o que não é tarefa facil sobretudo quando o documento seja a antiga caderneta militar das dimensões que toda a gente conhece.

Os grandes problemas sociaes

O Pauperismo e a Assistencia Publica no Porto

Qual a funcção que a Assistencia é chamada a exercer

PORTO, 29.—Um dos problemas que a Republica tem estudado com rara persistencia, conjugando elementos de valia e formando uma corrente nova, na sua orientação e nos seus fins é, sem duvida alguma, o da Assistencia Publica. No espirito dos homens que prepararam e fizeram a revolução de 5 d'Outubro não estava, certamente, a convicção de que uma ordem social perfeita sahiria, n'um brusco e extranho effeito de magia politica, das ruinas apodrecidas d'um regimen gasto e deshonrado. O objectivo economico e politico das sociedades progressivas não póde contor-se nas estreitezas d'uma proporção lançada nos programmas revolucionarios. Essencialmente o principio orientador permanece. As possibilidades transitorias do realisação e do adaptação pratica, é que nem sempre encontram consistencia e equilibrio na nova ordem de coisas, dadas as circumstancias de reacção e de instabilidade que derivam das taras politicas, economicas, moraes e religiosas que estorvam systematicamente o necessario avanço. E' o caso do pauperismo. Evidentemente que, por muito tempo se discutirá sobre as condições sociaes em que fluctua a vida collectiva, salientando-se as anomalias e a organisação actual da logar.

E a miseria é uma d'essas mais terriveis anomalias. Um tal phenomeno organico, tão contrario á logica e tão doloroso nos seus effeitos, impõe e deve impôr-se, mesmo áquelles que admittem a legitimidade permanente das fórmas sociaes actuaes, de acudir com urgencia ao perigo ameaçador, combatendo o pauperismo nos seus resultados, por todos os meios possiveis, até chegar á hora em que os que creem no progresso da humanidade possam atacal-o nas suas causas.

O direito á assistencia não é uma concepção moderna.

Se a sua applicação foi prejudicada pelas contingencias do tempo e dos logares, nem por isso se deixou de reconhecer nas antigas civilisações a necessidade de uma experiencia. Os importantes trabalhos de Regnard, de Chinard, de P. Robiret, de Jean Bernard, de Baron, e d'outros, falam-nos eloquentemente do que foram as tentativas do assistencia a partir da Grecia, com a legislação de Pericles até ás theorias humanitarias da revolução franceza e d'ahi os ensaios que as correntes socialistas da 1830 e 48 procuraram effectivar. Para não nos alargarmos em extensas considerações, basta consignarmos que os «dykasterios de Athenas», as annonas romanas, as «instituições alimentias» de Norva e de Trajano, as leis de Claudio, na antiguidade greco-romana, bem como no periodo medieval, a alma das communidades christãs, das corporações d'officios na Europa occidental e a instituição das «Ghildes» germanicas não poderam obstar ás calamitosas tragedias em que se debatia a humanidade desterrada n'esse periodo historico.

Bem longe de nós o proposito de affirmarmos que a extincção do pauperismo pode realisar-se pela obra da Assistencia.

Uma tal affirmativa seria ridicula para não dizermos criminosa, pois bem sabemos que a despeito do grande esforço realisado nas sociedades modernas, a partir do primeiro ensaio da assistencia social systematica, na Europa, e que surgo com o edito de 1602, em Inglaterra conhecido pela lei dos pobres (poor law) o flagello da miseria não deixa, um só momento, de preoccupar o espirito dos governantes. Nem as duas mais, o pouco fundados, que 1623, nem a lei de 1662 relativa ao soccorro domiciliario (settlement), nem a constituição da Repartição dos Pobres, etc., etc., conseguiram pôr uma barreira á onda avassaladora da miseria o da fome, que cobriu a Europa n'um recrudescimento pavoroso nos seculos XV, XVI, XVII, recrudescimento que tem a sua explicação na revolução economica que n'essa epoca teve logar.

Foram a lucta entre a realeza e o feudalismo, o advento da burguezia industrial, as descobertas de Colombo e Vasco da Gama, o explendor das artes e da industria na Italia da Renascença e na França; o oiro da America; um espantoso luxo que fez quintuplicar o preço das mercadorias na Hespanha e Portugal, na França e na Inglaterra, emquanto os salarios se mantinham n'uma exiguidade restricta que dava logar á applicação rigorosa da «lei do bronze» que os economistas mais tarde haviam de systematisar tão implacavelmente.

Surge a revolução. E é na Assembléa Nacional que Malouet põe, n'uma eloquencia panica, o terrivel problema á discussão dos representantes da nação.

Foi Liancourt o relator da commissão nomeada e as suas palavras soam com uma entonação, até ahi desconhecida, nos ouvidos do povo:

«Todos os homens teem direito á sua subsistencia; a assistencia dos pobres é um encargo nacional. A legislação d'um imperio não pode ser fundada nem sobre sentimentos nem sobre virtudes privadas, mas sim sobre principios geraes, immutaveis, d'uma justiça exacta e necessaria e d'uma sã moral. De resto, o campo da beneficencia privada fica aberto aos particulares e ás associações.»

Mas é Barrére quem, na famosa sessão de 19 de março de 1793, condensa n'estes termos o pensamento futuro das sociedades que procuram estabelecer as bases da assistencia publica, fóra do espirito deprimento e anti-humano da caridade fradesca.

N'uma democracia que se organisa, tudo deve tender a elevar o cidadão acima das primeiras necessidades, pelo «trabalho» se é valido, pela «educação», se é creança, pelos «soccorros» se é invalido e na velhice.»

Tão bello e generoso programma não póde effectivar-se e de todo esse agitado periodo em que a sociedade foi dessecada e analysada até ás mais infimas celulas, apenas ficou a lei de 7 fimario do anno V de que sahiram as «juntas de beneficencia.» Na eloquencia de Barréré não é o criterio simplista que domina os factos, reduzindo os multiplos aspectos da questão ás limitadas proporções que para os ideologos do seculo XVIII tomaram sempre os complexos problemas da sociologia. Traduz um alto cinismo e uma humanitaria nobreza a esse principio de solidariedade que vem considerar como um «dever» o que até então era visto como um «beneficio».

Quando passou a tormenta em que foram arrebatados os maiores espiritos da Revolução, a Europa só ouvia um tinir d'armas e em torno do novo Cesar que o 19 brumario elevou á supermacia do mando, só ficariam os lacaios que se riam da obra generosa dos que á França e á Humanidade abriram as portas do Futuro, e consideraram como um crime a miseria dos desprotegidos da sorte.

As nações modernas tem todas proseguido na ardua campanha, mas em poucas legislações transparece o espirito largo que caracterisou a acção de aquelles que proclamaram os Direitos do Homem.

Estamos fartos d'ouvir aos que de tudo desdenham, aos que de tudo duvidam, as sediças cantilenas em que se glorifica a obra da assistencia nos paizes estrangeiros. Na Inglaterra, na Allemanha, na Suissa, na Belgica, na Italia, na Scandinavia e na Russia a obra da assistencia tão apregoada pelos taes «amigos» da nossa Republica, não tem trazido á evidencia qualquer concepção nova, um systhema inédito, um methodo nosso, que melhor remedeie as pavorosas consequencias do pauperismo. Isoladamente daremos um exemplo para que tão inclitas razões não vão suppôr que citamos de côr. Referimonos á França. Actualmente as juntas de Beneficencia são em todo o territorio da Republica em numero de 16.000.

Como em França ha 36.118 communas, mais de 20.000 comprehendendo 19 milhões d'habitantes, estão sem junta de Beneficencia.

A receita total eleva-se a 45 milhões de francos, sem fallar dos subsidios aos hospitaes, o que dá para cada habitante uma contribuição de 1 franco e 50 centimos. Se nos referirmos á população rural, que vae além de 25 milhões de habitantes, vê-se que nas provincias, as despezas da assistencia apenas representam 38 centimos por habitante. Tirando as despezas relativas ao soccorro a alienados e ás creanças, a despeza d'assistencia nas communas ruraes pouco passa de 8 centimos por habitante.

Sendo de 5 milhões de francos as despezas administrativas da Assistencia Publica, ficam 28 milhões de francos, que distribuidos pelos 1.500:000 indigentes, dá uma media de 18 francos annuaes, por cada beneficiado!

A Assistencia nos outros paizes não é mais animadora. A que vem pois tanta má vontade, tanta impertinencia, tanta hostilidade, contra a obra de Beneficencia tentada pela Republica Portugueza? E o mais curioso é que todos fallam, todos discutem, todos criticam, e até agora não vimos surgir d'esse lado uma unica tentativa aproveitavel, um simples esboço de organisação, qualquer coisa que fique.

Deixar de praticar-se a *caridade com os pobres* para se fazer uma obra de *solidariedade social*, eis o problema. Como resolvel-o?

Todos conhecem as variadissimas modalidades da indigencia, todos sabem o quanto a vida das sociedades modernas, complica e varia as *nuances* da tragica phalange dos miseraveis. Até que ponto deve intervir o medico, o professor, o magistrado, o funccionario social, etc.? Não estamos simplesmente em face do indigente valido para o trabalho e do pobre pária a quem a sociedade não pode exigir o menor esforço productivo. Que grupo bizarro e multiforme surge ainda a preencher as cathegorias intermediarias! E' de resto se na Assistencia Publica nós vemos mais do que a instituição da esmola, isto é, se a comprehendemos como um organismo de utilidade social, um facto surge e não menos importante porque se integra no principio do progresso e visa a evolução das formas sociaes.

Queremos referir-nos ao sentimento da dignidade que é preciso levantar, no povo, temperando-lhe a moralidade e exaltando-lhe o caracter. A pobreza economica não deve extinguir a nossa moral. O homem soccorrido habitua-se a estender a mão e todas as qualidades superiores se reduzem pela certeza da esmola.

Estes effeitos são produzidos pela caridade official que toma assim um caracter de *banal divida publica* aos olhos dos soccorridos que deixam de vêr na Assistencia apenas o que é preciso que na realidade negam aquelles a quem a miseria não apagou todas as claridades: *uma protecção accidental.*

Um desprotegido, um operario sem trabalho, um doente sem recursos, um invalido, uma creança abandonada, etc., etc., não são, não devem ser mendigos. A Assistencia Publica não sanciona a *Cour des Miracles*. Indigencia e mendicidade não são fórmas identicas.

O que caracterisa um typo não tem applicação ao outro. O indigente, pode-o ser, transitoriamente; por espaço do tempo maior ou menor, ao sabor de factores que determinam a falta de recursos. O mendigo *permanece*, isto é, adquire o habito profissional, reage até contra os que pretendem arrancal-o á subalternidade abjecta em que vive. Corrigir as tendencias deste parasitismo que se enkista nas sociedades; procurando extinguil-o nas suas fórmas industriosas e artificiaes, auxiliar aquelles que num dado momento da vida economica nacional, ou por circumstancias alheias á vontade individual, não podem obter o que reputam necessario á propria existencia, protege os que uma impossibilidade organica, a edade, ou qualquer outro motivo essencial inhiba de se tornarem uteis pelo trabalho, agasalhar e educar a creança orphã ou abandonada, eis o que a Assistencia tem como objecto e como funcção social.

Por sabermos que no Porto se trabalha n'esta orientação e porque um amigo commum nos informára de que o illustre governador civil do districto, sr. dr. Pereira Osorio, afincadamente procurava levar a cabo um largo emprehendimento que marcará epocha na «Historia da Assistencia Publica, procuramos avistar-nos com s. ex.ª, sollicitando uma entrevista. Da melhor vontade acedeu o illustre republicano, concedendo-nos alguns momentos roubados á actividade espinhosa do seu cargo, e dando-nos interessantissimos detalhes sobre a obra larga, generosa e de providencia social com que de ha muito pensa o trabalho.

E' o que diremos no proximo artigo.

Annaes das Bibliothecas e Archivos de Portugal

Sahiu o n.º 7 do volume segundo d'esta importante publicação de que é director o sr. dr. Julio Dantas, illustre inspector das Bibliothecas e Archivos.

Entre os interessantes e valiosos trabalhos que encerra mencionaremos: «Historia dos descobrimentos portuguezes (a carta de Affonso IV ao papa Clemente VI)», por Faustino da Fonseca; «O combate de Torres Vedras em quatro cartas ineditas do rei D. Fernando», por Julio Dantas; «A edição do Diario de Antonio Ribeiro Saraiva», por D. José Pessanha; «Cartorios parochiaes», por Augusto de Castro; «Historia da sociedade em Portugal no seculo XV», por Costa Lobo; «Algumas provanças da Torre do Tombo no seculo XVI», por Antonio Baião.

Preço de cada exemplar, 20 centavos.

PEQUENAS NOTICIAS

Appareceu hoje no Tejo, em frente do caes do Sodré, á tona d'agua, o cadaver de um homem. Depois das formalidades legaes, foi conduzido para a Morgue, onde se reconheceu ser o de Luiz de Carvalho, de 30 annos, de Valle de Prazeres, Fundão.

—A policia procura o menor de 16 annos Armando Lourenço Marques, que se ausentou de casa de seus paes na rua de Nossa Senhora da Gloria, á Graça, 6, 3.º

Recaptura d'um fugitivo

Na travessa do Raposo, a Santa Clara, foi hoje recapturado pelo guarda 270 da cadeia do Limoeiro o celebre gatuno e desordeiro Jacques Adelino Mendes, conhecido no meio que frequentava pelo seu nome proprio, que é tido como alcunha.

O Jacques que conta no seu activo muitas fugas da prisões das mais seguras, conseguira ha dias evadir-se do forte da Serra de Monsanto, onde estava aguardando para dar entrada na Penitenciaria.

ULTIMA HORA

A sessão de amanhã

Na sessão de amanhã deve comparecer um grande numero de deputados e senadores, constando que dos parlamentares democraticos, principalmente, faltarão muito poucos, e esses por absoluta impossibilidade de vir a Lisboa tomar parte na sessão.

Não é facil prever o que se passará; mas é legitimo ter a esperança de que não se repetirão os incidentes da sessão passada. Ou com a formula indicada hontem nas columnas da «Capital», ou com qualquer outra que conduza ao mesmo fim, ha de ser possivel estabelecer uma base de entendimento onde caibam, sem quebra de dignidade, as opposições e a maioria.

A entrada do publico, tanto das galerias publicas como reservadas, effectuar-se-ha pela rectaguarda do edificio, para evitar que a entrada dos parlamentares seja difficultada pelas pessoas que costumam agglomerar-se á porta do Congresso a solicitar bilhetes.

Supremo Conselho de Defeza Nacional

Como dissemos hontem, reuniu hoje o Supremo Conselho de Defeza Nacional. Resolveu tomar a iniciativa de propôr uma modificação ao Codigo de Justiça Militar.

A questão das subsistencias

A falta do assucar—As resoluções do governo

Os corpos gerentes da Associação Commercial dos Vendedores de Viveres a Retalho enviaram hoje aos srs. ministro do trabalho e governador civil de Lisboa o seguinte telegramma:

«Attendendo aos graves prejuizos que está causando a falta de assucar nos estabelecimentos, a Associação dos Vendedores de Viveres a Retalho solicita de v. ex.ª a solução immediata na distribuição do assucar aos mesmos.»

Em resposta a esse telegramma e como medida transitoria, o governo determinou que todo o assucar existente em Lisboa seja entregue á Cooperativa dos Vendedores de Viveres a Retalho para que esta, amanhã, o distribua pelas mercearias de socios e não socios.

As outras remessas, á medida que forem chegando, serão entregues ás juntas de parochia para estas procederem á sua divisão.

Hoje já se fez venda do assucar em larga escala e amanhã essa venda deve ser maior.

O chefe do districto reune esta noite, pelas 22 horas, com todos os presidentes das juntas de parochia a fim de se assentar na maneira definitiva como deve ser feito o rateio pelas juntas de parochia.

Depois de amanhã deve chegar ao Tejo o vapor «San Miguel», da Empreza Insulana de Navegação, trazendo 450 toneladas de assucar já refinado.

N'uma casa da rua do Amparo vendeu-se hoje assucar em grande quantidade. Como a agglomeração fosse enorme, foi para ali uma força de policia a fim de manter a ordem e mais tarde 6 soldados da cavallaria da guarda republicana. O transito de vehiculos esteve por vezes interrompido, sendo de uma d'essas vezes pisado por um cavallo uma mulher e uma creança que se foi curar a uma pharmacia proxima. A' hora a que escrevemos, encontram-se no governo civil grande numero de merceeiros e pasteleiros. O sr. Chagas Franco está na disposição de tomar todas as providencias para evitar de futuro a falta de assucar para o publico e de punir todos aquelles que o açambarquem.

Tambem o administrador do concelho de Tavira e a Cooperativa de Credito e Consumo, de Sacavem, reclamaram providencias, sobre a falta de assucar.

A commissão districtal de subsistencias de Portalegre solicitou do governo providencias para que aquella commissão seja abastecida de trigo.

A falta d'assucar para a manipulação de remedios

Escusado será fazer quaesquer commentarios á carta que acabamos de receber do pharmaceutico sr. João José da Costa. Ella de per si diz tudo quanto sobre o assumpto se poderia escrever. Por isso, a publicamos na integra. Diz ella:

Sr. redactor da «Capital».—Peço a v. que, pelo seu acreditado jornal, faça vêr a falta que nos causa o não conseguirmos arranjar assucar para as pharmacias poderem manipular os medicamentos. Ha um mez que ando em completa peregrinação ao sr. ministro do trabalho, á Companhia Mercantil, ao sr. governador civil, a quem mandei requisição, etc., e não se consegue nada. São estabelecimentos a que se não deve faltar com este artigo, que é considerado de primeira necessidade para a confecção das formulas medicinaes. Espera o seu concurso para este grande beneficio a bem da humanidade, o que é de v., etc.—João José da Costa.

A junta de parochia de Santa Isabel convida os proprietarios de mercearias a indicarem por escripto para a séde d'esta junta o local onde as mesmas se encontram situadas, dentro da area d'esta freguezia.

Victimas de desastres

Na enfermaria 14 do hospital de S. José deram entrada Joaquina da Silva Gasparinho, moradora na rua do Bemformoso, 184, que na rua do Arco do Marquez de Alegrete foi atropellada por um carro electrico, ficando muito contusa no corpo; José Maria dos Santos Barata, estivador, calçada do Forte, 24, 2.º, que cahiu a bordo de um barco da Empreza Nacional de Navegação, ficando muito contuso no corpo; na enfermaria 3, Manuel da Silva Matheus, residente a bordo da fragata n.º 947, onde foi queimado com agua a ferver, ficando muito maltratado no corpo e rosto; na n.º 4, Casimiro Augusto, residente na rua do Bocage, 9, 1.º, que estando a trabalhar na Empreza Industrial Portugueza foi colhido por uma viga de ferro, ficando com o pé esquerdo esmagado; Manuel Francisco d'Almeida, morador na rua General Taborda, que deu uma queda a bordo de um vapor surto no Tejo, e Antonio Joaquim Marçal, morador na rua 24 de Julho, que cahiu de um carro electrico, ficando muito contuso na cabeça.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Nunca

Erguei até á fronte a chamma pura
D'uma lampada. Andae para deante.
Em torno a vós segue uma sombra escura
E a luz vae projectar-se para avante.

Sustendo a lampada a egual altura,
Correi depois para essa luz brilhante:
A treva ao vosso corpo vae segura
E a luz sempre a fugir, sempre distante...

Poetas! Eis aqui symbolisada
Na sombra: a nossa magua inonimada,
Na luz: o além que nos está a chamar.

Na sombra: a permanente, a eterna dôr,
Na luz, a aspiração d'um grande amor
Que nunca, nunca havemos de alcançar...

Augusto Gil.

ANDRE BRUN

Acompanhado de sua esposa e gentil filhinha, partiu para a Foz do Douro o nosso presado camarada de redacção capitão André Brun.

NO CINEMA DA PRAIA, EM CASCAES

Elegantissima a noite da moda de hontem n'este salão animatographico, onde de costume se dão «rendez-vous» as principaes familia da nossa aristocracia. Vimos ali, entre outras, as senhoras:

Condessa da Lapa, D. Adelaide Sophia Pinto Cardoso, D. Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella) e filha D. Maria de Lourdes, D. Maria Ernestina Sobral, D. Maria Alexandrina Pacheco de Abreu da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), D. Maria Eugenia de Freitas Oliveira, D. Virginia Paula de Freitas, D. Maria Allen de Brito Valle, madame Ferin, D. Laura Cruz, madame Pessôa, D. Zulmira Cordeiro Ferreira, D. Anna Cordeiro, D. Conceição Cordeiro Pereira, D. Celeste Brito, D. Feliciana Raposo, D. Maria de Lourdes Pereira da Silva e Castro e filhas D. Maria Leonor e D. Maria da Conceição, D. Maria Carolina Teixeira e Cunha e sobrinha mademoiselle Costa, etc., etc.

Amanhã, quinta feira, será de novo este elegante «cinema» o ponto de reunião da nossa melhor sociedade, pois sabemos estarem feitas muitas combinações entre as principaes familias da colonia balnear.

ANNIVERSARIOS

Fazem amanhã annos as senhoras:

D. Maria de Mello Breyner (Mafra), D. Amelia Henriqueta Bandeira de Castro de Sousa Pereira, D. Anna dos Santos, D. Maria das Dores de Moura Mendonça Pessanha, D. Maria José Machado de Castello Branco, mademoiselle Leonor Josephina de Sousa Pereira e actriz Sophia Santos.

E os srs.:

Conde de Tarouca, general Duarte Ivens, D. Antonio de Sousa Coutinho (Linhares), D. Antonio Jorge de Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Manuel Paes de Sande e Castro, Guilherme Street de Arriaga e Cunha (Carnide), José Deodato da Fonseca e Silva, D. Luiz do Rego (Geraz de Lima), Henrique Pereira da Costa Cirne e dr. Joaquim José Martins da Silva.

CASAMENTOS

Realisou-se na parochial egreja de S. João de Roma, em Oeiras, o casamento da sr.ª D. Judith d'Oliveira Trigo, gentil filha da sr.ª D. Carolina d'Oliveira Trigo e do sr. tenente coronel Manuel José d'Aguiar Trigo, com o sr. Henrique Augusto Perestrello d'Alarcão e Silva, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Perestrello d'Alarcão e Silva e do sr. Eduardo Augusto Pereira da Silva.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Serena Corinha de Saldanha e o sr. coronel Alfredo Saldanha e por parte do noivo os paes da noiva.

—Pelo sr. Joaquim Ferreira de Oliveira foi pedida em casamento para o sr. Roberto José do Lago, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Lago e do sr. José Maria Lago, a sr.ª D. Laura Neves, filha da sr.ª D. Cecilia Neves e do sr. João Neves.

O casamento realisa-se brevemente.

—No Casal do Oiro, Cartaxo, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Joaquina Nogueira da Silva, filha da sr.ª D. Maria Joaquina Pedro e do sr. José Bernardino Nogueira, com o sr. Custodio José da Silva, filho da sr.ª D. Raymunda da Conceição Silva e do sr. Antonio da Silva Pólas. Foram padrinhos a sr.ª D. Maria Rosa de Figueiredo e o sr. Rozendo Maria Lobato, por parte da noiva, e por parte do noivo o sr. Rozendo Wenceslau. Na «corbeille» dos noivos viam-se lindas e valiosas prendas, indo os noivos passar a lua de mel para o Bussaco.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiram para a Quinta do Gaio (Cartaxo), onde se demoram até fins de setembro, o nosso collega de imprensa sr. Xavier de Almeida, sua esposa, seu filho e a distincta professora de piano sr.ª D. Christina Mouchet.

—Partiram para Royat o sr. Pedro Gomes da Silva e sua esposa.

—Regressaram das Caldas da Rainha e partem brevemente para o Mont'Estoril a sr.ª D. Feliza Paccine e sua filha a sr.ª D. Constança Paccine da Camara.

—Regressou hontem do Minho o sr. D. Luiz Vaz de Almada (Almada e Avranches).

—Está na praia da Granja o sr. dr. Carlos Champalimaud.

—Com sua esposa, deve ter partido hoje do Porto para o Gerez e d'ali segue com sua mãe a sr.ª condessa de Calheiros para as Pedras Salgadas, o engenheiro electricista sr. Affonso de Calheiros Menezes.

—Está em Lisboa, regressando hoje á sua quinta de Alemquer, com sua gentil filha a sr.ª D. Maria do Carmo de Figueiredo de Almeida.

—Estiveram no Porto e partiram hontem d'ali para a sua casa de Maiorca, Figueira da Foz, os srs. viscondes de Maiorca.

—De regresso da Curia, encontra-se já na sua residencia em Lapas, Torres Novas, o sr. Francisco Antunes dos Santos Trincão.

—Vindo do Sanatoiro Sousa Martins na Guarda, já se encontra no Porto o sr. Abilio Vieira.

—Partiu para as Pedras Salgadas a sr.ª viscondessa de Ferreri.

A chronica do roubo

Para juizo foram hoje enviados: João Severino, o João das Pretas, morador no Sertão, 5, á rua Maria Pia, accusado de ter furtado 100 latas com agua-raz, no valor de 371 escudos, a João Mendes, residente no largo do Contador-Mór, 18, 3.º; Antonio Augusto Ribeiro e Laurinda dos Anjos, moradores na rua da Costa, 52, 2.º, accusados de furtarem a quantia de 54 escudos a João Netto da Cruz e Guilhermina de Jesus, residente na calçada da Bica Grande, 29, 3.º; Francisco José e seu pae José Francisco, residentes na Villa Rei, concelho de Loures, accusados de furtarem 26 alqueires de trigo a Joaquim Rodrigues Reguinha, morador na rua Oriental do Campo Grande.

—Só amanhã ou depois é que são enviados para juizo as gatunas de forasteiros Rachel da Conceição, a «Rachela», Virginia Augusta, a «Trailheira», e o amante d'esta, José Antonio dos Reis, accusados de terem furtado a quantia de 135 escudos a Manuel Caldeira Gabriel, morador em Castello Branco.

A questão do papel

Importação de 600 toneladas

O «Diario do Governo» publicou hoje, pela direcção geral das alfandegas, o seguinte aviso:

«Por determinação do ex.mo sub-secretario de Estado d'este ministerio, são convidadas as empresas jornalisticas e quaesquer outros industriaes graphicos e demais importadores habituaes de papel, que pretendam fazer importação d'este genero ao abrigo da lei n.º 511, de 15 de abril ultimo, a entregarem n'esta direcção geral os seus requerimentos, dentro do prazo de quinze dias, contado da data da publicação d'este annuncio, a fim de se proceder ao rateio previsto no paragrapho unico do artigo 1.º da dita lei, ou a indicarem n'esta direcção geral, dentro do mesmo prazo, qual a empreza ou outra entidade em quem deleguem a importação da totalidade de 600 toneladas de papel, especificado no artigo 513.º da pauta em vigor, de conformidade com o citado paragrapho unico.

Findo que seja o prazo fixado no presente annuncio, será auctorisada a importação, nos termos legaes, em favor das entidades que até então a houverem requerido, entendendo-se que quaesquer outras a ella renunciam durante o primeiro anno da vigencia da referida lei.»

Por nossa parte, não comprehendemos este aviso e principalmente a restricção final.

NOTAS DIVERSAS

—Foi nomeado administrador do concelho de Sines o sr. Nogueira da Silva.

—A Associação dos Proprietarios de Padarias do Porto, expôz ao sr. ministro do trabalho a conveniencia da lei do descanço semanal respeitante áquella classe ser alterada, isto é, que os operarios findem o serviço ás 2 ou 3 horas da madrugada de domingo e possam recomeçar o trabalho ás mesmas horas do segunda-feira.

TRIBUNAES

BOA-HORA

No 1.º districto criminal foi hoje condemnado em 3 annos de prisão correccional e, finda a pena, ser entregue ao governo Raphael Augusto, o *Lindorphe*, de 29 annos, que se diz barbeiro, com 30 prisões e 7 condemnações, accusado de ter furtado uma carteira a um individuo que se encontrava na estação do Rocio.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Venda
Londres, cheque	34 7|8	34 8|4
Londres, 90 d|v.	35 3|8	—
Paris, cheque	$78,1	$78,6
Hollanda, cheque	$50,2	$50
Madrid, cheque	1$45,5	1$46,5
Suissa, cheque	$81,5	$82,5
New York	1$44,5	1$45,5
Rio s|Londres	12 17|32	—
Libras	7$20	7$80
Agio do ouro	51 °|°	56 °|°

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	coup.
Tit. de 1:000$	38,30	38,20
» » 500$	38,20	38,25
» » 100$	—	38,65

Obrigações do Estado: 3 0|0 1905, 9$45; 4 0|0 1888, 22$40; 4 1|2 88-89, assent. 57$50 e coup. 57$.

Externas: 1.ª serie 78$10, 3.ª 80$ e cautelas de 3.ª 3$80.

Acções: B. de Portugal 182$, Ultramarino, assent. 131$50 e coup. 132$50; Aguas 93$10, Assucar 48$70, Credito Predial 22$, Ilha do Principe 255$, Moagem, Nova, 63$60, Phosphoros, coup., 51$90, Norte e Leste 34$, Tabacos, coup., 85$, Zambezia 2$30.

Obrigações: Aguas, coup., 83$, Prediaes 6 0|0, 93$50, C. N. dos Caminhos de Ferro 79$, Moagem, Nova, 96$, Caminho de Ferro de Benguella, tit. 5, 80$, Assucar 41$20.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

Fortalecer antes; militarisar depois

E' o grito unanime dos patriotas francezes que veem no «sport» um poderoso factor de regeneração da raça

O Senado francez approvou o projecto de lei Cherow-Berenger, que institue a «preparação militar obrigatoria».

Mas, o projecto está sofrendo rudes ataques na imprensa e revolucionou todos os agrupamentos, clubs, escolas, universidades e academias, n'um geral movimento de protesto porque o projecto podia arrastar a decadencia do «sport» e da cultura phisica, na qual os patriotas francezes veem um factor, poderoso, unico, inegualavel, para melhorar e robustecer a raça.

Esses protestos chegaram até ao ministro da guerra, general Roques. E chegaram até elle, em milhares de officios, assignados por muitas milhares de pessoas. E o ministro começou por attender a razoavel e ponderada argumentação dos que a elle recorriam, ordenando que a preparação intensa e immediata da classe de 1918 se faça apenas pela «preparação phisica».

Assim comprehende-se...

Realmente, de que serve militarisar um rapaz, se elle não tiver resistencia phisica, não tiver energia para fazer uma pequena marcha a pé; não tiver força para suportar uma espingarda; não tiver preparação para suportar as vicissitudes de campanha, permanencia de trincheira e trabalhos exaustivos de lucta? De nada.

Ora tudo indica que primeiro ha necessidade de fazer do rapaz um homem forte. Depois d'um homem forte, no dizer dos grandes generaes da Victoria facil é fazer-se um soldado. E para fazer gente forte, não ha como a educação phisica, a cultura phisica e os «sports». Isto já o dissemos, com palavras sugestivas, com documentos e com estatisticas. Isto mesmo continuaremos a dizer...

P.

Ler amanhã n'"A Capital,,:

Uma serie de opiniões de eminentes politicos, homens de letras e «sportsmen» francezes sobre a

Preparação militar da mocidade

nas quaes se censura asperamente o projecto de lei Cherow-Berenger, que a executar-se militarisava os rapazes antes de os tornar homens validos e fortes.

Notas do dia

A Amadora movimenta-se e anima terras estranhas

Ante-hontem, como nota espirituosa, disseram-nos:

—«A Amadora, ha dez dias que não dá signal de si!...»

E logo nós respondemos, como elucidativo:

—«Puro engano! A Amadora não tem descançado. N'esses dez dias esboçou o programma dos dois «gymkhanas» que se realisam no mez de setembro e que são organisados por uma commissão de meninas; lembrou a realisação de bailes; fez a recepção a medicos militares; planeou uma grande festa em honra dos medicos que estão na instrucção para o dia que esta terminar; enviou os seus escoteiros em viagem de propaganda pelas terras dos concelhos limitrophes; continuou mantendo sessões animatographicas todas as noites, ao ar livre; começou a constituição dos seus «teams» de «foot-ball» para a proxima epocha; iniciou o seu campeonato de «lawn-tennis», no qual se inscreveram alguns dos mais notaveis amadores portuguezes...»

—«Basta... Basta... Já comprehendemos a nenhuma razão das nossas informações, mas julgavamos a Amadora adormecida pelo facto de haver diminuido o noticiario...

—Diminuiu porque o sr. Antonio Correia tem estado preoccupado com as successivas e interessantes reuniões das meninas que vão organisar os «gynkhanas», porque o dr. Pontes anda em serviço de preparação militar, porque o Santos Mattos está na Praia das Maçãs, porque o Delphim Guimarães vem de viagem de S. Thomé para Lisboa; o Roque Gameiro está em S. Pedro; o Aprigio Gomes, o Oliveira e Silva, o José Bastos não teem reunido por falta de numero, mas... esperem um pouco e verão como a Amadora se desforra d'esse tempo perdido!... Para setembro, ha na Amadora pelo menos umas 17 festas comprehendendo bailes; «gymkhama» de patinagem, torneios de «tennis» para «singles» e «doubles»: sessões solemnes, sessões animatographicas; banquetes de confraternisação; «sports» athleticos, etc.!

* * *

A Trafaria, centro de actividade sportiva

Não resta duvida que a ida de Henrique de Sousa e Mario de Noronha para a praia da Trafaria beneficiou um pouco a epocha de «sport» na linda praia. Projectam-se por lá, regatas, campeonatos de «tennis», de esgrima e de natação, bailes e até «soirées» de acrobatismo e de athletica pelos mais insignes dos nossos amadores. E diz-se que é uma d'estas festas a que mais proximamente se organisa na Trafaria, sendo executantes, alguns dos mais prestimosos socios do Gymnasio Club Portuguez.

* * *

Planos para a futura epocha

Affirma-se que a proxima [illegible] portuense [illegible]

...ma epocha de inverno dos clubs lisboetas. E' possivel que tenha uma certa influencia, mas a verdade é que os clubs se preparam, com enthusiasmo, para essa temporada athletica, especialmente para a do «foot-ball association».

O Sport Lisboa e Bemfica, não querendo perder o seu titulo de club campeão e não querendo perder a sua enorme popularidade, está organisando a «linha» dos seus quatro grupos e vae iniciar, desde já, os treinos no seu vasto campo de Sete Rios.

O Sporting Club de Portugal activa as obras do seu novo campo e projecta effectuar ali todos os seus desafios do proximo campeonato.

O Lisboa Foot-ball Club trabalha para conseguir um campo e já obteve um para os seus treinos officiaes, antes de conseguir terreno proprio.

O Imperio mantem-se no seu excellente campo de Palhavã. O Club Internacional actualmente dirigido por devotados «sportmen» vae impôr-se na proxima temporada. O Atheneu Commercial fórma novamente os seus «teams». Os Recreios da Amadora entram nos campeonatos das 3.as e 4.as cathegorias. Isto equivale a dizer o seguinte:—se houve abalo pelo facto da mobilisação ainda não foi grande e não se fez sentir muito.

* * *

O Club Naval de Lisboa no Porto

Chegaram hontem no rapido da noite os socios d'este Club que foram ao Porto disputar as brilhantes provas organisadas pelo prestimoso Sport Club do Porto.

De todos recolheram as melhores impressões, não só pela forma impecavel da organisação do certamen e pela gentileza deveras captivante da direcção do Sport Club e em especial de Alberto Barbosa e Pedro de Araujo, os maiores enthusiastas do sport nautico em Portugal, como de todos os «sportsmen» portuenses.

Na regata de remos ganhou e muito bem a tripulação do Sport Club do Porto, despertando enorme enthusiasmo o desafio de «water-polo», entre o brilhante «team» do Sport Algés e Dafundo e o do Club Naval de Lisboa, que foi o vencedor.

Foi excellente a propaganda do Club Naval a favor da natação, pois n'uma cidade onde existem tantos apologistas d'este bello sport é de esperar que muito em breve ella tome grande incremento.—R.

* * *

O Concurso Nacional de Tiro

Reune ámanhã, ás 3 horas da tarde, a grande commissão organisadora e o jury do proximo campeonato nacional de tiro. Vae elaborar-se o programma definitivo e dispôr as respectivas commissões para que as provas se organisem com brevidade e com methodo.

Algumas anecdotas

O mestre que elle teve...

—Não tens razão para dizer tanto mal da gymnastica sueca... Olha na minha classe não faço outra e não tenho obtido maus resultados...

—Sempre gostaria de vêr...

E os dois amigos subiram a rua fronteira e entraram no collegio. Os alumnos foram chegando pouco a pouco. Depois um grupo de 17 executou muitos movimentos de braços, alguns de tronco, outros de pernas. Quando terminaram a gymnastica, o professor perguntou:

—Então qual é a tua opinião?

—Não a fixei ainda, mas diz-me uma coisa; isto é que se chama gymnastica sueca?

—Já se sabe que é. Pura sueca...

—E quem t'o disse?

—Ora esta?!... Este livrinho que aqui vês e diz lá se ha exercicio differente na minha classe aos que representam estas gravuras?...

—Tens razão!... Tens razão!... O que tenho pena é que haja muitos da tua força!...

Os grandes records

Os americanos são inegualaveis e inexcediveis no athletismo

O resultados obtidos nos torneios de «sports» athleticos que se realisaram na America durante os mezes de maio, junho e julho, indicam que os «yankees» possuem mais de 31 rapazes que correm 100 metros em menos de 11 segundos, mais de 9 rapazes que correm 200 metros em menos de 23 segundos; mais de 17 rapazes que saltam 1m,80 de altura; mais de 21 rapazes que saltam 3m,60 á vara! Isto sem contar com os «recordmen»!

Noticias

(Communicados e informações)

Entre nós

Luzitano Club Cyclista

A commissão sportiva d'este Club realisa no dia 10 de setembro um passeio extra-official á Trafaria e Porto Brandão.

O campeonato d'este Club está marcado para o dia 17 de setembro, estando a inscripção aberta até ao dia 10, pelas 23 horas.

Concurso Nacional de Tiro

A inscripção—Os treinos—Os premios.—Está recebendo o maior enthusiasmo o proximo Concurso Nacional de Tiro que, a avaliar pelo do anno passado, deve este anno ser brilhantissimo. A inscripção para o concurso, que é absolutamente livre para todos os portuguezes, poderá ser feita desde o dia 15 de setembro. A partir do dia 1, a Carreira de Tiro de Pedrouços estará aberta todos os domingos para os atiradores se poderem treinar.

O concurso começa no dia 20 de setembro e termina no dia 5 de outubro. Pela relação já publicada dos premios que já foram recebidos, se póde avaliar da importancia do patriotico certamen, que deve ser concorridissimo. Todas as pessoas e collectividades que ainda desejarem offerecer premios, poderão communical-o para a 4.a repartição do ministerio da guerra ou para a Carreira de Tiro em Pedrouços.

Brevemente serão afixados uns inspiradissimos e patrioticos cartazes artisticos originaes do illustre artista Augusto Pina.

Desportos de Bemfica

Continúa a ser animadissimo centro de reunião sportiva o importante club de Bemfica. Tanto os seus recintos de «tennis» como o vastissimo «rink» de patinagem são todos os dias concorridissimos, especialmente aos domingos e quintas.

O Gymnasio Club Portuguez organisa uma festa de natação

E' no proximo domingo que, pelas 16 horas se realisa uma interessante festa de natação na praia de Pedrouços, com varias provas conforme já annunciámos.

A direcção do Club já expediu convites a todos os socios e banhistas para se inscreverem n'esta festa.

A inscripção, que é gratuita, já conta os nomes dos nossos melhores nadadores e principiantes.

Realisar-se-hão n'esta tarde as provas finaes de natação dos alumnos da Casa Pia de Lisboa.

A inscripção continúa aberta até ao dia 2 de setembro na séde do Club.

PEQUENAS NOTICIAS

José Soares, morador na rua Occidental do Campo Grande, 2, foi preso a pedido de José Alves, residente no Campo dos Martyres da Patria, que o accusa de lhe ter furtado uma desnatadeira no valor de 60$00.

—Para juizo foi hoje enviado Adelino Nunes, morador na azinhaga das Salgadas, lettras E. F., loja, accusado de ter aggredido a tiros de revolver Francisco Luiz, morador na mesma azinhaga, lettra A. Recolheu á cadeia do Limoeiro.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

SYNDICATO FERRO-VIARIO. — Na séde do Syndicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro Portuguezes reunem ámanhã, ás 21 horas, os ferro-viarios mobilisados da companhia de sapadores de caminhos de ferro para se occuparem da situação em que ficam suas familias.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21 — Noite e dia.

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

Noticias

Entre nós

Está marcada para depois d'ámanhã, no theatro Avenida, a inauguração da epocha de verão com a «première» da revista em 3 actos e 12 quadros «A princeza Magalona», original de Marçal Vaz, Alvaro Santos e Arthur Rocha, com musica, parte original e parte coordenada dos maestros Vasco de Macedo e Hugo Vidal. O «compadre» do novo original, que será apresentado em espectaculos inteiros, é o actor Gomes, do theatro da Trindade, que interpreta o papel de «Macarено». Entram tambem, na «Princeza Magalona» além d'outros valiosos elementos artisticos, a actriz Auzenda d'Oliveira, que faz a protagonista, Pilar Monteiro, Carmen Martens, Fernando Pereira, Luiz Leitão, Sebastião Ribeiro e outros.

—A companhia do Gymnasio, superiormente e com tanto brilho dirigida por Maria Mattos e Mendonça de Carvalho, regressa no proximo dia 5 da sua «tournée» pela provincia. A epocha de inverno inaugurar-se-ha a 1 d'outubro.

Colyseu dos Recreios

Canta-se ámanhã «Noite e Dia»

Canta-se hoje no Colyseu a «Duqueza do Baile Tabarin», a opereta deliciosa, movimentada e alegre com que se estreiou a companhia Caracciolo-Scognamiglio.

O exito alcançado por esta opereta é tal que o annuncial-a corresponde a vender-se toda a lotação.

A'manhã estreia-se a lindissima opera comica de Lecocq «Noite e Dia» cuja acção se passa em Portugal, na provincia de Traz-os-Montes nos principios do seculo XVII.

Pela musica e pelo entrecho esta opera-comica é das que tem alcançado em todo o mundo maiores sucessos.

Já hoje ficaram marcados muitos bilhetes para o espectaculo de ámanhã.

Melhoramentos regionaes

MACIEIRA DE CAMBRA, 28.—Não foi debalde que por intermedio de «A Capital» solicitámos das instancias superiores urgente deferimento ao requerimento que o sr. Luiz Bernardo de Almeida tinha ha tempo dirigido ao ministro do fomento, offerecendo-se para á sua custa construir um ramal de estrada entre a séde d'esse concelho e a estrada que serve Arouca, obra que está orçada em cerca de 12 contos.

Pela noticia que os jornaes nos trouxeram e pelas que já tinhamos recebido do amigo dos progressos d'esta fertil e encantadora região sr. J. Tavares Valente, sabemos que o ministro tinha dado despacho e que ia ser publicada no «Diario do Governo» a portaria acceitando a offerta do sr. Bernardo de Almeida.

E' indescriptivel o contentamento dos povos interessados por tão importante melhoramento, tanto mais que sabemos que immediatamente o grande benemerito deu ordens para sem perda de tempo se começarem os trabalhos, de maneira a poderem estar concluidos por occasião da inauguração do hospital-asylo que já anda em construcção.

Por occasião da inauguração d'estes importantes melhoramentos, da iniciativa do sr. L. B. de Almeida, e ainda pelo regosijo de ter o ministro do fomento dotado a estrada nacional n.º 42, que liga este concelho com S. Pedro do Sul e Vizeu, a instancias do digno administrador actual do concelho, vice-presidente da camara sr. J. Tavares Valente, realisar-se-hão importantes festejos, aos quaes serão convidados a assistir o chefe do Estado, os ministros do interior, fomento e instrucção e demais pessoas que se tenham interessado pelos progressos d'esta terra, assim como os directores dos jornaes que nas suas columnas os teem defendido.

TOURADAS

VILLA FRANCA, 30.—No domingo realisa-se uma corrida nocturna, promovida pelos artistas Ribeiro Thomé e Rufino da Costa, lidam-se dez lindos novilhos-touros, offerecidos generosamente pelos promotores, por varios lavradores do Ribatejo. Prestam-se a tomar parte na corrida os cavalleiros amadores Antonio Luiz Lopes Junior, Arthur Ferreira da Silva e o promotor sr. D. Carlos de Mascarenhas, Jayme Codeto, Mario Lopes, D. Pedro de Bragança, D. João de Mascarenhas e Gomes Lobo. O grupo de forcados será capitaneado por Manuel Burrico. Os bandarilheiros Benjamim Lopes e Pedro Silva dor, recolherão a cavallo, os touros destinados á lide equestre.

de canhões com nas guerras anteriores só se empregava para vencer as grandes batalhas e que entre as acções da infantaria havia innumeraveis duellos d'artilharia ao longo de toda a extensa fronte.

Para exemplo, sir Douglas Haig telegraphava a 17 de abril: «Violento bombardeamento hoje cêrca de Voormezeele e Dickabusch e na area entre St. Eloi e o canal Ypres-Comines». Uma testemunha ocular transmittiu a seguinte laconica mensagem nos mais pitorescos termos:

«Foi d'um outeiro no meio d'esta deleitosa região que a nós, que não eramos combatentes, era permittido aguardar o bombardeamento que o communicado descreve.

«Os canhões pesados allemães de qualquer parte atraz da elevação de Messines á nossa direita estavam fazendo fogo a direito atravez de Hooge e Ypres mais á nossa esquerda. Ouviamos o troar do canhão dominando todo o ruido das peças mais pequenas, e quando as grandes granadas passavam silvando pela nossa frente faziam um tal barulho que parecia absurdo que alguem as pudesse vêr.

«Então, com o olhar fixo em Ypres ou Hooge, esperavamos a explosão. O vôo d'essas granadas era batido em angulos rectos pelo fogo de certos canhões pesados dos nossos, que dedicavam a sua attenção a qualquer local para além de St. Eloi.

«Como o zumbido augmentava, era impossivel dizer d'onde as granadas vinham ou o alvo que queriam attingir. O zumbido era infernal. Apoz algum tempo, todos os objectos foram envoltos pelo fumo das explosões. Ypres ficou atraz d'um véu. Hooge perdeu-se completamente de vista.

«Para além das linhas do inimigo, na direcção de Hollebeke e na de Menin, parece que acertámos n'um paiol ou n'um armazem de munições de qualquer especie, porque uma espessa columna se ergueu lentamente no ar.

Entretanto, em cima, a «actividade aerea» de que o communicado fala continuava e os aeroplanos passavam e tornavam a passar, seguidos por pequenos pennachos de fumo das shrapnels.

«Mas o mais lindo de tudo era o espectaculo das trincheiras allemãs, que se avistava plenamente de Wytschaete e de Messines. O communicado diz que «bombardeámos as trincheiras do inimigo com efficacia». Realmente foi efficaz. Com effeito, onde a linha amarellada das linhas corria, visivel a olho nu, um pequeno pennacho de fumo se ergueu do terreno, semelhante exactamente ao da propria trincheira.

«Um minuto depois, outro pennacho semelhante apparecia a 50 metros á esquerda, ainda, apparentemente, directamente sobre a linha. Então, mais á esquerda, mais um terceiro e um quarto, depois mais e mais, como se a todo o comprimento dos parapeitos allemães tivessem sido collocadas pequenas peças de fogo de vistas.

«Era impossivel dizer a 20 metros de distancia onde as granadas estavam actualmente cahindo, se na propria trincheira ou proximo. E no cume da nossa elevação felicitavamo-nos por não estarmos atraz dos saccos de areia allemães na fronte da linha.

«Umas vezes, começam os allemães, outras vezes somos nós que começamos. Primeiro, é um canhão, depois vae augmentando o numero, até serem todos, fazendo um ruido infernal. Provavelmente, temos sempre pelo menos tão boas razões como elles. Conjectura-se que, d'um lado e d'outro, uma vida é perdida por cada duas toneladas de munições dispendidas. E no dia seguinte podemos lêr no communicado que houve violento bombardeamento na proximidade de Blank ou que houve actividade de artilharia em Dash. E' uma guerra extraordinaria».

A lucta na região de St. Eloi e em outros pontos do saliente con-

escuridão das forças oppostas,—dá especialmente occasião a actos de bravura, energia e rapidez de decisão das tropas que n'ellas tomam parte.

«A iniciativa n'essas operações de menor importancia foi por nós tomada e no conjuncto mantida, mas os allemães tentaram recentemente alguns audaciosos e bem planeados «raids» contra as nossas linhas, muitos dos quaes foram repellidos, tendo aguns, porém, conseguido exito, como por mim tem sido communicado em occasião opportuna.

«O trabalho das companhias encarregadas de abrir galerias merece menção especial. A' crescente actividade de sapa da parte do inimigo respondeu-se invariavelmente com a maior energia da parte dos nossos sapadores, que no cumprimento do seu dever cheio de perigos mostraram no mais alto grau as qualidades de coragem, de perseverança e de sacrificio proprio. A sua importancia na presente phase de guerrear é muito grande».

Um extracto d'uma carta escripta por um official, que pela sua valentia obteve a cruz militar, dará ao leitor que não conhece as condições do novo modo de guerrear idéa do que os homens estão fazendo e soffrendo.

Dizia essa carta:

«Na primeira noite fomos ferozmente bombardeados ás 7 horas da tarde, na noite passada cahiu sobre nós uma terrivel saraivada desde as 2.10' da manhã até ás 2.30' de granadas de todos os tamanhos. Era uma verdadeira chuva de metal. A primeira granada derrubou-me, não me ferindo, porém, e quando consegui pôr-me em pé vi que os meus homens, que tinham avançado perto d'uns cem metros na frente do bosque estavam retirando desordenadamente. Consegui reunil-os e apontar-lhes a ponte que tinham de atravessar, mas difficilmente o conseguiram, porque os hunos tinham vindo em nossa perseguição, tendo de travar-se lucta corpo a corpo».

Descreve em seguida esse official a lucta que se seguiu, o avanço e o recuo alternados, emfim a victoria dos inglezes, victoria limitada, é certo, a uma pequena porção da fronte, mas que não deixou de ser difficilima de obter.

Vamos agora recordar os principaes acontecimentos occorridos entre 21 de fevereiro e 20 de abril na fronte desde o Mar do Norte ao Somme, do Somme ás encostas da floresta da Argonne e finalmente do sul de Verdun á fronteira suissa.

Na fronte franco-belga, que se estendia desde o mar, proximo de Nieuport, até um ponto no canal de Yperlee, exactamente ao norte de Ypres, houve relativo socego. Os allemães não estavam dispostos a repetir o seu erro de tentarem chegar a Calais por meio de um avanço atravez de Nieuport, Furnes ou Dixmude, e a politica dos alliados era permanecer, de momento, na defensiva n'essa area.

A lucta, por isso, resumiu-se principalmente em duellos de artilharia, alguns dos quaes, como em 1 e 18 de março e 23 d'abril, foram muito intensos. Na segunda feira, 24 d'abril, uma esquadra composta, segundo a versão allemã, de monitores, destroyers e pequenos e grandes paquetes, que apparentemente andava na roçegagem de minas e fazendo preparativos para um bombardeamento, appareceu ao largo da costa da Flandres.

Zeebrugge foi bombardeada com um resultado que não é bem conhecido. A darmos credito ao communicado allemão, tres torpedeiros d'essa nacionalidade atacaram os navios ingezes e voltaram ao porto sem avarias, emquanto um destroyer inglez foi avariado e uma das pequenas unidades mettida a pique, sendo a tripulação aprisionada e levada para Zeebrugge.

Na fronte britannica, desde

ponto onde se fazia a juncção com ás forças franco-belgas, até ás elevações acima do Somme, a situação na ultima semana de fevereiro e durante os mezes de março e abri foi muito differente. O saliente de Ypres foi, como sempre, um grande centro de bombardeamento e theatro de numerosos combates, que n'outras guerras se denominariam batalhas.

No domingo, 27 de fevereiro, um ataque allemão ás trincheiras ao norte do canal Ypres-Comines foi repellido. Poucos dias depois, na quinta feira, 2 de março, os inglezes, por seu turno, tomaram a offensiva.

A 14 de fevereiro os allemães haviam tomado parte d'uma estreita encosta de trinta a quarenta pés de alto, coberta de arvoredo, na margem norte do canal, que corria para o interior da area allemã.

As trincheiras inglezas passavam pela parte oriental d'essa encosta, que era designada pelo nome de «Bluff». O inimigo, no dia 14, tinha-se apoderado d'uns 600 metros de trincheiras de primeira linha inglezas. Duas d'essas trincheiras foram quasi a seguir recuperadas mas as outras, apezar de muitos contra-ataques, continuaram em poder dos allemães, que, antecipado-se á renovação da offensiva, se entrincheiraram com especial cuidado.

Um grande numero de canhões foram amontoados na proximidade para fazer cahir sobre as tropas inglezas um diluvio de shrapnels e granadas explosivas se quizessem avançar. Egual concentração de canhões se fez atraz da linha britannica e durante muitos dias a guarnição dos abrigos e trincheiras do «Bluff» foi violentamente bombardeada.

A 1 de março, entre as 5 e as 6 horas da tarde, o bombardeamento tornou-se, litteralmente, aterrador. Foi acompanhado por um chuveiro de bombas arremessadas pelos granadeiros. O inimigo, esperando um ataque, parece ter recebido ordem para não arredar pé.

Durante a noite, as metralhadoras inglezas funccionaram incessantemente. A situação do «Bluff», envolto n'um véu de nevoeiro e escuridão, era indicada por subitos e continuos jactos de luz côr de laranja. Um sol vermelho ergueu-se sobre um massiço de arvores no horizonte e á sua luz, por cima dos campos gelados, foram vistos os aeroplanos inimigos subindo, subindo, a fim de evitarem o explodir das granadas que sahiam dos canhões especiaes contra aviões.

Os inglezes, com as cabeças protegidas pelos novos capacetes de aço, que eram experimentados pela primeira vez em larga escala, esperavam a voz de commando.

O ataque fôra organisado com minuciosa attenção nos mais pequenos pormenores. Em cada hora, por quatro vezes, o rebentar do fogo dos canhões dos morteiros puzera os allemães n'um estado de excitação nervosa, esperando o ataque. A's 4.29' da manhã de 2 de março, foi elle dado. Sir Douglas Haig diz que «foi uma completa surpreza». O inimigo foi encontrado sem baionetas armadas e muitos homens sem espingardas e equipamentos.

Uns cincoenta allemães se amontoavam n'uma escavação na extremidade oriental do «Bluff». Offereceram breve resistencia e depois desappareceram n'agumas galerias, onde foram aprisionados mais tarde.

Os assallantes do lado direito tomaram o «Bluff» com pouca opposição. No centro as tropas inglezas apoderaram-se da terceira linha allemã e occuparam-na emquanto as trincheiras que haviam sido tomadas na relaguarda estavam sendo consolidadas. Na esquerda, os inglezes a principio não conseguiram chegar á posição allemã, mas, empregando um canhão Lewis, o inimigo, apanhado por um fogo de enfiada, foi forçado a retirar.

As trincheiras allemãs foram encontradas cheias de cadaveres em resultado do bombardeamento; 5 officiaes a 250 homens foram feitos

prisioneiros. Tão assombrado ficou o inimigo com esse golpe que não fez tentativa alguma antes do meio dia para recuperar o terreno perdido. A essa hora, 51 baterias abriram fogo.

A's 3 horas da tarde, uma columna de allemães avançou ao ataque, mas, em vez de se approximarem das tropas inglezas, arremessaram as bombas para além das trincheiras britannicas e precipitaram-se para a frente com as mãos erguidas. Como em occasiões anteriores, a artilharia allemã despejou um torrente de granadas contra os seus proprios homens, muitos dos quaes foram mortos, rendendo-se os restantes.

Nem todos os allemães, porém, procederam d'esse modo. Como animaes ferozes, com bombas e espingardas, muitos defenderam até ao fim os seus fundos abrigos subterraneos.

O novo capacete britannico de aço deu mais do que se esperava. Era pintado de cinzento e parecia-se com uma bola invertida. Não era tão claro como o francez e provou ser uma magnifica arma de defeza.

A essa victoria seguiuse um violento duello de artilharia. Cinco dias depois, o inimigo fez saltar uma mina proximo do caminho de ferro Ypres-Comines, mas a explosão não causou avaria alguma séria.

Nas proximidades do caminho de ferro Ypres-Roulers, ao sul de Verlorenhoek, os inglezes no dia 14 de março effectuaram um pequeno «raid» com bons resultados. Proximo de Boesinghe, no canal de Yperlee, houve lucta um tanto violenta. Apoz um grande bombardeamento, o inimigo tomou um posto de lança-bombas que foi, porém, retomado (dias 19 e 20 fe março).

Boesinghe era approximadamente o local onde o saliente começava ao norte, St. Eloi aquelle onde terminava ao sul. Em St. Eloi os inglezes fizeram explodir minas a 27 de março e destacamentos dos Fuzileiros de Northumberland e dos Fuzileiros Reaes tomaram a primeira linha de trincheiras inimigas n'uma fronte de approximadamente 600 metros.

Os allemães tiveram grandes perdas, sendo aprisionados dois officiaes e 168 homens. O estado maior allemão confessou que tinha perdido 10 metros de trincheiras a principio, esquecendo-se de mencionar o ataque que se seguiu.

Mais tarde, a 29 de março, disseram, apparentemente em erro, que uma das excavações occupada pelos inglezes «havia sido retomada». No dia 28, o numero de prisioneiros feitos subia a cinco officiaes e 195 homens e os esforços dos allemães, auxiliados por uma poderosa artilharia, para recuperarem o terreno perdido haviam sido mal succedidos.

No dia 30, uma excavação produzida por uma mina era, de facto, por elles tomada. Dois dias depois, a 1 de abril, um official e quatro soldados allemães eram aprisionados e de manhã cedo, a 3 de abril, essa excavação, com mais quatro officiaes e 80 soldados, cahia em poder dos inglezes.

No dia 6, uma das cinco principaes excavações, guarnecida por canadianos, era perdida. Foi retomada na noite de 9 de abril. Durante a noite do seguinte dia, a lucta á granada de mão continuou com fortuna varia. «Occupamos— diz o communicado britannico do dia 11—tres das excavações, tendo perdido as duas outras».

No dia 11, o inimigo voltou a sua attenção para a extremidade norte do saliente. Tres ataques successivos a oeste da estrada Ypres-Pilkem, que corre parallelamente ao canal de Yperlee, foram dados. Os allemães durante um momento estabeleceram-se na trincheira de primeira linha, mas foram rapidamente repellidos, deixando 25 mortos e tres prisioneiros.

Ao lêr-se as narrativas d'esses recontros em menor escala, nunca devemos esquecer que eram precedidos ou seguidos de um tal fogo

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 2172—7.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães
Editor—Camillo Sousa e Almeida
Redacção e Administração—R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Quinta-feira, 31 de Agosto de 1916

Telephone n.º 2293—Endereço teleg. CAPITAL
Composição—Rua do Norte, 5, 1.º
Officina de impressão—71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

O sentimento dos neutros

O *Mundo* publica hoje uma entrevista com o illustre embaixador do Brazil, o sr. dr. Gastão da Cunha, entrevista em que se fallou exclusivamente da guerra, e que é justificadamente interessante.

N'essa entrevista não se esqueceu o notavel diplomata, cuja brilhante carreira o *Mundo* traça, de accentuar a neutralidade do Brazil perante a guerra. Mas, apesar d'isso, e resalvando implicitamente a sua qualidade de representante oficial do seu governo, o sr. Gastão da Cunha não poude deixar de exteriorisar o seu sentimento perante as barbaridades allemãs, sentimento que Ruy Barbosa, nas suas admiraveis conferencias da Argentina formulou, e que não só o parlamento, como a opinião do seu paiz, iniludivelmente perfilhou.

E' o Brazil uma nação neutra; representante d'essa nação neutra é o distinctissimo diplomata entrevistado pelo *Mundo*. Todavia, se officialmente essa neutralidade subsiste nas relações do Brazil com os povos belligerantes, não é menos verdade que o coração do Brazil está com o grupo d'esses belligerantes que combatem os imperios centraes, como não é menos verdade que o diplomata de que se trata, resalvando a sua entidade official, se exprimiu tambem como um amigo dos alliados, porque reconhece a justiça da sua causa, e entre o crime e a justiça, como lapidarmente o definiu Ruy Barbosa, não ha neutralidade possivel.

Todos os diplomatas dos paizes neutros, se lhes perguntarem qual a opinião que formam dos allemães e dos seus adversarios, só pódem ou guardar uma absoluta reserva, não se pronunciando sobre o aspecto moral da guerra, ou se fallarem, expressam uma opinião identica á do sr. Gastão da Cunha. «O procedimento havido para com as populações da Belgica e do norte da França, o torpedeamento do *Lusitania* e outros factos horrorosos, magoaram e affligiram o sentimento e o espirito juridico do Brazil». São as palavras do sr. Gastão da Cunha. Proferindo-as, o illustre diplomata interpretou fielmente as noções indestructiveis da consciencia moral brazileira.

No dominio d'essa consciencia, que marca o nivel superior da civilisação dos povos, não ha neutralidades possiveis. O caso do Brazil é o caso dos Estados Unidos, que neutraes se conservam, mas d'onde tem partido os mais energicos protestos contra os atropellos do direito, contra as barbaridades, contra as deshumanidades commettidas pela Allemanha.

Considerações politicas, a correcção de governos que não têm interesses directos na lucta, pódem fazer com que existam situações de neutralidade em diversos paizes. A essas considerações, a esses escrupulos, não se subordina o coração dos povos. Ha o sentimento da humanidade, ha a noção do direito, e mercê d'elles formam-se correntes de opinião em que se definem as generosas qualidades dos povos livres e altivos.

Os imperios centraes não têm só de luctar contra a força das armas, empunhadas pelos seus adversarios; teem de luctar tambem contra o sentimento, contra a razão, contra a consciencia dos povos. Se milhões de homens os combatem, dezenas de milhões fazem votos pela sua derrota. Collocaram-se fóra das leis da humanidade. A humanidade excommunga-os.

OS NOSSOS GRANDES POETAS

Augusto Gil

Foi posta á venda a segunda edição do ultimo, admiravel volume de Augusto Gil, intitulado Alba Plena (Vida de Nossa Senhora). *Raras vezes um poema tem alcançado em Portugal o retumbante exito que consagrou essa obra prima ao lyrico de genio a quem já deviamos o* Luar de Janeiro. *Apezar da sua grande tiragem, só agora é possivel satisfazer os pedidos do Brazil, onde* Alba Plena *é aguardada com vivissimo interesse. João de Barros annunciou aos nossos irmãos de alem-mar o apparecimento do poema nas phrases magnificas e enthusiasticas que em seguida publicamos.*

De todos os modernos poetas lusitanos, creio ser Augusto Gil o menos conhecido em terras brazileiras. A resumida tiragem dos seus volumes, o recato que elle procura sempre ter á volta do seu nome e da sua obra, o seu nitido e corajoso horror a qualquer especie de reclame, quasi lhe deram esse previlegio raro, a que Barbey d'Aurevilly chamava o mais bello destino: — «avoir du génie et rester obscur». Obscuro, não se pode affirmar que seja o lyrico genial do «Luar de Janeiro»:—mas, n'uma epoca de gloria ruidosa e de triumphos barulhentos, é por certo uma relativa obscuridade não trazer o retrato em todos os jornaes e não ser alvo dos elogios, mais ou menos conscientes, de varias dezenas de amigos.

Augusto Gil, querido do povo e admirado pelos grandes espiritos que o lêem, conseguiu na verdade isolar-se da nossa agitada trepidação quotidiana: — propositadamente, estabeleceu em derredor do seu trabalho e da sua arte uma espessa athmosphera de isolamento, onde sonha e medita com volupia, onde pensa e cria os seus poemas com devoção e ternura inexcedivel. Na rua — é uma figura sem relevo que nada separa e distingue do transeunte vulgar. Na conversa mantem uma reserva discreta, que é simultaneamente orgulho e humildade. E só quem repara nos seus largos olhos de bruxo adivinha e sente a profunda paixão interior d'este cenobita, queimando toda a sua alma na adoração do ideal que ambiciona, entregando toda a sua energia á realisação do seu recondito sonho de poeta... Sonho que nos apparece, a cada novo livro de Augusto Gil, mais revestido de belleza, mais puro de expressão, mais singelamente perfeito de fórma e de rythmo; e mais intimamente, mais completamente portuguez, desde as palavras ás imagens, desde o sentimento á idéa, desde o carinho ingenuo á transcendente espiritualidade.

Com effeito, depois de João de Deus, nenhum outro poeta soube ainda condensar no seu lyrismo as aspirações, a graça, a doçura da radiosa e simples serenidade da alma de Portugal. Nos versos de Augusto Gil não ha um termo exotico nem um modo de sentir que nos pareça rebuscado, nem uma phrase que seja pretenciosa. Ha limpidez, ha verdade, ha emoção. Limpidez honesta, verdade clara, emoção viva como a luz do sol nascente n'um alvorecer de Primavera. Mesmo no seus poemas de alma ou de sensualidade existe um não sei quê de tão elevado e tão candido, que um fremito de asas desperta e paira nas materialidades mais grosseiras. E' assim a arte de Augusto Gil—é assim, tambem, o sentimento portuguez, mixto de paixão carnal e de religiosidade, de desejo ardente e de adoração tranquilla. Até na evolução da sua poesia, o Poeta seguiu essa marcha ascendente:—e do *Luar de Janeiro*, do *Canto da Cigarra*, livros de amor e de humorismo triste, subiu a esse cantico de puro affecto que é a *Sombra de Fumo* e, ultimamente, a esse pequeno e maravilhoso breviario que é a *Alba Plena, Vida de Nossa Senhora*, segundo a Biblia.

Escrevendo a *Alba Plena*, ainda Augusto Gil foi um interprete fiel da alma do seu paiz. Esta acorda, realmente, para a religião—não para uma religião definida, mas para o sentimento religioso em todas as suas fórmas. Religião da Patria, religião do Heroismo, religião do Sonho, religião da Mulher. E o que é a *Alba Plena*? Um cantico fervoroso á mulher, symbolizada na Virgem Maria, n'aquella mãe divina e excepcional que já o povo cantou:

«No ventre da Virgem Mãe
Encarnou divina graça.
Entrou e saiu por ella
Como o sol pela vidraça.»

E', de facto a mesma Virgem Maria —a de Augusto Gil e a do Povo. A mesma—sentida, amada, idealisada e celebrada por uma devoção identica e identicamente exaltada de lyrismo. Mas sempre mulher; sempre doce, humana, acolhedora, soffredora e consoladora. Sempre. Para a cantar, Augusto Gil não fez mais do que descer ao fundo do coração e buscar n'elle o infinito carinho das palavras que ouviu de labios maternaes, d'aquellas palavras que todas as mães portuguezas murmuram e dizem na suprema expansão do seu amor. Palavras em que palpita ora o fulgor das estrellas, ora a suavidade do luar ora a chamma ardente dos meio-dias de julho:—mas entrelaçando e depois confundindo todos esses clarões na pureza diaphana do nosso céo azul, liso como um olhar sem peccado, fresco e transparente como a agua que mata a sêde...

Não sei de outro poeta moderno em que a expressão do mysticismo seja tão perfeita, sendo tão singela. Nenhum eguala Augusto Gil. Certos trechos de Masterlink—certos trechos da sua prosa poetica—talvez se approximem da arte incomparavel da *Alba Plena*.. Mas o proprio Masterlink parece-nos artificial ao lado do nosso poeta. Na pleiade vastissima dos lyricos portuguezes de hoje—em que ha nomes como os de Fausto Guedes Teixeira, Correia de Oliveira, Afonso Lopes Vieira e Teixeira de Paschoaes—Augusto Gil tem um logar á parte. Pelo genio que refulge em toda a sua obra e pelo sentimento, pela emoção nacional que a anima e caracteriza continúa a linhagem magnifica e portuguezissima que vae de D. Diniz e Camões o de Camões a João de Deus. Outros, agora, cantarão cantos mais difficeis ou mais vigorosos:—mas nenhum disse tão bem e com tão luminosa belleza a occulta vibração perenne da sua raça e do seu povo. E se mais alguns merecem a devota admiração do nosso espirito, este querido e dulcissimo Augusto Gil reclama de todos nós o silencioso e submisso culto, devido áquelles que traduzem, n'um verbo claro e perfeito, a intima e secreta revelação da natureza e da vida...

JOAO DE BARROS

Vêr noticiario diverso na 3.ª e 4.ª paginas

O gesto d'um emprezario

RIO DE JANEIRO, 31.—O emprezario portuguez Teixeira Marques resolveu conceder, na semana corrente, 25 % dos lucros da companhia, em beneficio da Sociedade de Propaganda de Portugal.—(Americana).

Migalhas

O idiota

Cada terra da provincia d'este bendito Portugal, cheio de sol, de mélgas, e de poeira, tem o seu idiota. O dr. juiz está por vezes para a cidade; o administrador quasi sempre está ausente; o idiota, esse nunca falta á nossa chegada. Apenas o automovel trava e suspende, vemol-o apparecer, a bocca á banda, os olhos remelgados, um cacete na mão, andrajoso e descalço. Alguns accumulam e, além de idiotas, são macrocéphalos, surdós-mudos ou anões. Aos domingos e dias de concorrencia surgem outros idiotas, amadores de fóra do sitio, que o idiota encartado mira de soslaio, principalmente quando é estrabico. São concorrentes que lhe veem estragar o negocio da pedincha, de parceria com aquelles aleijados, que trazem as pernas á roda do pescoço á laia de «cache-col».

Mas, passada a infemeira do domingo, o idiota vive tranquillo e faz a sua vida habitual. Apparece de manhã na praia, á tarde no «tennis» ou na explanada, á noitinha junto á paragem dos «tramways», á noite á porta da batota. A gente da terra ou os banhistas de assignatura tratam-no pela alcunha: o «Joaquim-Zé», o «Luiz Malúco», o «Manuel Quatorze», etc., e dão-lhe uma esportula semanal ou um tostão supplementar, se a terceira duzia se comportou decentemente.

E' um emprego como qualquer outro afinal e os que o exerçam com convicção parece-me que pódem juntar alguma cousa para a velhice. Talvez o governo tivesse vantagem em organisar a corporação. Acho que sempre deve haver umas vagas por essa provincia toda e anda tanto idiota ha boa vida em Lisboa.

ANDRÉ BRUN.

"Fumo do meu cigarro,,

A segunda edição do esplendido livro de Augusto de Castro

Referimo-nos n'outro logar ao exito que obteve o poema «Alba Plena», de Augusto Gil, cuja segunda edição acaba de apparecer, exgotando-se a primeira em poucas semanas. Outro tanto aconteceu com a collecção de chronicas «Fumo do meu cigarro», de Augusto de Castro, um dos maiores, mais justos e mais brilhantes successos de livraria dos ultimos tempos.

Tendo conquistado um nome illustre como escriptor de theatro, Augusto de Castro adquiriu, sem esforço, a breve trecho de apparecer na imprensa como chronista dos factos occorrentes, dos mil e um nadas que constituem a trama da vida, um numeroso publico que se habituou a ler com inegualavel delicia a sua prosa encantadora, modelo de vivacidade, elegancia, colorido e frescura. Augusto de Castro, porém, não é só um estylista primoroso e pessoalissimo, que resuscita entre nós um genero litterario cujos cultores de ha muito desappareceram. Cada uma das suas chronicas é a annotação d'um episodio ou d'um aspecto da existencia feita por quem possue idéas proprias, por quem descobre e fixa aspectos novos, por quem, sobre ser um requintado artista, vale tambem como um commentador delicado, conceituoso e amavel, cuja insinuante philosophia representa um dos segredos do seu triumpho.

Com effeito, Augusto de Castro triumphou verdadeiramente no «Fumo do meu cigarro», cuja segunda edição, revista e inserindo algumas chronicas novas, publicadas já depois do apparecimento da primeira, vae decerto exgotar-se em poucos dias.

A grande guerra

Treze belligerantes

32 declarações de guerra

A declaração de guerra da Turquia á Romania eleva a 32 as declarações de guerra desde 28 de julho de 1914. Eis a lista completa:

28 de julho de 1914.—A Austria-Hungria á Servia.

1 de agosto.—A Allemanha á Russia.

3 de agosto.—A Allemanha á França.

3 de agosto.—A Allemanha á Belgica.

4 de agosto.—A Inglaterra á Allemanha.

5 de agosto.—A Austria-Hungria á Russia.

5 de agosto.—O Montenegro á Austria-Hungria.

6 de agosto.—A Servia á Allemanha.

11 de agosto.—O Montenegro á Allemanha.

11 de agosto.—A França á Austria-Hungria.

13 de agosto.—A Inglaterra á Austria-Hungria.

23 de agosto.—O Japão á Allemanha.

25 de agosto.—A Austria-Hungria ao Japão.

28 de agosto.—A Austria-Hungria á Belgica.

2 de novembro.—A Russia á Turquia.

5 de novembro.—A França á Turquia.

5 de novembro.—A Inglaterra á Turquia.

7 de novembro.—A Belgica á Turquia.

7 de novembro.—A Servia á Turquia.

21 de novembro.—S. Marino á Austria.

25 de maio de 1915.—A Italia á Austria-Hungria.

21 de agosto.—A Italia á Turquia.

14 de outubro.—A Bulgaria á Servia.

14 de outubro.—A Servia á Bulgaria.

16 de outubro.—A Inglaterra á Bulgaria.

16 de outubro.—A França á Bulgaria.

19 de outubro.—A Italia á Bulgaria.

20 de outubro.—A Russia á Bulgaria.

9 de março de 1916.—A Allemanha a Portugal.

27 de agosto.—A Italia á Allemanha.

27 de agosto.—A Romania á Austria.

30 de agosto.—A Turquia á Romania.

A campanha italo-austriaca

ROMA, 30.—Commando supremo em 30|8. Contra as nossas posições entre o Adige e o Brenta tiros insistentes das artilharias inimigas que lançaram tambem algumas granadas nos logares habitados de Ala, no vale de Lagarina e Arsiero, Velo, Dastico e Seghe, no vale do Astico.

Na zona de Passa os nossos alpinos ampliaram a posse da crista nordeste do Cauriol e tomaram ao inimigo outros 21 prisioneiros, um canhão, grande numero de espingardas e um lança-bombas. A artilharia inimiga abriu fogo violento sobre o Cauriol, mas foi energicamente contrabatida pela nossa artilharia. Na testa do rio Felizon (Boite) os destacamentos de infantaria alpinos, por meio d'um brilhante ataque, tomaram de assalto os fortes entrincheiramentos inimigos nas vertentes a noroeste de Punta del Porame e em Fondavalle; o adversario sofreu serias perdas e deixou em nosso poder 117 prisioneiros, entre os quaes 3 officiaes.

Ao longo do resto da linha acções intermitentes das artilharias; a artilharia inimiga atirou a intervallos sobre Gorizia, Valisalla e Olivers. No Carso, as nossas infantarias, avançando, rectificaram em alguns pontos a nossa frente.

O aviões inimigos lançaram bombas em Allegh e Lahune Marano, ferindo algumas pessoas e fazendo prejuizos materiaes de pouca importancia.—(*Havas*).

A lucta no theatro occidental

PARIS, 30—(Retardado.)—Communicação official das 15 horas.

No conjuncto das linhas houve o habitual canhoneio. Durante a noite nada occorreu digno de nota além de uma operação parcial que obteve bons resultados a leste de Fleury. Proximo de Fresnes em Voevre foi abatido um avião allemão.—(*Havas*)

PARIS, 31—Communicação official das 15 horas:

A noite decorreu calma na maior parte da linha. Na Lorena, ao fim da tarde, os allemães tentaram realisar umas manobras no bosque de Parroy, chegando a penetrar n'um elemento de trincheira d'onde foram immediatamente rechaçados por meio de um contra-ataque.—(*Havas*)

Os altos commandos allemães

COPENHAGUE, 30.—Um telegramma official de Berlim diz que o kaiser retirou ao general Falkenhayn as funcções de chefe do estado-maior general, para as quaes nomeou o marechal Hidenburg. O general Ludendorff foi nomeado primeiro quartel mestre general.—(*Havas*).

LONDRES, 30.—Segundo o «Daily Mail» é o marechal Mackensen quem tomará o commando do exercito germano-austriaco que opera contra a Romania.—(*Havas*).

Os combates nos Balkans

EXERCITO DO ORIENTE.—Na linha do Struma e na região do lago Doiran os alliados bombardearam as organisações inimigas a oeste do Vardar e realisaram alguns progressos para os lados de Lymonica. A lucta de artilharia continúa violenta nos sectores de Vedrinik e Ostrovo. Uma força bulgara que atacou a oeste do lago Ostrovo, foi, sob pressão dos fogos das baterias servias, obrigada a retirar com importantes perdas.—(*Havas*).

UMA GREVE MONSTRO

A dos ferro-viarios norte-americanos

Effectuar-se-ha em 4 de setembro —As suas consequencias

WASHINGTON, 30—A ordem de gréve dos ferro-viarios foi dada para o dia 4 de setembro de uma maneira definitiva.—(*Havas*).

O desaccordo que existe desde 15 de junho entre os directores e os empregados dos caminhos de ferro americanos ameaça tornar-se n'uma das maiores catastrophes industriaes da historia. Se até segunda feira o presidente Wilson não conseguir conciliar os interesses das duas partes 400:000 machinistas, fogueiros, conductores, etc., suspender-se-ha o serviço de comboios em 225 linhas incluindo as grandes vias de communicação do paiz.

Trez dias após a suspensão dos comboios, as reservas das vitualhas de New-York estarão exgotadas e os 150:000 homens que se encontram na fronteira do Mexico ficam expostos a morrer de fome.

Podem por isto imaginar-se as graves consequencias de semelhante gréve e os esforços empregados pelo governo para a evitar.

O presidente, ao que parece, não tem meio de impedir a gréve, mas possue o poder de mobilisar o exercito para o serviço dos comboios. Os grévistas, porém, não se preoccupam com esta solução, pois sabem que no exercito não ha um numero de machinistas sufficiente para assegurar um serviço regular.

As linhas ferroviarias teem a extensão de 434:400 kilometros e n'ellas circulam 65:099 locomotivas e 2.509:977 vagons de toda a especie.

AS VICTORIAS DOS ALLIADOS

Palestra com um soldado do exercito italiano

A bravura das tropas italianas na Austria

—E' soldado do 74 de infanteria do exercito italiano. Portou-se como um bravo nas operações contra os austriacos, em Oslawa, onde, durante treze longos mezes, se bateu...

Olhamos com grande interesse a pessôa cuja apresentação nos acaba de ser feita n'uma tão eloquente simplicidade.

E' um rapaz de pouco mais de vinte annos, alto e de hombros largos, olhos castanhos escuros, expressivos, a fulgurarem na pelle de côr mate que caracterisa o typo italiano. Veste um uniforme de cotim cinzento, muito semelhante aos que usam no nosso exercito, e o «bonnet» de pala, de lã esverdeada, lá está a indicar o 74 de infantaria..

—Como se chama?

—Antonio Camininato—responde em correcto portuguez.

—E porque se encontra em Lisboa?

—Estou aqui de passagem para a Madeira, terra da minha naturalidade, onde vou gosar seis mezes de licença.

Comprehendemos e a nossa curiosidade redobrou na plena convicção já de que tinhamos na nossa presença uma testemunha dos primeiros choques sangrentos que se deram entre a Austria e a Italia.

Antonio Camininato, filho de paes italianos, pelo que fôra chamado ás fileiras do exercito italiano, dá-nos effectivamente interessantes pormenores acerca dos combates travados em Oslawa, Monte de S. Miguel e Monte Santo. A pouco e pouco a sua physionomia naturalmente melancholica anima-se, evocando a bravura dos seus camaradas.

—Os combates que se haviam de ferir de Oslawa a Monte Santo, afiguram-se desde principio difficultosos aos olhos experientes dos nossos officiaes. A região para ali é accidentada, em extremo montanhosa, de difficil accesso, portanto... Calcule-se assim o trabalho de gigantes que representa a construcção de trincheiras n'aquella região e o valor que significa em semelhantes circumstancias o avanço sempre progressivo e victorioso das tropas italianas sobre as austriacas. Como facilmente se depreheude, as posições variam de dia para dia, de encontro para encontro, de combate para combate. Se ha operações que teem de ser feitas pela infantaria italiana em sentido descendente, logo veem outras que tomam uma directriz ascendente.

—Mas então é sómente a infantaria que desenvolve acção?

—N'esta região é apenas a infantaria —volve immediatamente o bravo soldado—e precisamente porque os accidentes da região não permittem operações de cavallaria. Não lhe sei descrever todo o pittoresco e todo o enthusiasmo d'esses violentos chóques de quasi hora a hora e em que mais e mais se affirma e se assignala o heroismo do exercito italiano. Não ha um desfallecimento, não ha um minimo desanimo. Em todos aquelles milhares de homens parece pulsar só um coração e vibrar só um corpo com nervos de aço, de uma firmeza invencivel. São sobretudo as cargas de bayoneta, feridas corpo a corpo, que intimidam e fazem recuar os austriacos que, de mãos abertas e braços curvados para cima, exclamam vencidos e apavorados: «bravi soldati!» E' um gesto simultaneo, uma exclamação unisona, solemne, que marca um triumpho e remata o golpe de uma derrota. Depois, é a tomada de trincheiras ao inimigo, um enthusiasmo mal contido da parte das forças victoriosas... mas lá vem sempre a nota triste, sempre triste, apesar de invariavel: a retirada dos mortos e dos feridos do campo de combate.

—E os serviços da Cruz Vermelha estão bem organisados entre os italianos?

—Admiravelmente organisados. As senhoras que os estão prestando e que ordinariamente estão na altura da terceira linha de fogo, são nossas irmãs dedicadas e carinhosas, tendo sempre, a par de um tratamento de enfermagem rapido e habil, uma palavra de ternura e de conforto...

Sentimos uma ligeira fadiga na voz do nosso entrevistado. Evidentemente que esta palestra se está prolongando... Explica o motivo d'esse cansaço, dizendo:

—Posso fallar-lhe com verdade da excellencia dos serviços da Cruz Vermelha. Tive occasião de os experimentar, de os avaliar com reconhecimento

Acompanhando estas palavras cheias de uma nobre emoção, mostra-nos uma das pernas que o estilhaço de uma granada atravessou, produzindo-lhe um profundo ferimento que o força a coxear.

—Foi por isso, então, que veiu?...

—Foi. O governo italiano pagou-me as passagens até á terra da minha naturalidade, d'onde, depois de terminar a licença, voltarei para a guerra.

—E a fé das tropas italianas na «étape» final?

—Oh! E' absoluta, posso-lhe garantir. Facto curioso que é necessario não esquecer: todos os dias esse enthusiasmo, esse calor, essa vibração que dá a crença da victoria decisiva, é renovada pela chegada do rapazes que, vindo de pontos muito distantes, como dos Estados Unidos e do Brazil, trazem comsigo aquelle amor acendrado pela Patria a que a nostalgia e a saudade imprimem uma nota tão intensa, quasi exaggerada... Ah! entre elles não ha desanimo possivel.

—Foram de Portugal muitos italianos?...

—Informaram-me no consulado terem partido uns sessenta, sendo em numero relativamente elevado os voluntarios. Até me disseram tambem ter sido o primeiro a sahir o secretario da legação de Italia cav. Leojacomo.

O valente militar fala-nos ainda de interessantes incidentes da guerra. Elogia o tratamento dado pela Italia ás tropas que se estão batendo, o cuidado com que são preservadas das rigorosas invernias, a camaradagem affectuosa que recebem os soldados de todos os officiaes, seja qual fôr a sua hierarchia, o seu elevado posto. Ha trincheiras inimigas que distam apenas um cento e cincoenta metros... Ouve-se então fallar e cantar o inimigo que chega a ter rasgos de galanteria para com os italianos, entoando as suas formosissimas canções e exclamando phrases com a inexcedivel doçura da sua lingua.

—Uma ultima pergunta: como teriam recebido as tropas italianas a noticia da declaração de guerra da Italia á Allemanha?

—Creio que com a maior satisfação. A Allemanha foi sempre considerada por nós um inimigo commum. Essa declaração officialisa por assim dizer um sentimento de hostilidade que vinca na alma de toda a Italia!...

CONGRESSO DA REPUBLICA

E' discutida a pena de morte

Modificam-se, por proposta do sr. general Correia Barreto, algumas passagens da Constituição

Os deputados e senadores do partido democratico reuniram, em sessão absolutamente secreta, antes da sessão do Congresso, a fim de definirem a attitude da maioria. E' impossivel obter-se uma indiscreção. Ao interrogarmos um ou outro deputado sobre as resoluções tomadas, apenas respondem phrases soltas e indefinidas:

—Verá... depois, na sessão...

Parece, no entanto, que assentou em deliberações muito importantes.

Faltam dez minutos para as trez quando o sr. dr. Balthazar Teixeira inicia a chamada. Preside, como de costume, o sr. general Correia Barreto, sendo o outro logar de secretario occupado pelo senador sr. Paes Abranches.

Um deputado amigo, emquanto se procede á chamada, falla-nos um pouco ácerca da mysteriosa reunião dos parlamentares democraticos.

—O que se deliberou? Muito simples: tomaram-se resoluções tendentes a ultimar hoje mesmo a votação das propostas pendentes, como a pena de morte e outras. Sobre a moção Alexandre Braga, ventilaram-se hypotheses. Parece que vae incidir sobre ella nova votação. O dr. Affonso Costa manifestou desejo e demonstrou a conveniencia de se ultimar hoje tudo, mas creio que não será possivel...

Estava satisfeita a nossa curiosidade. A's 3 horas e um quarto verifica se a presença de 186 deputados e senadores. E' dada a palavra ao sr. Moura Pinto, que diz ter-lhe constado que já ha dias se andam distribuindo bilhetes de accesso para as galerias publicas, facto que verificou e contra o qual vehementemente protesta, entre os vivos applausos dos seus correligionarios.

O sr. presidente do Congresso promette mandar averiguar do caso e dar as providencias que elle requer.

Em seguida, é lida a acta da sessão anterior, e sobre ella pede desde logo a palavra o sr. dr. Alexandre Braga. Terminada a leitura, o sr. presidente referindo-se á votação que na sessão anterior recahiu sobre a moção de aquelle deputado, declara que não tem duvida em pôl-a novamente á votação nominal desde que o Congresso assim o entenda.

O sr. dr. Alexandre Braga, usando da palavra, entende que deve ser considera valida e constitucional a votação anterior, mas para que não fiquem duvidas no espirito de ninguem concorda, em nome da maioria, que a sua moção seja novamente votada, accentuando porém que se fôr votada por dois terços dos congressistas presentes a maioria a considerára definitivamente votada. No entanto, se o Congresso preferir, acha que pode proceder-se desde já á interpretação do paragrapho 1.º do artigo 82 da Constituição.

O sr. Antonio Fonseca declara estar convencido que a camara prefere, das soluções propostas pela presidencia e pelo sr. dr. Alexandre Braga, que a moção seja novamente posta á votação. N'esse caso requer, como já fez na sessão anterior, que a sessão seja dividida em duas parte, sendo votada uma por cada vez.

O sr. Moura Pinto concorda com o requerimento do sr. dr. Antonio Fonseca em nome da União Republicana.

O sr. dr. Brito Camacho, dissertando sobre a questão, e convencido de que constitucionalmente a moção só pode considerar-se approvada desde que a approvem 148 congressistas, declara-se satisfeito com as disposições da mesa e do Congresso, que a todos honram, visto que honestamente se reconsiderou, o que representam o respeito e a tolerancia pelas opiniões alheias. Faz votos por que não mais se repitam factos d'esta natureza, com os quaes não ganham nem o Parlamento, nem os partidos, nem o paiz. Acha, com effeito, detestável que se viesse a converter em systema o incidente tumultuoso da sessão anterior.

O sr. dr. Alexandre Braga explica os motivos pelos quaes a maioria, na ultima sessão, não approvou o requerimento apresentado por um deputado unionista para que a sua moção fosse dividida em duas partes, e faz sobre este assumpto diversas considerações.

Em seguida tem a palavra o sr. dr. Costa Junior, que começa por sustentar a sua anterior opinião com o assumpto que se discute. Entende ainda n'esta occasião que a revisão constitucional só poderá ser votada por dois terços dos membros do Congresso em exercicio, e declara acceitar o alvitre da presidencia, por achar que, em caso de duvida entre as interpretações a dar á constituição devem escolher-se as mais simples.

Só então começa a leitura do expediente—uma hora depois de ter sido aberta a sessão. O Congresso pronuncia-se então sobre a moção Alexandre Braga, apurando-se que deve ser novamente votada. A primeira parte é effectivamente approvada por unanimidade, ficando assim votada a revisão constitucional.

Antes de proceder-se á votação da segunda parte, o sr. José Barbosa levanta uma questão prévia, perguntando em que artigo da Constituição se baseia o Parlamento para iniciar, em sessão conjuncta, a discussão de propostas e projectos de lei. N'esse sentido envia para a meza o seguinte requerimento:

«Requeiro que para iniciar a discussão das materias a que se refere a segunda parte da moção, o Congresso da Republica reuna em Camaras separadas».

O sr. dr. Alexandre Braga sustenta que a Camara não póde pronunciar-se sobre a questão prévia que o sr. José Barbosa volta a defender com grande copia de considerações, accrescentando que n'outras condições nenhuma das materias de que trata a segunda parte da moção será approvada com o voto da União Republicana.

A segunda parte da moção Alexandre Braga é no emtanto votada por maioria, retirando n'esta altura alguns congressistas. O requerimento do sr. José Barbosa é, pois, rejeitado. Dos unionistas ficam apenas na sala os srs. Jorge Nunes, Mendes Cabeçadas e José Barbosa.

O sr. general correia Barreto, depois de ser substituido na mesa pelo sr. dr. Manuel Monteiro, toma a palavra em meio de um grande silencio. Mal se ouve o susurro da sua voz. Informam-nos que se trata de propôr os castigos para os crimes militares e da questão das condecorações para feitos realisados em campanha.

Dizem-nos que é proposta em principio, a pena de morte para os crimes militares, apenas em caso de guerra com nação estrangeira e sómente applicada no theatro da guerra, devendo esclarecer-se n'um decreto do sr. ministro da guerra que essa pena só será applicada em casos de traição e espionagem. D'ahi a instantes, a proposta é lida na mesa. E' do theor seguinte:

Artigo 1.º—O n.º 5.º do artigo 3.º da Constituição Politica da Republica Portugueza fica substituido pelo seguinte:

«A Republica Portugueza não admitte privilegio de nascimento nem fóros de nobreza e extingue os titulos nobiliarchicos e de conselho.

«Os feitos civicos e os actos militares pódem ser galardoados com ordens honorificas, condecorações ou diplomas especiaes.

«Se as condecorações forem estrangeiras, a sua acceitação depende do consentimento do governo portuguez.»

Artigo 2.º—O n.º 22 do artigo 3.º da Constituição é eliminado.

Artigo 3.º—Apoz o artigo 59.º da Constituição será inserto o seguinte artigo:

Artigo 59-A—A pena de morte e as penas corporaes perpetuas ou de duração illimitada não poderão ser restabelecidas em caso algum, nem ainda quando fôr declarado o estado de sitio com suspensão total ou parcial das garantias constitucionaes.

Paragrapho unico. Exceptuam-se, quanto á pena de morte, sómente o caso de guerra com nação estrangeira, em tanto quanto a applicação d'essa pena seja indispensavel e apenas no theatro da guerra.

Artigo 4.º—A Constituição será novamente publicada com as modificações constantes dos artigos anteriores.

Artigo 5.º—Fica revogada a legislação em contrario.

O sr. Correia Barreto pede para a discussão da sua proposta urgencia e dispensa de regimento, o que é approvado.

O sr. ministro da guerra toma então a palavra para declarar em nome do governo que concorda plenamente com o sr. Correia Barreto. Considera a pena de morte uma medida indispensavel á segurança e disciplina de um exercito nos campos de batalha, e no sentido da proposta apresenta varias considerações que provocam calorosos applausos apoiados da Camara.

N'esta altura, encontram-se já dentro da sala quasi todos os parlamentares unionistas.

O sr. dr. Alexandre Braga, subindo á tribuna, começa, em nome da maioria, a justificar a proposta do sr. Correia Barreto. Um só espião e um só traidor, diz elle, poderiam inutilizar os esforços de todos os heroes. A defesa do martyr do patriota só póde ser efficaz desde que o principio da pena de morte fique assente contra o traidor e contra o espião. De outra fórma, a honra da Patria ficaria á mercê de uma abjecção. Diz não acreditar que haja ninguem capaz de defender o contrario, o que seria a glorificação de uma perfidia. Tomámos para com as nações alliadas o compromisso de nos batermos a seu lado, devemos por todas as fórmas honrar esse compromisso. A não votação da proposta que se discute equivaleria a dizermos á Inglaterra e á França a impossibilidade de honrarmos o compromisso que a alliança nos impoz. Sobre a cloaca da sepultura d'este paiz não fluctuaria mais tarde a bandeira das quinas, mas apenas a fralda sordida dos poltrões. O mundo cuspiria sobre nós o seu desprezo com a palavra historica de Cambronne.

Não acredita, porém, que n'esta hora decisiva tal facto se dê. A dar-se, por uma irremediavel e incomprehensivel desgraça, o dilemma seria atroz: ou dispensarem-nos o nosso auxilio, ou submettermos os nossos soldados a uma jurisdição estrangeira, porque de outra fórma transformar-nos-hiamos em inimigos dos nossos alliados porque seriamos verdadeiramente os alliados dos nossos inimigos.

Sabe que ha algumas almas candidas, alguns espiritos simples e generosos que aventam a desnecessidade de se restabelecer na Constituição o principio da pena de morte, visto ella poder ser applicada em campanha sem julgamento previo. Mas esta doutrina pretende afinal sobrepor um arbitrio, sempre perigoso, ás justas disposições dos codigos; seria converter em assassinos os nossos officiaes, o que o orador condemna energicamente, porque não ha situação alguma que auctorise esta missão summaria de juizes de uma sentença sem apellação nem aggravo. E' preciso que a lei garanta a todos, até ao proprio traidor, o direito sagrado de defesa. A proposta que se discute consigna esse direito.

Salienta o orador que a pena de morte não poderá nunca ser applicada em virtude de quaesquer agitações no paiz, pois nem mesmo se

Poderá applicar aos traidores e espiões de casa, mas são somente no campo de batalha e em face do inimigo.

O discurso do sr. dr. Alexandre Braga transforma-se agora n'uma verdadeira torrente de eloquencia de que é impossivel dar ideia n'um rapido extracto. A's cinco horas e quarenta minutos o orador está a terminar, evocando, em palavras commovidissimas a attitude de seu pae quando combateu a pena de morte. Declara que não ha incoherencia com a sua attitude de agora, porque está certo de que, n'este momento e nas circumstancias excepcionaes em que nos encontramos seu pae teria procedido como elle orador está procedendo.

Forçados á guerra, é forçoso que tenhamos o direito de matar conforme temos o dever de morrer.

O magistral discurso do eminente orador termina pela seguinte moção que manda para a mesa.

«O Congresso da Republica, confiando no governo para a defeza da honra e interesses do paiz e para a execução das determinações que essa defeza reclamar, passa á ordem do dia.»

O sr. Ribeira Brava requer a prorogação da sessão até ser votada a proposta.

O sr. presidente do ministerio, n'uma curta mas eloquente oração, appella para a solidariedade de todos os congressistas no grave momento que atravessamos, e lembra que o Congresso funccionará todos os mezes para apreciação dos graves problemas que affectam a vida portugueza em consequencia da guerra actual.

E' approvada a proposta que consigna a pena de morte

Fala depois o sr. Antonio Macieira, que defende a proposta do sr. Correia Barreto e termina mandando para a mesa uma moção considerando como necessaria a redacção do n.º 22 do artigo 3.º da Constituição.

O sr. Costa Junior pronuncia-se contra a proposta, especialmente contra a votação da pena de morte.

O sr. Alfredo Magalhães combate tambem a proposta apresentada pelo sr. Correia Barreto, fazendo largas considerações sobre a acção politica do governo, com a qual não concorda.

O sr. João de Menezes occupa-se mais detalhadamente da alteração constitucional que se destina á concessão de medalhas militares, recordando o que se passou a tal proposito na assembleia Constituinte.

Procede-se por fim á votação das moções Alexandre Braga e Antonio Macieira, que são approvadas. Seguidamente vota-se a proposta do sr. Correia Barreto, que é tambem approvada na generalidade e na especialidade.

O sr. presidente do ministerio usa então da palavra para agradecer ao Congresso a prova de confiança que acabava de dar ao governo, votando a moção do sr. dr. Alexandre Braga. Affirma que os homens que se sentam nas cadeiras do poder saberão cumprir honradamente o dever que sobre elles incumbe.

Termina por erguer um viva á Patria, que todos os congressistas e assistentes das galerias repetem calorosamente, ouvindo-se então enthusiasticas saudações ao governo, á Patria e á Republica.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros usou ainda da palavra para se congratular, em nome do governo portuguez, pela entrada da Romania na guerra, ao lado dos alliados. As suas palavras são apoiadas calorosamente.

O sr. presidente encerra a sessão, ouvindo-se novas saudações das galerias á Patria e á Republica.

Fóra do parlamento

Tumultos, ferimentos e prisões

Desde as 11 horas da noite de hontem que a policia de todas as secções principiou a movimentar-se.

Ao mesmo tempo que se realisavam conferencias, que duraram até bastante tarde, entre o sr. governador civil e os directores e adjuncto da investigação criminal, outras reuniões se effectuavam dos chefes da judiciaria e de segurança, comparecendo estes no gabinete do commando perante os respectivos officiaes.

Pela meia noite já muitos guardas á paisana percorriam diversos pontos da cidade em procura de individuos do elemento operario considerados como agitadores.

Taes diligencias demoraram até de manhã, sendo feitas algumas prisões.

Hoje, nas suas aggremiações e em outros locaes previamente designados, reuniram grupos politicos para trocarem impressões ácerca da attitude parlamentar.

Um numeroso grupo de socialistas aguardou a chegada do deputado sr. Costa Junior na estação do Rocio, e mais tarde acompanhou-o desde o seu consultorio até ás proximidades do parlamento. O sr. dr. Costa Junior trazia oculos azues.

Momentos antes haviam reunido na redacção d'*A Lucta* os parlamentares do partido unionista, encaminhando-se d'ahi para o Parlamento o sr. dr. Brito Camacho, que era acompanhado pelos srs. José Barbosa, coronel Alberto da Silveira, Aresta Branco, Carlos Parento e outros unionistas. O sr. dr. Brito Camacho levava um grosso livro debaixo do braço.

Pouco depois comparecia em frente do Parlamento uma nova commissão de socialistas, trazendo á frente os srs. Theodoro Ribeiro. Oliveira Pombo e Antonio Maria Abrantes, sendo este portador de uma moção do partido socialista. Como pela porta principal só podem entrar os deputados e senadores, a commissão encaminha-se para as trazeiras do edificio, por onde entra.

Um esquadrão de cavallaria da guarda republicana entrou no quartel dos bombeiros, onde ficou aguardando ordens. Minutos depois, pela Avenida das Côrtes avançou em direcção ao Parlamento uma grande commissão de merceeiros, acompanhada de operarios da construcção civil. Era portador de uma representação em que se pedia a abolição da tabella dos preços dos generos e se solicitava assucar, o sr. David da Silva.

O major Amaral, que dirige o serviço de policia, auxiliado pelo chefe Lopes, encaminha-se para o grupo e pede que uma commissão nomeada entre os merceeiros se dirija ao parlamento afim de entregar a representação. O pedido não foi attendido, seguindo todos para o largo. O povo levanta vivas á policia. Uma força de cavallaria avança para o largo e ahi faz varias evoluções para o varrer. Ha correrias, quedas. Um policia é aggredido com uma pedrada n'uma perna. Dois soldados cahem dos cavallos. No chão veem-se chapeus que os seus donos apanham de debaixo das patas dos cavallos. Sôa um tiro para os lados da rampa que vae ter ao Mercado de S. Bento. Pouco depois, mais tiros. A multidão foge em todas as direcções. As escadinhas da Arrochella, Avenida das Côrtes, Poyaes de S. Bento, calçada da Estrella, estão coalhadas de gente. Nas janellas, muitas pessoas. O esquadrão toma as embocaduras das ruas que vão ter ao parlamento. A gritaria é medonha e redobra quando chega uma companhia de infantaria da guarda republicana. Mais tarde apparece um novo esquadrão de cavallaria do alferes sr. Fernandes Costa. Grita-se «Abaixo a pena de morte» e levantam-se vivas ás nações alliadas. A' esquina da calçada da Estrella, o cavalleiro touromachico Eduardo de Macedo e um seu amigo são apupados de formigas brancas. Trocam-se soccos e bengaladas de parte a parte.

Os estabelecimentos encerram as portas. A cavallaria volta a fazer novas evoluções, fazendo retirar para mais longe o povo, que continua gritando. A's 17 horas o largo fronteiro ao parlamento estava completamente limpo. Em volta do edificio viam-se varios civicos e patrulhas de cavallaria e infantaria da guarda republicana tendo estado a conferenciar com os officiaes o tenente sr. Quaresma, ajudante do general sr. Correia Barreto.

Pelas 18 horas, como o povo se manifestasse ruidosamente, a guarda republicana interveiu, querendo dispersar os grupos. Foi recebida á pedrada, pelo que houve alguns tiros, ficando algumas pessoas feridas, entre ellas o regedor da freguezia do Campo Grande, sr. Pires.

Pelas 18,45', o sr. Brito Camacho, acompanhado dos seus correligionarios, sahiu do parlamento descendo a avenida das Côrtes, a fim de no largo da Esperança tomar um electrico. Ahi, a multidão, que era compacta, fez-lhe uma manifestação de sympathia e ao seu partido. Como um popular se lembrasse de soltar um viva á pena de morte, a multidão cahiu-lhe em cima, dando-lhe uma enorme tareia.

Ha varias prisões.

Espectaculos

Cartaz de ámanhã

REPUBLICA — A's 21,45 — Castellos no ar.

COLYSEU DOS RECREIOS — A's 21 — A duqueza do «Baile Tabarin».

ANIMATOGRAPHOS, CONCERTOS E VARIEDADES — Central, Foz, Cinema Condes, Olympia, Chiado Terrasse e Polytheama.

A chronica do roubo

Miguel José Alves Dias, residente na rua dos Fanqueiros, 250, 3.º, queixou-se á policia de que tendo entrado no café Energia, do largo de S. Domingos, ali entabolára conversa com dois individuos que o burlaram, apanhando-lhe um annel de ouro com brilhantes e um relogio de aço, no valor de 73$00, objectos que empenharam no mesmo estabelecimento pela quantia de 10$00.

Queixou-se Raphael d'Almeida, hospedado no primeiro andar do predio 100 da rua do Diario de Noticias, de que lhe furtaram do quarto que occupa varias roupas no valor de 58$00.

A corista do theatro Lisbonense, da feira de Agosto, Rosa Luz, queixou-se de que lhe subtrahiram do camarim a quantia de 50$00.

Politeama

A Empreza d'este cinema, tendo recebido hontem uma carta do comediante excentrico da casa *Studio Films, Mr. Cardo as Charlot*, a qual foi publicada no *Diario de Noticias* d'hoje, offerecendo-se para executar os seus trabalhos em concorrencia com a exhibição de «films» de *Mr. Chapelin (Charlot)* e de qualquer outro imitador do mesmo genero, resolveu acceitar o offerecimento do celebre artista *Mr. Cardo as Charlot*, pondo á sua disposição o Politeama na noite de amanhã, sexta feira.

Por causa da guerra

A guerra, sempre a guerra a manifestar-se por todos os lados.

Não ha facto nenhum da vida em que a guerra não faça sentir as suas garras fataes.

Pois até os theatros, os artistas, sofrem com a guerra.

Ha exemplos enumeros em que a guerra contraria emprezas de theatros, artistas e até retem fatos, aparelhos, etc.

Porque meus senhores, a sensura em tudo mette o nariz.

Querem exemplos do que afirmamos?

Ahi vae o primeiro: O Salão Central devia dar na passada segunda feira a exhibição de uns «films» interessantes; pois por causa da sensura e portanto por causa da guerra só hoje as pode exhibir. Nada perdeu o publico com a demora, mas a empreza é que não ficou contente por ter que pôr, á ultima hora, um contra annuncio, mas hoje é certa a exhibição de um dos «films» que se denomina «Chamas devoradoras».

Mas ha mais casos senão eguaes, parecidos.

Hontem por exemplo devia effectuar-se no Salão Foz a estreia do trio Noé, excentricos de merecimento. Pois foi ainda a guerra que não consentiu essa estreia que só amanhã se effectuará em recita da moda.

Os espectaculos não deixaram de ter o seu cunho de interessante porque Rosine com o seu Carlitos são dois artistas de valor; La Bella Lopez e o seu excentrico são gymnastas com valor, Petrolino ainda hoje se faz ouvir nos seus fados e a bailarina Conchita Réné, que hontem se estreiou, vê-se com agrado.

Mas apezar de tudo isso a empreza não fez o que queria fazer. E tudo porquê?

Por causa da guerra.

Situação da praça

CAMBIOS.—O mercado fechou ás seguintes cotações:

	Compra	Vende
Londres, cheque	33 1/16	34 17/32
Londres, 90 d/v	33 9/16	
Paris, cheque	$72,9	$73,4
Hollanda, cheque	$58,5	$59,2
Madrid, cheque	1$45	1$46
Suissa, cheque	$81	$82
New York	1$43,5	1$45,5
Rio s/Londres	12 17/32	
Libras	7$20	7$20
Agio do ouro	50 °/o	55 °/o

BOLSA—As inscripções effectuaram-se:

	Assent.	coup.
Tit. de 1:000$	38,35	38,20
» » 500$	—	38,25
» » 100$	—	38,70

Obrigações d'Estado: 3 0|0 1905, 9$45; 4 1|2 88-89, coup., 57$.

Externas: 1.ª série, 78$10 e 3.ª, 80.

Acções: Banco de Portugal, 182$; Ultramarino, assent., 132$ e coup., 182$50; Aguas, 93$; Credito Predial, 22$; Phosphoros, coup., 52$; Norte e Leste, 34$50; Tabacos, coup., 85$20; Zambezia, 2$25; Empreza Agricola Principe, 5$95.

Obrigações: Aguas, coup., 88$; Norte e Leste, 1.º grau, 72$50 e 2.º grau, 36$; C. de Ferro de Benguella, tit. 5, 79$70.

ULTIMA HORA

A grande guerra

Evacuando a Transylvania

PARIS, 31. — O estado maior austriaco declara ser necessario evacuar immediatamente uma parte da Transylvania.—(*Americana*).

A Turquia contra a Romania

AMSTERDAM, 30—Dizem de Constantinopla que a Turquia declarou guerra á Romania.—(*Havas*).

Um superzeppelin destruido

LONDRES, 31. — O «Daily Express» publica um telegramma da Haya noticiando que um superzeppelin que andava voando sobre Termonde, na Belgica, foi arrebatado por uma tempestade cahindo da altura de 700 metros n'um bosque proximo onde estão fumegando os destroços que envolvem os corpos carbonisados dos aviadores.—(*Havas*)

A missão parlamentar belga no Rio

RIO DE JANEIRO, 31.—Chegou a missão parlamentar belga, que vem saudar o parlamento brazileiro. Quando o paquete atracou no caes Mauá, o povo fez uma grandiosa manifestação á Belgica. Compareceram á recepção numerosos representantes do mundo official, as delegações da Liga Brazileira a favor dos alliados e da Grande Commissão Portugueza Pró Patria.—(Americana).

O escandalo do Lyceu Litterario Portuguez

RIO DE JANEIRO, 31.—Em virtude das solicitações de Pereira Soares, secretario da direcção do Lyceu Litterario Portuguez, será aberto um inquerito para o esclarecimento do incidente das bandeiras monarchicas e allemã, arvoradas na fachada do edificio no dia do 48.º anniversario da sua fundação.—(Americana).

As manifestações alliadophilas em honra da Romania

RIO DE JANEIRO, 31.—As colonias alliadas dos diversos Estados do Brazil fizeram grandes manifestações em honra da Romania. No Estado de Santa Catharina a policia vigia os manifestantes para evitar conflictos com os allemães.—(Americana).

Os italianos de S. Paulo

SAO PAULO, 31.—A imprensa da colonia italiana elogia a obra patriotica do seu governo, destacando a figura do ministro Boselli, que, com a declaração da guerra á Allemanha, trouxe aos alliados o valioso concurso da Romania.—(Americana).

Os primeiros prisioneiros dos romenos

BUCAREST, 31.—Chegaram a esta capital trezentos prisioneiros, entre elles quarenta allemães.—(Americana).

A provavel intervenção da Grecia

ATHENAS, 31.—Os circulos venizelistas declaram que a intervenção da Romania terá como consequencia a entrada da Grecia na guerra. A saude do rei é mais satisfatoria.—(Americana).

A falta de soldados na Allemanha

BERNE, 31.—A Allemanha manda alistar no exercito os funccionarios até o presente considerados como indispensaveis.—(Americana).

As tropas de Mackensen

PARIS, 31—Noticias de Amsterdam dizem que algumas divisões, sob o commando de Mackensen, partiram para [illegible]

O caso da rua de S. Bento

Suicidio ou crime?

Um agente da policia judiciaria está procedendo a investigações tendentes a verificar se Carolina Sant'Anna, moradora na rua de S. Bento, 252, 2.º, que hontem appareceu morta em casa, se suicidou ou foi assassinada.

O cadaver apresenta o ventre rasgado, um grande ferimento na região parietal e outro sobre o coração. No [illegible] da morta estavam uma grande faca de cozinha, uma thesoura e um pequeno martello.

Adolpho Carneiro de Sousa e Almeida

O seu fallecimento

Na casa da sua residencia, praça Luiz de Camões, 22, falleceu hontem, pelas 21 e meia horas, o sr. Adolpho Carneiro de Sousa e Almeida, importante agricultor da provincia de S. Thomé. O extincto, contava 43 annos, era o filho mais velho do fallecido visconde de Malanza e deixa viuva a sr.ª D. Maria Silvestre de Sousa e Almeida.

O funeral realisa-se amanhã, ás 10 horas, para jazigo no Alto de S. João.

A' familia enlutada e em especial a seu irmão, o nosso prezado amigo e collaborador d'*A Capital* [illegible] de Sousa e Almeida, os nossos sinceros pezames.

A falta do assucar

Far-se-ha amanhã distribuição de mais de 40 toneladas

Como se sabe, o ministro do trabalho, sr. Antonio Maria da Silva, deixou de tratar da questão do assucar, passando a superintender n'esse o sr. [illegible], governador civil.

A Cooperativa dos Vendedores de Viveres a Retalho, estava já hoje habilitada a distribuir pelas varias mercearias de Lisboa quantidade de assucar superior a 5.000 kilos.

Além d'esta quantidade poder-se-hia ter feito a distribuição de mais 400 saccas ou sejam 30.000 kilos, se os estabelecimentos não tivessem encerrado as suas portas ás 13 horas, como signal de protesto pela fórma como a questão tem sido orientada.

O sr. governador civil, em resultado de varias conferencias, conta poder distribuir amanhã á cidade mais de 40.000 kilos.

Além do assucar que já se encontra a refinar, deve chegar amanhã ao Tejo, um carregamento de 450 toneladas de assucar insulano já refinado e que será vendido ao preço da tabella. A distribuição d'esse genero, a partir de amanhã, far-se-ha segundo as indicações das juntas de parochia, em consequencia da reunião realisada hontem no governo civil. Em presença de todos estes factos, a situação tende a normalisar-se e para a sua normalidade póde e deve contribuir o publico, não se deixando invadir pelo panico, nem fazendo exigencias superiores ás suas necessidades.

A Associação Commercial e Industrial de Vizeu e a Junta de parochia de Sobral de Mont'Agraço solicitaram providencias no sentido de aquellas localidades serem abastecidas de assucar.

A firma Pinto da Fonseca & Irmão, do Porto, offereceu ao governo 15 mil toneladas de carvão grosso, de Cardiff, a partir do corrente mez, até fevereiro de 1917.

Uma carta de A. Batalha Reis

Chamamos a attenção, não só do leitor mas das estações governativas, para a carta do sr. Antonio Batalha Reis que em seguida publicamos. Funccionario illustre, oenologo distinctissimo, mestre e publicista consagrado na sua especialidade, puzeram-n'o de lado quando elle apenas merecia testemunhos de reconhecimento e apreço. Embora o arredassem do exercicio de funcções officiaes, continuou, no entanto, a prestar os melhores serviços a quem se lhe dirigia, suppondo-o talvez investido em cargo publico remunerado. Antonio Batalha Reis esclarece a situação e nós aproveitamos o ensejo para chamar as attenções de quem competir para a manifesta injustiça e profunda ingratidão que representa o procedimento havido com elle por parte do Estado. Oxalá [illegible] prompta e convenientemente reparadas. Segue a carta de Antonio Batalha Reis:

Sr.—Durante muitos annos exerci o logar de director geral das missões œnotechnicas, e n'essa collocação tinha a meu cargo o responder gratuitamente a todas as consultas que me eram dirigidas sobre fabrico, conservação e cura de vinhos. E por esse trabalho recebia uma gratificação do ministerio do fomento.

Ha quatro annos, porém, foi extincta essa repartição e eu fiquei na disponibilidade. No emtanto, como muitos ignoravam o succedido, continuei a ser consultado e a responder sem a menor retribuição ás consultas que me eram feitas.

Mas esse serviço representa não só tempo perdido, mas ainda o gasto de sellos e papel e portanto difficil de satisfazer sem uma compensação qualquer.

N'estas circumstancias, resolvi suspender as respostas que pela multiplicação das consultas se me tornavam onerosas.

E para que se não confunda um acto sensato com uma má creação peço a v. a publicidade d'esta carta para assim tornar conhecida a minha resolução.—De v. etc.—Antonio Batalha Reis.

NOTAS DIVERSAS

Os membros da missão militar anglo-franceza estiveram hoje no governo civil a apresentar os seus cumprimentos ao chefe do districto.

SPORT

Ciclismo

Na secretaria do Atheneu Commercial de Lisboa está patente a inscripção para a formação de uma equipe de 3 corredores para a disputa da Taça [illegible]

Club Naval de Lisboa

[illegible]

Corrida de 50 kilometros

A corrida de 50 kilometros que o Grupo Sporting Nacional promove, e a qual dedica como homenagem ao Grupo Desportivo Cintrense realisa-se no dia 10 e não no dia 3 como se tinha annunciado, sendo o itinerario já conhecido. Continúa a inscripção patente na secretaria da U. V. P. e na rua do Arco do Cego, 18, 3.º Acham-se já inscriptos alguns corredores, entre os quaes se vê os nomes de Antonio José Christiano, Alfredo de Sousa, pelo S. C. P., e José Alves.

PEQUENAS NOTICIAS

Em virtude d'uma queixa dimanada da policia administrativa, a judiciaria está investigando o que haverá de verdade acerca de uma participação apresentada por uma firma commercial relativamente á falsificação de benzo-naftol. Diz-se que a falsificação é importante.

Na enfermaria 5 do hospital de S. José deram entrada o menor de 11 annos José Vieira Jara, morador em Almada, que alli foi colhido por um automovel, ficando muito contuso no corpo, e Antonio da Costa Alegrim, de 9 annos, filho de um individuo do mesmo nome e de Luiza Domingos, moradores em Palmella, que alli foi colhido pelo rodado de uma carroça, ficando com a perna esquerda fracturada.

ECHOS & NOTICIAS

INFORMAÇÕES — COMMUNICADOS

CANCIONEIRO

Illusão

Se a colera que espuma, a dôr que móra
N'alma, e destroe cada illusão que nasce
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora
Vêr atravez da mascara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse.

Quanta gente que ri, talvez, comsigo
Guarda um atroz, recondito inimigo,
Como invisivel chaga cancerosa

Quanta gente talvez, no mundo existe
Cuja ventura unica consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Raymundo Correia

DIPLOMATAS

Partiu hoje para Haya o sr. Antonio Bandeira, nosso ministro na Hollanda.

ANNIVERSARIOS

Fazem ámanhã annos as sr.as:

D. Helena de Almada e Lencastre Telles da Silva do Caminha e Menezes (Tarouca), D. Maria Braamcamp Mancellos Mascarenhas, D. Elisa de Sousa e Barros Cabral Saccadura, D. Felicidade Pereira de Carvalho, D. Amelia Pilar Torres Navarro Correia Rebello, D. Maria Benedicta de Albuquerque Vaz Napoles e os srs. Francisco de Paula de Brito Lobo de Avilla, Fernando Montenegro Chaves, João Luiz Maria Berquó de Faria e dr. José Leite Saldanha de Castro.

CASAMENTOS

Na egreja de S. José realisou-se hontem o enlace matrimonial da sr.ª D. Stella Belmarço, gentilissima filha do sr. Manuel de Jesus Belmarço, opulento capitalista e negociante em S. Paulo (Brazil) e da sr.ª D. Maria Luiza Navarro de Andrade Belmarço, já fallecida, com o sr. Casimiro Costa Santos, tenente de engenharia, filho do sr. Bernardino Julio dos Santos e da sr.ª D. Maria da Purificação Costa Santos. Testemunharam o acto, por parte da noiva, seu pae e a sr.ª D. Maria do Carmo Barros de Carvalho e por parte do noivo sua mãe e seu irmão o sr. João Cesario Costa Santos.

E' um enlace deveras auspicioso, pois a noiva allia aos seus dotes de formosura uma alma diamantina e o noivo é um dos mais distinctos officiaes do nosso exercito, de um primoroso caracter e tratamento.

O templo estava profusa e artisticamente ornamentado, sendo a decoração feita pela casa Lopes, Limitada, da rua Garrett.

—Alguns jornaes teem ultimamente alludido, nas suas secções mundanas, a um casamento que dentro de poucos dias se realisará, de um ministro do ultimo gabinete da monarchia com uma senhora da nossa primeira sociedade, viuva, natural da Guarda.

Podemos accrescentar que essa allusão é feita ao projectado enlace da sr.ª D. Luiza Patricio Balsemão com o sr. Manuel Fratel.

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu das Pedras Salgadas para a Figueira da Foz, com sua esposa, o sr. dr. L. Carriço.

—Para Entre-os-Rios as sr.as condessa do Lavradio, D. Hersilia Cordeiro de Sequeira Pacheco e sua filha D. Maria José.

—Regressaram das Pedras Salgadas os srs. condes de Idanha-a-Nova.

—Com sua esposa e cunhadas partiu para o Monte Estoril o sr. dr. Fernando de Almeida.

—Regressou de Vizella o sr. João Pires Sanguinetti.

—Com seu filho está em Lisboa, regressando em breve a Vianna do Castello, a sr.ª D. Thereza Belfort Cerqueira.

—Regressou do Norte, com sua esposa e filha, o sr. Libanio Augusto Affonso.

—O sr. Eduardo Brazão, sua esposa e filho, regressaram a Lisboa, vindos das Pedras Salgadas.

—E' esperada na Ericeira a sr.ª D. Thereza da Costa e Silva (Ovar).

—Regressou a Lisboa o distincto clinico sr. dr. Balbino do Rego.

—E' esperado por estes dias na Foz do Douro o sr. José Teles da Silva Caminha e Menezes. (Tarouca) que ali vae buscar sua esposa a sr.ª D. Angela Carvajal (Jimenez de Molina) e filhas, que teem estado hospedes de sua tia a sr.ª condessa de Penha Longa.

—Hospede do sr. Antonio Pereira da Cunha e de sua esposa encontra-se em Moledo do Minho a sr. D. Thereza Paes de Sande e Castro.

—Parte hoje para Vidago o sr. dr. Carlos Pina Machado sua esposa e sua filha e a sr.ª D. Branca Maria de Pina Machado. De Vidago seguem no próximo mez para a sua casa em Chaves.

—Esteve em Lisboa regressando hontem á sua quinta em Alemquer, com sua filha a sr.ª D. Maria do Carmo Figueiredo de Almeida.

—Hospede do sr. José Bessa e Menezes, encontram-se em Barcellos o nosso collega de imprensa sr. Joaquim Pacheco sua esposa e filhas.

—Está em Entre os Rios o sr. D. Nuno Maria Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte).

—Retirou de Vizella para a sua casa de Paços de Brandão, acompanhado de sua esposa, o sr. Antonio Fernandes Junior.

—Encontra-se já na Praia da Granja, ido das Pedras Salgadas o sr. Fernando de Brito (Ermida).

—Do Gerez regressou a sua casa da Parede [illegible] sr. José Leite.

—[illegible]

—De Barcellos [illegible] de S. Pedro do Sul [illegible] Campos.

—Partiu do Espinhal para o Grande Hotel dos Banhos no Luzo, o sr. Luiz de Oliveira Guimarães.

—De regresso da Figueira da Foz, encontra-se em sua casa em Avô, o sr. Diamantino da Fonseca.

Retirou de Entre-os-Rios para a sua casa em Coimbra, o sr. dr. João Pinto Loureiro.

—Estão em Lisboa, onde vieram a fim de assistir á sessão do Congresso, os srs. dr. João de Barros e José de Abreu, que regressam ao Gerez, a completar a sua cura de aguas.

—Está já no Gerez, hospedada no Hotel do Parque, a familia do sr. presidente do ministerio.

—Seguiu hoje para Vichy, acompanhado de sua esposa, o distincto advogado sr. dr. José de Arruella.

LUTUOSA

RIO DE JANEIRO, 31—Falleceu Servulo Dourado, ex-gerente da Companhia de navegação Lloyd Brazileiro.—(*Americana*).

—Victimado pela tuberculose, falleceu hoje no hospital do Rego o sr. Cesar Correia, de 46 annos, antigo ajudante do camaroteiro do theatro Apollo e director do semanario «Bandarilhas de Fogo». O funeral realisa-se ámanhã ás 17 horas para o cemiterio do Lumiar, sendo o acompanhamento a pé.

SPORT & EDUCAÇÃO PHYSICA

A preparação physica da mocidade franceza

A opinião de homens de cathegoria social e politica

A proposito da campanha contra a militarisação precoce da mocidade, perniciosa em extremo e sem utilidade para os paizes que precisam defender-se, garantidos pela resistencia physica dos seus homens,—citamos a opinião de varios francezes, que o mundo intellectual conhece e que exteriorisam a sua preferencia pelos «sports» e reconhecem como má a rapida militarisação de quem não póde ser um militar por falta de vigor corporeo.

Diz M. Mithonard, presidente do conselho municipal de Paris:

«Estou convencido de que a condição physica excepcional e a pasmosa resistencia das nossas jovens classes se devem, principalmente, á pratica de «sports» que, entrou nos nossos costumes ha alguns annos.

Um dos grandes problemas da educação é o de fazer comprehender á mocidade que não póde empregar além do que é devido e mais do que póde, a sua natural energia e que deve utilisar essa energia em emprego aproveitavel. O «sport» corresponde, magnificamente, a esta dupla exigencia e seja pelos males que impede, seja pelos beneficios que produz, merece que entre na nossa pedagogia nacional, n'um logar de primeira importancia.

Mas de que serve elogiar uma causa ha muito tempo ganha? As proezas da nossa mocidade sportiva durante a presente guerra falam a mais eloquente das linguagens. Será, universalmente, entendida».

Alfredo Capus, o famoso litterato francez, e membro da Academia, expressou-se nos seguintes mas elucidativos termos, em resposta a um inquerito que lhe fizeram:

«Já tudo se disse n'esta questão, que não tem duas opiniões differentes. A pratica dos «sports» está, para sempre, classificada na vanguarda da educação franceza».

O famoso Henri Robert respondeu tambem ao mesmo inquerito e fel-o com o seguinte enthusiasmo:

«Adoro os «sports» que dão ao homem agilidade, força e alegria do viver.

E' graças ao «sport» que os nossos soldados rivalisam em coragem, em treino e em resistencia com os seus gloriosos antepassados».

E é assim que a França protesta contra o ultimo projecto de lei Cheron-Berenger que militarisava a mocidade sem primeiro cuidar de a robustecer. Mas os depoimentos seguem-se e cada vez melhores...

Ler amanhã n'"A Capital,,:

mais alguns depoimentos preciosos e documentadores de que o

Sport é um elemento de guerra

segundo as auctorisadas opiniões de sabios e pedagogos.

Notas do dia

A proposito dos campeonatos de «tennis»

Lisboa, 29 de agosto de 1916.—Sr. dr. José Pontes.—Por considerar o assumpto de grande importancia para um ramo de «sport» que muito se tem desenvolvido entre nós dirijo a v. esta carta, para que com o seu costumado criterio tome na devida consideração o que passo a expôr.

Quero-me referir aos campeonatos de Portugal de «lawn-tennis» (internacionaes) que se realisam, se não estou em erro, desde 1900.

Nos ultimos annos, exceptuando o passado em que a organisação foi impeccavel, o melhor mesmo de todos os campeonatos effectuados em Portugal e a que tenho assistido, annos tem havido em que um desleixo absoluto tem dado como resultado uma pessima organisação, impropria da prova classica por excellencia.

O que lá vae, lá vae. Não tenho a menor má vontade ou desejo de que a entidade soberana que promove os campeonatos seja, já que assim é desde longa data, o Sporting Club de Cascaes, mas o que se torna necessario, é que o Sporting Club de Cascaes faça as coisas como deve ser.

E' preciso chegarmos ao accordo que os campeonatos de Portugal de «lawn-tennis», são provas sportivas das mais importantes que se realisam no nosso paiz. Eu que sou jogador e me desejo preparar para concorrer, desconheço quando são as datas provaveis. Por informações que eu reputo seguras, dizem-me que na terceira semana de setembro. Ora isto é que não póde ser de modo algum. Estamos a menos de um mez e ainda nada está feito. Eu como não estou em Cascaes e não sou socio do Sporting talvez, se isto assim continuar, só terei conhecimento dos campeonatos depois d'elles se realisarem.

Pelo menos com um mez de antecedencia terão de ser annunciados, dando tempo a que todos no paiz e fóra d'elle, disponham as suas coisas para se poderem encontrar á data na melhor fórma.

D'este modo parece-me que só para outubro, 1.ª ou 2.ª semana o Sporting deve marcar as suas datas, pois no caso contrario muitos jogadores deixarão de concorrer.

Creio bem que a direcção do Club organisador que sempre está disposta a fazer tudo pelo melhor olhará para o assumpto com a importancia que merece e que em breve se veja uma boa orientação presidindo á organisação dos campeonatos.

Pedindo a v. que não deixe de tratar do caso na sua muito considerada e bem erdigida secção, creia-me, etc.—Manuel Corrêia Duarte.

Questões militares

Consultas, respostas, alvitres

PERGUNTA N.º 593.—Como v. sabe, o decreto de 24 de maio findo enumera os casos em que se ha-de ser presente ás juntas de revisão.

Posteriormente nos jornaes de 25 ou 26 do maio, veiu a noticia de um esclarecimento de duvidas dado pela secretaria da guerra sobre as praças reunidas.

Ficariam incluidos os individuos que, segundo a legislação de 1891 foram apurados na inspecção para os serviços auxiliares, e portanto alistados, tendo antes da lei de 2 de março de 1911 concluido o tempo de reserva e tendo agora mais de 40 annos de edade?

O jornal que v. distinctamente dirige, n'uma das respostas a consultas referentes aos decretos militares, excluia d'elles, se bem me recordo, os individuos no caso exposto, e as opiniões d'essa secção de respostas a muitas pessoas tem servido de orientação.

Em vista porem d'um aviso publicado pelo districto de recrutamento do concelho de Gondomar os individuos n'aquellas condicções estão incluidos, por não terem tido instrucção, o que certamente succedera em todos os districtos de recrutamento do paiz.

Mas porque possa acontecer que a quem se tenha orientado diferentemente passe despercebido esse ponto e incorra em falta com as consequencias fixadas n'aquelle decreto, eu entendo pedir a v. para obter que sahisse um esclarecimento official, quer incluindo quer excluindo os individuos a que me refiro.

Se v. julgar que isso é util e que resultará em beneficio geral da minha parte reconhecido ficarei, tomando a liberdade de subscrever-me. De v. etc.—Porto—*Antonio Silva.*

RESPOSTA.—O decreto n.º 2406 de 24-5-1916 determina que sejam presentes a juntas de revisão sómente os seguintes individuos, isemptos e julgados incapazes do serviço militar até 20 de março de 1916 e todos os que forem recenceados e por qualquer motivo não foram inspeccionados.

Os individuos a que se refere não são attingidos pelas disposições do referido decreto muito embora não tenham recebido instrucção militar.

PERGUNTA N.º 594—Assentei praça como voluntario em janeiro de 1910, pedindo então licença para estudos.

Apesar de, nas ferias escolares, fazer serviço, nunca me deram como soldado prompto e por isso, resolvendo eu abandonar os estudos, paguei a praça—150$00 em agosto de 1912.

Ao entregarem-me a respectiva caderneta, disseram-me que eu ficava a pertencer ás tropas territoriaes e como tal tenho-me apresentado ás revistas annuaes de cadernetas.

Pergunto agora: Depois dos ultimos decretos ainda continuo na mesma situação ou devo-me apresentar novamente ás inspecções?

Ainda devo verter o meu sangue pelo nosso querido Portugal?—*Viriato Lusitano.*

RESPOSTA—E' uma praça das tropas territoriaes e segundo as suas habilitações poderá ou não estar obrigado a frequentar a Escola Preparatoria de Officiaes Milicianos.

Se não tem habilitações para poder frequentar aquella escola, então aguardará que convoquem a sua classe e então terá occasião de prestar á nossa querida Patria o concurso do seu esforço.

PERGUNTA N.º 595—Tenho dezesete annos, completados em março, sou alumno de uma sociedade de I. M. P., mas desejava alistar-me como voluntario no exercito.

Que devo fazer? Terei inspecções dentro de pouco tempo?

Como tenho só o 3.º anno dos lyceus, depois de tirar o curso de sargentos, não poderei matricular-me em nenhuma escola preparatoria para officiaes?—*J. S. S. C.*

RESPOSTA—Pode apresentar o seu requerimento na unidade em que deseja assentar praça, acompanhado dos documentos exigidos por lei. Sendo admittido é immediatamente inspeccionado.

Para poder mais tarde frequentar a E. P. O. M. necessita ter o curso completo dos liceus.

PERGUNTA N.º 596—Tenho vinte e quatro annos e fui isento definitivamente. Com o decreto das reinspecções apresentei a minha resalva e marcaram-me o dia 19 do corrente para a reinspecção. Devido a um caso de força maior não compareci e consta-me que fui considerado apurado. Será isto verdade? No caso affirmativo o que hei de fazer? Peço-lhe tambem a fineza de me informar se me posso apresentar a qualquer junta de recrutamento, no caso de a lei o facultar.—*Um constante leitor.*

RESPOSTA — Deve apresentar-se no praso de 90 dias contados do dia em que se devia ter apresentado á Junta, no Districto de Recrutamento da residencia ou por onde foi recenseado, afim de prestar juramento, sob pena, faltando, de ser classificado refractario. Não lhe é permittido apresentar-se á Junta de recrutamento.

PERGUNTA N.º 597—Um rapaz que está no Brazil ha 4 annos, tendo actualmente 23 annos de edade, foi nomeado agente consular junto do consul portuguez n'uma cidade brazileira.

Se este rapaz precisar de vir a Portugal com uma licença de ferias, qual seria a sua situação militar perante os ultimos decretos?

Elle foi em 1912, tendo pago 75$000; em 1914 veio a Portugal, e para voltar teve de pagar 20 annuidades da taxa militar e mais 30$000.

No caso de elle vir a ter de ir á inspecção, quando é que se realisam as inspecções aos que estão ausentes?—*Constante leitor.*

RESPOSTA—Este rapaz está no estrangeiro ao abrigo do disposto no Regulamento de Emigração de 1914 que se acha revogado. Nada se sabe positivamente com relação á situação em que ficam os que se acham ao abrigo d'aquelle regulamento, pois a lei que o revogou não trazia disposições transitorias.

PERGUNTA N.º 598—Nasci em 1876. Tenho 40 annos; sou casado e funccionario publico em S. Thomé. Fui recenseado em 1901 na freguezia de Santa Izabel, 4.º bairro de Lisboa. Inspeccionado em Angola a meu pedido, e em face da certidão da commissão do recenseamento da referida freguezia, em 14 de agosto de 1901 fui julgado incapaz de todo o serviço militar.

E' de crer que essa decisão fôsse communicada ao respectivo Districto de recrutamento e reserva, mas o facto é que, baldadamente, tenho diligenciado, quer por vias officiaes como particulares, obter a minha resalva, nada conseguindo até hoje.

Tenho porém em meu poder a copia da acta da Sessão da Junta de Saude, de Loanda, a que fui presente para esse fim. Encontro-me actualmente em S. Thomé, e em serviço do Estado; pedia-lhe a fineza especial de me informar do seguinte:

«Qual a minha situação perante as leis militares recentemente publicadas?» Não desejo, de fórma alguma, ser considerado «refractario» e muito menos «desertor»—sinonymo de «traidor», em face da situação de Portugal na actual guerra e como, até agora, em S. Thomé não foi publicada lei alguma que diga respeito aos individuos em condições identicas á minha—e ha immensos por estas terras de além-mar, eis o motivo de o maçar, sr. redactor, pedindo-lhe a fineza de me esclarecer o melhor possivel para eu conhecer bem qual a minha situação na presente conjectura.—S. Thomé, julho de 1916.—*Zera.*

RESPOSTA.—A sua inspecção realisada em Angola devia ter sido communicada ao Districto de Recrutamento que o recenseou, o qual lhe devia ter dado a sua resalva definitiva.

Teria aquella communicação chegado ao districto de recrutamento e teria realmente sido recenseado?

Se não chegou a ser recenseado, devendo-o ser em tempo competente, devia ter-se feito inscrever no recenseamento extraordinario do corrente anno, nos termos do disposto no decreto n.º 2407 de 24—5—1916.

Se chegou a ser recenseado e se não foi inspeccionado no districto de recrutamento competente ou se o resultado da inspecção a que foi submettido em Angola não chegou a ser recebido n'este districto, devia ter sido classificado refractario, tendo-lhe prescripto em tempo de paz a obrigação do serviço militar passados 10 annos.

Em qualquer dos casos está sujeito a apresentar-se á junta de revisão, o que pode fazer mesmo em S. Thomé, onde se encontra, requerendo ao respectivo governador para ser alli inspeccionado.

ou opponentes amigaveis, enganaram-se redondamente.

Como em Le Cateau e na segunda batalha de Ypres, os Inniskillings e os Fuzileiros de Dublin provaram aos allemães que os celtas das ilhas britannicas eram tão bellos combatentes como os descendentes dos anglos, saxões, dinamarquezes e normandos.

As vedações d'arame farpado que protegiam o lado do sul do saliente não haviam sido destruidas pelo bombardeamento. Ahi, o inimigo foi rapidamente repellido pelo rapido fogo dos Fuzileiros de Dublin. Quarenta cadaveres, incluindo o d'um official, ficaram no meio das vedações e [illegible] arrastando-se e fugitivos aterrados disseram que o ataque havia falhado.

O assalto no angulo da face norte do saliente foi momentaneamente coroado de exito. Os allemães penetraram nas trincheiras, mas ficaram ahi apenas durante minutos, porque os Inniskillings que estavam de reserva precipitaram-se contra o inimigo e á ponta da bayoneta repelliram-o.

Quando os allemães fugiam, uma metralhadora, collocada magnificamente, abriu largas fileiras entre os fugitivos, escapando poucos para irem dizer aos seus camaradas que, nos criticos dias de julho e agosto de 1914, os conselheiros do kaiser se haviam enganado redondamente quando suppuzeram que os soldados irlandezes estavam anciosos por abandonar a causa britannica.

Os ultimos dias de abril foram de grande actividade em ambos os lados. No dia 28, os inglezes fizeram um «raid» nas trincheiras allemãs de primeira linha e logo na manhã seguinte, apoz um violento bombardeamento e a coberto dos gazes asphyxiantes, o inimigo deu dois pequenos ataques em frente da Hulluch.

Mas os gazes foram espalhados pelo vento e o terreno atraz da linha inimiga foi por elles tingido n'uma extensão de cêrca de 1.000 metros e n'uma profundidade de cêrca de 3.000. Os allemães tiveram grande numero de perdas, devido a esse facto e ao fogo da artilharia ingleza, porque muitos d'elles haviam recuado por entre as granadas inglezas de impedimento.

Ao mesmo tempo, os allemães lançaram gazes ao norte da estrada Messines-Wulverghem na extremidade sul do saliente de Ypres. As nuvens de gaz eram seguidas pela infantaria, que foi repellida pelo fogo da artilharia e pelas granadas de mão e bayonetas inglezas.

No entretanto, desde Arras ás margens norte do Somme, coisa alguma occorria que indicasse que os alliados se propunham, como depois se viu, atacar seriamente a linha allemã n'aquella região. A 27 de fevereiro, um pequeno ataque allemão a sudeste de Albert foi repellido.

No dia 29, ao norte do Somme, a infantaria e as metralhadoras inglezas dispersavam uma força inimiga que tentava avançar das suas trincheiras a coberto de um bombardeamento.

A 23 de março, novo «raid» nas trincheiras inimigas proximo de Gommecourt. Quatro dias depois, o inimigo, apoz um intenso bombardeamento, tentou tomar a posição dos alliados entre o Somme e o Avre nas cercanias de Maucourt.

Segundo o relatorio allemão, pelo mesmo tempo alguns fracos destacamentos inglezes tomaram a offensiva proximo de La Boisselle, que, a nordeste de Albert, ia em breve ser theatro d'uma lucta violentissima.

A 7 de abril, apoz um violento bombardeamento, «raiders» allemães tomaram uma trincheira ingleza ao norte de Angre, mas foram d'ahi expulsos rapidamente.

Talvez porque adivinhassem as intenções dos inglezes n'esse ponto, os allemães, a 11 de abril, novamente atacaram perto de La Boisselle, fazendo 29 prisioneiros e tomando uma metralhadora, sendo o seu avanço precedido de granadas

tinuou durante a segunda quinzena de abril. No dia 19, apoz uma violenta preparação de artilharia, a infantaria do inimigo tomou duas excavações e no mesmo dia deu um assalto ao «Bluff» e ás posições inglezas ao norte de Ypres em Wieltje e na estrada Ypres-Langemarck. Diziam ter tomado 700 metros da linha ingleza na estrada e ter aprisionado durante o dia um official, 108 homens e duas metralhadoras.

A Infantaria Ligeira Real de Shropshire recebeu ordem para retomar a posição perdida, que o inimigo estava consolidando com pressa febril. Novas trincheiras de communicação haviam sido abertas e metralhadoras ahi collocadas.

No dia 21, o céu appareceu carregado de nuvens e uma hora depois do pôr do sol a chuva cahiu torrencialmente, inundando trincheiras, transformando as excavações em charcos e o terreno em um pantano.

«—Não conseguem consolidar essa trincheira?—perguntou um official a um dos seus homens».

«—Consolidar o que?... Esta lama?—foi a resposta».

O lôdo dava pelos joelhos, n'alguns sitios chegava mesmo á coxa; a agua nas excavações era tanta que cobria a propria elevação. Não se podia avançar a não ser levando a arma estendida na frente ou levantada acima da cabeça.

Na densa escuridão, encharcados pela incessante chuva, os Shropshires avançavam vagarosamente. Um estrebuchar e um grito abafado revelavam que algum soldado tinha cahido n'uma excavação e se estava afogando. A explosão das granadas erguia ondas de lama sobre os homens. Os feridos tinham de ser vagarosamente retirados do lodaçal. Um homem que não fôra ferido cahiu no lôdo e ficou ahi sem soccorro e sem ser descoberto até á manhã de 25 de abril.

O ataque foi dado em tres columnas e podem avaliar-se as difficuldades vencidas dizendo que uma das columnas levou algumas horas a avançar 200 metros.

A columna da direita só poude chegar ás trincheiras do inimigo á uma hora e meia da manhã a 22 de abril. Apoderou-se d'ella, apesar de violento fogo de fuzilaria, granadas de mão e metralhadoras. Pouco depois, acclamações se ouviam á esquerda. A columna do centro alcançára o seu objectivo.

A's 5 horas da manhã, o inimigo concentrou-se proximo de um «cottage» arruinado para um contra-ataque. Foi repellido. A esse tempo, a columna da esquerda tinha errado o caminho. Um outro contra-ataque falhou e a linha ingleza foi completamente restabelecida.

Durante a acção, a artilharia franceza á esquerda bombardeou vigorosamente o sector leste da estrada Ypres-Pilkem. De feitos individuaes de bravura aguns podem contar-se.

Um cabo gastou 6 horas e meia, desde as 4 horas ás 10 e meia da manhã, a transportar um ferido a uma distancia de 600 metros. Levou-o a principio ás costas, mas foi ferido n'um hombro; depois, arrastou-o e impelliu-o no lôdo, estando, depois do nascer do dia, sempre debaixo de violento fogo e quando conseguiu pôl-o em logar de salvamento estava n'um estado de completa exhaustão.

Um voluntario, depois de ser ferido n'um joelho, conseguiu arrastar-se para a trincheira allemã e recusou-se a sahir d'ahi, porque os inglezes tinham força insufficiente, como pensava, para a occuparem. Ficou ahi, ajudando a repellir dois contra-ataques, durante 36 horas, tendo depois de ser levado em maca. Um outro voluntario auxiliou com exito uma obra de sapa contra um contra-ataque só com uma das mãos.

Um official dirigiu um ataque com um braço apenas seguro por um boccado. Um sargento levou duas horas no dia seguinte a tirar um ferido do lôdo ao romper do dia, sendo o tiroteio constante sobre elle.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 1.—A aula d'esgrima d'espada funcciona amanhã, sexta-feira, ás 21 e meia horas, e ás 22 ha ensaio da banda de musica, no qual devem de comparecer todos os executantes. Todos os instruendos, alistados da 1.ª e 2.ª secções, pelotão d'estafetas, cyclistas e corneteiros teem de comparecer, no proximo domingo, ás 8 horas em ponto, no quartel de sapadores, com a barrete de panno azul e blusa cinzenta, sem botões nem francaletes e carneiras de farda feitas de panno cinzento claro, dos capotes do exercito. Estas alterações no fardamento teem de ser adaptadas tanto pelos alistados da 1.ª como da 2.ª secção, e tanto uns como outros usarão cabello bastante curto, conforme determina o regulamento.

As faltas á instrucção serão castigadas, assim como a falta de pontualidade. Continúa aberta a inscripção para novos socios auxiliares e alistados da 1.ª e 2.ª secções, na rua da Prata, 242, na séde da corporação, rua da Graça, 31 e 33.

Festejos em Sacavem

SACAVEM, 31.—Para os grandes festas populares que aqui se realisam no proximo domingo e no seguinte e que n'«A Capital» já foram annunciadas, dia a dia maior o interesse não só da parte dos bombeiros voluntarios, que os promovem, mas do commercio local, que espera n'esses dias enorme romagem de forasteiros.

Não conhecemos ainda a ordem porque o programma será elaborado, mas já sabemos que d'ele fazem parte alvorada com musica, foguetes e morteiros; bando precatorio, com carro allegorico, recolhendo os donativos bombeiros e senhoras; arraial com venda de fogaças e concerto por varias bandas; kermesse e bodo aos pobres, com o concurso de meninas; recepção a pessoal de incendios de Lisboa e arrabaldes; exposição da estação dos voluntarios e da egreja da Senhora da Saude; ornamentações; simulacro de incendio, illuminações, etc.

Mais uma vez Sacavem vae receber os seus visitantes com a sua proverbial gentileza.

Almanachs para 1917

Edições da Parceria Antonio Maria Pereira

Nada menos de trez almanachs acaba a Parceria Antonio Maria Pereira de lançar no mercado. São elles, por ordem de antiguidade: «Novo almanach de lembranças luso-brazileiro», «Almanach das senhoras» e «Almanach illustrado».

Cada uma d'essas publicações tem o seu publico especial e certo, mas de todas ellas se póde dizer, e com justiça, que são cuidadas e continuam mantendo com brilho a reputação de ha muito conquistada. As edições, como todas as da considerada casa editora, boas, e os trez almanachs profusamente illustrados.

Colyseu dos Recreios

O Colyseu deve ter hoje uma das suas maiores enchentes, pois é a estreia n'aquella casa de espectaculos do lindissimo «spartito» de Lecocq «Noite e dia», cuja acção se passa em Portugal em principios do seculo XVIII, na provincia de Traz-os-Montes.

A deliciosa partitura não pode ser mais bem confiada, pois a distribuição é a seguinte:

D. Hermoso Pierates de Calabazas, sr. Edoardo Favi; D. Braseiro de Traz-os-Montes, Guelfo Bertochi; Miguel, seu mordomo, Antonio de Rubeis; D. Gomes de Traz-os-Montes, Mario Grilli; Manoel, crooula, sr.ª Nolly Regini; Beatriz, joven viuva, sr.ª Lolita Cavalini; Sancetta, hospedeira, sr.ª Maria Micelli; Potsomonio, sr. Eugenio Vonegoni, Anita, sr.ª Thereza Ricchieci; Pedro, sr. Umberto Avallone; Carmen, sr.ª Carmen Camozzi.

Desnecessario é dizer que o Colyseu é a melhor casa de espectaculos de Lisboa n'esta estação calmosa e onde por menos preço se podem ouvir auctenticas celebridades artisticas. Amanhã, em primeira recita d'accionistas, canta-se pela ultima vez a «A Duqueza do baile Tabarin». Segunda-feira estreia em Portugal da opereta-cinema «A estrella do cinematographo».

Sociedade de Lisboa Industrial

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital 300:000$00

Não se tendo reunido a Assembleia Geral extraordinaria convocada para hoje por falta de numero dos srs. accionistas e sufficiente representação do capital, por ordem do Ex.mo Sr. Presidente convido novamente os Srs. Accionistas a reunir-se em segunda sessão extraordinaria, conforme preceitua o artigo n.º 21.º dos estatutos, no dia 14 de setembro proximo ás 20 1/2 horas perfixas, no escriptorio da Sociedade, rua de S. Julião, 131, 2.º andar, a fim de se manifestarem sobre uma proposta apresentada em sessão de 10 do actual, e que diz respeito ao n.º 3 do art. 20.º dos Estatutos e egualmente apreciarem o relatorio que apresentar a commissão nomeada na dita sessão.

Em conformidade da lei e dos Estatutos esta Assembleia constitue-se com qualquer numero de accionistas presentes e com qualquer capital representado.

Lisboa, 26 de agosto de 1916.

O Secretario da Assembleia Geral
Alberto Carlos Coutinho Freire

†

Antonio José de Araujo

Falleceu

Lucrecia Pena e Silva de Araujo e seu filhinho Fernando, Antonio Maria de Araujo e sua mulher, Julia Couto de Araujo e seus filhos Sebastião Maria de Araujo e sua mulher Maria Theodora da Silva Araujo, Julieta Clarisse de Araujo, Antonieta Maria de Araujo, João José de Araujo, Salomé Maria de Araujo, Gervasio Maria Heleodoro Alves da Silva e sua mulher Virginia Leal Pena e Silva e seus filhos Raul Pena e Silva, Demetilia Pena e Silva, João Alves Pena e filhos, José Leal Pena e sua mulher Maria da Gloria do Amaral Pena e filhos, Palmyra Leal Pena, Zulmira Leal Pena, Elysa Amelia Conto, Maria José Couto e Pinto seu marido e filhos participam a todas as pessoas das suas relações o fallecimento do seu querido e saudoso marido, pae, filho, irmão, genro, cunhado, neto, sobrinho e primo, Antonio José de Araujo e que o seu funeral se realisou hoje 31, pelas 5 horas da tarde, para a estação do Rocio, seguindo os seus restos mortaes para a cidade de Abrantes onde amanhã 1 de setembro, pelas duas horas da tarde, serão definitivamente depositados.

Um voluntario do corpo medico fez os primeiros curativos entre 30 a 40 feridos no proprio terreno, sendo ferido na cabeça quando estava procedendo a esses curativos. Continuou no seu trabalho e depois organisou o serviço de retirar um ferido que ficára abandonado no lôdo.

«Fomos obrigados—diz o relatorio official allemão—a evacuar as trincheiras que recentemente haviamos conquistado na estrada de Langemarck-Ypres, por causa das grandes inundações, que tornavam a sua consolidação impossivel».

E' provavel que as granadas de mão inglezas, as espingardas e as bayonetas tambem contribuissem, em não pequena escala, para esse movimento de recuo.

Na frente desde St. Eloi até Arras não cessaram a lucta e o bombardeamento. No sector de Loos-Arras houve violentos combates durante a ultima semana de fevereiro. No dia 22, os allemães, que na noite anterior haviam rompido a primeira linha de trincheiras no bosque de Givenchy, foram d'ellas desalojados.

Os seis batalhões inimigos tiveram grandes perdas causadas pelo fogo de cortina ou de barragem, de fuzilaria e de metralhadoras. No mesmo dia, os allemães, a sudeste de Hollincourt, fizeram explodir uma mina, mas foram impotentes para se apoderarem da excavação causada.

Por seu turno, os alliados, no dia 26, fizeram explodir minas em duas galerias na vizinhança de Vimy e a leste da estrada de Neuville St. Vaast a La Folie; a 2 de março uma outra mina explodiu debaixo d'uma antiga excavação que o inimigo occupava e a nova excavação assim formada foi occupada pelos alliados.

No mesmo dia, o reducto «Hohenzollern», que tinha sido um obstaculo insuperavel ao avanço da esquerda ingleza na batalha de Loos, foi novamente e durante os dias seguintes theatro de uma lucta sanguinolenta.

A's 5,45' da manhã, cinco minas, que haviam sido collocadas pelos inglezes debaixo das trincheiras allemãs na linha de frente, explodiram. A explosão foi medonha. Poucos minutos depois, as tropas irlandezas abriam caminho por entre os destroços para occuparem as excavações formadas e para arremessarem bombas contra os allemães que se haviam refugiado nas trincheiras de communicação. As excavações foram occupadas com a perda apenas de 60 homens.

Os irlandezes não foram por muito tempo deixados em paz. Um diluvio de granadas de todos os calibres e especies cahiu sobre esse estreito local, arrojado pelos canhões allemães. A infantaria allemã, reunida e reforçada, precipitou-se das trincheiras de communicação para recuperar o terreno perdido. Granadas arremessadas á mão ou disparadas por espingardas explodiram entre os irlandezes.

Os atiradores especiaes allemães estavam occupados em fazer fogo sobre qualquer homem cujo corpo era visivel, mas á granada de mão e á bayoneta os valentes soldados mantiveram a sua posição.

Durante os dias seguintes o inimigo contra-atacou constantemente e fez todos os esforços por meio de minas para expulsar os assaltantes. No decurso dos combates praticaram-se grandes actos de coragem. A 18 de março, os allemães conseguiram, por meio de explosões de minas, apoderar-se de trez das excavações do reducto «Hohenzollern».

No dia 23, os inglezes fizeram um «raid» coroado de exito contra uma trincheira proximo da estrada Béthune-La Bassée, e o inimigo fazia explodir minas ao norte do canal de La Bassée e outras a nordeste de Neuve Chapelle, ao mesmo tempo que dava um ataque infructifero á granada de mão ao norte de Arras.

No dia seguinte, houve grande actividade d'ambos os lados no sector entre o canal de La Bassée e Arras. No dia 26, proximo do re-

ducto «Hohenzollern», houve lucta n'uma excavação, ficando os inglezes victoriosos; em frente de Hulluch, os allemães fizeram explodir minas, mas os inglezes occuparam as excavações por ellas produzidas, havendo tambem violentos recontros ao sul de Neuville St. Vaast.

No começo de abril, ambos os lados fizeram explodir minas no reducto «Hohenzollern» e proximo das pedreiras de Hulluch.

A noroeste de Lens, no dia 13 de abril, uma pequena força invadiu as trincheiras allemãs da frente e matou alguns dos que as occupavam. O estado maior allemão, tres dias depois, dizia que «em ambos os lados do canal de La Bassée era grande a actividade da artilharia e a lucta de minas augmentava de violencia» e que «na região de Vermelles, uma posição ingleza fôra destruida n'uma extensão de mais de 60 metros pelas explosões de minas».

Este desagradavel incidente parece ter occorrido nas cercanias das pedreiras de Hulluch.

No dia seguinte, domingo, 16, as tropas inglezas penetraram nas trincheiras inimigas ao sul da estrada de Béthune-La Bassée. No dia 19, houve lucta á granada de mão em roda das pedreiras de Hulluch e grande actividade de obras de sapa ahi e ao sul de Givenchy-en-Gohelle.

Nos dias 26 e 27, novo «raid» inglez nas trincheiras inimigas ao sul do canal de La Bassée e houve um recontro com allemães ao sul de Souchez. No dia anterior haviam elles dado quatro ataques infructiferos entre o canal de La Bassée e o saliente de Ypres proximo de Armentières.

Coincidindo com a rebellião de Dublin, os allemães, na manhã de 27, lançaram gazes asphyxiantes contra os Fuzileiros Inniskillings e os de Dublin que defendiam o saliente ao sul de Hulluch. Esse ponto foi sem duvida escolhido pelo principe real da Baviera porque as tropas que guarneciam o saliente eram compostas de compatriotas de Casement.

Se ellas se não tivessem mantido com firmeza, a telegraphia sem fios teria informado os americanos e outros neutraes de que os alliados não podiam continuar a contar com as tropas irlandezas. Se eram esses os calculos dos commandantes allemães, falharam por completo.

Durante todo o dia anterior e do noite, a artilharia inimiga tinha estado bombardeando a zona de minas, os inglezes haviam estado durante a batalha de Loos. As trincheiras do reducto «Hohenzollern» foram atacadas. Entre o reducto e Hulluch explodiu uma mina. Outras minas explodiram a nordeste de Vermelles.

A manhã de 27 rompeu clara e linda. Soprava uma fresca briza de nordeste. De subito, ás 5,10', os allemães atacaram com nuvens de gazes asphyxiantes, dirigindo-as para o saliente. Simultaneamente, um fogo de impedimento formado de granadas lacrimogeneas cahia sobre as linhas de apoio e de reserva para impedir que reforços fôssem enviados em auxilio das tropas que guarneciam o saliente.

Os irlandezes afivelaram immediatamente os seus capacetes contra os gazes e no meio das nuvens d'estes, que vagarosamente se espalhavam por cima e entre elles, esperaram o avanço dos allemães. Estes, que se julgam habeis psychologos, demoraram o ataque. Talvez suppusessem que os irlandezes, como celtas que eram, não esperassem a demora com o mesmo sangue frio dos inglezes e escocezes.

A's 7 horas e meia, uma nova descarga de nuvens de gaz e o saliente foi bombardeado com tanta furia que o parapeito, na esquina, foi derruido por completo n'alguns sitios. Poucos minutos depois, desencadeava-se o ataque da infantaria. Se os allemães contavam encontrar homens cheios de panico